

Avaliação do Plano Nacional de Leitura



AVALIAÇÃO DO PLANO NACIONAL DE LEITURA

António Firmino da Costa

Elsa Pegado

Patrícia Ávila

Com a colaboração de:

Ana Caetano

Ana Rita Coelho

Eduardo A. Rodrigues

João Melo

CIES-ISCTE

2008

Agosto de 2008

PROJECTO
AVALIAÇÃO DO PLANO NACIONAL DE LEITURA

Ficha Técnica

Título:

Avaliação do Plano Nacional de Leitura

Autores:

António Firmino Costa, Elsa Pegado e Patrícia Ávila,
com a colaboração de Ana Caetano, Ana Rita Coelho, Eduardo A. Rodrigues e João Melo
(investigadores do CIES-ISCTE)

Coordenação dos estudos PNL:

Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE)
Ministério da Educação

Edição:

Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE)
Av. 24 Julho, n.º 134
1399-054 LISBOA
Tel.: 213 949 200
Fax: 213 957 610
URL: <http://www.gepe.min-edu.pt>

Agosto de 2008

Capa: WM.Imagem Lda

Execução Gráfica:

Editorial do Ministério da Educação
Tel.: 219 266 600 • Fax: 219 202 765
geral@eme.pt • www.eme.pt

Tiragem: 500 exemplares

Depósito Legal: 281 195/08

ISBN: 978-972-614-429-8

Índice

APRESENTAÇÃO	5
1. O PLANO NACIONAL DE LEITURA: CONTEXTO E AVALIAÇÃO	9
LEITURA E LITERACIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	9
METODOLOGIA DA AVALIAÇÃO	12
2. O PLANO NACIONAL DE LEITURA: DA CONCEPÇÃO ÀS REALIZAÇÕES	17
ANÁLISE DOCUMENTAL E ENTREVISTAS À COMISSÃO DO PNL	17
CONCEPÇÃO E DESENHO DO PNL	17
COORDENAÇÃO DO PNL: ACTORES E RECURSOS	19
PRINCIPAIS PRODUTOS DO PNL	20
O PNL NAS ESCOLAS	21
O PNL NAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS	23
O PNL NAS FAMÍLIAS	24
O ENVOLVIMENTO DE OUTROS ACTORES	25
VISIBILIDADE PÚBLICA DO PNL	26
3. INQUÉRITO ÀS ESCOLAS: O QUE DIZEM OS PROFESSORES	29
DIMENSÕES DE ANÁLISE E APLICAÇÃO	29
ACTIVIDADES REALIZADAS	31
PARTICIPAÇÃO DE PROFESSORES, OUTROS AGENTES EDUCATIVOS E ALUNOS	34
ENTIDADES ENVOLVIDAS	36
PERCEPÇÃO DE RESULTADOS E IMPACTES	36
GRAU DE CONCRETIZAÇÃO DAS ACTIVIDADES E DIFICULDADES SENTIDAS	39
OPINIÃO DAS ESCOLAS SOBRE O PNL	40
4. ESTUDOS DE CASO: O QUE MOSTRAM AS VISITAS AOS LOCAIS	41
CONTACTOS COM O PNL NO TERRENO	41
ESCOLAS E BIBLIOTECAS ESCOLARES	45
BIBLIOTECAS PÚBLICAS E CÂMARAS MUNICIPAIS	48
5. BARÓMETRO DE OPINIÃO PÚBLICA: AS ATITUDES DOS PORTUGUESES	49
QUESTIONÁRIO E AMOSTRA	49
VISIBILIDADE DO PNL	50
A LEITURA NAS SOCIEDADES ACTUAIS E EM PORTUGAL	54
A LEITURA NA VIDA PESSOAL	56

6. ENTREVISTAS: COMO SE POSICIONAM OS ACTORES SOCIAIS DE REFERÊNCIA	59
AS ENTREVISTAS E OS ACTORES	59
LEITURA EM PORTUGAL E PERTINÊNCIA DO PNL	59
O DESENHO DO PNL	60
RESULTADOS E IMPACTES ESPERADOS	62
ENVOLVIMENTO NO PNL	63
SUGESTÕES E PROPOSTAS	65
7. AVALIAÇÃO DO 1.º ANO DO PNL: SÍNTESE CONCLUSIVA	67
BALANÇO GERAL	67
EXECUÇÃO DOS PROGRAMAS	68
ATITUDES DOS DIFERENTES SEGMENTOS DO PÚBLICO ABRANGIDO	70
IMPACTE DOS PROGRAMAS NO DESENVOLVIMENTO DA LEITURA	71
FACTORES EXPLICATIVOS	73
A QUESTÃO DA CONTINUIDADE	75
8. SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PNL	77
FUNDAMENTOS DO SISTEMA DE AVALIAÇÃO	77
DESENHO DO SISTEMA DE AVALIAÇÃO	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	83
ANEXOS	
ANEXO I: INQUÉRITO ÀS ESCOLAS	101
ANEXO II: BARÓMETRO DE OPINIÃO PÚBLICA	147
ANEXO III: ESTUDOS DE CASO	177

APRESENTAÇÃO

Que avaliação se pode fazer do primeiro ano do Plano Nacional de Leitura? E como conceber um Sistema de Avaliação que acompanhe o PNL nos anos seguintes, ao longo do tempo previsto para a sua vigência (duas fases sucessivas, de cinco anos cada), dando conta do desenrolar das suas acções, das apreciações que vai suscitando e dos efeitos que vai produzindo? O estudo aqui apresentado procura dar resposta, precisamente, a estas duas questões.

Uma avaliação externa rigorosa tem a obrigação de explicitar desde início os pressupostos em que assenta. Na base deste estudo de avaliação estão alguns pressupostos fundamentais.

O primeiro desses pressupostos é que a escrita constitui uma das mais importantes invenções da humanidade, com os seus inícios há apenas meia dúzia de milénios, em diversas civilizações. Não é, pois, um dado “natural” da espécie humana, mas um produto social recente – atendendo à escala temporal apropriada. Estando a escrita e a leitura hoje generalizadas, através das aprendizagens escolares e dos usos quotidianos, tende-se a perder de vista este seu carácter socialmente produzido, de “tecnologia do intelecto” (Goody, 2000). Mas é decisivo tomá-lo em consideração, para compreender os processos de aprendizagem, difusão e uso da leitura, assim como os obstáculos que a isso se colocam.

Há poucos séculos, com o surgimento da imprensa, a leitura começou gradualmente a expandir-se a todo o tecido social. Hoje, a informação escrita e a leitura dela impregnam o sistema de ensino, a cultura e a ciência, as actividades económicas e políticas, a comunicação mediática e interpessoal, o conjunto da vida quotidiana. As situações da leitura multiplicaram-se e surgiram novos suportes. A leitura e a escrita já não se fazem só em papel mas também numa diversidade crescente de meios electrónicos. O segundo pressuposto é, pois, o de que não só a leitura se tornou uma prática multifacetada na sociedade contemporânea como a capacidade de leitura – a literacia – passou a constituir um recurso social indispensável a qualquer cidadão. Ter fracas práticas de leitura e baixas competências de literacia representa hoje, para qualquer pessoa, uma limitação séria à partilha dos bens culturais, ao emprego qualificado e ao exercício da cidadania. E um país que tenha essas competências e práticas menos desenvolvidas do que aqueles com quem coopera e concorre está condenado a posicionar-se de maneira desvantajosa no mundo globalizado da sociedade da informação e do conhecimento.

O terceiro pressuposto desta avaliação é o de que a sociedade portuguesa apresenta carências fortes neste domínio, como tem vindo a ser evidenciado por diversos indicadores e investigações. As tendências identificadas por esses estudos são de melhoria gradual, mas não suficiente. Há causas variadas para esta situação, como tem sido também analisado. Mas, do ponto de vista que preside

a este estudo, ainda mais importante do que as causas são as consequências. Essas, em termos gerais, são as atrás referidas, tanto a nível das pessoas individualmente consideradas como a nível da sociedade no seu conjunto, apelando a uma actuação concertada na sociedade portuguesa – a exemplo do que é feito em muitos países, designadamente nos mais avançados – no sentido de melhorar a aprendizagem da leitura e de tornar as práticas de leitura mais abrangentes e mais qualificadas. São estas, afinal, as finalidades do Plano Nacional de Leitura.

O PNL é um instrumento de política pública, e, nas sociedades actuais, as políticas públicas são cada vez mais acompanhadas de estudos de avaliação, respondendo a duas ordens de requisitos: democráticos e instrumentais. É este o quarto pressuposto do estudo aqui apresentado. No plano democrático, ou da cidadania, tem-se em vista, com a avaliação, favorecer a prestação de contas na esfera pública e o envolvimento dos actores sociais a que as políticas dizem respeito. No plano instrumental, ou operativo, a avaliação visa contribuir para a fundamentação dos planos e programas, a procura de eficiência na utilização de recursos, o permanente aperfeiçoamento de processos no decurso das acções, a aferição da eficácia quanto ao cumprimento de objectivos, o conhecimento dos impactes causados.

Na decisão governamental de lançamento do Plano Nacional de Leitura (Resolução do Conselho de Ministros n.º 86/2006), consta expressamente o intuito de fazê-lo acompanhar desde início por estudos de avaliação, incidindo sobre a execução dos programas constitutivos do Plano, as atitudes dos diferentes segmentos do público abrangido e os impactes do PNL no desenvolvimento da leitura.

No primeiro ano, foram atribuídas a este estudo de avaliação duas missões: a) realizar uma avaliação preliminar, relativa ao ano de arranque do Plano; b) conceber e testar um Sistema de Avaliação destinado a acompanhar o PNL ao longo de todo o seu período de execução. Os capítulos que se seguem, e os respectivos anexos, respeitam às diferentes componentes do estudo.

No capítulo 1 situa-se o PNL perante a problemática da leitura nas sociedades contemporâneas e, em particular, no contexto específico da sociedade portuguesa, explicitando-se em seguida a concepção de avaliação que preside a este estudo e o seu travejamento metodológico geral.

Os capítulos 2 a 7 tratam da avaliação do primeiro ano do PNL. Importa salientar, por um lado, que se trata de um período de lançamento das actividades do Plano, no qual a avaliação assumiu um carácter preliminar e experimental. Por outro lado, essa experimentação possibilitou fundamentar e aperfeiçoar o desenho do Sistema de Avaliação a aplicar posteriormente.

Assim, no capítulo 2 analisa-se a concepção do Plano e as suas realizações no primeiro ano, recorrendo a fontes documentais e a entrevistas com a Comissão do PNL. No capítulo 3 tratam-se os resultados de um inquérito por questionário às escolas abrangidas, aplicado on-line no final do ano lectivo. No capítulo 4 sintetizam-se os resultados de um conjunto alargado de estudos de caso em escolas, bibliotecas escolares, bibliotecas públicas e câmaras municipais. No capítulo 5 analisam-se os dados de um barómetro de opinião pública, realizado por inquérito a uma amostra representativa da população nacional. No capítulo 6 é analisado um conjunto de entrevistas a dirigentes de associações com ligação directa ao tema da leitura, concretamente professores, educadores, pais, bibliotecários,

editores e livreiros. No capítulo 7 apresenta-se uma síntese conclusiva da avaliação do primeiro ano do PNL, destacando as principais dimensões avaliativas e ensaiando uma análise de factores explicativos.

O capítulo 8 tem um carácter diferente dos anteriores. Nele são apresentados os fundamentos e o desenho do Sistema de Avaliação do PNL que visa acompanhar o decurso da execução do Plano, sistema que foi elaborado, testado e aperfeiçoado com base no estudo de avaliação experimental do primeiro ano.

Constam ainda deste estudo três anexos (em CD-Rom), nos quais se apresentam exaustivamente os resultados do inquérito às escolas, do barómetro de opinião pública e dos estudos de caso. Embora extensos, contêm informação e análises com um grau de pormenor que não caberia nos capítulos principais do estudo, oferecendo uma leitura complementar à destes.

1. O PLANO NACIONAL DE LEITURA: CONTEXTO E AVALIAÇÃO

Leitura e literacia na sociedade contemporânea

O lançamento do Plano Nacional de Leitura em Portugal tem como principal justificação a necessidade de desenvolver as competências de literacia e os hábitos de leitura da população portuguesa, em particular dos mais jovens. Estes são, aliás, em termos gerais, os objectivos de outros planos equivalentes que, nos últimos anos, têm vindo a ser concebidos e desenvolvidos noutros países (Neves, Lima e Borges, 2007). Não obstante especificidades várias, todos eles revelam uma preocupação social comum no que concerne à literacia e à leitura da população, visando o seu alargamento e aprofundamento.

É importante referir que estas preocupações surgem no âmbito de sociedades nas quais a leitura e a literacia estão já presentes no quotidiano de grande parte da população. Com efeito, e ao contrário do que por vezes se possa pensar, as sociedades contemporâneas, incluindo a portuguesa, não apresentam índices de práticas de leitura e de competências de literacia mais reduzidos do que os registados em períodos anteriores. Caso seja adoptada uma perspectiva histórica, não restam dúvidas de que a população alfabetizada e escolarizada tem vindo a aumentar progressivamente. O início deste processo e o seu ritmo de crescimento apresentam importantes variações consoante o país, mas, de um modo geral, a leitura constitui hoje uma competência e uma prática mais generalizada do que no passado.

O que se passa é que nas sociedades contemporâneas, profundamente marcadas pela leitura e pela escrita, as exigências a este respeito continuam a aumentar. Expressões como *sociedade da informação* ou *sociedade do conhecimento* correspondem a contextos sociais e económicos nos quais a codificação da informação, possibilitada pela escrita, e a sua descodificação, através da leitura, alcançaram níveis nunca antes atingidos. Se o alargamento progressivo do número de leitores acompanhou, e permitiu, grande parte das transformações ocorridas nas sociedades, estas colocam hoje aos indivíduos inúmeras exigências e desafios, os quais se fazem sentir nas mais diversas esferas e domínios. No conjunto das competências-chave requeridas para as sociedades actuais (Rychen e Salganik, 2003), as de literacia, ou seja, as que remetem para a capacidade efectiva de utilização de materiais escritos, ocupam, sem dúvida, um lugar de destaque (Costa, 2003; Murray, 2003a). Seja na vida profissional, seja na vida social e pessoal, são cada vez mais as situações e os contextos que requerem, e possibilitam, a interpretação de informação escrita.

Reconhecer a centralidade da leitura nas sociedades contemporâneas não significa afirmar que esta seja a única via de acesso à informação. A comunicação oral mantém a sua importância, assim

como os meios audiovisuais têm vindo a aumentar, em particular a televisão, cuja presença e impacto na chamada opinião pública são inequívocos. Mas atendendo à quantidade, sem precedentes, de conteúdos veiculados através de suportes escritos, essas formas de comunicação e de acesso à informação não são suficientes, tornando-se fundamental que os indivíduos possam descodificar a informação escrita. Para além deste ponto, que foca especificamente o problema do acesso à informação, o que aqui se pretende sublinhar são as profundas implicações do alargamento da leitura, quer para os indivíduos, quer para as sociedades.

Na vida quotidiana a leitura pode ter por base materiais muito diversos. O livro continua a ser o suporte por excelência para a leitura, mas coexiste com outros formatos em papel (jornais, revistas, folhetos de diversos tipos), assim como com outros suportes apoiados nas novas tecnologias da informação e da comunicação. Estes últimos, embora impliquem o domínio de competências específicas, não dispensam a leitura e as competências a ela associadas. Além disso, como algumas pesquisas têm vindo a mostrar, os novos meios não substituem os anteriores, podendo mesmo, nalguns casos, contribuir para o seu reforço. Por exemplo, a utilização da internet pode facilitar o acesso a informação sobre livros e a comunidades de leitores, contribuindo assim para o aumento da leitura de livros em públicos específicos (Griswold, McDonnel e Wright, 2005). Em suma, com a diversificação dos suportes, a leitura não diminui, mas transforma-se.

Nas sociedades actuais as práticas de leitura são mais frequentes e também mais diversificadas do que em períodos anteriores. Podem apoiar-se em múltiplos suportes e visar inúmeros fins. A leitura de livros, por exemplo em situações de lazer, mantém-se, mas tendem a surgir outras práticas de leitura, algumas delas com um carácter quase invisível e, por vezes, não consciente. Com efeito, em múltiplas situações da vida quotidiana, a leitura (e também a escrita) está presente, mesmo que aqueles que a praticam nem sempre se apercebam da sua importância. A forte presença da leitura e da escrita no quotidiano tem vindo a ser destacada nalguns estudos que evidenciam o alargamento sem precedentes destas práticas e, sobretudo, as diferentes formas que elas podem assumir (Bartom, 2007; Barton e Hamilton, 1998; Baudelot, Cartier e Detrez, 2000; Lahire, 1993, 2003, 2004; Papen, 2005). O reconhecimento destas práticas e do papel que desempenham na vida social contemporânea corresponde a uma concepção da leitura bastante ampla, que inclui uma variedade de suportes, tempos, contextos e finalidades. Entendida desta forma, a leitura tende a ser, nos quadros sociais actuais, multifacetada e heterogénea, mas tendencialmente universal. Pode estar associada a outras competências, eventualmente assumir um carácter fragmentado e disperso, ter muitas vezes fins utilitários, mas reforça a sua importância enquanto instrumento decisivo para os sujeitos quando procuram enfrentar novos desafios e problemas em sociedades cada vez mais exigentes.

Um aspecto fundamental evidenciado em vários estudos sobre a leitura é que esta tem implicações que em muito ultrapassam a descodificação de informação escrita. Ler promove a reflexão, ou seja, tem implicações cognitivas. Por exemplo, o sociólogo Bernard Lahire ao investigar as múltiplas práticas de leitura e de escrita que preenchem o quotidiano dos sujeitos conclui que estas favorecem a reflexão sobre o passado e também a antecipação, ou projecção, do futuro. O *retorno reflexivo sobre*

a acção e a preparação reflexiva da acção apoiam-se, muitas vezes, na leitura e na escrita (Lahire, 1993, 2003). Em certo sentido, as mesmas potencialidades associadas à leitura e à escrita foram também identificadas pelo antropólogo Jack Goody quando analisou os primeiros sistemas de escrita: segundo defende, a escrita, e a leitura do que está escrito, facilitam o distanciamento relativamente aos enunciados e promovem a análise crítica dos mesmos (Goody, 1987a, 1987b). Algumas análises recentes têm defendido que, nas sociedades mais avançadas, uma menor capacidade crítica e reflexiva dos sujeitos pode ocorrer quando estes acedem à informação quase exclusivamente através da televisão. O problema reside não tanto na informação veiculada pela televisão, mas no facto de este meio, ao contrário dos suportes escritos (por exemplo, os jornais) não promover, e poder mesmo dificultar, o pensamento reflexivo (Gore, 2007). No conjunto, estas várias perspectivas sublinham o papel da leitura enquanto instrumento que potencia a capacidade reflexiva dos sujeitos.

Um dos problemas das sociedades actuais, profundamente marcadas pela informação e pelo conhecimento, é a existência de segmentos da população cujos hábitos de leitura e competências de literacia são reduzidos face ao que seria desejável. Com efeito, e não obstante o alargamento progressivo do número daqueles que dominam a leitura e a utilizam em diversos contextos da vida, permanecem, neste domínio, desigualdades sociais muito acentuadas. As consequências que daqui decorrem têm vindo a ser sublinhadas em várias pesquisas. Se, em termos globais, baixos níveis de literacia da população podem comprometer o desenvolvimento económico e social dos países, para os indivíduos a ausência de competências deste tipo pode constituir um problema de cidadania e mesmo aumentar os riscos de exclusão social (Murray, 2003a, 2003b). Da vulnerabilidade face ao desemprego ao deficiente acesso a cuidados de saúde, passando por dificuldades várias no desenvolvimento de processos de aprendizagem ao longo da vida, são inúmeros os domínios que podem ser condicionados por reduzidas capacidades de literacia.

A possibilidade de retratar, com alguma precisão, a situação dos países a este respeito é relativamente recente. Seguindo de perto pesquisas conduzidas nos EUA e Canadá no final da década de 70, foi realizado nos anos 90 o *International Adult Literacy Survey* (IALS) em 22 países, entre os quais Portugal (OCDE e Statistics Canada, 2000). O conceito fundamental que orienta este trabalho é, precisamente, o conceito de literacia, com o qual se procura dar conta da capacidade efectiva de utilização de informação escrita na vida quotidiana. Trata-se, portanto, de uma abordagem que remete para as práticas de leitura dos sujeitos e que incide na sua capacidade de interpretação e utilização da informação escrita. A metodologia adoptada permitiu avaliar, através de uma prova, as competências de literacia da população adulta. Em Portugal, foi ainda conduzido um estudo nacional, especificamente dirigido à avaliação da literacia dos adultos (Benavente, Rosa, Costa e Ávila, 1996; Costa e Ávila, 1998). Os resultados de ambas as investigações, muito similares ao nível da concepção teórica e metodológica, apenas com algumas diferenças no modo de operacionalização (Ávila, 2008; Carey, Bridgwood, Thomas e Ávila, 2000), revelaram que quase 80% dos adultos portugueses não detinham os níveis de competências considerados mínimos, segundo os padrões fixados nas pesquisas internacionais, para fazer face aos desafios e exigências das sociedades actuais (Ávila, 2008).

No quadro destes estudos, e entre muitos outros aspectos, pôde ser investigada a relação entre escolaridade e literacia, concluindo-se que embora, como seria de esperar, a níveis de instrução elevados tendam a corresponder níveis de literacia mais altos, não se observa uma sobreposição em absoluto entre as duas variáveis, o que significa que os indivíduos com graus de escolaridade elevados podem revelar competências de literacia abaixo do que seria previsível e vice-versa. Daqui decorre uma confirmação importante, a de que a literacia apenas é desenvolvida e actualizada através da prática, ou seja, que só a existência de hábitos e rotinas quotidianas de leitura pode assegurar a manutenção, ou mesmo o desenvolvimento, das competências de literacia.

Uma outra pesquisa internacional, especificamente dirigida aos alunos de 15 anos, o PISA (*Programme for International Student Assessment*), tem permitido avaliar as competências dos jovens em leitura, matemática e ciências. Nas três fases já concluídas (2000, 2003 e 2006), os resultados mostram que os alunos portugueses detêm competências inferiores aos da média dos países da OCDE, nomeadamente no que concerne à chamada literacia em leitura, embora as diferenças não sejam, neste caso, tão acentuadas como para a população adulta (OCDE, 2001, 2004, 2007). No conjunto, os estudos internacionais sobre as competências dos jovens e dos adultos vêm alertar para os problemas que a sociedade portuguesa enfrenta nos domínios da leitura e da literacia.

A preocupação social com a leitura e a literacia não pode limitar-se, hoje em dia, a segmentos específicos da população. As sociedades contemporâneas implicam, de forma crescente, competências de literacia generalizadas, fundamentais para todos os indivíduos e por referência a diferentes dimensões da vida social. A literacia constitui uma competência crítica para o conjunto da população, cujo desenvolvimento permanente é necessário assegurar. Nesse sentido, a promoção da leitura e da literacia não poderá deixar de envolver a sociedade como um todo.

O Plano Nacional de Leitura inscreve-se nestas preocupações, procurando contribuir para o alargamento das práticas de leitura e para a melhoria das competências de literacia na sociedade portuguesa.

Metodologia da avaliação

A avaliação do Plano Nacional de Leitura constitui uma preocupação inscrita na concepção do Plano desde o início. Neste sentido, contemplou desde logo o lançamento de estudos de avaliação, cujos resultados permitirão fundamentar eventuais futuras redefinições de prioridades, objectivos operacionais, metas, programas, acções e destinatários, designadamente no final do primeiro quinquénio de execução do Plano.

A primeira fase dos Estudos de Avaliação do Plano Nacional de Leitura teve como objectivo principal a concepção de um Sistema de Avaliação do PNL. Esse Sistema de Avaliação, a ser instalado e accionado nos anos seguintes, permitirá acompanhar de maneira continuada e sistemática o desenvolvimento do Plano, com vista a caracterizar, analisar e avaliar a execução dos programas, as atitudes dos públicos abrangidos e os impactes no desenvolvimento da leitura.

Do ponto de vista metodológico, este objectivo implicou elaborar, seleccionar e testar um conjunto de fontes de informação, de indicadores, de instrumentos e de procedimentos de recolha, tratamento e análise de informação.

Nesse processo, à medida que se aplicaram e testaram instrumentos de avaliação, a informação recolhida possibilitou uma primeira série de análises de avaliação do primeiro ano do PNL.

A avaliação do PNL obedeceu a finalidades de monitorização e regulação, de eficácia e eficiência, de desenvolvimento de competências e de promoção da qualidade na intervenção, de responsabilização pública e de promoção da participação dos vários actores sociais.

Esta visão alargada e ambiciosa da avaliação reconhece-lhe contributos que se diferenciam dos que se atribuem à fiscalização e que vão muito para além do acompanhamento das intervenções ou da mera comparação entre o previsto e o realizado. Têm sido identificados três tipos de utilidade dos processos de avaliação: a utilidade instrumental, em que a avaliação constitui um instrumento de melhoria da execução e da gestão das políticas e programas, permitindo introduzir correcções ou inflexões no decurso desses dispositivos; a utilidade estratégica, perspectivando a avaliação enquanto cultura de diálogo, de intercâmbio de ideias, de aprendizagem colectiva, enfim, enquanto prática que estimula a mobilização dos vários actores envolvidos (desde decisores, gestores de programas e políticas, a entidades executoras e destinatários finais); a utilidade substantiva, em que os resultados da avaliação são fundamentais para a reconceptualização de programas ou políticas no futuro (Ferrão, 1996: 31-32). A avaliação do PNL procurou produzir contributos a estes vários níveis, ainda que em graus diferenciados.

Seria, pois, redutor classificar o sistema de avaliação do PNL num dos cinco tipos principais que Stern identifica, a partir de dois eixos, o dos objectivos da avaliação e o dos métodos, designadamente: avaliações de eficiência/económicas; avaliações de gestão/desempenho; avaliações formativas; avaliações causais/experimentais; avaliações participativas (Stern, 2005: xxvii-xxix). Pode-se afirmar que o sistema combina elementos sobretudo do segundo, terceiro e quarto tipo, que a seguir se explicitam. As avaliações de gestão/desempenho procuram demonstrar em que medida os programas atingiram os seus objectivos e como utilizaram os seus recursos. As formativas têm como objectivo a melhoria do desempenho dos programas enquanto eles decorrem, possibilitando uma monitorização contínua desses programas. As causais/experimentais direccionam-se essencialmente para a produção de conhecimento sobre os impactes dos programas, procurando identificar as razões de sucessos e insucessos (Stern, 2005: xxvii-xxix).

Trata-se de uma avaliação externa, orientada por princípios de rigor analítico e independência. Se tal implica uma posição de exterioridade da equipa de avaliação face à intervenção do Plano, não significa um afastamento entre essa equipa e a equipa responsável pela execução do PNL. Um dos requisitos da avaliação externa é a disponibilidade dos avaliadores se colocarem na perspectiva dos diversos intervenientes nas actividades, o que é tanto mais importante quanto os interesses e concepções destes devem ser considerados, de forma controlada e crítica, na organização e desenho da avaliação, por exemplo ao nível dos dados a recolher e das questões a aprofundar (Guba e Lincoln, 1989).

O trabalho de avaliação desenvolvido decorreu em estreita e continuada articulação com a Comissão do Plano, com contributos mútuos, quer pela discussão conjunta de procedimentos e instrumentos de recolha e análise de informação, quer pela devolução regular dos resultados preliminares que a avaliação foi produzindo às responsáveis do Plano.

Os resultados dessa articulação foram particularmente potenciados pelo facto do processo de avaliação ter ocorrido em simultâneo com o primeiro ano de execução do Plano. Neste sentido, tratou-se de uma avaliação centrada no modo como o Plano foi operacionalizado e executado nas suas diversas vertentes, mas incluiu também elementos de avaliação *ex-ante* ou prévia, relativos à pertinência do Plano face ao panorama nacional em matéria de leitura e de literacia, bem como elementos que remetem para a captação de resultados e, na medida do possível, impactes do Plano. A conjugação destas orientações permite a criação de sistemas de avaliação inter-activa, que combinam a análise simultânea do planeamento, dos processos e dos impactes no decurso da própria intervenção, assentando no pressuposto de que a avaliação e a intervenção se reforçam mutuamente (Capucha e outros, 1996: 15). No caso do PNL, tal possibilitou a observação de vários programas em acção, bem como a obtenção de informação susceptível de ser incorporada ainda no decurso do primeiro ano do Plano.

A avaliação incidiu em quatro domínios: concepção do Plano; operacionalização e organização; realização/execução; resultados (entendidos como as actividades, produtos e consequências imediatas das acções desenvolvidas) e impactes (relativos aos efeitos, directos e indirectos, de médio/longo prazo sobre os destinatários, também estes directos e indirectos, das acções, tendo em conta os objectivos do PNL). Quanto aos impactes, dado o tempo decorrido entre a execução das actividades e a sua avaliação, é ainda cedo para avaliar de forma sistemática impactes que, na sua maioria, pela sua natureza, não são imediatos e só se farão sentir a médio ou longo prazo. Neste domínio, procurou-se sobretudo estabelecer um quadro de referência de partida que possibilite comparações futuras no âmbito de uma avaliação do Plano a desenvolver decorridos alguns anos após o seu lançamento. Foi igualmente possível recolher alguns elementos substantivos que remetem para impactes do PNL, que devem ser lidos como pistas a explorar em futuras avaliações.

À semelhança do que é comum nos sistemas de avaliação de intervenções com a dimensão e as características do PNL, em que se adoptam estratégias compostas, complexas e plurimetodológicas (Capucha e outros, 1996: 18), privilegiou-se uma abordagem metodológica pluralista, num duplo sentido: i) na auscultação dos vários actores envolvidos, em diferentes patamares e de diversas formas, no PNL, abrangendo responsáveis do PNL, escolas, bibliotecas, câmaras municipais, associações e outras entidades, professores, bibliotecários e alunos; ii) no recurso a diversas fontes de informação (pré-existent, mas também produzidas no quadro da avaliação) e no accionamento de procedimentos vários de recolha e análise de informação, quer de tipo extensivo e quantitativo, quer de tipo intensivo e qualitativo. Só a adopção de uma tal perspectiva de análise cruzada de informações e opiniões recolhidas junto dos vários actores que intervêm no Plano, através de diferentes procedimentos, permite a produção de proposições avaliativas sustentadas e capazes de traduzir de modo adequado as situações reais.

Em concreto, os resultados da avaliação do primeiro ano do Plano que aqui se apresentam foram produzidos a partir do recurso aos seguintes procedimentos metodológicos: i) análise documental e entrevistas aos membros da Comissão do PNL; ii) inquérito às escolas; iii) estudos de caso, junto de escolas, bibliotecas escolares, bibliotecas públicas e câmaras municipais; iv) barómetro de opinião pública; v) entrevistas a actores sociais de referência. A especificação destas operações consta de cada um dos capítulos em que se apresentam os respectivos resultados.

2. O PLANO NACIONAL DE LEITURA: DA CONCEPÇÃO ÀS REALIZAÇÕES

Análise documental e entrevistas à Comissão do PNL

Com vista à reconstituição da lógica da concepção do Plano Nacional de Leitura, à obtenção de informação sobre as suas condições de operacionalização e à identificação das suas principais realizações e resultados no primeiro ano, procedeu-se à análise de um conjunto variado de documentos, bem como à realização de entrevistas aos responsáveis directos pela execução do Plano.

A análise documental incidiu sobre vários tipos de documentos, quer relativos ao próprio Plano (como o relatório inicial do PNL e legislação que o criou, os relatórios de execução periódicos, os relatórios de balanço e outros), quer relativos a planos e programas de promoção da leitura de outros países e respectivos modelos de avaliação, quer ainda aqueles que contêm informação sobre a situação de Portugal em matéria de leitura (sejam eles resultados de exames nacionais, de inquéritos internacionais de avaliação de competências ou de inquéritos aos hábitos de leitura como os que o próprio Plano promoveu). Incidiu igualmente sobre o sistema de informação de que o Plano se dotou para o registo das actividades que foi desenvolvendo, bem como sobre o seu sítio electrónico, que alberga boa parte desse sistema. Foram ainda objecto de análise os materiais das campanhas de promoção da leitura lançadas pelo PNL, bem como algumas peças televisivas e da imprensa escrita onde houve referências mais ou menos aprofundadas ao Plano.

Foram entrevistados todos os membros da Comissão do Plano, sendo particularmente aprofundadas as entrevistas à Comissária e à Comissária-Adjunta.

Concepção e desenho do PNL

O Plano Nacional de Leitura foi concebido tendo por objectivos a promoção da leitura na sociedade portuguesa e a elevação dos níveis de literacia da população. Teve por ponto de partida a verificação dos défices persistentes do país a este respeito, perante a importância crescente e presença transversal que a leitura e a literacia adquiriram no mundo actual.

Aprovado em Julho de 2006¹ o PNL concretiza um processo que já tinha sido encetado algum tempo atrás. Ainda em Dezembro do ano anterior, em despacho conjunto da Presidência do Conse-

¹ Resolução do Conselho de Ministros n.º 86/2006, de 12 de Julho de 2006.

lho de Ministros e Ministérios da Educação e da Cultura² se manifestava a intenção de criar um Plano Nacional de Leitura, como resposta aos preocupantes baixos níveis de literacia da população portuguesa, particularmente dos jovens em idade escolar.

Este despacho nomeou a equipa para a coordenação do Plano – envolvendo uma comissária e representantes dos Ministérios da Educação e da Cultura e do Ministro dos Assuntos Parlamentares –, a quem incumbiu de desenhar o futuro Plano. Essa tarefa culminou na apresentação, por esta equipa, em Março de 2006, de um relatório detalhado do Plano Nacional de Leitura, onde eram identificados os principais objectivos a prosseguir e as acções a desenvolver. Foi este relatório que, com algumas adaptações, veio a dar corpo ao PNL tal como foi publicado.

A ideia de criação de um Plano Nacional de Leitura em Portugal não nasceu, porém, aí. Ela vinha já sendo amadurecida, em particular pela Comissária e Comissária-Adjunta, que, pela experiência acumulada em diferentes domínios e patamares de promoção da leitura – entre eles a Rede de Bibliotecas Públicas e a Rede de Bibliotecas Escolares –, tinham desenvolvido uma reflexão aprofundada sobre a sua necessidade e sobre o que poderiam vir a ser os seus conteúdos.

As orientações para o desenho do PNL privilegiaram o cruzamento de dois aspectos fundamentais: a continuidade e a inovação. Considerou-se que um dos factores centrais para o seu sucesso seria o facto de, por um lado, assentar em estruturas já existentes, e, por outro, partir das práticas de promoção da leitura já em curso no terreno. Tal orientação traduziu-se no papel estratégico que o Plano atribui às Redes de Bibliotecas – escolares e públicas – como suporte para o desenvolvimento das acções programadas. Traduziu-se igualmente, quer no aproveitamento das iniciativas de promoção de leitura que já eram desenvolvidas nas escolas e nas bibliotecas – procurando aperfeiçoar os aspectos passíveis de melhorias –, quer na consideração do trabalho realizado no âmbito dos Planos de Leitura de outros países. Mas o Plano assumiu também um carácter inovador face às práticas correntes, introduzindo metodologias mais sistemáticas de promoção da leitura, de que a leitura orientada na sala de aula constitui a actividade mais emblemática.

Com a duração de dez anos, divididos em duas fases de cinco anos cada, o Plano Nacional de Leitura estabelece como principais objectivos a promoção da leitura e o desenvolvimento de competências de leitura, em diferentes contextos: o escolar, o familiar, o das bibliotecas e outros contextos sociais. Os programas que integra – concretizados em acções específicas – dirigem-se, assim, quer à população em geral, quer a grupos delimitados por idades, designadamente crianças e jovens que frequentam os vários níveis de ensino.

No primeiro ano do Plano estabeleceu-se como público prioritário as crianças com idade de frequência do jardim-de-infância (3 a 6 anos), do 1.º ciclo do ensino básico e do 2.º ciclo, tendo sido definidos vários programas a elas dirigidos, quer no espaço escolar, quer no contexto familiar. Esta prioridade traduz uma opção fundamentada de apostar nos mais jovens, pelo facto de estas idades serem cruciais para o desenvolvimento do gosto pela leitura, das competências e dos hábitos de leitura.

² Despacho Conjunto n.º 1081/2005, publicado a 22 de Dezembro de 2005.

Traduz ainda a opção de não lançar todos os programas em simultâneo, mas ir avançando com segurança de forma faseada. Por isso, estava previsto desde o início do PNL o seu progressivo alargamento a alunos do 3.º ciclo e do ensino secundário, através do lançamento de programas específicos, a partir do seu segundo ano de execução.

O PNL prevê também actividades a montante, designadamente a melhoria das competências dos vários agentes que intervêm na promoção da leitura – educadores, professores, bibliotecários, mediadores de leitura, pais –, através da realização de acções de formação e da disponibilização de orientações para o desenvolvimentos das várias actividades inscritas no Plano.

O PNL foi igualmente entendido como uma instância privilegiada para a produção de informação actualizada sobre a leitura em Portugal e para a criação de instrumentos de avaliação dos progressos da leitura e da escrita dos alunos utilizáveis em contexto escolar. E, desde o início, incorporou no seu desenho a referência explícita à sua avaliação remetendo, quer para a necessidade de se acompanhar de forma continuada a execução, os resultados e os impactes das acções, quer para a estabilização de modelos de avaliação que permitam efectuar balanços no decurso do Plano.

Com estes objectivos foram realizados vários estudos por universidades e centros de investigação. Além da presente avaliação, são de referir os inquéritos aos hábitos de leitura dos portugueses e da população escolar, a identificação e análise de práticas nacionais e internacionais para promoção da leitura e o levantamento de instrumentos de avaliação de leitura produzidos em Portugal³.

O PNL inclui ainda um plano de comunicação, que se traduz na criação do seu sítio na Internet, em campanhas de promoção da leitura e na realização de concursos e prémios nacionais de leitura, em parceria com os órgãos de comunicação social e outros agentes.

Coordenação do PNL: actores e recursos

A execução do PNL é da responsabilidade de uma comissão interministerial, composta por: uma comissária; uma representante do Ministério da Educação, com a função de comissária-adjunta, coordenadora do Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares (RBE); duas representantes do Ministério da Cultura, da Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas (DGLB); e uma representante do Ministro dos Assuntos Parlamentares, do Gabinete para os Meios de Comunicação Social (GMCS)⁴.

³ Os estudos desenvolvidos deram origem às seguintes publicações: Maria de Lourdes Lima dos Santos (coord.), José Soares Neves, Maria João Lima e Margarida Carvalho (2007), *A Leitura em Portugal*, Lisboa, Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação; Mário Lages, Carlos Liz, João H. C. António e Tânia Sofia Correia (2007), *Os Estudantes e a Leitura*, Lisboa, Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação; Inês Sim-Sim e Fernanda Leopoldina Viana (2007), *Para a Avaliação do Desempenho de Leitura*, Lisboa, Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação; José Soares Neves, Maria João Lima e Vera Borges (2007), *Práticas de Promoção da Leitura nos Países da OCDE*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais (relatório).

⁴ A Comissão do Plano é constituída por Isabel Alçada (Comissária), Teresa Calçada (Comissária-Adjunta), Paula Morão (Ministério da Cultura), Maria Carlos Loureiro (Ministério da Cultura) e Alexandra Lorena (Gabinete para os Meios de Comunicação Social).

O Ministério da Educação assume um papel particularmente relevante no PNL, estando vários dos seus serviços e organismos associados ao Plano: o Gabinete RBE, com o qual o PNL estabelece uma forte articulação, que passa inclusivamente pela partilha do espaço físico e do secretariado e pela colaboração entre os técnicos das duas estruturas; o Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE), a quem compete a coordenação geral dos estudos, bem como a concepção e gestão de uma boa parte do sistema de informação do PNL, nomeadamente a componente relacionada com os estabelecimentos de ensino; a Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC), que presta apoio técnico e logístico à Comissão do PNL.

O Ministério da Cultura, através da DGLB, é responsável pelos programas do PNL na área da cultura. Por sua vez, o GMCS constitui um parceiro estratégico para as iniciativas na área da comunicação social.

A articulação entre estas várias estruturas tem sido efectiva e tem permitido a execução das actividades promovidas pelo PNL sem dificuldades de relevo. O envolvimento das três áreas – educação, cultura e comunicação social – parece ser uma opção coerente face aos objectivos e acções programadas.

A estrutura de apoio técnico do PNL, durante o seu primeiro ano de execução, foi constituída por três professores destacados das escolas e um secretariado de duas pessoas, partilhado com o Gabinete RBE. No final desse ano, e em consonância com o crescente volume de trabalho que a dinâmica imprimida ao Plano gerou, foi possível duplicar o número de técnicos.

Principais produtos do PNL

Cerca de um ano após o lançamento do Plano, o balanço quanto aos resultados alcançados afigura-se globalmente positivo.

Começando pelos produtos criados, há a destacar, em primeiro lugar, a criação de uma imagem própria, expressa na marca *Ler +*.

Em segundo lugar, a criação do sítio electrónico do PNL, disponível praticamente desde o início. Este tem constituído um instrumento fundamental para a sua divulgação, sobretudo para aqueles que estão envolvidos de modo mais directo na promoção da leitura, como sejam professores e bibliotecários, mas também para as próprias famílias. Contendo informação actualizada sobre todas as iniciativas, dos mais diversos tipos, que o PNL vai desenvolvendo, constitui o “rosto digital” do Plano.

O sítio electrónico do PNL disponibiliza um conjunto de ferramentas para a promoção da leitura. Assim, em terceiro lugar, deve ser referida a criação de um conjunto alargado de orientações para a leitura em contexto escolar e familiar, bem como a elaboração de listas de obras recomendadas. No primeiro ano, foram construídas 23 listas de livros recomendados, para crianças de jardim-de-infância, 1.º ciclo e 2.º ciclo, num total de 643 títulos, para leitura orientada na sala de aula e para

leitura autónoma, organizadas por ano escolar e grau de dificuldade, sendo algumas delas de carácter temático. Para o ano lectivo de 2007/2008 a essas listas foram acrescentadas outras dirigidas ao 3.º ciclo, em consonância com o alargamento dos programas de promoção da leitura em sala de aula para este nível de ensino. No início desse ano lectivo o PNL passou a disponibilizar ainda um conjunto de recomendações relativas à aquisição das obras para as escolas.

Mais recentemente foi criado, pela Universidade Nova de Lisboa, outro sítio electrónico, *Clube de Leituras*, com o patrocínio da Portugal Telecom. Este sítio tem como objectivo, através da agregação de blogues, criar uma comunidade de leitores onde possam ser divulgadas e partilhadas, de forma sistemática, experiências e práticas de leitura e várias iniciativas culturais.

O PNL nas escolas

A promoção da leitura orientada em sala de aula é a actividade mais estruturante e de carácter mais contínuo do PNL.

Inserida nos programas para a promoção da leitura dirigidos aos jardins-de-infância, 1.º ciclo e 2.º ciclo, consiste essencialmente na atribuição de um tempo específico para a leitura – diário ou semanal consoante se trate de jardins-de-infância e turmas do 1.º ciclo ou de 2.º ciclo –, onde se privilegia um contacto directo dos alunos com os livros. Este contacto é assegurado pela existência de um número de exemplares do mesmo livro suficiente para permitir que pelo menos cada dois alunos tenham à sua disposição um exemplar para acompanhar as actividades de leitura. O reforço orçamental das escolas pelo Ministério da Educação e outras entidades tem precisamente o objectivo de equipar as escolas e/ou bibliotecas com esses conjuntos de livros.

A adesão das escolas a esta actividade foi muito forte. Convidadas, no início do ano lectivo 2006/2007, a registarem-se no Plano para o desenvolvimento de actividades de promoção da leitura – sobretudo leitura orientada em sala de aula –, mais de 7500 escolas, incluindo jardins-de-infância e escolas dos 1.º e 2.º ciclos, fizeram-no, o que corresponde a cerca de um milhão de crianças. A leitura orientada em sala de aula é, aliás, identificada pelas responsáveis como uma das principais realizações do PNL no seu primeiro ano de existência. Além do registo no PNL para esta actividade, é importante referir que mais de 3500 escolas registaram também projectos próprios para promoção da leitura em contexto escolar ou extra-escolar.

As razões da adesão de educadores e professores ao Plano parecem ser várias. Primeiro, o facto das actividades propostas serem coerentes com as orientações curriculares do Ministério da Educação para a leitura nos tempos lectivos. Segundo, o facto de estas actividades serem exequíveis e irem ao encontro de práticas que já eram desenvolvidas em muitas escolas, não constituindo uma ruptura, mas sim uma continuidade e um reforço. Terceiro, a existência de listas de obras recomendadas, que funcionaram como referências e orientações para o trabalho a desenvolver. Quarto, a possibilidade de ser atribuída às escolas uma verba destinada à aquisição dos livros escolhidos.

Do ponto de vista deste apoio financeiro, 676 escolas receberam reforço de orçamento para a aquisição de livros destinados à leitura orientada na sala de aula, num valor total de quase um milhão e meio de euros. A maioria desta verba é proveniente do Ministério da Educação (1300 mil €) e também da Fundação Calouste Gulbenkian (150 mil €)⁵ e da Rede Aga Khan para o Desenvolvimento (150 mil €). Com os contributos de mais de uma centena e meia de câmaras municipais que no primeiro ano estabeleceram ou estavam em vias de estabelecer protocolos com o PNL para apoio às escolas dos respectivos concelhos, o valor financeiro acima referido praticamente duplica. Foram igualmente obtidos alguns patrocínios de entidades privadas. Um desses apoios consistiu na oferta de 9500 livros a 19 escolas, através de um concurso à escala nacional promovido por uma cadeia de hipermercados (Sonae-Modelo-Continente).

Tal como previsto, para o ano lectivo de 2007/2008 o PNL alargou o apoio à leitura orientada em sala de aula ao 3.º ciclo, o que permitiu dar resposta aos numerosos pedidos que os professores deste nível de ensino vinham fazendo. À semelhança do ano anterior, as escolas foram novamente convidadas a registarem-se no PNL e a indicarem as obras escolhidas.

Foram alteradas as regras de atribuição do financiamento às escolas, em resultado da experiência do primeiro ano. Nesse ano, a verba foi atribuída à unidade estabelecimento de ensino, apostando-se, prioritariamente, em escolas integradas na Rede de Bibliotecas Escolares, cuja qualidade de trabalho na promoção da leitura era já reconhecida e comprovada. Considerou-se, assim, que este factor potenciaria o sucesso das actividades que o PNL veio propor, constituindo simultaneamente um ensaio para a generalização dos apoios. O facto de um grande número de escolas não ter sido contemplada com o reforço financeiro gerou, como seria de esperar, algum descontentamento entre as escolas não financiadas.

No ano lectivo de 2007/2008, a duplicação do orçamento – por via do apoio das Câmaras e das Fundações – e a atribuição do financiamento à unidade agrupamento e não à unidade escola, garantem a cobertura de todas as escolas que não tinham sido objecto de apoio no primeiro ano. Para tal, o PNL formulou recomendações específicas para a aquisição de obras, no sentido de garantir que todas as escolas do agrupamento beneficiem dessa aquisição.

A par de iniciativas mais enraizadas e de carácter permanente, o PNL foi lançando ao longo do primeiro ano várias iniciativas mais específicas e delimitadas no tempo, que têm constituído importantes factores de visibilidade do Plano e de motivação para prosseguir o desenvolvimento de actividades no seu âmbito. Também aqui a adesão das escolas é muito significativa, com níveis de participação bastante elevados.

Perto de 1400 escolas inscreveram-se na Semana da Leitura que o PNL promoveu, realizando as mais variadas actividades, como dramatizações e espectáculos, encontros com escritores e ilustradores ou feiras do livro, para citar apenas alguns exemplos.

⁵ Esta verba constitui um terço do valor total a disponibilizar pela Gulbenkian, de acordo com o protocolo assinado com o Ministério da Educação. Os nossos dois terços são atribuídos em 2008 e 2009.

Registaram-se cerca de 1100 participações de escolas, dos vários níveis de ensino, em concursos e passatempos de leitura lançados pelo PNL em parceria com outras instituições. Entre estes são de referir: o concurso *Rómulo de Carvalho/António Gedeão, o Poeta da Ciência*, promovido em conjunto com a Comissão Organizadora das Comemorações do Centenário do Nascimento de Rómulo de Carvalho e com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, e dirigido a escolas do 3.º ciclo e secundário; o *Concurso Nacional de Leitura*, com a colaboração da RBE, da DGLB e da RTP, dirigido às escolas dos mesmos graus de ensino, cuja final foi transmitida pela RTP1; o concurso SAPO Challenge/Ler+, que estimula a articulação das competências em TIC com as competências nos domínios da leitura e da escrita, promovido pela PT em parceria com o Ministério da Educação, e igualmente dirigido ao 3.º ciclo e secundário; o concurso *Onde te Leva a Imaginação*, promovido no âmbito da parceria entre o PNL e os CTT, para alunos do ensino pré-escolar, do 1.º e do 2.º ciclo; o passatempo *Linhas & Letras*, em conjunto com a DGLB, lançado no âmbito do Dia Internacional do Livro Infantil e destinado a crianças entre os 6 e os 12 anos, para estimular a escrita a partir de ilustrações; o concurso *O Teu Jornal*, concebido pelo jornal *Expresso* e pela “Zero a Oito”, com o apoio do Montepio Geral, destinado a escolas do 1.º e 2.º ciclos do ensino básico.

Algumas destas iniciativas têm vindo a adquirir uma regularidade bem definida com a sua reprodução já no segundo ano do Plano. É o caso, designadamente, da Semana da Leitura, do Concurso Nacional de Leitura e do concurso *Onde te Leva a Imaginação*, que se encontram na segunda edição.

O PNL nas bibliotecas públicas

A DGLB tem vindo a desenvolver, desde há vários anos, um conjunto de actividades de promoção da leitura, sobretudo em bibliotecas públicas, mas também em outras instituições, como sejam hospitais pediátricos ou estabelecimentos prisionais.

Essas actividades foram integradas no PNL, dando-se-lhes continuidade e, em alguns casos, reforçando-as. Em resultado do PNL, O “Programa de Acções de Promoção da Leitura (Itinerâncias Culturais)” – dirigido a mediadores e públicos-alvo diversos – alargou-se às bibliotecas que se encontram ainda fora da Rede de Bibliotecas Públicas. Em 2007 abrangeu 176 bibliotecas públicas – mais do que as 156 integradas na Rede –, enquanto no ano anterior apoiara 117. Foram perto de 650 as acções realizadas nas bibliotecas no quadro deste Programa, envolvendo um montante de cerca de 250 mil €.

Foram igualmente reforçadas, dando resposta a recomendações do PNL, as acções de formação sobre promoção da leitura dirigidas a professores. Porém, tem havido alguma dificuldade na concretização destas acções, designadamente pelo reduzido número de inscrições e elevada taxa de desistência, a que não é alheio o facto de estas decorrerem fora do horário laboral.

A formação de mediadores de leitura para as bibliotecas públicas e de professores é um aspecto em que, no primeiro ano do Plano, não se terá avançado tanto quanto seria desejável, pelo que

constitui uma aposta da Comissão para o futuro próximo. Já em Fevereiro de 2008 o PNL foi definido pelo Ministério da Educação como área prioritária na formação contínua de docentes, pelo que é expectável um salto qualitativo neste domínio.

A DGLB lançou também no seu sítio electrónico um espaço para o registo de projectos continuados de promoção da leitura dirigido às bibliotecas mas também a outras instituições locais. Responderam a este convite 35 bibliotecas públicas e 8 instituições, registando um total de 132 projectos.

A visibilidade do PNL nas bibliotecas públicas não é ainda tão forte quanto nas escolas. Tal não significa que estas não desenvolvam acções enquadradas no Plano, como já vinham fazendo desde há vários anos atrás. Porém, em iniciativas específicas – como por exemplo a Semana da Leitura, em que 18 bibliotecas estiveram envolvidas – a sua participação tem sido menor.

Uma questão que importa ainda destacar é o risco de algumas autarquias poderem diminuir o apoio às bibliotecas públicas pelas quais são responsáveis, pelo facto de passarem a canalizar as verbas disponíveis para as escolas dos respectivos concelhos adquirirem livros destinados à leitura orientada na sala de aula, no âmbito dos protocolos assinados com o PNL. Este risco remete essencialmente para alguns casos em que as autarquias parecem não estar a financiar convenientemente as suas bibliotecas municipais, como foi referido por diversos agentes auscultados.

O PNL nas famílias

O PNL integra uma componente de promoção da leitura em contexto familiar. Uma parte dessa promoção é levada a cabo a partir das escolas e das iniciativas que estas realizam no sentido de incentivar a participação dos pais como agentes fundamentais no processo de desenvolvimento de competências de leitura e do gosto pela leitura por parte dos alunos.

Outra parte concretiza-se através de acções especificamente dirigidas aos pais. No primeiro ano de execução do Plano começaram a dar-se os primeiros passos neste domínio, designadamente através de acções de formação baseadas na metodologia “Leitura-a-par”, financiadas pelo PNL.

O âmbito destas acções foi ainda restrito. Estiveram envolvidos na formação para pais 5 grupos de pais/encarregados de educação. Foram igualmente realizadas acções de formação de formadores, dirigidas a docentes do pré-escolar, 1.º e 2.º ciclos e animadores de bibliotecas, com o objectivo de que estes se constituam como agentes disseminadores desta metodologia junto de outros professores, da família, de bibliotecários, animadores, entre outros. Estiveram envolvidos 2 grupos de formandos.

O envolvimento de outros actores

O PNL encontrou, desde o seu lançamento, um ambiente favorável à sua execução. A receptividade por parte dos vários sectores da sociedade tem sido bastante boa.

A aposta da Comissão do PNL no envolvimento, em moldes variados, de um conjunto relativamente alargado de instituições, parece ter sido ganha.

Em primeiro lugar, são de destacar os protocolos assinados ou em fase de concretização com mais de 150 municípios, número que demonstra bem a adesão dos órgãos locais ao Plano. Nesses protocolos as autarquias assumem compromissos financeiros para a aquisição de livros por parte dos agrupamentos escolares dos respectivos concelhos e, em alguns casos, o desenvolvimento de projectos ou acções específicas de promoção da leitura.

Em segundo lugar, os protocolos e acordos de cooperação com sete fundações, que se traduzem em apoios financeiros – por parte da Fundação Calouste Gulbenkian já desde o primeiro ano e mais recentemente por parte da Rede Aga Khan –, ou em apoio de carácter técnico.

Em terceiro lugar, os protocolos e acordos com várias associações profissionais, científicas e pedagógicas ligadas de algum modo à promoção da leitura, no sentido de desenvolver projectos em parceria.

Em quarto lugar, foram igualmente estabelecidos protocolos de cooperação com escolas superiores de educação, no sentido de promover, na formação de educadores de infância e professores de 1.º ciclo, o desenvolvimento de competências em práticas pedagógicas e métodos de leitura, para além de outras iniciativas mais específicas que as escolas se propõem desenvolver.

Em quinto lugar, e especificamente para a divulgação do PNL e para o lançamento de campanhas de promoção da leitura, foi celebrado um protocolo com a RTP, e, numa outra escala, com o jornal *Primeiro de Janeiro*.

Mais recentemente é ainda de destacar, pelo seu potencial alcance, o protocolo do PNL com a Associação Portuguesa de Médicos de Clínica Geral. Este prevê a concessão de apoio técnico aos programas do Plano, através do Núcleo de Saúde Infantil da Associação, a divulgação da literacia infantil para os profissionais de saúde, a promoção da leitura nos espaços de atendimento dos serviços de saúde (designadamente nos Centros de Saúde), e o desenvolvimento de acções de formação destinadas a profissionais que trabalhem em Cuidados de Saúde Primários.

O PNL tem contado também com alguns patrocínios de empresas. São de referir a Sonae, através do concurso em hipermercados, com a oferta de livros a escolas; a PT, que promoveu o concurso *Sapo Challenge/Ler+* e patrocinou a criação do sítio *Clube de Leituras*; e os CTT, com o concurso *Onde te Leva a Imaginação?* e o lançamento de uma emissão especial de selos destinados ao correio escolar, com um preço simbólico, com o objectivo de incentivar uma correspondência regular entre alunos e escolas dedicada à troca de comentários sobre os livros lidos no âmbito do PNL.

Contudo, à excepção destes e das empresas do sector livreiro, cuja adesão ao Plano tem sido muito visível – pela própria colocação do logo *Ler+* nas obras recomendadas pelo Plano –, com

benefícios para ambas as partes, o sector empresarial não tem tido grande envolvimento. Esta tem sido, aliás, uma dificuldade sentida pela Comissão do Plano. Apesar das várias tentativas para a obtenção de patrocínios da parte de empresas – nomeadamente do sector financeiro –, a receptividade ao PNL que, num primeiro momento, estas demonstram não se traduz efectivamente em apoio financeiro⁶.

Este relativo afastamento do tecido empresarial não deixará de estar associado à ainda fraca associação, em termos de representações mas também de práticas, entre o aumento das competências que a promoção da leitura proporciona e a competitividade da economia. É, aliás, neste sentido, que as principais responsáveis manifestam o desejo de que o Ministério da Economia estivesse envolvido de forma activa no Plano.

Visibilidade pública do PNL

É visível o esforço que tem sido empreendido na divulgação do PNL para o grande público, desde logo pela própria composição da Comissão do Plano, ao integrar o Gabinete para os Meios de Comunicação Social.

Para além do sítio electrónico do Plano, esse esforço concretizou-se, antes de mais, no estabelecimento de um protocolo com a RTP, em que esta estação televisiva se comprometeu a fazer uma divulgação regular das iniciativas do PNL e a abordar os temas da leitura e da escrita na sua programação, quer em programas infantis, quer em programas de grande audiência.

Foram criados vários spots televisivos em que simultaneamente se divulgava o PNL e se chamava a atenção para a centralidade da leitura na vida das pessoas, tendo-se recorrido inclusivamente a testemunhos de figuras públicas de sectores diversos. Esta vertente da campanha acabou, no entanto, por ter pouca visibilidade, já que estes spots passaram sobretudo na RTP 2, poucas vezes e em horários de reduzida audiência.

Por outras vias, a RTP tem prestado um apoio importante na divulgação do Plano, nomeadamente através da presença da Comissária em vários programas, da transmissão de algumas reportagens relacionadas com o Plano e da transmissão da Final do Concurso Nacional de Leitura na RTP 1.

Além destas iniciativas, tem-se verificado uma presença forte de peças (notícias, entrevistas, etc.) sobre o PNL na imprensa escrita, nacional e regional, e nas rádios nacionais e locais. Esta presença em órgãos de comunicação locais tem, aliás, constituído um incentivo para a adesão das autarquias ao Plano.

Ao longo do seu primeiro ano de execução, o PNL tem vindo também a ser apresentado publicamente em diversos eventos relacionados com o livro, a leitura, as bibliotecas e o ensino do portu-

⁶ Mais recentemente, estava em curso a negociação de um apoio por parte do Banco Espírito Santo, que será a primeira instituição bancária a patrocinar o Plano.

guês, designadamente em feiras do livro, encontros, colóquios, seminários, congressos, conferências e outros. A divulgação do PNL passou ainda pela realização de acções itinerantes especificamente direccionadas para a apresentação do Plano, em vários pontos do país, envolvendo as autarquias, as bibliotecas municipais e as escolas.

Pouco mais de um ano após o seu lançamento, o PNL organizou, em parceria com a Fundação Calouste Gulbenkian, a conferência internacional *A Leitura em Portugal: Desenvolvimento e Avaliação*, que contou com a participação de vários especialistas nacionais e internacionais e onde foram apresentados os resultados de cinco dos estudos que o Plano promoveu.

3. INQUÉRITO ÀS ESCOLAS: O QUE DIZEM OS PROFESSORES

Dimensões de análise e aplicação

Um dos instrumentos fundamentais desenvolvidos para a avaliação regular do PNL nas escolas, de forma extensiva e quantificável, é um inquérito por questionário dirigido a todas as escolas registadas no Plano.

O inquérito abrange um conjunto alargado de dimensões, entre as quais: as actividades desenvolvidas pelas escolas no âmbito do PNL; as entidades participantes nessas actividades; o envolvimento de professores e alunos; a presença no processo das bibliotecas escolares e da Rede de Bibliotecas Escolares; a participação dos pais; o modo de organização e planeamento das actividades; o grau de concretização das mesmas e as dificuldades enfrentadas; os resultados e impactes; a percepção quanto ao acompanhamento por parte da coordenação do PNL; e ainda, uma opinião de ordem geral quanto ao PNL, no que concerne à sua importância para o país e às suas orientações e propostas. Pode consultar-se no Anexo I a versão integral do inquérito.

A primeira aplicação deste instrumento dirigiu-se aos jardins-de-infância e escolas com 1.º e 2.º ciclos, tendo o universo de referência sido constituído pelas 7567 escolas que, no ano lectivo de 2006/2007, se registaram no Plano. O pedido de preenchimento do inquérito, estruturado para resposta on-line, foi feito por e-mail dirigido às escolas em Junho de 2007, ou seja, no final do ano lectivo. A resposta foi assegurada pelo professor de contacto para o PNL em cada escola, ao qual foi solicitada a prévia recolha, junto dos colegas, dos dados e informações objecto de inquirição.

Nesta primeira edição de teste respondeu uma proporção muito significativa de escolas: 2699, o que corresponde a uma taxa de resposta de 35,6%.

Quadro 3.1
Inquérito às Escolas: população e amostra

Região	População	%	Amostra	%
Alentejo	505	6,7	203	7,5
Algarve	242	3,2	92	3,4
Centro	1856	24,5	696	25,8
Lisboa	1839	24,3	686	25,4
Norte	3124	41,3	1022	37,9
<i>Total</i>	7567	100,0	2699	100,0
Tipologia				
EB1	3415	45,1	1198	44,4
EB1,2	3	0,0	1	0,0
EB1/JI	1158	15,3	415	15,4
EB2	19	0,3	7	0,3
EB2,3	539	7,1	258	9,6
EB2,3/ES	67	0,9	31	1,1
EBI	65	0,9	30	1,1
EBI/JI	29	0,4	10	0,4
EBM	1	0,0	1	0,0
ES/EB3	3	0,0	5	0,2
ESA	1	0,0	0	0,0
JI	2098	27,7	696	25,8
Outra	169	2,2	46	1,7
<i>Total</i>	7567	100,0	2698	100,0
Privado/Público				
Privado	126	1,7	36	1,3
Público	7440	98,3	2663	98,7
<i>Total</i>	7566	100,0	2699	100,0
Pertença à Rede de Bibliotecas Escolares (RBE)				
Pertence à RBE	1918	25,3	865	32,0
Não pertence à RBE	5648	74,7	1834	68,0
<i>Total</i>	7566	100,0	2699	100,0

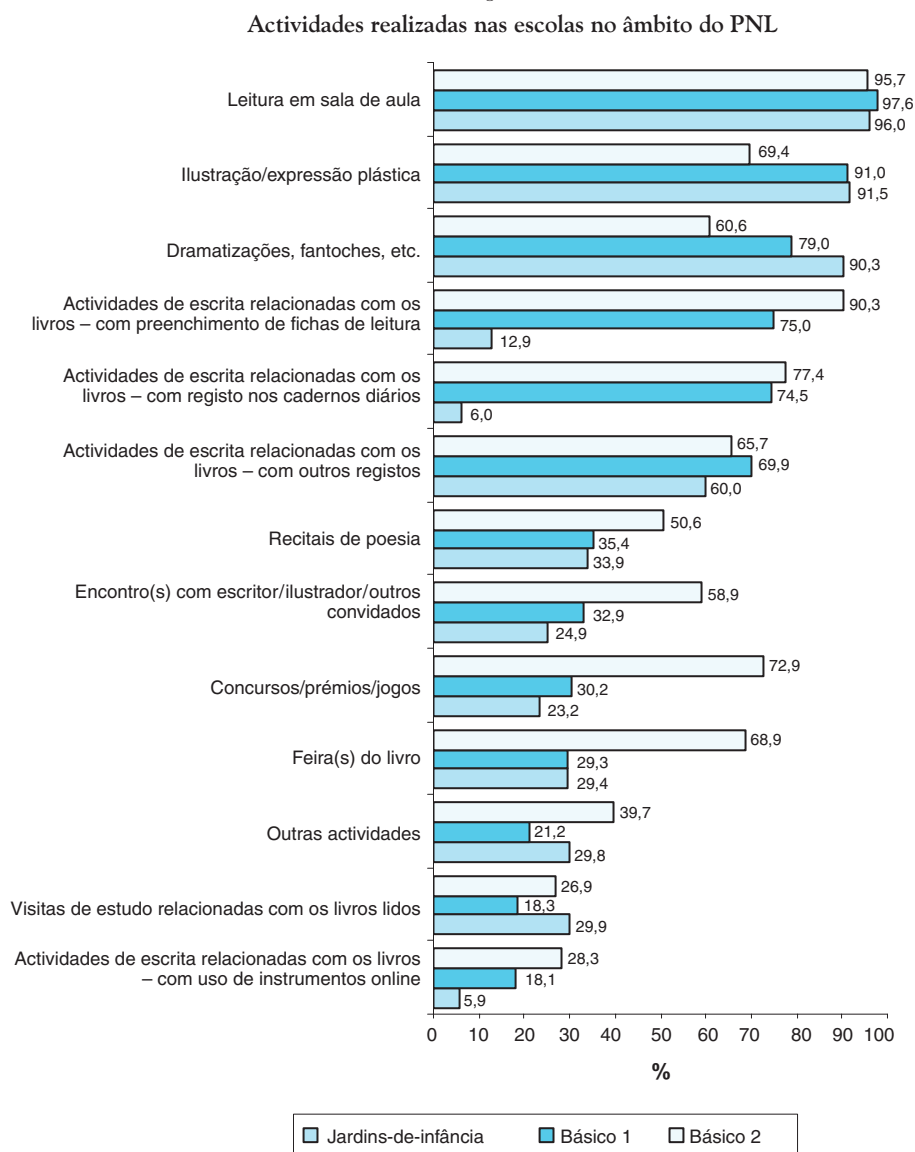
Fonte: CIES-ISCTE, Avaliação do PNL, Inquérito às Escolas, 2007.

As escolas inquiridas apresentam uma distribuição, segundo as principais variáveis de caracterização, muito semelhante à do universo (Quadro 3.1). Seja quanto à distribuição regional, à tipologia de escola, ou mesmo à natureza da escola (público/privado), observam-se apenas pequenos desvios em algumas categorias, os quais não comprometem a adequada representação das principais variáveis. O único aspecto a assinalar tem a ver com as escolas pertencentes à RBE, com um peso ligeiramente mais elevado na amostra.

Actividades realizadas

Um dos principais objectivos deste inquérito é conhecer as actividades desenvolvidas pelas escolas, no âmbito do Plano Nacional de Leitura.

Figura 3.1



Fonte: CIES-ISCTE, Avaliação do PNL, Inquérito às Escolas, 2007.

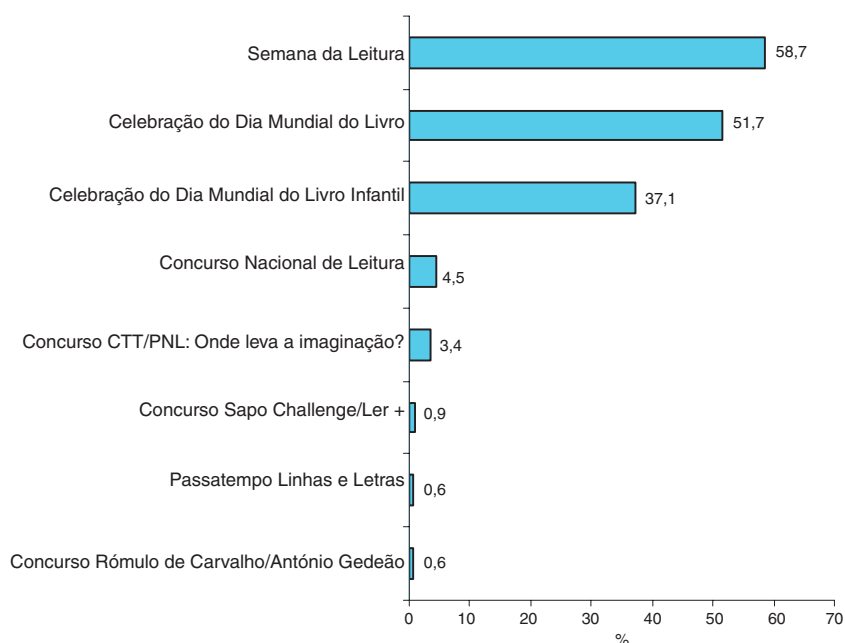
Os resultados mostram que, no decorrer no ano lectivo 2006/2007, praticamente todas as escolas realizaram actividades relacionadas com o Plano, com particular destaque para a leitura em sala de aula que, nos níveis de ensino em análise (jardim-de-infância, básico 1 e básico 2), abrangeu mais de 95% das escolas (Figura 3.1).

Além da leitura em sala de aula, outras actividades surgem com forte expressão. A nível dos jardins-de-infância e do 1.º ciclo, quase todas as escolas declararam ter realizado actividades como a ilustração / expressão plástica e as dramatizações. As práticas de escrita relacionadas com os livros são pouco expressivas nos jardins-de-infância, mas a sua presença aumenta substancialmente no 1.º ciclo e, sobretudo, no 2.º ciclo. Neste nível de ensino, a maioria das escolas organizou ainda outro tipo de actividades, como concursos e outros jogos, feiras do livro e encontros com escritores e outros convidados.

O âmbito em que se inserem as várias actividades é predominantemente lectivo, especialmente no caso nos jardins-de-infância. No básico 1 e, de forma ainda mais marcada, no básico 2, outros tempos da vida escolar são utilizados para a concretização de acções relacionadas com o PNL, nomeadamente outras actividades curriculares e mesmo não curriculares. Exemplos disso mesmo são as feiras do livro e os concursos / jogos (básico 2), ou a leitura em sala de aula (básico 1 e básico 2) (Anexo I, Quadro 10).

Figura 3.2

Participação das escolas em actividades desenvolvidas no âmbito do PNL



Fonte: CIES-ISCTE, Avaliação do PNL, Inquérito às Escolas, 2007.

Ao longo do ano lectivo as escolas puderam ainda participar em actividades específicas dirigidas à promoção da leitura. A adesão a algumas dessas iniciativas foi bastante significativa, tendo quase 60% participado na Semana da Leitura, 52% celebrado o Dia Mundial do Livro e 37% o Dia Mundial do Livro Infantil (Figura 3.2).

Relativamente ao número de turmas abrangidas pelas actividades, os resultados revelam alguma variabilidade. De destacar, antes de mais, o facto de mais de 90% das escolas terem declarado que a leitura em sala de aula envolveu todas as turmas (Quadro 3.2). Está-se, assim, perante uma actividade

com forte implementação nas escolas e que, no ano lectivo em análise, abrangeu a quase totalidade dos alunos. Outras actividades terão registado uma menor abrangência. É o caso das visitas de estudo, dos recitais de poesia e das dramatizações que envolveram, numa elevada percentagem de escolas, especialmente no 2.º ciclo, menos de metade das turmas (Anexo I, Quadro 9).

Quadro 3.2

Leitura em sala de aula: número de turmas abrangidas e frequência da actividade

% em coluna	Jardins-de-Infância	1.º Ciclo	2.º Ciclo
N.º de turmas abrangidas			
Todas as turmas	99,1	95,9	91,8
Mais de metade	0,8	3,4	7,0
Menos de metade	0,1	0,7	1,2
Frequência da leitura			
Diária	65,0	36,0	10,0
Bisemanal	11,4	15,3	9,1
Semanal	16,3	36,9	62,4
Quinzenal	3,0	5,4	10,6
Esporádica	4,3	6,4	7,9

Fonte: CIES-ISCTE, Avaliação do PNL, Inquérito às Escolas, 2007.

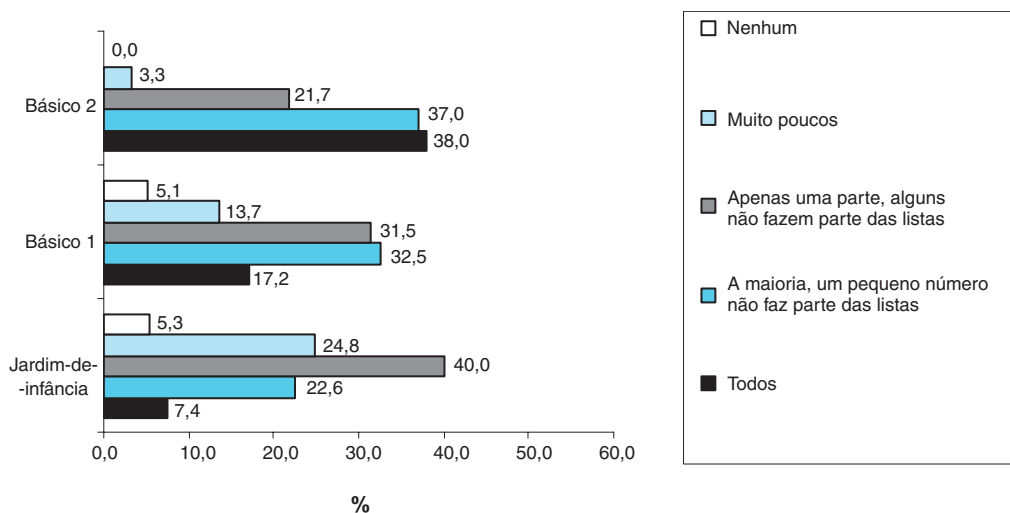
Ainda a propósito da leitura em sala de aula, importa referir que, na grande maioria das escolas, esta ocorreu pelo menos semanalmente (Quadro 3.2). Enquanto em muitos jardins-de-infância se tratou mesmo de uma actividade diária (65%), as escolas do 1.º ciclo apresentaram uma prática diversificada (36% fizeram leitura diária, 15,4% bissemanal, e 36,9% semanal) e as escolas do 2.º ciclo optaram, na sua maioria (62,4%), pela leitura semanal.

O número de livros lidos foi relativamente elevado, decrescendo à medida que se avança no nível de ensino: mais de 20 livros em quase metade das salas dos jardins-de-infância, entre 4 e 9 livros em 41% das turmas do 1.º ciclo, e entre 1 e 3 livros em 52% das turmas das escolas de 2.º ciclo (valores modais) (Anexo I, Quadro 13).

Praticamente todas as escolas recorreram às listas de livros disponibilizadas pelo PNL. Na grande maioria dos casos, essas listas serviram de base à selecção de pelo menos uma parte das obras lidas em sala de aula. Mesmo assim, é de destacar a maior utilização das listas de livros no básico 2, nível em que 75% das escolas as tomaram como referência para a maioria, ou mesmo para a totalidade, das escolhas feitas (Figura 3.3).

Figura 3.3

Utilização dos livros recomendados pelo PNL na leitura em sala de aula



Fonte: CIES-ISCTE, Avaliação do PNL, Inquérito às Escolas, 2007.

De um modo geral, a opinião das escolas sobre a adequação dos livros propostos é unânime: 88% dos jardins-de-infância, 95%, das escolas com 1.º ciclo e 96% das escolas com 2.º ciclo consideram que os livros recomendados são adequados ou mesmo muito adequados (Anexo I, Quadro 15).

Participação de professores, outros agentes educativos e alunos

Em 86% das escolas a maioria dos professores e educadores esteve envolvida nas actividades do Plano Nacional de Leitura (Quadro 3.3), com especial destaque para os professores de português no caso das escolas do 2.º ciclo. Essa participação foi considerada forte, ou mesmo muito forte, em mais de 75% das escolas (Anexo I, Quadro 26).

Além dos professores, registou-se o envolvimento de outros agentes na organização e dinamização das actividades, nomeadamente dos responsáveis das bibliotecas escolares (em 41% das escolas), de outros funcionários (30%) e, em algumas escolas, também dos pais (28%) (Quadro 3.3).

Quadro 3.3
Agentes envolvidos nas actividades do PNL

Actividades do PNL em que estiveram envolvidos professores e educadores	(% coluna)
Todas ou a maioria	85,7
Uma parte considerável	9,9
Apenas uma minoria	4,3
Agentes responsáveis pela dinamização das actividades	(% “Sim”)
Professores	96,1
Responsável da Biblioteca Escolar	40,8
Conselho Executivo / Directivo	27,1
Outros funcionários da escola	29,8
Pais	28,0

Fonte: CIES-ISCTE, Avaliação do PNL, Inquérito às Escolas, 2007.

Relativamente à participação dos pais, refira-se que, segundo a informação apurada, esta foi prevista na maioria das escolas, para pelo menos uma parte das actividades. Mas esse envolvimento foi requerido de forma mais acentuada nos jardins-de-infância, decrescendo no básico 1 e ainda mais no básico 2: neste último nível, apenas 16,4% das escolas declararam que todas ou uma parte considerável das actividades desenvolvidas requereram a participação dos pais, face a 44% dos jardins-de-infância. De registar ainda que foi nos jardins-de-infância que essa participação tendeu a ser avaliada de forma mais positiva (Anexo I, Quadros 30 e 31).

Quadro 3.4
Adesão dos alunos às actividades

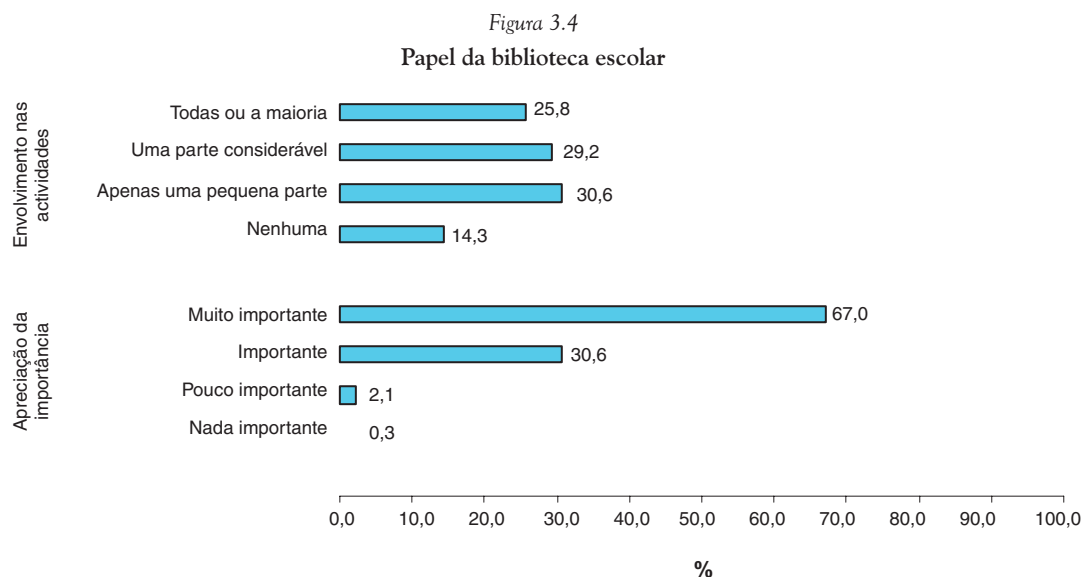
% em coluna	Jardins-de-Infância	1.º Ciclo	2.º Ciclo
Muito forte	42,2	34,9	24,3
Forte	48,0	51,1	58,4
Razoável	9,1	12,4	16,8
Fraca	0,6	1,6	0,6

Fonte: CIES-ISCTE, Avaliação do PNL, Inquérito às Escolas, 2007.

Quanto à adesão dos alunos às actividades propostas, esta foi entendida como forte, ou mesmo muito forte, nos vários níveis de ensino (90% nos jardins-de-infância, 86% no 1.º ciclo e 83% no 2.º ciclo), o que indicia uma boa recepção do PNL e das acções propostas junto do público-alvo a que este se dirigiu no ano em análise (Quadro 3.4).

Entidades envolvidas

As bibliotecas escolares tiveram um papel destacado nas actividades realizadas. Mesmo assim, o grau de envolvimento terá sido variável: 31% das escolas afirmam que abrangeu uma pequena parte das actividades, 29% uma parte considerável e 26% a maioria ou mesmo todas as actividades (Figura 3.4).



Fonte: CIES-ISCTE, Avaliação do PNL, Inquérito às Escolas, 2007.

A importância da participação das bibliotecas escolares nas actividades promovidas nas escolas é amplamente reconhecida: 98% das escolas atribuem-lhe um carácter importante ou mesmo muito importante (Figura 3.4).

Mais reduzido terá sido o envolvimento das bibliotecas municipais, ainda assim mencionado por 56% das escolas e avaliado como sendo importante, ou muito importante, em cerca de 88% delas. O apoio prestado pelas autarquias às escolas neste primeiro ano do PNL foi considerado razoável, ou forte, por 41% das escolas (Anexo I, Quadros 20 e 21).

Percepção de resultados e impactes

Uma das vertentes consideradas na avaliação do PNL tem a ver com os possíveis resultados e impactes ao nível da promoção das práticas de leitura e das competências de literacia.

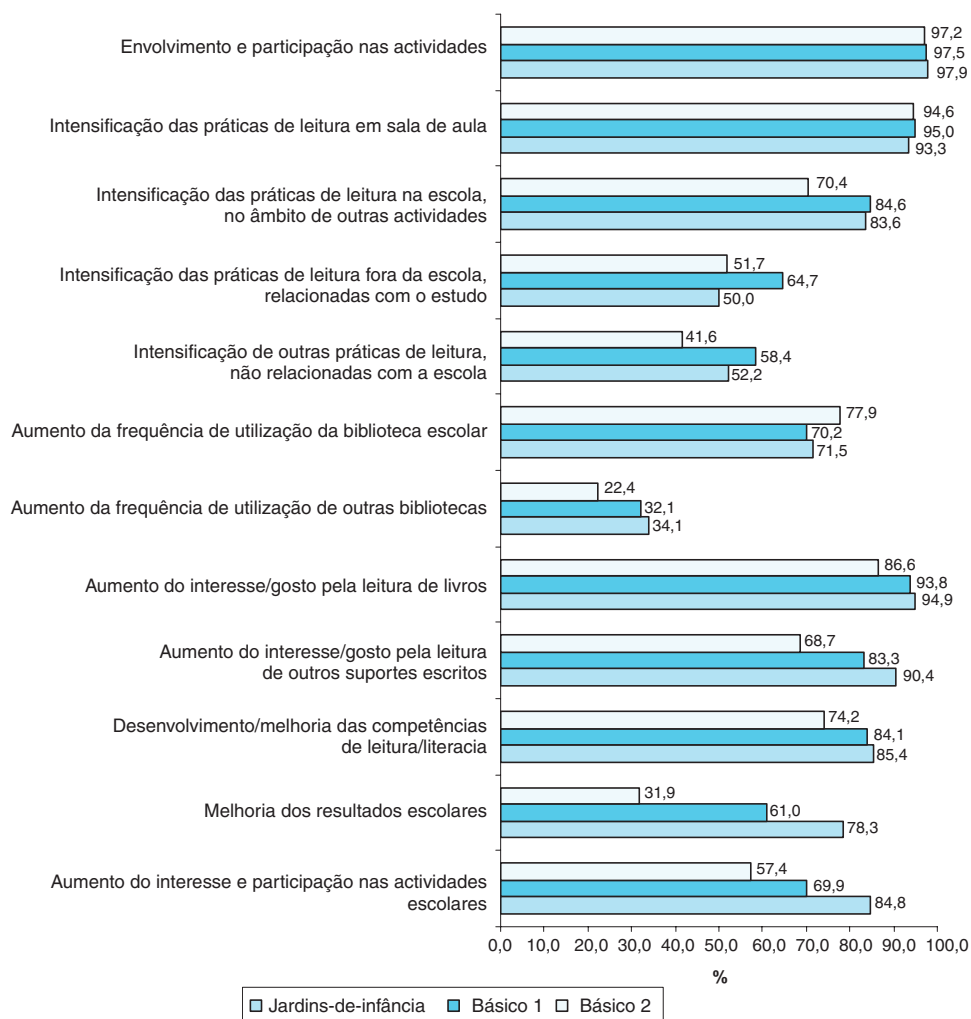
As respostas ao inquérito indiciam uma percepção muito favorável desses impactes nos alunos, a diferentes níveis (Figura 3.5). A forte adesão e envolvimento nas actividades desenvolvidas (atrás já

destacados) ter-se-ão traduzido no incremento das práticas de leitura, especialmente no âmbito da sala de aula, mas também noutros tempos e espaços da vida escolar.

Menos expressivo, mas ainda assim significativo, parece ter sido o aumento das práticas de leitura para além do contexto escolar. Segundo os professores inquiridos, também o interesse e o gosto pela leitura, assim como as competências neste domínio, terão sido reforçados. Ainda a este propósito, refira-se que questionadas as escolas especificamente sobre os progressos dos alunos no domínio da leitura, 70% das respostas indicam que os professores notaram melhorias, pelo menos parciais (Anexo I, Quadro 43).

Figura 3.5

Percepção dos efeitos, nos alunos, das actividades desenvolvidas



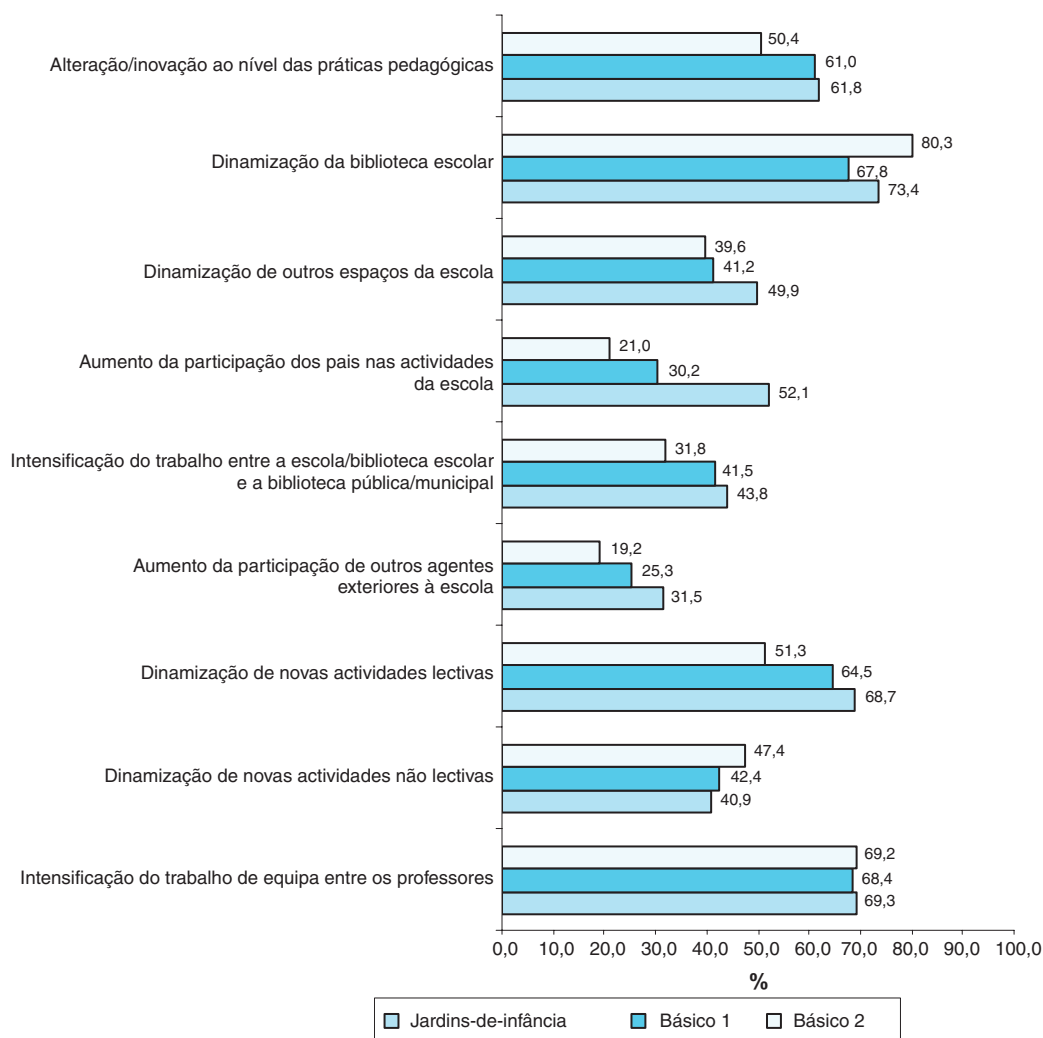
Nota: Percentagem de respostas a “muito significativo” + “bastante significativo”.

Fonte: CIES-ISCTE, Avaliação do PNL, Inquérito às Escolas, 2007.

Retomando a análise global dos efeitos das actividades desenvolvidas no que aos alunos diz respeito, e atendendo aos resultados por nível de ensino, é de salientar que, apesar da proximidade das respostas obtidas, parece existir em muitos dos indicadores uma percepção ligeiramente menos favorável dos resultados e impactes nos alunos do básico 2 (Figura 3.5).

Figura 3.6

Percepção dos efeitos das actividades desenvolvidas nos professores e na relação da escola com outros agentes



Nota: % de respostas a “muito significativo” + “bastante significativo”.

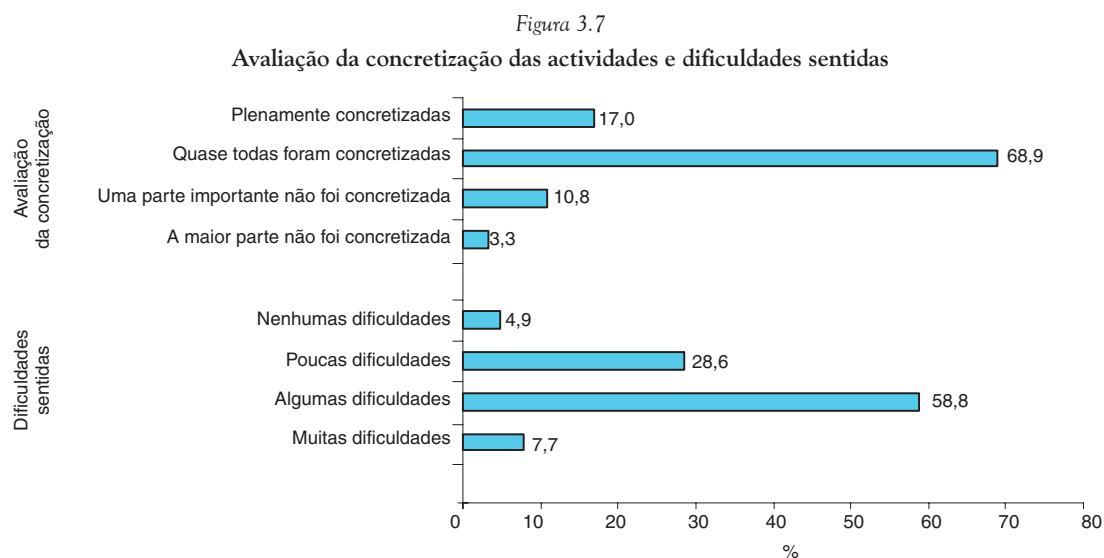
Fonte: CIES-ISCTE, Avaliação do PNL, Inquérito às Escolas, 2007.

Os impactes das actividades desenvolvidas não se limitam aos alunos. Os resultados deste inquérito revelam também uma percepção muito favorável dos efeitos do PNL, no ano lectivo em análise, no que concerne à intensificação do trabalho em equipa entre os professores, à alteração das práticas pedagógicas e à dinamização de novas actividades lectivas, estas duas sobretudo nos jardins-

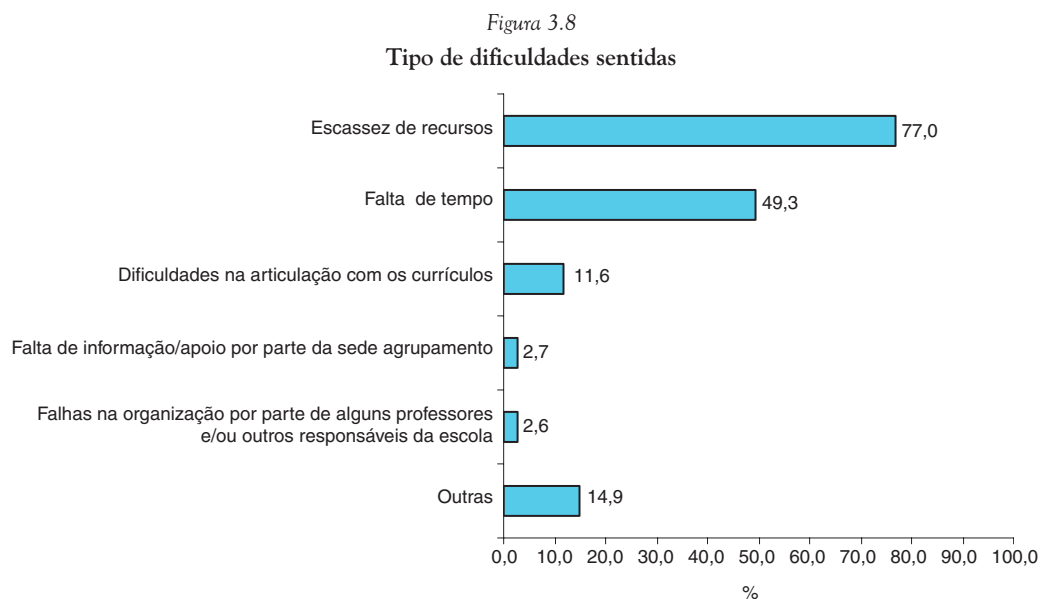
de-infância e básico 1 (Figura 3.6). A dinamização de outros espaços da escola, em particular da biblioteca escolar, foi também considerada bastante significativa. Também o aumento da participação dos pais nas actividades da escola foi referido, sobretudo nos jardins-de-infância.

Grau de concretização das actividades e dificuldades sentidas

O balanço que as escolas fazem do primeiro ano de vigência do Plano é claramente positivo, desde logo porque este terá possibilitado, segundo 83% das respostas, o reforço das actividades de promoção da leitura (Anexo I, Quadro 41).



Fonte: CIES-ISCTE, Avaliação do PNL, Inquérito às Escolas, 2007.



Fonte: CIES-ISCTE, Avaliação do PNL, Inquérito às Escolas, 2007.

Solicitadas avaliar o grau de concretização das actividades, 86% das escolas declararam que as actividades planeadas foram quase todas concretizadas, ou mesmo plenamente concretizadas. Ainda assim, 2/3 afirmaram ter sentido dificuldades consideráveis (Figura 3.7).

As principais dificuldades, neste primeiro ano, terão sido o tempo e os recursos disponíveis, estes últimos vistos como escassos por 77% das escolas (Figura 3.8).

Opinião das escolas sobre o PNL

Praticamente todas as escolas inquiridas (98,7%) declararam que consideram importante o lançamento do Plano (Anexo I, Quadro 52).

Quanto às orientações e propostas do PNL para as actividades a desenvolver a opinião recolhida foi também muito favorável. Estas foram, de um modo geral, consideradas totalmente, ou em grande parte, ajustadas às necessidades de promoção da leitura entre crianças e jovens (98%), exequíveis em sala de aula (98%), foram bem acolhidas pelos professores (98%) e representaram mesmo um avanço na promoção da leitura (97%) (Anexo I, Quadro 53).

Finalmente, relativamente à avaliação do acompanhamento prestado por parte do PNL, as escolas entendem que as informações e orientações dadas foram estimulantes (75%), claras (84%), suficientes (71%) e atempadas (54%) (Anexo I, Quadro 44).

Em suma, tendo em conta a opinião das escolas inquiridas, o balanço da actividade do PNL nas escolas neste primeiro ano é claramente positivo. Apesar de alguns problemas e dificuldades sentidas, o envolvimento dos vários actores no processo é significativo e os impactes das diversas actividades realizadas, nos alunos dos jardins-de-infância ao básico 2, terão já começado a fazer-se sentir.

4. ESTUDOS DE CASO: O QUE MOSTRAM AS VISITAS AOS LOCAIS

Contactos com o PNL no terreno

A realização de um conjunto diversificado de estudos de caso permitiu a captação directa do modo como o PNL estava a ser concretizado e experimentado no terreno, por parte das principais entidades nele envolvidas, no decurso do primeiro ano do Plano.

Foram efectuados 46 estudos de caso, em diversos pontos do país, junto de 17 escolas (sobretudo jardins-de-infância e escolas de 1.º e 2.º ciclos), 14 bibliotecas escolares, 7 bibliotecas públicas e 8 câmaras municipais. O Quadro 4.1 lista as entidades que foram objecto de estudos de caso.

Estes estudos de caso foram concretizados através de visitas prolongadas, e por vezes repetidas, às referidas entidades, ao longo do primeiro semestre de 2007.

As visitas incluíram a realização de entrevistas, individuais e de grupo, a professores de contacto com o PNL nas escolas, a outros professores e educadores, a professores coordenadores de bibliotecas escolares e a funcionários auxiliares destas bibliotecas, a bibliotecários responsáveis e outros técnicos de bibliotecas públicas, a vereadores e quadros superiores de câmaras municipais. Incluíram igualmente procedimentos de observação directa e recolha documental, aplicados nas escolas (salas de aulas, espaços comuns), nas bibliotecas escolares e nas bibliotecas públicas. No Anexo III estão incluídos os principais instrumentos metodológicos usados nos estudos de caso: planos de visita, guiões de entrevista e protocolos de observação.

Conseguiu-se, deste modo, obter informação pormenorizada e contextualizada acerca da maneira como o Plano estava a ser visto e protagonizado pelos actores sociais mais directamente ligados ao seu desenvolvimento concreto a nível local.

Foram entrevistadas 125 pessoas, sobretudo individualmente mas por vezes também em pequenos grupos: 84 em escolas (17 professores de contacto com o PNL nas escolas e 67 outros professores ou educadores), 19 em bibliotecas escolares (14 coordenadores de BE e 5 auxiliares), 9 em bibliotecas públicas (7 bibliotecários responsáveis e 2 técnicos) e 13 em câmaras municipais (4 vereadores e 9 quadros superiores).

Quadro 4.1
Identificação dos estudos de caso

Concelho	Tipo de Caso	Entidade	Entrevistas
Matosinhos	Escola	EB 2,3 de Leça da Palmeira	Professora de contacto com o PNL; 10 Professoras (7 da escola e 3 de outras escolas do agrupamento)
	Biblioteca Escolar	Biblioteca Escolar da EB 2,3 de Leça da Palmeira	Coordenadora da BE; Auxiliar da BE
	Biblioteca Pública	Biblioteca Municipal Florbela Espanca	Bibliotecária Responsável
	Câmara Municipal	Câmara Municipal de Matosinhos	Vereador da Cultura
Porto	Escola	EB 1/JI da Torrinha	Professor de contacto com o PNL; 2 Professoras - 1.º ciclo; Educadora - JI
	Biblioteca Escolar	Biblioteca Escolar da EB 1/JI da Torrinha	Coordenadora da BE
	Câmara Municipal	Câmara Municipal do Porto	Directora do Departamento Municipal de Bibliotecas; Chefe da Divisão Municipal da Rede de Leitura; Bibliotecária Responsável da BM Almeida Garrett; Directora do Departamento Municipal de Educação e Juventude; Chefe da Divisão Municipal de Promoção da Infância e Juventude; Técnica da Divisão Municipal de Promoção da Infância e Juventude
Santa Maria da Feira	Escola	EB1 de Santo António (Rio Meão)	Professora de contacto com o PNL; 3 Professoras - 1.º ciclo
	Biblioteca Escolar	Biblioteca Escolar da EB 1 de Santo António (Rio Meão)	Coordenadora da BE
	Biblioteca Pública	Biblioteca Municipal de Santa Maria da Feira	Bibliotecária Responsável; Responsável do Núcleo Pedagógico da BM/Técnica de Animação Cultural
	Câmara Municipal	Câmara Municipal de Santa Maria da Feira	Vereador da Educação, Cultura, Desporto e Juventude; Adjunta do Vereador

(continua)

(continuação)

Concelho	Tipo de Caso	Entidade	Entrevistas
Fundão	Escola	EB 2,3 Serra da Gardunha	Professor de contacto com o PNL; 6 Professores
	Biblioteca Escolar	Biblioteca Escolar da EB 2,3 Serra da Gardunha	Coordenador da BE; Auxiliar da BE
	Biblioteca Pública	Biblioteca Municipal Eugénio de Andrade	Bibliotecária Responsável
	Câmara Municipal	Câmara Municipal do Fundão	Vereador da Cultura
Sintra	Escola	EB 1 n.º 3 do Cacém	Professora de contacto com o PNL; 10 Professoras
	Biblioteca Escolar	Biblioteca Escolar da EB 1 n.º 3 do Cacém	Coordenadora da BE
Oeiras	Escola	EB 1 Sofia de Carvalho	Professora de contacto com o PNL; 10 Professoras
	Biblioteca Escolar	Biblioteca Escolar da EB 1 Sofia de Carvalho	Coordenadora da BE
	Biblioteca Pública	Biblioteca Municipal de Oeiras	Bibliotecário Responsável
Lisboa	Escola	EB 1/JI Vasco da Gama	Professor de contacto com o PNL; Educadora - JI; Professora - 1.º ciclo Professora - 2.º ciclo
	Biblioteca Escolar	Biblioteca Escolar da EB 1/JI Vasco da Gama	Coordenador da BE
	Escola	Colégio Moderno	Professora de contacto com o PNL; Professora - 1.º ciclo Professora - 2.º ciclo; Coordenador do Departamento de Português
	Escola	EB 1 do concelho de Lisboa (esta escola solicitou não ser identificada)	Professora de contacto com o PNL; 2 Professoras - 1.º ciclo
	Escola	Externato "O Casulo" (JI e 1.º ciclo)	Professora de contacto com o PNL; Professora - 1.º ciclo
	Escola	EB 2,3 Francisco de Arruda	Professora de contacto com o PNL; 2 Professores - 2.º ciclo
	Biblioteca Escolar	Biblioteca Escolar da EB 2,3 Francisco de Arruda	Coordenadora da BE; Auxiliar da BE
	Escola	EB 3/S Luísa de Gusmão	Professora de contacto com o PNL; Professor - 3.º ciclo; Professor - Secundário
Biblioteca Escolar	Biblioteca Escolar da EB 3/S Luísa de Gusmão	Coordenadora da BE; Auxiliar da BE	

(continua)

(continuação)

Concelho	Tipo de Caso	Entidade	Entrevistas
Loures	Escola	Escola EB1/JI de Santo António dos Cavaleiros	Professora de contacto com o PNL; 2 Professores - 1.º ciclo; Educadora - JI
	Biblioteca Escolar	Biblioteca Escolar da EB1/JI de Santo António dos Cavaleiros	Coordenadora da BE
	Biblioteca Pública	Biblioteca Municipal José Saramago	Bibliotecária Responsável
	Câmara Municipal	Câmara Municipal de Loures	Directora do Departamento Sócio-Cultural
Setúbal	Escola	EB 1/JI de Arcos	Professora de contacto com o PNL; 2 Professoras - 1.º ciclo; Educadora - JI
	Biblioteca Escolar	Biblioteca Escolar da EB 1/JI de Arcos	Coordenadora da BE
	Câmara Municipal	Câmara Municipal de Setúbal	Responsável do SABE
Évora	Escola	EB 2,3 André de Resende	Professora de contacto com o PNL; 2 Professores - 2.º ciclo
	Biblioteca Escolar	Biblioteca Escolar da EB 2,3 André de Resende	Coordenadora da BE; Auxiliar da BE
	Biblioteca Pública	Biblioteca Pública de Évora	Bibliotecário Responsável
	Câmara Municipal	Câmara Municipal de Évora	Vereadora da Educação
Beja	Escola	EB 1/JI n.º 1 de Beja	Professora de contacto com o PNL; Responsável do Conselho Executivo; 2 Professoras - 1.º ciclo; Educadora - JI
	Biblioteca Escolar	Biblioteca Escolar da EB 1/JI n.º 1 de Beja	Coordenadora da BE
	Biblioteca Pública	Biblioteca Municipal José Saramago	Bibliotecário Responsável; Responsável do SABE
Loulé	Escola	EBI de Salir	Professora de contacto com o PNL Educadora - JI Professora - 1.º ciclo
	Biblioteca Escolar	Biblioteca Escolar da EBI de Salir	Coordenadora da BE
	Câmara Municipal	Câmara Municipal de Loulé	Director Municipal

Os depoimentos destes actores sociais constituem elementos de avaliação particularmente importantes, traduzindo as perspectivas sobre o PNL de quem trabalha nas escolas, bibliotecas escolares, bibliotecas públicas e câmaras municipais, tal como essas perspectivas puderam ser recolhidas, de maneira aprofundada e reflexiva, no contexto directo da actividade desses actores sociais e do seu envolvimento no Plano.

Os estudos de caso pormenorizados, incluindo registos relativos a todas as dimensões de análise e transcrições ilustrativas das passagens mais significativas das entrevistas, encontram-se no Anexo III.

De seguida, sintetizam-se os principais denominadores comuns e os traços mais salientes encontrados nesses depoimentos.

Escolas e Bibliotecas Escolares

Numa perspectiva de conjunto, estes estudos de caso permitiram verificar que nas escolas e bibliotecas escolares a opinião geral acerca do PNL é bastante positiva.

Foi muito sublinhada a importância de ser lançada uma iniciativa deste género num país com reconhecidas carências de leitura e literacia.

No plano da actividade escolar relativa à leitura, foram destacados aspectos como os de o PNL:

- ter proporcionado a aquisição de livros e ter possibilitado a sua presença alargada nas salas de aula, o contacto físico dos alunos com eles e a leitura orientada;
- ter incentivado uma maior organização e formalização das práticas de leitura realizadas na escola, as quais tendiam antes a ser menos intensas e a estar mais dispersas;
- ter consolidado e difundido boas práticas já anteriormente desenvolvidas por algumas escolas e alguns professores;
- ter implicado maior responsabilização dos professores e suscitado maior criatividade e dinamismo nas escolas.

Complementarmente, as listas de livros sugeridas pelo PNL foram, de um modo geral, julgadas úteis para professores e pais, nomeadamente para a orientação das leituras, para a descoberta de obras e, mesmo, para os contactos com editoras.

Foi também referido ter o Plano estimulado maior colaboração entre professores e maior articulação entre áreas disciplinares, assim como ter tido repercussões positivas em actividades como o estudo acompanhado, a área de projecto e as aulas de substituição.

Outros dois aspectos mereceram sublinhado especial nas perspectivas sobre o PNL expressas pelos diversos actores sociais ouvidos pormenorizadamente no decurso dos estudos de caso.

Esses aspectos em destaque são os seguintes:

- o papel crucial das bibliotecas escolares (BE) e da Rede de Bibliotecas Escolares (RBE) no desenvolvimento do PNL nas escolas;
- o efeito de atenção pública e legitimação social que o Plano veio trazer à leitura e à literacia, e às actividades desenvolvidas na respectiva promoção.

O primeiro ponto diz respeito às condições internas de geração e sustentação das actividades do PNL na esfera escolar (suporte organizacional).

O segundo ponto tem a ver com as condições externas, isto é, com a criação de um clima social mais favorável ao reconhecimento da importância da leitura e da literacia, e, por conseguinte, mais propício às actividades prosseguidas a esse respeito (envolvente social).

São, pois, dois aspectos que se situam em planos distintos, mas que foram ambos objecto de referência generalizada e atribuição de importância elevada na avaliação destes actores sociais sobre o Plano.

A relação previamente existente de professores e alunos com as bibliotecas escolares, considerada em geral bastante positiva, foi referida como um elemento favorável ao desenvolvimento do PNL nas escolas.

Além disso, nas entrevistas foi salientado o papel dos coordenadores das bibliotecas escolares na promoção e organização das actividades do Plano, assim como o conjunto de apoios a essas actividades proporcionado pela estrutura e pelos técnicos da Rede de Bibliotecas Escolares.

Pelo seu lado, o próprio PNL contribuiu para o reforço das bibliotecas escolares e das relações de professores e alunos com elas, segundo a apreciação de parte considerável dos entrevistados.

Também mereceram referências positivas as colaborações das bibliotecas públicas municipais, designadamente dos seus serviços de apoio às bibliotecas escolares (SABE). Foram observados, em geral, um incremento e uma consolidação de relações pré-existentes.

Num outro plano, como se referiu, foi considerado particularmente importante, praticamente por todos os entrevistados, o facto de o PNL ter proporcionado maior visibilidade e atenção pública à leitura e maior legitimidade à sua promoção.

Importa sublinhar o destaque dado pelos diversos interlocutores dos estudos de caso a este aspecto na sua apreciação do Plano. Segundo eles, o PNL veio aumentar o interesse público pela leitura e a literacia, o sentimento social da sua relevância nos dias de hoje, a valorização das actividades e dos agentes da sua promoção, e até mesmo, em certa medida, a disponibilidade de participação nessas actividades.

Em conexão com este aspecto de visibilidade e aceitação pública, a marca *Ler⁺* foi referida muito apreciativamente.

Em termos de concepção, foi julgado positivo que o PNL:

- se tivesse posicionado em continuidade com algumas boas práticas já antes desenvolvidas em algumas escolas e por alguns professores;
- procurasse fornecer meios e informação que ajudassem ao reforço e generalização dessas boas práticas;
- tivesse colocado no cerne das suas actividades a leitura orientada em sala de aula.

Os professores consideram, em geral, que a leitura orientada em sala de aula pode, efectivamente, melhorar tanto as competências de leitura dos alunos como a sua relação afectiva com os livros e o seu interesse por eles.

Foram ainda valorizadas muito positivamente realizações como a *Semana da Leitura*, instrumentos como o sítio electrónico do PNL e, mesmo, as visitas de avaliação.

Aspectos menos positivos apontados por alguns professores incluem referências:

- a atrasos na comunicação de iniciativas;
- à não inclusão de algumas escolas nos apoios financeiros;
- a dificuldades na gestão dos tempos de leitura;
- a uma utilização do sítio electrónico do PNL pouco generalizada entre professores (só praticada em muitos casos pelo professor de contacto com o PNL);
- à articulação por vezes limitada entre escolas a nível de agrupamento;
- a uma certa instabilidade ou insuficiência dos recursos humanos de parte das bibliotecas escolares.

Também surgiram algumas críticas às listas de livros sugeridos no sítio electrónico do PNL: não tanto à existência das listas, cuja utilidade foi reconhecida generalizadamente, mas à presença ou ausência de certos títulos em concreto (aludindo-se, por vezes, à preferência por outros critérios).

Em várias escolas, alguns professores fizeram questão de salientar que já desenvolviam antes actividades de promoção da leitura de algum modo análogas às sugeridas pelo PNL. A essa observação vinha associado um sentido valorativo de algum modo ambivalente relativamente ao Plano.

Por um lado, poderia sugerir implicitamente alguma redundância ou mesmo inutilidade do PNL, face a professores que já faziam o que haveria de essencial a fazer no domínio da leitura. Mas, mesmo nesses casos, eram apontados aspectos positivos ao Plano; no mínimo, aspectos como o apoio financeiro à aquisição de livros ou como a criação de um clima social amplo mais favorável à leitura.

Por outro lado, e em sentido valorativo contrário, a referida observação poderia sugerir o apreço pelo facto de o Plano se ter inspirado em boas práticas desenvolvidas anteriormente com êxito por alguns professores e algumas escolas. Em muitos casos, efectivamente, essa linha de continuidade, reforço e alargamento relativamente a boas práticas já antes experimentadas foi considerada de maneira muito positiva.

Tal aprovação vinha frequentemente acompanhada de referências bastante favoráveis relativamente ao facto de, deste ponto de vista, o Plano representar uma perspectiva de consolidação, difusão e potenciação dessas boas práticas. Vinha muitas vezes acompanhada, igualmente, da menção a outros aspectos em geral considerados positivos no Plano, nomeadamente os apoios financeiros, as sugestões disponibilizadas (no sítio electrónico), os eventos (como a *Semana da Leitura*) ou a contribuição para um ambiente social mais atento à leitura e interessado na sua promoção.

Finalmente, do ponto de vista das recomendações, a que mais se destacou foi, sem dúvida, a de dar continuidade a este tipo de planos, programas e acções – continuidade a que é atribuída, de maneira generalizada, uma importância decisiva.

Bibliotecas Públicas e Câmaras Municipais

Nos contactos com as bibliotecas públicas e as câmaras municipais encontrou-se a mesma sintonia generalizada com os objectivos e a oportunidade do PNL.

Também para os entrevistados nestes contextos, como para os das escolas e bibliotecas escolares, essa oportunidade do Plano, e a sua importância, encontram especial justificação nos baixos níveis de leitura e literacia do país.

A prioridade dada pelo PNL aos mais jovens e às escolas merecem também aprovação por parte dos agentes contactados nestes estudos de caso.

Do mesmo modo, foi por eles destacado como muito positivo o efeito de visibilidade e legitimação públicas relativamente à leitura trazido pelo Plano.

Tanto as bibliotecas públicas como as câmaras municipais declaram-se empenhadas na promoção da leitura.

As bibliotecas públicas sentem, em vários casos, que poderiam ter sido mais directamente associadas ao PNL.

Salientam que desenvolvem habitualmente iniciativas de promoção da leitura e de colaboração com as escolas. O seu maior envolvimento no Plano poderia talvez traduzir-se em maior inovação e coordenação de esforços.

Consideram que poderiam ser ajudadas a utilizar instrumentos mais adequados de avaliação das actividades que desenvolvem e dos seus impactos nos níveis de literacia e nas práticas de leitura da população.

Apelam a que os apoios financeiros das câmaras municipais à leitura nas escolas, estabelecidos nos protocolos entre estas e o PNL, não tenham como contrapartida a redução do financiamento às bibliotecas públicas. Em certos casos, consideram que esses recursos são já relativamente escassos (noutros casos, não).

De um modo geral, em termos de recomendações, nas bibliotecas públicas e nas câmaras municipais salienta-se, sobretudo, como nas escolas e bibliotecas escolares, a importância da continuidade e sustentabilidade dos planos e programas dirigidos à promoção da leitura.

5. BARÓMETRO DE OPINIÃO PÚBLICA: AS ATITUDES DOS PORTUGUESES

Questionário e amostra

O Sistema de Avaliação do Plano Nacional de Leitura incorpora uma vertente que incide especificamente na avaliação do modo como as pessoas em geral, no país, estão a acompanhar o desenvolvimento do Plano.

Para o efeito, foi elaborado um Barómetro de Opinião Pública, a ser aplicado periodicamente, com o qual se procura captar um conjunto focado de dimensões respeitantes ao Plano Nacional de Leitura e com ele directamente relacionadas.

Quadro 5.1
Amostra do barómetro de opinião pública

		n	%
Sexo	Masculino	487	47,0
	Feminino	550	53,0
<i>Total</i>		1037	100,0
Grupos etários	15-24	163	15,7
	25-34	193	18,6
	35-44	192	18,5
	45-54	159	15,3
	55-64	142	13,7
	65 e mais	188	18,1
<i>Total</i>		1037	100,0
Escolaridade	Sem grau completo	99	9,5
	Básico 1	270	26,0
	Básico 2	248	23,9
	Básico 3	218	21,0
	Secundário	154	14,9
	Superior	48	4,6
<i>Total</i>		1037	100,0
Região	Norte Litoral	195	18,8
	Grande Porto	133	12,8
	Interior	162	15,6
	Centro Litoral	157	15,1
	Grande Lisboa	300	28,9
	Alentejo	51	4,9
	Algarve	39	3,8
<i>Total</i>		1037	100,0

Fonte: CIES-ISCTE, Barómetro de Opinião Pública, 2007.

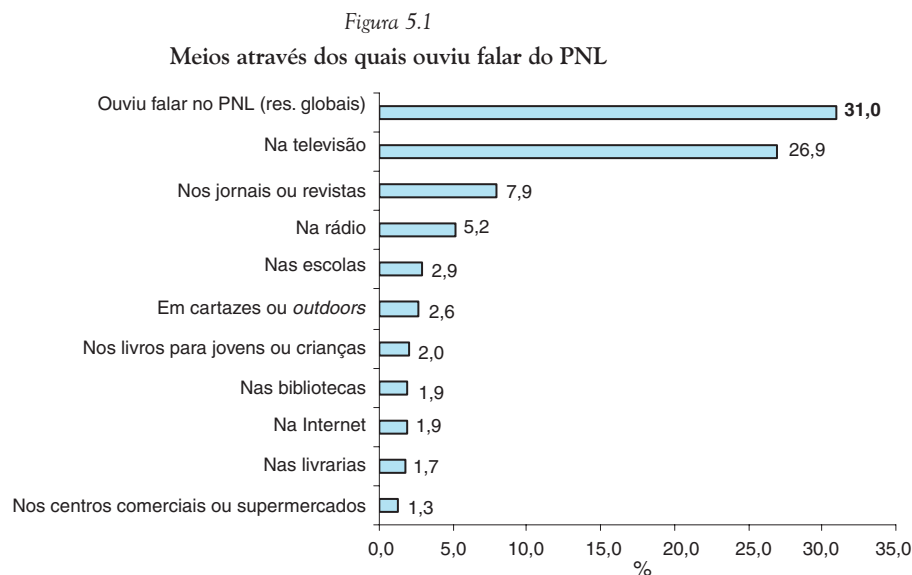
O instrumento que o suporta é um pequeno inquérito por questionário (pode consultar-se no Anexo II), a aplicar a amostras representativas da população com idade a partir dos 15 anos. Pretende-se monitorizar a evolução da visibilidade do Plano na sociedade portuguesa, assim como a evolução das percepções e atitudes da população (em geral, e também de segmentos específicos) relativamente à leitura e à sua promoção.

A primeira aplicação do Barómetro de Opinião Pública, visando testá-lo, teve lugar em Junho de 2007⁷. A amostra, representativa da população residente no Continente, com idade a partir dos 15 anos, foi constituída por 1037 indivíduos, seleccionados a partir de estratos que cruzam as variáveis idade, sexo, instrução, ocupação, região e dimensão dos agregados populacionais. A distribuição da amostra encontra-se sistematizada no Quadro 5.1.

Analisados os resultados, que em seguida são sinteticamente apresentados, os indicadores propostos parecem pertinentes e adequados para responder aos objectivos do Barómetro, embora ainda se possam fazer pequenos ajustamentos. Espera-se que a repetição deste inquérito, anualmente, tendo por base uma amostra com idênticas características e dimensão, possibilite a análise da evolução da percepção e das atitudes da população relativamente ao PNL e à leitura em geral.

Visibilidade do PNL

Decorrido o primeiro ano do Plano Nacional de Leitura, 31% dos portugueses já ouviram falar dele, sobretudo na televisão (27%) (Figura 5.1).



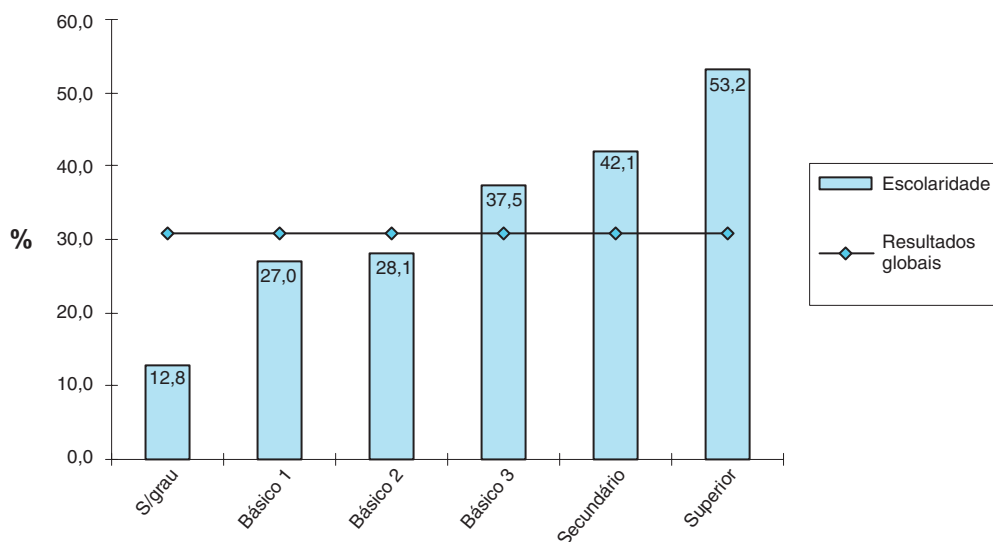
Fonte: CIES-ISCTE, Barómetro de Opinião Pública, 2007.

⁷ O trabalho de campo foi realizado pela Metris-GfK.

Os restantes meios para a sua divulgação revelam percentagens globais bastante mais baixas, mesmo os jornais e revistas (8%) e a rádio (5%) (Figura 5.1).

A visibilidade do Plano não é igual para todas as categorias sociais. À medida que a escolaridade aumenta, cresce regularmente o número dos que já ouviram falar do Plano (Figura 5.2). Mais de metade daqueles que têm ensino superior já ouviram falar dele (53%), seja na televisão (44%), seja por via da leitura de jornais e revistas (25%), ou ouvindo a rádio (15%). Os restantes meios e contextos sugeridos no inquérito (cartazes e *outdoors*, livros para crianças e jovens, internet, escolas, bibliotecas, livrarias e centros comerciais ou supermercados) embora mantenham percentagens reduzidas, atingem, neste segmento da população, valores entre os 4% e os 10% (Anexo II, Quadro 11).

Figura 5.2
Conhecimento da existência do PNL, segundo a escolaridade

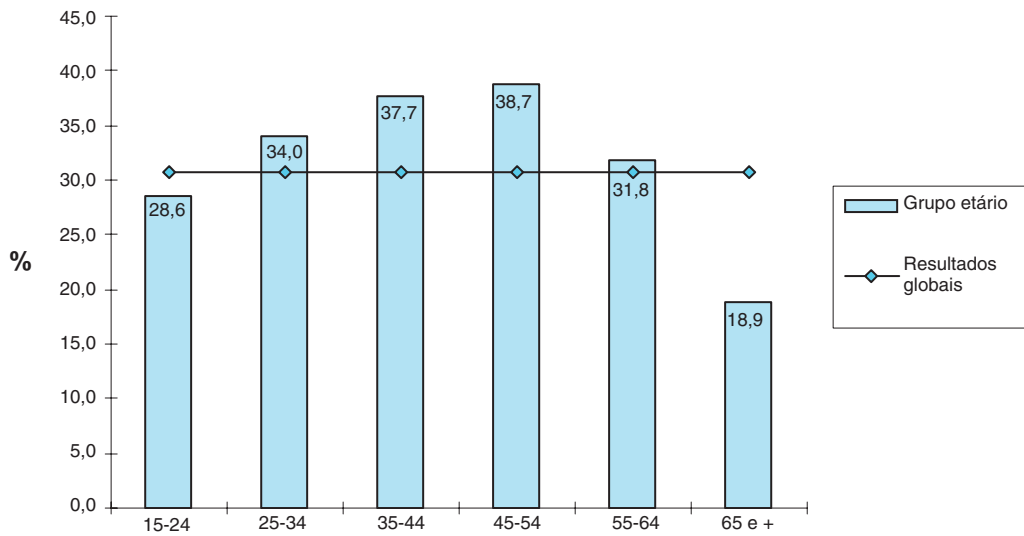


Nota: Qui-quadrado significativo ($p \leq 0,01$).

Fonte: CIES-ISCTE, Barómetro de Opinião Pública, 2007.

Também em termos etários se encontram diferenças, mas menos acentuadas. Os que mais ouviram falar do Plano têm entre 35 e 54 anos e os que menos o conhecem têm 65 anos ou mais (Figura 5.3).

Figura 5.3
 Conhecimento da existência do PNL, segundo a idade

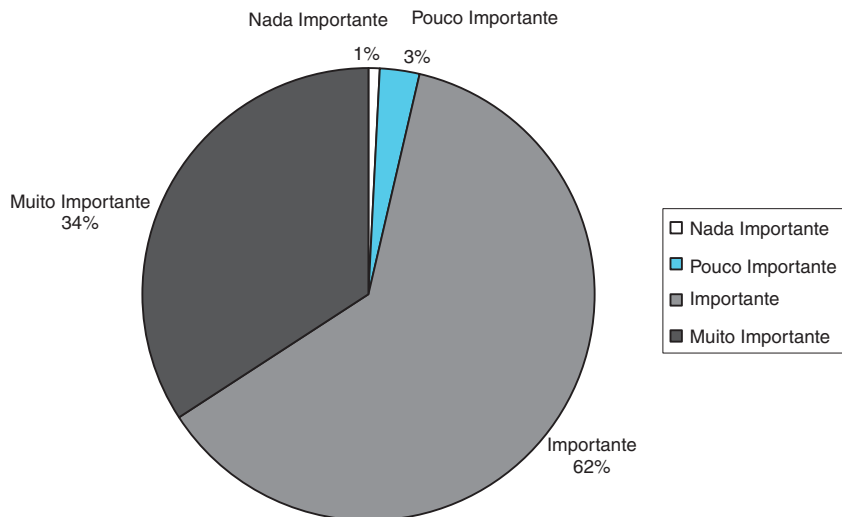


Nota: Qui-quadrado significativo ($p \leq 0,01$).

Fonte: CIES-ISCTE, Barómetro de Opinião Pública, 2007.

Quanto aos meios que possibilitaram o acesso a essa informação, nota-se que, sendo a televisão o mais mencionado nas diferentes categorias etárias, outros meios, embora com valores relativamente baixos, merecem destaque por serem sobretudo mencionados pelos mais jovens (15-24 anos). É o caso dos cartazes e *outdoors* (6%), da Internet (5%) e das bibliotecas (5%) (Anexo II, Quadro 10).

Figura 5.4
 Opinião sobre a importância do PNL

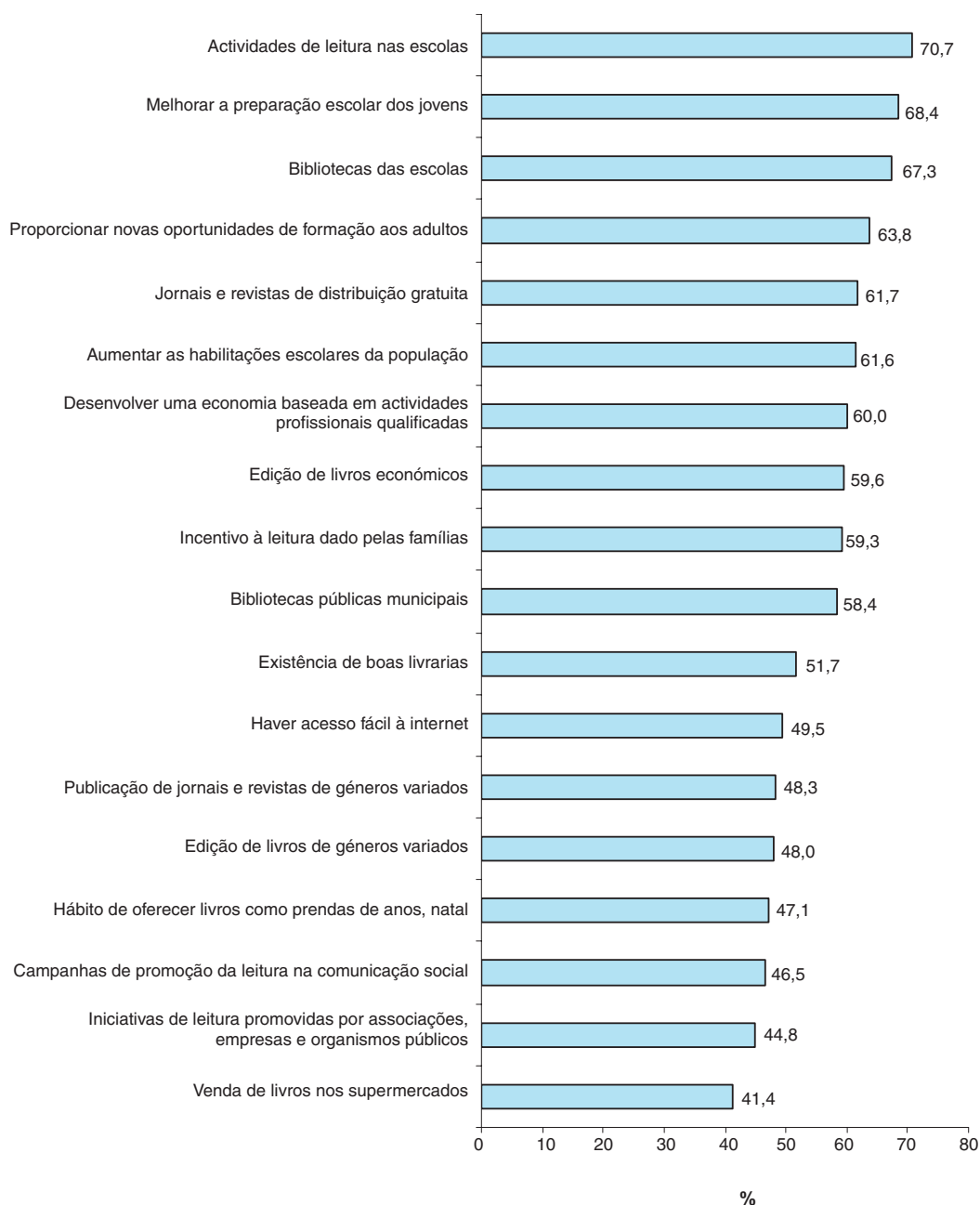


Fonte: CIES-ISCTE, Barómetro de Opinião Pública, 2007.

A existência em Portugal de um plano deste tipo é entendida, de forma quase unânime, como sendo importante, ou mesmo muito importante, para desenvolver os hábitos e as capacidades de leitura dos portugueses (Figura 5.4).

Figura 5.5

Principais meios para o desenvolvimento da leitura no país



Nota: Percentagens de respostas a “muito importante”. A resposta foi solicitada numa escala de 1 = nada importante até 4 = muito importante.

Fonte: CIES-ISCETE, Barómetro de Opinião Pública, 2007.

Quanto aos modos concretos através dos quais esse fim poderá ser atingido, as pessoas incluídas na amostra aderiram a todas as possibilidades propostas, entendendo-as como importantes.

Ainda assim, é possível hierarquizar os vários itens, atendendo à percentagem dos que lhe atribuem a importância máxima (“muito importante”) (Figura 5.5). Destacam-se, entre as formas entendidas como podendo potenciar o desenvolvimento da leitura no país, as actividades de leitura nas escolas (71%), o melhoramento da preparação escolar dos jovens (68%) e as bibliotecas nas escolas (67%), itens que aludem ao contexto escolar e convergem directamente com as acções privilegiadas pelo PNL no primeiro ano da sua execução.

Seguem-se: proporcionar novas oportunidades de formação aos adultos (64%), aumentar as habilitações da população (62%), desenvolver uma economia baseada em actividades profissionais qualificadas (60%), o incentivo à leitura dado pelas famílias (59%), as bibliotecas públicas municipais (58%), os jornais e revistas de distribuição gratuita (62%), a edição de livros económicos (60%). Aspecto também valorizado, mas um tanto menos em comparação com os demais, é a venda de livros nos supermercados (41%).

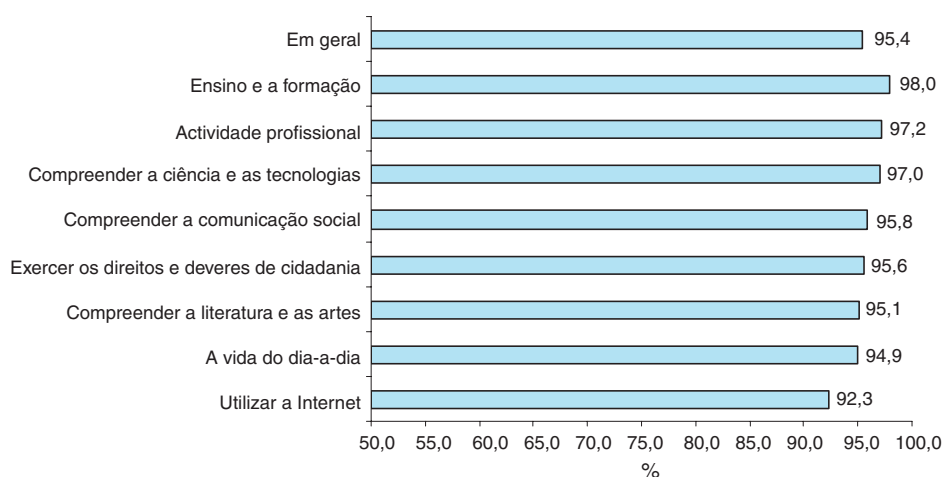
A influência do grau de escolaridade na resposta a esta questão é visível em vários itens, com especial evidência para a existência de boas livrarias, as bibliotecas públicas municipais, o incentivo à leitura dado pelas famílias, o acesso fácil à Internet e o melhoramento da preparação escolar dos jovens. São os mais escolarizados aqueles que mais importância atribuem a esses aspectos para o desenvolvimento da leitura em Portugal (Anexo II, Quadro 15.).

A leitura nas sociedades actuais e em Portugal

Os portugueses reconhecem, de forma consensual, a importância da leitura nas sociedades actuais.

Figura 5.6

Importância da leitura nas sociedades actuais em diferentes domínios



Nota: Percentagens de respostas a “importante” + “muito importante”. A resposta foi solicitada numa escala de 1 = nada importante até 4 = muito importante.

Fonte: CIES-ISCTE, Barómetro de Opinião Pública, 2007.

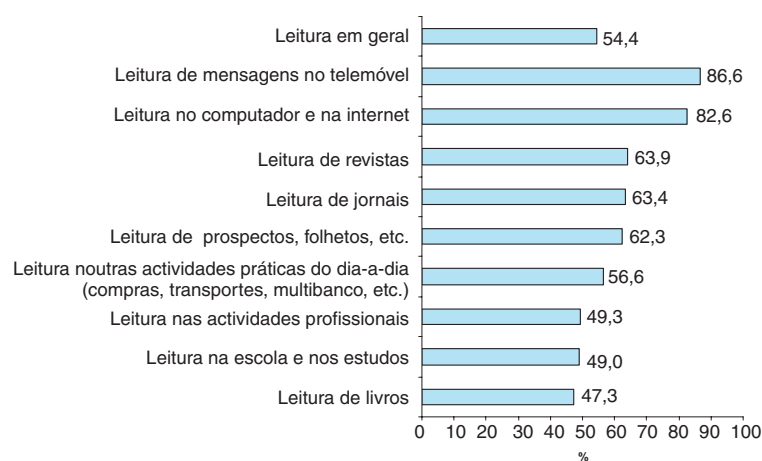
Quase todos o afirmam, seja em termos gerais (95%), seja em domínios específicos como a actividade profissional (97%), o ensino e a formação (98%), o exercício dos direitos e deveres de cidadania (96%), a utilização da Internet (92%), entre outros (Figura 5.6).

Solicitados a avaliar a situação de Portugal a este respeito, aproximadamente metade da amostra pensa que a leitura, entendida em geral, tem vindo a aumentar nos últimos 10 anos no país, especialmente a leitura associada às novas tecnologias: mensagens no telemóvel, utilização do computador e acesso à Internet (Figura 5.7). A percepção deste aumento associado às novas tecnologias é mais saliente entre os indivíduos com qualificações escolares mais elevadas (Anexo II, Quadro 17).

Para os diversos outros suportes propostos (livros, jornais, revistas, folhetos, etc.), a opinião preva-
lente, embora de maneira um pouco menos acentuada do que para os suportes tecnológicos, é a de que a respectiva leitura também aumentou nos últimos anos em Portugal (Figura 5.7).

Figura 5.7

Percepção da evolução da leitura, nos últimos 10 anos, em Portugal



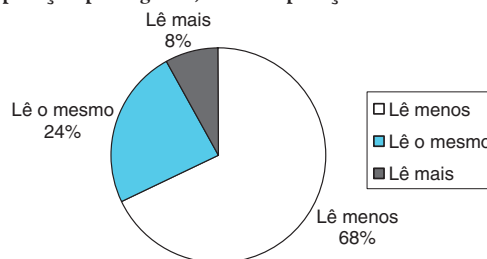
Nota: Percentagens de respostas a “aumentou”. A resposta foi solicitada numa escala em que 1 = diminuiu, 2 = manteve-se e 3 = aumentou.

Fonte: CIES-ISCTE, Barómetro de Opinião Pública, 2007.

Apesar deste aumento, a maioria dos portugueses (68%) considera que no país se lê menos do que no conjunto da União Europeia (Figura 5.8).

Figura 5.8

Percepção do hábito de leitura da população portuguesa, em comparação com outros países da União Europeia

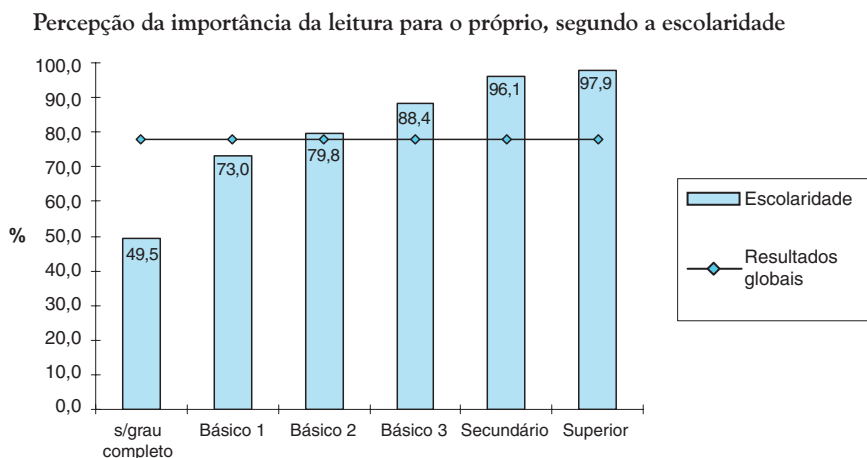


Fonte: CIES-ISCTE, Barómetro de Opinião Pública, 2007.

A leitura na vida pessoal

Questionados especificamente sobre a importância da leitura para a sua vida, 78% dos inquiridos reconhecem essa importância (em algum grau) (Figura 5.9, resultados globais). Tratando-se de um valor relativamente elevado, ele é, ainda assim, inferior ao que se obtém quando os mesmos sujeitos avaliam a importância da leitura nas sociedades actuais (ver atrás, Figura 5.6).

Figura 5.9



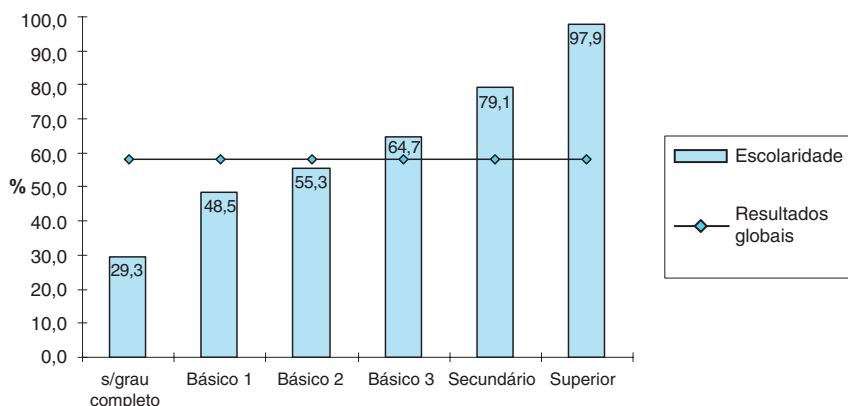
Nota: Percentagens de respostas a “importante” + “muito importante”. A resposta foi solicitada de 1 = nada importante até 4 = muito importante. Qui-quadrado significativo ($p \leq 0,01$).

Fonte: CIES-ISCTE, Barómetro de Opinião Pública, 2007.

Também aqui há significativas diferenças entre os respondentes: se praticamente todos os que têm ensino superior (98%) consideram que a leitura é importante, ou mesmo muito importante, na sua vida, esse valor decresce regularmente com a diminuição do nível de escolaridade, ficando-se pelos 50% dos que não completaram qualquer grau de ensino (Figura 5.9).

O gosto pela leitura (bastante ou muito) é partilhado por um conjunto menor de indivíduos, o qual, ainda assim, abrange mais de metade da amostra (58%) e cresce de forma acentuada, uma vez mais, à medida que aumenta a escolaridade (é declarado por 29% dos que não detêm qualquer diploma escolar e 98% dos que têm formação escolar de nível superior) (Figura 5.10). Um pouco mais mulheres do que homens declaram gostar de ler (60% e 56% respectivamente) (Anexo II, Quadro 20).

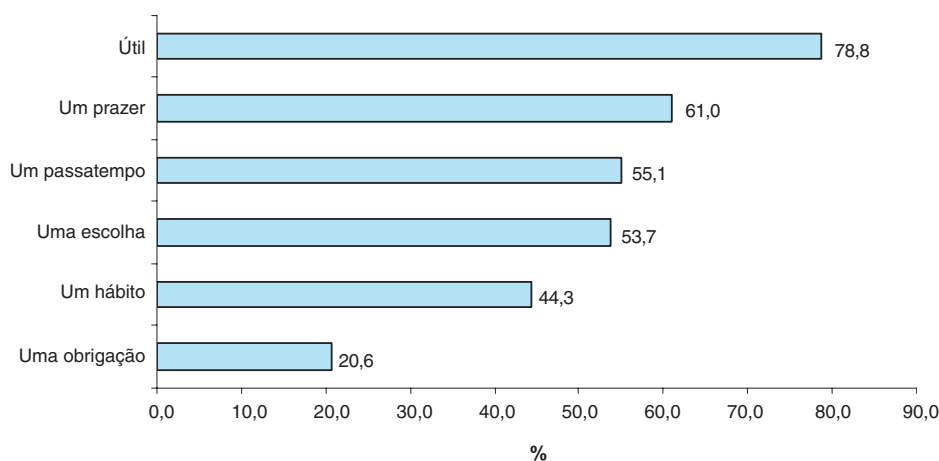
Figura 5.10
Gosto pela leitura segundo a escolaridade



Nota: Percentagens de respostas a “bastante” + “muito”. A resposta foi solicitada numa escala de 1 = nada até 4 = muito. Qui-quadrado significativo ($p \leq 0,01$).

Fonte: CIES-ISCTE, Barómetro de Opinião Pública, 2007.

Figura 5.11
Significados atribuídos à leitura



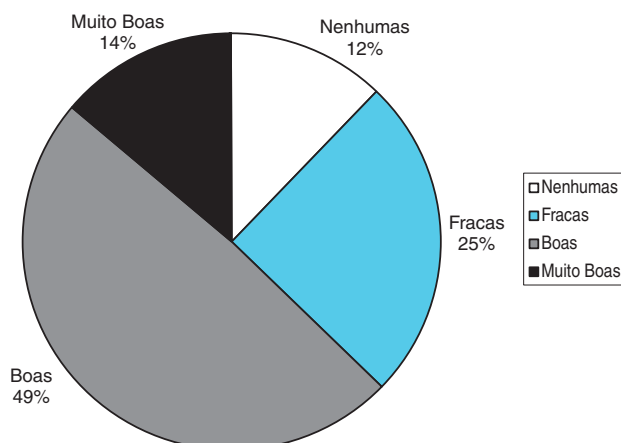
Nota: Percentagens de respostas a “bastante” + “muito”. A resposta foi solicitada numa escala de 1 = nada até 4 = muito.

Fonte: CIES-ISCTE, Barómetro de Opinião Pública, 2007.

Mas os significados que a população atribui à leitura são múltiplos. Se, antes de mais, a leitura é uma actividade considerada útil (79%), para muitos é simultaneamente um prazer (61%). Pode ser também um passatempo (55%), uma escolha (54%) ou mesmo um hábito (44%). Em menor número são aqueles que a consideram uma obrigação (21%) (Figura 5.11). Estes vários entendimentos, incluindo o da leitura como obrigação, tendem a ser reforçados pelos mais jovens e pelos mais escolarizados (Anexo II, Quadros 22 e 23).

Quanto à auto-avaliação das capacidades neste domínio, 63% dos inquiridos avaliam as suas capacidades de leitura como sendo boas ou mesmo muito boas (Figura 5.12).

Figura 5.12
Auto-avaliação das capacidades de leitura



Fonte: CIES-ISCTE, Barómetro de Opinião Pública, 2007.

São bastante vincadas as diferenças etárias a este respeito e, sobretudo, as que decorrem da escolaridade: 87% dos jovens entre os 15 e os 24 anos e 96% dos detentores de um diploma de ensino superior avaliam de forma positiva as suas capacidades de leitura (Anexo II, Quadros 24 e 25).

Em termos gerais, a primeira aplicação do Barómetro de Opinião Pública permitiu, em simultâneo, testar e validar as várias operações metodológicas subjacentes e obter um primeiro retrato das opiniões e atitudes dos portugueses relativamente ao Plano e à leitura em geral.

Os resultados mostram, de forma muito clara, a aceitação do Plano e dos objectivos que o orientam por parte da sociedade portuguesa. O reconhecimento da importância da leitura nas sociedades actuais, por referência a diferentes esferas da vida, é também quase consensual. Ainda assim, existe também a consciência de algum atraso de Portugal neste domínio, comparativamente com outros países da União Europeia, assim como uma menor valorização, por parte de alguns grupos sociais (em particular dos menos escolarizados), do lugar e importância da leitura na sua vida pessoal. Percebe-se assim que, sendo as atitudes face ao PNL e à leitura em geral bastante favoráveis (o que certamente será decisivo para o sucesso que o Plano venha a alcançar), uma parte importante dos desafios que se colocam tem a ver com o alargamento da leitura entre aqueles que, na sociedade portuguesa, dela ainda se mantêm afastados, embora reconheçam, em termos gerais, a sua importância.

6. ENTREVISTAS: COMO SE POSICIONAM OS ACTORES SOCIAIS DE REFERÊNCIA

As entrevistas e os actores

A avaliação do Plano Nacional de Leitura incluiu uma componente de auscultação de um conjunto de actores sociais que, de uma forma ou de outra, se encontram ligados à promoção da leitura em diversos campos e de diversos modos, com particular enfoque naqueles que desenvolvem actividades mais directamente relacionadas com as contempladas no primeiro ano do PNL. Em traços gerais, o objectivo foi o de captar as suas opiniões acerca do Plano, da sua pertinência face à situação do país quanto à leitura e à literacia, dos seus resultados e impactes esperados, bem como informação sobre graus e modos como estes actores estão envolvidos no Plano.

Foram realizadas entrevistas aos representantes – quase sempre os/as presidentes – das seguintes entidades: Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (APEL), União de Editores Portugueses (UEP), Associação de Profissionais de Educação de Infância (APEI), Associação de Professores de Português (APP), Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas (APBAD), Confederação Nacional das Associações de Pais (CONFAP) e Federação Regional de Setúbal das Associações de Pais (FERSAP).

Leitura em Portugal e pertinência do PNL

Entre todos os entrevistados, é consensual a opinião de que a criação do PNL constitui uma iniciativa muito pertinente, necessária e urgente no nosso país, encarada de forma muito positiva, dados os baixos níveis de literacia e os relativamente fracos hábitos de leitura da população portuguesa, que, no entanto, reconhecem alguns, têm vindo a ser objecto de melhoria nos últimos anos.

Vários entrevistados declaram efectivamente que se lê mais hoje do que há uns anos atrás, o que pode ser atestado pelo aumento consecutivo das vendas de livros de ano para ano, que, embora não seja quantificável devido à inexistência de estatísticas sobre a venda de livros, é sentido pelos editores e livreiros, como refere o presidente da UEP.

Eu sou editor há trinta anos e posso afirmar, sem margem nenhuma para dúvidas, embora eu não tenha dados estatísticos, mas empiricamente (...) que se lê muito mais hoje do que se lia há cinco anos, muito mais... muitíssimo mais do que há dez, muito mais do que há vinte. (UEP)

A este aumento não serão alheios factores apontados por vários dos entrevistados, como o aumento das qualificações escolares da população, em particular pelo acesso de um número cada

vez mais significativo de jovens ao ensino superior, ou, a um outro nível, a própria alteração do comércio a retalho do livro, designadamente a sua venda em hipermercados, propiciadora da sua acessibilidade a populações que geralmente não frequentam espaços comerciais específicos de venda do livro como as livrarias, mas também a reorganização destas em espaços mais “amigáveis” para o “grande público”.

São particularmente referidas como protagonistas deste aumento as camadas mais jovens. Por um lado, é salientado pela APEI o papel que os jardins-de-infância têm desempenhado num contacto cada vez mais precoce com o livro, com efeitos positivos no estímulo do gosto pela leitura, tanto mais abrangentes quanto este grau de ensino tem vindo a cobrir um número cada vez mais elevado de crianças em idade pré-escolar. Não deixa, no entanto, de ser apontado o problema de alguma quebra na continuidade das actividades de leitura “prazenteira” na transição para o 1.º ciclo, onde a lógica de organização do ensino e da aprendizagem não se compatibiliza de uma forma tão “natural” com o contacto com os livros para além dos manuais escolares.

O livro faz parte do material do jardim de infância. O livro faz parte do dia-a-dia do contexto de jardim-de-infância e de creche também (...) E no 1.º ciclo é basicamente o manual escolar. (APEI)

Além disso, os jardins-de-infância promovem em geral uma forte proximidade com a família, que vai diminuindo progressivamente à medida que se avança nos níveis de ensino, e nesse sentido têm desenvolvido um trabalho significativo de promoção da leitura no tempo livre, com o envolvimento das famílias.

Por outro lado, afirma-se que os jovens lêem mais hoje do que há uns anos atrás.

Estão a ler mais de certeza, mais que não seja os SMS e o e-mail felizmente. E felizmente que escrevem com abreviaturas e com *smile* e que escrevem e-mails e é melhor que o façam do que não façam nada (...) o sucesso do *Harry Potter* mostra bem que há muita gente a ler, muitos jovens a ler, não sei se “Os Cinco” e “Os Sete” há quarenta anos se também tinham sucesso, se calhar eram lidos pela maioria dos jovens que andavam no liceu e não eram lidos pela maioria dos jovens portugueses e hoje o *Harry Potter* se calhar é lido por muitos... (APP)

O presidente da APP refere, no entanto, existir uma quebra de hábitos de leitura no 3.º ciclo e secundário, considerando como factor inibidor de maiores níveis de leitura a existência de obras pré-definidas de leitura obrigatória a partir do 3.º ciclo, trabalhadas sobretudo como pretexto para “dar gramática”, “estilhaçadas” na aula, e não como textos literários promotores do prazer da leitura.

O desenho do PNL

Quanto ao modo como o Plano foi concebido, os seus objectivos, prioridades concepções de leitura implícitas e orientações, o consenso continua a ser generalizado.

Em primeiro lugar, a estratégia de lançar as actividades privilegiando numa primeira fase os públicos mais jovens – crianças em idade pré-escolar, do 1.º e do 2.º ciclo do ensino básico – é considerada acertada, com a justificação de que a aposta na promoção da leitura deve começar tão cedo quanto possível no ciclo de vida das pessoas.

Quer em termos dos contributos da neurociência, quer em termos de estudos mais ligados à intervenção escolar e à intervenção educativa, está provado que a intervenção deve ser feita o mais cedo possível, não só no pré-escolar mas também naquilo que é o nosso pré-escolar que só contempla as crianças a partir dos três anos, mas devemos intervir até mais cedo, desde que nascem. O facto de a criança nascer e viver (...) a ver os pais a ler, ter livros com que possa contactar, ter outras formas de informação em outros suportes vai garantir-lhe um maior sucesso na aprendizagem e no contacto formal com a leitura e com a escrita do que crianças que não têm essa oportunidade, que não vão ter tanta facilidade, e os estudos comprovam isso. (APEI)

(...) tendo em conta que é desde logo aí que se adquirem hábitos de leitura e hábitos de dar importância ao texto escrito e à informação que se pode obter e há melhoria das capacidades de descodificação de textos e de mensagens. Tudo o que possa ser feito para essa faixa etária e para os professores e pais que lidam com essa faixa etária, para os sensibilizar nesse sentido parece-me bem, porque se esses hábitos forem adquiridos – já os documentos da UNESCO em relação às bibliotecas públicas e às bibliotecas escolares também já dizem que é aí que se adquirem hábitos – é provável que perdurem ao longo da vida. (APBAD)

Os que se encontram ligados de forma mais directa ao ensino, designadamente representantes de profissionais de educação de infância, de professores de português e mesmo de associações de pais enfatizam a aposta nos primeiros níveis de ensino, considerando nomeadamente que o PNL veio dar uma atenção particular ao 1.º ciclo, que consideram central no desenvolvimento dos hábitos de leitura.

Falava-se há muito tempo da importância da literatura no 1.º ciclo, mas só com a actual equipa ministerial se apostou de facto no 1.º ciclo. (APP)

Na opinião dos entrevistados, começar por estes ciclos constitui igualmente uma estratégia para chegar às famílias, mais presentes na vida escolar das crianças nesta fase do seu percurso educativo.

Esta prioridade não deve, no entanto, remeter para segundo plano a intervenção junto de outros segmentos da população, que, estando já contemplada no PNL, não deixa de ser lembrada como fundamental por alguns entrevistados. Assim, referem a importância de desenvolver actividades para as crianças desde que nascem até aos 3 anos, a necessidade de alargar rapidamente a acção aos alunos do 3.º ciclo e secundário, bem como de envolver de forma efectiva a população extra-escolar, designadamente a menos jovem, numa óptica de recuperação de leitores.

(...) há ali depois faixas, nomeadamente no período da adolescência, em que por vezes, por características próprias dos adolescentes, há por vezes um desvio para outras actividades e há um período em que se podem perder alguns leitores e é preciso estratégias adequadas para essas fases. (APBAD)

Acho que se devia prolongar até aos oitenta anos (...) acho que há muito leitor a recuperar, porque houve muito leitor na juventude que se perdeu (...) Nós estamos numa fase de formar leitores. Devia haver um complemento que trataria de recuperar leitores. (UEP)

A criação de listas de livros recomendados para cada nível de ensino é saudada por parte dos representantes ligados ao ensino e de editores e livreiros. A APP destaca a necessidade de alargar estas listas, que considera uma excelente ideia para orientar as leituras para professores, alunos e pais, ao 3.º ciclo e secundário, considerando que elas podem responder de forma muito adequada aos objectivos dos novos “planos individuais de leitura”.

Até porque para o secundário seria uma coisa particularmente útil, porque com os novos planos há uma coisa que se chama plano individual de leitura e é exactamente uma área de leitura livre dos alunos (...) Essa iniciativa do PNL podia ser uma boa estratégia para os próprios programas, ou seja, eu acho que nos programas de português não devia haver texto de leitura obrigatória, só devia haver um texto de leitura obrigatória que é os “Lusiadas”, tudo o resto devia ser opção. Eu acho que é mais enriquecedor para o nosso país que eu tenha lido “Os Maias” e outro tenha lido “O Primo Basílio” do que todos, todos terem lido “Os Maias”. É um país mais pobre se todos os cidadãos deste país tiverem lido exactamente a mesma coisa e é isso que se proporciona, mas que este PNL está a tentar interromper, mas mais uma vez fora dos programas, dos parâmetros curriculares e nos planos curriculares não conseguimos rebentar com estas correntes (...) Parece-me a mim que este PNL pode vir a ter esta influência positiva sobre o currículo. É um desejo mais do que uma realidade. (APP)

Esta associação considera importante a concepção de “ler pelo prazer de ler” que parece estar presente no Plano, mas, por outro lado, qualifica o centramento no texto literário e na narrativa, bem como no suporte livro, como excessivo, chamando a atenção para a importância de contemplar também o texto científico, bem como outros suportes de leitura.

Por parte da APEI, o centramento no livro é considerado pertinente.

O livro é ainda de facto o suporte universalmente reconhecido como o privilegiado para a leitura. Todas as outras competências exigem já um domínio diferente (...) o livro é o meio mais democrático, o acesso ao livro acaba por ser mais democrático do que o acesso às TIC. (APEI)

Resultados e impactes esperados

Apesar da juventude do Plano, que implica prudência na avaliação dos resultados alcançados, os entrevistados apontam alguns efeitos de várias ordens.

Em primeiro lugar, O PNL é encarado como promotor de uma maior consciência da importância da leitura, quer para a população em geral, em particular os pais, quer para os que se encontram directamente envolvidos na promoção da leitura, desde escolas e professores, bibliotecas escolares e bibliotecas públicas. A estes o PNL proporciona um conjunto de instrumentos, muitos deles baseados em práticas já existentes, que permitem a reflexão sobre as próprias práticas e o seu direccionamento para fins e objectivos definidos.

Em segundo lugar, o PNL surge como “agregador de vontades” e elo de ligação entre os diferentes actores envolvidos na promoção da leitura e entre as diferentes actividades que realizam. Nesse sentido, tem um forte potencial de criação de sinergias relativamente aos esforços de vários actores, designadamente na relação entre bibliotecas escolares e bibliotecas públicas. A este propósito, surge a ideia de que o PNL terá dado fortes contributos para a dinamização das bibliotecas escolares, mas que ainda é necessário percorrer um caminho mais longo no caso das bibliotecas públicas.

Em terceiro lugar, são já visíveis resultados do ponto de vista comercial, isto é, representantes de editores e livreiros afirmam ter-se assistido a um indiscutível aumento da venda dos livros que constam das listas de obras recomendadas pelo PNL, com consequências positivas no apetrechamento de bibliotecas escolares. Já quanto às bibliotecas públicas, são dirigidas críticas à (ausência de) política de aquisição de livros por parte de algumas delas, área em que a intervenção do PNL, designadamente via ex-Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, é apreciada como mais frágil.

As expectativas quanto aos impactes no futuro são, na generalidade, fortes e positivas, considerando alguns entrevistados que há grandes probabilidades de se registarem melhorias significativas no final do primeiro ciclo de vida do Plano, cinco anos depois do seu lançamento.

Envolvimento no PNL

O envolvimento no PNL dos vários actores de referência entrevistados deve ser considerado a dois níveis: a nível central, isto é, a participação das próprias associações no desenvolvimento do Plano, ou na sua concepção, ou na sua execução; e a nível local, ou seja, a adesão ao Plano que os actores que estas representam, desde pais, escolas, bibliotecas, professores, educadores, editores, livreiros, etc., têm manifestado.

Quer num quer noutro nível os graus de envolvimento e participação são diferenciados, até pela própria natureza das entidades. Todas estão, de algum modo, envolvidas no Plano, com particular destaque para a APEI. De qualquer modo, há associações que manifestaram interesse em ter um papel mais activo no PNL (APP e CONFAP), considerando que essa parceria poderia ser para este muito benéfica, como é em particular o caso da APBAD.

(...) a BAD está completamente disponível para tudo o que seja criar no país uma forte rede de bibliotecas públicas e bibliotecas escolares e iniciativas do PNL ou outras iniciativas que promovam a literacia entre os portugueses (...) as bibliotecas escolares e públicas deviam estar lado a lado com o sistema educativo na promoção e desenvolvimento das competências e das capacidades dos portugueses, nomeadamente esta coisa das Novas Oportunidades, as bibliotecas também deviam ser parceiras não é? (...) dentro dos limites das nossas capacidades e possibilidades a sugestão que eu dava era que o PNL e o Ministério da Educação veja e analise em que é que a BAD pode colaborar (...) porque a BAD é um parceiro, tem bibliotecários, há professores que também são associados da BAD, pode divulgar, temos uma capacidade de divulgação espectacular, temos capacidade de fazer acções de formação e temos experiência muito grande nessa área, somos membros de associações internacionais, quando é preciso trazemos colegas estrangeiros a Portugal para fazermos iniciativas e colaborarem nas nossas iniciativas. (APBAD)

Concretamente, em que se tem traduzido essa participação?

No caso da APEI, ela é muito forte, tendo a sua presidente sido convidada para integrar a equipa do PNL desde o seu início. Em termos de actividades desenvolvidas, a APEI tem vindo a fazer a divulgação do PNL junto dos seus associados, a disponibilizar orientações e a promover espaços de reflexão sobre a leitura. Colaborou na elaboração das listas de obras recomendadas para as crianças em idade pré-escolar, a que se seguiu a elaboração de listas para as crianças até aos 3 anos, onde a APEI teve um papel fundamental na sensibilização para a necessidade de abranger também esta faixa etária.

A APEI podia dar um contributo importante e uma ajuda importante ao Plano, no trabalho que decorre da sua intervenção, seja através das revistas, seja através da formação que desenvolve, nós tínhamos trabalho em curso e podíamos potenciar a nossa intervenção para apoiarmos o desenvolvimento do Plano, portanto isso já decorria da nossa esfera de acção... Mas podíamos também apoiar com aconselhamento, com a elaboração de novas tarefas, através da nossa página ou de outras, desafiando os educadores, facultando documentos, proporcionando espaços de reflexão e de discussão sobre a aprendizagem e a emergência da leitura e da escrita em contexto de educação de infância, não só dos 3 aos 6 mas dos 0 aos 6 (...). E era muito a intenção da APEI poder sensibilizar também o Plano para a necessidade de intervir junto dos 0-3. (APEI)

Prevê-se a continuidade e o reforço deste envolvimento. A APEI estava a preparar uma formação para profissionais sobre promoção da leitura, direccionada a educadores, psicólogos, auxiliares de acção educativa, animadores, etc. Estava igualmente em curso a criação na associação de um grupo de trabalho específico para o PNL e de uma rubrica permanente na sua revista *Cadernos de Educação de Infância*, com o objectivo de divulgar práticas dos jardins de infância em matéria de promoção da leitura, bem como artigos de especialistas no tema.

A adesão dos educadores de infância ao PNL é qualificada como bastante forte.

Os educadores têm estado muito disponíveis, muito entusiasmados, porque eu acho e acredito que, e aqueles que nos estão mais próximos expressam isso, finalmente se vai dar valor ao trabalho de jardim-de-infância em termos de emergência da leitura e da escrita. Ou seja, o facto do PNL valorizar a intervenção o mais cedo possível, permite dar-lhe um reconhecimento que os educadores acham que não tinham, que o trabalho de jardim-de-infância não tinha (...) temos sentido por parte dos educadores um grande empenho em participarem no Plano. (APEI)

No caso da APP, o protocolo estabelecido passou essencialmente pela integração no PNL dos dois projectos de promoção de leitura que esta associação já desenvolvia, um deles em parceria com a APEI. O primeiro, lançado em 2004, intitulado “Ler consigo”, consiste em incentivar as escolas a convidar pessoas para irem ler à sala de aula durante a última semana do segundo período. O segundo, iniciado em 2005, intitulado “O meu livro é um brinquedo”, consiste na oferta, por parte das Câmaras Municipais, de um pacote com um livro e uma almofada aos recém-nascidos no concelho e está, pois, dependente da adesão das autarquias, que tem sido na generalidade forte, à excepção, em particular, das dos grandes centros urbanos. Até ao momento tem sido um livro único, mas é intenção fazer uma

consulta a autores, ilustradores e editoras para seleccionar outras obras que possam vir a fazer parte do projecto.

Embora a participação da CONFAP no PNL tenha sido ainda reduzida, havendo um forte interesse em fomentá-la, algumas associações de pais, através da FERSAP, têm estado activamente envolvidas no Plano, num projecto específico dirigido à formação de pais para a leitura com os filhos, “Leitura a Par”. As acções de formação, de curta duração, abrangeram três turmas, num total de mais de 50 pessoas. Tenciona-se no futuro vir a desenvolver outras acções no âmbito deste projecto, a partir da própria CONFAP e da mobilização das suas estruturas regionais.

Foi ainda realizada, em parceria com a APEI e o centro de formação de professores Proformar, uma acção de formação de dinamizadores de leitura, direccionada sobretudo para professores e, em particular, para aqueles que estão ligados às bibliotecas escolares, com o intuito de que estes adquiram competências para eles próprios formarem pais no projecto “Leitura a par”.

Representantes de editores e livreiros (APEL e UEP) manifestam uma opinião bastante positiva sobre o seu grau de envolvimento no PNL, tendo sido contactados desde o seu início. A adesão de editores ao Plano tem sido muito boa e muitos deles optaram por colocar o autocolante com a marca do PNL nos livros recomendados. Embora se tenham feito ouvir algumas críticas às listas iniciais de obras recomendadas, com o seu aperfeiçoamento deixaram de existir, para o que terá contribuído a preocupação do PNL em incluir nessas listas títulos de quase todas as editoras.

Sugestões e propostas

As sugestões e propostas para o futuro do PNL podem ser sistematizadas em três domínios: no domínio das iniciativas e actividades a desenvolver; no das bibliotecas escolares e públicas; e no da continuidade e visibilidade pública do Plano.

No primeiro, afirma-se a necessidade do PNL alargar rapidamente a sua acção ao público escolar do 3.º ciclo e do secundário, de forma a contrariar a “perda da leitura por prazer e do prazer da leitura” (APP). Num outro sentido, o alargamento da acção também se pode traduzir na atribuição de uma maior importância a outros suportes de leitura, nomeadamente ao texto não literário e à Internet, bem como no envolvimento de outras áreas e outras entidades nas actividades do PNL, como a filosofia, a história ou a matemática. Sugere-se igualmente que o Plano possa vir a fomentar o desenvolvimento de actividades de escrita na sala de aula, que tem sido descuidada ao nível dos currículos escolares.

No segundo, defende-se que dois dos programas que sustentam o Plano – a Rede de Bibliotecas Escolares e a Rede Nacional de Bibliotecas Públicas – merecem uma maior atenção política e uma maior visibilidade pública, podendo o PNL constituir um factor dinamizador dessa atenção, opinião expressa sobretudo por representantes de bibliotecários, editores e livreiros. Estes últimos referem que é preciso investir nas bibliotecas e que, em conjunto, o PNL, a Direcção-Geral do Livro e das Biblio-

tecas e os municípios devem encontrar formas de assegurar uma dotação orçamental para a aquisição de livros para bibliotecas escolares e bibliotecas públicas. No caso das bibliotecas públicas, há quem considere também que o Ministério da Cultura deveria impor condições às autarquias no sentido de garantir a qualidade do seu funcionamento (por exemplo, em termos de horários ou da oferta de serviços) e a existência de uma efectiva política de aquisição de livros. Espera-se, ainda, que o Plano possa envolver mais no seu desenvolvimento os profissionais das bibliotecas e respectivas associações.

Por fim, a continuidade do PNL é um aspecto salientado pela generalidade dos actores entrevistados. É preciso que continue, que seja alimentado por iniciativas “vivas” e que se promova, de forma permanente, a sua visibilidade pública, aspecto que alguns consideram necessitar de maiores esforços.

Em síntese, a pertinência da criação de um plano nacional de leitura é amplamente reconhecida, sendo este em alguns casos qualificado como uma absoluta necessidade, face aos baixos níveis de literacia e aos relativamente fracos hábitos de leitura da população portuguesa.

De um modo geral, as actividades previstas no PNL foram bem acolhidas por estes actores e por aqueles que eles representam, com graus de adesão bastante fortes. Considerando adequada a prioridade da aposta na promoção da leitura da população escolar mais jovem – pré-escolar, 1.º e 2.º ciclos – e o correspondente centramento do Plano nas escolas e bibliotecas escolares, alguns não deixam de salientar a necessidade do PNL alargar rapidamente a sua intervenção aos alunos do 3.º ciclo e do secundário e à população adulta, bem como envolver de forma mais efectiva as bibliotecas públicas.

7. AVALIAÇÃO DO 1.º ANO DO PNL: SÍNTESE CONCLUSIVA

Balanço geral

Num balanço geral, o primeiro ano do Plano Nacional de Leitura revelou-se bastante bem sucedido. Os dados e as análises que fundamentam esta avaliação global encontram-se nos diversos capítulos deste estudo e estão documentados com exaustividade nos anexos.

Esses capítulos e anexos incidem sobre o Plano e as suas componentes sectoriais, integram um conjunto muito alargado de indicadores provenientes de inquéritos e fontes documentais, tomam em conta as diferentes perspectivas e opiniões do vasto leque de actores sociais auscultados, e organizam-se principalmente segundo os diversos procedimentos metodológicos (de carácter tanto extensivo-quantitativo como intensivo-qualitativo) a que se recorreu neste estudo de avaliação.

Torna-se agora possível uma avaliação integradora dos principais resultados do primeiro ano do Plano Nacional de Leitura. Em síntese, do ponto de vista do processo de implementação do PNL, verificou-se nesta etapa inicial:

- a) uma adesão alargada das entidades e actores sociais que o Plano tinha previsto como destinatários e protagonistas centrais das suas acções no primeiro ano (escolas, bibliotecas escolares, professores e alunos do pré-escolar e dos 1.º e 2.º ciclos do ensino básico), destacando-se, nomeadamente, o desenvolvimento regular de actividades de leitura orientada na sala de aula, em bastantes casos com reforço de livros na escola proporcionado pelo Plano;
- b) o envolvimento significativo de outros actores sociais relevantes para a promoção das competências de literacia e dos hábitos de leitura (bibliotecas públicas, câmaras municipais, fundações, associações, meios de comunicação social, outras empresas), traduzindo-se esse envolvimento tanto na mobilização de recursos como na participação em actividades;
- c) um bom acolhimento público na comunicação social e pela população em geral, contribuindo para gerar um clima social mais atento à importância da leitura e da literacia, e mais favorável à sua promoção;
- d) a criação de um sistema eficaz de comunicação com os participantes e interessados no Plano, através da internet, constituído principalmente pelo sítio electrónico *Ler⁺*, no qual estão contidas sugestões de livros e de actividades de leitura (mais tarde complementado por um outro sítio electrónico, o *Clube de Leituras*);

- e) a realização de um conjunto de estudos de referência no domínio da leitura (hábitos de leitura da população portuguesa, hábitos de leitura da população escolar, instrumentos para a avaliação do desempenho de leitura na escola, levantamento de práticas de promoção da leitura nos países da OCDE) e de estudos de avaliação do próprio Plano.

Esta síntese avaliativa pode ser complementada segundo as três dimensões de avaliação inscritas na própria concepção programática do PNL (Resolução do Conselho de Ministros n.º 86/2006), concretamente a “execução dos programas”, as “atitudes dos diferentes segmentos do público abrangido” e o “impacte dos programas no desenvolvimento da leitura”. É o que se faz nos pontos seguintes.

Execução dos programas

No primeiro ano, os programas que dão substância à acção do PNL tiveram uma execução de nível elevado, de vários pontos de vista.

As prioridades definidas foram asseguradas. Cabe destacar a centralidade colocada na concretização de programas de incentivo e promoção da leitura dirigidos às camadas mais jovens e ao contexto escolar, em especial aos jardins-de-infância e aos 1.º e 2.º ciclos do ensino básico.

Neste sentido, a actividade mais estruturante deste primeiro ano de execução do Plano foi a leitura orientada em sala de aula, de carácter regular, apoiada por sugestões de livros e actividades difundidas pelo sítio electrónico do PNL, e apoiada também, em muitos casos, por recursos financeiros atribuídos directamente às escolas pelo PNL ou por entidades que a ele se juntaram para esse efeito (fundações, câmaras municipais, empresas).

A execução dos programas foi efectiva e abrangente. Grande parte das escolas dos níveis de ensino referidos aderiu e participou nas actividades, desde logo nos programas de leitura orientada na sala de aula, mas também em muitos outros projectos e eventos (um exemplo, com número muito elevado de participações, foi a *Semana da Leitura*, lançada pelo PNL).

O envolvimento foi variável de escola para escola, mas, em geral, os níveis de participação de professores e alunos, e das bibliotecas escolares, foram bastante significativos, sobretudo tendo em conta que se tratava do primeiro ano do Plano.

Os programas do PNL para as bibliotecas públicas e para as famílias, assim como os dirigidos a outros públicos e contextos, foram menos intensos ou menos abrangentes neste primeiro ano, o que se compreende do ponto de vista das prioridades e do faseamento do Plano.

Mesmo assim, é de assinalar a integração no PNL de todo um conjunto de actividades de incentivo e promoção da leitura desenvolvidas nas bibliotecas públicas, com enquadramento e apoio da DGLB – na sequência, aliás, do que em muitos casos já vinham fazendo.

Foi também registado algum envolvimento de famílias nas actividades do PNL realizadas nas escolas e bibliotecas escolares, mais visível nos eventos comemorativos e nos concursos. A participação

de pais em acções de formação para apoio à leitura dos filhos, realizadas com a colaboração de associações de pais, teve um começo bastante interessante, embora ainda em escala reduzida.

A linha de estudos promovidos pelo PNL sobre leitura e literacia teve também concretização muito positiva. Foram realizados no primeiro ano do Plano cinco estudos, sobre hábitos de leitura dos portugueses (Santos, Neves, Lima e Carvalho, 2007), hábitos de leitura da população escolar (Lages, Liz, António e Correia, 2007), instrumentos de avaliação do desempenho em leitura (Sim-Sim e Viana, 2007), práticas de promoção da leitura nos países da OCDE (Neves, Lima e Borges, 2007), além do presente estudo de avaliação do primeiro ano do PNL. A realização da 1.^a Conferência do PNL, “A Leitura em Portugal: Desenvolvimento e Avaliação”, em Outubro de 2007, na Fundação Calouste Gulbenkian, foi ocasião privilegiada para apresentar publicamente esses estudos, debatê-los e confrontá-los com contributos de especialistas de diversos países.

A organização posta ao serviço da execução dos programas foi, no essencial, eficaz e eficiente. Deu suporte à concretização e coordenação de acções de grande escala, envolvendo milhares de participantes. Alguns casos pontuais de desencontro ou atraso, inevitáveis em operações desta amplitude, nunca foram de grande monta.

Tudo isto tem sido conseguido com recursos muito moderados. O dispositivo organizacional do PNL baseia-se na complementaridade entre um núcleo restrito de colaboradores directos da Comissão do PNL e o apoio prestado tanto por redes já estabelecidas no terreno, a Rede de Bibliotecas Escolares (RBE) e a Rede Nacional de Bibliotecas Públicas (RNBP), como por organismos do Ministério da Educação (Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação, Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular), do Ministério da Cultura (Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas) e dependentes do Ministro dos Assuntos Parlamentares (Gabinete para os Meios de Comunicação Social).

O sítio electrónico do PNL constitui um instrumento fundamental deste dispositivo organizacional. Através dele são fornecidas informações, feitas inscrições, coordenadas acções, divulgados estudos. Em particular, a ligação entre a Comissão do Plano e as escolas, no desenvolvimento das acções centrais do Plano, relativas tanto à leitura orientada em sala de aula como a uma diversidade de projectos, eventos e concursos em torno da leitura, tem vindo a usufruir muito deste sítio electrónico.

A relação do PNL com a sociedade deu primeiros passos promissores. Isso verificou-se quer no envolvimento de uma pluralidade de actores sociais nas actividades ou nos apoios ao PNL, quer na visibilidade do PNL junto da população em geral e na sensibilização desta para a importância do desenvolvimento da leitura e da literacia.

Para além dos actores sociais de implicação mais directa neste domínio – muito em especial as escolas, os professores, os alunos, as bibliotecas escolares e as bibliotecas públicas –, a Comissão do PNL desenvolveu um conjunto de iniciativas para chamar à colaboração com o Plano entidades autárquicas e da sociedade civil, desde câmaras municipais e fundações a associações e empresas. Essas iniciativas obtiveram algumas respostas bastante positivas, traduzindo-se tanto em apoios financeiros como em colaborações nas actividades do Plano.

Contudo, o grau de resposta foi muito variável. Do lado das fundações e das câmaras municipais foi já possível registar um conjunto de apoios muito significativos e um interesse crescente. Do lado das associações regista-se também uma elevada disponibilidade para a cooperação, se bem que as formas de a concretizar precisem ainda de ser desenvolvidas. Do lado das empresas, sendo de destacar alguns casos muito interessantes, já mencionados neste estudo, a adesão geral é ainda reduzida. Será provavelmente necessário dar-lhes a conhecer a importância que a literacia tem no aumento de potencial económico das empresas e dos países e a pertinência de incluir a promoção da leitura na esfera da responsabilidade social das empresas, assim como fomentar as possibilidades de mecenato neste domínio.

Em simultâneo, o PNL foi-se tornando conhecido por segmentos alargados da população em geral, tanto através de contactos directos ou indirectos com as acções desenvolvidas nas escolas e nas bibliotecas, como por meio de mensagens e programas nos meios de comunicação social, do sítio do PNL na Internet e da projecção pública da marca *Ler+*.

Atitudes dos diferentes segmentos do público abrangido

A população portuguesa apresenta ainda, no seu conjunto, níveis de literacia e hábitos de leitura relativamente fracos, quando comparados com os dos países mais avançados, designadamente da OCDE (Ávila, 2008; OCDE, 2007; Pinto-Ferreira e outros, 2007; Santos e outros, 2007; Lages e outros, 2007).

A tendência de fundo é de aumento progressivo dessas competências e práticas, acompanhando o acréscimo geral de escolarização da população, as solicitações crescentes de capacidades de literacia colocadas tanto pelas actividades profissionais como pelos consumos quotidianos e, não menos importante, a difusão de antigos e novos meios de leitura e escrita (publicação mais diversificada de livros, pluralidade de revistas temáticas, bibliotecas escolares e públicas em maior número e com novos perfis, livros nos hipermercados, jornais gratuitos, expansão dos computadores e da internet, etc.). Contudo, os ritmos desse crescimento dos níveis de literacia e das práticas de leitura da população portuguesa têm sido apenas moderados.

Apesar disso, ou talvez porque causa disso mesmo e de uma colocação recorrente do tema na agenda pública ao longo da última década, a atribuição de grande importância à leitura na sociedade contemporânea é hoje partilhada por praticamente todos os portugueses (ver capítulo 6). É uma atitude que se manifesta não só relativamente à leitura em geral mas também à leitura nas mais diversas esferas da vida social: ensino, actividade profissional, ciência e tecnologia, comunicação social, cidadania, artes e literatura, vida quotidiana, internet.

Quando as pessoas se focam, já não na sociedade em geral, mas na vida pessoal de cada um, a importância atribuída à leitura permanece muito elevada, mas em média um pouco menos. Esta atitude de atribuição de importância à leitura na própria vida pessoal tende a ser tanto mais alta

quanto maior é o grau de escolaridade das pessoas que a manifestam. O mesmo acontece com o gosto pela leitura. Esta é entendida antes de mais como útil, mas também como um prazer.

Dois terços dos portugueses têm uma atitude de valorização positiva das suas próprias capacidades de leitura, ou, o que é o mesmo visto pelo ângulo oposto, cerca de um terço da população considera as suas competências pessoais de leitura negativamente. As atitudes de avaliação positiva a este respeito são maiores entre as faixas da população mais jovens e mais escolarizadas.

A maioria dos portugueses tem uma atitude comparativa negativa a respeito da leitura em Portugal face ao conjunto da União Europeia: acham que cá se lê menos. Mas a atitude relativa à evolução da leitura no país é positiva: consideram que hoje se lê mais do que há 10 anos. Esta última é uma atitude partilhada muito maioritariamente em relação à leitura associada às novas tecnologias (telemóvel, computador, internet), um pouco menos em relação à leitura de jornais e revistas, e ainda menos – mas ainda assim por quase metade da população – em relação à leitura de livros.

Tendo em conta tudo isto, não surpreende que a maioria esmagadora da população manifeste uma atitude favorável ou mesmo muito favorável a acções dirigidas à promoção da leitura e ao aumento da literacia, como as do PNL. É uma atitude praticamente unânime. Além disso, muitos meios são encarados pela população como potencialmente úteis para esse objectivo, mas os mais valorizados tendem a ser, em grande convergência com as prioridades do PNL, promover actividades de leitura na escola, melhorar a preparação escolar dos jovens, promover as bibliotecas escolares e proporcionar novas oportunidades de formação aos adultos.

As atitudes de atribuição de importância à leitura e à literacia na sociedade actual, e, por conseguinte, de valorização do lançamento do Plano Nacional de Leitura, são, de um modo geral, também muito vincadas entre actores sociais que mantêm relações especializadas e específicas com o universo da leitura, como os professores, educadores, bibliotecários, editores e livreiros, assim como responsáveis autárquicos e dirigentes de associações de pais. Isso ficou bem claro no inquérito às escolas (capítulo 4), nos estudos de caso (capítulo 5) e nas entrevistas a actores de referência (capítulo 7) que se levaram a cabo neste estudo de avaliação.

Informação complementar de grande interesse sobre as atitudes face à leitura por parte da população em geral, dos pais e encarregados de educação, dos alunos dos diferentes ciclos do ensino básico e dos alunos do ensino secundário encontra-se em estudos recentes efectuados também no âmbito do Plano Nacional de Leitura, já atrás referenciados (Santos, Neves, Lima e Carvalho, 2007; Lages, Liz, António e Correia, 2007).

Impacte dos programas no desenvolvimento da leitura

O acréscimo das capacidades, gostos e hábitos de uma população em matéria de leitura é algo que supõe processos sociais de longa duração, envolvendo de maneira convergente uma variedade de agentes e acções, com incidência na opinião pública em geral, nas diversas esferas institucionais especiali-

zadas (escola, estado, autarquias, empresas, famílias, comunicação social, etc.) e na vida quotidiana de cada pessoa concreta.

É neste perspectiva que se promovem planos e programas nos diversos países, designadamente nos mais avançados, mas que nem por o serem dispensam políticas públicas e acções sistemáticas de desenvolvimento da literacia das populações e de incentivo aos hábitos de leitura. No âmbito da OCDE, precisamente, é possível inventariar uma grande quantidade de planos e programas deste género (Neves, Lima e Borges, 2007).

Deste modo, não seria de esperar poder medir com consistência impactes do Plano Nacional de Leitura ao fim de apenas um ano. Mas podem e devem estabelecer-se desde início os parâmetros de referência principais para se poder avaliar esses impactes nos próximos anos.

Os inquéritos realizados aos hábitos de leitura da população portuguesa, em geral e dos pais e/ou encarregados de educação (Santos, Neves, Lima e Carvalho, 2007), e da população escolar, no ensino básico e secundário (Lages, Liz, António e Correia, 2007), fornecem alguns marcos importantes para essas avaliações futuras.

Por outro lado, os exames nacionais, as provas de aferição e os estudos internacionais de avaliação directa de competências, como o PISA, permitirão também importantes avaliações de impactes, quando se puder comparar os respectivos resultados antes e após alguns anos de desenvolvimento do PNL. O mesmo se pode dizer, a outro nível, dos instrumentos a desenvolver para avaliar a evolução dos desempenhos de leitura nas escolas (Sim-Sim e Viana, 2007).

De momento, é possível tão-somente recorrer a indicações de carácter muito embrionário e provisório recolhidas através das operações deste estudo de avaliação no ano de lançamento do PNL.

Seja como for, importa referir que se verificou *um impacte significativo do PNL na sensibilização da opinião pública* a respeito da importância da leitura e das acções para a promover. Não só o barómetro de opinião pública aponta nesse sentido (capítulo 6) como uma das opiniões mais salientes de professores, bibliotecários e dirigentes de associações, manifestada de forma convergente em inquérito às escolas (capítulo 4), estudos de caso (capítulo 5) e entrevistas (capítulo 7), é justamente a de que o PNL teve já um impacto muito favorável no clima de opinião prevalecente na sociedade portuguesa a respeito da importância da leitura. Ter-se-á assim, ainda segundo tais declarações, propiciado a proliferação de iniciativas para a promoção da leitura e melhorado em muito a aceitação dessas acções por parte de pais, colegas, autarquias, empresas, etc.

Outra vertente já registável, inscrita nos dados da própria execução do Plano (capítulo 3), bem como nas observações de terreno (capítulo 5) e nas respostas ao inquérito às escolas (capítulo 4), consistiu no *impacte do PNL no envolvimento de uma diversidade de actores sociais em iniciativas de promoção da leitura e da literacia ou no apoio a essas actividades*. Escolas e bibliotecas escolares, bibliotecas públicas e câmaras municipais, algumas fundações, empresas e associações, professores, alunos e pais, editores e livreiros, meios de comunicação social, etc., muitos foram os que se envolveram, por si sós ou em cooperação, em acções de promoção da leitura. Em alguns casos, isso traduziu-se numa intensificação de actividades já antes realizadas. Noutros casos, gerou o alargamento das redes de partici-

pantes e novas formas de acção. Noutros casos, ainda, trouxe pela primeira vez ao domínio da promoção da leitura um conjunto de actores sociais que nele nunca se tinham envolvido.

Para além disso, pese embora a cautela com que se impõe considerar os dados a este respeito, não são de ignorar os *impactes nas próprias práticas e capacidades de leitura dos alunos*. No inquérito às escolas, nomeadamente, registam-se bastantes casos em que são já assinalados incrementos nas práticas de leitura (em sala de aula, sobretudo, mas também noutros contextos), acréscimos do interesse e do gosto pela leitura por parte dos alunos, e mesmo progressos adicionais nas suas competências de leitura (capítulo 4). É certo que se trata ainda de uma primeira apreciação, efectuada em cima do acontecimento, em geral sem recurso a instrumentos específicos de avaliação dos desempenhos de leitura. Mas não se pode deixar de dar conta de que é já neste sentido que apontam as apreciações de uma parte não negligenciável dos professores.

Factores explicativos

Tendo presente tudo o que se tem vindo a examinar ao longo deste estudo, e a síntese constante dos pontos imediatamente anteriores, os resultados do PNL, no seu primeiro ano de execução, podem caracterizar-se globalmente como bastante positivos. Importa, porém, ir um pouco mais longe, do ponto de vista avaliativo, e procurar identificar os *principais factores explicativos desses resultados*.

A informação recolhida, nas suas múltiplas componentes, as apreciações dos diversos actores sociais auscultados e a análise efectuada apontam claramente para duas ordens de factores explicativos: a) relativos à actividade desenvolvida directamente pelo PNL; b) relativos às condições gerais para o desenvolvimento do Plano.

Do ponto de vista da actividade desenvolvida pelo PNL, tudo parece indicar que os resultados atingidos têm na sua base:

- i) *uma concepção do Plano informada pela experiência anterior de boas práticas, a nível nacional e internacional*, nomeadamente as prosseguidas em escolas e bibliotecas, por professores, bibliotecários e animadores de referência no país, assim como por iniciativas análogas, das mais avançadas, de outros países;
- ii) *a proposta às escolas de actividades concretas, simples e focadas, com sugestão de procedimentos e canalização de recursos específicos*, como foi o caso, muito em especial, das sugestões de leitura orientada nas salas de aula e do reforço de livros atribuído a um conjunto de escolas para esse fim, ou como foi também o caso da *Semana da Leitura*, entre diversas outras actividades de estímulo e valorização da leitura;
- iii) *um dispositivo consistindo nuclearmente no apelo e acolhimento a candidaturas, projectos e participações*, isto é, um dispositivo de políticas públicas baseado mais no estímulo à “iniciativa

enquadrada” do que na “determinação normativa”, dispositivo esse que contempla igualmente a criação de condições para acolher e apoiar essas iniciativas; exemplo central foi o desafio às escolas para se inscreverem e participarem em actividades (como as referidas de leitura orientada nas salas de aula ou da Semana da Leitura), para desenvolverem projectos e se candidatarem a apoios; outro exemplo importante foi a interpelação de outros actores sociais, nomeadamente fundações, câmaras municipais, empresas e associações, para se envolverem e participarem fornecendo meios às actividades em curso, colaborando nelas directamente ou gerando novas actividades articuladas com o Plano;

- iv) *o facto de se ter usado, como estruturas de suporte para a implementação do Plano, as redes já existentes, com implantação efectiva no terreno, muito em especial a Rede de Bibliotecas Escolares (RBE), e também, em certa medida, a Rede Nacional de Bibliotecas Públicas (RNBP), redes essas que ajudaram muito no contacto directo com os contextos de acção mais importantes do Plano (o que foi particularmente central e sistemático, nesta fase, por parte da RBE) e na articulação do PNL com as actividades de promoção da leitura desenvolvidas em continuidade nas escolas, bibliotecas escolares e bibliotecas públicas.*

Do ponto de vista das condições para o desenvolvimento do Plano, parecem ter sido decisivas as seguintes, situadas a diferentes níveis (da envolvente social, do enquadramento político e da liderança do Plano):

- v) *a existência de uma base social de apoio latente, constituída por um conjunto muito significativo de actores sociais envolvidos profissional, cultural e civicamente na área da leitura (professores, educadores, bibliotecários, animadores, investigadores, associações, meios de comunicação, editores, etc.), todos eles conhecedores do tema, com experiências variadas na área, e bastante sensíveis à importância de acções deste tipo num país que sentem muito carenciado neste domínio; além disso, essa predisposição especializada foi acompanhada, nos últimos anos, por um acréscimo geral da sensibilidade pública à importância crescente da educação e do conhecimento nas sociedades actuais;*
- vi) *uma assunção política efectiva do Plano, com apoio simbólico, organizativo e financeiro por parte do governo, e com um acolhimento em geral favorável, ou pelo menos não controverso, por parte das oposições;*
- vii) *uma liderança de elevada qualidade, aos níveis conceptual, estratégico e operacional, por parte da Comissão do Plano.*

A questão da continuidade

Resta acrescentar, relativamente às condições para o desenvolvimento futuro do Plano e para que ele possa atingir os seus objectivos centrais, que a questão mais decisiva que se põe ao Plano Nacional de Leitura parece ser a da continuidade.

Todos os estudos internacionais enfatizam este ponto. Os actores sociais contactados no decurso desta avaliação foram também praticamente unânimes em sublinhá-lo.

O que está em causa, afinal, é nada menos do que a elevação significativa das capacidades e das práticas efectivas de leitura de uma população, à escala nacional.

Um processo tão complexo, envolvendo tantas dimensões e tantos actores sociais, e intrinsecamente tão demorado nos seus processos de fundo, não pode chegar a resultados e impactes verdadeiramente relevantes se não contar com um tempo longo de execução e uma grande continuidade de acção, assim como com uma elevada capacidade de avaliação e inovação no decurso dessa acção continuada.

Todas as acções pontuais ou esporádicas neste domínio podem ser valiosas. Mas não são certamente suficientes. As referências a isso foram permanentes, na variedade de depoimentos recolhidos no decurso desta avaliação.

O Plano Nacional de Leitura, com um horizonte temporal de 10 anos, está vocacionado para constituir um vector central de dinamização inovadora, integração confluyente e ampliação de escala dos processos de promoção da leitura na sociedade portuguesa. O primeiro ano do Plano deu indicações muito favoráveis da capacidade para o fazer. A continuidade do PNL poderá permitir a concretização dos objectivos exigentes mas fundamentais a que se propõe.

8. SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PNL

Fundamentos do sistema de avaliação

Como se referiu de início, os objectivos deste estudo de avaliação foram: a) proceder a uma primeira avaliação das realizações e repercussões do Plano Nacional de Leitura durante o ano do seu lançamento; b) conceber e testar um *Sistema de Avaliação do PNL*, destinado a acompanhar o Plano ao longo de toda a sua execução, prevista para 10 anos (duas fases, de 5 anos cada).

A avaliação do primeiro ano do PNL consta dos capítulos 2 a 7 deste estudo e dos respectivos anexos. Neste último capítulo apresenta-se um modelo de Sistema de Avaliação do PNL, modelo esse que foi sendo elaborado, experimentado e aperfeiçoado no decurso do primeiro ano.

Alguns dos fundamentos teóricos e metodológicos que presidem a este modelo de avaliação foram abordados logo de início, na apresentação e no capítulo 1. Retomam-se ou acrescentam-se aqui apenas alguns pontos principais, directamente relativos ao encadeamento conceptual que está subjacente ao sistema de avaliação proposto.

O primeiro ponto diz respeito às *políticas públicas*. Hoje em dia, muito em especial nos países mais desenvolvidos, a formulação e o desenvolvimento de políticas públicas, assim como dos respectivos planos e programas, tendem cada vez mais a apoiar-se em conhecimento sistemático e rigoroso, produzido com o apoio de metodologias de investigação em ciências sociais.

Nos termos em que a questão tem vindo a ser colocada por especialistas do espaço anglo-saxónico, isso corresponderia a uma substituição progressiva da tradicional *opinion-based policy* pela mais actual *evidence-based policy* (Davies, 2004). Os estudos de avaliação de políticas públicas assumem um lugar decisivo neste processo.

Porém, se essa alteração do peso relativo entre “conhecimento” e “opinião” parece estar efectivamente a fazer o seu caminho (em graus variados), também é verdade que na geração e regulação de políticas públicas não estão presentes apenas esses dois parâmetros.

Com efeito, as políticas públicas envolvem também todo um outro conjunto de saberes e juízos, como por exemplo os decorrentes da experiência, da pericialidade e do confronto de posições entre actores sociais e políticos. Para além disso, inscrevem-se num conjunto alargado de factores, como os contextos sociais e culturais, o quadro institucional, a situação económica e política, as relações de poder, a acção de grupos sociais, os recursos e as contingências (Pawson, 2002a, b; Davies, 2004; Moran, Rein e Goodin, 2006).

Por outro lado, a opinião (de um conjunto mais ou menos alargado de actores) e o conhecimento (produzido de maneira mais ou menos sistemática e rigorosa) surgem não só em relação de oposição,

mas também em relação de conjugação. Importa reter, em particular, que uma parte muito significativa do conhecimento mobilizado na avaliação de políticas públicas é conhecimento sobre a opinião de actores envolvidos – mais precisamente, conhecimento sobre as representações, interesses, valores e atitudes desses actores sociais, a respeito dos assuntos em causa.

Em todo o caso, o conhecimento relevante para a avaliação não se reduz a dar a palavra aos actores sociais envolvidos. Por mais importante que essa palavra seja, e é-o de facto, há outros elementos de informação a considerar, provenientes de outras fontes (estatísticas, documentais, etc.). E há toda a mobilização a efectuar de aquisições teóricas, referenciais comparativos e procedimentos inferenciais controlados, visando produzir uma avaliação não só descritiva mas também analítica.

O segundo ponto tem a ver com os *paradigmas de avaliação*. As considerações anteriores sobre políticas públicas recomendam que, quando se passa ao plano analítico, seja necessário superar tanto as versões dos estudos de avaliação estritamente “positivistas” quanto as versões redutoramente “construtivistas”. Em termos esquemáticos, umas confiam exclusivamente em *indicadores*, as outras confiam exclusivamente nos *actores*. As primeiras baseiam-se em informação quantitativa de carácter objectivista e em procedimentos de análise “pré-pós” que, em geral, não tomam suficientemente em conta a multiplicidade dos factores, a reflexividade dos agentes e a dinâmica dos processos. As segundas baseiam-se em informação qualitativa de carácter discursivo e em procedimentos subjectivistas de análise interpretativa que, em geral, não tomam suficientemente em conta os contextos estruturais, os quadros institucionais e o poder causal dos mecanismos sociais.

A teoria e prática dos estudos de avaliação tem identificado diversos paradigmas destes estudos, alguns dos quais são versões da polarização referida entre “positivistas” e “construtivistas”, enquanto outros a procuram ultrapassar com contributos integradores diversos (Guba e Lincoln, 1989; Capucha, 1996; Capucha e outros, 1996; Patton, 1997, Pawson e Tilley, 1997; Rossi, Lipsey e Freeman, 2003). Actualmente, pode dizer-se que o “estado da arte” dos estudos de avaliação não só já superou em grande medida a referida polarização redutora como avançou bastante na exploração, em diversas direcções, das potencialidades da integração ponderada de registos informativos, procedimentos metodológicos e estratégias analíticas (Stern, 2005).

O Sistema de Avaliação do PNL aqui apresentado (Figura 8.1) assenta justamente numa concepção de estudos de avaliação que procura incorporar aquisições fundamentais neste domínio. Pode-se caracterizá-lo como *um sistema de avaliação integrado e interactivo*.

Em termos mais especificados, o desenho deste Sistema de Avaliação do PNL visa permitir: a) articular análises de indicadores com análises de actores; b) complementar balanços avaliativos de carácter descritivo com análises de avaliação interpretativas e explicativas de processos, resultados e impactes; c) confrontar informação produzida directamente por estudos realizados no âmbito do Plano com informação proveniente de operações realizadas com outros fins mas indirectamente relacionáveis com ele; d) conjugar um posicionamento de avaliação externa com uma interacção cooperante com as entidades responsáveis pelo desenvolvimento do Plano, de modo a contribuir tanto para a produção de conhecimento e a prestação de contas pública (*accountability*) como para a aprendiza-

gem dos actores envolvidos, a regulação do Plano, o aperfeiçoamento continuado das suas acções e a potenciação dos seus resultados e impactes.

O terceiro ponto reporta-se aos *métodos de avaliação*. Do que fica dito atrás retira-se a necessidade de concretizar o sistema de avaliação recorrendo, no plano metodológico, a uma abordagem pluralista, “multi-método” (*mixed method evaluation*).

Aliás, de há muito que nas ciências sociais vêm sendo referenciadas as vantagens cognitivas da articulação de métodos. Também aqui estão largamente ultrapassadas as contraposições apriorísticas e exclusivistas entre métodos quantitativos e qualitativos, extensivos e intensivos, documentais e presenciais (Almeida e Pinto, 1976; Silva e Pinto, 1986; Brannen, 1992). Mais recentemente, é também nessa direcção que se orientam algumas importantes obras metodológicas de referência, tanto na investigação em ciências sociais como nos estudos de avaliação (Ragin, 1994; Capucha, 1996; Capucha e outros, 1996; Bryman, 2004; Stern, 2005; Axinn e Pearce, 2006).

O sistema de avaliação elaborado para o PNL prevê esta combinação de métodos múltiplos, quer nas operações de recolha de informação, quer nos procedimentos de análise dessa informação.

Desenho do sistema de avaliação

O Sistema de Avaliação do PNL aqui apresentado resulta de uma concepção inicial assente nos fundamentos acima enunciados e testada ao longo do primeiro ano de desenvolvimento do Plano. Essa primeira construção e aplicação de instrumentos metodológicos permitiu aferi-los e aperfeiçoá-los, e permitiu igualmente completar o desenho de conjunto do sistema de avaliação.

Em termos mais concretos, tal como consta em esquema da Figura 8.1, o Sistema de Avaliação do PNL é constituído nuclearmente por um conjunto de operações metodológicas.

Essas operações metodológicas foram concebidas de modo a poderem dar resposta aos *objectivos da avaliação* específicos que o próprio PNL prevê, isto é: a) avaliar a execução dos programas em que o Plano se desdobra; b) avaliar as atitudes dos diversos segmentos do público abrangido; c) avaliar os impactes do Plano no desenvolvimento da leitura.

Em simultâneo, este dispositivo metodológico está concebido de maneira a incidir sobre quatro *domínios de avaliação* fundamentais em quaisquer políticas públicas, planos e programas: i) a concepção; ii) a operacionalização; iii) a execução; iv) os resultados e impactes.

Por outro lado, ainda, o sistema de avaliação foi construído de modo a integrar informação proveniente de um conjunto alargado de *actores sociais*, tanto promotores do Plano como destinatários dele, ou nele de algum modo intervenientes, desde a própria Comissão do Plano até à população em geral, passando por professores e alunos, bibliotecários (de bibliotecas escolares e bibliotecas públicas) e responsáveis autárquicos, pais e associações, actores de referência e profissionais de diversos domínios com relação com a leitura e com o PNL.

Quanto às *operações metodológicas* propriamente ditas, elas agrupam-se em três blocos.

Num primeiro bloco localizam-se as operações metodológicas directas, isto é, promovidas directamente para a avaliação do PNL. Deste bloco fazem parte, por um lado, as operações metodológicas que, na sua versão piloto, foram objecto deste estudo de avaliação: análise do sistema de informação do Plano; entrevistas à Comissão do PNL; inquérito às escolas; estudos de caso; barómetro de opinião pública; entrevistas a actores de referência. Estes instrumentos e procedimentos são basicamente os apresentados nos capítulos anteriores e nos anexos do presente estudo, introduzindo os aperfeiçoamentos recomendados pelo teste realizado no primeiro ano e alargando o seu âmbito de modo a abranger novas vertentes, de acordo com a evolução do PNL (por exemplo, as escolas e bibliotecas escolares dos escalões de ensino que vão sendo sucessivamente objecto de acção sistemática do Plano, ou os médicos de clínica geral que entretanto começaram a desenvolver acções de sensibilização à leitura articuladas com o PNL). Prevê-se que algumas destas operações metodológicas sejam de accionamento anual, mas outras poderão ser aplicadas mais espaçadamente, por exemplo de dois em dois anos.

Por outro lado, do bloco das operações metodológicas promovidas directamente para a avaliação do PNL fazem também parte os inquéritos aos hábitos de leitura da população em geral (Santos e outros, 2007) e, especificamente, da população escolar (Lages e outros, 2007). Os resultados da realização destes inquéritos no primeiro ano do Plano constituem marcos de caracterização da situação de partida. A respectiva reedição, passados alguns anos (uma possibilidade é voltar a fazê-los no final da primeira fase do PNL, após 5 anos), poderá fornecer dados comparativos importantes para uma análise das evoluções da leitura na sociedade portuguesa, e em particular na escola, e, por conseguinte, proporcionar elementos de referência para uma avaliação alargada de impactes do PNL. Este bloco metodológico poderá ainda incluir um outro estudo, muito importante, sobre os impactes económicos da leitura e da literacia.

No segundo bloco inclui-se um conjunto de operações metodológicas indirectas, ou, mais precisamente, que não são promovidas pelo PNL mas que podem fornecer indirectamente um conjunto valioso de dados para a avaliação dos seus processos e impactes. É o caso dos resultados dos exames e outras provas do ensino básico e secundário realizadas a nível nacional, sobretudo na medida em que possam ser objecto de análises de séries temporais. É também o caso dos estudos promovidos pela OCDE sobre competências de literacia, designadamente competências dos alunos, como o PISA (*Programme for International Student Assessment*), estudos que têm o interesse adicional de proporcionarem comparações internacionais.

Por último, num terceiro bloco estão previstas operações metodológicas que possuem, antes de mais, um carácter de *auto-avaliação*. Uma delas teve já o seu primeiro passo num estudo realizado para o PNL sobre instrumentos para a avaliação do desempenho de leitura dos alunos nas escolas (Sim-Sim e Viana, 2007). Esse tipo de instrumentos, se construídos e aplicados de maneira generalizada, poderá constituir um importante meio de auto-avaliação e regulação dos processos de ensino-aprendizagem e um factor de melhoria das competências de leitura dos alunos. Além disso, se a

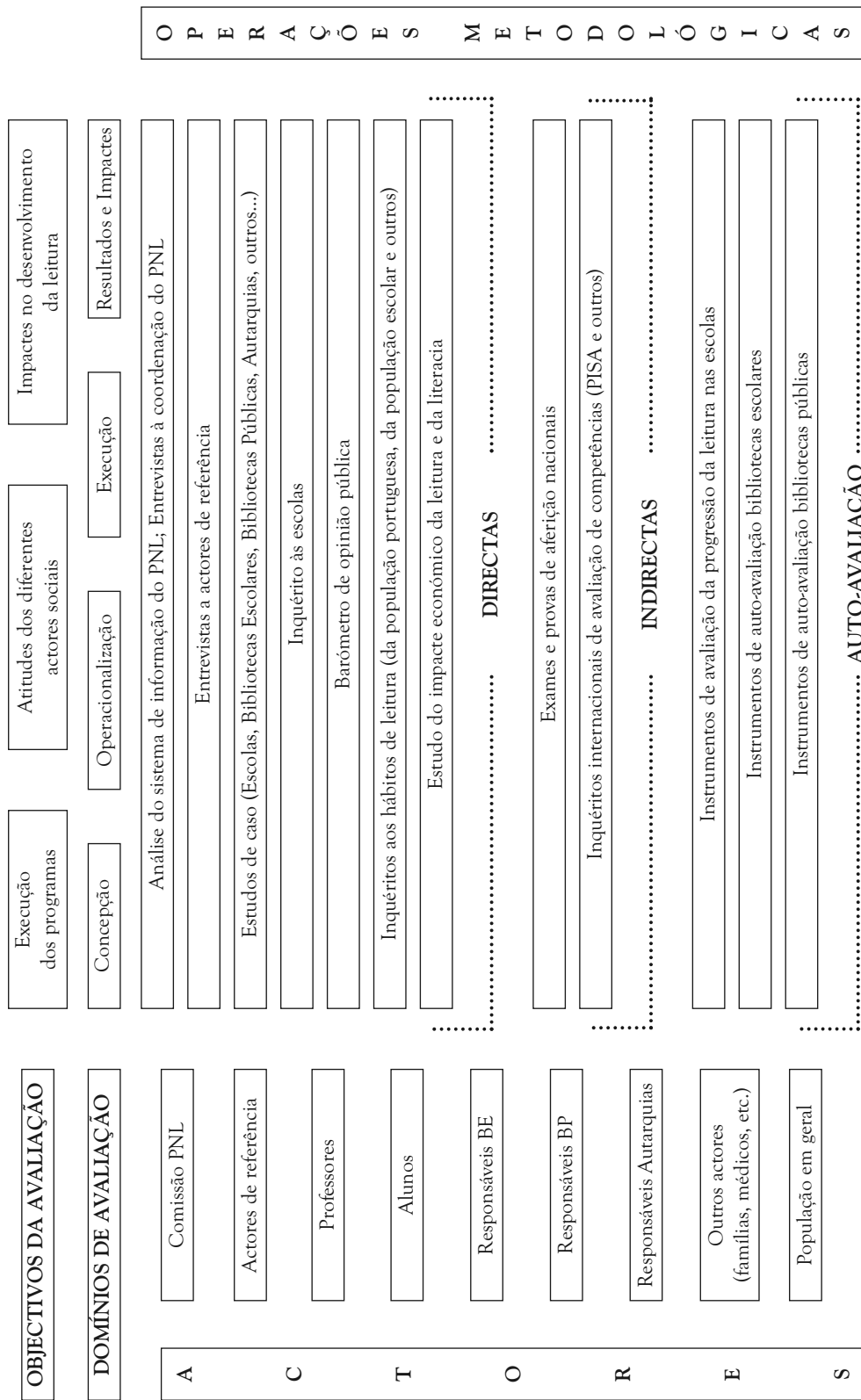
informação deles decorrente vier a ser tratada agregadamente, poderão fornecer elementos muito importantes para a avaliação de conjunto do PNL.

O mesmo se pode dizer de instrumentos de auto-avaliação que se poderão construir junto das bibliotecas escolares e públicas. Para além de as ajudarem a conhecer melhor os resultados e impactes das suas próprias actividades e, conseqüentemente, a aperfeiçoá-las e potenciá-las, também aqui a análise agregada dos resultados poderá produzir elementos valiosos da avaliação do PNL.

A Figura 8.1 sintetiza graficamente a lógica geral deste *Sistema de Avaliação do Plano Nacional de Leitura* assim como as suas componentes principais: as *operações metodológicas* previstas (operações metodológicas de avaliação externa directa, de avaliação externa indirecta e de auto-avaliação), os *actores sociais* a abranger nessas operações metodológicas de avaliação (actores de diferentes tipos e com diferentes modos e graus de envolvimento no Plano), os *domínios de avaliação* sobre os quais as operações metodológicas incidem (concepção, operacionalização, execução, resultados e impactes) e os *objectivos de avaliação* (execução dos programas, atitudes dos diversos segmentos do público abrangido, impactes no desenvolvimento da leitura) a que especificamente se procura dar resposta.

Figura 8.1

Sistema de Avaliação do Plano Nacional de Leitura



O P E R A Ç Õ E S M E T O D O L Ó G I C A S

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, João Ferreira de, e José Madureira Pinto (1976), *A Investigação nas Ciências Sociais*, Lisboa, Presença.
- Ávila, Patrícia (2008), *A Literacia dos Adultos. Competências-chave na Sociedade do Conhecimento*, Lisboa, Celta Editora.
- Axinn, William G., e Lisa D. Pearce (2006), *Mixed Method Data Collection Strategies*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Barton, David (2007), *Literacy. An Introduction to the Ecology of Written Language*, Malden, Blackwell Publishing.
- Barton, David, e Mary Hamilton (1998), *Local Literacies. Reading and Writing in one Community*, Londres, Routledge.
- Baudelot, Christian, Marie Cartier e Christine Detrez (2000), *Et Pourtant ils Lisent*, Paris, Editions du Seuil.
- Benavente, Ana, Alexandre Rosa, António Firmino da Costa e Patrícia Ávila (1996), *A Literacia em Portugal. Resultados de uma Pesquisa Extensiva e Monográfica*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian / Conselho Nacional de Educação.
- Brannen, Júlia (ed.) (1992), *Mixing Methods: Qualitative and Quantitative Research*, Aldershot (UK), Ashgate.
- Bryman, Alan (2004), *Social Research Methods*, 2nd ed., Oxford, Oxford University Press.
- Capucha, Luís (1996), “Sistema de avaliação de programas: uma proposta para o futuro”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 22, pp. 185-193.
- Capucha, Luís, João Ferreira de Almeida, Paulo Pedroso e José Vieira da Silva (1996), “Metodologias de avaliação: o estado da arte em Portugal”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 22, pp. 9-27.
- Carey, Siobhán, Ann Bridgwood, Margaret Thomas e Patrícia Ávila (2000), “Adult literacy in Portugal”, em Siobhán Carey (org.), *Measuring Adult Literacy. The International Adult Literacy Survey in the European Context*, Londres, ONS, pp. 218-238.
- Costa, António Firmino da (2003), “Competências para a sociedade educativa: questões teóricas e resultados de investigação”, em AA.VV., *Cruzamentos de Saberes. Aprendizagens Sustentáveis*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 179-194.
- Costa, António Firmino da, e Patrícia Ávila (1998), “Problemas da/de literacia”, *Ler História*, 35, pp. 127-150.
- Davies, Philip (2004), “Is evidence-based government possible?”, paper presented at the 4th Annual Campbell Collaboration Colloquium, Washington D.C.

- Ferrão, João (1996), “A avaliação comunitária de programas regionais: aspectos de uma experiência recente”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 22, pp. 29-41.
- Gore, Al (2007), *The Assault on Reason*, Londres, Bloomsbury.
- Goody, Jack (1987a), *The Interface Between the Written and the Oral*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Goody, Jack (1987b), *A Lógica da Escrita e a Organização da Sociedade*, Lisboa, Edições 70.
- Goody, Jack (2000), *The Power of the Written Tradition*, Washington, Smithsonian Institution Press.
- Guba, Egon G., e Yvonna S. Lincoln (1989), *Fourth Generation Evaluation*, Newbury Park (Cal.), Sage.
- Griswold, Wendy, Terry McDonnell e Nathan Wright (2005), “Reading and the reading class in the twenty-first century”, *Annual Review of Sociology*, 31, pp. 127-141.
- Lages, Mário F., Carlos Liz, João H. C. António e Tânia Sofia Correia (2007), *Os Estudantes e a Leitura*, Lisboa, GEPE/Ministério da Educação.
- Lahire, Bernard (1993), “Pratiques d’écriture et sens pratique”, em Martine Chaudron e François de Singly (orgs.), *Identité, Lecture, Écriture*, Paris Centre Georges Pompidou, pp. 115-130.
- Lahire, Bernard (2001, 2003), *O Homem Plural. As Molas da Acção*, Lisboa, Instituto Piaget.
- Lahire, Bernard (2004), “Formas de lectura estudiantil y categorías escolares de la comprensión de la lectura”, em Bernard Lahire (org.), *Sociología de la Lectura*, Barcelona, Editorial Gedisa, pp. 149-178.
- Moran, Michael, Martin Rein e Robert E. Goodwin (eds.) (2006), *The Oxford Handbook of Public Policy*, Oxford, Oxford University Press.
- Murray, T. Scott (2003a), “Reflections on international competence assessments”, em Dominique Simone Rychen e Laura Hersh Salganik (orgs.), *Key Competencies for a Successful Life and a Well-Functioning Society*, Gottingen, Hogrefe & Huber Publishers, pp. 135-160.
- Murray, T. Scott (2003b), “Training cycles and skill for new learning activities: the case for Portugal”, em AA.VV., *Cruzamentos de Saberes. Aprendizagens Sustentáveis*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 155-178.
- Neves, José Soares, Maria João Lima e Vera Borges (2007), *Práticas de Promoção da Leitura nos Países da OCDE*, Lisboa, OAC (edição electrónica).
- OCDE (2001), *Knowledge and Skills for Life. First Results from PISA 2000*, Paris, OCDE.
- OCDE (2004), *Learning for Tomorrow’s World. First Results from PISA 2003*, Paris, OCDE.
- OCDE (2007), *PISA 2006: Science Competencies for Tomorrow’s World*, Paris, OCDE.
- OCDE e Statistics Canada (2000), *Literacy in the Information Age. Final Report of the International Adult Literacy Survey*, Paris, OCDE.
- Papen, Uta (2005), *Adult Literacy as Social Practice*, Nova Iorque, Routledge.
- Patton, Michael Quinn (1997), *Utilization-Focused Evaluation*, 3rd ed., Thousand Oaks, Sage.
- Pawson, Ray (2002a), “Evidence-based policy: in search of a method”, *Evaluation*, 8(2), pp. 157-181.
- Pawson, Ray (2002b), “Evidence-based policy: the promise of ‘realist synthesis’”, *Evaluation*, 8(3), pp. 340-358.

- Pawson, Ray, e Nick Tilley (1997), *Realistic Evaluation*, London, Sage.
- Pinto-Ferreira, Carlos, Anabela Serrão, e Lídia Padinha (2007), PISA 2006. *Competências Científicas dos Alunos Portugueses*, Lisboa, GAVE (edição electrónica).
- Ragin, Charles C. (1994), *Constructing Social Research*, Thousand Oaks, Pine Forge Press.
- Rossi, Peter H., Mark W. Lipsey e Howard E. Freeman (2003), *Evaluation: A Systematic Approach*, 7th ed., Newbury Park (Cal.), Sage.
- Rychen, Dominique Simone, e Laura Hersh Salganik (orgs.) (2003b), *Key Competencies for a Successful Life and a Well-Functioning Society*, Gottingen, Hogrefe & Huber Publishers.
- Santos, Maria de Lourdes Lima dos, José Soares Neves, Maria João Lima e Margarida Carvalho (2007), *A Leitura em Portugal*, Lisboa, GEPE/Ministério da Educação.
- Silva, Augusto Santos, e José Madureira Pinto (orgs.) (1986), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Afrontamento.
- Sim-Sim, Inês, e Fernanda Leopoldina Viana (2007), *Para a Avaliação do Desempenho de Leitura*, Lisboa, GEPE/Ministério da Educação.
- Stern, Elliot (ed.) (2005), *Evaluation Research Methods*, 4 vols., London, Sage.

ANEXOS

ANEXO I
Inquérito às Escolas

Índice

1. POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	105
Quadro 1: Região e tipologia	105
Quadro 2: Distrito.....	106
Quadro 3: Grupo/Natureza	106
Quadro 4: Pertença à RBE.....	106
2. QUADROS DE RESULTADOS	107
2.1. OUTROS DADOS DE CARACTERIZAÇÃO DAS ESCOLAS INQUIRIDAS	107
Quadro 5: Níveis de ensino existentes nas escolas inquiridas	107
Quadro 6: Professor de contacto para o PNL nas escolas (P1).....	107
Quadro 7: Alunos e turmas / salas das escolas inquiridas, por nível de ensino (P2)	107
2.2. ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS PELA ESCOLA NO ÂMBITO DO PNL	108
Quadro 8: Actividades desenvolvidas pelas escolas no âmbito do PNL, por nível de ensino (P3)	108
Quadro 9: Turmas abrangidas por cada actividade desenvolvida, por nível de ensino (P4)	109
Quadro 10: Âmbito em que se enquadram as actividades desenvolvidas, por nível de ensino (P5).....	110
Quadro 11: Locais onde se realizaram as actividades, por nível de ensino (P6).....	111
Quadro 12: Frequência da leitura em sala de aula, por nível de ensino (P7).....	112
Quadro 13: Turmas/salas em que foram lidos livros por nível de ensino (P8)	113
Quadro 14: Utilização dos livros recomendados pelo PNL na leitura em sala de aula, por nível de ensino (P9)	114
Quadro 15: Apreciação da lista de livros recomendados pelo PNL, por nível de ensino (P10).....	114
Quadro 16: Participação nas iniciativas promovidas pelo PNL, por nível de ensino (P11).....	115
Quadro 17: Envolvimento das bibliotecas escolares nas actividades desenvolvidas no âmbito do PNL (P12)	115
Quadro 18: Importância da biblioteca escolar para o desenvolvimento das actividades (P13)	116
Quadro 19: Envolvimento da Biblioteca Pública/Municipal nas actividades (P14)	116
Quadro 20: Apreciação da importância da Biblioteca Pública/Municipal para o desenvolvimento das actividades (P15).....	116
Quadro 21: Apreciação do apoio prestado à escola pela autarquia no âmbito do PNL (P16)	116
Quadro 22: Professores/educadores envolvidos nas actividades realizadas na escola no âmbito do PNL (P17).....	117
Quadro 23: Área disciplinar dos professores envolvidos nas actividades do PNL, por nível de ensino (P18).....	117
Quadro 24: Nível de participação dos professores de Língua Portuguesa nas actividades do PNL, por nível de ensino (P19).....	117
Quadro 25: Professores/educadores envolvidos nas actividades realizadas, por nível de ensino (P20).....	118
Quadro 26: Participação dos professores nas várias actividades desenvolvidas, por nível de ensino (P21)	118

Quadro 27: Nível de execução das propostas e orientações do PNL por parte dos professores, por nível de ensino (P22)	119
Quadro 28: Alunos abrangidos pelas actividades realizadas, por nível de ensino (P23).....	119
Quadro 29: Adesão dos alunos às actividades desenvolvidas, por nível de ensino (P24)	120
Quadro 30: Inclusão da participação dos pais nas actividades desenvolvidas, por nível de ensino (P25)	121
Quadro 31: Apreciação da participação dos pais, por nível de ensino (P26)	122
Quadro 32: Articulação com o agrupamento na realização das actividades (P27)	122
Quadro 33: Coordenação das actividades pela sede de agrupamento (P28)	123
Quadro 34: Avaliação da articulação entre a escola e a sede de agrupamento (P29)	123
Quadro 35: Agentes responsáveis pela organização e dinamização das actividades na escola (P30).....	123
Quadro 36: Avaliação da concretização das actividades desenvolvidas (P31)	124
Quadro 37: Dificuldades na concretização das actividades (P32).....	124
Quadro 38: Principais dificuldades/obstáculos à concretização das actividades (P33)	124
2.3. RESULTADOS E IMPACTES.....	125
Quadro 39: Avaliação dos efeitos/impactos das actividades desenvolvidas nos alunos, por nível de ensino (P34.1. e P34.2.)	125
Quadro 40: Avaliação dos efeitos/impactos das actividades desenvolvidas nos professores e na relação da escola com outros agentes, por nível de ensino (P34.3.)	127
Quadro 41: As actividades de promoção da leitura desenvolvidas na escola foram (P35):.....	128
Quadro 42: Nível de correspondência entre as actividades desenvolvidas e as orientações do PNL (P36)	128
Quadro 43: Progressos dos alunos no domínio da leitura (P37)	128
2.4. ACOMPANHAMENTO DA COORDENAÇÃO DO PNL.....	129
Quadro 44: As informações e orientações que a escola recebeu da coordenação do PNL para o desenvolvimento das actividades são (P38):.....	129
Quadro 45: Consulta das propostas e orientações disponíveis no site do PNL pelos professores (P39)	129
Quadro 46: Principal razão pela qual poucos/nenhuns professores consultaram as orientações no site do PNL (P40).....	130
Quadro 47: Frequência com que os professores consultam o site do PNL (P41)	130
Quadro 48: Apoio financeiro para a aquisição de livros / Oferta de livros (P42).....	130
Quadro 49: Fonte dos apoios (P43).....	130
Quadro 50: Avaliação dos apoios (P44)	131
Quadro 51: Avaliação da ausência de apoios (P45)	131
2.5. SOBRE O PNL (EM TERMOS GERAIS).....	132
Quadro 52: Importância do lançamento do PNL (P46)	132
Quadro 53: Apreciação das orientações e propostas do PNL (P47).....	132
3. QUESTIONÁRIO.....	133

1. POPULAÇÃO E AMOSTRA

Quadro 1: Região e tipologia

	Universo		Escolas inquiridas	
	n	%	n	%
Região				
Alentejo	505	6,7	203	7,5
Algarve	242	3,2	92	3,4
Centro	1856	24,5	696	25,8
Lisboa	1839	24,3	686	25,4
Norte	3124	41,3	1022	37,9
Total	7566	100,0	2699	100,0
Tipologia				
EB1	3415	45,1	1198	44,4
EB1,2	3	0,0	1	0,0
EB1/JI	1158	15,3	415	15,4
EB2	19	0,3	7	0,3
EB2,3	539	7,1	258	9,6
EB2,3/ES	67	0,9	31	1,1
EBI	65	0,9	30	1,1
EBI/JI	29	0,4	10	0,4
EBM	1	0,0	1	0,0
ES/EB3	3	0,0	5	0,2
ESA	1	0,0	0	0,0
JI	2098	27,7	696	25,8
Outra	169	2,2	46	1,7
Total	7566	100,0	2698	100,0

Quadro 2: Distrito

		Universo		Escolas inquiridas	
		n	%	n	%
Distrito	Aveiro	616	8,1	238	8,8
	Beja	191	2,5	71	2,6
	Braga	707	9,3	268	9,9
	Bragança	187	2,5	74	2,7
	Castelo Branco	147	1,9	98	3,6
	Coimbra	377	5,0	116	4,3
	Évora	144	1,9	67	2,5
	Faro	242	3,2	92	3,4
	Guarda	297	3,9	124	4,6
	Leiria	516	6,8	210	7,8
	Lisboa	834	11,0	268	9,9
	Portalegre	103	1,4	20	0,7
	Porto	1094	14,5	317	11,7
	Santarém	573	7,6	248	9,2
	Setúbal	338	4,5	140	5,2
	Viana do Castelo	228	3,0	46	1,7
	Vila Real	302	4,0	101	3,7
	Viseu	670	8,9	201	7,4
Total		7566	100,0	2699	100,0

Quadro 3: Grupo/Natureza

	Universo		Escolas inquiridas	
	n	%	n	%
Privado	126	1,7	36	1,3
Público	7440	98,3	2663	98,7
Total	7566	100,0	2699	100,0

Quadro 4: Pertença à RBE

	Universo		Escolas inquiridas	
	n	%	n	%
Pertence à RBE	1918	25,3	865	32,0
Não pertence à RBE	5648	74,7	1834	68,0
Total	7566	100,0	2699	100,0

2. QUADROS DE RESULTADOS

2.1. Outros dados de caracterização das escolas inquiridas

Quadro 5: Níveis de ensino existentes nas escolas inquiridas

	n
Jardim-de-infância	1159
1º Ciclo	1663
2º Ciclo	350
3º Ciclo	343
Secundário	45

Quadro 6: Professor de contacto para o PNL nas escolas (P1)

		n	%
Coordenador da Biblioteca Escolar	Sim	784	29,0
	Não	1915	71,0
	Total	2699	100,0
Presidente do Conselho Executivo/Directivo	Sim	210	7,8
	Não	2489	92,2
	Total	2699	100,0
Professor	Sim	1059	39,2
	Não	1640	60,8
	Total	2699	100,0
Educador de Infância	Sim	721	26,7
	Não	1978	73,3
	Total	2699	100,0

Quadro 7: Alunos e turmas / salas das escolas inquiridas, por nível de ensino (P2)

	Nº total de alunos	Nº médio de alunos	Nº total de turmas / salas	Número médio de turmas / salas
Jardim de Infância	34440	29,92	1794	1,56
1º Ciclo	131220	79,53	6897	4,18
2º Ciclo	87105	257,71	3949	11,58
3º Ciclo	69929	266,90	3276	12,36
Secundário	3627	151,13	214	8,56

2.2. Actividades desenvolvidas pela escola no âmbito do PNL

Quadro 8: Actividades desenvolvidas pelas escolas no âmbito do PNL, por nível de ensino (P3)

	Jardim de Infância (base= 1159)		1º ciclo (base= 1663)		2º ciclo (base= 350)		3º ciclo (base= 343)		Secundário (base= 45)	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Leitura em sala de aula	1113	96,0	1625	97,6	335	95,7	185	53,9	9	20,0
Actividades de escrita relacionadas com os livros – com preenchimento de fichas de leitura	150	12,9	1248	75,0	316	90,3	155	45,2	6	13,3
Actividades de escrita relacionadas com os livros – com registo nos cadernos diários	70	6,0	1240	74,5	271	77,4	123	35,9	3	6,7
Actividades de escrita relacionadas com os livros – com outros registos	695	60,0	1164	69,9	230	65,7	104	30,3	5	11,1
Actividades de escrita relacionadas com os livros – com uso de instrumentos <i>online</i>	68	5,9	301	18,1	99	28,3	57	16,6	2	4,4
Dramatizações, fantoches, etc.	1046	90,3	1316	79,0	212	60,6	91	26,5	3	6,7
Visitas de estudo relacionadas com os livros lidos	346	29,9	305	18,3	94	26,9	58	16,9	6	13,3
Recitais de poesia	393	33,9	590	35,4	177	50,6	100	29,2	6	13,3
Concursos / prémios / jogos	269	23,2	502	30,2	255	72,9	152	44,3	8	17,8
Ilustração / expressão plástica	1060	91,5	1515	91,0	243	69,4	73	21,3	1	2,2
Feira(s) do livro	341	29,4	488	29,3	241	68,9	149	43,4	10	22,2
Encontro(s) com escritor / ilustrador / outros convidados	289	24,9	548	32,9	206	58,9	113	66,8	4	8,9
Outras actividades	345	29,8	353	21,2	139	39,7	65	19,0	5	11,1

Quadro 9: Turmas abrangidas por cada actividade desenvolvida, por nível de ensino (P4)

	Jardim de Infância		1º ciclo		2º ciclo		3º ciclo		Secundário	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Leitura em sala de aula										
Todas as turmas	1054	99,1	1541	95,9	301	91,8	139	75,1	7	77,8
Mais de metade das turmas	9	0,8	55	3,4	23	7,0	26	14,1	1	11,1
Menos de metade das turmas	1	0,1	11	0,7	4	1,2	20	10,8	1	11,1
Total	1064	100,0	1607	100,0	328	100,0	185	100,0	9	100,0
Actividades de escrita relacionadas com os livros – com preenchimento de fichas de leitura										
Todas as turmas	125	91,2	832	68,2	210	69,5	90	60,4	4	80,0
Mais de metade das turmas	7	5,1	281	23,0	70	23,2	38	25,5	1	20,0
Menos de metade das turmas	5	3,6	107	8,8	22	7,3	21	14,1	0	0,0
Total	137	100,0	1220	100,0	302	100,0	149	100,0	5	100,0
Actividades de escrita relacionadas com os livros – com registo nos cadernos diários										
Todas as turmas	62	95,4	938	77,1	189	71,9	78	65,5	3	100,0
Mais de metade das turmas	2	3,1	213	17,5	53	20,2	26	21,8	0	0,0
Menos de metade das turmas	1	1,5	65	5,3	21	8,0	15	12,6	0	0,0
Total	65	100,0	1216	100,0	263	100,0	119	100,0	3	100,0
Actividades de escrita relacionadas com os livros – com outros registos										
Todas as turmas	596	96,3	860	76,1	111	50,9	46	46,9	2	50,0
Mais de metade das turmas	15	2,4	200	17,7	66	30,3	33	33,7	0	0,0
Menos de metade das turmas	8	1,3	70	6,2	41	18,8	19	19,4	2	50,0
Total	619	100,0	1130	100,0	218	100,0	98	100,0	4	100,0
Actividades de escrita relacionadas com os livros – com uso de instrumentos online										
Todas as turmas	43	86,0	159	53,7	23	24,0	15	28,3	1	50,0
Mais de metade das turmas	4	8,0	64	21,6	22	22,9	14	26,4	0	0,0
Menos de metade das turmas	3	6,0	73	24,7	51	53,1	24	45,3	1	50,0
Total	50	100,0	296	100,0	96	100,0	53	100,0	2	100,0
Dramatizações, fantoches, etc.										
Todas as turmas	962	96,5	905	70,6	28	13,3	7	8,0	0	0,0
Mais de metade das turmas	23	2,3	174	13,6	39	18,5	14	15,9	0	0,0
Menos de metade das turmas	12	1,2	203	15,8	144	68,2	67	76,1	3	100,0
Total	997	100,0	1282	100,0	211	100,0	88	100,0	3	100,0
Visitas de estudo relacionadas com os livros lidos										
Todas as turmas	304	94,7	211	71,3	25	28,1	11	20,4	3	50,0
Mais de metade das turmas	10	3,1	38	12,8	23	25,8	18	33,3	2	33,3
Menos de metade das turmas	7	2,2	47	15,9	41	46,1	25	46,3	1	16,7
Total	321	100,0	296	100,0	89	100,0	54	100,0	6	100,0
Recitais de poesia										
Todas as turmas	346	94,3	350	61,6	48	28,4	23	24,2	3	60,0
Mais de metade das turmas	11	3,0	101	17,8	40	23,7	24	25,3	0	0,0
Menos de metade das turmas	10	2,7	117	20,6	81	47,9	48	50,5	2	40,0
Total	367	100,0	568	100,0	169	100,0	95	100,0	5	100,0
Concursos / prémios / jogos										
Todas as turmas	233	93,2	330	66,5	146	58,6	72	48,0	3	37,5
Mais de metade das turmas	10	4,0	83	16,7	43	17,3	29	19,3	1	12,5
Menos de metade das turmas	7	2,8	83	16,7	60	24,1	49	32,7	4	50,0
Total	250	100,0	496	100,0	249	100,0	150	100,0	8	100,0
Ilustração / expressão plástica										
Todas as turmas	975	95,9	1353	90,6	85	35,9	17	23,6	0	0,0
Mais de metade das turmas	11	1,1	85	5,7	69	29,1	16	22,2	0	0,0
Menos de metade das turmas	31	3,0	56	3,7	83	35,0	39	54,2	1	100,0
Total	1017	100,0	1494	100,0	237	100,0	72	100,0	1	100,0
Feira(s) do livro										
Todas as turmas	309	95,7	450	93,2	229	95,4	127	87,6	8	88,9
Mais de metade das turmas	6	1,9	11	2,3	8	3,3	7	4,8	1	11,1
Menos de metade das turmas	8	2,5	22	4,6	3	1,3	11	7,6	0	0,0
Total	323	100,0	483	100,0	240	100,0	145	100,0	9	100,0

(continua)

(continuação Quadro 9)

	Jardim de Infância		1º ciclo		2º ciclo		3º ciclo		Secundário	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Encontro(s) com escritor / ilustrador / outros convidados										
Todas as turmas	263	95,3	402	73,9	96	47,3	38	34,9	0	0,0
Mais de metade das turmas	1	0,4	58	10,7	39	19,2	18	16,5	2	100,0
Menos de metade das turmas	12	4,3	84	15,4	68	33,5	53	48,6	0	0,0
Total	276	100,0	544	100,0	203	100,0	109	100,0	2	100,0
Outras actividades										
Todas as turmas	237	92,6	185	68,8	47	49,5	20	43,5	0	0,0
Mais de metade das turmas	9	3,5	35	13,0	17	17,9	12	26,1	0	0,0
Menos de metade das turmas	10	3,9	49	18,2	31	32,6	14	30,4	2	100,0
Total	256	100,0	269	100,0	95	100,0	46	100,0	2	100,0

Quadro 10: Âmbito em que se enquadram as actividades desenvolvidas, por nível de ensino (P5)

	Jardim de Infância		1º ciclo		2º ciclo		3º ciclo		Secundário	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Leitura em sala de aula										
Actividades lectivas	1077	92,9	1598	96,0	323	92,3	180	52,5	9	20,0
Outras actividades curriculares	93	8,0	1153	69,2	272	77,7	122	35,6	1	2,2
Outras actividades não curriculares	230	19,8	359	21,6	91	26,0	43	12,5	2	4,4
Actividades de escrita relacionadas com os livros – com preenchimento de fichas de leitura										
Actividades lectivas	130	11,2	1204	72,3	297	84,9	143	41,7	5	11,1
Outras actividades curriculares	12	1,0	751	45,1	195	55,7	79	23,0	1	2,2
Outras actividades não curriculares	29	2,5	210	12,6	62	17,7	41	12,0	1	2,2
Actividades de escrita relacionadas com os livros – com registo nos cadernos diários										
Actividades lectivas	63	5,4	1183	71,1	256	73,1	119	34,7	3	6,7
Outras actividades curriculares	7	0,6	724	43,5	143	40,9	59	17,2	2	4,4
Outras actividades não curriculares	11	0,9	156	9,4	30	8,6	17	5,0	1	2,2
Actividades de escrita relacionadas com os livros – com outros registos										
Actividades lectivas	593	51,2	1071	64,3	192	54,9	86	25,1	3	6,7
Outras actividades curriculares	59	5,1	712	42,8	135	38,6	52	15,2	1	2,2
Outras actividades não curriculares	99	8,5	232	13,9	64	18,3	31	9,0	3	6,7
Actividades de escrita relacionadas com os livros – com uso de instrumentos online										
Actividades lectivas	55	4,7	251	15,1	63	18,0	36	10,5	1	2,2
Outras actividades curriculares	9	0,8	160	9,6	66	18,9	37	10,8	1	2,2
Outras actividades não curriculares	7	0,6	70	4,2	33	9,4	25	7,3	2	4,4
Dramatizações, fantoches, etc.										
Actividades lectivas	973	84,0	1181	70,9	152	43,4	56	16,3	2	4,4
Outras actividades curriculares	90	7,8	753	45,2	142	40,6	48	14,0	0	0,0
Outras actividades não curriculares	230	19,8	358	21,5	94	26,9	42	12,2	1	2,2
Visitas de estudo relacionadas com os livros lidos										
Actividades lectivas	297	25,6	275	16,5	71	20,3	42	12,2	4	8,9
Outras actividades curriculares	20	1,7	127	7,6	44	12,6	22	6,4	3	6,7
Outras actividades não curriculares	40	3,5	58	3,5	28	8,0	23	6,7	2	4,4

(continua)

(continuação Quadro10)

	Jardim de Infância		1º ciclo		2º ciclo		3º ciclo		Secundário	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Recitais de poesia										
Actividades lectivas	338	29,2	577	29,4	123	35,1	-	-	3	6,7
Outras actividades curriculares	27	2,3	290	17,4	69	19,7	37	10,8	2	4,4
Outras actividades não curriculares	79	6,8	188	11,3	92	26,3	56	16,3	4	8,9
Concursos / prémios / jogos										
Actividades lectivas	238	20,5	430	25,8	161	46,0	73	21,3	3	6,7
Outras actividades curriculares	28	2,4	266	16,0	100	28,6	45	13,1	2	4,4
Outras actividades não curriculares	39	3,4	140	8,4	157	44,9	104	30,3	6	13,3
Ilustração / expressão plástica										
Actividades lectivas	974	84,0	1429	85,8	164	46,9	43	12,5	1	2,2
Outras actividades curriculares	95	8,2	991	59,5	141	40,3	31	9,0	0	0,0
Outras actividades não curriculares	215	18,6	437	26,2	88	25,1	32	9,3	0	0,0
Feira(s) do livro										
Actividades lectivas	279	24,1	389	23,4	119	34,0	76	22,2	4	8,9
Outras actividades curriculares	18	1,6	171	10,3	114	32,6	63	18,4	3	6,7
Outras actividades não curriculares	107	9,2	182	10,9	162	46,3	105	30,6	10	22,2
Encontro(s) com escritor / ilustrador / outros convidados										
Actividades lectivas	243	21,0	-	-	145	41,4	66	19,2	2	4,4
Outras actividades curriculares	14	1,2	-	-	89	25,4	40	11,7	1	2,2
Outras actividades não curriculares	39	3,4	-	-	118	33,7	70	20,4	2	4,4

Quadro 11: Locais onde se realizaram as actividades, por nível de ensino (P6)

	Jardim de Infância (base= 1158)		1º ciclo (base= 1662)		2º ciclo (base= 349)		3º ciclo (base= 342)		Secundário (base= 45)	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Sala de aula	258	22,3	1612	97,0	333	95,4	197	57,6	11	24,4
Sala de Jardim de Infância	1048	90,5	181	10,9	7	2,0	2	0,6	0	0,0
Biblioteca da escola/Centro de Recursos Educativos	344	29,7	678	40,8	320	91,7	196	57,3	14	31,1
Outra biblioteca escolar (por exemplo, biblioteca da sede de agrupamento)	246	21,2	361	21,7	28	8,0	11	3,2	0	0,0
Sala de convívio	103	8,9	112	6,7	50	14,3	31	9,1	5	11,1
Outros espaços da escola	516	44,6	730	43,9	203	58,2	115	33,6	7	15,6
Espaços de outras escolas do agrupamento	148	12,8	184	11,1	24	6,9	7	2,0	0	0,0
Biblioteca Pública/Municipal	371	32,0	427	25,7	68	19,5	29	8,5	2	4,4
Livrarias	25	2,2	15	0,9	3	0,9	2	0,6	0	0,0
Outros espaços fora da escola	210	18,1	286	17,2	64	18,3	44	12,9	4	8,9

Quadro 12: Frequência da leitura em sala de aula, por nível de ensino (P7)

		n	%
Jardim de Infância	Leitura diária	722	65,0
	Leitura bissemanal	127	11,4
	Leitura semanal	181	16,3
	Leitura quinzenal	33	3,0
	Leitura esporádica	48	4,3
	Total	1111	100,0
1º Ciclo	Leitura diária	578	36,0
	Leitura bissemanal	246	15,3
	Leitura semanal	592	36,9
	Leitura quinzenal	87	5,4
	Leitura esporádica	102	6,4
	Total	1605	100,0
2º Ciclo	Leitura diária	33	10,0
	Leitura bissemanal	30	9,1
	Leitura semanal	206	62,4
	Leitura quinzenal	35	10,6
	Leitura esporádica	26	7,9
	Total	330	100,0

Quadro 13: Turmas/salas em que foram lidos livros por nível de ensino (P8)

			Nº total de salas/turmas	Nº médio de salas/turmas
Jardim de Infância	Nenhum livro		8	2,00
	1 a 3 livros (títulos)		227	1,82
	4 a 9 livros		516	2,63
	10 a 15 livros		679	3,59
	16 a 20 livros		606	4,46
	Mais de 20 livros		2860	6,01
1º ciclo	1º ano	Nenhum livro	35	2,69
		1 a 3 livros (títulos)	945	1,73
		4 a 9 livros	1274	2,22
		10 a 15 livros	668	3,01
		16 a 20 livros	373	3,93
		Mais de 20 livros	421	3,93
	2º ano	Nenhum livro	30	3,33
		1 a 3 livros (títulos)	898	1,85
		4 a 9 livros	1496	2,27
		10 a 15 livros	721	3,07
		16 a 20 livros	348	3,38
		Mais de 20 livros	502	5,18
	3º ano	Nenhum livro	29	2,90
		1 a 3 livros (títulos)	877	1,86
		4 a 9 livros	1468	2,24
		10 a 15 livros	717	2,88
		16 a 20 livros	468	3,77
		Mais de 20 livros	456	4,34
	4º ano	Nenhum livro	33	3,00
		1 a 3 livros (títulos)	843	1,83
		4 a 9 livros	1476	2,30
		10 a 15 livros	655	2,80
		16 a 20 livros	585	4,27
		Mais de 20 livros	538	4,41
2º ciclo	5º ano	Nenhum livro	1	1,00
		1 a 3 livros (títulos)	1050	5,15
		4 a 9 livros	932	6,05
		10 a 15 livros	47	3,92
		16 a 20 livros	29	4,14
		Mais de 20 livros	27	13,50
	6º ano	Nenhum livro	2	1,00
		1 a 3 livros (títulos)	1045	5,15
		4 a 9 livros	902	5,75
		10 a 15 livros	58	3,87
		16 a 20 livros	22	4,40
		Mais de 20 livros	29	9,67

Quadro 14: Utilização dos livros recomendados pelo PNL na leitura em sala de aula, por nível de ensino (P9)

		n	%
Jardim de Infância	Todos	82	7,4
	A maioria, um pequeno número não faz parte das listas	249	22,6
	Apenas uma parte, alguns não fazem parte das listas	441	40,0
	Muito poucos	273	24,8
	Nenhum	58	5,3
Total		1103	100,0
1º Ciclo	Todos	276	17,2
	A maioria, um pequeno número não faz parte das listas	521	32,5
	Apenas uma parte, alguns não fazem parte das listas	506	31,5
	Muito poucos	219	13,7
	Nenhum	82	5,1
Total		1604	100,0
2º Ciclo	Todos	126	38,0
	A maioria, um pequeno número não faz parte das listas	123	37,0
	Apenas uma parte, alguns não fazem parte das listas	72	21,7
	Muito poucos	11	3,3
	Nenhum	0	0,0
Total		332	100,0

Quadro 15: Apreciação da lista de livros recomendados pelo PNL, por nível de ensino (P10)

		n	%
Jardim de Infância	Muito adequados	125	11,6
	Adequados	823	76,3
	Pouco adequados	106	9,8
	Nada adequados	24	2,2
Total		1078	100,0
1º Ciclo	Muito adequados	199	12,7
	Adequados	1293	82,4
	Pouco adequados	29	1,8
	Nada adequados	48	3,1
Total		1569	100,0
2º Ciclo	Muito adequados	66	19,9
	Adequados	253	76,2
	Pouco adequados	7	2,1
	Nada adequados	6	1,8
Total		332	100,0

Quadro 16: Participação nas iniciativas promovidas pelo PNL, por nível de ensino (P11)

		n	%
Concurso Rómulo de Carvalho/António Gedeão, O Poeta da Ciência	Sim	16	0,6
	Não	2680	99,4
	Total	2696	100,0
Semana da Leitura	Sim	1582	58,7
	Não	1114	41,3
	Total	2696	100,0
Concurso Nacional de Leitura	Sim	121	4,5
	Não	2575	95,5
	Total	2696	100,0
Concurso Sapo Challenge/Ler+	Sim	24	0,9
	Não	2672	99,1
	Total	2696	100,0
Concurso CTT/PNL: Onde te leva a imaginação?	Sim	91	3,4
	Não	2605	96,6
	Total	2696	100,0
Passatempo Linhas e Letras	Sim	17	0,6
	Não	2679	99,4
	Total	2696	100,0
Celebração do Dia Mundial do Livro	Sim	1393	51,7
	Não	1303	48,3
	Total	2696	100,0
Celebração do Dia Mundial do Livro Infantil	Sim	999	37,1
	Não	1697	62,9
	Total	2696	100,0

Quadro 17: Envolvimento das bibliotecas escolares nas actividades desenvolvidas no âmbito do PNL (P12)

	n	%
Todas ou a maioria	670	25,8
Uma parte considerável	758	29,2
Apenas uma pequena parte	795	30,6
Nenhuma	372	14,3
Total	2595	100,0

Quadro 18: Importância da biblioteca escolar para o desenvolvimento das actividades (P13)

	n	%
Muito importante	1751	67,0
Importante	800	30,6
Pouco importante	55	2,1
Nada importante	8	0,3
Total	2614	100,0

Quadro 19: Envolvimento da Biblioteca Pública/Municipal nas actividades (P14)

	n	%
Todas ou a maioria	78	3,0
Uma parte considerável	435	16,7
Apenas uma pequena parte	957	36,7
Nenhuma	1138	43,6
Total	2608	100,0

Quadro 20: Apreciação da importância da Biblioteca Pública/Municipal para o desenvolvimento das actividades (P15)

	n	%
Muito importante	937	36,3
Importante	1327	51,4
Pouco importante	232	9,0
Nada importante	84	3,3
Total	2580	100,0

Quadro 21: Apreciação do apoio prestado à escola pela autarquia no âmbito do PNL (P16)

	n	%
Apoio forte	228	8,7
Apoio razoável	842	32,2
Apoio fraco	562	21,5
Não prestou qualquer apoio	980	37,5
Total	2612	100,0

Quadro 22: Professores/educadores envolvidos nas actividades realizadas na escola no âmbito do PNL (P17)

	n	%
Todos ou a maioria dos professores/educadores da escola	2255	85,7
Uma parte considerável dos professores/educadores da escola	261	9,9
Apenas uma minoria dos professores/educadores da escola	114	4,3
Total	2630	100,0

Quadro 23: Área disciplinar dos professores envolvidos nas actividades do PNL, por nível de ensino (P18)

		n	%
2º Ciclo	Língua Portuguesa	118	35,0
	Língua Portuguesa e outras áreas disciplinares	214	63,5
	Outras áreas disciplinares que não a Língua Portuguesa	5	1,5
	Total	337	100,0
3º Ciclo	Língua Portuguesa	96	43,4
	Língua Portuguesa e outras áreas disciplinares	120	54,3
	Outras áreas disciplinares que não a Língua Portuguesa	5	2,3
	Total	221	100,0
Secundário	Língua Portuguesa	8	53,3
	Língua Portuguesa e outras áreas disciplinares	6	40,0
	Outras áreas disciplinares que não a Língua Portuguesa	1	6,7
	Total	15	100,0

Quadro 24: Nível de participação dos professores de Língua Portuguesa nas actividades do PNL, por nível de ensino (P19)

		n	%
2º Ciclo	Todos, ou quase todos, participaram	291	87,7
	Participou uma parte considerável	37	11,1
	Participou uma pequena parte	4	1,2
	Total	332	100,0
3º Ciclo	Todos, ou quase todos, participaram	128	57,7
	Participou uma parte considerável	56	25,2
	Participou uma pequena parte	38	17,1
	Total	222	100,0
Secundário	Todos, ou quase todos, participaram	5	33,3
	Participou uma parte considerável	5	33,3
	Participou uma pequena parte	5	33,3
	Total	15	100,0

Quadro 25: Professores/educadores envolvidos nas actividades realizadas, por nível de ensino (P20)

	Nº total de professores/educadores	Nº médio de professores/educadores
Jardim de Infância	2566	2,35
1º Ciclo	8360	5,22
2º Ciclo	3280	10,09
3º Ciclo	1302	6,03
Secundário	45	3,46

Quadro 26: Participação dos professores nas várias actividades desenvolvidas, por nível de ensino (P21)

		n	%
Jardim de Infância	Muito forte	412	37,4
	Forte	544	49,4
	Razoável	134	12,2
	Fraca	12	1,1
	Total	1102	100,0
1º Ciclo	Muito forte	479	29,8
	Forte	856	53,2
	Razoável	256	15,9
	Fraca	19	1,2
	Total	1610	100,0
2º Ciclo	Muito forte	83	24,9
	Forte	164	49,1
	Razoável	84	25,1
	Fraca	3	0,9
	Total	334	100,0
3º Ciclo	Muito forte	26	11,7
	Forte	73	32,7
	Razoável	97	43,5
	Fraca	27	12,1
	Total	223	100,0
Secundário	Muito forte	2	13,3
	Forte	2	13,3
	Razoável	8	53,3
	Fraca	3	20,0
	Total	15	100,0

Quadro 27: Nível de execução das propostas e orientações do PNL por parte dos professores, por nível de ensino (P22)

		n	%
Jardim de Infância	Totalmente	163	14,9
	Em grande parte	759	69,2
	Apenas numa pequena parte	157	14,3
	Nada	18	1,6
	Total	1097	100,0
1º Ciclo	Totalmente	263	16,4
	Em grande parte	1120	69,7
	Apenas numa pequena parte	201	12,5
	Nada	23	1,4
	Total	1607	100,0
2º Ciclo	Totalmente	48	14,4
	Em grande parte	250	75,1
	Apenas numa pequena parte	34	10,2
	Nada	1	0,3
	Total	333	100,0
3º Ciclo	Totalmente	15	7,5
	Em grande parte	113	56,2
	Apenas numa pequena parte	66	32,8
	Nada	7	3,5
	Total	201	100,0
Secundário	Totalmente	0	0,0
	Em grande parte	5	55,6
	Apenas numa pequena parte	4	44,4
	Nada	0	0,0
	Total	9	100,0

Quadro 28: Alunos abrangidos pelas actividades realizadas, por nível de ensino (P23)

	Nº total de alunos	Nº médio de alunos por escola	Proporção média de alunos abrangidos por escola
Jardim de Infância	36979	33,53	0,99
1º Ciclo	127284	79,55	0,99
2º Ciclo	79027	243,16	0,95
3º Ciclo	41272	202,31	0,83
Secundário	1164	89,54	0,72

Quadro 29: Adesão dos alunos às actividades desenvolvidas, por nível de ensino (P24)

		n	%
Jardim de Infância	Muito forte	465	42,2
	Forte	529	48,0
	Razoável	100	9,1
	Fraca	7	0,6
	Total	1101	100,0
1º Ciclo	Muito forte	561	34,9
	Forte	822	51,1
	Razoável	200	12,4
	Fraca	25	1,6
	Total	1608	100,0
2º Ciclo	Muito forte	81	24,3
	Forte	195	58,4
	Razoável	56	16,8
	Fraca	2	0,6
	Total	334	100,0
3º Ciclo	Muito forte	10	4,7
	Forte	84	39,4
	Razoável	106	49,8
	Fraca	13	6,1
	Total	213	100,0
Secundário	Muito forte	1	8,3
	Forte	3	25,0
	Razoável	6	50,0
	Fraca	2	16,7
	Total	12	100,0

Quadro 30: Inclusão da participação dos pais nas actividades desenvolvidas, por nível de ensino (P25)

		n	%
Jardim de Infância	Todas ou a maioria previam	80	7,3
	Uma parte considerável previa	409	37,1
	Uma pequena parte previa	449	40,7
	Nenhuma previa	164	14,9
	Total	1102	100,0
1º Ciclo	Todas ou a maioria previam	47	2,9
	Uma parte considerável previa	422	26,2
	Uma pequena parte previa	785	48,8
	Nenhuma previa	356	22,1
	Total	1610	100,0
2º Ciclo	Todas ou a maioria previam	7	2,1
	Uma parte considerável previa	48	14,3
	Uma pequena parte previa	190	56,5
	Nenhuma previa	91	27,1
	Total	336	100,0
3º Ciclo	Todas ou a maioria previam	5	2,4
	Uma parte considerável previa	21	10,0
	Uma pequena parte previa	108	51,4
	Nenhuma previa	76	36,2
	Total	210	100,0
Secundário	Todas ou a maioria previam	0	0,0
	Uma parte considerável previa	1	6,7
	Uma pequena parte previa	7	46,7
	Nenhuma previa	7	46,7
	Total	15	100,0

Quadro 31: Apreciação da participação dos pais, por nível de ensino (P26)

		n	%
Jardim de Infância	Muito forte	124	12,1
	Forte	372	36,2
	Razoável	410	39,8
	Fraca	123	12,0
	Total	1029	100,0
1º Ciclo	Muito forte	134	9,2
	Forte	394	27,0
	Razoável	667	45,7
	Fraca	263	18,0
	Total	1458	100,0
2º Ciclo	Muito forte	24	8,5
	Forte	71	25,0
	Razoável	113	39,8
	Fraca	76	26,8
	Total	284	100,0
3º Ciclo	Muito forte	5	2,8
	Forte	34	18,8
	Razoável	64	35,4
	Fraca	78	43,1
	Total	181	100,0
Secundário	Muito forte	0	0,0
	Forte	1	8,3
	Razoável	7	58,3
	Fraca	4	33,3
	Total	12	100,0

Quadro 32: Articulação com o agrupamento na realização das actividades (P27)

	n	%
Sobretudo individualmente	1682	64,0
Sobretudo em conjunto com outras escolas do agrupamento	211	8,0
Ambas as situações	735	28,0
Total	2628	100,0

Quadro 33: Coordenação das actividades pela sede de agrupamento (P28)

	n	%
Sim, todas ou a maioria	176	18,6
Sim, uma parte considerável	327	34,5
Sim, apenas uma pequena parte	310	32,7
Nenhuma	134	14,1
Total	947	100,0

Quadro 34: Avaliação da articulação entre a escola e a sede de agrupamento (P29)

	n	%
Articulação muito forte	225	23,9
Articulação forte	398	42,3
Articulação razoável	255	27,1
Articulação fraca	32	3,4
Não houve articulação	31	3,3
Total	941	100,0

Quadro 35: Agentes responsáveis pela organização e dinamização das actividades na escola (P30)

		n	%
Professores	Sim	2591	96,1
	Não	105	3,9
	Total	2696	100,0
Responsável da biblioteca escolar	Sim	1100	40,8
	Não	1596	59,2
	Total	2696	100,0
Conselho Executivo/Directivo	Sim	731	27,1
	Não	1965	72,9
	Total	2696	100,0
Outros funcionários da escola	Sim	804	29,8
	Não	1892	70,2
	Total	2696	100,0
Pais	Sim	754	28,0
	Não	1942	72,0
	Total	2696	100,0
Outros	Sim	331	12,3
	Não	2365	87,7
	Total	2696	100,0

Quadro 36: Avaliação da concretização das actividades desenvolvidas (P31)

	n	%
Plenamente concretizadas	447	17,0
Quase todas foram concretizadas	1813	68,9
Uma parte importante não foi concretizada	285	10,8
A maior parte não foi concretizada	86	3,3
Total	2631	100,0

Quadro 37: Dificuldades na concretização das actividades (P32)

	n	%
Nenhumas dificuldades	129	4,9
Poucas dificuldades	753	28,6
Algumas dificuldades	1549	58,8
Muitas dificuldades	203	7,7
Total	2634	100,0

Quadro 38: Principais dificuldades/obstáculos à concretização das actividades (P33)

		n	%
Falta de tempo	Sim	1329	49,3
	Não	1367	50,7
	Total	2696	100,0
Escassez de recursos	Sim	2075	77,0
	Não	621	23,0
	Total	2696	100,0
Falta de informação/apoio por parte da sede de agrupamento	Sim	73	2,7
	Não	2623	97,3
	Total	2696	100,0
Dificuldades na articulação com os currículos	Sim	314	11,6
	Não	2382	88,4
	Total	2696	100,0
Falhas na organização das mesmas por parte de alguns professores e/ou outros responsáveis da escola	Sim	69	2,6
	Não	2627	97,4
	Total	2696	100,0
Outra/os	Sim	402	14,9
	Não	2294	85,1
	Total	2696	100,0

2.3. Resultados e impactes

Quadro 39: Avaliação dos efeitos/impactos das actividades desenvolvidas nos alunos, por nível de ensino (P34.1. e P34.2.)

	Jardim de Infância		1º ciclo		2º ciclo		3º ciclo		Secundário	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Envolvimento e participação nas actividades										
Muito significativo	475	42,9	601	37,0	118	35,5	34	16,2	1	7,1
Bastante significativo	609	55,0	984	60,5	205	61,7	128	61,0	8	57,1
Pouco significativo	19	1,7	37	2,3	9	2,7	44	21,0	3	21,4
Nada significativo	4	,4	4	,2	0	,0	4	1,9	2	14,3
Total	1107	100,0	1626	100,0	332	100,0	210	100,0	14	100,0
Intensificação das práticas de leitura em sala de aula										
Muito significativo	355	33,5	461	28,3	96	28,9	26	13,3	1	11,1
Bastante significativo	634	59,8	1086	66,7	218	65,7	118	60,2	4	44,4
Pouco significativo	57	5,4	73	4,5	18	5,4	50	25,5	4	44,4
Nada significativo	14	1,3	7	,4	0	,0	2	1,0	0	0,0
Total	1060	100,0	1627	100,0	332	100,0	196	100,0	9	100,0
Intensificação das práticas de leitura na escola, no âmbito de outras actividades										
Muito significativo	241	24,7	313	19,6	55	17,0	18	9,4	0	0,0
Bastante significativo	574	58,9	1041	65,0	173	53,4	90	46,9	5	55,6
Pouco significativo	138	14,2	238	14,9	94	29,0	80	41,7	4	44,4
Nada significativo	21	2,2	9	,6	2	,6	4	2,1	0	0,0
Total	974	100,0	1601	100,0	324	100,0	192	100,0	9	100,0
Intensificação das práticas de leitura fora da escola, directamente relacionadas com o estudo										
Muito significativo	96	11,3	195	12,4	21	7,1	8	4,6	0	0,0
Bastante significativo	327	38,7	821	52,3	131	44,6	64	37,0	5	71,4
Pouco significativo	314	37,1	527	33,6	136	46,3	97	56,1	2	28,6
Nada significativo	109	12,9	27	1,7	6	2,0	4	2,3	0	0,0
Total	846	100,0	1570	100,0	294	100,0	173	100,0	7	100,0
Intensificação de outras práticas de leitura, não relacionadas com a escola										
Muito significativo	92	10,7	165	10,7	17	6,3	6	3,7	0	0,0
Bastante significativo	358	41,5	732	47,7	95	35,3	55	34,2	2	28,6
Pouco significativo	339	39,3	584	38,0	144	53,5	93	57,8	5	71,4
Nada significativo	73	8,5	55	3,6	13	4,8	7	4,3	0	0,0
Total	862	100,0	1536	100,0	269	100,0	161	100,0	7	100,0
Aumento da frequência de utilização da biblioteca escolar										
Muito significativo	226	23,1	312	20,9	63	19,3	27	13,2	3	23,1
Bastante significativo	473	48,4	736	49,3	191	58,6	99	48,5	5	38,5
Pouco significativo	205	21,0	334	22,4	68	20,9	74	36,3	5	38,5
Nada significativo	74	7,6	111	7,4	4	1,2	4	2,0	0	0,0
Total	978	100,0	1493	100,0	326	100,0	204	100,0	13	100,0
Aumento da frequência de utilização de outras bibliotecas										
Muito significativo	84	9,6	105	7,2	7	3,0	2	1,4	0	0,0
Bastante significativo	215	24,5	361	24,9	45	19,4	19	13,6	0	0,0
Pouco significativo	377	42,9	652	45,0	124	53,4	80	57,1	4	57,1
Nada significativo	203	23,1	332	22,9	56	24,1	39	27,9	3	42,9
Total	879	100,0	1450	100,0	232	100,0	140	100,0	7	100,0

(continua)

(continuação Quadro 39)

	Jardim de Infância		1º ciclo		2º ciclo		3º ciclo		Secundário	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Aumento do interesse/gosto pela leitura de livros										
Muito significativo	484	43,6	530	32,7	74	22,6	22	10,9	2	16,7
Bastante significativo	569	51,3	991	61,1	210	64,0	110	54,5	5	41,7
Pouco significativo	47	4,2	101	6,2	44	13,4	69	34,2	5	41,7
Nada significativo	9	,8	1	,1	0	,0	1	,5	0	0,0
Total	1109	100,0	1623	100,0	328	100,0	202	100,0	12	100,0
Aumento do interesse/gosto pela leitura de outros suportes escritos										
Muito significativo	372	35,7	395	24,7	44	14,3	12	6,5	2	22,2
Bastante significativo	570	54,7	939	58,6	167	54,4	89	48,4	2	22,2
Pouco significativo	90	8,6	259	16,2	96	31,3	81	44,0	5	55,6
Nada significativo	11	1,1	9	,6	0	,0	2	1,1	0	0,0
Total	1043	100,0	1602	100,0	307	100,0	184	100,0	9	100,0
Desenvolvimento/melhoria das competências de leitura/literacia										
Muito significativo	253	27,2	324	20,3	35	11,3	10	5,4	1	12,5
Bastante significativo	542	58,2	1019	63,8	195	62,9	87	47,3	4	50,0
Pouco significativo	112	12,0	253	15,8	79	25,5	84	45,7	3	37,5
Nada significativo	24	2,6	1	,1	1	,3	3	1,6	0	,0
Total	931	100,0	1597	100,0	310	100,0	184	100,0	8	100,0
Melhoria dos resultados escolares										
Muito significativo	181	21,3	150	9,7	6	2,2	2	1,2	0	0,0
Bastante significativo	484	57,0	791	51,3	82	29,7	45	27,1	2	25,0
Pouco significativo	163	19,2	584	37,9	183	66,3	114	68,7	6	75,0
Nada significativo	21	2,5	16	1,0	5	1,8	5	3,0	0	,0
Total	849	100,0	1541	100,0	276	100,0	166	100,0	8	100,0
Aumento do interesse e participação nas actividades escolares										
Muito significativo	268	27,0	223	14,1	33	11,1	12	6,7	0	0,0
Bastante significativo	575	57,8	883	55,8	137	46,3	73	41,0	1	11,1
Pouco significativo	119	12,0	428	27,1	119	40,2	85	47,8	7	77,8
Nada significativo	32	3,2	48	3,0	7	2,4	8	4,5	1	11,1
Total	994	100,0	1582	100,0	296	100,0	178	100,0	9	100,0

Quadro 40: Avaliação dos efeitos/impactos das actividades desenvolvidas nos professores e na relação da escola com outros agentes, por nível de ensino (P34.3.)

	Jardim de Infância		1º ciclo		2º ciclo		3º ciclo		Secundário	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Alteração/Inovação ao nível das práticas pedagógicas										
Muito significativo	182	17,5	209	13,2	18	5,6	5	2,7	0	0,0
Bastante significativo	461	44,3	755	47,8	143	44,8	71	38,2	3	33,3
Pouco significativo	347	33,4	568	36,0	147	46,1	103	55,4	5	55,6
Nada significativo	50	4,8	47	3,0	11	3,4	7	3,8	1	11,1
Total	1040	100,0	1579	100,0	319	100,0	186	100,0	9	100,0
Dinamização da biblioteca escolar										
Muito significativo	190	19,1	257	17,4	65	19,9	32	16,5	1	10,0
Bastante significativo	539	54,3	742	50,4	197	60,4	110	56,7	6	60,0
Pouco significativo	199	20,0	359	24,4	62	19,0	46	23,7	3	30,0
Nada significativo	65	6,5	115	7,8	2	,6	6	3,1	0	0,0
Total	993	100,0	1473	100,0	326	100,0	194	100,0	10	100,0
Dinamização de outros espaços da escola										
Muito significativo	118	12,3	133	9,0	16	5,2	9	5,0	0	0,0
Bastante significativo	360	37,6	475	32,2	105	34,4	67	37,0	3	30,0
Pouco significativo	395	41,3	716	48,6	164	53,8	94	51,9	6	60,0
Nada significativo	84	8,8	150	10,2	20	6,6	11	6,1	1	10,0
Total	957	100,0	1474	100,0	305	100,0	181	100,0	10	100,0
Aumento da participação dos pais nas actividades da escola										
Muito significativo	116	11,4	79	5,2	7	2,3	6	3,3	0	0,0
Bastante significativo	413	40,7	381	25,0	58	18,7	27	14,9	1	11,1
Pouco significativo	387	38,1	807	52,9	163	52,6	92	50,8	5	55,6
Nada significativo	99	9,8	258	16,9	82	26,5	56	30,9	3	33,3
Total	1015	100,0	1525	100,0	310	100,0	181	100,0	9	100,0
Intensificação do trabalho entre a escola/biblioteca escolar e a biblioteca pública/municipal										
Muito significativo	114	11,6	154	10,2	15	4,9	9	5,1	0	0,0
Bastante significativo	315	32,2	473	31,3	82	26,9	41	23,2	3	33,3
Pouco significativo	383	39,1	614	40,7	123	40,3	78	44,1	3	33,3
Nada significativo	167	17,1	269	17,8	85	27,9	49	27,7	3	33,3
Total	979	100,0	1510	100,0	305	100,0	177	100,0	9	100,0
Aumento da participação de outros agentes exteriores à escola										
Muito significativo	76	8,0	81	5,4	11	3,6	6	3,4	0	0,0
Bastante significativo	223	23,5	298	19,9	47	15,6	28	15,6	2	22,2
Pouco significativo	483	51,0	772	51,5	141	46,7	83	46,4	4	44,4
Nada significativo	165	17,4	347	23,2	103	34,1	62	34,6	3	33,3
Total	947	100,0	1498	100,0	302	100,0	179	100,0	9	100,0
Dinamização de novas actividades lectivas										
Muito significativo	164	16,5	183	11,8	18	5,8	8	4,4	0	0,0
Bastante significativo	520	52,2	818	52,7	141	45,5	69	38,1	3	33,3
Pouco significativo	264	26,5	486	31,3	137	44,2	86	47,5	6	66,7
Nada significativo	48	4,8	64	4,1	14	4,5	18	9,9	0	0,0
Total	996	100,0	1551	100,0	310	100,0	181	100,0	9	100,0
Dinamização de novas actividades não lectivas										
Muito significativo	92	10,0	111	7,4	18	5,8	9	4,9	0	0,0
Bastante significativo	285	30,9	526	35,0	128	41,6	71	38,8	4	40,0
Pouco significativo	396	43,0	686	45,7	139	45,1	88	48,1	6	60,0
Nada significativo	148	16,1	178	11,9	23	7,5	15	8,2	0	0,0
Total	921	100,0	1501	100,0	308	100,0	183	100,0	10	100,0
Intensificação do trabalho de equipa entre os professores										
Muito significativo	212	21,7	297	19,4	39	12,3	17	9,1	1	10,0
Bastante significativo	464	47,6	750	49,0	181	56,9	89	47,6	4	40,0
Pouco significativo	226	23,2	377	24,6	87	27,4	68	36,4	5	50,0
Nada significativo	73	7,5	108	7,0	11	3,5	13	7,0	0	0,0
Total	975	100,0	1532	100,0	318	100,0	187	100,0	10	100,0

Quadro 41: As actividades de promoção da leitura desenvolvidas na escola foram (P35):

	n	%
Muito reforçadas	433	16,4
Reforçadas	1741	66,1
Mantidas	459	17,4
Diminuíram	1	0,0
Total	2634	100,0

Quadro 42: Nível de correspondência entre as actividades desenvolvidas e as orientações do PNL (P36)

	n	%
Todas ou quase todas	569	21,6
Uma grande parte	1527	58,0
Apenas uma parte	517	19,6
Nenhuma	19	0,7
Total	2632	100,0

Quadro 43: Progressos dos alunos no domínio da leitura (P37)

	n	%
Totalmente	128	5,1
Em grande parte	1622	65,1
Apenas numa pequena parte	692	27,8
Nada	51	2,0
Total	2493	100,0

2.4. Acompanhamento da coordenação do PNL

Quadro 44: As informações e orientações que a escola recebeu da coordenação do PNL para o desenvolvimento das actividades são (P38):

		n	%
Estimulantes	Muito	335	13,8
	Bastante	1496	61,6
	Pouco	518	21,3
	Nada	80	3,3
	Total	2429	100,0
Claras	Muito	486	19,6
	Bastante	1593	64,3
	Pouco	332	13,4
	Nada	68	2,7
	Total	2479	100,0
Suficientes	Muito	325	13,0
	Bastante	1455	58,2
	Pouco	589	23,6
	Nada	132	5,3
	Total	2501	100,0
Atempadas	Muito	197	8,1
	Bastante	1099	45,4
	Pouco	904	37,4
	Nada	220	9,1
	Total	2420	100,0

Quadro 45: Consulta das propostas e orientações disponíveis no site do PNL pelos professores (P39)

	n	%
Todos ou a maioria	1291	48,8
Alguns	1057	40,0
Poucos	230	8,7
Nenhum	65	2,5
Total	2643	100,0

Quadro 46: Principal razão pela qual poucos/nenhum dos professores consultaram as orientações no site do PNL (P40)

	n	%
Receberam informação por outra via	84	26,8
Não se deram conta de que estavam disponíveis	67	21,3
Não têm acesso à Internet	130	41,4
Outras razões	33	10,5
Total	314	100,0

Quadro 47: Frequência com que os professores consultam o site do PNL (P41)

	n	%
Frequentemente	360	13,7
Com alguma regularidade	1725	65,5
Raramente	479	18,2
Nunca	70	2,7
Total	2634	100,0

Quadro 48: Apoio financeiro para a aquisição de livros / Oferta de livros (P42)

	n	%
Sim	752	28,2
Não	1914	71,8
Total	2666	100,0

Quadro 49: Fonte dos apoios (P43)

		n	%
PNL	Sim	529	19,7
	Não	2163	80,3
	Total	2692	100,0
Rede de Bibliotecas Escolares	Sim	146	5,4
	Não	2546	94,6
	Total	2692	100,0
Fundação Calouste Gulbenkian	Sim	107	4,0
	Não	2585	96,0
	Total	2692	100,0

(continua)

(continuação Quadro 49)

		n	%
Câmara Municipal	Sim	139	5,2
	Não	2553	94,8
	Total	2692	100,0
CONTINENTE	Sim	11	0,4
	Não	2681	99,6
	Total	2692	100,0
País	Sim	60	2,2
	Não	2632	97,8
	Total	2692	100,0
Associação de pais	Sim	25	0,9
	Não	2667	99,1
	Total	2692	100,0
Feiras do Livro	Sim	142	5,3
	Não	2550	94,7
	Total	2692	100,0
Outras fontes	Sim	89	3,3
	Não	2603	96,7
	Total	2692	100,0

Quadro 50: Avaliação dos apoios (P44)

	n	%
Os apoios foram decisivos para que pudessem ser desenvolvidas as actividades	246	33,2
Os apoios ajudaram a melhorar as actividades que a escola desenvolveu	347	46,8
Os apoios foram úteis, mas não foram decisivos	149	20,1
Total	742	100,0

Quadro 51: Avaliação da ausência de apoios (P45)

	n	%
Sem apoios uma parte essencial das actividades ficou comprometida	882	46,2
Os apoios teriam sido úteis, mas ainda assim a maior parte das actividades pôde ser desenvolvida	920	48,2
Os apoios não condicionaram o desenvolvimento de actividades	106	5,6
Total	1908	100,0

2.5. Sobre o PNL (em termos gerais)

Quadro 52: Importância do lançamento do PNL (P46)

	n	%
Muito importante	1462	54,8
Importante	1171	43,9
Pouco importante	35	1,3
Nada importante	1	,0
Total	2669	100,0

Quadro 53: Apreciação das orientações e propostas do PNL (P47)

		n	%
Ajustadas às necessidades de promoção da leitura entre crianças e jovens	Totalmente	668	25,6
	Em grande parte	1887	72,4
	Pouco	50	1,9
	Nada	3	,1
	Total	2608	100,0
Exequíveis na sala de aula, desde que se disponha de livros	Totalmente	1073	40,8
	Em grande parte	1506	57,3
	Pouco	49	1,9
	Nada	1	,0
	Total	2629	100,0
Bem acolhidas pelos professores	Totalmente	886	34,0
	Em grande parte	1660	63,8
	Pouco	55	2,1
	Nada	2	,1
	Total	2603	100,0
Representam um avanço na promoção da leitura	Totalmente	989	38,0
	Em grande parte	1519	58,4
	Pouco	88	3,4
	Nada	6	,2
	Total	2602	100,0

3. QUESTIONÁRIO

Inquérito on-line às ESCOLAS que participam no PNL

Exmo(a). Sr(a).

Professor de contacto para o PNL na escola

O CIES-ISCTE (Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa) está a desenvolver o “Estudo de Avaliação do Plano Nacional de Leitura”.

Esse estudo integra um conjunto de procedimentos de auscultação dos vários intervenientes no Plano, entre os quais um inquérito por questionário às escolas que fizeram o seu registo no Plano e desenvolvem actividades nele inscritas.

O presente inquérito tem como objectivo recolher informação sobre a execução dessas actividades no ano lectivo em curso e sobre a opinião dos responsáveis acerca dessas actividades, dos seus resultados e impactes e, ainda, acerca do Plano em geral.

Deverá, pois, ser preenchido pelo professor de contacto para o PNL na escola, que, para o efeito, poderá igualmente recolher informações e opiniões junto dos professores ou outros agentes envolvidos nas actividades que a escola tem desenvolvido no quadro do PNL. Esta recolha pode ocorrer através de reuniões de professores para preenchimento do inquérito, que permitam não só obter informação detalhada sobre as actividades desenvolvidas, como também registar as opiniões mais frequentes, de modo a que as respostas às questões de opinião representem todos ou a maioria dos professores.

Para qualquer esclarecimento, poderá contactar João Melo ou Ana Caetano para os endereços electrónicos joão.melo@iscte.pt ou ana.caetano@iscte.pt, ou através do Telf. 217903077.

Muito obrigado pela sua colaboração.

A) DADOS DE CARACTERIZAÇÃO

1. O professor de contacto para o PNL na escola é:

(pode assinalar mais do que uma situação):

1.1. O coordenador da Biblioteca Escolar	
1.2. O presidente do Conselho Executivo/Directivo	
1.3. Professor (se for do 2º ciclo, indicar a disciplina)	
1.4. Educador de Infância	
1.5. Outra situação. Qual?	

2. Número de turmas/ salas e alunos da escola, em cada nível de ensino/ciclo:

	a) N° de salas/turmas	b) N° de alunos
2.1. Jardim de Infância		
2.2. 1º ciclo		
2.3. 2º ciclo		
2.4. 3º ciclo		
2.5. Secundário		

B) EXECUÇÃO DAS ACTIVIDADES

ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS PELA ESCOLA NO ÂMBITO DO PNL

3. Da seguinte lista, indique, para cada nível de ensino/ciclo, quais as actividades que a escola desenvolveu no âmbito do PNL:

	a) Jardim de Infância	b) 1º ciclo	c) 2º ciclo	d) 3º ciclo	e) Secundário
3.1. Leitura em sala de aula					
3.2. Actividades de escrita relacionadas com os livros – com preenchimento de fichas de leitura					
3.3. Actividades de escrita relacionadas com os livros – com registo nos cadernos diários					
3.4. Actividades de escrita relacionadas com os livros – com outros registos					
3.5. Actividades de escrita relacionadas com os livros – com uso de instrumentos <i>online</i>					
3.6. Dramatizações, fantoches, etc.					
3.7. Visitas de estudo relacionadas com os livros lidos					
3.8. Recitais de poesia					
3.9. Concursos / prémios / jogos					
3.10. Ilustração / expressão plástica					
3.11. Feira(s) do livro					
3.12. Encontro(s) com escritor / ilustrador / outros convidados					
3.13. Outras actividades					
Quais?					
1) Actividade 1					
2) Actividade 2					
3) Actividade 3					

4. Indique as turmas abrangidas por cada actividade desenvolvida, em cada nível de ensino/ciclo, de acordo com a seguinte escala:

Todas as turmas (1)

Mais de metade das turmas (2)

Menos de metade das turmas (3)

	a) Jardim de Infância	b) 1º ciclo	c) 2º ciclo	d) 3º ciclo	e) Secundário
4.1. Leitura em sala de aula					
4.2. Actividades de escrita relacionadas com os livros – com preenchimento de fichas de leitura					
4.3. Actividades de escrita relacionadas com os livros – com registo nos cadernos diários					
4.4. Actividades de escrita relacionadas com os livros – com outros registos					
4.5. Actividades de escrita relacionadas com os livros – com uso de instrumentos <i>online</i>					
4.6. Dramatizações, fantoches, etc.					
4.7. Visitas de estudo relacionadas com os livros lidos					
4.8. Recitais de poesia					
4.9. Concursos / prémios / jogos					
4.10. Ilustração / expressão plástica					
4.11. Feira(s) do livro					
4.12. Encontro(s) com escritor / ilustrador / outros convidados					
4.13. Outras actividades					
Quais?					
1) Actividade 1					
2) Actividade 2					
3) Actividade 3					

5. Indique, para cada nível de ensino/ciclo, em que âmbito(s) se enquadram as actividades desenvolvidas:
(pode assinalar mais do que uma resposta)

Actividades lectivas (1)

Outras actividades curriculares (como o estudo acompanhado, área de projecto ou aulas de substituição) (2)

Outras actividades não curriculares (3)

	a) Jardim de Infância	b) 1º ciclo	c) 2º ciclo	d) 3º ciclo	e) Secundário
5.1. Leitura em sala de aula					
5.2. Actividades de escrita relacionadas com os livros – com preenchimento de fichas de leitura					
5.3. Actividades de escrita relacionadas com os livros – com registo nos cadernos diários					
5.4. Actividades de escrita relacionadas com os livros – com outros registos					
5.5. Actividades de escrita relacionadas com os livros – com uso de instrumentos <i>online</i>					
5.6. Dramatizações, fantoches, etc.					
5.7. Visitas de estudo relacionadas com os livros lidos					
5.8. Recitais de poesia					
5.9. Concursos / prémios / jogos					
5.10. Ilustração / expressão plástica					
5.11. Feira(s) do livro					
5.12. Encontro(s) com escritor / ilustrador / outros convidados					
5.13. Outras actividades					
Quais?					
1) Actividade 1					
2) Actividade 2					
3) Actividade 3					

6. Indique ainda, para cada nível de ensino/ciclo, o(s) local (ais) onde se realizaram as actividades:
(*pode assinalar mais do que um local*)

	a) Jardim de Infância	b) 1º ciclo	c) 2º ciclo	d) 3º ciclo	e) Secundário
6.1. Sala de aula					
6.2. Sala de jardim de infância					
6.3. Biblioteca da escola/Centro de Recursos Educativos					
6.4. Outra biblioteca escolar (por exemplo, biblioteca da sede de agrupamento)					
6.5. Sala de convívio					
6.6. Outros espaços da escola					
6.7. Espaços de outras escolas do agrupamento					
6.8. Biblioteca pública/municipal					
6.9. Livrarias					
6.10. Outros espaços fora da escola. Quais?					

7. Relativamente à leitura em sala de aula, indique a frequência com que, de um modo geral, essa actividade foi desenvolvida, em cada nível de ensino/ciclo, de acordo com a seguinte escala:

	7.1. Jardim de infância	7.2. 1º ciclo	7.3. 2º ciclo
Leitura diária (1)			
Leitura bissemanal (2)			
Leitura semanal (3)			
Leitura quinzenal (4)			
Leitura esporádica (5)			

8. Ainda relativamente à leitura orientada em sala de aula, pretende-se saber o número de títulos lidos pelos alunos. Uma vez que esse número pode variar consoante a turma / sala, indique o número de turmas para cada um dos seguintes intervalos de números de títulos lidos:
(*resposta por nível de ensino/ciclo*)

	8.1. Jardins de Infância	1º ciclo				2º ciclo	
		8.2. 1º ano	8.3. 2º ano	8.4. 3º ano	8.5. 4º ano	8.6. 5º ano	8.7. 6º ano
Número de salas em que foram lidos (leitura com educador(a)):							
Nenhum livro							
1 a 3 livros (títulos)							
4 a 9 livros							
10 a 15 livros							
16 a 20 livros							
Mais de 20 livros							

9. Os livros lidos na sala de aula foram os recomendados nas listas do PNL?

(resposta por nível de ensino/ciclo)

	9.1. Jardim de infância	9.2. 1º ciclo	9.3. 2º ciclo
Todos (1)			
A maioria, um pequeno número não faz parte das listas (2)			
Apenas uma parte, alguns não fazem parte das listas (3)			
Muito poucos, a maioria não faz parte das listas (4)			
Nenhum (5)			

10. Que apreciação faz da adequação da lista de livros recomendados pelo PNL?

(resposta por nível de ensino/ciclo)

	10.1. Jardim de infância	10.2. 1º ciclo	10.3. 2º ciclo
Muito adequados (1)			
Adequados (2)			
Pouco adequados (3)			
Nada adequados (4)			

11. Do conjunto das várias iniciativas que têm sido promovidas pelo PNL, assinale aquelas em que a escola participou:

11.1. Concurso <i>Rómulo de Carvalho/António Gedeão, o Poeta da Ciência</i>	
11.2. Semana da Leitura	
11.3. Concurso Nacional de Leitura	
11.4. Concurso <i>Sapo Challenge/Ler+</i>	
11.5. Concurso CTT/PNL <i>Onde te leva a imaginação?</i>	
11.6. Passatempo <i>Linhas e Letras</i>	
11.7. Celebração do Dia Mundial do Livro	
11.8. Celebração do Dia Mundial do Livro Infantil	

ENTIDADES ENVOLVIDAS

12. As actividades desenvolvidas pela escola no âmbito do PNL envolveram a biblioteca da escola ou outra biblioteca escolar (por exemplo da sede do agrupamento)?

Todas ou a maioria (1)	
Uma parte considerável (2)	
Apenas uma pequena parte (3)	
Nenhuma (4)	

13. Que apreciação faz da importância da biblioteca da escola (ou de outra biblioteca escolar, por exemplo a da sede do agrupamento) para o desenvolvimento das actividades?

Muito importante (1)	
Importante (2)	
Pouco importante (3)	
Nada importante (4)	

14. As actividades desenvolvidas pela escola no âmbito do PNL envolveram a biblioteca pública/municipal?

Todas ou a maioria (1)	
Uma parte considerável (2)	
Apenas uma pequena parte (3)	
Nenhuma (4)	

15. Que apreciação faz da importância da biblioteca pública/municipal para o desenvolvimento das actividades da escola no âmbito do PNL?

Muito importante (1)	
Importante (2)	
Pouco importante (3)	
Nada importante (4)	

16. Que apreciação faz do apoio à escola prestado pela autarquia no âmbito do PNL?

Apoio forte (1)	
Apoio razoável (2)	
Apoio fraco (3)	
Não prestou qualquer apoio (4)	

PROFESSORES /ALUNOS ENVOLVIDOS

17. Que professores/educadores estiveram envolvidos nas actividades realizadas pela escola no âmbito do PNL?

Todos ou a maioria dos professores/educadores da escola (1)	
Uma parte considerável dos professores/educadores da escola (2)	
Apenas uma minoria dos professores/educadores da escola (3)	

18. Qual a área disciplinar desses professores?
(resposta por nível de ensino - apenas para a partir do 2º ciclo):

	a) 2º ciclo	b) 3º ciclo	c) Secundário
Língua portuguesa (1)			
Língua portuguesa e outras áreas disciplinares (2)			
Outras áreas disciplinares que não a língua portuguesa (3)			

19. Relativamente aos professores de língua portuguesa (no caso de terem estado envolvidos), qual o nível de participação nas actividades do PNL?
(resposta por nível de ensino - apenas para a partir do 2º ciclo):

	a) 2º ciclo	b) 3º ciclo	c) Secundário
Todos, ou quase todos, participaram (1)			
Participou uma parte considerável (2)			
Participou uma pequena parte (3)			

20. Qual o número aproximado de professores/educadores envolvidos nas actividades realizadas? *(resposta por nível de ensino/ciclo)*

20.1. Jardim de infância	
20.2. 1º ciclo	
20.3. 2º ciclo	
20.4. 3º ciclo	
20.5. Secundário	

21. De um modo geral, como tem sido a participação dos professores nas várias actividades desenvolvidas?

	21.1. Jardim de infância	21.2. 1º ciclo	21.3. 2º ciclo	21.4. 3º ciclo	21.5. Secundário
Muito forte (1)					
Forte (2)					
Razoável (3)					
Fraca (4)					

22. A maioria dos professores pôs em prática as propostas e orientações do PNL?

	22.1. Jardim de infância	22.2. 1º ciclo	22.3. 2º ciclo	22.4. 3º ciclo	22.5. Secundário
Totalmente (1)					
Em grande parte (2)					
Apenas numa pequena parte (3)					
Nada (4)					

23. Qual o número aproximado de alunos abrangidos pelas actividades realizadas?
(resposta por nível de ensino/ciclo)

23.1. Jardim de infância	
23.2. 1º ciclo	
23.3. 2º ciclo	
23.4. 3º ciclo	
23.5. Secundário	

24. De um modo geral, como tem sido a adesão dos alunos às várias actividades desenvolvidas?
(resposta por nível de ensino/ciclo)

	24.1. Jardim de infância	24.2. 1º ciclo	24.3. 2º ciclo	24.4. 3º ciclo	24.5. Secundário
Muito forte (1)					
Forte (2)					
Razoável (3)					
Fraca (4)					

PARTICIPAÇÃO DOS PAIS

25. As actividades realizadas previam a participação dos pais?

(resposta por nível de ensino/ ciclo)

	25.1. Jardim de infância	25.2. 1º ciclo	25.3. 2º ciclo	25.4. 3º ciclo	25.5. Secundário
Todas ou a maioria previam (1)					
Uma parte considerável previa (2)					
Uma pequena parte previa (3)					
Nenhuma previa (4)					

26. Que apreciação global faz da participação dos pais?

(resposta por nível de ensino/ ciclo)

	26.1. Jardim de infância	26.2. 1º ciclo	26.3. 2º ciclo	26.4. 3º ciclo	26.5. Secundário
Muito forte (1)					
Forte (2)					
Razoável (3)					
Fraca (4)					

ORGANIZAÇÃO / PLANEAMENTO DAS ACTIVIDADES

27. As actividades foram realizadas individualmente pela escola ou em conjunto com outras escolas do agrupamento?

Sobretudo individualmente (1)	
Sobretudo em conjunto com outras escolas do agrupamento (2)	
Ambas as situações (3)	

28. As actividades realizadas na escola foram coordenadas pela sede de agrupamento?

(se aplicável, ou seja, se a escola que responde não é sede de agrupamento)

Sim, todas ou a maioria (1)	
Sim, uma parte considerável (2)	
Sim, apenas uma pequena parte (3)	
Nenhuma (4)	

29. Como avalia a articulação entre a escola e a sede de agrupamento?

Articulação muito forte (1)	
Articulação forte (2)	
Articulação razoável (3)	
Articulação fraca (4)	
Não houve articulação (5)	

30. Quais os agentes responsáveis pela organização e dinamização das actividades na escola? (*podem ser assinaladas várias respostas*)

30.1. Professores	
30.2. Responsável da biblioteca escolar	
30.3. Conselho Executivo/Directivo	
30.4. Outros funcionários da escola	
30.5. Pais	
30.6. Outros.	
30.6. a) Quais?	

GRAU DE CONCRETIZAÇÃO DAS ACTIVIDADES

31. Como avalia, globalmente, a concretização das actividades desenvolvidas no âmbito do PNL na sua escola?

Plenamente concretizadas (1)	
Quase todas foram concretizadas (2)	
Uma parte importante não foi concretizada (3)	
A maior parte não foi concretizada (4)	

32. Houve dificuldades/obstáculos na concretização das actividades?

Nenhumas dificuldades (1)	
Poucas dificuldades (2)	
Algumas dificuldades (3)	
Muitas dificuldades (4)	

33. Quais as principais dificuldades/ obstáculos à concretização das actividades?
(*podem ser assinaladas várias respostas*)

33.1. Falta de tempo	
33.2. Escassez de recursos	
33.3. Falta de informação/apoio por parte da sede de agrupamento (caso se aplique)	
33.4. Dificuldades na articulação com os currículos	
33.5. Falhas na organização das mesmas por parte de alguns professores e / ou outros responsáveis da escola	
33.6. Outras/os.	
33.6. a) Quais?	

C) RESULTADOS E IMPACTES

34. Como avalia, em termos gerais, os efeitos / impactos das actividades até agora desenvolvidas no âmbito do PNL, quanto aos seguintes aspectos:

(resposta por nível de ensino/ ciclo)

Muito significativo (1)

Bastante significativo (2)

Pouco significativo (3)

Nada significativo (4)

34.1 Quanto à participação dos alunos e às suas práticas:

	a) Jardim de Infância	b) 1º ciclo	c) 2º ciclo	d) 3º ciclo	e) Secundário
34.1.1. Envolvimento e participação nas actividades					
34.1.2. Intensificação das práticas de leitura em sala de aula					
34.1.3. Intensificação das práticas de leitura na escola, no âmbito de outras actividades					
34.1.4. Intensificação das práticas de leitura fora da escola, directamente relacionadas com o estudo					
34.1.5. Intensificação de outras práticas de leitura, não relacionadas com a escola					
34.1.6. Aumento da frequência de utilização da biblioteca escolar					
34.1.7. Aumento da frequência de utilização de outras bibliotecas					

34.2 Ainda relativamente aos alunos, no que diz respeito a:

	a) Jardim de Infância	b) 1º ciclo	c) 2º ciclo	d) 3º ciclo	e) Secundário
34.2.1. Aumento do interesse / gosto pela leitura de livros					
34.2.2. Aumento do interesse / gosto pela leitura de outros suportes escritos					
34.2.3. Desenvolvimento/ melhoria das competências de leitura / literacia					
34.2.4. Melhoria dos resultados escolares					
34.2.5. Aumento do interesse e participação nas actividades escolares					

34.3 E na escola, nos professores e na relação da escola com outros agentes?

	a) Jardim de Infância	b) 1º ciclo	c) 2º ciclo	d) 3º ciclo	e) Secundário
34.3.1. Alteração / inovação ao nível das práticas pedagógicas					
34.3.2. Dinamização da biblioteca escolar					
34.3.3. Dinamização de outros espaços da escola					
34.3.4. Aumento da participação dos pais nas actividades da escola					
34.3.5. Intensificação do trabalho entre a escola/biblioteca escolar e a biblioteca pública/municipal					
34.3.6. Aumento da participação de outros agentes exteriores à escola					
34.3.7. Dinamização de novas actividades lectivas					
34.3.8. Dinamização de novas actividades não lectivas					
34.3.9. Intensificação do trabalho de equipa entre os professores					

35. Com o PNL, as actividades desenvolvidas na escola de promoção da leitura foram:

Muito reforçadas (1)	
Reforçadas (2)	
Mantidas (3)	
Diminuíram (4)	

36. Em que medida as actividades de promoção da leitura que foram realizadas correspondem às orientações do PNL?

Todas ou quase todas (1)	
Uma grande parte (2)	
Apenas uma parte (3)	
Nenhuma (4)	

37. Em termos gerais, os professores notaram progressos dos alunos no domínio da leitura?

Totalmente (1)	
Em grande parte (2)	
Apenas numa pequena parte (3)	
Nada (4)	

D) ACOMPANHAMENTO DA COORDENAÇÃO DO PNL

38. Em sua opinião, as informações e as orientações que a escola tem recebido da coordenação do PNL para o desenvolvimento das actividades são:

	Muito (1)	Bastante (2)	Pouco (3)	Nada (4)
38.1. Estimulantes				
38.2. Claras				
38.3. Suficientes				
38.4. Atempadas				

39. Os professores consultaram as propostas e orientações disponíveis no site do PNL?

Todos ou a maioria (1)	
Alguns (2)	
Poucos (3)	
Nenhum (4)	

40. Se respondeu “poucos” ou “nenhum”, indique a principal razão:

Receberam informação por outra via (1)	
Não se deram conta de que estavam disponíveis (2)	
Não têm acesso à Internet (3)	
Outras razões (4). Quais?	

41. Com que frequência os professores consultam o site do PNL?

Frequentemente (1)	
Com alguma regularidade (2)	
Raramente (3)	
Nunca	

42. A escola recebeu apoio financeiro para a aquisição de livros ou oferta de livros?

Sim (1)	
Não (2)	

43. Em caso afirmativo, qual a fonte desses apoios?

(podem ser assinaladas várias respostas)

43.1. PNL	
43.2. Rede de Bibliotecas Escolares	
43.3. Fundação Calouste Gulbenkian	
43.4. Câmara Municipal	
43.5. CONTINENTE	
43.6. País	
43.7. Associação de pais	
43.8. Feiras do Livro	
43.9. Outras fontes.	
43.9 a) Quais?	

44. Em caso afirmativo, considera que:

Os apoios foram decisivos para que pudessem ser desenvolvidas as actividades (1)	
Os apoios ajudaram a melhorar as actividades que a escola desenvolveu (2)	
Os apoios foram úteis, mas não foram decisivos (3)	

45. Em caso negativo, considera que:

Sem apoios uma parte essencial das actividades ficou comprometida (1)	
Os apoios teriam sido úteis, mas ainda assim a maior parte das actividades pôde ser desenvolvida (2)	
Os apoios não condicionaram o desenvolvimento de actividades (3)	

E) Sobre o PNL (em termos gerais)

46. Em que medida considera importante o lançamento do PNL?

Muito importante (1)	
Importante (2)	
Pouco importante (3)	
Nada importante (4)	

47. Que apreciação faz das orientações e propostas do PNL?

	Totalmente (1)	Em grande parte (2)	Pouco (3)	Nada (4)
47.1. Ajustadas às necessidades de promoção da leitura entre crianças e jovens				
47.2. Exequíveis na sala de aula, desde que se disponha de livros				
47.3. Bem acolhidas pelos professores				
47.4. Representando um avanço na promoção da leitura				

ANEXO II

Barómetro de Opinião Pública

Índice

1. AMOSTRA.....	151
Quadro 1: Amostra do barómetro de opinião pública	151
2. QUADROS DE RESULTADOS.....	151
Quadro 2: Opinião sobre a importância da leitura, nos dias de hoje, para a vida das pessoas (P1), segundo o sexo e o grupo etário (%)	151
Quadro 3: Opinião sobre a importância da leitura, nos dias de hoje, para a vida das pessoas (P1), segundo a escolaridade (%)	152
Quadro 4: Opinião sobre a importância actual da leitura para a vida das pessoas, num conjunto de aspectos (P2), segundo o sexo e o grupo etário (%)	152
Quadro 5: Opinião sobre a importância actual da leitura para a vida das pessoas, num conjunto de aspectos (P2), segundo a escolaridade (%)	153
Quadro 6: Percepção do hábito de leitura da população portuguesa, em comparação com os outros países da União Europeia (P3), segundo o sexo e o grupo etário (%)	154
Quadro 7: Percepção do hábito de leitura da população portuguesa, em comparação com os outros países da União Europeia (P3), segundo a escolaridade (%)	155
Quadro 8: Conhecimento da existência do Plano Nacional de Leitura (P4), segundo o sexo e o grupo etário (%).....	155
Quadro 9: Conhecimento da existência do Plano Nacional de Leitura (P4), segundo a escolaridade (%).....	155
Quadro 10: Meios através dos quais viu ou ouviu falar do Plano Nacional de Leitura (P5), segundo o sexo e o grupo etário (%).....	156
Quadro 11: Meios através dos quais viu ou ouviu falar do Plano Nacional de Leitura (P5), segundo a escolaridade (%)	157
Quadro 12: Opinião sobre a importância da existência de um Plano Nacional de Leitura para ajudar a desenvolver os hábitos e as capacidades de leitura da população portuguesa (P6), segundo o sexo e o grupo etário (%)	158
Quadro 13: Opinião sobre a importância da existência de um Plano Nacional de Leitura para ajudar a desenvolver os hábitos e as capacidades de leitura da população portuguesa (P6), segundo a escolaridade (%).....	158
Quadro 14: Opinião sobre a importância de um conjunto de aspectos para o desenvolvimento da leitura no país (P7), segundo o sexo e o grupo etário (%)	158
Quadro 15: Opinião sobre a importância de um conjunto de aspectos para o desenvolvimento da leitura no país (P7), segundo a escolaridade (%)	161
Quadro 16: Percepção da evolução da leitura, nos últimos 10 anos, no país (P8), segundo o sexo e o grupo etário (%).....	164
Quadro 17: Percepção da evolução da leitura, nos últimos 10 anos, no país (P8), segundo a escolaridade (%).....	165
Quadro 18: Percepção da importância da leitura para o próprio (P9), segundo o sexo e o grupo etário (%)	166
Quadro 19: Percepção da importância da leitura para o próprio (P9), segundo a escolaridade (%)	166
Quadro 20: Gosto pela leitura (P10), segundo o sexo e o grupo etário (%).....	166

Quadro 21: Gosto pela leitura (P10), segundo a escolaridade (%).....	166
Quadro 22: Significados atribuídos à leitura na sua vida (P11), segundo o sexo e o grupo etário (%)	167
Quadro 23: Significados atribuídos à leitura na sua vida (P11), segundo a escolaridade (%)	168
Quadro 24: Percepção das capacidades de leitura próprias (P12), segundo o sexo e o grupo etário (%)...	169
Quadro 25: Percepção das capacidades de leitura próprias (P12), segundo a escolaridade (%).....	169
3. QUESTIONÁRIO.....	171

1. AMOSTRA

Quadro 1: Amostra do barómetro de opinião pública

		n	%
SEXO	Masculino	487	47,0
	Feminino	550	53,0
	Total	1037	100,0
GRUPOS ETÁRIOS	15-24	163	15,7
	25-34	193	18,6
	35-44	192	18,5
	45-54	159	15,3
	55-64	142	13,7
	65 e +	188	18,1
	Total	1037	100,0
ESCOLARIDADE	S/grau completo	99	9,5
	Básico 1	270	26,0
	Básico 2	248	23,9
	Básico 3	218	21,0
	Secundário	154	14,9
	Superior	48	4,6
	Total	1037	100,0
REGIÃO	Norte Litoral	195	18,8
	Grande Porto	133	12,8
	Interior	162	15,6
	Centro Litoral	157	15,1
	Grande Lisboa	300	28,9
	Alentejo	51	4,9
	Algarve	39	3,8
	Total	1037	100,0

2. QUADROS DE RESULTADOS

Quadro 2: Opinião sobre a importância da leitura, nos dias de hoje, para a vida das pessoas (P1), segundo o sexo e o grupo etário (%)

	Total	SEXO		GRUPOS ETÁRIOS*					
		Masculino	Feminino	15-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65 e +
1 - Nada Importante	1,2	0,9	1,5	0,0	1,1	0,0	2,0	0,7	2,6
2 - Pouco Importante	3,4	4,1	2,8	2,5	3,3	4,4	3,9	5,3	1,8
3 - Importante	46,0	48,5	44,1	47,2	40,0	44,1	44,8	42,6	53,8
4 - Muito Importante	49,4	46,5	51,6	50,3	55,6	51,4	49,3	51,4	41,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

*Qui-quadrado estatisticamente significativo ($p \leq 0,05$)

Quadro 3: Opinião sobre a importância da leitura, nos dias de hoje, para a vida das pessoas (P1), segundo a escolaridade (%)

	Total	ESCOLARIDADE*					
		S/grau completo	Básico 1	Básico 2	Básico 3	Secundário	Superior
1 - Nada Importante	1,2	2,1	2,2	0,0	0,0	0,0	2,1
2 - Pouco Importante	3,4	5,2	4,8	4,9	2,3	0,0	0,0
3 - Importante	46,0	57,7	47,6	48,6	47,2	35,1	27,1
4 - Muito Importante	49,4	35,1	45,4	46,6	50,5	64,9	70,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

*Qui-quadrado estatisticamente significativo ($p \leq 0,05$)

Quadro 4: Opinião sobre a importância actual da leitura para a vida das pessoas, num conjunto de aspectos (P2), segundo o sexo e o grupo etário (%)

	Total	SEXO		GRUPOS ETÁRIOS*						
		Masculino	Feminino	15-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65 e +	
ACTIVIDADE PROFISSIONAL										
1 - Nada Importante	0,1	0,3	0,0	0,0	0,0	0,7	0,0	0,0	0,0	
2 - Pouco Importante	2,6	2,7	2,6	2,1	3,6	1,7	2,5	2,7	3,0	
3 - Importante	38,6	41,5	36,3	36,2	31,5	40,0	43,1	37,2	42,1	
4 - Muito Importante	58,6	55,6	61,1	61,7	64,9	57,6	54,4	60,1	54,9	
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	
ENSINO E FORMAÇÃO										
1 - Nada Importante	0,5	0,3	0,7	0,0	0,0	1,4	0,8	0,0	0,8	
2 - Pouco Importante	1,4	1,9	1,0	1,3	0,3	1,4	2,7	2,6	0,8	
3 - Importante	28,0	30,3	26,2	22,9	23,9	30,0	27,8	27,7	32,7	
4 - Muito Importante	70,0	67,6	72,0	75,7	75,8	67,2	68,8	69,7	65,8	
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	
COMPREENDER A LITERATURA E AS ARTES										
1 - Nada Importante	0,7	0,3	1,0	0,0	0,3	0,7	0,8	0,0	1,6	
2 - Pouco Importante	4,3	4,6	4,0	3,6	4,6	4,7	7,4	2,5	3,3	
3 - Importante	40,1	40,8	39,5	33,2	30,8	41,7	43,1	43,2	45,5	
4 - Muito Importante	55,0	54,4	55,5	63,2	64,3	53,0	48,7	54,3	49,7	
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	
COMPREENDER A CIÊNCIA E AS TECNOLOGIAS										
1 - Nada Importante	0,7	0,3	1,0	0,0	0,5	1,4	0,0	0,0	1,6	
2 - Pouco Importante	2,3	2,2	2,5	2,4	3,2	,7	3,2	1,5	2,9	
3 - Importante	40,8	42,6	39,3	33,8	32,9	45,9	43,0	44,3	43,0	
4 - Muito Importante	56,2	55,0	57,1	63,9	63,3	52,0	53,8	54,2	52,5	
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	
A VIDA DO DIA-A-DIA										
1 - Nada Importante	0,3	0,3	0,3	0,0	0,0	0,7	0,0	0,0	0,8	
2 - Pouco Importante	4,7	4,4	5,0	6,6	5,5	4,3	4,7	6,2	2,5	
3 - Importante	40,3	43,8	37,5	37,2	38,9	41,6	40,5	37,1	44,1	
4 - Muito Importante	54,6	51,5	57,1	56,1	55,6	53,4	54,8	56,7	52,6	
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	

(continua)

(continuação Quadro 4)

	Total	SEXO		GRUPOS ETÁRIOS*					
		Masculino	Feminino	15-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65 e +
EXERCER OS DIREITOS E DEVERES DE CIDADANIA									
1 - Nada Importante	0,1	0,3	0,0	0,0	0,0	0,7	0,0	0,0	0,0
2 - Pouco Importante	4,3	4,4	4,2	3,7	4,3	4,3	4,9	6,6	2,7
3 - Importante	38,1	40,0	36,7	32,3	35,8	41,0	40,8	34,3	41,8
4 - Muito Importante	57,5	55,4	59,1	64,0	59,9	54,1	54,4	59,1	55,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
COMPREENDER A COMUNICAÇÃO SOCIAL									
1 - Nada Importante	0,2	0,3	0,1	0,0	0,0	1,0	0,0	0,0	0,0
2 - Pouco Importante	4,0	3,9	4,1	4,3	4,2	3,9	4,4	5,0	2,8
3 - Importante	39,6	40,5	38,9	30,7	34,9	39,7	40,8	41,1	46,1
4 - Muito Importante	56,2	55,3	56,9	65,0	60,9	55,3	54,8	53,9	51,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
UTILIZAR A INTERNET									
1 - Nada Importante	1,7	2,1	1,4	0,9	0,0	3,0	0,0	2,7	2,9
2 - Pouco Importante	6,0	5,8	6,1	5,3	7,8	5,1	6,9	3,4	6,8
3 - Importante	38,8	40,0	37,8	30,5	33,5	38,1	40,2	40,8	46,0
4 - Muito Importante	53,5	52,0	54,7	63,4	58,7	53,8	52,9	53,1	44,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

*Qui-quadrado estatisticamente significativo ($p \leq 0,05$) para as variáveis "Compreender a literatura e as artes" e "Utilizar a Internet".

Quadro 5: Opinião sobre a importância actual da leitura para a vida das pessoas, num conjunto de aspectos (P2), segundo a escolaridade (%)

	Total	ESCOLARIDADE*					
		S/grau completo	Básico 1	Básico 2	Básico 3	Secundário	Superior
ACTIVIDADE PROFISSIONAL							
1 - Nada Importante	0,1	0,0	0,4	0,0	0,0	0,0	0,0
2 - Pouco Importante	2,6	3,3	3,0	3,3	2,3	2,6	0,0
3 - Importante	38,6	42,4	47,2	40,2	36,4	32,5	12,5
4 - Muito Importante	58,6	54,3	49,4	56,5	61,3	64,9	87,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
ENSINO E FORMAÇÃO							
1 - Nada Importante	0,5	1,1	1,1	0,0	0,0	0,0	0,0
2 - Pouco Importante	1,4	1,1	3,0	2,4	0,0	0,0	0,0
3 - Importante	28,0	28,3	36,2	24,2	26,3	22,7	16,7
4 - Muito Importante	70,0	69,6	59,7	73,4	73,7	77,3	83,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
COMPREENDER A LITERATURA E AS ARTES							
1 - Nada Importante	0,7	2,2	0,8	0,4	0,0	0,0	0,0
2 - Pouco Importante	4,3	2,2	5,6	5,6	4,2	2,6	4,2
3 - Importante	40,1	47,3	46,6	35,5	35,2	38,3	22,9
4 - Muito Importante	55,0	48,4	47,0	58,5	60,6	59,1	72,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

(continua)

(continuação Quadro 5)

	Total	ESCOLARIDADE*					
		S/grau completo	Básico 1	Básico 2	Básico 3	Secundário	Superior
COMPREENDER A CIÊNCIA E AS TECNOLOGIAS							
1 - Nada Importante	0,7	2,2	0,8	0,0	0,0	0,6	0,0
2 - Pouco Importante	2,3	3,3	2,6	3,6	2,3	0,6	0,0
3 - Importante	40,8	45,1	47,9	37,9	36,9	39,0	22,9
4 - Muito Importante	56,2	49,5	48,7	58,5	60,8	59,7	77,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
A VIDA DO DIA-A-DIA							
1 - Nada Importante	0,3	1,1	0,4	0,0	0,0	0,0	0,0
2 - Pouco Importante	4,7	3,2	3,4	9,3	5,5	5,8	2,1
3 - Importante	40,3	45,3	45,7	36,4	35,0	39,6	29,2
4 - Muito Importante	54,6	50,5	50,6	54,3	59,4	54,5	68,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
EXERCER OS DIREITOS E DEVERES DE CIDADANIA							
1 - Nada Importante	0,1	0,0	0,4	0,0	0,0	0,0	0,0
2 - Pouco Importante	4,3	4,3	5,2	5,7	2,8	2,6	4,2
3 - Importante	38,1	43,6	44,2	37,7	29,0	36,4	27,1
4 - Muito Importante	57,5	52,1	50,2	56,7	68,2	61,0	68,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
COMPREENDER A COMUNICAÇÃO SOCIAL							
1 - Nada Importante	0,2	0,0	0,4	0,4	0,0	0,0	0,0
2 - Pouco Importante	4,0	4,3	4,1	5,7	3,2	3,9	2,1
3 - Importante	39,6	43,0	47,9	34,6	33,8	37,0	27,1
4 - Muito Importante	56,2	52,7	47,6	59,3	63,0	59,1	70,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
UTILIZAR A INTERNET							
1 - Nada Importante	1,7	2,3	2,7	0,4	0,0	0,7	4,2
2 - Pouco Importante	6,0	4,6	6,5	8,6	4,1	5,9	6,3
3 - Importante	38,8	46,0	46,9	33,1	34,6	36,6	18,8
4 - Muito Importante	53,5	47,1	43,9	58,0	61,3	56,9	70,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

*Qui-quadrado estatisticamente significativo ($p \leq 0,05$) para todas as variáveis

Quadro 6: Percepção do hábito de leitura da população portuguesa, em comparação com os outros países da União Europeia (P3), segundo o sexo e o grupo etário (%)

	Total	SEXO		GRUPOS ETÁRIOS*					
		Masculino	Feminino	15-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65 e +
1 - Lê muito menos	14,8	13,8	15,7	10,6	16,0	16,0	15,8	13,4	16,3
2 - Lê menos	52,9	52,5	53,3	48,4	48,9	55,8	51,7	58,6	54,5
3 - Lê o mesmo	24,1	25,8	22,7	36,3	24,8	23,8	23,5	19,2	18,4
4 - Lê mais	6,9	6,8	7,0	4,7	6,6	3,6	7,8	8,7	9,6
5 - Lê muito mais	1,2	1,0	1,4	0,0	3,6	0,8	1,3	0,0	1,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

*Qui-quadrado estatisticamente significativo ($p \leq 0,05$)

Quadro 7: Percepção do hábito de leitura da população portuguesa, em comparação com os outros países da União Europeia (P3), segundo a escolaridade (%)

	Total	ESCOLARIDADE*					
		S/grau completo	Básico 1	Básico 2	Básico 3	Secundário	Superior
1 - Lê muito menos	14,8	18,9	10,7	12,3	14,6	18,0	20,8
2 - Lê menos	52,9	54,7	55,6	48,8	52,1	52,0	52,1
3 - Lê o mesmo	24,1	15,1	26,2	31,8	26,0	21,3	18,8
4 - Lê mais	6,9	11,3	6,1	6,6	6,8	8,7	2,1
5 - Lê muito mais	1,2	0,0	1,4	0,5	0,5	0,0	6,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

*Qui-quadrado estatisticamente significativo ($p \leq 0,05$)

Quadro 8: Conhecimento da existência do Plano Nacional de Leitura (P4), segundo o sexo e o grupo etário (%)

	Total	SEXO		GRUPOS ETÁRIOS*					
		Masculino	Feminino	15-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65 e +
Sim	30,7	31,5	30,1	28,6	34,0	37,7	38,7	31,8	18,9
Não	69,3	68,5	69,9	71,4	66,0	62,3	61,3	68,2	81,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

*Qui-quadrado estatisticamente significativo ($p \leq 0,05$)

Quadro 9: Conhecimento da existência do Plano Nacional de Leitura (P4), segundo a escolaridade (%)

	Total	ESCOLARIDADE*					
		S/grau completo	Básico 1	Básico 2	Básico 3	Secundário	Superior
Sim	30,7	12,8	27,0	28,1	37,5	42,1	53,2
Não	69,3	87,2	73,0	71,9	62,5	57,9	46,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

*Qui-quadrado estatisticamente significativo ($p \leq 0,05$)

Quadro 10: Meios através dos quais viu ou ouviu falar do Plano Nacional de Leitura (P5), segundo o sexo e o grupo etário (%)

	Total	SEXO*		GRUPOS ETÁRIOS**					
		Masculino	Feminino	15-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65 e +
TELEVISÃO									
Sim	26,9	27,4	26,5	23,3	30,0	31,8	34,3	29,6	17,1
Não	73,1	72,6	73,5	76,7	70,0	68,2	65,7	70,4	82,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
RÁDIO									
Sim	5,2	6,9	3,8	5,7	6,4	6,4	7,0	4,0	2,8
Não	94,8	93,1	96,2	94,3	93,6	93,6	93,0	96,0	97,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
JORNAIS OU REVISTAS									
Sim	7,9	8,2	7,7	7,4	10,4	8,4	12,0	8,8	3,0
Não	92,1	91,8	92,3	92,6	89,6	91,6	88,0	91,2	97,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
CARTAZES OU OUTDOORS									
Sim	2,6	2,7	2,6	5,9	3,9	2,5	3,3	1,1	0,8
Não	97,4	97,3	97,4	94,1	96,1	97,5	96,7	98,9	99,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
LIVROS PARA JOVENS OU CRIANÇAS									
Sim	2,0	1,6	2,3	3,6	2,0	3,8	1,3	2,1	0,3
Não	98,0	98,4	97,7	96,4	98,0	96,2	98,7	97,9	99,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
INTERNET									
Sim	1,9	1,2	2,5	4,5	2,6	3,1	1,3	1,3	0,0
Não	98,1	98,8	97,5	95,5	97,4	96,9	98,7	98,7	100,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
ESCOLAS									
Sim	2,9	2,4	3,4	5,3	4,3	4,5	3,0	1,7	0,4
Não	97,1	97,6	96,6	94,7	95,7	95,5	97,0	98,3	99,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
BIBLIOTECAS									
Sim	1,9	1,7	2,1	4,7	1,4	2,4	2,4	2,1	0,0
Não	98,1	98,3	97,9	95,3	98,6	97,6	97,6	97,9	100,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
LIVRARIAS									
Sim	1,7	1,2	2,1	2,0	2,3	3,5	1,3	1,3	0,4
Não	98,3	98,8	97,9	98,0	97,7	96,5	98,7	98,7	99,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
CENTROS COMERCIAIS OU SUPERMERCADOS									
Sim	1,3	1,4	1,2	2,0	1,0	3,2	0,8	0,7	0,5
Não	98,7	98,6	98,8	98,0	99,0	96,8	99,2	99,3	99,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

*Qui-quadrado estatisticamente significativo ($p \leq 0,05$) para "Rádio".

**Qui-quadrado estatisticamente significativo ($p \leq 0,05$) para todas as variáveis excepto "Rádio", "Livros para jovens ou crianças", "Livrarias" e "Centros comerciais ou supermercados".

Quadro 11: Meios através dos quais viu ou ouviu falar do Plano Nacional de Leitura (P5), segundo a escolaridade (%)

	Total	ESCOLARIDADE*					
		S/grau completo	Básico 1	Básico 2	Básico 3	Secundário	Superior
TELEVISÃO							
Sim	26,9	11,1	24,1	25,4	33,0	37,7	43,8
Não	73,1	88,9	75,9	74,6	67,0	62,3	56,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
RÁDIO							
Sim	5,2	2,0	2,2	6,5	6,9	6,5	14,6
Não	94,8	98,0	97,8	93,5	93,1	93,5	85,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
JORNAIS OU REVISTAS							
Sim	7,9	1,0	4,1	6,9	11,5	11,7	25,0
Não	92,1	99,0	95,9	93,1	88,5	88,3	75,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
CARTAZES OU OUTDOORS							
Sim	2,6	0,0	1,5	3,2	3,2	3,9	8,3
Não	97,4	100,0	98,5	96,8	96,8	96,1	91,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
LIVROS PARA JOVENS OU CRIANÇAS							
Sim	2,0	0,0	1,1	0,8	3,7	3,2	6,3
Não	98,0	100,0	98,9	99,2	96,3	96,8	93,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
INTERNET							
Sim	1,9	0,0	0,7	0,0	2,8	2,6	10,4
Não	98,1	100,0	99,3	100,0	97,2	97,4	89,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
ESCOLAS							
Sim	2,9	0,0	1,1	2,4	4,1	5,2	10,4
Não	97,1	100,0	98,9	97,6	95,9	94,8	89,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
BIBLIOTECAS							
Sim	1,9	0,0	1,1	0,4	2,8	2,6	8,3
Não	98,1	100,0	98,9	99,6	97,2	97,4	91,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
LIVRARIAS							
Sim	1,7	0,0	0,7	0,8	1,8	3,9	6,3
Não	98,3	100,0	99,3	99,2	98,2	96,1	93,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
CENTROS COMERCIAIS OU SUPERMERCADOS							
Sim	1,3	0,0	1,5	0,0	1,4	1,9	4,2
Não	98,7	100,0	98,5	100,0	98,6	98,1	95,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

*Qui-quadrado estatisticamente significativo ($p \leq 0,05$) para todas as variáveis

Quadro 12: Opinião sobre a importância da existência de um Plano Nacional de Leitura para ajudar a desenvolver os hábitos e as capacidades de leitura da população portuguesa (P6), segundo o sexo e o grupo etário (%)

	Total	SEXO		GRUPOS ETÁRIOS					
		Masculino	Feminino	15-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65 e +
1 - Nada Importante	0,7	0,9	0,5	0,5	1,3	1,3	0,0	0,9	0,0
2 - Pouco Importante	2,9	4,0	2,1	3,3	1,1	3,1	4,0	2,9	3,4
3 - Importante	62,1	59,3	64,3	62,1	60,2	60,9	58,5	61,2	68,1
4 - Muito Importante	34,3	35,9	33,1	34,1	37,3	34,6	37,5	35,0	28,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Quadro 13: Opinião sobre a importância da existência de um Plano Nacional de Leitura para ajudar a desenvolver os hábitos e as capacidades de leitura da população portuguesa (P6), segundo a escolaridade (%)

	Total	ESCOLARIDADE*					
		S/grau completo	Básico 1	Básico 2	Básico 3	Secundário	Superior
1 - Nada Importante	0,7	1,6	0,5	1,4	0,0	0,7	0,0
2 - Pouco Importante	2,9	4,9	3,3	3,3	2,6	0,7	2,2
3 - Importante	62,1	67,2	69,5	63,6	61,5	56,0	41,3
4 - Muito Importante	34,3	26,2	26,7	31,8	35,9	42,5	56,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

*Qui-quadrado estatisticamente significativo ($p \leq 0,05$)

Quadro 14: Opinião sobre a importância de um conjunto de aspectos para o desenvolvimento da leitura no país (P7), segundo o sexo e o grupo etário (%)

	Total	SEXO		GRUPOS ETÁRIOS*					
		Masculino	Feminino	15-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65 e +
ACTIVIDADES DE LEITURA NAS ESCOLAS									
1 - Nada Importante	0,1	0,1	0,0	0,0	0,3	0,0	0,0	0,0	0,0
2 - Pouco Importante	0,7	0,9	0,6	1,0	1,0	0,0	0,0	1,5	0,8
3 - Importante	28,5	29,4	27,8	36,3	23,0	27,9	29,5	24,3	30,8
4 - Muito Importante	70,7	69,6	71,6	62,7	75,6	72,1	70,5	74,3	68,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
BIBLIOTECAS DAS ESCOLAS									
1 - Nada Importante	0,2	0,1	0,3	0,0	0,3	0,0	0,0	0,0	0,8
2 - Pouco Importante	0,8	0,6	1,0	0,6	0,8	1,4	2,6	0,0	0,0
3 - Importante	31,6	32,9	30,5	35,7	25,0	27,0	35,3	30,3	35,8
4 - Muito Importante	67,3	66,4	68,1	63,7	73,8	71,6	62,1	69,7	63,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
BIBLIOTECAS PÚBLICAS MUNICIPAIS									
1 - Nada Importante	0,1	0,1	0,1	0,4	0,3	0,0	0,0	0,0	0,0
2 - Pouco Importante	2,0	2,5	1,6	1,2	1,5	2,6	3,0	1,2	2,1
3 - Importante	39,6	40,2	39,1	39,7	29,9	39,3	43,9	37,5	45,3
4 - Muito Importante	58,4	57,2	59,3	58,6	68,3	58,2	53,1	61,2	52,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

(continua)

(continuação Quadro 14)

	Total	SEXO		GRUPOS ETÁRIOS*					
		Masculino	Feminino	15-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65 e +
INICIATIVAS DE LEITURA PROMOVIDAS POR ASSOCIAÇÕES, EMPRESAS E ORGANISMOS PÚBLICOS									
1 - Nada Importante	0,5	0,8	0,2	0,9	0,3	1,1	0,0	0,7	0,0
2 - Pouco Importante	5,8	6,3	5,4	6,3	4,8	4,6	6,2	6,5	6,4
3 - Importante	48,9	48,9	49,0	50,6	46,9	48,2	50,4	48,3	49,6
4 - Muito Importante	44,8	44,0	45,5	42,2	48,0	46,2	43,4	44,4	44,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
CAMPANHAS DE PROMOÇÃO DA LEITURA NA COMUNICAÇÃO SOCIAL									
1 - Nada Importante	0,2	0,4	0,0	0,9	0,3	0,0	0,0	0,0	0,0
2 - Pouco Importante	5,6	7,2	4,3	3,2	4,8	7,2	4,2	6,7	6,8
3 - Importante	47,6	47,4	47,9	49,2	43,8	47,2	51,2	45,1	49,5
4 - Muito Importante	46,5	45,0	47,8	46,8	51,1	45,7	44,6	48,2	43,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
INCENTIVO À LEITURA DADO PELAS FAMÍLIAS									
1 - Nada Importante	0,2	0,4	0,0	0,9	0,3	0,0	0,0	0,0	0,0
2 - Pouco Importante	2,2	2,5	1,9	2,1	2,2	2,4	1,9	3,3	1,5
3 - Importante	38,3	38,4	38,3	41,0	30,5	41,3	43,0	31,6	41,9
4 - Muito Importante	59,3	58,7	59,8	56,0	66,9	56,3	55,1	65,1	56,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
HÁBITO DE OFERECER LIVROS COMO PRENDAS DE ANOS, NATAL									
1 - Nada Importante	0,2	0,3	0,2	0,0	0,8	0,5	0,0	0,0	0,0
2 - Pouco Importante	6,1	6,3	5,9	4,6	6,4	7,6	4,7	8,0	5,2
3 - Importante	46,6	48,6	45,0	45,7	41,3	44,6	50,1	42,2	53,2
4 - Muito Importante	47,1	44,7	49,0	49,8	51,4	47,3	45,2	49,8	41,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
EXISTÊNCIA DE BOAS LIVRARIAS									
1 - Nada Importante	0,1	0,1	0,0	0,0	0,3	0,0	0,0	0,0	0,0
2 - Pouco Importante	4,1	5,4	3,0	3,4	2,8	4,8	4,4	4,4	4,5
3 - Importante	44,1	42,9	45,2	39,7	40,5	43,2	46,1	42,6	49,6
4 - Muito Importante	51,7	51,6	51,8	56,8	56,3	52,0	49,4	53,0	45,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
VENDA DE LIVROS NOS SUPERMERCADOS									
1 - Nada Importante	0,4	0,8	0,2	0,0	0,8	0,5	0,5	0,8	0,0
2 - Pouco Importante	8,3	9,9	7,0	5,9	9,7	8,6	10,0	10,3	5,8
3 - Importante	49,9	48,7	51,0	47,4	42,4	49,1	54,5	49,7	54,9
4 - Muito Importante	41,4	40,7	41,9	46,8	47,1	41,7	35,0	39,2	39,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
EDIÇÃO DE LIVROS DE GÊNEROS VARIADOS									
1 - Nada Importante	0,1	0,1	0,0	0,0	0,3	0,0	0,0	0,0	0,0
2 - Pouco Importante	5,1	5,3	4,9	4,1	6,5	5,1	5,6	4,9	4,4
3 - Importante	46,8	46,9	46,7	44,9	42,8	46,1	52,8	47,0	47,3
4 - Muito Importante	48,0	47,6	48,4	51,0	50,4	48,8	41,6	48,1	48,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

(continua)

(continuação Quadro 14)

	Total	SEXO		GRUPOS ETÁRIOS*					
		Masculino	Feminino	15-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65 e +
EDIÇÃO DE LIVROS ECONÓMICOS									
1 - Nada Importante	0,2	0,1	0,3	0,0	0,3	0,3	0,0	0,0	0,5
2 - Pouco Importante	4,3	4,8	3,9	3,4	3,9	9,0	6,2	2,1	2,1
3 - Importante	35,8	37,5	34,4	36,5	36,7	32,6	40,1	33,4	35,8
4 - Muito Importante	59,6	57,5	61,4	60,1	59,1	58,1	53,7	64,5	61,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
PUBLICAÇÃO DE JORNAIS E REVISTAS DE GÉNEROS VARIADOS									
1 - Nada Importante	0,1	0,1	0,0	0,0	0,3	0,0	0,0	0,0	0,0
2 - Pouco Importante	4,6	4,9	4,3	3,2	5,3	5,8	2,7	6,4	4,0
3 - Importante	48,3	49,6	47,3	49,0	41,1	46,9	47,3	47,2	55,8
4 - Muito Importante	47,0	45,4	48,4	47,8	53,3	47,3	50,0	46,3	40,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
JORNAIS E REVISTAS DE DISTRIBUIÇÃO GRATUITA									
1 - Nada Importante	0,2	0,4	0,0	0,9	0,3	0,0	0,0	0,0	0,0
2 - Pouco Importante	5,2	5,7	4,8	4,1	6,8	4,8	6,6	5,9	3,5
3 - Importante	32,9	33,9	32,1	30,3	28,0	38,5	32,4	31,4	35,2
4 - Muito Importante	61,7	60,0	63,1	64,7	64,9	56,7	61,0	62,7	61,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
HAVER ACESSO FÁCIL À INTERNET									
1 - Nada Importante	0,3	0,1	0,5	0,0	0,3	0,5	0,0	0,0	0,8
2 - Pouco Importante	6,2	6,6	5,9	5,5	5,9	3,6	5,8	7,4	8,5
3 - Importante	43,9	43,4	44,3	40,8	34,9	42,4	41,5	47,2	53,4
4 - Muito Importante	49,5	49,8	49,3	53,7	58,8	53,4	52,8	45,4	37,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
AUMENTAR AS HABILITAÇÕES ESCOLARES DA POPULAÇÃO									
1 - Nada Importante	0,1	0,1	0,0	0,0	0,3	0,0	0,0	0,0	0,0
2 - Pouco Importante	2,2	2,1	2,2	3,3	2,7	2,0	1,1	0,7	2,8
3 - Importante	36,2	35,9	36,5	36,0	30,3	37,3	36,2	37,1	39,2
4 - Muito Importante	61,6	61,9	61,4	60,7	66,7	60,7	62,6	62,1	58,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
MELHORAR A PREPARAÇÃO ESCOLAR DOS JOVENS									
1 - Nada Importante	0,1	0,1	0,0	0,0	0,3	0,0	0,0	0,0	0,0
2 - Pouco Importante	1,8	2,1	1,5	1,7	1,9	2,7	0,4	2,7	1,3
3 - Importante	29,8	28,3	30,9	34,2	23,3	33,1	28,6	23,8	34,1
4 - Muito Importante	68,4	69,5	67,6	64,1	74,5	64,2	71,0	73,4	64,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
PROPORCIONAR NOVAS OPORTUNIDADES DE FORMAÇÃO AOS ADULTOS									
1 - Nada Importante	0,1	0,1	0,0	0,0	0,3	0,0	0,0	0,0	0,0
2 - Pouco Importante	2,3	2,1	2,4	1,5	2,9	1,8	1,9	2,0	2,9
3 - Importante	33,9	33,0	34,7	35,8	29,8	40,3	30,9	32,0	34,5
4 - Muito Importante	63,8	64,8	63,0	62,7	66,9	57,9	67,2	66,0	62,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
DESENVOLVER UMA ECONOMIA BASEADA EM ACTIVIDADES PROFISSIONAIS QUALIFICADAS									
1 - Nada Importante	0,1	0,1	0,0	0,0	0,3	0,0	0,0	0,0	0,0
2 - Pouco Importante	1,8	1,6	2,0	1,6	1,5	1,5	3,1	1,3	2,0
3 - Importante	38,1	37,8	38,3	38,6	30,9	42,9	39,5	34,6	40,8
4 - Muito Importante	60,0	60,5	59,7	59,8	67,3	55,6	57,4	64,1	57,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

*Qui-quadrado estatisticamente significativo ($p \leq 0,05$) para "Bibliotecas das escolas" e "Haver acesso fácil à Internet".

Quadro 15: Opinião sobre a importância de um conjunto de aspectos para o desenvolvimento da leitura no país (P7), segundo a escolaridade (%)

	Total	ESCOLARIDADE					
		S/grau completo	Básico 1	Básico 2	Básico 3	Secundário	Superior
ATIVIDADES DE LEITURA NAS ESCOLAS							
1 - Nada Importante	0,1	0,0	0,0	0,4	0,0	0,0	0,0
2 - Pouco Importante	0,7	1,1	0,8	0,4	0,5	1,3	0,0
3 - Importante	28,5	26,3	32,3	31,6	28,0	27,9	16,7
4 - Muito Importante	70,7	72,6	66,9	67,6	71,6	70,8	83,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
* BIBLIOTECAS DAS ESCOLAS							
1 - Nada Importante	0,2	1,1	0,0	0,4	0,0	0,0	0,0
2 - Pouco Importante	0,8	0,0	1,9	0,8	0,5	0,6	0,0
3 - Importante	31,6	32,6	35,8	34,0	25,7	33,8	18,8
4 - Muito Importante	67,3	66,3	62,3	64,8	73,9	65,6	81,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
* BIBLIOTECAS PÚBLICAS MUNICIPAIS							
1 - Nada Importante	0,1	0,0	0,0	0,8	0,0	0,0	0,0
2 - Pouco Importante	2,0	1,1	3,0	1,6	2,3	1,9	0,0
3 - Importante	39,6	47,8	42,8	46,2	32,6	33,1	25,0
4 - Muito Importante	58,4	51,1	54,2	51,4	65,1	64,9	75,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
INICIATIVAS DE LEITURA PROMOVIDAS POR ASSOCIAÇÕES, EMPRESAS E ORGANISMOS PÚBLICOS							
1 - Nada Importante	0,5	0,0	0,8	0,4	0,0	1,3	0,0
2 - Pouco Importante	5,8	4,7	7,3	6,1	6,4	5,2	2,1
3 - Importante	48,9	51,8	50,6	47,6	43,1	52,6	45,8
4 - Muito Importante	44,8	43,5	41,4	45,9	50,5	40,9	52,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
CAMPANHAS DE PROMOÇÃO DA LEITURA NA COMUNICAÇÃO SOCIAL							
1 - Nada Importante	0,2	0,0	0,4	0,4	0,0	0,0	0,0
2 - Pouco Importante	5,6	3,4	6,8	5,3	6,0	5,2	6,3
3 - Importante	47,6	55,2	48,7	49,4	45,9	46,1	33,3
4 - Muito Importante	46,5	41,4	44,1	44,9	48,2	48,7	60,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
* INCENTIVO À LEITURA DADO PELAS FAMÍLIAS							
1 - Nada Importante	0,2	0,0	0,4	0,4	0,0	0,0	0,0
2 - Pouco Importante	2,2	0,0	3,4	4,1	1,4	2,6	0,0
3 - Importante	38,3	47,3	38,2	44,7	35,0	36,4	20,8
4 - Muito Importante	59,3	52,7	58,1	50,8	63,6	61,0	79,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
HÁBITO DE OFERECER LIVROS COMO PRENDAS DE ANOS, NATAL							
1 - Nada Importante	0,2	0,0	0,0	0,4	0,5	0,6	0,0
2 - Pouco Importante	6,1	4,4	8,0	6,9	5,5	7,8	0,0
3 - Importante	46,6	54,9	47,0	46,3	43,1	46,1	37,5
4 - Muito Importante	47,1	40,7	45,1	46,3	50,9	45,5	62,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

(continua)

(continuação Quadro 15)

	Total	ESCOLARIDADE					
		S/grau completo	Básico 1	Básico 2	Básico 3	Secundário	Superior
* EXISTÊNCIA DE BOAS LIVRARIAS							
1 - Nada Importante	0,1	0,0	0,0	0,4	0,0	0,0	0,0
2 - Pouco Importante	4,1	3,3	5,4	4,9	3,2	5,2	0,0
3 - Importante	44,1	52,7	50,6	43,3	34,6	41,6	29,2
4 - Muito Importante	51,7	44,0	44,1	51,4	62,2	53,2	70,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
* VENDA DE LIVROS NOS SUPERMERCADOS							
1 - Nada Importante	0,4	0,0	0,4	0,4	0,5	1,3	0,0
2 - Pouco Importante	8,3	2,3	8,4	7,7	9,2	14,3	8,3
3 - Importante	49,9	58,1	53,3	54,5	42,4	44,2	39,6
4 - Muito Importante	41,4	39,5	37,9	37,4	47,9	40,3	52,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
EDIÇÃO DE LIVROS DE GÊNEROS VARIADOS							
1 - Nada Importante	0,1	0,0	0,0	0,4	0,0	0,0	0,0
2 - Pouco Importante	5,1	3,4	5,0	3,3	4,6	9,1	6,3
3 - Importante	46,8	51,1	50,8	50,6	43,1	42,2	33,3
4 - Muito Importante	48,0	45,5	44,2	45,7	52,3	48,7	60,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
EDIÇÃO DE LIVROS ECONÓMICOS							
1 - Nada Importante	0,2	0,0	0,4	0,8	0,0	0,0	0,0
2 - Pouco Importante	4,3	1,1	5,0	4,1	3,2	8,4	4,2
3 - Importante	35,8	37,5	35,8	36,3	34,6	36,4	33,3
4 - Muito Importante	59,6	61,4	58,8	58,8	62,2	55,2	62,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
* PUBLICAÇÃO DE JORNAIS E REVISTAS DE GÊNEROS VARIADOS							
1 - Nada Importante	0,1	0,0	0,0	0,4	0,0	0,0	0,0
2 - Pouco Importante	4,6	2,2	3,4	4,9	6,0	8,4	4,2
3 - Importante	48,3	56,7	51,5	50,6	40,8	43,5	39,6
4 - Muito Importante	47,0	41,1	45,1	44,1	53,2	48,1	56,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
JORNAIS E REVISTAS DE DISTRIBUIÇÃO GRATUITA							
1 - Nada Importante	0,2	0,0	0,4	0,4	0,0	0,0	0,0
2 - Pouco Importante	5,2	2,1	4,2	6,1	7,3	7,1	6,3
3 - Importante	32,9	37,2	33,7	35,5	23,9	36,4	29,2
4 - Muito Importante	61,7	60,6	61,7	58,0	68,8	56,5	64,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
* HAVER ACESSO FÁCIL À INTERNET							
1 - Nada Importante	0,3	0,0	0,4	0,8	0,0	0,6	0,0
2 - Pouco Importante	6,2	5,9	7,0	6,1	7,8	4,5	4,2
3 - Importante	43,9	56,5	47,7	46,1	35,3	39,0	29,2
4 - Muito Importante	49,5	37,6	45,0	46,9	56,9	55,8	66,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

(continua)

(continuação Quadro 15)

	Total	ESCOLARIDADE					
		S/grau completo	Básico 1	Básico 2	Básico 3	Secundário	Superior
* AUMENTAR AS HABILITAÇÕES ESCOLARES DA POPULAÇÃO							
1 - Nada Importante	0,1	0,0	0,0	0,4	0,0	0,0	0,0
2 - Pouco Importante	2,2	2,2	1,9	4,0	1,8	2,6	0,0
3 - Importante	36,2	43,0	40,2	36,8	34,6	29,9	20,8
4 - Muito Importante	61,6	54,8	57,9	58,7	63,6	67,5	79,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
* MELHORAR A PREPARAÇÃO ESCOLAR DOS JOVENS							
1 - Nada Importante	0,1	0,0	0,0	0,4	0,0	0,0	0,0
2 - Pouco Importante	1,8	1,1	1,9	3,7	0,9	2,6	0,0
3 - Importante	29,8	34,7	32,7	33,9	28,9	24,7	12,5
4 - Muito Importante	68,4	64,2	65,4	62,0	70,2	72,7	87,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
* PROPORCIONAR NOVAS OPORTUNIDADES DE FORMAÇÃO AOS ADULTOS							
1 - Nada Importante	0,1	0,0	0,0	0,4	0,0	0,0	0,0
2 - Pouco Importante	2,3	1,1	3,4	3,6	2,3	1,3	0,0
3 - Importante	33,9	38,9	34,6	36,4	37,2	30,5	16,7
4 - Muito Importante	63,8	60,0	62,0	59,5	60,6	68,2	83,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
* DESENVOLVER UMA ECONOMIA BASEADA EM ACTIVIDADES PROFISSIONAIS QUALIFICADAS							
1 - Nada Importante	0,1	0,0	0,0	0,4	0,0	0,0	0,0
2 - Pouco Importante	1,8	1,1	1,9	2,4	2,3	1,3	2,1
3 - Importante	38,1	47,9	40,7	39,0	34,4	34,4	20,8
4 - Muito Importante	60,0	51,1	57,4	58,1	63,3	64,3	77,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

*Qui-quadrado estatisticamente significativo ($p \leq 0,05$)

Quadro 16: Percepção da evolução da leitura, nos últimos 10 anos, no país (P8), segundo o sexo e o grupo etário (%)

	Total	SEXO*		GRUPOS ETÁRIOS**					
		Masculino	Feminino	15-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65 e +
LEITURA DE LIVROS									
1 - Diminuiu	16,4	18,0	15,2	20,0	13,1	16,8	15,4	16,4	17,5
2 - Manteve-se	36,2	36,1	36,3	33,7	38,2	38,6	31,5	43,8	32,1
3 - Aumentou	47,3	45,9	48,5	46,3	48,7	44,6	53,1	39,8	50,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
LEITURA DE JORNAIS									
1 - Diminuiu	9,0	8,8	9,1	10,6	7,1	7,2	8,1	9,0	11,4
2 - Manteve-se	27,6	26,4	28,6	25,5	26,9	27,8	27,7	30,1	27,5
3 - Aumentou	63,4	64,8	62,3	63,8	66,0	65,0	64,1	60,8	61,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
LEITURA DE REVISTAS									
1 - Diminuiu	8,0	8,8	7,4	9,1	5,6	5,5	9,0	7,9	10,6
2 - Manteve-se	28,1	27,8	28,3	24,1	29,9	35,8	27,7	25,6	25,0
3 - Aumentou	63,9	63,4	64,4	66,8	64,5	58,6	63,3	66,5	64,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
LEITURA NO COMPUTADOR E NA INTERNET									
1 - Diminuiu	1,9	2,3	1,7	1,5	2,0	1,2	3,5	1,8	1,7
2 - Manteve-se	15,5	14,6	16,2	9,3	17,7	17,6	15,0	12,7	18,3
3 - Aumentou	82,6	83,1	82,2	89,1	80,3	81,2	81,5	85,5	80,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
LEITURA DE MENSAGENS NO TELEMÓVEL									
1 - Diminuiu	2,0	1,7	2,4	1,8	1,1	1,3	1,7	2,5	3,5
2 - Manteve-se	11,3	10,2	12,2	9,0	12,0	11,6	12,2	11,0	11,6
3 - Aumentou	86,6	88,2	85,4	89,2	86,9	87,0	86,1	86,5	84,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
LEITURA DE PROSPECTOS, FOLHETOS, ETC									
1 - Diminuiu	6,8	8,1	5,8	6,7	7,1	5,3	5,2	5,8	9,9
2 - Manteve-se	30,9	29,6	31,9	34,8	30,1	35,9	30,5	28,4	26,8
3 - Aumentou	62,3	62,3	62,2	58,5	62,7	58,8	64,3	65,8	63,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
LEITURA NA ESCOLA E NOS ESTUDOS									
1 - Diminuiu	9,8	12,7	7,4	8,2	10,3	9,1	10,2	12,1	8,8
2 - Manteve-se	41,2	38,5	43,4	36,3	44,0	48,3	39,6	38,3	39,5
3 - Aumentou	49,0	48,7	49,3	55,5	45,6	42,6	50,2	49,7	51,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
LEITURA NAS ACTIVIDADES PROFISSIONAIS									
1 - Diminuiu	7,7	8,8	6,7	5,5	4,4	8,5	8,2	7,7	11,2
2 - Manteve-se	43,1	43,3	42,8	40,8	46,1	49,1	41,0	44,2	37,0
3 - Aumentou	49,3	47,8	50,5	53,7	49,5	42,4	50,7	48,1	51,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
LEITURA NOUTRAS ACTIVIDADES PRÁTICAS DO DIA-A-DIA (COMPRAS, TRANSPORTES, MULTIBANCO, ETC.)									
1 - Diminuiu	6,5	7,2	5,9	5,1	4,7	7,8	7,0	6,3	7,8
2 - Manteve-se	36,9	36,7	37,1	35,0	41,0	43,0	34,7	36,6	31,5
3 - Aumentou	56,6	56,1	57,0	59,9	54,4	49,2	58,3	57,1	60,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
LEITURA EM GERAL									
1 - Diminuiu	8,1	8,4	7,8	8,3	2,6	8,8	8,2	7,5	12,6
2 - Manteve-se	37,5	37,2	37,8	35,9	46,8	39,0	29,9	41,9	31,5
3 - Aumentou	54,4	54,3	54,4	55,9	50,6	52,3	61,8	50,7	55,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

*Qui-quadrado estatisticamente significativo ($p \leq 0,05$) para "Leitura na escola e nos estudos".

**Qui-quadrado estatisticamente significativo ($p \leq 0,05$) para "Leitura em geral".

Quadro 17: Percepção da evolução da leitura, nos últimos 10 anos, no país (P8), segundo a escolaridade (%)

	Total	ESCOLARIDADE					
		S/grau completo	Básico 1	Básico 2	Básico 3	Secundário	Superior
LEITURA DE LIVROS							
1 - Diminuiu	16,4	9,1	16,4	15,6	19,9	16,6	21,7
2 - Manteve-se	36,2	34,8	36,6	45,1	32,8	35,9	30,4
3 - Aumentou	47,3	56,1	46,9	39,3	47,3	47,6	47,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
LEITURA DE JORNAIS							
1 - Diminuiu	9,0	5,4	11,7	8,3	7,7	6,6	13,0
2 - Manteve-se	27,6	31,1	23,8	35,2	24,4	27,8	28,3
3 - Aumentou	63,4	63,5	64,4	56,5	67,9	65,6	58,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
LEITURA DE REVISTAS							
1 - Diminuiu	8,0	6,7	10,9	6,1	7,9	3,3	11,6
2 - Manteve-se	28,1	28,0	24,4	35,5	28,1	28,5	27,9
3 - Aumentou	63,9	65,3	64,7	58,4	64,0	68,2	60,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
LEITURA NO COMPUTADOR E NA INTERNET							
1 - Diminuiu	1,9	1,4	1,4	3,4	2,9	0,7	2,1
2 - Manteve-se	15,5	15,5	16,4	23,2	13,4	14,7	6,3
3 - Aumentou	82,6	83,1	82,2	73,4	83,7	84,7	91,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
* LEITURA DE MENSAGENS NO TELEMÓVEL							
1 - Diminuiu	2,0	4,0	1,7	4,2	1,9	0,0	0,0
2 - Manteve-se	11,3	9,3	13,2	18,2	8,6	9,2	6,3
3 - Aumentou	86,6	86,7	85,0	77,5	89,5	90,8	93,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
LEITURA DE PROSPECTOS, FOLHETOS, ETC							
1 - Diminuiu	6,8	6,1	7,6	7,1	8,0	7,6	2,2
2 - Manteve-se	30,9	27,3	27,6	41,2	27,1	29,7	39,1
3 - Aumentou	62,3	66,7	64,9	51,8	64,8	62,8	58,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
* LEITURA NA ESCOLA E NOS ESTUDOS							
1 - Diminuiu	9,8	5,6	9,5	8,8	10,0	8,8	19,1
2 - Manteve-se	41,2	39,4	37,6	50,0	37,5	43,5	44,7
3 - Aumentou	49,0	54,9	52,9	41,2	52,5	47,6	36,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
* LEITURA NAS ACTIVIDADES PROFISSIONAIS							
1 - Diminuiu	7,7	4,8	9,0	6,7	8,0	4,8	13,3
2 - Manteve-se	43,1	42,9	38,7	56,9	41,3	43,2	37,8
3 - Aumentou	49,3	52,4	52,4	36,4	50,7	52,1	48,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
* LEITURA NOUTRAS ACTIVIDADES PRÁTICAS DO DIA-A-DIA (COMPRAS, TRANSPORTES, MULTIBANCO, ETC.)							
1 - Diminuiu	6,5	1,3	9,3	9,2	6,3	3,9	6,7
2 - Manteve-se	36,9	37,3	29,8	47,8	36,6	42,1	33,3
3 - Aumentou	56,6	61,3	60,9	43,0	57,1	53,9	60,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
* LEITURA EM GERAL							
1 - Diminuiu	8,1	5,4	10,8	6,9	7,8	4,0	12,5
2 - Manteve-se	37,5	36,5	31,6	49,4	38,3	37,7	37,5
3 - Aumentou	54,4	58,1	57,6	43,7	53,9	58,3	50,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

*Qui-quadrado estatisticamente significativo ($p \leq 0,05$)

Quadro 18: Percepção da importância da leitura para o próprio (P9), segundo o sexo e o grupo etário (%)

	Total	SEXO*		GRUPOS ETÁRIOS**					
		Masculino	Feminino	15-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65 e +
1 - Nada Importante	6,1	4,7	7,2	0,0	0,7	4,3	1,2	4,5	18,8
2 - Pouco Importante	16,0	18,0	14,4	12,1	11,5	14,5	18,6	17,0	20,4
3 - Importante	49,8	49,9	49,6	57,3	48,4	50,7	49,3	53,2	44,0
4 - Muito Importante	28,1	27,3	28,7	30,6	39,5	30,5	31,0	25,4	16,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

(*) (**) Qui-quadrado estatisticamente significativo ($p \leq 0,05$)

Quadro 19: Percepção da importância da leitura para o próprio (P9), segundo a escolaridade (%)

	Total	ESCOLARIDADE*					
		S/grau completo	Básico 1	Básico 2	Básico 3	Secundário	Superior
1 - Nada Importante	6,1	28,6	2,7	3,2	0,0	0,0	0,0
2 - Pouco Importante	16,0	22,0	24,3	17,0	11,5	3,9	2,1
3 - Importante	49,8	44,0	49,0	56,7	57,1	58,4	25,0
4 - Muito Importante	28,1	5,5	24,0	23,1	31,3	37,7	72,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

*Qui-quadrado estatisticamente significativo ($p \leq 0,05$)

Quadro 20: Gosto pela leitura (P10), segundo o sexo e o grupo etário (%)

	Total	SEXO*		GRUPOS ETÁRIOS**					
		Masculino	Feminino	15-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65 e +
1 - Nada	10,8	8,4	12,7	4,8	3,9	8,2	4,7	9,4	27,3
2 - Pouco	31,0	35,8	27,1	28,2	26,2	31,2	31,2	39,8	30,2
3 - Bastante	36,0	35,7	36,2	42,1	37,7	36,7	45,8	34,0	24,8
4 - Muito	22,3	20,1	24,1	24,9	32,2	23,9	18,4	16,9	17,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

(*) (**) Qui-quadrado estatisticamente significativo ($p \leq 0,05$)

Quadro 21: Gosto pela leitura (P10), segundo a escolaridade (%)

	Total	ESCOLARIDADE*					
		S/grau completo	Básico 1	Básico 2	Básico 3	Secundário	Superior
1 - Nada	10,8	45,3	8,3	7,4	3,2	0,7	0,0
2 - Pouco	31,0	25,3	43,2	37,3	32,1	20,3	2,1
3 - Bastante	36,0	24,0	33,8	39,3	39,9	45,1	35,4
4 - Muito	22,3	5,3	14,7	16,0	24,8	34,0	62,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

*Qui-quadrado estatisticamente significativo ($p \leq 0,05$)

Quadro 22: Significados atribuídos à leitura na sua vida (P11), segundo o sexo e o grupo etário (%)

	Total	SEXO		GRUPOS ETÁRIOS*					
		Masculino	Feminino	15-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65 e +
UM PRAZER									
1 – Nada	11,7	11,0	12,2	6,2	3,3	10,1	7,0	7,7	29,4
2 – Pouco	27,3	30,3	24,8	28,2	25,6	28,4	26,3	33,9	23,2
3 – Bastante	31,2	31,9	30,7	30,1	33,5	35,2	35,7	31,1	23,9
4 – Muito	29,8	26,7	32,3	35,5	37,7	26,3	31,0	27,4	23,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
ÚTIL									
1 – Nada	7,3	5,7	8,5	0,0	0,0	7,0	3,9	3,6	22,8
2 – Pouco	14,0	15,9	12,3	10,1	10,9	15,2	11,2	18,8	16,3
3 – Bastante	42,4	41,8	42,9	42,2	42,4	41,2	46,0	47,2	37,5
4 – Muito	36,4	36,5	36,2	47,6	46,6	36,6	39,0	30,3	23,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
UM HÁBITO									
1 – Nada	20,3	19,7	20,8	11,6	10,5	18,4	16,0	17,2	39,8
2 – Pouco	35,5	35,8	35,2	34,7	34,3	37,3	37,0	44,5	28,2
3 – Bastante	25,4	25,0	25,7	29,0	30,6	27,3	31,4	17,8	18,6
4 – Muito	18,9	19,4	18,4	24,8	24,7	17,0	15,6	20,5	13,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
UMA OBRIGAÇÃO									
1 – Nada	50,3	46,5	53,4	42,5	46,3	53,1	44,0	54,4	57,4
2 – Pouco	29,2	32,5	26,4	30,0	25,1	26,4	41,9	21,8	30,3
3 – Bastante	14,1	14,6	13,7	21,2	20,3	14,2	9,3	14,0	8,2
4 – Muito	6,5	6,4	6,5	6,4	8,3	6,3	4,7	9,8	4,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
UMA ESCOLHA									
1 – Nada	17,9	17,5	18,3	7,7	10,1	13,8	13,1	14,7	38,7
2 – Pouco	28,4	31,5	25,9	23,5	23,2	31,3	29,4	37,6	26,1
3 – Bastante	36,2	35,0	37,1	44,0	42,6	37,4	40,9	31,9	25,3
4 – Muito	17,5	16,1	18,8	24,7	24,1	17,5	16,6	15,8	10,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
UM PASSATEMPO									
1 – Nada	17,9	17,8	17,9	9,9	8,5	15,1	12,3	12,9	39,2
2 – Pouco	27,0	29,2	25,2	27,8	26,8	30,3	24,1	33,5	21,6
3 – Bastante	36,0	35,0	36,8	33,5	46,0	34,4	45,4	33,2	26,5
4 – Muito	19,1	17,9	20,1	28,9	18,6	20,1	18,1	20,4	12,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

*Qui-quadrado estatisticamente significativo ($p \leq 0,05$) para todas as variáveis

Quadro 23: Significados atribuídos à leitura na sua vida (P11), segundo a escolaridade (%)

	Total	ESCOLARIDADE*					
		S/grau completo	Básico 1	Básico 2	Básico 3	Secundário	Superior
UM PRAZER							
1 - Nada	11,7	46,8	9,7	8,1	4,1	0,0	0,0
2 - Pouco	27,3	16,9	36,8	36,6	29,4	19,5	4,2
3 - Bastante	31,2	19,5	30,9	28,9	37,6	37,7	33,3
4 - Muito	29,8	16,9	22,7	26,4	28,9	42,9	62,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
ÚTIL							
1 - Nada	7,3	35,9	4,8	3,3	0,0	0,0	0,0
2 - Pouco	14,0	16,7	19,3	21,3	10,1	5,2	0,0
3 - Bastante	42,4	32,1	50,2	41,4	47,2	40,9	27,1
4 - Muito	36,4	15,4	25,7	34,0	42,7	53,9	72,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
UM HÁBITO							
1 - Nada	20,3	61,7	20,6	16,4	8,7	5,2	0,0
2 - Pouco	35,5	21,0	45,3	39,3	38,5	33,8	16,7
3 - Bastante	25,4	7,4	19,5	31,6	33,9	35,1	35,4
4 - Muito	18,9	9,9	14,6	12,7	18,8	26,0	47,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
UMA OBRIGAÇÃO							
1 - Nada	50,3	68,8	51,7	47,7	46,3	44,4	35,4
2 - Pouco	29,2	20,8	31,3	30,5	31,9	36,6	16,7
3 - Bastante	14,1	5,2	11,3	16,9	19,0	12,4	27,1
4 - Muito	6,5	5,2	5,7	4,9	2,8	6,5	20,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
UMA ESCOLHA							
1 - Nada	17,9	55,6	17,7	12,8	7,8	5,8	0,0
2 - Pouco	28,4	23,5	40,2	34,7	27,6	16,2	6,3
3 - Bastante	36,2	12,3	30,8	41,3	47,9	52,6	39,6
4 - Muito	17,5	8,6	11,3	11,2	16,6	25,3	54,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
UM PASSATEMPO							
1 - Nada	17,9	58,0	16,2	13,9	7,3	5,8	0,0
2 - Pouco	27,0	18,5	35,3	34,0	22,5	22,7	16,7
3 - Bastante	36,0	14,8	33,8	36,5	48,2	49,4	35,4
4 - Muito	19,1	8,6	14,7	15,6	22,0	22,1	47,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

*Qui-quadrado estatisticamente significativo ($p \leq 0,05$) para todas as variáveis

Quadro 24: Percepção das capacidades de leitura próprias (P12), segundo o sexo e o grupo etário (%)

	Total	SEXO*		GRUPOS ETÁRIOS**					
		Masculino	Feminino	15-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65 e +
1 - Nenhumas	12,1	7,3	16,0	1,5	0,8	7,3	0,8	12,6	35,9
2 - Fracas	25,0	26,8	23,6	11,9	14,5	24,5	29,1	33,8	31,5
3 - Boas	49,1	53,2	45,8	62,6	58,5	51,1	62,7	46,5	27,1
4 - Muito Boas	13,8	12,7	14,7	24,0	26,1	17,1	7,4	7,1	5,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

(*) (**) Qui-quadrado estatisticamente significativo ($p \leq 0,05$)

Quadro 25: Percepção das capacidades de leitura próprias (P12), segundo a escolaridade (%)

	Total	ESCOLARIDADE*					
		S/grau completo	Básico 1	Básico 2	Básico 3	Secundário	Superior
1 - Nenhumas	12,1	56,3	4,1	3,6	1,4	0,6	2,1
2 - Fracas	25,0	30,2	43,2	23,1	17,5	3,2	2,1
3 - Boas	49,1	11,5	49,2	64,0	65,0	72,1	35,4
4 - Muito Boas	13,8	2,1	3,4	9,3	16,1	24,0	60,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

*Qui-quadrado estatisticamente significativo ($p \leq 0,05$)

3. QUESTIONÁRIO

PLANO NACIONAL DE LEITURA

QUESTIONÁRIO Nº '____', '____', '____', '____'

Bom dia / tarde / noite! O meu nome é ... e sou entrevistador de uma empresa de estudos de mercado, a **MetrisGfK**. Estamos neste momento a realizar um estudo à população. Seria possível fazer-lhe uma pequena entrevista? Desde já agradeço a sua colaboração e asseguro-lhe que todas as respostas são confidenciais sendo os dados tratados como um todo e nunca individualmente.

P.1. Para começar, diga-me por favor, na sua opinião, que importância tem a leitura, nos dias de hoje, para a vida das pessoas? Considera que é Muito Importante, Importante, Pouco Importante, ou Nada Importante? **(LER E REGISTRAR APENAS UMA RESPOSTA)**

MUITO IMPORTANTE 4
IMPORTANTE 3
POUCO IMPORTANTE 2
NADA IMPORTANTE 1
Ns/Nr 9

P.2. Mais em concreto, que importância acha que a leitura tem actualmente para a vida das pessoas, nos seguintes aspectos que lhe vou ler? Para cada um diga-me por favor se considera Muito Importante, Importante, Pouco Importante, ou Nada Importante **(MOSTRAR LISTA 1) (LER E REGISTRAR UMA RESPOSTA POR LINHA)**

IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA...

	MUITO IMPORTANTE	IMPORTANTE	POUCO IMPORTANTE	NADA IMPORTANTE	Ns/Nr
A)... ACTIVIDADE PROFISSIONAL.....	4.....	3.....	2.....	1.....	9
B)... ENSINO E A FORMAÇÃO	4.....	3.....	2.....	1.....	9
C)... COMPREENDER A LITERATURA E AS ARTES	4.....	3.....	2.....	1.....	9
D)... COMPREENDER A CIÊNCIA E AS TECNOLOGIAS	4.....	3.....	2.....	1.....	9
E)... A VIDA DO DIA-A-DIA	4.....	3.....	2.....	1.....	9
F)... EXERCER OS DIREITOS E DEVERES DE CIDADANIA ...	4.....	3.....	2.....	1.....	9
G)... COMPREENDER A COMUNICAÇÃO SOCIAL	4.....	3.....	2.....	1.....	9
H)... UTILIZAR A INTERNET.....	4.....	3.....	2.....	1.....	9

P.3. Comparando com os outros países da União Europeia, parece-lhe que a população portuguesa, de um modo geral...?

(LER E REGISTRAR APENAS UMA RESPOSTA)

LÊ MUITO MENOS 1
LÊ MENOS 2
LÊ O MESMO 3
LÊ MAIS 4
LÊ MUITO MAIS..... 5
Ns/Nr 9

P.4. Já viu referências ou ouviu falar do Plano Nacional de Leitura? **(LER E REGISTRAR APENAS UMA RESPOSTA)**

SIM..... 1
NÃO..... 2
Ns/Nr 9

P.5. Dos seguintes meios que lhe vou ler, em quais viu ou ouviu falar do Plano Nacional de Leitura? (LER OS VÁRIOS MEIOS E REGISTRAR UMA RESPOSTA PARA CADA)

	SIM	NÃO
TELEVISÃO	1.....	2
RÁDIO	1.....	2
JORNAIS OU REVISTAS	1.....	2
CARTAZES OU <i>OUTDOORS</i>	1.....	2
LIVROS PARA JOVENS OU CRIANÇAS	1.....	2
INTERNET	1.....	2
ESCOLAS.....	1.....	2
BIBLIOTECAS	1.....	2
LIVRARIAS.....	1.....	2
CENTROS COMERCIAIS OU SUPERMERCADOS.....	1.....	2

P.6. Que importância atribui à existência de um Plano Nacional de Leitura para ajudar a desenvolver os hábitos e as capacidades de leitura da população portuguesa? Diria que é Muito Importante, Importante, Pouco Importante, ou Nada Importante?

(LER E REGISTRAR APENAS UMA RESPOSTA)

MUITO IMPORTANTE	4
IMPORTANTE.....	3
POUCO IMPORTANTE.....	2
NADA IMPORTANTE.....	1
NS/NR.....	9

P.7. Para cada um dos seguintes aspectos que lhe vou ler, diga-me até que ponto os acha importantes para o desenvolvimento da leitura no país. Para cada um diga-me por favor se considera Muito Importante, Importante, Pouco Importante, ou Nada Importante. (MOSTRAR LISTA 1) (LER E REGISTRAR UMA RESPOSTA POR LINHA)

	MUITO IMPORTANTE	IMPORTANTE	POUCO IMPORTANTE	NADA IMPORTANTE	Ns/NR
A) ACTIVIDADES DE LEITURA NAS ESCOLAS.....	4.....	3.....	2.....	1.....	9
B) BIBLIOTECAS DAS ESCOLAS	4.....	3.....	2.....	1.....	9
C) BIBLIOTECAS PÚBLICAS MUNICIPAIS.....	4.....	3.....	2.....	1.....	9
D) INICIATIVAS DE LEITURA PROMOVIDAS POR ASSOCIAÇÕES, EMPRESAS E ORGANISMOS PÚBLICOS	4.....	3.....	2.....	1.....	9
E) CAMPANHAS DE PROMOÇÃO DA LEITURA NA COMUNICAÇÃO SOCIAL.....	4.....	3.....	2.....	1.....	9
F) INCENTIVO À LEITURA DADO PELAS FAMÍLIAS.....	4.....	3.....	2.....	1.....	9
G) HÁBITO DE OFERECER LIVROS COMO PRENDAS DE ANOS, NATAL.....	4.....	3.....	2.....	1.....	9
H) EXISTÊNCIA DE BOAS LIVRARIAS	4.....	3.....	2.....	1.....	9
I) VENDA DE LIVROS NOS SUPERMERCADOS	4.....	3.....	2.....	1.....	9
J) EDIÇÃO DE LIVROS DE GÊNEROS VARIADOS	4.....	3.....	2.....	1.....	9
K) EDIÇÃO DE LIVROS ECONÓMICOS	4.....	3.....	2.....	1.....	9
L) PUBLICAÇÃO DE JORNAIS E REVISTAS DE GÊNEROS VARIADOS.....	4.....	3.....	2.....	1.....	9
M) JORNAIS E REVISTAS DE DISTRIBUIÇÃO GRATUITA	4.....	3.....	2.....	1.....	9
N) HAVER ACESSO FÁCIL À INTERNET	4.....	3.....	2.....	1.....	9
O) AUMENTAR AS HABILITAÇÕES ESCOLARES DA POPULAÇÃO.	4.....	3.....	2.....	1.....	9
P) MELHORAR A PREPARAÇÃO ESCOLAR DOS JOVENS.....	4.....	3.....	2.....	1.....	9
Q) PROPORCIONAR NOVAS OPORTUNIDADES DE FORMAÇÃO AOS ADULTOS.....	4.....	3.....	2.....	1.....	9
R) DESENVOLVER UMA ECONOMIA BASEADA EM ACTIVIDADES PROFISSIONAIS QUALIFICADAS.....	4.....	3.....	2.....	1.....	9

P.8. Para cada um dos aspectos que lhe vou ler, diga-me por favor se considera que a leitura, nos últimos 10 anos, Aumentou, Manteve-se ou Diminuiu no país. **(MOSTRAR LISTA 2) (LER E REGISTRAR UMA RESPOSTA POR LINHA)**

	AUMENTOU	MANTEVE-SE	DIMINUIU	Ns/Nr
A) LEITURA DE LIVROS	3.....	2.....	1.....	9
B) LEITURA DE JORNAIS.....	3.....	2.....	1.....	9
C) LEITURA DE REVISTAS.....	3.....	2.....	1.....	9
D) LEITURA NO COMPUTADOR E NA INTERNET	3.....	2.....	1.....	9
E) LEITURA DE MENSAGENS NO TELEMÓVEL	3.....	2.....	1.....	9
F) LEITURA DE PROSPECTOS, FOLHETOS, ETC.....	3.....	2.....	1.....	9
G) LEITURA NA ESCOLA E NOS ESTUDOS	3.....	2.....	1.....	9
H) LEITURA NAS ACTIVIDADES PROFISSIONAIS.....	3.....	2.....	1.....	9
I) LEITURA NOOUTRAS ACTIVIDADES PRÁTICAS DO DIA-A-DIA (COMPRAS, TRANSPORTES, MULTIBANCO, ETC.)	3.....	2.....	1.....	9
J) LEITURA EM GERAL	3.....	2.....	1.....	9

P.9. Até que ponto considera a leitura importante para si, na sua vida. Diria que é Muito Importante, Importante, Pouco Importante, ou Nada Importante? **(LER E REGISTRAR APENAS UMA RESPOSTA)**

MUITO IMPORTANTE.....	4
IMPORTANTE	3
POUCO IMPORTANTE.....	2
NADA IMPORTANTE	1
Ns/Nr.....	9

P.10. Gosta de ler? **(LER E REGISTRAR APENAS UMA RESPOSTA)**

MUITO	4
BASTANTE	3
POUCO.....	2
NADA.....	1
Ns/Nr.....	9

P.11. Para si, na sua vida, a leitura é...? **(MOSTRAR LISTA 3) (LER E REGISTRAR UMA RESPOSTA POR LINHA)**

	MUITO	BASTANTE	POUCO	NADA	Ns/Nr
A) ... UM PRAZER.....	4.....	3.....	2.....	1.....	9
B) ... ÚTIL.....	4.....	3.....	2.....	1.....	9
C) ... UM HÁBITO.....	4.....	3.....	2.....	1.....	9
A) ... UMA OBRIGAÇÃO.....	4.....	3.....	2.....	1.....	9
B) ... UMA ESCOLHA.....	4.....	3.....	2.....	1.....	9
C) ... UM PASSATEMPO.....	4.....	3.....	2.....	1.....	9

P.12. Como considera as suas capacidades de leitura? **(LER E REGISTRAR APENAS UMA RESPOSTA)**

MUITO BOAS	4
BOAS	3
FRACAS	2
NENHUMAS.....	1
Ns/Nr.....	9

ANEXO III
Estudos de Caso

Índice

1. ESCOLAS.....	183
1.1. ESCOLA BÁSICA DOS 2º E 3º CICLOS DE LEÇA DA PALMEIRA (MATOSINHOS)	183
1.1.1. Relatório de visita.....	183
1.1.2. Entrevista a Professora de Contacto com o PNL na escola	184
1.1.3. Entrevista a Professoras.....	194
1.2. ESCOLA BÁSICA DE 1º CICLO COM JARDIM DE INFÂNCIA DA TORRINHA (PORTO)	202
1.2.1. Relatório de visita.....	202
1.2.2. Entrevista a Professor de Contacto com o PNL na escola.....	204
1.2.3. Entrevista a Professoras.....	210
1.3. ESCOLA BÁSICA DE 1º CICLO DE SANTO ANTÓNIO (RIO MEÃO - SANTA MARIA DA FEIRA)	217
1.3.1. Relatório de visita.....	217
1.3.2. Entrevista a Professora de Contacto com o PNL na escola	218
1.3.3. Entrevista a Professoras.....	228
1.4. ESCOLA BÁSICA DOS 2º E 3º CICLOS SERRA DA GARDUNHA (FUNDÃO).....	234
1.4.1. Relatório de visita.....	234
1.4.2. Entrevista a Professor de Contacto com o PNL na escola.....	235
1.4.3. Entrevista a Professores.....	246
1.5. ESCOLA BÁSICA DO 1º CICLO COM JARDIM DE INFÂNCIA DE SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS (LOURES).....	251
1.5.1. Relatório de visita.....	251
1.5.2. Entrevista a Professora de Contacto com o PNL na escola	252
1.5.3. Entrevista a Professores.....	258
1.6. ESCOLA BÁSICA DO 1º CICLO Nº 3 DO CACÉM (SINTRA).....	262
1.6.1. Relatório de visita.....	262
1.6.2. Entrevista a Professora de Contacto com o PNL na escola	263
1.6.3. Entrevista a Professoras.....	272
1.7. ESCOLA BÁSICA DO 1º CICLO SOFIA DE CARVALHO (ALGÉS – OEIRAS)	277
1.7.1. Relatório de visita.....	277
1.7.2. Entrevista a Professora de Contacto com o PNL na escola	279
1.7.3. Entrevista a Professoras.....	288
1.8. ESCOLA BÁSICA INTEGRADA COM JARDIM DE INFÂNCIA VASCO DA GAMA (LISBOA)	293
1.8.1. Relatório de visita.....	293
1.8.2. Entrevista a Professor de Contacto com o PNL na escola.....	294
1.8.3. Entrevista a Professoras.....	300
1.9. COLÉGIO MODERNO (LISBOA).....	307
1.9.1. Relatório de visita.....	307
1.9.2. Entrevista a Professora de Contacto com o PNL na escola	307
1.9.3. Entrevista a Professores.....	314
1.10. ESCOLA BÁSICA DE 1º CICLO DO CONCELHO DE LISBOA.....	319
1.10.1. Relatório de visita	319
1.10.2. Entrevista a Professora de Contacto com o PNL na escola.....	320
1.10.3. Entrevista a Professoras.....	327

1.11. EXTERNATO “O CASULO” (LISBOA).....	332
1.11.1. Relatório de visita	332
1.11.2. Entrevista a Professora de Contacto com o PNL na escola e a Professora	333
1.12. ESCOLA BÁSICA DO 2º E 3º CICLOS FRANCISCO DE ARRUDA (LISBOA)	340
1.12.1. Relatório de visita	340
1.12.2. Entrevista a Professora de Contacto com o PNL na escola.....	341
1.12.3. Entrevista a Professores.....	345
1.13. ESCOLA BÁSICA DO 3º CICLO COM ENSINO SECUNDÁRIO LUÍSA DE GUSMÃO (LISBOA).....	350
1.13.1. Relatório de visita	350
1.13.2. Entrevista a Professora de Contacto com o PNL na escola.....	350
1.13.3. Entrevista a Professoras.....	356
1.14. ESCOLA BÁSICA DE 1º CICLO COM JARDIM DE INFÂNCIA DE ARCOS (SETÚBAL).....	362
1.14.1. Relatório de visita	362
1.14.2. Entrevista a Professora de Contacto com o PNL na escola.....	364
1.14.3. Entrevista a Professoras.....	373
1.15. ESCOLA BÁSICA DOS 2º E 3º CICLOS ANDRÉ DE RESENDE (ÉVORA).....	382
1.15.1. Relatório de visita	382
1.15.2. Entrevista a Professora de Contacto com o PNL na escola.....	384
1.15.3. Entrevista a Professoras.....	394
1.16. ESCOLA BÁSICA DO 1º CICLO COM JARDIM DE INFÂNCIA Nº 1 DE BEJA	399
1.16.1. Relatório de visita	399
1.16.2. Entrevista a Professora de Contacto com o PNL na escola.....	400
1.16.3. Entrevista a Professoras.....	407
1.17. ESCOLA BÁSICA INTEGRADA DE SALIR (LOULÉ).....	410
1.17.1. Relatório de visita	410
1.17.2. Entrevista a Professora de Contacto com o PNL na escola.....	411
1.17.3. Entrevista a Professoras.....	418
2. BIBLIOTECAS ESCOLARES.....	425
2.1. BIBLIOTECA ESCOLAR DA ESCOLA BÁSICA DOS 2º E 3º CICLOS DE LEÇA DA PALMEIRA (MATOSINHOS)	425
2.1.1. Relatório de visita.....	425
2.1.2. Entrevista a Coordenadora da BE.....	426
2.1.3. Entrevista a Auxiliar da BE	439
2.2. BIBLIOTECA ESCOLAR DA ESCOLA BÁSICA DE 1º CICLO COM JARDIM DE INFÂNCIA DA TORRINHA (PORTO).....	442
2.2.1. Relatório de visita.....	442
2.2.2. Entrevista a Coordenadora da BE.....	443
2.3. BIBLIOTECA ESCOLAR DA ESCOLA BÁSICA DE 1º CICLO DE SANTO ANTÓNIO (RIO MEÃO - SANTA MARIA DA FEIRA)	452
2.3.1. Relatório de visita.....	452
2.3.2. Entrevista a Coordenadora da BE.....	452
2.4. BIBLIOTECA ESCOLAR DA ESCOLA BÁSICA DOS 2º E 3º CICLOS SERRA DA GARDUNHA (FUNDÃO) ...	466
2.4.1. Relatório de visita.....	466
2.4.2. Entrevista a Coordenador da BE.....	467
2.4.3. Entrevista a Auxiliar da BE	482
2.5. BIBLIOTECA ESCOLAR DA ESCOLA BÁSICA DO 1º CICLO COM JARDIM DE INFÂNCIA DE SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS (LOURES)	484
2.5.1. Relatório de visita.....	484
2.5.2. Entrevista a Coordenadora da BE.....	484

2.6. BIBLIOTECA ESCOLAR DA ESCOLA BÁSICA DO 1º CICLO Nº 3 DO CACÉM (SINTRA).....	492
2.6.1. Relatório de visita.....	492
2.6.2. Entrevista a Coordenadora da BE.....	493
2.7. BIBLIOTECA ESCOLAR DA ESCOLA BÁSICA DO 1º CICLO SOFIA DE CARVALHO (ALGÉS - OEIRAS)....	504
2.7.1. Relatório de visita.....	504
2.7.2. Entrevista a Coordenadora da BE.....	506
2.8. BIBLIOTECA ESCOLAR DA ESCOLA BÁSICA INTEGRADA COM JARDIM DE INFÂNCIA VASCO DA GAMA (LISBOA)	518
2.8.1. Relatório de visita.....	518
2.8.2. Entrevista a Coordenador da BE.....	518
2.9. BIBLIOTECA ESCOLAR DA ESCOLA BÁSICA DO 2º E 3º CICLOS FRANCISCO DE ARRUDA (LISBOA)	527
2.9.1. Relatório de visita.....	527
2.9.2. Entrevista a Coordenadora da BE.....	528
2.9.3. Entrevista a Auxiliar da BE	535
2.10. BIBLIOTECA ESCOLAR DA ESCOLA BÁSICA DO 3º CICLO COM ENSINO SECUNDÁRIO LUÍSA DE GUSMÃO (LISBOA)	537
2.10.1. Relatório de visita	537
2.10.2. Entrevista a Coordenadora da BE.....	538
2.10.3. Entrevista a Auxiliar da BE	543
2.11. BIBLIOTECA ESCOLAR DA ESCOLA BÁSICA DE 1º CICLO COM JARDIM DE INFÂNCIA DE ARCOS (SETÚBAL)	545
2.11.1. Relatório de visita	545
2.11.2. Entrevista a Coordenadora da BE.....	547
2.12. BIBLIOTECA ESCOLAR DA ESCOLA BÁSICA DOS 2º E 3º CICLOS ANDRÉ DE RESENDE (ÉVORA).....	558
2.12.1. Relatório de visita	558
2.12.2. Entrevista a Coordenadora da BE.....	559
2.13. BIBLIOTECA ESCOLAR DA ESCOLA BÁSICA DO 1º CICLO COM JARDIM DE INFÂNCIA Nº 1 DE BEJA .	564
2.13.1. Relatório de visita	564
2.13.2. Entrevista a Coordenadora da BE.....	564
2.14. BIBLIOTECA ESCOLAR DA ESCOLA BÁSICA INTEGRADA DE SALIR (LOULÉ).....	577
2.14.1. Relatório de visita	577
2.14.2. Entrevista a Coordenadora da BE.....	577
3. BIBLIOTECAS PÚBLICAS	587
3.1. BIBLIOTECA MUNICIPAL FLORBELA ESPANCA (MATOSINHOS).....	587
3.1.1. Relatório de visita.....	587
3.1.2. Entrevista a Bibliotecária Responsável	588
3.2. BIBLIOTECA MUNICIPAL DE SANTA MARIA DA FEIRA.....	598
3.2.1. Relatório de visita.....	598
3.2.2. Entrevista a Bibliotecária Responsável (e a Responsável do Núcleo Pedagógico)	600
3.3. BIBLIOTECA MUNICIPAL EUGÉNIO DE ANDRADE (FUNDÃO)	607
3.3.1. Relatório de visita.....	607
3.3.2. Entrevista a Bibliotecária Responsável	608
3.4. BIBLIOTECA MUNICIPAL JOSÉ SARAMAGO (LOURES)	614
3.4.1. Relatório de visita.....	614
3.4.2. Entrevista a Bibliotecária Responsável	615
3.5. BIBLIOTECA MUNICIPAL DE OEIRAS	621
3.5.1. Relatório de visita.....	621
3.5.2. Entrevista a Bibliotecário Responsável.....	623

3.6. BIBLIOTECA PÚBLICA DE ÉVORA.....	634
3.6.1. Relatório de visita.....	634
3.6.2. Entrevista a Bibliotecário Responsável.....	635
3.7. BIBLIOTECA MUNICIPAL JOSÉ SARAMAGO (BEJA).....	641
3.7.1. Relatório de visita.....	641
3.7.2. Entrevista a Bibliotecário Responsável (e a Responsável do SABE).....	642
4. CÂMARAS MUNICIPAIS	651
4.1. CÂMARA MUNICIPAL DE MATOSINHOS.....	651
4.1.1. Relatório de visita.....	651
4.1.2. Entrevista a Responsável da Câmara Municipal.....	651
4.2. CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO.....	656
4.2.1. Relatório de visita.....	656
4.2.2. Entrevista a Responsáveis da Câmara Municipal.....	657
4.3. CÂMARA MUNICIPAL DE SANTA MARIA DA FEIRA.....	667
4.3.1. Relatório de visita.....	667
4.3.2. Entrevista a Responsáveis da Câmara Municipal.....	668
4.4. CÂMARA MUNICIPAL DO FUNDÃO.....	673
4.4.1. Relatório de visita.....	673
4.4.2. Entrevista a Responsável da Câmara Municipal.....	674
4.5. CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES.....	678
4.5.1. Relatório de visita.....	678
4.5.2. Entrevista a Responsável da Câmara Municipal.....	678
4.6. CÂMARA MUNICIPAL DE SETÚBAL.....	683
4.6.1. Relatório de visita.....	683
4.6.2. Entrevista a Responsável da Câmara Municipal.....	684
4.7. CÂMARA MUNICIPAL DE ÉVORA.....	688
4.7.1. Relatório de visita.....	688
4.7.2. Entrevista a Responsável da Câmara Municipal.....	689
4.8. CÂMARA MUNICIPAL DE LOULÉ.....	691
4.8.1. Relatório de visita.....	691
4.8.2. Entrevista a Responsável da Câmara Municipal.....	691
4.8.3. Observação de reunião com as escolas.....	694
5. GUIÕES.....	697
ESCOLAS E BIBLIOTECAS ESCOLARES.....	697
Plano de Visita a Escolas.....	697
Guião de Entrevista a Professor(a) de Contacto com o PNL na Escola / Professores(as).....	698
Guião de Entrevista a Coordenador(a)/Responsável de Biblioteca Escolar.....	704
Guião de Entrevista a Auxiliar de Biblioteca Escolar.....	709
Protocolo de Observação de Escolas e Bibliotecas Escolares.....	712
BIBLIOTECAS PÚBLICAS.....	713
Plano de Visita a Bibliotecas Públicas.....	713
Guião de Entrevista a Bibliotecário Responsável de Biblioteca Pública.....	714
Protocolo de Observação de Bibliotecas Públicas.....	718
GUIÃO DE ENTREVISTA A RESPONSÁVEL DA CÂMARA MUNICIPAL (ESCOLAS, BIBLIOTECA PÚBLICA)....	719

1. ESCOLAS

1.1. Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos de Leça da Palmeira (Matosinhos)

1.1.1. Relatório de visita

O primeiro contacto com a escola foi efectuado por telefone no dia 21 de Março de 2007 através da professora de contacto com o PNL na escola, que é simultaneamente coordenadora da BE e professora do 1º ciclo. A resposta ao pedido de colaboração foi positiva, disponibilizando-se imediatamente para organizar a visita e facultar todos os materiais necessários. A coordenadora sugeriu que a ida à escola fosse agendada para o dia 12 de Abril, no período da manhã, na semana anterior à visita de Isabel Alçada à escola, já que nesse período alunos e professores estariam a preparar actividades e materiais para apresentar na visita da escritora. Foi, então, possível organizar e definir, de imediato, os horários para levar a cabo as diversas visitas e conversas com os diferentes protagonistas, tendo facultado o número do seu telemóvel para facilitar posteriores contactos. Destacou ainda o facto de a escola ter um projecto próprio de promoção da leitura entre os seus alunos, anterior ao PNL.

A primeira visita à escola iniciou-se no dia 12 de Abril de 2007 pelas 9 horas, altura em que se procedeu à entrevista com a professora de contacto com o PNL, no espaço da BE. Naquele momento a biblioteca encontrava-se praticamente vazia, apenas com uma funcionária e cerca de 3 alunos. A entrevista foi interrompida por volta das 10h, já que a professora tinha que leccionar “Oficina de Português”. Concretamente, essa aula consistiu num *casting* para uma peça criada pelos alunos da turma que venceu o concurso da Editora Caminho “Uma Aventura Literária” e que foi apresentada em Lisboa em Maio. Trata-se de uma turma do 6º ano bastante boa em termos de aproveitamento escolar e comportamento. Em conversa informal com os alunos dessa turma, foi possível perceber que já tinham ouvido falar do Plano Nacional de Leitura através da escola, tendo o mesmo por objectivo fazer com que mais pessoas lessem mais, uma vez que a leitura é fundamental para a sua formação futura, nomeadamente para lerem cartazes e legendas na televisão. Viram também painéis publicitários do Plano no Porto e os anúncios televisivos e gostaram bastante. Foram muito breves e estavam particularmente agitados e ansiosos para se iniciar a aula porque queriam prestar provas para a peça de teatro.

Em seguida, foram ainda realizadas as entrevistas à funcionária da Biblioteca Escolar e a um grupo de 10 professoras, não só da EB 2, 3 Leça da Palmeira, como também provenientes de outras escolas do agrupamento. No período da tarde foi possível completar a entrevista com a coordenadora, ainda que com inúmeras interrupções, já que a professora se encontrava sozinha na biblioteca e tinha, sempre que necessário, de prestar apoio aos alunos que o solicitavam.

Foi ainda feita uma nova visita à escola a 14 de Maio de 2007 para recolher um CD com materiais relativos às actividades de promoção da leitura da BE e da escola.

Relativamente ao espaço escolar, os edifícios encontram-se bastante envelhecidos e danificados, tendo a coordenadora afirmado que no passado Inverno choveu inclusive em muitas salas de aula e na própria

biblioteca, danificando material informático. Estão no momento a decorrer algumas obras de reparação e dentro de pouco tempo a escola entrará num período de obras intensivas nos diversos pavilhões para melhorar as condições físicas dos equipamentos.

Nos corredores dos diversos pavilhões não há muita informação afixada nas paredes pela falta de espaços próprios para tal. Ainda assim, no bar encontrava-se alguma informação sobre actividades desenvolvidas pela escola, nomeadamente pela BE, e à porta da biblioteca encontrava-se um *placard* com a informação do “Leitor do mês”. Nas salas de aula o cenário é semelhante, já que não existem locais próprios para a afixação de materiais. A biblioteca é o local onde se encontra mais informação exposta relativa às actividades da BE e a trabalhos dos alunos. Contudo – e foi aliás uma das desvantagens indicadas quer pela coordenadora, quer pela funcionária relativamente ao espaço da BE – grande parte da sala encontra-se rodeada por janelas, o que impossibilita a colocação de mais armários e de mais materiais nas paredes.

1.1.2. Entrevista a Professora de Contacto com o PNL na escola

Perfil da entrevistada

A professora de contacto com o PNL na escola é licenciada em Línguas Germânicas e lecciona Língua Portuguesa e Francês nos 2º e 3º ciclos há 34 anos. Ingressou na EB 2, 3 de Leça da Palmeira há 26 anos, onde é actualmente professora de Língua Portuguesa, de Oficina de Português, de Área de Projecto e de Estudo Acompanhado no 6º ano de escolaridade. É também coordenadora da BE há já alguns anos, embora nunca em regime de exclusividade.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola

A escola desenvolve há já alguns anos actividades de promoção da leitura na sala de aula, tendo inclusive criado um projecto próprio há dois anos intitulado “Crescer a Ler”. Em 2003 a Biblioteca Municipal Florbela Espanca (Matosinhos) foi seleccionada para um projecto de promoção da leitura direccionado para crianças e jovens promovido pelo IPLB e Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares, tendo sido proporcionada formação a todos os mediadores da leitura das Bibliotecas Escolares do concelho de Matosinhos. Consequentemente, no ano lectivo de 2004/2005, e na sequência de uma candidatura de mérito da RBE, que visa apoiar as BEs com trabalho mais consistente e sólido e divulgar as boas práticas daí resultantes, surge o projecto da EB 2, 3 Leça da Palmeira “Crescer a Ler” que se direcciona para a promoção da leitura em contexto de sala de aula. O projecto tem por objectivos gerais formar leitores, desenvolver nos alunos competências de leitura e combater os baixos níveis de literacia. Inicialmente foi apenas implementado em duas turmas da escola (uma do 5º ano e outra do 6º ano de escolaridade). No ano lectivo seguinte o projecto foi alargado a todas as turmas da manhã do 5º ano, a 3 turmas do 6º e a uma do 7º, o que possibilitou dar continuidade às turmas envolvidas no ano anterior. No presente ano lectivo, todo o 2º ciclo se encontra envolvido no projecto, bem como o 7º ano e uma turma do 8º.

As linhas orientadoras deste projecto coincidem com as bases definidas pelo Plano Nacional de Leitura, o que fez com que a comunidade educativa, em termos gerais, se manifestasse receptiva à

implementação do PNL. A coordenadora considera, assim, que a escola está neste momento a executar dois projectos de promoção da leitura que acabam por convergir nas práticas desenvolvidas. Torna-se, portanto, particularmente difícil definir fronteiras quanto à acção do “Crescer a Ler” e à do PNL, embora este último se enquadre claramente no primeiro.

A coordenadora identificou, ainda assim, algumas diferenças que lhe parecem mais relevantes. Antes de mais, o PNL sugere a aquisição de 12 exemplares do mesmo livro, enquanto o projecto “Crescer a Ler” prevê que cada aluno de cada turma tenha acesso a um exemplar da mesma obra.

Eu acho que o nosso tem uma vantagem relação ao Plano Nacional da Leitura: é que nós temos um livro por aluno. Com esse projecto, portanto, os livros...no arranque do projecto foram financiados quer pelo IPLB, quer pelo Gabinete da Rede das Bibliotecas Escolares e cada aluno...nós tínhamos tantos livros quanto os alunos na sala de aula. Portanto, nós temos turmas grandes, com 28 alunos, 26, 28, e temos 28 exemplares de cada título. E não faz ideia a diferença que é entre ter um livro para dois e um livro só para um. Eles sentem o livro como deles, respeitam mais, trabalham muito, muito melhor porque não se dispersam com o colega do lado, os ritmos de leitura são diferentes...é tudo. E aí eu acho que o nosso é vantajoso. Só que compreendemos a nível nacional fica muito caro um livro para cada aluno dentro da sala de aula.

Para além disso, o projecto prevê que os alunos exerçam a prática da leitura quotidianamente, ao contrário do PNL que, de acordo com a coordenadora, apenas sugere 30 minutos semanais.

Outra das diferenças entre o nosso projecto e o Plano Nacional da Leitura é que eles lêem um bocadinho todos os dias, não lêem só 30 minutos na semana. Nós lemos 15 minutos, 10 a 15 minutos diários. Claro que Português temos 2 blocos por semana, por isso em Formação Cívica, em Estudo Acompanhado e às vezes em Área de Projecto fazemos sessão de leitura. Não é todos os dias, mas já é mais algum. E então esse tempo que foi estabelecido pelo Plano para leitura na sala de aula nós vamos partindo por várias disciplinas ocupando mais dias na semana. E isso também é outra vantagem porque escolhemos o...no 2º ciclo temos escolhido os 15 minutos finais da aula e eles já sabem, os alunos já sabem e, portanto, já estão ansiosos para que chegue esse momento e também acaba por ser benéfico porque, por exemplo, aos últimos tempos, os últimos 15 minutos de aula são complicados porque eles já estão muito mais desconcentrados, estão com fome, a aula em si normal não rende muito e assim a leitura rende porque como eles estão entusiasmados, estão sossegados, estão a fazer uma coisa que gostam e calmos.

De acordo com estas duas grandes diferenças, o projecto da escola assume algumas vantagens importantes face ao PNL, embora exista o reconhecimento de que o Plano tenha vindo reforçar as práticas já desenvolvidas.

Embora a implementação do projecto “Crescer a Ler” e do PNL na sala de aula se faça, fundamentalmente, na disciplina de Língua Portuguesa, a coordenadora considera pouco produtivo cingi-los a essa aula. A grande linha de acção do projecto, agora em estreita articulação com o Plano, tem então passado pela leitura de obras e realização de actividades associadas às leituras efectuadas no período final (10 a 15 minutos) das aulas de Língua Portuguesa, Oficina de Português⁸, bem como Estudo Acompanhado, Área de Projecto e Formação Cívica⁹. Contudo, essas práticas não se estendem a outras disciplinas curriculares devido à dificuldade de gestão dos calendários e programas; o que não significa, por outro lado, que alguns professores de outras disciplinas, como História, não recorram por vezes à leitura de algumas obras. No 2º ciclo os professores encontraram maior facilidade de gestão do tempo comparativamente com os do 3º ciclo, nomeadamente os do 7º ano de escolaridade, também envolvidos nas actividades do projecto e do PNL.

⁸ Corresponde aos 45 minutos de “oferta de escola” para o 5º ano de escolaridade.

⁹ Periodicamente utilizam a totalidade da aula, ou pelo menos metade, para a realização de actividades relacionadas com as leituras efectuadas.

Embora a forma como as actividades de promoção da leitura decorrem em cada sala de aula possa diferir de acordo com a criatividade e sensibilidade dos professores que as dinamizam, existem, de facto, linhas orientadoras gerais que todos procuram seguir e promover. Antes de mais, a escola definiu como metáfora para o fomento da leitura que cada livro correspondesse a uma *viagem* na qual os alunos são *convidados* a participar. No final de cada leitura, é-lhes pedido que dialoguem e que, posteriormente, registem as impressões decorrentes dessa viagem. A utilização desta metáfora tem sido fulcral para motivá-los para a leitura, sem que a sintam como uma obrigação. Procuram também, desta forma, evitar o recurso às tradicionais fichas de leitura que, ao invés de motivarem os alunos, os afastam ainda mais da fruição da leitura.

Nós consideramos cada obra uma viagem, isso foi o convite que lhes foi feito no início do ano lectivo, neste caso concreto no 5º ano porque os meus alunos agora de 6º estão a ter continuidade. No 5º ano foi-lhes proposto uma viagem na leitura a partir de um texto que lemos na aula que focava, portanto, esse aspecto. No fim de cada viagem eles fazem...registam as impressões de viagem. Nós não queríamos fazer uma ficha de leitura daquelas fichas de leitura maçadas, aborrecidas que fazem com que eles detestem ler porque já sabem que depois no fim têm que fazer resumos, descrever a parte que mais lhes agradou e nós não queríamos que fosse dessa forma. Com essa ideia da viagem eles fazem a ficha felizes e contentes. E como numa viagem...dizemos “quando vamos visitar algum país ou dentro de Portugal se formos a um cidade diferente ficamos com uma ideia e temos uma opinião sobre essa visita, sobre esse passeio, sobre essa viagem. Pronto, vamos falar um bocadinho”. Primeiro é com diálogo e depois eles registam as impressões da viagem.

Outro eixo importante da acção do projecto é precisamente evitar trabalhar as obras exclusivamente com o objectivo de estudar o funcionamento da língua, promovendo antes a instrumentalização dos interesses dos alunos na selecção das actividades a realizar em torno de um livro.

Em Área de Projecto e Estudo Acompanhado tentamos também canalizá-los um pouco para a leitura, de forma a que os trabalhos que estão a ser desenvolvidos em Área de Projecto impliquem leituras. Não leituras de assuntos científicos, de temas assim mais ligados... Tentamos pegar num livro que vá focar aspectos que lhes interessam, seja desporto, seja até convivência, amizade...estão numa fase, portanto, em que começam assim a despertar para os primeiros amores e tentamos que o tema do livro seja aliciante para depois podermos trabalhar esse tema de outra forma.

A leitura realizada na sala de aula é levada a cabo pelos alunos – individualmente (em silêncio ou não), em grupo de forma dialogada/dramatizada –, mas também pelos professores, já que muitos dos jovens, principalmente os do 5º ano têm ainda algumas dificuldades de leitura, pelo que ouvir os professores pode ajudá-los.

A prática da leitura é geralmente complementada com actividades específicas que os professores procuram que sejam divertidas e motivadoras para os alunos e que assumam um carácter lúdico, como jogos, palavras cruzadas, dramatizações, ilustrações, concursos ou *peddy-papers*. Muitas das acções levadas a cabo assumem um âmbito mais alargado, envolvendo várias turmas e não se circunscrevendo, muitas vezes, ao contexto escolar:

- Os alunos de uma turma do 6º ano de escolaridade participaram no concurso *Uma Aventura... Literária 2007* nas suas várias modalidades, sendo que um dos grupos de participantes, que adaptou um conto para teatro, ganhou e foi seleccionado para apresentar a sua peça no Teatro Aberto em Lisboa. Neste momento, em Área de Projecto encontram-se com a professora e os colegas a preparar a dramatização.

- Com base na exploração da obra *Ulisses*, de Maria Alberta Menéres, todas as turmas do 6º ano realizaram um *peddy-paper* no recinto escolar intitulado “Viagem com Ulisses” e foram assistir à peça de teatro “Aventura de Ulisses” no Teatro do Campo Alegre, no Porto.

- Procurando fomentar a interdisciplinaridade das actividades de promoção da leitura, os alunos do 2º ciclo realizaram a *Festa do Pi* que envolveu os professores de Matemática, de Língua Portuguesa, de Educação Visual e de História e que consistiu num recital de poesia sobre o “Pi”, de Manuel Pina, na apresentação de trabalhos feitos pelos alunos e na exposição de ilustrações sobre a temática.

- Algumas turmas do 8º ano festejaram no mês de Abril o mês da poesia. Os professores de Língua Portuguesa facultaram-lhes uma listagem de poetas para que cada aluno seleccionasse aquele que mais gosta e trabalhasse a sua biografia, pesquisasse informações relevantes e seleccionasse alguns poemas que apresentaram depois à turma.

Alguns professores procuraram também envolver os encarregados de educação nestas actividades, o que nem sempre é muito fácil. Uma professora da escola que, por exemplo, tem trabalhado com os seus alunos no âmbito do projecto “Escolas promotoras de saúde”, recorrendo a contos tradicionais que foquem a temática da alimentação, tem conseguido mobilizar os pais. Os jovens fizeram pesquisa, vários trabalhos, ilustrações e criaram uma peça de teatro que foi apresentada aos encarregados de educação e familiares numa sessão especialmente criada para o efeito.

Todas as actividades são fundamentalmente desenvolvidas tendo por base o livro, o que não significa, contudo, que não seja também necessário recorrer a outros suportes, nomeadamente à imprensa e à Internet.

Apesar de o projecto “Crescer a Ler” e o PNL se centrarem fundamentalmente na promoção da leitura na sala de aula, a BE tem também assumido um papel fulcral neste âmbito. Antes de mais, é um espaço privilegiado para informar os alunos das novidades editoriais, para destacar a comemoração de efemérides ligadas ao livro e para divulgar concursos relacionados com a leitura, incentivando os alunos a participar. Há também um conjunto relevante de actividades que têm lugar na BE:

- Fazem sessões de leitura para turmas. Os alunos deslocam-se com os professores à BE para ouvirem a leitura de um conto e posteriormente desenvolvem alguma actividade relacionada com a leitura, geralmente jogos. A BE enfrenta, contudo, algumas dificuldades relativamente a esta actividade, já que não o faz com a frequência que gostaria devido à dimensão reduzida da equipa, que nem sempre consegue dar resposta a todas as solicitações, mas também porque procura fazê-lo no tempo lectivo de Língua Portuguesa, o que nem sempre é fácil conciliar.

- Criam e promovem concursos:

- *Pontapés na Gramática* é um concurso semanal associado à disciplina de Língua Portuguesa. São afixadas 2 frases nos *placards* da BE, uma correcta e outra errada em termos ortográficos e/ou gramaticais e os alunos têm de conseguir identificar qual a frase correcta, o que os obriga a consultar, muitas vezes, um prontuário, uma gramática ou um dicionário;

- O *Caça Provérbios* é de periodicidade mensal e implica identificar o final de um provérbio, geralmente associado à época do ano, a partir de 3 hipóteses de resposta;

- *À Boleia pela Europa* é quinzenal e consiste num conjunto de questões relacionadas com geografia, sendo que para cada pergunta existem 3 hipóteses de resposta;

- *Um Mergulho no Passado* é quinzenal e implica responder a questões ligadas à história de Portugal, sendo também apresentadas 3 hipóteses de resposta.

A participação nestes concursos é feita na BE em cupões próprios que são depois colocados em urnas. Os resultados são posteriormente afixados na BE. No final de cada período é oferecido um livro aos vencedores.

- No Natal fizeram um concurso literário de contos natalícios.

- A BE é também um local de exposição de trabalhos realizados pelos alunos
- São regularmente convidados escritores para visitarem a escola e desenvolverem actividades de promoção da leitura.

- Desenvolvem também actividades direccionadas para os pais, tendo já realizado duas sessões à noite na BE, a primeira, no início do ano lectivo, para apresentar o projecto “Crescer a Ler” e as linhas gerais do PNL e a segunda para falarem sobre os livros que mais os marcaram.

- A BE identifica também o leitor do mês com base no número de requisições efectuadas. No final de cada período o leitor com mais livros requisitados recebe um livro.

Ocasionalmente as escolas do 1º ciclo visitam a BE para participarem em alguma actividade, nomeadamente nos encontros com escritores.

Algumas das actividades desenvolvidas na BE contam com o apoio do Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares (SABE) da Biblioteca Municipal Florbela Espanca, como é o caso da visita de escritores à escola. Para além disso, os coordenadores das BEs do concelho reúnem mensalmente com a directora da BM, o que se revela fundamental para a partilha de ideias e experiências e informações sobre acções de formação. A BM convida também os alunos das escolas de Matosinhos a participarem nas actividades que leva a cabo, embora a título individual.

Para o desenvolvimento das suas actividades, a BE tem também contado com o apoio da Associação de Pais que tem ficado responsável pela aquisição dos prémios atribuídos em cada concurso.

A única actividade realizada propositadamente com o intuito de responder aos objectivos do Plano Nacional de Leitura foi a Semana da Leitura que decorreu entre 5 e 9 de Março de 2007. Nessa semana concentraram um conjunto de actividades relacionadas com a leitura.

Em contexto de sala de aula:

- os alunos seleccionaram e recitaram os poemas que mais apreciavam em todas as aulas durante toda a semana;

- os encarregados de educação foram convidados a irem às salas de aula lerem contos, falarem de livros que os tenham marcado ou discutirem a importância da leitura. Apenas em algumas turmas foi possível realizar esta actividade, devido à indisponibilidade dos pais que se encontravam durante o dia nos seus empregos. Aos pais que cooperaram foi-lhes entregue um certificado de participação.

Na Biblioteca Escolar:

- todos os espaços da escola foram decorados com citações literárias de vários autores;
- realizaram exposições de trabalhos de alunos realizados em diversas áreas disciplinares.
- realização de um concurso criado tendo por base a obra *Uma Aventura na Quinta das Lágrimas*, de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada. Numa turma do 6º ano em que o livro foi trabalhado, os alunos criaram o

regulamento, questões de escolha múltipla para cada capítulo da obra e dinamizaram o concurso, direccionado para toda a escola, que se realizou no espaço da BE. Seleccionaram 5 finalistas que participarão na final por ocasião da visita de Isabel Alçada à escola.

- concursos *Títulos à Solta e Quem Mora na Casa dos Títulos?* que consistiram na apresentação de textos onde estavam mencionadas as obras da Ana Maria Magalhães e de Isabel Alçada e de Vergílio Alberto Vieira, respectivamente, sendo que os alunos tinham que descobrir quais os títulos referidos e a sua respectiva localização.

- sessão *Chá & Livros*: onde foram convidados professores e pais a reunirem-se no espaço da BE à noite, sendo que cada um deveria trazer um livro que os tivesse marcado e falar sobre o mesmo. O grupo foi de apenas 12 pessoas, mas a coordenadora considera que foi um encontro bastante positivo e interessante para todos os intervenientes. Pretende realizar a mesma actividade no próximo ano lectivo e acredita que mais pais estarão interessados em participar, até porque muitos deles apenas não colaboraram por indisponibilidade de tempo.

O balanço da Semana da Leitura é bastante positivo, já que as actividades decorreram de acordo com as expectativas e conseguiram motivar e envolver grande parte da comunidade educativa. Gostariam de ter contado com maior participação dos encarregados de educação, mas compreendem as suas dificuldades de deslocação à escola.

As principais actividades previstas até ao final do ano lectivo dizem respeito à visita à escola dos escritores Isabel Alçada, a 17 de Abril, e Vergílio Alberto Vieira, a 23 de Abril. Grande parte das turmas do 2º ciclo encontram-se a desenvolver actividades relacionadas com as obras destes autores, sendo que algumas delas serão apresentadas no contexto das visitas. Para além disso, a BE organiza sempre uma Feira do Livro só com as obras dos autores em causa.

Pretendem também, no âmbito das festividades do S. João, realizar um concurso de quadras, sendo posteriormente as melhores expostas na BE.

Num outro nível, e pensando já no ano lectivo seguinte, a escola pretende alargar o projecto “Crescer a Ler”, e inseparavelmente o PNL, a toda a escola, apesar de não conseguirem ainda prever se será de facto possível fazê-lo. Envolver o 3º ciclo nas práticas de promoção da leitura implica também novas estratégias, já que se trata de uma faixa etária diferente, com especificidades próprias.

Como tem vindo a ser referido, a escola desenvolve já há alguns anos práticas de promoção da leitura, tendo criado o seu próprio projecto. Nesse sentido, a coordenadora não considera que o PNL tenha introduzido novas dinâmicas e alterado substancialmente as práticas que já levavam a cabo, até porque as linhas orientadoras são semelhantes. Contudo, reconhece também que as semelhanças entre ambos contribuíram para reforçar e ampliar as acções de promoção da leitura na escola. Um dos factores que contribuiu significativamente para isso foi o reforço orçamental atribuído pela Comissão do Plano, que possibilitou a aquisição de um conjunto diversificado de obras e permitiu, assim, aumentar o fundo documental da BE. Para além disso, o PNL permitiu organizar as práticas de fomento da leitura já levadas a cabo, por vezes de forma pouco integrada, e estimular um trabalho em rede.

O Plano a nós não trouxe nada de novo porque nós já estávamos com o projecto e antes de estarmos com o projecto nós já fazíamos leitura integral de uma obra, já tínhamos várias actividades ligadas à leitura. Agora está é mais organizado. (...) A única coisa que pode ter mudado é essa partilha de experiências. Porque cada um já fazia

na sua turma, ou nas suas turmas. Agora com o projecto e o Plano nós partilhamos experiências, troca de impressões, de materiais. Não fica cada um com as suas coisas só para si.

Os impactos sentidos na comunidade educativa não podem, portanto, ser entendidos como constituindo um produto da acção isolada do PNL, já que o projecto “Crescer a Ler” é implementado há já dois anos. Nos alunos, por exemplo, sente que tem existido alguma evolução no sentido de ficarem mais motivados e sensibilizados para a importância da leitura, mas considera que isso estará mais relacionado com a acção continuada do projecto. Na leitura que é realizada na sala de aula os jovens manifestaram-se interessados e permaneceram sossegados e atentos. Em contexto de sala de aula geraram-se dinâmicas de sociabilidade que favoreceram a motivação dos alunos, já que o facto de um ler para toda a turma conduz outros a manifestarem também vontade de participar. Contudo, isto torna-se mais evidente no 2º ciclo, já que a partir do 3º ciclo esta lógica é invertida, sendo que geralmente os alunos não gostam de ser apontados pelos colegas como aqueles que se mostram motivados com a leitura. A coordenadora sente, portanto, que os impactos positivos observados nos alunos tendem a concentrar-se, fundamentalmente, entre os alunos do 5º e 6º anos de escolaridade. A idade pode desempenhar aqui um papel fulcral, já que, de acordo com os professores, os jovens do 2º ciclo são facilmente mobilizados através do jogo e do carácter lúdico das actividades. O mesmo não sucede com os alunos mais velhos que procuram demarcar-se de práticas que consideram infantis. Quanto às actividades da BE, a coordenadora afirma que as requisições domiciliárias têm vindo a aumentar e considera que, em termos gerais, os alunos se encontram mais interessados em participar, nomeadamente nos diferentes concursos, embora, mais uma vez, sejam principalmente os jovens do 2º ciclo a fazê-lo.

De acordo com a coordenadora, os impactos da acção do projecto e do PNL nos alunos não podem ser separáveis dos impactos verificados nos professores. A motivação dos mesmos é um factor fulcral para a mobilização dos alunos para as práticas e actividades de leitura. Na escola existem professores menos interessados e pouco sensibilizados para estas questões e, nesses casos, foi considerado ser melhor não desenvolver actividades de fomento da leitura entre os alunos, uma vez que o impacto pode ser bastante negativo e afastá-los ainda mais dos livros. Poderá ser isso o que explica que os alunos não se tenham interessado pelos concursos criados no âmbito do PNL, nomeadamente o “Sapo Challenge/Ler+”, já que não foram suficientemente incentivados pelos docentes.

Pensei que este do Sapo como está ligado às novas tecnologias e Internet e...eles gostam de blogs e dessas coisas todas com as TIC, que iam aderir...nada, nada. Mas tem que haver, na realidade, da parte do professor uma motivação grande e um incentivo porque se não eles não...nestas idades eles não querem participar, eles não querem complicar muito. (...) Eles aderem se nós dissermos “então, já fizeram? Já...?”. Quer dizer, o professor tem que se envolver muito. Se o professor não se envolver, se o professor ficar à espera que eles de livre iniciativa vão fazer...é complicado.

Muitos professores estão mais concentrados no cumprimento dos programas curriculares das diferentes disciplinas e optam por não correr riscos alterando as suas planificações e ajustando os seus métodos pedagógicos. Embora a coordenadora critique esta atitude, compreende que é particularmente complicado conciliar as actividades de promoção da leitura com os conteúdos programáticos que têm de trabalhar.

Essas actividades que fazemos depois da leitura implica muito tempo para preparar, para...não é só para depois as aplicarmos. Mas a preparar uma actividades, para ser diferente, para focar diferentes aspectos, mas de uma forma

lúdica porque nós queremos...lúdica sem cairmos na brincadeira...mas de forma a tornar o livro e a vontade de ler mais atractivas, para os motivar mais, não é? Isso obriga a tempo, a termos tempo e com os currículos tão longos com o tempo que temos para preparar as aulas, para preparar também actividades de substituição e todas as outras actividades que temos que fazer e com os conteúdos tão longos também que temos é uma ginástica conciliar a programação com as actividades de leitura e de promoção da leitura.

O que não significa, contudo, que não exista um grupo substantivo de professores na escola particularmente motivado e que consegue gerir o tempo de modo a desenvolver actividades ligadas à leitura. Mas trata-se de um conjunto de professores que estava já sensibilizado para a importância deste tipo de acções. Um pequeno grupo de docentes manifestou-se desagrado quando do início da implementação do PNL na escola; contudo, a sua atitude foi-se progressivamente alterando e estão hoje mais motivados e interessados. Em termos gerais, os impactos do projecto e do PNL nos professores na escola são menos visíveis que nos alunos. Porém, a entrevistada reconhece que, em escolas onde não eram desenvolvidas práticas de promoção da leitura, o PNL possa ter vindo introduzir novas dinâmicas, como é o caso das escolas do 1º ciclo do agrupamento.

Agora o que eu noto é isso, é que as colegas das bibliotecas, as coordenadoras das bibliotecas do 1º ciclo faziam e fazem, faziam e continuam a fazer a promoção do livro e da leitura. Mas isso era só esse momento na biblioteca porque depois na sala de aula era só a leitura escolarizada, portanto, o manual, análise do texto e isso. Não faziam como nós já fazíamos no 2º ciclo e agora fazem.

Quanto aos encarregados de educação, a sua participação não é ainda a que seria desejável para o acompanhamento das actividades dos filhos na escola, contudo a coordenadora acredita que a longo prazo será possível sensibilizá-los e envolvê-los mais.

O Plano Nacional de Leitura na sua organização

A coordenadora teve conhecimento do Plano Nacional de Leitura através da consulta do *site* da Rede de Bibliotecas Escolares, ainda no final do ano lectivo de 2005/2006, parecendo-lhe desde logo um projecto particularmente interessante e pertinente no contexto do país e muito semelhante ao projecto (“Crescer a Ler”) que a escola implementava há já 2 anos. Posteriormente, foi informada por parte da Comissão do Plano através de documentação que solicitava a sua colaboração e respectivo registo no *site* entretanto criado para o PNL. Enquanto responsável pela BE assumiu desde o início a responsabilidade de registar a escola no Plano e de coordenar a execução do mesmo.

Uma vez que o registo no Plano Nacional de Leitura por parte de cada escola exigia uma selecção de livros com base nos quais deveriam desenvolver actividades de promoção da leitura, a coordenadora organizou um conjunto de reuniões com os professores interessados em participar no PNL, tendo por objectivo discutir e escolher as obras que cada um considerava mais adequadas para trabalhar com os seus alunos e para motivá-los para a leitura.

A BE tinha já alguns dos livros que constavam nas listagens do PNL, que tinham sido adquiridos no âmbito do projecto “Crescer a Ler” e, nesse sentido, não seria lógico canalizarem recursos financeiros para essas obras, até porque, em muitos casos, tinham já 28 exemplares de cada título. Contudo, isso implicou terem de efectuar as suas escolhas com base nos restantes livros, que nem sempre consideraram ser os mais adequados às faixas etárias a que se direccionavam, por serem demasiado infantis, ou por exigirem níveis de maturidade mais elevados. Para além disso, nem todos eram suficientemente interessantes para motivarem os

alunos para a leitura. Não querendo optar por esse leque de obras, recorreram às listagens temáticas do Natal, ciências e defesa do ambiente para seleccionarem os restantes livros. Importa também referir que não conheciam muitos dos livros sugeridos e, nesse sentido, procuraram informar-se na Biblioteca Municipal ou comprando alguns deles a título pessoal.

A escola foi contemplada na 1ª fase de reforço orçamental com 2500€ para a aquisição dos livros sugeridos pelo PNL, o que deixou todos os professores envolvidos no processo bastante satisfeitos. Apresentaram, então, a listagem de obras seleccionadas a 3 livreiros para a obtenção de orçamentos. Contudo, depararam-se com vários dos livros esgotados nas editoras, o que os obrigou, nalguns casos, a reformular as suas opções, e noutros a aguardar durante vários meses pelas obras.

Da lista que nós seleccionámos depois tivemos um problema, é que as editoras não tinham para entrega. Isso é que eu acho que correu mal. Porque nós...deu-nos bastante trabalho fazer a selecção porque nós não seleccionámos assim por seleccionar. Inclusivamente alguns, nós não conhecíamos e fomos lê-los antes de escolhê-los, pedindo à Biblioteca Municipal, comprando num caso ou noutro e estivemos a...tentámos que a selecção fosse séria. Depois de termos seleccionado...e no nosso caso como tivemos um orçamento muito bom, tivemos que pedir a 3 livreiros o orçamento para depois seleccionarmos aquele que era mais conveniente. E depois disso tudo tivemos que substituir obras, títulos, porque não tinham para entrega.

Face a esta situação, as professoras optaram por seleccionar livros que não constavam das listagens iniciais sugeridas pelo Plano, mas que lhes pareciam ajustados às faixas etárias e interesses dos alunos. A coordenadora sente que o mais importante é trabalhar com obras que possam motivar os jovens, mais do que obedecer cegamente às listas do PNL. Tal como sugerido pela Comissão do Plano, adquiriram 12 exemplares de cada obra, o que consideram pouco positivo porque não possibilita disponibilizar um exemplar por aluno em cada turma; contudo, permitiu-lhes diversificar os títulos disponíveis para trabalharem.

Os livros do Plano Nacional de Leitura estão localizados na BE, num armário próprio. Apesar de os 12 exemplares de cada obra não se encontrarem disponíveis para requisição domiciliária, a coordenadora procurou ter também pelo menos um exemplar acessível para os alunos poderem requisitar e levarem para casa. Sempre que algum professor pretende trabalhar um dos livros solicita-o antecipadamente na BE, indicando o período de tempo que pensa dedicar à sua exploração. A biblioteca tem, para esse efeito, um mapa onde organiza as requisições dos livros do PNL. A forma como os professores gerem depois a utilização das obras é flexível e consonante com os objectivos de cada um deles. Alguns professores permitem que os alunos levem os livros para casa, o que implica sempre o preenchimento de uma ficha com a indicação do livro requisitado e com a respectiva identificação do aluno. Optaram por este procedimento porque em anos anteriores, no âmbito do projecto “Crescer a Ler”, não o faziam e os livros surgiam muitas vezes danificados. É, portanto, uma forma de responsabilizarem os alunos pelos livros, o que tem sido bem sucedido, já que os jovens assumem com bastante seriedade essa tarefa. Inclusive, sempre que identificam algum risco ou dano num livro são os primeiros a queixarem-se.

A equipa de professores que se encontra a trabalhar os livros do PNL reúne com a coordenadora com bastante frequência, sendo que estas reuniões são fundamentais para a preparação de trabalho, partilha de ideias e experiências e discussão de estratégias.

No período inicial de registo no PNL, a escola apresentou também como projecto o “Crescer a Ler”, que apesar de já existir previamente à criação do Plano, se adequava em pleno à execução do PNL na escola. O projecto tem, então, como principais objectivos abordar a formação de leitores como um processo de

ensino/aprendizagem, despertar e reforçar o prazer de ler e reforçar práticas de leitura recreativa por oposição à leitura instrumental. Envolvendo alunos, professores e encarregados de educação pretendem promover o gosto pela leitura quotidianamente num período de 10 a 15 minutos, no qual os alunos poderão explorar de forma criativa e através de diversas actividades um conjunto diversificado de obras.

Sempre que surgiu alguma dúvida relacionada com a implementação do PNL na escola, a coordenadora recorreu à responsável regional da RBE, não por não confiar na Comissão do Plano, mas por ser uma pessoa mais próxima e bem informada sobre o PNL.

A entrevistada frequenta habitualmente o sítio na Internet do Plano, embora admita que o fez mais frequentemente no início do processo.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais

Quando o Plano foi criado e divulgado a coordenadora ficou um pouco admirada por conseguir identificar na sua estrutura as linhas orientadoras gerais do projecto “Crescer a Ler”, o que a deixou particularmente satisfeita por confirmar mais uma vez que se tratava de um projecto pertinente e bem constituído. Percebe igualmente a relevância do PNL ser construído tendo por base experiências de boas práticas.

Em termos gerais, concorda, portanto, com a forma como o Plano está organizado e como definiu os seus objectivos, prioridades e actividades. A divulgação tem também sido bastante positiva e tem chegado às escolas toda a informação necessária. Considera ainda que a marca Ler+ está muito bem pensada e é bastante atractiva para os mais jovens.

O aspecto mais positivo do PNL incidiu sobre o facto de ter possibilitado a introdução de novas dinâmicas nas escolas que não desenvolviam práticas de promoção da leitura e reforçar as acções já levadas a cabo em muitos contextos escolares. Para além disso, possibilita diversificar e aumentar os fundos documentais das BEs.

O aspecto menos positivo que identifica no PNL prendeu-se com o facto de muitos dos livros sugeridos nas suas listagens se encontrarem esgotados.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

A coordenadora imaginava que a situação de Portugal relativamente à leitura e à literacia e às práticas de promoção do livro e da leitura não fosse tão negativa como é na realidade.

Daquilo que eu ouço, de pessoas que estão ligadas quer ao IPLB, quer ao Gabinete, dão-nos uma ideia diferente daquela que eu julgava pela nossa escola porque como nós já dávamos bastante importância ao livro e à promoção da leitura, eu julgava que isso seria assim pelo país fora. Mas por aquilo que me consta não é bem assim.

Apercebe-se agora que as práticas de leitura da população portuguesa são incipientes e os níveis de literacia demasiado baixos para o exercício pleno da cidadania.

Face à delicada posição de Portugal relativamente à leitura e à literacia, o PNL pode contribuir a longo prazo para melhorar a situação do país e aproximá-lo de outros países europeus.

Sugestões e Propostas

A professora de contacto com o PNL na escola fez algumas sugestões que considera serem importantes para melhorar a acção do Plano nos próximos anos:

- o Plano deveria promover o acesso de cada aluno a um exemplar das obras trabalhadas, evitando situações em que dois alunos têm de partilhar um livro.

- a Comissão do PNL deveria evitar sugerir livros que estejam esgotados nas editoras ou que as mesmas não consigam distribuir pelas escolas de acordo com o número de exemplares solicitado.

- para uma divulgação mais eficaz do PNL junto do seu público prioritário (infanto-juvenil) deveriam instrumentalizar a popularidade de algumas figuras de referência juvenis, nomeadamente da série “Morangos com Açúcar” para difundir e promover os hábitos de leitura¹⁰.

1.1.3. Entrevista a Professoras

Perfil das entrevistadas¹¹

1. Professora do 1º ciclo na EB1 Praia, licenciada. É coordenadora da BE há 9 anos.

2. Educadora de infância na EB1/JI Nogueira Pinto e EB1/JI Portela, licenciada. Lecciona há 15 anos e é o 1º ano em que está nestas escolas e que é coordenadora da BE.

3. 55 anos, tem um bacharelato em Filologia Românica, é coordenadora da área disciplinar de Português de 2º ciclo na EB 2, 3 Leça da Palmeira. Ingressou na escola em 1979 e já leccionou nos 2º e 3º ciclos.

4. Licenciada em Línguas Germânicas e lecciona há cerca de 30 anos. Ingressou na EB 2, 3 Leça da Palmeira há 20 anos.

5. Licenciada em Filologia Germânica e lecciona Língua Portuguesa e Inglês no 6º ano de escolaridade. Está na EB 2, 3 Leça da Palmeira há cerca de 20 anos e faz há já alguns anos parte da equipa da BE.

6. Professora de Língua Portuguesa e lecciona na EB 2, 3 Leça da Palmeira há 22 anos.

7. Licenciada em Ciências da Educação e é educadora de infância e professora do 1º ciclo noutra escola do agrupamento.

8. Licenciada em Línguas Germânicas e lecciona Língua Portuguesa e Francês nos 2º e 3º ciclos há 34 anos. Ingressou na EB 2, 3 de Leça da Palmeira há 26 anos, onde é actualmente professora de Língua Portuguesa, de Oficina de Português, de Área de Projecto e de Estudo Acompanhado no 6º ano de escolaridade. É também coordenadora da BE há já alguns anos, embora nunca em regime de exclusividade.

9. Lecciona no 5º ano de escolaridade na EB 2, 3 de Leça da Palmeira

10. Lecciona no 6º ano na EB 2, 3 de Leça da Palmeira.

¹⁰ Deu, neste âmbito, o exemplo de uma situação em que na biblioteca surgiram muitos alunos a querer consultar e requisitar um livro de Shakespeare porque as personagens da referida novela estavam a lê-lo.

¹¹ Não foi possível recolher informação sobre todas as entrevistadas porque muitas delas saíram antes da entrevista terminar.

Como foi já referido, a escola implementa há 2 anos um projecto próprio de promoção da leitura na sala de aula intitulado “Crescer a Ler”, que já foi alargado a algumas escolas do 1º ciclo do agrupamento. Como as suas orientações são muito semelhantes às do PNL, os professores optaram por manter as linhas de acção que já implementavam no âmbito do projecto.

Porque definiram no início do ano lectivo as actividades que pretendiam desenvolver com base nas obras seleccionadas das listagens do Plano, os professores tiveram de aguardar até Janeiro para poderem iniciar o trabalho de exploração desses livros. Grande parte das acções de promoção da leitura implementadas na escola localiza-se no contexto de sala de aula e ocasionalmente na BE. A grande linha de acção do projecto, agora em estreita articulação com o Plano, tem então passado pela leitura de obras e realização de actividades associadas às leituras efectuadas no período final (10 a 15 minutos) das aulas. Consideram ser mais profícuo instrumentalizarem esses momentos para a leitura do que a totalidade das aulas, de modo a concentrarem a atenção dos alunos e evitarem que se dispersem. Os livros são geralmente trabalhados em Língua Portuguesa, mas também em Estudo Acompanhado e em Área de Projecto. Os entrevistados reconheceram, contudo, que numa disciplina curricular de uma área mais distante da Língua Portuguesa se torna mais complicado desenvolver este tipo de actividades. Apesar disso, não articularam os conteúdos programáticos das disciplinas com as obras trabalhadas, uma vez que as orientações do PNL apontam para a necessidade de fomentar a leitura por prazer e não por obrigação escolar. Não fomentaram, portanto, a interdisciplinaridade das actividades que levam a cabo com base nos livros explorados, sendo o período dedicado à leitura feito em regime de exclusividade.

Até porque, de acordo com as professoras, existem várias estratégias de dinamização das leituras que não estão necessariamente relacionadas com os conteúdos programáticos das disciplinas curriculares, particularmente com Língua Portuguesa. A melhor forma de motivar os alunos para a leitura é através da exploração de uma vertente lúdica ligada ao jogo. Neste âmbito, criticam fortemente as fichas de leitura, que são geralmente mal recebidas pelos alunos e que apenas contribuem para afastá-los ainda mais dos livros. Optam, então, por desenvolver actividades que impliquem, por exemplo, a participação e criação de jogos, dramatizações ou trabalhos de expressão plástica. As acções implementadas recorrem fundamentalmente ao suporte livro, embora complementarmente impliquem também a mobilização de outros suportes, como a imprensa ou a Internet. Embora exista um plano anual de actividades da escola, as acções vão sendo definidas à medida que os livros vão sendo trabalhados, de acordo com a receptividade dos alunos, com o tempo disponível e com as temáticas abordadas.

Contudo, embora as professoras se sintam motivadas para desenvolver estas actividades de promoção da leitura, enfrentam quotidianamente problemas de gestão do tempo. A grande preocupação passa por conseguir cumprir os programas curriculares das cadeiras e simultaneamente encontrar tempo para explorar com alguma profundidade as obras trabalhadas. As entrevistadas consideraram não ter tempo suficiente para desenvolver as actividades de promoção da leitura apenas em dois blocos de 90 minutos em Língua Portuguesa. Mesmo recorrendo a Estudo Acompanhado e Área de Projecto sentiram dificuldade em investir nessas acções com receio de não cumprirem a totalidade dos programas curriculares. Apesar de esta preocupação estar mais presente no 2º ciclo, as professoras do 1º ciclo também se queixam da falta de tempo.

No fundo, consideram que acelerar o tempo dedicado a estas actividades pode ter efeitos negativos nos alunos.

E é uma pena porque os miúdos gostam do momento da leitura e acho que é uma pena nós andarmos quase que a correr porque não há tempo.

A escola não tem participado nos concursos promovidos pelo PNL porque os alunos não têm manifestado interesse em fazê-lo. As professoras ficaram bastante surpreendidas com o facto de os jovens não quererem participar, até porque houve divulgação adequada por toda a escola.

As actividades, quer internas (particularmente da BE), quer externas (como as promovidas pelo PNL) são divulgadas a toda a comunidade escolar através de cartazes, panfletos e circulares. Apenas as acções específicas de cada turma não têm divulgação externa, excepto quando os pais são informados e/ou convidados a participar.

Sempre que possível, as professoras tentam envolver os encarregados de educação nas actividades, convidando-os muitas vezes para lerem histórias na sala de aula ou falarem sobre um livro que os tenha marcado. Contudo, não tem sido fácil mobilizá-los, não só porque alguns não têm muito interesse em participar, como grande parte deles não tem disponibilidade para visitar a escola durante o dia.

É ainda importante referir que porque muitas das escolas do agrupamento não foram financiadas e existe uma boa comunicação entre toda a comunidade educativa, é comum circularem livros entre escolas de modo a assegurarem que as obras seleccionadas sejam trabalhadas por todos os alunos.

Esperam que na sequência da assinatura do protocolo entre a Câmara Municipal de Matosinhos e o PNL, que ocorreu na Semana da Leitura, sejam disponibilizadas mais verbas para aquisição de fundo documental para todas as escolas do concelho, nomeadamente do agrupamento.

Todas as professoras consideram que a Semana da Leitura foi um sucesso e fazem um balanço positivo das actividades desenvolvidas nesse âmbito. Contudo, foram praticamente só as docentes do 1º ciclo as que se referiram às acções levadas a cabo e aos impactos das mesmas.

Se nos 2º e 3º ciclos nem mesmo durante essa semana os pais se manifestaram mais interessados em participar, por outro lado, no 1º ciclo os encarregados de educação colaboraram com bastante intensidade, o que surpreendeu toda a comunidade educativa. Durante esses dias as crianças apresentaram aos colegas e aos docentes um conjunto de actividades e materiais relacionados com o livro e com a leitura que tinham vindo a desenvolver desde o início do ano lectivo, como dramatizações e trabalhos de expressão plástica. Os pais foram convidados a criar alguns materiais em conjunto com os filhos, tendo respondido de forma muito positiva e colaborado com bastante interesse e motivação. As escolas do 1º ciclo organizaram também sessões nocturnas em que as crianças apresentaram dramatizações e nas quais muitos pais estiveram presentes e também participaram com dramatizações criadas pelos próprios e com leituras ilustradas. No fundo, as escolas procuraram envolver os encarregados de educação por duas vias: como participantes activos e como assistência.

Envolvemos toda a comunidade. Envolvemos quer como participantes, quer como assistência também. Gostaram de assistir às actividades que os filhos apresentaram. E foi assim uma semana completamente diferente, os miúdos nem ficaram muito alterados porque não paravam. Houve muita, muita agitação.

Os próprios pais ficaram impressionados com as actividades que as crianças desenvolveram, como foi o caso da montagem de um espectáculo de fantoches e da criação de fins diferentes para histórias tradicionais.

Nessa semana, o vereador da educação visitou também algumas escolas de 1º ciclo para participar nas festividades.

O balanço que as professoras fazem da participação da escola no PNL é positivo. Apesar de serem já desenvolvidas inúmeras actividades de promoção da leitura no âmbito do projecto “Crescer a Ler”, estas acções foram reforçadas. Um dos factores que mais contribuiu para isso foi a atribuição de reforço orçamental à escola, o que possibilitou a aquisição de mais obras e, assim, expandir e diversificar o fundo documental da BE, mesmo só com 12 exemplares por livro. Para além disso, o PNL possibilitou a organização de práticas de fomento da leitura já levadas a cabo, por vezes de forma pouco integrada, e estimular a partilha de experiências e materiais.

Em termos gerais, as professoras consideraram que os alunos crescentemente se revelam mais interessados na leitura, o que poderá resultar das acções continuadas que a escola tem vindo a desenvolver nesse sentido e do reforço introduzido pelo PNL. Em contexto de sala de aula manifestam muita satisfação pelos minutos finais em que lhes é pedido que leiam ou que ouçam os professores ou outros colegas ler. Se um colega faz uma leitura pouco articulada ficam chateados e incentivam-nos a treinar a leitura. As dinâmicas de sociabilidade são fulcrais para estimular as práticas, já que os jovens não querem ficar mal vistos perante os colegas. Mesmo os alunos que apresentam mais dificuldades manifestam grande satisfação por estes minutos finais das aulas.

Porque sabe uma coisa engraçada? Sobretudo os alunos mais fracos, os alunos que têm mais dificuldades. Na minha turma é assim. São os que mais gostam daquela...não é? Aqueles 10 minutos eles gostam muito.

Eles pedem no início da aula “posso ir buscar os livros? Posso ir buscar os livros?” Gostam mesmo daquele tempinho, é engraçado. (...) Aconteceu-me no outro dia ler-lhes uma história e eles “oh, já acabou?”

Contudo, apesar deste interesse, as professoras queixam-se da falta de preparação de grande parte dos alunos, o que obriga a aprofundar conhecimentos sobre o funcionamento da Língua em momentos que deveriam ser dedicados à leitura.

Nós temos 45 minutos de Oficina de Português, mas o que se passa é que os meninos quando nos chegam, a falta de pré-requisitos é de tal ordem que esses 45 minutos de Oficina, eu este ano nunca li uma letra. O que fiz este ano com os 45 minutos foi fazer correcção ortográfica, exercícios de expansão de vocabulário, exercícios de correcção ortográfica, exercícios de pontuação, pontuar textos. Porque a falta de pré-requisitos é de tal ordem que não dá...temos mesmo que fazer esse tipo de coisas. Portanto, eu faço a leitura, mas não faço na Oficina de Português, faço numa aula normal. Porque Oficina é mesmo trabalhar o texto.

A motivação dos alunos é também evidente na BE, já que sempre que os professores se referem a um livro ou o trabalham na sala de aula, grande parte dos alunos procura requisitá-lo na biblioteca. Em casos menos frequentes chegam mesmo a comprá-los.

Quando estão a fazer a requisição para leitura domiciliária é fatal como o destino: “eu queria o livro que a professora leu”. Sempre.

Nos Jardins de Infância e nas escolas do 1º ciclo o contacto com o livro tem sido sempre quotidiano e estabelece-se uma relação muito forte entre as crianças e os livros. Por outro lado, a partir do 2º ciclo, as professoras sentem que essa ligação é enfraquecida e é nesse sentido que o projecto “Crescer a Ler”, e actualmente o PNL, pretendem actuar. No 2º ciclo os alunos ainda lêem bastante, mas a partir do 7º ano de escolaridade o interesse pela leitura começa a decrescer, o que pode ser explicado pela experiência da adolescência, mas também pelo facto de se tratarem de faixas etárias para as quais é difícil direccionar leituras.

Eu acho que aqui na biblioteca aquilo que constatamos é que o 2º ciclo lê bastante, não é? No 3º depois começam a requisitar menos livros. No 2º temos bons leitores, eu acho. Não acham? Nós aqui temos muito bons leitores. Agora no 3º ciclo aí começa a coisa a não correr tão bem.

Também tem a ver com a mudança de idade. Mas também tem a ver com o tipo de livros que há. Eu acho que há muito mais livros para a nossa, para as nossas faixas etárias...há ali uma...13, 14 anos é complicado porque ou são realmente miúdos que têm bastante maturidade e portanto já podem ler qualquer coisa ou então não há.

As professoras também sentiram que as acções de promoção da leitura têm tido impactos positivos nos docentes. Quando começou a ser implementado o projecto “Crescer a Ler” muitos deles manifestaram-se preocupados e desinteressaram-se, afirmando não ter tempo para levar a cabo as actividades. Contudo, progressivamente foram-se sensibilizando e actualmente estão bastante motivados e a desenvolver diversas acções com as suas turmas. Nem todos os professores têm manifestado o mesmo interesse, contudo, há uma parte significativa de docentes que se tem envolvido e empenhado bastante. Com o surgimento do PNL os professores que já levavam a cabo essas actividades continuaram a fazê-lo e alguns professores menos motivados passaram também a envolver-se nas acções.

Para uma efectiva promoção da leitura entre as crianças e jovens é também necessário mobilizar os encarregados de educação, contudo, não tem sido fácil fazê-lo e os esforços feitos nesse sentido nem sempre têm sido profícuos. Geralmente participam pouco, sendo que se manifestaram mais interessados na Semana da Leitura, embora não em número desejável. As professoras têm noção de que se alguns pais compram livros aos filhos, contam-lhes histórias e incentivam-nos a ler, grande parte deles não o faz, o que torna a acção da escola ainda mais relevante. Pretendem, portanto, criar cada vez mais acções direccionadas aos pais para procurar levá-los à escola e envolvê-los nas actividades.

O Plano Nacional de Leitura na sua organização

Grande parte dos professores teve conhecimento da existência do Plano Nacional de Leitura através das reuniões periódicas que têm com a RBE, através das primeiras notícias que surgiram na televisão e na imprensa, bem como do sítio na Internet da RBE. Contudo, foi através da coordenadora da BE que tiveram a possibilidade de conhecer mais aprofundadamente os principais objectivos e planos de acção do PNL. Para além disso, receberam também documentação específica da Comissão do Plano. Foi a coordenadora quem ficou responsável pela implementação do Plano na escola e foi, nesse sentido, quem fez o respectivo registo da escola. Nas escolas do agrupamento que têm BEs, ficaram os seus coordenadores como responsáveis pelo PNL. Noutras situações, foi seleccionado um professor para exercer essa função

Participaram inicialmente em reuniões com os vários professores do 2º ciclo onde foram discutidas as listagens de livros sugeridas pelo PNL para serem trabalhadas em contexto escolar. A coordenadora da BE

disponibilizou as listas a todos os professores interessados em desenvolver actividades de promoção da leitura no âmbito do PNL, sendo que os mesmos efectuaram uma pré-selecção, com base naquilo que lhes pareceu serem os interesses específicos dos seus alunos, que foi posteriormente discutida em conjunto e de onde resultou a selecção final.

A BE tinha já alguns dos livros que constavam nas listagens do PNL, que tinham sido adquiridos no âmbito do projecto próprio de promoção da leitura “Crescer a Ler” e, nesse sentido, não seria lógico canalizar recursos financeiros para essas obras, até porque, em muitos casos, existiam já 28 exemplares de cada título. Contudo, isso implicou terem de efectuar as suas escolhas com base nos restantes livros, que nem sempre consideraram ser os mais adequados às faixas etárias a que se direccionavam, geralmente por serem demasiado infantis.

As obras recomendadas para o Jardim de Infância, eu considero-as muito básicas. Acho que algumas são mais de creche. É a minha opinião e das colegas em geral. Depois é assim, muitos dos livros recomendados para o Jardim de Infância não eram do conhecimento dos educadores e aqui foi muito difícil essa escolha. Os educadores escolheram muitas obras e agora quando olham para as obras, querem pegar numa obra para trabalhar... Porque é assim, a “Hora do Conto” não tem novidade nenhuma no pré-escolar porque é uma actividade quase diária. E os professores sentem dificuldade em pegar na obra e que tipo de actividade lhe associar porque são obras assim muito simples.

A este respeito são os educadores dos Jardins de Infância quem manifesta maior descontentamento, considerando que as obras direccionadas para essas faixas etárias são fundamentalmente livros para manusear e não tanto para exploração.

A escola foi contemplada na 1ª fase de reforço orçamental com 2500€ para a aquisição dos livros sugeridos pelo PNL, o que deixou todos os professores envolvidos no processo bastante satisfeitos. No total, o agrupamento recebeu 13.000€. Mas alguns professores manifestaram-se desagrados com a forma como se processaram os financiamentos.

Mas aqui achei que... a escola que recebeu 2000€ tem menos alunos que a que recebeu 1500€. Não percebi muito bem essa...qual foi o critério de atribuição de verbas, não é? Porque uma escola com 90 alunos recebe 2000€ e uma com 120 e tal recebe 1500€, não é? Nota-se depois na aquisição de obras.

Posteriormente, no processamento da aquisição das obras depararam-se com vários dos livros esgotados nas editoras, o que os obrigou, nalguns casos, a reformular as suas opções, e noutros a aguardar durante vários meses pelas obras. Se no caso na EB 2, 3 de Leça da Palmeira esse atraso não foi problemático devido ao fundo documental de que a BE já dispõe, nos Jardins de Infância e nas escolas do 1º ciclo do agrupamento, acabou por comprometer o desenvolvimento das actividades previstas. Face a esta situação, optaram por seleccionar livros que não constavam das listagens iniciais sugeridas pelo Plano, mas que lhes pareciam ajustados às faixas etárias e interesses dos alunos. Tal como sugerido pela Comissão do Plano, adquiriram 12 exemplares de cada obra, o que consideram pouco positivo porque não possibilita disponibilizar um exemplar por aluno em cada turma. Os educadores dos JIs do agrupamento depararam-se ainda, como já referido, com livros desajustados às faixas etárias das crianças, tendo inclusive tentado trocar as obras de JI adquiridas por algumas direccionadas para o 1º ciclo.

Os livros do PNL encontram-se na BE. Sempre que algum professor pretende trabalhar uma das obras solicita-a antecipadamente na biblioteca, indicando o período de tempo que pensa dedicar à sua exploração. A BE tem, para esse efeito, um mapa onde organiza as requisições dos livros do PNL. A forma

como os professores gerem a utilização das obras é flexível e consonante com os objectivos de cada um. Geralmente, enquanto um determinado livro está a ser trabalhado por um professor, todos os exemplares utilizados permanecem na sala de aula onde o docente lecciona essa disciplina, sendo que só são devolvidos à BE quando termina a exploração da obra.

A equipa de professores que se encontra a trabalhar as obras sugeridas pelo PNL reúne com o coordenador da BE com muita frequência, o que se revela fulcral para a partilha de ideias, livros, experiências, actividades e materiais.

No período inicial de registo no PNL, a escola apresentou também como projecto o “Crescer a Ler”, que apesar de já existir previamente à criação do Plano, se adequava em pleno à execução do PNL na escola. O projecto, já implementado há 2 anos na escola, tem como principais objectivos abordar a formação de leitores como um processo de ensino/aprendizagem, despertar e reforçar o prazer de ler e reforçar práticas de leitura recreativa por oposição à leitura instrumental. Envolvendo alunos, professores e encarregados de educação pretendem promover o gosto pela leitura quotidianamente num período de 10 a 15 minutos, no qual os alunos poderão explorar de forma criativa e através de diversas actividades um conjunto diversificado de obras. As restantes escolas do agrupamento apresentaram também projectos próprios.

Quando surgiram dúvidas relativamente à implementação do PNL, a escola contactou a responsável regional da RBE, por ser uma pessoa bem informada acerca do Plano e por se encontrar mais próxima dos professores do que as profissionais da Comissão do Plano.

Actualmente os professores não visitam com frequência o sítio na Internet do PNL, apesar de o terem feito no início do ano lectivo. Nas escolas do 1º ciclo do agrupamento toda a informação que tem vindo a ser disponibilizada na página *online* do PNL é impressa e organizada num dossier que os professores podem consultar sempre que necessitarem. Na EB 2, 3 Leça da Palmeira, a coordenadora optou por imprimir apenas os documentos mais relevantes que colocou à disposição dos professores na BE.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais

As professoras concordam, em termos gerais, com a forma como o PNL está estruturado, considerando que o seu aspecto mais positivo está relacionado com a partilha de experiências e materiais.

Estou a gostar porque há uma partilha grande de experiências e isso acho que é interessante. Acho que tem sido interessante a partilha de actividades. Acho que também é um ponto positivo.

Por outro lado, criticaram a falta de tempo para levar a cabo as actividades de promoção da leitura num contexto em que têm programas curriculares para cumprir. Para além disso, algumas professoras manifestaram-se insatisfeitas com o facto de ser imposta uma hora de leitura diária para todos os alunos.

O problema principal é esse do tempo, na realidade. A calendarização e o tentar fazer tudo sem prejuízo do programa em si.

Há um programa que tem que ser cumprido, principalmente os do 4º ano que este ano têm provas e daqui a nada já aí estão. E assim eles vão ter que retirar tempo a alguma coisa para dedicarem à leitura, a esta hora da leitura e alguma coisa vai falhar. E como as provas têm um peso muito grande isso acabou por ser assim um factor limitativo. E depois a imposição. Acho que aquela imposição de ler uma hora por dia, quer dizer, gerou pânico nos professores. Notou-se muito que os professores andavam apavorados.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

A situação de Portugal relativamente à leitura e à literacia é bastante delicada, registando níveis de literacia demasiado baixos e hábitos de leitura muito fracos.

Todas as professoras consideram a criação do PNL fundamental, embora tardia, para melhorar os baixos níveis de literacia e para fomentar os hábitos de leitura entre a população portuguesa. Apesar de a situação de Portugal não ser favorável a este respeito, o Plano pode ter impactos positivos daqui a alguns anos.

Sugestões e Propostas

As professoras apresentaram algumas sugestões que consideram ser importantes para melhorar acções posteriores do Plano:

- porque muitos dos livros sugeridos pela Comissão do Plano se revelaram desajustados às faixas etárias a que se direccionavam e às realidades locais em que as escolas se inserem, no próximo ano lectivo as listagens deveriam ser revistas e corrigidas.

- o projecto “Crescer a Ler” permitiu disponibilizar um exemplar para cada aluno de cada obra trabalhada, o que revelou ser fulcral para motivar e responsabilizar os jovens. Nesse sentido, consideram que o PNL deveria seguir esta linha orientadora e não sugerir a aquisição de apenas 12 exemplares por livro.

- porque todos os professores das diferentes escolas do agrupamento se depararam com problemas de tempo para conseguir desenvolver as actividades de promoção da leitura, consideram que deveria ser possível criar um tempo próprio exclusivamente dedicado às acções do PNL, de modo a não prejudicarem os programas curriculares das disciplinas.

- gostariam que o PNL, para além de financiar a aquisição de livros, apoiasse também financeiramente a aquisição de outros materiais complementares às actividades desenvolvidas tendo por base as obras seleccionadas, particularmente nos Jardins de Infância e no 1º ciclo.

Agora acho que era bom haver um certo tipo de financiamento para a aquisição de material porque os professores querem fazer algum tipo de exploração e a nível de novas tecnologias ainda nos falta muita coisa e acaba por também ser um bocado limitativo. Na Biblioteca onde estou só tenho 2 computadores e não dá...mesmo que queira trabalhar um bocadinho algum tipo de pesquisa é muito complicado...porque com turmas de 20 e tal só 2 computadores é impossível. Ainda ontem eu senti essa dificuldade que eles foram pesquisar sobre o Vergílio Alberto Vieira e depois gerou confusão, não é? Porque só 2 computadores. E depois é assim, eu só pus 2 meninos a pesquisar, os outros, os outros ficam logo todos muito tristes, não é? E depois estivemos a elaborar perguntas para fazer ao escritor e só 4 meninos é que podem ir para o computador, 2 escrevem e 2 vão anotando. Agora os outros todos ficam assim sempre muito desiludidos.

1.2. Escola Básica de 1º Ciclo com Jardim de Infância da Torrinha (Porto)

1.2.1. Relatório de visita

O primeiro contacto com a EB1/JI da Torrinha foi efectuado telefonicamente a 7 de Março de 2007. Dele resultou a marcação de uma ida à escola para assistir ao encerramento das actividades da Semana da Leitura.

Esta primeira ida à escola realizou-se no dia 9 de Março. A actividade que marcou o encerramento da Semana da Leitura na escola foi uma largada de balões com poemas, que decorreu no átrio da escola. Era visível o entusiasmo dos alunos.

Para além de assistir a esta actividade, houve ainda oportunidade para falar com o professor de contacto com o PNL na escola (o coordenador do estabelecimento), que fez um resumo do trabalho que vinha a ser desenvolvido no âmbito do PNL, nomeadamente no que refere à Semana da Leitura. Foi ainda possível conversar com um membro do conselho executivo e com a coordenadora da BE, que, conjuntamente com o coordenador da escola, deram a conhecer o espaço da biblioteca. O trabalho desenvolvido pela coordenadora da BE foi elogiado pelos restantes e foi referido com contentamento o número de aquisições de livros efectuadas no ano lectivo transacto - cerca de 1700.

Alguns dos livros do PNL estavam na BE, mas a maioria encontrava-se no momento nas salas de aula. Na BE estavam expostas fotografias de actividades relacionadas com a leitura realizadas anteriormente, como encontros com escritores, teatros de fantoches e concursos de poemas (incluindo uma espécie de gincana de poemas entre as várias escolas do agrupamento). Num *placard* à entrada encontrava-se também um horário com a distribuição das turmas por grande parte das suas horas de funcionamento. À saída da BE já estavam alguns alunos à espera para entrar, já que ela tinha encerrado desde o início da actividade.

De notar ainda a presença, numa mesa à entrada da escola, de trabalhos de alunos, resultado de actividades desenvolvidas relacionadas com o livro e a leitura, que ali estavam expostos.

No final de Março, novo contacto telefónico com o coordenador da escola permitiu agendar mais uma visita à mesma, desta vez tendo como intuito principal a realização de entrevistas. Este respondeu prontamente ao nosso pedido, mostrando todo o interesse na visita e sublinhando que esta é uma escola integrada em muitos projectos. Uma data ficou definida com mais um telefonema, depois de o responsável ter falado com os professores.

A segunda visita à escola decorreu no dia 19 de Abril. Logo à chegada foi possível visualizar um cartaz do programa *O Porto a Ler*, exposto numa janela, visível do exterior da escola. Nos corredores estavam expostos vários trabalhos de alunos e era possível também encontrar afixados cartazes relativos a actividades relacionadas com a leitura e a escrita, como concursos literários organizados exteriormente à escola.

A primeira parte desta visita foi ocupada com visitas a salas de aula. Na sala de uma turma de 4º ano encontrava-se uma das professoras que viria a ser entrevistada. Com a sua ajuda, foi sendo gerada uma conversa com os alunos acerca dos livros que tinham sido lidos e das actividades que com eles tinham desenvolvido. Os alunos, muito participativos, foram lembrando algumas dessas actividades, não só as que desenvolveram este ano como em anos anteriores. Eles recordavam-se de vários livros, referiram vários

títulos e autores. Mostraram também com entusiasmo os fantoches que criaram para um teatro realizado na escola. Na sala estavam expostos alguns desenhos, que retratavam as várias fases de um dos livros que tinham lido.

Os alunos afirmaram gostar de ler, justificando que com a leitura se desenvolve a imaginação, aprende-se coisas novas e obtém-se conhecimentos que mais tarde serão úteis, tendo alguns também referido que os livros têm “coisas boas” porque às vezes fazem rir. Asseguram ir frequentemente à BE, com a professora mas também sozinhos, no recreio disseram alguns. A primeira coisa que referiram lá fazer é a requisição de livros, livros de histórias ou mais relacionados com o estudo, com as matérias escolares. Depois, referiram também o uso dos computadores, para pesquisas na Internet destinadas à realização de trabalhos, e o visionamento de filmes.

Numa outra sala, agora de JI, estava a educadora que viria também a ser entrevistada. Foi possível assistir um pouco à actividade que a ocupava - a leitura de um livro para as crianças. À medida que surgiam palavras novas para eles, a educadora ia chamando a atenção e explicando o seu significado. A entoação com que a história foi lida e os comentários e perguntas feitas pela educadora apelavam à implicação das crianças e à sua imaginação.

Foi ainda visitada uma terceira sala de aula, de uma turma de 2º ano, a pedido da sua professora, já que os alunos tinham preparado uma pequena dramatização. Tratava-se de um teatro de fantoches, que tinha sido apresentado pelos alunos aos encarregados de educação numa ocasião anterior.

A segunda parte desta visita à escola foi preenchida com entrevistas. Primeiro a entrevista ao professor de contacto com o PNL na escola e depois a entrevista conjunta com duas professoras e uma educadora. Ambas as entrevistas duraram cerca de 1h30m e todos os entrevistados se mostraram bastante cooperantes na prestação de informações.

Por ocasião das visitas efectuadas à escola, foi recolhido o seguinte material:

- Programação da Semana da Leitura;
- Guia do utilizador da BE (com informações sobre a BE, recursos, normas de conduta, incentivo da ida à BE);
- Folheto com “Informações e conselhos úteis para pais, professores e alunos” (com informações sobre a escola, contactos, direitos e deveres de encarregados de educação e de alunos);
- Jornal da escola (do 2º período do ano lectivo de 2006/2007, em que se aborda a Semana da Leitura);
- CD-ROM com *PowerPoint* sobre o trabalho que estava a ser desenvolvido na escola e na BE no âmbito do PNL (incluindo registo fotográfico, nomeadamente da Semana da Leitura);
- Panfleto de divulgação da Feira do Livro da escola;
- Plano esquemático da relação/articulação entre sala de aula e BE, a nível de projecto curricular/plano de actividades (elaborado em anos anteriores).

1.2.2. Entrevista a Professor de Contacto com o PNL na escola

Perfil do entrevistado

O professor de contacto com o PNL é o coordenador da escola. O entrevistado ocupa este cargo há três anos. É professor do 1º ciclo, profissão que exercia anteriormente, e tem a licenciatura de Gestão e Administração Escolar. Está perto da aposentação.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola

O trabalho desenvolvido por esta escola a nível do PNL passa, em primeiro lugar, pela leitura dos livros que foram seleccionados da lista recomendada. Esses livros estão a ser trabalhados dentro de cada uma das turmas que aderiram ao projecto.

Tanto os alunos do pré-escolar como os do 1º ciclo foram envolvidos nas actividades do PNL. Ainda que nem todos os educadores e professores tenham aderido formalmente, o professor de contacto com o PNL na escola afirma que todos acabaram por desenvolver na prática as actividades do projecto. Contudo, a leitura dos livros não parece ter sido nesses casos tão rígida.

Diariamente está determinada a disponibilização à leitura em sala de aula de uma hora/uma hora e meia, embora sendo variável. Foram utilizados os mesmos livros em todas as turmas de cada ano. Os livros do PNL circularam pelas salas de aula e no final regressaram à BE.

As actividades do PNL tentaram potenciar dinâmicas de trabalho em grupo. Grande parte dos trabalhos desenvolvidos a partir do livro foram realizados em grupo. Um aspecto também bastante salientado pelo professor de contacto com o PNL na escola é a interligação entre as actividades desenvolvidas no âmbito do projecto e o conjunto das actividades curriculares. A leitura e o trabalho a ela associado não são vistos como actividades estanques, separadas das restantes áreas curriculares, mas sim como actividades interdisciplinares. Para além da Língua Portuguesa, elas articulam-se com a Matemática, o Estudo do Meio, a Expressão Plástica, a Informática. A leitura está presente e é o suporte de todas as outras actividades.

Os livros são manuseados e trabalhados dentro, inclusivamente, do plano anual de actividades. As actividades são interligadas, não se utiliza a leitura como uma actividade estanque ou independente, mas sim uma actividade interdisciplinar, em que ela entra tanto na leitura como depois se vai entrosar em todas as outras actividades (...). Está tudo interligado. (...) A leitura não pode ser separada das outras actividades curriculares (...). Se não souberem ler e interpretar (...) automaticamente não sabem depois fazer matemática, analisar e discutir o estudo do meio...

Um outro ponto que se evidencia do discurso do entrevistado é a preocupação da motivação para a leitura dos alunos. O trabalho centrado nessa preocupação era algo já habitual na escola. É dada muita ênfase à criação do gosto pela leitura. Para isso, o coordenador da escola pensa ser indispensável mostrar aos alunos a utilidade da leitura, para que sejam eles próprios a ir à procura do livro, a sentir essa necessidade. Como refere, os professores utilizam “estratagemas”, determinados motes, para levar os alunos a perceber essa utilidade e a sentir essa necessidade. A partir dos temas abordados nas aulas, o professor promove frequentemente o trabalho de investigação, de pesquisa noutros livros para além do manual escolar. O livro é procurado como uma forma de aprofundar conhecimentos sobre esses temas.

Há um determinado contexto que motiva a criança a ler. Sem ser obrigada, ela é que se sente na necessidade de fazer a sua própria investigação. (...) O professor não impõe nada, usa estratégias no sentido de provocar na criança a vontade e a necessidade de utilizar o livro para dar as respostas que o professor quer que ela dê. Isto com o tempo vai obrigar a que a criança tenha gosto pela leitura, por conhecer...

Esse tipo de trabalho remete também para a articulação da sala de aula com a BE. Existe uma calendarização que estipula uma hora obrigatória semanal, dentro do horário lectivo, em que cada professor deverá levar os seus alunos à biblioteca. Nessa hora são desenvolvidas várias actividades, nomeadamente a leitura de contos, a elaboração de determinados trabalhos, o visionamento de vídeos e DVDs relacionados com temas ou leituras que estejam a ser trabalhadas na turma. Fica assim registada também a utilização de outros suportes para além do livro. As actividades que têm lugar na BE são dinamizadas pelos professores e pela coordenadora desse espaço.

Para além dessa hora semanal, os alunos são incentivados a deslocar-se autonomamente à BE e a fazer a requisição de livros. Nos primeiros anos de escolaridade os professores começam logo a dar pistas às crianças para que elas comecem a sentir a necessidade de procurar um livro e para que a requisição passe a ser “uma actividade corriqueira”.

A escola participou também em actividades promovidas pela BM Almeida Garrett, como a Hora do Conto e outras actividades ligadas à leitura, que se articularam com o trabalho desenvolvido em sala de aula.

A Semana da Leitura teve grande destaque na escola. As várias actividades desenvolvidas a partir da leitura de livros no âmbito do PNL, ao longo do ano, permitiram a elaboração de uma programação muito rica, segundo o professor. Foram desenvolvidas várias actividades no decorrer dessa semana.

Em primeiro lugar, destaca-se a organização de encontros com escritores, mais propriamente com Luísa Dacosta e também com um autor mais principiante. Pretendia-se possibilitar o contacto dos alunos com escritores de obras que eles já tinham lido na escola.

Em segundo lugar, a leitura de histórias por um encarregado de educação, o presidente da Associação de Pais. Essas histórias baseavam-se em livros do seu tempo. A participação mais alargada dos pais foi também prevista, embora não na dinamização, mas para assistir a actividades desenvolvidas pelos alunos. Assim, em terceiro lugar, evidencia-se a apresentação de trabalhos dos alunos para os encarregados de educação, como teatros de fantoches ou apresentações de histórias através de diapositivos. Para além dos professores, a coordenadora da BE auxiliou também a preparação destas apresentações.

A divulgação dos trabalhos realizados pelos alunos passou também pela montagem de uma pequena exposição, à entrada da escola, que esteve patente durante toda a semana, para que eles fossem vistos pelos encarregados de educação.

Em quinto lugar, foi promovido o intercâmbio entre as escolas do agrupamento. Cada escola fez-se representar com uma ou duas turmas para um encontro que teve lugar na sede de agrupamento, mais propriamente na sua BE. Nesse encontro os alunos desenvolveram várias actividades, como teatros de marionetas ou recitais de poesia.

Uma última actividade, de encerramento da Semana da Leitura, que foi desenvolvida em simultâneo por todas as escolas do agrupamento, consistiu no lançamento de balões com poesias e mensagens criadas pelos alunos.

No quinto dia foi o encerramento do PNL. Achámos por bem terminá-lo com alguma cor, e fizemos o lançamento de balões. Esses balões levavam poesias e mensagens criadas pelos alunos. (...) E o mais engraçado é que na semana seguinte recebi um telefonema de perto de Coimbra de um senhor que quando se levantou encontrou um balão na sua varanda, leu a mensagem, ficou comovido, e, como estava lá o nome da escola, ligou para cá a comunicar...

O professor de contacto com o PNL na escola afirma que, ainda no decorrer do ano lectivo, irá ser continuado o trabalho que foi iniciado no âmbito do PNL, através da circulação dos livros.

As actividades da Semana da Leitura foram “publicitadas” à entrada da escola e foi enviado por cada aluno um convite aos pais para estes irem assistir às actividades preparadas por eles. Segundo o entrevistado, a adesão dos pais ultrapassou as expectativas: “Nunca pensávamos que viesse tanta gente, porque são horários de trabalho. Houve bastante participação em termos de presença, a ver as actividades.”

Os alunos parecem ter gostado desta iniciativa, segundo relata o professor de contacto com o PNL na escola: “Gostaram, pediram para continuar. São actividades que eles gostam imenso, eles gostam muito da criatividade, gostam de escrever, gostam de ler, de apresentar determinados trabalhos que realizam...”. Também actividades mais singulares, como o lançamento de balões com poemas, ou o encontro com escritores parecem ter tido um impacto significativo nos alunos.

A adesão dos professores ao PNL também foi positiva. Todavia, nem todos aderiram formalmente a ele. Enquanto doze professores do 1º ciclo e uma educadora do JI aderiram logo aquando do processo de inscrição, dezanove professores do 1º ciclo e duas educadoras não o fizeram. Segundo o professor de contacto com o PNL na escola, a reduzida participação inicial de alguns professores deveu-se ao facto de eles já estarem integrados em vários projectos da escola e por pensarem que mais um projecto iria de algum modo “desorganizar a estrutura que eles quando se organizaram em princípio iam ter”. Ainda assim, é referido que todos os professores, independentemente de terem dado o nome ou não para participação no PNL, acabaram por colaborar e desenvolver o mesmo tipo de actividades que os professores integrados formalmente no projecto, inclusivamente na Semana da Leitura.

Embora, como refira o entrevistado, a escola já promovesse inúmeras actividades ligadas à promoção da leitura, em grande articulação não só com a BE como também com a BM, o PNL não deixou de trazer resultados positivos. Contudo, estes vieram na continuidade de todo um trabalho que tem vindo a ser realizado e que já tem vindo a trazer os seus próprios frutos.

Em relação aos professores, é reconhecido o fomento da cooperação entre eles. O facto de estarem a trabalhar os mesmos livros, de estarem a desenvolver um mesmo projecto dentro da escola, veio de algum modo aumentar a partilha entre os professores mas também destes com a coordenadora da BE. Estão todos a trabalhar com o mesmo objectivo.

Este projecto veio criar um elo muito forte entre os professores (...). Estão a trabalhar os mesmos livros, estão a trabalhar dentro de um projecto de escola... Estão todos entusiasmados e interessados em levar este projecto em frente. Veio de algum modo fazer com que todos os intervenientes do processo educativo dentro da própria escola funcionem em uníssono, todos trabalham com o mesmo objectivo.

O PNL veio também reflectir-se positivamente nos alunos. Os alunos sabem da existência do programa, é falado dentro das salas, na BE, nas actividades que se desenvolvem. Segundo o entrevistado, o PNL é já um termo familiar para eles e acaba por ser “uma capa com um grande nome”, porque eles já

estavam habituados ao desenvolvimento daquele tipo de actividades. Todavia, o programa deu-lhes outro suporte, uma outra dimensão.

Para além disso, o PNL veio aumentar o número de livros da BE, da escola, o que é considerado muito importante, na medida em que veio proporcionar uma maior variedade de títulos, de oferta para satisfazer os alunos.

Veio aumentar o número de livros, que é importantíssimo, na medida em que já estávamos a cair no risco das crianças estarem a ler livros repetidos, porque temos muitas crianças que “devoram” livros...

Por outro lado, a itinerância do livro pelas salas de aula foi uma novidade. O contacto com os livros era feito maioritariamente a partir da BE.

Tudo isto fomentou ainda mais a motivação para a leitura e veio “espicaçar o gosto” pela pesquisa e também pela troca de impressões acerca dos livros e dos temas que estes abordam: “Aquilo que eles lêem não passa ao lado, trocam impressões entre eles sobre os assuntos dos livros.”. Segundo o entrevistado, o trabalho que tem vindo a ser feito na escola no sentido de motivação para a leitura é positivo e vem de encontro aos objectivos do PNL. A maioria dos alunos procura o livro por vontade própria, porque é-lhes dada a conhecer a utilidade dessa leitura. O número de requisições de livros é considerado bastante elevado.

A criança vê que através do livro adquire determinadas vivências e conhecimentos que de outro modo não os consegue ter. (...) Acontece que os livros aqui nesta escola têm tido um movimento fantástico e isso apraz-nos, na medida em que os livros não servem para tornar bonitas as estantes mas sim para serem utilizados, para serem trabalhados convenientemente. As crianças gostam, cada vez requisitam mais livros e utilizam-nos também no seu conhecimento.

O entrevistado assumiu, contudo, que existem diferenças entre alunos no que respeita à sua relação com os livros. Alguns alunos são mais resistentes à leitura do que outros. Essas diferenças são relacionadas, segundo este, também com a transmissão ou não do gosto pela leitura em casa. A escola tem alunos originários de vários estratos sociais, “desde o menino de rua, os meninos de instituições”, que não têm esse suporte em casa.

O PNL veio ainda de alguma forma potenciar o contacto entre as escolas e BEs do agrupamento, o que o entrevistado pensa que poderá ter sido um passo importante para iniciar um caminho de maior articulação a este nível. O intercâmbio entre as escolas foi proporcionado pela Semana da Leitura, que favoreceu uma maior dinâmica no desenvolvimento, bem como na junção de actividades entre diferentes escolas.

A médio/longo prazo, o entrevistado espera que, a manterem-se os processos que estão a ser utilizados, os efeitos pretendidos venham a ser alcançados - o aumento do gosto dos alunos pela leitura e pelo conhecimento.

O Plano Nacional de Leitura na sua organização

O coordenador da escola tomou conhecimento do PNL por via do agrupamento, através de uma carta que foi enviada pela Comissária do Plano. No decorrer do ano, não receberam mais informação em suporte papel. Toda a informação que necessitam no âmbito do PNL é consultada na Internet, no *site* criado para o efeito. Lá têm encontrado o que pretendem.

Toda a informação que nós queremos normalmente vamos à Internet. (...) Isto passa a ser quase como uma enciclopédia, vamos lá quando precisamos.

A decisão de adesão da escola ao PNL foi imediata e foi tomada pelo próprio coordenador da escola: “Tudo o que seja em prol da escola aderimos”. A elaboração inicial do projecto e a decisão de escolha dos livros ficou a cargo da coordenadora da BE e das professoras.

Alguns dos livros da lista do PNL foram seleccionados pelo conhecimento prévio dos autores ou da própria obra, tendo também em atenção a escolha de livros de que a escola não dispusesse. Outros foi “por simpatia”, já que não se conheciam todos os livros apresentados na lista, por esta ser muito vasta. Parece que, contudo, não surgiram desilusões provocadas por essas escolhas mais aleatórias.

Muitos livros foram seleccionados e comprados porque já se conheciam, conheciam-se e não tínhamos, porque já temos aqui muitas obras infantis e havia interesse, uma vez que havia este projecto, em comprar livros que não tivéssemos. Outros foi por simpatia, olhou-se para o título, era gracioso, era bonito, e comprou-se. Por acaso acertámos.

A escola acabou por receber financiamento do PNL para a aquisição dos livros, um montante de 2500 euros. Todos os livros adquiridos com esta verba faziam parte da lista do PNL. Contudo, acharam preferível não adquirir doze exemplares de cada título¹². O número de exemplares de cada obra variou de acordo com o ano de escolaridade e a faixa etária dos alunos, embora sem nenhuma regra muito particular: “Para o JI comprámos seis de cada título. Para o 1º ciclo, para o 1º ano, que tem alunos de seis anos, comprámos cinco, depois para o 4º ano comprámos já sete ou dez... Pretendíamos comprar a quantidade de livros necessária para satisfazer as necessidades da escola, para além disso dentro do orçamento que nos foi dado.”

À data da entrevista a escola não tinha ainda recebido todos os livros encomendados à livraria. Eles foram chegando, aliás, a “conta-gotas”. Ainda assim, a escola optou por não substituir os livros em falta, uma vez que lhe foi garantido que os títulos iriam ser disponibilizados. Foi também referida a dificuldade por parte das editoras em responder eficazmente aos pedidos das escolas.

A operacionalização do projecto da escola para o PNL contou com o trabalho conjunto de todos os docentes e da coordenadora da BE, referiu o entrevistado. Todos trabalharam com o mesmo fim. A colaboração da coordenadora da BE passou também, por exemplo, pela elaboração, em conjunto com o professor de contacto com o PNL, da programação da Semana da Leitura na escola. Essa parte de organização das actividades parece ter passado mais por esses dois intervenientes.

A BE teve um papel muito importante no desenvolvimento das actividades do PNL e é referida a mais-valia da sua integração na RBE e, vista como consequente, ligação às BMs. O trabalho “em rede” proporciona o acesso privilegiado a determinadas actividades realizadas pela BM e uma maior troca de informações e partilha entre bibliotecas. A EB1/JI da Torrinha está particularmente ligada à BM Almeida Garrett, também pela participação no seu projecto educativo *Porto de Crianças*. É frequente a deslocação a esse espaço para assistir à Hora do Conto ou participar em outras actividades ligadas à leitura. Este intercâmbio é uma mais-valia também para o desenvolvimento do projecto relativo ao PNL.

¹² Posteriormente, em entrevista à coordenadora da BE e a um grupo de professoras, foi referida a aquisição de doze exemplares de cada título. Parece existir uma contradição quanto a este aspecto, possivelmente por falta de informação do professor de contacto com o PNL na escola.

Quanto a apoios de outras entidades, é apenas reconhecida essa colaboração da BM. A nível financeiro, a escola não teve acesso ao apoio concedido pela Câmara para aquisição de livros, uma vez que já tinha recebido o reforço orçamental do PNL.

Da parte dos encarregados de educação e da Associação de Pais, a participação no PNL passou pela Semana da Leitura. Os pais terão tido conhecimento da integração da escola no Plano por intermédio dos professores, através de reuniões de turma. Todavia, eles já estão habituados há muito tempo a ver os alunos desenvolver o tipo de trabalho realizado no âmbito do projecto, inclusivamente ao recurso a outros livros para além do manual escolar, segundo o professor de contacto com o PNL na escola.

Foi também por ocasião da Semana da Leitura que tiveram lugar actividades coordenadas a nível do agrupamento. Depois de elaborada uma programação para essa iniciativa, o coordenador da escola mostrou-a ao Conselho Executivo e propôs a sua adesão, o que veio a acontecer. A partir daí, foi feita a divulgação do programa para outras escolas do agrupamento e a adesão destas foi também positiva. Assim, para além da organização de um encontro entre alunos das várias escolas, para apresentação de trabalhos, foi também adoptado pelas outras escolas um programa para a Semana da Leitura baseado no que a EB1/JI da Torrinhã tinha preparado.

O que pretendíamos era que este plano fosse de um agrupamento e não de uma escola isolada, e acho que isso foi atingido. Todos os professores e escolas do agrupamento cumpriram este programa, com maior ou menor envolvimento... (...) Este programa específico foi só para a escola, agora todas as outras escolas baseadas neste programa também elaboraram o seu.

O entrevistado considera que o projecto apresentado inicialmente e as actividades a que se propuseram estavam a ser cumpridos, sem desvios.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais

A criação do PNL é considerada muito importante pelo entrevistado. Na sua opinião, algumas actividades que o Plano propõe que não eram frequentes na maioria das escolas. O PNL veio reforçar e mostrar a necessidade da utilização do livro, dando também meios às escolas para que fomentassem essa prática.

À escola é reconhecido o papel fundamental de transmissão do gosto pela leitura. Para algumas crianças que não têm esse incentivo em casa, o gosto e o hábito de ler apenas podem ser adquiridos através da escola. Por isso, a acção do PNL é positiva neste contexto. Para além disso, é nas camadas mais jovens, entre os seis e os dez anos, que deve ser apostada esta iniciativa e este tipo de trabalho, para que no futuro se venham a obter mais resultados e mais frutos.

Quanto à divulgação que foi feita do PNL, o responsável pensa que ela terá sido bem sucedida. No caso da EB 1/JI da Torrinhã, a mensagem foi compreendida e está a ser posta em prática. Contudo, poderá não ter chegado a outras escolas, mais resistentes a este tipo de projectos. A nível mais geral, o entrevistado pensa que toda a gente tem conhecimento da existência do PNL e já entendeu quais os seus objectivos. A marca Ler+ é considerada um apelativo, dando uma imagem da preocupação que as pessoas deverão ter em ler: “pode ser uma dica para criar vontades e crescer o interesse”.

Não foi identificado qualquer aspecto negativo do PNL.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

Quando questionado sobre a situação do país quanto à leitura e à literacia, o professor de contacto com o PNL na escola chama a atenção para a substituição da utilização do livro, como fonte por excelência do conhecimento e do saber, ou até do jornal, por outros suportes, como a Internet ou os audiovisuais. Em seu entender, tal não deveria acontecer e esta situação é particularmente visível entre as novas gerações, tendo referido que os jovens gostam cada vez menos de ler.

Para o entrevistado, é importante promover a leitura porque ela é a base de tudo, de todos os conhecimentos. Há todo o interesse em motivar que a leitura seja um “acompanhamento constante de todo o indivíduo”.

O PNL está a contribuir para melhorar a situação do país quanto à leitura e à literacia, motivando mais as novas gerações para a leitura através da sua acção ao nível do JI e do 1º ciclo. Através dela, o entrevistado pensa que se conseguirão resultados no futuro.

É nestas idades, do JI e do 1º ciclo, que se devem dar as bases essenciais da motivação para a leitura, e acho que através disto se conseguirá alguma coisa no futuro. Se não for assim, vamos ter graves problemas, porque os jovens cada vez gostam de ler menos.

Sugestões e propostas

Foi sugerida a promoção pelo PNL de encontros com escritores. Segundo o entrevistado, esta é uma das actividades que mais motiva as crianças e os jovens para a leitura. É uma estratégia muito eficaz, porque, depois de lerem um livro, eles gostam de conhecer o seu autor e isso traz uma motivação acrescida. Os responsáveis do PNL deveriam estabelecer um mecanismo que facilitasse a organização destas iniciativas, no sentido de que alguns escritores pudessem ir às escolas através do Plano.

As crianças quando lêem um livro de um determinado autor querem conhecer essa pessoa, querem falar com ela, fazer-lhe perguntas... Nem queira saber o entusiasmo que estas crianças tiveram quando vieram cá os dois escritores. (...) Eu acho que o autor pode ser meio caminho andado... Nós podemos fazer tudo e mais alguma coisa, mas o autor só com a presença dele pode motivar muita criança a começar a ler. (...) Se não se arranjar um esquema diferente no sentido de mobilizar e pelo menos sentir e tentar descobrir o que é que eles gostam para os motivar... e uma das coisas que eles gostam é a presença de um escritor.

1.2.3. Entrevista a Professoras

Perfil das entrevistadas

A primeira entrevistada é educadora de infância. Licenciada em Ciências da Educação, frequenta o mestrado em Educação e Herança Cultural. Tem 49 anos e sempre trabalhou em JIs. Está pelo segundo ano nesta escola.

A segunda entrevistada lecciona o 2º ano e possui a licenciatura em Ensino Básico - 1º Ciclo. Já trabalha nesta escola há muitos anos. Encontra-se no final de carreira, perto da aposentação.

A terceira entrevistada, professora do 1º ciclo, lecciona actualmente o 4º ano. É licenciada em Ciências da Educação e está a fazer o mestrado em Expressões Artísticas na Educação. Tem 48 anos.

As actividades de promoção da leitura desenvolvidas este ano pelas professoras entrevistadas vêm na continuidade do tipo de trabalho que já faziam em anos anteriores. As professoras afirmaram seguir as orientações que estão na base do PNL ainda antes do lançamento do Plano.

Todas as professoras conjugaram o PNL com outros projectos em que já estavam integradas. No caso da educadora, é salientado o trabalho que está a ser desenvolvido com um grupo do concelho de docentes da educação pré-escolar, ao nível do agrupamento (no agrupamento existem mais dois JIs). Este projecto, que também tem por base o PNL, consiste na circulação pelas escolas de um baú com histórias, poemas, lengalengas e trava-línguas. A partir delas, são propostas tarefas aos alunos de cada escola, no sentido da continuidade desse trabalho entre escolas. Essas tarefas baseiam-se em diferentes formas de recriação das histórias ou textos apresentados.

As professoras de 1º ciclo mencionam, por sua vez, o projecto de animação comum de BEs promovido pela BM Almeida Garrett. Todos os anos é escolhido um dado escritor para ser trabalhado em todas as BEs do 1º ciclo do Porto, e esse trabalho tem envolvido todos os professores da escola. Este ano a autora escolhida foi Luísa Ducla Soares. As professoras acharam que não teriam de prescindir deste projecto e do trabalho dos livros desta autora pela existência do PNL e que faria sentido a articulação entre eles. Assim, para além de aproveitarem os livros recebidos através do PNL, já que Luísa Ducla Soares era uma das autoras presentes na listagem, acabaram também por trabalhar, embora menos sistematicamente, outros livros do PNL de outros autores. Foi, aliás, frequente o recurso a diferentes livros, conforme os seus temas se tornaram oportunos.

Este ano começámos a trabalhar a Luísa Ducla Soares, mas isso não impede que trabalhemos outros autores, porque surge um livro que achamos interessante ou há uma sugestão e vamos buscar. (...) Estou com um dado livro, mas não paro só naquele, vamos sempre procurando novos livros e novas ideias (...). O que me interessa e o que acho importante é a motivação para a leitura. (Professora do 1º ciclo)

Em geral, não houve uma apropriação integral de todos os livros do PNL adquiridos, mas os que não foram trabalhados mais sistematicamente este ano serão aproveitados no futuro. Foi-se também recorrendo a outras obras, conforme os projectos e os temas iam surgindo. Com a multiplicidade de projectos, não seria possível centrarem-se apenas nos livros do PNL.

Não há assim uma apropriação integral de todos os livros que estão no PNL, aquilo eram sugestões, podíamos apropriar-nos de dois ou três (...). A envolvência com a Luísa Ducla Soares também era importante fazermos a ponte, e eu também estou a fazer um trabalho com as crianças, em que eu tenho de ir buscar outros autores também para esse trabalho... Quer dizer, acho que seria excessivo estar a usar todos os do PNL, mais a ponte com os projectos da escola, com outros com que nos precisamos de socorrer para algum tema... Acho que o PNL tem a flexibilidade para nós os podermos usar, agora e no futuro. (Educadora do JI)

O tempo dedicado à leitura orientada em sala de aula é variável, mas estará perto de uma média de uma hora diária.

Não tenho muito horário rígido, sei que todas as semanas lemos, quase todos os dias lemos, mas depende muito. Fazendo uma média artificial, uma hora por dia de certeza, no conjunto da semana. (Professora do 1º ciclo)

Quando os alunos ainda não têm desenvolvidas todas as competências de leitura, como no pré-escolar ou ainda no 1º ano, são as professoras que lêem, mas depois é variável. No caso do JI, a educadora refere que

o mais importante é o saber ouvir. Mesmo que as crianças não compreendam o conteúdo integral de uma história ou de um poema, o simples facto de estarem a ouvir já é positivo: “o facto de eles estarem a ouvir, eles sentirem as palavras dentro deles, eu acho isso muito importante”.

Algumas das actividades realizadas a partir da leitura dos livros foram a recriação das histórias através da escrita, da expressão plástica, de banda desenhada, da pintura, do teatro de marionetas e de fantoches, os trabalhos de pesquisa. Actividades que promovem a imaginação são preferidas a fichas de leitura. As professoras mencionaram por vezes fazer a compreensão dos textos, referindo a importância de estruturar as ideias, embora tal não aconteça com todos os livros e leituras. Algumas são apenas pelo prazer de ler, para desfrutar e explorar de outras formas que não através de fichas de leitura. E muitas vezes o registo escrito é substituído ou antecipado por uma troca de ideias oral. Uma professora afirma mesmo que se fosse fazer sempre fichas de leitura depois de ler um livro, os alunos perderiam o gosto e a vontade de ler. Há um grande apelo à imaginação dos alunos e articulação de várias áreas disciplinares.

Eles fazem muitos quadros para construir as histórias. A pintura é outro suporte para a construção da história, que eu também acho importante. Se bem que eu os motivei que cada quadro tinha uma história e então eu vou sempre a procura da história por detrás do quadro ou para além do quadro. (Educadora do JJ)

No ano passado eu trabalhei o surrealismo por causa do Eugénio de Andrade. Fizemos um bicho esquisito... (...) feito com materiais reciclados. (...) eles próprios é que inventaram outros bichos esquisitos, a partir da estrutura da poesia do Eugénio de Andrade (...) eles tinham de transformar aquilo num objecto de plástico, e tudo a partir de uma poesia. Muitas vezes eles sugerem coisas giríssimas, que nós nem nos tinha passado pela cabeça... (Professora do 1º ciclo)

A principal diferença do trabalho realizado este ano, em relação aos anos anteriores, foi o facto de poderem usufruir de alguns livros novos, adquiridos no âmbito do PNL, e de vários exemplares de cada título. Esse factor é essencialmente mencionado pelas professoras de 1º ciclo. No caso do 4º ano, a existência de vários exemplares de cada livro permitiu um trabalho mais autónomo por parte dos alunos. Os livros foram levados para casa e lidos por todos os alunos. Depois cada um seleccionou os contos que mais gostou e, partir daí, foram organizados grupos de trabalho conforme os contos favoritos e foram os próprios alunos a fazer propostas de exploração uns aos outros.

Também as crianças do pré-escolar levaram os livros do PNL para casa. Foram eles próprios que o pediram. Esta foi também uma forma de envolver os pais e de levá-los a participar nas actividades de promoção da leitura que estavam a ser desenvolvidas.

Quando os pequeninos começaram a levar os livros para casa, foram eles mesmo que sugeriram. (...) este ano foram eles: “Deixas-me levar o livro para casa?”, e então arranjámos um saquinho e tinha sempre dois ou três livros a circular. E os pais fazem o *feedback*... Para além de lerem, vai para casa e depois os pais constroem com os miúdos algo acerca da história, têm construído quadros, têm construído fantoches, têm construído ilustrações, próprias historinhas em banda desenhada. Para além de trabalhar na escola é importante também fazer um bocadinho a ponte com a família, sobretudo quando eles são mais pequeninos. Os pais sentem curiosidade. (Educadora do JJ)

Na escola, o trabalho desenvolvido com os livros foi realizado tanto em sala de aula como na BE. É central no discurso de todas as interlocutoras o papel central que a BE tem na escola e as vantagens de a escola ter uma BE integrada – que, afirmam, enriquece muito o trabalho ligado ao livro e à leitura. Para além disso, a BE e a sua coordenadora constituem-se como um elo entre os professores, um incentivo ao trabalho conjunto.

É o segundo ano que estou aqui e o segundo ano que estou a trabalhar integrada numa escola onde tenho uma biblioteca (...). O facto de eu ter uma biblioteca integrada aqui é muito mais enriquecedor para qualquer coisa que nós possamos fazer com os miúdos. (Educatora do JI)

É muito fácil cair no individualismo na escola... A figura da coordenadora da BE é muito importante, até como veículo de informação, ela faz a ponte entre os professores. (...) Esta envolvimento de toda a escola nesses projectos é muito centrada nela. Digamos que é o espaço em comum de todas nós... Mesmo em termos físicos, de facto as salas são compartimentadas, e portanto ali é um espaço dividido por todos e ela faz a articulação (...), acaba por ser uma figura comum a toda a gente. E ela conhece os miúdos todos pelo nome. (Professora do 1º ciclo)

Há toda uma rotina de trabalho ligada à BE. As professoras recorrem frequentemente a esse espaço para desenvolverem diversas actividades em articulação com o trabalho curricular e de sala de aula, aproveitando o apoio da coordenadora da BE e os recursos materiais que lá se encontram. Todas as semanas, cada turma tem uma hora marcada na BE. Lá lêem-se histórias e desenvolvem-se vários trabalhos de exploração das leituras. Em geral, as actividades baseiam-se no livro, mas o espaço é também aproveitado para desenvolver actividades centradas noutros suportes, como pesquisas na Internet e visionamento de filmes ou vídeos educativos. Há uma forte participação da coordenadora da BE na dinamização das actividades que lá ocorrem.

Para além da articulação BE-sala de aula, há também uma ligação muito estreita da escola com a BM Almeida Garrett. Para além da integração no já referido projecto comum de animação de BEs, as professoras da EB1/JI da Torrinha deslocam-se também frequentemente à BM e participam em inúmeras actividades que esta promove.

Nós tivemos sempre uma relação muito próxima com a Biblioteca talvez porque seja uma escola que está sempre aberta e sempre à espera que venham actividades. Mal surge uma actividade, a nossa escola diz sempre que sim, e por isso somos talvez privilegiadas nesse aspecto, porque na Biblioteca Almeida Garrett sabem logo à partida que pode mais ninguém estar disposto, mas nós estamos. (...) E temos uma grande vantagem, que é podermos ir a pé com os miúdos. (Professora do 1º ciclo)

A própria escola intervém no processo de concepção das actividades da BM, dando por vezes sugestões. A BM tem-se mostrado aberta às suas indicações.

Há de facto essa articulação, temos uma ligação muito estreita com a Biblioteca Almeida Garrett, eles têm sido abertos aos projectos que nós mandamos. O ano passado nós sugerimos o Eugénio de Andrade e eles pegaram no tema e espalharam por todas as bibliotecas de escolas do Porto. (Professora do 1º ciclo)

Ao longo do ano vão surgindo várias ocasiões que são aproveitadas para apresentar e expor os trabalhos realizados pelos alunos. A Semana da Leitura foi uma delas. Essa apresentação foi feita, não só para encarregados de educação, como para alunos e professores de outras escolas do agrupamento.

As professoras estavam também a prever a realização, no final do ano lectivo, de uma apresentação aos pais dos trabalhos realizados no âmbito do projecto de animação comum das BEs, a ter lugar provavelmente na BM Almeida Garrett. Nos próximos anos esperam continuar o tipo de trabalho que têm vindo a desenvolver.

A participação dos pais nas actividades da Semana da Leitura foi bastante surpreendente. Através dos alunos, foram enviados convites aos pais, onde se solicitava a sua presença no dia dedicado à apresentação de trabalhos pelos filhos. A maioria dos pais esteve presente, mesmo coincidindo as actividades com o horário

de trabalho. Também ao longo do ano, os pais, em geral, mostraram-se empenhados em apoiar os alunos nos trabalhos desenvolvidos a partir dos livros, que muitas vezes levavam para casa.

Apesar da adesão positiva ao PNL por parte de pais, professores e alunos, as professoras referiram que o projecto não trouxe nada de muito novo, porque a prática de promoção da leitura já existia. Segundo as professoras, o PNL constituiu-se como mais um “pretexto” para desenvolver este tipo de actividades, veio legitimar ainda mais a actuação da escola neste campo e eventualmente reforçar a sua dinâmica.

Com o PNL nós somos capazes de ter dado uma dinâmica mais activa em alguns aspectos, mas não veio alterar muito aquilo que já fazíamos até a data. (...) O PNL veio comprovar que estávamos a trabalhar bem. (Professora do 1º ciclo)

A maior mais-valia do PNL para a escola foi a atribuição de reforço orçamental para a aquisição de livros novos e de vários exemplares de cada título. O reforço orçamental trouxe alguma novidade, pois veio facilitar o trabalho em sala de aula. No caso do 4º ano, por exemplo, a existência de vários exemplares permitiu o contacto directo de todos os alunos com o livro e a sua leitura domiciliária.

E essa é a grande vantagem que eu tive no PNL, porque tenho uma turma de 25 alunos, um livro para ser lido por todos, mesmo que haja cinco, demora muito tempo aquilo a rodar... (...) A grande inovação foi essa, todos leram aqueles dois livros (...). Portanto, é um processo que eu só pude fazer porque tinha esta quantidade de livros, porque senão não era viável. (Professora do 1º ciclo)

As professoras acabam por fazer o balanço do trabalho que têm vindo a realizar ao longo dos anos ao nível da promoção da leitura, que afirmam ser positivo. Segundo as professoras, a articulação existente com a BE e com a BM Almeida Garrett, que por sua vez lhes dá a ligação à RBE, cria uma dinâmica interessante e permite um intercâmbio muito favorável.

Há muita articulação, eu acho que as coisas funcionam por haver essa articulação. Para já porque a coordenadora é muito activa e gosta muito do que faz, o que é fundamental. E essa ligação com a Biblioteca Almeida Garrett, que, por sua vez, dá-nos a ligação à Rede de Bibliotecas Escolares, cria uma dinâmica engraçada (...) e há intercâmbio. (Professora do 1º ciclo)

Os alunos gostam muito de ir à BM. As actividades lá desenvolvidas, como a Hora do Conto, atraem bastante o interesse das crianças, até daquelas que geralmente são mais desinteressadas e mal comportadas.

Uma das coisas que eu noto nesta escola é que são raros os miúdos que não gostam da BM, que não gostam de ir à Hora do Conto. Todos eles adoram. Ainda esta semana fui lá à Hora do Conto e a história foi contada de uma maneira tão interessante... a pessoa que contou a história estava a viver aquilo... que os miúdos estavam presos nela, de tal modo que ela fazia deslocações e os miúdos automaticamente se deslocavam... (...) eu tenho uma turma muito complicada e durante aquele tempo eu não conhecia a turma. E isso são os momentos para mim mais espectaculares, (...) no momento em que se conta uma história, por mais banal que ela seja, aquele burburinho todo desaparece, e isso é óptimo. (Professora do 1º ciclo)

O trabalho que a escola tem vindo a desenvolver, acreditam, tem tido já efeitos ao nível das práticas de leitura dos alunos. Um dos indicadores, para elas, do interesse deles pelos livros e pela leitura, é a elevada requisição de livros.

É um dos processos que aqui acontece muito, a partir do 2º ano os miúdos vão muito à biblioteca requisitar livros para lerem em casa. (Professora do 1º ciclo)

Ao nível do agrupamento, a articulação entre as várias escolas que o compõem tem vindo a aumentar. Está a começar a ser criada uma dinâmica de maior partilha, para a qual o PNL terá também contribuído.

Segundo as professoras entrevistadas, o PNL é mais uma motivação nesse sentido. A Semana da Leitura, organizada no seu âmbito, ocasionou a realização de actividades conjuntas entre escolas do agrupamento e proporcionou inclusivamente o contacto entre professores e alunos de diferentes ciclos de ensino, do JI e dos 1º e 2º ciclos. Foi uma experiência muito enriquecedora para todos os intervenientes.

Acho que foi muito giro. (...) Os miúdos do 2º ciclo tiveram contacto com as crianças do 1º ciclo e do JI e foi muito enriquecedor para ambas as partes. Acho que foi das experiências que eu achei mais rica, precisamente por ver o impacto que se gerou e o espanto dos alunos do 2º ciclo ao ver o que os pequeninos são capazes de fazer. E mesmo os professores ficaram surpresos (...), por isso achei que foi muito giro. (Professora do 1º ciclo)

A política de agrupamento é essa mesma, é essa dinâmica que tem de ser implantada. Eu acho que estamos a percorrer um caminho, os professores eram muito individualistas e agora a política de agrupamento não é essa, e eu acho óptimo. (Educatrice do JI)

O Plano Nacional de Leitura na sua organização

A parceria entre as professoras e a coordenadora da BE estendeu-se também à planificação e organização das actividades e à selecção dos livros da lista recomendada pelo PNL.

A selecção dos livros foi feita em certos casos pelo conhecimento dos autores ou das obras. A educadora do JI fez uma escolha mais arbitrária, pois não conhecia alguns dos livros apresentados.

As professoras tecem alguns comentários espontâneos sobre a lista de livros proposta pelo PNL. De certa forma, a lista não correspondeu às suas expectativas e provocou alguma desilusão. Embora já não se recordem bem da mesma, não conseguindo especificar os motivos, afirmam que ela não era muito estimulante. Quanto questionadas se ponderaram ou sugeriram a aquisição de outros livros, aquando da recepção do reforço orçamental, que não os presentes na listagem do PNL, a professora da turma de 4º ano afirmou que isso não aconteceu, visto ter ficado um pouco com a ideia de que a escolha dos livros a adquirir teria de ser feita entre os que lá estavam indicados.

Nem todas as turmas trabalharam os mesmos livros. Cada professora seleccionou inicialmente alguns livros para o seu ano, mas, depois de adquiridos, foi dada liberdade a cada uma para escolher, conforme se proporcionava, os livros que mais lhes convinham. Se, por exemplo, um título estava a ser utilizado por uma professora, outra professora escolhia outro título que estivesse disponível.

Quanto à utilização do *site* do PNL, as duas professoras confessaram não ter recorrido a ele com muita regularidade, por falta de tempo ou simplesmente porque não se lembraram. A educadora, pelo contrário, afirmou consultar a página do PNL na Internet várias vezes, a título pessoal, para se ir mantendo informada acerca das novidades e das iniciativas que vão sendo realizadas.

As professoras consideraram não ter existido desvios face ao projecto inicial apresentado no âmbito do PNL, uma vez que todas as actividades previstas estavam a ser realizadas.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais

O PNL é considerado uma mais-valia para a dinâmica das escolas ao nível da promoção da leitura, por isso a sua criação é oportuna. É especialmente importante junto das escolas que não eram tão activas a esse nível.

O mais pertinente e inovador no PNL até ao momento foi o facto de o próprio programa ter dado instrumentos que tornaram possível a concretização das suas orientações.

Nesta iniciativa o que eu acho pertinente e inovador é que se passa da teoria à prática, dá-se instrumentos para... Já não se pode dizer que não há meios... O PNL tem essa virtude. Nós temos sempre dúvidas nestes programas e neste por acaso veio... Foi uma surpresa agradável. (Professora do 1º ciclo)

Também a nível mais geral, para além do contexto escolar, o PNL é encarado como positivo e gerador de novas dinâmicas - em autarquias, bibliotecas municipais, livrarias, ATLS e outros espaços lúdicos.

As professoras manifestaram ainda o seu apreço pela publicidade que tem sido feita do PNL, que consideram um “chamativo”, principalmente os *spots* televisivos.

As entrevistadas não identificam nenhum aspecto negativo no PNL até ao momento, para além de um pequeno apontamento acerca da lista de livros recomendada, que não acharam “muito estimulante”. Contudo, pensam ser ainda um pouco cedo para fazer um balanço mais aprofundado.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

Segundo as professoras entrevistadas, estão-se a perder hábitos de leitura. Os reduzidos hábitos de leitura na sociedade actual são associados à existência de novas solicitações provenientes das novas tecnologias e dos meios audiovisuais, principalmente entre as gerações mais jovens.

Os computadores, a televisão... São muitas as solicitações que eles têm. (...) Mas um filme está lá tudo, não têm de imaginar nada, já um leitor está a recriar o que está a ler. (Professora do 1º ciclo)

A perda dos hábitos de leitura traz consequências negativas em relação aos níveis de literacia. É por isso premente que todos os que têm competências no domínio da promoção da leitura insistam nesse trabalho.

As famílias têm também um papel decisivo neste domínio. As professoras verificam a influência que o nível sociocultural dos pais tem nos filhos, que se reflecte em termos de vocabulário, no contacto com os livros e no interesse pela leitura.

Sugestões e propostas

A primeira recomendação aponta para a continuação futura do PNL. Espera-se também que os seus apoios sejam alargados às escolas que deles ainda não beneficiaram, assim como aos níveis mais avançados de ensino. Segundo as professoras, existe uma “barreira” muito grande entre o ensino do 1º ciclo e os restantes. No 2º ciclo, a aprendizagem passa a ser mais fragmentada em áreas disciplinares e não existe a devida articulação. Perde-se a componente da transversalidade e isso dificulta também o trabalho ao nível da promoção da leitura. A actuação do PNL nestes níveis de ensino pode ser muito importante.

A criação de políticas que proporcionem a manutenção dos recursos humanos nas BEs é também uma recomendação. Na opinião das entrevistadas, os recursos humanos são fundamentais na dinamização destes espaços.

Uma outra sugestão é que se recorra mais à televisão, enquanto meio privilegiado de difusão de mensagens, para se alcançar os objectivos que se pretende. Os canais de televisão deverão ser sensibilizados

para a importância da transmissão de programas infantis de qualidade ligados à promoção da leitura. Seria positiva a existência de um espaço televisivo onde se contassem histórias para crianças.

As entrevistadas sugeriram, ainda, a um nível mais alargado, a redução do preço dos livros, que consideram ser actualmente muito elevado. É também considerado negativo o facto de apenas os livros técnicos e escolares poderem ser descontados no IRS.

1.3. Escola Básica de 1º Ciclo de Santo António (Rio Meão - Santa Maria da Feira)

1.3.1. Relatório de visita

O primeiro contacto com a professora responsável por representar a escola no âmbito do PNL, a coordenadora da BE, foi estabelecido telefonicamente a 21 de Março de 2007. Muito prestável, revelou-se desde logo interessada na visita e em contar o trabalho que tem vindo a ser realizado. Aceitou prontamente a data sugerida para a visita à escola.

A primeira visita à escola realizou-se no dia 11 de Abril. A sua primeira componente foi a visita à BE. Alguns livros do PNL estavam guardados na BE, mas outros encontravam-se a circular pelas turmas. Vários trabalhos de alunos estavam expostos nesse espaço, assim como uma cartaz do PNL. Numa estante estavam dois dossiês dedicados ao PNL, onde a coordenadora arquiva toda a documentação relativa ao projecto, como as fichas de leitura que têm sido elaboradas.

Logo de seguida à visita à BE, decorreu a entrevista com a professora de contacto com o PNL na escola e coordenadora da BE, que também teve lá lugar, pois o espaço havia sido encerrado para o efeito. A responsável da BE e do PNL na escola é uma pessoa bastante comunicativa e com grande vontade de contar ao pormenor todo o trabalho realizado, pelo que a entrevista acabou por se estender mais do que o previsto, tendo ultrapassado as duas horas de duração. Este facto acabou por tornar inviável a realização das restantes tarefas no horário previsto e levou à marcação de uma nova visita.

A segunda visita à escola teve lugar no dia 18 de Abril. Nesta visita foi possível assistir a uma actividade na BE, com uma turma de 4º ano, a qual foi dinamizada pela coordenadora da BE e pela respectiva professora. A primeira teve um papel muito activo. A actividade consistiu na leitura pelos alunos de uma história, em voz alta, e na realização de um jogo de palavras, tendo por referência as personagens da história. Quando necessário, as professoras ou os alunos iam procurar palavras ou significados a dicionários ou enciclopédias.

Foram também visitados outros espaços da escola. Não eram visíveis elementos relativos ao PNL para além dos que estavam presentes na BE. Ao lado do edifício da escola fica o JI, que não pertence institucionalmente à escola, mas com o qual existe uma grande relação de proximidade.

Houve também oportunidade para visitar várias salas de aula, onde foram estabelecidas conversas informais com professores e alunos. Vários trabalhos estavam expostos nas salas, como por exemplo, cartazes sobre animais elaborados depois da leitura do *Bambi*, desenhos a retratar o ciclo da água, tema abordado a partir da leitura do livro *O Segredo do Rio*, e também fichas de leitura. Os alunos identificaram os

livros que trabalharam, dos quais dizem ter gostado. Alguns afirmaram ler em casa com os pais, mas outros negaram que os pais leiam com eles. Uma criança revelou ler para o seu irmão mais novo, uma vez que os pais não têm tempo para tal. Quando questionados acerca do que mais gostam na BE, os alunos referiram os livros, os filmes e os computadores.

Finalmente, decorreu a entrevista com as professoras, com a duração aproximada de uma hora.

No final da visita, foi-nos oferecido um pequeno saco com lembranças, disponibilizado pela Junta de Freguesia, que continha um galhardete e dois livros sobre Rio Meão (com uma nota de reconhecimento pela visita efectuada à escola e à BE, assinada pela coordenadora do estabelecimento e pela responsável da BE).

Aquando das visitas à escola, foi ainda entregue um portefólio/documento com resumo do trabalho desenvolvido no âmbito do PNL - com livros lidos e actividades associadas, por professor; fotografias; e exemplos de fichas de interpretação, de gramática, de ilustração, de leitura domiciliária e de pedido de opinião aos encarregados de educação (em suporte papel e CD-ROM).

1.3.2. Entrevista a Professora de Contacto com o PNL na escola

Perfil da entrevistada

A professora de contacto com o PNL na escola e coordenadora da BE fez o bacharelato em Educação de Infância e, mais tarde, há três anos, o complemento de formação em Animação Sociocultural. Tem frequentado também várias acções de formação contínua, direccionadas para a área das BEs e relacionadas com a língua e a literatura no âmbito do 1º ciclo e do pré-escolar e com as TIC. Tirou ainda um curso de especialização de professor bibliotecário na Faculdade de Psicologia, que lhe foi exigido aquando da sua candidatura como coordenadora para a BE da EB1 de Santo António, no âmbito da integração na RBE. De futuro, pretende fazer o mestrado em Gestão de Informação em BEs.

Profissionalmente, começou por trabalhar como educadora de infância, o que fez durante dezassete anos. Trabalhou não só em JIs públicos, como também esteve ligada a um ATL próprio, e foi aí que diz ter despertado para o gosto de trabalhar numa BE. Diz que lá consegue estar a fazer aquilo que mais gosta, contactando com crianças mais pequenas, do JI, e também um pouco mais crescidas, do 1º ciclo, com as quais pode desenvolver actividades que integram também a vertente mais curricular. Os últimos cinco anos foram dedicados às BEs, inicialmente apenas a desta escola e depois também simultaneamente a BE de outra escola do agrupamento. Encontra-se, assim, neste momento integrada no sistema de recursos partilhados, não estando a tempo inteiro na BE da EB1 de Santo António.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola

As actividades do PNL começaram em pleno apenas no 2º período, altura em que os professores tiveram acesso aos livros, após atribuição do reforço orçamental pelo PNL para a sua aquisição.

Todos os anos de escolaridade estiveram envolvidos nas actividades. O trabalho desenvolvido a nível do PNL passou pela promoção do livro e da leitura e centrou-se na leitura dos livros do PNL e em actividades a partir dos mesmos, principalmente a realização de fichas de interpretação, gramática e ilustração.

Tentou-se também a partir do livro suscitar a abordagem de outras áreas temáticas e incentivar o trabalho de pesquisa.

As estratégias e recursos têm sido a leitura orientada, começa sempre por aí, depois induzimos os alunos à leitura autónoma e depois uma leitura domiciliária. (...) Depois é a resolução de fichas (...) e o trabalho de pesquisa.

Os livros foram trabalhados tanto na sala de aula como na BE. A BE assumiu um papel bastante central no que respeita às actividades do PNL e o trabalho foi feito em parceria entre a coordenadora da BE e os professores. A BE acabou por substituir a sua programação em termos dos livros previstos para lá serem lidos e adoptou os livros escolhidos para o PNL. Na BE, a coordenadora dinamizou actividades de Hora do Conto e deu apoio na realização de fichas e no trabalho de pesquisa. Os professores deslocaram-se com frequência à BE com os seus alunos, seguindo o horário estabelecido para cada turma.

A coordenadora referiu que não existe um tempo diário fixo dedicado à leitura, sendo ele variável. Explicou depois como se processa o trabalho em torno dos livros do PNL. Numa primeira fase o livro é lido na BE ou pelo menos é lá iniciada a sua leitura. Por vezes lêem os alunos, mas na maioria das vezes a leitura é feita pela coordenadora ou pela professora. Enquanto uma lê, a outra vai mostrando o livro e as ilustrações, já que nesta primeira fase a leitura é feita apenas com um livro. Para a entrevista, é preferível desta forma, porque se não os alunos distraem-se e descaram a audição da história. Não sendo feitas paragens durante a leitura, em que a coordenadora e a professora fazem perguntas aos alunos para que façam o relato e memorizem o que estão a ouvir. Depois os livros são entregues aos alunos, que vêem as ilustrações.

O livro vai, de seguida, para a sala de aula e a professora continua lá a leitura ou deixa que os alunos façam uma leitura mais autónoma, desenvolvendo depois actividades de exploração. Essas actividades podem ser concretizadas na sala ou na BE. Quando são fichas de interpretação ou gramática, um trabalho mais individual e calmo, fazem-no na sala, e por vezes a coordenadora da BE desloca-se lá e dá algum apoio na explicação das fichas. Já quando se trata, por exemplo, de trabalhos de ilustração, em grupo, fazem-nos na BE.

As professoras estão incumbidas principalmente da parte da gramática, enquanto a coordenadora da BE dirige a parte de interpretação. A entrevistada destacou a importância da elaboração de fichas, nomeadamente de interpretação, depois da leitura dos livros: “Muitas das vezes eu faço a promoção do livro e da leitura só pelo simples prazer de ler, mas depois alguns não lhes fica nada. É importante que eles comecem a ouvir e fixar quem era o personagem principal, as personagens secundárias, onde é que se passa a história, a acção...”.

Foi também incentivada a leitura domiciliária, e foram criadas fichas nesse sentido, para “controlo” dessa leitura. Segundo a coordenadora, estas fichas são uma forma de os alunos perceberem o carácter obrigatório daquelas leituras e para distinguir os livros do PNL dos restantes livros que vêem na BE e que requisitam livremente. Esta distinção foi, aliás, bastante patenteada aos alunos: “Nós explicamos aos miúdos, ‘Olha este livro é um livro obrigatório, não é aquele livro que tu vais à estante, que escolhes e levas’”.

Por vezes, os livros são trabalhados primeiro na sala da aula e depois então são levados para casa, mas outras vezes opta-se pelo processo inverso. Ainda assim, o mais comum é que os livros, em cujas fichas de leitura domiciliária incidem, já tenham sido lidos na escola. Então aí, os alunos voltam a lê-los em casa, sozinhos e com a ajuda dos familiares, na íntegra ou apenas o capítulo em que incide a ficha.

As fichas de leitura domiciliária incentivam o apoio dos pais ou outros familiares na leitura do livro e na sua resolução. Por vezes, foram também feitas em grupo, por mais do que um aluno, que se juntavam a aproveitavam a disponibilidade de um familiar. Essas fichas identificam o trabalho como integrado na BE e o livro como uma obra seleccionada pelo PNL. Nessas fichas, os alunos são convidados a expressar através da escrita a sua apreciação do livro em questão e a identificar o familiar que os ajudou na leitura. Por vezes, foi também enviada uma ficha para os encarregados de educação, solicitando a sua opinião acerca do livro que o aluno levava para casa.

A leitura dos livros foi apresentada aos alunos como tendo um carácter obrigatório, ideia que trespassa também de certa forma o discurso da coordenadora: “Foi explicado aos alunos que há directrizes do governo, eles entendem mais assim, e que conforme há aqueles manuais que os professores têm de trabalhar com eles, agora também têm estes livros”. Numa abordagem inicial sobre as fichas, a coordenadora tentou também evidenciar junto dos alunos a sua importância e seriedade, que não deve ser descurada pelo facto de não contar para a avaliação. Posteriormente à sua elaboração pelos alunos, é feita a correcção pela professora.

Faço com que eles entendam que é uma ficha de trabalho, mas não é aquela ficha de avaliação a que eles estão habituados. Embora depois a professora faça sempre a correcção, não conta para a nota, mas que têm de fazer as coisas bem... Tento nos mais crescidos dar a entender um bocadinho que é uma coisa muito séria, que é para eles também entenderem que não é fazer por fazer.

Para além da utilização dos livros, que ocuparam um papel central nas actividades relativas ao PNL e que a coordenadora salienta frequentemente fazerem todos parte da lista recomendada, recorreu-se também a outros suportes, principalmente como complemento e fonte de apoio à realização de trabalhos sobre os livros. Esses outros suportes são revistas, DVDs, CD-ROMs ou a Internet.

Para além da realização de fichas, é destacado o trabalho de pesquisa e a elaboração de cartazes. No caso do 4º ano, por exemplo, foi feito um painel sobre o ciclo da água, com base no livro *O Segredo do Rio* e recorrendo também à pesquisa na Internet. No 1º ano foi também feito um cartaz, a propósito do livro *Bambi*, sobre animais domésticos e animais selvagens, com recortes de revistas que os alunos levaram.

Os trabalhos exemplificados evidenciam também a preocupação de articulação das leituras com os conteúdos curriculares. A partir do livro, para além de se ter induzido o recurso a outros suportes, também se abordaram e aprofundaram outras temáticas curriculares a que ele conduziu.

Alguns trabalhos foram depois expostos nas salas de aula ou na BE, e no final do ano lectivo serão colocados no livro de actividades da BE.

A escola não participou, pelo menos formalmente, na Semana da Leitura. Apesar de a coordenadora ter divulgado a iniciativa às professoras, estas manifestaram-se apreensivas quanto à sua integração. Decidiram não inscrever-se, devido à sua falta de disponibilidade na altura do ano lectivo em que surgiu. A coordenadora afirmou, contudo, que embora não tenha sido possível o desenvolvimento de nenhuma actividade diferente nessa semana, foi dada continuidade ao trabalho que estavam a fazer, ao nível da Hora do Conto, por exemplo.

A Semana da Leitura não fizemos inscrição, mas fizemos na prática. Divulguei às colegas a tempo e horas, as colegas disseram “Ai, mas mais um projecto...”, depois era no final do 2º período, o 4º ano vai ter provas de aferição, portanto ficaram um pouco aflitas... Pronto, e eu desta vez decidi fazer um pouco a vontade delas, não fiz a inscrição. Mas trabalhámos, demos continuidade ao que estávamos a fazer até aqui.

No 3º período, a coordenadora tinha a intenção de não trabalhar tanto a parte de registo escrito e visual, quer em termos de escrita ou gramática, quer em termos de fichas de ilustração, como vinha a ser feito nos primeiros períodos lectivos, mas sim de tentar desenvolver outro tipo de actividades. Actividades como recitais de poesias, dramatizações e teatro de fantoches. Este tipo de trabalho poderia vir a ser aproveitado para a festa final do ano, que conta com a presença dos encarregados de educação.

A cooperação dos pais até ao momento tinha passado apenas pelo apoio em casa, na elaboração das fichas de leitura domiciliária. No 3º período a coordenadora planeava convidá-los a uma maior participação, nem que fosse apenas na festa final do ano.

Estava ainda prevista a ida de um escritor à escola e, caso fosse possível, a organização de uma feira do livro.

A minha ideia é agora no 3º período, em vez de fazer o registo tão escrito, optar por fazer um trabalho mais dinâmico, em termos de recital de poemas, dramatizações, visita de escritores (...), e quero ver se consigo também (...) a feira do livro.

A coordenadora pensa que as professoras não informaram os encarregados de educação directamente acerca do que constava o PNL. Ainda assim, há a referência ao Plano nas fichas que os alunos levaram para casa e eles próprios ter-se-ão constituído como veículos da informação. Os pais apercebem-se que há um trabalho da escola e da BE, quanto muito vêm pelas fichas e pelos livros que os alunos levam para casa, afirma a coordenadora.

As fichas têm todas a identificação do PNL, porque depois no final do ano as fichas vão para casa dos pais e eles vão-se começando a aperceber, a ideia é essa. (...) E temos explicado aos alunos, eles explicam aos pais...

Alguns pais acham o trabalho interessante e alguns foram à BE ver os trabalhos dos alunos que estão expostos. Foram, contudo, poucos os pais que o fizeram.

Apesar de não ter sido prevista até ao momento da entrevista uma colaboração mais activa dos pais, nomeadamente na dinamização de actividades na escola, que teria eventualmente lugar no final do ano, a coordenadora identificou algumas dificuldades na sua implicação e adesão.

Por um lado, a maior parte dos pais prefere ter um papel mais passivo, assistindo a actividades desenvolvidas pelos alunos, do que participando mais activamente na sua dinamização. Há um pouco de mentalidade de que “a escola é dos filhos e não dos pais”. Por outro lado, também acontece que alguns pais têm ainda uma visão muito centrada no manual escolar como suporte da aprendizagem, não reconhecendo e desvalorizando as aprendizagens efectuadas com recurso a outros livros ou instrumentos de trabalho, como as promovidas pelo PNL.

Os pais valorizam os manuais. Mesmo os professores que não usam muito o manual como suporte, é apenas mais um elemento porque trabalham fichas elaboradas por eles, mais adequadas à turma e ao aluno, os pais às vezes... Pensam que o importante é o manual, “Compramos o manual e depois fazem outras fichas...”. E às vezes desvalorizam os livros que os alunos levam para a casa, “Ah o meu filho já tem muitos livros”. E agora eles já entenderam, mas no início disseram “Para que é tantos livros?”.

Também o facto de ser um trabalho associado à BE faz com que alguns pais o desvalorizem.

Alguns pais disseram quando os alunos levaram o livro para casa, “Ah isso não é um trabalho da professora, se quiseres faz, se não quiseres não faças...” Outros não, são muito interessados. Há de tudo.

Ainda assim, tem havido em geral o apoio dos pais quando solicitado.

Quanto aos professores, a coordenadora refere que a sua adesão tem sido positiva e que todos têm participado na concretização do projecto. Ainda assim, a reacção inicial foi díspar. Enquanto alguns professores aderiram logo de imediato, valorizando o facto de a escola dispor de verba para a aquisição de livros novos, outros houve que numa primeira reacção encararam com algum desagrado a existência de mais um projecto pelo previsível atraso que iria causar no ensino das matérias. Tal também aconteceu por ocasião da Semana da Leitura, o que levou a que a escola não participasse activamente nessa iniciativa.

A existência de um projecto comum a todos os professores potenciou em certa medida o trabalho conjunto entre os docentes e com a coordenadora da BE, tendo proporcionado uma reflexão e discussão de ideias.

Pelos registos que têm sido pedidos aos alunos e pela observação do seu comportamento quando vão à BE assistir à leitura dos livros, a coordenadora pensa que a reacção dos alunos às actividades desenvolvidas é positiva. Os alunos manifestaram interesse, viram na televisão e ficaram orgulhosos por a escola ter sido contemplada com os livros. A coordenadora justificou esse “prémio” com o facto de a escola ter uma BE e ter desenvolvido um bom trabalho: “Eu expliquei-lhes que como esta escola tem BE e fizemos um bom trabalho, o Governo deu-nos dinheiro para comprarmos os livros, e temos de os trabalhar”. Nota-se também aqui a maior implicação da escola na utilização dos livros pelo facto de ter recebido o reforço orçamental.

O facto de levarem os livros para casa também gerou entusiasmo entre os alunos. A professora tem notado o despertar de novos interesses. Ainda assim, evidencia a redução das requisições dos livros da BE, as requisições “individuais”, que não os títulos do PNL, as “obrigatórias”. Embora alguns alunos continuem a requisitar também outros livros da BE, a maioria limita-se agora a levar para casa os livros em que incidem as fichas de leitura domiciliária.

Por outro lado, é notado o aumento da procura de livros para pesquisa, quer para serem utilizados na BE quer na sala de aula, e tanto por professores como por alunos.

Noto que em termos de requisição domiciliária dos livros da BE diminuiu bastante, mas também entendo isso, também prefiro que eles leiam estes do PNL quando vão para casa. (...) a requisição acaba por diminuir, porque eles também têm aqueles para trabalhar e os outros que levam é mais só para aquela leitura por ler...

Embora alguns professores se tenham questionado acerca da necessidade da aquisição de doze exemplares do mesmo título, por acharem demasiados, a coordenadora referia a sua mais-valia: “Assim dá para rapidamente rodar os livros em casa, porque, em duas semanas ou três, os livros passam pelos alunos todos, e eles têm na mesa deles um livro para dois e na BE também quando fazem a leitura mais autónoma”. A aquisição destes livros através do apoio do PNL, num total de cerca de 300, veio também enriquecer o fundo documental da BE.

A coordenadora indicou estar satisfeita até agora com os resultados alcançados com o PNL. Pais, alunos e professores têm, em geral, aderido. Mas, sublinha, o PNL veio essencialmente reforçar o trabalho que já era feito na escola, e não se constitui como uma novidade. Novo foi contudo o facto de os alunos terem livros de “leitura obrigatória”, o que só acontecia a partir do 2º ciclo.

O tipo de trabalho desenvolvido este ano, pelo menos as fichas de trabalho, já era habitualmente desenvolvido pelas professoras e pela coordenadora, afirma. É um trabalho que já vem de anos anteriores,

apesar de as fichas utilizadas este ano terem sido criadas especificamente para os livros do PNL, de o formato ter sido feito de acordo com os livros em causa. Surgiu como novidade a ideia de pedir nas fichas que os alunos fizessem uma apreciação dos livros, que transpusessem para o papel aquilo que entenderam e mais valorizaram do livro.

Também a Hora do Conto, o visionamento de DVDs ou a utilização da BE pelos professores são práticas habituais em anos anteriores. Contudo, o PNL veio alterar a programação inicial da BE. Como surgiu já com o ano lectivo a decorrer, veio interferir com as actividades que já estavam planeadas e veio acumular mais trabalho. A coordenadora conta que no 2º período praticamente não trabalhou com os livros da autora que tinha escolhido para trabalhar durante o ano lectivo – e que era o seu projecto com as professoras – porque surgiu o PNL. Acabou assim por se dedicar mais às obras do PNL.

A entrevistada pensa que de uma maneira geral o projecto tem sido cumprido e que não têm havido desvios muito significativos ao previsto inicialmente. Contudo, o facto de não estar a tempo inteiro na BE da escola para auxiliar o trabalho com os alunos, já que os professores têm também um programa curricular para cumprir e não podem estar só direccionados para o PNL, pode ter limitado em parte as actividades.

O facto de ter sido o primeiro ano que a escola esteve implicada no PNL e o seu arranque tardio em relação ao início do ano lectivo justificou também alguns aspectos menos bem planeados. A coordenadora da BE e professora de contacto com o PNL na escola, afirma que no próximo ano já estará tudo mais bem definido e fazendo proveito da experiência ganha este ano, será possível organizar as actividades de uma forma mais calma. O PNL fará parte desde o início do projecto educativo do agrupamento, das planificações da escola e do projecto curricular de turma e os livros serão trabalhados logo a partir de Setembro.

A coordenadora manifestou a sua intenção (e das colegas) de, nos anos seguintes, continuarem a desenvolver as actividades inseridas no âmbito do PNL, tendo mencionado que seria positivo se lhes fosse atribuída mais verba para adquirir novos livros. Contudo, referiu que, caso tal não aconteça, irão utilizar os livros deste ano com outras turmas. Importa também divulgar mais o PNL aos pais e tentar levá-los mais vezes a participar nas suas actividades.

Quanto aos efeitos que poderão vir a ser alcançados a médio/longo prazo, a coordenadora espera que seja reforçado o gosto pela leitura dos alunos e que eles entendam o prazer da leitura, que não a encarem como um aborrecimento. É precisamente com o intuito de promover a leitura como um gosto, que a coordenadora tenciona no 3º período, ao invés de se centrar tanto no registo da aprendizagem dos alunos através de fichas, apostar no aspecto mais recreativo, nas dramatizações, nas recitações de poemas. Espera também que alunos e pais entendam que as aprendizagens não são geradas apenas através dos manuais escolares.

O Plano Nacional de Leitura na sua organização

A coordenadora tomou conhecimento do PNL através da página da RBE na Internet e da imprensa e, de uma forma mais oficial, quando chegaram à escola os officios reenviados pelo agrupamento, com informação em suporte impresso sobre o PNL.

Desde logo, a sede do agrupamento escolar incentivou a adesão de todas as escolas e orientou-as no sentido de se juntarem por freguesia e seleccionarem os mesmos livros para leitura em sala de aula. A

coordenadora afirmou que na altura ficou a dúvida se as escolas seriam obrigadas ou não a participar no projecto e se dentro da escola bastaria apenas uma turma ou se todas teriam de estar envolvidas. Mas, independentemente da resposta a estas questões, a coordenadora da BE considerou que era um dever a participação da escola e o envolvimento de todos os professores, pelo facto de a escola ter uma BE. Confessou também que previu de imediato que o reforço orçamental iria privilegiar as escolas que possuíam este recurso educativo.

A coordenadora reuniu-se, então, com os professores tendo elaborado o projecto para o PNL e escolhido os livros para leitura, ao que se seguiu a inscrição via Internet que foi feita com a ajuda do agrupamento.

Os livros para leitura em sala de aula foram seleccionados pelos professores de entre a lista recomendada pelo PNL. Os critérios de escolha foram inicialmente o conhecimento prévio que tinham de alguns livros ou dos seus autores ou ilustradores, e também nalguns casos a sugestão do título. A coordenadora prestou também algum apoio nesta selecção, pesquisando na Internet e indo à Biblioteca Municipal, para ter um maior conhecimento dos livros e poder dar aos professores algumas indicações.

Agrupados por ano de escolaridade, e a nível do agrupamento, os professores escolheram três livros, um por período. Note-se que no caso de turmas com mais de um ano de escolaridade foram também escolhidos os mesmos livros para os diferentes anos.

A verba, cuja confirmação da atribuição chegou no início do mês de Dezembro, foi disponibilizada no final do mesmo mês. A coordenadora reparou que a informação relativa à atribuição do financiamento chegou primeiro à escola e só depois ao agrupamento, o que não lhe pareceu muito correcto, para além de que essa carta chegou até antes de terem inscrito o seu projecto na Internet: “Houve aí algumas falhas”.

A EBI de Santo António e mais duas escolas do agrupamento obtiveram financiamento. Cada uma foi contemplada com 2000 euros. A verba total foi gerida entre as escolas por forma a que todas fossem favorecidas da mesma forma. Ou seja, os 6000 euros foram divididos por turmas e não por escola, porque umas escolas têm mais turmas do que outras: “Se fossemos rigorosos, havia escolas mais favorecidas do que outras”. Esta decisão passou antes por contactos com o gabinete do PNL por parte da sede de agrupamento, que aprovou este critério de gestão da verba.

Os livros foram então encomendados à livraria, em quantidade de doze cada título, e só começaram a chegar à escola entre meados de Janeiro e início de Fevereiro, mas apenas cerca de 60% dos que tinham sido seleccionados numa primeira fase. As editoras não conseguiram disponibilizar os restantes títulos e então os professores e a coordenadora tiveram de os substituir por outros, mas todos integrados na lista do PNL. É bastante evidenciada a preocupação de seguir minuciosamente as indicações do PNL e focar a escolha de livros na lista recomendada.

Na primeira fase achei mais sensato e também por indicação do agrupamento e das bibliotecas escolares, que os livros seleccionados e as substituições estivessem todos na lista do PNL. Não coloquei outros, achei que devia seguir à risca.

Alguns livros escolhidos agradaram os professores, mas outros revelaram-se um pouco difíceis ou fáceis demais para os alunos. A este propósito, a coordenadora faz alguns comentários espontâneos sobre a

lista de livros seleccionada pelo PNL. Em seu entender, ela inclui alguns livros que poderão não ser os mais adequados para as diversas faixas etárias.

Para além disso, a escolha de um mesmo livro para dois anos de escolaridade, integrados numa mesma turma, feita por alguns professores, revelou algum acréscimo de dificuldade na sua conveniente exploração, por ser difícil adequar um livro da mesma forma a diferentes anos de escolaridade.

A coordenadora referiu também algum desagrado pela ausência, na lista de recomendações do PNL, de alguns livros que ela e os professores conhecem e que consideram muito interessantes. Por outro lado, admitiu que se não fosse o PNL não pensaria em determinados autores e livros que foram sugeridos e que surpreenderam pela positiva. A nível do pré-escolar, pensa que devia haver uma maior quantidade de livros de autores portugueses, já que a maioria é de autores estrangeiros.

Os livros circularam não só entre turmas como entre escolas. Os livros foram sendo emprestados também a escolas que não obtiveram financiamento. No caso da EB1 de Santo António, a escola adquiriu mesmo os livros seleccionados pelo JI que se situa ao lado da escola. Este JI, pertencente ao mesmo agrupamento, não faz parte desta escola, mas está integrado na sua BE. Existe uma grande colaboração entre a escola e esse JI, que passa principalmente pela partilha da BE e dos seus recursos. A coordenadora dá também apoio às salas do pré-escolar no âmbito do PNL, trabalhando com as educadoras em algumas actividades, de que é exemplo a construção de um livro.

Depois de circularem por turmas e, quando caso disso, por escolas, os livros são guardados na BE, ao dispor de quem os queira requisitar ou consultar.

A articulação entre as escolas do agrupamento a nível do PNL passou assim essencialmente pela distribuição da verba e pela circulação de livros entre escolas. Já no que respeita às actividades, cada escola foi autónoma no seu desenvolvimento, embora tenha existido sempre alguma partilha e similitude pelo facto de a coordenadora da BE estar com recursos partilhados.

O papel da coordenadora da BE e professora de contacto com o PNL na escola é bastante central no âmbito deste projecto. Compete-lhe consultar o sítio do PNL na Internet, onde recolhe as informações que julga mais pertinentes e disponibiliza-as aos professores. A entrevistada mencionou, ainda, utilizar o sítio electrónico também para ver sugestões e orientações, embora confesse que grande parte não se constituem para si como uma novidade. A documentação retirada da Internet é colocada num dossiê que criou para o efeito e a mais relevante é fotocopiada para os professores.

No que respeita ao esclarecimento de dúvidas relativas ao PNL, a coordenadora remete-as em geral para a reunião que tem regularmente com uma colaboradora da RBE, uma denominada “andorinha”, que é a ponte entre a BE e a Rede. As dúvidas iniciais, por exemplo, foram assim esclarecidas: “Será que isto é um trabalho para a escola? A biblioteca pode agarrar? Como deve fazê-lo?”. Estas reuniões foram consideradas como muito positivas por permitirem também a troca de ideias e serviram de apoio a planificação das actividades da BE.

As informações e sugestões adquiridas através destas reuniões são depois transmitidas pela coordenadora aos professores. Tem existido um trabalho de parceria com os colegas: planificam em conjunto o trabalho, todos dão ideias e participam.

Ainda que com a colaboração dos professores, a coordenadora tem dado um importante contributo na elaboração das fichas de trabalho: “A iniciativa tem sido minha, tenho feitas no computador, as colegas

tiram fotocópias. (...) Uma ficha foi inventada por mim, outras não, foram em parceria com as colegas. (...) Depois em termos de formatação no computador é da minha responsabilidade, depois o corrigir é das colegas.”.

A coordenadora considerou o facto de a BE pertencer à RBE como uma mais-valia para as actividades do PNL, associando a atribuição do reforço orçamental pelo PNL a essa integração. O reforço foi visto como um prémio para as escolas que se têm esforçado e que implementaram uma biblioteca escolar devidamente estruturada, e um incentivo para que as BEs desempenhem um papel de cada vez maior articulação com as salas de aula e para que mais escolas adiram ao projecto da RBE.

Só o facto de o Ministério ter decidido enviar a verba para as escolas que têm biblioteca integrada na RBE, é mais um incentivo para que o projecto da RBE se mantenha e que haja realmente uma maior partilha entre os professores e os coordenadores.

Também a Biblioteca Municipal tem colaborado com a BE, através do seu SABE. Para além do apoio técnico e da facilidade na requisição de livros, a BM tem dinamizado actividades de animação e promoção da leitura. Por vezes os alunos deslocam-se lá e outras, embora menos frequentemente, as animadoras vão à escola. Ainda assim, não são actividades directamente relacionadas com o PNL.

Por parte da Associação de Pais, a cooperação passa essencialmente pelo apoio financeiro ao desenvolvimento de actividades. No que refere ao PNL, será pedido o seu apoio para a ida de escritores à escola. Este tipo de actividades costuma contar também com o apoio da Junta de Freguesia.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais

A coordenadora considera a criação do PNL oportuna. Na sua opinião, era previsível a sua criação, pelo facto de no ano lectivo 2006/2007 as directrizes a nível das BEs atenderem muito à parte das temáticas curriculares.

A entrevistada indicou que associa em grande medida o Plano ao projecto das bibliotecas escolares e à RBE, notando uma sintonia no que respeita às pessoas que estão envolvidas e aos objectivos que estão na origem de cada um dos projectos, que entende tão dependentes entre si.

Manifestando alguma dificuldade em avaliar a acção do PNL fora do âmbito escolar, a coordenadora incidiu o seu discurso na apreciação da forma como ele decorreu a este nível.

Em primeiro lugar, chama a atenção para o arranque tardio do PNL em relação ao início do ano lectivo, que veio interferir com as planificações já efectuadas e não permitiu uma preparação conveniente por parte da escola para o PNL. Também a atribuição de verbas foi tardia e criou obstáculos a uma resposta eficaz por parte das editoras.

Em meu entender, se queriam que isto comesse no ano lectivo de 2006/2007 deviam ter preparado, informado as escolas, seleccionado as escolas para as verbas com mais antecedência. O que foi feito no 1º período devia ter sido feito no 3º período do ano lectivo transacto. Tanto para os docentes planificarem as suas actividades, como também da parte das editoras estarem preparadas atempadamente para começar tudo em Setembro.

Em segundo lugar, são referidas algumas críticas à lista de livros recomendada pelo PNL, já identificadas anteriormente. A coordenadora manifestou algum desconhecimento acerca dos critérios adoptados para aquela selecção. Não sabe quem foram os responsáveis e se os professores foram auscultados

nesse processo, e caso tenham sido, se essa auscultação se baseou ou não numa amostra aleatória, uma vez que a coordenadora pensa que a opinião dos professores é muito importante para a criação de uma lista com aquele carácter.

Foi ainda mencionado o desagrado pelo facto de ter sido transmitida, no entender da coordenadora, alguma rigidez relativamente ao tempo que deveria ser dedicado à leitura na escola, que foi interpretado como uma obrigação.

Aquela ideia de ser uma hora rigorosa não me agrada, porque se calhar hoje só dou meia hora mas amanhã dou duas... (...) Eu penso que a forma como estava escrito... Eu também interpretei no mau sentido, é uma hora para ler, é um trabalho obrigatório. Interpretei que era obrigatório e a maior parte das colegas também, e acharam que era insensato porque elas já fazem essa leitura ao longo do dia, ao longo da semana, ao longo do ano lectivo. Agora não quer dizer que seja só aquela obra, porque quando estão a pegar no manual e estão a trabalhar uma lição estão a fazer leitura com os alunos, quando estão a ler o estudo do meio estão a fazer leitura...

Relativamente à atribuição das verbas, a coordenadora acha correcto que se tenham privilegiado as escolas com BE e aderentes à RBE, ainda que a opinião dos professores da escola divirja quanto a este aspecto. Essa atribuição é vista pela coordenadora como uma compensação e a sua expectativa é que a escola continue a receber de futuro algum reforço orçamental para a aquisição de mais livros, nem que seja por via da Câmara ou de empresas.

A existência de livros de “leitura obrigatória” logo no 1º ciclo é considerado um aspecto positivo, porque é para todos os alunos. A coordenadora reconheceu que há escolas e professores que não se interessam por este tipo de trabalho, pela leitura de livros que não os manuais, e que acham que o trabalho no 1º ciclo é dentro da sala de aula, desprezando o papel da BE. O PNL veio uniformizar as práticas lectivas, fazendo com que todos professores centrem mais a sua atenção no dever de promoção destas actividades.

A nível mais geral, a coordenadora da BE e professora de contacto com o PNL na escola espera que os pais vão mudando mentalidades e se vão apercebendo da importância da leitura de livros que não os manuais escolares. Ao ser-lhes proporcionado um contacto mais próximo com os livros do PNL, que os alunos levam para casa, os pais vão-se apercebendo “que há obras interessantes”. O PNL contribui para a divulgação de escritores e de ilustradores, não só entre os pais como entre os professores.

A coordenadora considera a publicidade do PNL que tem visto até agora interessante. A imagem da marca Ler+ é considerada muito sugestiva, simples, com um bom grafismo e transmite o propósito do projecto.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

Quando questionada acerca da situação geral do país quanto à leitura e à literacia, a coordenadora considerou ser muito fraca. Por um lado, não há muito o hábito de ler, justificado em grande parte pelo *boom* dos meios audiovisuais, embora estes não substituam, no seu entender, o prazer da leitura de um livro.

A imagem atrai muito e acabamos muitas vezes por em vez de ler um livro ver um vídeo. Mas o prazer de ler um livro, ter o livro nas mãos, abrir, folhear, estar com ele uma semana e depois voltar a pegar, estar uma noite a ler porque se quer acabar o fim, aquele cheirinho do livro, isso não tem nada a ver com um filme.

Por outro lado, há que colocar em questão o que se lê. E segundo a coordenadora, lê-se cada vez mais as denominadas “revistas cor-de-rosa” e os jornais sensacionalistas.

A leitura é fundamental para a nossa aprendizagem, refere. Através do processo de leitura, as crianças memorizam as palavras e, para além de aumentarem o seu vocabulário, diminuem os seus erros ortográficos. Para além disso, a leitura desenvolve a imaginação e dá acesso a novos conhecimentos.

O PNL pode contribuir para promover a leitura, e mais uma vez a coordenadora remete-se ao âmbito escolar e à importância do papel das BEs. O caminho que se está a seguir é em sua opinião o correcto e o contributo ao nível do enriquecimento do fundo documental das BEs e da promoção de actividades de leitura é importante.

Sugestões e propostas

De futuro, a coordenadora pensa ser importante a continuidade do PNL. Há que insistir também na sua divulgação. Essa divulgação deveria ter uma presença mais forte em *outdoors*, na imprensa e principalmente na televisão, não apenas na RTP, mas sim em todos os canais.

A coordenadora sugeriu também de futuro o envio de cartazes às escolas, que possam ser expostos no sentido de uma mais eficaz divulgação do PNL junto de pais e alunos.

É ainda recomendado que o PNL estenda os seus apoios às escolas que, durante a primeira fase de implementação, não tiveram acesso e que o seu plano de acção abranja já numa segunda fase as escolas secundárias. Deverá também manter-se o apoio às escolas que a ele já tiveram acesso, o que poderá ser feito por via de Câmaras ou empresas, cuja colaboração com o PNL é preciso reforçar.

O PNL deverá também permitir a planificação mais atempada das actividades do ano lectivo, contactando as escolas com maior antecedência relativamente ao arranque do ano escolar e atribuindo as verbas orçamentais ainda antes do seu início. As editoras deverão também, desta forma, preparar-se mais convenientemente para dar uma resposta eficaz às necessidades das escolas.

Uma última sugestão prendeu-se com a clarificação dos critérios adoptados para a selecção da lista de livros.

1.3.3. Entrevista a Professoras

Perfil das entrevistadas

A primeira entrevistada é coordenadora da escola e professora de uma turma com o 2º e 3º anos. Tem o magistério. Exerceu sempre a docência, no 1º ciclo.

A segunda entrevistada é professora do 1º ano. Tem o magistério e o complemento de formação.

A terceira entrevistada lecciona o 4º ano. É licenciada em ensino do 1º ciclo. É a mais nova. Foi sempre professora.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola / desenvolvidas pelos professores

Cada professora leu e explorou com os seus alunos dois livros do PNL durante o ano lectivo. Apesar de, aquando do registo no PNL no início do ano, terem seleccionado três livros, um por período, a chegada tardia dos mesmos, obtidos através do reforço orçamental, impossibilitou a sua leitura no 1º período.

O trabalho de exploração dos livros passou, em primeiro lugar, pela realização de fichas de língua portuguesa e de interpretação. As fichas são consideradas importantes para que “os alunos retenham alguma coisa da história, percebam o seu conteúdo, a sua finalidade, a linguagem utilizada”.

A leitura e realização de fichas foi não só realizada na escola como em casa dos alunos, apelando ao apoio dos pais. Eles puderam levar os livros para casa, já que a existência de doze exemplares de cada obra permitiu a sua circulação rápida entre todos.

Recorreu-se também à ilustração para explorar os livros. Uma professora dá conta de uma actividade que consistiu na divisão da história, em quatro partes, e na realização de um desenho para cada uma dessas partes, por forma a contá-la através dessas ilustrações.

Uma das professoras entrevistadas referiu ter explorado as leituras apenas através de fichas, de interpretação e de ilustração, porque esteve com atestado médico e diz não ter tido oportunidade para um trabalho mais aprofundado. Nos outros casos, contudo, as professoras potenciaram a interdisciplinaridade e o trabalho de pesquisa. A partir dos temas dos livros, procurou-se abordar assuntos relacionados com o estudo do meio ou a formação cívica, por exemplo.

No caso do 1º ano, a leitura de *Bambi* permitiu falar sobre os cuidados e a protecção em relação aos animais e à natureza e explorar a matéria relativa aos seres vivos. Nesse âmbito foi levado a cabo um trabalho de pesquisa pelos alunos sobre os animais domésticos e os animais selvagens. Através de informação recolhida na Internet e de recortes de revistas, foi elaborado um cartaz, que está exposto na sala de aula. Para a realização desse trabalho, os alunos foram organizados em grupos.

A professora do 4º ano contou, por sua vez, como a leitura do livro *O Segredo do Rio* coadjuvou a abordagem dos rios no estudo do meio. Após a leitura, os alunos revelaram curiosidade pelo ciclo da água e foram à BE explorar outros livros sobre esse tema. A partir do resultados dessa pesquisa, em enciclopédias e outros livros, e da informação fornecida pela professora, os alunos elaboraram um texto onde descreveram a sequência do ciclo da água e fizeram cartazes sobre o assunto.

O trabalho de pesquisa referido, realizado com o 1º ano, exemplifica a implicação de outros suportes nas actividades para além dos livros. A partir do livro, que ainda assim desempenha o papel central, recorreu-se a outras fontes de informação, como a Internet ou a imprensa. Por outro lado, a professora do 4º ano afirmou estar a restringir a pesquisa dos alunos na Internet, pelo facto de eles se limitarem a copiar a informação que lá encontram, sem sequer a lerem.

Estou a tentar limitar um bocado a pesquisa na Internet, porque eles limitam-se a pesquisar, imprimir e trazer, e não lêem. Já lhes disse para pesquisarem numa enciclopédia, porque lá são obrigados a ler e a escrever. Para criarem conhecimentos, senão não adianta nada.

As actividades do PNL têm sido realizadas em parceria com a BE. Elas têm lugar tanto na BE como na sala de aula e a sua coordenadora tem apoiado o trabalho e dinamizado algumas sessões de leitura.

O tempo diário dedicado a estas actividades é variável – “é conforme se proporciona”, admitem as professoras. Segundo as mesmas, na monodocência não é possível a existência de um horário rígido, uma compartimentação do tipo de trabalho e de matérias.

As professoras não falaram directamente com os encarregados de educação sobre o PNL ou as actividades desenvolvidas no seu âmbito. Contudo, eles terão tomado conhecimento através dos livros e das

fichas que os alunos levaram para casa, algumas das quais solicitavam inclusivamente a sua opinião sobre esses livros, identificados como integrados no PNL.

Segundo as professoras, os pais são em geral pouco participativos e pouco interessados. As professoras sentiram a dificuldade que os alunos tiveram em “pôr os pais a ler com eles”.

O meio em que a escola se insere é percebido pelas professoras como caracterizado por classes médias-baixas. Todavia, segundo afirmam, este não é um factor que interfira decisivamente na participação dos pais nos assuntos escolares, pois mesmo aqueles de classes e formação mais elevada se revelam pouco participativos no apoio ao estudo dos filhos, alegando falta de tempo.

A não solicitação da participação mais intensa dos pais nas actividades do PNL é assim justificada pelas professoras pela habitual fraca receptividade por eles demonstrada.

Poucos pais têm participado, são pouco interessados. (...) Os meus alunos, quase obrigaram os pais a ler. (...) Se há uma parte que se interessa, há sempre uma grande parte que não.

Podíamos fazer um colóquio, tentar chamar os pais, interessá-los, abrir a biblioteca aos pais, mas eles também não estão interessados... Nós chamamos aqui os pais, quando é qualquer coisa nesse sentido, e aparecem muito poucos. Dizem que não têm tempo.

As professoras consideram que o trabalho que estão a fazer este ano com o PNL é semelhante ao trabalho que já faziam em anos anteriores, a nível da língua portuguesa. As fichas de exploração já eram utilizadas e já existia uma articulação com a BE. Os alunos tinham também por hábito a requisição de livros.

A diferença é que não utilizavam especificamente os livros que trabalharam este ano, escolhidos de entre a lista do PNL. Por vezes a leitura baseava-se no manual ou noutros livros da BE. Nesse aspecto, as professoras reconheceram que os livros do PNL podem ter trazido alguma motivação e envolvimento acrescidos aos alunos.

O trabalho que é feito com o PNL é basicamente o trabalho que nós fazemos a nível de língua portuguesa (...). O PNL não será nada de transcendente, será só neste aspecto em que eles se podem envolver mais com um livro que não especificamente os manuais ou outro livro que nós tenhamos na escola. Porque a nível de trabalho, basicamente é o trabalho que nós estamos habituadas a fazer.

Para além disso, o contacto com novos livros, outros livros para além dos textos a que eles estão habituados nos manuais ou que requisitavam na BE, abre outras perspectivas aos alunos, mostrando-lhes a riqueza que existe a nível literário.

Os alunos ouvem falar do PNL, sabem mais ou menos do que se trata, vêem os livros novos, e isso atrai-os, traz uma motivação acrescida para a leitura. É a partir disso que as professoras dizem ter de trabalhar. Mas esse trabalho não é simples, não passa apenas pela escola e os resultados não são imediatos, afirmam.

Todas as professoras entrevistadas mostraram-se muito reticentes quando questionadas sobre os resultados e efeitos do PNL. Os resultados que se pretendem não são alcançáveis em poucos meses. As entrevistadas afirmaram já trabalhar há muito tempo com a BE na promoção da leitura e mesmo assim ser muito difícil combater certos problemas: “Isto também é um processo contínuo, não é o PNL em dois ou três meses que vai fazer tudo... (...) Não podemos ainda fazer uma avaliação muito concreta.”. Há que ter em consideração também, sublinham, que o PNL não trouxe nada de muito novo. A prática já existia, não é novidade para os alunos, os livros é que são diferentes. Os alunos gostam dos livros, aderem a eles, mas,

segundo uma outra professora, o seu impacto não foi muito grande, porque a prática de leitura na sala de aula já existia. A maior mais-valia foi mesmo o enriquecimento do fundo documental da BE.

Eles gostam dos livros, aderem aos livros, mas aqui o impacto dos livros... foram mais uns livros, porque nós já tínhamos esta prática. Portanto se fosse uma novidade total se calhar sentíamos mais esse impacto. Claro que eles sabem o que é o PNL, os livros que estão a trabalhar, a explorar, mas é mais um acréscimo que fez à BE.

As professoras identificaram os problemas dos alunos em relação à leitura. Segundo elas, os alunos gostam e acham piada aos livros em geral, mas não têm muito a noção do que é que o livro pode oferecer. Quando confrontados com outras actividades, preferem-nas à leitura.

Eu costumo dizer que o livro é uma boa prenda, mas eles não gostam. É os jogos, a *Playstation*...

É preciso realmente motivá-los e procurar incentivá-los e criar interesses, porque eles por eles se calhar vão mais depressa para o computador, para as brincadeiras do exterior, do que para a biblioteca.

Eles estão, por exemplo, habituados a fazer requisições de livros na BE, mas as professoras manifestaram as disparidades na sua relação com os livros. Enquanto alguns fazem requisições mais regularmente, estão sempre a pedir para ir à BE, outros têm os livros quinze dias e as professoras têm a percepção de que muitas vezes nem os lêem.

Para as professoras, muitos destes problemas têm origem em casa, com os pais. Os alunos não têm um incentivo em casa para a leitura, os pais não têm esse hábito, o que faz com que não haja uma continuidade do trabalho que é feito na escola. Isso limita a acção das professoras. A falta de diálogo e de hábitos de leitura dos pais reflecte-se também na falta de vocabulário, que as professoras dizem notar nos alunos.

Eles não são criados com esses hábitos, e acho que isto também tem muito a ver com os hábitos familiares. Não vêem os pais a pegar num livro ou num jornal, são capazes de ver a mãe a pegar numa *Gente*, numa *Maria*... Se eles também não trazem esse incentivo de casa, a escola dá-lhes alguma coisa mas não lhes consegue dar muito mais. É um trabalho que também tem de ser feito em casa. (...) E nota-se muito na linguagem a falta do diálogo e dos hábitos de leitura em casa, há muita falta de vocabulário.

Há por isso ainda muita coisa a fazer no futuro no que respeita à promoção da leitura e as professoras têm noção de que os efeitos da sua acção e do PNL, a serem alcançados, só serão visíveis a médio/longo prazo.

O Plano Nacional de Leitura na sua organização

A inscrição no PNL foi essencialmente motivada pela expectativa inicial de atribuição de livros para a BE. Embora não a percepcionassem como obrigatória, a inscrição era condição para a concessão do reforço orçamental.

As professoras não têm utilizado o *site* do PNL. Dizem não ter tempo para o consultar regularmente. É a coordenadora da BE, professora de contacto com o PNL na escola, que o faz e que imprime a informação pertinente para divulgar junto delas. Afirmaram também não sentir necessidade de recorrer a outros meios para esclarecer dúvidas relativas ao PNL, pois não as têm tido, já que não têm feito nada de muito diferente do que já faziam.

Não tinham sido até ao momento realizadas, por exemplo, dramatizações, nem outras actividades desse género, ainda que inicialmente previstas. As professoras justificaram-se, em primeiro lugar, pela falta de tempo. Dizem ter um programa curricular a cumprir e metas a atingir com os alunos, e essas são actividades que implicam a disponibilização de muito tempo. Uma das professoras justificou a acrescida falta de tempo pelo facto de a sua turma englobar dois anos diferentes de escolaridade. Este facto dificultou inclusivamente, em seu entender, a aplicação do PNL, porque se, por um lado, é sempre difícil adequar um mesmo livro a alunos com dois níveis distintos de aprendizagem, por outro lado, a utilização de dois livros diferentes em simultâneo causa uma grande dispersão.

As professoras fundamentaram os desvios ao projecto inicial, ao nível da não realização do tipo de actividades referido, em segundo lugar, pelas limitações financeiras da escola: “Como é que vamos fazer fantoches, por exemplo? Há falta de verba para este tipo de materiais, até para tinteiros.”

As professoras pensam que este outro tipo de actividades podiam ser eventualmente realizadas nas aulas extra-curriculares, o que passaria pela promoção da articulação com os professores responsáveis por elas. Outra hipótese seria a deslocação à escola de um professor do agrupamento, possivelmente da sede, do 2º e 3º ciclos, com maior aptidão na sua dinamização. As professoras fizeram notar algum descontentamento pela falta de articulação ao nível do agrupamento no que à realização de actividades diz respeito. Quando questionadas sobre a possibilidade de aproveitamento dos recursos da BM, as entrevistadas aludiram que nem sempre é fácil a deslocação, devido à necessidade de transporte.

A cooperação da coordenadora da BE, tanto na dinamização como na orientação das actividades, é considerada uma mais-valia. Há uma grande articulação entre ela e as professoras, entre a BE e a sala de aula. Ainda assim, as professoras referiram que essa articulação é dificultada pelo facto de a coordenadora não estar lá destacada a tempo inteiro.

A coordenadora [da BE] quando é um tema que vamos explorar, ela se calhar sabe, tem uma visão mais geral dos livros, dos recursos que podemos utilizar, e se calhar acaba por orientar o professor, acaba por ser uma mais-valia.

É difícil dar continuidade ao trabalho que se está a fazer, para haver uma certa sequência... Nota-se muito a diferença entre quando estava a tempo inteiro e quando ficou com recursos partilhados. Quando a coordenadora estava cá a tempo inteiro, aí sim funcionava melhor, havia um trabalho mais organizado.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais

As professoras revelaram desconhecer a aplicação do PNL fora do contexto escolar. O PNL é considerado uma mais-valia para o trabalho nas escolas. É mais um meio concedido para motivar os alunos para a leitura. O PNL terá mais importância nas escolas que não desenvolviam habitualmente actividades de promoção da leitura.

As expectativas das professoras são, contudo, limitadas. Estas recorrem às suas experiências anteriores com Planos deste género para justificar as suas fracas expectativas em relação ao PNL. Receiam que, tal como esses outros programas, o PNL acabe antes mesmo de surtir efeitos. Note-se, contudo, que as professoras evidenciaram desconhecimento em relação ao tempo de vigência previsto para o PNL.

Houve muitos Planos deste género antigamente, acabaram e os resultados foram os mesmos. (...) Estou muito céptica em relação a certas coisas. Isto tem de mudar, mas para se ver frutos não se pode fazer e acabar logo. Os resultados não se podem ver logo. Eu não sei o tempo de vigência deste Plano. (...) Há muita coisa para fazer, é um universo muito grande, tem de ter um prazo de vigência suficientemente grande e ir-se reformulando o que

está mal, para se conseguir ver resultados. Nestes planos todos que têm sido implementados, nós nunca conseguimos ver resultados, porque quando começamos a ter algum lucro daquilo que foi feito, acaba o projecto e começa outro, e nós não conseguimos dar continuidade a nada. E a motivação acaba por perder-se.

As professoras entrevistadas apontaram ainda algumas críticas ao PNL. Em primeiro lugar, sentiram que os professores não são consultados neste tipo de Planos, antes de eles serem postos em prática.

Em segundo lugar, criticaram o facto de a divulgação de informação relativa ao PNL ser feita exclusivamente através da Internet. Afirmam que seria mais fácil o acesso à informação se ela fosse enviada em suporte papel para as escolas, pois dizem não ter disponibilidade para empreender uma procura activa da mesma.

Quando as informações chegavam em suporte de papel era muito mais fácil, nós liamos... Agora é tudo via informática. Estamos muito sobrecarregadas de trabalho, não temos tempo para ir ver. (...) Se eu tiver em suporte papel, até sou capaz de à noite me entreter a ler, agora estar a abrir o computador, a Internet... (...) É que nós muitas vezes nem nos apercebemos da evolução, não sabemos se saíram coisas novas ou não, porque não estamos sempre a entrar no *site*. Se for em papel, só pelo simples facto de termos de abrir a carta, vamos ler.

As entrevistadas aproveitaram também para fazer algumas críticas, fora do âmbito do PNL, às reformas que estão a ser levadas a cabo pelo Ministério da Educação, justificando alguma falta de motivação na sua prática lectiva.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

Para as professoras, importa promover a leitura e desenvolver a literacia para desenvolver o país. A situação geral do país é muito má a este nível e tem tendência para piorar, afirmam. Por um lado, perdeu-se o hábito da leitura e, por outro, fala-se e escreve-se cada vez pior, inclusivamente nos meios de comunicação social.

Essa situação não é facilmente convertível, tem de haver um trabalho contínuo, é um processo muito lento e os resultados não são imediatos.

Sugestões e Propostas

As professoras chamaram a atenção para a necessidade de alguma estabilidade ao nível de projectos como o PNL. Qualquer projecto tem de ter um tempo de vigência suficiente para ser bem trabalhado, para se detectar e corrigir os erros, e para depois se colher algum fruto.

Ao nível das escolas, sugeriram que a divulgação de informação relativa ao PNL não seja feita exclusivamente através da Internet, mas também através dos meios convencionais, o seu envio em suporte papel para as escolas. Esta é uma forma de os professores estarem mais atentos ao Plano e às iniciativas que vão sendo desenvolvidas no seu âmbito.

As professoras expressaram ainda a sua opinião acerca dos recursos partilhados nas BEs. Segundo elas, este não é um método muito favorável. O destacamento de pessoal a tempo inteiro permitiria um trabalho mais continuado e sustentado.

Por último, as entrevistadas alertaram para a importância de promover a leitura não só entre os alunos como entre os pais, referindo que a acção do PNL não pode passar só pelas escolas.

1.4. Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos Serra da Gardunha (Fundão)

1.4.1. Relatório de visita

O primeiro contacto com a escola foi efectuado por telefone no dia 27 de Março de 2007 através do professor de contacto com o PNL (simultaneamente coordenador a tempo inteiro da BE), que manifestou imediatamente disponibilidade para colaborar.

A visita à escola iniciou-se no dia 24 de Abril de 2007 às 14h30. Num primeiro momento foi visitado o espaço da BE e os corredores de salas de aula mais próximos da biblioteca, cujas paredes tinham diversas citações de Vergílio Ferreira, ali colocadas no âmbito do Clube de Leitores do autor na escola. Nas portas das salas encontravam-se, por outro lado, citações dos alunos acerca da leitura e da biblioteca, devidamente identificadas. O coordenador considera que é uma forma de estimular os alunos a participar nas iniciativas da BE e verem o seu trabalho reconhecido e exposto por toda a escola.

Iniciou-se então a entrevista com o professor de contacto com o PNL na escola, numa sala no interior da BE, de forma bastante livre e informal, através da visualização de fotografias no computador das actividades que tinham desenvolvido no dia anterior na comemoração do Dia Mundial do Livro. Prosseguiu com outras fotografias de outras actividades que ia explicando e enquadrando. No decorrer da entrevista a presidente dos órgãos de gestão veio dar as boas vindas e disponibilizar-se para qualquer solicitação. Foi, contudo, necessário interromper a entrevista para se iniciar, no mesmo local, a entrevista com um grupo de 6 professores, sendo que a mesma teve de terminar quando tocou para se iniciarem novas aulas.

Posteriormente, foi possível visitar uma sala onde decorria uma aula do 5º ano de escolaridade de uma das professoras que participou na entrevista de grupo. Era a disciplina de Formação Cívica e os alunos encontravam-se em grupos a trabalhar sobre um panfleto de prevenção rodoviária. Surgiu a possibilidade de lhes colocar algumas questões a que apenas um grupo restrito de alunos respondeu. Afirmaram conhecer o Plano Nacional de Leitura e explicaram que consistia nas actividades que levavam a cabo com base nos livros do Plano, tanto na sala de aula, como na BE, tendo enumerado brevemente algumas delas. Consideram que o PNL tem por objectivo fazer com que as pessoas pratiquem a leitura, o que é fulcral para a sua formação futura, para aprenderem vocabulário, para estimularem a sua imaginação e para “viajarem em sonhos” com os livros. Todos eles afirmaram frequentar semanalmente a BE, nuns casos apenas com os professores, noutros por iniciativa individual. Apenas dois deles afirmaram frequentar a Biblioteca Municipal com os pais. No final, a professora informou que se tratava de uma turma específica, cujos alunos provinham maioritariamente das aldeias do concelho do Fundão e, nesse sentido, inserem-se em famílias mais desfavorecidas que nem sempre acompanham as actividades dos filhos na escola, ainda que eles se encontrem motivados para ler. Referiu ainda que noutras turmas, com alunos maioritariamente provenientes da cidade do Fundão e cujos pais têm inclusive formação superior, as crianças encontram-se mais empenhadas e são estimuladas pela família.

De acordo com a aula visitada e com a informação disponibilizada pelo coordenador e professores, as salas de aula não têm informações e trabalhos expostos, até porque nos 2º e 3º ciclos as salas variam consoante as disciplinas, contrariamente ao que acontece nos JIs e nas escolas do 1º ciclo. Por outro lado, os

restantes espaços visitados tinham todo o tipo de informação relativamente às actividades da BE, quer através de cartazes informativos, quer com a exposição de trabalhos dos alunos.

Posteriormente, de regresso à BE, foi possível completar a entrevista ao professor de contacto com o PNL na escola. Contudo, estabeleceu-se ainda cerca de uma hora de conversa com o coordenador que foi, entretanto, mostrando outros documentos que tinha no computador relativamente às actividades da BE no âmbito do PNL. Referiu-se, por exemplo, à dificuldade que os professores têm em utilizar as TIC, o que acaba por distanciá-los ainda mais dos alunos que as dominam com facilidade. Antes de terminar a conversa, o coordenador perguntou se poderia ficar com os guiões de entrevista utilizados para os diferentes agentes na escola, uma vez que achou que as questões colocadas sistematizavam um conjunto de informação que a própria BE gostaria de recolher, podendo, nesse sentido, os guiões funcionar como base de suporte para construírem as suas próprias questões. No final, foi ainda possível visitar o gabinete da presidente dos órgãos de gestão, que manifestou bastante contentamento pela visita e pelo reconhecimento das boas práticas levadas a cabo na escola.

1.4.2. Entrevista a Professor de Contacto com o PNL na escola

Perfil do entrevistado

O professor de contacto com o PNL na escola tem 39 anos, tem uma licenciatura em Educação Visual e Tecnológica e uma pós-graduação em Tecnologias Educativas pela Faculdade de Psicologia de Lisboa. Lecciona há 17 anos, inicialmente na área da Educação Visual e Tecnológica e mais tarde na área das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). Percorreu já algumas escolas, nomeadamente localizadas na Sertã e em Alcains, nas quais participou também nas equipas das BEs, ainda que não na coordenação das mesmas. Porque o seu interesse pelas BEs foi crescendo, realizou algumas formações nessa área. No ano em que ficou efectivo na EB 2, 3 Serra da Gardunha propôs fazer a candidatura à RBE e ficar como coordenador da BE. Entretanto, fez já várias formações, nomeadamente *online*, através do Prof2000 na área das bibliotecas. O ano passado participou na formação de professores para as BEs do projecto THEKA, da FCG.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola

A escola desenvolve há já alguns anos actividades de promoção do livro e da leitura junto dos seus alunos, tendo como pólo dinamizador a BE. Têm, por exemplo, realizado encontros com escritores todos os anos, sendo que os alunos preparam as visitas fazendo a exploração das suas obras através da análise do texto e recorrendo também à expressão gráfica. Têm também um “Clube de Leitura Vergílio Ferreira”, organizado por duas professoras que fazem parte da equipa da BE, que tem lugar às quartas-feiras à tarde e que se centra fundamentalmente na leitura e na realização de actividades relacionadas com a obra do autor. Os alunos visitaram já o Seminário do Fundão, que o autor frequentou, e desenvolveram diversas iniciativas tendo por base a produção literária de Vergílio Ferreira. Têm também realizado inúmeros concursos e dramatizações de textos.

A escola tem procurado sempre estimular e sensibilizar os alunos para a leitura e para o livro, contudo, consideram também fulcral mobilizar os encarregados de educação, sem o apoio dos quais as acções levadas a cabo pela escola podem não ter efeitos. Neste sentido, muitas das actividades que a mesma desenvolve direccionam-se para os pais e familiares com o intuito de sensibilizá-los para a importância da leitura e, assim, actuar num dos principais eixos socializadores das crianças. Procuram não só envolvê-los em actividades específicas, solicitando, por exemplo, a sua colaboração para contarem histórias na sala de aula, como também mobilizá-los para serem os próprios a organizarem actividades no espaço escolar. Sensibilizar os pais é também uma forma de não cingir a promoção da leitura à população e ao espaço escolar.

Temos também que chegar ao resto da população (...) Queremos que passe também os muros da escola. E acho que o primeiro passo tem que ser chegar mesmo aos encarregados de educação. A partir daí também já temos um grande núcleo de população envolvida, portanto, os alunos, os encarregados de educação já irão construir um bom número da população portuguesa. Cabe também muitos às escolas como é que consegue fazer chegar isto aos encarregados de educação.

No âmbito do PNL, a escola continuou a desenvolver grande parte das actividades que já levava a cabo, ainda que o coordenador reconheça que as mesmas tenham sido reforçadas e ampliadas.

A partir de Dezembro iniciaram-se na escola as actividades que a escola desenvolveu especificamente para dar resposta ao Plano Nacional de Leitura:

- “O verbo LER não suporta o imperativo”. Acção de formação realizada no dia 5 de Dezembro de 2006 à noite, promovida pela BE que convidou a Associação de Pais e Encarregados de Educação do Agrupamento Serra da Gardunha a organizar o evento em co-parceria. A professora Graça Sardinha, da Universidade da Beira Interior, foi convidada para falar às cerca de 50 pessoas presentes (pais e professores) sobre livros e leitura, sugerindo formas criativas para os pais promoverem a leitura junto dos seus filhos com base em actividades rotineiras do quotidiano. No final houve um espaço de discussão e partilha de ansiedades e de experiências entre pais e professores, seguido de um período de convívio.

- Feira do Livro. Entre 12 e 21 de Dezembro de 2006 realizou-se uma feira do livro na BE com a presença de cerca de 30 editoras que foram convidadas a expor e vender os seus livros, sendo que muitos deles se inseriam nas listagens propostas pelo PNL. Pretenderam com esta iniciativa estimular a oferta de livros no período natalício, recorrendo ao *slogan* “Neste Natal ofereça um livro”.

- “Fundão, Livro na Mão”. Actividade de celebração do Dia Mundial do Livro (23 de Abril de 2007) que envolveu as escolas da cidade do Fundão, desde o pré-escolar ao 2º ciclo. As crianças e jovens reuniram-se no centro da cidade (relvado do Centro Cívico) e escreveram textos, fizeram desenhos em papel de cenário sobre o livro e a leitura, participaram em recitais de poesia, apresentaram pequenas biografias de autores portugueses, fizeram dramatizações, cantaram alguns poemas e participaram em jogos (charadas, sopas de letras). Esta actividade contou também com a participação dos encarregados de educação e dos professores, que contaram histórias. Ocorreu ainda uma troca de livros entre alunos, na qual participou também a população do concelho que aderiu à iniciativa. Esta iniciativa foi inicialmente proposta pela escola que considerou que para a mesma ter viabilidade não deveria confinar-se apenas a um agrupamento de escolas. Nesse sentido, propuseram-na à Biblioteca Municipal e ao vereador da cultura, que gostou bastante da iniciativa e que transformou a designação “Fundão a ler, Fundão a crescer” para “Fundão, um livro na mão”.

Foi solicitado à população da cidade do Fundão que pelo menos nesse dia viesse para a rua com um livro. As crianças e jovens distribuíram nesse sentido panfletos à população da cidade.

A escola envolveu-se também de forma interessada nos concursos propostos pelo Plano Nacional de Leitura, divulgando e estimulando, por parte dos professores e da BE, a participação dos alunos nas mesmas, nomeadamente através do jornal “Boletim da Gardunha”:

- Concurso Rómulo de Carvalho/António Gedeão, o poeta da Ciência;
- “Concurso Nacional de Leitura”;
- Concurso CTT/PNL "Onde te leva a imaginação?".

As actividades desenvolvidas pela escola no âmbito do PNL centram-se fundamentalmente no livro. No 1º período, por exemplo, quando não tinham ainda os livros do PNL na escola, as actividades que desenvolveram centraram-se muito em livros que os alunos trouxeram e divulgaram aos outros alunos. Neste período exploraram também algumas revistas e jornais trazidas pelos alunos. O suporte menos explorado no âmbito do PNL é a Internet, uma vez que o coordenador sente que os alunos facilmente se desorientam nas consultas que fazem nesse suporte. Nesse sentido, a equipa da BE está neste momento a trabalhar na construção de um conjunto de materiais de acompanhamento e de exploração da Internet. Mas sentem que esses materiais não são suficientes se os professores não tiverem as competências necessárias para dar essas indicações aos alunos e orientá-los nas suas pesquisas. Na BE, por exemplo, quando recebem os alunos da Área de Projecto sentem existir grandes lacunas nesse âmbito.

Os alunos vêm fazer um trabalho, por exemplo, sobre o ambiente. “Então e quais é que são os *sites*?”, “Ah, o professor disse para procurar no *Google* «ambiente?”. Pronto, o que aparecer de ambiente copia-se, cola-se e entrega-se. Aí tem que haver um trabalho também conjunto com os docentes.

Como já foi referido, a escola foi a única do agrupamento a ser financiada no âmbito do PNL para a aquisição das obras sugeridas e enquanto sede de agrupamento tem também a BE com mais recursos. Nesse sentido, sempre que os professores de outras escolas do agrupamento manifestam interesse em trabalhar alguns livros que a BE possui são organizados baús que se deslocam pelas escolas interessadas. Para além disso, os Jardins de Infância e as escolas do 1º ciclo visitam ocasionalmente a BE, não só no sentido de acederem a recursos que as suas BEs (quando existem) não têm, mas também para se familiarizarem com a escola e a biblioteca que irão frequentar na mudança de ciclo.

Porque a BE da escola tem já uma dinâmica intensa de actividades, os alunos da escola frequentam pouco a Biblioteca Municipal Eugénio de Andrade. A BM é fundamentalmente frequentada pelos alunos dos JIs e do 1º ciclo que vão apenas visitar o espaço ou se inscrevem no conjunto de iniciativas regulares levadas a cabo pela Biblioteca (dramatizações, horas do conto...).

A relação que as escolas do concelho mantêm com o SABE é bastante positiva, ainda que relativamente recente. O apoio do SABE centra-se, fundamentalmente, na catalogação – toda a catalogação dos livros das escolas do 1º ciclo está a ser efectuada pela BM –, na organização e na gestão documental. Para além disso, sempre que as escolas levam a cabo iniciativas de maior dimensão, procuram sempre fazê-lo em conjunto com o SABE.

É ainda importante referir que a “Associação de Desenvolvimento Pinhos Verdes” contribuiu monetariamente para o desenvolvimento de actividades de promoção da leitura que a escola tem levado a cabo no âmbito do PNL.

Como foi já referido, de acordo com a proposta do coordenador da BE, o Plano está a ser especificamente trabalhado no 2º ciclo em 45 minutos semanais por um grupo de professores que, na sua maioria, leccionam Língua Portuguesa. Para além disso, são também desenvolvidas actividades no âmbito do PNL nas disciplinas de Língua Portuguesa, em Estudo Acompanhado e em Área de Projecto.

Todos os alunos do 2º ciclo estão envolvidos nas actividades do Plano, bem como os professores de Língua Portuguesa¹³. Algumas turmas do 8º ano têm também trabalhado no âmbito do PNL, o que se explica pelo facto de uma das suas professoras pertencer à equipa da BE¹⁴.

A participação de todos os professores no Plano Nacional de Leitura não seria viável, uma vez que a escola participa noutros projectos que exigem também alguma disponibilidade e dedicação. Contudo, muitos professores, não participando directamente acabam por ter contacto e pequenas contribuições nas actividades que estão a ser desenvolvidas pelos alunos. É o caso, por exemplo, se o PNL for trabalhado em Estudo Acompanhado e o docente de Língua Portuguesa ou do PNL estiver acompanhado por um colega de Ciências ou de Matemática que acaba por participar nas actividades que os alunos estão a levar a cabo.

Inicialmente, os professores, particularmente os de Língua Portuguesa, estavam um pouco apreensivos relativamente às orientações do PNL que sugeriam trabalhar duas obras por período. Muitos consideraram inclusive tratar-se de uma tarefa impossível, já que numa aula não conseguiam sequer trabalhar uma página de um livro para permitir que os alunos consultassem os significados de todas as palavras que não conhecessem. Quando começaram a trabalhar os livros do Plano com os alunos centraram-se inicialmente na exploração gramatical do texto, tal como habitualmente faziam. Contudo, a sua atitude foi-se progressivamente alterando e libertaram-se um pouco dessa abordagem das obras, passando a privilegiar a fruição autónoma, mas orientada, da leitura, o que pareceu resultar bastante melhor em termos da motivação dos jovens.

Embora o trabalho desenvolvido em torno dos livros se enquadre privilegiadamente na disciplina de Língua Portuguesa, na realidade, os professores procuram que as actividades sejam interdisciplinares e estejam de alguma forma relacionadas com os conteúdos programáticos das diferentes disciplinas. A articulação faz-se, muitas vezes, através das temáticas dos livros trabalhados, muitos deles associados a determinados períodos históricos ou a fenómenos geográficos específicos. Para além disso, os professores responsáveis pelo tempo semanal dedicado ao PNL leccionam também outras disciplinas aos mesmos alunos, o que lhes permite em muitas ocasiões prolongar as actividades para outro contexto disciplinar, até porque os 45 minutos semanais nem sempre são suficientes.

Mas a actividade que teve maior impacto em toda a comunidade educativa e cujos efeitos se revelaram mais positivos foi a Semana da Leitura (5 a 9 de Março de 2007), que contou com a participação de todas as escolas do agrupamento. Esta iniciativa destinou-se a celebrar e incentivar o prazer de ler com múltiplas actividades festivas de promoção da leitura e com o encontro entre os livros e os seus leitores fundamentalmente em contexto de sala de aula e na BE. Os textos lidos e trabalhados nessa semana pelo 1º

¹³ Há apenas um docente de Língua Portuguesa que não está envolvido em actividades do PNL por opção própria.

¹⁴ São estes os alunos da escola que se inscreveram no Concurso Nacional de Leitura, sendo que uma das alunas venceu a final distrital e irá disputar a final nacional no dia 16 de Junho de 2007.

ciclo foram transformados em desenhos, mapas do tesouro e palavras cruzadas, sendo que todos estes materiais foram posteriormente expostos na BE. Realizou-se ainda uma exposição organizada pelos alunos do 8º ano sobre poetas associados ao concelho do Fundão (Eugénio de Andrade, Albano Martins e António Salvado). Os alunos do 8º ano declamaram também poemas em contexto de sala de aula, na BE e na sala de professores. Foi ainda realizada a “Feira do Livro em Saldo”, tendo as editoras sido convidadas a expor os seus livros mais baratos. Ocorreram ainda algumas dramatizações de textos trabalhados e foi sempre solicitada a participação e presença dos pais nestas actividades. O balanço que o coordenador faz desta semana é bastante positivo, já que possibilitou concentrar um conjunto de actividades desenvolvidas por todas as escolas do agrupamento e, assim, partilhar experiências e os materiais produzidos nesse contexto. Professores e alunos dedicaram-se bastante à prossecução das acções previstas e houve um envolvimento significativo dos encarregados de educação. O coordenador da BE ficou particularmente surpreso com as actividades dos JIs e das escolas de 1º ciclo e com o encanto das crianças relativamente ao livro. Manifestou, neste sentido, alguma tristeza que esse encanto se vá perdendo à medida que o contacto com o livro se vá tornando mais disciplinar.

A equipa da BE não tem um plano muito concreto de actividades a realizar até ao final do ano lectivo. Ainda assim, planeiam fazer algumas acções no dia 1 de Junho, no âmbito da celebração do Dia Mundial da Criança e querem realizar outra feira do livro no final do ano. Para além disso, têm agendada uma outra actividade direccionada para os encarregados de educação com uma professora de Castelo Branco que, por motivos de saúde, não se pôde ainda deslocar à escola. Gostariam também que Lauro António, realizador do filme “Manhã Submersa” baseado no romance com o mesmo título de Vergílio Ferreira, visitasse a escola. A equipa da BE está também a criar um portal virtual para o agrupamento que possa funcionar como espaço de informação, comunicação e partilha, particularmente no que diz respeito aos diferentes conteúdos das diversas disciplinas curriculares. Em termos gerais, cada turma está a levar a cabo projectos próprios, estando sempre a ser desenvolvidas actividades; o que não significa que exista um dia em que se concentram apresentações e acções relacionadas com todos esses projectos.

O balanço que o coordenador da BE faz da participação da escola no PNL é bastante positivo. Apesar de serem já desenvolvidas inúmeras actividades de promoção da leitura em contexto escolar semelhantes às que são propostas pelo Plano, tendo como pólo dinamizador a BE, como já referido, estas acções foram ampliadas e reforçadas. Um dos factores que contribuiu significativamente para isso foi o reforço orçamental atribuído pela Comissão do Plano à escola, que possibilitou a aquisição de um conjunto diversificado de obras e permitiu, assim, aumentar o fundo documental da BE. Para além disso, o PNL permitiu centralizar e formalizar práticas de fomento da leitura, muitas vezes levadas a cabo de forma dispersa e pouco integrada.

Além do que é óbvio em termos de fundo documental, trazer mais livros, penso que trouxe uma ajuda numa organização de um fio condutor para tudo isso. Porque é assim, estas actividades que o Plano Nacional de Leitura propõe são coisas que muitas vezes já são desenvolvidas dentro da sala de aula. Agora, da forma como são colocadas foi uma metodologia diferente. E a forma como são propostas é uma metodologia diferente e que propõe haver o tal fio condutor entre o trabalho de todos. Penso que é principalmente isso.

Outro aspecto particularmente positivo da acção do Plano diz respeito ao envolvimento crescente dos encarregados de educação nas actividades levadas a cabo pela escola. Como foi já referido, a BE reconhece como vector central da sua acção envolver pais e familiares, seja solicitando a sua presença e participação, seja

mobilizando-os para dinamizar actividades para os filhos no espaço da escola. O coordenador da BE considera que, na totalidade das escolas do agrupamento, os pais têm participado mais do que é habitual em anos anteriores. Ainda assim, reconhece que estão longe de conseguir a participação de todos os encarregados de educação, já que aqueles que efectivamente participam são apenas uma minoria¹⁵. Ainda assim, acredita que se trata de um processo que, apesar de lento, se direcciona para uma maior mobilização e interesse por parte dos pais. Utilizou o exemplo de uma escola do 1º ciclo do agrupamento, cujos pais dos alunos resistiram no início do ano lectivo a colaborar nas actividades, mas que actualmente participam de forma bastante expressiva.

O envolvimento da escola no Plano Nacional de Leitura teve também um forte impacto nos professores e nos seus métodos pedagógicos. Como já referido, inicialmente os professores estavam um pouco receosos porque assumiam que as actividades do Plano significariam uma carga de trabalho extra. Para além disso, muitas vezes os próprios professores não estão motivados para a leitura como fruição de lazer, considerando o coordenador da BE que muitos alunos lêem mais do que determinados professores. Uma vez que os alunos espelham a motivação dos professores, era também fundamental que a acção do Plano se estendesse aos mesmos. De facto, o impacto do PNL fez-se também sentir na forma como os próprios professores encaram a leitura e transmitem a importância de ler aos seus alunos. Para isso foi fulcral a existência dos 45 minutos semanais para desenvolverem actividades do Plano. Por não se tratar de uma disciplina sujeita a avaliação quantitativa, apresenta-se como um espaço privilegiado de contacto entre professores e alunos que possibilita trabalhar os livros de forma aberta, autónoma e lúdica. O coordenador da BE considera que se encontra aqui a explicação para o facto de as crianças dos JIs e do 1º ciclo gostarem particularmente do livro e da leitura, o que é indissociável da forma lúdica como o livro é utilizado. Este interesse vai-se progressivamente perdendo com a transição para o 2º ciclo, momento em que o livro e a leitura passam a confinar-se às aulas de Língua Portuguesa e a um trabalho (quase exclusivamente) gramatical. Com a adopção de estratégias semelhantes às que a escola adoptou, como a introdução de 45 minutos semanais dedicados ao PNL, considera ser possível ultrapassar esta situação e dissociar a leitura de métodos pedagógicos mais rígidos e fechados.

Com base nos registos das actas especificamente sobre o PNL (que foi solicitado logo no 1º período), do 1º e 2º período, percebe-se que os 45 minutos dedicados ao PNL são muito importantes porque passou a haver um espaço colectivo dos professores com os alunos de exploração de uma obra sem um carácter de disciplina em termos quantitativos, o que é bastante interessante porque liberta-os muito mais em termos do prazer da leitura e não ficarem limitados... Logo aquela questão do professor ter um conjunto de livros e dizer “olha, vamos aqui escolher entre todos quais são os livros que vocês gostavam de trabalhar”, é totalmente diferente do que se for um programa obrigatório que deve seguir obrigatoriamente aquele livro que está ali e que traz logo as fichas de leitura construídas e que traz logo o material todo com as perguntas construídas que vêm no manual. Está a haver um trabalho diferente, eu acho que...isso sem dúvida nenhuma. Esse tempo dedicado...vou continuar a lutar por ele e acho que não sou só eu neste momento porque o grupo de professores que está envolvido tem estado a sentir que tem sido muito significativo. Pretendem, portanto, prosseguir com esta prática e eventualmente alargar ao 7º, ao 8º ano (embora este último ano tenha 45 minutos denominados «mergulhar na leitura») e ao 9º.

Como foi já referido, o suporte menos utilizado na escola no âmbito do PNL é a Internet, não só pela desorientação dos alunos nas pesquisas que realizam, mas também porque, de acordo com o coordenador, os próprios professores apresentam inúmeras dificuldades (muitas vezes mais até que os alunos) em trabalhar

¹⁵ Convém referir que nem todos os pais que participam habitualmente em actividades se inserem na Associação de Pais, ainda que seja o caso da grande maioria.

com este suporte. Isto gera uma situação preocupante na escola, já que as escassas competências informáticas que muitos professores possuem contrastam acentuadamente com as competências dos alunos no que diz respeito à utilização de ferramentas consideradas básicas como o e-mail. O coordenador criticou alguns professores, não pelo facto de não terem essas competências, mas pelo facto de, muitas vezes, se manifestarem resistentes em adquiri-las. Deu ainda o exemplo de professores que se recusam facultar o seu e-mail aos alunos porque consideram ser algo muito pessoal, o que inviabiliza um instrumento que poderia ser fulcral na comunicação entre alunos e professores.

Eu vejo aqui que este ano, mesmo no próprio Pedagógico, para começarmos a utilizar o e-mail entre todos teve que se pôr um bocadinho a questão como obrigatória porque havia professores que ainda não tinham e-mails, foi criado na altura. Embora tenha havido já muita formação dentro das TIC a nível nacional, há uma grande camada do corpo docente que ainda não adquiriu algumas competências mínimas e isso depois vai criando às vezes um fosso entre eles e os próprios alunos porque os alunos já regularmente, pelo menos o e-mail, o *chat* e todas essas coisas utilizam. Assim, o professor vai estando um pouco...não saber manipular essas ferramentas vai criando algum fosso.

Na BE procuram dar alguma formação nessa área e apoiar todos os docentes que têm interesse em adquirir essas competências mínimas.

Ainda assim, é importante não generalizar, já que na escola alguns professores, inclusive, estão a desenvolver alguns sítios na Internet de testes interactivos na área da História e também de Ciências.

O coordenador sente que o Plano Nacional de Leitura tem também tido impactos positivos nos alunos que se mostram mais motivados e sensibilizados para o livro e para a leitura. O principal factor que contribui para esse incremento poderá estar relacionado com os 45 minutos semanais dedicados ao PNL que lhes possibilita trabalhar o livro de forma mais aberta e autónoma, sem a pressão de uma avaliação quantitativa. Foi, portanto, criado um espaço onde os alunos podem aprender a gostar de ler sem se sentirem pressionados a orientar a sua leitura de acordo com padrões pré-definidos nos manuais escolares. Existe sempre uma orientação mínima por parte dos professores, mas os alunos têm neste espaço um lugar privilegiado para expressar os seus interesses e dificuldades.

Para os alunos esses 45 minutos é que acho que veio libertá-los um pouco porque sentem que não é uma disciplina, não é Língua Portuguesa em que vão ter 1, 2, 3, 4 ou 5. É um espaço em que eles podem estar a fruir a leitura sem aquela pressão muitas vezes de uma avaliação.

Para além disso, o facto de todos eles terem sido consultados no processo de selecção das obras a trabalhar constitui um factor acrescido de motivação. Numa turma, por exemplo, um dos livros que escolheram para trabalhar frustrou as suas expectativas, contudo, o coordenador realça que nesta situação o importante foi que os alunos, na sequência de uma escolha que efectuaram, se aperceberam que o livro não se aproximava daquilo que tinham imaginado. Na BE é também possível registar um incremento das requisições domiciliárias. Contudo, torna-se difícil perceber se este aumento se deve directa e exclusivamente às actividades de promoção da leitura realizadas no âmbito do PNL ou se resulta de todo o trabalho que a BE tem vindo a desenvolver nesse sentido há já alguns anos.

Um outro indicador interessante diz respeito às feiras do livro, sendo que registaram este ano um número superior de aquisições de livros comparativamente com anos anteriores. A feira do livro que realizaram no Natal foi particularmente visitada por encarregados de educação que procuravam os livros sugeridos pelo Plano Nacional de Leitura.

O Plano Nacional de Leitura na sua organização

O coordenador da Biblioteca Escolar teve conhecimento do Plano Nacional de Leitura através da consulta do *site* da Rede de Bibliotecas Escolares, ainda no final do ano lectivo de 2005/2006, parecendo-lhe desde logo um projecto particularmente interessante e pertinente, não só no contexto do país, como também de implementação viável na escola. Posteriormente, a escola foi informada por parte da Comissão do Plano através de documentação que solicitava a sua colaboração e respectivo registo no *site* entretanto criado para o PNL. Enquanto responsável pela BE assumiu desde o início a responsabilidade pela execução do Plano na escola, tendo desde logo elaborado uma apresentação em *PowerPoint* com base nas informações que consultou no *site* do PNL, que mobilizou depois para diferentes reuniões, no sentido de informar a comunidade educativa. Num primeiro momento, interveio junto do Conselho Pedagógico, apresentando o PNL e propondo que no ano lectivo de 2006/2007, os 45 minutos de “oferta de escola” do 1º ciclo (5º e 6º anos) fossem totalmente dedicados a actividades do Plano Nacional de Leitura. Reuniu também com os diferentes departamentos da escola e com os Conselhos de Docentes dos Jardins de Infância e do 1º ciclo das escolas do agrupamento¹⁶ para dar a conhecer o Plano. Considera, portanto, que, em termos gerais, a comunidade educativa do agrupamento ficou relativamente esclarecida relativamente aos objectivos e âmbito do PNL.

Uma vez que o registo no Plano Nacional de Leitura por parte de cada escola exigia uma selecção de livros com base nos quais deveriam desenvolver actividades de promoção da leitura, o coordenador da BE, responsável pela inscrição da escola no PNL, organizou um conjunto de reuniões em que participaram todas as escolas do agrupamento e nas quais se levou a cabo esse processo de selecção. Foi também solicitado aos docentes que consultassem os seus alunos no sentido de aferir quais as obras que os mesmos gostariam mais de trabalhar.

O coordenador da BE considera que o período de selecção das obras foi muito curto e implicou escolher alguns livros que não conheciam, já que as listagens sugeridas pela Comissão do Plano não eram acompanhadas de informações sobre as obras. Nesses casos, atribuindo credibilidade e confiança às sugestões da Comissão do Plano, basearam-se nos títulos ou nalguma informação que recolheram na Internet.

As obras que estavam aconselhadas e que não se conhecia tentou-se fazer alguma pesquisa e ver se se encontrava pelo menos alguma referência. De algumas não se conseguiu encontrar. Foi um pouco também um tiro no escuro, mas já que estavam aconselhadas também tem que se considerar...se houve um trabalho prévio por uma equipa e valorizando-se esse trabalho partiu-se para a aquisição. Agora futuramente também convém nós próprios e a equipa de professores que vai trabalhar antecipadamente ver.

Apesar desse voto de confiança, algumas das obras seleccionadas e posteriormente trabalhadas revelaram-se inadequadas relativamente ao nível etário a que se direccionavam. Mas, em termos gerais, considera que as listas estão bem estruturadas porque organizadas em torno de diferentes níveis de escolaridade e direccionadas para outros contextos, como a leitura em casa com os pais.

A escola foi, de facto, uma das contempladas na 1ª fase de reforço orçamental com 2500€ para a aquisição das obras sugeridas pelo Plano, o que os deixou particularmente satisfeitos. Contudo, esperavam também que tivesse sido atribuída alguma verba a outras escolas do agrupamento, nomeadamente às que se encontram já inseridas na RBE.

¹⁶ Importa referir que a EB 2, 3 Serra da Gardunha é sede de agrupamento.

A BE tinha já alguns dos livros que constavam nas listagens do PNL e, nesse sentido, consideraram que não faria sentido canalizar recursos financeiros para essas obras. Era aconselhada a aquisição de pelo menos 12 volumes do mesmo título; indicação que foi seguida pela escola já que, apesar de não permitir disponibilizar um exemplar por aluno em cada turma, possibilitava, ainda assim, uma maior diversidade de títulos disponíveis para trabalharem. Esta opção foi feita em conjunto com os professores que consideraram preferível organizarem-se entre si de modo a poderem ter mais diversidade. Para além disso, uma maior diversidade de obras implica a construção por parte dos professores de um conjunto variado de materiais de exploração dos livros que podem posteriormente ser partilhados entre eles.

É preciso diversificar os tempos porque a liberdade da leitura deverá ser mesmo isso. Porque é que vou pôr os alunos todos...e pode haver vantagens até neste aspecto porque alguns materiais que são construídos por um docente já podem ficar para outro explorar e aprofundar e fazer melhor.

Com a verba que lhes foi atribuída, o coordenador afirma que tinham por condição adquirir livros necessariamente presentes nas listagens sugeridas pela Comissão do PNL. Ainda assim, poderiam escolher outro título da mesma colecção.

Depararam-se com alguns livros esgotados nas editoras, mas não entenderam isso como sendo particularmente problemático, já que tinham seleccionado mais obras do que aquelas que conseguiam adquirir, o que lhes permitiu rapidamente substituírem esses títulos por outros. Apesar de alguns livros estarem esgotados, essa situação ocorreu apenas por um período específico em que se acumularam os pedidos das escolas, passando a estar disponíveis pouco tempo depois. A escola, por exemplo, recebeu a indicação que alguns livros estavam esgotados, mas que em breve estariam novamente disponíveis, pelo que, nalguns casos, aguardaram cerca de 2 meses para receber determinadas obras.

O coordenador está agora a fazer uma listagem de todos os livros sugeridos pelo PNL que a BE já tem¹⁷, tal como a Biblioteca Municipal já fez, o que permitirá no próximo ano lectivo consultarem e analisarem os livros previamente e, assim, efectuarem a selecção das obras de forma mais sustentada. Também nesse sentido, tem vindo, sempre que pode, a adquirir para a BE alguns livros sugeridos pelo Plano que ainda não tinham, distribuindo-os previamente pelos professores, de modo a conhecerem o maior número de títulos possível e, assim, efectuarem uma escolha mais fundamentada no próximo ano.

Os livros do Plano Nacional de Leitura encontram-se na BE organizados em baús, sendo que cada um deles contém os 12 exemplares de um título. Estas obras são para utilização exclusiva em actividades desenvolvidas no âmbito do Plano e não podem, como tal, ser alvo de requisições domiciliárias pelos utilizadores da BE. Sempre que algum professor pretende trabalhar um dos livros solicita-o antecipadamente na BE indicando o período de tempo que pensa dedicar à sua exploração. A biblioteca tem, para esse efeito, um mapa onde organiza as requisições dos baús de livros do PNL. A forma como os professores gerem depois a utilização das obras é flexível e consonante com os objectivos de cada um deles. Alguns professores permitem que os alunos levem os livros para casa, o que implica sempre o preenchimento de uma ficha com a indicação do livro requisitado e com a respectiva identificação do aluno. Se as obras forem apenas trabalhadas em contexto de sala de aula os baús regressam à BE e ficam disponíveis para outros professores as

¹⁷ Sendo que alguns deles a BE tinha já disponíveis antes da criação do Plano Nacional de Leitura.

trabalharem com os seus alunos. A organização entre os professores relativamente à utilização dos livros tem sido tranquila.

A equipa de professores que se encontra a trabalhar os livros do PNL reúne com o coordenador da BE geralmente uma vez por mês (por vezes mais), sendo que estas reuniões são fundamentais para a preparação de trabalho, partilha de ideias e experiências e discussão de estratégias.

No período inicial de registo no PNL, a escola apresentou também um projecto intitulado “Ler, sonhar, brincar...aprender a crescer com livros”, que tinha por principais objectivos: articular actividades com todas as escolas do agrupamento, divulgar os objectivos do Plano Nacional de Leitura na comunidade educativa em geral e dinamizar acções com encarregados de educação. Envolvendo alunos, professores, encarregados de educação, a Biblioteca Municipal e outras associações, pretendiam construir e publicar materiais de apoio à promoção da leitura através do portal CRIE, dinamizar actividades com encarregados de educação mobilizados pelos directores de turma, criar materiais de divulgação sobre leitura, livros e bibliotecas e desenvolver actividades conjuntas com os Jardins de Infância, as escolas do 1º ciclo do agrupamento e com a Biblioteca Municipal. A EB 2, 3, enquanto sede de agrupamento, actua como pólo centralizador das acções a realizar no âmbito do Plano, ainda que cada escola desenvolva sub-projectos próprios.

Das poucas vezes em que surgiu alguma dúvida relacionada com a implementação do Plano na escola, o coordenador da BE contactou telefonicamente a Comissão do Plano. Alternativamente, optou também, noutras ocasiões, por esclarecer as suas dúvidas junto do coordenador regional das BEs. Em ambos os casos, considera ter encontrado abertura e disponibilidade para a resolução das suas questões.

Frequenta regularmente o sítio na Internet do PNL, numa fase inicial para se informar sobre os objectivos e actividades sugeridas pelo Plano, e actualmente para tomar conhecimento das actualizações e das novas acções do PNL.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais

Em termos gerais, concorda com a forma como o Plano está organizado e como definiu os seus objectivos, prioridades e actividades. A divulgação tem também sido bastante boa, particularmente com a participação da RTP que divulga *spots* publicitários que lhe parecem bem estruturados. A informação que tem chegado à escola tem também sido a necessária. Considera que a criação da marca Ler+ foi particularmente feliz, uma vez que sintetiza bem o objectivo central do Plano, sendo também, para além disso, muito apelativa.

O aspecto mais positivo que o coordenador destaca do PNL é o facto de possibilitar organizar e formalizar práticas que eram já desenvolvidas por algumas escolas e entidades, mas de forma pouco estruturada e interconectada.

Acho que veio principalmente organizar e estruturar uma conduta em que todos se calhar podemos estar a falar da mesma coisa e a planear actividades em conjunto da mesma forma.

O aspecto mais negativo que o coordenador destacou sem, ainda assim, considerar realmente tratar-se de uma desvantagem do Plano diz respeito às listagens de livros sugeridos que não eram acompanhadas de

qualquer tipo de informação sobre as obras, o que dificultou a sua selecção e conduziu-os a escolher livros que mais tarde perceberam não ser os mais adequados.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

Parece-lhe muito importante ter sido criado o Plano Nacional de Leitura, particularmente num contexto nacional em que os níveis de literacia são tão baixos, quando comparados com os de outros países. A esse respeito considera que o PNL pode contribuir para minimizar os problemas que estão associados à literacia e à leitura.

Em termos dos objectivos gerais do Plano Nacional de Leitura, da forma como foram colocados, acho que sem dúvida alguma podem vir a colmatar muitas das deficiências e das falhas que até agora se detectaram.

Apesar de o contexto nacional não ser o melhor relativamente à leitura, consegue também perceber que muitas pessoas não lêem, não porque não apreciem fazê-lo, mas porque não têm realmente tempo disponível para ler como prática de lazer. Para além disso, o coordenador afirma não ter uma visão rígida sobre a leitura, considerando que a sua promoção deve também passar por fomentar outros formatos, como os jornais, as revistas ou qualquer tipo de leitura quotidiana, como por exemplo a de receitas culinárias. Talvez seja mais fácil conseguir que as pessoas se apercebam do conjunto de leituras quotidianas que fazem, sem terem disso noção, do que fomentar a leitura literária.

Sugestões e Propostas

O coordenador da BE fez apenas duas sugestões que considera serem úteis para melhorar acções posteriores do Plano:

- pensa que a listagem de livros sugerida pela Comissão do PNL deveria ser complementada com qualquer tipo de informação sobre as obras, nomeadamente com pequenas sínteses de modo a facilitar a selecção por parte de professores e alunos e, assim, evitar escolher livros que se possam vir a revelar inadequados ou desinteressantes.

Nas listas dos livros recomendados, nem que fosse um pequeno parágrafo sobre a obra por vezes pode ajudar na escolha, se não pode acontecer... É impossível conhecerem-se os livros todos que são lá propostos e muitas das vezes perto de nós também não temos esses livros. Se houver pelo menos um pequeno resumo...porque quando os livros são analisados, quem analisa possivelmente podia deixar um parágrafo só, uma nota, pode dar mais algum...

- considera que o *site* do PNL estaria melhor organizado se nas diferentes secções em que surgem listagens indiferenciadas de escolas, o que se torna bastante confuso para quem consulta, existisse uma divisão por regiões. Compreende, contudo, que o *site* também tem vindo a crescer progressivamente e que está constantemente a ser melhorado e actualizado.

1.4.3. Entrevista a Professores

Perfil dos entrevistados

1. 41 anos, professora de Língua Portuguesa no 3º ciclo, lecciona há 17 anos e está na escola desde a sua abertura.
2. 52 anos, licenciado em História (FLUL), lecciona Língua Portuguesa e História e Geografia de Portugal no 2º ciclo há 26 anos.
3. 34 anos, tem uma licenciatura em Português/Inglês, lecciona Língua Portuguesa e Inglês no 2º ciclo há 9 anos e é o 1º ano que está nesta escola.
4. 45 anos, licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas (vertente Inglês e Alemão), lecciona Língua Portuguesa e Inglês no 2º ciclo há 24 anos.
5. 39 anos, lecciona Língua Portuguesa e História no 2º ciclo há 15 anos. Esteve nesta escola 5 anos, tendo depois saído e regressou este ano.
6. 48 anos, licenciada em História, lecciona História no 2º ciclo e está na escola desde a sua abertura.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola / desenvolvidas pelos professores

A escola desenvolve há já alguns anos actividades de promoção da leitura junto dos seus alunos, tendo como pólo dinamizador a BE, ainda que não de forma tão organizada e centralizada como o faz agora. O ano passado, por exemplo, foi criado um projecto de promoção da leitura para 4 turmas do 8º ano de escolaridade, intitulado “Mergulhar na Leitura”. Nos 45 minutos semanais de “oferta de escola” tanto os alunos como os professores lêem individualmente (em silêncio) um livro trazido pelos próprios. São também desenvolvidas actividades relacionadas com determinados livros que leram, como palavras cruzadas ou fichas de leitura. Os professores têm também tentado incutir nos seus alunos o gosto pela poesia, incentivando-os a decorar determinados poemas que depois são dramatizados na sala de aula. Uma vez que os alunos do 3º ciclo não fazem ainda parte do âmbito de acção do PNL, este projecto manteve-se este ano lectivo com a mesma designação, ainda que as actividades realizadas sejam semelhantes às do 2º ciclo. Estes alunos participaram também no “Concurso Nacional de Leitura” promovido pelo Plano, tendo três deles representado a escola na final distrital. Importa referir que existia já na escola, para o 3º ciclo, um concurso semelhante que se realiza todos os anos desde a abertura da escola. Contudo, como este ano surgiu o “Concurso Nacional de Leitura”, optaram por não levar a cabo o concurso interno.

De acordo com uma proposta do coordenador da BE/professor de contacto com o PNL na escola, o Plano foi especificamente trabalhado no 2º ciclo durante 45 minutos semanais por um grupo de professores, na sua maioria de Língua Portuguesa. São também desenvolvidas actividades no âmbito do PNL nas disciplinas de Língua Portuguesa, Estudo Acompanhado, Área de Projecto e Formação Cívica.

Apesar de os livros adquiridos com o reforço orçamental terem ficado apenas disponíveis no 2º período, as actividades desenvolvidas no âmbito do Plano iniciaram-se logo no 1º período, recorrendo principalmente a livros já existentes na BE, a fotocópias e a livros trazidos pelos próprios alunos. Numa turma do 5º ano, por exemplo, a professora convidou os encarregados de educação a apresentarem aos alunos um livro que os tivesse marcado particularmente. Um dos pais levou o livro *O Príncipezinho*, de Antoine

de Saint-Exupéry, e os alunos gostaram tanto que optaram por trabalhar essa obra no 1º período. Complementarmente, assistiram ao espectáculo homónimo em Lisboa.

O conjunto de actividades que os professores têm desenvolvido com os seus alunos em contexto de sala de aula com base nos livros sugeridos pelo Plano tem sido diversificado e consonante com as especificidades das suas turmas. Para além da leitura das obras, têm feito fichas de leitura, têm explorado os significados das palavras e a simbologia dos textos, têm partilhado opiniões e sensações relacionadas com a leitura dos livros, têm construído finais diferentes para as histórias que leram e têm também, como base nos textos, feito ilustrações, dramatizações, palavras cruzadas e jogos. Numa turma elaboraram, por exemplo, um mapa do tesouro com base no livro que trabalharam e noutra criaram um Jogo da Glória com acontecimentos de um livro que leram, que ficará disponível na BE para todos os alunos jogarem. Outra turma visitou uma editora (Texto Editora) para conhecerem o processo de edição de um livro. Alguns alunos prepararam também alguns textos que foram ler aos idosos da Santa Casa da Misericórdia no âmbito do Dia do Pai.

Uma das professoras, porque não podia disponibilizar um exemplar de cada livro por aluno e procurando também respeitar os seus interesses pessoais, dividiu a turma em dois grupos, sendo que cada um deles escolheu um livro diferente para trabalhar, o que já permitia que cada aluno tivesse um exemplar da obra na sala de aula.

Estes professores partilham a preocupação de inserir, sempre que possível, as actividades que desenvolvem com os alunos, nos programas curriculares das diferentes disciplinas. Para além disso, procuram também articular com outros projectos em que a escola está inserida. A selecção das obras foi muitas vezes feita tendo por base esse cuidado. Muitas das actividades desenvolvidas estão relacionadas com questões ambientais (poluição, transformações climáticas e energias renováveis), precisamente por ser uma forma de articular as actividades realizadas tendo por base livros que exploram essas temáticas com as actividades de um outro projecto denominado “EcoEscolas”¹⁸. Neste caso, as acções levadas a cabo articulam as disciplinas de Língua Portuguesa, Área de Projecto e Formação Cívica. Realizaram também, neste âmbito, uma visita de estudo ao Centro Ciência Viva de Constância. Os professores procuraram também seleccionar livros que remetam para épocas históricas estudadas pelos alunos e para temáticas associadas à Geografia. Esta articulação é particularmente fulcral para os alunos do 2º ciclo, sob pena de se dispersarem em demasia.

Os professores têm procurado trabalhar as obras seleccionadas de forma mais aberta e lúdica, considerando que a insistência nos aspectos mais ligados à análise textual pode contribuir para desmotivar os alunos para a leitura.

E num 5º ano se não tenho actividades também lúdicas para de certa maneira eles sentirem que a leitura também tem, portanto, uma outra vertente, para além da análise do aspecto textual e paratextual... E tentar também ligar a outras disciplinas.

Penso que todos concluímos aqui que as actividades têm que ser adaptadas à turma, têm que ser q.b. lúdicas e têm que sentir algum prazer em coisas que estão a fazer após a leitura do livro, senão é um bocadinho complicado. E sobretudo ligá-las sempre que possível aos conteúdos das outras disciplinas, serem interdisciplinares.

Têm também sido desenvolvidas outras actividades que envolvem toda a escola, como as Feiras do Livro. Mais recentemente ocorreu um evento de celebração do Dia Mundial do Livro, intitulado “Fundão,

¹⁸ Neste âmbito, uma professora de 5º ano escolheu inclusive um livro sugerido pelo PNL para ser trabalhado no 4º ano, precisamente por se direccionar para temáticas ambientais.

Livro na Mão”, que envolveu todas as escolas do agrupamento e que juntou professores, alunos e encarregados de educação no centro da cidade do Fundão, onde decorreram leituras de histórias, dramatizações, declamação de poesia e ilustrações.

Pretendem prosseguir as actividades que têm vindo a desenvolver com os alunos, sem terem de momento nenhum projecto novo planificado. Esperam, contudo que no próximo ano lectivo seja mais fácil implementar o PNL na escola, na medida em que têm apenas que dar continuidade ao que têm vindo a realizar, sem ser necessário uma fase inicial de adaptação como ocorreu no presente ano lectivo.

Os professores fazem um balanço muito positivo da participação da escola no PNL. Todos eles consideram que, apesar de serem já desenvolvidas na escola inúmeras actividades de promoção da leitura, assistiu-se a um reforço e ampliação das mesmas. Para além disso, a participação no PNL possibilitou centralizar, formalizar, dinamizar e integrar essas práticas levadas a cabo por alguns professores. Foi também fulcral a atribuição de reforço orçamental para a aquisição dos livros seleccionados, o que permitiu reforçar substancialmente e diversificar o fundo documental da BE.

Para já trouxe mais livros para a BE e veio dinamizar. Portanto, já se trabalhava, mas veio dinamizar mais.

Em relação à actividade do PNL estou a gostar imenso. Aliás, não é nada que eu não fizesse, se calhar não de uma forma tão sistematizada e tão organizada.

A opção que a escola tomou de direccionar os 45 minutos semanais de “oferta de escola” para actividades exclusivamente direccionadas para o PNL foi um factor central para a compreensão dos impactos que o Plano teve na comunidade educativa. Antes de mais, possibilitou aos professores desenvolverem uma abordagem mais aberta e flexível às obras trabalhadas, não estando sob a pressão de cumprir o programa curricular de uma disciplina. No fundo, criaram um espaço de partilha com uma componente lúdica muito acentuada, onde os alunos podem desenvolver o gosto pela leitura de forma autónoma, sem serem pressionados pelos professores e sem estarem sujeitos a avaliação quantitativa.

A leitura deve ser livre, não deve ter uma...estar numa situação coercitiva. Isso também passa pela avaliação e, portanto, os professores do PNL decidiram fazer a avaliação um pouco ao de leve, dizer “o aluno foi muito interessado, ou foi interessado, ou pouco interessado”, apenas assim.

Isso também porque nós temos a sorte de ter um tempo que possamos dedicar só a isso sem a pressão dos currículos “Ai, tenho de dar aquela parte da gramática ou tenho de dar...depois há uma prova de aferição, há um exame...”. Não, é um momento em que estamos à vontade. Se não dermos, não damos, se em vez de lermos 3 páginas, lermos só uma... Mas estamos à vontade para poder falar daquilo que nos apetece ligar àquela obra ou àquele autor.

Tem que ser um espaço de prazer, se não acaba por ser uma aula de português, quer dizer, vamos para ali, analisamos um texto. Não pode ser, tem que ser uma aula em que de facto haja à vontade, haja gosto e se possa ler um bocadinho até aquilo que se quer. Eu já dei autorização a um garoto meu para levar a *Bola*. Sempre não, disse-lhe logo “olha, levavas a *Bola* um dia, ou o *Record* um dia, não vais sempre trazer a *Bola*”. Agora naquele dia apeteceu-lhe ler a *Bola*, então porque não? A *Bola* também se pode ler de vez em quando, ou a *Maria*, ou qualquer coisa, desde que não se leia só isso.

Em termos gerais, os professores consideram que os alunos não estão muito motivados para a leitura, preferindo desenvolver outras actividades. A este nível o PNL pode de facto ter algum impacto, mas apenas a longo prazo. Para os alunos que já apreciavam ler, o PNL significou um reforço das suas práticas, contudo, parece até agora não ter tido grande impacto nos jovens que não gostam de ler. Mas os professores

consideram que a continuidade destas práticas de promoção da leitura pode ser decisiva para mobilizar e motivar também esses alunos. No fundo, consideram estar apenas no início de um processo que pode ser longo, mas viável e frutuoso.

Mas de facto há sempre uma frustração que é: os alunos no 6º, no 7º...tenho 2 alunos que não lêem, não gostam de ler, não querem ler, mas à partida não querem. Vão ouvindo, mas não lêem. Portanto, para uns serve para solidificar já o seu gosto de leitura, para outros talvez os ajude e a prazo os venha a ajudar. Em relação a esses não sei, só com a polícia em cima deles. Impor a leitura é difícil.

Também tenho alguns alunos que adoram ler, tenho outros que vão lendo e tenho 2 ou 3 que ouvem. O ideal será que esses...que todos gostem muito de ler, mas leva o seu tempo.

Os resultados que eu gostaria que neste momento já se verificassem em termos de desenvolvimento da motivação para a leitura...é assim, creio que a semente está a ser lançada, vamos ver se dá frutos daqui a algum tempo porque realmente os miúdos, de uma maneira geral, não estão muito motivados para a leitura. Há todo um mundo paralelo de computadores, de imagem, de jogos que lhes despertam muito mais a atenção. (...) Creio que a avaliação, embora não seja excelente porque o excelente era que eles já todos pegassem no livro e lessem, mas creio que está neste momento...eles estão bastante...a começar a despertar para a leitura.

Se calhar eles ainda não lêem tanto quanto seria desejável, mas já lêem alguma coisinha mais. Pelo menos naquele tempo eles estão a ler, estão a conhecer, estão a ouvir falar.

O optimismo com que os professores encaram a promoção da leitura na escola parte da sua experiência no presente ano lectivo, já que inicialmente muitos alunos reagiram de forma negativa às acções do Plano e progressivamente foram ficando mais receptivos e passaram a apreciar bastante os tempos dedicados às actividades do PNL. Para isso contribuíram decisivamente os 45 minutos semanais de PNL e os métodos pedagógicos dos professores na abordagem das obras nesse contexto.

Quero inculcar neles o gosto pela poesia, sem ser análise de poesia, só o gosto pela audição, pela beleza da poesia. Estão a decorar poemas, já sabem neste momento 6 poemas de cor e tenho a dizer que começou muito mal porque até me dizem “ah, mas eu não sou nenhuma máquina de decorar poemas” e não queriam. E agora acabou muito bem porque já são eles: “Qual é o próximo? Queremos saber qual é o próximo.”

Há uma coisa muito engraçada. Ainda agora me zanguei com os meninos porque... No início do ano lectivo eu ainda tive algumas reacções...tenho só uma turma de 6º ano, uma turma muito complicada, muito heterogénea, com alunos muito bons e alunos muito maus. E no início do ano eu tinha lá umas reacções: “O que é isto agora? Mais 45 minutos de quê? O que é isto?” Neste momento eu zango-me porque eu ainda venho a subir as escadas e eles já estão no corredor com a caixa dos livros. Ainda agora aconteceu. Quer dizer, o que também não é muito correcto porque eu é que, em princípio, terei que vir buscar a caixa dos livros, mas já lá estavam quando eu subi as escadas, desertinhos para ir para a aula de PNL.

Para além disso, o facto de os alunos terem sido consultados no processo de selecção das obras possibilitou-lhes trabalhar com livros mais próximos dos seus interesses pessoais e, assim, motivá-los mais para as actividades desenvolvidas em torno dos mesmos.

Os professores sentiram também um acréscimo de interesse por parte dos encarregados de educação no presente ano lectivo, na sequência da criação do PNL. Alguns pais, através de contactos com os directores de turma, comunicam que os filhos estão a ler mais e estão mais interessados pela leitura, sendo que os jovens pedem frequentemente aos pais a compra de determinados livros. Alguns encarregados de educação solicitaram também aos professores a listagem de livros sugerida pelo PNL para leitura entre pais e filhos. Outros ainda manifestaram a sua preocupação por considerarem que algumas das obras trabalhadas são

demasiado complicadas para a faixa etária dos filhos. Ainda assim, trata-se apenas de uma minoria o grupo de pais que se expressa a respeito do PNL e dos hábitos de leitura dos filhos.

Foram ainda referidas as feiras do livro realizadas neste ano lectivo e o evento de celebração do Dia Mundial do Livro “Fundão, um Livro na Mão”, como actividades que decorreram bastante bem e que mobilizaram não só a comunidade escolar, como também encarregados de educação. No caso desta última, destacaram particularmente o envolvimento da população da cidade do Fundão e o prazer com que os alunos se dedicaram às diferentes actividades que tiveram lugar nesse contexto.

Eles estiveram sempre ocupados, daí que nem se portaram mal, até gostaram. Escreveram umas frases lindíssimas. Muito giras as frases. E estavam a fazê-lo com prazer, pronto, não era por obrigação, era por prazer.

O Plano Nacional de Leitura na sua organização

Grande parte dos professores teve conhecimento da existência do Plano Nacional de Leitura através das primeiras notícias que surgiram na televisão e na imprensa. Contudo, foi através do coordenador da BE que tiveram a possibilidade de conhecer mais aprofundadamente os principais objectivos e planos de acção do PNL. Foi o coordenador da BE quem ficou responsável pela implementação do Plano na escola e foi, nesse sentido, quem fez o respectivo registo da escola.

Participaram inicialmente em reuniões com os vários professores do 2º ciclo onde foram discutidas as listagens de livros sugeridas pelo PNL para serem trabalhadas em contexto escolar. A selecção das obras resultou dessas reuniões e da consulta aos alunos, com o intuito de perceberem que livros as crianças e jovens estariam mais interessados em trabalhar. Recorrer à opinião dos alunos pareceu-lhes central, já que promover a leitura não pode passar por impingir-lhes livros.

A escola foi contemplada com 2500€ de reforço orçamental para a aquisição dos livros seleccionados. Os professores optaram também pela compra de 12 exemplares por título, o que apesar de não permitir disponibilizar um exemplar por aluno, possibilita, contudo, diversificar o conjunto de obras disponíveis para trabalhar.

A equipa de professores que se encontra a trabalhar as obras sugeridas pelo PNL reúne com o coordenador da BE geralmente uma vez por mês, o que se revela fulcral para a partilha de ideias, livros, experiências, actividades e materiais.

Actualmente os professores não visitam com frequência o sítio na Internet do PNL, apesar de o terem feito no início do ano lectivo.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais

Em termos gerais, concordam com a forma como o PNL está estruturado. Têm apenas algo a dizer no que diz respeito à divulgação, já que consideram que os *spots* publicitários transmitidos pela RTP passam num horário tardio e quase exclusivamente na RTP2. Ainda assim, afirmaram apreciar bastante os referidos anúncios.

O aspecto mais positivo do PNL para estes professores está relacionado com o facto de permitir estruturar, organizar e integrar as práticas de promoção da leitura que as escolas já desenvolvem. Por outro lado, criticaram a desadequação de alguns livros sugeridos pelo PNL no que diz respeito às faixas etárias dos

alunos a que se direccionam e aos seus contextos locais. Consideraram também negativo o facto de alguns livros terem esgotado nas editoras. Embora na escola não tivessem de lidar com esse problema, na realidade, em muitas escolas o Plano Nacional de Leitura veio tirar algum tempo à disciplina de Língua Portuguesa.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

Todos os professores louvaram a criação do Plano Nacional de Leitura, particularmente num contexto com tão baixos níveis de literacia e fracos hábitos de leitura. A acção do Plano pode, neste sentido, a longo prazo, ser bastante positiva junto da população portuguesa, especialmente da população escolar.

Sugestões e Propostas

Os professores fizeram três sugestões para melhorar acções posteriores do PNL:

- na sequência da crítica acima enunciada, consideram que a divulgação dos *spots* do Plano deveria ser feita no período horário em que mais pessoas vêem televisão.

Os anúncios estão interessantes, mas realmente para sensibilizar mais...ainda por cima é uma hora em que os miúdos também já estão na cama e muitos pais àquela hora...são poucos os que à meia-noite estão ainda... Portanto, se calhar, nem que fosse durante um tempo ultrapassar a questão economicista e aplicar ali no horário nobre, antes ou depois do telejornal, ou no meio do telejornal.

- como forma de chegarem ao seu público-alvo sugeriram também a criação de um programa de televisão direccionado para os mais novos que fomentasse o livro e a leitura.

Até podiam fazer um programazinho, estilo aquele do Diogo Infante, o “Cuidado com a Língua” em horário de criançaçada, 18h, 19h, que estivesse inserido, mas uma coisa assim tipo “Rua Sésamo”, uma coisa engraçada, lúdica destinado aos 9, 10 anos, que se calhar é a faixa onde temos de agir com mais cuidado.

- consideram que no próximo ano lectivo as listas de livros sugeridas pelo PNL devem ser repensadas e actualizadas, tendo principalmente em conta as faixas etárias para as quais se direccionam.

1.5. Escola Básica do 1º Ciclo com Jardim de Infância de Santo António dos Cavaleiros (Loures)

1.5.1. Relatório de visita

Os primeiros contactos e a marcação da visita a Santo António dos Cavaleiros decorreram facilmente, tendo a professora de contacto com o PNL na escola mostrado disponibilidade para receber o elemento da equipa de avaliação. Foi contudo pedido o envio de uma carta ao Conselho Executivo da escola expondo os objectivos da visita. Esta decorreu no dia 18 de Maio de 2007 entre as 10h00 e as 17h00 e foi composta pelos seguintes momentos:

- entrevista à professora de contacto com o PNL na escola, que é simultaneamente a professora coordenadora da BE, com a duração de mais de 2h;

- entrevista de grupo a outros três professores da escola com a duração de cerca de 1h30; foram entrevistados dois professores do 1º ciclo e uma educadora de infância.

- conversa breve com alguns alunos do 2º e 4º anos e visita à escola.

A EB1/JI é uma escola de construção bastante recente – 1999/2000 – e possui condições excelentes de funcionamento, localizando-se na área residencial denominada de Cidade Nova de Santo António dos Cavaleiros. A área exterior é composta por 3 grandes espaços: campo de jogos, brincadeiras (jogos tradicionais) e equipamentos lúdicos (parque infantil). Possui um Jardim com uma pequena zona coberta e uma área de recreio equipada com uma estrutura lúdica em metal. De utilização comum ao Jardim e à escola há o refeitório, o ginásio (com balneários), a biblioteca escolar/centro de recursos e o campo de jogos. A escola dispõe de 11 salas de aula, com uma arrecadação e um espaço para expressão plástica comum a cada duas salas. O Jardim de Infância possui 3 salas de actividades. Para além da BE, a escola possui também uma sala TIC bem equipada.

Em 2006/2007 a escola foi frequentada por 521 alunos divididos pelo pré-escolar (60), por 5 turmas do 1º ano (107), 5 do 2º ano (121), 6 do 3º ano (109) e 6 do 4º ano (124).

1.5.2. Entrevista a Professora de Contacto com o PNL na escola

Perfil da entrevistada

Em termos de formação fez o antigo magistério primário e mais tarde o complemento de formação. É professora do 1º ciclo há 28 anos e foi directora de escola durante 3 anos. Está nesta escola desde a abertura em 1999/2000 e é coordenadora da BE, sem turma, pelo terceiro ano consecutivo, fazendo parte da equipa desde a instalação e sendo a coordenadora de projecto. Não tem formação específica em bibliotecas, apostando na auto-formação e na frequência de congressos e seminários.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola

Nesta escola é feita a leitura orientada na sala de aula, a par e em grupo, sendo elaborados guiões, fichas de leitura e outros materiais, e trabalhada a expressão dramática a propósito das várias obras do PNL. A escola recebeu 2500€ de financiamento para aquisição de livros da lista recomendada (6 títulos escolhidos por ano de escolaridade e 12 exemplares de cada título; para o Jardim de Infância foram seleccionados 10 títulos, 2 exemplares de cada). Esses livros estão colocados numa estante autónoma e claramente identificada da BE, sendo levados em sacos próprios para as salas de aula aquando da realização das leituras. O próprio processo de requisição dessas obras faz parte das actividades de envolvimento dos alunos, uma vez que são eles próprios que são encarregues pelos professores de se deslocarem à BE para localizarem os materiais, com o apoio da coordenadora, e para os disponibilizarem aos colegas, prolongando o contacto com e o manuseio dos livros. Há obras requisitadas durante um mês, ou um trimestre, outras que o são todos os dias, consoante as diversas estratégias adoptadas pelos professores.

Na inscrição no PNL, a escola apresentou um projecto intitulado *Conto Contigo*, elaborado colectivamente. A escolha dos livros a partir da lista recomendada foi também um processo colectivo, em que

participaram a coordenadora da BE e os outros professores da escola. Foi posta em circulação uma grelha com as várias obras propostas a partir da qual os professores fizeram as suas selecções e indicaram as actividades que iriam levar a cabo. Aqui foi também referido que foram privilegiados nessas escolhas, por exemplo, os contos e deixada um pouco de parte a poesia:

Trabalham muito os contos. Penso que não há assim muita vontade, por exemplo, em relação à poesia. Sinto um pouco isso. Também noto que há professores que têm mais à-vontade para trabalhar algumas das obras de poesia seleccionadas. Há alguns professores que têm algum receio em trabalhar a poesia, ou o texto dramático, por exemplo. É a formação... Penso que é a altura também de reflectir e pensar-se um bocadinho na formação. Acho que os professores estão também muito limitados ao programa, aos manuais também.

Tendo cada turma entre 20 a 24 alunos, as actividades decorrem com um livro para cada 2 alunos, o que é considerado muito positivo pela coordenadora da BE. Não obstante, foram também referidas algumas dificuldades de gestão dessas leituras a par, relacionadas com a idade dos alunos:

Que funciona, funciona. Pronto, mas sabemos que nessas idades há sempre aquela dificuldade em partilhar. Cada um quer o seu livro! (risos) Ainda há dias tive um caso de um livro, que pronto, os dois queriam o mesmo. Era um livro para os dois, não é? Mas um queria pô-lo mais para um lado e o outro mais para o outro, e acabaram por puxar e soltaram as páginas. É daquelas coisas que nós temos também que ensinar-lhes a trabalhar com eles. É claro que o ideal seria cada um ter o seu livro, mas também se formos a ver tantos exemplares de uma obra... Eu acho que se houver maior diversidade será melhor. Dentro deste número dos 12 por turma acho que está bem.

No respeitante ao tempo semanal dedicado às actividades de leitura, a coordenadora da BE sublinhou que os professores gostariam de dispor de mais tempo para uma efectivação mais satisfatória dessas actividades.

Ainda no quadro dos livros financiados pelo PNL, outra dinâmica digna de nota a ocorrer nesta escola prende-se com o facto de alguns pais de alunos do 4º ano terem optado por adquirir para os seus filhos as obras escolhidas pela escola, que os colocou ao corrente dos objectivos do PNL, os informou das actividades que iriam ser realizadas e os sensibilizou para a necessidade de se envolverem e colaborarem. No início do ano lectivo, a coordenadora da BE entregou aos pais/encarregados de educação um folheto de Conselhos Úteis à Família, onde eram feitas sugestões relativas ao envolvimento activo dos pais no desenvolvimento dos hábitos de leitura dos filhos.

Está instituída na escola a requisição semanal, em que todas as turmas se deslocam à BE para fazerem a requisição domiciliária de livros e através da qual se tenta estimular a leitura e a utilização autónoma das obras. Já no que diz respeito ao Jardim de Infância, são os pais que se deslocam todas as semanas à BE para acompanharem os seus filhos. Esta é uma actividade muito apreciada pelos alunos, segundo a coordenadora da BE.

A um nível mais geral de promoção da leitura, a BE realiza regularmente encontros com escritores infantis, feiras do livro, sessões com contadores de histórias e sessões com os pais/encarregados de educação dos alunos e com “outras pessoas que não são pais mas que são aqui da comunidade e que sabemos que estão disponíveis. Convidamos e vêm à escola, já é uma prática que temos há uns anos.” Este ano, como nos dois anteriores, estava também prevista uma visita de estudo à Feira do Livro de Lisboa, que não se concretizou por problemas internos da escola relativamente ao programa anual de visitas de estudo.

A escola inscreveu-se na Semana da Leitura, que englobou todas as turmas, procurando aproveitar essa oportunidade para tentar estreitar a participação da família nos processos de estímulo à leitura. Seguindo

a proposta dada pelo PNL, foram realizadas sessões de leitura de histórias e poemas na sala de aula com os familiares dos alunos (*Leitura em Família*), nomeadamente pais, irmãos e avós, que foram convidados a participar. Outros pais resolveram falar um pouco acerca de uma obra de que tivessem gostado, ou preparar uma projecção de *PowerPoint* baseada num livro. Esta iniciativa teve um êxito assinalável:

Houve alguns pais que não puderam vir e então vieram os irmãos mais velhos! Em alguns casos aconteceu isso, ou o avô também, porque o pai não pôde vir. Portanto chegavam cá e diziam: “A minha mãe não pode vir e vim eu.” Por acaso o ambiente foi fantástico, gostei imenso dessa experiência. Até o pai que meteu um dia de férias para responder ao convite para participar, e esteve cá toda a manhã! Entretanto havia uma turma com uma hora que não tinha ninguém, pediram-lhe e ele esteve disponível aqui na escola durante toda a manhã. Portanto foi fantástico.

Na Semana da Leitura foram realizadas actividades para todos os níveis de ensino, desde o Jardim de Infância ao 4º ano: construção de puzzles baseados em contos tradicionais, jogos de procura de livros na BE, leitura de histórias dos livros encontrados, presença de contadores de histórias (Grupo Contarte), encontros com escritores (Margarida Fonseca Santos, Luísa Ducla Soares), concurso de construção de acrósticos a partir de palavras relacionadas com a leitura, construção de um mural alusivo ao livro e à leitura. Outra das principais iniciativas de promoção da leitura que tiveram lugar nesta escola durante a Semana da Leitura concretizou-se na realização de “intercâmbios”: alunos mais velhos de outras turmas da escola e também alunos do 6º e 7º anos de outra escola do agrupamento que já tivessem frequentado a EB1/JI, fizeram momentos de leitura em turmas de alunos mais novos com o objectivo de estimular sociabilidades e de propiciar experiências mais descomprometidas com o livro. Segundo a entrevistada, foi algo que teve muito sucesso, quer entre as crianças mais novas, quer entre as mais velhas, e é para continuar nos próximos anos lectivos.

A realização da Semana da Leitura foi avaliada de forma muito positiva pela entrevistada, quer em termos gerais, quer no que diz respeito às reacções dos alunos e dos pais: “Acho que foi assim um passo importante. [Os pais] acharam que podiam estar a acompanhar mais de perto os filhos. O ser no espaço da escola, na sala do filho, isto realmente foi assim um partir para uma postura, não é? Na educação dos filhos.” Contudo, a heterogeneidade de situações familiares e as consequências que daí advêm para o nível e o tipo de envolvimento dos pais nestas actividades também foi colocada em evidência.

Os produtos feitos pelos alunos das várias actividades da Semana da Leitura estão profusamente expostos, não apenas na BE, como por toda a escola, incluindo muitas referências ao PNL e à “marca” Ler+. Em todas as actividades referidas, a BE serviu como ponto de referência fundamental em termos espaciais e simbólicos.

Relativamente às actividades de escrita, a entrevistada referiu a existência de articulações fortes entre essas e as actividades anteriormente referidas de estímulo à leitura, não deixando de sublinhar que há uma grande diversidade de abordagens entre os vários professores: jogos de escrita, fichas de leitura, resumos, etc.

Em termos gerais, e no que diz respeito às actividades de promoção do livro e da leitura, foi referido que a diversidade é grande e que cada turma tem uma dinâmica muito própria, dependendo não apenas da estratégia adoptada pelos professores e das características específicas dos alunos, mas também do nível de envolvimento dos pais.

A divulgação das várias actividades, antes e depois da sua realização, é feita através da página da Internet da escola (com textos, fotografias e vídeos) e através do jornal escolar *Manias*, que é trimestral. Cada

turma tem um espaço próprio na página da Internet onde os alunos costumam colocar os seus trabalhos, com o auxílio dos professores, página que os pais também visitam e onde deixam comentários no Livro de Visitas.

Ao nível de entidades externas, a BM surge como o parceiro privilegiado na realização de actividades de promoção da leitura, através do SABE que dá “muito apoio técnico” (sugestão e requisição de materiais, catalogação, etc.); as técnicas do SABE da BM deslocam-se regularmente à BE. Especificamente no que respeita às actividades enquadráveis no âmbito do PNL, a BM facilitou, por exemplo, os contactos com os escritores que visitaram a escola. Já esta também faz divulgação das actividades da BM, nomeadamente dos Sábados em Cheio, que é uma iniciativa regular em torno da animação de livros feita pela equipa de animadores residentes.

Foi recebido também um apoio financeiro pontual da Gulbenkian no início da actividade da biblioteca e referidos outros apoios ocasionais da Junta de Freguesia em termos logísticos. Não foram referidas outras entidades externas que apoiem a escola ao nível das actividades de leitura.

Para além daquilo que já foi referido (participação dos alunos de outras escolas nas actividades de leitura), ao nível do agrupamento não existem articulações muito relevantes a destacar. O jornal *Manias* sendo uma criação desta escola, tem mais recentemente procurado incorporar também colaborações e trabalhos de outras escolas do agrupamento.

O Plano Nacional de Leitura, em termos gerais e na sua organização

A entrevistada tomou conhecimento do PNL através da comunicação social. Mais tarde a informação foi divulgada pelo agrupamento e o Conselho Executivo da própria escola transmitiu-a aos docentes. Posteriormente, a coordenadora da BE criou um dossier com toda a informação disponível até esse momento passível de ser consultado na sala dos professores.

Segundo a perspectiva da entrevistada, há uma grande participação e interesse dos alunos pela leitura na sala de aula, actividade que tem contribuído para familiarizar os alunos com os livros e com a BE e para desenvolver o gosto pela leitura. Estas actividades do PNL vieram, na sua perspectiva, contribuir para acentuar determinadas dinâmicas positivas anteriores:

Eu acho que os miúdos cada vez gostam mais de ler. Noto isso. E gostam imenso de vir à biblioteca. Como coordenadora da biblioteca tenho reparado que há um maior interesse pelos livros. Porque houve assim uma fase, com os computadores, com esta fase da informática, mais ligada aos jogos, à *Playstation*, por aí fora, e eu noto que há um maior interesse pelos livros. Querem o livro, e vir buscá-lo à biblioteca, são mais exigentes, já sabem procurar o livro que querem. E depois conversam entre eles, falam dos livros que estão ler, partilham isso. E depois quando vêm à biblioteca já procuram o livro x. Acho que já são mais selectivos e exigentes naquilo que realmente gostam de ler: às vezes têm dificuldade em dizer qual é o título, qual é o autor, e tentam transmitir a ideia do livro e depois lá temos de procurar com eles qual é o livro que eles querem.

Quanto aos professores, a avaliação feita foi também positiva, não tendo a coordenadora da BE deixado de referir aquilo que entendeu ser alguma morosidade do processo e a existência de algumas dúvidas iniciais em relação aos objectivos e ao processo de aquisição dos livros:

Inicialmente houve assim alguma preocupação: “Mais um Plano! Como é que vamos trabalhar?” Porque inicialmente nada estava previsto, começámos o ano sem saber se teríamos os livros, como é que podíamos adquirir os livros, se iríamos pedir aos pais ou se seria através do Ministério. Começámos assim um bocadinho com alguma insegurança, pronto. Depois entretanto soubemos que teríamos o subsídio na primeira fase. Claro, isso levou algum tempo... Só praticamente no fim de Novembro, princípio de Dezembro, é que pudemos fazer a encomenda dos livros que chegaram mais ou menos a meio de Dezembro. Só em Janeiro é que esses livros

estavam disponíveis. Mas houve professores que já tinham pedido aos pais, para comprar os livros, que começaram a trabalhar. Outros começaram a trabalhar com os livros disponíveis, que tínhamos na biblioteca.

Segundo aquilo que foi dito, o envolvimento dos professores no Plano foi-se fortalecendo ao longo do tempo e desde o início do processo, gerando expectativas optimistas para os próximos anos lectivos.

Em termos gerais, foi considerado muito positivo que o Plano tenha colocado a leitura na ordem do dia:

O PNL veio realmente despertar as pessoas para a leitura, porque acho que estava a ficar um bocadinho esquecida. Eu acho que nesse aspecto o PNL veio realmente alertar e despertar para a leitura e que é necessário ler-se. Há um caso aqui de uma mãe que se ofereceu para ler. Pronto, tinha aquela vontade de participar na turma do filho! Mas depois, percebeu-se que ela não conseguia ler... Depois lá se arranjou uma estratégia, a professora disse: “Ai a mãe esqueceu-se dos óculos, então leio eu.” Pronto, é isso que nós sentimos ainda hoje. Aquela mãe realmente não quis dizer que tinha dificuldade em ler, mas esteve ali, ofereceu-se, apareceu, pegou no livro, quis ler! (...) O PNL surgiu no momento certo e penso que já se estão a ver resultados a nível do interesse e da participação. Maior envolvimento, não é? (...) Através do incentivo, do despertar, porque o Plano é para despertar, não é?

O PNL veio também trazer “mais trabalho!” aos professores e à equipa da BE: “Mas claro isto é sempre trabalho muito produtivo (risos).” A entrevistada sublinhou que grande parte das actividades de promoção da leitura já eram levadas a cabo previamente à existência do Plano, fazendo parte do plano anual de actividades, destacando por outro lado as contribuições específicas da existência do PNL:

Inovação não penso que haja assim grande coisa. Realmente esta oportunidade de podermos ter mais materiais, mais livros em quantidade, isso foi muito importante. Outras coisas já fazíamos, as actividades que estão propostas já fazíamos.

A entrevistada fez uma avaliação positiva da lista de obras recomendadas – “A lista é um instrumento importante para fazer a escolha” – acrescentando também os seguintes comentários:

Há algumas obras que já não estão no mercado, já não são editadas. Porque tentámos procurar e fomos informados que já não são editadas. E há outras que o nível de escolaridade para que estão direccionadas, consideramos difíceis.

A marca Ler+ mereceu uma apreciação bastante positiva por parte da entrevistada que também desenvolveu esforços no sentido de a divulgar junto dos alunos e dos pais/encarregados de educação:

Está bastante apelativa, chama a atenção e realmente faz reflectir. (...) Tentamos chegar um bocadinho mais aos pais, sensibilizá-los para a leitura. Agora tentei falar-lhes na publicidade da televisão do Plano. Eles [os alunos] já falavam disso: “Ah, já vi o ler mais na televisão!” E eu: “Então o que é o ler mais? Então já explicaste aos pais, já conversaram sobre isso?” “Já conversámos. Temos que ler mais!” (...) Os alunos conhecem a expressão ler mais, o ler mais. Mas não há aquela ligação “o Plano Nacional de Leitura”. “Temos que ler mais”, é o que fica.

Mais especificamente em relação ao sítio do PNL, foi referido que contém uma grande quantidade de informação e que, também por isso, é um pouco difícil de utilizar de forma rápida. De qualquer forma, foi depois sublinhado que esse recurso foi melhorando ao longo do tempo e que é essencial como fonte de informação, de divulgação do Plano e de ferramenta de apoio à sua implementação na escola, sendo utilizado com frequência pela coordenadora da BE e por outros professores. A primeira costuma difundir pela escola alguns materiais que vão aparecendo no sítio e que considera mais importantes ou interessantes.

Em termos de aspectos eventualmente menos positivos do PNL, a entrevistada referiu o seguinte:

Não sinto que seja de alguma forma uma perturbação, há apenas alguma preocupação face às frequentes mudanças que vão surgindo, a nível do Ministério que vão surgindo nestes últimos tempos. [O PNL] surgiu talvez como mais uma preocupação, talvez repentina, não é? Mais uma... Talvez em princípio pensou-se mais que seria melhor não fazer um plano, mas pensar-se mais nas BEs, nos recursos para as bibliotecas, no criar-se um espaço nas escolas para bibliotecas mais dinâmicas, com mais recursos materiais e humanos. Numa primeira fase pensávamos que talvez tivesse sido o ideal. Todas as actividades são actividades que nós já fazíamos... Assim de novidade novidade, não penso que tenha trazido muito. Só a oportunidade realmente de termos estes materiais em maior quantidade. (...) Agora, talvez fosse melhor se se tivesse começado por uma melhor formação dos professores, relativamente à leitura, depois pela aquisição dos materiais, e mais tarde o desenvolvimento do projecto do Plano em si.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

A este respeito foram identificadas algumas dificuldades de monta que, no quadro de muitas das famílias dos alunos, se colocam ao trabalho que é desenvolvido na escola em torno do livro e da leitura:

Hoje em dia é difícil. Há crianças que levam livros para casa, os mais pequeninos, que ainda não sabem ler, e às vezes têm aquele interesse em levar determinado livro. É claro que nós não podemos impedi-los de levar. Tentamos orientar a escolha, não é? Mas sabemos que por vezes há livros que eles sozinhos não vão poder ler e explorar. Eu pergunto sempre: “Tens alguém para ler contigo? A mãe costuma ler, ou o pai costuma ler?” E há crianças que dizem: “A minha mãe não sabe ler. O meu pai não sabe ler. Leio sozinho.” Crianças que vivem nestes meios familiares, claro, que apoio é que têm? É a escola que tem que dar resposta a tudo isto.

Em termos mais gerais, foi veiculada a opinião de que a evolução da relação dos jovens com a leitura está a fazer-se num sentido positivo:

Vão adquirindo cada vez mais hábitos de leitura. E acho que são eles próprios que estão a incentivar, a envolver mais as famílias, que cada vez se interessam mais e participam mais.

Sugestões e propostas

As principais expectativas que a coordenadora da BE quis transmitir prendem-se com a continuidade do financiamento para aquisição de livros, por um lado, e com um maior apoio dado a nível dos recursos humanos da BE, por outro:

Isto é uma escola grande e eu não consigo chegar a todos. Estar aqui todo o dia, tendo o aspecto técnico de organização, do funcionamento, e depois com a parte da dinamização. Apesar de que os professores também colaboram... portanto é um pouco difícil essa parte.

Também foi sublinhada a necessidade de o PNL investir mais em chamar as atenções dos pais para a existência da biblioteca municipal:

Tem que haver aí também uma grande abertura, para as pessoas procurarem a biblioteca municipal. É porque ainda há muitas pessoas que não sabem que existe a BM. É um trabalho que nós também tentamos fazer, de divulgação, mesmo junto dos jovens e tudo. O PNL também podia aí fazer mais coisas.

A propósito de expectativas e sugestões a um nível mais geral, a coordenadora da BE referiu ainda o seguinte:

Talvez agilizar estas fases todas do Plano. Nós na escola trabalhamos a nível de ano lectivo, e começámos o ano lectivo sem saber o que é que podíamos esperar. É complicado... Nós temos que preparar um ano de trabalho a nível da escola. E no princípio do ano lectivo estávamos muito receosos porque não sabíamos o que iríamos ter, com que materiais teríamos que trabalhar, se teríamos livros e quando é que teríamos os livros. Talvez se se tivesse preparado as coisas com mais antecedência, pronto, os resultados fossem outros.

1.5.3. Entrevista a Professores

Perfil dos entrevistados

Educadora de infância e coordenadora do Conselho de Docentes; professora do 1º ciclo; professor do 1º ciclo.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola / desenvolvidas pelos professores

Durante o 1º período e ao nível quer do 1º ciclo, quer do Jardim de Infância, não foram utilizados livros provenientes da lista PNL, porque os exemplares não chegaram a tempo. Posteriormente, nas actividades de leitura orientada os professores tentaram conjugar várias formas de abordagem - “brincadeiras”, dramatizações, leituras em voz alta, resumos, uso do dicionário, utilização das histórias para exploração de problemas matemáticos, etc.: “Foram estratégias que arranámos para lhes mostrar que o livro não é só para ler. Há mil e uma coisas.” (Professor do 1º ciclo) No Jardim de Infância foi também criado um *Baú de Histórias*, criadas em colaboração com os pais dos alunos.

Os livros do PNL foram utilizados ao longo do ano lectivo: “o nosso trabalho é todo à base das poesias, das dramatizações.” (Educadora de Infância)

Ainda no que diz respeito ao Jardim de Infância, foram destacados os esforços feitos ao longo do ano lectivo para envolver os pais/encarregados de educação nas actividades realizadas em torno da leitura; a requisição domiciliária de livros da BE é feita semanalmente (à quinta-feira) com o acompanhamento dos pais. Segundo os entrevistados, esses esforços originaram resultados positivos, sendo que a noção existente é a de que o interesse por participar é cada vez maior:

Há sempre aqueles que são muito mais renitentes mas conseguimos. E esse tipo de actividades que nós fizemos, de levar para casa, para eles construírem a história, foi muito muito engraçado. (...) O impacto eu acho que foi muito grande, para já porque eu acho que a maioria dos pais não tem tempo, como eles dizem, para ler um livrinho de histórias ao filho. E então o que é que nós fazemos, alguma coisa que façam com os filhos, com que se envolvam nisso e se ponham a ler e a contar histórias para os filhos. (...) Indirectamente é demonstrar aos pais que têm que fazer alguma coisa. Os próprios filhos ao levarem dizem: “os meus colegas fizeram, as outras salas fizeram!” Portanto eles têm que dar movimentação àquela história. (Educadora de Infância)

Cabe-nos a nós continuar a estimular para que essa participação não se perca, ou que não haja decepções, aí também não cortar o ensejo dos pais quando querem participar. Na minha turma houve 2 pessoas que não puderam participar [numa das actividades de leitura em voz alta na escola], vieram em semanas seguintes. E eu já disse mesmo até às crianças cujos avós estão em países longínquos, como nos países africanos de expressão portuguesa, que venham: “Ah, a minha avó talvez venha em Junho.” Então a avó que venha contar uma história! E isso de facto é muito importante. Os garotos vibram com a estada dos pais dentro da sala! (Professor do 1º ciclo)

Nessa mesma linha está previsto o lançamento da actividade *Histórias em Movimento*, igualmente destinada a envolver os pais/encarregados de educação. Segundo a educadora, a reacção dos alunos é muito positiva: “Eles gostam muito, gostam muito. E depois sentem-se felizes porque o pai participou e isso é muito importante.”

Um elemento fundamental nas actividades da escola e da BE feitas em torno da leitura e da escrita é o jornal *Manias*, elaborado pelos professores e pelos alunos e que este ano teve um número dedicado ao PNL.

O próprio papel central e multidimensional da BE em todas as actividades realizadas em torno da leitura foi também destacado:

A escola sem a biblioteca não vive! Há uma envolvimento muito grande. É um suporte fabuloso e acho que escolas que não tenham uma boa biblioteca, ou mesmo uma menos boa, são escolas pobríssimas. Há uma dinamização muito grande. (...) É assim: está presente! Não é uma sala à parte nem uma sala onde eles vêm só de vez em quando. Está lá, sempre que nós queremos e precisamos faz parte da dinâmica da escola, não é nada à parte. (Professora do 1º ciclo)

Esta escola sem a biblioteca era uma pobreza. Dá aos alunos o espaço, um ambiente diferente, dá-lhes o interagir com outro adulto que não é apenas o professor. Quando a biblioteca tem cá gente de fora, dá-lhes esse contacto. Dispõe de materiais: jogos, vídeos, o computador... (Professor do 1º ciclo)

Nas turmas do 1º ciclo, uma das actividades desenvolvidas consistiu na presença de alunos mais velhos, antigos frequentadores da escola, na sala de aula, fazendo leituras para os mais novos.

Relativamente aos impactos já reconhecíveis das actividades de promoção da leitura sobre os hábitos e as competências dos alunos, os entrevistados fizeram um balanço globalmente positivo:

Todo o reconhecimento que os alunos fazem, extra-escola, do livro. Por exemplo, verem o livro nas mãos doutra pessoa... reconhecem o livro e note que falo de um 1º ano. A expressarem-se de uma forma plástica de cada vez que lêem. (...) Depois há mesmo a questão de quando há outro assunto qualquer em que eu recordo o livro, saber que os alunos se recordam. Esses são dos impactos mais imediatos. (...) Já fazemos pequeninos textos, pequeninas frases, em que eu vou buscar as histórias dos livros do PNL. (Professor do 1º ciclo)

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais

Foi referido no decorrer da entrevista que a coordenadora da BE teve um papel fundamental na recolha, sistematização e difusão pela escola e entre os professores das indicações e dos materiais do PNL.

Todos os professores revelaram que os objectivos do PNL, tal como foram apresentados, suscitaram alguma surpresa na escola, por destacarem como algo “novo e a fazer” actividades que são parte integrante do quotidiano do Jardim de Infância e das turmas do 1º ciclo. Não vendo isso como algo de propriamente negativo, não quiseram contudo deixar de destacar a existência de alguma admiração perante a forma de apresentação dos objectivos e das actividades do PNL:

Davam-nos aqui os itens das histórias que deveríamos contar. No fundo no Jardim de Infância a função da Educadora é contar histórias! E nós às vezes até ficávamos assim: “Mas porquê? Se nós habitualmente contamos?” Portanto eu acho que no Jardim de Infância habitualmente fazemos esse tipo de actividade, que é fundamental! Portanto ficámos muito espantadas: “Estão-nos a dar indicações que temos de contar estas histórias...” No fundo é isso que nós fazemos sempre! (Educadora de Infância)

Passa um bocado a ideia de que não se trabalham livros no 1º ciclo, ou que até esta data não se trabalhavam. E trabalham-se efectivamente! Neste momento pode ser com um conjunto de livros específico, mas sempre se trabalharam livros no 1º ciclo! Nesta escola requisitam-se livros todas as semanas para levar para casa, para se fazer leitura. No dia seguinte pergunta-se como é que foi e como é que não foi. Portanto, há esse intercâmbio. Nós achámos um bocado estranho, aparece assim um nome todo pomposo para um projecto que, se formos a ver bem, é feito nas nossas escolas! (Professora do 1º ciclo)

A primeira vez que li sobre o Ler+, também achei que.. está bem, ok, mas eu já faço! Desculpe-me a sinceridade mas não me veio trazer nenhuma... não queria dizer mais valia, mas não me veio trazer nenhuma grande novidade. (Professor do 1º ciclo)

De qualquer forma, foi também referido que o PNL teve uma contribuição específica como alerta aos professores para que desenvolvessem actividades de leitura de forma mais estruturada e continuada:

Não me choça se me disserem que há professores aqui ou acolá, obviamente que conheço alguns, que são capazes de estar x tempo sem nunca trabalharem uma obra, sem nunca ler. Se calhar para esses colegas foi mais benéfico ainda. (Professor do 1º ciclo)

Em termos gerais, foi sublinhado que um dos aspectos mais positivos decorrentes da existência do PNL, nomeadamente através da marca Ler+, foi ter conseguido chamar a atenção dos pais para a necessidade de participarem de forma mais intensa e continuada no desenvolvimento de hábitos de leitura junto dos seus filhos; alguns pais resolveram mesmo adquirir os livros do PNL seleccionados pela escola:

Neste momento eu acho que os pais é que estão mais despertados para as leituras, para aquilo que se faz na escola. Porque em termos de professores, de bibliotecas, de pessoal auxiliar, há um trabalho mais continuado sempre com os livros à mão, sempre a mexer, a movimentar. Eu acho que essencialmente [o PNL] é mais voltado para os pais. Um alerta muito grande para os pais e encarregados de educação e trazê-los cá à escola: trabalhem com a escola, venham à escola, participem! Incutam também nos filhos, tragam os livros para dentro de casa. Nesse aspecto foi muito importante. (Professora do 1º ciclo)

De facto, um dos maiores pontos positivos que o Ler+ trouxe foi justamente uma mediatização, trazendo figuras públicas que lêem, trazendo aqueles anúncios que estão muito engraçados. Isso de facto tem impacto, claro que tem! Nesse aspecto é uma aposta muito positiva. (...) O PNL tem tido esta virtude de chamar à atenção para uma coisa que anda um bocadinho dispersa. (...) Alguns pais optaram na altura do Natal por oferecer às crianças livros que fossem indexados, digamos assim, ao PNL, o que obviamente foi bom. (...) Porque as pessoas vêem nas notícias, de ouvirem falar os pais sentiram-se motivados: “Eh pá, deixa-me lá ir à escola. Ah é para ir? Então vamos lá!” (...) O PNL veio essencialmente fazer uma chamada de atenção. Fazer com que as pessoas tomem consciência que, de facto, ler é necessário e que, para além de necessário, é bom. (Professor do 1º ciclo)

Também o financiamento recebido pela escola para aquisição de livros foi considerado como um factor muito importante para o desenvolvimento das práticas de leitura, não obstante o reconhecimento da existência de algumas dificuldades; de qualquer forma, a própria introdução das leituras a par com os livros financiados pelo PNL serviu para criar dinâmicas várias de aprendizagem:

Nós aqui na escola fazemos um esforço e temos gosto que os nossos alunos criem uma relação com o livro, em particular com o suporte escrito, em papel. Para que de facto ganhem gosto por manusear o livro. O prazer de estar com o livro, o prazer de poder folhear. (...) Infelizmente nós não pudemos ter tantos livros quanto desejaríamos para uma turma. Os meus alunos de 1º ano têm algumas dificuldades em gerir o material. Esta questão de terem um livro por mesa, um livro para dois, para eles não é muito fácil. Eu compreendo que a escola não podia ter 24 livros daqueles do PNL! (...) Ainda são crianças pequenas e algumas são muito territoriais! Outras partilham melhor. (Professor do 1º ciclo)

É lógico que isto tem que se adoçar: “Atenção, um bocadinho a cada lado, vejam lá, é importante a partilha, é importante o trabalho de equipa.” Vamos, de alguma forma, fomentando este tipo de responsabilidades. Mas não é fácil... (Professora do 1º ciclo)

Mais especificamente em relação à lista de livros PNL, foi referido quer pela educadora, quer pelo professor do 1º ano, que alguns dos livros destinados aos vários anos de ensino são “excessivamente infantis”. Não obstante, foram avaliados positivamente o número de títulos presentes na lista e a variedade temática.

Quanto ao *site* da Internet do Plano, a avaliação feita pelos professores foi positiva; disseram frequentá-lo regularmente em busca de informações e para esclarecimento de dúvidas. Sugeriram que fossem disponibilizadas “sugestões de materiais efectivos que nós pudessemos pegar e adaptar”, nomeadamente guiões e propostas de dramatizações.

Os comentários feitos a propósito da marca Ler+ também foram muito positivos, tendo sido destacado o facto de os alunos conhecerem a expressão; apenas a passagem dos *spots* PNL, “limitada ao Canal 2”, mereceu algumas observações mais negativas:

Acho que o Ler+ entrou perfeitamente no ouvido. (Professora do 1º ciclo)

Foi feliz! (...) Os alunos perceberam: “Ah é o ler mais! É aquilo do livro, que vem lá no livro!” (Professor do 1º ciclo)

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

Neste âmbito temático, foi destacado que o trabalho que é feito em torno da leitura na escola esbarra, por vezes, em condições problemáticas de tempo e atenção na esfera da família, o que dificulta o processo global de estímulo ao desenvolvimento de hábitos de leitura e da literacia:

Há muitos pais que nunca têm tempo. Nós temos ali crianças que os pais põem-nas aqui às 6 da manhã e vêm buscá-las às 6 da tarde, portanto... Não têm tempo. Dizem eles que não têm tempo. Enquanto isto continuar assim... (Educadora de Infância)

Estes meninos são meninos que têm muito poucas vivências. Pronto, o meio envolvente... E são meninos que não vão a lado nenhum. Neste universo são 10%, 15% que vão a uma biblioteca, a um cinema, a um museu. (...) Os alunos vivem muito de perto a vida da biblioteca e tudo o que daqui sai e tudo o que aqui entra. Mas efectivamente depois não há uma continuidade familiar, que muitas vezes é motivada pela escola. (Professora do 1º ciclo)

Esta comunidade é pouco escolarizada, esta comunidade tem muita gente que passou parte da sua adolescência já afastada da escola, e isso tem os seus custos. Por muito que as pessoas tenham boa vontade não é uma actividade que lhes está metida debaixo da pele. (Professor do 1º ciclo)

Em termos do processo de motivação e de formação escolar para a leitura, foi também referida a existência de um período onde as actividades de leitura são menos atractivas para a generalidade dos jovens, o que contribui para reforçar a importância da formação de hábitos no 1º ciclo:

Sei que em termos da idade que vem a seguir, do 5º e do 6º anos, por vezes perde-se. Porque há outros estímulos, há outra socialização, outros espaços. Os alunos desassociam-se um bocadinho disto. Mas se os alunos ficarem, nestas idades mais tenras, a gostar de mexer no livro, eles voltam. Vão mas voltam. (Professor do 1º ciclo)

Sugestões e Propostas

Segundo os professores entrevistados, várias actividades específicas deveriam ser apoiadas directamente pelo PNL em termos financeiros, nomeadamente a vinda de escritores e de contadores de histórias à escola e a realização de peças de teatro, actividades consideradas muito importantes mas nem sempre fáceis de concretizar:

Este ano estivemos em contacto com a Luísa Ducla Soares, por uma grande força de vontade da [coordenadora da BE], que andou ali a insistir! Tivemos também a Margarida Santos, que foi fabulosa. Mas soube a pouco! Para um ano inteiro, duas, três pessoas eu acho que é muito pouco. (...) Por exemplo, vieram cá contadores de histórias, mas só duas ou três turmas é que lhes tiveram acesso. Devia ser para todos! (...) Ver ler uma professora ou ver ler uma mãe é completamente diferente de ouvir ler alguém que está a fazer daquilo uma arte! Não tem nada a ver. (...) A luta da [Coordenadora da BE], constantemente, é arranjar verbas. (Professora do 1º ciclo)

Primeiro, que haja dinheiro, que se ajude, que haja verbas. Segundo, há tanta gente, contadores de histórias, não só portugueses, como dos PALOP, aqui há muitos meninos dos PALOP. Isso era muito importante, mas lá está, não há apoio. Não há dinheiro, não se pode. (Educadora de Infância)

Mesmo algumas animações da Biblioteca Nacional, que têm capacidade de serem itinerantes, e muitas delas até são subsidiadas para poderem ter alguma itinerância, e que em vez de irem a uma biblioteca podem vir a uma escola. (Professor do 1º ciclo)

Também a BE deveria receber mais recursos, quer financeiros, quer humanos, de acordo com a opinião dos entrevistados, que destacaram a necessidade de sair da sala de aula durante as actividades dinamizadas em torno da leitura:

Faço minhas as palavras das minhas colegas: nós precisamos de mais recursos. Infelizmente, esta biblioteca ainda não tem um livro por aluno, de empréstimo. Se um dia todos os alunos levarem um livro, estas estantes vão ficar completamente vazias. E isso é um drama. Quando chega aqui uma turma dos meninos que são dos últimos a requisitar durante a semana, ficam limitados: “Aquele livro que eu queria... outra vez! Já não é desta!”. (Professor do 1º ciclo)

É pena é que com tanta criança que há aqui no estabelecimento, a biblioteca não seja maior. Eu acho que era importante. (...) E em relação a pessoal na biblioteca, porque a coordenadora não chega. Portanto, para que haja maior rentabilidade em tudo... Por exemplo uma criança que não esteja bem disposta, ou que não lhe apetece estar no recreio, se houvesse mais pessoal dentro da biblioteca, eles poderiam estar a ler, ou a contar uma história, ou até os mais velhos aos mais pequeninos, a fazerem um jogo, a ver um vídeo. E passavam melhor o tempo! (...) Não se esqueçam que as bibliotecas precisam de pessoal. (Educadora de Infância)

Por exemplo, nós temos imensos meninos que, não tendo computador em casa, não tendo acesso à Internet, pudessem vir a contra-horário para a escola fazer pesquisa. (...) Se um menino em casa não puder investigar, vai ficar prejudicado em relação aos demais! (...) Eu peço sempre imenso trabalho de fim-de-semana, pesquisas sobre isto, aquilo e aqueloutro e tenho sempre meia dúzia deles que ficam assim muito... Eu às vezes sinto-me constrangida de pedir porque sei de antemão que a, b ou c não vão fazer. Ora, se a nossa biblioteca fosse dotada de 2, 3, 4 pessoas que estivessem das tantas às tantas, que facilitasse a vinda desses meninos, depois do almoço, a meio da tarde, para poderem pesquisar, trabalhar, não obrigatoriamente na Internet, mas nos livros também. E não é a [coordenadora da BE] que tem toda a parte burocrática, toda a parte administrativa, que vai apoiar 5, 6, 7 meninos que venham pesquisar. (Professora do 1º ciclo)

Os alunos de menores recursos, ou que a família, tendo recursos, não está desperta para, esses alunos muitas vezes dizem: “Ah, eu não fiz, não pude, não tenho Internet.” E nós dizemos: “Não era preciso, podias ter feito assim ou assim”. Mas é a Internet que é o grande chamariz. (Professor do 1º ciclo)

1.6. Escola Básica do 1º Ciclo nº 3 do Cacém (Sintra)

1.6.1. Relatório de visita

O primeiro contacto com a escola foi efectuado por telefone no dia 23 de Março de 2007, tendo sido possível falar com a professora de contacto com o PNL, que é simultaneamente coordenadora a tempo inteiro da BE. A resposta ao pedido de colaboração foi bastante positiva, disponibilizando-se imediatamente para organizar a visita à escola.

A primeira visita à escola iniciou-se no dia 20 de Abril de 2007 às 9h30. Antes de se iniciar a entrevista com a professora de contacto com o PNL, no espaço da BE, o presidente do Conselho Executivo visitou a biblioteca para dar as boas vindas e para manifestar a sua disponibilidade para colaborar no que fosse necessário. Ficou bastante contente por saber que a escola tinha sido referenciada como um caso interessante para acompanhar no âmbito da avaliação e elogiou o trabalho da coordenadora. A entrevista com a

professora de contacto com o PNL foi complementada com materiais relativos às actividades desenvolvidas pela escola no âmbito do Plano.

Proseguiu-se depois para a entrevista com um grupo de 10 professoras, sendo duas delas de outras escolas do agrupamento e outra representante do Conselho Executivo. Estiveram presentes professoras de todos os anos lectivos leccionados na escola. A coordenadora estava também presente na Biblioteca, tendo tirado fotografias durante a entrevista e juntando-se por vezes ao grupo. Quando terminou a entrevista de grupo, a professora representante do Conselho Executivo pediu que solicitássemos a Isabel Alçada o envio da gravação da reportagem realizada na escola pela SIC para o programa “Fátima”.

Posteriormente, foi visitado o ginásio da escola onde se encontravam expostos os trabalhos e as actividades desenvolvidas pelos alunos no âmbito do PNL e informação relativa à BE. Quer as paredes, como os expositores próprios estavam cobertos de desenhos, textos e fotografias. Em seguida, visitou-se uma sala, onde se encontrava ainda a professora, embora a aula tivesse já terminado e as crianças saído para almoçar. O símbolo Ler+ encontrava-se posicionado na parede ao lado do quadro. A professora mostrou alguns trabalhos que se encontravam num armário e também as capas construídas por cada aluno para colocarem os seus trabalhos realizados no âmbito do Plano. Em cada sala de aula os alunos têm também algumas caixas com livros mais antigos com que se entretêm quando terminam as suas actividades.

Em termos gerais, os edifícios da escola não pareceram estar particularmente envelhecidos, apesar de também não serem muito recentes. Os espaços de exposição de informação e de trabalhos são fundamentalmente a BE, as salas de aula e o ginásio. As paredes da sala de aula visitada estavam totalmente cobertas por trabalhos dos alunos, existindo múltiplas referências ao Plano Nacional de Leitura, nomeadamente através do símbolo Ler+.

1.6.2. Entrevista a Professora de Contacto com o PNL na escola

Perfil da entrevistada

A professora de contacto com o PNL na escola tem 40 anos e tem um bacharelato na área do ensino no 1º ciclo que completou na ESE de Torres Novas. Quando terminou o curso iniciou logo a sua actividade profissional como professora, tendo trabalhado nos distritos de Santarém e Évora, sempre como titular de turma e num dos casos como directora de escola. Em 1997 casou, foi para o Cacém e ingressou na EB 1 n.º 3 do Cacém. Fez o complemento de formação para obter o grau de licenciatura e tem permanecido nesta escola, onde já desempenhou também a função de vice-presidente do Conselho Executivo durante 3 anos, período durante o qual se dedicou também à BE. Este ano lectivo foi convidada para estar a tempo inteiro na BE, função que aprecia bastante, esperando aí poder permanecer por mais 2 anos. Tem entretanto completado diversas formações na área das bibliotecas. Actualmente frequenta uma acção de formação direccionada para o tratamento do fundo documental.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola

Para dar resposta aos objectivos do PNL, têm vindo a ser desenvolvidas desde o início do ano lectivo diversas actividades de promoção do livro e da leitura na escola:

- a 5 de Dezembro de 2007 foi realizado um seminário intitulado “A Importância da Leitura no Sucesso Escolar da Criança”, no Salão Paroquial da Igreja do Cacém, direccionado a pais e professores e que contou com a presença da Dr^a Alexandra Marques, em representação do PNL, de António Carlos Cortez (escritor) e da Dr^a Raquel Moura da Divisão de Educação da Câmara Municipal de Sintra.

- realização de um concurso literário por período.

- entre 11 e 15 de Dezembro realizou-se uma Feira do Livro na BE destinada a promover entre alunos, encarregados de educação e professores o gosto pela leitura e onde era possível encontrar vários livros sugeridos pelo PNL.

- no Natal seguiram a sugestão do Plano e enviaram uma carta aos encarregados de educação a incentivar a oferta de livros à BE. Foi criado o “Clube de Amigos da Biblioteca” e a cada aluno que oferecesse um livro à BE era-lhe entregue um diploma que confere o título de “Amigo da Biblioteca”.

- têm também efectuado diversas visitas de estudo no âmbito das obras trabalhadas. Por exemplo, exploraram o livro *Uma Aventura no Palácio da Pena*, de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, e visitaram posteriormente o local.

- na Páscoa decorreu na BE a “Mostra de Ovos Gigantes” para os alunos dos 1º e 2º anos de escolaridade de todo o agrupamento que trabalharam a obra *Os Ovos Misteriosos*, de Luísa Ducla Soares e Manuela Bacelar.

- têm também recebido no espaço da BE alguns escritores e ilustradores. A 25 de Outubro a escola foi visitada por Isabel Alçada que falou com as crianças e que concedeu uma entrevista aos alunos do 4º ano para o jornal escolar. Nos dias 28 de Fevereiro e 7 e 14 de Março receberam o ilustrador Bruno Gaspar no âmbito do projecto “O Livro Gigante”, promovido pela Divisão de Educação da Câmara Municipal de Sintra.

- no final de cada período e no fim do ano lectivo são realizadas exposições dos trabalhos elaborados pelos alunos, nomeadamente no âmbito do PNL.

Estas actividades centram-se fundamentalmente no livro e são sempre desenvolvidas com uma vertente lúdica para cativar as crianças. Todas estas acções encontram-se plenamente integradas no plano de actividades da escola e particularmente articuladas com o trabalho que é realizado na sala de aula.

A escola envolveu-se também de forma interessada nos concursos propostos pelo PNL, divulgando e estimulando, particularmente por parte da coordenadora da BE, a participação dos alunos nas mesmas. Todos aqueles que se direccionavam para as faixas etárias dos alunos do 1º ciclo contaram com a participação de todas as turmas da escola. A coordenadora tem procurado responder a tudo aquilo que tem sido proposto pela Comissão do Plano.

Todas estas acções são divulgadas na escola em *placards*, através de cartazes, no jornal escolar “A Nossa Palavra” e a coordenadora percorre ainda todas as salas de aula para informar professores e alunos. Quando pretendem envolver entidades exteriores, como outras escolas ou a autarquia, procedem ao envio de convites. As práticas de promoção da leitura levadas a cabo na escola foram alvo de uma reportagem para o programa “Fátima”, da SIC, que foi transmitida na ocasião de uma entrevista a Isabel Alçada. As filmagens

ocorreram numa turma do 2º ano de escolaridade e a coordenadora da BE foi também entrevistada como responsável pelo PNL na escola.

Embora a escola procure promover a participação dos encarregados de educação nas actividades de promoção do livro e da leitura, na realidade quer a Associação de Pais, quer os encarregados de educação em geral, não têm respondido de forma positiva a estas solicitações. A coordenadora não percebe se se trata de falta de interesse ou de disponibilidade. No início do ano lectivo, nas reuniões de pais realizadas, foram devidamente informados sobre o PNL por parte dos professores. Uma minoria acabou por solicitar as listagens de livros e adquirir alguns títulos para os seus filhos.

É importante referir que a EB 1 nº 3 do Cacém (que é sede de agrupamento) foi a única escola do agrupamento que recebeu financiamento do PNL para a aquisição de livros. Neste sentido, e porque as restantes escolas se encontram também inscritas no Plano e a desenvolver actividades, têm de recorrer aos livros da escola sede. É da responsabilidade da coordenadora organizar e disponibilizar alguns títulos para que estas escolas possam desenvolver algum trabalho com base nalgumas obras. Apesar deste intercâmbio, a BE não é geralmente visitada por outras escolas, mais pela dificuldade de transporte, do que pela falta de interesse. Outras escolas do agrupamento solicitam também, por diversas vezes, que a coordenadora da BE se desloque para dinamizar actividades noutras BEs do concelho, contudo, não tem disponibilidade para fazê-lo, já que trabalha com 20 turmas na escola.

A escola participa também em actividades exteriores organizadas pela BM de Sintra, como dramatizações e narração de contos. No início do ano lectivo a BM apresenta o seu plano anual de acção às escolas que depois se inscrevem para as acções que mais lhes interessam. A relação que a escola mantém com o SABE não é muito profícua, já que deveriam prestar apoio no tratamento do fundo documental das BEs e ainda não o fizeram e não disponibilizam acções de formação solicitadas por diversas vezes pelos professores.

A escola conta ainda com o apoio da Junta de Freguesia do Cacém que já ajudou a adquirir o programa informático para tratamento do fundo documental e que presta apoio sempre que solicitado.

Alguns professores da escola desenvolviam já algumas actividades de promoção do livro e da leitura, particularmente em contexto de sala de aula, embora de forma pouco integrada e algo dispersa. Com o surgimento do Plano todos os professores envolveram todas as turmas da escola na exploração das obras adquiridas com a verba que lhes foi atribuída. Ainda assim, de acordo com a coordenadora da BE, alguns docentes estão visivelmente mais empenhados e motivados que outros, apesar de a participação do PNL ser voluntária.

O Plano tem vindo a ser trabalhado, não só em Língua Portuguesa, mas também, sempre que se justifique, no âmbito de outras áreas disciplinares, nomeadamente de Estudo do Meio e de Matemática. Os docentes procuram, portanto, articular os conteúdos programáticos dos currículos com as obras que estão a trabalhar no âmbito do PNL.

A exploração dos livros e as actividades desenvolvidas são deixadas ao critério de cada docente. Inicialmente a coordenadora da BE tinha proposto criar fichas para trabalhar os livros, mas depois de debatida esta ideia consideraram que seria mais profícua que cada docente adaptasse as acções de promoção do livro e da leitura às especificidades das suas turmas. Esta decisão é também positiva por possibilitar maior diversidade de acções implementadas e por não impor determinado tipo de trabalho a todos os docentes.

Apesar de a escola não ter sido informada atempadamente da proposta de realização da Semana da Leitura, conseguiram organizar-se e desenvolver um conjunto de actividades que a coordenadora considera terem sido um sucesso entre toda a comunidade educativa:

- realizaram um *peddy-paper* devidamente adaptado para cada ano de escolaridade. As actividades dos alunos dos 1º, 2º e 3º anos basearam-se nas obras trabalhadas na sala de aula no âmbito do PNL. Por outro lado, os alunos do 4º ano participaram num *peddy-paper* mais abrangente, no qual se deslocaram para fora da escola, embora as acções estivessem fundamentalmente relacionadas com a leitura e com a escrita.

- criaram um concurso literário direccionado para todos os anos de escolaridade. Os alunos do 1º ano deveriam criar uma lengalenga e os restantes alunos um poema. Infelizmente esta acção não teve muito sucesso, tendo sido a participação dos alunos muito fraca.

- levaram também a cabo o concurso “O Melhor Leitor”, que tinha por objectivo encontrar e premiar os alunos que lessem melhor na escola, por ano de escolaridade. Foi feita uma pré-selecção em cada turma e os finalistas juntaram-se depois na BE onde leram excertos das obras que estavam a trabalhar no âmbito do PNL, tendo sido depois avaliados por um júri de professores.

- para encerrar a Semana da Leitura foi realizado um mini-espectáculo onde decorreram dramatizações, declamação de poesia e interpretação de músicas bastante populares entre as crianças cuja letra foi adaptada para a temática da leitura. Este evento não contou com a participação dos pais porque a BE não tinha espaço para acolhê-los. Contudo, alguns encarregados de educação manifestaram muito interesse em assistir.

A todos os alunos que participaram nas actividades da Semana da Leitura foi entregue um certificado de participação e os vencedores receberam como prémio livros oferecidos pela Texto Editora para esse efeito. A coordenadora tem consciência que grande parte das crianças teria preferido receber outro tipo de prémio, mais relacionado com os seus interesses pessoais, contudo o seu papel como responsável pela biblioteca é precisamente fomentar o interesse pelo livro.

Mas nós temos que defender, estamos aqui a toda a hora a defender a leitura, a escrita e o livro, sempre.

Os docentes da escola pretendem prosseguir com as actividades que têm vindo a desenvolver em contexto de sala de aula, se possível dando continuidade no próximo ano lectivo. A coordenadora tem já planeadas algumas acções que deverão realizar-se no 3º período:

- está a ser programado um novo seminário, embora ainda não esteja nada definido a esse respeito.

- estão a preparar a Semana Cultural, a realizar em Abril, onde irá decorrer uma feira do livro e irão ter um dia dedicado ao teatro e outro à poesia.

- no dia 16 de Maio a escola vai receber a visita da escritora Luísa Ducla Soares e vão ser, nesse âmbito, realizadas várias acções de dinamização da obra da autora.

No próximo ano lectivo, a coordenadora da BE gostaria de desenvolver acções especificamente direccionadas para os encarregados de educação, de modo a mobilizá-los e sensibilizá-los para a importância da leitura.

O balanço que a coordenadora da BE faz da participação da escola no PNL é bastante positivo. Apesar de serem já desenvolvidas algumas actividades de promoção da leitura em contexto de sala de aula, estas acções foram ampliadas e reforçadas. O que contribuiu significativamente para isso foi a proposta de

livros adequados a cada faixa etária e o reforço orçamental atribuído pela Comissão do Plano à escola que possibilitou a aquisição de um conjunto diversificado de obras e permitiu, assim, aumentar o fundo documental da BE. Para além disso, o PNL permitiu centralizar e formalizar práticas de fomento da leitura, muitas vezes levadas a cabo de forma dispersa e pouco integrada, e motivar docentes menos sensibilizados para as acções de promoção da leitura.

Eu penso que o que o Plano Nacional de Leitura trouxe foi realmente uma listagem de livros aconselhada a cada nível etário, não é? E depois penso que, de uma ou doutra maneira, as pessoas...realmente aquelas que não faziam...porque surgiu esta ideia e esta envolvimento toda, acabaram por entrar. Portanto, penso que alguns continuaram a fazer aquilo que já faziam, mas também, e isso nota-se, aqueles que possivelmente não desenvolviam esse tipo de trabalho, que nunca liam um livro com os alunos, etc., etc., agora sentem-se com mais vontade de fazer isso. Acho que sim, acho que teve algum impacto.

Apesar de o PNL ser implementado na escola há apenas alguns meses, é já possível identificar alguns impactos na comunidade educativa. De acordo com a informação que os professores lhe têm disponibilizado, alguns alunos alteraram os seus hábitos de leitura e mostram-se agora mais interessados e motivados. É importante destacar que a grande maioria não está ainda sensibilizada para a importância do livro e da leitura, sendo que houve um reforço dos hábitos de leitura de quem já lia. Contudo, os docentes esperam que a longo prazo, e dando continuidade a este tipo de acções, se possam vir a sentir impactos mais profundos nas crianças. Em termos gerais, os alunos apreciam bastante ir à BE e ter contacto com os livros que estão a trabalhar na sala de aula. É, aliás, de notar que os livros que mais se venderam na feira do livro realizada na biblioteca, foram precisamente os que as crianças estavam a explorar. Contudo, a feira do livro não foi bem sucedida, já que, apesar de os alunos adorarem visitar a feira, todos se queixaram dos preços dos livros e poucos acabaram por adquirir obras.

As primeiras reacções que a coordenadora da BE teve por parte dos professores quanto à implementação do Plano estão relacionadas com a preocupação com o tempo necessário para levar a cabo todas as actividades. A participação no PNL implicou sobrecarregar ainda mais os docentes, o que não significa, contudo, que isso seja encarado de forma negativa.

O Plano Nacional de Leitura...não de uma forma negativa...mas veio-nos ocupar bastante...ocupa-nos bastante, a mim coordenadora da biblioteca e aos professores, porque realmente os professores, aqueles que se empenham a sério, têm tido bastante trabalho.

Alguns professores menos empenhados queixam-se constantemente do facto de o PNL interferir no funcionamento normal das aulas, atitude que a coordenadora da BE não compreende e que critica fortemente.

Porque considerou importante monitorizar a implementação do Plano na escola optou por aplicar um inquérito por questionário aos professores sobre o PNL. Em termos gerais, conseguiu perceber que a maior parte dos docentes está bastante interessada e motivada, mesmo que tenha uma carga de trabalho superior. Apenas uma docente, em 20, não explorou as obras do Plano e os restantes professores apreciaram bastante os livros sugeridos. Todos os docentes consideraram extremamente complicado trabalhar adequadamente duas obras por período, sendo que apenas uma professora conseguiu fazê-lo. Cinco professores consideram que o tempo dedicado ao PNL veio, de alguma forma, perturbar a execução do currículo escolar. É ainda importante referir que 16 docentes conseguem já identificar algumas alterações nos hábitos de leitura dos seus alunos. Quanto à Semana da Leitura, foi avaliada de forma muito positiva pelos professores da escola.

Em termos gerais, a participação dos pais nas actividades promovidas pela escola mantém-se igual a anos anteriores, não tendo o PNL tido influência neste domínio. Para compreender o fraco envolvimento dos encarregados de educação é necessário ter em conta que a escola se situa numa zona de grande diversidade social e cultural e recebe crianças com muitas carências sociais, culturais e económicas. Porque os pais não têm hábitos de leitura estruturados, não sensibilizam os filhos para a importância da leitura. Geralmente, os pais preocupam-se mais com o que se passa na sala de aula em termos de desempenho escolar e cumprimento dos currículos, colocando noutra plano secundário tudo o resto. Quando criaram, por exemplo, o “Clube de Amigos da Biblioteca” sabiam já à partida que a adesão ia ser fraca. Dos cerca de 400 alunos da escola, apenas 30 ofereceram livros à BE.

Esta situação geral não significa, contudo, que não exista um conjunto de pais (minoritário) particularmente interessado e motivado para estas questões. Estes encarregados de educação geralmente nas reuniões de pais querem saber que livros vão ser trabalhados na sala de aula para poderem adquiri-los para os filhos. Ocorreu também na escola uma situação pouco habitual, já que alguns pais de uma turma do 1º ano de escolaridade solicitaram à professora da turma a listagem de livros aconselhados para as crianças lerem em casa e pediram-lhe que construísse uma ficha de leitura muito simples para a exploração das obras. Estes encarregados de educação têm por objectivo ler os livros em casa com os filhos e ajudá-los a preencher a referida ficha que posteriormente entregam à professora.

O Plano Nacional de Leitura na sua organização

A coordenadora da Biblioteca Escolar tomou conhecimento do Plano Nacional de Leitura em Junho, ainda no final do ano lectivo de 2005/2006, através de uma colega do Conselho Executivo que viu na Internet e que a informou. Por lhe ter sido atribuída a coordenação da BE no ano lectivo seguinte e por lhe ter parecido um projecto pertinente e interessante e de aplicação viável na escola, começou desde logo a informar-se no *site* da RBE e, posteriormente, no próprio sítio na Internet do Plano. A escola foi também informada por parte da Comissão do PNL mediante documentação que solicitava a sua colaboração e respectivo registo no *site* entretanto criado para o Plano. Enquanto responsável pela BE assumiu desde o início a responsabilidade de registar a escola no PNL e de coordenar a execução do mesmo. Organizou um dossier com informação recolhida do *site* do PNL e interveio nas diferentes reuniões de cada ano de escolaridade para apresentar o Plano e esclarecer os seus objectivos e linhas de acção. Contactou também as outras escolas do agrupamento e sugeriu ser a própria a efectuar os registos de todas elas.

Uma vez que o registo no Plano Nacional de Leitura por parte de cada escola exigia uma selecção de livros com base nos quais deveriam desenvolver actividades de promoção da leitura, a coordenadora da BE organizou uma reunião em que participaram todas as escolas do agrupamento, tendo por objectivo discutir e escolher as obras que cada um considerava mais adequadas para trabalhar com os seus alunos e para motivá-los para a leitura. Definidas as listas finais de livros foi a coordenadora da BE quem efectuou os registos no PNL de todas as escolas.

Mas o processo de selecção não foi fácil para a maior parte dos professores, já que não conheciam grande parte das obras sugeridas. Para além disso, a coordenadora da BE não tinha noção dos preços dos

livros, o que dificultou também a escolha que tiveram de efectuar. Como consequência, encomendaram algumas obras demasiado caras.

Os professores não conhecem todas as obras e eu também não as conheço, não consigo conhecer aquilo tudo, não é? E tive que andar a saber os preços...portanto...foi complicado.

A escola foi contemplada na 1ª fase de reforço orçamental com 2500€ para a aquisição dos livros previamente seleccionados, o que deixou os professores bastante satisfeitos. Contudo, quando encomendaram as obras depararam-se com alguns problemas, já que, devido ao elevado número de solicitações, muitos dos livros encontravam-se esgotados nas editoras, o que obrigou a coordenadora a rever as listagens já definidas e a tomar decisões quanto às alterações necessárias a efectuar.

Outra coisa que aconteceu que também foi muito desagradável é que as escolas são seleccionadas, dizem-nos hoje depois dizem-nos que daqui por 2 semanas temos que fazer a listagem dos livros que queremos comprar. É óbvio que isto a nível nacional houve imensos livros que esgotaram. O que é que acontece? Alguns livros que as colegas tinham escolhido não havia. E depois aqui perante essa situação tive que ser eu a tomar decisões e a optar, não é? E pronto, não conseguí corresponder totalmente àquilo que as colegas queriam porque os livros estavam esgotados.

Com a verba atribuída e ultrapassados estes problemas, foram adquiridos 12 exemplares de 5 a 8 obras por ano de escolaridade. Apesar de alguns livros estarem esgotados, cingiram-se às sugestões do Plano, apenas fazendo uma pequena alteração, já que optaram por um outro título da mesma colecção.

Porque muitas das escolhas dos professores foram feitas sem terem conhecimento das obras, nalguns casos, depois de receberem os livros, algumas revelaram-se desadequadas ao nível etário a que se direccionam.

Penso que há livros que não estão nada adequados ao nível etário dos alunos. E agora é que nós começamos a conhecer os livros, começamos a mexer neles, não é? Por exemplo, temos aqui um do 3º ano, *Mão cheia de rimas traquinas*, isto não tem nada a ver com o 3º ano, o vocabulário não tem nada a ver com o 3º ano. As colegas praticamente não tocaram no livro porque não se sentiam sequer preparadas. Aqueles conteúdos, aquele vocabulário não têm a ver com o nível do 3º ano por ser muito difícil. (...) Eu também há alguns que não considero nada adequados, mas o problema é que nós não conhecemos os livros, não é?

Os livros adquiridos encontram-se numa prateleira na BE. Estas obras são para utilização exclusiva em actividades desenvolvidas no âmbito do Plano e não podem, como tal, ser alvo de requisições domiciliárias pelos utilizadores da BE. Sempre que algum professor pretende trabalhar um dos livros solicita-o na biblioteca, tendo de devolver os 12 exemplares no próprio dia. A BE tem, para esse efeito, um mapa onde organiza as requisições dos livros do PNL. A forma como os professores gerem depois a utilização das obras é flexível e consonante com os objectivos de cada um deles.

A equipa de professores que se encontra a trabalhar os livros do PNL reúne com o coordenador da BE geralmente uma vez por mês (por vezes mais), sendo que estas reuniões são fundamentais para a preparação de trabalho, partilha de ideias e experiências e discussão de estratégias. São também realizadas reuniões com os professores de outras escolas do agrupamento com os mesmos fins.

No período inicial de registo no PNL, a escola apresentou também dois projectos. O primeiro intitula-se “Crescer...Com o Prazer de Ler”, que tem por objectivo central desenvolver nos alunos uma formação geral que lhes garanta o desenvolvimento da capacidade de raciocínio, memória, espírito crítico, criatividade, tornando-os cidadãos responsáveis e participativos. Este projecto pretende, fundamentalmente, motivar os alunos para a leitura e para a escrita, de forma interconectada com o Plano Anual de Actividades e com o

Projecto Educativo do Agrupamento, através da exploração das obras de Luísa Ducla Soares. O segundo projecto apresentado intitula-se “O Poeta é um Menino” e tem por objectivo central fazer da poesia um centro integrador da aprendizagem da Língua Portuguesa, valorizando a criatividade e o património literário. Este projecto conta com a colaboração de José Fanha e centra-se fundamentalmente no 2º ano de escolaridade.

Sempre que surgiu alguma dúvida relacionada com a implementação do PNL na escola, a coordenadora da BE contactou a Comissão do PNL, sendo que geralmente fala com a Drª Alexandra Marques. Considera ter encontrado abertura e disponibilidade para a resolução das suas questões.

Diariamente a coordenadora da BE frequenta o sítio na Internet do PNL (e também da RBE), numa fase inicial para se informar sobre os objectivos e actividades sugeridas pelo Plano, e actualmente para tomar conhecimento das actualizações e das novas acções do PNL.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais

Em termos gerais, concorda com a forma como o Plano está organizado e como definiu os seus objectivos, prioridades e actividades. A divulgação tem também sido bastante boa, particularmente com a participação da RTP que divulga *spots* publicitários que lhe parecem bem estruturados. A informação que tem chegado à escola tem também sido a necessária. Considera que a criação da marca Ler+ foi particularmente feliz, uma vez que sintetiza bem o objectivo central do Plano, sendo também, para além disso, muito apelativa.

Como aspectos mais positivos do Plano a coordenadora identifica a atribuição de verba para a aquisição de exemplares das obras seleccionadas suficientes para que todos os alunos possam ter contacto directo com os livros e acompanhar as leituras, mas também a mobilização de professores menos sensibilizados para estas questões.

Possibilita às escolas terem livros numa quantidade que dá para todos os meninos estarem a acompanhar a leitura, para todos os meninos explorarem o livro porque eu estar na sala a ler um livro é uma coisa e os meninos terem o livro à frente deles é completamente diferente. Penso que é muito importante. Veio despertar alguns professores que andavam assim já um bocadinho esquecidos desta parte que é fundamental na nossa actividade.

Quanto aos aspectos menos positivos, as listagens não eram acompanhadas de qualquer tipo de informação sobre cada obra, quer sobre o seu conteúdo, quer sobre o respectivo preço, o que dificultou bastante o processo de selecção, já que grande parte dos livros não são conhecidos pelos professores. Para além disso, as propostas de actividades não têm surgido atempadamente, o que não permite aos professores prepararem-se devidamente.

Acho o Plano óptimo, acho que os objectivos são muito interessantes. A divulgação do Plano penso que também correu bem. Portanto, as únicas críticas que tenho a fazer realmente é em relação à selecção dos livros porque, pronto, nós não conhecemos. Acho que nos deviam ter dado mais alguns dados, inclusivamente, se fosse possível, os preços. Penso que poderia ser um trabalho que já nos poderia ser dado em vez de nós termos que andar ali... E depois acho é que os limites que nos dão...por exemplo, a escola foi contemplada com 2500€, na próxima semana têm que... Percebe? Estes limites são...é tudo muito...é aí que eu acho que falha um bocadinho, é que... por exemplo, a Semana da Leitura saiu cá para fora com 15 dias de antecedência, não é? Penso que esses aspectos... Por exemplo, agora a actividade dos CTT, não é nesta altura do ano que se propõe uma actividade, estamos no 3º período, estamos no meio de Abril, penso que é um bocadinho tardia. Por acaso houve 4 colegas que quiseram participar, pronto. Mas sei que se fosse uma actividade que tivesse vindo, por exemplo, em Janeiro ou Fevereiro, possivelmente muitos mais colegas tinham participado.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

Parece-lhe muito importante ter sido criado o Plano Nacional de Leitura num contexto nacional em que os níveis de literacia são tão baixos e em que se lê cada vez menos, particularmente as crianças e os jovens que têm outras atracções e que não são incentivados pelos pais para a leitura.

A situação é má e a perspectiva que eu tenho é que cada vez lê-se menos. Hoje em dia há toda uma variedade de outras coisas que atraem mais que o livro e as crianças se não forem constantemente incentivadas desde pequeninas acabam por se esquecer e até achar uma chatice ter que ler um livro. Isso é muito mau. Isso passa-se a nível da minha escola e a nível nacional.

Apesar de a situação de Portugal ser bastante semelhante à de outros países com igual nível de desenvolvimento económico, é também importante relembrar que os países do Leste da Europa têm condições culturais excelentes para o fomento do livro e da leitura. Isso é evidente nos alunos que recebem na escola oriundos desses países, já que se destacam bastante das crianças portuguesas, mesmo no que diz respeito ao conhecimento sobre a História de Portugal.

A criação do PNL é, portanto, louvável e necessária para alterar a situação da leitura em Portugal. Embora os seus impactos não se façam sentir a curto e mesmo a médio prazo, é fundamental investir neste projecto.

Não creio que vá ter resultado no final deste ano, mas creio que daqui por uns anos terá e temos que lutar por isso. Penso que foi muito bem concebido e foi ótimo ter aparecido. Embora se diga “ah, isto não veio fazer nada, não veio alterar nada, não sei quê”. Eu não concordo. É lógico que de hoje para amanhã não se consegue, não é? Mas nós temos que lutar pelo livro, pela existência do livro, se não daqui a pouco estamos todos agarrados à Internet e o livro não existe para nada, não é? (...) Dará frutos a longo prazo. Vamos a ver é se continua.

Sugestões e Propostas

Na sequência das críticas efectuadas ao Plano, a coordenadora da BE fez algumas sugestões que considera serem importantes para melhorar a acção do Plano nos próximos anos:

- as listagens de livros sugeridos pelo PNL deveriam ser acompanhadas de informação sobre as obras, nomeadamente resumos e respectivos preços.

Penso que é uma falha. É lógico que o Plano Nacional de Leitura não nos pode pôr aqui os livros todos para a gente escolher. Mas, sei lá, fornecer um resumo...pronto, dar-nos algumas indicações.

- as actividades propostas pelo Plano deveriam ser divulgadas com maior antecedência, de modo a que os professores possam ajustar as suas planificações e organizar convenientemente as acções.

Em relação à divulgação das actividades deviam tentar fazer com um pouquinho mais de antecedência para nós termos mais tempo para programar. Porque nós temos as nossas planificações, de repente cai-nos assim uma coisa, não é? Altera as planificações dos professores, altera a minha planificação, mexe um bocadinho. Portanto, acho que isso devia ser um bocadinho antecipado, a divulgação das actividades.

- a Comissão deveria continuar a financiar a aquisição de livros para as escolas.

1.6.3. Entrevista a Professoras

Perfil das entrevistadas

1. Completou o Magistério Primário e uma licenciatura em Educação Física. Foi sempre professora no 1º ciclo.
2. Professora do 1º ciclo há 32 anos, fez o Magistério Primário.
3. Completou o Magistério Primário e é professora do 1º ciclo há 25 anos.
4. Fez o Magistério Primário e mais recentemente uma licenciatura em Desenvolvimento Pessoal e Social. É professora do 1º ciclo há 24 anos.
5. Professora do 1º ciclo há alguns anos, é actualmente directora da EB1 de Casal do Cotão.
6. Lecciona no 4º ano de escolaridade. É licenciada em ensino do 1º ciclo e trabalha há 8 anos.
7. Licenciada em Português/Francês, é actualmente professora do 2º ano de escolaridade e lecciona no 1º ciclo há 7 anos.
8. Professora do 2º ano de escolaridade.
9. Professora de educação especial na EB1 nº 1 do Cacém. É licenciada na variante de Português/Inglês do 2º ciclo, mas nunca leccionou nesse nível de ensino. Está há 7 anos no 1º ciclo.
10. 40 anos, tem um bacharelato na área do ensino no 1º ciclo. Leccionou nos distritos de Santarém e Évora e em 1997 ingressou na EB1 nº 3 do Cacém. Fez o complemento de formação para obter o grau de licenciatura e tem permanecido nesta escola, onde já desempenhou também a função de vice-presidente do Conselho Executivo durante 3 anos, período durante o qual se dedicou também à BE. Este ano lectivo foi convidada para estar a tempo inteiro na BE.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola / desenvolvidas pelos professores

Algumas professoras da escola desenvolviam já algumas actividades de promoção do livro e da leitura em contexto de sala de aula, embora muitas vezes de forma pouco integrada e algo dispersa. Com o surgimento do Plano todos os professores se envolveram na exploração das obras adquiridas com a verba que foi atribuída à escola. Contudo, as actividades desenvolvidas nesse âmbito não foram diferentes das que já eram levadas a cabo.

Eu na minha experiência, no meu caso pessoal não tenho fugido muito daquilo que também já fazia, uma vez que não tivemos, na minha opinião, orientações nenhuma do Plano Nacional de Leitura. A única coisa que temos é a possibilidade de escolher aquelas obras.

Para além da leitura das obras, que pode ser individual, a pares ou efectuada pela docente, os alunos têm discutido oralmente os livros, têm pesquisado e trabalhado sobre os autores, têm feito a caracterização das personagens e fichas de trabalho, têm trabalhado em expressão plástica (cartazes, ilustrações, banda desenhada), têm criado dramatizações, têm elaborado e participado em jogos e têm feito visitas de estudo relacionadas com as obras exploradas. No âmbito da área disciplinar de Língua Portuguesa têm feito interpretação escrita, trabalhado o vocabulário, a ortografia e a gramática e têm aprendido a construir resumos das obras. Mas as professoras têm também articulado os conteúdos dos livros trabalhados com as restantes áreas disciplinares. A exploração de cada obra tem uma duração variável, dependendo, em larga medida, da

resposta dos alunos às actividades. Neste contexto, as acções assentam fundamentalmente no livro, mas as docentes procuram sempre recorrer também a outros suportes, como as TIC para a elaboração de pesquisas na Internet. Embora a leitura faça parte do quotidiano das turmas do 1º ciclo, os livros do PNL não são trabalhados todos os dias, sendo essa calendarização flexível e estando dependente das dinâmicas curriculares de cada turma. Sempre que se justifique as professoras tentam envolver os encarregados de educação nas actividades de promoção do livro e da leitura.

Na BE têm também sido dinamizadas algumas acções pela coordenadora da biblioteca, sendo particularmente de destacar a visita de Isabel Alçada à escola, que concedeu uma entrevista a uma turma do 4º ano de escolaridade e que esteve em contacto com os alunos.

É também importante referir a Semana da Leitura como um evento muito bem sucedido entre toda a comunidade educativa. Foi muito bem organizada pela coordenadora da BE e mobilizou e motivou professores e alunos. Realizaram um *peddy-paper*, um concurso literário, levaram a cabo o concurso *O Melhor Leitor* e fizeram um mini-espectáculo de encerramento da semana. Gostariam de poder repetir esta experiência no próximo ano lectivo.

Pretendem prosseguir as actividades que têm vindo a desenvolver com os alunos, sem terem de momento acções planificadas. Esperam, contudo, que no próximo ano lectivo seja mais fácil implementar o PNL na escola, devendo a selecção dos livros ser feita de forma mais cuidada. As entrevistadas gostariam também de contar com a aquisição de novas obras que facilitem a gestão do tempo e a organização das actividades por parte dos professores.

O balanço que as professoras fazem da participação da escola no PNL é positivo. Apesar de serem já desenvolvidas algumas actividades de promoção da leitura em contexto de sala de aula, estas acções foram reforçadas. O que contribuiu significativamente para isso foi a proposta de livros adequados a cada faixa etária, tendo sido uma boa orientação para os docentes.

Realmente o Plano Nacional de Leitura a única coisa que veio trazer de novo, pelo menos acho que na grande maioria do nosso agrupamento, foi indicar-nos obras porque o Plano Nacional de Leitura no fundo já se fazia, já se contavam histórias aos meninos, já se dramatizava, já se exploravam obras, já tínhamos a “Hora do Conto” na sala. Portanto, não é nada de novo. Aquilo que veio trazer de novo foi orientar-nos para, dizer-nos “no 2º ano têm estas obras, no 3º estas, no 1º estas, escolham”. Foi basicamente orientar.

As docentes consideram que, em termos gerais, se têm sentido os impactos das acções levadas a cabo desde o início do ano, já que os alunos parecem estar mais interessados e motivados para a leitura. Têm apreciado bastante todos os livros trabalhados e têm participado com entusiasmo e interesse nas actividades desenvolvidas. Quando, numa aula, as docentes terminam as tarefas de exploração das obras e passam para outra área disciplinar, as crianças manifestam muitas vezes o seu desagrado.

Penso que tem sido muito positivo. Estou a falar concretamente da minha turma. Acho que há um envolvimento muito grande dos alunos. Eu tenho alunos que às vezes estou a querer mudar de área na aula e eles estão com o livro em cima da mesa porque aquilo está a correr tão bem e eles não querem mudar daquela actividade, da sequência que estão a ter na história.

Mas os impactos fizeram-se sentir não só em contexto de sala de aula, como também nas suas experiências quotidianas, já que as professoras consideram que os seus hábitos de leitura estão a modificar-se, lendo mais por iniciativa própria e fora do contexto escolar. Muitas crianças, cujos pais têm mais recursos e estão mais sensibilizados nesse sentido, acabam por adquirir algumas obras sugeridas pelo Plano e outros

títulos das mesmas colecções. Revelaram também muito interesse pela BE e pelas requisições domiciliárias. No início do ano lectivo muitas crianças optavam por passar os intervalos nos pátios exteriores e actualmente preferem passá-los na biblioteca. No dia anterior, por exemplo, a coordenadora da BE demorou-se um pouco mais a abrir a BE e as crianças permaneceram junto à porta até poderem entrar, quando poderiam ter optado por ir para o recreio. Para a crescente motivação das crianças tem também contribuído a coordenadora da BE que desenvolve actividades interessantes e divertidas para os alunos e que tornou a biblioteca num espaço bastante agradável. Por tudo isto, as docentes concluíram:

Eu acho que o importante é que com isto tudo se tire uma conclusão: os meninos gostam de ler. E isso é muito positivo, muito importante.

O interesse que os alunos revelaram pela leitura não pode, contudo, ser dissociado do facto de o PNL ter disponibilizado um exemplar das obras para cada 2 alunos, o que permitiu às crianças terem acesso e contacto directo com os livros e serem eles próprios a efectuarem as leituras. A importância do manuseamento das obras para os alunos é perceptível nas ocasiões em que estão a ouvir a coordenadora da BE ler uma história na biblioteca e pedem constantemente para ver o livro.

Eu penso que essa foi uma das grandes alterações, para mim enquanto professora, em relação ao Plano Nacional de Leitura. Eu sempre trabalhei muitas obras com a minha turma, mas muitas vezes era eu que as lia. E as coisas corriam muito bem, mas neste momento...eles podem ler. (...) Esta foi uma das grandes mudanças, penso eu, foi que o aluno teve acesso à obra e ele também está a ler.

Quanto aos professores, não sentiram que tenha existido alguma alteração significativa das suas práticas e dos seus métodos pedagógicos, já que aquilo que é proposto pelo Plano são actividades que eram já desenvolvidas pelos mesmos na sala de aula.

Os professores sentiram também um acréscimo de interesse por parte dos encarregados de educação no presente ano lectivo, na sequência da criação do PNL. Não só porque o Plano teve muita divulgação a nível nacional, mas também porque os professores investiram nessa vertente.

E foi mais envolver a família, que não estava tão envolvida como está neste momento. Esforçam-se para saber quais são os livros, os meninos fazem anos e dão-lhes como presente aquele livro, no Natal recebem como presentes os livros. E nota-se que os meninos gostam mais, que vêm mais empenhados à biblioteca, querem levar muitos livros para casa, levam um livro e lêem-no todo.

Embora o envolvimento dos pais varie consoante o tipo de turmas e de alunos que as compõem, de facto, os encarregados de educação que se revelam interessados constituem já uma maioria nalgumas turmas. As docentes têm procurado incentivá-los referindo sempre a importância do PNL nas reuniões em que os pais participam. Nalguns casos, as próprias crianças transportam também para casa uma mensagem positiva relativamente ao Plano e à leitura. Para os encarregados de educação que sempre se mostraram motivados e empenhados na promoção da leitura junto dos seus filhos, o PNL constitui uma mais valia, na medida em que facultou orientações para a aquisição de livros.

O Plano Nacional de Leitura na sua organização

Grande parte das professoras teve conhecimento da existência do Plano Nacional de Leitura através das primeiras notícias que surgiram na televisão e na imprensa. Contudo, foi através da coordenadora da BE

que tiveram a possibilidade de conhecer mais aprofundadamente os principais objectivos e planos de acção do PNL. Foi ela quem ficou responsável pela implementação do Plano na escola e foi, nesse sentido, quem fez o respectivo registo da escola.

Uma vez que o registo no Plano Nacional de Leitura por parte de cada escola exigia uma selecção de livros com base nos quais deveriam desenvolver actividades de promoção da leitura, a partir de Setembro a coordenadora da BE organizou um conjunto de reuniões com todos os professores, tendo por objectivo discutir e escolher as obras que cada um considerava mais adequadas para trabalhar com os seus alunos e para motivá-los para a leitura. Em termos gerais, as professoras consideraram que as listagens estavam bem construídas e os livros adequados para as faixas etárias a que se direccionam. Mas o processo de selecção não foi fácil para a maior parte dos professores, já que não conheciam grande parte das obras sugeridas. Para além disso, não tinham noção dos preços dos livros, factor considerado determinante para efectuarem a selecção.

A escola foi contemplada na 1ª fase com 2500€ de reforço orçamental para a aquisição dos livros seleccionados. As professoras e a coordenadora da BE optaram pela compra de 12 exemplares por título, tal como sugerido pelo Plano, já que possibilitava disponibilizar um exemplar por cada dois alunos e, assim, fomentar o contacto directo com o livro. Algumas das obras encontravam-se esgotadas nas editoras, o que implicou rever a selecção inicial, e outras só ficaram disponíveis a meio do 2º período, o que atrasou o início da implementação do PNL nalgumas escolas do agrupamento.

Quando receberam os livros e começaram a trabalhá-los, acabaram por perceber que algumas das obras escolhidas não são as mais adequadas, quer pela sua extensão – que não permite explorá-las com muita profundidade –, quer pelo seu preço – o que dificulta a aquisição desses livros por parte dos encarregados de educação. Outros livros não corresponderam também, em termos de conteúdo, às expectativas das professoras. Estes problemas derivam essencialmente do facto de as docentes terem efectuado as suas escolhas sem conhecerem os livros sugeridos.

A equipa de professores que se encontra a trabalhar as obras sugeridas pelo PNL reúne com o coordenador da BE geralmente uma vez por mês, o que se revela fulcral para a partilha de ideias, livros, experiências, actividades e materiais.

Actualmente os professores não visitam com frequência o sítio na Internet do PNL, apesar de o terem feito no início do ano lectivo.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais

Em termos gerais, as professoras concordam com a forma como o Plano está organizado e como definiu os seus objectivos, prioridades e actividades. A divulgação tem também sido bastante boa e bem sucedida. Algumas docentes viram os *spots* publicitários do Plano e apreciaram bastante. Consideram ainda que a marca Ler+ está muito bem pensada, porque sintetiza bem a mensagem a ser transmitida, e é bastante atractiva para os mais jovens.

Como aspectos mais positivos do Plano, as docentes identificam o envolvimento das famílias e o facto de disponibilizar um exemplar das obras seleccionadas para cada dois alunos, o que possibilita o contacto directo das crianças com os livros, estimulando o trabalho a pares e permitindo que os alunos façam também leituras e não se limitem a ouvir o professor ler.

Por outro lado, criticam a falta de apoio da Comissão do PNL quanto às orientações sugeridas para a exploração das obras.

Uma pequenina falha da parte de quem organizou o Plano, que nunca nos deu umas ideias diferentes daquelas que nós temos. Acho que aí deveríamos ter tido um apoiozito.

Quando souberam que a escola tinha sido seleccionada para participar no Plano, assumiram que iriam ter mais apoios para além do reforço orçamental.

Consideram também impossível trabalhar convenientemente duas obras por período, tal como o PNL sugere. Para além disso, as actividades sugeridas pelo Plano não são divulgadas atempadamente, o que dificulta a participação de professores e alunos nas mesmas, uma vez que não têm tempo para se preparar devidamente.

Não é agradável trabalhar sobre pressão porque eles próprios também sentem. Nós já temos, imagine, temos as coisas planeadas, de um momento para o outro a coordenadora da biblioteca recebe, transmite-nos. Nós sem dúvida que gostamos de participar e queremos, mas aquilo do ser tudo em cima da hora não é agradável.

Uma das docentes que pertence a outra escola do 1º ciclo do agrupamento queixou-se do facto de a BE ter encerrado, o que se tem revelado bastante negativo para os professores, mas principalmente para as crianças. Para um projecto de âmbito nacional como o PNL resultar têm de existir já condições mínimas nas escolas que possibilitem a sua implementação.

Trabalhamos a nível de sala de aula porque infelizmente não temos biblioteca. Aliás, tínhamos há 2 anos e os alunos que estão lá há 4 anos notam isso. Tínhamos e depois deixámos de ter porque tivemos que ceder uma sala, a sala da biblioteca que era um espaço muito bom. Isso infelizmente para nós...e para aqueles meninos que estiveram no 1º ano e no 2º a trabalhar na biblioteca, foi-lhes retirado aquele espaço, sentem isso. Não trabalhamos como gostaríamos de trabalhar, é mais a nível de sala de aula. Sentimos que ir à biblioteca, estar lá, mexer num livro faz muita falta. Pronto, é uma das coisas que sentimos e que nós, no nosso programa...e se queremos que os meninos leiam mais, as escolas também deviam ter uma biblioteca, as condições, e nós não temos.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

A criação do PNL é considerada por todas as professoras como necessária e indispensável num contexto nacional que se caracteriza, em termos gerais, por baixos níveis de literacia e fracos hábitos de leitura. Neste âmbito, é fundamental que o Plano seja implementado nas escolas, contribuindo para a formação e sucesso escolar dos jovens. Contudo, porque se tem progressivamente ganho maior sensibilidade social para estas questões, e na sequência de acções já existentes de promoção da leitura, as professoras consideram que cada vez se lê mais, sendo, por exemplo, bastante frequente encontrar pessoas nos transportes públicos com livros. Para isso tem também contribuído a denominada “literatura *light*”, o que não é necessariamente negativo, já que aquilo que realmente importa é que exista um número cada vez maior de leitores. Os preços dos livros têm também vindo a tornar-se mais acessíveis.

O PNL, enquanto projecto nacional, pode constituir um contributo fulcral para alterar a situação da leitura em Portugal, contudo, para que os seus resultados se façam sentir, é necessário que lhe seja dada continuidade.

Sugestões e Propostas

Algumas sugestões foram apresentadas pelas professoras com o intuito de melhorar acções futuras do PNL:

- a Comissão do Plano deveria facultar mais orientações aos professores para a exploração das obras.
- as actividades propostas deveriam ser divulgadas com maior antecedência, de modo a possibilitar a preparação e planificação por parte dos professores.

- é ainda importante que a Comissão do PNL tenha noção que as listagens de livros e os reforços orçamentais não são por si só condições promotoras do livro e da leitura. Para que este projecto seja bem sucedido é necessário que os professores se envolvam e se empenhem. As docentes conhecem o caso de uma escola do concelho que recebeu verbas, adquiriu os livros e nunca chegou a trabalhá-los.

1.7. Escola Básica do 1º Ciclo Sofia de Carvalho (Algés – Oeiras)

1.7.1. Relatório de visita

O primeiro contacto com a escola foi efectuado por telefone no dia 7 de Março de 2007 através da professora de contacto com o PNL na escola, que é simultaneamente coordenadora a tempo inteiro da BE. A resposta ao pedido de colaboração para acompanhamento de actividades da Semana da Leitura foi bastante positiva, disponibilizando-se imediatamente para nos receber no dia seguinte.

A primeira visita à escola iniciou-se no dia 8 de Março de 2007 pelas 9 horas. A professora de contacto com o PNL encontrava-se no espaço da BE rodeada de crianças que visitavam a feira do livro montada na biblioteca e que solicitavam o seu apoio na escolha e compra de livros. No espaço da BE encontravam-se dispostas 3 mesas com livros que variavam entre os 0,50€ e os 10€. Todos eles eram livros usados que foram oferecidos pelos pais à BE por solicitação da coordenadora. De acordo com a coordenadora, é também comum, no período em que decorre esta feira do livro, que os pais no período da manhã, quando vão levar os filhos à escola, visitem a BE e ajudem as crianças a escolher um livro para comprar.

Quando tocou para iniciarem as aulas, a BE ficou vazia e foi possível conversar com a coordenadora sobre as actividades da Semana da Leitura e do PNL na escola. Começou por mostrar as caixas onde se encontram os livros adquiridos no âmbito do PNL, separados por ano, e que podem ser requisitados pelos professores. Mostrou também os “Passaportes de Leitura” dos alunos, onde é colado um autocolante por cada livro que leram voluntariamente e com base no qual realizaram uma ficha de leitura. Depois de ganharem 10 autocolantes têm direito a um prémio, geralmente um bloco e uma caneta. Os passaportes encontram-se distribuídos por sacos pendurados numa parede (um para cada ano) e todos os alunos têm o seu.

Relativamente à Semana da Leitura, a escola desenvolveu ao longo de toda a semana dramatizações que os alunos apresentaram uns aos outros, a já referida feira do livro e encontros com a escritora Fátima

Éffe. De referir que logo à entrada da escola se encontrava uma faixa com a designação “Semana da Leitura”. O balanço que a coordenadora fez da Semana foi bastante positivo, considerando que houve uma adesão muito expressiva e motivada por parte de professores, alunos e mesmo dos pais. A deslocação à escola permitiu ainda assistir ao encontro com a escritora Fátima Éffe que apresentou uma dinamização de um dos seus livros. A escritora teceu algumas críticas à forma como o Plano tem vindo a ser implementado. De acordo com a mesma, é importante a criação de um Plano Nacional de fomento da leitura, mas não deve ser utilizado como instrumento político, como o que está neste momento a suceder, e não deve ainda ser implementado sem a existência de uma política do livro. Criticou o facto de os autores não terem sido consultados no âmbito do PNL e, nesse sentido, não aprecia ver os seus livros com o símbolo Ler+. Considera que os livreiros deveriam também ter sido ouvidos. As actividades que tem vindo a desenvolver e em que tem participado de promoção da leitura têm ocorrido não pela existência do Plano, mas porque ela própria gosta de o fazer e considera fundamental criar e chegar a novos leitores e não apenas consolidar os que já existem, como o Plano está a fazer. Criticou também a escolha dos livros, referindo-se à existência de *lobbys* neste contexto.

A segunda visita à escola decorreu no dia 8 de Março de 2007 entre as 14h e as 17h. A coordenadora da BE estava na biblioteca com uma turma a trabalhar para o concurso “Linhas & Letras”. Tratava-se de uma turma cuja aula estava previsto visitarmos, contudo, a professora teve um imprevisto e não pôde dar-lhes aula. Assim sendo, foi possível conversar um pouco com os alunos no espaço da BE. Apesar de todos terem participado, foram principalmente os rapazes a falar. Afirmaram conhecer o Plano Nacional de Leitura, tendo ficado a conhecê-lo na escola, mas também na televisão. Alguns deles viram os anúncios televisivos e afirmaram gostar muito. Consideram que ler é muito importante para adquirirem mais conhecimentos e vocabulário, para aprenderem, para estimularem a imaginação e para a sua formação futura. Gostam muito de visitar a biblioteca e fazem-no pelo menos duas vezes por semana, acompanhados de um professor. Disseram também apreciar bastante visitar a Biblioteca Municipal de Algés, onde tinham estado nessa manhã num encontro com uma escritora. Cada um falou também das actividades que têm desenvolvido na escola no âmbito do PNL e referiram-se a dramatizações, a encontros com escritores, a exercícios e a concursos.

Quando tocou, a turma foi-se embora e iniciou-se a entrevista com a coordenadora, embora tivesse de ser interrompida porque as professoras que se disponibilizaram para falar sobre as actividades que desenvolvem no âmbito do PNL estavam já à espera. Juntaram-se 8 professoras de diferentes anos lectivos no espaço da BE, bem como a coordenadora, que esteve também presente, e iniciou-se a entrevista. A entrevista teve de terminar quando a coordenadora precisou de sair, o que implicava fechar a biblioteca. Surgiu, entretanto, a directora da escola para cumprimentar e manifestar a sua disponibilidade e a hospitalidade da escola. Durante a entrevista a directora da escola tinha aparecido na BE, mas observando que a entrevista estava a decorrer optou por sair momentos depois.

A terceira visita à escola decorreu no dia 4 de Maio de 2007 e teve por objectivo terminar a entrevista individual à professora de contacto com o PNL na escola. A conversa decorreu mais uma vez no espaço da BE, que se encontrava naquele momento vazio, e prosseguiu sem interrupções. No final da entrevista a coordenadora fez uma visita guiada aos diferentes espaços da biblioteca. Demonstrou alguma curiosidade em conhecer posteriormente o produto final da avaliação. Referiu-se ainda ao facto de Sílvia Firmino estar a realizar um documentário sobre o Plano Nacional de Leitura e ir visitar a escola para fazer algumas filmagens.

1.7.2. Entrevista a Professora de Contacto com o PNL na escola

Perfil da entrevistada

A professora de contacto com o PNL na escola tem 32 anos, é licenciada em docência no ensino básico, vertente de Português/Inglês e tem uma pós-graduação em Administração e Gestão Educacional. Foi durante 8 anos titular de turma e é actualmente coordenadora da BE em regime de exclusividade de funções. A presidente do agrupamento convidou-a para desempenhar essa função porque desenvolvia com as suas turmas projectos interessantes no âmbito da leitura. Inicialmente ficou um pouco receosa por não conhecer o funcionamento de uma biblioteca e por ter de passar a lidar com 15 turmas, 300 alunos, contudo, actualmente aprecia bastante o seu trabalho e espera poder continuar como coordenadora da BE no próximo ano lectivo. Tem feito várias formações na área das bibliotecas e está neste momento a participar em formações sobre literacia.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola

A implementação do PNL na escola coincide com a entrada da coordenadora na BE em regime de exclusividade e, nesse sentido, nem sempre é fácil desrincar as actividades criadas especificamente para o Plano das acções que a mesma levaria a cabo independentemente do surgimento do PNL. De qualquer forma, a BE tem vindo a desenvolver diversas actividades de promoção do livro e da leitura desde o início do ano lectivo:

- de acordo com o projecto apresentado no registo no Plano, têm dado continuidade aos “Passaportes de Leitura”. Na BE encontram-se 15 sacos (um para cada turma), pendurados numa parede devidamente identificada com o nome da acção, que contém os passaportes de todos os alunos da turma. As crianças requisitam livros, fazem as respectivas fichas de leitura e vão acumulando autocolantes de figuras de contos infantis como se de viagens se tratassem. Quando conseguem juntar 10 recebem um bloco e ao fim de 15 uma caneta. A BE tem solicitado a empresas a doação desses materiais de oferta, mas não tem obtido respostas. Cada passaporte tem a fotografia do aluno e existe em duas cores: rosa para as meninas e azul para os meninos.

- tem sido implementada a “Hora do Conto” na BE com base nos livros que adquiriram no âmbito do PNL e que não estão a ser trabalhados em contexto de sala de aula. A leitura dos livros, que é geralmente oral e partilhada entre a coordenadora e os alunos, é seguida de actividades de cariz lúdico, como jogos, dramatizações ou ilustrações com base nas obras. Noutras ocasiões recorre também a livros que não integram as listagens do Plano, mas que lhe parecem particularmente interessantes para serem trabalhados com as crianças.

- a coordenadora procura também desenvolver na BE um trabalho complementar e fortemente articulado com o que as crianças desenvolvem na sala de aula. Cria, neste sentido, actividades associadas às matérias que estão a ser trabalhadas pelos professores. Está, por exemplo, a organizar com os alunos do 4º ano um dossier de História de Portugal.

- na BE encontram-se expostos nas paredes diversos trabalhos desenvolvidos pelos alunos no âmbito das acções precedentes, o que é bastante importante para motivá-los para a participação nas actividades da Biblioteca e para a leitura.

- na semana do Dia Internacional das Bibliotecas Escolares planificaram a visita de vários contadores de histórias que desenvolveram actividades na BE para todas as turmas.

- a coordenadora procura sempre levar escritores à escola e organizar encontros com os alunos. Foram já visitados por Luísa Ducla Soares, José Fanha, Fátima Éffe e Isabel Alçada. No caso desta última visita, a Comissão do Plano contactou a RBE porque estava interessada em visitar uma BE particularmente dinâmica e interessante, tendo-lhe sido indicada a da EB 1 Sofia de Carvalho. A escola foi então contactada por Isabel Alçada, cuja visita ocorreu na semana seguinte. A coordenadora solicitou aos professores que nesse dia desenvolvessem especificamente actividades no âmbito do PNL, que a escritora teve a oportunidade de observar, já que percorreu todas as salas de aula. A visita decorreu bastante bem e as crianças ficaram muito entusiasmadas porque apreciam bastante a colecção “Uma Aventura”, bem como a série televisiva. Numa das turmas, por exemplo, os alunos estavam tão empenhados na leitura que nem se aperceberam que Isabel Alçada estava na sala, o que a deixou particularmente satisfeita.

- a BE acolheu também a apresentação de uma tese de mestrado de uma professora da escola que tem trabalhado no âmbito da temática do autismo. Isto porque a escola tem um núcleo de crianças autistas. O encontro correu muito bem, tendo participado cerca de 40 encarregados de educação.

- embora numa vertente mais distanciada das actividades directamente associadas aos livros e à leitura, a coordenadora organiza também sessões de cinema na BE, já que é uma forma de demonstrar às crianças que a biblioteca pode também ser um espaço de divertimento associado a outros suportes que não apenas o livro. A escola tem um projector que permite projectar os filmes num lençol branco.

A escola envolveu-se também de forma interessada nos concursos propostos pelo PNL, divulgando e estimulando, particularmente por parte da coordenadora da BE, a participação dos alunos nas mesmas. Todos aqueles que se direccionavam para as faixas etárias dos alunos do 1º ciclo contaram com a participação de todas as turmas da escola. É geralmente na hora semanal que cada turma tem de actividades na BE que as crianças desenvolvem os trabalhos para participarem nos concursos. Neste âmbito, há uma forte cooperação de toda a comunidade educativa, já que se os alunos não terminarem os trabalhos na BE, podem fazê-lo na sala de aula com os professores.

As actividades desenvolvidas pela escola no âmbito do Plano centram-se fundamentalmente no livro, mas a coordenadora recorre também a suportes complementares. Na “Hora do Conto”, porque não é possível disponibilizar um exemplar da obra a cada aluno, o livro, que foi previamente digitalizado pela coordenadora, é projectado num lençol/ecrã de modo a que todos possam ler e/ou acompanhar a leitura. Os alunos apreciam bastante esta modalidade de leitura, ficando particularmente entusiasmados por poderem ver com mais pormenor as ilustrações. Para além disso, ficam mais atentos e motivados.

A Associação de Pais tem tido uma importante participação em algumas actividades da BE, colaborando no que for necessário e envolvendo-se na dinamização de algumas acções.

Outras escolas do agrupamento estão também a desenvolver actividades no âmbito do PNL, mas não existe uma boa comunicação entre elas. Para além disso, organizaram-se de forma diferente quanto à aquisição das obras e à planificação das acções. O contacto mais próximo que têm é com um Jardim de

Infância, que se localiza perto da escola, que visita ocasionalmente a BE. Quando adquiriram os livros do PNL, foram-lhes oferecidos alguns exemplares, pelo que a coordenadora organizou-os num baú que vai disponibilizar a esse JI, já que o mesmo não recebeu financiamento.

A escola participa também em actividades exteriores organizadas pela BM de Algés¹⁹, como dramatizações e narração de contos. No presente ano lectivo cada turma da escola participou já em três iniciativas. Em muitos casos, as actividades desenvolvidas na BM têm depois continuidade no espaço escolar, onde são muitas vezes terminadas. Estas acções são especificamente organizadas pelo SABE para as escolas, que apenas têm de efectuar a respectiva marcação. Neste âmbito, a escola recebe quase diariamente e-mails por parte do SABE a informá-los das acções da BM e para prestar todo o apoio necessário. São também realizadas reuniões onde está presente um elemento do SABE, outro da RBE e os diversos coordenadores das BEs do concelho. Apesar de a BE e a BM nunca terem organizado iniciativas conjuntas estão no momento a reflectir sobre essa possibilidade.

A escola desenvolve há já algum tempo actividades de promoção do livro e da leitura junto dos seus alunos, particularmente na sala de aula, embora essas acções estivessem sempre dependentes da iniciativa individual de cada professor. Com a implementação do PNL na escola todos os professores e todas as turmas estão envolvidos na promoção do livro e da leitura.

Diariamente é reservada uma hora para leitura e actividades do Plano, de acordo com a planificação de cada professor, com base nos livros sugeridos pelo PNL, mas também recorrendo aos manuais escolares e a outros textos que sejam considerados pertinentes. Os professores procuram sempre articular estas actividades com os programas curriculares de cada turma, embora se encontrem preferencialmente associadas a Língua Portuguesa. Mas alguns livros possibilitam também explorar temas relacionados com o Estudo do Meio ou com a História. As actividades que são levadas a cabo neste âmbito são bastante diversificadas e resultam da criatividade e empenho de cada professor. Procurando fomentar o carácter lúdico da leitura desenvolvem preferencialmente acções ligadas ao jogo, às ilustrações e às dramatizações. Mas fazem também exploração gramatical dos textos e fichas de interpretação das narrativas.

Sempre que uma turma está a trabalhar no âmbito do PNL, os professores colocam no quadro o símbolo “Ler+”, que lhes foi facultado pela coordenadora da BE, de modo a que as crianças aprendam a reconhecer o logótipo do Plano.

A Semana da Leitura foi uma iniciativa que teve bastante sucesso para toda a comunidade educativa. Logo à entrada da escola foi colocada uma faixa com o nome do evento, que foi também divulgado na BM e noutras escolas, tendo sido, inclusive, convidado o presidente do agrupamento que fez questão de estar presente.

Cada turma da escola trabalhou uma peça de teatro com base nas obras sugeridas pelo PNL e apresentou-as aos colegas e aos pais em diferentes sessões no espaço da BE. Estas dramatizações incluíam também a utilização de fantoches e de sombras. Foi também organizada uma feira do livro intitulada “Vamos dar vida aos livros”, com base nos livros usados que alunos e pais doaram à BE. A feira foi bastante visitada e elogiada quer pelos alunos, quer pelos pais que quando iam deixar ou buscar as crianças aproveitavam para visitar a BE e adquirir algumas obras. Realizou-se também um encontro com a escritora Fátima Éffe que

¹⁹ Porque fica mais próxima que a BM de Oeiras.

desenvolveu uma actividade com todas as turmas com base numa das suas obras. Para além disso, os alunos do JI mais próximo da escola visitaram a BE para assistir a uma sessão de cinema.

A coordenadora ficou particularmente satisfeita com a participação dos pais e familiares que vieram em grande número assistir às peças de teatro dos filhos. Os alunos e os professores manifestaram-se também muito contentes com as actividades desenvolvidas e com o dinamismo que a escola adquiriu nessa semana. Neste sentido, a Semana da Leitura foi prolongada por mais uma semana que foi dedicada à narração de contos feita por contadores de histórias que visitaram a escola.

Os trabalhos dos alunos que resultaram das actividades levadas a cabo durante estas semanas foram enviados para a Comissão do PNL, sendo que alguns deles foram expostos no Ministério da Educação. Esteve também um fotógrafo na escola a fotografar algumas crianças a ler na BE.

A única crítica que a coordenadora tem a fazer a esta iniciativa diz respeito ao facto de não ter sido divulgada atempadamente.

O problema da Semana da Leitura foi terem-nos avisado tão tarde, que eu ia fazer isso realmente, mas mais na última semana de aulas. Entretanto tive que me organizar de maneira a...de forma a conseguir actividades que interessassem aos miúdos e consegui, pronto, consegui.

A coordenadora da BE está já a planear a realização do Mês da Cultura em Junho, no qual desenvolverão diversas actividades, como uma feira do livro e a visita à escola de escritores²⁰, ilustradores e contadores de histórias. A feira do livro vai ter início no dia 30 de Maio para abranger o 1 de Junho, Dia Mundial da Criança, no sentido de sensibilizar os pais para nesse dia oferecerem livros aos filhos.

No próximo ano lectivo espera que a implementação do Plano na escola corra ainda melhor, já que este ano foi essencialmente para adaptação. Gostaria também que houvesse maior comunicação com as outras escolas do agrupamento.

O balanço que a coordenadora da BE faz da participação da escola no PNL é bastante positivo. Apesar de serem já desenvolvidas algumas actividades de promoção da leitura em contexto de sala de aula, estas acções foram ampliadas e reforçadas. Um dos factores que contribuiu significativamente para isso foi o reforço orçamental atribuído pela Comissão do Plano à escola, que possibilitou a aquisição de um conjunto diversificado de obras e permitiu, assim, aumentar o fundo documental da BE. Para além disso, o PNL permitiu organizar práticas de fomento da leitura, muitas vezes levadas a cabo de forma dispersa e pouco integrada.

O Plano veio a esta escola trazer foi mais na organização. Também ajudou...as pessoas juntaram-se um bocadinho mais para organizar as actividades. Acho que foi mais nesse âmbito. Eram actividades que já se faziam realmente, mas agora já havia ali o Plano Nacional de Leitura, já havia ali um instrumento agregador que nos juntava a todos, em que havia reuniões, em que as fichas de leitura... Porque o que havia era...cada turma fazia o seu trabalho, podia-se organizar por anos, mas agora é diferente porque o trabalho dos vários anos vai dando para o ano anterior. Os professores, por exemplo, do 4º ano para o ano vão pegar no 1º ano e já têm também o trabalho elaborado. Eu acho que o Plano Nacional de Leitura fez isto, foi agregar as pessoas, foi juntar mais as pessoas e motivar também alguns professores.

É já possível identificar os impactos das acções levadas a cabo na escola, particularmente nos alunos. Na BE aumentaram as requisições de livros e as crianças demonstram cada vez mais interesse nas actividades aí desenvolvidas. É também muito visível nos intervalos das aulas, já que muitos optam por passá-los na

²⁰ Está já confirmada a visita de Ana Faria. A coordenadora gostaria também de poder convidar Isabel Alçada.

biblioteca a ler ou a desenvolver outras actividades, ou chegam mesmo a levar os livros para o pátio do recreio, onde se sentam a ler. Em contexto de sala de aula os professores notam a evolução das crianças relativamente à leitura, o que acaba por ter repercussões em todo o aproveitamento escolar das crianças. As actividades levadas a cabo na escola têm também contribuído para sensibilizá-las para a importância e para a dimensão lúdica dos livros e da leitura.

Já se vê mesmo nos miúdos. Aumentam as requisições de livros. Eles ficam um bocadinho mais motivados para a leitura. Já se vêem muitos miúdos nos recreios com livros, que não se via. Normalmente no início viam-se miúdos com as suas cordinhas, com o lanchinho, mas com livros não se via muitos miúdos a passar o intervalo a ler um livro e já se vê. E muitos chegam aqui, sentam-se ali e ficam a ler um livro, quando normalmente iam fazer outras actividades. Já aí se nota. E mesmo nas turmas também se nota a evolução deles, que melhoram, que começam a interessar-se pela leitura e depois melhoram nas outras áreas. O que eu estava a dizer, quando eu estive a ler certas histórias com eles depois começo a olhar “mas tu já lês...”, e eles ficam muito orgulhosos porque já lêem melhor. E lêem melhor, realmente. E já percebem. E depois isso passa para a parte lectiva porque eles já conseguem interpretar aquela pergunta, já sabem responder. E eles começam a perceber que afinal a leitura não é um bicho-de-sete-cabeças, que afinal até serve para alguma coisa, não é só porque a professora, ou o pai ou a mãe mandam e começam a ver de outra forma, o que é engraçado.

O aumento de requisições poderia por si só não ser um indicador suficiente para aferir uma maior motivação para a leitura se se percebesse que os alunos não liam os livros. Contudo, a coordenadora da BE procura sempre estabelecer uma conversa informal com as crianças sobre os livros que vão entregar à BE para perceber se os leram realmente e fica bastante satisfeita por constatar que o fizeram.

Para esta evolução contribuem também bastante as acções que são desenvolvidas depois da leitura, geralmente diversificadas e com um cariz lúdico.

E depois nós fazemos sempre outras actividades a seguir à leitura que motivam a leitura e eles gostam sempre de ler. Foi o que aconteceu, por exemplo, esta semana, eu estive com o 1º ano, fiz uma actividade, contei a história do capuchinho vermelho, toda a gente conhece, mas eles adoraram a história do capuchinho vermelho e depois a actividade. Então eu tenho aqui na biblioteca uns 7 ou 8 livros do capuchinho vermelho, várias versões, e foram todas requisitadas. Só aí se vê que eles se interessam, não é? (...) Eu cada vez que tinha turma, sempre que fomos à biblioteca os miúdos ficavam “ai, ir à biblioteca?”. E eu não queria que isso acontecesse comigo. Eu acho que deveria fazer actividades mais diversificadas para eles se motivarem, não ser só aquele ler, ler, ler. Também é importante, mas não só. Também dar movimento à biblioteca, a biblioteca ser um sítio diferente.

Porque muitas das actividades decorrem na BE a coordenadora pode observar a evolução da leitura das crianças e a importância que assume neste contexto o incentivo dos colegas, já que nenhum aluno quer ficar mal visto junto dos amigos e demonstra-se particularmente orgulhoso quando a leitura corre bem e é elogiado por todos. O mesmo sucede quando a coordenadora vai às salas de aula entregar os prémios do “Passaporte de Leitura”, sendo que os premiados ficam muito orgulhosos porque são aplaudidos pelos colegas.

A coordenadora atribui também muita importância, neste âmbito, ao facto de serem disponibilizados 12 exemplares da obra a trabalhar para cada turma, o que possibilita que cada aluno possa ter contacto directo com o livro.

O objectivo era na sala de aula os miúdos estarem a mexer no livro e a ler o livro. E é muito engraçado, eu tenho visto mesmo no 1º ano, quando foi no início que os miúdos ainda só conheciam algumas letras, estão 2 miúdos com um livro e estão eles “olha, esta letra já conhecemos, olha aquela também já conhecemos”. Essa parte é muito gira. Porque eles estão a mexer com o livro, é diferente estar o adulto a ler do que eles terem a possibilidade de mexer no livro, que muitos não têm acesso a livros. Há miúdos de todos os estratos aqui, mas temos muitos miúdos que não têm livros em casa e que se nota que são os miúdos que requisitam mais livros, mesmo assim ainda são interessados.

Os alunos começam também a perceber a BE como um espaço diferente daquele a que estavam habituados. Actualmente utilizam-no por iniciativa própria como espaço de divertimento onde podem não apenas aceder aos livros, como também a jogos, a filmes e a computadores. Quando algum professor falta a primeira reacção dos alunos é pedir para irem para a BE. Muitas crianças, como já referido, apreciam bastante estar na biblioteca durante os intervalos.

Como me disse uma hoje...tocou para a entrada e disse-me ela “professora, mas nós quando estamos lá fora o tempo passa mais devagar, aqui passou num instante”. E eu “olha, é bom porque quando o tempo passa num instante é porque estão a gostar do que estão a fazer”.

O interesse das crianças pelos livros foi também particularmente visível quando decorreu a feira do livro na BE durante a Semana da Leitura, já que, estrategicamente, levavam diferentes familiares à feira para que lhes fosse oferecido um livro por todos eles.

Porque é já identificável uma evolução tão grande nos alunos apenas após alguns meses de implementação do Plano, a coordenadora espera que dando continuidade ao projecto, os impactos possam ser ainda mais evidentes e duradouros.

Se se nota uma evolução tão grande ao fim de poucos meses...os miúdos que estão agora a iniciar o 1º ano quando chegarem ao 4º ano de certeza que têm outra bagagem.

Quanto aos professores, a coordenadora considera que o envolvimento da escola no PNL não significou uma alteração dos seus métodos pedagógicos ou o aumento do seu interesse, já que os mesmos sempre se manifestaram muito motivados para desenvolverem práticas de promoção da leitura junto dos seus alunos. Com o surgimento de novos materiais e de uma estrutura orientadora as suas práticas passaram, contudo, a ser integradas e formalizadas.

A coordenadora da BE tem também procurado envolver os encarregados de educação nas acções da biblioteca. Embora não participem tanto quanto gostaria, são já muitos os pais que procuram estar presentes nas actividades que lhes são dirigidas. São aqueles com mais possibilidades financeiras os que mais visitam a escola e a BE, o que não significa que sejam mais interessados que outros pais, mas apenas que têm mais disponibilidade. Precisamente para ultrapassar a dificuldade de deslocação dos pais à escola, a coordenadora tem procurado agendar acções que decorrem depois das 18h, de modo a poder contar com a participação de mais encarregados de educação. Mas, em termos gerais, está bastante satisfeita com o envolvimento dos pais, já que muitos deles, com o surgimento do PNL, se interessaram pelo projecto e a consultaram para saber quais os livros mais adequados para lerem com os filhos, tendo-lhes, nesse sentido, sido entregue a listagem sugerida pelo PNL para esse contexto.

O Plano Nacional de Leitura na sua organização

A coordenadora da Biblioteca Escolar teve conhecimento do Plano Nacional de Leitura em Junho, ainda no final do ano lectivo de 2005/2006, através da comunicação social. Por lhe ter sido atribuída a coordenação da BE no ano lectivo seguinte e por lhe ter parecido um projecto pertinente e interessante e de aplicação viável na escola, começou desde logo a informar-se no *site* da RBE e, posteriormente, no próprio sítio na Internet do Plano. A escola foi também informada por parte da Comissão do PNL mediante documentação que solicitava a sua colaboração e respectivo registo no *site* entretanto criado para o Plano.

Enquanto responsável pela BE assumiu desde o início a responsabilidade de registar a escola no PNL e de coordenar a execução do mesmo.

Uma vez que o registo no Plano Nacional de Leitura por parte de cada escola exigia uma selecção de livros com base nos quais deveriam desenvolver actividades de promoção da leitura, a partir de Setembro a coordenadora da BE organizou um conjunto de reuniões com todos os professores, tendo por objectivo discutir e escolher as obras que cada um considerava mais adequadas para trabalhar com os seus alunos e para motivá-los para a leitura. Em termos gerais, a coordenadora considera que as listagens estão bem construídas e os livros adequados para as faixas etárias a que se direccionam.

Em Outubro a escola foi informada que lhe tinha sido atribuída uma verba no valor de 2500€ para a aquisição das obras sugeridas pelo Plano, o que deixou os professores bastante satisfeitos. As listagens de livros foram então revistas pelos docentes dos quatro anos de escolaridade e a coordenadora da BE procurou articular as opções dos professores com os preços dos livros para a decisão final das obras a adquirir. Estiveram ainda algum tempo a aguardar a aprovação da verba por parte do GEF, período após o qual fizeram imediatamente a encomenda dos livros. Apesar de muitas das obras pretendidas se encontrarem esgotadas nas editoras devido à grande solicitação por parte das escolas, a coordenadora seguiu as opções dos professores para solicitar outros livros. Nalguns casos optaram também por seleccionar outros títulos da mesma colecção ou da mesma autora, já que o próprio Plano estimulava essa flexibilidade de opções.

A coordenadora ficou um pouco desiludida por não se poderem iniciar as actividades ainda no decorrer do 1º período, uma vez que os livros só chegaram à escola na segunda semana de Dezembro. Contudo, aproveitou as férias escolares do Natal para catalogar e organizar os livros. Optou por colocar os 12 exemplares adquiridos da mesma obra num baú devidamente identificado com o símbolo do Plano e com a capa do livro. Foi também aí colocada uma capa A4 onde os professores deveriam depositar as actividades desenvolvidas com base nessa obra. Foram organizados 7 baús por ano, o que totaliza 28 baús, que correspondem às 28 obras adquiridas. Nesse período de férias os livros foram posteriormente distribuídos pelos diferentes professores da escola que começaram a planificar as actividades que iriam desenvolver para cada livro, sendo que os materiais produzidos nesse contexto, como fichas de trabalho, foram depois inseridas na tal capa A4 anexa a cada baú.

Nós temos 28 baús, cada um tem os 12 livros lá dentro mais a capinha. Claro que são 15 professores com turma, o que é que eu pensei? Então dou 1 livro a cada professor de acordo com o ano de escolaridade e depois dividi os restantes. Eu levei 2 para casa, a coordenadora da escola levou 2 ou 3 para casa, os professores de apoio socioeducativo cada um também levou um, então todos os livros foram divididos pela escola. Todas as colegas em Janeiro entregaram-me alguns materiais, entregaram-me as fichas de trabalho e então foi só começar, que é muito mais fácil do que o professor ter que estar a fazer as fichas para os 5 ou 6 livros que vai trabalhar, eu acho que foi muito mais rentável. E as pessoas todas aderiram, disseram que tiveram imenso trabalho, mas realmente em Janeiro eu reparei que a maioria já tinha bastantes actividades para realizar com os alunos.

Os baús encontram-se na BE, sendo que os professores podem ir buscá-los sempre que querem trabalhar uma determinada obra e mantê-los na sala de aula até terminarem. Cada vez que os docentes trabalham um livro novo podem utilizar as fichas e propostas de actividades já existentes produzidas por outros docentes para essa obra e/ou podem enriquecer a capa associada a esse livro com novas fichas, materiais e propostas. Esta forma de organização criada pela coordenadora da BE foi muito bem recebida por

todos os professores, uma vez que estimula a partilha e a conjugação de esforços entre toda a comunidade educativa.

Foi muito mais fácil organizar assim. Cada professor primeiro responsabiliza-se por aquele livro que tem, desenvolve actividades e vai pondo naquela capinha e depois o professor seguinte faz aquelas actividades e até acha que “ai, agora podia fazer uma dramatização. Olha, agora podia fazer um resumo” e vai colocando lá. Quando chegarmos...foi o que eu disse às colegas do 3º ano “quando chegarmos ao 4º ano vocês já têm o trabalho todo feito porque os baús já têm as capinhas todas feitas pelos colegas do 4º ano”. E assim é um trabalho em conjunto, todos estão a ter trabalho.

A organização entre professores relativamente aos baús tem decorrido tranquilamente, já que a coordenadora teve o cuidado de assegurar que todas as turmas tivessem sempre um baú disponível com livros para trabalharem. Não é estipulado um prazo específico para o trabalho de cada obra, sendo que cada professor tem liberdade e flexibilidade para gerir da melhor forma o tempo dedicado à exploração de cada livro.

Os coordenadores de cada ano de escolaridade reúnem semanalmente e discutem e coordenam as actividades desenvolvidas no âmbito do PNL. A coordenadora da BE procura sempre estar presente nessas reuniões para se inteirar do trabalho que está a ser levado a cabo e para dar sugestões, partilhar ideias e materiais e para coordenar as actividades.

No período inicial de registo no PNL, a escola apresentou também um projecto intitulado “Viagens ao Mundo dos Contos”, que tem por principais objectivos implementar hábitos de leitura nas primeiras etapas da vida, fomentar o uso da biblioteca escolar e conhecer personagens e histórias infantis. Consiste fundamentalmente na atribuição de um “Passaporte de Leitura” a cada aluno da escola. Em cada requisição de um livro os alunos recebem uma ficha de leitura que, ao ser devidamente preenchida e entregue na BE, lhes atribui um autocolante de uma figura de um conto que é colado no “Passaporte”. Quando conseguirem acumular 10 figuras têm direito a um diploma e a um prémio (geralmente um bloco).

Sempre que surgiu alguma dúvida relacionada com a implementação do PNL na escola, a coordenadora da BE contactou directamente Isabel Alçada que no âmbito de uma visita à escola lhe facultou o número de telemóvel e se disponibilizou para esclarecer qualquer questão. A comissária do Plano já contactou também algumas vezes a escola para saber como estavam a decorrer as actividades e para solicitar materiais das acções já desenvolvidas.

Frequenta regularmente o sítio na Internet do PNL, numa fase inicial para se informar sobre os objectivos e actividades sugeridas pelo Plano, e actualmente para tomar conhecimento das actualizações e das novas acções do PNL.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais

Em termos gerais, concorda com a forma como o Plano está organizado e como definiu os seus objectivos, prioridades e actividades. A divulgação tem também sido bastante boa e bem sucedida, já que até as crianças da escola sabem o que significa a sigla “PNL”. Considera que a criação da marca Ler+ foi particularmente feliz, uma vez que sintetiza bem o objectivo central do Plano e torna-se, assim, mais fácil associá-la ao PNL. Para além disso, é bastante apelativa e colorida. Os alunos da escola comentaram que faltava apenas a cor amarela para se formar a bandeira de Portugal.

Um dos aspectos mais positivos do PNL foi o facto de disponibilizar um exemplar de cada obra trabalhada para cada dois alunos. De facto, o contacto com os livros revela-se fundamental para motivá-los para a leitura. Outro aspecto importante da acção do Plano está relacionado com a mobilização da comunidade educativa, particularmente dos professores. Não sendo obrigatório, constitui, ainda assim, uma importante pressão sobre docentes menos motivados que passaram a envolver-se nas práticas de promoção do livro e da leitura.

Nesta escola já se fazia esse tipo de trabalho, mas acho que o Plano Nacional de Leitura dá mais aquela ideia de oficial. E embora alguns professores participassem havia sempre 2 ou 3 “ai, não me dá muito jeito”. E acho que o Plano Nacional de Leitura “obriga” os professores todos a participar, porque se o vizinho do lado está a fazer um trabalho e que está a mostrar e chama os pais, então “eu vou ter que fazer se não fico um bocadinho mal visto aqui na escola”. E é o que acontece aqui, os colegas puxam muito uns pelos outros e “obrigam-se” muito uns aos outros. E isso motiva-os mais. Acho que é isso que fez o Plano Nacional de Leitura, juntou as pessoas, obrigou-as a trabalhar mais um bocadinho, embora já fizessem esse tipo de trabalho, mas havia sempre aqueles que não faziam. E agora ao ver os outros começaram a dizer “afinal isso não é perder tempo, afinal até...se os miúdos tiverem os livros até gostam, motivam-se, trabalham mais, melhoram e isso nota-se também nas outras áreas”.

A principal crítica que a coordenadora da BE tem a fazer ao PNL prende-se com o facto de a fase inicial ter sido um pouco confusa e morosa, não permitindo que o projecto começasse a ser implementado logo no início do ano lectivo 2006/2007.

O único aspecto negativo que eu aponte ao Plano foi logo no início, foi ter demorado tanto. Porque eu estava à espera de em Setembro ter logo tudo e demorou aquele 1º período. Pronto, também não foi assim nada de mais, depois começou a andar e andou muito bem. Mas foi mais aquele atrasozinho porque depois nós tínhamos que pedir que a verba fosse desbloqueada. Foi só aí. De resto...tudo o resto correu tudo bem.

Para além disso, gostaria que muitas das actividades propostas pela Comissão do Plano fossem divulgadas com maior antecedência.

As actividades têm que se organizadas com mais tempo, dar mais tempo a algumas pessoas. Porque a crítica que eu ouço muitas vezes e que ouvi na reunião que fizemos aqui do 2º e 3º ciclos que foi feita aqui na escola, foi que as actividades eram apresentadas muito em cima e que havia pessoas que gostavam de fazer a planificação anual e que depois não conseguem encaixar. (...) O que eu achava é que o Plano devia fazer as coisas com um bocadinho mais de antecedência, já para não dar azo a algumas pessoas criticarem sem razão, não é?

Considera ainda que, apesar de o *site* estar muito bem estruturado, não foram ainda disponibilizados *online*, tal como prometido, os materiais enviados pelas escolas com as acções desenvolvidas, para partilha entre toda a comunidade que está a implementar o PNL.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

A criação do Plano Nacional de Leitura foi muito importante e da maior pertinência num contexto nacional em que os níveis de literacia são tão baixos, quando comparados com os de outros países. A esse respeito considera que o PNL deveria ter sido criado há mais tempo para contribuir para minimizar os problemas que estão associados à literacia e à leitura. O que mais a preocupa são os jovens que ingressam no ensino secundário sem terem competências para compreenderem o que lêem. Surpreende-se também com a elevada taxa de analfabetismo que ainda persiste no país, já que actualmente existem todas as condições para que as pessoas aprendam a ler e a escrever.

Sugestões e Propostas

A coordenadora da BE fez algumas sugestões que considera serem pertinentes para melhorar acções posteriores do Plano:

- gostaria que a Comissão do PNL disponibilizasse uma listagem de escritores disponíveis para visitarem as escolas, já que é bastante complicado, com poucos meios, as escolas conseguirem localizá-los.
- as verbas para aquisição de fundo documental para as BEs deveriam continuar a ser disponibilizadas às escolas.
- deveriam ser sugeridas mais actividades e criados mais concursos, como forma de promover o carácter lúdico da leitura.
- de acordo com uma das críticas feitas pela coordenadora, deveriam disponibilizar no sítio na Internet do Plano, os materiais enviados pelas escolas com as actividades desenvolvidas, de maneira a criarem uma rede de partilha de ideias e experiências.

1.7.3. Entrevista a Professoras

Perfil das entrevistadas

1. Professora do 1º ciclo, completou o antigo Magistério Primário e fez recentemente o complemento de formação de licenciatura em ensino de 1º ciclo.

2. Professora há 28 anos, fez o Magistério Primário. Ensinou inicialmente no 2º ciclo e durante 7 anos foi docente no sistema de tele-escola. Leccionou Língua Portuguesa, Francês, História e Estudo do Meio.

3. Docente há 27 anos, com o Magistério Primário. Iniciou há 7 anos o complemento de formação para obter o grau de licenciatura, mas desistiu por não conseguir conciliar com a vida familiar.

4. 32 anos, é licenciada em docência no ensino básico, vertente de Português/Inglês e tem uma pós-graduação em Administração e Gestão Educacional. Foi durante 8 anos titular de turma e é actualmente coordenadora da BE em regime de exclusividade de funções.

5. Professora há 10 anos, tem um bacharelato em ensino do 1º ciclo e uma licenciatura na mesma área na variante Matemática/Ciências.

6. Lecciona há 17 anos, tem uma licenciatura em ensino do 1º ciclo e está actualmente a tirar o mestrado em Sociologia.

7. É professora há 27 anos e completou o Magistério Primário.

8. Fez, numa fase inicial, o bacharelato em ensino do 1º ciclo e mais tarde o curso de complemento na área de Educação Visual.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola / desenvolvidas pelos professores

A escola tem já alguma tradição nas práticas de promoção do livro e da leitura, já que alguns professores têm investido nessa área em contexto de sala de aula. No 4º ano de escolaridade, por exemplo, no ano lectivo anterior, uma professora decidiu criar e implementar um projecto com a sua turma intitulado “À Descoberta de Mim, do Outro e do Mundo”, com base na exploração da obra *O Príncipezinho*, de Antoine de

Saint-Exupéry. Porque tiveram conhecimento e contacto com o mesmo, os restantes docentes do 4º ano ficaram muito interessados em implementar também esse projecto nas suas turmas. Nesse sentido, planificaram no actual ano lectivo abranger todo o 4º ano de escolaridade e trabalhar três livros de Sophia de Mello Breyner Andreson, um em cada período. Com o surgimento do PNL, e porque as referidas obras não se encontravam inseridas nas listagens sugeridas pelo Plano, não quiseram abandonar o projecto e decidiram implementá-lo em simultâneo, até porque partilham linhas orientadoras.

As actividades do projecto são levadas a cabo uma vez por semana em colaboração com uma antiga professora que se encontra actualmente reformada, mas que permanece ligada à escola. É explorado o vocabulário da obra que estão a trabalhar e organizado um debate na turma sobre valores de alguma forma conectados à história do livro, no qual cada criança partilha voluntariamente a sua opinião sobre o tema em discussão. Posteriormente cada aluno preenche uma ficha com três questões (o que gostaram, o que não gostaram e o que aprenderam) e faz uma ilustração. No Natal organizaram uma festa onde cada turma apresentou uma parte do livro aos colegas, aos professores e aos pais. No 2º período foi também realizada uma sessão aberta aos encarregados de educação para que os mesmos conhecessem a forma como as obras eram trabalhadas. No Dia Mundial da Floresta as turmas de 4º ano resumiram dois capítulos do livro que estavam a explorar e fizeram um teatro para toda a escola. As obras do PNL são trabalhadas sempre que existe tempo disponível, sendo desenvolvido um trabalho semelhante ao do projecto escolar.

Nos 2º e 3º anos de escolaridade foi criado um tempo específico para actividades do PNL que ocorre 2 ou 3 vezes por semana e onde se realiza leitura em voz alta, interpretação do texto, caracterização das personagens, resumos, dramatizações e expressão plástica (ilustrações, modelagem em plasticina e construção de fantoches) com base nos livros explorados.

No 1º ano de escolaridade as professoras criaram também um momento específico para as actividades do PNL, intitulado “Hora do Plano Nacional de Leitura”, período durante o qual é colocado no quadro o símbolo Ler+, de modo a que as crianças reconheçam e se habituem ao Plano. Uma das actividades já realizadas neste sentido consistiu na atribuição de páginas em branco aos alunos que deveriam ser preenchidas com elementos associados ao PNL. Foram, então, realizadas diversas colagens com materiais de revistas e jornais que as crianças encontravam, particularmente imagens de livros. Os alunos fizeram também ilustrações neste âmbito. O 1º ano de escolaridade caracteriza-se pelas inúmeras actividades diárias associadas à leitura que são realizadas e, nesse sentido, foi apenas trabalhado até ao momento um livro do PNL, já que existem inúmeras ocasiões para a prática da leitura. Com base nesse livro foi realizado um resumo, foram exploradas as personagens principais, os alunos procuraram palavras em revistas associadas à obra, estudaram os animais presentes na história em Estudo do Meio, fizeram uma dramatização e diversas actividades de expressão plástica, como ilustrações e modelagem em plasticina.

Como é possível verificar, as actividades desenvolvidas pelos diversos professores da escola estão plenamente inseridas nos programas curriculares de cada ano. Aliás, como afirmaram insistentemente as docentes entrevistadas, a interdisciplinaridade é por excelência aquilo que é trabalhado e promovido no 1º ciclo, o que torna bastante fácil integrar as actividades de promoção da leitura nas temáticas estudadas.

Embora o livro seja o suporte central que é necessário promover e para o qual as crianças devem ser sensibilizadas, algumas das acções implicaram recurso a outros suportes, como a imprensa escrita e a Internet para pesquisas.

As professoras procuraram, sempre que possível, envolver os encarregados de educação, contudo, nem sempre foi fácil fazê-lo, já que grande parte deles não tem muita disponibilidade para se deslocar à escola. A experiência das docentes a este respeito é diversificada, já que depende das turmas com que trabalham. Ainda assim, na Semana da Leitura conseguiram mobilizar muitos encarregados de educação que se deslocaram à escola para assistirem às peças de teatro das crianças e para visitarem a feira do livro que ocorreu na BE. Nessa semana, realizaram-se também encontros com a escritora Fátima Éffe, que levou a cabo uma actividade com base num dos seus livros. O balanço desta semana é bastante positivo, uma vez que toda a comunidade educativa se mobilizou e interessou pelas actividades.

Pretendem prosseguir as actividades que têm vindo a desenvolver com os alunos, sem terem de momento nenhum projecto novo planificado.

O balanço que as professoras fazem da participação da escola no PNL é muito positivo. Apesar de serem já desenvolvidas na escola algumas actividades de promoção da leitura em contexto de sala de aula, assistiu-se a um reforço das mesmas. No fundo, a participação no Plano possibilitou ampliar, dinamizar e integrar essas práticas levadas a cabo por alguns professores. Para isso contribuiu bastante a atribuição de reforço orçamental para a aquisição dos livros seleccionados, o que permitiu reforçar substancialmente e diversificar o fundo documental da BE. Para além disso, a aquisição de 12 exemplares de cada obra seleccionada possibilitou disponibilizar um livro para cada dois alunos, o que foi considerado muito positivo por permitir o contacto directo com o livro e, simultaneamente, estimular a partilha entre colegas.

As docentes consideram que, em termos gerais, se têm sentido os impactos das acções levadas a cabo desde o início do ano, já que os alunos pareceram estar mais interessados e motivados para a leitura. Participam com entusiasmo nas actividades e trabalham com bastante empenho, sendo já possível identificar alguma evolução na forma como lêem. Algumas crianças ficam tão interessadas nas obras trabalhadas que pedem insistentemente aos professores para levar os livros para casa, de modo a apreciarem melhor a leitura. A resposta positiva das crianças ao PNL é, contudo, indissociável do facto de serem já desenvolvidas na escola, em anos anteriores, acções semelhantes.

Porque, se me permite, não é uma novidade, digamos que é uma continuidade daquilo que se pratica aqui na EB 1 Sofia de Carvalho.

Os professores estão também muito motivados e é com agrado que organizam e dinamizam as actividades com base nas obras seleccionadas, apesar da dificuldade de gestão do tempo.

Como já foi referido, grande parte dos professores encontraram inúmeras dificuldades em envolver os encarregados de educação neste tipo de acções, não só porque a maior parte não tem disponibilidade para se deslocar à escola, como também porque muitos não revelam interesse em fazê-lo. Ainda assim, têm conseguido mobilizar alguns pais e familiares, como foi o caso na Semana da Leitura. Esperam nos próximos anos lectivos poder contar com uma maior participação dos encarregados de educação.

O Plano Nacional de Leitura na sua organização

Grande parte das professoras teve conhecimento da existência do Plano Nacional de Leitura através das primeiras notícias que surgiram na televisão e na imprensa. Contudo, foi através da coordenadora da BE que tiveram a possibilidade de conhecer mais aprofundadamente os principais objectivos e planos de acção

do PNL. Foi ela quem ficou responsável pela implementação do Plano na escola e foi, nesse sentido, quem fez o respectivo registo da escola.

Uma vez que o registo no Plano Nacional de Leitura por parte de cada escola exigia uma selecção de livros com base nos quais deveriam desenvolver actividades de promoção da leitura, a partir de Setembro a coordenadora da BE organizou um conjunto de reuniões com todos os professores, tendo por objectivo discutir e escolher as obras que cada um considerava mais adequadas para trabalhar com os seus alunos e para motivá-los para a leitura.

A escola foi contemplada na 1ª fase de reforço orçamental com 2500€ para a aquisição dos livros seleccionados. Os professores optaram pela compra de 12 exemplares por título, o que apesar de não permitir disponibilizar um exemplar por aluno, possibilita, contudo, diversificar o conjunto de obras disponíveis para trabalhar e estimular a partilha entre as crianças.

Acho bem um para cada dois porque também possibilita o trabalho a pares. (...) Trabalhar a pares, a partilha...promove a partilha, acho bem, é positivo.

Em termos gerais, as professoras consideraram que as listagens estão bem construídas e os livros adequados para as faixas etárias a que se direccionam. Contudo, admitem que gostariam de aí ter encontrado algumas obras que apreciam bastante. O 4º ano de escolaridade, por exemplo, estava a trabalhar, no âmbito de um projecto da escola, obras da autora Sophia de Mello Breyner Andreson que não constavam das listagens.

A lista é abrangente, mas se calhar não tão abrangente porque nós próprios conhecemos outros livros que adequaríamos. Possivelmente podia haver um espaço em aberto para nós escolhermos.

Para além disso, alguns livros foram seleccionados pelos docentes apenas pelo título, sendo que depois não corresponderam às suas expectativas. Mas, no que diz respeito aos livros, as professoras têm uma percepção aberta e flexível, admitindo utilizar uma grande variedade de obras, mesmo que não se enquadrem nas listagens sugeridas pelo PNL.

Os coordenadores de cada ano de escolaridade reúnem semanalmente para discutir e coordenar as actividades desenvolvidas no âmbito do PNL.

No período inicial de registo no PNL, a escola apresentou também um projecto intitulado “Viagens ao Mundo dos Contos” que tem por principais objectivos implementar hábitos de leitura nas primeiras etapas da vida, fomentar o uso da biblioteca escolar e conhecer personagens e histórias infantis. Consiste, fundamentalmente, na atribuição de um “Passaporte de Leitura” a cada aluno da escola. Em cada requisição de um livro, os alunos recebem uma ficha de leitura que, ao ser devidamente preenchida e entregue na BE, lhes atribui um autocolante de uma figura de um conto que é colado no “Passaporte”. Quando conseguem acumular 10 figuras têm direito a um diploma e a um prémio (geralmente um bloco).

Actualmente as professoras não visitam com muita frequência o sítio na Internet do PNL, apesar de o terem feito no início do ano lectivo.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais

Em termos gerais, as professoras concordaram com a forma como o Plano está organizado e como definiu os seus objectivos, prioridades e actividades. A divulgação tem também sido bastante boa e bem sucedida. Algumas docentes viram os *spots* publicitários do Plano e apreciaram bastante.

O aspecto mais positivo que identificam no PNL é o facto de mobilizar escolas, que não levavam a cabo qualquer tipo de acção neste âmbito, para a introdução e implementação de práticas de fomento da leitura. O carácter obrigatório do Plano significou uma importante pressão em contextos escolares menos sensibilizados e motivados para este tipo de projectos, o que constitui uma mais-valia no panorama nacional.

Daí a tal obrigatoriedade ser muito bom porque aqui já se trabalhava, mas em muitas escolas não se trabalhava. E sendo obrigadas as pessoas fazem. Aqui já faziam, não foi preciso essa pressão, mas nas outras escolas eu acho que foi muito bom existir este Plano porque obrigou muitas pessoas a fazer o que não faziam. Aqui não foi nada novidade.

Como aspecto menos positivo do Plano as professoras indicaram o facto de ter surgido de forma um pouco abrupta e pouco atempada, o que obrigou os professores a alterarem as suas planificações e a ajustarem os seus planos de acção aos objectivos do PNL. Se para docentes mais dinâmicos e interessados causou algum transtorno, mas não foi impeditivo de implementar o Plano, para outros, mais rígidos, significou colocar de parte a participação das suas turmas no PNL.

Eu acho que foi introduzido...não é que foi mal introduzido, mas foi introduzido rapidamente. O ano começou e ele estava já a iniciar. Se tivesse havido preparação no ano anterior, o que é que era, o que é que não era, um pouco de formação não fazia mal. Porque assim começou o ano em Setembro e ele já estava a entrar. Nós quando andámos na Internet, vimos as coisas, estavam a surgir, tudo bem, mas se tivéssemos mais discurso antes, mais preparação não era mau.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

A criação do PNL é considerada por todas as professoras como necessária e indispensável num contexto nacional que se caracteriza por baixos níveis de literacia e fracos hábitos de leitura. Neste âmbito, é fundamental que o Plano seja implementado nas escolas, contribuindo para a formação e sucesso escolar dos jovens.

Eu penso que isto vai fazer com que...se todas as escolas trabalhassem isto muito a sério...com que daqui a uns anos os alunos fossem alunos excelentes, até bons, muito bons.

As professoras ficaram perplexas com casos de estudantes universitários que conhecem que dão erros ortográficos na faculdade e que não compreendem bem o que lêem. Muitas das docentes consideram que o interesse dos jovens pelas novas tecnologias de informação tem contribuído para esta situação e tem-nos afastado da leitura.

Neste âmbito, a família desempenha um papel fundamental enquanto agente socializador primário que deve não só disponibilizar recursos materiais, como também dar o exemplo e inculcar nas crianças e jovens o gosto pela leitura.

Os meninos pequeninos desde que começam a ver os pais a mexerem em livros, a trabalhar no livro é diferente.

A escola pode fazer muito, mas eu acho que a família continua a ser a base, a base, é muito importante.

Sugestões e Propostas

Algumas sugestões foram apresentadas pelas professoras com o intuito de melhorar a acção do PNL:

- consideram que deveria haver lugar nas listagens de livros do Plano para as sugestões e propostas dos professores, já que gostariam de poder introduzir nas referidas listas obras que consideram importantes ser trabalhadas em determinadas faixas etárias.

- as actividades propostas pela Comissão do Plano deveriam ser apresentadas atempadamente, de modo a que as escolas e os professores tenham tempo suficiente para prepará-las.

1.8. Escola Básica Integrada com Jardim de Infância Vasco da Gama (Lisboa)

1.8.1. Relatório de visita

Fundada em 1998, após a Exposição Internacional de Lisboa (EXPO'98) na sequência do projecto de urbanização Parque EXPO, a Escola Básica Integrada com Jardim de Infância Vasco da Gama (EBI/JI Vasco da Gama) conta, actualmente, com um total de 675 alunos repartidos pelo pré-escolar (70), 1º ciclo (192), 2º ciclo, (173) e 3º ciclo (240).

O primeiro contacto com a escola foi estabelecido, via telefone, em 7 de Março, com o responsável pela implementação do PNL, tendo em vista a observação da cerimónia de encerramento da Semana da Leitura, em 9 de Março, que seria celebrada com um encontro, organizado pela Associação de Pais, entre Nuno Markl e os alunos e encarregados de educação da escola. Esta iniciativa seria, no entanto, adiada para 12 de Março, de forma a ajustar a agenda do convidado com o horário de funcionamento da escola, tendo sido então marcada uma nova visita.

Durante a primeira visita, foi possível estabelecer algumas conversas informais com a directora do Conselho Executivo e alguns elementos da direcção da Associação de Pais. O professor de contacto com o PNL na escola, por uma incompatibilidade de agenda, não pode comparecer ao dia de encerramento da Semana da Leitura.

Na segunda visita, para além da observação da actividade que tinha sido prevista para o encerramento da Semana da Leitura, foi acordada com o professor de contacto e a direcção da escola a realização de mais três entrevistas (com o professor de contacto e responsável da BE, duas professoras que tivessem desenvolvido actividades do Plano e uma funcionária da biblioteca) para a realização de um estudo de caso no âmbito da avaliação externa do PNL. O encontro com Nuno Markl decorreu, durante cerca de trinta minutos, no auditório da escola, perante uma assistência que contaria, segundo os organizadores, com metade da população escolar. Os alunos foram muito interventivos, tendo colocado algumas questões relacionadas com os livros que já leram e pedido algumas sugestões de leitura. Após o encontro, foi possível estabelecer uma conversa informal com Nuno Markl. O guionista revelou que, apesar de não acompanhar o Plano, tem uma posição favorável em relação às actividades propostas pelo PNL, embora tenda a rejeitar as concepções mais formais de promoção da leitura, preferindo antes uma abordagem assente na liberdade das escolhas de

livros, estilos literários e temas, apontando para a necessidade de repensar os conceitos que sustentam a literatura infantil, dando o exemplo de Jorge Reis Sá, editor da *Quasi Editores*.

As entrevistas na EBI/JI Vasco da Gama repartiram-se por três dias. A primeira visita, que tinha sido marcada para 9 de Abril, foi interrompida, abruptamente, pela realização de uma reunião extraordinária entre a direcção da escola, os professores dos departamentos de Português e Artes Visuais e o professor de contacto com o PNL (que também ocupa o cargo de coordenador da BE), após a recepção de um e-mail proveniente da Fundação Calouste Gulbenkian referente ao reforço orçamental que foi atribuído à escola pela Comissão do PNL. As entrevistas foram, então, adiadas para 19 e 20 de Abril. No segundo dia foi entrevistado o coordenador do PNL e da BE na escola, enquanto que no terceiro foram entrevistadas três professoras que têm desenvolvido actividades do Plano no pré-escolar, 1º ciclo e 2º ciclo, para além de uma funcionária da BE.

Foram ainda recolhidos três exemplares da revista *Maré de Notícias* e um cartaz de promoção da Semana da Leitura.

1.8.2 Entrevista a Professor de Contacto com o PNL na escola

Perfil do entrevistado

50 anos; licenciatura em Pintura e mestrado em Teoria da Arte; curso de formação de Professor BE/CRE (1995); primeira experiência em bibliotecas escolares.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola

Após o registo da EBI/JI Vasco da Gama, o Conselho Pedagógico decidiu acoplar a sua implementação no plano de actividades da escola. Desde 1998 que a EBI/JI Vasco da Gama tem seguido um projecto educativo que pretende introduzir, a partir do pré-escolar, hábitos de leitura nos alunos. Para esse efeito, os alunos do Jardim de Infância e do 1º ciclo participam na *Hora do Conto*. Esta realiza-se na BE, envolvendo um conjunto de actividades assentes na criação de ilustrações e pequenos textos a partir das histórias que foram contadas aos alunos.

Entre o 2º ano e o 6º ano, os alunos são integrados no *Prazer de escrever (workshops de escrita criativa)* e várias actividades de leitura orientada dinamizadas pelo Departamento de Português, ou pela BE. Mais tarde, no 3º ciclo, as práticas adquiridas nos anos anteriores são consolidadas com a *Oficina Criativa*, um *workshop* que pretende dinamizar diferentes actividades que conjugam as artes visuais e a escrita criativa. Com efeito, o Conselho Pedagógico considerou que não era necessário elaborar actividades específicas para a implementação do PNL, tendo sido acordada a manutenção das actividades previstas para o ano lectivo 2006/2007 e a realização de algumas acções centradas nos livros recomendados pelo Plano, no sentido de assegurar a atribuição do reforço orçamental para a aquisição de livros. De forma a não criar eventuais perturbações face ao que foi inicialmente previsto pelo Plano Anual de Actividades foram envolvidos todos os níveis de ensino leccionados na escola.

A revista *Marés de Notícias (mn)* é um elemento central no projecto educativo e da própria implementação do PNL na escola. Todas as actividades de leitura e de expressão plástica delineadas pelo Plano Anual de Actividades foram concebidas em função da publicação da revista. Os próximos números da *mn* contarão com trabalhos inspirados nas actividades associadas ao Plano – reportagens sobre a Semana da Leitura, textos sobre livros recomendados, ilustrações realizadas a partir de sessões de leitura, publicação de cartazes, etc. Tendo em conta a relação entre a implementação do PNL e a *mn*, a articulação das actividades desenvolvidas no âmbito do PNL com o conjunto das actividades curriculares é assegurada pelas disciplinas de Português (através das actividades de leitura orientada e escrita criativa) e Educação Visual (por ser a primeira forma de expressão que os alunos dominam nos primeiros anos de escolaridade – ilustrações no pré-escolar e no 1º ciclo).

A BE e todos os departamentos da escola, através das orientações definidas nas reuniões do Conselho Pedagógico, têm garantido a dinamização das actividades do PNL, na sequência de um esforço que tem vindo a ser feito pelo Conselho Pedagógico, para implementar uma estratégia interdisciplinar, através do envolvimento de todos os departamentos. Desta forma, a implementação do PNL na EBI/JI Vasco da Gama prevê o envolvimento de todos os departamentos disciplinares incentivando, por exemplo, a realização de actividades de leitura de textos científicos, de trabalhos assentes em documentos históricos ou a ilustração, as aulas de Artes Visuais e EVT, de textos elaborados pelos alunos.

(...) se há uma proposta para a Semana da Leitura e é necessário elaborar cartazes, logo o Departamento de Artes é envolvido. Se é para fazer uma entrevista [no âmbito da revista *mn*], é o Departamento de Português que realiza uma investigação sobre a personagem que vai ser entrevistada. Há um percurso que compete a cada departamento (...) que é responsável por uma pequena parcela de actividade do nosso projecto educativo e dos nossos planos de actividades.

Se os projectos forem coordenados pela biblioteca, participam os professores e os funcionários responsáveis pela BE, embora com o apoio de professores afectos aos departamentos abrangidos pelos temas da actividade. Quando as actividades partem da iniciativa de um departamento, a sua implementação fica a cargo dos professores da disciplina.

No caso da revista, o responsável pela coordenação [das iniciativas da BE] é o coordenador da biblioteca mas, depois, há os professores assessores, estou-me a lembrar, mais uma vez da revista, em que o responsável é também o coordenador da biblioteca, mas depois há os editores e o editor de Língua Portuguesa, nomeadamente da correcção, pesquisa, etc. é um professor do Departamento de Português que foi encarregue dessa tarefa.

A participação de pais e familiares dos alunos ainda não tem sido desenvolvida, embora a escola tenha apoiado algumas actividades da Associação de Pais durante a Semana da Leitura (encontros de escritores). De acordo com o professor de contacto, “como ainda estamos numa fase inicial de orientação da leitura, só posteriormente, nos projectos que já estão programados é que depois envolvem toda a outra comunidade... depende também de pontos específicos em que eles podem ter a sua participação”. Contudo, está a ser ponderada a inclusão, no próximo plano de actividades, de iniciativas centradas na participação de pais/encarregados de educação.

Por pertencer ao Departamento de Artes Visuais, o professor de contacto desconhece a forma como têm decorrido as actividades de leitura em sala de aula. Contudo, referiu, tendo em conta algumas conversas informais com colegas da disciplina de Português, que a aquisição de novos livros, através do reforço

orçamental concedido pelo PNL, possibilitou, pela primeira vez, que as actividades de leitura em sala decorressem com alguma “normalidade”, sem restrições provocadas pela falta de títulos por aluno.

Como adquirimos mais livros repetidos, ou a mesma quantidade do mesmo livro... neste momento temos um livro por dois alunos e as coisas estão a decorrer com alguma normalidade, o que não acontecia anteriormente porque como só tínhamos um livro ou dois livros por cada título era mais difícil fazer um acompanhamento da leitura. Agora temos mais, e a ajuda que ganhámos do Plano Nacional de Leitura para [adquirir] mais livros veio colmatar essa deficiência.

A organização de actividades de leitura em sala de aula é da responsabilidade de cada professor, que planifica, a partir das orientações acordadas nas reuniões de departamento e de Conselho Pedagógico, as actividades a serem desenvolvidas nas aulas ao longo do ano lectivo. A circulação dos livros pelas turmas da EBI/JI Vasco da Gama é gerida pela BE, de forma a garantir que todos os alunos tenham acesso aos livros. Apesar da expansão do fundo documental da biblioteca, o número de exemplares de algumas obras de referência ainda é insuficiente. No 1º ciclo, nos últimos anos lectivos, foram formadas algumas bibliotecas de turma compostas por livros da BE. No corrente ano lectivo, a biblioteca criou um espaço destinado ao 1º ciclo, que tem cedido livros para a constituição de algumas bibliotecas de turma temporárias. Todos os livros das bibliotecas de turma provêm da BE. Os livros existentes na escola são guardados na BE e, por vezes, nas salas de aula (no caso de existir um armário ou cofre que sirva de depósito).

Muitas das actividades de leitura envolvem o recurso a materiais multimédia (enciclopédias, dicionários, *sites*, etc.), revistas e jornais. A partir de actividades como *O prazer de escrever* e da edição da revista (que envolve todos os níveis de ensino), as actividades de leitura em sala de aula, ou de leitura orientada, incluem a elaboração de textos (recensões críticas, contos, reportagens, etc.).

Por semana, são despendidos, no 2º e 3º ciclos, dois tempos lectivos (aproximadamente 90 minutos) no desenvolvimento destas actividades. No 1º ciclo e no pré-escolar, o regime de monodocência tem possibilitado uma maior flexibilização dos tempos dedicados à leitura. Porém, em todos os níveis de ensino, as horas que são dedicadas ao Plano podem sofrer algumas alterações motivadas pela necessidade de cumprir programa ou pelas características da turma. O Departamento de Português, na última reunião do Conselho Pedagógico, reivindicou a concessão de mais horas para a realização de actividades relacionadas com a leitura, de forma a corresponder a algumas propostas do PNL. Este pedido seria, no entanto, recusado, tendo sido mantido o prolongamento do horário atribuído às actividades extracurriculares ligadas às TIC.

Embora as actividades de leitura em sala de aula ou de leitura recomendada se debrucem sobre livros que estejam inseridos no projecto educativo da escola, neste momento, têm sido utilizados livros recomendados pelo PNL. Contudo, alguns professores, sobretudo no 1º ciclo, têm recorrido a outros livros. Também no 1º ciclo, no âmbito de uma visita à exposição da Fundação Calouste Gulbenkian dedicada a Amadeo de Souza-Cardoso, foi lido um livro sobre o pintor que serviu de referência para a elaboração de alguns trabalhos para publicação na *mm*.

O projecto educativo da EBI/JI Vasco da Gama inclui a realização, em todos os anos lectivos, de uma semana dedicada à leitura e à língua portuguesa que, para além da população escolar, envolve a participação de pais, de escritores e ilustradores. Em 2006/2007, de forma a integrar a iniciativa proposta pelo PNL, a Semana da Leitura decorreu entre 5 e 9 de Março. A participação da escola na iniciativa promovida pelo Plano foi motivada pela proposta da Comissão do Plano e do Ministério da Educação para que a EBI/JI

Vasco da Gama servisse de palco à cerimónia nacional de lançamento da Semana da Leitura, que contou com a presença da Comissária do PNL, da Ministra da Educação e de Maria Cavaco Silva, em representação da Presidência da República.

Durante a cerimónia de abertura foi realizado um colóquio com a Prof.^a Maria Cavaco Silva. As restantes actividades contaram com encontros de escritores (Daniel Sampaio, Nuno Markl), jograis, recitais de poesia, dramatizações, concertos e uma exposição com trabalhos de alunos sobre livros lidos na *Hora do Conto*.

Para os próximos anos lectivos, o plano de actividades deverá incluir uma articulação mais estreita entre o PNL e o projecto educativo da escola, através da *mm*. No corrente ano lectivo, deverão ser realizadas visitas de estudo ao Museu da Ciência, Museu Nacional de Arte Antiga e/ou ao Museu de Arte Contemporânea.

Dentro da escola, a divulgação é feita pelo Conselho Pedagógico, que transmite todas as informações relacionadas com o Plano aos departamentos. Posteriormente, os professores divulgam as actividades pelas turmas. Fora da escola, a promoção do PNL é feita através da revista *mm*.

Segundo o professor de contacto, a adesão da população escolar tem sido positiva e resultou, durante a Semana da Leitura, numa mobilização “muito significativa” de alunos e pais. Ao longo do ano lectivo, tanto professores como funcionários estiveram sempre disponíveis para a realização e preparação das iniciativas que foram desenvolvidas. Por outro lado, desde o lançamento do PNL que a edição e publicação da revista conseguiu contar com a participação de todas as turmas da escola (a revista já publicou 200 trabalhos que representam 2/3 dos alunos da escola). A participação dos pais tem incidido, sobretudo, no auxílio e acompanhamento dos trabalhos que os alunos elaboram em casa, bem como na visita a exposições na BE.

Posso falar só pelos professores e pelos alunos, dos pais ainda não tenho um *feedback*, porque o tempo do PNL ainda é muito curto (...). Sei que os alunos [durante a realização de actividades da revista] são acompanhados pelos encarregados de educação (...). Durante a Semana da Leitura, a Associação de Pais esteve envolvida e é sempre gratificante ouvir palavras amáveis e simpáticas de outros pais. Há outros pais que gostaram [das actividades] e, antes mesmo do PNL, compraram livros que depois foram aconselhados [pelo PNL] e entregues à biblioteca.

O facto de, ao longo dos últimos anos, a EBI/JI Vasco da Gama ter desenvolvido práticas semelhantes às orientações que sustentam o PNL, não permite, para o professor de contacto, a observação de efeitos imediatos, embora o reforço orçamental tenha possibilitado uma melhoria no funcionamento das actividades de leitura em sala, bem como a renovação do catálogo da BE.

Ainda é muito cedo para ver resultados. Poderei, digamos, antecipar um prognóstico. As nossas práticas já estavam mais ou menos enquadradas no espírito deste Plano Nacional de Leitura. Portanto, nós como tínhamos estes itens ou vectores principais: incentivo à Hora do Conto, Prazer de Escrever e depois a Oficina Criativa. A nossa envolvência no espírito “ler +” já era o nosso espírito. O Plano é nacional, mas na nossa escola veio só adicionar uma mais valia que, neste caso, foi um prémio de 2500€ para adquirir mais livros.

No entanto, os últimos números da *mm*, que já contêm trabalhos elaborados no âmbito do PNL, têm contado com uma maior participação dos alunos. A ser mantida a actual linha de implementação, num futuro próximo, o PNL deverá consolidar as boas práticas que têm vindo a ser desenvolvidas pela escola, cimentando a posição da EBI/JI Vasco da Gama no ranking das escolas. Com efeito, o Plano é visto, sobretudo, como um instrumento que poderá oferecer um prestígio adicional à escola. A conciliação entre o

projecto educativo da EBI/JI Vasco da Gama e as orientações do PNL, por outro lado, obrigou a que fosse feita “uma depuração” de algumas práticas que, até ao lançamento do Plano, foram sendo realizadas de uma forma mais ou menos desordenada.

Por outro lado, embora seja considerado que o PNL não introduziu inovações no funcionamento da escola, é salientada a importância do reforço orçamental e da mensagem mediática, que conseguiu sensibilizar o corpo docente e a população estudantil para a importância da leitura. Para o professor de contacto, a Semana da Leitura, as actividades de leitura em sala de aula e de leitura orientada estiveram por detrás de um maior interesse pelo livro. O PNL deu um maior relevo às actividades desenvolvidas pela escola (a TSF, por exemplo, teve uma emissão especial a partir da escola, que contou com uma *playlist* elaborada pelos alunos).

Creio que não fosse o caso de uma inovação, mas foi uma melhoria significativa em relação à distribuição dos livros e na mensagem. A mensagem foi essencial, do Ler+, no sentido de ler mais para fazer as coisas melhores, esta mensagem foi passada na camada docente e nos alunos. Os alunos têm essa estreita ligação com o Plano Nacional de Leitura dado o evento que houve e as práticas que foram mais envolventes e melhor aplicadas na sala de aula. E, se há mais livros distribuídos, o acompanhamento da leitura foi mais envolvente.

O professor de contacto mencionou, ainda, que o funcionamento da escola não foi perturbado pelas actividades relacionadas com o PNL. Existe, porém, a necessidade da escola, anualmente, reflectir e avaliar as actividades que foram realizadas, no sentido de aperfeiçoar e criar novos projectos, ou incentivos, em torno da promoção da leitura.

O Plano Nacional de Leitura na sua organização

O processo de registo da EBI/JI Vasco da Gama começou a ser delineado ainda antes do anúncio oficial do PNL, na sequência de algumas conversas informais entre a direcção da escola e alguns elementos da RBE e da DREL. A nível institucional, o Conselho Executivo e a equipa de coordenação da BE receberam um e-mail, proveniente da RBE, a anunciar a criação do Plano e a propor o registo da escola. No que concerne à Semana da Leitura, a escola foi informada pelo PNL, tendo reunido com a Comissão para a organização das actividades que foram realizadas na festa de lançamento da Semana.

A inscrição da escola no PNL partiu da iniciativa do coordenador da BE, após a recepção de um novo e-mail assinado pela Comissão do Plano, onde eram explicados os procedimentos necessários para abrir e concluir uma ficha de registo e de projecto. O registo da escola foi, posteriormente, comunicado ao Conselho Executivo numa reunião do Conselho Pedagógico, tendo sido acordado que as actividades a serem desenvolvidas, no âmbito do PNL, seriam incluídas no plano anual de actividades da escola. Neste sentido, todos os departamentos disciplinares foram convidados a participarem na selecção de livros da lista de recomendações do Plano. Foi então definido, em reunião do Conselho Pedagógico, que as iniciativas previstas no plano de actividades seriam abrangidas pelo PNL, tendo sido solicitado a todos os departamentos que ajustassem as actividades previstas para o ano lectivo 2006/2007 em função das orientações propostas pela Comissão do Plano. A BE disponibilizou a lista de livros recomendados a todos os departamentos que, posteriormente, seleccionaram, a partir dos seus próprios critérios (conhecimentos do mercado editorial, práticas pedagógicas, prestígio dos autores) alguns títulos.

Sem contar com o pedido para que a escola fosse o local de lançamento da Semana da Leitura a nível nacional, os contactos com o Plano têm sido esporádicos, reduzindo-se à recepção de documentos

informativos e à consulta do *site*, ou ao envio de materiais (fotografias, cartazes, revistas) de actividades realizadas na escola. A documentação disponibilizada pelo Plano, ou pela RBE, à escola foi sempre recebida por e-mail.

O *site* foi divulgado numa reunião do Conselho Pedagógico, sendo consultado regularmente pelo professor de contacto, que tem assegurado a recolha e divulgação de todas as informações (actividades, concursos, conferências) relacionadas com o PNL junto do corpo docente da escola.

Para o esclarecimento de dúvidas, o professor responsável pelo Plano procura entrar em contacto com a Comissão através de telefonemas ou envio de e-mails. As professoras que têm vindo a desenvolver actividades relacionadas com o PNL, para além de conversas informais com o professor de contacto ou com outros colegas, recorrem aos media para obterem novas informações.

A Comissão do PNL atribuiu à EBI/JI Vasco da Gama um reforço orçamental de 2500€. Esta verba foi utilizada para a aquisição de livros que integravam a lista de recomendações do Plano, procurando garantir a existência de dois exemplares por cada título. O professor de contacto não foi capaz de precisar o número de livros e quais os títulos que foram adquiridos.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais

Segundo o professor de contacto, o PNL vai ao encontro das necessidades e problemas que o livro e a leitura encontram perante o predomínio do audiovisual, podendo constituir um momento inovador capaz de introduzir uma nova política de promoção do conhecimento que consiga articular as novas tecnologias com a palavra escrita. A estratégia de implementação, o modelo de organização e as actividades propostas enquadram-se com a realidade das escolas, abrindo espaço para que os professores possam desenvolver práticas interdisciplinares nas escolas.

Daquilo que conheço do Plano Nacional de Leitura, acho que não tenho nada a apontar. Julgo que estamos na infância do PNL e acho que o trabalho vai dar frutos.

Quanto à estratégia de divulgação, os *spots* televisivos têm sido transmitidos num horário adequado que consegue alcançar o público-alvo. No que concerne à divulgação das actividades no sistema de ensino, as actualizações do *site* são regulares, bem como o envio de e-mails informativos ao professor de contacto na EBI/JI Vasco da Gama. A marca Ler+ possui uma mensagem mais forte que a sigla PNL, remetendo para uma iconografia matemática associada à ideia de positivo, que consegue sintetizar a importância da leitura e os próprios objectivos do Plano.

O PNL deverá alcançar todos os objectivos que propõe alcançar, uma vez que, segundo o professor de contacto, estão reunidas as condições estruturais e políticas para uma campanha bem sucedida de promoção da leitura. No entanto, a natureza nacional do Plano e a massificação do ensino implicam que seja implementada uma estratégia que respeite a diversidade do país, tendo em consideração as necessidades estruturais e sócio-económicas de algumas regiões. Assim sendo, é necessário que o PNL privilegie zonas desfavorecidas e que recorra a idiosincrasias regionais ou locais na transmissão da mensagem de promoção da leitura.

Posso ter algumas observações que nem são aspectos positivos nem negativos. Qualquer plano nacional tem, digamos, um problema que é a massificação. E quando nós estamos mais próximos da realidade e da

individualidade de cada aluno, um plano nacional não pode ficar pela generalização. Um plano nacional de leitura para um local, vamos fazer uma caricatura, para uma Damaia ou para um Casal Ventoso, se não for o Casal Ventoso seria um outro local mais degradado, faria mais sentido um plano nacional de alimentação, um plano nacional de infra-estruturas básicas ou plano nacional de outras coisas.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

Existe uma tendência crescente em torno dos hábitos de leitura, que se reflecte no aumento de edições e vendas de livros. Apesar de ainda persistirem grupos etários marcados pelo analfabetismo do Estado Novo, as gerações que se seguiram à massificação do ensino possuem práticas de leitura consolidadas, o que poderá significar, num futuro próximo, uma alteração dos retratos traçados por vários estudos científicos sobre a literacia em Portugal. Todavia, há que ter em conta a importância dos resultados que foram revelados sobre a iliteracia funcional.

Contudo, têm emergido alguns sinais que apontam para um declínio, a médio prazo, das elevadas taxas de iliteracia funcional registadas entre a população escolar. A informatização e digitalização dos mecanismos de funcionamento das escolas, por exemplo, têm estado por detrás de um aperfeiçoamento das competências funcionais dos alunos. Neste sentido, o Plano deverá criar actividades centradas sobre a iliteracia funcional, desenvolvendo novas iniciativas que incluam o processamento de informação, elaboração de questionários, etc.

Sugestões e Propostas

O professor de contacto não quis avançar com eventuais sugestões e propostas para o PNL.

1.8.3. Entrevista a Professoras

Perfil das entrevistadas

Educadora: 52 anos; licenciatura em Educação de Infância; 30 anos de experiência como educadora.

Professora 1º ciclo: 51 anos; bacharelato do Magistério Primário; 30 anos de experiência como educadora.

Professora 2º ciclo: 55 anos; licenciatura em Filologia Românica (ESSE de Lisboa); 30 anos como professora.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola / desenvolvidas pelos professores

A leitura de histórias é uma actividade recorrente no pré-escolar. Todos os dias, os educadores de infância desenvolvem leituras de contos, quadras ou lengalengas.

Eles têm muito contacto com os livros, todos os bocadinhos que eles têm entre actividades ou de espera é vulgar, é comum eles irem buscar um livro (...) nós aproveitamos, no pré-escolar, que eles se apropriem das funções da leitura à maneira deles, que percebem que uma capa, uma contra-capas, que há uma pessoa que é o autor do livro. Nós mesmos construímos livros nas salas com histórias que foram inventadas por eles, para se apropriarem, exactamente, dessas mesmas funções.

Em colaboração com a BE, o Jardim de Infância tem promovido, desde o ano de abertura da escola, a *Hora do Conto*, seguindo moldes muito semelhantes à actividade proposta pelo PNL. Este ano, o pré-escolar dinamizou um novo projecto de leitura, denominado *Uma História de Cada Vez*, onde as famílias dos alunos foram convidadas a doarem livros recomendados pelo Plano para as bibliotecas de turma. Todos os meses, é seleccionado um livro do mês e um encarregado de educação visita o Jardim de Infância para ler uma história aos alunos que, mais tarde, é utilizada para novas actividades (ilustrações, dramatizações, etc.).

Propusemos às famílias das crianças para participarem no projecto (...) e aproveitámos a selecção de livros do Plano Nacional de Leitura e pedimos a colaboração dos pais para apetrecharem as bibliotecas da sala e todos trouxeram um livro. Isto é uma coisa que nós fazemos diariamente.

Os pais que não puderam comparecer na escola, participaram na *Mala das Histórias Inventadas*, uma actividade onde as famílias dos alunos são desafiadas a escreverem um pequeno conto para ser lido, por uma educadora, aos alunos. Foi também feito um esforço para associar as actividades especiais planeadas ao longo do ano (Natal, Carnaval e Páscoa) com alguns livros e/ou actividades propostas pelo Plano. O facto de existirem livros nas salas do Jardim de Infância tem estado por detrás de uma utilização regular da BE, que é prolongada no 1º ciclo – os alunos mais velhos do pré-escolar, por exemplo, visitam habitualmente o espaço da biblioteca para a consulta e requisição de livros.

No 1º ciclo, a partir da lista de livros recomendados pelo PNL, foi desenvolvido um novo projecto de promoção da leitura, o *Teia de Histórias*. Uma das actividades inseridas no *Teia de Histórias* consistiu na realização de um curso carnavalesco inspirado nas personagens das obras trabalhadas pelos alunos, tendo sido criados, para esse efeito, cartazes, quadras e canções. Na sequência deste desfile, as turmas do 1º ciclo participaram em jograis que celebraram o lançamento da Semana da Leitura na EBI/JI Vasco da Gama. Os alunos do 4º ano compraram os livros seleccionados pela professora para a realização de actividades de reconto (*Teia de Histórias*: novas versões das histórias que foram lidas) e de trocas de livro. Foi ainda trabalhado um livro recomendado pelo PNL, *Uma Viagem ao Tempo dos Castelos*, de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, que, para além de várias actividades individuais (fichas de leitura, reconto, etc.), serviu de pretexto para uma ficha de avaliação. Paralelamente, no âmbito da História de Portugal, os alunos leram outro livro recomendado pelo PNL sobre a Expansão Portuguesa, *Viagem à Índia*, de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada. Realizaram-se, também, dramatizações de alguns contos que pertencem à lista de livros recomendados pelo Plano.

O 2º ciclo, segundo uma das professoras entrevistadas, seguiu o Plano Nacional de Leitura de uma forma flexível, uma vez que o actual currículo possui, apenas, dois blocos para a disciplina de Português, e algumas professoras não têm Estudo Acompanhado – o que tem condicionado o desenvolvimento de actividades assentes nas propostas do PNL. Todavia, têm sido implementados projectos de leitura em sala que remontam à fundação da escola.

Gostava que o PNL desse força para que fosse atribuído à Língua Portuguesa, pelo menos no 5º ano, o tal meio bloco que, de facto, era necessário porque nós, dificilmente acabamos os programas no 5º ano. Este ano dedicamos uma boa parte do 1º período a dar conteúdos que não trabalhámos no 5º e isso rouba à leitura. No meu caso, vi-me obrigada a pedir às professoras de Estudo Acompanhado (...) para, na parte que diz respeito dedicado à Língua Portuguesa, ocuparem com leituras que eu não posso fazer nas aulas porque tenho que dar outros conteúdos.

Por outro lado, muitos dos títulos que compõem a lista de obras recomendadas pelo Plano já foram trabalhados pelos alunos no 1º ciclo ou 2º ciclo. Com efeito, a selecção de livros, nos anos anteriores, sofria alguns problemas, uma vez que algumas obras já foram trabalhadas por outros níveis de ensino, o que provocava a ocorrência de repetições. De acordo com a professora do 1º ciclo, as recomendações do Plano conseguiram ultrapassar este problema.

Às vezes escolhíamos livros que o 2º ciclo ia trabalhar e o 3º ciclo (...) e os departamentos chegavam à conclusão de que as crianças se poderiam desinteressar por alguns livros porque nos repetíamos (...). E [antes do Plano Nacional de Leitura] chegámos, em consenso, à conclusão de criar uma lista de livros para cada ciclo, para evitar esta repetição. Portanto, o PNL, de certa forma, veio ajudar a seleccionar conforme a idade e a evitar repetições.

A partir desta lista, foi seleccionada uma obra de Maria Alberta Menéres, *Ulisses*, que foi trabalhada pelos alunos a partir de um guião de leitura, e que chegou mesmo a motivar uma visita de estudo ao teatro do Colégio S. João de Brito para assistir a uma adaptação teatral da *Odisseia* de Homero. Os professores de Português do 2º ciclo procuraram, sempre que possível, articular as actividades relacionadas com a leitura orientada (centradas na sala de aula), com a leitura recreativa. Nos anos lectivos anteriores, foi desenvolvido, no 2º ciclo, um grupo de teatro que, nas festas de Natal ou de fim de ano, apresentava dramatizações de textos incluídos no programa de Português. No momento em que decorreu a entrevista (início do 3º período) estava a ser equacionada a formação de um novo grupo de teatro, que iria encenar, na festa de final de ano, uma peça incluída na lista de livros do PNL.

Antes fazia [o grupo de teatro] de uma forma, digamos, à minha conta. Aproveitava a turma que fosse melhor para apresentar, nas festas de Natal e de final de ano, uma dramatização de uma obra que constasse no programa. No ano passado, não fazendo parte do Departamento de Língua Portuguesa, desenvolvi um clube de teatro para o 2º ciclo e tenho-me preocupado em “encenar”, porque é tudo muito amador, obras que fazem parte do programa.

Tanto no 1º ciclo, como no pré-escolar, as actividades foram concebidas a partir das indicações dos programas, existindo, em comparação com o 2º ciclo, uma maior flexibilidade na articulação entre as acções propostas pelo PNL e as exigências curriculares. De facto, perante a existência de apenas dois blocos horários de Português e a necessidade de cumprir o programa, os professores de Português do 5º e 6º anos apostaram no desenvolvimento de actividades que decorreram num horário extra-curricular (grupo de teatro, artes plásticas, revista, etc.). Todavia, o projecto educativo da escola, através da revista *mm*, tem conseguido promover várias actividades relacionadas com o Plano, através da Área de Projecto. Por outro lado, os professores de Estudo Acompanhado desenvolveram, em colaboração com os professores de Português, várias actividades de leitura acompanhada.

As disciplinas de Português, Música, EVT e História participaram activamente na concepção e implementação das actividades relacionadas com o PNL. No que concerne à dinamização das actividades, esta tem estado a cargo dos educadores de infância, da equipa de coordenação da BE, dos professores do 1º ciclo, bem como dos professores de Português, Música, História e EVT (2º ciclo). Algumas iniciativas promovidas pelo pré-escolar e pelo 1º ciclo contaram com a colaboração dos pais (aquisição de livros, sessões de leitura, trajes para jograis e desfiles de Carnaval, etc.). Todas as actividades tiveram lugar nas salas de aula ou na BE.

Foram trabalhados livros que não foram abrangidos pela lista de livros recomendados pelo PNL. Os planos de actividades dos três níveis de ensino decidiram incluir alguns livros da lista para a realização de

actividades específicas de promoção da leitura propostas pelo Plano. Contudo, os atrasos verificados na aquisição dos títulos seleccionados pela escola, sobretudo no 2º ciclo, têm impedido a utilização desses livros. De modo a contornar este problema, o 1º ciclo convidou os pais a adquirirem alguns livros para a biblioteca de turma, que seriam depois devolvidos aos alunos.

No 2º ciclo todos os alunos lêem as obras que estão previstas no programa, seguindo os guiões de leitura propostos pelos manuais. No 1º ciclo, a planificação da leitura em sala de aula é mais flexível, estando repartida por exercícios centrados em livros, ou textos, incluídos no programa e por actividades de leitura recreativa assentes nas obras seleccionadas a partir da lista de recomendações do PNL.

Cada professor implementa à sua maneira. Sobre aquilo que faço na turma a nível de actividades e planificação, portanto, são diferentes. Uma coisa é aquele livro que foi seleccionado para trabalharmos a nível do período, é feito de uma maneira. Outra coisa são os livros que eles requisitam, portanto, do Plano Nacional de Leitura eles trouxeram cada um o seu livro e depois ficou na biblioteca de turma, conjuntamente com outros livros. Entretanto, requisitam, levam para casa, lêem-no e depois fazem um trabalho sobre o livro que leram. A seguir vão expor oralmente. Cada aluno vai contar o livro que leu à turma.

Os educadores de infância seguiram a planificação inicial das actividades a serem desenvolvidas ao longo do ano lectivo, tendo efectuado algumas alterações consoante as características e gostos, entretanto adquiridos, pelos alunos.

No pré-escolar temos aquelas actividades que foram programadas ao longo do ano, aqueles dias destinados à leitura para pessoas exteriores, ou não, e realizadas no centro de recursos. Para além desses há períodos de actividades em grande grupo, em que muitas vezes acontecem leituras de histórias que estão relacionadas com as histórias que temos nas salas.

Tem sido feito um esforço para repartir os blocos horários que foram atribuídos ao 2º ciclo com as actividades relacionadas com o PNL. Todas as acções de promoção da leitura previstas para este nível de ensino debruçaram-se sobre as actividades e objectivos impostos pelo programa de Português e foram desenvolvidas de acordo com a planificação das aulas feita pelo Departamento de Língua Portuguesa. Por outro lado, a preparação para as provas de aferição de Português, segundo a professora entrevistada, condicionou a implementação e planificação de novas actividades. No 1º ciclo, as horas concedidas para a dinamização de actividades de leitura depende dos progressos demonstrados pelos alunos nas disciplinas de Matemática, Estudo do Meio e Português. Quanto ao pré-escolar a quantificação do tempo despendido nestas actividades é extremamente difícil.

Os educadores de infância têm procurado desenvolver, a partir da elaboração de ilustrações ou de cópias de letras (ou mesmo palavras), algumas competências de escrita.

Temos uma actividade na sala, *O Escritório*, onde tenho vários livros, agendas, um dicionário ilustrado que é construído por nós com imagens que nós vamos recolhendo e depois vamos escrevendo as palavras e eles aproveitam para escreverem cartas, nós também temos uma “caixa de correio”, porque eles copiam imensas palavras dali porque têm a imagem e sabem o que estão a copiar.

A planificação das aulas do 1º ciclo previa um encadeamento dos momentos de leitura com actividades relacionadas com a escrita (reconto, diários, ditados, composições, etc.), enquanto que, no 2º ciclo, foram dinamizadas actividades de leitura de excertos de algumas obras que exigiam a composição de textos – que, numa fase posterior, encaminhariam os alunos para a leitura de obras integrais.

A circulação dos livros trabalhados nas aulas foi assegurada pela BE. A formação de bibliotecas de turma é uma actividade recorrente no 1º ciclo e no pré-escolar, embora alguns docentes não desenvolvam esta actividade por considerarem que prejudica o funcionamento da aula. No 2º ciclo, está dependente do programa e das características dos alunos.

Para além do livro, é normal o recurso a suportes multimédia. Os trabalhos de investigação biobibliográfica, no 1º e 2º ciclos, envolveram exercícios de pesquisa na Internet. No pré-escolar, é normal a utilização de *sites* ou programas dedicados a contos infantis. Todavia, ao contrário do 1º ciclo e do pré-escolar, que possuem computadores nas salas de aula, 2º ciclo tem tido várias dificuldades em utilizar suportes multimédia, estando dependente dos empréstimos da BE.

Os alunos do pré-escolar, a partir de uma compilação de ilustrações elaboradas até então, criaram um livro gigante e participaram na decoração da escola para a festa de lançamento da Semana da Leitura, bem como na Hora da Leitura (uma actividade que decorreu no primeiro dia da iniciativa e que seguiu moldes semelhantes aos da Hora do Conto).

O pré-escolar participou com um livro gigante, uma compilação de desenhos e histórias que eles tinham ouvido até ao momento. E também estiveram na Hora da Leitura, no dia da inauguração, e participamos na decoração da escola, o pré-escolar encarregou-se de fazer a decoração no átrio.

No 1º ciclo, os alunos participaram em jograis, recitais de poesia, concursos de leitura, dramatizações, etc. (a professora do 4º ano considera que este tipo de iniciativas promove uma maior interligação entre o corpo docente, tendo um efeito extremamente positivo na reunião de práticas que eram desenvolvidas isoladamente por cada professor).

Todo o departamento e todos os professores do 1º ciclo estiveram todos envolvidos. Envolveram-se todos nas actividades. Fizemos um jogral, [recitais de] poemas, nos treinos...fomos buscar alunos de todas as turmas para apresentar no auditório às nossas convidadas...foram de todas as turmas...ensaiámos as crianças, fizemos entre todas um poema e um jogral.

As actividades desenvolvidas pelo 2º ciclo incidiram numa entrevista a Maria Cavaco Silva, na elaboração de trabalhos plásticos sobre o livro e a leitura que foram expostos na BE, e dramatizações (grupo de teatro).

No 2º ciclo tinha já trabalhado o *Ulisses* e trabalhou, de seguida, a parte da *Odisséia* que nos foi recomendada. E, a partir daí, foram organizadas as perguntas que os alunos tinham que fazer à Dra. Maria Cavaco Silva. Todo o 5º ano trabalhou a poesia e formularam as perguntas que foram apresentadas. Os textos de língua portuguesa foram incluídos na exposição sobre o livro e a leitura que decorreu na biblioteca e o grupo de teatro repetiu a peça que foi representada no Natal.

Até ao final do corrente ano lectivo, não estão planeadas novas actividades. Os alunos do 1º ciclo, na última semana de aula, irão encenar pequenas peças de teatro inspiradas nos livros trabalhados no projecto *Teia de Histórias*. No 2º ciclo, o grupo de teatro deverá levar a palco uma nova peça. No que concerne ao pré-escolar, o departamento ponderava a hipótese de realizar uma festa de final de ano que contaria com exposições, dramatizações e momentos musicais. Ainda não tinha sido discutido o Plano de Actividades da EBI/JI Vasco da Gama para o próximo ano lectivo.

A divulgação das actividades do PNL centrou-se, apenas, na EBI/JI Vasco da Gama. A promoção foi feita através das reuniões do Conselho Pedagógico, pela afixação de cartazes no complexo escolar e por

consultas, esporádicas, do sítio oficial do Plano. Na véspera da Semana da Leitura, o Conselho Executivo enviou e-mails e cartas aos encarregados de educação, imprensa e comunidade educativa com informação alusiva às actividades que viriam a ser realizadas.

Os professores e os funcionários estiveram sempre disponíveis para a realização e preparação de todas as iniciativas que foram desenvolvidas. Os alunos participaram de forma entusiasta (as entrevistadas fizeram várias menções aos “pavilhões cheios”) e os pais (sobretudo aqueles que têm filhos no 1º ciclo e no pré-escolar, ou que residem no Parque das Nações) compareceram em grande parte das actividades.

Eu senti uma união, [o PNL] levou a que houvesse mais união neste tipo de coisas. Nós no 1º ciclo já fazíamos isso, mas eu trabalhava os meus livros, outra professora trabalhava os livros que entendia. Ao haver uma listagem de livros adequados às idades das crianças, idade ou maturidade das crianças levou a que nós estivéssemos mais envolvidas com o projecto, acho que estamos todos contagiados. (Professora 1º ciclo)

De acordo com as professoras, para além de ser muito prematuro indicar efeitos ou resultados ligados ao PNL, o impacto destas actividades é muito difícil de ser observado, já que estas iniciativas são muito semelhantes ao que tem vindo a ser desenvolvido pelo corpo docente nos últimos anos. Contudo, o Plano conseguiu “trazer mais livros para a sala de aula” e reforçar o projecto pedagógico da EBI/JI Vasco da Gama; permitiu a expansão do fundo documental da escola e conseguiu atrair os pais para a participação em algumas actividades, sensibilizando-os para o seu papel como promotores de práticas de leitura; e concedeu uma maior visibilidade ao trabalho desenvolvido pelos professores, revelando para o exterior (e mesmo nas próprias escolas) o dinamismo de algumas escolas e docentes, divulgando novas boas práticas. Em estabelecimentos de ensino localizados em zonas desfavorecidas, o PNL, segundo as entrevistadas, deverá ter um impacto imediato.

As actividades são óptimas. Mas é isso [sobre os problemas estruturais das escolas], equipem bem escolas, haja mais disciplina nas escolas, mais autoridade dos professores para poderem manter a disciplina e o Plano funciona lindamente.

As entrevistadas consideraram que o PNL não perturbou o funcionamento da escola. Todavia, foi referido que é necessário estender os blocos horários, no sentido de assegurar a implementação das propostas de actividades do Plano.

O Plano Nacional de Leitura na sua organização

Embora tenham afirmado que desconheciam a forma como a escola se registou no PNL, as entrevistadas indicaram que o corpo docente da escola tomou conhecimento da iniciativa através de um e-mail do Ministério da Educação que foi divulgado aos departamentos pelo Conselho Executivo e pela BE. No que concerne à Semana da Leitura, a escola foi informada pelo PNL, tendo reunido com a Comissão para a organização das actividades que foram realizadas na festa de lançamento da Semana. De acordo com as entrevistadas, o registo da escola partiu da iniciativa do Conselho Executivo e da BE, uma vez que, segundo a professora do 2º ciclo, “sempre que surge um plano ou um programa de acção do Ministério da Educação, a escola procura sempre inscrever-se”.

Após a conclusão do processo de registo, a biblioteca disponibilizou a lista de livros recomendados pelo PNL a todos os departamentos – que, posteriormente, seleccionaram alguns títulos, a partir dos critérios definidos por cada professor (conhecimentos editoriais, práticas pedagógicas, prestígio dos autores).

Exceptuando a professora do 1º ciclo, as entrevistadas consultam, regularmente, o *site* do PNL para obter novas informações.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais

O PNL assume uma enorme importância para o desenvolvimento ou introdução de novas práticas, representando, de acordo com as três professoras, um momento que poderá atenuar alguns desequilíbrios estruturais existentes no sistema de ensino. As actividades e objectivos propostos foram descritos como adequados, tendo sido realçado, porém, que alguns estão um pouco desfasados da realidade de algumas escolas onde existem problemas de disciplina e falta de meios. Ao longo da entrevista, as professoras salientaram que o Plano deveria privilegiar estabelecimentos de ensino localizados em zonas desfavorecidas, tendo tecido várias críticas ao facto de algumas escolas com carências financeiras e estruturais não terem sido contempladas pelo reforço orçamental.

Quanto à estratégia de divulgação do PNL, as entrevistadas consideraram que é inexistente e muito distante da população. Criticaram a ausência de uma promoção sistemática junto da imprensa e da rádio (exceptuando a TSF e a imprensa regional, que tem acompanhado várias iniciativas como a Semana da Leitura), bem como o facto de os *spots* televisivos estarem reduzidos ao sistema público de televisão. Em relação à marca Ler+, referiram que tem um efeito positivo e que consegue sintetizar a mensagem promovida pelo PNL. Foi ainda mencionado que a implementação do PNL não implicou qualquer perturbação ao funcionamento da escola, nem possui aspectos negativos – exceptuando a falta de poder da Comissão na definição dos blocos horários.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

Existe uma tendência crescente em torno de um declínio da língua, que tem estado por detrás de uma certa negligência na transmissão das regras gramaticais e da literatura nos *media*. Por outro lado, o crescimento do sector editorial tem sido acompanhado por um maior interesse dos grupos etários mais jovens pela leitura. Através de uma maior sensibilização da população (aperfeiçoando as campanhas de promoção), da formação de leitores na escola (aumentando o número de livros por alunos, equipando escolas, etc.), o PNL poderá iniciar uma nova fase no ensino da língua e poderá inverter a situação actual. Um dos exemplos mencionados apontou para a articulação das actividades do PNL com uma expansão dos blocos horários do 1º e 2º ciclos, que deveria ser acompanhada por uma redefinição da estratégia de divulgação do Plano.

Sugestões e Propostas

As entrevistadas não quiseram sugerir novas medidas ou actividades para o PNL.

1.9. Colégio Moderno (Lisboa)

1.9.1. Relatório de visita

Criado em 1939, o Colégio Moderno é um dos mais antigos estabelecimentos de ensino privado de Lisboa. Possui um Infantário (para crianças entre os doze meses e os três anos de idade), um Jardim de Infância (para crianças entre os três e os seis anos de idade) e lecciona todos os ciclos do ensino básico e o ensino secundário. As posições alcançadas, recentemente, nos *rankings* das escolas (no ano lectivo 2006/2007 ocupava o 2º lugar da lista elaborada pelo jornal *Público*) têm contribuído para a renovação da reputação de inovação e exigência que o colégio construiu no interior do sistema de ensino.

O primeiro contacto com o Colégio Moderno foi estabelecido em Março, com a professora de contacto com o PNL, tendo em vista a apresentação do Estudo de Avaliação do Plano Nacional de Leitura e conhecer a disponibilidade da escola em ser visitada para a realização de um estudo de caso. Como todas as relações com o exterior são definidas pela direcção do colégio, foi solicitado que fosse contactada a directora do colégio. Foram, então, encetados vários contactos, via telefone e correio electrónico, para acordar uma visita e a realização de entrevistas para a recolha de informações sobre a participação do colégio no PNL. Em 16 de Abril, foi marcada uma visita para o dia 27 de Abril.

A primeira visita resumiu-se a uma reunião com a directora e a professora de contacto, onde, mais uma vez, foi explicado o processo de realização de estudos de caso. Dada a realização de várias reuniões de preparação para os momentos de avaliação (provas de aferição e exames nacionais) e para o novo ano lectivo (entrevista com pais de possíveis alunos), não foi possível entrevistar a professora de contacto, bem como a responsável da biblioteca e os elementos do corpo docente que têm estado por trás da implementação de actividades relacionadas com o PNL.

No sentido de continuar a visita e realizar as entrevistas necessárias para completar o estudo de caso, foram feitos, ao longo do mês de Maio, vários contactos com a direcção. No entanto, a definição de uma nova data foi dificultada por o colégio ter atravessado um momento em que o período de avaliações e a preparação do novo ano lectivo colidiram com o avanço da primeira fase de remodelação do complexo escolar. Somente em 4 de Junho é que foi possível entrevistar a professora de contacto, tendo sido acordado com a direcção do Colégio Moderno que as entrevistas com os professores que desenvolveram actividades relacionadas com o PNL e os responsáveis pela biblioteca seriam realizadas, respectivamente, em 14 e 15 de Junho.

1.9.2. Entrevista a Professora de Contacto com o PNL na escola

Perfil da entrevistada

61 anos, Magistério Primário; Licenciatura em Filosofia; formação em Ciências da Educação e em Formação Pessoal e Social. Actualmente colabora com o Colégio Moderno na supervisão do Plano de Actividades e no apoio às aulas de Estudo Acompanhado.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola

Todas as actividades que o Colégio Moderno desenvolveu no âmbito do PNL já tinham sido desenvolvidas pelo corpo docente nos anos lectivos anteriores. De forma a garantir o cumprimento dos objectivos traçados pelo projecto educativo, são realizadas mensalmente reuniões entre os diferentes departamentos para aperfeiçoar, ou redefinir, as actividades planeadas. O Plano de Actividades do ano lectivo 2006/2007 foi associado ao PNL.

Todas estas actividades, nós já vínhamos a fazer em anos anteriores, mesmo sem o Plano Nacional de Leitura. Há uns anos, aqui no colégio, por análise da questão da Língua Portuguesa e por necessidade de visitar, um bocadinho, os autores clássicos...porque, se reparar, os livros de textos dos vários anos de escolaridade, trazem às vezes referências aos autores clássicos, mas trazem também textos de uma grande infantilidade.

No início do ano lectivo, tendo em conta o projecto educativo do Colégio Moderno, foram programadas várias actividades de promoção da leitura (que, ainda, não contemplavam a Semana da Leitura) – encontros com escritores, concursos de leitura, elaboração de colectâneas de textos criados pelos alunos, dramatizações, etc. Para além das actividades dinamizadas pela Biblioteca Central e pela Biblioteca do 1º ciclo, foram desenvolvidas, sobretudo no 1º ciclo, iniciativas assentes na lista de livros recomendados pelo Plano, destinadas à sala de aula. As visitas de estudo partiram de temas abordados nas aulas e nos livros que foram trabalhados pelos alunos. Todos os anos são realizadas as Olimpíadas da Leitura, um concurso de leitura organizado por professores e alunos, que decorre no final do ano lectivo, e que no ano lectivo 2006/2007 foi integrado na Semana das Línguas (no sentido de reforçar a ligação entre esta iniciativa e a Semana da Leitura promovida pelo PNL). Este concurso tem tido uma adesão quase total dos alunos, tendo o colégio instituído um prémio para os melhores leitores (por ano de escolaridade) e diplomas de participação a todos os concorrentes, no sentido de conceder uma certa dignidade a uma iniciativa cuja organização conta com a colaboração dos alunos. Têm, também, sido desenvolvidas várias dramatizações, que contam com a colaboração entre os Departamentos de Expressão Plástica e Música, enquanto que o Departamento de Português elaborou uma colectânea de textos para serem lidos nas aulas.

As actividades de implementação do PNL decorreram dentro do horário lectivo normal. Os professores procuraram inserir acções de promoção da leitura, seguindo uma experiência desenvolvida no ano anterior, onde, no âmbito do tema escolhido pelo Plano Anual de Actividades 2005/2006 (as profissões), vários pais foram convidados para explicarem as suas actividades profissionais. Assim sendo, foram desenvolvidas sessões de leitura com pais (no 1º ciclo e no pré-escolar) e criados momentos de leitura nas aulas, que contavam, por vezes, com debates sobre as obras ou autores lidos (2º ciclo). Por outro lado, foi feito um esforço para relacionar acções de promoção a leitura com outras actividades inspiradas em anos temáticos e na celebração de efemérides (Natal, Páscoa, aniversário do colégio).

A aposta do Colégio Moderno na monodocência tem possibilitado o desenvolvimento de práticas interdisciplinares que serviram de apoio à realização das actividades do PNL. Para além dos professores de Português, as actividades de promoção da leitura, através da Semana das Línguas, envolveram as disciplinas de Inglês e Francês. Sempre que possível, a leitura de obras é interligada com temas desenvolvidos por outras disciplinas, nomeadamente com o Estudo do Meio, no 1º ciclo, e com Geografia e História, no 2º ciclo.

Fazemos, mensalmente a nossa reunião de conselho escolar, onde é avaliado o desenvolvimento do trabalho e se reprograma, eventualmente, qualquer coisa. Nada dessa questão da Semana da Leitura é separada das outras actividades... a participação do professor dos *ateliers*, do professor de música, dos professores de educação física, inclusive...Mas nada aparece separado, tentámos que a interdisciplinaridade seja uma coisa real. O nosso objectivo é esse, que haja um cruzamento das várias áreas disciplinares, com um objectivo comum.

Com efeito, todos os elementos do corpo docente, em colaboração com a Direcção do colégio, participam na elaboração e implementação destas actividades. Para além dos professores, participam funcionários e alunos. A Semana das Línguas contou com a participação dos pais.

O projecto educativo do colégio prevê que os momentos iniciais das aulas de Português devem ser preenchidos com momentos de leitura (10-15 minutos). Estas actividades estão inseridas numa estratégia de correcção de vários erros e problemas de sintaxe detectados, nos últimos anos, entre os alunos do Colégio Moderno, que pretende, ao mesmo tempo, interligar as actividades do PNL com as indicações dos programas. O corpo docente, por exemplo, elaborou uma colectânea de textos relacionados com os programas para serem lidos nas aulas.

Para além dos 15 minutos obrigatórios de leitura, no início das aulas, durante as aulas de Estudo Acompanhado e de Educação Cívica foram desenvolvidas actividades de leitura, numa tentativa de estender os blocos horários previstos para o desenvolvimento de competências de escrita e leitura. Contudo, como as aulas de estudo acompanhado incidem, sobretudo, na Matemática e no Português, a sua articulação com as actividades do PNL está condicionada às dificuldades detectadas nos alunos nas outras disciplinas. Uma vez por semana, durante uma hora, decorrem as actividades dos *ateliers* de leitura e escrita criativa.

As restantes actividades de leitura em sala de aula, num momento inicial, foram definidas pelo Conselho Pedagógico. Posteriormente, os professores implementam as orientações pedagógicas definidas pelo Conselho de acordo com as características da turma, exigências curriculares e calendarização das avaliações, tendo sido privilegiada uma estratégia assente na diversidade de estilos literários. A maior parte das actividades debruça-se sobre livros recomendados por professores ou alunos. Alguns livros, que estão incluídos no Programa ou no Plano de Actividades, são trabalhados por várias turmas. Os restantes títulos são escolhidos pelos professores, tendo em conta os seus métodos pedagógicos, ou pelos alunos, de acordo com os seus gostos comuns. Têm sido trabalhados alguns livros recomendados pelo PNL (*O Planeta Branco* de Miguel Sousa Tavares, *Pinóquio* de Carlo Collodi).

Isso depende de professor para professor. Há professores que...quase todos os professores têm uma pequena biblioteca na sala de aula...os meninos trazem, trocam e levam. Depois, em relação às leituras que são trabalhadas...ou são escolhidos pelos professores, ou são os meninos que trazem, ou são textos soltos que um professor encontra.

Alguns são iguais para um ano de escolaridade...Os professores, na generalidade, programam em conjunto para ter uma referência...outros livros não, até não estavam programados...Normalmente, os professores escolhem para ter um termo de comparação.

Todas as actividades de promoção da leitura incluíram o desenvolvimento de competências de escrita. A partir da leitura de histórias, os alunos do pré-escolar, por exemplo, criam cartazes e ilustrações com letras relacionadas com personagens. Nos restantes níveis de ensino, a leitura de textos é acompanhada pela elaboração de comentários, recontos, textos livres e fichas de leitura. Os *ateliers* de leitura e escrita criativa, bem como *O Moderninho*, o jornal do colégio, procuram aprofundar estas actividades, através da organização

de colectâneas de poemas e textos dos alunos, numa tentativa de incentivo à produção de textos. Para os próximos anos lectivos, deverá ser realizada uma semana temática dedicada à escrita. Alguns professores, sobretudo no 1º ciclo, recorrem à *web*, DVDs ou a revistas e jornais para a dinamização de algumas actividades de leitura. Todavia, a utilização de outros suportes é, ainda, muito reduzida, estando previstas, para os próximos anos lectivos, o desenvolvimento de actividades que articulem a leitura e a escrita com meios audiovisuais.

A organização da Semana das Línguas, neste ano lectivo, incluiu as orientações propostas pelo PNL para a Semana da Leitura, tendo sido feito um cruzamento entre as práticas dos anos anteriores e as sugestões do Plano. Cada dia da semana correspondia a uma actividade específica. Foi feita uma exposição sobre enciclopedistas que contou com a exibição de uma enciclopédia antiga. A biblioteca foi transferida para o pátio central do colégio (foram proibidos os jogos com bolas e as aulas de educação física foram transferidas para o ginásio). Realizaram-se recitais de poesia, dramatizações (onde se condensaram personagens de várias histórias lidas nas aulas), concursos de leitura e escrita, etc.

Ao longo da semana, houve uma participação intensa da população escolar e, sobretudo, dos encarregados de educação, tendo mesmo a direcção do colégio sido obrigada a alargar as visitas para as semanas seguintes.

Aquilo que posso dizer em relação aos pais é que eles se entusiasmaram muito. Vieram e nós tivemos que alargar a participação dos pais na Semana...ainda há pais inscritos para virem contar histórias até ao final do ano. Porque eles queriam vir, e eles [os alunos] também queriam que viessem...Vieram avós, irmãos...esse é o sinal mais visível dos pais pelo entusiasmo da leitura e pela Semana...

Ainda não foram programadas novas actividades para o ano lectivo 2007/2008. No entanto, deverá ser mantida a actual orientação pedagógica do Colégio Moderno. Está previsto o desenvolvimento de actividades de desenvolvimento de competências de escrita. Até ao final do 3º período seriam realizados dois dias temáticos – Dia da Matemática e Dia da Criança (que seria exclusivamente dedicado a jogos e concertos) –, a Festa da Música (uma iniciativa que incluiu concertos e exposições de trabalhos sobre compositores), *pic-nics* de final de ano e a festa de fim de ano lectivo (onde seriam realizados concertos, dramatizações, torneios desportivos).

Embora considere que a observação de resultados ou efeitos do Plano corre o risco de ser muito precoce, a professora de contacto defende que o sucesso do Plano depende da adopção de concepções pedagógicas que ultrapassem as estratégias da aprendizagem lúdica. Desta forma, é necessário promover a ideia que a leitura, para além de ser essencial para o desenvolvimento cognitivo dos alunos, pode ser um prazer pessoal, as actividades do Plano não devem negligenciar o esforço que está por trás da formação de práticas de leitura. Importa, também, que o PNL seja capaz de acompanhar o entusiasmo dos professores, de forma a assegurar o cumprimento dos seus objectivos e que incentive algumas boas práticas implementadas por várias escolas, concedendo novos apoios aos professores.

O sucesso do Plano depende da adopção de concepções pedagógicas que ultrapassem as estratégias da aprendizagem lúdica. Embora seja necessário promover a ideia que a leitura, para além de ser essencial para o desenvolvimento cognitivo dos alunos, pode ser um prazer pessoal, as actividades do Plano não devem negligenciar o esforço que está por trás da formação de práticas de leitura.

[É necessário] fazer com que os alunos tenham gosto no esforço que fazem para obter algumas coisas. Eu acho que se instalou na escola um bocadinho, na nossa sociedade, a ideia que tudo tem que ser a brincar e não é verdade...os alunos têm uma ideia, e os pais às vezes também, que tudo tem que ser livre...mas aquilo que me dá prazer pode ser também o resultado do esforço que eu fiz para obter alguma coisa...Se eu conseguir comunicar de tal maneira o prazer que uma boa leitura pode dar, se eu conseguir tornar isso num prazer meu, eu acho que a gente consegue alcançar essa parte do gosto pela leitura.

O PNL conseguiu romper com algumas rotinas instaladas no corpo docente, tendo promovido, através das actividades propostas, um confronto com as práticas e métodos que foram implementados no colégio ao longo dos últimos anos lectivos. Por outro lado, evidenciou a necessidade de reflectir sobre as estratégias adoptadas pelo colégio e de redobrar esforços na promoção da leitura, incentivando a criatividade dos professores, que procuraram rejuvenescer ou conciliar as práticas seguidas com as orientações sugeridas pelo Plano.

Apesar da nossa prática, penso que [o PNL] tornou mais evidente [a necessidade de promover a leitura], veio chamar a atenção...evidenciou a necessidade de dar uma maior atenção a essas coisas, falámos mais nisso, que havia um plano, havia coisas que fazia sentido cumprir, para não perdermos o comboio normal e, portanto, evidenciar essas questões tornou-nos, talvez, mais criativos, criámos mais momentos de leitura que proporcionaram todos este cruzamentos de informações, foi essa novidade.

A lista de livros recomendados ofereceu uma oportunidade para conhecer novos títulos e autores. Contudo, o Plano tem que conseguir acompanhar o entusiasmo dos professores, de forma a assegurar o cumprimento dos seus objectivos. Importa também incentivar as práticas implementadas por algumas escolas, concedendo novos apoios aos professores

Por não leccionar há quatro anos, a professora de contacto não tem observado eventuais transformações nos métodos pedagógicos dos professores, embora tenha referido que muitos elementos do corpo docente do colégio têm procurado desenvolver uma conciliação entre estratégias assentes numa pedagogia mais lúdica e outras orientações de carácter formal.

O Plano Nacional de Leitura na sua organização

Num primeiro momento, o Colégio Moderno tomou conhecimento do PNL através de notícias veiculadas pela imprensa. Posteriormente, no início do corrente ano lectivo, foi recebido um e-mail enviado pela Comissão do Plano a apresentar a iniciativa e a propor o registo do colégio. Todos os documentos disponibilizados pelo Ministério da Educação, ou pela Comissão do PNL, foram enviados via correio electrónico.

Após a recepção do e-mail da Comissão do PNL, a Direcção decidiu, tendo em conta as acções de promoção da leitura nos anos anteriores, registar o Colégio Moderno. A lista de livros recomendados pelo PNL foi, então, entregue aos professores do pré-escolar, 1º e 2º ciclos, que, individualmente ou em grupo, seleccionaram as obras a serem trabalhadas pelos alunos. Os critérios que sustentaram a escolha dos livros prenderam-se com os gostos dos alunos; relação com o currículo; importância para o desenvolvimento emocional e cognitivo dos alunos; conhecimento dos professores, etc. Ao mesmo tempo, foi organizado um dossier relacionado com o Plano para consulta dos professores, onde podiam ser feitos comentários ou sugestões sobre as actividades desenvolvidas pelo colégio.

Em paralelo com a implementação do PNL, foi criado um grupo de teatro. O projecto relacionado com o grupo de teatro foi elaborado pelo Conselho Escolar, a partir de sugestões de pais e de algumas representações ocasionais, em anos anteriores, realizadas durante as festas de Natal e de final de ano. O grupo de teatro é composto por alunos de todos os níveis de ensino (um representante por turma, seleccionados em *castings*) e por duas professoras com experiência na área. Apesar de o grupo enfrentar alguns problemas motivados pela falta de espaço, que têm sido solucionados através da utilização temporária dos *ateliers* de expressão plástica e da biblioteca do 1º ciclo para a construção de cenário e realização de ensaios, foi estreada, no Dia Mundial da Criança, a primeira peça encenada pelo grupo.

O PNL nunca foi consultado directamente para o esclarecimento de dúvidas. Os contactos com o PNL são esporádicos. No entanto, a Comissária do PNL, Isabel Alçada, compareceu na abertura da Semana das Línguas, tendo pedido à professora de contacto que enviasse alguns materiais referentes às actividades desenvolvidas pelo Colégio Moderno, após a elaboração de uma grelha de descrição.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais

A professora de contacto concorda com a criação do PNL, argumentando que a iniciativa confronta os problemas existentes na promoção da leitura nas escolas e representa uma oportunidade para melhorar os níveis de leitura da população.

Penso que há nas pessoas que projectaram o Plano Nacional de Leitura...que elas comungam desta preocupação de que os meninos percebam que ler é necessário, é indispensável e que pode ser um prazer. Pareceu-me oportuna...que há sinceras intenções de mudar. Até devia ser há mais tempo.

Os objectivos e critérios que estiveram por trás da criação do PNL são adequados e exequíveis. No entanto, a lista de livros recomendados, apesar de bem estruturada e de seguir uma orientação pedagógica correcta, tem algumas limitações, estando demasiado restringida a autores mais consagrados e populares, “os do costume”. A lista de livros recomendados deveria incluir clássicos e textos científicos, apostando numa lógica assente na transmissão de conhecimentos e de promoção da cultura literária canónica. Deveriam, ainda, ser desenvolvidas novas actividades que promovam uma proximidade entre os alunos e o livro.

Gostei da lista de livros, podia haver um ou outro que podia lá estar...são muitos os do costume. Penso que a lista devia ser melhor, mais alargada, ou ter outros autores...autores mais clássicos, algumas coisas que nós desprezamos mais. Aliás, alguns colegas acrescentaram ao seu programa normal, acrescentaram à lista outros [livros].

As actividades representaram um esforço para reunir mensagens, práticas e orientações que se encontravam dispersas por várias escolas, ou que ainda não chegaram a alguns estabelecimentos de ensino. Estas orientações têm possibilitado uma reflexão estratégica nas escolas, estando por trás de uma certa renovação de métodos pedagógicos. O PNL deverá, assim, continuar a incentivar novos projectos de promoção da leitura, assegurando, porém, que os processos de implementação sejam acompanhados por estudos capazes de indicar aspectos negativos e positivos, numa tentativa de indicar um conjunto de boas práticas que poderão ser seguidas pelas escolas.

Acho que até houve um esforço para levar uma determinada mensagem a alguns sítios onde poderá ser menos praticada [a promoção da leitura], ou onde pode haver professores mais novos que não façam, ou que não tenham tanta experiência ou gosto [pela leitura].

Deste modo, interessa transmitir informações relevantes sobre os impactos do Plano junto das escolas, e que estas, ao mesmo tempo, avaliem os resultados das actividades que desenvolveram. Por outro lado, o PNL deve procurar romper com a normalidade, e mesmo comodidade, que eventualmente poderá surgir com o prolongamento da iniciativa nos próximos anos.

A visibilidade mediática do PNL foi apresentada como um factor importante para uma maior exposição do trabalho das escolas junto das populações e para um interesse renovado das crianças pelos livros. Ao longo da entrevista, a professora de contacto defendeu que o Plano deve promover uma maior articulação entre escolas e assegurar a visibilidade das actividades realizadas pelas escolas.

A nível geral, é necessário que as escolas façam um inventário, ou um balanço, de actividades e efeitos, no sentido de programar novos projectos que sejam capazes de atingir os objectivos do PNL e do currículo. Importa, também, promover um cruzamento de actividades entre escolas de diferentes regiões.

A continuidade do Plano depende de um intercâmbio permanente entre escolas. A formação de professores é outro aspecto a ser desenvolvido pelo PNL. É necessário criar cursos de Língua Portuguesa e de Métodos Pedagógicos, no sentido de promover uma reciclagem de saberes e práticas.

Penso que [o PNL] tem que agarrar este entusiasmo dos professores, por aquilo que vejo...há um entusiasmo, [é preciso] “picar” os professores. Há uma questão que foi posta em evidência e os professores perceberam essa necessidade.

A estratégia de divulgação do PNL foi considerada como razoável, apesar de ter sido mencionada a sua “presença ainda muito reduzida na televisão”. A marca Ler+ teve um efeito positivo, conseguindo transmitir a mensagem e os objectivos do Plano.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

Nos últimos 20 anos, os índices de leitura aumentaram consideravelmente, embora ainda sejam muito reduzidos. Apesar de a leitura ainda ser um hábito restringido a alguns grupos sociais, existe uma tendência de crescimento. O surgimento de jornais gratuitos, por exemplo, é um exemplo da nova importância atribuída à leitura que tem, também, sido observada, recentemente, entre o 2º e 3º ciclos, existindo mesmo um grupo muito significativo de alunos que já possuem hábitos de leitura consolidados.

Existe uma desvalorização da língua que tem conduzido a uma corrupção das regras gramaticais e ao predomínio de horizontes de compreensão limitados. Deste modo, é necessário implementar outras iniciativas que estimulem a promoção da leitura, centradas nos preços dos livros, nas comunidades locais (instalação de bibliotecas de bairro) e nas famílias. Ao mesmo tempo, importa desenvolver projectos em torno das competências de escrita. Por outro lado, o sistema de ensino deve ter em conta os problemas detectados no desenvolvimento cognitivo dos alunos – fazer uma reflexão sobre as políticas de educação dos últimos 30 anos, aproveitando os aspectos positivos obtidos por algumas reformas e experiências pedagógicas.

Fizeram-se 30 anos de situações experimentais, que deu alguns maus resultados e agora quer-se pôr toda esta parte experimental de lado, e não pode ser. Corremos o risco de cair noutra grande asneira e eu acho que temos que reflectir sobre este período de 30 anos, porque nem tudo foi errado. Fizeram-se algumas coisas muito interessantes e abriu-se a cabeça a muita gente.

Sugestões e Propostas

Segundo a professora de contacto, é necessário que o PNL promova a formação de inventários, ou balanços de actividades e, no sentido de detectar possíveis efeitos e sustentar a programação, novos projectos que sejam capazes de atingir os objectivos do PNL e dos programas curriculares. Importa, também, promover um cruzamento de actividades entre escolas de diferentes regiões. A continuidade do Plano depende de um intercâmbio permanente entre escolas.

A partir desses dados [sobre a sugestão de fazer vários estudos] programar algumas coisas que venham inovar um bocadinho. Penso que se pode manter a questão da [Semana da] Leitura, a participação dos pais, isso é positivo. E, depois, cruzar experiências, cruzar regiões, divulgar às escolas, onde as coisas se passaram com interesse. Sem fazer essa análise não se pode programar o futuro.

A lista de livros recomendados deverá incluir clássicos e textos científicos, apostando numa lógica assente na transmissão de conhecimentos e de promoção da cultura literária canónica. Ao mesmo tempo, deverão ser desenvolvidas novas actividades que promovam uma proximidade entre os alunos e o livro. A formação de professores é outro aspecto a ser desenvolvido pelo PNL, tendo sido apontada a necessidade de criar cursos de Língua Portuguesa e de Métodos Pedagógicos, no sentido de promover uma reciclagem de saberes e práticas.

1.9.3. Entrevista a Professores

Perfil dos entrevistados

Professora do 1º ciclo: 57 anos; licenciatura em Estudos Portugueses.

Professora do 2º ciclo: 31 anos; licenciada em Línguas e Literaturas Clássicas.

Coordenador do Departamento de Português: 55 anos; licenciado em Filosofia e Línguas e Literaturas Clássicas.

Ao longo da entrevista conjunta aos três professores que participaram na concepção e implementação das actividades ligadas ao PNL no Colégio Moderno, foi patente um certo distanciamento das actividades do Plano. Numa conversa informal que antecedeu a entrevista, foi indicado que, exceptuando a realização da Semana das Línguas – que concentrou todas as actividades de promoção da leitura desenvolvidas pelos alunos –, o PNL não influenciou a elaboração do plano de actividades do colégio, por existir, segundo o coordenador do Departamento de Português, uma “tradição muito ligada com a divulgação da leitura e da escrita, que a Semana das Línguas vem exactamente concretizar”. O registo do Colégio Moderno no PNL foi apresentado como um acto simbólico de apoio a uma iniciativa que foi considerada pela Direcção, e pelo próprio corpo docente, como importante para a transformação do sistema de ensino.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola / desenvolvidas pelos professores

Foi feito um esforço para que as actividades desenvolvidas no âmbito do PNL partissem de textos ou de métodos pedagógicos inseridos nos currículos, articulando os diferentes níveis de ensino através da realização de actividades.

Tentamos que todos os anos participem nas actividades...tentamos arranjar actividades que estejam relacionadas com o currículo de cada ano, a nível do Português. (Professora do 2º ciclo)

No 1º ciclo, as actividades assentaram em sessões de leitura e elaboração de ilustrações na biblioteca das turmas do 1º ciclo; na realização de jogos em torno das personagens de algumas obras lidas na sala de aula; sessões de leitura com pais e avós. Os alunos do 2º ciclo, para além das actividades de leitura em sala, participaram em *ateliers* de leitura e escrita criativa que funcionam semanalmente (uma hora por semana). Embora não fossem ainda abrangidos pelo PNL, o 3º ciclo e secundário participaram em *workshops* e actividades de desenvolvimento de competências de escrita; concursos de contos e poesia, dedicados aos temas do projecto educativo do colégio. Em todos os anos lectivos são dinamizadas feiras do livro.

Nós temos vindo a desenvolver várias actividades não só relacionadas com o Plano Nacional de Leitura, mas que se integram totalmente naquilo que está a ser feito actualmente. (Professora do 2º ciclo)

Foram, também realizados, regularmente, concursos de leitura e escrita. Durante a Semana das Línguas, foram desenvolvidos recitais de poesia, encontros com escritores, dramatizações, sessões de leitura com a participação de pais, elaboração de uma colectânea de poemas escritos pelos alunos. Ainda neste evento, foram impulsionadas algumas actividades que contaram com a participação de outras escolas – intercâmbios com a EB nº151 (elaboração de um livro sobre o Campo Grande que foi publicado pelo Museu da Cidade), e duas escolas de Amarante e Abrantes.

Durante o processo de registo foi acordado entre o Departamento de Português e a Direcção que todos os níveis de ensino leccionados pelo Colégio Moderno seriam abrangidos pelas actividades de promoção da leitura a serem integradas no PNL, embora o 1º ciclo gozasse de uma maior atenção. De referir que a participação do pré-escolar não foi considerada como prioritária, tendo sido decidido manter as actividades previstas pelo projecto educativo. Para além do Português participaram, na Semana das Línguas, as disciplinas de Inglês e Francês. No 1º ciclo, foi feito um esforço para articular o Estudo do Meio e a Matemática com as actividades do PNL.

Todas estas actividades decorrem nas salas de aula, na biblioteca do 1º ciclo, no Salão Nobre (sessões de leitura e Semana das Línguas) e nas salas de aula atribuídas aos *ateliers* de leitura e escrita.

A organização destas actividades parte das instruções dos programas curriculares. No 1º ciclo, os momentos de leitura em sala de aula são mais flexíveis, dependendo das características dos alunos e progressos obtidos noutras áreas (Estudo do Meio e Matemática).

Eles aderem muito bem [às actividades de leitura]. Tentamos é travar um bocadinho porque eles trazem muitos livros e temos que saber seleccionar e aproveitamos alguns para dar o Estudo do Meio. (Professor do 1º ciclo)

No 2º ciclo, a leitura em sala de aula, para além de estar condicionada pelo programa, obedece a guiões de leitura criados pelos professores. Quanto ao ensino secundário, os contratos de leitura incluíam um guião, a elaboração de fichas de leitura e uma apresentação oral, em aula, da obra que foi lida.

Não é só o Plano Nacional de Leitura que temos que trabalhar, temos que cumprir o programa. (Professora do 2º ciclo)

A utilização dos livros, por turmas, dependia de cada professor e do cumprimento do programa. A maior parte dos livros estão incluídos nos programas curriculares, ou são utilizados por preencherem, de

acordo com os critérios de cada professor, os objectivos traçados pelo projecto pedagógico da escola e do próprio programa. No 1º ciclo, a circulação dos livros foi assegurada pela biblioteca do 1º ciclo e pela biblioteca do colégio, que colaboram na formação de bibliotecas de turma (alguns alunos doam livros à biblioteca de turma). Algumas destas obras faziam parte das recomendações do PNL (Luísa Ducla Soares, Sophia de Mello Breyner Andresen, José Eduardo Agualusa, Miguel Sousa Tavares, Isabel Alçada). No 2º ciclo e no secundário, os livros são adquiridos pelos alunos. Todas as obras são guardadas na biblioteca central, com excepção do 1º ciclo, que deposita os livros nas salas de aula (bibliotecas de turma) ou na biblioteca criada para este nível de ensino.

No 2º ciclo, o tempo despendido nas actividades de leitura segue as indicações estipuladas pelo programa para a leitura de obras integrais (até 1h30 por semana). O 1º ciclo possui blocos horários mais alargados para a leitura, que obedecem aos progressos dos alunos nas diferentes disciplinas; por outro lado, o tempo dedicado ao Estudo do Meio e à Matemática envolveu, também, a leitura de textos e enunciados matemáticos. No caso do secundário, os momentos de leitura são mais reduzidos, estando dependentes dos contratos de leitura assinados pelos alunos e pela calendarização das avaliações (entre 2 a 3 horas por semana, incluindo a leitura dos alunos, em casa).

Todas as actividades de leitura em sala de aula incluíram o desenvolvimento de competências de escrita através de fichas de leitura, recontos e composições (1º e 2º ciclo); comentários críticos (secundário); ou exercícios de escrita criativa a partir de obras que foram lidas na sala de aula (todos os níveis de ensino). No *atelier* de leitura e escrita criativa, foram realizados exercícios de reconto ou de escrita livre, que consistem na atribuição de um novo final a uma história ou no desenvolvimento de uma ideia, ou narrativa, a partir de um excerto. No 4º ano foram também realizadas actividades semelhantes. O 1º ano desenvolveu uma actividade que associava a primeira letra do nome dos alunos a personagens de contos lidos nas aulas. De acordo com o coordenador, o projecto educativo do Colégio Moderno interliga o desenvolvimento de competências de escrita com o desenvolvimento de competências de leitura, tendo mesmo indicado a necessidade de serem criadas medidas nacionais em torno da resolução de vários problemas de expressão escrita detectados nos alunos.

Não há propriamente leitura que se faça, que não tenha a componente de escrita...a leitura e a escrita são componentes que nunca podem ser desligadas...em vez de um Plano Nacional de Leitura devíamos pensar, se calhar, num Plano Nacional de Escrita...não é possível separar as duas coisas. (Coordenador)

No 1º ciclo é regular a utilização de DVDs, da Internet e de alguns jogos de computador didácticos. De acordo com a professora do 2º ciclo, as actividades de promoção da leitura centram-se apenas em livros, procurando, deste modo, fomentar uma relação mais próxima entre os alunos e os livros. No ensino secundário, sempre que possível, a leitura de obras era acompanhada por uma componente audiovisual (filmes, registos sonoros de declamações de poesia, etc.).

O Colégio Moderno celebra, todos os anos, a Semana das Línguas, uma semana temática dedicada às línguas leccionadas no colégio – Português, Inglês, Francês.

Durante a Semana das Línguas, foram atribuídos prémios aos vencedores dos concursos de escrita (contos e poemas) realizados ao longo do ano, que contou com a presença no júri de um escritor convidado (Isabel Alçada) pela Direcção do colégio. O complexo escolar do Colégio Moderno foi decorado com

cartazes com poemas. Foram dinamizados vários encontros de escritores, sessões de leitura com encarregados de educação e uma feira do livro, numa tentativa de incentivar a participação das famílias dos alunos. A realização da feira do livro contou com a colaboração da Livraria Britânica.

A partir do *atelier* de escrita e leitura, realizou-se um *peddy-paper* e foram dinamizadas palestras sobre escritores e livros. No sentido de reforçar os laços entre os diferentes níveis de ensino, foram dinamizadas sessões de leitura onde os alunos do 3º ciclo liam textos aos alunos mais novos. No 1º ciclo, foi realizada uma actividade que consistiu na elaboração de ilustrações que, posteriormente, serviram de inspiração à criação de pequenos contos. Ao longo da semana, as turmas do 1º ciclo receberam visitas de pais, avós e irmãos dos alunos que vieram ler histórias numa sessão de leitura aberta a todos os encarregados de educação.

Houve também actividades promovidas pelos professores destinadas à sala de aula que, normalmente, consistem na realização de sessões de leitura – que se destinam, por vezes, a alunos de turmas de outros ciclos. Durante os dias da Semana das Línguas, os livros de ponto continham marcadores com extractos de poemas, que deveriam ser lidos na sala de aula ou pelos funcionários. Paralelamente, nos dias em que decorreu a Semana, foi aberta uma exposição sobre o aniversário do Colégio Moderno, que contou com mesas redondas com antigos professores e alunos.

Dentro da escola, a divulgação das actividades é assegurada pela professora de contacto do Plano. Fora da escola, as actividades são anunciadas pelo *site* do colégio ou por boletins informativos e convites endereçados aos pais. O jornal do colégio também anunciou algumas actividades que foram desenvolvidas no âmbito do Plano, nomeadamente a Semana das Línguas e os *workshops* de escrita criativa.

De acordo com os entrevistados, ainda não é possível observar resultados ou efeitos do PNL na escola. Ao longo da entrevista, os professores consideraram que o Plano “não trouxe nada de novo” ao colégio, uma vez que as suas propostas e orientações pedagógicas estão muito próximas do projecto educativo da escola.

É difícil responder, se a médio ou longo prazo, se o Plano vem acrescentar ou provocar actividades muito diferentes daquelas que já fazemos, é difícil responder talvez...pronto o objectivo é continuar com estas actividades e melhorar. (Coordenador)

Contudo, a dinamização da Semana das Línguas, ao estar enquadrada com a Semana da Leitura e algumas orientações do PNL, terá provocado um maior interesse dos pais pelas actividades de promoção da leitura.

Este ano até abrimos, nalgumas horas, durante a semana, abrimos a feira do livro somente aos pais para visitarem a feira do livro com os filhos, levando-os a participar na Semana e a criar o gosto pela leituras. (Coordenador)

Embora predomine a ideia que o Plano não implicou transformações na escola, as professoras do 1º e 2º ciclo afirmaram que as actividades e orientações pedagógicas propostas pelo PNL possibilitaram um confronto de métodos e estratégias que veio reforçar o projecto educativo do colégio.

O Plano Nacional de Leitura veio ao encontro daquilo que já fazíamos. Veio também alertar-nos, ainda mais, para esta importância de ler e escrever. Mas, de facto, nós já tínhamos muitas actividades [semelhantes]. (Coordenador)

Todos os entrevistados afirmaram que o PNL não alterou os seus métodos pedagógicos. Desde o lançamento do Plano que os três professores têm mantido as estratégias e práticas que têm sido

implementadas ao longo dos últimos anos no âmbito do projecto educativo definido pelo Departamento de Português.

O Plano Nacional de Leitura na sua organização

Os três entrevistados afirmaram que tomaram conhecimento do Plano através da Direcção do colégio, dos departamentos e de conversas informais com outros professores. Quanto ao processo de registo da escola, todos os entrevistados, incluindo o próprio coordenador do Departamento de Português, afirmaram desconhecer a forma como decorreu o processo de registo, tendo indicado apenas que o processo de inscrição foi efectuado pela Direcção da escola. A escolha dos livros foi decidida pela biblioteca e pela Direcção, a partir de indicações dos professores em reuniões do Conselho Pedagógico. Posteriormente, de acordo com o coordenador, todas as iniciativas que foram delineadas a partir do planeamento inicial das actividades para o ano lectivo 2006/2007, foram ajustadas ao PNL. Foi então definido que a Semana das Línguas decorreria em paralelo com a Semana da Leitura e que as actividades de leitura em sala de aula incluiriam livros recomendados pelo PNL. Os entrevistados afirmaram também que desconhecem o tipo de informação e documentos que foram disponibilizados ao Colégio Moderno.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais

Embora se tenham recusado a comentar a organização e os objectivos do Plano Nacional de Leitura, argumentando que não conheciam a estrutura do Plano, os entrevistados quiseram, no entanto, afirmar que a criação do PNL revelou-se oportuna por ter conseguido desenvolver, em regiões com dificuldades no acesso a livros, processos de promoção da leitura.

Penso que o Plano vai, de facto, dinamizar e vem divulgar mais a leitura sobretudo nas regiões onde as pessoas não estão habituadas a ler....A nível nacional, sobretudo, em algumas regiões do interior, o Plano é fundamental. (Coordenador)

Por outro lado, segundo a professora do 2º ciclo, a lista de livros permitiu ter uma ideia mais detalhada da oferta editorial, contribuindo para uma definição das obras que deverão ser tratadas por cada nível de ensino. Foi também referida a importância da marca Ler+ como um elemento apelativo capaz de resumir a mensagem do PNL.

Outro aspecto que mereceu comentários foi a existência de um alegado desfasamento entre as actividades do 1º e do 2º ciclo, que também poderá ocorrer, mais tarde, entre os restantes níveis de ensino. Com efeito, tanto a professora do 1º ciclo, como a colega do 2º ciclo, referiram a necessidade de desenvolver uma maior articulação entre as propostas pedagógicas do Plano e as exigências do currículo.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

Para os entrevistados, existe entre os jovens um interesse pelo livro, que tem estado por trás do crescimento do sector editorial.

Se for feita uma aposta concreta no desenvolvimento de actividades em torno da literacia funcional, de acordo com o coordenador do Departamento de Português, o PNL, num futuro próximo, poderá vir a

alcançar efeitos significativos. Foi também apontada a necessidade de conceder mais apoios às regiões do Interior, dinamizando a instalação de bibliotecas locais.

Acho que os programas do 10º deviam trabalhar a literacia [funcional] e cá para baixo tem que se trabalhar a leitura. Parece-me que é importante trabalhar estas duas componentes nestas fases. (Professora do 2º ciclo)

Para o coordenador do Departamento de Português, é necessário que o Ministério da Educação acompanhe o desenrolar das diferentes fases de implementação do PNL, através da transformação dos programas de Português e do estabelecimento de uma maior articulação entre os diferentes níveis de ensino. Ao mesmo tempo, deverá ser debatida a hipótese de separar o ensino da gramática e da literatura.

Sugestões e propostas

Os professores não quiseram avançar com sugestões e propostas para o PNL.

1.10. Escola Básica de 1º Ciclo do Concelho de Lisboa²¹

1.10.1. Relatório de visita

Um contacto telefónico com a professora responsável por representar a escola no âmbito do PNL foi estabelecido no final de Março de 2007, com vista à autorização e planificação de uma visita à escola. Nesse contacto, a professora disse que em princípio não haveria problema na marcação dessa visita, mas que antes teria de comunicar a solicitação efectuada ao conselho executivo, ao agrupamento escolar. Sublinhou ainda que a BE não estava a funcionar e que em Maio é que mais actividades relacionadas com o PNL iriam ser desenvolvidas, nomeadamente uma feira do livro. Novo telefonema foi efectuada a 16 de Abril, data que havia sido indicada, e permitiu a confirmação da calendarização da visita.

A primeira visita à escola realizou-se no dia 24 de Abril. Começou por ser visitada uma sala de aula, onde foi possível estabelecer pequenas conversas informais com os alunos. A turma em causa, cuja professora seria uma das entrevistadas, era uma turma de 4º ano.

Os alunos identificaram alguns dos livros que já tinham trabalhado, muitos das colecções *Uma Aventura* e *Viagens no Tempo*. Falaram ainda, por vezes com a ajuda da professora, dos trabalhos que tinham desenvolvido relacionados com os livros. Foram mencionados desenhos e dramatizações. Na sala de aula estavam expostos alguns trabalhos feitos por eles. Foi bastante referida a participação dos pais na Semana da Leitura, que lá foram contar histórias. Os alunos afirmaram ter gostado muito dessa participação, assim como disseram também apreciar a ida regular à sala da *Caixeiro Viajante*, uma senhora que vai lá contar histórias. No que respeita ao gosto pela leitura, os alunos asseguraram gostar de ler, porque aprendem coisas novas e “é interessante”. Afirmaram ler em casa, a maioria sozinhos. Na sala de aula há um armário com alguns livros, às vezes levam-nos para ler em casa.

²¹ Esta escola solicitou não ser identificada.

De seguida, tivemos oportunidade de circular pela escola. Não foram visíveis elementos relativos ao PNL, apenas um ou outro cartaz de concursos, como um concurso de escrita sobre os livros da colecção *Uma Aventura*. Foi ainda visitado o espaço da biblioteca, onde decorreu de seguida a entrevista com duas professoras.

A biblioteca não está propriamente a funcionar. O espaço, que não tem nenhum responsável ou funcionário, está fechado, sendo utilizado normalmente para aulas de apoio. É uma sala bastante pequena, os livros não estão catalogados e encontram-se numas estantes sem nenhum critério de organização aparente. Estão ainda nesse espaço alguns computadores, uma televisão e armários onde são arrumados diversos materiais. É um espaço barulhento, pois através dele acede-se a uma sala de aula, tornando-se em local de passagem para alunos e professores.

As professoras entrevistadas mostraram-se de certa forma descontentes e inicialmente um pouco desinteressadas, principalmente a coordenadora da escola. Esta perguntou qual o motivo da escola ter sido seleccionada para o nosso estudo de avaliação, pelo que foram expostos resumidamente os critérios subjacentes a essa escolha. A professora em questão parecia um pouco surpreendida pela inclusão da escola no estudo, pelo facto de não ter uma BE em pleno funcionamento e por não ter sido uma das escolas abrangidas pelo reforço orçamental. A entrevista durou cerca de 30 minutos.

Uma segunda visita à escola decorreu no dia 27 de Abril, com o intuito de realizar a entrevista com a professora de contacto com o PNL.

A entrevista correu normalmente e durou cerca de uma hora. Embora fosse o seu primeiro ano nesta escola, a entrevistada demonstrou bastante empenho na dinamização do PNL na mesma. No final da entrevista, a professora manifestou alguma reticência quanto à identificação do nome da escola no relatório de avaliação do PNL, achando necessário pedir permissão ao conselho executivo para tal.

Posteriormente à visita à escola, a professora de contacto com o PNL telefonou-nos para comunicar que em conselho de escola tinha sido decidido que os dados recolhidos podiam ser publicados mas que preferiam que o nome da escola não fosse identificado.

1.10.2. Entrevista a Professora de Contacto com o PNL na escola

Perfil da entrevistada

A professora de contacto com o PNL na escola é docente do 4º ano. Licenciada em Professores do Ensino Básico, variante de Português/Francês, leccionou Língua Portuguesa no 2º ciclo durante cinco anos e até ao ano passado.

A entrevistada afirmou ter ficado bastante satisfeita por ter sido nomeada coordenadora do PNL, porque dessa forma pôde dar alguma continuidade ao trabalho que é a sua área, a língua portuguesa. Gostava, contudo, de ter mais formação a nível da leitura e das bibliotecas, porque a formação que teve até agora é mais a nível de temas mais gerais ou técnicos relacionados com a escola e a língua portuguesa.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola

A coordenadora do PNL na escola relatou as actividades que têm sido desenvolvidas e que estão relacionadas de alguma forma com o PNL.

Foi mencionada desde logo a leitura de textos e de algumas obras, realizada dentro de cada sala de aula. Essa leitura incidiu sobre os livros da lista do PNL, ainda que com algumas modificações à selecção feita inicialmente. Devido ao encontro com a escritora Isabel Alçada, que iria ocorrer em Maio, foi reforçada a leitura dos seus livros, por forma a que fosse desenvolvido um trabalho mais relacionado com esse encontro. Assim, algumas turmas que no início não tinham escolhido livros desta autora acabaram por fazê-lo.

A exploração das leituras passou pela sua análise, pela realização de recontos ou resumos, que incluem também a escrita, pela elaboração de cartazes, pela exploração de biografias de autores ou ainda por dramatizações.

Os modos de organização das actividades dependem de cada professor. Enquanto que alguns concentram a parte de língua portuguesa e da leitura de obras durante a manhã, período do dia em que afirmam que os alunos têm um maior poder de concentração, outros optam por inserir essas actividades à medida que vão surgindo temas que as tornam oportunas, disseminando-as ao longo do dia. Por vezes, a leitura é feita pelos professores, outras pelos alunos. A coordenadora do PNL afirmou, no seu caso, potenciar o trabalho de grupo, que permite a partilha de ideias, e a leitura em voz alta pelos alunos, lendo uns para os outros para melhorar progressivamente as competências de leitura de cada um.

O tempo habitualmente dedicado a estas actividades é pelo menos uma hora ou uma hora e meia, que é também aquilo que foi “instituído”.

Os professores tentaram articular as actividades de leitura de livros com o conjunto das actividades curriculares, porque, como afirma a responsável do PNL, há muitas obras que podem ser aproveitadas para trabalhar vários temas, não só de língua portuguesa como de estudo do meio ou de História. Na sua turma, por exemplo, está neste momento a trabalhar o livro *Uma Aventura na Serra da Estrela* e aproveita para ir estabelecendo relações com o estudo do meio.

Uma outra actividade que diz poder inserir-se no PNL é o *Caiçeiro Viajante*. Uma antiga professora da escola, agora reformada, desloca-se lá regularmente, passando por todas as turmas, onde conta histórias às crianças. Esta antiga professora desenvolve esta iniciativa igualmente num outro colégio, onde também leccionou, e tem sido bastante solicitada. A responsável do PNL referiu que a reacção dos alunos é muito boa, que eles gostam muito de a ouvir. As histórias servem também de base para outro tipo de actividades. No caso da sua turma, aproveitou para fazer uma dramatização com base numa das histórias contadas, que eles gostaram muito de preparar e apresentar.

A participação da escola na Semana da Leitura passou pelo envolvimento dos encarregados de educação, que foram à escola ler histórias aos alunos. A professora de contacto com o PNL evidenciou o propósito de que se transmitisse a importância da leitura, e para isso o acharem importante que existisse um suporte escrito, que os pais fossem “ler” e não “contar” histórias.

Estavam ainda planeadas outras actividades até ao final do ano lectivo. Uma dessas actividades foi o já referido encontro com a escritora Isabel Alçada. Todas as turmas estavam a ler um livro ou mais do que um livro desta autora e a preparar trabalhos, a partir deles, para apresentar no âmbito deste encontro. No caso

das turmas de 1º e 2º ano estavam a ser elaborados trabalhos plásticos, que seriam afixados no corredor. As duas turmas de 3º ano iriam fazer uma dramatização e os 4ºs anos uma entrevista. Na turma de 4º ano da professora de contacto com o PNL, iriam também afixar na sala um resumo de um capítulo de uma obra da escritora, com ilustrações e expressão plástica. Os alunos estavam muito curiosos e entusiasmados com a sua vinda.

Estava também prevista a realização da feira do livro na escola no final do mês de Maio, com o envolvimento dos pais, e ainda a visita das turmas de 4º ano à BE de uma escola de 2º e 3º ciclos do agrupamento. O objectivo dessa visita era que os alunos tivessem acesso e se familiarizassem com o funcionamento de uma BE, a biblioteca da escola para onde iriam no ano seguinte.

As actividades realizadas, ou a realizar, focam essencialmente os livros. A não implicação de outros suportes como a Internet é bastante limitada pela carência de recursos a este nível. A escola só possui um ou dois computadores com ligação à Internet e, por isso, a utilização deste meio pelos alunos ocorre essencialmente em casa. Os alunos recorrem por vezes a ele para fazer trabalhos de casa, para consultar biografias de autores, por exemplo. Também há uma carência na escola no que refere a suportes visuais. O retroprojector não se encontra num estado funcional e o espaço não favorece a sua utilização.

Todas as actividades que foram desenvolvidas dentro da escola tiveram lugar nas salas de aula. A BE situa-se num espaço muito pequeno e sem condições adequadas, sem nenhum responsável, que é utilizado para as aulas de apoio do ensino especial. Justifica-se assim que esteja encerrado à generalidade dos alunos, até porque os livros não estão catalogados e não há nenhum controlo efectivo do espaço. Para além dos alunos inseridos no apoio educativo, que consultam alguns livros e utilizam os computadores, os restantes não têm contacto com este espaço. A coordenadora chama também a atenção para o facto de a BE ser local de passagem para uma sala que se encontra junto a ela, o que gera algum barulho.

Como é o seu primeiro ano naquela escola, a professora de contacto com o PNL não pode avaliar as mudanças ocorridas com a integração no PNL. No entanto, fez um balanço muito positivo da experiência.

Todos os professores participaram, contribuíram e interessaram-se pelas propostas que apresentou. Os alunos demonstraram interesse e conhecem inclusivamente o símbolo do PNL. O Plano veio trazer uma maior visibilidade para os próprios alunos da importância do livro e da leitura. Também os pais aderiram bastante à actividade para a qual foi previsto o seu envolvimento.

O que mudou não sei porque é o primeiro ano que aqui estou. Vejo é que a participação é boa a nível dos professores, dos alunos... Os alunos estão interessados, vou falando com eles também sobre outros livros que nós não trabalhamos, mas que há outros... Eles já conhecem o símbolo do PNL, o Ler+. Portanto, vejo que eles têm interesse. Os pais, quando tivemos a Semana da Leitura, que eles vieram contar histórias, também participaram bastante. Portanto, até agora tenho notado que há uma boa adesão.

A coordenadora referiu que, em termos gerais, a participação dos pais na Semana da Leitura foi bastante boa, embora tenham sido ainda muitos aqueles que não puderam participar por motivos profissionais.

As professoras tinham uma grelha com os horários possíveis para a sua participação (no início dos blocos de aulas), durante os cinco dias da semana e num máximo de três participações por dia, e aqueles que estivessem interessados, depois de lerem o convite que as professoras enviaram pelos alunos, inscreviam-se na hora que para eles fosse mais conveniente.

A média de leituras durante a semana foi de cerca de sete por turma. Excepção foi a turma de 2º ano em que houve o dobro ou mais de leituras. Note-se que cada pai lia apenas para a turma do seu filho, na respectiva sala de aula.

Na turma da coordenadora, alguns alunos fizeram questões, mas os restantes mostraram-se muito acanhados, facto de que não estava à espera, revelou a entrevistada.

Para a obtenção daquilo que considera resultados positivos, o PNL implicou de certa forma um acréscimo de preocupação com alguns aspectos ligados à organização e preparação das actividades, o que nem sempre foi fácil já que o tempo era escasso. Na altura da entrevista, por exemplo, estava a ser preparado o encontro com Isabel Alçada e, imediatamente a seguir, seriam realizadas as provas de aferição, pelo que o tempo teria de ser muito bem distribuído, inclusivamente dentro da sala com os alunos.

Confrontada com as declarações das professoras entrevistadas, que disseram não ter notado resultados visíveis do PNL, a coordenadora referiu que isso se deveu ao facto de, no início do ano lectivo, ter existido uma expectativa muito alta. Esperavam-se mais apoios, como a atribuição da verba para os livros, e talvez uma actuação mais directa da parte do PNL.

Quando questionada sobre as perspectivas de futuro e o que na escola poderia ser feito mais a nível do PNL, a entrevistada afirmou que em primeiro lugar têm de tratar da BE. A escola ponderava a organização do espaço da biblioteca, a catalogação dos livros, o registo informático do fundo documental, depois do que gostariam de se candidatar à RBE. Foi a própria coordenadora que, no âmbito do PNL, avançou com informações relativas aos concursos da RBE, mas os professores pensam que uma candidatura só será exequível quando tiverem a BE mais organizada e um espaço menos limitado.

Estamos a pensar organizar o espaço da BE, pelo menos por enquanto, organizar (...) durante as férias de verão. Será difícil ter alguém aqui na BE, um funcionário, mas pelo menos poderemos ter acesso já no próximo ano (...). Aí poderemos ter pelo menos o acesso à BE com os alunos, que eu sei que noutros anos era feito aqui na escola. Só depois disso é que pensamos candidatar-nos então à RBE.

Os apoios que gostariam de vir a ter da RBE são essencialmente o apoio técnico ao nível do registo do fundo documental, e também de formação, porque não há nenhum professor na escola que tenha formação a nível de organização de uma BE e isso pensa que seria importante.

A professora de contacto com o PNL afirmou estar muito envolvida no projecto e manifestou a intenção, caso permaneça na escola, de lhe dar continuidade nos próximos anos lectivos. Pretende também desenvolver o mesmo tipo de actividades, aproveitando a experiência deste ano e corrigindo algumas falhas ao nível da sua organização.

Como é o primeiro ano que temos actividades mais dirigidas só para o PNL, ainda há, a nível de organização algumas falhas... Eu sei que há muitas actividades que teria de ter organizado mais no início do ano, para coincidir algumas actividades, estruturar melhor, e sei que no próximo ano se continuar aqui vou ter isso em atenção.

O Plano Nacional de Leitura na sua organização

A professora indicou que tomou conhecimento do PNL ainda no ano lectivo anterior à sua vinda para esta escola, quando recebeu no estabelecimento de ensino onde estava colocada informação acerca do projecto. Por isso, neste ano lectivo, quando chegou à escola, encontrou também alguma documentação acerca do PNL, em suporte papel, inclusivamente a lista de livros. Posteriormente, o agrupamento enviou-

lhes a *password* para proceder ao registo na Internet e foi nessa altura que a entrevistada foi nomeada coordenadora do PNL na escola. Antes do registo da escola, os professores, agrupados pelo ano de escolaridade que iam leccionar, seleccionaram os livros de entre a lista apresentada.

Essa selecção inicial regeu-se por alguns critérios. Em primeiro lugar, foi tido em conta o grau de dificuldade, já que os livros se encontravam assim agrupados. Os professores decidiram fazer corresponder a cada nível de dificuldade um período lectivo, no sentido crescente, ou seja, “grau 1 no 1º período, grau 2 no 2º período e grau 3 no 3º período”. Em segundo lugar, consideraram adequada a escolha de dois livros por período (para cada ano de escolaridade). Depois, tentaram favorecer os autores portugueses. Finalmente, muitos livros foram seleccionados em função do conhecimento que os professores já tinham deles ou dos seus autores.

Aquando da inscrição no PNL, a escola não apresentou um projecto próprio, pois os professores pensaram que não conseguiriam corresponder ao prazo estipulado e também porque isso requeria uma organização das actividades ao longo do ano – algo que no início do ano lectivo também ainda não estava planeado. O projecto foi sendo construído. Esse é, no entanto, um ponto que a coordenadora espera melhorar no próximo ano lectivo, tendo afirmado que estará mais preparada para saber os vários momentos em que cada actividade poderá decorrer.

Enquanto coordenadora do PNL, a entrevistada é a responsável principal pela organização das actividades. Dois professores auxiliaram-na quando necessário, como foi o caso da elaboração dos convites que enviaram aos pais. Os restantes professores tiveram uma participação menos activa: “Os outros professores participam todos dentro da sala, vão sendo informados. Tenho um dossiê que podem consultar, onde estão, por exemplo, as informações dos livros do PNL que chegam das editoras. E eles participam sempre nas actividades que são propostas”.

A coordenadora estava também incumbida de se ir informando sobre o que ao PNL diz respeito e passar aos professores as informações consideradas mais pertinentes. Para tal, afirmou recorrer à Internet. Consulta frequentemente o *site* do PNL, onde indicou encontrar bastante informação, e também por vezes o *site* da DREL e alguns *sites* de língua portuguesa, que conhece visto ter estado já ligada à língua portuguesa no 2º ciclo, utilizando-os para tomar conhecimento de novidades do PNL, para esclarecer dúvidas e encontrar informação útil à preparação das actividades.

Ainda assim, deu conta da escassa informação que a escola tem recebido do PNL. Se a entrevistada não se informar a título mais pessoal e recorrer à Internet, a informação não passa. Essa falta de contactos pelo PNL gerou também de certa forma a ideia de que os professores estavam a trabalhar “de forma muito individualizada”.

No Dia do Livro, por exemplo, não foi organizada nenhuma actividade na escola porque a coordenadora não se lembrou com antecedência da data. Posteriormente, viu que foram criados alguns cartazes nesse âmbito pelo PNL. Apesar de acessíveis pela Internet, a coordenadora gostava de os ter recebido na escola e de ter sido alertada para essa data. Recordou, contudo, como a conversa sobre o Dia do Livro surgiu na sua aula, por um aluno ter levado um livro que lhe tinha sido oferecido no metro, numa iniciativa ligada a esse dia.

No que respeita à aquisição dos livros para serem trabalhados no âmbito do PNL, já que a escola não obteve financiamento, ela foi feita em parte pelos pais dos alunos, após solicitação de alguns títulos pelas

professoras, não mais do que um ou dois ao longo do ano. Os pais responderam positivamente. Para além destas, algumas obras foram também lidas mas recorrendo apenas a um ou dois exemplares: “Algumas obras são lidas para os alunos, ou pedimos a alguns alunos que leiam durante a aula, e eles têm acesso na sala, mas fora já não têm. E nós temos que comprar ou adquirir de alguma forma os livros”. Na escola tinham também alguns títulos, mas muito poucos exemplares.

Este processo dependeu também dos métodos de cada professor ou da forma como os temas foram trabalhados. No caso do 3º ano, não se optou pela aquisição dos livros pelos alunos e então os poucos exemplares existentes circularam mais, houve mais troca.

Na aquisição dos livros, para além da cooperação dos pais, dizem não ter tido outros apoios. Os pais tiveram conhecimento do PNL e a Associação de Pais foi, como normalmente, sendo informada das actividades que a escola desenvolveu ao longo do ano. Estes nunca colocaram questões sobre o PNL, pelo menos à coordenadora do projecto.

Quando questionada sobre os inconvenientes da inexistência de uma BE devidamente estruturada para a operacionalização do projecto ligado ao PNL, a coordenadora referiu a falta de variedade dos livros e o reduzido número de exemplares de cada obra, assim como o impedimento de utilizar o espaço para a dinamização de actividades e para a familiarização dos alunos com os modos de funcionamento de uma biblioteca.

Os inconvenientes são a falta de variedade nos livros, também de quantidade, porque era bom pelo menos ter dez livros de cada para conseguir trabalhar numa turma, um livro para cada dois alunos. Penso que as dificuldades são mais essas. Também poderíamos aproveitar o espaço da BE para outro tipo de actividades com os alunos, eles fazerem a consulta, começarem a pesquisar, para os alunos de 4º ano isso seria muito importante.

A nível do agrupamento escolar, a única actividade que implicava alguma cooperação era a ida à BE da escola sede, ainda que se tratasse apenas de uma deslocação dos alunos a essa escola com o intuito de conhecerem o espaço. A coordenadora afirmou não saber o que é que as outras escolas do agrupamento estavam a fazer a nível de PNL nem ser usual recorrerem a outras BEs.

A coordenadora considerou que foram cumpridos os objectivos gerais a que se propunham inicialmente, embora com pequenas alterações, como algumas modificações nos livros seleccionados ou, depois de planeadas as actividades, algumas movimentações na sua calendarização.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais

Foi importante a criação do PNL, segundo a sua responsável na escola. A sua justificação assenta na progressão positiva que pensa que se tem registado nos últimos anos ao nível dos hábitos de leitura, que pensa ser importante reforçar e incentivar através do PNL.

Segundo a mesma, a prioridade do PNL devem ser as crianças, tal como está a acontecer, já que é nesta fase da sua vida que elas criam e desenvolvem os hábitos e competências de leitura. A escola tem um papel decisivo na inculcação e no desenvolvimento do gosto pela leitura e só ela permite ultrapassar desigualdades no acesso das crianças aos livros: “Notamos muitas vezes que há crianças que em casa têm mais acesso aos livros, os pais também dão mais importância à leitura, e outros que não têm, e aqui aqueles que não têm podem desenvolver esse gosto”.

A divulgação do PNL na televisão foi considerada muito importante, porque as crianças estão muito ligadas a este meio e vão ouvindo falar também através dele sobre a importância dos livros e vendo o símbolo do programa. Na sua opinião, o Ler+ é bastante sugestivo e o seu grafismo chama a atenção: “branco com verde e vermelho, são cores que sobressaem um bocadinho e é uma forma de chamar à atenção”.

O aspecto considerado menos positivo na forma como o PNL havia decorrido até ao momento foi a falta de apoios sentida ao nível da escola. Para além da não atribuição de financiamento à escola, a escassez de contactos e de informação dirigida pelo PNL gerou de certa forma às professoras a ideia de que estavam a trabalhar de forma muito individualizada.

Nós temos de obter as coisas através de uma acção mais nossa, as coisas não chegam à escola, nós é que temos de ir atrás delas e muitas vezes não sabemos como.

A expectativa em relação ao PNL era contida. A coordenadora tinha receio que “haja um declínio, que se fale muito no início e que daqui a algum tempo já não haja tanto entusiasmo”. Contudo, esperava que os apoios se mantivessem e que aquela escola e outras pudessem ainda vir a ser também contempladas com o reforço orçamental para a aquisição de livros.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

Na opinião da entrevistada, a situação geral do país quanto à leitura tem vindo a melhorar, embora se leia mais nos grandes centros urbanos. Para além das desigualdades, o maior problema é a literacia, o perceber o que se lê, mesmo no que respeita à leitura que é feita nas situações mais básicas do nosso dia-a-dia.

A situação geral, eu penso que já se lê mais, mais nos grandes centros, que eu sou de uma zona interior e vou notando essas diferenças, mas eu penso que muita gente não percebe o que lê. O problema não é o ler, é depois perceber aquilo que se leu. (...) mesmo no dia-a-dia nós vemos alguém a ler um cartaz e não percebe muito bem a informação que é transmitida. Ler não significa que depois as pessoas estejam a perceber muito bem o que estão a ler. Podem estar com um livro e ler mas de uma forma um pouco superficial, penso eu.

Sugestões e Propostas

Algumas sugestões foram apresentadas para melhorar a acção do PNL ao nível da escola. Em primeiro lugar, a entrevistada gostava de receber mais informação e mais suportes que pudesse utilizar, como cartazes para afixar na escola, que “chamam muito à atenção”. Sabe que a Internet é um bom meio de circulação da informação, mas também pensa que seria importante que o PNL enviasse alguns suportes em papel. Já das editoras receberam na escola imensa informação sobre os livros e catálogos, principalmente no início do ano.

Para além disso, a coordenadora desejava ter mais livros na escola, pelo que gostaria de ter mais informação sobre como conseguir o financiamento do PNL. Pensa também que deveria ser disponibilizada mais formação para os professores centrada na leitura e nas BEs.

Precisamente com o objectivo de obter mais informações sobre o PNL e na perspectiva da troca de ideias, a coordenadora inscreveu-se num seminário, ao qual acabou depois por não poder ir, e que contou com a presença da comissária do Plano. Ainda assim, louvou a organização destas iniciativas e revelou esperar que estas se mantenham no futuro.

A um nível mais geral, a coordenadora esperava que a promoção que foi feita no primeiro ano do programa, no seu arranque, não esmorecesse, mesmo a nível de comunicação social, e que lhe fosse dada continuidade.

Por forma a abranger um outro tipo de público para além do escolar, o PNL deveria incentivar o reforço da dinamização de actividades pelas BMs, as quais desempenham nesse âmbito um importante papel.

1.10.3. Entrevista a Professoras

Perfil das entrevistadas

Uma das entrevistadas é professora do 2º ano. A sua formação inicial é de Professora de 1º Ciclo. Grande parte do seu percurso profissional foi feito dentro do 1º ciclo mas no ensino especial, tendo trabalhado durante muitos anos com crianças com necessidades educativas especiais. Este é o primeiro ano, de há uns vinte anos a esta parte, que está a trabalhar com uma turma. É também coordenadora da escola.

A outra entrevistada lecciona o 4º ano. Começou o seu percurso profissional como aluna de magistério, a dar aulas no 1º ciclo. Depois fez a licenciatura na área de Língua Portuguesa, daí afirmar sentir-se muito implicada nas questões da leitura e da escrita. É professora nesta escola há 12 anos. Esteve também ligada a alguns programas educativos, tendo integrado equipas de desenvolvimento de projectos-piloto. Participou, por exemplo, num projecto europeu de combate ao insucesso escolar.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola / desenvolvidas pelos professores

As professoras afirmam estar a desenvolver este ano o mesmo tipo de actividades que sempre desenvolveram. As actividades que assinalaram na ficha de registo do PNL no início do ano são habituais, embora cada professor tenha a sua forma de trabalhar e possa ter optado por umas em detrimento de outras. A exploração que foi feita a partir dos livros foi deixada ao critério de cada professor.

Para a professora de 2º ano, é importante uma abordagem que evidencie a utilidade da leitura e também o lado lúdico dos livros, “para que a criança goste do livro e não exista um efeito perverso”. A exploração dos livros tem um percurso que acompanha as competências de leitura dos alunos, as quais no ano que lecciona são ainda muito elementares. Depois de fazer as leituras, a professora começou por pedir a participação dos alunos na compreensão do texto. Agora trabalha também muito à base da sintaxe. As actividades desenvolvidas também dependem muito, afirma, da adequação do livro que se trabalha, do que o livro permite fazer.

Segundo a coordenadora da escola, houve algum esforço da parte dos professores em trabalhar os livros indicados pelo PNL.

Tem havido algum esforço nesse sentido, não quer dizer que se tenha seguido à risca, mas tem-se feito os possíveis para ler, e depois cada professor trabalha à sua maneira, os livros que estão aconselhados pelo PNL.

Embora tenham referido o esforço de escolher sempre dentro do possível livros que integravam a lista indicada pelo PNL, acabaram por confessar que não se limitaram a essa lista. As professoras optaram também por trabalhar livros que já conheciam e que já haviam explorado anteriormente.

O PNL não nos obriga a que tenhamos de seguir aquilo religiosamente. Eu já trabalhei livros que não estão lá, mas eu acho-os interessantes, gosto deles e portanto vou explorá-los. Portanto, o PNL não nos deixou só a olhar em linha recta. Escolhemos aqueles livros que achamos interessantes e adequados e que já temos história com eles também no passado.

Já que esta escola não possuía grande parte dos livros indicados, que haviam escolhido inicialmente, nem nas quantidades desejáveis, e não obteve financiamento para adquiri-los, os professores recorreram a meios alternativos para os conseguirem. A professora de 2º ano pediu aos pais dos alunos que os adquirissem, optando pelos livros de custo mais reduzido. De uma maneira geral, os pais aderiram e não levantaram questões.

Recorre-se ao método que dá mais jeito para os adquirir. Escolhem-se os livros mais baratos, desde logo é um critério, pelo menos eu é o que faço, eu os professores de 2º ano, e pede-se aos alunos que os comprem.

A professora de 4º ano referiu que normalmente opta por livros cujos temas e conteúdos sejam oportunos, relacionados com matérias que estão a ser estudadas. Ao longo do ano trabalhou os livros da colecção *Viagens no Tempo*, que diz interessar-lhes na perspectiva Histórica, já que são alunos do 4º ano. Foi lido diariamente um capítulo do livro e depois feito o resumo colectiva ou individualmente. Foram ainda mencionadas outras leituras, como a história do *El-Rei Tadinho* ou os poemas da Sophia de Mello Breyner Andresen.

Recorreu-se ainda a fichas de leitura, que são aliás preenchidas regularmente, “com o tempo da história, o local, o autor, as partes em que o texto se divide, o início da história, o fecho...”, e realizados trabalhos de expressão plástica.

Também em sala de aula é normalmente feita, no caso do 4º ano, a leitura de poemas pelos alunos, um tipo de leitura “interactiva, de poemas, por vozes, como se fossem personagens. A partir de um poema, um grupo faz um bloco do poema, outro faz outro bloco, depois decoram-nos e interagem como se fosse quase uma canção ou uma quadra, estão habituados a fazer isso e gostam imenso”. Também no texto dramático, disse, eles gostam de encarnar as personagens e então representam-no depois da leitura.

A professora de 4º ano referiu ainda as visitas de estudo ao Museu da Cidade, onde foram desenvolvidas actividades relacionadas com os livros que estiveram a ler das *Viagens no Tempo*, sobre a cidade de Lisboa e sobre a História da cidade.

O Dia do Terramoto, por exemplo, teve tudo a ver, e quando foi *Um Cheirinho de Canela* eu fiz questão que eles fizessem a visita ao museu para verem a máquina quinhentista e toda aquela orgânica relacionada com os Descobrimientos.

Foi mencionada também a cooperação de uma antiga professora que se desloca regularmente à escola, às turmas, explorando livros e histórias e desenvolvendo actividades com eles relacionadas.

O envolvimento de pais e encarregados de educação surgiu com a Semana da Leitura. Durante essa semana os pais foram às salas de aula ler histórias aos alunos. A actividade intitulou-se *Conta-me uma história*.

No caso do 4º ano, os contos apresentados pelos pais foram depois trabalhados pelos alunos. Uma aluna, que foi contemplada, trabalhou-os na perspectiva da participação num concurso literário. Os outros alunos fizeram “a continuação da história e mistura de histórias, para eles estarem com atenção e gostarem de saber e se incentivarem a ler”.

As actividades desenvolvidas não implicaram outros suportes para além do livro. As professoras afirmaram privilegiar o livro, que aliás pensam ser o elemento central do PNL, porque é importante “pegar no livro, manuseá-lo, mexer nele”, “habituaem-se aos livros”. Ambas asseguraram ter dedicado diariamente cerca de uma hora à leitura e à exploração da leitura.

Estavam ainda programadas algumas actividades até ao final do ano lectivo: a realização de uma feira do livro, o encontro com um escritor e, no caso do 4º ano, uma visita de estudo à biblioteca da escola sede, a escola para onde os alunos iriam no próximo ano lectivo.

As actividades que a escola foi promovendo foram sendo divulgadas nas reuniões de pais e no jornal da escola. A solicitação da cooperação dos pais nas actividades da Semana da Leitura foi feita através de uma participação que os alunos levaram para casa.

A adesão dos pais às actividades da Semana da Leitura foi considerada muito positiva por ambas as professoras. A semana foi preenchida com duas, quatro ou até cinco leituras por dia, o que foi referido com grande satisfação.

Mas, para além da Semana da Leitura, as professoras afirmaram que as actividades ligadas à leitura propostas pelo PNL eram já habituais na escola. Por isso, os resultados deste ano são os que sempre tiveram, não tendo o PNL trazido nada de diferente, nem para professores nem para alunos. Os alunos já estavam habituados ao tipo de actividades desenvolvidas este ano.

As actividades que desenvolvemos sempre aqui, e isto é um projecto muito antigo desta escola, tiveram sempre a ver com a leitura de contos, de poesias, com trabalhos plásticos relacionados, com exposições, com trabalhos dos alunos sobre as leituras. Portanto os nossos alunos não estranharam nada nem acharam nada diferente, nem nós, porque sempre desenvolvemos este tipo de actividades. De uma maneira geral, isso foi uma coisa que sempre se praticou. Portanto não tem de haver resultados visíveis, porque os resultados são aqueles que sempre tivemos. Os nossos alunos de uma maneira geral são alunos empenhados na escrita, na leitura, porque gostam, porque estão acostumados.

Ainda assim, a não existência de uma BE em pleno funcionamento e a transição organizativa por que a escola passou são factores que condicionaram de certa forma um maior envolvimento da escola no programa.

A mudança organizativa na escola a que as professoras constantemente se referiram diz respeito à alteração, imposta pela lei, do seu regime de horários, que passou do regime duplo para o regime normal (com o alargamento do horário e a inclusão de Actividades de Enriquecimento Curricular). Isso implicou prescindir de espaços, como parte da biblioteca, para salas de aula.

Tínhamos uma biblioteca que funcionava com actividades, entretanto tiram-nos metade da biblioteca para meter uma turma. Agora é um ponto de passagem, está uma sala de aula aqui dentro... Não há espaço para dinamizar as actividades, não há sossego para os meninos estarem aqui num momento de leitura com gente constantemente a entrar e a sair.

Apesar de reconhecerem a necessidade de reorganizar o espaço da BE, pensam ser muito difícil fazê-lo nestas condições. Quando convidadas a avançar com eventuais soluções e questionadas sobre uma possível candidatura à RBE, foi indicado que, por enquanto, face as actuais circunstâncias, e sem espaço suficiente para a BE, não vislumbram hipóteses de serem integradas.

Na sequência de uma outra questão acerca da existência de outras escolas do agrupamento com BEs pertencentes à RBE e da articulação a este nível, uma das professoras afirmou que pensa que há uma outra

escola com BE integrada na RBE, embora não tenha conhecimento se esta obteve financiamento do PNL, mas não costumam frequentá-la porque “houve uma mudança muito grande na dinâmica de funcionamento da escola, não houve uma adaptação ainda, não há clima para andar com crianças de um lado para o outro, de ir ter aulas noutra sítio”. Embora reconheça que seja eventualmente um recurso que pode ser aproveitado, a entrevistada tem também dúvidas quanto à sua exequibilidade, no que respeita à existência de condições dessa outra BE do agrupamento para comportar a afluência regular de alunos vindos de uma outra escola.

O PNL também não trouxe nada de muito diferente à escola, pelo facto de ela não ter obtido o apoio financeiro do PNL para a aquisição dos livros, aspecto também bastante focado pelas professoras.

A nível do trabalho, pensam que fizeram o que as orientações pediam, pelo que no futuro gostavam de beneficiar de algum apoio a nível de recursos materiais. Afirmaram que elas próprias irão reflectir sobre a forma como decorreu a aplicação do programa na escola e que vão esforçar-se por melhorar o que for necessário para poderem ter acesso aos apoios do PNL, que consideraram importantes para a escola.

Agora que o ano vai acabar vamos reflectir um bocadinho mais sobre como decorreu isto e o que é que é necessário para realmente termos esses apoios, e depois iremos fazer aquilo que for necessário para darmos um bocadinho mais de sentido aqui às coisas e integrarmo-nos um bocadinho melhor no PNL. Se bem que dentro do trabalho estivéssemos, acredito é que estivéssemos um bocadinho à parte, a trabalhar mas não completamente integrados.

Temos que sobretudo fazer com que o PNL venha beneficiar mais a nossa escola, a escola em si, a nível de recursos, porque a nível de trabalho com alunos não estamos muito preocupados porque nós trabalhamos. Agora o que gostávamos era de equipar também a escola, já que podemos beneficiar dessa vertente, gostávamos de no próximo ano e nos anos seguintes poder então beneficiar digamos que materialmente. (...) Por enquanto só temos trabalho, não temos a outra parte!

O Plano Nacional de Leitura na sua organização

A inscrição no PNL foi feita pela professora de contacto com o PNL na escola, mas a decisão de registo e a escolha dos livros foi de todos os professores.

Embora inicialmente manifestassem a sua convicção da obrigatoriedade da inscrição, as professoras acabaram depois por afirmar que não a encararam como obrigatória, mas sim como algo positivo para a escola. A candidatura ao PNL foi em larga medida motivada pela convicção inicial, depois frustrada, de que a escola iria receber os livros seleccionados no início do ano. Quando aderiram, as professoras partiram do princípio que iriam ter livros para todos os alunos. Aliás, pensavam que todas as escolas os iriam receber e mostraram não estar ainda suficientemente esclarecidas sobre este assunto.

Do PNL não receberam nenhuma informação acerca da atribuição da verba e não houve a preocupação de saber se a escola tinha os livros, e como é que iria fazer para prosseguir o seu projecto, o que foi criticado. Assim, tiveram de usar métodos alternativos, pedindo, como já referido, aos alunos para comprar os livros ou utilizando livros disponíveis não pertencentes à lista do PNL.

Porque é que não fomos contemplados? A pessoa adere mas partindo do princípio que vai ter livros para todos os meninos. (...) Eu parti do princípio que aquela lista de livros que nós solicitámos, apresentada como aconselhável para desenvolver as leituras nas escolas, que era logo ponto assente que ia ser entregue nas escolas. Mas até à data ninguém soube de nada. Se há algum ponto a referir negativamente ao PNL é isso, é que não disseram mais nada, não se preocuparam se a escola tinha esses livros ou não tinha (...). Nós trabalhamos na mesma, os meninos que podem compram os livros compram... e se não trabalharmos os livros do PNL trabalhamos outros.

As professoras questionaram-se bastante acerca dos critérios que levaram à selecção das escolas pelo PNL para atribuição da verba de reforço orçamental. Afirmaram não ter conhecimento dos mesmos. Quando confrontadas com a possibilidade de o facto de a escola não ter uma BE que se apropriasse dos livros e que pudesse assegurar a sua dinamização ter jogado em seu desfavor, a coordenadora da escola admitiu que de facto poderá ter mais sentido fornecer quantidades de livros a uma BE que está organizada e que inclusivamente pertença à RBE. Mas por outro lado, disse que desta forma é perpetuado o atraso e as piores condições de trabalho: “as que não pertencem e não estão organizadas ficam sempre para trás”.

Face alguma falta de informação demonstrada sobre estes pontos, as entrevistadas foram questionadas acerca da utilização do *site* do PNL. Uma das professoras afirmou que a coordenadora do PNL na escola o visita regularmente e lhes vai dando ideias e transmitindo informações. Ambas admitiram, contudo, não ter estado muito atentas ao que se passou a nível de PNL e não terem recorrido muito ao sítio na Internet dedicado à sua divulgação. Mencionaram, ainda, que a necessidade de organização interna na escola, devido às alterações organizativas levadas a cabo este ano, não as deixou suficientemente disponíveis para se “abrirem ao exterior”.

Eu reconheço que não tenho ido muito ao *site* verificar o que é que há, reconheço que não vou muito lá, e portanto foi desenvolvido assim um bocadinho domesticamente dentro da escola... Porque eu acho que esta escola mudou muito, houve uma transformação tão grande que não deixou as pessoas muito disponibilizadas para estarem abertas muito lá para fora.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais

Ambas as professoras não tiveram dúvidas em afirmar que a criação do PNL é bastante oportuna e louvaram a iniciativa, que consideraram ter uma função para cumprir. Embora na sua escola seja prática corrente cada professor à sua maneira desenvolver e incrementar hábitos de leitura, reconheceram que há escolas em que tal pode não acontecer e, mesmo dentro de uma mesma escola, existem sempre professores mais sensibilizados do que outros para a promoção da leitura. Quando se tornam essas práticas “obrigatórias”, como referiram, há ainda um maior comprometimento por parte dos professores.

Numa escola há vários professores e há sempre uns que são mais sensibilizados para essa área do que outros, e quando há uma obrigatoriedade, as pessoas que estão menos sensibilizadas sentem-se mais na obrigação de dar um bocadinho mais de atenção porque faz parte do projecto. Daí que eu acho que o PNL tem alguma razão de ser. Não digo que nesta escola seja assim dos casos mais gritantes, mas nalgumas escolas se calhar é muito importante.

Quando convidadas a tecer alguns comentários apreciativos acerca do PNL em termos mais gerais, nomeadamente acerca da forma como havia decorrido até ao momento, as professoras revelaram algum desconhecimento acerca do contexto mais abrangente da sua aplicação e não se mostraram muito informadas acerca das acções levadas a cabo. Ao nível da escola, referiram alguma falta de apoios e afirmaram ter desenvolvido o projecto com os seus próprios meios e recursos.

Eu nem sabia muito bem sequer se o PNL ainda estava a funcionar (...). Até agora a única coisa que nós temos feito é desenvolver as coisas à nossa maneira e com os nossos recursos.

A não atribuição de verba à escola para a aquisição de fundo documental e a inexistência de um contacto da parte do PNL para esclarecer esse assunto são pontos menos positivos. Também foram

apontados problemas ao nível dos espaços físicos da escola para a promoção da leitura. Pensam que é um pouco contra-senso implementar um projecto ligado às BEs, à promoção da leitura, quando depois não há espaços físicos para o desenvolver.

As entrevistadas confessaram ter a expectativa de que o PNL venha a ajudar de algum modo a sua escola e a reconstituição da BE, através da atribuição de apoio financeiro para a aquisição de livros, daí comprometerem-se a fazer um esforço para reflectir e melhorar o que for necessário, pedindo orientações se for caso disso, para o conseguirem.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

A situação geral do país quanto à leitura e à literacia foi considerada preocupante. O PNL pode contribuir para melhorar essa situação reforçando os meios das escolas para promover a leitura e compelindo todos os professores a desenvolverem actividades com esse intuito.

Sugestões e Propostas

A sugestão das professoras para o PNL é que no futuro ele intensifique os seus apoios, particularmente o apoio financeiro para a aquisição de fundo documental, concedendo-o não só às escolas que já estão minimamente organizadas como àquelas que precisam de se levantar e de se organizar. Que este possa apoiar também as escolas sem BEs ou com BEs menos organizadas, impulsionando, através da atribuição de apoio financeiro para a aquisição de livros, a implementação ou dinamização destes espaços.

Foi também recomendado que no futuro seja estabelecido um contacto mais directo entre o PNL e as escolas para a difusão de informações relativas à sua implementação.

1.11. Externato “O Casulo” (Lisboa)

1.11.1. Relatório de visita

No primeiro contacto telefónico com o externato, em Março de 2007, começámos por falar com a professora de contacto com o PNL, mas esta logo nos dirigiu para a presidente do conselho pedagógico (também professora), a quem tínhamos de pedir autorização para a ida à escola. A presidente disse-nos que o colégio é muito pequeno, tem poucos alunos²² e praticamente só tem duas pessoas a trabalhar no PNL, a própria e a professora de contacto, e que ela teria muita dificuldade na marcação de uma data para a visita, devido à sua falta de disponibilidade, resultante do cargo que ocupa. Referiu também não terem desenvolvido muitas actividades para o PNL. Depois de alguma insistência da nossa parte, foi-nos dito que, caso mantivéssemos o interesse, deveríamos voltar a contactá-la no início do 3º período.

²² O externato “O Casulo” tem 32 alunos de 1º ciclo e 9 de pré-escolar. Trabalham aqui duas professoras de 1º ciclo, uma educadora, e ainda dois outros professores que se deslocam ao colégio para dar aulas de inglês e música.

Num novo telefonema, a 13 de Abril, a presidente do conselho pedagógico mostrou-se um pouco mais receptiva à nossa ida à escola. Foi-nos solicitado o envio de um e-mail, onde se explicasse o objectivo e o plano da visita, para que fosse depois pedida autorização à administração do externato. Depois de imediatamente enviado o e-mail e face à não obtenção de resposta, voltámos a contactar telefonicamente a presidente, em 7 de Maio, e esta comunicou-nos que só seria possível a visita depois das provas de aferição. Acedemos e foi então possível a marcação de uma data.

A visita ao externato foi efectuada no dia 29 de Maio. A entrevista foi feita conjuntamente à professora de contacto com o PNL no colégio e à presidente do conselho pedagógico, também professora. Considerámos preferível uma entrevista conjunta neste caso, não só pelos constrangimentos de tempo manifestados, mas também porque era perceptível que as duas professoras estavam implicadas de igual forma no projecto, visto serem as únicas docentes de 1º ciclo no colégio. A entrevista durou cerca de uma hora. Embora um pouco renitentes de início, ambas as entrevistadas foram-se mostrando mais “abertas” e participativas com o decorrer da entrevista.

Depois da entrevista, foi feita uma pequena visita guiada pelo colégio. Este ocupa o primeiro andar de um prédio de habitação e os espaços que o compõem são bastante pequenos. Foram visitadas duas salas de aula de 1º ciclo, uma pequena recepção, uma sala de trabalho, onde se encontravam alguns computadores (estavam tapados, dando a sensação que não são utilizados muito regularmente) e estavam arrumados alguns livros e outros materiais, e ainda um terraço para onde os alunos vão no recreio (esta era o compartimento mais espaçoso). Do outro lado do prédio, ficava a sala do JI. Não foram visíveis quaisquer elementos relativos ao PNL.

O externato não dispõe de BE, mas cada sala tem uma pequena área com livros, aquilo a que chamam “cantinho de leitura”. Nas salas de aula estavam expostos alguns trabalhos feitos pelos alunos e alguns cartazes de concursos relacionados com a leitura e a escrita. Existe também em cada sala um armário onde estão guardados dossiês com trabalhos de alunos, como uma compilação de contos e desenhos feitos por eles já em anos anteriores.

1.11.2. Entrevista a Professora de Contacto com o PNL na escola e a Professora

Perfil das entrevistadas

A professora de contacto com o PNL na escola é docente neste colégio há 35 anos. Lecciona neste momento o 3º e 4º anos.

A outra entrevistada é presidente do conselho pedagógico e lecciona o 1º e 2º anos. É professora no externato há 27 anos. Anteriormente trabalhou num outro colégio pertencente à mesma entidade patronal, onde esteve 12 anos.

Ambas possuem o antigo curso de professores primários, que terminaram no final da década de 60.

Quando questionadas sobre que actividades relacionadas com o PNL desenvolveram este ano, as entrevistadas acabaram por mencionar actividades que consideram fazer parte da sua prática lectiva normal e já enraizada, comuns já nos anos anteriores. Segundo afirmam, não foi criada nenhuma actividade específica no colégio pela sua integração no PNL. A única excepção e novidade foi a ida dos pais à escola durante a Semana da Leitura para ler e representar histórias e recitar poemas. O PNL acaba por estar aqui bastante associado a esta iniciativa.

As professoras nem sabem bem como surgiu a ideia, mas terão falado aos alunos na Semana da Leitura e pedido-lhes para que transmitissem aos pais que, caso estivessem disponíveis, fossem à escola contar uma história naquela semana. E começou tudo a surgir assim. Os pais em resposta diziam as horas a que podiam ir e, a partir daí, foi estabelecido um horário, tipo calendário, consoante as suas possibilidades.

A Semana da Leitura foi muito preenchida, porque houve colaboração de praticamente todos os pais. Os próprios filhos faziam pressão para os pais participarem. As professoras ficaram admiradas com a grande aderência dos encarregados de educação, particularmente no que respeita ao 1º e 2º anos, já que afirmam que geralmente ela é mais frequente nos anos que se seguem.

Com maior ou menor à vontade, os pais participaram e levaram a sua história. As histórias foram escolhidas entre pais e filhos, as professoras não orientaram essa escolha. Por vezes os filhos colaboravam com os pais na dinamização das actividades, apoiando a leitura com representação.

Proporcionaram-se momentos muito engraçados e os alunos gostaram muito, “tanto que batiam palmas”, segundo as professoras. Todos os anos de escolaridade foram abrangidos com estas actividades, tendo as turmas assistido em conjunto às mesmas.

Embora tenha sido a primeira vez que pediu aos pais para dinamizarem este tipo de actividades ligadas à leitura, a coordenadora do PNL referiu ter o hábito de pedir a sua colaboração ocasionalmente.

Os pais virem contar histórias foi o primeiro ano. A participação dos pais noutros aspectos, não. Sempre que posso arranjo alguém consoante aquilo que se está a dar, alguém de dentro da área que tenha conhecimentos profundos... Evidentemente que têm de se preparar para falar com crianças destas idades, mas eles conseguem. (Professora de contacto com o PNL na escola)

Quanto à leitura em sala de aula, a prática corrente é, depois da leitura do livro, fazer a exploração daquilo que se leu. Essa exploração passa pelo reconto da história pelos alunos ou por perguntas de interpretação, “para ver até que ponto é que eles estiveram atentos à história”. A leitura de textos serve também de ponto de partida para trabalhar a Língua Portuguesa.

As professoras referiram não ter um período de tempo específico para dedicar a esse tipo de trabalho, sendo bastante variável. Por exemplo, no dia anterior, os alunos da turma de 1º e 2º anos “estiveram a ler um texto, a responder a perguntas de interpretação, depois gramática, depois já se tinham esquecido das classificações morfológicas e foram vários ao quadro fazer análises de palavras e classificá-las. Ontem foi o dia dedicado à língua portuguesa”.

Foi também muito referida pela coordenadora do PNL a “leitura de recreio” ou a leitura realizada no final do tempo lectivo. A leitura de livros é proposta às crianças quando estas têm tempos mortos, como por exemplo, quando no final da aula acabam mais cedo o seu trabalho. A própria professora confessa remeter

muitas vezes para o final da aula a leitura de livros, sem dia específico. Quando se despacham mais cedo e sobra tempo, aproveitam para continuar a ler o livro que habitualmente lêem em conjunto na sala.

Às vezes são os professores a ler e outras os alunos. Mas, confessaram, quando escolhem um livro para os alunos, preferem ser elas próprias a lê-lo em voz alta, porque “uns lêem devagarinho ou lêem baixinho, outros ficam com medo de não fazer a pontuação correcta, e perde-se um bocado”, têm receio que eles percam o fio à meada.

Quando a professora lê um livro em voz alta para os alunos, como não há exemplares para todos, eles limitam-se a ouvir. Quando questionadas acerca das possíveis vantagens da existência de pelo menos um livro para cada dois alunos, as professoras afirmaram não existirem, assegurando que eles não estarão mais atentos pelo facto de terem ao seu alcance o livro e seguirem a leitura, o que se calhar alguns nem conseguem fazer ainda. Com os livros eles dispersam-se mais, têm a atenção mais repartida.

Assim eles estão atentos, eu leio um capítulo e faço perguntas e verifico que eles estiveram mesmo atentos e sabem responder, perceberam e ouviram, e eles não têm o livro à frente. (Professora de contacto com o PNL na escola)

Devido à sua pequena dimensão, o externato não dispõe de uma biblioteca. Contudo, cada sala de aula tem uma pequena área com livros, denominado “cantinho de leitura”.

Os livros trabalhados este ano foram, tal como habitual, livros que já existiam na escola e também alguns que os alunos foram levando de casa, para além do manual escolar, sem que existisse a preocupação de corresponder à lista proposta pelo PNL. Aos pais também não foi solicitada a compra de livros da listagem.

No caso do 3º e 4º anos, a maioria dos livros lidos são da colecção *Uma Aventura*, os quais a professora já conhece e que os alunos gostam muito: “Eles adoram aquilo, porque eles próprios às tantas estão metidos nas aventuras (...). E têm sempre um bocadinho de História, ou a maioria, e eles interessam-se muito por isso.”. Não houve por isso a preocupação por parte da professora de verificar a sua adequação para os anos em causa. Foram também referidos alguns livros de Alice Vieira. A professora do 1º e 2º anos afirmou estar mais condicionada na escolha dos livros, porque os seus alunos são muito pequenos ainda, por isso tem de trabalhar histórias mais infantis. São muitas vezes livros que eles levam de casa e que às vezes deixam lá ficar.

É habitual os alunos levarem os seus livros para a escola, para trocarem entre si ou para serem trabalhados na escola. Os livros que se encontram na “biblioteca” da sala de aula podem também ser requisitados pelos alunos. Os próprios alunos fazem a requisição, preenchendo a folha apropriada para tal.

Dos livros que escolheram no início do ano quando se registaram no PNL, recordam-se dos de António Mota, cuja selecção foi justificada pelo facto de existirem textos desse autor nos manuais escolares, o que possibilita a sua articulação com os livros. Um dos trabalhos realizado pelos alunos foi registar a biografia do António Mota.

São ainda referidas, como forma de exploração dos livros, as fichas de leitura e as ilustrações - representar uma história lida através de banda desenhada ou representar a cena que mais marcou cada aluno. Por vezes também escrevem textos e teatros - vão agora fazer um teatro que eles próprios escreveram.

As actividades realizadas centram-se nos livros. Quando questionadas acerca da implicação de outros suportes, como a Internet, ou mesmo da utilização de outros recursos e meios, como a projecção de

diapositivos, dizem que não é habitual e desvalorizam-nos um pouco, afirmando que o mais importante é mesmo o contacto com o livro e que esse tem de ser feito na escola.

Acho que tem mais impacto o nós estarmos a apresentar o livro do que esse tipo de meios audiovisuais. Isso ainda podem em casa fazer com os pais e os pais motivarem-se para isso, agora propriamente o contacto físico com o livro, se não for feito na escola, é capaz de ser um bocado mais difícil. (Professora do 1º ciclo)

O recurso dos alunos a dicionários na Internet, por exemplo, é visto com alguma desconfiança pelas professoras. Estas revelaram o incentivo que dão aos alunos para que eles se habituem a ir procurar o significado das palavras que desconhecem, mas não através deste meio.

Entre as actividades realizadas fora do espaço escolar, destacam-se as idas à Biblioteca Municipal (a Biblioteca Municipal Central, no Palácio Galveias). As professoras referiram levar lá os alunos frequentemente, aproveitando a proximidade geográfica. Este ano foram inclusivamente facultados cartões de leitor às crianças, que lhes permitem a requisição de livros.

As professoras já lá têm participado em várias actividades com os alunos, que recordam agradavelmente. São disso exemplo a leitura de histórias e posterior actividade relacionada ou os encontros com escritores. Contudo, este ano não foram tantas as iniciativas da BM e mesmo o previsto encontro com um escritor para a Semana da Leitura não veio a realizar-se.

A senhora da biblioteca era para arranjar um escritor que pudesse contactar com eles, embora não fosse novidade, mas não se conseguiu. Estava previsto para a Semana da Leitura, seria a Luísa Ducla Soares. (Professora de contacto com o PNL na escola)

Era também habitual o convite da BM para as actividades do Dia da Criança que organizava na Feira do Livro, mas este ano tal não aconteceu.

A actividade dinamizada pela BM que mais destacaram deste ano, e que foi principalmente apreciada pelos alunos de 1º e 2º anos, foi uma sessão sobre a construção do livro e as suas várias componentes, que ocorreu no início do 1º período e motivou a realização de um trabalho com perguntas sobre o que lá tinha sido falado.

Quando fomos à biblioteca, a senhora explicou-lhes a construção do livro, a capa, a contracapa, os livros para bebés... Eu depois fiz uma fichazinha e eles mais ou menos sabiam... (...) “Como é formado um livro?, Quem é que escreve um livro?, Os livros para crianças têm só texto?, De que são feitos os livros dos bebés e dos meninos dos 3 aos 5 anos?, (...) O que é uma biblioteca?”. Foi o trabalho que eles fizeram depois da visita ali (...). O nascer do livro, eles acharam muita piada... (Professora do 1º ciclo)

Segundo as professoras, o PNL não veio acrescentar nada de muito diferente àquilo que já era a sua prática lectiva. Não é de agora que se trabalha a leitura na escola, segundo afirmam. Por exemplo, os alunos já tinham o hábito e eram incentivados a trazer um livro na pasta para irem lendo.

A maior novidade este ano associada ao PNL foi o envolvimento dos pais em actividades da escola ligadas à leitura e a sua adesão, considerada como surpreendente e muito positiva. O PNL poderá também ter alertado os pais para a importância deste tipo de práticas e legitimado-as perante estes.

Eu acho que aqui o efeito do Plano Nacional de Leitura foi de facto empenhar os pais nesse assunto. (...) Quando muito pode ter alertado um ou outro pai um bocadinho mais (...) e foi o facto de eles virem cá. Porque de resto, já implementávamos isso há muito tempo. (Professora do 1º ciclo)

Ainda assim, as professoras reclamam para a escola o papel central na inculcação de práticas de leitura. Não crêem que grande parte dos pais tenha muito empenho e disponibilidade em relação a isso. Alguns “põem a televisão no quarto dos meninos, dá menos trabalho”.

Relativamente à BM, foi manifestada alguma decepção por este ano não terem encontrado nela o suporte a que estavam habituadas em termos de promoção da leitura, num ano de PNL em que a sua acção devia ter sido reforçada. O aspecto mais positivo a esse nível foi a atribuição de cartões aos alunos, que dão acesso à requisição de livros. Contudo, não sabiam se esta iniciativa surgiu pelo PNL ou se surgiria na mesma dado serem frequentadores regulares da BM.

O balanço do PNL mistura-se com o balanço da sua prática lectiva de anos. E quando se fala em efeitos nos alunos, destaca-se a importância concedida à aquisição de competências ligadas a uma escrita correcta sem erros ortográficos e também à interpretação de textos.

É fundamental que eles leiam, para saberem escrever, não darem erros e compreenderem o que lêem. Eu acho que é fundamental mas não foi pelo facto de este ano fazerem a Semana da Leitura que houve uma atitude diferente. A não ser a vinda dos pais cá, porque de resto não houve nada de novo. (Professora de contacto com o PNL na escola)

É dado o exemplo da progressão de uma aluna que entrou para o 3º ano no colégio, que dava muitos erros, e que agora no 4º ano “escreve textos maravilhosos, escreve muito bem, deixou de dar erros”.

O Plano Nacional de Leitura na sua organização

As professoras tiveram conhecimento do PNL através da informação que foi dirigida à escola. Quando questionadas sobre que informação lhes foi enviada, as professoras referem-se à informação relativa à Semana da Leitura, recebida em Fevereiro. Note-se, aliás, que é recorrente durante a entrevista a associação do PNL à Semana da Leitura. Afirmaram depois que já não se recordavam muito bem da inscrição inicial. Apenas que, para responder à solicitação do Ministério, pediram à professora de inglês, com mais conhecimentos ao nível da Internet, que fizesse a inscrição, mas de acordo com elas.

A professora de contacto com o PNL na escola afirmou ter utilizado o *site* do PNL, principalmente para se informar acerca da Semana da Leitura. Ainda assim, não se mostrou muito à vontade quando convidada a fazer uma apreciação do mesmo, dizendo que ele talvez pudesse ter mais coisas, sem especificar.

A entrevistada aproveitou de seguida para referir, em tom de crítica, que o PNL foi divulgado mas que depois não existiram apoios diferentes: “Este ano os apoios que tivemos do exterior foram muito menores do que em anos anteriores.”. A responsável refere-se à cooperação da BM. É muito evidenciada a percepção de que existiram menos iniciativas este ano.

Eu acho que aquilo já esteve melhor do que está agora. Porque tivemos muitas actividades ali e este ano é difícil, tivemos menos actividades. Segundo me disseram, fizeram alguma reestruturação e eu penso que está pior. Já tivemos mais apoio deles (...). Portanto, é isso que eu digo, lançam umas coisas mas entretanto tiram outras. (Professora de contacto com o PNL na escola)

As professoras afirmaram não ter existido uma grande preparação da escola para o PNL e terem desenvolvido o tipo de actividades que normalmente integram a sua prática lectiva habitual: “francamente não me condicionei muito a isso, fiz o que costumo fazer. Como digo, a inovação foi os pais disponibilizarem-se a

vir cá”. Também os livros trabalhados este ano foram os mesmos de anos anteriores, sem que existisse a preocupação de corresponder à lista proposta pelo PNL.

Como já foi referido, a participação dos pais foi prevista e efectiva no que respeita à Semana da Leitura. Para além da sua participação ter sido incentivada pelos alunos depois de as professoras terem-na sugerido, foi-lhes enviada uma circular na qual se fazia referência ao PNL. As professoras crêem, contudo, que os encarregados de educação já teriam ouvido falar no Plano, que nessa altura foi particularmente divulgado nos meios de comunicação social.

Evidenciaram-se alguns desvios face ao projecto inicial, no que à sua concretização diz respeito. Em primeiro lugar, a participação em actividades na BM foi menor do que o esperado, pela já mencionada redução da oferta. Não foi também possível concretizar o encontro com um escritor previsto para a Semana da Leitura. As professoras não organizaram ou participaram também em jogos ou concursos, apesar de indicação inicial na ficha de registo do PNL. Mencionaram, ainda, ter planeado concorrer a um concurso sobre o António Mota, mas acabarem por não o fazer por falta de disponibilidade.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais

A criação do PNL foi considerada oportuna, porque, segundo as professoras, é sempre positivo incentivar a leitura. Isto embora acreditem que os professores sabem que têm de levar os jovens desde pequenos a ter gosto pela leitura.

As professoras concordam com o facto de o PNL ter adoptado como prioritária, numa primeira fase, a acção nos primeiros anos de escolaridade, pois pensam que tem de se começar por aí.

Embora concordem com as finalidades, as professoras apontam algumas falhas à forma como o PNL decorreu até agora. Estas remetem quase sempre para a vertente de implementação do PNL nas escolas, e não para o contexto mais abrangente da sua aplicação.

Em primeiro lugar, foram tecidos alguns comentários à existência de uma lista de livros recomendados pelo PNL. Enquanto uma professora a relativiza, dizendo que há muitos outros livros que não têm menor valor do que os recomendados, a outra critica a sua existência, pois “deve ser dada alguma abertura a que as pessoas escolham os livros que querem ler, e depois a pessoa ajudar a seleccionar”, sem encaminhar só para determinados autores, cujos critérios de escolha acha serem regidos por critérios pouco fundamentados. Quando interrogadas se conheciam todos os livros que a compunham, afirmaram que em geral eram obras bastante comuns, mas depois confessaram já não se recordar devidamente da listagem.

Em segundo lugar, foi referida a divulgação. As professoras têm a sensação que a divulgação passou muito despercebida e que foi feita essencialmente na Semana da Leitura.

Tive a sensação que próximo da Semana da Leitura foi mais falado, mas depois entrou um bocado no esquecimento. (Professora de contacto com o PNL na escola)

Mesmo durante a Semana da Leitura, a televisão podia ter dado mais atenção ao PNL: “Divulgou que era a Semana do PNL, mas não filmaram (...). Foi informado que ia haver e mais nada. Há temas que interessam mais à televisão do que a leitura...”; “Deviam filmar e transmitir que as coisas se fazem...”.

O facto de não terem “ouvido falar” no PNL depois da Semana da Leitura faz crê-las que o PNL não decorreu de forma activa do princípio ao fim do ano. Depois da Semana da Leitura, dizem que não foi apresentado nada que lhe tivesse dado uma continuidade. Açam que podia ter tido outro desenrolar.

O PNL tem de começar no início de um ano e acabar no fim, mas de uma forma activa. Eu deixei de ouvir falar. (...) Foi a primeira semana de Março e depois acabou. (Professora de contacto com o PNL na escola)

Outro aspecto menos positivo foi a fraca resposta da BM ao nível das actividades proporcionadas e da articulação com as escolas. Contrariamente ao que afirmam ter acontecido, a existência de um plano de leitura deveria ter reforçado as suas iniciativas no âmbito do PNL.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

A situação geral do país quanto à leitura e à literacia é “uma desgraça”, afirmam, focando a sua preocupação especialmente nos jovens e realçando o problema da sociedade actual quanto à literacia.

É porque não é só pôr a ler, e acho que é isso que falta, é a pessoa saber ler. Saber ler não é só dizer a palavra que lá está, e aí é que é o pior. (Professora do 1º ciclo)

As professoras realçaram o contributo dos novos meios de comunicação para o problema da literacia. Estes novos meios e as linguagens a eles associadas, como a denominada “linguagem SMS”, criam graves hábitos de escrita e erros ortográficos.

Sugestões e Propostas

Segundo as professoras, a divulgação do PNL é um aspecto a melhorar e a reforçar no futuro. Deverá apostar-se particularmente na divulgação do Plano através da televisão.

Outra recomendação é a concessão de meios às bibliotecas para que estas possam responder mais eficazmente às necessidades das escolas, particularmente no que à dinamização de actividades de promoção da leitura diz respeito. É também evidenciada a importância de fomentar um maior intercâmbio entre as escolas e as BMs. As escolas geralmente têm uma biblioteca perto, pelo menos em Lisboa, e mesmo no caso das instituições privadas, como o externato, o acesso a estes meios e recursos estatais é importante.

Para melhorar a leitura e a literacia na sociedade portuguesa, é necessário criar hábitos de leitura nos indivíduos desde cedo. Para motivar as crianças, afirmaram ser importante adoptar desde o início uma estratégia que lhes mostre também o aspecto lúdico da leitura e dos livros. Para além disso, o incentivo da leitura pelos professores tem de ser contínuo.

No início é preciso motivá-los. “Agora vamos ler um livro”, não é assim. “Vocês sabem que os livros alguns têm aventuras engraçadas, nós até imaginamos... Nunca fui a França, mas se calhar, se eu ler qualquer coisa, até imagino que estou lá, que já lá fui”. Levá-los assim, mostrar o aspecto lúdico também. (Professora de contacto com o PNL na escola)

Foram também identificados alguns aspectos que deveriam ser corrigidos por forma a incentivar a leitura e diminuir a iliteracia. Em primeiro lugar, o preço dos livros, que consideram ser excessivamente elevado. Em segundo lugar, a extinção que está a ocorrer ao nível dos meios mais tradicionais de

comunicação escrita, devido às novas tecnologias de comunicação. É preciso promover a escrita e evitar o desaparecimento desses meios.

Uma coisa que eu acho que também faz falta, pelo menos sob o ponto de vista cultural... Está-se a perder as cartas, os meios de comunicação escrita tradicionais. Agora é tudo por e-mail, fala-se na Internet, e acaba-se isso, e eu acho que são coisas que se deviam implementar. (Professora do 1º ciclo)

A existência no mercado de livros infantis sem qualidade foi outro ponto que assinalaram como negativo. As professoras evidenciaram a sua indignação pelo facto de, no dia anterior, se terem deparado com um livro infantil (de uma editora bem conhecida) que continha vários erros ortográficos e termos pouco adequados. É assim necessário rever a política editorial das editoras.

Seria também importante que se incentivasse a publicação de livros infantis por autores portugueses. As professoras revelam algum descontentamento pela existência de poucos autores portugueses de literatura infantil e pelo conseqüente facto de a maior parte dos livros para crianças serem traduções (mais susceptíveis a erros).

1.12. Escola Básica do 2º e 3º Ciclos Francisco de Arruda (Lisboa)

1.12.1. Relatório de visita

Os primeiros contactos e a marcação da visita à Escola Francisco de Arruda decorreram facilmente, embora tenha sido necessário voltar já no mês de Julho por indisponibilidade continuada dos professores entrevistados na segunda ocasião.

A primeira visita teve lugar no dia 12 de Junho de 2007 entre as 10h30 e as 13h00 e foi composta pelos seguintes momentos:

- entrevista à professora de contacto com o PNL na escola, que é simultaneamente a professora coordenadora da BE, com a duração de cerca de 1h30;
- conversa breve com a funcionária da BE (cerca de 30m);
- visita à BE e às instalações da escola.

A segunda visita aconteceu no dia 3 de Julho e contemplou uma entrevista a outros dois professores, com a duração de cerca de 1h;

A escola, sede de agrupamento, tem mais de meio século de existência e está instalada num terreno de dimensões apreciáveis na freguesia de Alcântara, próximo do Alto de Santo Amaro. As instalações da escola, em estado muito razoável de conservação, são particularmente interessantes: incluem vários pavilhões com painéis de azulejos e também amplos espaços verdes e de jogos, pontuados por diversas estátuas, trabalhos trazidos de outras escolas e adaptados pelo artista plástico Calvet de Magalhães, segundo informações recolhidas.

As instalações incluem o pavilhão A/edifício principal, com a sala de audiovisuais, a BE, a sala de professores, o Conselho Executivo, a secretaria, o bufete, a papelaria, as salas de aula, o laboratório e o posto médico; o pavilhão B, com o ginásio, as cantinas e a sala de música; o pavilhão C, com as salas de EVT; e o

pavilhão D, com mais salas de aula. Foi possível observar que os corredores da escola estão decorados com trabalhos bastante diversos realizados pelos alunos ao longo dos anos, muitos deles feitos em torno da leitura e do livro, particularmente visíveis nos corredores adjacentes à BE e dentro da própria BE. Existem também na escola uma Sala de Educação Especial e uma Sala de Integração Educativa.

1.12.2. Entrevista a Professora de Contacto com o PNL na escola

Perfil da entrevistada

46 anos. Professora de Geografia. Está na escola desde 1985 e na biblioteca desde 1997, sendo coordenadora desde 2000. Concluiu várias acções de formação na área das bibliotecas nos anos 90: animação, organização e gestão; há 2 anos fez na Gulbenkian um curso de formação para coordenadores de bibliotecas e este ano outro em Bibliotecas Escolares e Paradigmas Digitais; em Setembro irá começar a frequentar um estágio de formação em catalogação (50 horas) na própria BE.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola

Para a entrevistada, a participação da escola no PNL tem vindo a concretizar-se essencialmente nas actividades de leitura em sala de aula nas turmas de 2º ciclo, a partir do 3º período, tendo a escola recebido financiamento para aquisição de livros na segunda fase (2.000€). Esses livros têm sido trabalhados em períodos lectivos semanais de 90 minutos, com os professores de Língua Portuguesa. Foram adquiridos 12 exemplares de 21 títulos, embora a escola ainda não tenha recebido todos aqueles que foram encomendados porque algumas obras estão esgotadas.

Como os livros adquiridos estão localizados na BE, outros alunos também costumam utilizá-los, embora não possam levá-los para casa: “Às vezes já temos tido turmas que vêm para cá e pegam nos livros para ler. Acham novos, todos gostam de folhear livros novos. (risos) E principalmente estes dos Factos Incríveis, que para alunos que vêm esporádicos é bom, pronto, que vêm ler.” No entanto, a sua utilização tem sido feita essencialmente nas salas de aula. A disposição e organização da colecção PNL ainda não são definitivas, uma vez que a escola ainda não dispõe de todos os livros, estando a ser preparada para o próximo ano uma arrumação mais conseguida.

A coordenadora propôs ao Conselho Executivo, para o próximo ano lectivo, a compra de cestos de plástico coloridos para transporte dos livros PNL quando são requisitados pelos professores, uma vez que foram utilizados este ano sacos de pano que “estragam as esquinas dos livros, dobram as folhas. Os cestos serão mais atractivos.”

A escolha dos livros foi feita através de um processo colectivo de consulta aos professores de Língua Portuguesa do 2º e 3º ciclos, em articulação com a responsável do Plano na escola, sendo que o principal critério norteador foi um de escolha de “um leque o mais diversificado possível. (...) Tanto daqueles que eles podem ler um pequeno romance, como contos, como aqueles dos Factos Incríveis que eles adoram, que não pressupõem uma leitura tão seguida.” Foi dada especial atenção à lista PNL de livros recomendados “para

meninos que têm muita dificuldade de leitura no 5º ano, que é o nosso caso. Temos imensos meninos que saíram do 4º ano sem saber ler.”

Quando lhe foi pedida uma avaliação sobre a forma como tem decorrido a leitura em sala de aula, a entrevistada não se quis alongar muito, devido ao facto de as experiências dos vários professores serem variadas e também por não ter tido uma participação directa nessas actividades. De qualquer forma, a avaliação geral que pôde fazer é de sinal positivo:

O que me chega é pelos professores... Mas, por exemplo, eu sei que *A Menina do Mar* é um livro que eles adoram! Assim como *A Floresta*. Eu acho que está a correr bem, e eles fazem depois essas fichas de leitura com a professora. Há até professores que depois fazem pequenas dramatizações que apresentam no fim do ano aqui na biblioteca. Eu acho que está correr dentro do planeado.

Algumas vezes, nas leituras em sala de aula têm sido utilizadas duas obras diferentes, de forma a que cada aluno tenha um exemplar à disposição.

Foi realizado este ano lectivo pela primeira vez o *Almoço Literário*, com o objectivo de divulgar o empréstimo domiciliário. Foi feito no ginásio da escola um almoço para os alunos de uma turma, sendo utilizados talheres, pratos e copos de material reciclado feitos pelos próprios alunos e pelos professores; as amentas têm nomes de livros. Esses livros são depois distribuídos e levados pelos alunos durante um mês; posteriormente são preenchidas fichas, feitas ilustrações e realizadas actividades mais lúdicas em torno das obras. No final do ano foi feita uma exposição desses trabalhos:

Tendo sempre por objectivo a promoção da leitura. Que eles assim são obrigados a ler e a escrever de uma forma lúdica. (...) Acho que dinamiza a leitura, completa com a escrita e depois ainda com uma parte plástica. Portanto acho uma actividade muito completa. (...) Os miúdos foram super receptivos a este Almoço Literário. Eles vieram tão contentes! E ali, num mês, uma turma leu vinte livros! Se eu conseguisse fazer este almoço literário, por exemplo, mês sim, mês não, eu tenho ao fim do ano uma turma em que cada aluno lê meia dúzia de livros. Para o nosso universo da nossa escola é muito bom, que por período, por exemplo, leiam dois livros. É bom.

Foram também feitas outras actividades mais dispersas, como um concurso de quadras a rimar com palavras relacionadas com o livro e com a leitura, a propósito dos santos populares; elaboração de postais e cartas nos dias do pai e da mãe e no dia dos namorados; uma feira do livro, que contou com a colaboração da Associação de Pais para estar aberta durante dois dias à noite e ao sábado de manhã. De referir também que, na última sexta-feira de cada mês, o avô de um dos alunos vai à escola contar uma história.

Os pais participam esporadicamente nas actividades realizadas em torno da leitura (em dramatizações, por exemplo); segundo a entrevistada, os níveis de participação variam muito devido à diversidade que existe em termos sociais, culturais e de disponibilidade de tempo. Alguns avós tendem a ser uma presença bastante constante.

A escola esteve inscrita na Semana da Leitura, que decorreu de forma positiva. Foi destacada a actividade *Peditório de Palavras*, em que foi pedido a todos – professores, alunos, auxiliares de educação, pais/encarregados de educação – que colocassem palavras num recipiente; essas palavras serviram posteriormente para decorar a BE e foi mesmo feito um “top mais”, com aquelas que surgiram mais frequentemente.

Ao nível do agrupamento, foi destacada a realização de um prémio literário em que todas as escolas participaram, do Jardim de Infância ao 9º ano. Os 3 trabalhos premiados de cada ano foram posteriormente expostos na BE, tendo os prémios e diplomas sido entregues por um escritor convidado.

Não existe propriamente uma divulgação de iniciativas para fora da escola; no interior da mesma, a responsável divulga as actividades a realizar no Conselho Pedagógico, onde tem assento a Associação de Pais e está também um representante dos funcionários.

Em algumas turmas do 3º ciclo a leitura nos moldes recomendados pelo Plano já começou a ser introduzida, não nos tempos lectivos regulares, mas sim nas aulas de substituição, sendo que a professora de contacto com o PNL aproveitou a oportunidade para adquirir também, com o financiamento PNL, alguns livros obrigatórios para o 9º ano. Para o próximo ano lectivo existe o projecto de utilizar os livros PNL nessas aulas de forma mais sistemática: “Acho que os livros podem ser rentabilizados desta maneira.” A propósito das experiências que foram entretanto levadas a cabo, as apreciações são bastante positivas, sendo os alunos de uma maneira geral receptivos à leitura a par:

A leitura é transversal às disciplinas todas. Portanto, eu acho que se eles estiverem a ler.. Hoje falta um professor de Matemática, daqui a oito dias falta o de Ciências, daqui a quinze dias falta o de História, e eles vão prosseguindo na leitura e também vão ganhando esse gosto. (...) Então porque é que não vamos aproveitar isto, e rentabilizar os livros. Em vez de ser só para o PNL, alargar o leque!

Na altura da entrevista ainda não tinha sido elaborado o Plano de Actividades para o ano seguinte, pelo que a responsável não quis adiantar muito no que diz respeito a iniciativas futuras; contudo, não deixou de destacar que o *Almoço Literário* “é para continuar”, assim como as actividades de leitura e de escrita nos dias do pai e da mãe. Está também previsto que as actuações dos contadores de histórias que vierem à escola se baseiem nos livros PNL, de forma a que os alunos possam ir acompanhando mais de perto.

Dois factores relevantes de fragilização das actividades de apoio à leitura na escola, na perspectiva da entrevistada, têm que ver com a inexistência de apoio por parte da Câmara Municipal de Lisboa – “com a Câmara Municipal é para esquecer” – e com uma articulação fraca com a Biblioteca de Belém, que se encontra relativamente perto da escola.

O Plano Nacional de Leitura, em termos gerais e na sua organização

A entrevistada soube da existência do PNL através da Internet, embora não se tenha recordado da fonte exacta (“talvez por intermédio da RBE”). A iniciativa de inscrição da escola partiu da responsável, que também elaborou o projecto.

A escola não recebeu directamente informação relativa ao PNL e nunca entrou em contacto com a Comissão, “por nunca ter sido necessário”. Já as editoras enviaram muitos catálogos com os livros incluídos na lista do PNL.

A escola recebeu financiamento para aquisição de livros na segunda fase, tendo a entrevistada considerado que o processo “foi um pouco lento”, nomeadamente devido a alguns dos títulos escolhidos num primeiro momento estarem esgotados, o que motivou a realização de novas escolhas e encomendas: “Nunca pensei que fosse uma coisa tão demorada. Eu já alterei a lista duas ou três vezes, porque tem sido muito demorado...” Por isso mesmo, existe a convicção de que, nesta escola, a continuidade da leitura na sala de aula com os exemplares do PNL trará benefícios, até porque essa actividade apenas teve início no 3º período: “Tem sido bom, mas como lhe digo tem entrado aos bocadinhos... Eu acho que isto vai ser em cheio é para o ano.”

A possibilidade de aquisição de múltiplos exemplares de várias obras foi especialmente destacada como elemento muito positivo do PNL, bem como a chamada de atenção pública que o mesmo veio fazer em relação à leitura:

Eu fiquei muito contente porque nós nunca temos oportunidade de comprar mais do que um exemplar. Normalmente a Rede de bibliotecas ou os outros projectos a que me candidato é um volume, normalmente. Isso tem logo uma vantagem: diversifica. (...) Eu noto é que quando a oferta também é maior e mais diversificada, a procura também aumenta. (...) Foi bom porque chama a atenção das pessoas e ao mesmo tempo deu um meio para concretizar essa chamada de atenção.

Também entre os outros professores a possibilidade de contar com mais livros surgiu como um factor positivo e destacado de adesão ao PNL:

Eles ficaram todos contentes quando eu lhes propus que íamos concorrer. Portanto, principalmente para adquirir novos livros, mais que não seja ficaram logo por aí contentes. E eu disse que era a coordenadora, mas depois a leitura em si cabe-lhes a eles em tempo lectivo. E eles aderiram, não tive problema nenhum, não houve nenhum que se queixasse, por assim dizer!

De qualquer forma, a entrevistada não se quis alongar em considerações avaliativas acerca do PNL, devido à incompletude do processo nesta escola. Não obstante, aproveitou ainda para destacar a lista de sugestões como algo de positivo e inovador, nomeadamente por estar organizada em graus de exigência, o que permitiu abranger de forma mais rigorosa os alunos: “Achei muito bem ser, tipo, para o 1º ciclo, para o 2º ciclo... Dentro do 2º ciclo eu tenho 3 graus de dificuldade e tentei também fazer uma escolha mais ou menos diversificada dos 3 graus, para apanhar todo o tipo de alunos que nós temos. Isso achei bem.”

O sítio do Plano mereceu uma avaliação positiva em termos gerais, sendo frequentado regularmente pela entrevistada em busca de novidades, sugestões de actividades e para consulta da lista de livros. Igualmente positiva foi a avaliação da marca Ler+, utilizada nas próprias actividades da escola: “Eu até pus ali no placar uma data de tempo. Isso achei muito giro. Aproveitei também para o melhor leitor do trimestre, pus o Leitor+. E eles gostaram! Eu gostava também de ter um placar grande, com o Ler+ para identificar os livros.”

A entrevistada disse duvidar que os pais ou os próprios alunos conheçam o PNL, embora o nível de conhecimento destes últimos varie muito consoante os esforços de divulgação de cada professor.

A responsável do PNL nesta escola não quis, contudo, deixar de criticar a falta de divulgação da sessão de apresentação do 1º ano de actividades do PNL; na sua perspectiva, o interesse do evento e dos resultados apresentados merecia uma divulgação mais alargada junto dos professores e dos responsáveis pela aplicação do Plano nas escolas.

Em termos mais gerais foi considerada oportuna a criação do PNL, tendo sido também referida a necessidade de aumentar a sua abrangência e de incrementar a sua importância nas BMs:

Já há noutros países e deu-se bem! Tudo o que seja a ver com leitura acho óptimo porque é transversal às disciplinas todas, por isso é que eu acho que devemos implementar também nas outras aulas que não só a língua portuguesa directamente. Nos outros espaços mortos, nas aulas de substituição, etc., implementar ao máximo a leitura. (...) Porque é que nós não havemos de implementar a leitura também nas bibliotecas públicas? Não é só nas escolas...

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

A este respeito, a entrevistada optou por destacar aquilo que entende serem os níveis baixos de literacia de muitos alunos na escola: “Todos os professores se queixam e é verdade. Se estiver a ler um teste de História, de Geografia, etc., o problema é a interpretação das perguntas. “Professora, eu não percebo isto!””

As características específicas, sociais e económicas, do meio envolvente à escola também foram evocadas para explicar padrões desfavorecidos de contacto com o livro e práticas relativamente débeis de leitura: “Eu tenho muitos alunos que compram os manuais no Natal, que os pais me mandam um recado a dizer: “Professora, eu só posso comprar os livros com o subsídio de Natal.” Portanto repare: se para os manuais é no Natal, para os outros não resta mesmo dinheiro nenhum.”

Não obstante, foi igualmente sublinhado que, actualmente, os jovens lêem mais noutros suportes, nomeadamente nos informáticos e digitais, embora isso também possa originar factores menos positivos:

Eles agora têm competências nesse nível. É evidente que depois é aquele facilitismo. Eles querem vir pesquisar é na net, a primeira coisa que vão pesquisar é na net, não é num livro. Mas também há essas competências que eu acho que são importantes, de eles saberem ir à net e saberem ir a um CD-ROM. É outro tipo de leitura. É outro tipo de literacias.

Sugestões e propostas

A expectativa principal prende-se com a continuidade do PNL e do financiamento atribuído às escolas, em simultâneo com o alargamento dos níveis de ensino abrangidos: “Olhe, eu gostava de concorrer ao 3º ciclo e de ganhar, como é evidente! Que este impacto depois fosse continuado.” Na mesma linha, é também uma expectativa que as escolas de 1º ciclo pertencentes ao agrupamento possam receber financiamento ao longo dos anos seguintes.

1.12.3. Entrevista a Professores

Perfil dos entrevistados

40 anos. Professora de Língua Portuguesa do 3º ciclo e coordenadora do Departamento de Língua Portuguesa. Está há 4 anos nesta escola e ensina há 20. Licenciada em Estudos Portugueses na Universidade Nova.

38 anos. Professor de Língua Portuguesa do 2º ciclo (3 turmas) e 3º ciclo (1 turma), pertencente ao Quadro de Zona Pedagógica (QZP). Está nesta escola pelo primeiro ano, embora seja professor há 16. Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Franceses e Ingleses, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, fez a profissionalização no 3º ciclo em Português/Francês.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola / desenvolvidas pelos professores

Das várias actividades levadas a cabo, a professora entrevistada optou por destacar quer as leituras recreativas que são feitas, fundamentais, na sua perspectiva, para desenvolver os hábitos de leitura, quer a utilização que é feita de outros suportes:

Se é recreativo é para recriar um espaço, é para fruir, no fundo tem que ser uma leitura com um sabor diferente, caso contrário é só para apresentar, não surte qualquer efeito. Tem que haver ali assim uma cambalhota, e essa cambalhota é o professor também que tem que ensinar a dar. Sei lá, um livro que podem tirar partido e fazer um *sketch*, pode ser em termos teatrais, pronto... Porque eles depois trazem uma série de suportes, já fazem muitas coisas em *PowerPoint*... Os miúdos nunca mais esquecem determinadas leituras recreativas! Recreativa tem que ser mesmo o fruir e o gostar. Motivar os outros. (Professora do 3º Ciclo)

Já o professor destacou a diversidade de situações com que se deparou neste ano lectivo, em face do qual foi necessário adoptar diferentes estratégias de leitura; numa das turmas de 6º ano foi instituída a leitura obrigatória de um livro por mês, com apresentação de fichas de leitura (pequeno resumo da história, caracterização de personagens, etc.), actividade realizada quer durante as aulas, quer em casa:

Eu comecei com todas as turmas e depois aos poucos fui dividindo mais, porque os hábitos de leitura de alguns eram muito poucos, era uma turma mesmo em termos de competências de aprendizagem que estava muito atrasada e tive que me centrar mais nos conteúdos programáticos, não descurando nunca a parte da leitura. Mas tinha uma turma extremamente boa, com hábitos de ler. (...) Foram feitas umas coisas a nível de sala de aula e outras em trabalho em casa, trabalho de leitura recreativa por eles próprios, com compromissos assumidos de obrigatoriedade de terem que ler aquele livro por mês e de fazerem a ficha de leitura. Acima de tudo foi tentar fomentar nos miúdos o gosto e a necessidade de se ler. (Professor do 2º Ciclo)

Relativamente a essas leituras obrigatórias, foi particularmente destacada a componente de partilha de experiências e de influência das sociabilidades na criação de interesses e hábitos, tendo também sido feitas campanhas de sensibilização para a leitura:

Acima de tudo a recomendação aos colegas. Se gostaram, se não gostaram, porquê. Sugeriam para se tentar criar assim uma base de livros. Aconteceu que muitos dos alunos leram o mesmo livro, porque havia um colega que sugeriu e o outro também gostou e levou. Nós também apresentámos algumas sugestões, eu cheguei a trazer livros meus, vínhamos à biblioteca... (...) Como trabalhei com 2º e 3º ciclos, uma das coisas que tentei fazer acima de tudo foi levar os do 3º ciclo a porem os do 2º ciclo a ler. (...) Eu lembro-me que no 8º ano, acho que mais de metade da turma leu *O Príncipezinho* ou quase todos, porque um tinha em casa e depois o outro emprestou ao outro, etc. (Professor do 2º Ciclo)

Foram identificadas diferenças marcadas de hábitos de leitura entre os alunos do 2º e do 3º ciclos, algo que ajuda a justificar, na perspectiva do entrevistado, os compromissos de leitura que estabelece com eles: “Os do 2º ciclo aderem mais facilmente. Os do 3º ciclo são muito mais reticentes. Mas isso é próprio, faz parte do crescer. Daí que o facto de nós implementarmos com eles a necessidade da leitura e dizer: “Vamos ter que ler um livro por mês.” isso obriga-os se calhar a retomarem alguns hábitos que eles perdem quando transitam para o 7º, essencialmente no 8º ano.”

As actividades de leitura foram também levadas a cabo no Estudo Acompanhado e nas aulas de substituição, em parte porque os professores disseram necessitar de mais tempo para dedicar à leitura do que aquele que é possível aproveitar nos outros períodos: “O Estudo Acompanhado muitas vezes serviu para suprir essa necessidade que eu tinha em termos horários de desenvolver a leitura dentro do horário semanal da disciplina.” (Professor do 2º Ciclo)

Relativamente às obras utilizadas, o entrevistado resolveu não seguir muito de perto a lista de livros PNL, por querer dar autonomia às escolhas e iniciativas dos alunos e ir acompanhando o processo de selecção: “Eu deixei-os um bocado escolherem à vontade. Porque dizer: “Olhem, este, este e este eu posso sugerir...” e alguém diz: “Não, mas eu tenho lá este em casa.” ou “Mas eu gosto deste.” ou “Eu gostava de ler este.” Nunca foi castrado, os miúdos puderam escolher aquilo que quiseram. Depois fomos vendo aos poucos e poucos, quando eles foram descobrindo: “Este se calhar é demasiado infantil para mim. Este se

calhar é demasiado complicado para mim.” E eles conseguiram arranjar um universo de livros entre eles para poderem ler, e levou-os a descobrir também.” Ainda a este respeito, a professora acrescentou que “Há coisas que nós não lemos e que nem conhecemos, e que fazemos também a nossa leitura através da leitura deles. Também é bom, acho que é gratificante para o professor.”

Assim, o balanço feito a propósito das leituras em sala de aula e das actividades na BE foi positivo, assumindo particular importância não apenas o estímulo das sociabilidades, como já foi referido, mas também a atenção à diversidade de formas de relação com a leitura e com os livros:

De uma maneira geral acho que correu bastante bem. Tive alunos que pouco ou nada liam e... Foi levá-los a descobrir. (...) Com alguns alunos do 3º ciclo tive mais dificuldades, porque eles não gostavam de ler, porque não sabiam o que é que gostavam de ler. A partir do momento em que foram à procura de temas que os interessassem, a partir daí foi muito mais simples. No 2º ciclo eles aderiram facilmente. São miúdos que gostam de ler. (...) É preciso valorizar as pequenas conquistas mais do que avaliar. Explicar-lhes que se não conseguirem ler um livro durante o mês que está previsto e demorarem mais duas semanas, não há problema, porque no mês a seguir de certeza absoluta que vão demorar menos tempo. E estarem à vontade para dizer: “Eu não gosto deste livro.” É dar-lhes a liberdade, é escolherem os temas que gostam em primeiro lugar para tentar fomentar hábitos. (Professor do 2º Ciclo)

É o vir mais vezes à biblioteca, o estar, o pegar, manusear, porque também é importante essa parte. (...) Porque alguns já são inibidos e esse não gostar, não querer ler já torna essa inibição maior. (Professora do 3º Ciclo)

Foi sublinhado que a BE serve como ponto fundamental de acesso ao livro na estratégia global da escola de estímulo à leitura, não apenas em relação aos alunos mas também no que diz respeito aos professores: “Isto é feito não só para o aluno, é a escola, a envolvência. É o todo, pensamos sempre no todo. É claro que quem está aqui a ser mais valorizado tem que ser o aluno. Mas não nos esquecemos dos outros que passam por aqui.” (Professora do 3º Ciclo). “Há sempre alunos na biblioteca. Sempre, sempre. A BE é primordial.” (Professor do 2º Ciclo) Uma das estratégias principais passa por levar à descoberta da BE alunos que normalmente não a frequentam ou não a conhecem bem.

Segundo os entrevistados, embora sejam mobilizados esforços nesse sentido, é muito difícil envolver os pais/encarregados de educação dos alunos nas actividades de promoção da leitura, por indisponibilidade de tempo, incompatibilidade de horários, existência de défices em termos culturais e também devido a algum desinteresse. Por outro lado, foi também referido que, particularmente no 3º ciclo, há muitos alunos que não apreciam a vinda dos pais à escola para participarem em actividades: “O meu pai? A minha mãe? Nem pensar, oh professora! Por amor de Deus!” (Professora do 3º Ciclo)

Segundo aquilo que foi dito na entrevista, é difícil aferir de forma rigorosa os impactos das actividades de leitura, nomeadamente da leitura em sala de aula, sobre os alunos. De qualquer maneira, ambos afirmaram acreditar na existência de evolução nas suas turmas:

Vi desenvolvimento das competências de escrita a partir das leituras que eles fizeram, vi. Verdadeiramente numa turma de 6º ano. Na turma do 8º ano também, apesar dos resultados não serem assim tão visíveis. Mas notei essencialmente nos miúdos que não liam, que não tinham hábitos de ler, eles diziam: “Eu não consigo ler um livro. Ao fim de três páginas eu estou farto de ler”. E a partir do momento em que nós os levámos a seleccionar um tema que gostassem... Houve um miúdo do 8º ano, que tem 15 anos, começou a ler aqueles livros da colecção do futebol de praia, do Nuno Guedes. Eu disse: “Mas não gostas de ler porquê?” “Porque não há nada que me interesse.” Eu disse: “Pega num livro. Lê este!” E depois a tentar desmontar coisas: “Oh stôr, o livro tem 100 páginas!” “Pois tem! Faz uma conta comigo! Tu consegues ler 4 páginas por dia?” “Ah, isso consigo!” “Então, 4 páginas por dia quanto tempo é que tu demoras?” “5 minutos.” “Então se tu leres 5 minutos por dia ao fim de um mês tu tens o livro lido!” E nós temos que desmontar estes processos todos com os miúdos. “Tu gostaste quê, do tema? Então se sim há outros livros que abordam o mesmo tema escritos de maneira diferente! O que é

gostaste, foi do autor? Olha que este autor não escreve só isto, provavelmente tem outros temas!” (Professor do 2º Ciclo)

O professor acrescentou ainda que uma avaliação dos impactos das actividades de aprendizagem da leitura e da escrita apenas pode ser feita no final de cada ciclo de ensino, por estarmos perante um processo moroso e complexo.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais

Estes professores começaram por destacar aquilo que, no seu entender, configura uma certa falta de novidade do PNL, na medida em que as actividades de leitura e as iniciativas recomendadas já são feitas há algum tempo:

Nós fazemos o plano de leitura, entre aspas, há muitos anos. Isto para nós não é nada inovador. Nós trabalhamos com os livros dentro da sala de aula, no átrio em leitura recreativa, na biblioteca, em tudo o que é sítio. Portanto, quando me dizem que o Plano de Leitura vai começar, parece que até aqui os professores não têm feito nada... Eu faço isto desde o estágio! (...) Portanto isso do PNL eu fico muito arrepiada quando me dizem: “Ai, vai começar agora o Plano de Leitura!”. É mentira. Quer dizer, é mentira neste aspecto. É verdade que vai começar em termos, vá lá, formais, mas isto já vem de há muito tempo... (Professora do 3º Ciclo)

De qualquer forma, os objectivos e actividades que fazem parte do Plano mereceram apreciações muito positivas, nomeadamente a possibilidade oferecida às escolas para adquirirem múltiplos exemplares de cada livro:

Uma biblioteca apetrechada com livros... e então 12! Já dá para fazer assim um bom trabalho com turma. Não dá para todos mas um por carteira já é muito bom. Dá para trabalhar. (Professora do 3º Ciclo)

É muito importante dispor de vários exemplares se nós quisermos estar a ler com eles e a analisar várias obras com eles. Às vezes acho que a análise muito exaustiva de uma obra pode castrar o prazer de ler. (...) Por outro lado, também há nos livros certas pistas condutoras que os miúdos por eles próprios não conseguem, e têm que ser despoletadas por nós. Se houver vários exemplares dentro de uma sala de aula, facilita bastante. (Professor do 2º Ciclo)

De igual maneira, o destaque dado pelo Plano ao 1º e 2º ciclos é visto como ajustado: “Se se conseguir implementar sobretudo no 2º ciclo, conseguir sistematizar bem no 2º ciclo, para criar o hábito. Porque depois é mais difícil”. (Professor do 2º Ciclo) “O grande reforço tem que ser 1º e 2º ciclos. A partir daí está a sementinha, é só uma questão de regar, entre aspas. A metáfora do continuar a dar livros e sensibilizá-los para. Quem começa, no 5º e 6º anos, a estar com livros, a manusear livros, a fazer leituras recreativas, é muito mais fácil depois no 7º e 8º continuar assim.” (Professora do 3º Ciclo)

A lista de livros do PNL, foi considerada como sendo “extremamente adequada. Era bom que todas as escolas pudessem ter todos aqueles livros e alguns exemplares também. Para se poder trabalhar... Isso é o sonho de qualquer professor de português, de qualquer educador.” (Professor do 2º Ciclo)

Já no que diz respeito à divulgação do PNL, foi dito que ela deveria ser mais sistemática e mais visível em termos públicos, uma vez que, na opinião dos entrevistados, as mensagens não terão chegado aos pais de forma eficiente. Quanto à marca Ler+ a avaliação feita foi largamente positiva: “É simples, breve. É um bom slogan, cumpre a sua função.” (Professora do 3º Ciclo)

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

O panorama traçado pelos entrevistados a este propósito é caracterizado pela existência de hábitos fracos de leitura e por um contacto muito limitado com o livro; nesse quadro, é destacado o papel fundamental da escola, nomeadamente da BE, no desenvolvimento das práticas de leitura entre os jovens: “Nem que seja para eles poderem manusear. Porque muitos destes miúdos não têm muitos livros em casa, a maior parte dos miúdos da população escolar com que nós lidamos são miúdos que não têm hábitos de leitura, os pais não devem ter hábitos de leitura. E o facto de eles virem a um espaço onde há muitos livros que podem folhear... E a biblioteca aí tem um papel fundamental.” (Professor do 2º Ciclo)

Também o panorama da literacia apresenta alguns problemas nesta escola: “Há miúdos que chegam para o 5º ano, muitos deles sem saberem ler em condições e sem saberem escrever. Pegarem num livro que é algo que não percebem, algo que não compreendem, automaticamente vão rejeitar. É um trabalho que tem que ser feito constantemente.” (Professor do 2º Ciclo)

Foi também referido que a diversidade de situações existentes na escola relativamente às práticas e hábitos de leitura é muito grande, e que todo o processo de estímulo escolar é complexo e demorado: “Este é um caminho moroso, pronto. É um trajecto que se vai fazendo, tem que se ir aos pouquinhos até chegar ao livro. (...) Essa conquista tem que ser pouco a pouco, para se ter leitor. Até pode ser no final do 9º ano! Isto é um processo que é moroso.” (Professora do 3º Ciclo)

Sugestões e Propostas

Ambos os professores destacaram muito aquilo que percepcionam ser uma necessidade premente: o aumento da carga lectiva com o objectivo de haver mais uma hora semanal dedicada à leitura na disciplina de Língua Portuguesa.

Porque estar a roubar de um lado para dar a outro... Eu não estou a dizer que não é benéfico para os alunos, estou a dizer que depois nós não conseguimos desenvolver todo o currículo do 6º ano. E com provas de aferição e com a possibilidade de virem agora aí os exames a nível nacional, é muito complicado... (...) É necessário alargar-se a carga horária semanal da Língua Portuguesa. (Professor do 2º Ciclo)

Depois alguma coisa fica para trás, o programa não fica cumprido. Não é roubar, de facto. Mas há ali sempre um hiato. (Professora do 3º Ciclo)

Para os entrevistados, será fundamental que, no âmbito do Plano, sejam criadas condições para potenciar a exposição dos jovens à leitura, nomeadamente pelo enriquecimento das BEs : “Eu acho que é expô-los. Exposição máxima. Expô-los o máximo possível aos livros.” (...) Apetrechem as escolas com o máximo de livros. Todos! De tudo e mais alguma coisa. Pressionem as editoras, comprem, ofereçam... Dêem mais uma hora à Língua Portuguesa, dêem mais livros para as bibliotecas, que os professores de certeza absoluta que agradecem e que se encarregam de fazer o resto! (risos)” (Professor do 2º Ciclo) “Tem que haver livros novos. Porque senão é um espaço que não é vivido, é um espaço morto. Não é convidativo.” (Professora do 3º Ciclo)

A Professora também não deixou de sublinhar que é necessário alargar o PNL ao 3º ciclo: “Enquanto no 2º ciclo já há muitos exemplares de cada livro, para o 3º ciclo em termos de leituras não. Há um, dois

livros. Como é que se trabalha depois? E eu não posso pedir aos alunos que comprem, sabendo eu que tipo de alunos tenho.”

1.13. Escola Básica do 3º Ciclo com Ensino Secundário Luísa de Gusmão (Lisboa)

1.13.1. Relatório de visita

Os primeiros contactos e a marcação da visita a esta escola decorreram sem problemas, tendo sido apenas necessário visitá-la numa segunda ocasião de forma a completar as entrevistas previstas.

A primeira visita teve lugar no dia 15 de Maio de 2007 entre as 10h00 e as 13h00 e foi composta pelos seguintes momentos:

- entrevista à professora de contacto com o PNL na escola, com a duração de cerca de 1h00;
- entrevista a duas professoras, durante cerca de 1h40.

A segunda visita aconteceu dois dias depois e contemplou, a partir das 14h30:

- conversa breve com a auxiliar da BE (cerca de 30m);
- entrevista à coordenadora da BE (1h30);
- visita à BE.

A escola tem praticamente meio século de existência, algo que transparece imediatamente das suas instalações austeras, embora num estado muito razoável de conservação. Está inserida no tecido urbano da Penha de França, numa zona agradável perto de uma pequena mata e de um jardim.

Foi inaugurada como Escola Industrial Feminina em 1958 e passou a Escola Industrial/Comercial em 1970; em 1975, a escola passou a Secundária. No ano lectivo de 2006/07 iniciaram-se os CEFs – Cursos de Formação e Educação. A escola ministra também ensino nocturno, não pertencendo a nenhum agrupamento.

A escola funciona num edifício de 3 andares, sendo notória a falta de um espaço interior de convívio propriamente dito para os alunos, que se espalham pelos corredores nos períodos de interregno das actividades lectivas. Os espaços exteriores da escola fronteiros a uma pequena mata, são também de dimensão reduzida.

1.13.2. Entrevista a Professora de Contacto com o PNL na escola

Perfil da entrevistada

51 anos. É professora de História no secundário há 29 anos e está nesta escola há 25; deu também aulas de mestrado em Relações Internacionais e em Didáctica da História. Em termos de formação, fez a licenciatura na Faculdade de Letras e posteriormente o mestrado e o doutoramento em História na Universidade Nova. Foi também, durante 2 anos, directora-adjunta da revista da Biblioteca Nacional, *Leituras*, tendo estado envolvida na sua criação.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola

Esta escola está inserida no Plano a título meramente experimental, na medida em que tem o 3º ciclo e o ensino secundário. Durante o presente ano lectivo, foi criado um Plano de Leitura e introduzidas actividades nas aulas de substituição, na tentativa de torná-las mais eficazes e produtivas, na medida em que “estavam a correr muito mal. Todas elas tinham sido mal sucedidas, porque dentro das aulas era um horror, os professores não conseguiam lá estar porque não havia nada de concreto para fazer. Portanto aquilo não tinha sentido nenhum, os meninos não aprendiam nada, os professores estavam completamente de cabelos em pé. Isto aqui era um arraial. Portanto não podia ser.” Essas aulas de substituição já eram prática comum na escola há algum tempo.

Perante este panorama, a entrevistada, quando soube da existência do Plano, achou que as actividades de leitura sugeridas poderiam vir “a ajudar de facto os alunos a terem mais sucesso, principalmente porque um aluno que não lê é um aluno que não pode ter sucesso nenhum.”

O apoio do PNL concretizou-se na realização de um conjunto de reuniões para discussão dos títulos a utilizar nas aulas de substituição e na atribuição de financiamento (1500€), por intermédio da Fundação Calouste Gulbenkian, para aquisição de livros para a BE da escola. O montante foi considerado “bastante bom”, embora tenham sido identificados problemas logísticos de organização e de circulação das obras adquiridas, que estão habitualmente na BE: “Tínhamos pensado em arranjar uns carrinhos onde os livros iam, mas também não há dinheiro para os carrinhos, e depois não há quem leve os carrinhos... Depois o empregado não chega porque não há funcionário, depois o professor não quer ir buscar o carrinho. Depois há o cestinho mas ninguém quer carregar com o cestinho... Tudo isto cria alguns entraves.”

O Plano de Leitura da escola consistiu na leitura conjunta, durante os primeiros 15/20 minutos das aulas de substituição, de uma obra seleccionada, podendo os alunos escolher depois outro livro ou continuar com o mesmo.

O projecto foi apresentado no Conselho Pedagógico e foi aprovado, apesar de ter havido algumas resistências devido à natureza das aulas de substituição e à forma como são encaradas pelos professores:

Quero dizer isto de uma maneira suave... as aulas de substituição são uma imposição sobre as pessoas que têm reduções por idade. Ou seja, só faz aulas de substituição quem é mais velho, o que gera uma grande injustiça, porque muitas das pessoas mais velhas nunca faltaram e estão a substituir colegas nossos mais novos que estão a faltar e sentem isso como uma injustiça que lhes caiu em cima. Ou seja, não estão para fazer nada nas aulas de substituição, porque no fundo elas surgem-lhes como uma redução dos seus direitos: “Agora que cheguei aos 50 anos ou aos 55 e ia dar menos aulas, vou dar as aulas dos outros que são mais novos e que nem sequer têm aulas de substituição!” Por outro lado, as aulas de substituição são obrigatórias, e então no prato da balança pesa um bocado: “Bem, já que tenho de fazer, ao menos que seja alguma coisa de útil.”

Devido ao facto de ainda não estarem disponíveis listas de livros do PNL para o 3º ciclo e para o secundário, foram criadas, com alguma dificuldade, listas próprias na escola:

É claro que isso é um grande risco, porque a nossa ideia do que é que eles gostam de ler é um bocadinho a ideia do que é que nós ouvimos os nossos alunos gostarem de ler ou que os nossos filhos naquela idade gostavam de ler, não é? E com a ideia sempre que todos eles gostam pouco. (...) A escolha foi assim, um bocadinho, “deixa ver”... Falámos com os alunos, falámos com colegas que têm filhos... Fomos escolhendo assim. Porque é difícil saber o que é que lê uma adolescente, mas também não podemos ir só ao encontro do que é que eles lêem, temos também de levá-los a descobrir outras coisas. Esse apoio que nos deram em termos económicos foi para escolhermos livros que, no fundo foi uma partilha entre o que eles nos disseram e o que nós achámos que era bom que eles comessem a descobrir.

Muito destacado neste âmbito foi o período de transição dos alunos entre o 2º e o 3º ciclos que, na perspectiva da responsável, afecta muito as práticas de leitura; na sua opinião, os programas do 3º ciclo não contribuem suficientemente para destacar a leitura:

São poucos os alunos que lêem. Principalmente porque, pelo que nós já percebemos, na passagem para o 7º ano e depois para o 9º vão-se perdendo hábitos de leitura. Eu não conheço muito bem a estrutura do 5º e do 6º anos, mas lembro-me, por exemplo, da experiência pessoal do meu filho, que havia bibliotecas escolares no 5º e no 6º anos, os meninos levavam cada um o livro que mais gostava de ler e levava para a turma, e depois todos trocavam de livros e liam. Essa experiência, feita dentro das aulas de português, eu penso que se perde nos programas já do 7º, 8º e 9º. No fundo os professores têm uma preocupação básica, que é cumprir programas, e os programas não apontam nessa direcção...

Por outro lado, a professora é da opinião que a leitura tem que ser fortemente incorporada em todas as matérias, uma vez que “a leitura não pode ser uma disciplina.” Nessa medida, é necessário pluralizar os espaços e tempos de prática da leitura, não a limitando à disciplina de Português; a necessidade de animar a leitura recorrendo a pessoas “que gostem de ler” é premente, “e nem todos os professores de português gostam de ler. Isto é estranho, parece um paradoxo mas é verdade! (risos).”

A necessidade de encarar também a leitura como algo de lúdico terá de contribuir para dissociá-la parcialmente do ensino da língua: “Associar aquilo a uma disciplina é associar a uma avaliação. Parece errado. E foi esse carácter não avaliativo que nós quisemos dar às aulas de substituição, pôr os alunos a ler como se não fosse uma avaliação.”

No entanto, o Plano de Leitura adoptado nesta escola acabou por não correr de acordo com o esperado, devido quer a factores relativos aos alunos, quer relativos aos professores, havendo também questões de (des)articulação de expectativas; outros elementos que se prendem com a organização dos tempos lectivos também afectaram negativamente a prossecução do projecto:

Aquilo no 1º período correu muito bem. Porque havia mais professores a faltar, alguns porque não estavam colocados ainda, era uma inovação, as pessoas não sabiam o que é que iam fazer para as aulas, ainda não havia nada pensado. Portanto era mesmo necessário ocupar os meninos. Depois a questão das aulas de substituição tem sempre um problema, porque pôr a ler na primeira hora, tudo bem, mas se o professor a seguir falta outra vez? Não se vai pôr outra vez a ler, não é? As aulas de substituição têm que ser pensadas com diversidade. Porque é que corre mal? Há duas vertentes, a do professor e a do aluno. Na vertente do aluno, ele não gosta de ler, basicamente, é relutante em ler e não quer ter aulas de substituição. Se encontra pela frente um professor que gosta de ler e que quer fazer a aula de substituição, ele fá-lo. Mas se encontra pela frente um professor que não quer fazer aulas de substituição e que também não gosta de ler, também não o faz. Ou seja, aqui no fundo juntam-se duas coisas. Para eu convencer alguém a fazer alguma coisa, eu tenho de convencer que aquilo é giro e é bom e que eu própria gosto. Era como se me obrigassem a jogar futebol! Não podia jogar futebol porque não sei, porque não gosto e não gosto de correr. Se eu tivesse que ir para aquela turma jogar futebol, ser-me-ia muito difícil convencê-los que aquilo era ótimo. Se ainda por cima fosse parar a uma turma de meninas que ninguém queria jogar futebol, ainda seria pior. Com a leitura é igual. No 2º período porque é que se lê menos? Porque entretanto começam a aparecer planos de aula, para o professor é mais fácil distribuir um papel em que eles estão entretidos a fazer umas coisas e que o professor não tem nada a ver com aquilo, porque depois quem analisa aquilo é o professor que faltou... Porque também há sempre resistências, porque as pessoas acham que quem criou o Plano pode ficar com alguns louros e que então o melhor é deitarmos isto abaixo...

Um factor que foi destacado como fundamental para compreender a forma como o projecto acabou por não corresponder às expectativas, tem que ver com a resistência dos professores às aulas de substituição e, por arrastamento, à própria iniciativa: “Há muitos professores que não querem fazer aulas de substituição e nós nem sabemos o que é que eles fazem lá. Na avaliação no segundo período, nós vamos ver que o número de aulas de substituição em que há actividades que não são planos de aula nem aulas de leitura, ultrapassa em muito umas e outras. No outro dia fui ao Conselho Pedagógico e pedi que se exigisse saber o que é que se

está a fazer naquelas aulas, ou seja, que as aulas não possam ser sumariadas como aulas de substituição, mas escrever claramente o que é que lá se faz, que é para ao menos percebermos se alguém está a fazer alguma coisa.”

Precisamente devido à forma como decorreram as aulas de substituição, resolveu-se criar uma actividade diferente que visa estimular o desenvolvimento de hábitos de leitura, o *Clube de Leitura*: “É para pôr a dar aulas de substituição com leitura apenas quem quer de facto estar neste projecto, ou seja, voluntários. Porque nos parece que se tiver só voluntários será mais fácil chegar aos alunos e as próprias pessoas aderirem, serem mais empenhadas nesse trabalho.” O Clube funcionará assim também como apoio às aulas de substituição, abrindo a possibilidade aos alunos de irem ler para a BE durante o horário de funcionamento do Clube; aí, os jovens serão apoiados e acompanhados pelo mediador de leitura responsável. Esse projecto tem dois objectivos principais: combater o insucesso (fomentando a leitura) e criar comunidades de leitores (estimulando sociabilidades).

O Clube estará aberto a alunos, professores, funcionários e pais/encarregados de educação e funcionará na BE: “A biblioteca aberta um bocado à comunidade.” No entanto, a entrevistada é da opinião que a biblioteca deveria estar localizada não no 3º piso, mas sim à entrada da escola, precisamente para potenciar uma utilização mais alargada; na realidade, a BE no seu figurino actual mereceu alguns reparos: “Esta biblioteca é uma vergonha, já é muito antiga, não é muito acolhedora... Eu por acaso não me importo muito que a biblioteca seja assim, acho-lhe piada como ela é. Mas os alunos já não gostam. Se nós vamos a outras escolas e vemos escolas com centros de recursos muito mais modernizados e em que os alunos sentem mais apetência para estar lá.”

De qualquer maneira, admitindo que para os professores essa actividade terá de ser voluntária, a entrevistada referiu que, pelo menos de início, a actividade terá de ser obrigatória para os alunos: “Alguém dizia: “Ah, os alunos obrigados não gostam de ler.” Pois não. Também obrigados não gostam de vir às aulas, se não os obrigássemos a vir às aulas também não vinham, quer dizer, isso é óbvio. Tudo passa primeiro por uma adaptação e por um esforço, que poderá ser pouco tempo, e depois eles, aos poucos, provavelmente irão aderindo. Não podemos deixar isto nas mãos deles.”

Dentro das actividades planeadas do Clube estão também outras iniciativas mais abrangentes que visam fazer chegar a leitura lúdica, não formal e não-avaliativa a todos os alunos da escola: “criar uma comunidade de leitores, levar os alunos mais velhos a chamarem os mais novos, pedir contribuições inclusivamente a pais ou escritores, no fundo criar nos alunos a ideia que ler não é necessariamente uma tarefa. Não é uma tarefa escolar, principalmente retirar-lhe aquela carga de obrigação.”

A participação esperada dos encarregados de educação, não estando ainda definida, incluirá elementos tais como partilhar experiências de leitura, estabelecer “contratos” de supervisão e de acompanhamento de leituras em casa e acompanhamento dos alunos à BE.

Apesar de todas as dificuldades, a entrevistada disse que a experiência das aulas de substituição valeu a pena:

Houve muitos alunos que no 1º período pegaram em livros e que vieram pela primeira vez à biblioteca procurar os livros que tinham começado a ler nas aulas de substituição, e a dizer que tinham sido os únicos livros de que tinham gostado de ler. (...) Noutros, ou porque as pessoas não estavam motivadas, ou porque os próprios alunos são mais difíceis, temos aqui turmas muito complicadas, ou porque os livros até podem não ter sido os mais adequados, não resultou tão bem.

As expectativas são optimistas para a criação do *Clube de Leitura* no próximo ano lectivo: “A mudança para o Clube pode ser proveitosa, porque cria uma bolsa de professores que está mais interessada naquilo.”

O Plano Nacional de Leitura, em termos gerais e na sua organização

Soube da existência do PNL pela comunicação social, tendo posteriormente procurado informação na Internet. Na escola houve depois uma reunião geral de professores em que ele foi apresentado.

Na sua perspectiva, a criação do PNL é muito oportuna e serve não apenas para estimular a leitura e combater o insucesso, que é um problema na escola, como também para motivar os professores: “É uma belíssima ideia. É preciso puxar um bocadinho, por um lado pelos alunos, e até pela auto-estima dos professores. Ao contrário do que se julga, ninguém fica contente com o insucesso dos seus alunos!” Em face disso, foi proposto à comissão do Plano, a título quase informal, que a escola servisse como laboratório experimental do PNL relativamente ao 3º ciclo e ao secundário.

Tendo em conta a natureza da experiência PNL nesta escola, e o seu conhecimento limitado daquilo que têm sido as actividades no 1º e 2º ciclos, a responsável preferiu não se alongar muito nos comentários que lhe foram solicitados a respeito dos aspectos mais gerais do Plano. De qualquer forma, destacou que o sucesso do PNL depende muito do nível de motivação dos professores: “Nas escolas em que os professores não estão sensibilizados para a importância da leitura, ou não gostam de ler, também não resulta.”

No seu entendimento, uma das grandes contribuições do Plano foi contribuir para a consciencialização das pessoas relativamente à questão da leitura, quer dentro, quer fora do meio escolar, nomeadamente porque “não há leitores em Portugal. Há público leitor pouco formado, há poucos leitores e não há hábitos de leitura. O PNL veio chamar a atenção para que esses hábitos de leitura, ao serem ausentes, contribuem para o insucesso. Eu acho que até os professores lêem pouco. Se começar a fazer um inquérito anónimo verifica que a maioria das pessoas não lêem nada.”

O *site* do PNL, que é consultado regularmente, mereceu uma apreciação moderadamente positiva (“a informação que eles dão é muito útil”), embora tenha sido referido que fica ainda muito aquém daquilo que existe noutros países, nomeadamente em Espanha; especificamente, foi destacado pela negativa o aspecto gráfico: “Acho-o extremamente retrógrado, acho que é uma coisa pesada, é muito institucional. Não é apelativo. Acho que hoje em dia temos *designs* muito bons. Para um Plano de Leitura que se pretende como inovador, ter um ar que parece as ordens da Ministra da Educação para as escolas... É igualzinho a um decreto-lei, percebe? Abro um *site* do Ministério e abro aquele, é igual, e a vontade que tenho de ler aquilo é exactamente a mesma, nenhuma. Deviam ter convidado, por exemplo, alunos de escolas de *design* para fazerem concursos, em que eles apresentassem e ganhassem um prémio, um grafismo giro para aquela página.”

Em termos menos positivos, foi dito que deveria ter havido já este ano uma sensibilização de todos os professores do 3º ciclo e do secundário para os objectivos e para as actividades do PNL, como forma de preparação dos anos seguintes: “Ora quando eles já estão com a experiência no 1º e no 2º ciclos, já deviam estar a formar gente no 3º e no secundário.” Também a divulgação que tem sido feita junto dos alunos em particular e junto da população em geral mereceu alguns reparos: “Acho que falta ali ainda uma certa visibilidade e uma certa dinâmica. (...) Não me parece que os alunos tenham um conhecimento muito

grande... Se calhar poder-se-ia fazer um prospecto de divulgação disso para aparecer juntamente com as matrículas, por exemplo. Se calhar as bibliotecas de freguesia deveriam ter um papel mais dinâmico junto das escolas, que também não têm.”

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

Segundo a entrevistada, os problemas de insucesso e de iliteracia são pronunciados na escola, sendo as dificuldades transversais às várias disciplinas:

Achei sempre que o insucesso não o é da História, é o insucesso do Português, da falta de interpretação, da incapacidade de ler bem, de perceber o que se lê, e principalmente a ausência total de referências em termos de vocabulário, de conhecimentos, etc. (...) É muito difícil falar com um aluno que quando nós lhe dizemos uma palavra qualquer ele não a conhece! E quando digo uma palavra qualquer digo uma palavra daquelas corriqueiras! Não é um vocabulário propriamente erudito... (...) Eles não descodificam nada. Por exemplo, nós em História temos competências a desenvolver no secundário; uma delas é a interpretação do documento. Essa interpretação é hermética para a maioria dos alunos, porque eles não percebem o que é que estão a ler...

O enquadramento social e cultural da escola foi destacado como importante para compreender os padrões de leitura e de literacia, nomeadamente porque as suas características dificultam a articulação daquilo que aí é feito em termos de aprendizagem com aquilo que é feito em casa; o diálogo com os pais/encarregados de educação também fica dificultado:

Temos vindo a reparar que o meio sócio-económico desta escola tem vindo progressivamente a baixar. O que nós assistimos com a privatização do ensino a nível dos secundários é, há uma tendência para as classes médias, médias-altas retirarem os filhos das escolas públicas, tirando aquelas escolas que são de referência. A tendência é pôr os alunos no ensino privado. Isto traz-nos uma mudança do tipo de aluno, ou seja, a maioria dos nossos alunos tem um nível sócio-económico e cultural baixo, os pais, de um modo geral não têm licenciaturas, o que também não contribui para incutirem nos filhos o gosto por atingirem uma licenciatura, não valorizam. Não valorizam o ensino superior, não valorizam o estudo, o ensino. Isto por um lado. Por outro lado estes alunos têm dificuldades económicas, não têm computadores em casa, ou se têm, não têm Internet. São muito poucos os que têm. Tudo isso dificulta também a interacção com os pais, que tem que ser feita com pais que percebam o interesse disto. São pessoas que vêm muito pouco à escola, interessam-se muito pouco pelo percurso dos alunos. Não é fácil.

Em termos mais gerais, os hábitos de leitura dos jovens são muito débeis, segundo a entrevistada, que referiu também alguns factores que podem eventualmente ajudar a explicar esse panorama:

A maioria dos nossos alunos perdem muito tempo a ver televisão e ao computador e não lêem nada. (...) Praticamente ninguém lê. Conhecem muito poucas coisas. E depois é difícil porque eles também têm pouco tempo, porque têm muitas aulas e muitos trabalhos de casa. De facto esta ideia de que a escola é um sítio onde se depositam os meninos e que têm que estar cá das 8h00 às 17h00 ou às 18h00 porque os pais estão a trabalhar, é muito giro porque os pais escusam de estar preocupados. Mas isto implicou um reforço horário em termos lectivos para os alunos que os impede de fazer seja o que for! Ou seja, eles chegam a casa, das duas uma: ou fazem os trabalhos de casa, e a maioria não faz porque está farta, ou vão para a Internet ou vão ver televisão, não se vão pôr a ler! Eu tive um filho no ensino secundário há pouco tempo, e ele saía da escola farto, arrasado, não podia ver já aquilo na frente, porque eram 35 horas por semana! É muito tempo! Não dá tempo para a pessoa sair dali e pôr-se a ler em casa, não é? Quem é o menino que sai daqui às 17h e tal, que ainda tem trabalhos para fazer, que às 8h00 tem que estar cá, e vai para casa pôr-se a ler? Ninguém. Vai ver televisão, os “Morangos com Açúcar”, ou aquelas porcarias da “Floribelas”, depois janta, depois vê mais uma telenovela ou vai para o computador, se tiver, e pronto! Vai para as mensagens e não faz mais nada. Não lê nada.

A professora de contacto com o PNL não quis deixar de sugerir que uma estratégia eficaz de combate ao insucesso escolar e à iliteracia tem que apostar quer nos aspectos mais lúdicos, quer nos aspectos mais utilitários da leitura: “É importante levá-los a descobrir, por um lado, algum prazer, e por outro, alguma vantagem. É evidente que estamos numa sociedade utilitária, os jovens têm que encontrar uma vantagem em

qualquer coisa, já passou o tempo em que as pessoas têm o prazer só pelo prazer, tudo é pragmático, tudo é útil. Se lhes conseguirmos mostrar que, aliado a um certo prazer da leitura, pode haver uma utilidade dessa leitura e pode haver um percurso escolar facilitado, acho que isso poderia contribuir para os alunos estarem mais motivados para a leitura.”

Sugestões e propostas

Foi referido que existe um desconhecimento quase geral sobre os padrões de leitura dos jovens adolescentes em Portugal: tempos, espaços, tipos de livros... Em face disso, foi sugerido que se apostasse em estudos que permitissem traçar de forma rigorosa esse panorama de práticas e de hábitos de leitura: “Gostaríamos que aparecesse, por exemplo, da parte de observatórios de leitura, etc., no fundo que nos pudessem apoiar e dizer: “Olhem, escolham isto para ler, ou escolham aquilo.” Isto para mim é muito importante, aparecerem dados concretos que não sejam impressões empíricas como nós temos.”

Também destacada foi a necessidade de apostar na formação de professores na área da formação de leitores, assim como de reorganizar tarefas e actividades de estímulo à leitura nas escolas, que deveriam ser transversais às várias disciplinas: “Acho que não deve ser só atribuída aos professores de Português, acho um erro, acho limitador. Porque se calhar um professor de Português, por natureza ou defeito profissional, vai logo avaliar, não é? (risos) O que torna a leitura também, por um lado, se calhar mais conseguida, mas também um bocado mais chata, não é tão livre, não é o ler corrido, o ler por ler. Acho que o PNL só no Português não resultaria, e gostava de vê-lo a assumir isso.”

Outras sugestões prendem-se com a atribuição continuada de financiamento para aquisição de livros e para a realização de actividades de animação, bem como a criação de apoios de formação em animação da leitura para os professores. Também relativamente ao site do PNL, foi sugerido que contivesse “textos sobre como é que se faz a formação de leitores, e a formação de formadores de leitores, opiniões de professores que trabalhem o Plano, comentários vários...”

1.13.3. Entrevista a Professoras

Perfil das entrevistadas

Duas professoras do ensino secundário, a 1ª de Português e a 2ª de História.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola / desenvolvidas pelos professores

Como foi referido com mais detalhe na entrevista à professora de contacto com o PNL na escola, a participação experimental no Plano resultou de uma tentativa de introduzir a leitura nas aulas de substituição, “às quais os alunos são absolutamente reticentes.” (1ª professora). Essas aulas foram compostas por leituras, acompanhadas de um guião, feitas de forma silenciosa ou em voz alta, e pela realização de uma ficha; pretendia-se também introduzir o debate e a reflexão em torno das obras.

Em termos de organização das actividades, a selecção dos livros foi feita pelo grupo responsável pelo projecto, que inclui as duas professoras entrevistadas e a professora de contacto com o PNL na escola. Nessa

selecção, foram tidos em conta dois grandes critérios genéricos: por um lado ir ao encontro dos gostos e expectativas dos alunos, por outro, sugerir leituras consideradas essenciais.

Tentámos ir ao encontro deles. Por exemplo, hoje eles gostam muito de diários, o bilheteiro, a mensagem... Mas o secretismo de uma relação, aquilo que não se quer partilhar, tem muito a ver com o diário e eu sei que há muitos jovens que escrevem diários. A temática passa pela problemática em que hoje alguns jovens se inscrevem: o divórcio dos pais, o problema da droga, o problema do racismo, da xenofobia, das relações entre gerações... Porque o objectivo não é ler parágrafos de uma maneira insossa e a despropósito, não, é que aquele conteúdo permita alguma reflexão e algum debate. (1ª professora)

Tentamos escolher livros que contenham vivências que eles próprios têm. (2ª professora)

De acordo com as professoras, as actividades decorreram bem durante o primeiro período, tendo posteriormente surgido um conjunto de problemas, alguns tendo a ver com os alunos, outros relativos aos professores, nomeadamente devido à natureza das aulas de substituição:

Os alunos foram-se desinteressando, foram-se desmotivando. Até porque não havia uma sequência, porque é evidente que os professores não estão sempre a faltar, portanto o livro não era lido todos os dias, havia uma quebra na sequência do livro, que era lido uma vez por semana no máximo. E alguns professores foram abandonando o plano de leitura e preferindo outras actividades. (1ª professora)

Há professores que, como não gostam de ler, também não podem incentivar os alunos à leitura. Há outros que gostam de ler e então conseguem promover um conjunto de actividades no espaço da sala de aula. É óbvio que para levar o projecto para a frente é preciso algum envolvimento, e o que nós percebemos é que isto como dá algum trabalho, é mais fácil fazer outras actividades do que levar a efeito a leitura na aula. (...) Nós não podemos obrigar um aluno a ler, mas o aluno é obrigado a ter aulas de substituição. Ele também não está preparado para receber a leitura, porque é muito difícil, eu penso que é muito difícil pôr alguém a ler. (2ª professora)

Não obstante, alguns professores continuaram a fazer leituras nas aulas de substituição durante todo o ano lectivo. Em termos mais gerais, o envolvimento dos outros professores para lá do pequeno grupo que criou o projecto foi caracterizado como “bastante fraco”, em vários sentidos:

Quando os alunos resistem, o professor cede, geralmente, e não lê. Os hábitos de leitura dos portugueses são o que nós sabemos, portanto os professores são uma classe que não foge a isso! Por muito que nos doa... Aliás é fácil encontrarmos professores que dizem ler pouco. (1ª professora)

Existe uma bolsa de professores que vai preencher as ausências do professor que naquele dia, àquela hora, não vem. Agora, esses professores que existem nessa bolsa, lá está, não são professores que, voluntariamente, querem ir para uma sala de aula promover a leitura. Pode aparecer um professor de matemática que até não gosta de ler, vai ter com aquela turma e em vez de promover a leitura, se os professores não gostam de ler, também não podem sensibilizar para a leitura. E isto, quer dizer, não é nada ofensivo, é uma constatação de facto. Agora, se esse grupo de professores que for substituir outros, fossem amantes da leitura, isto teria tido um outro êxito, e hoje fariamos um balanço diferente. (2ª professora)

Uma das professoras quis dar um testemunho mais detalhado de quem “dá aulas de substituição todos os dias”:

É evidente que não é a mesma turma que tenho todos os dias. Quando tenho uma turma pela primeira vez, eu leio sempre nas aulas de substituição, sempre em todas as aulas, desde o início do ano. Quando chego à aula e mando vir os livros para eles lerem, a primeira reacção é negativa, dizem-me: “Não queremos ler.” E eu falo durante dois ou três minutos sobre o fascínio de ler. Explico-lhes o que é o PNL, palavras que eles entendam, naturalmente, e quando o livro chega começo eu a ler a primeira parte do livro. Eles vão aderindo, mais ou menos, há sempre dois ou três que estão desinteressados, a aula decorre e, estranhamente, se volto a apanhar a mesma turma em aula de substituição, é a própria turma que me pede para continuar o livro e sabe exactamente em que momento do livro estava. Se é uma turma nova, volto a ter o mesmo problema, ter de explicar o fascínio da leitura, o PNL, etc., etc. O que significa que, de facto, quando motivados eles sentem o fascínio da leitura. A questão é: dizer-lhes, contar-lhes, seduzi-los! E isso é um caminho que tem que se percorrer. (...) O problema são

as resistências iniciais, que fazem com que muitas vezes se desista à partida, porque não se tem muita vontade de argumentar durante 5 minutos com os alunos, que estão a dizer não, não, não! É preciso ultrapassar isso. (1ª professora)

Como foi referido com mais detença na entrevista à professora de contacto com o PNL na escola, para obviar às várias dificuldades encontradas está a ser desenvolvido um projecto de criação de um *Clube de Leitura*, tendo sido destacada a natureza voluntária das actividades e a possibilidade de participação de outros que não apenas os alunos (professores, funcionários, pais/encarregados de educação): “Só quem investe na leitura a título pessoal é que pode levar os outros a fazê-lo também, só pode ser com um regime de voluntariado. (...) Nós queremos criar esta actividade dizendo: “Venham, se quiserem. E não impondo. Porque quando se impõe, muitas das vezes as situações não resultam, e se o professor que está na sala de aula também não está muito virado para isso, em vez de fazer o plano da leitura ou aplicar um livro naquela actividade, faz outra coisa qualquer, um jogo, uma palavra cruzada, uma treta qualquer!” (2ª professora)

Nesse *Clube de Leitura*, que funcionará, em princípio, de manhã e de tarde, pretende-se que haja uma promoção mais efectiva e aberta do gosto pela leitura, da reflexão e do debate livre de ideias; para contribuir para isso haverá uma temática do trimestre, um livro do mês e serão trazidos escritores à escola para contactarem com os alunos: “Temos um leque mais alargado de expectativas porque eles vêm ter connosco, porque vão querer estar connosco, o que é diferente da aplicação numa aula de substituição.” Para além disso, está também contemplada a realização de feiras do livro, de maratonas da leitura, de *bookcrossing*, de exposições, de comemorações de efemérides, de *ateliers* de escrita criativa e de outras actividades em torno do livro. Também está prevista a articulação com outros clubes já existentes na escola, como o *Clube das Artes*, o *Clube de Teatro* e o *Clube de Fotografia*. Outro objectivo é sair do espaço da escola, pelo que se tentará obter a colaboração no projecto de “jornais e revistas da especialidade”, como o *Jornal de Letras*, por exemplo.

Um dos principais objectivos da criação do *Clube de Leitura* é promover sociabilidades como etapa fundamental do estímulo à leitura: “Se por acaso acontecer um aluno gostar de um livro, ele vai passá-lo, ele vai dizer: “Gostei deste.” E possivelmente vai catapultar outros colegas e outros amigos para lerem aquele livro.” (2ª professora) Já existe um conjunto de professores disponíveis para participarem nas actividades.

Foram comprados 12 exemplares de 12 obras com verbas atribuídas pela Fundação Calouste Gulbenkian (1500€), no âmbito do PNL. Todos esses livros estarão disponíveis para o *Clube* e estão direccionados quer para o 3º ciclo, quer para o secundário.

Quando questionadas acerca das actividades de leitura no período normal de aulas, foi dito que os momentos de leitura constituem sempre momentos fortes e positivos, embora a natureza mais fragmentada dos quotidianos do 3º ciclo e do secundário, em termos de variedade de disciplinas e de professores, faça com que seja mais difícil realizar um trabalho contínuo e articulado.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais

Estas professoras destacaram muito o carácter *sui generis* da participação da escola no PNL e a natureza quase informal do acordo estabelecido com a Comissão do Plano: “Não estamos ao arrepio mas estamos fora.” Foi o envolvimento espontâneo de um grupo de professores que despoletou a realização de actividades de leitura nas aulas de substituição.

Embora a ideia de levar a cabo actividades de leitura nas aulas de substituição já existisse previamente ao PNL, foi referido que a existência deste último foi fulcral para dar peso suficiente à proposta apresentada pelo grupo de professoras ao Conselho Executivo: “Destá vez levámos a proposta e fomos lá abaixo e dissemos: “Olhem, isto tem que ser feito qualquer coisa, precisamos de fazer qualquer coisa. Está aqui!” E então apresentámos um documento de proposta de actividades para ocupação dos tempos escolares, ao abrigo do despacho, agora sim fundamentado, do Ministério da Educação! Ou seja, tínhamos uma base legal para apresentar uma proposta e para que ela coubesse nesta escola. Como havia uma base legal, já colheu de outra maneira! Quando nós apresentámos como ideia: “Pois, está bem. Depois vê-se.”” (2ª professora)

Segundo o que foi transmitido na entrevista conjunta, é encarada de forma muito positiva a estratégia inicial do PNL em privilegiar o 1º e 2º ciclos do ensino básico: “Faz todo o sentido e aí deve ser implementado e com toda a força. Está absolutamente correcto e muito bem elaborado.” (1ª professora)

Em termos mais gerais os objectivos e actividades propostos no PNL também mereceram apreciações muito positivas: “É a identidade portuguesa que está em causa. Sem ler, sem conhecer, sem saber, sem gostar, sem amar os escritores de língua portuguesa, nunca serão cidadãos. Todas as actividades de leitura contribuem para isso.” (1ª professora)

Não obstante, na perspectiva de uma das entrevistadas, neste primeiro ano o apoio continuado dado à escola foi muito escasso, particularmente por parte do Ministério da Educação: “Quería que tivesse sido mais concreto no PNL. E basta ir ao site [do ME] para se verificar que nada há do PNL! De facto não há pistas para se fazer o PNL. E portanto tudo é feito na base das boas vontades, não há trocas de experiências. Não há nada do PNL. Já me aconteceu muitas vezes tentar saber alguma coisa do PNL, inclusivamente passar pelo Ministério da Educação e encontrar lá um recorte de um cronista do Público sobre o PNL!” (1ª professora) Esta professora entende que o apoio dado às escolas de 3º ciclo e secundário deveria já ter começado, na medida em que aí é mais difícil implementar o Plano.

Foi também criticado aquilo que uma das entrevistadas caracterizou como sendo um excessivo centramento do PNL num número reduzido de pessoas, associado a uma difusão restrita da informação:

Conheço quem esteja a fazer mestrados e doutoramentos sobre o PNL, que me dizem que não há nada! Nada em lado nenhum! Não conseguem ter acesso a qualquer informação sobre o PNL. Vão sempre ter com as mesmas duas pessoas que estão na origem do processo. (1ª professora)

Inicialmente teve visibilidade nos meios de comunicação social. Agora, quem quiser saber mais do Ler+, vai ao site e consulta. E pouco mais encontra do que aquilo que inicialmente foi divulgado. (2ª professora)

Ambas as professoras se revelaram muito surpreendidas com o facto de a escola ser frequentemente visitada por pessoas interessadas em saber como está a decorrer o PNL, uma vez que o seu envolvimento é meramente experimental:

Quantas vezes é que nos remetem cá para a escola as pessoas que querem saber alguma coisa sobre o PNL! Entrevistas de rádio, jornais, contactos com alunos de mestrados, de doutoramentos, revistas... O que me dá a ideia que, de facto, não deve haver muita coisa, porque vem cá tudo ter! (1ª professora)

Nós, que em princípio não estamos directamente ligadas ao PNL porque somos secundária, e fizemos uma aposta espontânea de um grupo de colegas e de boas vontades, o que é facto é que temos sido solicitados para falar da nossa experiência, o que é espantoso! Nós não sabíamos que tínhamos tanta visibilidade! (2ª professora)

Quanto à divulgação que tem sido feita do PNL a nível nacional, ela foi considerada “muito má” (1ª professora), nomeadamente devido ao Plano ter sido bastante divulgado no início (“Foi uma campanha muito bem feita”) mas ter desaparecido progressivamente: “A sensação que as pessoas têm agora é que não há PNL. Foi um projecto que morreu, deixou de se falar do PNL.” (1ª professora). Também foi dito que os alunos em geral, assim como os pais/encarregados de educação não sabem da existência do Plano.

Já a marca Ler+ mereceu o seguinte comentário: “É feliz. Parece-me um chavão feliz.” (1ª professora)

De referir ainda que a escola não participou no Concurso Nacional de Leitura devido ao facto de a informação ter chegado “muito em cima da hora”, o que mereceu alguns reparos. Também o próprio molde do concurso foi criticado: “Penso que também não pode ser com tanta sede ao pote. Ou seja, se os alunos vão começar agora a ler e se os alunos vão ter que fruir a leitura, isto é uma coisa que é gradual, quer dizer, não se faz um concurso de um dia para o outro. (...) Temos um longo percurso, temos muito ainda por percorrer.” (2ª professora)

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

A propósito deste assunto, foi destacado que é muito difícil para os professores, e não só, conhecerem actualmente o panorama das leituras jovens em Portugal, o que dificulta sobremaneira a sua acção direccionada para o estímulo à leitura: “É um trabalho que acho que está por fazer. Nunca se fizeram inquéritos sobre isto junto dos jovens. “O que é que vocês gostam de ler? Que tipo de autores, que temáticas?” E então nós, que temos que escolher livros para esta juventude, interrogamo-nos o que é eles poderão gostar mais, o que é que lhes vai chegar mais perto? O que é que os vai tocar menos? E para nós é um pouquinho difícil também, desdobramo-nos em mil ideias para ir ao encontro deles. Mas possivelmente nem sempre escolhemos bem.” (2ª professora)

O contexto sócio-económico da escola foi evocado para ajudar a explicar o panorama das práticas de leitura e dos níveis de literacia, que são “muito, muito baixos”:

O nível dos alunos é baixo. A primeira visita que fazem a um museu é proporcionada pela escola. O primeiro teatro que vão ver também. Mesmo dentro de Lisboa, perguntam-nos: “Mas onde é que isso fica?” Não sabem... (...) Não é comum vermos, eu nunca vi nenhum aluno, para além dos seus livros e manuais escolares, um outro livro em cima, que é o livro por exemplo do intervalo ou o livro dum cafezinho que se toma lá fora. Não. E nós aqui promovemos que os livros possam ser requisitados com um prazo que pode ser renovado. Mas é raro requisitarem livros para casa. Um caso ou outro de alguma excepção. Mas de facto o balanço eu penso que é um pouquinho negativo. Os alunos desta escola não lêem. (2ª professora)

Muitas vezes o primeiro livro que lêem é na escola. (...) A iliteracia tem níveis um bocadinho preocupantes. Eles têm dificuldade em descodificar os enunciados, por exemplo, dos testes, para não falar já na disciplina de Português, mas nas outras disciplinas todas! (...) Eles não entendem as perguntas que lhes são colocadas, não conseguem descodificar sequer a pergunta. (1ª professora)

E para falar na disciplina de História, em que se lhes apresentam um documento para eles trabalharem e desconstruírem, eles não conseguem. Têm uma grande dificuldade. (...) E se, por exemplo, colocarmos uma questão na base do article, relacione, isso então... (2ª professora)

Segundo o que foi dito, apesar de haver sempre jornais e revistas actualizados disponíveis na BE, eles não são consultados pelos alunos. Neste quadro, um dos objectivos para o futuro é oferecer um leque mais alargado de oferta: “Tendo inclusivamente jornais de desporto. Porque também pode passar por aí, ter o jornal, sei lá, *A Bola* por exemplo. Pode ser que, com isso, leve a que dois ou três alunos se juntem a ler o

mesmo jornal. Está a ver? Bom, quem sabe, pelo menos um cantinho ali e outro acolá em que os alunos peguem.” (2ª professora)

O “ambiente familiar” surge como um dos factores identificado como responsável pelos débeis hábitos de leitura dos alunos, nomeadamente por poder anular os esforços feitos pela escola no sentido de os fortalecer:

Poderá também não haver em casa muito por onde fazer por aí. Também não os podemos culpabilizar nem fazer juízos de valor errados, porque por vezes também o ambiente em que eles se inscrevem não é favorável a este tipo de actividades. Nós também percebemos isso. Já tive alunas com outro nível cultural, que lêem e que trocam impressões connosco sobre livros que têm saído, ou perguntam: “Ah, eu agora que vou para férias que livro é que vou ler depois dos exames nacionais?” Mas são casos muito pontuais. E se formos a fazer o reconhecimento onde é que aquela aluna vive e que família tem, percebemos que o nível sócio-cultural é mais elevado do que a média. E portanto dentro de casa, a própria casa já tem vida por livros que lá existem, portanto não é nada de novo. Agora, alunos que têm uma sala despida, sem livro algum, não têm o hábito da leitura. (2ª professora)

Sugestões e Propostas

Para uma das professoras, o PNL deveria, nos próximos anos, celebrar contratos com os conselhos executivos das escolas de 3º ciclo e secundário, de maneira a assegurar um envolvimento suficientemente abrangente dos vários agentes em presença e a afectação de recursos, uma opinião que resulta da experiência levada a cabo neste ano lectivo: “Isto não pode ser uma questão de voluntários nem de boas vontades. Não chega quatro professores numa escola. Depois a questão do espaço nas escolas, tem que haver um espaço para a leitura. Tem que haver dinheiro para adquirir livros.” (1ª professora)

Algo de fundamental para os próximos anos do PNL será a criação de uma lista de obras apropriadas para o 3º ciclo e para o secundário. Uma das professoras sugeriu igualmente que será necessário dispor de mais tempo de ensino da língua portuguesa para desenvolver actividades de leitura mais proficuas e para melhorar os níveis de literacia: “Com duas aulas por semana, como imagina, o gosto pela leitura não pode ser muito incentivado. Têm demasiado poucas aulas de Português.” (1ª professora)

Também foi sugerido o envolvimento de outras entidades exteriores ao campo escolar: “Aquela coisa tão bonita que se chama mecenato! Porque não? Se há dinheiro para tanta coisa porque não também um envolvimento da parte ou de parcerias, ou até por exemplo um trabalho um bocadinho mais entrosado com a Câmara Municipal de Lisboa! Que não existe! Apoios, são perfeitamente nulos!” (2ª professora)

No seguimento, a mesma professora destacou as dificuldades que as escolas de Lisboa enfrentam na articulação com a Câmara da cidade ou mesmo com as Juntas de Freguesia, nomeadamente por comparação com outros locais do país: “Eu sei que, por exemplo, na periferia de Lisboa, no interior deste Portugal, há um trabalho contínuo de grande interesse comum entre as Câmaras Municipais, que desenvolvem e promovem trabalhos para as escolas e vice-versa, e dão apoio também monetariamente. A Câmara Municipal de Lisboa não existe! Não conhecemos sequer. Porque há uma biblioteca na Câmara Municipal de Lisboa que deveria trabalhar em consonância com as escolas de Lisboa. As BEs mais despidas e mais descaracterizadas, menos bibliotecas, são exactamente as das escolas de Lisboa, porque não têm apoio da Câmara.”

1.14. Escola Básica de 1º Ciclo com Jardim de Infância de Arcos (Setúbal)

1.14.1. Relatório de visita

O primeiro contacto com esta escola foi efectuado a 3 de Novembro de 2006 e dele resultou a marcação de uma pequena conversa informal com a responsável da BE e do PNL na escola.

A primeira ida à escola foi assim realizada no dia 14 de Novembro e serviu apenas para um primeiro contacto com a escola e com a realidade do PNL. Uma pequena conversa informal com a professora de contacto com o PNL na escola permitiu aferir a receptividade em relação ao Plano, perceber a forma como estava a decorrer a planificação das actividades e identificar os primeiros obstáculos. Algumas dúvidas e interpretações menos correctas das orientações dadas pelo PNL foram detectadas naquela que era uma fase ainda bastante inicial do programa. Desde o início, o acompanhamento da escola por nós foi visto com grande agrado pela responsável.

Um segundo contacto foi estabelecido via e-mail, no início de Março de 2007, para solicitar a ida à escola na Semana da Leitura. A coordenadora respondeu prontamente de forma muito positiva, expressando o seu interesse na visita.

A segunda visita à escola concretizou-se em 7 de Março. Foi possível assistir nesse dia a uma actividade da Semana da Leitura - a apresentação de uma história de vida por uma professora reformada de 82 anos, numa aula de 4º ano. A professora convidada contou várias histórias relacionadas com o seu trajecto de vida, que se misturavam com episódios da História de Portugal, contou contos, disse poemas e pregões antigos. Os alunos foram bastante participativos e pareciam bastante interessados.

Houve também oportunidade para ver alguns trabalhos feitos pelos alunos, baseados em histórias lidas, mostrados pela professora da referida turma. Cada aluno apresentou o fantoche que criou para o teatro que estavam a preparar e alguns leram poemas também a ele destinados. Na sala estavam ainda expostos cartazes com informações sobre os animais representados pelas personagens da história.

Em visita a uma outra turma, de 3º ano, observou-se também diversos trabalhos expostos, feitos pelos alunos. A respectiva professora falou um pouco sobre o trabalho que tem vindo a ser desenvolvido e como a partir de histórias tenta potenciar a imaginação, através de desenhos, trabalhos manuais, explorando os temas e elaborando cartazes. Os alunos disseram gostar das histórias e daquele tipo de trabalho.

Para além de uma visita pela escola, foi ainda possível ter uma pequena conversa com a professora de contacto com o PNL na escola, a qual relatou as actividades que estavam a ser desenvolvidas no âmbito da Semana da Leitura. Na BE estavam alguns dos livros adquiridos com base no reforço orçamental conferido à escola, os quais eram facilmente identificáveis por estarem marcados com um autocolante do PNL na lombada.

No dia seguinte, 8 de Março, foi ainda feita uma nova visita à escola para observação de uma outra actividade da Semana da Leitura - a dramatização de uma história, protagonizada por duas alunas do 4º ano e respectivas mães, direccionada para uma assistência de alunos do 2º ano.

Durante a apresentação da dramatização, as mães fizeram uma breve alusão ao PNL, dizendo que embora não sendo novidade, este ano a actividade estava inserida na Semana da Leitura e no Plano, e que era

com satisfação que viam a escola integrá-lo. No final da actividade, houve oportunidade para falar rapidamente com essas mães (cujas profissões eram advogada e psicóloga), as quais referiram que não foi a primeira vez que participaram neste tipo de iniciativas da escola e reforçaram a importância da cooperação entre professores e encarregados de educação.

Em Abril um novo conjunto de contactos permitiu mais uma visita à escola e a realização de entrevistas. O que mais complicado se revelou foi a marcação da entrevista com as professoras. Foi manifestada inicialmente pela coordenadora da BE alguma dificuldade em reuni-las numa mesma data e hora fora do horário lectivo, dificuldade essa que acabou por ser ultrapassada.

A quarta visita à escola concretizou-se em 2 de Maio. A entrevista com a professora de contacto com o PNL na escola e coordenadora da BE, que não decorreu na BE mas sim numa outra sala, revelou o clima de confiança e descontração já conseguido pelas visitas anteriores. A conversa estendeu-se por cerca de duas horas.

Foi ainda feita uma nova visita à BE. Antes da entrevista, estava lá a decorrer uma sessão de Hora do Conto, com recurso a diapositivos, dinamizada pela sua coordenadora. Após essa actividade, a BE ia ser ocupada por um grupo de alunos para aulas de apoio. Ao fundo da BE podia ser visto um *placard*, onde se encontrava um cartaz do PNL e outros relativos a concursos de leitura. Estavam também expostos alguns trabalhos de alunos. Da parte de fora da BE, ao lado da porta, encontrava-se também um grande painel destinado à divulgação das suas actividades. Estava exposta uma fotocópia da capa do “livro do mês” da BE, que é trabalhado na Hora do Conto, também um cartaz do Dia Mundial do Livro, um Guia de Eventos de Setúbal e o destaque de algumas actividades da BM. Num outro painel ao lado, estavam expostos trabalhos de alunos sobre livros, especialmente desenhos.

Uma quinta visita decorreu no dia seguinte, a 3 de Maio, com vista à realização da entrevista com as professoras. A entrevista conjunta com duas professoras e uma educadora teve lugar na BE, depois do final das aulas. Foram todas bastante participativas e a entrevista durou uma hora.

Nesta visita foi também projectada a próxima ida à escola no âmbito da Feira do Livro que a escola iria organizar.

A sexta visita à escola, no dia 17 de Maio, teve o intuito de assistir ao encontro com a escritora Ana Maria Magalhães, no âmbito da Feira do Livro organizada pela escola, que teve lugar na BE.

Foram feitas duas sessões desse encontro, ambas com a participação de bastantes alunos do 1º ciclo e respectivas professoras. Os alunos apresentaram alguns trabalhos realizados por eles sobre os livros da autora e fizeram algumas perguntas que tinham preparado, às quais se seguiram muitas outras espontâneas (sobre os livros, sobre a escritora, recomendações para quem quisesse vir a ser escritor...). Era visível a curiosidade dos alunos.

Foram muito referidos os livros da colecção *Uma Aventura* e também *Viagens no Tempo. Uma Viagem ao Tempo dos Castelos*, por exemplo, foi um livro trabalhado por algumas professoras para abordar temas de História. Segundo Ana Maria Magalhães, essa colecção pretende tornar mais divertida e interessante a aprendizagem desses conteúdos, conjugando duas áreas do seu interesse, o Português e a História.

Teve ainda lugar uma sessão de autógrafos. Muitos alunos levavam livros para serem autografados, mas uma grande parte acabou por comprar novos títulos na feira do livro. As crianças partilhavam entre si o conhecimento que tinham em relação ao conteúdo dos livros que já haviam lido e faziam uma apreciação

crítica dos mesmos, incentivando ou não outras a adquiri-los. Dirigiram-se lá também duas mães, que compraram os livros escolhidos pelos filhos. Segundo a coordenadora da biblioteca, a venda de livros estava a ser um sucesso, o que pôde ser comprovado por grande parte dos títulos da autora que estavam à venda terem esgotado.

À saída da BE, no painel destinado à divulgação de actividades, era visível uma alusão ao PNL, com a referência da integração da escola no programa e dos livros adquiridos através dele.

Por ocasião das visitas, foram entregues/recolhidos os seguintes materiais:

- Programação da Semana da Leitura;
- Programa da animação da Feira do Livro da escola;
- Panfleto de divulgação da Feira do Livro (apelando à participação de encarregados de educação e amigos da escola);
- Folheto com informações sobre a BE/ guia do utilizador (onde se identificam as várias zonas de funcionamento da BE, o que se pode fazer em cada uma delas e como);
- Jornal da escola (de Março de 2007, em que se aborda a Semana da Leitura);
- Pequeno resumo do trabalho desenvolvido por uma educadora, no âmbito do PNL, a partir de um livro, com as várias actividades desenvolvidas por áreas temáticas e com uma fotografia do resultado final relativo à expressão plástica;
- Resumo do trabalho realizado pela responsável da BE sobre *Como é que a comunidade escolar sente e vê a sua Biblioteca Escolar* (com os resultados do mini-questionário aplicado aos alunos).

1.14.2. Entrevista a Professora de Contacto com o PNL na escola

Perfil da entrevistada

A professora de contacto com o PNL na escola e coordenadora da BE fez o complemento de formação em Educação Físico-Motora e tirou uma pós-graduação em Gestão e Administração Educacional. Sempre foi professora de 1º ciclo, mas, por questões de doença, ficou cinco anos com a portaria, ou seja, sem componente lectiva. Durante esses cinco anos esteve a gerir bibliotecas escolares. Diz que sempre teve muito interesse pela formação relacionada com as bibliotecas e tinha uma grande curiosidade em trabalhar numa BE, o que veio a concretizar.

Este ano foi colocada na BE da EB1/JI de Arcos, na qual está pela primeira vez. Nas outras BEs, afirma, fazia o seu trabalho um pouco intuitivamente, porque não tinha formação técnica, mas este ano diz ter “aprendido a sério” o que é o trabalho numa BE, ainda para mais integrada na RBE. Para isso muito contribuíram as acções de formação que frequentou sobre as BEs. Diz-se muito vocacionada também para as TIC e os computadores, daí estar a frequentar duas acções de formação neste domínio, aplicado às BEs - A BE e o Paradigma Digital, que é um curso *online*, e também uma outra formação sobre uma plataforma informática de apoio à aprendizagem.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola

Grande parte das actividades levadas a cabo nesta escola foram desenvolvidas na BE e organizadas pela sua coordenadora. Esta começa por contar o tipo de actividades relacionadas com a leitura que desenvolveu na BE durante todo o ano.

Uma calendarização estabelece o horário em que cada turma se desloca à biblioteca, de forma a que esta está sempre ocupada por professores e/ou alunos. Nesse horário estabelecido para as turmas, estas têm acesso a diferentes actividades conforme a semana em causa.

Mensalmente a coordenadora da BE faz a animação de livros, a Hora do Conto. Quinzenalmente há a requisição de livros pelos alunos. Para além disto, a coordenadora promove *ateliers* ou dá suporte aos alunos no desenvolvimento de trabalhos.

A Hora do Conto é o exemplo de uma actividade que diz fazer habitualmente, mas que este ano encaixou no PNL. Dinamizada por ela, esta actividade parte de uma “História do mês”, de um livro que escolhe tendo em atenção que sejam livros que não coincidam com os que as professoras estão a trabalhar na sala, mas que sejam preferencialmente também obras recomendadas pelo PNL. É dado o exemplo de um livro que descobriu, do António Mota, que não foi adoptado pela escola mas que acabou por trabalhar com os alunos na BE.

Todas as turmas, quinze (treze turmas de 1º ciclo e duas de JI), participam nesta actividade, a qual se multiplica em várias sessões. À medida que vai contando a história, vão sendo projectados os diapositivos com as imagens do livro, que digitaliza previamente. Depois da leitura, mostra o livro e dá-lo aos alunos para eles verem e mexerem, fornecendo também algumas informações acerca do mesmo, como o autor e a colecção a que pertence.

A coordenadora deixa depois ao critério de cada turma o desenvolvimento da história à sua maneira, dá liberdade às professoras para que, partindo do que os alunos ouviram e do que aprenderam, cada uma desenvolva depois na sala o tipo de trabalho que achar mais conveniente: dramatizar, fazer fantoches, desenho ou reconto, por exemplo.

Para além da Hora do Conto, a coordenadora da BE organiza por vezes *ateliers*, com os alunos dos anos mais avançados. São disso exemplo *ateliers* de escrita criativa, de jornalismo ou relacionados com as TIC. Por vezes, são as professoras a sugerir o que gostariam que fosse feito, como suporte ao trabalho que desenvolvem, e a coordenadora prepara as actividades. Se necessário, presta também apoio aos alunos quando as professoras os dirigem para a BE, para a realização de determinados trabalhos.

As actividades realizadas na BE desenvolvem-se durante o horário lectivo. Tal acontece também no que concerne às requisições. Quinzenalmente, no dia para isso indicado em cada turma, os alunos deslocam-se lá, um grupinho de cada vez, sem o acompanhamento do professor, que fica na sala a gerir os restantes alunos, e escolhem o livro que querem requisitar.

Já que a requisição domiciliária implica levar os livros para casa e cuidar deles, foi enviado um papel aos encarregados de educação, no princípio do ano lectivo, a perguntar se estavam interessados e se autorizavam os seus educandos a fazer as requisições. Praticamente todos responderam positivamente, excepto três ou quatro que não se mostraram interessados.

A coordenadora afirma que os alunos não fazem as requisições por obrigação, são até por vezes eles próprios que lembram a professora, o que demonstra o seu interesse. Talvez se lembrem é mais pelo facto de haver um dia marcado para tal. As requisições são geralmente apenas aceites no horário para isso estabelecido para cada turma, é uma forma de organização que a coordenadora adoptou por ser a única funcionária da BE.

Em Abril foram atingidas as duas mil requisições desde o princípio do ano lectivo. Entre os livros requisitados, não estão os livros do PNL, já que a coordenadora optou por, por enquanto, não permitir que os alunos os levassem para casa, porque neste momento se destinam essencialmente ao seu trabalho em sala de aula.

A escolha dos livros é feita por cada aluno e é motivada pelo gosto próprio e pelos interesses pessoais, o que é incentivado pela coordenadora. Os livros escolhidos não são, em geral, especificamente relacionados com matérias escolares e não há a obrigação de fazer qualquer tipo de trabalho com eles.

Há meninos que sabem exactamente aquilo que querem levar para casa para ler, e levam livros para se recrearem, para terem prazer e não para estudarem e para ser obrigatório fazer o resumo ou fazer a banda desenhada... Porque há meninos que, se calhar, se lhes fossemos obrigar a fazer isso, pura e simplesmente não requisitavam os livros. E eu digo-lhes, “Levem livros que vocês gostem, que vocês achem que vão ter prazer a ler, a ver em casa”.

Para além das actividades desenvolvidas na BE, as professoras realizaram actividades de leitura em sala de aula, tendo recorrido para isso aos livros adquiridos com o financiamento do PNL. Cada professora trabalhou, em geral, três livros, um livro por período lectivo.

Embora nalguns anos de escolaridade todas as turmas tenham trabalhado os mesmos livros, noutras tal não aconteceu. Por exemplo, nem todas as professoras do 3º ano escolheram as mesmas obras, tendo havido uma grande variedade de títulos entre as turmas desse ano. O financiamento do PNL conferiu-lhes a possibilidade de terem vários livros e de poderem escolher os que mais lhes agradavam.

A circulação dos livros que foram trabalhados por mais do que uma turma foi sendo gerida de forma a que não houvessem coincidências nos períodos em que iriam ser utilizados. Para que tal não acontecesse, e também por não terem tido acesso no 1º período aos livros, já que a verba para a sua aquisição não tinha sido ainda disponibilizada, algumas professoras acabaram por não seguir minuciosamente a indicação que tinham dado na ficha de registo no que respeita ao período lectivo em que trabalhariam determinados livros. Depois de utilizados pelas professoras em sala de aula, os livros regressam para a BE.

Foram várias as formas de fazer a exploração dos livros e esta variou de acordo com cada professor. A coordenadora diz, contudo, não ter conhecimento do trabalho desenvolvido por todas as professoras: “É claro que há colegas que eu vejo que fazem trabalho com o livro, há outras que, não sei se é por descrição, que não tenho o *feedback*”. Não tem também conhecimento do tempo exacto que cada uma tem dedicado à leitura.

A coordenadora pensa que as actividades centraram-se essencialmente em livros. Ainda assim, verificou nalguns casos a implicação de outros suportes, como revistas. Algumas professoras recorreram também ao visionamento de DVDs/filmes na BE.

Muitos trabalhos resultantes da exploração das leituras foram expostos nas salas de aula e alguns foram também apresentados no jornal escolar.

A escola participou também na Semana da Leitura. Várias actividades desenvolvidas no seu âmbito implicaram a participação de familiares dos alunos. Pais, mães e também uma tia e uma avó foram “ler com a

criança na escola”. A maior parte deles foram ler histórias, “contar histórias com o apoio do livro”, reforça a coordenadora. Alguns optaram por fazer pequenas dramatizações com os seus educandos. Outros convidados participaram ainda na Semana da Leitura. É o caso de uma professora reformada, que foi contar a sua história de vida, e de duas animadoras da Biblioteca Municipal, que fizeram a leitura e animação de livros. As actividades centraram-se em livros do PNL que estavam a ser trabalhados. A maior parte destas actividades decorreu nas salas de aula de cada turma, e só algumas tiveram lugar na BE. Algumas incluíram também mais do que uma turma na assistência, ou foram dinamizadas por pais e alunos de uma turma para outra.

Estava ainda planeada à data da entrevista uma ida com os alunos à Feira das Bibliotecas Escolares do Concelho de Setúbal, uma iniciativa da CM Setúbal, do SABE e das BEs do concelho de Setúbal, na organização da qual a coordenadora da BE esteve a prestar apoio.

Mas a actividade que iria ser realizada na escola e que foi destacada com maior entusiasmo pela coordenadora da BE foi a feira do livro, por ela organizada, que iria decorrer a meio do mês de Maio. Durante esta feira terão lugar várias animações na BE, que implicam a participação das turmas. Uma delas é o encontro com a escritora Ana Maria Magalhães, que se insere no âmbito do PNL, visto várias turmas, mais precisamente cinco, terem trabalhado livros seus. São essas as turmas que participarão nesse encontro.

Por ocasião da ida à escola da escritora, os alunos de uma das turmas em questão, do 3º ano, irão apresentar um trabalho que desenvolveram, com pinturas e desenhos que vão digitalizar, sobre um dos livros da escritora (em co-autoria com Isabel Alçada), *O Circo Maravilhoso da Serpente Vermelha*, cuja temática é muito ligada à arte. As outras turmas vão levar questões para colocar à escritora, partindo dos livros que leram dela, todos livros do PNL refere a coordenadora: para além do já mencionado, também *Uma Aventura nas Férias de Natal*, *Uma Viagem ao Tempo dos Castelos*, *O Leão e o Canguru* e *A Bruxa e a Fada Atarantada*.

O programa de animação da feira do livro da escola conta ainda com um encontro com uma escritora de poemas, uma colega da coordenadora da BE, que já editou alguns livros. O convite surgiu por haver uma turma que também trabalha muito a poesia. Também haverá lugar para uma animação sobre o 25 de Abril, dinamizada por um professor (não pertencente à escola), músico, e que irá falar sobre o assunto e apresentar algumas canções.

Uma outra actividade englobada na feira do livro será o encontro inter-turmas com a apresentação de trabalhos de umas turmas a outras. Vai haver, por exemplo, um teatro de fantoches a partir de um livro do PNL, *Os Três Porquinhos*. Também serão apresentados poemas com recurso a diapositivos, trabalhos de pintura e contos. A coordenadora constata que todos os trabalhos que serão apresentados estão relacionados com o PNL e com as leituras que proporcionou.

Com a realização desta feira, a coordenadora pretendia também ter a participação dos pais, na compra de livros para os filhos, e ao mesmo tempo envolver a escola numa actividade desenvolvida pela BE.

O *blog* da escola que a coordenadora da BE criou foi uma das formas utilizadas para a divulgação das actividades desenvolvidas, com especial destaque para as do PNL. Com o mesmo propósito foi utilizado o *placard* situado à entrada da BE.

No caso da Semana da Leitura, os pais foram informados previamente das actividades que iam ser desenvolvidas e a sua participação foi solicitada através de um convite que a coordenadora redigiu e que cada professora enviou para estes, através dos alunos. Numa ficha enviada em anexo, os pais que estivessem

interessados em participar indicavam as horas a que podiam ir e o que queriam fazer. De acordo com a disponibilidade dos pais, cada professora calendarizou as suas actividades para essa semana.

Note-se contudo que, apesar da adesão de quase todos os professores ao envolvimento dos pais, uma ou duas professoras optaram por não envolvê-los nas actividades que realizaram, não lhes comunicando sequer nada a este respeito. A coordenadora refere que são professoras mais individualistas, que não gostam muito de partilhar o seu trabalho e que não se mostram muito receptíveis a sugestões, pelo que não tem também muito conhecimento acerca do tipo de trabalho que desenvolveram no âmbito do PNL.

O balanço que é feito da Semana da Leitura é bastante positivo. Apesar do muito trabalho que acarretou, a coordenadora louva o resultado, que ultrapassou as expectativas. Quando as actividades se realizavam na sala de aula, as professoras chamavam muitas vezes a coordenadora da BE para lá ir fazer o registo fotográfico, o que, segundo esta, demonstrava o seu interesse e também alguma necessidade de partilhar o que estavam a fazer. Também os alunos evidenciaram o seu apreço pelas actividades realizadas. Mas o resultado mais positivo foi a forte adesão dos pais: “Houve turmas que tiveram de prolongar para além dessa semana para poderem aceitar que outras mães viessem também à sala de aula. Uma professora disse-me: *Os meus pais quase todos vieram cá contar uma história aos alunos?*”.

Também no caso da Feira do Livro ia ser feita uma participação para enviar aos pais, informando-os da sua realização e pedindo para, caso estivessem interessados, darem autorização e dinheiro aos filhos para comprarem livros na feira. A expectativa era positiva em relação à resposta destes.

Apesar de este ano integradas no PNL, as actividades organizadas pela coordenadora da BE não têm, para si, um carácter inovador. A entrevistada afirma que já tinha feito feiras do livro e animações envolvendo os pais noutras BEs onde trabalhou. O PNL surge assim na continuidade do trabalho que desenvolvia, mas conferiu-lhe uma maior visibilidade. Para além disso, pensa que o PNL se assumiu perante as professoras em geral como uma forma de legitimação da partilha e articulação de trabalho consigo, enquanto coordenadora do PNL e da BE, o que pensa ser positivo, ainda que não tenha ocorrido em todos os casos.

As professoras, que afirma terem estado envolvidas, apesar de não ter ainda conhecimento do que se passou em uma ou duas turmas, manifestaram-lhe por vezes a sua percepção de que o PNL não trouxe nada de novo ao trabalho que já desenvolviam. A coordenadora pensa, contudo, que para elas a maior novidade é o facto de terem tido a possibilidade de trabalhar com um livro para cada dois alunos.

As colegas dizem “Eu já fazia isso, não é novidade, não precisava do Plano para estar a dizer que faço reconto, que faço resumo e que leio”, e eu respondo “Está bem, mas agora fazes leitura, os alunos lêem a pares, cada dois alunos têm o seu livro, estão com o livro na mão, lêem a mesma coisa, é diferente”. (...) penso que para elas a novidade é que cada dois alunos têm um livro. A outro nível não sei, porque não sei qual era o trabalho que elas faziam, elas dizem que já trabalhavam, já faziam.

A distribuição de verba orçamental para a aquisição de livros em quantidade é uma mais-valia incontornável do PNL. A coordenadora evidencia também, relativamente a este aspecto, o entusiasmo dos alunos pelos livros novos. Quando vêem na BE os livros com o selo do Ler+ já sabem que os livros são novos e manifestam vontade de os levar para casa.

A forte participação dos pais é identificada como um indicador do sucesso das actividades, ainda que não seja possível definir concretamente até que ponto ela não é habitual. A coordenadora não se sente capacitada para avaliar as mudanças na escola, uma vez que este é o primeiro ano que lá trabalha. Além disso,

caso existissem, seria sempre difícil discernir as suas causas. Já que uma parte do corpo docente é novo na escola este ano, elas poderiam reflectir também diferentes métodos de trabalho.

A participação dos pais pode ser um bom indicador. Mas não sei bem se se deve ao PNL ou à dinâmica dos professores novos que cá estão. Houve uma mobilidade significativa de professores aqui. É difícil aferir se de facto se deve à existência do PNL ou às características dos professores.

A médio/longo prazo pensa que poderão ser ultrapassadas algumas resistências da parte de alguns professores e poderá ser cimentada a partilha e a troca de ideias e materiais. Foi nesse sentido que a coordenadora criou uma dossiê que espera que os professores utilizem como uma espécie de portfólio de trabalhos e materiais das actividades do PNL, para que futuramente sejam acessíveis a outros professores.

Eu vejo que as coisas se vão cimentar. (...) Por exemplo, na Páscoa houve ali uma colega que quis falar sobre o que tinha feito, assim umas actividades engraçadas (...), ela queria explicar aquilo, as outras não tiveram paciência para a ouvir. (...) Eu arranji-lhes lá um dossiê, onde elas vão ter de pôr fichas, tarefas, coisas que fizeram com aquele livro, e depois se elas virem, (...) eu penso que isso pode enriquecer. E pode potenciar a partilha de ideias, de materiais... Por escrito, porque oralmente aqui é muito difícil, temos horários diferentes., e por isso é que é importante haver ali um portfólio, onde possam ver... “Olha a colega da manhã teve esta ideia, que gira, vou aproveitar e vou melhorar”. (...) e também a colega que vier para o ano trabalhar aquele livro já pode ter uma ideia. Penso que é assim que poderia ser. Penso que essa é a mais-valia que vai trazer.

O Plano Nacional de Leitura na sua organização

A coordenadora da BE tomou conhecimento do PNL numa reunião do Grupo de Trabalho das Bibliotecas Escolares do Concelho de Setúbal, de que faz parte, através dos responsáveis do SABE e da RBE presentes. Trata-se de um grupo de trabalho que se reúne mensalmente para conversar sobre assuntos relativos às BEs e às directrizes da RBE e onde cada coordenador partilha com os outros o trabalho que desenvolve na(s) sua(s) BE(s).

Depois dessa reunião, foi já no início deste ano lectivo que teve acesso na escola a informação relativa à candidatura ao PNL. Informação a esse respeito, enviada pelo PNL, foi recebida na sede do agrupamento escolar pensa que em Agosto. Como terá coincido com as férias, foi só algum tempo depois que a informação chegou à EB1/JI de Arcos.

A coordenadora da BE relata o processo de inscrição da escola, que se desenrolou depois da recepção da informação. Recorda-se que inicialmente as professoras não pretendiam aderir, devido a algumas interpretações menos correctas acerca do PNL. Elas tinham a ideia de que teriam de ser os pais a adquirir metade dos livros. Mas em reunião do conselho pedagógico acabaram por decidir avançar com a candidatura, depois de o coordenador do agrupamento alertar para a sua mais-valia e utilidade para a escola. A coordenadora avançou assim com o processo de registo na Internet.

Como o registo já foi feito muito em cima do prazo, não foi apresentado um projecto próprio. A escolha dos livros, feita pelas professoras, acabou também por ser um pouco aleatória. Enquanto algumas professoras recorreram ao conhecimento prévio que tinham de alguns livros, outras fizeram a selecção apenas com base nos títulos.

A escolha dos livros é que foi assim um bocado aleatória, foi olhar para a lista e escolher este, aquele... porque aquilo estava já em cima do tempo e não havia muito tempo para ir às livrarias escolher e ver de facto quais seriam os melhores livros. (...) Não tivemos tempo para irmos lá e aferirmos se de facto aquele livro era melhor que o outro. (...) Até há um livro do pré-escolar que elas ficaram um bocado arrependidas de terem escolhido. (...)

Não houve critérios de escolha, foi pelo título. Algumas já tinham ideia, já conheciam alguns livros, mas outras foi mesmo aleatoriamente.

A coordenadora reconhece que não foi uma selecção devidamente fundamentada e tinha sido positivo se tivessem tido oportunidade de ir à livraria ver a oferta de livros e fazer uma escolha mais consciente.

Como obtiveram financiamento do PNL (2500 euros), adquiriram doze exemplares de cada obra. Da parte do livreiro notaram alguma dificuldade na aquisição de alguns livros a par de algumas críticas em relação à lista recomendada pelo PNL. Segundo este, a lista inclui livros que já nem sequer são editados, foram privilegiadas obras e autores mais antigos e não foi tida em conta a oferta nova de qualidade a este nível.

O *site* do PNL tem sido consultado periodicamente pela coordenadora do PNL, para procurar novidades sobre o Plano. A coordenadora vai-se também mantendo informada a este respeito através das reuniões e da *newsletter* do já referido Grupo de Trabalho das Bibliotecas Escolares do Concelho de Setúbal. Foi através dele que foi alertada para a Semana da Leitura, por exemplo. É também a esta plataforma que recorre para o esclarecimento de dúvidas.

As actividades do PNL não foram planeadas em conjunto nem previamente, “nada foi programado, foi tudo acontecendo naturalmente, sem aquela preocupação de projectar, organizar e executar”. Em sala de aula, cada professor desenvolveu o trabalho da forma que achou conveniente. É mais uma vez mencionado algum défice de troca de ideias e de articulação do trabalho entre professores e com a coordenadora da BE.

As actividades desenvolvidas na BE partiram da sua coordenadora, que depois as foi colocando à consideração dos professores. A feira do livro que ia ser realizada, por exemplo, foi sua iniciativa e ela é também a responsável pela sua organização. Os professores não participam muito a esse nível, porque também não têm muita disponibilidade, refere.

Eu podia não fazer nada disto, podia estar ali sossegadinha no meu cantinho. (...) “Para que é que vais fazer uma feira do livro se isso te dá tanto trabalho?” Porque me dá prazer e gosto de ser útil.

As educadoras têm uma participação mais activa, por exemplo, ao nível das requisições, participando no aconselhamento das crianças em relação aos livros mais adequados para levarem para casa: “O não ter a responsabilidade de ter de passar o menino no final do ano, com aquelas competências que é necessário no 1º ciclo, eu penso que isso lhes traz mais liberdade para estarem mais disponíveis para outro tipo de actividades”. Pela sua experiência enquanto professora sempre ter sido no 1º ciclo, a coordenadora sente-se menos apta no trabalho com o JI.

Já que a verba do PNL não foi disponibilizada a tempo de adquirir os livros para serem trabalhados ainda no 1º período, algumas professoras recorreram a meios alternativos para cumprir o trabalho a que se propuseram, trabalhando mesmo com o número de exemplares que possuíam, quando estavam disponíveis na BE, ou solicitando aos pais a aquisição dos livros. Assim, enquanto algumas professoras atrasaram o seu trabalho ao nível do PNL, faltando-lhes ainda trabalhar um livro, outras já trabalharam os três livros previstos inicialmente.

Quando questionada acerca do conhecimento que os encarregados de educação em geral tiveram da integração da escola no PNL e do trabalho desenvolvido no seu âmbito, para além da Semana da Leitura, a coordenadora disse pensar que as professoras os terão informado nas reuniões de pais.

Quanto à cooperação de outras instituições, há a mencionar a do Grupo de Trabalho das Bibliotecas Escolares, mais especificamente o apoio do SABE e da representante da RBE. A integração da coordenadora neste grupo, para além de troca de experiências e do já referido acesso a informação sobre o PNL, proporcionou-lhe formação. Este ano, por exemplo, aprendeu a abrir um *blog* e criou o *blog* da escola, onde divulga as actividades que lá se realizam. Relacionado com o PNL, há a registar ainda a ida à escola de duas animadoras da BM na Semana da Leitura e o acesso a materiais de divulgação, como o cartaz do Dia Mundial do Livro que lhe deram para expor na BE.

São reconhecidas algumas mais-valias na operacionalização dos projectos do PNL pelo facto de a BE estar integrada na RBE, principalmente assentes na existência de uma pessoa destacada a tempo inteiro. A coordenadora pôde dedicar-se à dinamização de actividades naquele espaço e à parte burocrática requerida pelo projecto.

Apoio financeiro obtiveram não só do PNL, como também da RBE (1500 euros, que lhes foi atribuído mas que ainda não receberam). Da Câmara Municipal de Setúbal receberam alguns DVDs e CDs com *software* e jogos educativos sobre língua portuguesa e outras áreas. São contudo apoios que não estão relacionados com o PNL.

Todas as escolas do agrupamento têm BEs. Contudo, não é frequente a utilização recíproca das mesmas, pelo menos no que respeita ao fundo documental, sendo mais usual a circulação de equipamentos, como projectores. Nenhuma actividade realizada no âmbito do PNL foi coordenada a nível do agrupamento escolar. A falta de articulação a este nível, não só no que refere ao PNL, foi justificada pela remodelação que o agrupamento sofreu este ano e pelo facto de a sede não estar ainda habituada a trabalhar com escolas de outros níveis de ensino, lacuna que a coordenadora da BE espera venha a ser ultrapassada no futuro.

Não há actividades coordenadas a nível do agrupamento. (...) Eu senti que havia essa lacuna, nós não nos reuníamos a nível de agrupamento, para termos uma estratégia comum de trabalho. Tenho a estratégia do Grupo de Trabalho das Bibliotecas Escolares, mas não de agrupamento. Cada um nas suas casinhas vai fazendo aquilo que lhe apetece.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais

A criação do PNL é considerada oportuna e muito útil pela coordenadora da BE e professora de contacto com o PNL na escola. Esta tem a percepção de que já estão a ser visíveis alguns resultados ao nível do incremento da leitura, para o que pensa muito ter contribuído o 1º ciclo. A sua expectativa é que estes resultados se vão consolidando e que os objectivos a que o PNL se propõe sejam alcançados a médio prazo.

Já ouvi uma sondagem no Dia do Livro e parece que já se está a ler mais, e penso que um dos ciclos responsáveis é este, o 1º ciclo. O 1º ciclo está a dar uma grande projecção à leitura. Eu acho que sim, acho que não foi uma coisa descabida, foi uma coisa muito útil.

Na sua opinião, faz todo o sentido a prioridade a nível de apoios concedida ao JI, ao 1º e 2º ciclos nesta primeira fase de PNL. Contudo, é necessário alargar os apoios aos restantes níveis de ensino.

Um aspecto menos positivo que aponta à forma como o PNL decorreu até agora é a pouca antecedência com que as escolas foram contactadas aquando do processo de candidatura, em relação ao início do ano lectivo, ou pelo menos a pouca antecedência com que a informação lhes chegou vinda do agrupamento. O tempo é importante para o devido planeamento das actividades. Para além disso, foi tardia a

atribuição das verbas para a aquisição de livros, que dificultou a prossecução dos objectivos de trabalho no quadro do PNL previstos para o 1º período lectivo.

O que achei é que foi muito em cima do ano escolar, muito apressado, para executar já. E estas coisas não podem ser assim. Se tivéssemos tido mais tempo, por exemplo, este ano programarmos, tínhamos escolhido outros livros, pensado melhor em actividades (...). Algumas colegas no 1º período, aquelas que tomaram a iniciativa, trabalharam, independentemente de terem cá os livros ou não, mas só se começou a trabalhar a sério no 2º período.

Quanto à divulgação, a coordenadora pensa que ela está a chegar a grande parte da população. A escola é na sua opinião um veículo decisivo neste aspecto. A divulgação nos meios de comunicação social é contudo percebida como pouca intensa. A marca Ler+, em sua opinião, transmite o propósito da campanha.

As escolas todas sabem e, se a escola sabe, a professora sabe. E se a professora for uma colega com dinâmica na turma, consegue transmitir ao aluno e fazer com que o aluno transmita em casa. (...) Portanto se se trabalha um livro do PNL, eles vão saber que 12 livros estão na sala por causa do PNL e vão transmitir em casa e em casa vão saber que a escola recebeu 275 livros do PNL, livros novos.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

A entrevistada pensa que a situação do país quanto à leitura está a melhorar, mas menciona os novos problemas/debates com que se tem defrontado no curso que está a frequentar acerca do paradigma digital, acerca dos novos suportes de leitura. Face às novas tecnologias e muito especificamente à Internet, que permite o acesso a infindáveis fontes de informação, surge todo um questionamento em torno das bibliotecas, se elas se vão ou não manter nos moldes actuais. A coordenadora da BE pensa que não, que vai existindo uma necessidade de adaptação às novas tecnologias, às quais se vai recorrendo crescentemente pelas suas potencialidades, mas julga também que o livro não deixará de existir. A escola é importante na transmissão da importância e do gosto pelo livro. Mas, em seu entender, o digital e o suporte impresso são conciliáveis, não é necessária a abnegação de um em virtude do outro.

Agora com os *blogs* e as plataformas e os *sites*, em que a criança quer saber coisas sobre o 25 de Abril e não vai à estante procurar o livro, vai à Internet, ao *Google*, e tem logo ali montes de informação e de imagens, põe-se esse problema, as pessoas que estão à frente das bibliotecas, se a biblioteca se vai manter futuramente nos moldes em que está ou se vai ser diferente. Eu estou convencida que vai ser diferente, vai haver menos consulta a nível de livros e mais a nível de Internet, a nível digital. E para o digital é preciso menos espaço (...). Mas estou também convencida que o livro não vai acabar, as pessoas vão ter prazer em manusear e ler o livro. Tenho um sobrinho de oito anos que gosta de ler antes de dormir, gosta de mexer no livro... Gosta de estar no computador, mas também gosta de ler antes de dormir, e eu estou convencida que isso está a ser transmitido através da escola.

Sugestões e propostas

De futuro, a coordenadora pensa ser importante que o PNL continue a prosseguir os seus objectivos. A importância da continuidade do programa é bastante salientada, mas acaba quase sempre por se remeter ao contexto escolar. O PNL tem de incentivar a adesão das escolas que ainda não o integram e alargar os seus apoios aos restantes níveis de ensino: “É preciso é que não se pare, que se continue por todos os ciclos”.

A coordenadora evidencia também a necessidade da avaliação e do acompanhamento dos projectos das escolas, não só para que os professores sintam que o seu trabalho é auscultado, mas também para que se detectem e ultrapassem mais facilmente problemas e constrangimentos à prossecução dos mesmos.

Para já, o PNL tem que continuar a promover, a incentivar que as escolas adiram ao Plano, aquelas que ainda não aderiram. Mas também tem de fazer periodicamente o tal controlo. (...) as pessoas têm de se habituar a que há necessidade de apresentar relatórios das actividades que realizaram, apresentar aos outros e dizer “A escola recebeu x livros, mas nós utilizámos e trabalhámos...” e depois ver nas turmas se de facto fizeram, observar e registar... Porque geralmente isso não existe. É importante ver... A escola y faz, já a outra não faz. Porque é que não faz? Vamos ver. Precisa de ajuda? O que é que precisa?...

É ainda mencionada a importância de garantir a sustentabilidade das práticas que estão a ser promovidas pelo PNL para além da sua existência, ou seja, depois do final do programa. Um dos aspectos que para isso pode contribuir é o destacamento de pessoal para as BEs, recursos humanos qualificados que dinamizem estes espaços e assegurem, em articulação com os professores, a continuação do trabalho levado a cabo com os livros adquiridos.

Que não aconteça o mesmo que noutros projectos deste género, em que as escolas são apetrechadas com os materiais, depois o projecto acaba e os materiais ficam guardados nas estantes. Que se mantenham os destacamentos nas BEs ou que haja alguém disponível na BE para a continuidade deste trabalho.

Ao nível da sociedade em geral, a coordenadora sugere que se aposte mais na divulgação do Plano. Talvez fosse frutuoso apostar em mais iniciativas como a Semana da Leitura, que foi bastante falada e promovida, recorrendo também a apoios de juntas de freguesia e associações, por exemplo. Seria também importante que a divulgação fosse mais intensa na televisão e que se fizessem mais programas sobre leitura dirigidos às crianças e não apenas aos adultos. Também na imprensa se podiam criar suplementos de interesse sobre este tema, com a ajuda do PNL e com a marca Ler+ associada.

1.14.3. Entrevista a Professoras

Perfil das entrevistadas

A primeira entrevistada é uma professora do 3º ano. Tirou o magistério e fez a licenciatura em Comunicação Educacional e Gestão de Informação, com a especialização em Bibliotecas e Centro de Recursos. Esteve sempre no ensino regular e em turmas. Está na escola há onze anos.

A segunda entrevistada é professora do 4º ano. Tem a equivalência à licenciatura em Língua Portuguesa do 1º ciclo. Trabalhou um ano num centro de recuperação de jovens com problemas de toxicod dependência e insucesso escolar. Para além desta experiência, que diz ter sido enriquecedora, leccionou sempre em escolas. Neste momento está efectiva na EB1/JI de Arcos, onde trabalha há quatro anos.

A terceira entrevistada é educadora do JI. Tem a licenciatura em Comunicação Educacional e Gestão de Informação, com a especialização em Bibliotecas e Centro de Recursos, e várias outras formações. Trabalhou como educadora durante dez anos num infantário particular. Depois de ter passado para a função pública, veio para Setúbal abrir um Jardim de Infância e esteve em itinerância pré-escolar durante dois anos, tendo passado por diversas escolas. Acabou por vir trabalhar para a EB1/JI de Arcos, onde está efectiva há oito anos, mas esta é só a sua segunda vez como educadora no JI desta escola, pois durante seis anos optou pelo destacamento na BE, por gostar do trabalho lá realizado.

Os livros do PNL foram explorados por cada professora à sua maneira, dando continuidade ao trabalho que dizem vir a desenvolver há bastante tempo.

No JI a actividade de leitura em sala de aula passou pela formação de grupos de duas crianças para cada livro. Antes da leitura pela educadora, era apresentado o livro, identificado o autor, o ilustrador e o título, e explorado o seu aspecto exterior. Depois da leitura, era feita a exploração das ilustrações e o reconto. Diversas actividades tiveram lugar a partir daí, conforme o livro em questão. É evidente a articulação entre diferentes áreas, como a formação pessoal e social, a expressão e comunicação e o conhecimento do mundo. Foram, por exemplo, feitos vários trabalhos de expressão plástica, e recorreu-se também ao computador para escrever algumas palavras relacionadas com os livros. Alguns trabalhos realizados foram depois expostos na escola.

O conto foi trabalhado em todas as áreas que nós trabalhamos no JI, que são três grandes áreas: na formação pessoal e social, na expressão e na comunicação, e no conhecimento do mundo. Principalmente na expressão e comunicação, a nível motor, plástico, expressão musical, dramática, linguagem, tecnologias e matemática. Foram essas as áreas. No conhecimento do mundo, o inverno, as estações do ano... Há muitas coisas que se fazem com um conto. (Educadora do JI)

Foi ainda promovida uma visita de estudo com as salas de JI para exploração de um livro, que consistiu numa ida ao musical *Amigos para Sempre*. Essa actividade enriqueceu a sua promoção.

Nas turmas das professoras de 1º ciclo entrevistadas os livros foram explorados com base no mesmo tipo de actividades. Foi feita a inicial apresentação do livro e a exploração da capa. Por vezes recorreu-se à BE para essa parte de apresentação e à sua coordenadora para a sua dinamização. Depois, o livro foi lido ou pelos alunos, agrupados a pares, ou pela professora. A professora de 4º ano refere a preferência dos alunos pela leitura feita por ela, porque é uma leitura mais fluente, seguida, com mais entusiasmo. A leitura pelos alunos, o ler um e depois outro, quebra um pouco a dinâmica de leitura. A leitura de livros mais extensos foi feita ao longo do período lectivo. No caso, por exemplo, da leitura de *Uma Aventura nas Férias do Natal* pela turma de 3º ano, a leitura foi dividida em capítulos e prolongou-se por várias semanas. Foi dedicado entre trinta minutos a uma hora a essa leitura, que correspondia a um capítulo por dia, em geral quatro dias por semana.

Para além da leitura a pares, foi privilegiado em vários casos o trabalho de grupo a dois, que, segundo as professoras, é enriquecedor pela partilha de conhecimentos.

Várias actividades foram realizadas a partir das leituras. A maior parte delas teve lugar no decorrer do horário lectivo, embora também num caso se faça referência à utilização dos tempos-livres para a realização de parte de um trabalho.

Na turma da professora de 4º ano, tentou potenciar-se a imaginação dos alunos. À medida que o livro ia sendo lido, os alunos iam fazendo a antecipação, a previsão do que iria acontecer no seguimento da história. Por vezes escreviam essas previsões e depois comparavam aquilo que tinham escrito com o que acontecia no livro.

Liam um capítulo e eles antecipavam sempre, faziam a tal previsão do que é que iria acontecer. É giro porque eu acho que nunca aconteceu aquilo que eles tinham imaginado. (Professora do 1º ciclo)

Foram também realizados trabalhos de pintura, preparadas apresentações de livros através da criação de guiões e de slides, realizada uma dramatização com base em versos criados a partir de uma história escrita em prosa.

Os trabalhos foram correntemente apresentados a outras turmas e num caso foi feita uma apresentação aos pais, aquando de uma reunião de encarregados de educação.

As actividades do PNL centraram-se em livros. Uma professora refere que recorre pontualmente a revistas quando encontra artigos sobre determinadas temáticas relacionados com as matérias, mas sem que exista uma relação directa com as actividades do PNL.

Houve sempre a preocupação de articular as leituras e os temas dos livros com os conteúdos curriculares. Estudo do Meio e História são exemplos bastante citados de áreas disciplinares com as quais foram estabelecidas relações a partir das leituras. Também foram estabelecidas relações com outros projectos em que as turmas estavam envolvidas, como no caso da turma de 3º ano, um projecto sobre arte.

Este período como eles têm um projecto, *À Descoberta da Arte*, e têm trabalhado a pintora Vieira da Silva, dei-lhes a conhecer outro pintor português, o José Guimarães, com *O Circo Maraviloso da Serpente Vermelha*. Estão a fazer a leitura, para irem trabalhar mas desta vez através da pintura. (Professora do 1º ciclo)

Um dos critérios de selecção dos livros foi precisamente a relação da temática abordada neles com os conteúdos curriculares. Também se procurou alguma variedade de temas e de géneros literários.

No 1º período trabalhei *Uma Viagem ao Tempo dos Castelos* porque íamos iniciar a História de Portugal e era um bom ponto de partida. É um livro muito usado no 4º ano para iniciar a História. (Professora do 1º ciclo)

No 2º período escolhi *Lendas do Mar*, do José Jorge Letria. No 3º ano um dos temas é as lendas. (...) O *Lendas do Mar* também foi integrado no programa curricular. (Professora do 1º ciclo)

O conhecimento prévio e a experiência anterior de trabalho com alguns livros foi também decisivo no momento da sua escolha. As professoras admitiram, contudo, não conhecer grande parte dos livros presentes na listagem recomendada pelo PNL.

No 1º período, como era as férias do natal, foi *Uma Aventura nas Férias do Natal*, eu já conhecia o livro, já o tinha trabalhado e pensei que dentro daquele leque de livros que nos deram... Alguns só os conhecia pelo título, não os conhecia todos. (Professora do 1º ciclo)

A educadora referiu mesmo que, face ao desconhecimento quase geral das obras apresentadas, acabou por escolher os livros de uma forma um pouco aleatória, pelo seu título. Hoje reconhece que não foi o mais acertado, pois arrependeu-se de alguns livros que escolheu, cujos conteúdos não corresponderam às suas expectativas.

Eu fiz um grande disparate. Conheci poucos livros da listagem e escolhi um pouco às escuras, um pouco pelos títulos. Mas pronto, no JI qualquer livro se consegue dar a volta. (...) Um dos livros era muito pequeno e infantil para eles (...). O do 3º período não conhecia e foi por sugestão do título, (...) achei que talvez fosse interessante. Já o folhee, não é bem aquilo que eu estava à espera (...). É um bom livro, mas talvez não fosse o ideal. (Educadora do JI)

Uma outra professora optou por ir à livraria, face à sua indecisão em relação à selecção do terceiro livro a trabalhar. Lá acabou por encontrar um livro que não conhecia, embora conhecesse a respectiva autora, e que a surpreendeu pela positiva.

Fui com a coordenadora à livraria e faltava um livro. Eu tinha pensado num de poemas, e peguei no *A Cavalos no Tempo*, que gostei muito, da Luísa Ducla Soares. Conhecia só a escritora, não o livro, e gostei. (Professora do 1º ciclo)

A maior parte dos livros lidos fazem parte da lista do PNL. Ainda assim, é referido o caso de um livro que foi trabalhado pela professora de 4º ano que não constava dessa listagem. Esta professora refere que já tinha planeado trabalhar aquele livro, antes de surgir o PNL, porque é um livro que lhe agrada e que está relacionado com temáticas adequadas ao ano em causa. Esse título não foi contudo adquirido com a verba recebida do PNL, mas sim pelos pais.

Refira-se também que, nalguns casos, não foram escolhidos os mesmos livros em todas as turmas de cada ano de escolaridade, embora seja evidenciado algum esforço de conciliação nesse sentido.

Também relacionada com o PNL, foi a actividade desenvolvida no JI no âmbito da comemoração do Dia do Livro Infantil. Ela consistiu na construção de um livro, de uma história. A cada criança cabia construir uma página desse livro, com texto e imagem, sendo que um iniciava o conto e os restantes tinham de lhe dar continuidade. Esta actividade foi feita em casa com o apoio dos pais. O resultado final foi apresentado na BE, onde cada criança apresentou às outras a sua parte da história.

As professoras e a educadora participaram ainda com as suas turmas/sala na Semana da Leitura. Pais e familiares foram às salas de aula ler contos. No caso do JI, a educadora refere que as histórias lidas não foram dos livros trabalhados pelo PNL. Na turma de 4º ano é destacada a ida de uma avó à sala, não para ler ou contar histórias, mas para falar de viagens. A pedido da neta, esta avó, contou de uma forma empolgante as suas peripécias nas várias viagens que já fez, e “os alunos deliraram”, como refere a professora, “foi uma actividade diferente e eles gostaram muito”.

Outras pessoas externas à escola participaram nesta iniciativa. Uma professora reformada, por exemplo, veio apresentar a sua história de vida. Foi também promovido o intercâmbio de turmas. As turmas/a sala das professoras e educadora entrevistadas assistiram à apresentação por alunos de outra turma de um livro que tinham trabalhado no âmbito do PNL.

É ainda referida uma actividade desenvolvida pelo 4º ano que consistiu na recolha pelos alunos de livros dos pais e avós, e do levantamento do seu conteúdo e dos temas das histórias. O objectivo era comparar os livros antigos com os actuais e que eles percebessem a evolução que houve a esse nível, para que “aproveitassem o que têm, porque de facto tem muito mais valor do que aquilo que havia antigamente (...). Eles viram que dantes os textos eram muito repetitivos, tinham sempre os mesmos temas”.

No que respeita à utilização da BE, para além das idas regulares das turmas a este espaço, onde requisitam livros, assistem a animações ou participam noutra tipo de actividades, as professoras e os alunos recorreram ainda nalguns casos ao apoio da coordenadora na preparação de alguns trabalhos relacionados com o PNL, como, na turma do 3º ano, a criação de slides para a apresentação de um livro.

As salas do JI utilizaram a BE da mesma forma que as restantes turmas do 1º ciclo, fazendo inclusive as requisições domiciliárias. A partir dos livros requisitados, a educadora promove a participação dos pais. É por vezes pedido às crianças que façam o reconto dos livros que levam para casa. Isso “obriga” os pais a lerem para os filhos, já que nesta idade as crianças não têm ainda todas as competências desenvolvidas a este nível. É registado o livro que cada criança levou, quem lho leu e o reconto que fez. Geralmente, conta a educadora, é a mãe quem lhes lê e eventualmente o pai ou o/a irmã/o. Contudo, não é pedido o reconto de

todos os livros que são requisitados, a risco de se tornar cansativo e inibidor da requisição e da escolha de determinados livros pelos alunos.

O livro que é requisitado vai para casa mas tem de haver o reconto na sala quando volta. (...) Não faço isso com todos os livros, que é maçudo e cansativo para os miúdos, mas faço isso ciclicamente. Tanto que às vezes quando estão a procurar os livros, pedem-me para levar um de banda desenhada e dizem “Mas este depois não lho sei recontar”, e eu “Está bem, não tem problema, podes levar à vontade”. (...) Consigo fazer isto no JI porque eles não são ainda suficientemente autónomos para lerem sozinhos e vou aproveitando e vou sensibilizando os pais para lhes lerem. (Educatória do JI)

As professoras tinham planeadas ainda até ao final do ano lectivo uma ida à Feira das Bibliotecas Escolares do Concelho de Setúbal e a participação na Feira do Livro da escola.

As actividades relacionadas com o PNL, com especial destaque para a Semana da Leitura, foram divulgadas no jornal escolar. Foram também divulgadas junto dos encarregados de educação, tanto nas reuniões como através de informações que os alunos levaram para casa.

As professoras afirmaram ter mencionado aos pais na reunião do início do ano a adesão da escola ao PNL, e terem apresentado todos os períodos por ocasião dessas reuniões, o livro que iriam trabalhar de seguida e o plano do trabalho a desenvolver a partir dele.

O apoio e participação dos pais no âmbito do PNL foram solicitados quer na dinamização de actividades na escola durante a Semana da Leitura, quer também na realização de alguns trabalhos com os alunos em casa. A adesão dos pais foi em geral bastante boa.

Os pais colaboraram ainda na aquisição de livros, A demora na atribuição da verba pelo PNL em relação ao início do ano lectivo e alguma dificuldade da livraria na disponibilização de alguns títulos fizeram arrastar o processo de aquisição dos livros por vezes até ao 2º ou mesmo 3º períodos. Segundo as professoras, “o atraso no arranque também teve algum impacto”.

Como no 1º período os livros não estavam ainda disponíveis, as professoras entrevistadas, excepto a educadora, pediram aos pais que os adquirissem, para ser possível o trabalho a pares. Em geral, quase todos os pais responderam de forma positiva, porque, segundo as professoras, “naquele meio respondem, têm um poder de compra razoável, não é todos, mas colaboram, participam activamente e depois querem ver o produto final”. Por vezes, a aquisição não foi necessária, porque os alunos tinham familiares que possuíam os livros, como foi frequente no caso do livro da colecção *Uma Aventura*.

Segundo as professoras, o PNL não trouxe nada de muito novo. O tipo de actividades desenvolvidas este ano já eram comuns em anos anteriores. Houve portanto uma continuidade ou, admitem, um reforço do que era feito. A origem desse reforço está naquilo que é para elas a grande mais-valia do PNL - a atribuição do reforço orçamental para a aquisição de livros, em quantidades de doze cada. Isso possibilitou a leitura a pares, favorecendo o trabalho em sala de aula, e o enriquecimento e renovação do *stock* de livros da biblioteca escolar.

O PNL não trouxe nada de novo aqui para a nossa escola. Eram actividades que já fazíamos. A única coisa se calhar é que começamos a ter aqui os livros à disposição. A biblioteca enriqueceu bastante, mas o resto, pelo menos em termos do trabalho aqui na escola, sempre foi assim. (Professora do 1º ciclo)

Aqui houve uma continuidade do que era feito, foi reforçado, houve um melhor acesso aos livros, porque os livros vieram em doze e facilitou muito, eles manusearem e conhecerem bem o livro, terem o livro à disposição do par. É diferente de haver um livro por sala. (Professora do 1º ciclo)

As professoras afirmam ter pedido muitas vezes aos pais, já em anos anteriores, a aquisição de livros que iriam ser trabalhados nas aulas. Contudo, não o faziam sempre e em muitos casos as leituras eram feitas com um ou dois livros.

No caso do JI, trabalhava-se sempre apenas com os livros disponíveis na BE, ou seja, sem que as crianças tivessem acesso directo aos livros. A educadora valoriza agora bastante a inovação que o PNL veio trazer, ao possibilitar a presença de um livro para cada duas crianças. O manuseamento do livro é muito importante no JI e o facto de poderem olhar para ele enquanto a educadora faz a leitura.

O principal foi ter mais quantidade do mesmo livro. (...) A maior e melhor diferença para mim, principalmente a nível de JI, é o poderem ter eles um livro, pelo menos para dois, e estarem a manuseá-lo, porque a nível de JI isso é muito importante. O estarem a manusear o livro, mexer nele, isso no JI tem muita importância, ter o livro ali na mão deles ao mesmo tempo que estão a ouvi-lo. (Educadora do JI)

As professoras pensam que os livros lidos foram em geral do agrado dos alunos. Esse agrado reflectiu-se nas requisições efectuadas posteriormente na BE, pela procura, por exemplo, de livros pertencentes à mesma colecção dos livros lidos na sala de aula.

Acho que foi o livro que eles mais gostaram, e a partir daí começaram a requisitar os livros de *Uma Aventura*, criou-lhes o gosto pela aventura. (...) Os livros de *Uma Aventura* no 1º período era uma coisa louca, queriam todos livros daqueles, porque depois lia um, lia o outro... (Professora do 1º ciclo)

No entanto, o interesse pelos livros lidos nas aulas não constitui uma novidade. Segundo a educadora, ex-coordenadora da BE, “um livro trabalhado ou um livro contado na BE a seguir tem uma saída brutal”. A diferença é que enquanto nos anos anteriores só havia um exemplar de cada livro e os alunos ouviam a história na aula e depois demorava muito a que todos tivessem acesso a esse livro, este ano tal não acontece. É importante que esse contacto seja proporcionado na altura certa, porque “depois perde-se a oportunidade, depois vem outro período, outros livros, outros interesses”.

Assim, as professoras não têm dúvidas em afirmar que essa maior facilidade de acesso ao livro pode promover o gosto pela leitura e a relação com os livros. Identificando as vantagens da presença dos livros na sala de aula, uma professora refere o entusiasmo e interesse demonstrado pelos alunos perante eles.

Este livro deste período eles gostam imenso pelos desenhos, então folheiam para trás e para a frente, os desenhos são riquíssimos, são bonecos extremamente diferentes, são lúdicos e eles gostam. E tem também um pequeno resumo das escritoras e eles estão muito interessados. E como a Ana Maria Magalhães vem aí, vamos conhecê-la. (Professora do 1º ciclo)

As professoras afirmaram que os alunos têm conhecimento da existência do PNL, mas referiram que eles só notam algo diferente quando nas aulas têm um livro disponível para cada dois, visto que de resto já estavam habituados a este tipo de trabalho.

Eles sabem que há o PNL, mas já estavam tão habituados a trabalhar assim que não... (Professora do 1º ciclo)

Os meus só notam quando é um livro para dois, “Hoje há um livro para dois, é daqueles livros, não é?”. (Educadora do JI)

Ainda que não sejam mencionadas como uma inovação do PNL, as actividades desenvolvidas contaram com a reacção positiva dos alunos. Para além disso, a metodologia de abordagem das matérias, dos

conteúdos curriculares, a partir das leituras efectuadas, revelou-se frutífera, potenciando um maior interesse e mais fácil memorização dos assuntos em causa.

Penso que o livro escolhido ia de encontro à parte de estudo do meio, porque falava de outra região, das casas de granito, das maneiras de viver de Trás-os-Montes, e era uma região desconhecida para eles, então interessaram-se por consultar, pesquisar sobre a região. E ao longo do ano têm surgido matérias em que se fala daquela região e eles lembram-se. (Professora do 1º ciclo)

No que respeita aos pais, as professoras pensam que a existência do PNL pode ter trazido uma maior legitimação das actividades de promoção da leitura perante estes: “Talvez para os pais o título, o existir, poderá pô-los a pensar um pouco mais sobre a leitura.”; “Formaliza mais o que acontece nesta escola.”

As professoras indicaram que muitos alunos ofereceram livros aos colegas nos seus aniversários, ao invés de outros presentes, o que pode remeter para uma maior visibilidade do livro. Além disso, a existência de uma listagem de livros recomendada pelo PNL e a informação prévia dada pelas professoras aos pais em relação às obras que iriam ser trabalhadas, são consideradas um auxílio importante de orientação destes em relação aos livros mais indicados para a faixa etária dos filhos.

Não são identificados efeitos do PNL nos professores e nas suas práticas lectivas, para além das já referidas alterações pela possibilidade de ter doze exemplares de cada livro na sala. As professoras referem que era comum, por exemplo, convidarem os pais para participar nalgumas actividades da escola, embora nem sempre a propósito da leitura e sem existir uma concentração das actividades numa semana, como a Semana da Leitura. O PNL trouxe, contudo, alguma necessidade de sistematizar um pouco mais o seu trabalho e “arrumar” mais as actividades.

A dinâmica já anteriormente existente na escola em relação à promoção da leitura e os resultados positivos que pensam ter vindo a alcançar são atribuídos em grande medida pelas professoras à presença da BE.

O maior pólo que agregou isto tudo e esta evolução será a BE, porque se não houvesse isto, não teríamos esta dinâmica. É uma grande ajuda, e vai-se enriquecendo todos os anos. O ter aqui os computadores com a Internet para pesquisar e os livros para requisitar... (Professora do 1º ciclo)

E o facto de haver uma responsável é um grande apoio, porque nós estamos na sala e podemos mandar uns alunos para trabalhar na BE, porque há alguém para supervisionar. Se falha aqui alguém acho que a BE perde um bocado. É muito importante ter o apoio de alguém na BE. (Professora do 1º ciclo)

De futuro, as professoras vão tentar corrigir alguns aspectos que consideram menos positivos no seu desempenho ao nível do PNL e tentar tirar frutos da experiência. A educadora reconhece que a forma como seleccionou os livros não foi a mais correcta, também pressionada pelo pouco tempo que diz ter tido para essa selecção, mas no próximo ano lectivo espera planear tudo com mais antecedência.

Acho que fiz asneira, mas não quer dizer que não tenha sido proveitoso, qualquer livro é proveitoso. Mas fiz asneira na maneira como seleccionei os livros. (...) E foi um bocado no escuro, foi uma precipitação de que tinham de se escolher os livros... Com certeza que para o ano as coisas serão diferentes. (Educadora do JI)

As professoras reconhecem também os benefícios de uma escolha fundamentada, que poderá assentar na consulta prévia dos livros numa livraria. Estas referiram que a experiência que cada professor obteve este ano com os novos livros também poderá ser aproveitada, trocando-se ideias e percepções acerca dos

conteúdos e da forma mais adequada de explorar cada um, enriquecendo-se o trabalho no próximo ano lectivo.

Os livros já estão explorados, já temos o *feedback* do que é que se fez com o livro, até onde é que chegou, se serve para nós para o ano, “Tu trabalhaste esse livro, como é que foi?”. Já há outra maneira de iniciar o próximo ano. (Professora do 1º ciclo)

O Plano Nacional de Leitura na sua organização

As professoras admitiram não ter utilizado o *site* do PNL com muita frequência. As dúvidas que surgiram a respeito do Plano foram sendo esclarecidas com a coordenadora da BE. Esta constituiu-se como o interface entre elas e o PNL. Também no início do ano lectivo, foi a coordenadora que facultou às professoras a informação respeitante ao processo de inscrição. Para além disso, afirmaram ter dado uma orientação pessoal ao trabalho de sala de aula e não terem sentido muita necessidade de procurar orientações ou modelos de actividades.

Nós acomodámo-nos um bocado e esclarecemos com a coordenadora da BE. De qualquer das maneiras, explorei o *site*, tirei algumas coisas de lá, como que me revejo e vou pensando as etapas da leitura do conto... Mas sinceramente não tenho explorado sistematicamente. (Educadora do JI)

Nós demos uma orientação pessoal ao nível de sala de aula e temos orientado mais por aí. Temos tanto para explorar que nem precisamos de mais. (Professora do 1º ciclo)

Parece ter existido pouca partilha entre professoras aquando da organização de actividades ou do planeamento do trabalho de sala de aula a respeito do PNL. As professoras têm maior conhecimento do trabalho umas das outras apenas no final, quando são apresentados os trabalhos finais, entre turmas, ou mesmo nas reuniões de avaliação, em que é feito um balanço desse trabalho.

O papel da BE é bastante valorizado pelas professoras como suporte ao trabalho de sala de aula e como promotor de uma dinâmica de promoção da leitura na escola, sendo portanto considerada uma mais-valia também no contexto do PNL.

A extensão de alguns livros, com vários capítulos, e a realização de actividades mais elaboradas provocaram alguns atrasos relativos ao projectado inicialmente. Na turma da professora do 4º ano, por exemplo, o último livro, escolhido para ser trabalhado no último período, será menos explorado, também devido à preparação para as provas de aferição que têm lugar no final do ano lectivo. Também o atraso na aquisição dos livros implicou alguns desvios ao projecto inicial, inviabilizando no caso do JI a concretização da leitura com um livro para cada dois alunos no 1º período.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais

A criação do PNL foi considerada oportuna pelas professoras, tendo acentuado inclusivamente que este já devia ter sido implementado há mais tempo. Embora considerem que hoje em dia quase todas as escolas já desenvolvem o tipo de actividades de promoção da leitura que o PNL propõe, pensam que o Plano pode ter algum peso junto daquelas que ainda não o fazem. Para além disso, para todas as escolas e BEs é importante o apoio do PNL a nível do *stock* de livros.

Para quem não estava habituado a trabalhar assim, e acho que não há muito, se calhar esta “obrigatoriedade” foi boa para as crianças. Agora para a BE a aquisição acho que foi óptimo. (Professora do 1º ciclo)

Foi precisamente evidenciado como um aspecto muito positivo da acção do PNL o reforço orçamental que chegou à escola e que possibilitou a aquisição de livros ainda durante o ano lectivo presente. Apesar de considerarem o arranque do projecto tardio relativamente ao início do ano escolar, referiram como muito positivo o facto de a verba ter sido disponibilizada logo depois da sua atribuição, contrariamente ao que acontece com a generalidade dos apoios concedidos, por exemplo, pela autarquia.

A já referida evolução positiva percebida ao nível da dinamização de actividades de promoção da leitura nas escolas, já integradas na sua rotina, é atribuída em grande medida à existência de BEs. As BEs têm um papel também muito importante ao possibilitar o acesso aos livros e a outros recursos a todos os alunos, mesmo aqueles com menos meios económicos que não têm de outra forma acesso a eles. Ao atribuir mais recursos às BEs, o PNL vem cimentar esse papel.

Aqui como em muitas escolas este tipo de trabalho já vai sendo um hábito, por causa das BEs. Acho que é uma coisa que demora muito a que os professores aceitem, mas depois torna-se uma coisa rotineira, mas uma rotina saudável. (Educadora do JI)

As professoras pensam que o PNL está a ser bem divulgado, e destacam a televisão e a imprensa como os meios mais eficazes utilizados com esse intuito. Mencionam que os pais já tinham ouvido falar da existência do PNL antes de elas próprias terem-no referido.

O critério adoptado pelo PNL de, na fase inicial, privilegiar com os seus apoios os primeiros níveis de ensino, tem a concordância das professoras, que reconheceram a importância de começar pelas bases, pelo início do percurso escolar das crianças, promovendo a inculcação de hábitos de leitura logo durante a infância.

As entrevistadas manifestaram ainda o agrado pela existência de reuniões de avaliação, que permitem fazer um balanço conjunto do trabalho realizado e reflectir sobre os aspectos passíveis de serem melhorados futuramente.

Quanto ao cumprimento futuro ou não dos objectivos do PNL, as entrevistadas acham positivo o simples facto de existirem objectivos e pensam que eles só serão alcançados, a médio ou longo prazo, se o programa tiver a devida continuidade.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

Em termos gerais, para as professoras entrevistadas, lê-se pouco em Portugal. O país está pouco evoluído no que respeita à sua situação geral quanto à leitura e à literacia, afirmam as professoras, recorrendo à sua percepção e àquilo que vão ouvindo falar.

Os jovens, a partir do 3º ciclo e do secundário, começam a perder o hábito de leitura, porque surgem outros interesses e talvez porque a escola não incentive devidamente o gosto pela leitura nessa fase.

E a tendência é de recuo nos adultos. A principal causa desta tendência, identificada pelas professoras, é a falta de tempo, característica das sociedades contemporâneas. Embora gostem de ler, as pessoas têm uma vida muito cheia e ocupada com o trabalho e a vida familiar, e as “leituras pessoais” vão-se perdendo e elas vão-se limitando às “leituras obrigatórias”, dirigidas para a sua formação e vida profissional. Outro motivo é

também as dificuldades económicas das famílias, aliada ao preço dos livros, que faz com que a leitura não se constitua como uma prioridade.

Nos adultos acho que estamos a recuar, não é que não tenham vontade de ler, mas acho que a vida está tão cheia, as pessoas estão sempre tão ocupadas, que dá-me a ideia que cada vez as pessoas lêem menos. As crianças lêem mas depois crescendo começam só a ler aquilo que têm de ler, dirigido ao curso, à profissão, e fora disso acho que as leituras se perdem, e depois voltam quando se reformam. (Professora do 1º ciclo)

As professoras chamaram ainda a atenção para as desigualdades no acesso aos livros e também a outros suportes de leitura, em termos da disponibilização de bibliotecas e livrarias, que penalizam as populações do interior do país.

Sugestões e Propostas

A sugestão dada ao PNL para que este alcance os seus objectivos incidiu sobre a sua continuidade, tendo sempre em conta que este tipo de programas não costuma dar frutos no imediato, mas sim a médio ou longo prazo.

É também de extrema importância estender o Plano no próximo ano ao 3º ciclo e secundário, porque, de acordo com as entrevistadas, é nessa fase que os alunos começam a perder o gosto pela leitura. Sugerem, assim, que o PNL promova junto dos jovens, para além das leituras obrigatórias de clássicos, a leitura de novos autores e literaturas mais contemporâneas, conjugada com a utilização de outros meios, como a Internet, e a adopção de uma abordagem mais lúdica.

Acho bem estender ao 3º ciclo e secundário. Acho que devia-se chegar ao secundário no próximo ano, porque é aí que eles começam a perder o gosto. Têm aquelas leituras obrigatórias, mas há tanta oportunidade hoje em dia de eles conhecerem outros livros, de outra maneira, mais lúdica, e até depois pesquisarem noutra âmbito, na Internet, fazerem outro tipo de abordagem ao autor ou ao próprio livro. Acho que quanto mais depressa chegar ao secundário melhor. (Professora do 1º ciclo)

Controlar o preço dos livros e apostar em medidas que atenuem as desigualdades no acesso aos mesmos são também aspectos mencionados para melhorar a situação do país quanto à leitura e à literacia.

1.15. Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos André de Resende (Évora)

1.15.1. Relatório de visita

Fundada na década de 70, durante a reforma do sistema de ensino promovida por Veiga Simão, a EB 2,3 André de Resende contava, no início do ano lectivo 2006/2007, com um total de 725 alunos repartidos pelo 2º ciclo (330), 3º ciclo (395) e por cursos de educação e formação (32). Desde 2000 que a escola lidera o Agrupamento de Escolas nº 2 de Évora.

O primeiro contacto com a EB 2,3 André de Resende foi estabelecido em 7 de Março, numa conversa telefónica com a professora de contacto do PNL, no sentido de observar as actividades desenvolvidas pela escola no âmbito da Semana da Leitura. Uma vez que a escola só iria realizar uma semana temática dedicada à

promoção da leitura nos últimos dias do 2º período, foi marcada uma visita que seria centrada na observação de uma das actividades relacionadas com o PNL que a BE tem desenvolvido regularmente – o *Ler à Sobremesa*.

Durante esta primeira visita, para além da professora de contacto, foi possível estabelecer algumas conversas informais com a coordenadora da BE, o corpo docente e a direcção da escola. A 23 de Março, foi feita uma segunda visita que consistiu na observação da Semana da Língua Portuguesa, uma actividade apoiada pela Comissão do PNL, que foi realizada na semana de 19 a 23 de Março e substituiu a Semana da Leitura. Ao longo do mês de Abril, tendo em conta a execução dos estudos de caso do Estudo de Avaliação, foram feitas mais duas visitas em 17 e 23 de Abril.

Na terceira visita, que decorreu em 17 de Abril, foram realizadas três entrevistas junto da professora de contacto do PNL, de duas docentes de Português que têm desenvolvido actividades relacionadas com o Plano em turmas do 2º ciclo, e da vereadora do pelouro da Educação na Câmara Municipal de Évora. Apesar de pertencerem ao mesmo departamento e de terem um envolvimento comum nas actividades de promoção da leitura, os depoimentos das três professoras foram marcados por algumas contradições na descrição das actividades que tiveram lugar na Semana da Língua Portuguesa. Esta iniciativa, que é desenvolvida anualmente pela escola, sofreu várias perturbações provocadas pela realização das finais regionais do torneio de basquetebol *CompalAir*. Segundo as duas professoras de Português, a iniciativa não chegou a ser realizada, tendo a maior parte das actividades sido adiadas para o 3º período. A responsável pela implementação do Plano, por sua vez, afirmou que a realização do torneio obrigou a que algumas actividades fossem transferidas para o *Pare! Escute!...e Leia!* do 3º período, ou adaptadas aos trabalhos dinamizados no âmbito da leitura em sala de aula.

Para além das entrevistas, foram visitadas, durante os minutos finais das aulas de Português, duas turmas do 5º e 6º ano. A sala de aula da turma do 5º ano não apresentava nenhuma referência ao PNL, estando apenas decorada com seis cartazes elaborados nas aulas de Inglês. A visita decorreu durante a realização de uma ficha de leitura sobre vários artigos escritos na revista *Visão Júnior*. Segundo a professora da turma do 5º ano, nas semanas seguintes, a sala iria ser decorada com vários trabalhos alusivos ao autor escolhido pelos alunos para a Semana da Língua Portuguesa. Foi possível conversar com os alunos e fazer algumas perguntas sobre os seus hábitos de leitura. Mais de metade da turma afirmou, entusiasticamente, que lia em casa, que comprava livros e que gostava de ler. As preferências recaíam sobre *Harry Potter*, para além de colecções infanto-juvenis como *Uma Aventura*, *Clube das Chaves* ou *Os Cinco*. Todos conheciam o PNL pelos anúncios televisivos e pela marca Ler+ (alguns alunos chegaram mesmo a referir que tinham comprado livros com o logótipo do Plano). Quanto à utilização da BE, a maior parte indicou que a frequentava para fazer pesquisas na Internet ou assistir a sessões do *Ler à Sobremesa*. A biblioteca de turma, de acordo com a professora, foi um caso de sucesso. Todos os alunos trouxeram, regularmente, livros de casa para serem lidos pelos colegas, tendo sido elaborado um sistema de controlo e organização da biblioteca assente na eleição e rotatividade, entre os elementos da turma, de um responsável pelas requisições, ao longo dos três períodos lectivos.

Na turma do 6º ano o entusiasmo pela leitura era menor. Alguns alunos afirmaram que gostavam de ler, embora não o façam regularmente em casa. Os gostos literários eram idênticos aos colegas do 5º ano. A utilização da BE, nesta turma, é motivada apenas pela utilização de computadores com acesso à *web* ou para consultas esporádicas de obras de referências (Enciclopédias, Dicionários, etc.). Poucos requisitam livros.

Existe, ainda, uma biblioteca de turma que, segundo a professora, é pouco dinamizada. A aula decorreu numa sala decorada com cartazes, elaborados pelos alunos, referentes a três autores seleccionados pela turma para a Semana da Língua Portuguesa – Luísa Ducla Soares, António Torrado e António Gedeão. Para além destes cartazes, estavam ainda expostos trabalhos alusivos à visita de Isabel Alçada à escola (dois cartazes com uma série de textos e ilustrações referentes às personagens de *Uma Aventura*) e um *poster* com um poema de Sebastião da Gama.

A entrevista com a vereadora da Educação foi atravessada pela noção de que não existe uma distinção clara entre o PNL e os dois projectos de promoção da leitura da autarquia – *A Fada Palavrinha e o Gigante das Bibliotecas* e a *Loja dos Sonhos* – dado que o protocolo de cooperação firmado entre a Câmara Municipal e a Comissão do Plano previa a associação da marca Ler+ às actividades promovidas pela autarquia. Pouco foi adiantado quanto ao envolvimento da Biblioteca Pública de Évora, uma vez que os municípios não tutelam as bibliotecas da Rede de Bibliotecas Públicas. Durante algumas conversas informais mantidas com elementos do pelouro da Educação, foi revelado que *A Fada Palavrinha e o Gigante das Bibliotecas* seria prolongada por tempo indeterminado, no sentido de consolidar o desenvolvimento das bibliotecas locais e impulsionar o funcionamento da futura Biblioteca Municipal de Évora.

A quarta visita ocorreu em 23 de Abril, tendo sido realizadas duas entrevistas na BE – uma com a coordenadora e outra com duas funcionárias. Nas duas entrevistas foi mencionado que os alunos utilizam regularmente o espaço da biblioteca, sobretudo para fazerem pesquisas na Internet ou consultarem livros de referência (Enciclopédias, Dicionários, Atlas, etc.). São também habituais as visitas de turmas acompanhadas por professores, durante a elaboração de trabalhos relacionados com a Área de Projecto, ou para outras acções específicas de dinamização das aulas.

Foram ainda recolhidos cartazes, fotografias de actividades, CD-ROM com as actividades da BE e o programa da Semana da Língua.

1.15.2. Entrevista a Professora de Contacto com o PNL na escola

Perfil da entrevistada

42 Anos, licenciada em Relações Internacionais (profissionalização de serviço) e professora de Português/Inglês (2º ciclo).

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola

De acordo com as indicações sugeridas pelo PNL e pelo programa de Português do 2º ciclo, as actividades desenvolvidas pelo Departamento de Língua Portuguesa da EB 2,3 André de Resende incidiram sobre a leitura de obras integrais. Em cada projecto curricular de turma foi definido que a leitura estaria no centro da maior parte das actividades. Com efeito, a escola tem procurado seguir uma estratégia interdisciplinar, tendo sido definido, na planificação do Estudo Acompanhado e da Área de Projecto, que todas as actividades a serem desenvolvidas estariam centradas na leitura.

As actividades dentro da sala de aula, no âmbito da Língua Portuguesa têm seguido as indicações sugeridas pelos programas, tomando sempre como referência algumas propostas do PNL. Os professores de Português têm organizado bibliotecas de turma e apostado na leitura de obras integrais variando, sempre que possível, os géneros literários.

Temos organizado bibliotecas de turma e tentado fazer leituras de obras integrais, sempre que possível, variando os géneros literários. Não é nada de novo, mas tentamos que, agora, se faça de uma forma mais sistemática e garantir que a leitura dos alunos não esteja reduzida a excertos existentes nos manuais.

Segundo a professora de contacto, a estratégia de implementação do PNL adoptou o projecto educativo da escola, sendo considerada como uma oportunidade para desenvolver, de uma forma mais sistemática, a linha pedagógica delineada pelo Departamento de Língua Portuguesa, garantindo, simultaneamente, que a leitura dos alunos não esteja reduzida aos excertos publicados pelos manuais. Para além da leitura em sala, as aulas de Estudo Acompanhado têm procurado desenvolver actividades (ou exercícios) de promoção da leitura, envolvendo a leitura de textos informativos, científicos, históricos, etc.

Basicamente, no Estudo Acompanhado, são feitas várias leituras de tipo informativo e científico, para ajudar nas outras áreas do saber, nomeadamente História, Ciências...e aí, claro, estamos também a praticar a leitura. Porque tentamos que a leitura não seja só de textos narrativos, ou de textos literários, mas também de textos utilitários, informativos. Embora na Língua Portuguesa, se tente tocar todos os tipos de leitura, nem sempre se consegue, porque o programa também não é curto e o tempo não chega para tudo.

Um dos objectivos do projecto educativo da EB 2,3 André de Resende prende-se com a introdução de uma estratégia interdisciplinar, tendo sido definido, na planificação do Estudo Acompanhado e da Área de Projecto, que todas as actividades se centrariam na leitura (lógica transversal).

De qualquer maneira, em cada projecto curricular de turma está definida uma planificação para o Estudo Acompanhado e para a Área de Projecto, onde a leitura é também um elemento essencial. Este ano tentamos que a leitura esteja no centro de grande parte das actividades...tentamos que, em todas as disciplinas, seja valorizado o aspecto da leitura.

Ao longo da entrevista foi referido que tem sido feito um esforço para incluir todas as disciplinas na promoção da leitura. Todavia, a carga horária e os conteúdos dos programas disciplinares, mesmo na disciplina de Português, reduzem o tempo despendido nas actividades desenvolvidas no âmbito do PNL.

Fora da sala de aula existem actividades dinamizadas pela BE que pretendem preencher os tempos livres dos alunos (como o *Ler à Sobremesa*, que decorre durante a hora do almoço), ou que se inserem na celebração de algumas efemérides (*Primavera da Europa*, 25 de Abril, etc.). Quanto a actividades extra-curriculares, apenas estão relacionados com o Plano os concursos *Pare! Escute e...Leia!* e as acções dinamizadas pela BE. Todavia, a carga curricular dos alunos é grande e existem apenas três salas de estudo disponíveis para os alunos com programas de recuperação, o que torna difícil a gestão das actividades extra-curriculares e do próprio tempo dos alunos. Algumas turmas decidiram participar, ainda, no *Concurso Nacional de Língua Portuguesa* e no *Concurso Rómulo de Carvalho/ António Gedeão*.

Tendo em conta o projecto educativo e o plano de actividades da BE, o Departamento de Língua Portuguesa decidiu, em articulação com a biblioteca, criar duas actividades específicas para implementação do PNL – o *Pare! Escute e...Leia!* (PEL) e *Ler à Sombra de...* O PEL constituiu uma novidade na escola. Esta actividade envolve, durante 45 minutos, toda a população escolar (professores, alunos, funcionários) num

momento de leitura colectiva. Existem, ainda, outras actividades pontuais como a recepção de escritores (Isabel Alçada, por exemplo), ou a realização de concursos (*Eu li, eu sei* – tem como objectivo promover a leitura integral de uma obra, desenvolver competências cognitivas e de memorização, através de um questionário sobre as obras lidas). A realização do PEL mobilizou toda a população escolar e na iniciativa que decorreu no 2º período foram convidados os agentes responsáveis pelo programa *PSP Escola Segura*, escritores locais e autarcas.

Os alunos gostaram especialmente do PEL, muito. Os alunos aderiram muito. Os alunos, mesmo quando dizem que não gostam muito de ler, quando se fazem actividades diferentes do habitual e que extravasam a sala de aula, aderem muito bem.

Para o próximo ano lectivo, esta experiência deverá ser repetida, estando previstos alguns convites a personalidades locais conhecidas pelos alunos (artistas, escritores, políticos, atletas, etc.).

Estamos a apostar em abrir a escola um pouco mais à comunidade e, principalmente, aos pais, tentando dinamizar a Associação de Pais e tentando trazer a Associação de Pais a preparar connosco as actividades de leitura, porque se prepararem connosco vão envolver-se de uma forma mais significativa e directa. Pensamos que é utilizando os pais e levando os pais a participarem na preparação e desenvolvimento das actividades, depois os alunos em casa continuam a ter algum incentivo à leitura.

O *Ler à Sombra de...* é uma actividade realizada ao ar livre, que se resume a um momento colectivo de leitura que pretende reunir professores, alunos e encarregados de educação. Foram concebidos três momentos para cada um dos períodos escolares: *Ler à Sombra da Lareira* (1º período), a *Ler à Sombra de um Chaparro* (2º período) e *Ler à Sombra da Piscina* (3º período). No entanto, por a professora responsável pela dinamização destas actividades se ter encontrado de baixa médica durante o 1º período e os pais dos alunos do 2º ciclo ainda não terem dado autorização para uma visita às piscinas municipais, só foi possível realizar o momento previsto para o 2º período.

A Semana da Língua Portuguesa, que se centrou no Dia Mundial da Poesia, foi estendida ao longo do 3º período, de forma a realizar todas as actividades que foram programadas, mas interrompidas pela realização das finais regionais do torneio *CompalAir*. Esta iniciativa contou com a participação de todos os alunos da escola. Cada turma, depois de escolher, estudar e ler as obras de um determinado autor, elaborou vários trabalhos bio-bibliográficos e exibiu-os numa sala de aula. Todas as actividades têm lugar nas salas de aula, com excepção do *Ler à Sombra de...* e das acções dinamizadas pela autarquia ou pela Biblioteca Pública.

De acordo com a professora de contacto, o Plano está mais interiorizado pelos docentes do Departamento de Língua Portuguesa e pela equipa de coordenação da BE. No entanto, os professores de outras disciplinas têm feito um esforço para participarem nas actividades de promoção da leitura. Para além da disciplina de Língua Portuguesa, as disciplinas de línguas estrangeiras (Inglês, Francês, etc.), História, bem como as áreas disciplinares não curriculares (Formação Cívica, Área de Projecto, Estudo Acompanhado) têm colaborado nas actividades relacionadas com o Plano, em especial o Estudo Acompanhado (a Área de Projecto tem desempenhado um papel muito importante nas disciplinas científicas).

Basicamente, no Estudo Acompanhado, são feitas várias leituras de tipo informativo e científico, para ajudar nas outras áreas do saber, nomeadamente História, Ciências...e aí, claro, estamos também a praticar a leitura. Porque tentamos que a leitura não seja só de textos narrativos, ou de textos literários, mas também de textos utilitários, informativos.

Paralelamente ao PNL, algumas actividades desenvolvidas pela EB 2,3 André de Resende e pelas escolas do agrupamento contaram, esporadicamente, com a colaboração da Câmara Municipal (*Fada Palavrinha e o Gigante das Bibliotecas, Loja dos Sonhos*) e da Biblioteca Pública de Évora (leituras em conjunto para professores).

As actividades de leitura em sala de aula procuraram seguir algumas experiências, realizadas em anos lectivos anteriores, centradas na leitura de obras integrais. Para o ano lectivo 2006/2007, a planificação das aulas tentou responder às sugestões do PNL, diversificando géneros literários, apesar das dificuldades sentidas por muitos professores em conciliar dramaturgia, poesia, narrativa e ensaios. As actividades de leitura incluíram, ainda, o desenvolvimento de competências de escrita, uma vez que foram detectados, entre os alunos, vários problemas ao nível da ortografia, pontuação, estrutura frásica.

De acordo com o estipulado pelo projecto educativo da escola e pelas propostas do PNL, foram previstos 45 minutos semanais de leitura, numa tentativa de flexibilizar os tempos de leitura, tendo em conta as imposições dos programas (gramática, testes, etc.) e as características das próprias obras. A partir da planificação definida pelos departamentos, cada professor faz a gestão do seu tempo de acordo com o ritmo e características das turmas, número de alunos, comportamento disciplinar, aproveitamento escolar, etc.

Todas as actividades desenvolvidas pelo Departamento de Língua Portuguesa pretendem articular a leitura, a expressão oral e a expressão escrita. Nos anos anteriores decorreram concursos de escrita, que foram substituídos, no actual ano lectivo, por um concurso de leitura. Alguns professores pedem aos alunos para elaborarem textos livres (contos, ensaios, etc.), durante cada período. As actividades de escrita centram-se, sobretudo no 2º ciclo, no texto narrativo e na poesia. No 3º ciclo, o texto dramático é mais trabalhado nos exercícios de escrita e leitura, estando associado à inclusão de Gil Vicente no programa de Português. Por partir de uma lógica de leitura recreativa, a formação de bibliotecas de turma é a única actividade centrada apenas na leitura. De acordo com a estratégia definida pelo Departamento, os professores devem tentar diversificar as leituras, recorrendo a diferentes estilos literários e suportes. É habitual o recurso à imprensa (*Visão Júnior*) e a textos multimédia. A utilização de *sites* científicos e temáticos para a recolha e elaboração de textos científicos também é recorrente. Existe ainda uma aposta na leitura de imagens, a partir de pinturas, fotografias, esculturas, etc. (*Ler à Sobremesa*). A partir de uma imagem, os alunos são convidados a representarem a sua interpretação num suporte plástico (pinturas, recortes, colagens, etc.).

Embora a professora de contacto tenha sentido dificuldades em espartilhar o tempo despendido nas actividades de leitura e/ou escrita, foi indicado que aproximadamente 25% da carga lectiva é despendida no PNL, existindo uma tentativa de cumprir 45 minutos de leitura diária durante as aulas de Português. Como a leitura de obras integrais exige uma necessidade de flexibilizar os tempos de leituras, de acordo com as imposições do programa (gramática, testes, etc.) e das próprias obras, foram previstos 45 minutos semanais de leitura.

Nem sempre se verifica que as coisas possam funcionar dessa forma tão rígida. Há semanas, pelo que conversámos no departamento, em que a leitura se estende para lá dos 45 minutos...estou a falar da leitura de obras integrais...e há semanas em que a gramática ou outros conteúdos curriculares assumem um papel mais importante e é preciso dar testes e tirar dúvidas e os 45 minutos não são utilizados. Se fizermos o cômputo geral, a média é capaz de chegar aos 45 minutos...mas não é rigidamente todas as semanas.

As bibliotecas de turma e a BE têm uma enorme variedade que conseguiu suprimir a ausência de livros recomendados pelo PNL, uma vez que o catálogo da biblioteca possui algumas obras que foram abrangidas pela lista de recomendações. De acordo com a professora de contacto, a escola não dispõe de um número suficiente de livros, estando em curso um processo de expansão e remodelação da BE que pretende renovar o catálogo, tendo em conta o objectivo de existir uma obra por turma.

Uma das dificuldades que tivemos foi escolher algumas obras do Plano e não ter acesso a elas. Logo aí, a nossa planificação ficou um pouco posta em causa. Como não tivemos acesso a algumas obras temos que trabalhar com aquilo que temos e aquilo que temos é pouco. Nem sequer é um livro por aluno ou por par de alunos. Muitas vezes, cada aluno está a ler uma obra diferente do outro na biblioteca de turma, e quando é assim...o professor não consegue fazer a gestão das leituras da mesma forma se fosse todos a ler o mesmo livro.

Entre o 5º e o 6º anos não existe uma grande diferença nas obras lidas. No 5º ano alguns alunos lêem mais do que os alunos do 6º ano. Todavia, existe entre as turmas do 2º ciclo um número considerável de leitores de livros orientados para o 1º ciclo. Alguns livros são lidos apenas por uma única turma. No caso de um professor ter duas turmas do mesmo ano ou ciclo, podem ocorrer casos de trocas de livros.

A lista de livros recomendados mereceu alguns comentários críticos, por não incluir títulos que, de acordo com a coordenadora do PNL e os professores da escola, são superiores aos que são propostos pela Comissão do Plano. As actividades que foram desenvolvidas, apesar das críticas, procuraram utilizar alguns livros recomendados.

Durante a Semana da Língua Portuguesa, foram produzidos e expostos os trabalhos biobibliográficos realizados pelos alunos desde o início do 1º período. O programa da Semana previa a dinamização de momentos de leitura partilhada com outras turmas e/ou com a comunidade educativa (pais, encarregados de educação, autarcas, polícias, etc.) e a declamação de textos à entrada das salas de aula na primeira aula do horário lectivo do dia 21 de Março. Foram endereçados convites aos encarregados de educação e a outros familiares dos alunos para participarem em sessões de leitura. Ao longo da semana, os tabuleiros do refeitório foram decorados com toalhetes que continham sonetos camonianos.

A terceira fase do PEL estava ainda a ser preparada. Tendo em conta as reuniões de preparação, os intervalos seriam animados com música clássica ao vivo e com a passagem de textos num ecrã gigante no Pavilhão Polivalente. Estava também prevista, para o mesmo dia, a realização de uma sessão de leitura com o escritor José Fanha. Até ao final do ano lectivo seria concluído o concurso *Eu li, eu sei*. No entanto, foi mencionado que a preparação das provas de aferição de Português e Matemática impediu a realização de novas actividades durante o 3º período.

Nos próximos anos deverão ser mantidas as mesmas actividades que foram sendo desenvolvidas ao longo do ano lectivo. Estão a ser estudadas novas formas de participação de pais e encarregados de educação, estando prevista a integração da Associação de Pais na realização dos próximos PEL.

Estamos a apostar em abrir a escola um pouco mais à comunidade e, principalmente, aos pais, tentando dinamizar a Associação de Pais e tentando trazer a Associação de Pais a preparar connosco as actividades de leitura, porque se prepararem connosco vão envolver-se de uma forma mais significativa e directa. Pensamos que é utilizando os pais e levando os pais a participarem na preparação e desenvolvimento das actividades, depois os alunos em casa continuam a ter algum incentivo à leitura.

Tanto o Departamento de Língua Portuguesa como o Concelho Pedagógico equacionavam a introdução de novas formas de participação de pais e encarregados de educação, tendo sido prevista a

integração da Associação de Pais na realização dos próximos PEL. De acordo com a professora de contacto, os pais têm revelado pouco interesse pelas actividades da escola e pela promoção da leitura, sendo mesmo necessário integrar a Associação de Pais na preparação e dinamização das actividades para o próximo ano lectivo.

Quando lhe digo que os pais aderiram pouco, é com base naquela carta que enviámos no Natal, em que pedíamos que oferecessem um livro daqueles recomendados pelo PNL e, aí, não tivemos nenhuma adesão dos pais. Quando pedimos para virem à escola para lerem com os filhos, alguns vieram, mas aí não podemos exigir muito porque são horas de trabalho. A comunidade geral... não temos envolvido muita gente, não os envolvemos.

Para além de cartazes promocionais afixados nos pavilhões da EB 2,3 André de Resende, do jornal da escola ou de convites a pais/encarregados de educação, as actividades do PNL foram divulgadas através do *Diário do Sul*. A colaboração com este jornal tem passado, sobretudo, por notícias sobre os eventos desenvolvidos pela escola. A DREA tem auxiliado a escola na divulgação de acções ligadas ao PNL através do *site* oficial, de *newsletters* ou de outras publicações. A Câmara Municipal de Évora também tem colaborado com a escola na divulgação de actividades realizadas no âmbito do PNL, através da *Fada Palavrinha e o Gigante das Bibliotecas* e de outros canais de informação dos serviços municipais. Para o próximo ano lectivo, a promoção das actividades incluirá *spots* nas rádios locais e a distribuição de panfletos pela população da cidade.

A adesão dos pais foi reduzida, tendo a a maior parte dos encarregados de educação revelado pouco interesse pelas actividades desenvolvidas pela escola. Por exemplo, quando foram convidados a contribuírem para a aquisição de livros recomendados pelo PNL, as respostas dos encarregados de educação foram diminutas. O facto de as actividades decorrerem durante o horário de trabalho da maior parte dos encarregados de educação, segundo a professora de contacto, tem impedido uma maior participação.

Os pais têm aderido pouco, mas não podemos contar com os pais na hora do trabalho. Quando lhe digo que os pais aderiram pouco, é com base naquela carta que enviámos no Natal, em que pedíamos que oferecessem um livro daqueles recomendados pelo PNL e, aí, não tivemos nenhuma adesão dos pais. Quando pedimos para virem à escola para lerem com os filhos, alguns vieram, mas aí não podemos exigir muito porque são horas de trabalho. A comunidade geral... não temos envolvido muita gente, não os envolvemos.

Os directores de turma receberam indicações do Conselho Pedagógico para referirem, em reuniões com pais ou encarregados de educação, a importância da leitura em família. Estava também prevista a aplicação, no final do ano lectivo, de um inquérito junto dos pais para conhecer os hábitos de leitura das famílias, no sentido de facilitar a projecção de novas actividades. A participação da população da cidade também é muito reduzida.

Quanto à população escolar, a adesão de alunos, professores e funcionários foi muito positiva. Os professores revelaram estar muito empenhados e interessados na promoção da leitura. Os funcionários demonstraram muito interesse em colaborar com os professores e em participar, sempre que possível, nas actividades. Os alunos têm reagido de diferentes formas ao Plano. Os alunos com hábitos de leitura consolidados reforçaram as suas competências de leitura, enquanto que aqueles que lêem pouco, embora sem grandes transformações nas suas práticas, revelaram um maior interesse pelo livro. Por constituir uma novidade e fugir à rotina da sala de aula, os alunos gostaram muito do PEL. De acordo com a professora de contacto, o corpo docente da EB 2,3 André de Resende procurou transmitir a ideia de que existe um desígnio nacional em torno da leitura que deve ser correspondido por todos (professores e alunos).

Isto é como um círculo vicioso. Os alunos que lêem muito e bem, lêem cada vez mais e cada vez melhor. E cada vez gostam mais. Os alunos que lêem pouco, não é fácil motivá-los. É difícil, mas temos tido algum sucesso. Este ano temos feito sentir que há um desígnio nacional para a leitura e eles têm pelo menos tentado participar de forma mais empenhada. Nós estamos a sentir, aqui, que as crianças estão a perceber que o país espera que eles leiam mais e é essa a mensagem que estamos a tentar transmitir

Embora não tenha perturbado o funcionamento da EB 2,3 André de Resende, o Plano implicou uma necessidade de adaptação dos professores de Português quanto às actividades de sala de aula, no sentido de ajustar os programas às indicações propostas pelo Plano. Todavia, ainda é muito prematuro considerar que o PNL tem impulsionado uma melhoria nos resultados escolares e um aumento dos hábitos de leitura dos alunos. Para a professora de contacto, a médio ou longo prazo, “os alunos deverão ser leitores naturais, regulares e espontâneos; possuir competências cognitivas que facilitem a compreensão e o acesso à informação”. Com efeito, o PNL deverá colmatar a ausência de consciência analítica e o interesse pelo saber entre a população escolar, constituindo uma oportunidade para desenvolver, junto dos alunos, um espírito crítico e uma maior curiosidade pela aquisição de novos conhecimentos.

Em relação a possíveis transformações nos métodos ou estratégias pedagógicas seguidas pelos professores, o Plano poderá vir a ter alguma influência. Apesar de as sugestões feitas pelo PNL serem muito semelhantes às práticas que têm vindo a ser desenvolvidas na escola, o facto de existir uma iniciativa nacional de promoção da leitura veio reforçar orientações pedagógicas e promover uma renovação das actividades. O PNL veio reforçar a divulgação de livros e práticas entre professores. A exposição mediática, de acordo com a professora de contacto, aumentou o interesse pelo livro entre os docentes.

Sempre temos trabalhado muito ligados à promoção da leitura, sempre temos dado muito protagonismo à leitura integral nas aulas de Língua Portuguesa, ao contacto com o livro e ao contacto com a revista. Ao longo dos anos, aqui nesta escola, no Departamento de Língua Portuguesa, no 2º ciclo, sempre foi dado muito ênfase à leitura da obra integral. Não há aqui uma mudança radical nos métodos, nem pensar. Talvez tenhamos mais consciência de que isso é importante e de que tem que ser feito. Mas sempre temos feito motivação e promoção da leitura nas nossas aulas de Língua Portuguesa.

Embora tenha sido considerado que o PNL não perturbou o funcionamento da escola, foi mencionado que terá implicado, entre os professores de Português, uma necessidade de adaptação quanto às actividades de sala de aula, no sentido de ajustar os programas às indicações propostas pelo Plano.

O Plano Nacional de Leitura na sua organização

A escola obteve conhecimento do PNL através de documentos fornecidos pelo Ministério da Educação e da consulta regular do Ler+ da Direcção-Geral de Estudos, Estatística e Planeamento (DGEEP). Antes dos documentos oficiais e do convite formulado pela DREA terem sido recebidos, o corpo docente da EB 2,3 André de Resende, através de consultas de *sites* de órgãos do Ministério da Educação, já tinha conhecimento do PNL.

O Departamento de Língua Portuguesa, após tomar conhecimento do Plano e da lista de livros recomendados, procedeu a uma selecção de obras que teve em consideração os níveis de dificuldade e a diversidade de géneros literários. Os livros foram escolhidos de acordo com as características das turmas, no sentido de garantir a obtenção do reforço orçamental. A avaliação das obras teve em consideração o conhecimento dos professores sobre as obras propostas, incidindo sobre critérios como a qualidade das

edições, autores (nacionais, estrangeiros, contemporâneos e clássicos), diversidade de géneros literários, níveis de dificuldade. Quanto aos livros que não eram conhecidos, os professores do departamento procuraram obter alguns exemplares nas livrarias da cidade, antes da conclusão do registo da escola.

Durante o processo de registo da EB 2,3 André de Resende no PNL, foi ponderada, numa reunião do Conselho Pedagógico, a possibilidade de elaborar um projecto, mas o Departamento não chegou a acordo (falta de tempo, PEL, etc.)

Toda a documentação relacionada com o Plano recebida pela escola, resumiu-se, de acordo com a professora de contacto, a dois e-mails provenientes da DREA e do PNL que apresentavam a iniciativa, os procedimentos necessários para o registo da escola, a lista de livros recomendados e as orientações pedagógicas que sustentam a implementação do PNL.

Exceptuando alguns contactos telefónicos para o esclarecimento de dúvidas, durante o registo da escola, e o envio de um CD-ROM com imagens de actividades desenvolvidas pela EB 2,3 André de Resende, não tem existido uma colaboração regular com o Plano. Na sequência de uma visita da Comissária do PNL, Isabel Alçada, na qualidade de escritora, houve um contacto informal onde foi acordado o apoio do Plano à Semana da Língua Portuguesa e ao PEL. Esta visita inseriu-se na inauguração da segunda BE do Agrupamento de Escolas André de Resende na EB1 do Rossio e foi articulada com um convite da EB 2,3 André de Resende para assistir ao segundo PEL e promover um encontro entre leitores da colecção *Uma Aventura*. A visita permitiu a realização de uma reunião informal entre Isabel Alçada e os professores de Português, onde foi explicado o plano de actividades da escola.

O *site* do PNL é consultado periodicamente. A professora de contacto com o PNL na escola tem como funções divulgar, entre o corpo docente, as informações disponíveis no Ler+. A inscrição de algumas actividades temáticas propostas pelo Plano (ex: Natal, Rómulo de Carvalho/António Gedeão) é feita no *site*.

Existe, no Agrupamento de Escolas André de Resende, uma coordenação do plano de actividades para o PNL para todos os níveis de ensino, que é assegurada através das reuniões do Conselho Pedagógico. As actividades desenvolvidas pelos estabelecimentos de ensino do pré-escolar e do 1º ciclo, na sequência do projecto *A Fada Palavrinha e o Gigante das Bibliotecas* (FPGB), são coordenadas pelos serviços da Câmara Municipal de Évora em conjunto com o Conselho Pedagógico do agrupamento. (No entanto, apesar de o projecto FPGB ter apresentado resultados positivos, os recursos disponibilizados pela autarquia ainda não abrangem todas as escolas do concelho). E as visitas de escritores são preparadas de modo a que todas as escolas do agrupamento possam participar.

O facto de decorrerem muitas actividades semelhantes em todo o agrupamento, possibilitou uma maior articulação entre as escolas.

A grande vantagem de termos a mesma actividade a decorrer no agrupamento é a articulação, sem dúvida. A articulação entre os ciclos, os alunos irem desde o pré-escolar e do 1º ciclo, fazendo as mesmas actividades, ao longo da sua vida escolar, portanto, estando já integrados ou adaptados. O contacto entre os alunos dos vários níveis de ensino, que é enriquecedor para todos.

Os alunos passaram a conhecer actividades e colegas de outros ciclos, o que poderá beneficiar a sua carreira escolar, atenuando possíveis casos de desadaptação. Porém, a distância entre as escolas do agrupamento tem dificultado a articulação entre as escolas e a concretização de algumas actividades conjuntas.

Inconveniente não há. Há é a dificuldade de termos um agrupamento muito disperso. As escolas são longe e essa é uma grande dificuldade. E as coisas não correm tão bem, precisamente pela dispersão do espaço. Se fossemos uma Básica Integrada, seria muito fácil realizar actividades articuladas.

Embora a EB 2,3 André de Resende não tenha sido contemplada com o reforço orçamental do PNL, a atribuição de fundos à EB1 do Rossio possibilitou que todas as escolas do 1º ciclo do agrupamento tivessem acesso a livros recomendados pelo Plano. Porém, a partilha de livros entre escolas do agrupamento tem encontrado alguns obstáculos, uma vez que muitos professores possuem algumas reservas quanto à distribuição de materiais para outras escolas. Contudo, para compensar a ausência de verbas, as escolas têm procurado fontes alternativas de financiamento, participando em concursos promovidos pelo *Modelo Continente* (recolha de pilhas).

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais

A professora de contacto considera que a criação do Plano foi oportuna, indo de encontro aos problemas detectados nos estudos PISA, confrontando a necessidade de desenvolver hábitos de leitura nas famílias. Por outro lado, o PNL assume, no actual momento de reforma do sistema de ensino, uma importância especial, por ter conseguido, pela primeira vez, tornar a leitura num desígnio nacional.

Para a entrevistada, o PNL “está bem explicado, de uma forma clara e simples”. As propostas são exequíveis, desde que sejam disponibilizados às escolas livros e verbas. Os critérios que estiveram por trás do Plano são correctos, embora possam estar, eventualmente, distantes da realidade de muitas escolas. É necessário que a implementação desta iniciativa tenha em consideração alguns problemas estruturais do sistema de ensino, oferecendo novos recursos (livros, bibliotecas, acções de formação, etc.)

Aquilo que [o PNL] preconiza é exequível, desde que nos sejam postos à disposição os livros. Porque o centro do Plano, penso eu, para os nossos alunos, é a lista de livros recomendados. As escolas não têm acesso, nem têm verbas próprias para aceder a esses livros. É aqui que se situa a minha crítica. É importante tudo aquilo que o Plano pede que se faça, é exequível, se tivermos acesso às obras. Porque as nossas bibliotecas estão pouco apetrechadas, falo da minha realidade, do nosso agrupamento...os livros que temos já são antigos e pouco motivadores para os miúdos. Os livros recomendados, penso que se tivéssemos acesso a eles seria bom porque não é difícil. O PNL está feito de uma forma que é simples de pôr em prática.

Se o Plano afirma que pretende responsabilizar os professores, deve criar condições para que estes possam responder às exigências pedagógicas associadas à promoção da literacia. O PNL deve, assim, reunir boas práticas e teorias pedagógicas, difundindo-as pelo corpo docente, através de um sistema de formação de professores.

É preciso, também, apostar na formação de professores. Porque os professores não podem ser sempre responsabilizados por tudo, sem que se lhes dê alguma valorização, alguma formação. Estou a falar tanto na formação inicial, de quem está nas universidades nos cursos via ensino, como das pessoas que estão nas escolas. É preciso ir sempre dando aos professores a oportunidade de conhecerem mais novas realidades e tudo aquilo que se vai aprendendo, toda a teoria que se vai construindo a esse nível. Muitos de nós são curiosos e vão fazendo auto-formação e precisamos de muita informação a este nível. Há muita coisa de bibliotecas, dinamização de bibliotecas e dinamização de actividades de leitura que nós devíamos ser formados. Nem que fosse só partilha de experiências com outras escolas, universidades, com outros agrupamentos. Para além de termos recursos, é preciso que nos sejam dadas oportunidades de formação.

A divulgação do Plano foi bem estruturada. O Ler+ é intuitivo e possui informações claras. Contudo, os anúncios televisivos são muito raros, sendo transmitidos apenas no serviço público de televisão e num

horário de audiências reduzidas. A marca Ler+ tem um efeito positivo, captando a atenção de possíveis leitores.

Tendo em conta as limitações estruturais e financeiras do país, a organização do Plano foi adequada, tendo conseguido estabelecer objectivos e criar um programa de actividades capaz de contornar a escassez de meios existentes em algumas escolas. A longo prazo, o PNL deverá manter um enfoque especial na leitura, exercendo alguma pressão sobre as escolas para continuarem a desenvolver actividades de leitura, no sentido de consolidarem práticas existentes e assegurarem a continuidade da nova política de promoção da literacia. Ao incentivar e dinamizar novas actividades nas escolas, o Plano poderá também sensibilizar as famílias para a importância da leitura. Contudo, é muito difícil traçar expectativas a curto prazo, sendo aconselhável, para todos os agentes do sistema de ensino, aguardar pelas próximas fases de implementação do Plano.

Não acredito muito em grandes resultados a curto prazo. Espero que, durante os próximos anos, continue haver um enfoque especial na leitura, nas actividades de leitura na escola, que se continue a pedir à escola que faça este tipo de actividades. Porque se a escola se sentir um pouco pressionada, vai sempre correspondendo e estou convencida que a prazo, uns anos, teremos a escola a ler e a pôr a sociedade a ler a velocidade cruzeiro. Neste momento, é muito difícil ver resultados e para o próximo ano ainda vai ser difícil ver resultados. Só quando estes alunos que estão agora a ser sensibilizados para a necessidade grande da leitura... aqueles que estão agora no 1º ciclo ou no 2º ciclo, quando estes estiverem no secundário ou na Universidade é que se vai começar a ver se realmente resultou.

Entre os eventuais aspectos positivos, foi realçada a clareza e simplicidade da informação e dos objectivos. De acordo com a professora de contacto, o único aspecto negativo do Plano reside na não disponibilização de recursos (verbas e livros) às escolas.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

Para a professora de contacto, os elevados índices de abandono escolar têm estado por detrás de uma maior distância entre as populações e os livros, uma vez que existe uma associação entre o livro e a escola. Com efeito, as más experiências em contexto escolar conduzem, muitas vezes, a uma rejeição da leitura e as próprias condições económicas também não favorecem a promoção da leitura. Os preços dos jornais e dos livros afastam possíveis leitores, beneficiando uma conjugação de factores que conduzem a uma desvalorização da leitura e a um predomínio da televisão sobre a palavra escrita. Todavia, podem ser observados alguns sinais que sugerem um novo interesse pela leitura. Apesar de a massificação do ensino ter desvalorizado o livro, por não ter conseguido acolher novos alunos de acordo com as suas características sócio-económicas – e ter implementado, de forma avulsa, várias experiências que resultaram na desorganização de todo o sistema de ensino –, existe, actualmente, uma tendência de revalorização do livro e da leitura. Este novo interesse envolve, contudo, uma lógica de utilização liceal do livro que se sobrepõe à leitura recreativa, constituindo um aspecto que deve ser tido em conta nas acções de promoção da leitura.

Assim sendo, o PNL deve avançar para outras áreas, abrangendo categorias profissionais como o funcionalismo público. Ao mesmo tempo, para que tenha uma natureza verdadeiramente nacional, o Plano “tem que extravasar a escola”, envolvendo ONGs, comunidades de imigrantes, etc.

O Plano Nacional de Leitura deve avançar para categorias profissionais...um PNL para o funcionalismo público. O PNL deve partir da escola, e continuar na escola, mas deve extravasar a escola...talvez a rede de bibliotecas possa ter um papel aí, as autarquias, algumas organizações de cidadãos que se criem...é importante que saia da escola e que seja nacional mesmo.

Sugestões e Propostas

Dentro do sistema de ensino, o PNL poderia incentivar o desenvolvimento de testes de aferição de literacia, no sentido de criar, a curto/médio prazo, actividades destinadas a grupos de alunos por níveis de literacia. O sucesso da promoção da leitura e do desenvolvimento de competências cognitivas depende, muitas vezes, dos ritmos dos indivíduos, o que implica uma estratégia que tenha em conta as diferenças existentes na população estudantil. Todavia, a criação de níveis de literacia, não implica a elaboração de actividades diferenciadas, nem pode promover a discriminação de alunos, devendo, antes, seguir um acompanhamento assente na diversidade dos alunos. Desta forma, importa formar clubes de leitura, que respeitariam os níveis de literacia, numa tentativa de implementar uma estratégia centrada no acompanhamento pessoal dos alunos.

A nível da escola, penso que se deveriam fazer testes de posicionamento de alunos em níveis de literacia. E não fazer as actividades de leitura por turma, porque em cada turma há vários níveis de literacia, mas por grupos. Se posicionássemos grupos de alunos teríamos um nível mais baixo (que podia ter alunos de 5º, 6º até de 7º ou 8º ano), e um nível médio e outro superior, por exemplo três níveis, e fazer clubes de leitura por níveis, para os que gostam menos e compreendem menos e para desenvolver aqueles que gostam muito, compreendem muito e podem melhorar ainda mais. Para que cada um vá avançando ao seu ritmo, porque dentro da turma é importante, e é bom que haja diversidade, mas, muitas vezes, é difícil realizar actividades iguais para todos, porque nem todos estão ao mesmo nível. Se tivéssemos clubes de leitura por níveis de literacia...cada um podia-se desenvolver dentro da sua capacidade, mais ao seu ritmo. Podiam-se fazer, naturalmente, actividades integrando os vários níveis, porque é sempre enriquecedor a mistura e a partilha...e os alunos dos níveis mais elevados irem aos clubes de níveis menos elevados e ajudarem-se mutuamente.

Importa, também, reunir um conjunto de boas práticas e de teorias que possam aperfeiçoar o acompanhamento que os professores têm feito do PNL.

É preciso, também, apostar na formação de professores. Porque os professores não podem ser sempre responsabilizados por tudo, sem que se lhes dê alguma valorização, alguma formação. Estou a falar tanto na formação inicial, de quem está nas universidades nos cursos via ensino, como das pessoas que estão nas escolas. É preciso ir sempre dando aos professores a oportunidade de conhecerem mais novas realidades e tudo aquilo que se vai aprendendo, toda a teoria que se vai construindo a esse nível. Muitos de nós são curiosos e vão fazendo auto-formação e precisamos de muita informação a este nível. Há muita coisa de bibliotecas, dinamização de bibliotecas e dinamização de actividades de leitura que nós devíamos ser formados. Nem que fosse só partilha de experiências com outras escolas, universidades, com outros agrupamentos. Para além de termos recursos, é preciso que nos seja dada oportunidades de formação.

1.15.3. Entrevista a Professoras

Perfil das entrevistadas

Professora do 2º ciclo: 56 anos; licenciatura em Filologia Românica (Estudos Portugueses); 30 anos como professora.

Professora do 2º ciclo: 30 Anos; licenciatura em Filologia Românica (Português/Francês); coordenadora do jornal da escola.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola / desenvolvidas pelo professor

O plano de actividades concebido para a implementação do PNL previa a realização de três actividades centrais: o PEL, o *Ler à Sobremesa* e o *Ler à Sombra de....* Para além destas actividades, seriam

desenvolvidas outras acções que já tinham sido implementadas em anos anteriores, como a Semana da Língua Portuguesa, a formação de bibliotecas de turma, encontros de escritores, os concursos *Eu li, eu sei* e *Top Net*, bem como a realização de recitais de poesia ou de sessões de leitura debruçadas sobre textos criados pelos alunos. Paralelamente, a escola dinamizou uma campanha de angariação de livros (que incluíam alguns títulos recomendados pelo PNL) para uma escola de Maputo.

Estas actividades inseriram-se num longo passado de promoção da leitura na EB 2,3 André de Resende. Todos os anos é feito um guião de leitura sobre uma obra, que envolve actividades relacionadas com a biobibliografia do autor, o cenário da história, contexto geográfico e histórico, etc. Este ano foi seleccionado um conto de Miguel Torga, *Miúra*, que seria integrado numa série de trabalhos sobre os direitos dos animais. No 5º ano, os alunos assistiram a uma peça de teatro, *Ulisses*, inspirada na *Odisseia* de Homero, tendo preparado a visita com a leitura de *Ulisses* de Maria Alberta Meneres e tendo sido desenvolvidas actividades de leitura de imagens.

A adesão ao *Ler à Sobremesa* e às actividades de leitura em sala de aula ultrapassou as expectativas dos professores. A leitura de poemas, nas aulas de uma das professoras entrevistadas, por exemplo, mereceu comentários positivos por parte dos alunos. Muitas vezes, os professores estabeleceram conversas informais com os alunos sobre os livros que estes lêem em casa, no sentido de aproximar a organização das actividades desenvolvidas nas aulas ou na BE aos interesses dos alunos. A leitura de jornais também foi implementada nas aulas. Nos anos anteriores, foi também desenvolvida uma actividade de compreensão de telejornais, mas os problemas de controlo disciplinar de algumas turmas fez com que esta actividade fosse, progressivamente, abandonada.

A biblioteca de turma, segundo as professoras entrevistadas, é uma componente que exige muito tempo e trabalho, sendo extremamente difícil a sua articulação com as actividades previstas nos programas.

Nem todas têm, mas nas minhas turmas desenvolvo...

Eu não faço bibliotecas de turma no 5º ano, porque os miúdos têm muita dificuldade em mexer nos livros e trazer no dia certo...geralmente faço de quinze em quinze dias.

Por outro lado, a participação dos alunos depende dos hábitos de leitura e características sócio-económicas dos encarregados de educação.

Aqueles têm mais contactos com os livros aderem mais, os outros não, acham que é um chato, uma seca...

Eu acho que a adesão é bastante boa, quer no 5º, quer no 6º... mas, como a minha colega disse, que em relação aos hábitos de leitura, aqueles que estão mais habituados lêem mais e aderem.

Toda a população escolar (funcionários, alunos e professores) e, por vezes, também os encarregados de educação (que são convidados para sessões de leitura na Semana da Língua Portuguesa) participaram nas actividades do PNL. Mesmo os professores de Português do 3º ciclo colaboraram, apesar de este nível de ensino ainda não ter sido abrangido pelo Plano, procurando seguir algumas orientações propostas pelo PNL na leitura de obras integrais. Todavia, as turmas do 3º ciclo têm sido condicionadas pelas obras de leitura obrigatória dos programas e pelos sucessivos momentos de avaliação.

Muitas das actividades planeadas para a sala de aula colidem com as imposições do Ministério da Educação. A necessidade de cumprir os programas disciplinares tem condicionado o desenvolvimento dos 45

minutos de leitura propostos pelo Plano (“deram-nos 45 minutos de leitura, mas não nos deram mais tempo”). De referir que, quando destacados para aulas de substituição, os professores de Português procuram desenvolver actividades de promoção da leitura (jornais, contos, lendas, etc.) e da escrita (contos, comentários, ensaios, etc.), seguindo as orientações definidas pelo Departamento de Língua Portuguesa no início do ano lectivo. Existem também casos de professores de outras disciplinas que têm desenvolvido actividades de leitura nas aulas de substituição. Os professores de outros departamentos que estão envolvidos na implementação das actividades relacionadas com o PNL, também têm enfrentado vários problemas provocados pelas exigências dos programas e pelas cargas horárias que têm impedido uma maior articulação entre as disciplinas. Têm sido desenvolvidas colaborações regulares com a disciplina de EVT (elaboração de ilustrações ou trabalhos plásticos sobre autores ou livros), História (levantamento de informações sobre o contexto histórico das obras ou sobre a biografia dos autores) e Estudo Acompanhado (pormenorização de leituras).

Todas as actividades, com excepção do *Ler à Sombra de...*, realizam-se nas salas de aula, na BE ou no Pavilhão Polivalente (PEL e Semana da Língua Portuguesa). Para além das actividades em sala de aula, existem pequenas acções de pesquisa bibliográfica ou na Internet, realizadas pelos alunos em casa. No entanto, estas actividades não têm decorrido da melhor forma, sendo consideradas pelos encarregados de educação como uma sobrecarga das tarefas escolares dos alunos.

Todas as actividades foram definidas, num primeiro momento, pelo Departamento de Língua Portuguesa. Após a aprovação do Conselho Pedagógico, a implementação das actividades de promoção da leitura é acordada entre o núcleo de professores do 2º ciclo.

Geralmente, é no departamento. Reunimo-nos no departamento...

Mas, mais do que o departamento, nós temos aqui os núcleos do 1º ciclo e do 2º ciclo. Discutimos as grandes ideias no departamento, mas depois quando se trata de implementar, trata-se a nível de grupo.

O tempo dedicado às actividades do PNL excede, por vezes, os 45 minutos de leitura. Contudo, face às exigências do programa, os professores procuraram desenvolver actividades que sejam capazes de conciliar as sugestões do Plano com os objectivos do programa.

Acho que há uma desproporção. Para isso tinha que ser atribuído ao 5º ano mais um tempo. Acho que as coisas que são feitas no Ministério não são pensadas...porque nós temos a leitura, a escrita, que dá muito mais trabalho que a leitura. E para levarmos a leitura a sério, temos que descurar alguma coisa.

No caso da leitura em sala de aula, as actividades têm procurado incentivar práticas de leitura recreativa. Os alunos lêem passagens de contos, romances, textos dramáticos e poemas, sendo também convidados a elaborar textos ou comentários sobre o que leram. Em algumas turmas do 2º ciclo, tem sido implementada uma actividade de desenvolvimento das competências de escrita, *Quem me dera ser*, que propõe aos alunos a elaboração de um texto sobre as profissões que gostariam de exercer. As restantes actividades de aperfeiçoamento das competências de escrita são desenvolvidas de forma esporádica e por iniciativa individual de cada professor, tendo em conta a forma como decorrem as aulas e as necessidades de cumprimento do programa. A sua implementação segue, também, uma lógica recreativa que pretende separar os momentos de avaliação das actividades ligadas ao PNL. Existem, ainda, algumas actividades livres,

destinadas aos alunos do 5º e 6º anos, que conciliam competências de leitura e escrita. Todavia, a sua realização encontra algumas dificuldades no 5º ano, que foram justificadas por problemas de adaptação dos alunos a exigências e actividades que diferem muito do 1º ciclo.

A circulação dos livros tem estado a cargo da biblioteca, sendo que muitas vezes cada professor tem o seu livro e alguns alunos compram alguns livros para a biblioteca de turma ou para as actividades. As obras trabalhadas são habitualmente guardadas na BE, na sala de aula (em cofres ou em armários) ou entregues ao cuidado dos professores. A maior parte dos livros que têm sido utilizados nas actividades da escola não estão incluídos na lista de sugestões do Plano. Foi feito um esforço para incluir livros do PNL nos concursos desenvolvidos pela BE. Nas bibliotecas de turma, os livros são escolhidos por professores e alunos. Quanto aos concursos promovidos pela BE ou pelo Departamento de Língua Portuguesa, as obras utilizadas foram seleccionadas por professores.

As entrevistas revelaram a existência de contradições entre o depoimento da professora de contacto com o PNL e as professoras do 2º ciclo, uma vez que estas afirmaram que não foi realizada nenhuma actividade para a Semana da Língua Portuguesa para o 2º ciclo, devido à realização da final regional do torneio de basquetebol *CompalAir*. Foi ainda referido que as actividades da Semana foram pensadas e organizadas por professores do 3º ciclo, o que condicionou a sua implementação no 5º e 6º anos.

Ainda no corrente ano lectivo, estavam previstas duas visitas de turmas do 2º ciclo e do 3º ciclo à Biblioteca Pública de Évora e à Biblioteca Municipal de Beja. De resto, não foram planeadas mais actividades para este ano lectivo e o Plano Anual de Actividades para 2007/2008 estava dependente de uma futura reunião do Conselho Pedagógico.

Tendo em conta as experiências das duas professoras entrevistadas, a população escolar (alunos, professores e funcionários) aderiu de forma entusiasta às actividades do Plano. Contudo, a carga horária das turmas e os momentos de avaliação são um obstáculo que condiciona uma maior participação de todos os elementos da escola. O envolvimento dos alunos foi menor no 3º ciclo, algo que é explicado, segundo as duas professoras, pelas exigências do currículo em termos de avaliação. O facto de a formação de bibliotecas de turma se restringir ao 2º ciclo também tem fomentado um maior afastamento destes alunos às actividades de promoção da leitura. Contudo, os alunos com práticas de leitura mais sólidas, que têm origem no 1º ciclo ou nos hábitos familiares, aderem mais às actividades que foram sendo desenvolvidas na escola.

No que concerne à adesão de pais e encarregados de educação, após um interesse inicial provocado por uma confusão entre o PNL e a TLEBS, o seu envolvimento foi motivado pelo PEL e pelo desenvolvimento de bibliotecas de turma no 2º ciclo, que resultou em alguns casos de ofertas de livros.

As duas professoras consideraram que ainda é muito prematuro indicar eventuais resultados ou efeitos do PNL, sobretudo porque a EB 2,3 André de Resende tem implementado, ao longo dos últimos anos lectivos, actividades semelhantes às propostas do Plano – o que tem dificultado a observação, a curto prazo, de possíveis transformações junto de alunos ou professores. Se o PNL se mantiver ao longo do período previsto (dez anos), é possível que possam ser registados alguns efeitos, mas só quando forem abrangidos o 3º ciclo e o ensino secundário é que poderão ser feitas algumas previsões sobre o impacto do PNL na escola e na população. Todavia, ao longo do corrente ano lectivo, o interesse dos alunos pelo livro e pela biblioteca aumentou, graças à exposição mediática do Plano e à novidade que a preparação e realização do PEL constituiu no quotidiano da escola.

O Plano Nacional de Leitura na sua organização

As duas professoras afirmaram que desconheciam a forma como se desenrolou o processo de registo da escola, tendo referido que tomaram conhecimento da existência do Plano através da comunicação social e de duas circulares da DREA e da RBE, para além de um e-mail assinado pela Comissão do PNL que foi enviado pela professora de contacto a todos os professores do Departamento de Língua Portuguesa. A utilização do Ler+ pelas entrevistadas é esporádica, e o conhecimento das actividades propostas pelo PNL e de toda a documentação relacionada com a sua implementação é assegurada pela professora de contacto ou pela coordenadora da BE.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais

Embora na EB 2,3 André de Resende o PNL não tenha constituído uma novidade, a criação de um projecto nacional de promoção da leitura permitiu, pela primeira vez, que muitas escolas fossem capazes de desenvolver, de forma sistemática, actividades de promoção da leitura. Os objectivos gerais do Plano enquadram-se com os problemas do país ao nível da literacia e as actividades propostas conseguiram criar um momento de reflexão nas escolas sobre aquilo que tem vindo a ser feito para contrariar os resultados negativos obtidos em estudos como o PISA. Assim sendo, é necessário que o PNL, quando passar a abranger o 3º ciclo e o ensino secundário, seja capaz de manter os alunos que, este ano, participaram nas actividades de promoção da leitura.

A divulgação do PNL tem pecado por não apostar muito nos meios de comunicação social. Importa, deste modo, difundir as actividades das escolas, convidar jornais e televisões a divulgarem aquilo que tem sido feito pelas escolas e pelo próprio Plano. As campanhas de promoção, por outro lado, não têm chegado junto da população, devendo ser repensadas.

A divulgação faz-se através dos meios de comunicação social. É essa que é ouvida. Na Internet só vão os interessados. Nas escolas, apesar de tudo é comunidade fechada. Se não for falada a nível de notícia, a divulgação é muito menor porque entra num campo fechado.

Quanto à marca Ler+, as duas professoras consideraram que tem um efeito positivo e que pode atrair novos leitores, ou originar um crescimento na compra de livros.

Em relação a eventuais aspectos negativos ou positivos, foi mencionado que a implementação do PNL tem sido prejudicada pela carga horária imposta pelo currículo, que tem impedido muitos professores de desenvolverem actividades de leitura. De resto, o facto de, pela primeira vez, existir uma iniciativa que pretende aumentar os índices de literacia e fomentar práticas de leitura foi considerado como “um aspecto muito positivo”.

Segundo as duas professoras entrevistadas, a divulgação do Plano deverá ser alargada para além do sistema de ensino. Esta nova estratégia de divulgação seria acompanhada pela promoção de outros planos de leitura coordenados por autarquias, no sentido de criar actividades de promoção da leitura orientadas para as características e necessidades das comunidades.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

Para as duas professoras, existe um paradoxo entre o número crescente de edições e os poucos hábitos de leitura da população.

Dizemos que os miúdos não lêem, mas os livros são um bocadinho caros. E muita gente não tem acesso, porque o ordenado dos pais é baixíssimo. Claro que os autores também têm que tirar daí algum partido, e as próprias editoras, mas eu penso que se se baixasse um pouco o nível do preço dos livros...se a biblioteca Gulbenkian fosse novamente às terras em que não há tanto material, tanto livro, os miúdos possam ter contacto...Em aldeia pequenas, em que não temos bibliotecas, em que a biblioteca está a 17, a 20 ou 30 kms, é impossível as crianças adquirirem hábitos de leitura.

Se a escolaridade obrigatória for alargada até ao 12º ano, o PNL conseguirá inverter os baixos níveis de literacia da população.

Esperamos que o Plano vá para a frente, que não seja só este ano.

Tem que ser estendido até ao 9º...é necessário, porque penso também que o 2º ciclo tem mais actividades [de promoção de leitura no currículo] do que o 3º ciclo em geral. E isso vai criar mais leitores.

Sugestões e Propostas

As professoras não quiseram avançar com sugestões para o PNL, mas referiram, todavia, a necessidade de promover planos de leitura coordenados por autarquias, no sentido de criar actividades de promoção da leitura orientadas para as características e necessidades das comunidades.

Acho que podemos fazer o livro da semana e fazer uma leitura, em que a escola podia ler um livro, podia discutir o livro, enfim, fazer esse tipo de actividades...de maneira a que não só envolvesse as turmas do 2º ciclo, mas toda a comunidade [escolar]...

Talvez as autarquias promoverem as leituras, encontros com escritores, promover uma interacção entre a população e um escritor....

1.16. Escola Básica do 1º Ciclo com Jardim de Infância nº 1 de Beja

1.16.1. Relatório de visita

Os primeiros contactos e a marcação da visita a Beja decorreram facilmente, tendo desde o início a professora de contacto com o PNL na escola mostrado disponibilidade para receber o elemento da equipa de avaliação.

A visita decorreu no dia 3 de Maio de 2007 entre as 10h00 e as 17h00 e foi composta pelos seguintes momentos:

- Entrevista à coordenadora da BE (tendo estado presente outra professora pertencente ao Conselho Executivo da escola) com a duração de 2h;
- Visita à BE;
- Entrevista à professora de contacto com o PNL na escola com a duração de 1h30m;
- Visita à escola e conversa breve com alguns alunos do 3º e 4º anos;

- Entrevista conjunta a outras três professoras da escola com a duração de cerca de 1h.

A escola é de pequena dimensão, sendo o edifício característico do período do Estado Novo. Há cerca de 7 anos atrás foi alvo de obras de melhoramento. A escola fica nos limites da cidade de Beja, perto de um bairro que, segundo informações prestadas no decorrer das várias entrevistas, é habitado por pessoas com algumas dificuldades económicas e com baixos níveis de qualificações. A escola tem cerca de 50 alunos divididos por 3 turmas: duas do 1º ciclo (1º + 2º ano e 3º + 4º ano) e uma do Jardim de Infância.

1.16.2. Entrevista a Professora de Contacto com o PNL na escola

Perfil da entrevistada

45 anos. Em termos de formação, fez o Magistério Primário e o Complemento de Formação. É responsável pela turma dos 3º e 4º anos e está colocada nesta escola pela primeira vez em 23 anos de serviço, feito sempre no distrito de Beja e sempre no 1º ciclo.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola

A escola aderiu a um projecto iniciado pela BM de Beja, *Livros Andarilhos*, com a duração de mês e meio. Para além de servir os objectivos do PNL, esse projecto serviu também outros propósitos: “as relações entre os miúdos, os afectos, como o nome dizia, *Tantas Formas de Amar*.” Cada saco com livros do projecto corresponde a 4 sessões, 2 na BM onde a professora se desloca com a turma e onde são realizadas várias actividades (exposições, leitura de histórias por animadores, leituras em voz alta e em grupo por parte dos alunos, ilustrações das histórias) e 2 na escola, mais especificamente na sala de aula, onde se desloca um técnico da BM. Fora dessas 4 sessões, a professora compromete-se a criar momentos de leitura das obras seleccionadas na sala de aula; essas obras podem também ser requisitadas pelos alunos. Foi também feito um “contrato de leitura” entre os encarregados de educação, a professora e os alunos, que contempla os momentos de leitura na sala de aula, a criação pelos pais de momentos de leitura a sós e de leitura conjunta em casa, e onde as crianças se comprometem a ler. Cerca de metade dos pais e encarregados de educação participaram nesta actividade. A entrevistada referiu-se à existência de dificuldades que se levantam na esfera da família à criação de hábitos de leitura, e que têm implicações no próprio papel da escola na criação de diálogos articulados com os pais e com os alunos:

Talvez devido à pouca motivação dos pais e os poucos hábitos de leitura dos pais. Porque notei que aqueles que estiveram presentes são aqueles que mais vêm à escola, mais participam nestas actividades e aqueles, à partida, que os miúdos já tinham mais hábitos de leitura, e que nós sentimos que também os pais estão mais habituados a ler com os filhos e a participar nestas situações. (...) Mas isto também podemos relacioná-lo com a população, o nível sócio-económico da população, as habilitações académicas. Alguns dos pais destes meninos ainda têm uma baixa escolaridade, ao nível do 4º ano de escolaridade, uma percentagem significativa concluída já no Ensino Recorrente, na educação de adultos. (...) Essencialmente o pouco hábito de leitura e pouco contacto com o livro dos próprios pais. Daí que depois não se valorize muito em relação aos filhos. (...) Primeiro tivemos de fazer sentir aos pais essa necessidade [de motivarem os filhos para a leitura], cativá-los e os filhos foram depois o veículo. A partir da altura em que os miúdos conheceram o projecto [*Livros Andarilhos*] e começaram a fazer actividades, começaram a levar para casa a avaliação daquilo que faziam, a contar aos pais como se procedeu na biblioteca, como se fez. Acho que neste momento já estão se calhar criadas mais condições para podermos começar a trabalhar com todos os pais.

No Estudo Acompanhado também têm sido desenvolvidas actividades de leitura e de escrita, “que vão de encontro ao Plano”. Para além disso, assumem particular importância as actividades organizadas a nível do agrupamento, realizadas em tempo lectivo mas fora do espaço desta escola específica (referidas com mais pormenor na entrevista à coordenadora da BE). Nessas actividades são principais protagonistas os professores, a responsável pela BE e os técnicos da BM.

Assim, para além da sala de aula, as actividades decorreram também na BE e na BM, espaços que assumem importância específica:

Acho que também é importante, senti isso, sair do espaço de sala de aula. Portanto, ler em sala de aula mas também ler noutros espaços, nomeadamente na biblioteca e lá em cima na biblioteca municipal. (...) Nem que seja só o descer a escada e vir para este espaço biblioteca, uma disposição diferente, um espaço diferente... Tem outras condições. A proximidade dos miúdos, o dispor na alcatifa, o estar... Portanto, é diferente de ler em sala de aula. Sendo importante, e fazendo lá as leituras, é uma maneira diferente, é um estar diferente, é um contacto diferente com o livro, tal como é depois nos outros espaços. Não ver o livro só como instrumento de trabalho em sala de aula, mas a leitura por prazer, e eu senti necessidade de criar nesta turma momentos de ler por ler, ler para recriar, para prazer. Porque inicialmente havia alguma resistência sempre depois: “porque se vou ler, a seguir vai-me ser pedido um trabalho escrito.” Não podia entrar por esse nível de exigência, porque depois lia-se o menos possível, lia-se o livro mais pequenino. A partir da altura em que criámos estes momentos, estimulámos a leitura, momentos de ler, livremente, só pelo prazer de ler.

Têm sido feitas leituras (geralmente uma hora por dia) de algumas obras seleccionadas com base na lista do PNL nos momentos dedicados à língua portuguesa – 3 obras seleccionadas para cada um dos graus de dificuldade – e, na sequência dessas leituras, trabalhos de produção escrita, escrita criativa, trabalhos de expressão plástica, contos orais e resumos. Já tinham entretanto sido trabalhados 9 livros da lista do PNL e também outros que dela não constam. Na escolha dos livros tem sido privilegiado um critério de variedade, sendo que a escolha das obras depende de cada professor. Relativamente à duração dos tempos de leitura, foi referido o seguinte:

Há dias em que a hora não me chega... normalmente acaba por não chegar. Há dias, há actividades em que era preciso mais tempo para continuar, para concluir, porque os miúdos ainda estão motivados, ainda estão empenhados naquilo. Há outros dias em que as coisas... em que se calhar não posso fazer a hora, tenho que parar antes, porque já não vale a pena, porque não rende, porque a capacidade de concentração já ali não está. Portanto, é variável. Acho que posso ajustar. (...) Depende de vários factores, não tem só a ver com a leitura em si, nem com a obra, tem que ver com a predisposição dos meninos para ler naquele dia.

Relacionadas com algumas das obras lidas, ou com parte delas, têm sido também levadas a cabo actividades de escrita. Nem todas as obras foram trabalhadas a este nível devido aos objectivos da professora em colocar os alunos “a ler só pelo prazer de ler” e em estimular a oralidade.

Como a escola não recebeu financiamento do PNL, existe alguma dificuldade em aceder a essas obras, que são requisitadas na BM com prazo alargado de entrega (principalmente) ou na biblioteca do agrupamento (raramente), o que significa que apenas pode ser utilizado um exemplar de cada livro, o que é considerado manifestamente insuficiente para trabalhar em sala de aula (no máximo, houve 2 exemplares disponíveis). Também são utilizados, por vezes, livros diferentes, de forma a que toda a turma leia em simultâneo. Essas dificuldades fizeram com que, em vez de utilizar vários livros para cada grau de dificuldade, a professora utilize o mesmo livro mas com diferentes graus de exigência nos 3º e 4º anos. Segundo ela, a possibilidade de poder contar com mais exemplares de uma só obra,

permitiria a cada aluno acompanhar a leitura que se estava a fazer com mais facilidade, se calhar não se dispersava tanto, e inclusivamente fazer tipos de leituras diferentes. Se temos só um manual e queremos fazer, por exemplo,

uma leitura a pares, o manual tem que circular, tem que passar de uma mão para a outra. Se a criança já tiver o manual, para além de poder ir seguindo aquilo que o colega lê e de ir eventualmente vendo a imagem que acompanha o texto, seria facilitador.

A professora de contacto com o PNL na escola não desenvolveu quaisquer esforços junto do PNL no sentido de obter esclarecimentos acerca da atribuição do financiamento; o assunto apenas foi levantado junto dos responsáveis do agrupamento. A entrevistada revelou inclusive alguma surpresa por a escola ter sido seleccionada como estudo de caso, uma vez que não tinha recebido financiamento. O que estava planeado em caso de atribuição de verbas para compra de livros seria a instalação desses recursos na biblioteca do agrupamento, devido ao reduzido número de alunos desta escola específica.

Existe também uma agenda semanal onde são destinados tempos à leitura em sala de aula, que decorre de forma diversificada: leitura da professora ou dos alunos para a turma, leitura silenciosa, leitura a pares, leitura de forma dialogada. Segundo a responsável do PNL, essas leituras partilhadas e diversificadas em sala de aula são fundamentais:

Ao mesmo tempo que está a ler está a interagir com o colega, precisa de estar atento àquilo que ele fez. Depois a expressividade, ao ouvir ler e ao continuar a leitura, ao comparar. Acho que é positivo.

Como foi referido, a aposta tem ido no sentido da diversificação de actividades. No início do dia é sempre levado a cabo o *Ler, Mostrar e Contar*, onde os alunos preparam leituras em casa e as apresentam na aula.

Todas as turmas dos vários anos lectivos estão envolvidas em várias actividades de leitura e escrita. Segundo aquilo que foi transmitido pela entrevistada, a experiência tem sido globalmente positiva em todos eles, desde o Jardim de Infância ao 4º ano:

Eu faria um balanço bastante positivo, em relação ao gosto que os miúdos têm pela leitura, pelo ler, pelo manusear do livro, pelo requisitar. E depois também em termos de competência leitora, acho que se notam já melhorias significativas. (...) O 3º ano tinha no início uma competência leitora ainda a emergir, vá lá, e neste momento já se notam progressos. (...) A turma do 1º e 2º anos tem alguns miúdos que faziam inicialmente alguma resistência à leitura e à leitura para o grupo, e neste momento está a conseguir ultrapassar-se. (...) Essencialmente no 3º ano era pouco o treino da leitura, eles já tinham adquirido, pelo menos a maior parte, a técnica da leitura, o mecanismo da leitura, mas depois falta a expressividade, faltam aquelas situações que se ganham treinando a leitura, lendo. Era essencialmente isso que faltava e que ainda falta em alguns.

Segundo a professora, os alunos também apreciam as várias actividades feitas em torno da leitura na sala de aula; na realização da actividade *Ler, Mostrar e Contar*, por exemplo, teve que ser determinado um limite de tempo, uma vez que os alunos gostavam de a prolongar: “Os alunos gostam. (...) Neste momento a minha turma adere com bastante facilidade às propostas de leitura.”

As actividades de escrita também foram avaliadas de forma globalmente positiva, tendo sido identificados progressos no desenvolvimento de competências dos alunos a esse nível. As principais dificuldades identificadas são ao nível da ortografia e da construção frásica e são também devidas ao facto de estarmos em presença de

miúdos pouco habituados a passar para o papel as ideias. Eles ao nível da oralidade expressam-se com alguma facilidade e depois ao nível da escrita é mais complicado passar para o papel aquilo que se disse.

Ainda segundo a professora, “neste momento eles gostam mais de ler do que de escrever.”

Nas leituras em sala de aula tem predominado o livro e são utilizados muito esporadicamente jornais e revistas, uma vez que a professora referiu a preferência que tem pelo suporte livro na prossecução das diversas actividades.

No sentido daquilo que é referido com mais detença na entrevista à coordenadora da BE, a professora de contacto com o PNL referiu os entraves que a insuficiência de recursos humanos da BE coloca ao desenvolvimento das actividades de estímulo à leitura, não deixando de sublinhar que o equipamento é fundamental no quotidiano da escola; os alunos apreciam muito o espaço.

Em termos de actividades de leitura, a presença da coordenadora da BE em várias escolas funciona como o principal elo de ligação a nível do agrupamento. Teve lugar a *Semana do Agrupamento*, que incluiu uma feira do livro, um *atelier* de escrita criativa e uma história dramatizada por alunos na BE do agrupamento. Na opinião da professora, a articulação entre as várias escolas é positiva e deve ser alvo de aprofundamento nos próximos anos do PNL.

Existe uma Associação de Pais do agrupamento, havendo nesta escola dois representantes dos pais que pertencem a essa associação (1 pelo 1º ciclo e 1 pelo pré-escolar). A estes encarregados de educação as professoras dão conhecimento das actividades de leitura que têm lugar e dos projectos em curso. Houve algum *feedback* positivo dos pais relativamente às actividades desenvolvidas, e foi também demonstrada disponibilidade acrescida para participação em actividades futuras de forma mais activa.

Ainda para o 3º período lectivo estava previsto que, na actividade *Livros Andarilhos*, os pais dos alunos se deslocassem à escola para apresentar os livros às turmas; estava também a ser preparada uma feira do livro.

A divulgação das actividades de promoção da leitura é feita essencialmente na escola e junto dos pais dos alunos. É através da coordenadora desta e de outras BEs do agrupamento que a informação sobre as actividades circula entre as várias escolas.

Já a BM foi mencionada como a entidade que mais de perto apoia a escola no que às actividades de estímulo à leitura diz respeito: emprestando livros, prestando apoio técnico, disponibilizando espaços para actividades e exposições, dinamizando actividades de leitura na própria escola.

Em termos globais, a maior crítica que os vários elementos da escola, na perspectiva da entrevistada, têm a fazer à implementação do PNL prende-se com a não atribuição de financiamento para a compra de livros, ainda para mais na medida em que isso veio frustrar expectativas anteriormente criadas. A inexistência de financiamento acabou assim por afectar a execução daquilo que estava planeado. De qualquer forma, foi referido pela entrevistada que os professores da escola interessaram-se pelo Plano e investiram no cumprimento dos seus objectivos, dentro dos constrangimentos referidos, dando resposta, com mais ou menos dificuldade, aos desafios do PNL.

Relativamente às actividades que decorrem fora da sala de aula, foi referido que o nível de adesão dos alunos foi satisfatório:

Porque, pronto, é a saída do espaço escola, é a motivação para. Na semana das *Mil Profissões, Mil Actividades*, em que os miúdos foram e fizeram actividades de escrita criativa, eles gostaram bastante. Estiveram na biblioteca do agrupamento também a ouvir uma história dramatizada por uma turma de 7º ano, que alunos do agrupamento prepararam para eles. Os miúdos gostaram bastante de participar. E, no 4º ano, foi o contactar também com um espaço que vai ser deles para o próximo ano, com actividades a desenvolver naquele espaço que eles acabaram por conhecer e contactar. Acho que sim, que é de valorizar.

A entrevistada fez também uma avaliação positiva das actividades de estímulo à leitura levadas a cabo na escola:

Essencialmente um maior gosto pelo livro, o livro diferente do manual, o ler, a disponibilidade para ler, para ler aos outros. E depois ao nível da competência leitora. E há uma maior segurança, mais à-vontade, gostar de ler. Hoje estão mais receptivos, não há já inibição em pegar num livro, em ler, em ler para a turma. Eu acho que passa um bocadinho por todas estas actividades e pelo contacto privilegiado com aqueles momentos de leitura, aquele contacto com o livro.

Já no que diz respeito aos impactos do Plano sobre os professores e os métodos pedagógicos, foi referido que as actividades de leitura e de escrita já faziam parte do quotidiano antes do arranque do PNL:

Eu sempre gostei de ler e sempre trabalhei bastante a leitura. Isto não é propriamente novidade para mim, porque os momentos instituídos, o ler, estar habituado a fazer este tipo de actividades, não é o plano que me obrigou a fazer. Eu já fazia; agora, pronto, faço de acordo com o plano. Mas se não houvesse o plano fazia na mesma. (...) Provavelmente, entre aspas, obriga-me a cumprir a ler aqueles [livros] que escolhi, não é? (...) Se não fossem aquelas [obras] eventualmente teria lido outras, trabalhado outras, tal como o fiz de forma paralela. A mim, pessoalmente confesso, como sempre gostei muito de ler, gosto de trabalhar, a leitura e a escrita para os miúdos, não mudou grande coisa, para não lhe dizer que não mudou nada.

O Plano Nacional de Leitura na sua organização

Nesta escola tomaram conhecimento do PNL via comunicação social, primeiro, e depois por intermédio de informação enviada para as escolas pelo agrupamento. Receberam nesse segundo momento informação com os objectivos do Plano e com o tempo destinado à leitura em sala de aula. Inicialmente, a informação foi considerada suficiente, tendo a entrevistada sentido necessidade, posteriormente, de recolher informação mais detalhada, para o qual começou a recorrer regularmente ao sítio da Internet. Também receberam materiais de divulgação das editoras.

Já a inscrição no PNL, assim como o planeamento das várias actividades levadas a cabo, resultaram de um processo colectivo de troca de ideias entre as várias professoras da escola e a coordenadora da BE; tratando-se de uma escola de dimensões reduzidas, isso fez com que esse processo surgisse naturalmente, segundo a entrevistada. O PNL terá ajudado a introduzir alguns elementos valorizadores nesse planeamento colectivo de actividades de estímulo à leitura:

Um papel importante também tem [o PNL], porque se calhar sentimo-nos na obrigação de “Temos de dar cumprimento, vamos lá também olhar em conjunto”. E sentimos a necessidade de saber aquilo que se faz também na outra sala ao lado, com os outros. Até costumamos também fazer com outra colega que está noutra escola aqui perto (...) que também passa por aqui e que também, com ela, trocamos impressões e sabemos o que é que cada uma está a fazer. Troca de experiências, partilha daquilo que temos vindo a fazer. Influência tem [o PNL]. Temos que ser sinceros, alguma influência tem porque acaba por gerar algumas dinâmicas.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais

A entrevistada nunca precisou de entrar directamente em contacto com a Comissão do PNL, esclarecendo as dúvidas surgidas junto do agrupamento e junto da coordenadora da BE.

A avaliação global feita acerca da lista de livros do PNL foi positiva:

Alguns eu não conhecia, nem todos tinha trabalhado. Mas penso que sim, que responde àquilo que o plano se propõe. (...) Foi útil porque serviu-me de guia, de orientação, porque se eu não tivesse aquela chegaram-me n listas de várias editoras para a escola. Ali, eu fui por aquelas porque eram recomendadas, porque havia lá algumas que eu já conhecia e que achava que elas eram importantes e seleccionei-as para trabalhar com os miúdos. Se calhar em termos da escolha ajudou.

A entrevistada considerou importante a existência do *site* da Internet, ao qual recorre regularmente; destacou nesse âmbito o esclarecimento de dúvidas, as sugestões de actividades de leitura e as possibilidades de comparação que esse recurso possibilitou entre as suas actividades prévias ao plano e as actividades propostas, abrindo assim espaço para avaliações e reajustes de actividades. Em termos de sugestões para o futuro, foi referida a necessidade de fazer do *site* um local de apresentação de experiências concretas de estímulo à leitura, de forma a propiciar a partilha de experiências entre escolas e professores.

A avaliação feita da marca Ler+ foi também de sinal positivo:

Atendendo a que líamos pouco, ou que de um modo geral se lia pouco, se calhar faz algum sentido passar a ler mais, em quantidade e em qualidade. Ler mais e ler melhor. É boa. Pelo menos o mais leva-nos logo a pensar de forma positiva!

Em termos de divulgação mais alargada do PNL, a entrevistada referiu a sua presença na televisão, algo que sente ter chegado também aos alunos:

Sinto que também os miúdos têm visto, porque quando apareceu a primeira vez eles chegaram à sala e disseram assim: “Oh professora, ontem também vimos na televisão aquele menino a ler, aquele do ler mais, aquele que a professora fala na escola também já vimos na televisão.” Já vai começando a fazer parte dos miúdos e de todos nós ver o menino a ler, ou o livrinho com o Ler+.

Já em relação aos pais dos alunos, a divulgação do PNL não tem sido tão eficaz, segundo a entrevistada:

Se calhar não tem chegado na quantidade necessária, ou pelo menos a todos. Acredito que se calhar alguém vê o anúncio na televisão e não sei se depois associa a tudo aquilo que se tem desenvolvido ou que se está a fazer em sala de aula.

Para esta entrevistada, alguns dos aspectos mais positivos do PNL prendem-se com as chamadas de atenção feitas em relação à leitura, e com a criação de um enquadramento partilhado e mais sólido para as múltiplas actividades de promoção da leitura e da escrita já existentes e a atribuição a estas últimas de um carácter mais “oficial”:

O Plano veio trazer a oportunidade de fazer... poderia chamar-lhe legalmente, aquilo que já se fazia, aquilo que eu pessoalmente já fazia. Pronto, fazê-lo de uma maneira mais estruturada, sistemática. (...) O Plano é importante e oportuno, quanto muito para despertar consciências adormecidas ao nível das escolas e da sociedade em geral. De uma maneira geral despertar para a leitura, para a importância de ler. É importante na escola mas também é importante em casa, na família, para complementar. (...) O Plano veio valorizar o contacto com o livro, o conhecer, o utilizar o livro como forma de enriquecimento pessoal, de conhecer, de saber construir também através da leitura, através do livro, do ler. Será essencialmente isso.

Já em relação a aspectos menos positivos, esta professora destacou a falta de financiamento necessário para a prossecução dos objectivos do Plano:

A existência do Plano, sem o devido acompanhamento em termos de financiamento e obras também pode ser negativa. Porque o Plano existe mas se eu me tivesse limitado ao conhecimento do Plano e não tivesse saído da sala para ir procurar os livros e dissesse assim: “escolhi aqueles 9 livros, não os tenho aqui na biblioteca então não vou trabalhar”, o Plano não funcionaria, não cumpria os objectivos. (...) Esse é essencialmente o aspecto negativo. O Plano existe, está cá, os livros foram escolhidos, mas não há livros!

Foi também referida como eventualmente mais negativa a possibilidade do PNL se prestar a interpretações mais rígidas:

Se eu colar ao PNL uma obrigatoriedade de ler para produzir sempre um trabalho, para, em termos académicos exigir, se calhar começo a ter alguns alunos que se começam a retrair, porque afinal ler dá trabalho, ler é difícil, ler às vezes é uma chatice, se aquilo for sempre posto de uma maneira de trabalho. Terei de alternar uma componente com a outra, dosear para que não peque por excesso, se se investir demasiado, o que acaba por ter o feito contrário, a rejeição à própria leitura: “Ler, outra vez?! Para depois me ir pedir um trabalho a seguir!” Se as coisas forem doseadas, forem devidamente estimuladas, acho que é benéfico.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

Para esta entrevistada, o panorama da leitura e da literacia, assim como as formas de envolvimento dos pais/encarregados de educação nas actividades de estímulo à leitura, não podem ser dissociados das características específicas da escola, nem da diversidade de situações que a constituem:

É uma escola de bairro. (...) Tem alguns problemas, devido ao bairro, à baixa escolaridade de alguns pais, algumas situações de famílias com algumas carências, pais desempregados. Temos alguns miúdos de um bairro que fica localizado ali no outro lado, no Bairro da Esperança, que têm alguns problemas ao nível sócio-económico. Isso depois também se reflecte no apoio dos familiares e nas expectativas dos pais em relação à escola dos filhos. (...) Enquanto eu tenho na minha turma crianças que lêem e que estão habituadas a verem os pais ler e onde a leitura é valorizada, onde em casa toda a gente lê, também tenho miúdos que agora é que eles levam livros para casa e só eles é que lêem, mas isso não são muitos, felizmente. Mas é onde não há a tal valorização, onde não há o hábito de ver os pais ler, e acho que aí também é importante, porque se a escola é importante, a família valorizar também é concertiza importante.

Em termos mais gerais, foi referido que o interesse pela leitura nos alunos mais jovens, embora seja ainda baixo, está a aumentar:

Temos consciência que se lê pouco, mas eu acho, arriscava a dizer que se calhar nestas camadas mais jovens, nestes meninos que nós temos agora no 1º ciclo, começa a notar-se mais interesse pela leitura. Estão mais motivados, estão mais despertos. Acho que, em relação à minha prática e àquilo que eu conheço, tem de alguma forma havido alguma evolução positiva. Não ainda a desejável, não aquilo que se pretende, mas eu acho que sim, embora continue a achar que muitos dos nossos meninos lêem pouco. E lêem pouco por várias circunstâncias, porque não se valoriza grandemente a leitura, porque há outra maneira se calhar mais fácil de ocuparem os miúdos ou deles estarem, coisas que lhes dão menos trabalho e que eles se prendem mais facilmente: televisão, jogos, consolas... Se calhar têm ganho algum terreno em relação à leitura. (...) A relação dos alunos com a leitura também vai diminuindo à medida que eles vão progredindo pelos vários ciclos, pelo menos pela experiência que tenho, acho que sim. Até pela experiência que tenho em casa, em relação aos meus filhos. Embora depois o inverso também tenha notado: há ali uma faixa, se calhar 12-17 anos por aí, em que se lê pouco, e depois volta-se a ler um pouquinho mais. (...) Há uma fase em perdem um bocado o interesse ou o gosto pela leitura, para depois mais tarde voltarem a ir ganhando.

A partir da sua experiência como professora, a entrevistada referiu o caso de outra escola onde leccionou e onde o panorama da leitura era, de certa forma, diferente daquilo que ela entende ser o panorama geral da região:

Foram talvez os miúdos que eu tive que mais liam, que eram miúdos que estavam mais isolados, era uma escola de meio rural. Liam bastante porque o ler era uma forma de ocupar tempo, era uma forma de conhecer aquilo que o meio em que estavam inseridos não lhes proporcionava.

Sugestões e Propostas

Aspectos que poderiam/deveriam ser melhorados ou ampliados nos próximos anos têm que ver, essencialmente, com a necessidade de dotar a BE de melhores recursos documentais e humanos. Também foi referida a vontade de obter mais facilmente e de forma mais abundante, através do sítio da Internet, sugestões de preparação e gestão de actividades de leitura em turmas compostas por alunos em anos de escolaridade diferentes (1º e 2º, 3º e 4º, nesta escola específica).

1.16.3. Entrevista a Professoras

Perfil das entrevistadas

Educadora de infância (alunos dos 3 aos 6 anos), na escola há 9 anos; professora dos 1º e 2º anos (na escola há 1 ano); professora de Apoio Educativo (na escola há 1 ano).

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola / desenvolvidas pelos professores

Foram referidas algumas das actividades que são levadas a cabo no Jardim de Infância: expressão plástica, trabalho com letras com alguns dos alunos, modificação e reinvenção de histórias, contacto e utilização de livros velhos, construção de pequenos livros e dicionários, jogos matemáticos, leitura de histórias com apoio de fantoches e de sombras chinesas, jogos baseados nas histórias que os alunos mais apreciaram. Aquando do *Dia Mundial do Livro*, os alunos fizeram como trabalho de casa uma recolha das histórias preferidas dos pais e das razões dessa preferência.

Ao nível da turma do 1º e 2º anos também são desenvolvidas, desde há algum tempo, actividades semelhantes às referidas para o JI de contacto e trabalho com os livros: reinvenção de histórias, expressão plástica, leitura de histórias com apoio de fantoches, realização de pequenas peças de teatro, jogos matemáticos baseados nas histórias, etc.

Foi unânime entre as 3 professoras a consideração de que os alunos apreciam as actividades de leitura em sala de aula. Foi também particularmente sublinhada a necessidade de variar a natureza das actividades de leitura e de contacto com o livro e com a escrita como aspecto essencial para o sucesso dessas actividades:

Eu sei que é muito mais fácil, portanto, quando eu conto a história, porque conto com mímica, porque trago adereços, de agarrar a atenção dos miúdos, do que com um livro. Mas com um livro nós podemos também fazer tudo o que nós quisermos. Desde o livro que vem fechado no meu saco e que eu digo que tenho uma surpresa, desde o livro que aparece de um canto da sala, desde... Pronto, é a gente tornar aquele momento mágico. (Educadora de Infância)

Nessas actividades de leitura, o livro assume grande destaque. Não obstante, as professoras tentam também motivar os alunos a utilizarem outros suportes:

Em sala de aula é mais o livro. Mas estou sempre a motivá-los para que, em casa nos fins-de-semana os jornais que os pais compram, as revistas até, que a mãe compra... Portanto, estou sempre chamando muito a atenção a isso. (...) Apelando à leitura, porque não ler um jornal de futebol? (Professora 1º e 2º anos)

O papel da BE foi destacado como central nas actividades de estímulo à leitura e à escrita, também por permitir explorar uma diversidade de iniciativas e recursos:

Há outro tipo de actividades que podem ser dinamizadas. É um outro recurso, penso que se pode por vezes alargar à própria comunidade, é mais fácil do que sermos só nós, na própria sala. (Educadora de Infância)

Embora seja só um computador, dá para eles usarem. Não são só os livros, não é? Há muitas pesquisas que eles podem fazer. (Professora 1º e 2º anos)

Por isso mesmo, a falta de recursos humanos na BE surge como uma questão primordial a resolver. A educadora de infância entrevistada referiu ainda que gostaria que a BE pudesse servir uma população mais

alargada, devido ao facto de a escola ainda ficar a alguma distância da BM, o que inibe muitos pais de irem lá com os seus filhos:

O meu sonho era realmente poder melhorar, poder organizar esta mini-biblioteca, é uma mini-biblioteca, mas poder abri-la uma bocadinho a esta comunidade, fora de horas. Disponibilizar à própria comunidade, aos avós, aos velhotes que aqui andam. (...) Porque este prazer e este ler mais têm que ser para todos. (Educatora de Infância)

Aquando do *Dia Mundial do Livro*, os alunos do JI fizeram como trabalho de casa uma recolha das histórias preferidas dos pais e das razões dessa preferência. Segundo a Educatora:

Uma das minhas ambições (...) é obrigar, entre aspas, os pais a estarem atentos àquilo que se passa. É uma ligação, uma forma de trazer. (Educatora de Infância)

Neste âmbito foi destacada a heterogeneidade das situações familiares dos alunos e as dificuldades que se podem levantar a uma intervenção articulada da escola e da família:

Porque aqui os ambientes familiares, há uns mais complicados que outros. Estamos aqui inseridos numa área que não é muito fácil. Mesmo com os livros que eles levam para casa, os pequeninos têm que pedir aos pais para ler. Há pais que lêem uma paginazinha todas as noites, antes de ir dormir, há outros [alunos] que vêm: “Eu tenho ainda aqui o livro, queria entregar, professora, mas a minha mãe ainda não arranjou tempo para me ler...” (Professora 1º e 2º anos)

Ou então da outra vez foi: “Leu tão depressa que eu não percebi nada!” (Professora Apoio Educativo)

Ao nível da articulação BE-BM, foi feita uma reunião com os pais organizada pela responsável do SABE (entrevistada aquando da visita à BM de Beja), a propósito da actividades *Livros Andarilhos*, de forma a tentar envolvê-los e motivá-los o mais possível para as actividades de leitura com os filhos através da assinatura de um “contrato”. No entanto o sucesso dessa iniciativa foi muito limitado: no total compareceram 7 pais/encarregados de educação (3 da turma do 1º e 2º anos e 4 da turma de 3º e 4º anos). Em termos gerais foi sublinhada a dificuldade em envolver os pais dos alunos nas actividades de promoção da leitura, sendo que as professoras tentam, durante as reuniões e noutras situações de conversa mais informal, incentivar os pais/encarregados de educação para o desenvolvimento de actividades de leitura com as crianças. Foi referido que o trabalho que é desenvolvido na escola muitas vezes não encontra seguimento em casa, sendo que, nalguns casos, esse trabalho se depara mesmo com obstáculos de monta no quadro doméstico dos alunos. Foi ainda mencionada a concorrência que as actividades de leitura encontram nos quotidianos “cada vez mais preenchidos dos jovens”.

Também as professoras entrevistadas destacaram a não atribuição de financiamento e um certo frustrar de expectativas anteriormente criadas como elemento importante da experiência PNL nesta escola. A tentativa de seguir os objectivos do Plano mesmo sem financiamento específico, nomeadamente através da requisição das obras na BM, também se deparou com algumas dificuldades pela impossibilidade desta última em corresponder a um número elevado de pedidos simultâneos das várias escolas da cidade relativos a essas mesmas obras (esta questão foi também abordada na entrevista realizada na BM):

Realmente quando surgiu o plano eu tive curiosidade em ver quais as obras, se seria alguma coisa de diferente a que eu não estivesse habituada. Pronto, alguns livros conhecia, outros não. A minha preocupação foi tentar escolher um bocadinho na expectativa de poder vir a adquirir algumas obras, pensava eu, mas até à data nada nos chegou. Portanto, como é que eu trabalho? Continuo a fazer o que continuava antes dentro daquelas obras que eu tinha seleccionado de acordo com o projecto, de acordo com as várias etapas desenvolvidas. (...) É claro que dá

mais trabalho no sentido de... se eu tivesse aqui as obras, pronto, penso que seria mais fácil o acesso. Assim, também não me posso dar por infeliz porque está aqui uma biblioteca que já foi também, com muitas obras, enriquecida ao longo dos anos, e que a gente vai trabalhando, conjuntamente e outras vezes isoladamente, mas se calhar alguns daqueles que estavam projectados naquele Plano, eu muitas vezes tenho que ir buscar ou à biblioteca [municipal] ou tenho que recorrer a uma amiga, ou muitas vezes também aquilo que me tem acontecido é como agora as obras estão um bocadinho em falta, também quando chego lá não as tenho. Mas eu também não me preocupo com isso, olhe... Se não tenho aquela trabalho outra. (Educatora de Infância)

A falha foi as obras que nós, realmente, tínhamos escolhido... Pronto, consegui trabalhar muitas delas, portanto através da BM. Quando não temos, trabalhamos outras histórias. Porque muitas vezes vamos para ir buscar à BM, mas já estão requisitadas. (Professora 1º e 2º anos)

E isso por vezes acelera um pouco o tratamento dos livros [a requisição na BM], porque têm de ser entregues... (Professora Apoio Educativo)

Pois! E se tivéssemos mais que um exemplar poderia fazer-se um trabalho diferente, não é? Aquele trabalho de dois meninos com um exemplar, ou trabalhos de pares. (...) Se as obras chegarem... Porque é uma lufada de ar fresco! (Professora 1º e 2º anos)

As três professoras presentes referiram a forma como o PNL veio focalizar actividades e dinâmicas previamente existentes na escola:

Não me trouxe até agora nada de novo. Portanto, é prática minha basear a minha actividade com as crianças a partir das histórias, e as histórias dão para tudo, dão para trabalhar a matemática, dão para ir às ciências, dão para trabalhar a parte da língua portuguesa, dão para trabalhar o movimento, dão para trabalhar o teatro. Eu aprendi isto há 28 anos! Não sei trabalhar doutra forma. (Educatora de Infância)

Mas isto [as actividades levadas a cabo], tenho que dizer, é prática minha e foi iniciativa nossa, não propriamente por o Plano, portanto, foi uma actividade que já existia. É o primeiro ano que estou aqui mas é prática minha fazer isso. Aqui, achei que está a resultar, porque eles negavam-se simplesmente a ler, mesmo a ler os textos deles. E esta prática de haver aquele bocadinho reservado à leitura... Até já dizem: “Professora, eles não se despacham para irmos começar a ler! Ainda não lemos!” (Professora 1º e 2º anos)

Todos os 12 anos de serviço que tenho, sempre fiz, às quartas-feiras, a hora do conto. E essa hora do conto era o dia todo que trabalhávamos um livro. E o que eu vejo é que quem já vinha fazendo essas actividades, é um prazer! E quem é obrigado a fazer, sai-lhe uma coisa... Aliás, não deixa transparecer para os miúdos a importância do projecto que se está a desenvolver. (Professora Apoio Educativo)

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais

A lista de livros recomendados foi considerada útil e exaustiva, tendo a escolha das obras sido centrada sobre aquelas que ainda não existiam na BE, na expectativa do financiamento. Foi também considerada positiva a sua natureza não obrigatória e referida a necessidade de ir refinando e alargando a lista nos próximos anos.

Em termos mais globais, as professoras entrevistadas não deixaram de reconhecer algumas contribuições específicas que o PNL veio trazer às actividades da escola e ao panorama geral da leitura, nomeadamente no que tem que ver com a colocação dos livros e da leitura na ordem do dia – através da “marca” Ler+ - e uma focalização das atenções sobre determinados objectivos considerados importantes e positivos:

O Plano veio trazer um despertar, talvez. Eles [os alunos] também ouvem muito a comunicação social, e tem sido também muito divulgado. Isso, se calhar, também ajudou. (...) Eles já ouviram falar... o Ler+, principalmente. Esse slogan acho, portanto, que funciona. (Professora 1º e 2º anos)

Como aspecto mais negativo, voltou a ser referida a não atribuição de financiamento à escola, não tendo sido levantadas quaisquer objecções ao PNL em termos de concepção ou objectivos globais.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

As várias professoras destacaram a heterogeneidade de situações existente entre os seus alunos dos vários anos de escolaridade, sublinhando uma tendência de melhoria da relação com o livro. Não obstante, a educadora de infância referiu-se à existência de grandes dificuldades num grupo numeroso de crianças:

Acho que a relação deles com o livro ainda não é a ideal. (Professora Apoio Educativo)

Mas não tem havido descidas. Acho que tem havido alguma subida. Estamos é ainda muito longe... (Professora 1º e 2º anos)

Tenho uma franja de miúdos que me parece que é uma ausência total quer do livro, quer oral. Porque antigamente ainda tinham essa riqueza oral e agora nem isso às vezes têm. Nem já de avós, nem já de pais. (Educadora de Infância)

Mas referindo-me aqui a esta escola, tem-se vindo a ver uma evolução bastante positiva. Não estamos no ideal, mas tem havido uma grande evolução. (Professora Apoio Educativo)

Sugestões e Propostas

Neste domínio foram avançadas várias propostas: enriquecimento dos recursos materiais das BEs; oferta de actividades de formação aos professores relativas às actividades de leitura e de escrita; realização de encontros para troca de experiências entre professores de diferentes escolas, zonas do país e de vários países; divulgação dos Planos e das actividades que têm lugar fora de Portugal.

1.17. Escola Básica Integrada de Salir (Loulé)

1.17.1. Relatório de visita

Fundada no início do ano lectivo 1989/90, a então EB3 de Salir funcionou, até 1991, como uma escola do 3º ciclo e secção da Escola Secundária de Loulé, em instalações provisórias cedidas pela Junta de Freguesia de Salir e pela comunidade local. No ano lectivo 1991/92, foi inaugurado o actual complexo escolar e, no ano seguinte, passou a leccionar o 2º ciclo. Em 1994, a EB 2,3 de Salir passou a integrar o 1º ciclo, evoluindo para uma Escola Básica Integrada (EBI). Neste momento, está a ser ponderado um projecto de fusão entre a EBI de Salir e o Jardim de Infância que deverá ser concluído num futuro próximo. A dispersão da área geográfica da freguesia de Salir (225 km²) está por detrás da existência de várias escolas-pólo ou secções da EBI de Salir, que incluem, ainda, estabelecimentos de ensino de outras freguesias, seguindo uma medida imposta pela Câmara Municipal de Loulé que pretende fixar os jovens das zonas rurais do concelho. A EBI de Salir lidera, ainda, o agrupamento de Escolas de Salir que abrange a EPEI de Loulé, a EB1 de

Cortelha e o Jardim de Infância de Salir. No corrente ano lectivo, a escola conta com 78 alunos no 1º ciclo, 74 no 2º ciclo e 133 no 3º ciclo, perfazendo um total de 285 alunos.

O primeiro contacto com a professora de contacto do PNL na escola e coordenadora da BE foi estabelecido em 7 de Março. Foi então definido que a visita à EBI de Salir seria realizada em 26 de Abril e assentaria em três entrevistas junto da professora de contacto/coordenadora da BE; de três professoras que têm desenvolvidos actividades relacionadas com o PNL nos três níveis de ensino leccionados na escola; e de uma funcionária da biblioteca.

A entrevista de grupo com elementos do corpo docente que participaram na implementação do Plano acabou por não contar com a presença da professora do 2º ciclo, que se encontrava de baixa médica, não tendo sido possível encontrar um colega que a pudesse substituir. A presença da educadora de infância foi motivada pelo projecto de fusão entre a EBI e o Jardim de Infância. A professora do 1º ciclo lecciona numa escola-pólo, e tem participado na definição e implementação das actividades destinadas ao 1º ciclo, no âmbito do PNL.

Para além das entrevistas, foi possível visitar uma turma do 4º ano e estabelecer algumas conversas informais com professores do 1º e 2º ciclos, bem como com a directora do Conselho Executivo. A maior parte dos alunos afirmou que visitava todos os dias a BE e que, por vezes, requisitava livros. Todos conheciam o PNL pela escola, pela televisão ou pelos *outdoors* da Câmara, e participaram nas actividades da Semana da Leitura. Quando questionados sobre os seus hábitos de leitura, só uma pequena parte disse que lia regularmente. As preferências daqueles que liam recaíam sobre *Harry Potter*, a colecção *Uma Aventura*. Alguns afirmavam que gostavam de ler jornais como *A Bola*, o *Record* e o *Correio da Manhã*, ou revistas juvenis como a *Visão Júnior*.

1.17.2. Entrevista a Professora de Contacto com o PNL na escola

Perfil da entrevistada

35 anos; licenciatura em Línguas e Literatura Modernas (Português/Alemão); há 4 anos que desempenha o cargo de coordenadora da BE, sendo, também, desde 2006 coordenadora da equipa de coordenadoras de Bibliotecas Escolares do concelho de Loulé.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola

O plano de actividades concebido para a implementação do PNL pretendeu acoplar actividades que, ao longo dos últimos anos lectivos, foram sendo desenvolvidas pela escola. Neste sentido, a execução do Plano centrou-se, sobretudo, nas actividades realizadas nas salas de aula (leitura em sala de aula, leitura acompanhada, sessões de leitura com pais) e nas acções de formação de utilizadores promovidas pela BE. A partir destas actividades, foram dinamizadas dramatizações inspiradas em obras recomendadas pelo PNL, feiras do livro (duas por período) e a *Caça aos Livros* – um *peddy-paper* criado pela biblioteca que, no âmbito da formação de utilizadores, incentiva os alunos a pesquisarem livros, através de pistas soltas como a cota, o título, o autor, a editora, etc.

A formação de utilizadores é no sentido de autonomizar os alunos na procura de informação na biblioteca. Eles dispõem de um computador para pesquisa, porque eles, muitas vezes, não sabem onde a informação se encontra. Portanto, basicamente, é dar-lhes algumas directrizes para eles procurarem a informação, por cota, estante, pelo assunto, uma vez que toda a sinalética da biblioteca está organizada por assunto, por cores, por cotas. O objectivo é tentar que eles encontrem no menor tempo possível, o maior número de informação. O ideal seria eles chegarem à biblioteca e nem precisarem de ir à zona de atendimento, serem tão autónomos que conseguissem obter a informação por eles.

Os alunos mais velhos participaram, ainda, em sessões de leitura destinadas aos alunos do 1º ciclo. Fora da escola e das horas normais de funcionamento, e em colaboração com a Biblioteca da Junta de Freguesia de Salir, têm sido desenvolvidas actividades destinadas à comunidade local como dramatizações e *Horas do Conto*.

Um dos pontos essenciais do plano de implementação do PNL atribuída à BE, em colaboração com os departamentos disciplinares, a coordenação das actividades a serem realizadas.

Os alunos...aqui, portanto, é uma comunidade rural e os alunos não têm muito acesso a livros, este ano já temos uma biblioteca que funciona na Junta de Freguesia, mas até ao ano passado a única biblioteca que eles dispunham era a biblioteca da escola. Portanto, tem vindo a ser feito um esforço [pela escola] de promoção da leitura, porque eles não têm outra hipótese.

No entanto, as recentes alterações curriculares promovidas pelo Ministério da Educação referentes às aulas de substituição e de estudo acompanhado, bem como à área de projecto, alteraram os padrões de utilização das bibliotecas escolares. Antes da implementação das aulas de substituição, os alunos dirigiam-se à BE para estudar ou elaborar alguns trabalhos. De forma a rentabilizar os recursos, a EBI de Salir procurou disponibilizar o espaço da biblioteca para as aulas de estudo acompanhado e para a realização de trabalhos relacionados com a área de projecto. Dentro dos temas de cada programa, os coordenadores dos departamentos definem os modos de utilização da biblioteca, reservando o espaço da Biblioteca para aulas, sessões de estudo ou de pesquisa.

A execução do PNL na EBI de Salir contou com a participação, no 2º ciclo, das disciplinas de Português, Estudo Acompanhado e Área de Projecto. No 1º ciclo, bem como no pré-escolar, os docentes têm recorrido aos momentos de leitura concedidos pelo programa. Os níveis de ensino leccionados na EBI de Salir (incluindo o pré-escolar e o 3º ciclo) estiveram envolvidos nas actividades relacionados com o Plano. Durante a Semana da Leitura, os alunos do 3º ciclo colaboraram, esporadicamente, em algumas dramatizações, através de participações como actores ou na construção de cenários.

Todas as actividades foram dinamizadas pelo corpo docente da escola e pela equipa de coordenação da BE, tendo contado com a participação de professores de outras disciplinas, funcionários, alunos e encarregados de educação. Os pais dos alunos, segundo a professora de contacto, têm revelado um grande interesse pelas acções desenvolvidas pela escola. A adesão dos alunos estrangeiros ao PNL tem sido muito positiva, tendo revelado uma enorme adaptabilidade à leitura de textos em Português. Os pais oriundos de comunidades imigrantes participam activamente nas actividades da escola, sendo regulares as suas visitas à EBI de Salir. A própria comunidade local tem participado bastante nas iniciativas de promoção da leitura, uma vez que, segundo a professora de contacto, grande parte da população está empregada na EBI de Salir. A Junta de Freguesia de Salir (Biblioteca e Centro Comunitário) e a Câmara Municipal de Loulé, através da Biblioteca Municipal, têm colaborado com a escola na dinamização das actividades relacionadas com o PNL. Os encontros com escritores, por exemplo, têm o patrocínio da autarquia.

A organização das actividades de leitura em sala de aula é definida pelo Conselho Pedagógico e, posteriormente, pelo Departamento de Português, estando a cargo de cada professor a implementação da orientação estabelecida, tendo em conta as características das turmas e as exigências dos programas. Algumas actividades são, também, preparadas através de conversas informais entre os docentes.

A nível do pré-escolar, a leitura em sala de aula é acompanhada pela elaboração de ilustrações, cartazes e pequenas dramatizações. As características específicas deste nível de ensino, onde predominam as actividades de leitura em sala de aula, obrigam a que sejam trabalhados vários títulos ao longo do ano lectivo, sendo que alguns estavam inseridos na lista de recomendações do PNL. No 1º ciclo, têm sido realizadas várias actividades a partir da leitura de livros recomendados pelo PNL na sala de aula, como recontos de histórias lidas, dramatizações, ilustrações ou mesmo apresentações em ficheiros *PowerPoint*. Quanto ao 2º ciclo, foram criados poemas a partir das obras trabalhadas na aula, pesquisas bibliográficas ou temáticas na *web*, elaboração de BDs, contos adaptados de alguns títulos que foram lidos, etc. O 3º ciclo tem seguido uma estratégia que articula a leitura orientada com a leitura recreativa. A partir das obras tratadas na sala de aula, como *Ulisses* de Maria Alberta Meneses, os alunos realizaram vários trabalhos de investigação literária e histórica, produziram bandas desenhadas de alguns excertos, leituras em voz alta, declamação e recuperação de poemas que se inserem no tema dos livros, debates sobre as obras, etc. Têm sido, ainda, formadas bibliotecas de turma no pré-escolar e no 1º e 2º ciclo. A maior parte das actividades decorre durante as horas destinadas à leitura pelos programas, embora existam vários casos em que os professores estendem os momentos de leitura para além do tempo diário, ou semanal, previsto.

Exceptuando o pré-escolar, a maior parte dos livros adquiridos com o reforço orçamental pertenciam à lista de recomendações do Plano. Tem sido feito um esforço para facilitar a circulação de livros entre a EBI de Salir, as escolas-pólo e os restantes estabelecimentos de ensino do agrupamento, no sentido de aumentar as ofertas de leitura aos alunos e, ao mesmo tempo, rentabilizar os recursos existentes na BE. Por outro lado, como o fundo documental da BE ainda não consegue responder às necessidades da escola e do agrupamento, estão a ser estudadas várias formas de assegurar uma renovação e expansão do catálogo actual. A maior parte dos livros que foram adquiridos através do reforço orçamental do PNL estão nas salas de aula. Em cada nível de ensino, os livros circulam entre as várias turmas. No final do ano lectivo, os livros regressam à BE que, na reabertura da escola, assegura a sua circulação pelas turmas.

Para além dos livros, os professores recorrem habitualmente a revistas, jornais, CD-ROMs, DVDs ou à Internet. Foi também mencionado que, a partir do 3º ano, os alunos elaboraram várias actividades de desenvolvimento de competências escritas como resumos de livros e textos, recontos ou bandas desenhadas.

A abertura da Semana da Leitura decorreu na Junta de Freguesia de Salir, numa cerimónia que contou como uma sessão de leitura realizada por encarregados de educação. No dia 6 de Março, foi afixado, na escola, um cartaz gigante com frases de alunos sobre os livros da sua vida; decorreram, ainda, um concurso de declamação de poemas (Concurso Recital de Poesia) e sessões de leitura com encarregados de educação e alunos de outros ciclos e turmas do pré-escolar e do 1º ciclo. No dia 7 de Março, realizaram-se várias sessões de leitura e um concurso de leitura. No dia seguinte foi inaugurada uma feira do livro dedicada, apenas, aos livros que compõem a lista de recomendações do PNL; ao mesmo tempo, prosseguiram os concursos de leitura e realizou-se uma sessão de leitura para os alunos do pré-escolar no Centro Comunitário. O

encerramento da Semana foi celebrado com a leitura de *O Capuchinho Vermelho* em português, inglês, russo e italiano por alguns encarregados de educação.

A Semana da Leitura foi fortíssima, fizemos muitas actividades. Tivemos muito pais que vieram à escola para contar histórias, dentro da sala de aula e fora da sala de aula. Posso dizer-lhe que uma das dramatizações foi ela [a directora da escola] que fez.

Entre professores e alunos, predominou a ideia que a escola deveria realizar mais actividades semelhantes. Para os professores a Semana foi um momento que consegui agregar várias actividades que, até então, se encontravam dispersas, enquanto que para os alunos constitui uma ruptura no quotidiano da escola.

Houve uma adesão, ao nível das entidades locais, que foi óptimo. Os miúdos sentiram que estiveram a trabalhar e que houve reconhecimento. Tivemos artigos de jornais sobre as actividades que desenvolvemos. Foi positivo (...). Eles adoraram, aliás, eles estão sempre a dizer que devia haver mais semanas da leitura. Essa semana, como foi uma semana em que eles investiram muito nestas actividades e houve esse reconhecimento... Foi muito agradável, porque houve uma partilha enorme entre pais, professores e alunos na organização das actividades. Tivemos que nos reunir na escola e fora da escola. Houve uma grande aproximação. Uma das coisas que escrevi no relatório que enviei para o Plano Nacional de Leitura foi isso mesmo.

Até ao final do ano lectivo 2006/2007, continuariam a ser desenvolvidas as actividades de leitura em sala e as acções de formação de utilizadores. Seria, ainda, realizada uma cerimónia de encerramento do ano lectivo que iria apresentar um *best of* das actividades relacionadas com o PNL (dramatizações, exposições de ilustrações, leitura de textos escritos por alunos, etc.). Quanto a encontros de escritores, a escola aguardava a confirmação de uma visita de António Mota.

Ainda não tinham sido ponderadas novas actividades para o ano lectivo 2007/2008. Todavia, após as reuniões, em Conselho Pedagógico, sobre o balanço do Plano Anual de Actividades, seriam definidas novas iniciativas relacionadas com o PNL, sobretudo, orientadas para os encarregados de educação.

Dentro da escola, a divulgação tem incidido sobre painéis promocionais e em artigos ou anúncios no jornal da Associação de Pais. No que concerne à comunidade local, as actividades têm sido divulgadas através da imprensa regional (*O Louletano, Região Sul*). Todos os meses, a coordenadora do PNL e da BE elabora uma lista com as acções programadas para as semanas seguintes que são divulgadas entre os alunos. De acordo com a entrevistada, a divulgação das actividades é garantida por meios informais, uma vez que pelo menos metade da população da freguesia trabalha na EBI de Salir, ou tem um familiar a estudar, ou a trabalhar, na escola.

Até ao 2º ciclo, a participação de pais e encarregados de educação é mais intensa, algo que foi justificado pela professora de contacto pela idade dos alunos. Todavia, os encarregados de educação e as famílias dos alunos procuram participar nas actividades abertas à comunidade local. Desde o lançamento do PNL que tem sido registado um aumento no número de requisições de livros na BE, sobretudo entre os alunos do 1º ciclo.

Embora tenha considerado que o Plano não dificultou o funcionamento e a planificação de actividades na escola, a professora de contacto criticou os atrasos verificados na recepção das verbas do reforço orçamental, que terão obrigado a que algumas actividades de leitura só fossem implementadas, no início do 2º Período, após a aquisição dos títulos seleccionados.

De facto, o reforço orçamental terá sido decisivo para o sucesso do Plano e para a afirmação do papel da BE na escola. Os apoios financeiros possibilitaram a implementação de actividades que, sem o lançamento

de uma iniciativa nacional de promoção da leitura, não conseguiriam ser desenvolvidas, tendo promovido um momento de reunião de práticas dispersas por diferentes professores ou turmas. Por outro lado, o interesse mediático do PNL aumentou o interesse dos pais pela escola, levando-os a participar em algumas actividades.

Para já, o facto de termos mais livros. Foi óptimo (...). Depois, ter permitido que fossem realizadas uma série de actividades que, se calhar, estariam aqui pensadas e se não houvesse um PNL não teriam sido assim, ou ficaria para depois e não acabavam por nunca se realizar. Foi bom nesse sentido, porque motivou toda a comunidade escolar para o mesmo objectivo (...). Não tinha havido tanta divulgação.

No decorrer da entrevista, a professora de contacto considerou que seria difícil antecipar eventuais resultados ou efeitos do Plano na escola ainda no primeiro ano de implementação, apesar de ter sido observada uma adesão significativa da população escolar.

Em termos de avaliação global e geral daquilo que decorreu, eu acho que ainda é muito cedo. De facto houve adesão dos alunos, eles mostraram-se sensíveis e que, talvez, começassem a ver o livro de uma outra forma. Mas, se calhar, não temos os instrumentos necessários para verificar, de facto, se é assim. Isto é um pouco por intuição daquilo que se vai observando. Penso que é muito. Se calhar daqui a dois anos já se consegue ter uma ideia e fazer uma avaliação com cabeça tronco e membros. Isto é um pouco intuitivo, daquilo que nós podemos intuir e da forma como os alunos reagem àquilo que tem sido feito.

Nos próximos dois anos, contudo, será possível observar efeitos e resultados concretos sobre a implementação do PNL nas escolas. A maior proximidade com o livro, que foi promovida, por exemplo, na Semana da Leitura, conseguiu sensibilizar os alunos para a importância da leitura, mas esta tendência só poderá ser analisada quando a escola possuir instrumentos de avaliação próprios. Por outro lado, ao incluírem a participação dos pais, as iniciativas desenvolvidas no âmbito do PNL tiveram como resultado um maior interesse dos encarregados de educação pela escola.

O Plano Nacional de Leitura na sua organização

A EBI de Salir tomou conhecimento do PNL no mês de Setembro, após as várias reuniões com o grupo concelhio de bibliotecas escolares de Loulé e a Câmara Municipal de Loulé, que contaram com a presença da Comissária do Plano, Isabel Alçada. A RBE enviou, também, um e-mail que apresentava os objectivos gerais do PNL. A 3 de Outubro, a EBI de Salir recebeu uma carta da Comissão do PNL a indicar os procedimentos necessários para processar o registo da escola. Após a recepção desta carta, o Conselho Executivo e, mais tarde, o Conselho Pedagógico, decidiram, tendo em conta a opinião dos departamentos de Português e da equipa de coordenação da BE, registar a EBI de Salir no PNL, tendo a coordenadora da BE sido encarregada de preencher a ficha de registo e elaborar um projecto de promoção da leitura que envolvesse os diferentes níveis de ensino.

Depois de concluído o processo de registo, os contactos com o PNL têm decorrido de forma esporádica, consistindo apenas no envio de relatórios sobre as actividades realizadas pelos professores ou em breves contactos telefónicos para o esclarecimento de dúvidas. Segundo a professora de contacto, um dos motivos para a irregularidade dos contactos com o PNL deve-se ao facto de a Comissão ainda não ter respondido, ou comentado, a documentação que foi enviada pela escola.

A professora de contacto visita regularmente o *site* do PNL (“pelo menos uma vez por semana”) e, como desempenha o cargo de coordenadora das coordenadoras de bibliotecas escolares do concelho de

Loulé, consulta diariamente o *site* da RBE, uma vez que tem como responsabilidade informar todas as escolas quanto aos processos de implementação do PNL e o próprio funcionamento da Rede.

Para além da ficha de registo, os professores dos níveis de ensino abrangidos pelo Plano elaboraram um projecto que procurou conciliar os programas curriculares com as orientações propostas pelo PNL, numa tentativa de atribuir a todas as actividades planeadas uma linha de execução comum. De acordo com a ficha de projecto apresentada, as dramatizações, as sessões de leitura, a formação de bibliotecas de turma, bem como a realização da Hora do Conto e de encontros de escritores, assegurariam a implementação do Plano na escola, em paralelo com as actividades previstas para a sala de aula. Até à data da entrevista, o projecto decorria de acordo com a sua planificação inicial, tendo sido afirmado que o interesse dos alunos “superou as expectativas”.

Como a maior parte das escolas do agrupamento encontram-se a distâncias superiores a 20 km, estas actividades, têm possibilitado uma maior comunicação entre docentes e um intercâmbio entre os alunos, facilitando a transição do 1º ciclo para o 2º ciclo. A concepção do plano de actividades para o PNL previa a realização de iniciativas conjuntas, inserindo-se numa estratégia que pretende assegurar que todas as escolas do agrupamento seguem as mesmas práticas e orientações pedagógicas da escola-sede. Durante todos os meses, os alunos das escolas do agrupamento visitam a BE da EBI de Salir. Para além destas visitas, as escolas participam em encontros de escritores, formação de utilizadores, *peddy-papers*, horas do conto, etc.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais

Para a professora de contacto, a divulgação nacional do PNL pecou pela inconsistência. Os *spots* televisivos foram criticados por serem transmitidos apenas na RTP, num horário com audiências reduzidas. Como um exemplo da estratégia que deveria ser seguida pelo Plano, num futuro próximo, foi apresentada a campanha de promoção coordenada pela Câmara Municipal de Loulé. Na sequência do protocolo assinado com a Comissão do Plano, a autarquia comprometeu-se a realizar várias campanhas de divulgação do PNL. Durante a Semana da Leitura, por exemplo, foram afixados vários cartazes alusivos à iniciativa e ao próprio PNL. Quanto à marca Ler+, o efeito tem sido positivo junto dos alunos e da população. O logótipo serviu, por exemplo, para a elaboração de alguns trabalhos plásticos (marcadores de livros, cartazes) sobre o Plano na Semana da Leitura.

Quando convidada a enunciar eventuais aspectos negativos ou positivos do PNL, a professora de contacto realçou a importância do envolvimento da comunidade educativa para o sucesso da implementação das actividades realizadas.

O envolvimento dos pais; o facto de os alunos verem que os pais, os professores e os colegas estavam todos envolvidos foi uma forma de eles se interessarem pelo que estava a ser desenvolvido.

Por outro lado, o facto de a linha pedagógica do Plano se aproximar da estratégia que sustenta o actual projecto educativo da EBI de Salir, conseguiu reforçar as opções tomadas pelo Conselho Pedagógico e pelo próprio corpo docente. Todavia, embora o reforço orçamental tenha permitido renovar o fundo documental da BE, o facto de existir um escalão limite (2500€) condiciona a introdução de melhorias no seio das bibliotecas que pertencem à RBE. A irregularidade dos contactos entre a escola e a Comissão e o

desconhecimento sobre a existência de estudos sobre a implementação do Plano, também foram apontados como um aspecto negativo, contribuindo para a emergência de uma certa ideia de distância.

Os aspectos negativos...a verba podia ser maior e, talvez, mais informação a nível da avaliação do Plano (...), e não houve *feedback* [sobre as actividades desenvolvidas pela escola].(..) Provavelmente, eles não teriam noção de que isto teria uma adesão tão grande, que eles tiveram dificuldade em organizar.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

Reclamando a sua experiência como docente, a professora de contacto, quanto convidada a descrever a situação geral do país quanto à leitura e à literacia, veiculou a ideia de que se lê pouco, argumentando que, através dos contactos com alunos e encarregados de educação, detectou uma certa negligência quanto às práticas de leitura que tem conduzido a uma desvalorização da leitura.

O PNL deverá ter, num período de dez anos, um impacto positivo no aumento dos níveis de literacia do país. Com o desenrolar das várias fases de implementação do Plano, os alunos, segundo a professora de contacto, deverão ler mais e adquirir novos hábitos de leitura. Assim sendo, no sentido de assegurar que todos os objectivos propostos são concretizados e que as acções realizadas terão impacto junto dos alunos, é necessário que o Plano seja, de facto, desenvolvido durante os dez anos previstos.

Espero que com o PNL melhore. Aquilo que estamos a fazer agora só vai dar frutos daqui a dez anos, quando estes meninos do pré-escolar chegarem ao secundário. Aí vamos ver se eles continuam [a ler]. Se eles continuarem fizemos um bom trabalho, se eles desistirem, enfim...

Ao mesmo tempo, deverão ser desenvolvidas várias actividades centradas nas famílias, que tenham em conta os esforços desenvolvidos pelas escolas.

Acho que tem que ser feita alguma coisa ao nível das famílias. Isto é como estivéssemos a remar com um remo só: chegamos lá, mas com muita dificuldade. Só se houvesse um esforço conjunto com a família...eu acho que tem que ser assim. (...) Deviam ser pensadas actividades, a nível nacional, que pudessem envolver pais e filhos.

A inversão desta tendência de desvalorização da leitura, poderá, por outro lado, seguir uma estratégia que deverá assentar numa maior divulgação de todas as iniciativas (ou projectos) de promoção da literacia, e no aperfeiçoamento dos protocolos de colaboração firmados com as autarquias. Quanto ao sistema de ensino, deveriam ser desenvolvidas medidas que previssessem a resolução da quebra de hábitos de leitura no 3º ciclo. Uma das sugestões avançadas pela professora de contacto prendeu-se com a constituição de círculos de leitores, de forma a consolidar as práticas de leitura adquiridas pelos alunos nos ciclos anteriores.

Com o 3º ciclo acho que é interessante fazer círculos de leitura. São miúdos já com outra idade, já não vão propriamente na historinha da dramatização. Se calhar, começar aos poucos com partilha de livros que já lemos, o que gostámos, o que não gostámos. Estou a falar mais no 3º ciclo porque é o ciclo onde eu noto que lêem menos.

Outra sugestão avançada na entrevista dirigiu-se para a organização do PNL nas escolas. O facto de os professores responsáveis pela implementação do Plano ocuparem, normalmente, outros cargos como a coordenação de Bibliotecas Escolares ou dos departamentos de línguas, tem provocado alguns problemas de gestão do tempo e das actividades.

A pessoa responsável pela coordenação do Plano, eu acho que não devia ser a coordenadora da biblioteca escolar, se calhar, devia ser alguém que estivesse fora. Porque é complicado, depois, estar a gerir isto tudo. Eu tenho uma

biblioteca escolar para gerir e, depois, ainda tenho este trabalho para fazer. Em oito horas semanais é complicado. Mas, pronto, faz-se.

1.17.3. Entrevista a Professoras

Perfil das entrevistadas

Professora do 1º ciclo: 32 anos; licenciatura em Português/Inglês (via ensino).

Educadora de infância: 43 anos; licenciatura em Educação de Infância.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola / desenvolvidas pelos professores

As actividades do pré-escolar centram-se em leituras de contos, dramatizações, ilustrações e criação de contos orais. O livro é considerado como um ponto de partida para todas as actividades que são desenvolvidas no quotidiano do Jardim de Infância, incluindo aquelas que não estão estritamente relacionadas com a promoção da leitura.

A nível do pré-escolar, os livros são, muitas vezes, o ponto de partida e, por vezes, o ponto de chegada. Nós a partir de uma história é que fazemos toda uma série de actividades, toda a área de conteúdos. Muitas vezes recontamos a história, mostrando imagens. As crianças podem participar logo, uma vez que estão a ver a imagem. Outras vezes, voltamos nós a recontar, e são eles a olharem que vão fazendo a sequência da história. Fazem, também, por vezes dramatizações. (Educadora de Infância)

No pré-escolar itinerante, existe uma preocupação de envolver as comunidades locais e de preparar os alunos para a transição de ciclo, tendo sido desenvolvidas várias acções de intercâmbio com os alunos do 1º ciclo centradas em sessões de leitura.

A nível do pré-escolar itinerante, nós fazemos mesmo actividades com os alunos do 1º ciclo e, por vezes, aí vamos mais longe. Os crescidos chegam a contar histórias aos mais pequeninos, quer programadas por nós, quer às vezes mesmo por iniciativa deles. (Educadora de Infância)

De modo a compensar os alunos da distância face às bibliotecas de Salir e Loulé, foi desenvolvido, através da BE de Salir, um sistema de empréstimo domiciliário de livros, estando também prevista a criação de uma biblioteca itinerante. Uma vez por ano, os alunos dos Jardins de Infância de Salir visitam a Biblioteca Municipal de Loulé.

No 1º ciclo as actividades de promoção da leitura são elaboradas tendo em consideração a idade dos alunos. As actividades desenvolvidas junto do 1º ano, por exemplo, incidem em dramatizações de histórias que são contadas aos alunos, em sessões de leitura com alunos dos outros anos, recontos (do 2º ao 4º ano), ilustrações (todos os anos), contos e textos livres (3º e 4º anos).

Como os miúdos do 1º ano ainda não conseguem ler, eu sigo algumas estratégias. Por vezes, sou eu que leio, enquanto eles vão dramatizando em simultâneo. Por vezes, utilizo a estratégia de ser um miúdo do 2º ano... e são eles que lêem aos colegas. Normalmente quando lemos livros, fazemos a análise do livro, o reconto, dramatização, dão finais diferentes finais à história, dão a opinião sobre determinadas personagens, como gostavam que história acabasse. Quanto aos miúdos do 2º, 3º e 4º anos o que acontece é que a abordagem é mais aprofundada, com textos escritos, reconto por escrito...eles fazerem uma pequena peça de teatro, a análise morfológica. (Professora 1º ciclo)

Tem vindo a ser feito um esforço, ao longo dos últimos anos lectivos, para articular as aulas de Estudo do Meio com actividades de promoção da leitura. Durante este ano lectivo, com a implementação do Plano, esta opção foi reforçada, através do recurso a alguns livros de ciências naturais recomendados pelo PNL. Sempre que possível, são formadas bibliotecas de turma. Todos os meses, os alunos do 1º ciclo visitam a BE da EBI de Salir, para requisitarem livros, participarem em sessões de leitura, utilizarem os computadores, etc. A dinamização destas actividades tem sido assegurada pelo corpo docente, numa colaboração estreita com a equipa de coordenação da BE da EBI de Salir. Os pais dos alunos são regularmente convidados a participarem na elaboração de peças de teatro (ajuda na memorização de diálogos, construção de cenários, criação de adereços, etc.) e em sessões de leitura.

Nas escolas-pólo, para além da sala de aula, as actividades relacionadas com o PNL têm sido realizadas na Biblioteca da Junta de Freguesia de Salir, na Biblioteca Municipal de Loulé ou nos centros de dia das localidades.

No 1º ciclo, a leitura em sala de aula envolve a Língua Portuguesa e o Estudo do Meio, enquadrando-se em blocos horários atribuídos pelo currículo ao desenvolvimento de competências de leitura e escrita.

A nível do 1º ciclo existe um horário e nós temos uma hora por dia estipulada para a leitura. Ela é planificada, faz parte do nosso horário e cumprimos. Por vezes pode ser de leitura recreativa, leitura individual (...). Quando sou eu a ler, é a Hora da Leitura, como tenho 1º e 2º ano, ora escolho uma obra que é destinada ao 1º ano, mas é trabalhada em conjunto. (Professora 1º ciclo)

Estas actividades foram planificadas pelo Conselho de Docentes, tendo integrado projectos já existentes que incluíam o desenvolvimento de momentos de leitura individual (a partir das bibliotecas de turma) ou em grupo (leitura em voz alta centrada em textos dos manuais). Todos os dias, no 1º ciclo, as actividades de leitura decorreram durante trinta minutos (no 1º ano) e uma hora (a partir do 2º ano).

Quanto ao pré-escolar, a planificação dos momentos de leitura seguiu uma linha menos rígida, estando esses momentos articulados com as temáticas desenvolvidas pela turma ou pelas características dos alunos. De acordo com a educadora de infância entrevistada, existe um tempo mínimo obrigatório de meia-hora para actividades de leitura.

Temos orientações e temos também um projecto pedagógico que é comum a todo o pré-escolar (...) e nós temos lá orientações, só que não é um programa rígido. Nós vamos vendo o que podemos explorar, desde que seja dentro da temática. Cada uma faz na sua sala, mas há coisas que, por vezes, se faz em comum. Não é tudo na sala. Como fazemos as nossas reuniões no Conselho de Docentes, colocamos sempre ideias. Há um intercâmbio muito grande. (Educadora de Infância)

A selecção das obras foi acordada entre os docentes e através de conversas com os alunos, no sentido de utilizar livros que correspondessem aos seus gostos. Entretanto, tantos os educadores de infância como os professores do 1º ciclo, têm seguido algumas sugestões dos alunos na elaboração de novas actividades de leitura.

Nas escolas-pólo, cada professor escolhe os livros que serão trabalhados pelos alunos.

Tivemos acesso às obras que existiam. Conversámos com os alunos, fomos lendo os títulos, quais seriam as obras que eles gostariam, histórias que eles não conheciam e gostariam de conhecer. Depois chegámos a um consenso, fizemos uma votação [entre docentes]. (Professora 1º ciclo)

A circulação das obras pelas escolas e turmas tem sido gerida pela BE da EBI de Salir, de acordo com as indicações fornecidas pelos docentes das escolas-pólo ou dos outros estabelecimentos de ensino do agrupamento. Os livros do pré-escolar itinerante estão guardados na BE de Salir e nos Centros Comunitários da freguesia de Salir. Nos estabelecimentos de ensino do 1º ciclo, os livros são depositados em armários ou recolhidos em estantes existentes nas salas de aula.

No que diz respeito à participação das escolas-pólo e dos outros estabelecimentos de ensino do agrupamento, a ausência de meios de transportes capazes de assegurar, com regularidade, visitas à EBI de Salir perturbou o envolvimento de alunos de outras escolas.

Realizámos e acabámos por não realizar (...) em relação às escolas-pólo foi um bocadinho mais complicado. É o tal factor transporte, que é extremamente complicado. É preciso requisitar transporte e é impossível àquela hora. (Professora 1º ciclo)

Contudo, algumas turmas conseguiram assistir a dramatizações realizadas por alunos da escola sede, ou promoveram algumas sessões de leitura em centros de dia e casas do povo. O pré-escolar itinerante e os restantes Jardins de Infância realizaram dramatizações inspiradas em contos lidos nas aulas, que foram apresentados à comunidade local. Os alunos do 1º ciclo das escolas-pólo, e das outras escolas do agrupamento, assistiram às dramatizações e sessões de leitura promovidas pela EBI de Salir.

A planificação de novas actividades está dependente das próximas reuniões do Conselho de Docentes. O pré-escolar tem ponderado a realização de sessões de leitura que envolvam centros de dia. Para o 1º ciclo está prevista a construção de BE que poderão, a médio prazo, incentivar a implementação de novas actividades.

Nas escolas-pólo do 1º ciclo, a divulgação das actividades do PNL foi feita através de convites e boletins informativos endereçados aos encarregados de educação, ou através dos canais de comunicação da EBI de Salir. Embora sejam realizadas algumas iniciativas que contam com a colaboração de centros comunitários (que, por vezes, asseguram a sua promoção), são raras as acções de divulgação de actividades junto da comunidade local. Outra forma de divulgação tem passado pela distribuição de brochuras, ou pequenos livros, que referem a importância da leitura e dos pais para o desenvolvimento de competências cognitivas dos filhos. Tem sido, também, seguida uma estratégia que pretende incentivar os alunos a contarem histórias aos pais, invertendo a visão tradicional das histórias de embalar.

A adesão dos pais é, muitas vezes, condicionada pelos horários de trabalho, mas existe um certo interesse pelas actividades da escola e vontade em colaborar na sua realização. No pré-escolar, no sentido de assegurar a participação dos pais, foram desenvolvidas algumas actividades que têm como cenário a casa dos alunos, que tiveram, segundo a educadora, efeitos positivos junto dos encarregados de educação.

Quando eles [os alunos] começaram a levar os livros para casa, eles [os pais] começaram a ficar receptivos...o livro às vezes é trabalhado em casa. (Educadora de Infância)

A partir das orientações dos educadores, os pais incentivavam os filhos a procurarem sons, ilustrarem histórias que lhes são contadas ou a aprender lengalengas. Quanto à adesão de outros agentes exteriores, as juntas de freguesia de Salir e Tôr têm auxiliado a realização de alguns projectos (dramatizações, concessão de transportes e espaço para visitas a bibliotecas e encontros de escritores).

Quando convidadas a indicarem eventuais resultados ou efeitos do PNL, foi referido que, no 1º ciclo, os alunos revelaram um maior interesse pelo livro. No caso específico da EB1 da Tòr, por exemplo, os alunos do 1º ano procuram autonomamente novos sons e palavras nos livros que são utilizados nas aulas, enquanto que no 2º ano muitos alunos elaboram, espontaneamente, exercícios de escrita criativa (criação de contos). No pré-escolar, os efeitos são muito ténues. Porém, o aumento da circulação de livros pelos Jardins de Infância esteve por detrás de uma maior curiosidade pelo livro, enquanto objecto.

O PNL possibilitou, entre o corpo docente da EBI de Salir e das escolas-pólo, uma reciclagem de estratégias e métodos. Com efeito, as entrevistadas referiram que utilizaram as orientações pedagógicas do PNL na planificação e dinamização das aulas, tendo procurado adaptar a planificação imposta pelo programa às actividades relacionadas com o Plano.

Eu, pessoalmente alterei [métodos pedagógicos]. As actividades têm que ser diversificadas, porque podem funcionar para uns miúdos e não para os outros. [É necessário] arranjar actividades que suscitem um interesse geral...Acho que as actividades têm que estar de acordo com os miúdos e nós temos que diversificar as actividades. (Professora 1º ciclo)

Por outro lado, este momento de redefinição da actuação pedagógica dos docentes de Salir esteve por detrás de um aperfeiçoamento da articulação entre os diferentes níveis de ensino da escola (organização das escolas, planificação de actividades, relacionamento entre alunos), por ter promovido o desenvolvimento de iniciativas capazes de mobilizar o agrupamento e envolver a comunidade local. Ao mesmo tempo, aumentou a visibilidade do projecto educativo da escola, reforçando as orientações tomadas pelo Conselho de Docentes.

Num futuro próximo, segundo as duas entrevistadas, o PNL deverá impor ou consolidar uma linha de continuidade que possibilitará que, durante o percurso educativo dos alunos (do pré-escolar ao secundário), exista uma promoção sistemática da leitura, rompendo com a tendência de desinteresse pelo livro que persiste no 3º ciclo.

Agora que há um PNL que abrange vários ciclos, há toda uma continuidade e os objectivos, as directrizes, acabam por ser muitos idênticas quer para o pré-escolar, quer para o 1º ciclo. Há ali uma base e dá-me a sensação que...se calhar, vai haver uma certa continuidade. Muitas vezes, os professores do 1º ciclo estavam muito preocupados com o programa, e acabam por trabalhar os textos que estavam orientados. Agora não, eles já estão a alimentar o nosso bichinho. Possivelmente o 2º ciclo vai continuar e isto vai ser extensível ao secundário, numa fase posterior. Vamos ter mais pessoas a ler. (Educadora de Infância)

Enquanto a educadora de infância considerou que o Plano não teve qualquer efeito perturbador nas actividades realizadas no pré-escolar, a professora do 1º ciclo criticou o programa do 3º ano por ter restringido a implementação de novas actividades ao prever, apenas, cinco horas semanais para a leitura.

Infelizmente, temos um programa para cumprir, sobretudo o 3º ano, que tem um programa muito extenso com 5 horas semanais de leitura. Tivemos que reajustar, fazer uma ligação entre as obras que são lidas com os programas e conteúdos do programa. (Professora do 1º Ciclo)

O Plano Nacional de Leitura na sua organização

As entrevistadas mencionaram que não conheciam, em pormenor, o processo de registo da escola, tendo afirmado que tomaram conhecimento do Plano através de uma reunião do Conselho Pedagógico, onde foi disponibilizado um despacho normativo do Ministério da Educação e toda a documentação que foi enviada à EBI de Salir pela RBE e pela Comissão do PNL. De acordo com a professora do 1º ciclo, a escola,

por pertencer à RBE, já se encontrava registada. A professora de contacto limitou-se, assim, a completar os dados referentes à selecção de livros e aos projectos a serem desenvolvidos no âmbito do Plano.

Após o registo da escola, foi entregue ao Conselho de Docentes (o órgão que reúne os educadores de infância e os professores do 1º ciclo) a lista de livros recomendados pelo PNL, tendo sido discutida, numa reunião, a selecção das obras que viriam a ser trabalhadas nas aulas. Foi então definido que cada docente, a partir dos seus próprios critérios de selecção ou tendo em consideração algumas conversas informais com outros colegas e alunos, escolheria as obras.

No sentido de garantir que a EBI de Salir seria abrangida pelo reforço orçamental atribuído pelo Plano, as escolas-pólo e todo o agrupamento colaboraram na elaboração de uma ficha de projecto que, segundo as entrevistadas, procurou reunir todas as actividades que a escola-sede tinha programado. Um dos pontos centrais do projecto passa pelo estabelecimento de um modelo de participação das escolas-pólo e da comunidade local (*ateliers* de leitura). A partir do projecto, as escolas-pólo desenvolveram mini-projectos centrados em actividades locais que contam com a participação dos encarregados de educação. Apesar de alguns ajustamentos pontuais provocados pela distância entre escolas, a concretização dos projectos tem seguido a planificação inicial.

A implementação do projecto possibilitou uma aproximação entre docentes e alunos. A atribuição do reforço orçamental, por outro lado, melhorou as relações entre os estabelecimentos de ensino que compõem o agrupamento de Escolas de Salir, ao ter impulsionado uma circulação permanente de livros entre as várias escolas.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais

Um dos aspectos realçados, ao longo da entrevista, pelas duas professoras prende-se com a importância da criação do PNL, por ser a primeira iniciativa nacional de promoção da leitura. Com efeito, o lançamento de um plano de combate à iliteracia constitui, para as duas professoras, uma rara oportunidade para reforçar o papel da escola e, simultaneamente, sensibilizar as comunidades locais – bem como as famílias – para a importância da leitura.

O Plano vai levar uma comunidade inteira, sensibilizá-los para a importância da leitura. Através dos miúdos começamos a sensibilizar os pais, os tios, os avós, os primos...acaba por ser o núcleo familiar. Isto vai levar, de uma forma discreta, a mensagem que a leitura é muito importante. (Professora 1º ciclo)

Os objectivos e critérios delineados pela Comissão do PNL, segundo a educadora de infância, não representaram uma inovação face ao que tem vindo a ser desenvolvido em vários Jardins de Infância, mas, ao resumirem um conjunto de boas práticas, conseguiram introduzir um importante quadro de referências. Para a professora do 1º ciclo, as propostas avançadas pelo Plano permitiram uma reciclagem de estratégias que tem sido, paulatinamente, traduzida pela introdução de novas práticas nas aulas. Um outro aspecto que foi mencionado, refere-se à divulgação eficaz de novos estilos literários que o Plano conseguiu promover através da lista de recomendações. No 1º ciclo, a lista conseguiu organizar um conjunto de obras que possibilitaram que os alunos, de uma forma estruturada e sistemática, conseguissem entrar em contacto com diferentes estilos.

Todavia, embora as entrevistadas tenham afirmado que o Plano não possui aspectos negativos, é necessário melhorar o envolvimento das famílias e do poder local e que a implementação do PNL, a curto ou médio prazo, seja guiada por um sistema de avaliação centrado nas escolas, de forma a assegurar a difusão de novas práticas. Importa, ainda, resolver os problemas de comunicação verificados entre as escolas e a Comissão durante o arranque do Plano, através da criação de um novo sistema de divulgação.

Para as duas entrevistadas, a divulgação do Plano tem sido reduzida. Os *spots* televisivos, ao estarem restringidos ao serviço público de televisão, não conseguem ter um impacto prolongado na população. Pelo contrário, a nível local, a promoção do PNL organizada pela Câmara Municipal de Loulé teve um resultado positivo, podendo, segundo as entrevistadas, servir de exemplo para uma nova estratégia de divulgação, centrada nas comunidades locais, a ser adoptada pelo PNL. Quanto à marca Ler+, o logótipo conseguiu transmitir a mensagem do Plano e captou a atenção da população, sobretudo dos grupos etários em idade escolar.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

Segundo a professora do 1º ciclo, a associação entre o livro e a escola está por detrás de um desinteresse generalizado em torno da leitura, sendo necessário ultrapassar a ideia de leitura como obrigação, que tem dificultado a promoção da leitura no sistema de ensino. O PNL deverá, deste modo, aproveitar o interesse pela leitura, que emergiu com a diversidade da oferta editorial que acompanhou a expansão de algumas livrarias (Fnac, Bertrand). Ao mesmo tempo, deverá ser tida em consideração no reforço da Rede de Bibliotecas Públicas a criação de bibliotecas seniores.

Sugestões e Propostas

O PNL deverá repensar a estratégia de divulgação, apostando em anúncios nos jornais de circulação nacional, bem como em *newsletters* destinadas a professores. Na EBI de Salir, importa promover contactos entre os alunos e a comunidade local, nomeadamente os utentes de centros de dia, através de sessões de contos orais ou de visitas de alunos que envolveriam dramatizações, recitais de poesia ou leitura de contos.

Fazer uma maior divulgação, talvez em termos escritos. Se divulgasse trabalhos realizados e se passasse pelas escolas. Trocar experiências de uma escola para outras. (Educatória de Infância)

2. BIBLIOTECAS ESCOLARES

2.1. Biblioteca Escolar da Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos de Leça da Palmeira (Matosinhos)

2.1.1. Relatório de visita

O primeiro contacto com a Biblioteca Escolar foi efectuado por telefone no dia 21 de Março de 2007 com a coordenadora da BE, que é simultaneamente professora de contacto com o PNL na escola e professora do 1º ciclo. A resposta ao pedido de colaboração foi positiva, disponibilizando-se imediatamente para organizar a visita e facultar todos os materiais necessários. A coordenadora sugeriu que a ida à escola fosse agendada para o dia 12 de Abril, no período da manhã, na semana anterior à visita de Isabel Alçada à escola, já que nesse período alunos e professores estariam a preparar actividades e materiais para apresentar na visita da escritora. Foi, então, possível organizar e definir, de imediato, os horários para levar a cabo as diversas visitas e conversas com os diferentes protagonistas, tendo facultado o número do seu telemóvel para facilitar posteriores contactos. Destacou ainda o facto de a escola ter um projecto próprio de promoção da leitura entre os seus alunos, anterior ao PNL.

A primeira visita à escola iniciou-se no dia 12 de Abril de 2007 pelas 9 horas, altura em que se procedeu à entrevista com a professora de contacto com o PNL, no espaço da BE. Naquele momento a biblioteca encontrava-se praticamente vazia, apenas com uma funcionária e cerca de 3 alunos. A entrevista foi interrompida por volta das 10h, já que a professora tinha que leccionar a aula de “Oficinas de Português” a uma turma do 6º ano de escolaridade, à qual foi possível assistir durante alguns momentos.

De regresso à BE, encontrava-se uma turma acompanhada do professor nos computadores a trabalhar, alguns alunos sentados a ler e outros a participar no concurso “Pontapés na Gramática”. Em termos gerais, a biblioteca é bastante movimentada, particularmente pelos alunos mais jovens (em contraste com o espaço exterior, onde é mais visível a ocupação dos alunos do 3º ciclo) que utilizam principalmente os computadores, mas que também requisitam livros, lêem no espaço da BE, participam nos concursos e compram os livros expostos na pequena feira do livro dedicada a Isabel Alçada.

Realizou-se, nessa altura, a entrevista à auxiliar da BE, já num ambiente mais ruidoso devido à quantidade de alunos que se encontrava na biblioteca. No período da tarde foi possível completar a entrevista com a coordenadora, ainda que com inúmeras interrupções, já que a professora se encontrava sozinha na biblioteca e tinha, sempre que necessário, de prestar apoio aos alunos que o solicitavam.

Foi ainda feita uma nova visita à escola a 14 de Maio de 2007 para recolher um CD com materiais relativos às actividades de promoção da leitura da BE e da escola.

Relativamente ao espaço escolar, os edifícios encontram-se bastante envelhecidos e danificados, tendo a coordenadora afirmado que no passado Inverno choveu inclusive em muitas salas de aula e na própria biblioteca, danificando material informático. Estão no momento a decorrer algumas obras de reparação e

dentro de pouco tempo a escola entrará num período de obras intensivas nos diversos pavilhões para melhorar as condições físicas dos equipamentos.

Nos corredores dos diversos pavilhões não há muita informação afixada nas paredes pela falta de espaços próprios para tal. Ainda assim, no bar encontrava-se alguma informação sobre actividades desenvolvidas pela escola, nomeadamente pela BE, e à porta da biblioteca encontrava-se um *placard* com a informação do “Leitor do mês”. Nas salas de aula o cenário é semelhante, já que não existem locais próprios para a afixação de materiais. A biblioteca é o local onde se encontra mais informação exposta relativa às actividades da BE e a trabalhos dos alunos. Contudo – e foi aliás uma das desvantagens indicadas quer pela coordenadora, quer pela auxiliar relativamente ao espaço da BE – grande parte da sala encontra-se rodeada por janelas, o que impossibilita a colocação de mais armários e de mais materiais nas paredes.

2.1.2. Entrevista a Coordenadora da BE

Perfil da entrevistada

A coordenadora da BE, e professora de contacto com o PNL na escola, é licenciada em Línguas Germânicas e lecciona Língua Portuguesa e Francês nos 2º e 3º ciclos há 34 anos. Ingressou na EB 2, 3 de Leça da Palmeira há 26 anos, onde é actualmente professora de Língua Portuguesa, de Oficina de Português, de Área de Projecto e de Estudo Acompanhado no 6º ano de escolaridade. É coordenadora da BE há já alguns anos, embora nunca em regime de exclusividade.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola e na biblioteca

A escola desenvolve há já alguns anos actividades de promoção da leitura na sala de aula, tendo inclusive criado um projecto próprio há dois anos intitulado “Crescer a Ler”. Em 2003 a Biblioteca Municipal Florbela Espanca (Matosinhos) foi seleccionada para um projecto de promoção da leitura direccionado para crianças e jovens promovido pelo IPLB e Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares, tendo sido proporcionada formação a todos os mediadores da leitura das Bibliotecas Escolares do concelho de Matosinhos. Consequentemente, no ano lectivo de 2004/2005, e na sequência de uma candidatura de mérito da RBE, que visa apoiar as BEs com trabalho mais consistente e sólido e divulgar as boas práticas daí resultantes, surge o projecto da EB 2, 3 Leça da Palmeira “Crescer a Ler” que se direcciona para a promoção da leitura em contexto de sala de aula. O projecto tem por objectivos gerais formar leitores, desenvolver nos alunos competências de leitura e combater os baixos níveis de literacia. Inicialmente foi apenas implementado em duas turmas da escola (uma do 5º ano e outra do 6º ano de escolaridade). No ano lectivo seguinte o projecto foi alargado a todas as turmas da manhã do 5º ano, a 3 turmas do 6º e a uma do 7º, o que possibilitou dar continuidade às turmas envolvidas no ano anterior. No presente ano lectivo, todo o 2º ciclo se encontra envolvido no projecto, bem como o 7º ano e uma turma do 8º.

As linhas orientadoras deste projecto coincidem com as bases definidas pelo Plano Nacional de Leitura, o que fez com que a comunidade educativa, em termos gerais, se manifestasse receptiva à implementação do PNL. A coordenadora considera, assim, que a escola está neste momento a executar dois

projectos de promoção da leitura que acabam por convergir nas práticas desenvolvidas. Torna-se, portanto, particularmente difícil definir fronteiras quanto à acção do “Crescer a Ler” e à do PNL, embora este último se enquadre claramente no primeiro.

A coordenadora identificou, ainda assim, algumas diferenças que lhe parecem mais relevantes. Antes de mais, o PNL sugere a aquisição de 12 exemplares do mesmo livro, enquanto o projecto “Crescer a Ler” prevê que cada aluno de cada turma tenha acesso a um exemplar da mesma obra.

Eu acho que o nosso tem uma vantagem relação ao Plano Nacional da Leitura: é que nós temos um livro por aluno. Com esse projecto, portanto, os livros...no arranque do projecto foram financiados quer pelo IPLB, quer pelo Gabinete da Rede das Bibliotecas Escolares e cada aluno...nós tínhamos tantos livros quanto os alunos na sala de aula. Portanto, nós temos turmas grandes, com 28 alunos, 26, 28, e temos 28 exemplares de cada título. E não faz ideia a diferença que é entre ter um livro para dois e um livro só para um. Eles sentem o livro como deles, respeitam mais, trabalham muito, muito melhor porque não se dispersam com o colega do lado, os ritmos de leitura são diferentes...é tudo. E aí eu acho que o nosso é vantajoso. Só que compreendemos a nível nacional fica muito caro um livro para cada aluno dentro da sala de aula.

Para além disso, o projecto prevê que os alunos exerçam a prática da leitura quotidianamente, ao contrário do PNL que, de acordo com a coordenadora, apenas sugere 30 minutos semanais.

Outra das diferenças entre o nosso projecto e o Plano Nacional da Leitura é que eles lêem um bocadinho todos os dias, não lêem só 30 minutos na semana. Nós lemos 15 minutos, 10 a 15 minutos diários. Claro que Português temos 2 blocos por semana, por isso em Formação Cívica, em Estudo Acompanhado e às vezes em Área de Projecto fazemos sessão de leitura. Não é todos os dias, mas já é mais algum. E então esse tempo que foi estabelecido pelo Plano para leitura na sala de aula nós vamos partindo por várias disciplinas ocupando mais dias na semana. E isso também é outra vantagem porque escolhemos o...no 2º ciclo temos escolhido os 15 minutos finais da aula e eles já sabem, os alunos já sabem e, portanto, já estão ansiosos para que chegue esse momento e também acaba por ser benéfico porque, por exemplo, aos últimos tempos, os últimos 15 minutos de aula são complicados porque eles já estão muito mais desconcentrados, estão com fome, a aula em si normal não rende muito e assim a leitura rende porque como eles estão entusiasmados, estão sossegados, estão a fazer uma coisa que gostam e calmos.

De acordo com estas duas grandes diferenças, o projecto da escola assume algumas vantagens importantes face ao PNL, embora exista o reconhecimento de que o Plano tenha vindo reforçar as práticas já desenvolvidas.

Embora a implementação do projecto “Crescer a Ler” e do PNL na sala de aula se faça, fundamentalmente, na disciplina de Língua Portuguesa, a coordenadora considera pouco produtivo cingi-los a essa aula. A grande linha de acção do projecto, agora em estreita articulação com o Plano, tem então passado pela leitura de obras e realização de actividades associadas às leituras efectuadas no período final (10 a 15 minutos) das aulas de Língua Portuguesa, Oficina de Português²³, bem como Estudo Acompanhado, Área de Projecto e Formação Cívica²⁴. Contudo, essas práticas não se estendem a outras disciplinas curriculares devido à dificuldade de gestão dos calendários e programas; o que não significa, por outro lado, que alguns professores de outras disciplinas, como História, não recorram por vezes à leitura de algumas obras. No 2º ciclo os professores encontraram maior facilidade de gestão do tempo comparativamente com os do 3º ciclo, nomeadamente os do 7º ano de escolaridade, também envolvidos nas actividades do projecto e do PNL.

Embora a forma como as actividades de promoção da leitura decorrem em cada sala de aula possa diferir de acordo com a criatividade e sensibilidade dos professores que as dinamizam, existem, de facto,

²³ Corresponde aos 45 minutos de “oferta de escola” para o 5º ano de escolaridade.

²⁴ Periodicamente utilizam a totalidade da aula, ou pelo menos metade, para a realização de actividades relacionadas com as leituras efectuadas.

linhas orientadoras gerais que todos procuram seguir e promover. Antes de mais, a escola definiu como metáfora para o fomento da leitura que cada livro correspondesse a uma *viagem* na qual os alunos são *convidados* a participar. No final de cada leitura, é-lhes pedido que dialoguem e que, posteriormente, registem as impressões decorrentes dessa viagem. A utilização desta metáfora tem sido fulcral para motivá-los para a leitura, sem que a sintam como uma obrigação. Procuram também, desta forma, evitar o recurso às tradicionais fichas de leitura que, ao invés de motivarem os alunos, os afastam ainda mais da fruição da leitura.

Nós consideramos cada obra uma viagem, isso foi o convite que lhes foi feito no início do ano lectivo, neste caso concreto no 5º ano porque os meus alunos agora de 6º estão a ter continuidade. No 5º ano foi-lhes proposto uma viagem na leitura a partir de um texto que lemos na aula que focava, portanto, esse aspecto. No fim de cada viagem eles fazem...registam as impressões de viagem. Nós não queríamos fazer uma ficha de leitura daquelas fichas de leitura maçadas, aborrecidas que fazem com que eles detestem ler porque já sabem que depois no fim têm que fazer resumos, descrever a parte que mais lhes agradou e nós não queríamos que fosse dessa forma. Com essa ideia da viagem eles fazem a ficha felizes e contentes. E como numa viagem...dizemos “quando vamos visitar algum país ou dentro de Portugal se formos a um cidade diferente ficamos com uma ideia e temos uma opinião sobre essa visita, sobre esse passeio, sobre essa viagem. Pronto, vamos falar um bocadinho”. Primeiro é com diálogo e depois eles registam as impressões da viagem.

Outro eixo importante da acção do projecto é precisamente evitar trabalhar as obras exclusivamente com o objectivo de estudar o funcionamento da língua, promovendo antes a instrumentalização dos interesses dos alunos na selecção das actividades a realizar em torno de um livro.

Em Área de Projecto e Estudo Acompanhado tentamos também canalizá-los um pouco para a leitura, de forma a que os trabalhos que estão a ser desenvolvidos em Área de Projecto impliquem leituras. Não leituras de assuntos científicos, de temas assim mais ligados... Tentamos pegar num livro que vá focar aspectos que lhes interessam, seja desporto, seja até convivência, amizade...estão numa fase, portanto, em que começam assim a despertar para os primeiros amores e tentamos que o tema do livro seja aliciante para depois podermos trabalhar esse tema de outra forma.

A leitura realizada na sala de aula é levada a cabo pelos alunos – individualmente (em silêncio ou não), em grupo de forma dialogada/dramatizada –, mas também pelos professores, já que muitos dos jovens, principalmente os do 5º ano têm ainda algumas dificuldades de leitura, pelo que ouvir os professores pode ajudá-los.

A prática da leitura é geralmente complementada com actividades específicas que os professores procuram que sejam divertidas e motivadoras para os alunos e que assumam um carácter lúdico, como jogos, palavras cruzadas, dramatizações, ilustrações, concursos ou *peddy-papers*. Muitas das acções levadas a cabo assumem um âmbito mais alargado, envolvendo várias turmas e não se circunscrevendo, muitas vezes, ao contexto escolar:

- Os alunos de uma turma do 6º ano de escolaridade participaram no concurso *Uma Aventura... Literária 2007* nas suas várias modalidades, sendo que um dos grupos de participantes, que adaptou um conto para teatro, ganhou e foi seleccionado para apresentar a sua peça no Teatro Aberto em Lisboa. Neste momento, em Área de Projecto encontram-se com a professora e os colegas a preparar a dramatização.

- Com base na exploração da obra *Ulisses*, de Maria Alberta Menéres, todas as turmas do 6º ano realizaram um *peddy-paper* no recinto escolar intitulado “Viagem com Ulisses” e foram assistir à peça de teatro “Aventura de Ulisses” no Teatro do Campo Alegre, no Porto.

- Procurando fomentar a interdisciplinaridade das actividades de promoção da leitura, os alunos do 2º ciclo realizaram a *Festa do Pi* que envolveu os professores de Matemática, de Língua Portuguesa, de Educação Visual e de História e que consistiu num recital de poesia sobre o “Pi”, de Manuel Pina, na apresentação de trabalhos feitos pelos alunos e na exposição de ilustrações sobre a temática.

- Algumas turmas do 8º ano festejaram no mês de Abril o mês da poesia. Os professores de Língua Portuguesa facultaram-lhes uma listagem de poetas para que cada aluno seleccionasse aquele que mais gosta e trabalhasse a sua biografia, pesquisasse informações relevantes e seleccionasse alguns poemas que apresentaram depois à turma.

Alguns professores procuraram também envolver os encarregados de educação nestas actividades, o que nem sempre é muito fácil. Uma professora da escola que, por exemplo, tem trabalhado com os seus alunos no âmbito do projecto “Escolas promotoras de saúde”, recorrendo a contos tradicionais que foquem a temática da alimentação, tem conseguido mobilizar os pais. Os jovens fizeram pesquisa, vários trabalhos, ilustrações e criaram uma peça de teatro que foi apresentada aos encarregados de educação e familiares numa sessão especialmente criada para o efeito.

Todas as actividades são fundamentalmente desenvolvidas tendo por base o livro, o que não significa, contudo, que não seja também necessário recorrer a outros suportes, nomeadamente à imprensa e à Internet.

Apesar de o projecto “Crescer a Ler” e o PNL se centrarem fundamentalmente na promoção da leitura na sala de aula, a BE tem também assumido um papel fulcral neste âmbito. Antes de mais, é um espaço privilegiado para informar os alunos das novidades editoriais, para destacar a comemoração de efemérides ligadas ao livro e para divulgar concursos relacionados com a leitura, incentivando os alunos a participar. Há também um conjunto relevante de actividades que têm lugar na BE:

- Fazem sessões de leitura para turmas. Os alunos deslocam-se com os professores à BE para ouvirem a leitura de um conto e posteriormente desenvolvem alguma actividade relacionada com a leitura, geralmente jogos. A BE enfrenta, contudo, algumas dificuldades relativamente a esta actividade, já que não o faz com a frequência que gostaria devido à dimensão reduzida da equipa, que nem sempre consegue dar resposta a todas as solicitações, mas também porque procura fazê-lo no tempo lectivo de Língua Portuguesa, o que nem sempre é fácil conciliar.

- Criam e promovem concursos:

- *Pontapés na Gramática* é um concurso semanal associado à disciplina de Língua Portuguesa. São afixadas 2 frases nos *placards* da BE, uma correcta e outra errada em termos ortográficos e/ou gramaticais e os alunos têm de conseguir identificar qual a frase correcta, o que os obriga a consultar, muitas vezes, um prontuário, uma gramática ou um dicionário;

- O *Caça Provérbios* é de periodicidade mensal e implica identificar o final de um provérbio, geralmente associado à época do ano, a partir de 3 hipóteses de resposta;

- *À Boleia pela Europa* é quinzenal e consiste num conjunto de questões relacionadas com geografia, sendo que para cada pergunta existem 3 hipóteses de resposta;

- *Um Mergulho no Passado* é quinzenal e implica responder a questões ligadas à história de Portugal, sendo também apresentadas 3 hipóteses de resposta.

A participação nestes concursos é feita na BE em cupões próprios que são depois colocados em urnas. Os resultados são posteriormente afixados na BE. No final de cada período é oferecido um livro aos vencedores.

- No Natal fizeram um concurso literário de contos natalícios.

- A BE é também um local de exposição de trabalhos realizados pelos alunos
- São regularmente convidados escritores para visitarem a escola e desenvolverem actividades de promoção da leitura.

- Desenvolvem também actividades direccionadas para os pais, tendo já realizado duas sessões à noite na BE, a primeira, no início do ano lectivo, para apresentar o projecto “Crescer a Ler” e as linhas gerais do PNL e a segunda para falarem sobre os livros que mais os marcaram.

- A BE identifica também o leitor do mês com base no número de requisições efectuadas. No final de cada período o leitor com mais livros requisitados recebe um livro.

Ocasionalmente as escolas do 1º ciclo visitam a BE para participarem em alguma actividade, nomeadamente nos encontros com escritores.

Algumas das actividades desenvolvidas na BE contam com o apoio do Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares (SABE) da Biblioteca Municipal Florbela Espanca, como é o caso da visita de escritores à escola. Para além disso, os coordenadores das BEs do concelho reúnem mensalmente com a directora da BM, o que se revela fundamental para a partilha de ideias e experiências e informações sobre acções de formação. A BM convida também os alunos das escolas de Matosinhos a participarem nas actividades que leva a cabo, embora a título individual.

Para o desenvolvimento das suas actividades, a BE tem também contado com o apoio da Associação de Pais que tem ficado responsável pela aquisição dos prémios atribuídos em cada concurso.

A única actividade realizada propositadamente com o intuito de responder aos objectivos do Plano Nacional de Leitura foi a Semana da Leitura que decorreu entre 5 e 9 de Março de 2007. Nessa semana concentraram um conjunto de actividades relacionadas com a leitura.

Em contexto de sala de aula:

- os alunos seleccionaram e recitaram os poemas que mais apreciam em todas as aulas durante toda a semana;

- os encarregados de educação foram convidados a irem às salas de aula lerem contos, falarem de livros que os tenham marcado ou discutirem a importância da leitura. Apenas em algumas turmas foi possível realizar esta actividade, devido à indisponibilidade dos pais que se encontravam durante o dia nos seus empregos. Aos pais que cooperaram foi-lhes entregue um certificado de participação.

Na Biblioteca Escolar:

- todos os espaços da escola foram decorados com citações literárias de vários autores.
- realizaram exposições de trabalhos de alunos realizados em diversas áreas disciplinares.
- realização de um concurso criado tendo por base a obra *Uma Aventura na Quinta das Lágrimas*, de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada. Numa turma do 6º ano em que o livro foi trabalhado, os alunos criaram o regulamento, questões de escolha múltipla para cada capítulo da obra e dinamizaram o concurso, direccionado para toda a escola, que se realizou no espaço da BE. Seleccionaram 5 finalistas que participarão na final por ocasião da visita de Isabel Alçada à escola.

- concursos *Títulos à Solta* e *Quem Mora na Casa dos Títulos?* que consistiram na apresentação de textos onde estavam mencionadas as obras da Ana Maria Magalhães e de Isabel Alçada e de Vergílio Alberto Vieira, respectivamente, sendo que os alunos tinham que descobrir quais os títulos referidos e a sua respectiva localização.

- sessão *Chá & Livros*: onde foram convidados professores e pais a reunirem-se no espaço da BE à noite, sendo que cada um deveria trazer um livro que os tivesse marcado e falar sobre o mesmo. O grupo foi de apenas 12 pessoas, mas a coordenadora considera que foi um encontro bastante positivo e interessante para todos os intervenientes. Pretende realizar a mesma actividade no próximo ano lectivo e acredita que mais pais estarão interessados em participar, até porque muitos deles apenas não colaboraram por indisponibilidade de tempo.

O balanço da Semana da Leitura é bastante positivo, já que as actividades decorreram de acordo com as expectativas e conseguiram motivar e envolver grande parte da comunidade educativa. Gostariam de ter contado com maior participação dos encarregados de educação, mas compreendem as suas dificuldades de deslocação à escola.

As principais actividades previstas até ao final do ano lectivo dizem respeito à visita à escola dos escritores Isabel Alçada, a 17 de Abril, e Vergílio Alberto Vieira, a 23 de Abril. Grande parte das turmas do 2º ciclo encontram-se a desenvolver actividades relacionadas com as obras destes autores, sendo que algumas delas serão apresentadas no contexto das visitas. Para além disso, a BE organiza sempre uma Feira do Livro só com as obras dos autores em causa.

Pretendem também, no âmbito das festividades do S. João, realizar um concurso de quadras, sendo posteriormente as melhores expostas na BE.

Num outro nível, e pensando já no ano lectivo seguinte, a escola pretende alargar o projecto “Crescer a Ler”, e inseparavelmente o PNL, a toda a escola, apesar de não conseguirem ainda prever se será de facto possível fazê-lo. Envolver o 3º ciclo nas práticas de promoção da leitura implica também novas estratégias, já que se trata de uma faixa etária diferente, com especificidades próprias.

Como tem vindo a ser referido, a escola desenvolve já há alguns anos práticas de promoção da leitura, tendo criado o seu próprio projecto. Nesse sentido, a coordenadora não considera que o PNL tenha introduzido novas dinâmicas e alterado substancialmente as práticas que já levavam a cabo, até porque as linhas orientadoras são semelhantes. Contudo, reconhece também que as semelhanças entre ambos contribuíram para reforçar e ampliar as acções de promoção da leitura na escola. Um dos factores que contribuiu significativamente para isso foi o reforço orçamental atribuído pela Comissão do Plano, que possibilitou a aquisição de um conjunto diversificado de obras e permitiu, assim, aumentar o fundo documental da BE. Para além disso, o PNL permitiu organizar as práticas de fomento da leitura já levadas a cabo, por vezes de forma pouco integrada, e estimular um trabalho em rede.

O Plano a nós não trouxe nada de novo porque nós já estávamos com o projecto e antes de estarmos com o projecto nós já fazíamos leitura integral de uma obra, já tínhamos várias actividades ligadas à leitura. Agora está é mais organizado. (...) A única coisa que pode ter mudado é essa partilha de experiências. Porque cada um já fazia na sua turma, ou nas suas turmas. Agora com o projecto e o Plano nós partilhamos experiências, troca de impressões, de materiais. Não fica cada um com as suas coisas só para si.

Os impactos sentidos na comunidade educativa não podem, portanto, ser entendidos como constituindo um produto da acção isolada do PNL, já que o projecto “Crescer a Ler” é implementado há já dois anos. Nos alunos, por exemplo, sente que tem existido alguma evolução no sentido de ficarem mais motivados e sensibilizados para a importância da leitura, mas considera que isso estará mais relacionado com a acção continuada do projecto. Na leitura que é realizada na sala de aula os jovens manifestaram-se interessados e permaneceram sossegados e atentos. Em contexto de sala de aula geraram-se dinâmicas de sociabilidade que favoreceram a motivação dos alunos, já que o facto de um ler para toda a turma conduz outros a manifestarem também vontade de participar. Contudo, isto torna-se mais evidente no 2º ciclo, já que a partir do 3º ciclo esta lógica é invertida, sendo que geralmente os alunos não gostam de ser apontados pelos colegas como aqueles que se mostram motivados com a leitura. A coordenadora sente, portanto, que os impactos positivos observados nos alunos tendem a concentrar-se, fundamentalmente, entre os alunos do 5º e 6º anos de escolaridade. A idade pode desempenhar aqui um papel fulcral, já que, de acordo com os professores, os jovens do 2º ciclo são facilmente mobilizados através do jogo e do carácter lúdico das actividades. O mesmo não sucede com os alunos mais velhos que procuram demarcar-se de práticas que consideram infantis. Quanto às actividades da BE, a coordenadora afirma que as requisições domiciliárias têm vindo a aumentar e considera que, em termos gerais, os alunos se encontram mais interessados em participar, nomeadamente nos diferentes concursos, embora, mais uma vez, sejam principalmente os jovens do 2º ciclo a fazê-lo.

De acordo com a coordenadora, os impactos da acção do projecto e do PNL nos alunos não podem ser separáveis dos impactos verificados nos professores. A motivação dos mesmos é um factor fulcral para a mobilização dos alunos para as práticas e actividades de leitura. Na escola existem professores menos interessados e pouco sensibilizados para estas questões e, nesses casos, foi considerado ser melhor não desenvolver actividades de fomento da leitura entre os alunos, uma vez que o impacto pode ser bastante negativo e afastá-los ainda mais dos livros. Poderá ser isso o que explica que os alunos não se tenham interessado pelos concursos criados no âmbito do PNL, nomeadamente o “Sapo Challenge/Ler+”, já que não foram suficientemente incentivados pelos docentes.

Pensei que este do Sapo como está ligado às novas tecnologias e Internet e...e eles gostam de blogs e dessas coisas todas com as TIC, que iam aderir...nada, nada. Mas tem que haver, na realidade, da parte do professor uma motivação grande e um incentivo porque se não eles não...nestas idades eles não querem participar, eles não querem complicar muito. (...) Eles aderem se nós dissermos “então, já fizeram? Já...?”. Quer dizer, o professor tem que se envolver muito. Se o professor não se envolver, se o professor ficar à espera que eles de livre iniciativa vão fazer...é complicado.

Muitos professores estão mais concentrados no cumprimento dos programas curriculares das diferentes disciplinas e optam por não correr riscos alterando as suas planificações e ajustando os seus métodos pedagógicos. Embora a coordenadora critique esta atitude, compreende que é particularmente complicado conciliar as actividades de promoção da leitura com os conteúdos programáticos que têm de trabalhar.

Essas actividades que fazemos depois da leitura implica muito tempo para preparar, para...não é só para depois as aplicarmos. Mas a preparar uma actividades, para ser diferente, para focar diferentes aspectos, mas de uma forma lúdica porque nós queremos...lúdica sem cairmos na brincadeira...mas de forma a tornar o livro e a vontade de ler mais atractivas, para os motivar mais, não é? Isso obriga a tempo, a termos tempo e com os currículos tão longos com o tempo que temos para preparar as aulas, para preparar também actividades de substituição e todas as

outras actividades que temos que fazer e com os conteúdos tão longos também que temos é uma ginástica conciliar a programação com as actividades de leitura e de promoção da leitura.

O que não significa, contudo, que não exista um grupo substantivo de professores na escola particularmente motivado e que consegue gerir o tempo de modo a desenvolver actividades ligadas à leitura. Mas trata-se de um conjunto de professores que estava já sensibilizado para a importância deste tipo de acções. Um pequeno grupo de docentes manifestou-se desagrado quando do início da implementação do PNL na escola; contudo, a sua atitude foi-se progressivamente alterando e estão hoje mais motivados e interessados. Em termos gerais, os impactos do projecto e do PNL nos professores na escola são menos visíveis que nos alunos. Porém, a entrevistada reconhece que, em escolas onde não eram desenvolvidas práticas de promoção da leitura, o PNL possa ter vindo introduzir novas dinâmicas, como é o caso das escolas do 1º ciclo do agrupamento.

Agora o que eu noto é isso, é que as colegas das bibliotecas, as coordenadoras das bibliotecas do 1º ciclo faziam e fazem, faziam e continuam a fazer a promoção do livro e da leitura. Mas isso era só esse momento na biblioteca porque depois na sala de aula era só a leitura escolarizada, portanto, o manual, análise do texto e isso. Não faziam como nós já fazíamos no 2º ciclo e agora fazem.

Quanto aos encarregados de educação, a sua participação não é ainda a que seria desejável para o acompanhamento das actividades dos filhos na escola, contudo a coordenadora acredita que a longo prazo será possível sensibilizá-los e envolvê-los mais.

O Plano Nacional de Leitura na sua organização

A coordenadora teve conhecimento do Plano Nacional de Leitura através da consulta do *site* da Rede de Bibliotecas Escolares, ainda no final do ano lectivo de 2005/2006, parecendo-lhe desde logo um projecto particularmente interessante e pertinente no contexto do país e muito semelhante ao projecto (“Crescer a Ler”) que a escola implementava há já 2 anos. Posteriormente, foi informada por parte da Comissão do Plano através de documentação que solicitava a sua colaboração e respectivo registo no *site* entretanto criado para o PNL. Enquanto responsável pela BE assumiu desde o início a responsabilidade de registar a escola no Plano e de coordenar a execução do mesmo.

Uma vez que o registo no Plano Nacional de Leitura por parte de cada escola exigia uma selecção de livros com base nos quais deveriam desenvolver actividades de promoção da leitura, a coordenadora organizou um conjunto de reuniões com os professores interessados em participar no PNL, tendo por objectivo discutir e escolher as obras que cada um considerava mais adequadas para trabalhar com os seus alunos e para motivá-los para a leitura.

A BE tinha já alguns dos livros que constavam nas listagens do PNL, que tinham sido adquiridos no âmbito do projecto “Crescer a Ler” e, nesse sentido, não seria lógico canalizarem recursos financeiros para essas obras, até porque, em muitos casos, tinham já 28 exemplares de cada título. Contudo, isso implicou terem de efectuar as suas escolhas com base nos restantes livros, que nem sempre consideraram ser os mais adequados às faixas etárias a que se direccionavam, por serem demasiado infantis, ou por exigirem níveis de maturidade mais elevados. Para além disso, nem todos eram suficientemente interessantes para motivarem os alunos para a leitura. Não querendo optar por esse leque de obras, recorreram às listagens temáticas do Natal,

ciências e defesa do ambiente para seleccionarem os restantes livros. Importa também referir que não conheciam muitos dos livros sugeridos e, nesse sentido, procuraram informar-se na Biblioteca Municipal ou comprando alguns deles a título pessoal.

A escola foi contemplada na 1ª fase de reforço orçamental com 2500€ para a aquisição dos livros sugeridos pelo PNL, o que deixou todos os professores envolvidos no processo bastante satisfeitos. Apresentaram, então, a listagem de obras seleccionadas a 3 livreiros para a obtenção de orçamentos. Contudo, depararam-se com vários dos livros esgotados nas editoras, o que os obrigou, nalguns casos, a reformular as suas opções, e noutros a aguardar durante vários meses pelas obras.

Da lista que nós seleccionámos depois tivemos um problema, é que as editoras não tinham para entrega. Isso é que eu acho que correu mal. Porque nós...deu-nos bastante trabalho fazer a selecção porque nós não seleccionámos assim por seleccionar. Inclusive alguns, nós não conhecíamos e fomos lê-los antes de escolhê-los, pedindo à Biblioteca Municipal, comprando num caso ou noutro e estivemos a...tentámos que a selecção fosse séria. Depois de termos seleccionado...e no nosso caso como tivemos um orçamento muito bom, tivemos que pedir a 3 livreiros o orçamento para depois seleccionarmos aquele que era mais conveniente. E depois disso tudo tivemos que substituir obras, títulos, porque não tinham para entrega.

Face a esta situação, as professoras optaram por seleccionar livros que não constavam das listagens iniciais sugeridas pelo Plano, mas que lhes pareciam ajustados às faixas etárias e interesses dos alunos. A coordenadora sente que o mais importante é trabalhar com obras que possam motivar os jovens, mais do que obedecer cegamente às listas do PNL. Tal como sugerido pela Comissão do Plano, adquiriram 12 exemplares de cada obra, o que consideram pouco positivo porque não possibilita disponibilizar um exemplar por aluno em cada turma; contudo, permitiu-lhes diversificar os títulos disponíveis para trabalharem.

Os livros do Plano Nacional de Leitura estão localizados na BE, num armário próprio. Apesar de os 12 exemplares de cada obra não se encontrarem disponíveis para requisição domiciliária, a coordenadora procurou ter também pelo menos um exemplar acessível para os alunos poderem requisitar e levarem para casa. Sempre que algum professor pretende trabalhar um dos livros solicita-o antecipadamente na BE, indicando o período de tempo que pensa dedicar à sua exploração. A biblioteca tem, para esse efeito, um mapa onde organiza as requisições dos livros do PNL. A forma como os professores gerem depois a utilização das obras é flexível e consonante com os objectivos de cada um deles. Alguns professores permitem que os alunos levem os livros para casa, o que implica sempre o preenchimento de uma ficha com a indicação do livro requisitado e com a respectiva identificação do aluno. Optaram por este procedimento porque em anos anteriores, no âmbito do projecto “Crescer a Ler”, não o faziam e os livros surgiam muitas vezes danificados. É, portanto, uma forma de responsabilizarem os alunos pelos livros, o que tem sido bem sucedido, já que os jovens assumem com bastante seriedade essa tarefa. Inclusive, sempre que identificam algum risco ou desenho num livro são os primeiros a queixarem-se.

A equipa de professores que se encontra a trabalhar os livros do PNL reúne com a coordenadora com bastante frequência, sendo que estas reuniões são fundamentais para a preparação de trabalho, partilha de ideias e experiências e discussão de estratégias.

No período inicial de registo no PNL, a escola apresentou também como projecto o “Crescer a Ler”, que apesar de já existir previamente à criação do Plano, se adequava em pleno à execução do PNL na escola. O projecto tem, então, como principais objectivos abordar a formação de leitores como um processo de ensino/aprendizagem, despertar e reforçar o prazer de ler e reforçar práticas de leitura recreativa por

oposição à leitura instrumental. Envolvendo alunos, professores e encarregados de educação pretendem promover o gosto pela leitura quotidianamente num período de 10 a 15 minutos, no qual os alunos poderão explorar de forma criativa e através de diversas actividades um conjunto diversificado de obras.

Sempre que surgiu alguma dúvida relacionada com a implementação do PNL na escola, a coordenadora recorreu à responsável regional da RBE, não por não confiar na Comissão do Plano, mas por ser uma pessoa mais próxima e bem informada sobre o PNL.

A entrevistada frequenta habitualmente o sítio na Internet do Plano, embora admita que o fez mais frequentemente no início do processo.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais

Quando o Plano foi criado e divulgado a coordenadora ficou um pouco admirada por conseguir identificar na sua estrutura as linhas orientadoras gerais do projecto “Crescer a Ler”, o que a deixou particularmente satisfeita por confirmar mais uma vez que se tratava de um projecto pertinente e bem constituído. Percebe igualmente a relevância do PNL ser construído tendo por base experiências de boas práticas.

Em termos gerais, concorda, portanto, com a forma como o Plano está organizado e como definiu os seus objectivos, prioridades e actividades. A divulgação tem também sido bastante positiva e tem chegado às escolas toda a informação necessária. Considera ainda que a marca Ler+ está muito bem pensada e é bastante atractiva para os mais jovens.

O aspecto mais positivo do PNL incidiu sobre o facto de ter possibilitado a introdução de novas dinâmicas nas escolas que não desenvolviam práticas de promoção da leitura e reforçar as acções já levadas a cabo em muitos contextos escolares. Para além disso, possibilita diversificar e aumentar os fundos documentais das BEs.

O aspecto menos positivo que identifica no PNL prendeu-se com o facto de muitos dos livros sugeridos nas suas listagens se encontrarem esgotados.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

A coordenadora imaginava que a situação de Portugal relativamente à leitura e à literacia e às práticas de promoção do livro e da leitura não fosse tão negativa como é na realidade.

Daquilo que eu ouço, de pessoas que estão ligadas quer ao IPLB, quer ao Gabinete, dão-nos uma ideia diferente daquela que eu julgava pela nossa escola porque como nós já dávamos bastante importância ao livro e à promoção da leitura, eu julgava que isso seria assim pelo país fora. Mas por aquilo que me consta não é bem assim.

Apercebe-se agora que as práticas de leitura da população portuguesa são incipientes e os níveis de literacia demasiado baixos para o exercício pleno da cidadania.

Face à delicada posição de Portugal relativamente à leitura e à literacia, o PNL pode contribuir a longo prazo para melhorar a situação do país e aproximá-lo de outros países europeus.

Sugestões e Propostas

A coordenadora da BE fez algumas sugestões que considera serem importantes para melhorar a acção do Plano nos próximos anos:

- o Plano deveria promover o acesso de cada aluno a um exemplar das obras trabalhadas, evitando situações em que dois alunos têm de partilhar um livro.
- a Comissão do PNL deveria evitar sugerir livros que estejam esgotados nas editoras ou que as mesmas não consigam distribuir pelas escolas de acordo com o número de exemplares solicitado.
- para uma divulgação mais eficaz do PNL junto do seu público prioritário (infanto-juvenil) deveriam instrumentalizar a popularidade de algumas figuras de referência juvenis, nomeadamente da série “Morangos com Açúcar” para difundir e promover os hábitos de leitura²⁵.

Caracterização da BE e da sua utilização/funcionamento (descrição e avaliação)

Quando a coordenadora ingressou na EB 2, 3 de Leça da Palmeira em 1981 foi convidada pelo Conselho Executivo para ficar a coordenar a BE que se situava numa pequena sala com poucos livros ainda não organizados e catalogados. Nessa altura candidataram-se a um subsídio da Fundação Calouste Gulbenkian para a aquisição de um fundo documental, que lhes foi concedido. Tal como se encontra actualmente, a BE existe desde 1999, altura em que foi também apresentado o projecto de candidatura à RBE. Actualmente funciona entre as 8h30m e as 13h e entre as 14h e as 17h30m. A BE fecha à hora de almoço por ter apenas uma funcionária que assegura o seu funcionamento. Depois das 17h30m decorrem ainda algumas aulas na escola e, nesse sentido, se algum professor precisar de levar os alunos à BE pode fazê-lo, ficando a utilização do espaço da sua responsabilidade.

Actualmente o núcleo central da equipa da BE é constituído pela coordenadora, por duas professoras e por uma auxiliar de acção educativa. Dois outros professores colaboram também com a equipa. A coordenadora nunca esteve em regime de exclusividade de funções na BE, continuando a leccionar no 2º ciclo. Confessou que não gostaria de estar a tempo inteiro na biblioteca porque aprecia bastante dar aulas, mas também porque não gosta de desenvolver todas as actividades necessárias ao funcionamento da BE e não tem formação específica em bibliotecas. A equipa da BE, apesar de ter tido já algumas alterações, nomeadamente na função de coordenação, tem-se mantido estável. A auxiliar de acção educativa, por exemplo, está na BE desde a sua abertura, o que lhe permite ter um conhecimento aprofundado do fundo documental, fulcral para auxiliar os alunos sempre que necessário.

A BE é fundamentalmente frequentada pelos alunos da escola. Como foi possível observar durante a visita à escola, nos intervalos das aulas o espaço da BE é muito visitado. A coordenadora identifica dois grandes grupos de alunos que fazem utilizações diferentes da biblioteca. Os alunos do 2º ciclo são os que manifestam maior interesse e motivação pela leitura, frequentando mais a BE, geralmente de forma individual e com fins recreativos, requisitando mais livros e participando mais nos concursos. Por outro lado, a utilização que os alunos do 3º ciclo fazem da BE resume-se, em termos gerais, ao uso dos computadores e à pesquisa para trabalhos curriculares. São poucos os alunos que, de facto, frequentam a biblioteca com fins

²⁵ Deu, neste âmbito, o exemplo de uma situação em que na biblioteca surgiram muitos alunos a querer consultar e requisitar um livro de Shakespeare porque as personagens da referida novela estavam a lê-lo.

recreativos, requisitando livros para leitura domiciliária em menor número que os do 2º ciclo. A utilização da BE ocorre geralmente em grupo, seja de amigos, seja de turma acompanhada dos professores. Quanto à participação nos concursos, se no 2º ciclo é elevada, a partir do 7º ano de escolaridade diminui progressivamente até ao 9º ano, cujos alunos são os que menos participam.

É muito mais o 2º ciclo que o 3º em qualquer... Só há alteração do 3º ciclo nos trabalhos de pesquisa. O 3º ciclo aí é que acaba por ter...vencer em relação ao 2º ciclo. Mas quer na leitura domiciliária, quer na leitura aqui na biblioteca, preferencialmente 2º ciclo. E nota-se...começa por ser...mesmo frequentadores da biblioteca, 2º ciclo muito e o 5º ano, por exemplo, mais até que o 6º. O 7º ainda continua, no 8º ano já há um decréscimo e no 9º praticamente não há alunos a levarem livros para casa com o empréstimo domiciliário, que é muito, muito estranho. Não têm tempo, têm que ler os livros que fazem parte das leituras que têm que apresentar.

Mas independentemente de diferentes utilizações da BE, a coordenadora acredita que a biblioteca permanece – e permanecerá – como espaço central da acção da escola para os alunos, promovendo a leitura recreativa, fomentando hábitos de pesquisa e, assim, criando competências de cidadania.

A Biblioteca Escolar tenta desenvolver hábitos de leitura, utilização de diferentes meios de informação, complementar as áreas curriculares. No fundo, estamos a formar um cidadão, contribuindo para a sua cultura geral, para a sua postura na sociedade e dessa forma ajuda a formar o aluno em várias vertentes, acho que sim. Porque é um dos pólos da escola dinamizador de projectos, de actividades que vão ajudá-los a crescer.

O plano anual de actividades da escola expressa claramente a importância atribuída ao papel que a BE desempenha na formação dos alunos. A sua acção é particularmente importante junto de jovens que não têm acesso a livros em casa e cujos pais não têm hábitos de leitura.

Os professores utilizam preferencialmente a BE como espaço onde desenvolvem actividades com as suas turmas. Há, contudo, um grupo de docentes mais interessados e motivados que visita quotidianamente a BE, consulta livros e lê jornais. Há também um conjunto de professores estagiários que utiliza bastante a biblioteca como espaço de trabalho. A BE é também o lugar para onde os professores encaminham os alunos para realizarem pesquisas para os seus trabalhos. Contudo, se alguns docentes, antes de solicitarem trabalhos aos alunos, visitam a BE, consultam os materiais existentes e criam um guião de pesquisa com a respectiva bibliografia temática, muitos deles não dão qualquer tipo de indicação, sendo que os alunos facilmente se desorientam no processo de pesquisa.

Os livros...eles consultam os livros e temos um grande número de alunos a pesquisar na área de pesquisa o documento livro. Mas a tendência é para irem directamente à Internet. Depende depois também do professor que está a orientar o trabalho porque quando o professor lhes dá um guião e quer na realidade que eles sigam diferentes passos e apresentem relatórios do trabalho que vão desenvolvendo, aí tanto pesquisam nos livros, como se não encontram nos livros vão buscar à Internet, portanto, informações que necessitam. Quando a proposta de trabalho é vaga, muito ampla, os alunos perdem-se, tanto se perdem na pesquisa dos livros, como na pesquisa da Internet. E a nossa grande dificuldade aqui...para dar apoio a esses alunos muitas vezes os trabalhos não estão bem formulados. Os alunos dispersam-se e nós próprios também não ficamos a perceber o que é que o professor pretende e torna-se difícil até aconselhar os alunos.

A coordenadora considera fundamental monitorizar o funcionamento da biblioteca, tendo aplicado no início do ano um pequeno inquérito aos delegados e sub-delegados de todas as turmas da escola. A resposta dos alunos foi bastante positiva, considerando que a BE se encontra bem equipada, tem um bom atendimento e responde às suas necessidades. Puderam também confirmar a já referida diferença entre os alunos do 2º e do 3º ciclo relativamente à utilização da BE. O único elemento que os surpreendeu diz respeito ao facto de muitos alunos terem afirmado que os seus encarregados de educação conhecem a BE.

O fundo documental é um dos aspectos mais positivos da BE, já que, de acordo com a coordenadora, conseguem acompanhar as novidades editoriais em diversas áreas. No início do ano lectivo, o Presidente do Conselho Executivo solicita a todos os departamentos que indiquem os livros e materiais que consideram ser prioritários para integrarem a colecção da BE. A própria equipa da biblioteca ausculta directamente os diferentes departamentos para ter noção das necessidades de professores e alunos. Apresentam depois uma listagem de leitura recreativa e de trabalho a adquirir. Procuram substituir livros mais deteriorados e desaparecidos, adquirir novidades e dar seguimento às colecções mais procuradas. Admite que gostaria que o fundo documental fosse maior, mas reconhece que face a outras escolas, o acervo da BE é bastante bom.

Apesar de estar muito satisfeita com o funcionamento da BE, a coordenadora identifica também aspectos que deveriam ser melhorados para um funcionamento pleno da biblioteca. Antes de mais, assume como grande objectivo de toda a equipa da BE a criação de uma estratégia para motivar os alunos do 3º ciclo para a leitura recreativa e para a frequência da biblioteca como espaço de lazer. Considera também que deveria existir maior utilização e divulgação de materiais não impressos. Os suportes CD e DVD são os menos procurados pelos alunos e aqueles cujas colecções são mais fracas. Não só são suportes mais caros que os livros, como é também mais complicado acompanhar e dar resposta ao leque diversificado de interesses dos alunos. Esse acompanhamento implicaria um investimento monetário que a BE não tem capacidade para fazer. Pretendem a partir do próximo ano lectivo investir mais na divulgação dos CDs e DVDs que têm, promovendo o filme recreativo e solicitando aos professores que incentivem os alunos a visionar vídeos complementares a determinadas temáticas disciplinares. Outro aspecto que esperam poder vir a melhorar diz respeito ao espaço da BE que consideram neste momento não estar estruturado e organizado da melhor forma.

O espaço acho que não está bem aproveitado porque nós temos aqui um problema nesta biblioteca, temos excesso de janelas, temos...que é bom porque entra muita luz, mas rouba-nos espaço para estantes. E as zonas...as diferentes zonas da biblioteca não estavam bem organizadas e, portanto, nós agora estamos a tentar remodelar de forma a ter, por exemplo, a zona para o vídeo recreativo, a zona de leitura acho que está boa e convidativa. Os alunos gostam...a nossa escola como é muito antiga, esta parte está mais moderna, está com mobiliário mais atraente do que o mobiliário do resto da escola e os alunos gostam muito da biblioteca. E mesmo colegas que também gostam muito da biblioteca porque acham que é um sítio muito agradável, onde se sentem bem, e que tem muita luz. Mas nós que trabalhamos aqui diariamente, o espaço não está bem...bem aproveitado, no fundo. Nós gostávamos de ter uns recantos que convidassem mais à...mesmo para trabalho de pesquisa, que estivesse mais adequado. E é isso que estamos a tentar dar uma volta, mas que não é fácil dada a dimensão da própria biblioteca, dada a área e o formato da biblioteca.

Pretendem também possibilitar a participação nos diversos concursos da BE através do sítio na Internet da biblioteca²⁶.

A divulgação das actividades da BE é feita no espaço da biblioteca e no espaço escolar em termos gerais através de cartazes e panfletos. Para além disso, recorrem também à página na Internet da biblioteca.

A RBE (contactos, importância, avaliação)

Como foi já referido, a BE encontra-se inserida na Rede desde 1999. A escola tinha uma biblioteca numa sala muito pequena, com um fundo documental diminuto e foi nesse sentido que apresentaram um

²⁶ Ver <http://biblioteca.no.sapo.pt/>.

projecto que foi aprovado pela RBE que disponibilizou verbas para a aquisição de fundo documental e mobiliário.

A coordenadora da BE considera que o trabalho da RBE tem sido exemplar e tem correspondido às suas expectativas. Não só a Candidatura de Mérito foi aprovada, tendo a escola sido contemplada com um financiamento de 5350€ pela apresentação do projecto “Crescer a Ler”, como em 2005 tiveram novo reforço orçamental, de 5000€, metade para a aquisição de fundo documental e metade para a aquisição de mobiliário. O acompanhamento por parte da coordenadora a nível regional tem sido também bastante positivo e importante ao nível da troca de ideias e materiais. No início do ano lectivo visita a escola e discute com a equipa da BE o Plano Anual de Actividades, fazendo sugestões e incentivando a prossecução de actividades já desenvolvidas.

O trabalho que a RBE tem desenvolvido, particularmente de contacto com a escola tem, assim, sido bastante positivo e tem vindo a melhorar. Apesar de não trabalharem quotidianamente em conjunto, há uma proximidade e um envolvimento muito grandes. Contudo, a coordenadora da BE admite que gostaria de poder receber mais verbas para poder reestruturar o espaço da biblioteca e adquirir novo mobiliário e equipamento. Mas reconhece também que a sua concretização não depende directamente da RBE.

Eu acho que neste momento está a haver uma tentativa e acho que está a ser bem conseguida de estarem mais próximos das bibliotecas e em contacto com as bibliotecas, portanto, através de e-mail tentam, portanto...agora também há o fórum das bibliotecas. Tentam envolver-nos nessas actividades, solicitam, portanto, a nossa participação em diferentes actividades e isso é bom. Portanto, não sentimos que estão lá distantes no Gabinete e nós aqui nas escolas, quer dizer, sem termos apoio nenhum. Portanto, acho que o apoio e as medidas que têm tomado nesse sentido têm vindo a melhorar. Aí considero que tem havido um bom trabalho. Claro que o ideal era ainda termos mais apoio, principalmente a nível financeiro. Porque às vezes não é só o material, o livro, o orçamento para aumentar o fundo documental, nós precisamos também para outras coisas, principalmente... Por exemplo, nesta escola que arrancou em 1999 e que o espaço está ser reestruturado falta-nos dinheiro para equipamento, equipamentos, para outras coisas que não são contempladas, que isso faz parte quase do orçamento das escolas, só que as escolas não têm hipótese de retirar do orçamento delas verbas para essa área. Por exemplo, nós não temos estores, nós...as escolas do 1º ciclo, por exemplo, não têm projectores multimédia e nos tempos que correm há uma série de máquinas, de equipamento que é necessário para que funcione de outra forma. Não sei se isso compete mesmo à Rede, mas... É principalmente aí que há algumas lacunas, mas não posso considerar que isso seja uma falha da Rede porque creio que não é bem a função da Rede.

2.1.3. Entrevista a Auxiliar da BE

Perfil da entrevistada

A auxiliar da BE nasceu em Vila Real, tem 36 anos, estudou até ao 11º ano e é auxiliar de acção educativa na BE da escola há 23 anos, tendo este sido o seu primeiro emprego. No período em que ainda estava na escola geralmente inscrevia-se nos programas de ocupação dos tempos livres para jovens e trabalhava durante o Verão na Biblioteca Pública de Vila Real. Aprecia bastante o trabalho na BE e gostaria de poder permanecer na biblioteca.

O PNL e a BE

A funcionária da biblioteca tomou conhecimento do Plano Nacional de Leitura através da coordenadora da BE. Considera ser muito importante a sua criação, mas parece-lhe que os seus efeitos serão quase exclusivamente sentidos nas escolas e não tanto noutros contextos.

Apesar de a escola já desenvolver há algum tempo acções de promoção da leitura, o PNL veio permitir reforçar este tipo de actividades na sala de aula, embora tenha pouco conhecimento do que se passa realmente nesse contexto.

Havia muitos miúdos que se calhar nunca tinham lido um livro, não é? Se calhar, não sei. E pelo menos na sala de aula...na sala de aula, pronto, há professores que também já liam antes de haver o Plano Nacional da Leitura, não é? Mas agora inseridos no Plano acho que lêem muito mais com os miúdos. Não sei, mas isso já me ultrapassa um bocado porque na sala de aula não sei, não é?

No espaço da BE não consegue identificar impactos da implementação do PNL. Contudo, destaca a importância do reforço orçamental que permitiu a aquisição de mais obras para a BE. E porque os novos livros do fundo documental estão a ser trabalhados em contexto de sala de aula regista-se uma maior procura da BE para consultar e requisitar essas obras.

Trouxe, aí acho que sim, trouxe. Em termos de livros, muitos mais livros, não é? Que eles gostam muito. E...sei lá...e os miúdos, pronto, procuram mais aquele tipo de livros que estão a ler na sala de aula, não é? Vêm aqui procurar, se eu tenho aqui para continuar a ler em casa ou aqui na biblioteca.

As actividades que têm sido levadas a cabo na BE no âmbito do PNL são da responsabilidade dos professores e nesse sentido não tem muita informação acerca das mesmas. Deu apenas o exemplo de uma professora de Língua Portuguesa que colabora com a biblioteca que organiza a “Hora do Conto” para os alunos no espaço da BE.

Caracterização da BE e da sua utilização/funcionamento (descrição e avaliação)

Há cerca de 23 anos que a BE foi criada na escola. Inicialmente funcionava numa pequena sala e há cerca de 7 anos foi transferida para as instalações onde hoje se encontra.

A equipa da BE é constituída pela coordenadora, por três professoras que prestam apoio durante algumas horas na BE e por ela, auxiliar de acção educativa destacada a tempo inteiro na biblioteca há 23 anos.

A BE é frequentada por toda a comunidade educativa, mas principalmente pelos alunos que a utilizam para trabalhar, mas também com objectivos lúdicos. Fazem leitura recreativa no espaço da BE, requisitam livros para ler em casa, pesquisam para trabalhos nos livros e nos computadores e fazem trabalhos solicitados pelos professores. Em termos gerais, todos os alunos frequentam a biblioteca, contudo é, de facto, possível identificar grupos mais assíduos de acordo com o ano de escolaridade que frequentam. São os alunos mais novos quem utiliza mais a BE e quem passa mais tempo na biblioteca.

Isto em termos do 5º e do 6º ano, os outros...do 3º ciclo já não...já não ligam muito. Mas isso, já há uns anos que eu estou aqui, foi sempre assim. Eles frequentam muito a biblioteca até ao 6º ano, depois no 7º já quebra bastante, no 8º pior. (...) São idades...mais as raparigas...e os rapazes também...já começam a olhar para os namoricos, não é? E pronto, e a biblioteca já deixou de ser aquele sítio preferido deles, já preferem muito mais passar os intervalos ali nos recreios, não é? É normal.

Os alunos mais novos tendem a frequentar a BE sozinhos, enquanto os mais velhos geralmente fazem-no em grupo. Muitos destes grupos utilizam a biblioteca para trabalhar, outros exclusivamente para consultarem os livros de educação sexual e outros ainda apenas para se divertirem e desestabilizar o ambiente da BE, não utilizando nenhum suporte. É também comum a biblioteca receber turmas com os respectivos professores para efectuarem pesquisas nos livros e na Internet.

A BE tem cerca de 300 alunos com cartão de leitor, sendo que desse número aproximadamente 20 nunca requisitaram um livro. Mas a grande maioria destes alunos requisita livros com bastante frequência, muitos deles semanalmente. A biblioteca tem inclusive o passatempo “Leitor do Mês”, no qual contabilizam o número de requisições e todos os meses identificam o aluno que mais livros levou para casa, sendo o seu nome afixado nos painéis que se situam à entrada da BE.

Embora os livros sejam bastante utilizados pelos alunos, os computadores são, contudo, o suporte mais requisitado na BE.

Mais para computadores, se possível. Se os deixasse...estavam sempre nos computadores.

Os CDs e DVDs são os suportes menos procurados, quer por professores, quer por alunos.

A auxiliar considera que a BE está bem organizada e que responde plenamente às necessidades de alunos e professores, desempenhando um papel importante no apoio complementar prestado aos alunos relativamente ao seu trabalho escolar. Está bastante satisfeita com o fundo documental da biblioteca por se encontrar actualizado não só em termos da leitura lúdica, acompanhando as diferentes colecções que os alunos mais lêem, como também ao nível dos livros de pesquisa e às enciclopédias.

Embora os pais sejam permanentemente incentivados a visitar a BE e o façam, de facto, nos primeiros dias de aulas dos filhos na escola para conhecerem os diferentes espaços, não frequentam habitualmente a biblioteca.

Eles gostam, os pais, de vir cá no início do ano, mas depois nunca mais aparecem. Porque eles vêm no início do ano quando os meninos vêm pela 1ª vez para a escola, eles gostam de vir conhecer, e muito bem, a escola, mas depois também nunca mais aparecem. Outros pais não conhecem a biblioteca da escola, tenho a certeza absoluta. A grande maioria dos pais dos alunos não conhece, que é uma pena, não é?

Mesmo nalgumas actividades especificamente direccionadas para os encarregados de educação levadas a cabo pela BE não têm sido bem sucedidas e apenas alguns pais participam.

A BE é geralmente frequentada pelos alunos do 4º ano de escolaridade das escolas do 1º ciclo do agrupamento com o objectivo de conhecerem a escola para onde vão transitar no ano lectivo seguinte. Nessas ocasiões a biblioteca organiza alguma actividade para as crianças, como o visionamento de um filme.

A funcionária da BE não tem conhecimento de actividades conjuntas com a BM ou com a autarquia.

A divulgação das actividades da BE é geralmente feita através de cartazes que são colocados nos diferentes espaços da escola. Os professores divulgam também junto das suas turmas algumas dessas acções. Para além disso, recorrem também ao sítio na Internet da biblioteca.

Como principal aspecto a melhorar na BE refere-se fundamentalmente ao espaço físico da biblioteca, considerando o mobiliário desactualizado e a sua organização desajustada a uma utilização mais profícua da BE.

Precisava de ser mais aconchegada...em termos de espaço. (...) Há aqui muita coisa que teria de ser alterada. Precisamos de uns estores para aqui que faz imensa falta, mas não há dinheiro. O mobiliário também. Estas mesas grandes acho que não se enquadram muito bem aqui dentro porque há aquela tendência mais para os alunos se juntarem, fazerem mais barulho, não é? E depois outra coisa que eu também não gosto é aquela parte dos computadores, também deviam estar mais dispersos. Não acho que seja prático numa biblioteca assim a maneira que estão os computadores.

Para além disso, sente que as alterações já efectuadas no espaço da BE são bem recebidas pelos alunos que são sempre os primeiros a reconhecê-las e a comentá-las.

Eles gostam de ver a biblioteca modificada, eu acho, porque... E apercebem-se muito disso porque quando se muda uma mesa eles notam. Muita gente se calhar passa e nem se apercebe, mas os miúdos notam e comentam “está melhor assim”, ou “está pior”. E dão opiniões, nem todos, mas dão.

A RBE (contactos, importância, avaliação)

A auxiliar não tem bem a certeza da data em que a BE passou a pertencer à RBE, mas pensa que foi perto de 1999 e 2000. A biblioteca voltou a ser apoiada pela RBE 2 ou 3 anos depois com financiamento para o mobiliário.

Referiu-se ainda à visita ocasional à escola por parte da coordenadora regional da RBE.

Relativamente às outras questões colocadas sobre a RBE não soube dar qualquer tipo de informação, remetendo-as para a coordenadora da BE.

2.2. Biblioteca Escolar da Escola Básica de 1º Ciclo com Jardim de Infância da Torrinha (Porto)

2.2.1. Relatório de visita

A primeira visita a esta biblioteca escolar realizou-se no dia 9 de Março e foi coordenada com a visita à escola efectuada no âmbito da Semana da Leitura. Nela foi possível conversar com um membro do conselho executivo e com a coordenadora da BE, que, conjuntamente com o coordenador da escola, deram a conhecer o espaço da biblioteca.

O trabalho desenvolvido pela coordenadora da BE foi elogiado pelos restantes e foi referido com contentamento o número de aquisições de livros efectuadas no ano lectivo transacto - cerca de 1700.

A BE, embora não muito ampla, está à primeira vista bem organizada, com todos os espaços devidamente aproveitados e decorados. É um espaço com muita vivacidade e cor. Tem bons equipamentos (televisão, aparelhagem, computadores, ...) e recursos multimédia e documentais. A colecção de livros inclui volumes em *braille*, devido ao elevado número de alunos invisuais.

Alguns dos livros do PNL estavam na BE, mas a maioria encontrava-se no momento nas salas de aula. Na BE estavam expostas fotografias de actividades relacionadas com a leitura realizadas anteriormente, como encontros com escritores, teatros de fantoches e concursos de poemas (incluindo uma espécie de gincana de poemas entre as várias escolas do agrupamento). Num *placard* à entrada encontrava-se também um horário com a distribuição das turmas por grande parte das suas horas de funcionamento. À saída da BE já estavam alguns alunos à espera para entrar, já que ela tinha encerrado desde o início da actividade.

A segunda visita à biblioteca escolar da EB1/JI da Torrinha decorreu no dia 20 de Abril, com o intuito de realização de uma entrevista com a sua coordenadora. Essa entrevista não se realizou na BE mas

sim numa outra sala, já que lá encontrava uma turma a ver um vídeo, com a respectiva professora. A entrevistada mostrou-se participativa e a entrevista durou cerca de 1h30m.

Terminada a entrevista, houve então oportunidade para uma nova ida à BE. Esta encontrava-se agora encerrada e à porta estava um aluno invisual, que esperava para entrar. A coordenadora ajudou-o a escolher um livro em *braille* para ler. Na BE estavam expostos vários trabalhos de alunos, com especial destaque para algumas miniaturas de barcos feitas por eles a partir da leitura do livro *O Ratinho Marinheiro*, de Luísa Ducla Soares.

Por ocasião das visitas efectuadas à BE, foi recolhido o seguinte material:

- Guia do utilizador da BE (com informações sobre a BE, recursos, normas de conduta, incentivo da ida à BE);
- Jornal da escola (do 2º período do ano lectivo de 2006/2007, em que se aborda a Semana da Leitura);
- CD-ROM com *PowerPoint* sobre o trabalho que estava a ser desenvolvido na escola e na BE no âmbito do PNL (incluindo registo fotográfico, nomeadamente da Semana da Leitura);
- Panfleto de divulgação da Feira do Livro da escola;
- Plano esquemático da relação/articulação entre sala de aula e BE, a nível de projecto curricular/plano de actividades (elaborado em anos anteriores).

2.2.2. Entrevista a Coordenadora da BE

Perfil da entrevistada

A coordenadora da BE da EB1/JI da Torrinha encontra-se a tempo inteiro nesta BE, onde trabalha há cerca de seis anos. Está também ligada, como coordenadora das BEs do agrupamento, cargo que ocupa simultaneamente, à Rede de Bibliotecas Escolares do Porto (RBEP), integrando o seu conselho científico.

Educadora de infância, de formação inicial, a entrevistada fez contudo incidir o seu projecto de licenciatura nas BEs. Depois de tirar o curso, trabalhou como educadora de infância em vários locais, foi coordenadora de JIs, de instituições com ATL. Acabou por vir trabalhar para o JI desta escola, no ano em que a BE estava a acabar de ser montada, e surgiu a oportunidade de pedir o destacamento. Perante a proposta que lhe foi feita e como já tinha “o bichinho dos livros” e a experiência do projecto de licenciatura, decidiu aceitar. Antes de ficar colocada, fez uma formação exigida para o trabalho nas BEs, de cerca de 300 horas, na biblioteca da Faculdade de Engenharia do Porto. Essa formação tinha uma maior componente de tratamento documental e de gestão. A nível de animação de bibliotecas, foram-lhe muito úteis os conhecimentos que possuía da formação inicial em educação de infância, na vertente de literatura infantil e de técnicas de exploração, de expressão plástica e dramática. Tem vindo também a participar noutras acções de formações sobre BEs, para se ir actualizando. Este ano, por exemplo, fez uma formação de catalogação proposta pela DREN.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola e na biblioteca

A actuação desta BE era já bastante intensa e dirigida para o tipo de actividades que o PNL veio promover, segundo a coordenadora. Foi reiterada a ideia de que o tipo de trabalho desenvolvido pela BE este ano foi o mesmo de anos anteriores. Por isso, é evidente a dificuldade em explicitar as actividades relacionadas directamente com o PNL.

Todas as turmas têm cerca de uma hora semanal estipulada na BE. A participação da coordenadora é aí muito activa, assumindo o papel principal na dinamização das actividades, embora sempre em colaboração com as professoras.

A actividade da BE centra-se na promoção da leitura. É frequente a leitura de histórias e também o desenvolvimento de outro tipo de trabalhos, de exploração, a partir delas. Escolhe-se um conto, lê-se, faz-se a exploração, recriando, dramatizando, construindo um livro, fazendo ilustração, fazendo slides ou sombras chinesas, por exemplo. Foi salientada a importância de arranjar novas estratégias para interessar as crianças pela leitura, diferentes formas de exploração e de promoção da leitura.

Neste tipo de trabalho existe uma grande articulação entre a sala de aula e a BE, entre o professor e a coordenadora da BE. Em certos casos a leitura é feita na BE e depois explorada na sala, ou vice-versa. As turmas solicitam com frequência o apoio da BE em termos de recursos para a exploração das histórias, inclusive dos livros do PNL. O tipo de actividades depende daquilo que a professora está a trabalhar e dos temas que são o currículo do ano de escolaridade em causa. São desenvolvidas tanto actividades relacionadas com livros, como também pesquisa no computador, por exemplo. As próprias professoras solicitaram o apoio da coordenadora para pesquisar e disponibilizar livros sobre temas que sejam úteis para o seu trabalho.

Às vezes acontece que se começa um trabalho na BE, elas vêm para a sala e vão dando continuidade, na semana seguinte levam o que já foi feito e vai-se continuando e o trabalho acaba por ir e vir sempre em articulação entre as duas, biblioteca-sala de aula.

Essa articulação e esse apoio da coordenadora às professoras é importante e valorizado pelas colegas, revelou a entrevistada. Nas actividades de expressão, de pintura, é preciso um controlo maior dos alunos, é diferente de uma aula normal, e, para além disso, esse tipo de trabalho é favorecido pela troca de opiniões proporcionada pelo trabalho a dois.

Este tipo de trabalho e articulação, que já vinham a ser desenvolvidos, mantiveram-se este ano. Tal como outro tipo de iniciativas desenvolvidas pela BE, como a realização anual de uma feira do livro, em Dezembro.

Existe também uma grande articulação entre a BE e a BM Almeida Garrett. A coordenadora menciona várias actividades que são desenvolvidas em parceria com a BM e que enriquecem o trabalho da BE, reflectindo-se também positivamente na prossecução do PNL na escola.

Todos os anos a BE segue o projecto comum promovido pela BM. Este projecto passa pela escolha de um autor que é trabalhado nas várias BEs das escolas de 1º ciclo do Porto. Este ano foi escolhida a escritora Luísa Ducla Soares. Vários livros que foram adquiridos através do PNL são precisamente desta autora. A coordenadora afirmou que tentou associar as duas coisas.

Nesse projecto, o trabalho que é desenvolvido a partir do autor escolhido fica ao critério de cada professor, de cada escola, embora vá sendo comentado em reuniões organizadas pelo SABE. Para além desse

trabalho, há sempre uma criação comum a todas as BEs. Trata-se de um trabalho que percorre todas as escolas, que se inicia numa escola e que vai sendo continuado nas outras:

O ano passado fazíamos um texto poético e a última frase era enviada para a escola seguinte, e elas, a partir do último verso, continuavam. Este ano escolhemos um livro de poesia de Luísa Ducla Soares que acompanhava um baú que ia de escola em escola, e a primeira escolhia uma poesia, terminava-a com um verso de uma outra poesia que existia nesse livro, e a escola seguinte tinha de ir ao livro descobrir qual era aquela poesia e criar uma outra.

A coordenadora referiu a grande adesão das escolas à iniciativa da BM durante o ano lectivo 2006/2007. No final do ano lectivo, será organizada uma exposição na BM Almeida Garrett com os trabalhos desenvolvidos no âmbito deste projecto pelas várias escolas, e possivelmente também com a presença da escritora em que ele se centrou.

Um dos livros que a BE propôs que fosse trabalhado e explorado na escola, no âmbito do referido projecto da BM e também por ocasião do Dia Internacional do Livro Infantil, foi *O Ratinho Marinheiro*, de Luísa Ducla Soares. Com base nesta obra, foi realizado um concurso de barcos, que premiava os barcos mais originais, construídos pelos alunos com os materiais que cada um achasse mais convenientes. Alguns foram feitos na escola e outros em casa com a colaboração dos pais dos alunos. Os barcos, que naquele momento se encontravam na BE, iriam ser expostos na entrada da escola.

A coordenadora referiu ainda a participação da escola e especificamente da BE noutros projectos da Câmara, como *O Porto de Crianças*. Embora não seja directamente dirigido à promoção da leitura, este programa promove diversas actividades, ao longo do ano, também relacionadas com a leitura e tudo o que lhe está associado. A coordenadora mencionou que uma dessas actividades, que foi desenvolvida no ano lectivo 2006/2007, e na qual a BE participou, em articulação com o projecto comum da BM, teve como objectivo a criação de um filme de cinema de animação de um livro de Luísa Ducla Soares, a partir da recriação da história pelas crianças.

A BE esteve também implicada na Semana da Leitura. A coordenadora refere que as actividades realizadas no seu âmbito foram o resultado do trabalho que vinha a ser desenvolvido pelas professoras ao longo do ano em articulação com a BE. Como surgiu essa iniciativa, a sua apresentação foi canalizada para essa semana, mas, se ela não ocorresse, outra ocasião seria aproveitada para apresentar trabalhos e desenvolver o tipo de actividades que foram desenvolvidas. Contudo, a entrevistada reconheceu a existência de actividades mais singulares pensadas especificamente para aquela semana, como o lançamento de balões com poemas. É também mencionado o encontro com a escritora Luísa Dacosta, uma das autoras dos livros do PNL trabalhados por algumas turmas.

A coordenadora da BE acaba por ser um pouco o motor de lançamento de muitas das ideias e iniciativas que se desenvolvem ao nível da leitura na escola. Quando teve conhecimento da Semana da Leitura, a entrevistada planeou de imediato o que poderia ser feito e falou com o coordenador da escola e com outras professoras, que em conjunto foram acertando pormenores a esse respeito. O facto de ser também a representante das outras BEs do agrupamento, levou-a também a procurar alargar essa iniciativa ao agrupamento. O resultado foi a realização de actividades em conjunto ou em simultâneo em todas as escolas que o compõem: no primeiro caso, a apresentação de teatros ou recitais de poesia por alunos de umas escolas para alunos de outras escolas; no segundo caso, o já referido lançamento de balões com poesias feitas pelos alunos, realizado em simultâneo em todas as escolas do agrupamento. Já não relacionada com a Semana da

Leitura, estava também prevista, à data da entrevista, um encontro com uma escritora na escola sede, em que iria participar uma turma de cada escola.

Segundo a entrevistada, tem-se tentado promover ultimamente essa articulação entre BEs, também por via do PNL, da RBE, da Rede de Bibliotecas Escolares do Porto (RBEP). A RBEP, à qual a BE da EB1/JI da Torrinha também pertence, foi criada com o objectivo de elaborar um catálogo *online* com o fundo documental de todas as BEs do Porto, por forma a promover um maior aproveitamento desse fundo documental através da sua partilha e da sua utilização recíproca por todas essas BEs. Este objectivo faz ainda mais sentido com o PNL. O Plano foi uma forma de algumas escolas aumentarem o seu acervo, daí que seja importante que o fundo documental que exista a nível das BEs possa ser rentabilizado ao máximo. A entrevistada encara esta plataforma como uma mais-valia para as BEs, mas reconhece que o caminho de articulação proposto ainda demorará algum tempo a percorrer, embora acredite venha a dar os seus frutos.

Temos dentro do possível tentado articular e que se consiga fazer aquilo que hoje é pretendido que a BE seja a BE do agrupamento, muito embora seja constituída por pólos diferentes, mas que se faça um trabalho de articulação. (...) Essa ideia da BE do agrupamento está a surgir agora a nível de bibliotecas, também tem a ver com o PNL, a nível da RBE e da RBEP. (...) A ideia é existir essa utilização recíproca, que está agora a começar... (...) É um trabalho que ainda é preciso limar, tem de ir aos bocadinhos, com persistência.

Em termos de apoios à BE, foi bastante evidenciado, durante todo o discurso da coordenadora, o suporte forte da BM Almeida Garrett e da Câmara, através do SABE. Contudo, não são identificados apoios específicos no âmbito do PNL. Todos os projectos e actividades que são desenvolvidos com a colaboração e orientação da BM vão no sentido da promoção da leitura e interligaram-se ao PNL. A integração da BE na RBE é positiva, a nível do PNL, pelo acesso a esse suporte da BM e pela partilha de informação proporcionada através das reuniões que são organizadas habitualmente pelo SABE com os coordenadores das BEs e que contam também com a presença de membros da RBE.

Quanto à divulgação das actividades do PNL, para além da divulgação habitual feita pela escola, a BE fez também a divulgação de alguns eventos através do *site* da RBEP.

Na opinião da coordenadora da BE, a implementação do PNL naquela escola não veio trazer nada de muito novo, uma vez que o tipo de trabalho promovido pelo programa era já ali desenvolvido há bastante tempo. As actividades de promoção da leitura e a articulação BE-sala de aula era frequente. O PNL acabou por ser um reforço e por vir na continuidade do projecto educativo da escola.

A maior novidade foi mesmo o facto de a escola passar a dispor de uma maior variedade de livros e número de exemplares. A BE tinha apenas, em geral, um exemplar de cada obra, por isso a aquisição dos livros, em quantidades superiores a um exemplar por título, foi uma mais-valia e facilitou o trabalho dos professores. Os livros podem agora ser levados mais facilmente para a sala de aula, enquanto que o trabalho que se centrava na BE pode agora ser prolongado de outra forma nas aulas. O PNL trouxe essencialmente aspectos positivos a nível de sala de aula, subjacentes à disposição de mais material.

O PNL para nós já existia, não com os livros, mas o trabalho que nós estamos a desenvolver acaba por ser basicamente o trabalho que já vínhamos a desenvolver. (...) Se fosse uma novidade na escola... mas assim é mais o aumento do material, (...) a articulação entre BE-sala de aula já vinha a ser feita, e agora é um reforço. (...) A maior novidade aqui na escola foi o facto de nós podermos dispor de um maior número de exemplares (...). A nível de sala de aula dispõem de mais material (...), o trabalho está mais facilitado, têm um leque grande de livros que podem escolher, levar para a sala, explorar, trabalhar... (...) podem utilizar outros tempos para fazerem esse tipo de trabalho que não aquele que nós temos na BE, que é uma vez por semana e que limita mais.

Os livros adquiridos com o reforço orçamental do PNL, depois de registados no catálogo da BE, foram disponibilizados para requisição pelos professores. Cada professor pode ter os livros na sala o tempo que necessitar, e quando não precisar mais deles volta a entregá-los na BE, para serem requisitados por outros colegas. O número de requisições de livros pelos professores aumentou bastante. O controlo das requisições pelos alunos é mais difícil, uma vez que algumas professoras optaram por deixar os alunos levar esses livros para casa e esse registo não foi feito pela BE – o que pode também fazer diminuir um pouco as requisições de outros livros pelos alunos.

Para os alunos, a aquisição dos livros também foi positiva. A coordenadora diz notar o seu entusiasmo perante os livros novos, outros livros que não o manual escolar.

É ainda mencionada a participação activa dos professores na organização e planificação do projecto. Segundo a coordenadora da BE, houve um reforço, através do PNL, da participação dos próprios professores na organização do trabalho escolar. A coordenadora encarou desde o início o PNL como “um projecto de sala de aula, evidentemente que com a colaboração da BE, mas um projecto de sala de aula”, por isso revela não ter querido ficar à frente do projecto. Participou sempre, mas pretendia que os professores se embrenhassem nele e participassem activamente na sua planificação. Assim, considera que “até se conseguiu fazer uma organização do trabalho diferente”, que não passou apenas pela BE.

A coordenadora centra-se, de resto, nos resultados que pensa terem vindo a ser alcançados ao longo dos anos, como resultado de um trabalho contínuo.

Foi criada uma rotina de trabalho conjunto entre a sala de aula e a BE. Os professores, principalmente aqueles que já estão há mais anos na escola, já sabem o que a BE lhes pode oferecer, segundo a entrevistada. Quando fazem as suas planificações, os professores já sabem que podem contar com o apoio da coordenadora da BE e que, em conjunto, podem desenvolver um trabalho mais rico e mais válido.

Esse tipo de trabalho é positivo para os alunos e reflecte-se na intensa requisição de livros por eles. Segundo a coordenadora, vai-se criando um hábito ao longo dos anos. E o estímulo de leitura criado nos alunos trespassa também para os pais. Eles comentam em casa as actividades que desenvolvem e os pais vão sendo alertados para a importância de promoção da leitura.

Para além do interesse das crianças, também é muito importante a motivação que é dada pelos professores, porque um professor lê um excerto de um texto qualquer na sala de aula e diz de que livro é e eles vêm logo no intervalo à BE a perguntar se há aquele livro para levar para casa porque a professora falou nele... Por isso é que é muito importante o trabalho de articulação. É precisa a conjugação de esforços entre a BE e a sala de aula.

O Plano Nacional de Leitura, em termos gerais e na sua organização

A coordenadora da BE considerou a criação do PNL oportuna. Por um lado, por dar meios às escolas – um fundo documental – para desenvolverem actividades de promoção da leitura. O fundo documental reveste-se da maior importância, já que as bibliotecas do 1º ciclo têm enfrentado várias dificuldades em termos de aquisição de material, e na manutenção do seu espólio, uma vez que não lhes é dada verba para irem adquirindo livros e renovando o seu acervo, segundo a entrevistada. Por outro lado, para as escolas que têm material mas que não o aproveitam, ou não o utilizam, programas como o PNL são importantes porque vêm incentivar a adopção de outros moldes de trabalho, outras formas de explorar a leitura e promover a literacia, vêm “perturbar a acomodação das pessoas”.

A incidência inicial do PNL nos primeiros níveis de ensino é correcta, na opinião da entrevistada. Os hábitos de leitura têm de ser adquiridos desde cedo, logo no JI.

É de pequenino que se adquirem os hábitos. Ou há um bichinho muito forte que a pessoa arranja sempre alguma coisa para ler ou então nunca mais lá chegamos. E nós vemos aqui nas nossas salas o interesse que as crianças têm, a forma como expressam o que é para elas a leitura...

Quanto à divulgação, a coordenadora da BE pensa que ela tem sido bastante boa. Essa divulgação tem tido especial destaque no Porto: “*O Porto a Ler* está a ser divulgado em grandes cartazes pela cidade toda”, sendo percebido o forte impacto dessa divulgação.

Quando convidada a fazer uma apreciação da marca Ler+, a coordenadora revela não achar a frase muito adequada, pois pensa que não é propriamente o ler mais, o mais importante é descobrir o prazer de ler.

Sendo o objectivo do PNL promover algo tão importante como a leitura, a entrevistada pensa que não se lhe podem apontar muitos aspectos negativos. Contudo, como o programa está ainda numa fase inicial de implementação, há alguns pontos menos positivos. O principal foi a pouca antecedência com que as iniciativas foram surgindo. A Semana da Leitura, por exemplo, apareceu de repente e os professores e responsáveis das BEs tiveram de reestruturar as planificações já efectuadas para o ano lectivo. Ainda assim, segundo a entrevistada, a resposta foi positiva, porque apesar de vir contrariar uma planificação que havia desde o início do ano lectivo, e alterar as actividades que já estavam programadas, as escolas empenharam-se e fizeram actividades muito interessantes, como se pode comprovar através de alguns *sites* da Internet, onde elas foram divulgadas.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

O ritmo de vida acelerado que marca as sociedades actuais e as novas solicitações oriundas das novas tecnologias e dos meios audiovisuais são, na opinião da coordenadora da BE, as principais razões do enfraquecimento dos hábitos de leitura. Contudo, as novas gerações, os pais mais jovens, começam a ter um pouco mais a preocupação de inculcar nos filhos esse hábito. Na feira do livro que a escola organiza todos os anos, a coordenadora da BE sente essa preocupação por parte dos pais. Eles questionam-na acerca dos livros mais indicados para os filhos e mostram-se mais sensibilizados para a importância da leitura. E é muito importante que isso aconteça, porque “a escola faz muito, mas a casa faz muito mais”. Numa casa em que não existam livros, numa família que não tenha hábitos de leitura, é difícil que os filhos possam vir a ter muito esse hábito. Todavia, para a entrevistada, essa maior sensibilização não é visível entre toda a população. Há sempre um estrato social mais desfavorecido que tem tantos problemas sociais que nem pensa nessas questões.

O PNL pode contribuir para alertar os pais para a importância da leitura.

O PNL pode contribuir para alertar os pais para a importância da leitura, porque nós temos a prova de que diversas das actividades que desenvolvemos na escola fazem isso. Quanto mais escolas houver a desenvolver este tipo de actividades e estas práticas, maior *feedback* vai haver.

Sugestões e propostas

É recomendado que o PNL defina com maior antecedência as suas acções e iniciativas. No ano do lançamento, é compreensível o facto de ter surgido tudo um pouco de repente. De futuro, espera-se que as atribuições de verbas e os programas sejam definidos mais atempadamente.

Para melhorar a leitura e a literacia na sociedade portuguesa, a entrevistada pensa que cada vez mais se tem de procurar novas e diferentes formas de explorar e promover a leitura, para que o livro se torne mais atractivo para a criança e para que ela consiga descobrir o prazer de ler.

Eu penso que quanto mais diversificada for a forma como o livro é trabalhado e apresentado às crianças, mais fácil é para elas aprenderem a gostar de ler. Porque hoje em dia temos inimigos muito fortes, que é o meio da informática, a Internet, as *playstations*, que acabam por atrair muito mais uma criança do que um livro. Por isso, a leitura tem de ser trabalhada e explorada da forma mais atractiva para a criança, para que ela, por ela própria, consiga descobrir o prazer de ler e que isso se sobreponha a um jogo ou a uma pesquisa na Internet.

Caracterização da BE e da sua utilização/funcionamento (descrição e avaliação)

A BE existe na escola desde 1999 e começou a funcionar em pleno em 2000, depois de ser concluída a sua instalação através do apoio resultante da candidatura à RBE.

No agrupamento em que está integrada a EB1/JI da Torrinhã, existem mais duas BEs. Duas escolas, contudo, não possuem esta infraestrutura, mas têm acesso ao fundo documental das restantes, pelo menos dispõem do catálogo que a coordenadora lhes concedeu. Todavia, não é frequente a sua utilização recíproca. A deslocação é um dos constrangimentos identificados, assim como a existência de escolas no agrupamento de ciclos diferentes.

Segundo a sua coordenadora, o espaço da BE é bom, embora não tenha sido criado para o efeito, porque foi uma adaptação, resultou da ligação de duas salas de aula. Quanto ao mobiliário, as estantes começam a ser insuficientes face ao aumento do fundo documental. Fundo documental esse que é considerado bastante satisfatório. À data da entrevista, a BE possuía 2980 livros e cerca de 400 outros suportes, como CD-ROMs, CDs áudio, vídeos e alguns DVDs. Em termos de equipamentos, a BE dispõe de uma televisão, um vídeo, uma aparelhagem, um videoprojector e 11 computadores.

O horário de abertura da BE é das 9h às 16h. A coordenadora é a única funcionária daquele espaço. Ela faz catalogação, trata das requisições, arruma os livros, faz promoção da leitura, auxilia o trabalho de professores e alunos. Existe uma calendarização que estipula o horário semanal destinado a cada turma.

As actividades da BE são divulgadas, sempre que isso é considerado pertinente, através de cartazes colocados à entrada da escola, através da página da escola na Internet, embora não muito frequentemente, ou ainda recorrendo ao *site* da RBEP. Quando a participação dos pais é prevista, os alunos levam uma circular para casa. A coordenadora reconhece também estar agora a começar a preocupar-se mais com a organização de registos das actividades que são desenvolvidas, como registos fotográficos.

A utilização da BE pelos alunos é feita maioritariamente com o enquadramento dos professores. Existe uma grande articulação entre os professores e a coordenadora da BE, bem como uma continuação do trabalho de sala de aula na BE e vice-versa. A coordenadora auxilia os professores dinamizando actividades de leitura e exploração e disponibilizando recursos documentais adequados ao tratamento dos temas curriculares. Na BE os alunos assistem a animações de leitura, desenvolvem trabalhos com ela relacionados,

pesquisam na Internet, vêem vídeos, ... Fora do horário em que lá se deslocam com os professores, são poucas as oportunidades que os alunos têm para frequentar a BE mais autonomamente. Contudo, durante os intervalos é habitual irem lá requisitar livros.

Segundo a entrevistada, a BE é muito importante para os alunos, todos valorizam e gostam desse espaço. Lá o livro não tem um carácter de obrigatoriedade e há um apelo à sua componente lúdica.

Eu acho que se andar pela escola a perguntar, não há nenhum aluno que diga que não gosta da BE. (...) A BE acaba por ser o sítio onde o livro é apresentado às crianças de uma forma lúdica e sem aquele carácter obrigatório.

A BE tem cumprido as suas funções. Na opinião da entrevistada, o trabalho desenvolvido pela BE acaba por se reflectir em professores e alunos. A prática da leitura tem entrado na rotina lectiva dos professores e estes têm aderido também a novas modalidades de promoção e exploração da mesma, mais atractivas para as crianças, o que acaba por contribuir para o incremento do gosto delas pela leitura.

Penso que a BE na escola tem cumprido e tem feito o mais possível. (...) E é gratificante quando eu passo nalgumas salas e vejo que a professora está a contar uma história, está a ler uma história com eles, e já não está com eles sentados nas mesas e nas cadeiras com o livro ali à frente como antigamente... que até já arranjam uma manta e estão lá sentadas no chão com eles e com os livros. (...) Eu tenho dito aos alunos que devem ler onde quiserem e onde se sentirem bem, não deve haver aquela rigidez... E todo o trabalho que vai sendo feito na BE acaba por se reflectir na escola toda.

O aspecto menos positivo da BE é a falta de recursos humanos. Segundo a sua coordenadora, o funcionamento da BE seria melhorado se lá fosse colocada uma auxiliar. Isso permitiria uma melhor assistência a alunos e professores e até o alargamento do horário da BE.

Eu acho que o grande problema da BE é a falta de recursos humanos, porque uma pessoa só é pouco. Duas pessoas, eu não digo a tempo inteiro nem que tenha de ser dois professores, mas um auxiliar, uma empregada que possa estar permanentemente e que possa apoiar, porque se eu estiver a fazer uma actividade com um grupo, não posso estar a ver o que é os alunos estão a pesquisar na Internet... (...) De hora a hora estou a trabalhar com uma turma diferente. É um trabalho que dá frutos mas que é muito desgastante.

Em termos de avaliação, a BE é visitada frequentemente pelas responsáveis das bibliotecas da DREN, que vão monitorizando o trabalho que é lá desenvolvido. No final do ano, a coordenadora entrega um relatório à DREN, via agrupamento, com a explicitação de todo o trabalho executado. Esta pensa que os resultados têm sido positivos.

A RBE (contactos, importância, avaliação)

A BE pertence à RBE desde 1999. Nesse ano foi aceite a candidatura da escola e foi instalada a BE. Da RBE a escola teve nessa altura um importante apoio financeiro. Para além do mobiliário e dos equipamentos, a RBE apoiou, por exemplo, na aquisição de fundo documental. Quando foi montada, a BE dispunha de cerca de 1300 livros, sem incluir alguns livros que já existiam na escola. Depois da instalação da BE, a RBE procedeu ao destacamento de recursos humanos. Uma coordenadora foi destacada a tempo inteiro e ainda hoje se mantém nesse posto.

Depois dessa fase de instalação, os apoios à BE têm sido dados essencialmente através do SABE/BM e dos técnicos responsáveis da DREN. A coordenadora refere a ligação bastante grande das BEs do 1º ciclo do Porto integradas na RBE à BM Almeida Garrett, onde são organizadas reuniões mensais com o intuito de

trocar de experiências, com a presença dos coordenadores das BEs, do SABE, de representantes da Câmara e da DREN. Para além disso, é desenvolvido o projecto comum a todas as BEs do 1º ciclo do Porto, que passa pelo trabalho ao longo do ano de um dado autor e da promoção de várias actividades no seu âmbito. É feito um balanço muito positivo dessas experiências.

Um apoio mais técnico, por exemplo, em termos de catalogação, é também concedido pela BM, que o disponibiliza sempre que solicitado. Também é considerada importante a difusão de informação através do *site* da RBE. Segundo a coordenadora, a documentação lá publicada aumentou este ano.

É ainda referido o acesso facilitado à formação. A BM Almeida Garrett tem promovido algumas acções de formação específicas para BEs. A entrevistada tem a percepção que este ano a oferta de formação nesse âmbito foi bastante incrementada: “Este ano há muita coisa, investiram bastante na formação em BEs, nessa formação contínua.”

Segundo a coordenadora, um dos aspectos menos positivos da RBE é a falta de manutenção. Depois do apoio financeiro inicial, que foi concedido à formação da BE, não houve lugar a mais apoios desse género, que permitissem a devida renovação e actualização do fundo documental e de outros materiais. Os livros vão-se desgastando ao longo dos anos com o manuseamento, com o transporte resultante do empréstimo domiciliário. É através das receitas provenientes das feiras dos livros que a escola organiza e da venda do jornal escolar, que se vão adquirindo aos poucos alguns novos materiais. Resultado dessas receitas são alguns DVDs (que aquando da montagem da BE não existiam) e um videoprojector. O PNL veio também agora contribuir com a aquisição de livros.

É uma coisa que eu acho que está muito errada, porque assim como se apoia para a criação da BE, deveria apoiarse em termos de manutenção e actualização do fundo documental. Agora com o PNL veio trazer uma renovação, um aumento do fundo documental e tudo isso, mas tem de ser sempre previsto o desgaste deste tipo de material.

Um aspecto também a melhorar é a afectação de recursos humanos. Por um lado, reconhece-se que em certos casos seria necessário o aumento do número de funcionários nas BEs, por forma a melhorar o seu funcionamento. Por outro lado, deveria ser assegurada uma certa manutenção dos coordenadores. A estabilidade é importante, para que o trabalho desenvolvido tenha continuidade. A coordenadora da BE pensa que a RBE devia garantir as condições necessárias para que os coordenadores se mantivessem no seu posto, nos casos em que a RBE tivesse conhecimento de boas práticas em relação ao seu trabalho. No seu caso, a entrevistada está a perspectivar a sua saída da BE no próximo ano, porque afirma que se não o fizer será prejudicada em termos de progressão na carreira. É assim evidenciado algum descontentamento subjacente a questões legislativas referentes ao estatuto do professor bibliotecário.

2.3. Biblioteca Escolar da Escola Básica de 1º Ciclo de Santo António (Rio Meão - Santa Maria da Feira)

2.3.1. Relatório de visita

As visitas à biblioteca escolar foram coordenadas com as visitas à escola.

A primeira visita à biblioteca escolar realizou-se no dia 11 de Abril. A BE é ampla. Para além de algumas estantes com livros, dispõe de três ou quatro computadores e está ainda equipada com televisão e vídeo. Alguns livros do PNL estavam lá guardados, mas outros encontravam-se a circular pelas turmas. Vários trabalhos de alunos estavam expostos na BE, assim como uma cartaz do PNL. Numa estante estavam dois dossiês dedicados ao PNL, onde a coordenadora arquiva toda a documentação relativa ao projecto, como as fichas de leitura que têm sido elaboradas.

Logo de seguida à visita à BE, decorreu a entrevista com a coordenadora da BE, que também teve lá lugar, pois o espaço havia sido encerrado para o efeito. A responsável da BE e do PNL na escola é uma pessoa bastante comunicativa e com grande vontade de contar ao pormenor todo o trabalho realizado, pelo que a entrevista acabou por se estender mais do que o previsto, tendo ultrapassado as duas horas de duração.

A segunda visita à escola e à BE teve lugar no dia 18 de Abril. Nesta visita foi possível assistir a uma actividade na BE, com uma turma de 4º ano, a qual foi dinamizada pela coordenadora da BE e pela respectiva professora. A primeira teve um papel muito activo. A actividade consistiu na leitura pelos alunos de uma história, em voz alta, e na realização de um jogo de palavras, tendo por referência as personagens da história. Quando necessário, as professoras ou os alunos iam procurar palavras ou significados a dicionários ou enciclopédias.

Aquando das visitas à BE, foi-nos entregue um portfólio/documento com resumo do trabalho desenvolvido no âmbito do PNL - com livros lidos e actividades associadas, por professor; fotografias; e exemplos de fichas de interpretação, de gramática, de ilustração, de leitura domiciliária e de pedido de opinião aos encarregados de educação (em suporte papel e CD-ROM).

2.3.2. Entrevista a Coordenadora da BE

Perfil da entrevistada

A professora de contacto com o PNL na escola e coordenadora da BE fez o bacharelato em Educação de Infância e, mais tarde, há três anos, o complemento de formação em Animação Sociocultural. Tem frequentado também várias acções de formação contínua, direccionadas para a área das BEs e relacionadas com a língua e a literatura no âmbito do 1º ciclo e do pré-escolar e com as TIC. Tirou ainda um curso de especialização de professor bibliotecário na Faculdade de Psicologia, que lhe foi exigido aquando da sua candidatura como coordenadora para a BE da EB1 de Santo António, no âmbito da integração na RBE. De futuro, pretende fazer o mestrado em Gestão de Informação em BEs.

Profissionalmente, começou por trabalhar como educadora de infância, o que fez durante dezassete anos. Trabalhou não só em JIs públicos, como também esteve ligada a um ATL próprio, e foi aí que diz ter despertado para o gosto de trabalhar numa BE. Diz que lá consegue estar a fazer aquilo que mais gosta, contactando com crianças mais pequenas, do JI, e também um pouco mais crescidas, do 1º ciclo, com as quais pode desenvolver actividades que integram também a vertente mais curricular. Os últimos cinco anos foram dedicados às BEs, inicialmente apenas a desta escola e depois também simultaneamente a BE de outra escola do agrupamento. Encontra-se, assim, neste momento integrada no sistema de recursos partilhados, não estando a tempo inteiro na BE da EB1 de Santo António.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola e na biblioteca

As actividades do PNL começaram em pleno apenas no 2º período, altura em que os professores tiveram acesso aos livros, após atribuição do reforço orçamental pelo PNL para a sua aquisição.

Todos os anos de escolaridade estiveram envolvidos nas actividades. O trabalho desenvolvido a nível do PNL passou pela promoção do livro e da leitura e centrou-se na leitura dos livros do PNL e em actividades a partir dos mesmos, principalmente a realização de fichas de interpretação, gramática e ilustração. Tentou-se também a partir do livro suscitar a abordagem de outras áreas temáticas e incentivar o trabalho de pesquisa.

As estratégias e recursos têm sido a leitura orientada, começa sempre por aí, depois induzimos os alunos à leitura autónoma e depois uma leitura domiciliária. (...) Depois é a resolução de fichas (...) e o trabalho de pesquisa.

Os livros foram trabalhados tanto na sala de aula como na BE. A BE assumiu um papel bastante central no que respeita às actividades do PNL e o trabalho foi feito em parceria entre a coordenadora da BE e os professores. A BE acabou por substituir a sua programação em termos dos livros previstos para lá serem lidos e adoptou os livros escolhidos para o PNL. Na BE, a coordenadora dinamizou actividades de hora do conto e deu apoio na realização de fichas e no trabalho de pesquisa. Os professores deslocaram-se com frequência à BE com os seus alunos, seguindo o horário estabelecido para cada turma.

A coordenadora referiu que não existe um tempo diário fixo dedicado à leitura, sendo ele variável. Explicou depois como se processa o trabalho em torno dos livros do PNL. Numa primeira fase o livro é lido na BE ou pelo menos é lá iniciada a sua leitura. Por vezes lêem os alunos, mas na maioria das vezes a leitura é feita pela coordenadora ou pela professora. Enquanto uma lê, a outra vai mostrando o livro e as ilustrações, já que nesta primeira fase a leitura é feita apenas com um livro. Para a entrevista, é preferível desta forma, porque se não os alunos distraem-se e descuram a audição da história. Vão sendo feitas paragens durante a leitura, em que a coordenadora e a professora fazem perguntas aos alunos para que façam o reconto e memorizem o que estão a ouvir. Depois os livros são entregues aos alunos, que vêem as ilustrações.

O livro vai, de seguida, para a sala de aula e a professora continua lá a leitura ou deixa que os alunos façam uma leitura mais autónoma, desenvolvendo depois actividades de exploração. Essas actividades podem ser concretizadas na sala ou na BE. Quando são fichas de interpretação ou gramática, um trabalho mais individual e calmo, fazem-no na sala, e por vezes a coordenadora da BE desloca-se lá e dá algum apoio na explicação das fichas. Já quando se trata, por exemplo, de trabalhos de ilustração, em grupo, fazem-nos na BE.

As professoras estão incumbidas principalmente da parte da gramática, enquanto a coordenadora da BE dirige a parte de interpretação. A entrevistada destacou a importância da elaboração de fichas, nomeadamente de interpretação, depois da leitura dos livros: “Muitas das vezes eu faço a promoção do livro e da leitura só pelo simples prazer de ler, mas depois alguns não lhes fica nada. É importante que eles comecem a ouvir e fixar quem era o personagem principal, as personagens secundárias, onde é que se passa a história, a acção...”.

Foi também incentivada a leitura domiciliária, e foram criadas fichas nesse sentido, para “controlo” dessa leitura. Segundo a coordenadora, estas fichas são uma forma de os alunos perceberem o carácter obrigatório daquelas leituras e para distinguir os livros do PNL dos restantes livros que vêem na BE e que requisitam livremente. Esta distinção foi, aliás, bastante patenteada aos alunos: “Nós explicamos aos miúdos, ‘Olha este livro é um livro obrigatório, não é aquele livro que tu vais à estante, que escolhes e levas’”.

Por vezes, os livros são trabalhados primeiro na sala da aula e depois então são levados para casa, mas outras vezes opta-se pelo processo inverso. Ainda assim, o mais comum é que os livros, em cujas fichas de leitura domiciliária incidem, já tenham sido lidos na escola. Então aí, os alunos voltam a lê-los em casa, sozinhos e com a ajuda dos familiares, na íntegra ou apenas o capítulo em que incide a ficha.

As fichas de leitura domiciliária incentivam o apoio dos pais ou outros familiares na leitura do livro e na sua resolução. Por vezes, foram também feitas em grupo, por mais do que um aluno, que se juntavam a aproveitavam a disponibilidade de um familiar. Essas fichas identificam o trabalho como integrado na BE e o livro como uma obra seleccionada pelo PNL. Nessas fichas, os alunos são convidados a expressar através da escrita a sua apreciação do livro em questão e a identificar o familiar que os ajudou na leitura. Por vezes, foi também enviada uma ficha para os encarregados de educação, solicitando a sua opinião acerca do livro que o aluno levava para casa.

A leitura dos livros foi apresentada aos alunos como tendo um carácter obrigatório, ideia que trespassa também de certa forma o discurso da coordenadora: “Foi explicado aos alunos que há directrizes do governo, eles entendem mais assim, e que conforme há aqueles manuais que os professores têm de trabalhar com eles, agora também têm estes livros”. Numa abordagem inicial sobre as fichas, a coordenadora tentou também evidenciar junto dos alunos a sua importância e seriedade, que não deve ser descurada pelo facto de não contar para a avaliação. Posteriormente à sua elaboração pelos alunos, é feita a correcção pela professora.

Faço com que eles entendam que é uma ficha de trabalho, mas não é aquela ficha de avaliação a que eles estão habituados. Embora depois a professora faça sempre a correcção, não conta para a nota, mas que têm de fazer as coisas bem... Tento nos mais crescidos dar a entender um bocadinho que é uma coisa muito séria, que é para eles também entenderem que não é fazer por fazer.

Para além da utilização dos livros, que ocuparam um papel central nas actividades relativas ao PNL e que a coordenadora salienta frequentemente fazerem todos parte da lista recomendada, recorreu-se também a outros suportes, principalmente como complemento e fonte de apoio à realização de trabalhos sobre os livros. Esses outros suportes são revistas, DVDs, CD-ROMs ou a Internet.

Para além da realização de fichas, é destacado o trabalho de pesquisa e a elaboração de cartazes. No caso do 4º ano, por exemplo, foi feito um painel sobre o ciclo da água, com base no livro *O Segredo do Rio* e recorrendo também à pesquisa na Internet. No 1º ano foi também feito um cartaz, a propósito do livro *Bambi*, sobre animais domésticos e animais selvagens, com recortes de revistas que os alunos levaram.

Os trabalhos exemplificados evidenciam também a preocupação de articulação das leituras com os conteúdos curriculares. A partir do livro, para além de se ter induzido o recurso a outros suportes, também se abordaram e aprofundaram outras temáticas curriculares a que ele conduziu.

Alguns trabalhos foram depois expostos nas salas de aula ou na BE, e no final do ano lectivo serão colocados no livro de actividades da BE.

A escola não participou, pelo menos formalmente, na Semana da Leitura. Apesar de a coordenadora ter divulgado a iniciativa às professoras, estas manifestaram-se apreensivas quanto à sua integração. Decidiram não inscrever-se, devido à sua falta de disponibilidade na altura do ano lectivo em que surgiu. A coordenadora afirmou, contudo, que embora não tenha sido possível o desenvolvimento de nenhuma actividade diferente nessa semana, foi dada continuidade ao trabalho que estavam a fazer, ao nível da hora do conto, por exemplo.

A Semana da Leitura não fizemos inscrição, mas fizemos na prática. Divulguei às colegas a tempo e horas, as colegas disseram “Ai, mas mais um projecto...”, depois era no final do 2º período, o 4º ano vai ter provas de aferição, portanto ficaram um pouco aflitas... Pronto, e eu desta vez decidi fazer um pouco a vontade delas, não fiz a inscrição. Mas trabalhámos, demos continuidade ao que estávamos a fazer até aqui.

No 3º período, a coordenadora tinha a intenção de não trabalhar tanto a parte de registo escrito e visual, quer em termos de escrita ou gramática, quer em termos de fichas de ilustração, como vinha a ser feito nos primeiros períodos lectivos, mas sim de tentar desenvolver outro tipo de actividades. Actividades como recitais de poesias, dramatizações e teatro de fantoches. Este tipo de trabalho poderia vir a ser aproveitado para a festa final do ano, que conta com a presença dos encarregados de educação.

A cooperação dos pais até ao momento tinha passado apenas pelo apoio em casa, na elaboração das fichas de leitura domiciliária. No 3º período a coordenadora planeava convidá-los a uma maior participação, nem que fosse apenas na festa final do ano.

Estava ainda prevista a ida de um escritor à escola e, caso fosse possível, a organização de uma feira do livro.

A minha ideia é agora no 3º período, em vez de fazer o registo tão escrito, optar por fazer um trabalho mais dinâmico, em termos de recital de poemas, dramatizações, visita de escritores (...), e quero ver se consigo também (...) a feira do livro.

A coordenadora pensa que as professoras não informaram os encarregados de educação directamente acerca do que constava o PNL. Ainda assim, há a referência ao Plano nas fichas que os alunos levaram para casa e eles próprios ter-se-ão constituído como veículos da informação. Os pais apercebem-se que há um trabalho da escola e da BE, quanto muito vêm pelas fichas e pelos livros que os alunos levam para casa, afirma a coordenadora.

As fichas têm todas a identificação do PNL, porque depois no final do ano as fichas vão para casa dos pais e eles vão-se começando a aperceber, a ideia é essa. (...) E temos explicado aos alunos, eles explicam aos pais...

Alguns pais acham o trabalho interessante e alguns foram à BE ver os trabalhos dos alunos que estão expostos. Foram, contudo, poucos os pais que o fizeram.

Apesar de não ter sido prevista até ao momento da entrevista uma colaboração mais activa dos pais, nomeadamente na dinamização de actividades na escola, que teria eventualmente lugar no final do ano, a coordenadora identificou algumas dificuldades na sua implicação e adesão.

Por um lado, a maior parte dos pais prefere ter um papel mais passivo, assistindo a actividades desenvolvidas pelos alunos, do que participando mais activamente na sua dinamização. Há um pouco a mentalidade de que “a escola é dos filhos e não dos pais”. Por outro lado, também acontece que alguns pais têm ainda uma visão muito centrada no manual escolar como suporte da aprendizagem, não reconhecendo e desvalorizando as aprendizagens efectuadas com recurso a outros livros ou instrumentos de trabalho, como as promovidas pelo PNL.

Os pais valorizam os manuais. Mesmo os professores que não usam muito o manual como suporte, é apenas mais um elemento porque trabalham fichas elaboradas por eles, mais adequadas à turma e ao aluno, os pais às vezes... Pensam que o importante é o manual, “Compramos o manual e depois fazem outras fichas...”. E às vezes desvalorizam os livros que os alunos levam para a casa, “Ah o meu filho já tem muitos livros”. E agora eles já entenderam, mas no início disseram “Para que é tantos livros?”.

Também o facto de ser um trabalho associado à BE faz com que alguns pais o desvalorizem.

Alguns pais disseram quando os alunos levaram o livro para casa, “Ah isso não é um trabalho da professora, se quiseres faz, se não quiseres não faças...”. Outros não, são muito interessados. Há de tudo.

Ainda assim, tem havido em geral o apoio dos pais quando solicitado.

Quanto aos professores, a coordenadora refere que a sua adesão tem sido positiva e que todos têm participado na concretização do projecto. Ainda assim, a reacção inicial foi dispar. Enquanto alguns professores aderiram logo de imediato, valorizando o facto de a escola dispor de verba para a aquisição de livros novos, outros houve que numa primeira reacção encararam com algum desagrado a existência de mais um projecto pelo previsível atraso que iria causar no ensino das matérias. Tal também aconteceu por ocasião da Semana da Leitura, o que levou a que a escola não participasse activamente nessa iniciativa.

A existência de um projecto comum a todos os professores potenciou em certa medida o trabalho conjunto entre os docentes e com a coordenadora da BE, tendo proporcionado uma reflexão e discussão de ideias.

Pelos registos que têm sido pedidos aos alunos e pela observação do seu comportamento quando vão à BE assistir à leitura dos livros, a coordenadora pensa que a reacção dos alunos às actividades desenvolvidas é positiva. Os alunos manifestaram interesse, viram na televisão e ficaram orgulhosos por a escola ter sido contemplada com os livros. A coordenadora justificou esse “prémio” com o facto de a escola ter uma BE e ter desenvolvido um bom trabalho: “Eu expliquei-lhes que como esta escola tem BE e fizemos um bom trabalho, o Governo deu-nos dinheiro para comprarmos os livros, e temos de os trabalhar”. Nota-se também aqui a maior implicação da escola na utilização dos livros pelo facto de ter recebido o reforço orçamental.

O facto de levarem os livros para casa também gerou entusiasmo entre os alunos. A professora tem notado o despertar de novos interesses. Ainda assim, evidencia a redução das requisições dos livros da BE, as requisições “individuais”, que não os títulos do PNL, as “obrigatórias”. Embora alguns alunos continuem a requisitar também outros livros da BE, a maioria limita-se agora a levar para casa os livros em que incidem as fichas de leitura domiciliária.

Por outro lado, é notado o aumento da procura de livros para pesquisa, quer para serem utilizados na BE quer na sala de aula, e tanto por professores como por alunos.

Noto que em termos de requisição domiciliária dos livros da BE diminuiu bastante, mas também entendo isso, também prefiro que eles leiam estes do PNL quando vão para casa. (...) a requisição acaba por diminuir, porque eles também têm aqueles para trabalhar e os outros que levam é mais só para aquela leitura por ler...

Embora alguns professores se tenham questionado acerca da necessidade da aquisição de doze exemplares do mesmo título, por acharem demasiados, a coordenadora referia a sua mais-valia: “Assim dá para rapidamente rodar os livros em casa, porque, em duas semanas ou três, os livros passam pelos alunos todos, e eles têm na mesa deles um livro para dois e na BE também quando fazem a leitura mais autónoma”. A aquisição destes livros através do apoio do PNL, num total de cerca de 300, veio também enriquecer o fundo documental da BE.

A coordenadora indicou estar satisfeita até agora com os resultados alcançados com o PNL. Pais, alunos e professores têm, em geral, aderido. Mas, sublinha, o PNL veio essencialmente reforçar o trabalho que já era feito na escola, e não se constitui como uma novidade. Novo foi contudo o facto de os alunos terem livros de “leitura obrigatória”, o que só acontecia a partir do 2º ciclo.

O tipo de trabalho desenvolvido este ano, pelo menos as fichas de trabalho, já era habitualmente desenvolvido pelas professoras e pela coordenadora, afirma. É um trabalho que já vem de anos anteriores, apesar de as fichas utilizadas este ano terem sido criadas especificamente para os livros do PNL, de o formato ter sido feito de acordo com os livros em causa. Surgiu como novidade a ideia de pedir nas fichas que os alunos fizessem uma apreciação dos livros, que transpusessem para o papel aquilo que entenderam e mais valorizaram do livro.

Também a hora do conto, o visionamento de DVDs ou a utilização da BE pelos professores são práticas habituais em anos anteriores. Contudo, o PNL veio alterar a programação inicial da BE. Como surgiu já com o ano lectivo a decorrer, veio interferir com as actividades que já estavam planeadas e veio acumular mais trabalho. A coordenadora conta que no 2º período praticamente não trabalhou com os livros da autora que tinha escolhido para trabalhar durante o ano lectivo – e que era o seu projecto com as professoras – porque surgiu o PNL. Acabou assim por se dedicar mais às obras do PNL.

A entrevistada pensa que de uma maneira geral o projecto tem sido cumprido e que não têm havido desvios muito significativos ao previsto inicialmente. Contudo, o facto de não estar a tempo inteiro na BE da escola para auxiliar o trabalho com os alunos, já que os professores têm também um programa curricular para cumprir e não podem estar só direccionados para o PNL, pode ter limitado em parte as actividades.

O facto de ter sido o primeiro ano que a escola esteve implicada no PNL e o seu arranque tardio em relação ao início do ano lectivo justificou também alguns aspectos menos bem planeados. A coordenadora da BE e professora de contacto com o PNL na escola afirma que no próximo ano já estará tudo mais bem definido e fazendo proveito da experiência ganha este ano, será possível organizar as actividades de uma forma mais calma. O PNL fará parte desde o início do projecto educativo do agrupamento, das planificações da escola e do projecto curricular de turma e os livros serão trabalhados logo a partir de Setembro.

A coordenadora manifestou a sua intenção (e das colegas) de, nos anos seguintes, continuarem a desenvolver as actividades inseridas no âmbito do PNL, tendo mencionado que seria positivo se lhes fosse

atribuída mais verba para adquirir novos livros. Contudo, referiu que, caso tal não aconteça, irão utilizar os livros deste ano com outras turmas. Importa também divulgar mais o PNL aos pais e tentar levá-los mais vezes a participar nas suas actividades.

Quanto aos efeitos que poderão vir a ser alcançados a médio/longo prazo, a coordenadora espera que seja reforçado o gosto pela leitura dos alunos e que eles entendam o prazer da leitura, que não a encarem como um aborrecimento. É precisamente com o intuito de promover a leitura como um gosto, que a coordenadora tenciona no 3º período, ao invés de se centrar tanto no registo da aprendizagem dos alunos através de fichas, apostar no aspecto mais recreativo, nas dramatizações, nas recitações de poemas. Espera também que alunos e pais entendam que as aprendizagens não são geradas apenas através dos manuais escolares.

O Plano Nacional de Leitura na sua organização

A coordenadora tomou conhecimento do PNL através da página da RBE na Internet e da imprensa e, de uma forma mais oficial, quando chegaram à escola os ofícios reenviados pelo agrupamento, com informação em suporte impresso sobre o PNL.

Desde logo, a sede do agrupamento escolar incentivou a adesão de todas as escolas e orientou-as no sentido de se juntarem por freguesia e seleccionarem os mesmos livros para leitura em sala de aula. A coordenadora afirmou que na altura ficou a dúvida se as escolas seriam obrigadas ou não a participar no projecto e se dentro da escola bastaria apenas uma turma ou se todas teriam de estar envolvidas. Mas, independentemente da resposta a estas questões, a coordenadora da BE considerou que era um dever a participação da escola e o envolvimento de todos os professores, pelo facto de a escola ter uma BE. Confessou também que previu de imediato que o reforço orçamental iria privilegiar as escolas que possuíam este recurso educativo.

A coordenadora reuniu-se, então, com os professores tendo elaborado o projecto para o PNL e escolhido os livros para leitura, ao que se seguiu a inscrição via Internet que foi feita com a ajuda do agrupamento.

Os livros para leitura em sala de aula foram seleccionados pelos professores de entre a lista recomendada pelo PNL. Os critérios de escolha foram inicialmente o conhecimento prévio que tinham de alguns livros ou dos seus autores ou ilustradores, e também nalguns casos a sugestão do título. A coordenadora prestou também algum apoio nesta selecção, pesquisando na Internet e indo à Biblioteca Municipal, para ter um maior conhecimento dos livros e poder dar aos professores algumas indicações.

Agrupados por ano de escolaridade, e a nível do agrupamento, os professores escolheram três livros, um por período. Note-se que no caso de turmas com mais de um ano de escolaridade foram também escolhidos os mesmos livros para os diferentes anos.

A verba, cuja confirmação da atribuição chegou no início do mês de Dezembro, foi disponibilizada no final do mesmo mês. A coordenadora reparou que a informação relativa à atribuição do financiamento chegou primeiro à escola e só depois ao agrupamento, o que não lhe pareceu muito correcto, para além de que essa carta chegou até antes de terem inscrito o seu projecto na Internet: “Houve aí algumas falhas”.

A EB1 de Santo António e mais duas escolas do agrupamento obtiveram financiamento. Cada uma foi contemplada com 2000 euros. A verba total foi gerida entre as escolas por forma a que todas fossem favorecidas da mesma forma. Ou seja, os 6000 euros foram divididos por turmas e não por escola, porque umas escolas têm mais turmas do que outras: “Se fossemos rigorosos, havia escolas mais favorecidas do que outras”. Esta decisão passou antes por contactos com o gabinete do PNL por parte da sede de agrupamento, que aprovou este critério de gestão da verba.

Os livros foram então encomendados à livraria, em quantidade de doze cada título, e só começaram a chegar à escola entre meados de Janeiro e início de Fevereiro, mas apenas cerca de 60% dos que tinham sido seleccionados numa primeira fase. As editoras não conseguiram disponibilizar os restantes títulos e então os professores e a coordenadora tiveram de os substituir por outros, mas todos integrados na lista do PNL. É bastante evidenciada a preocupação de seguir minuciosamente as indicações do PNL e focar a escolha de livros na lista recomendada.

Na primeira fase achei mais sensato e também por indicação do agrupamento e das bibliotecas escolares, que os livros seleccionados e as substituições estivessem todos na lista do PNL. Não coloquei outros, achei que devia seguir à risca.

Alguns livros escolhidos agradaram os professores, mas outros revelaram-se um pouco difíceis ou fáceis demais para os alunos. A este propósito, a coordenadora faz alguns comentários espontâneos sobre a lista de livros seleccionada pelo PNL. Em seu entender, ela inclui alguns livros que poderão não ser os mais adequados para as diversas faixas etárias.

Para além disso, a escolha de um mesmo livro para dois anos de escolaridade, integrados numa mesma turma, feita por alguns professores, revelou algum acréscimo de dificuldade na sua conveniente exploração, por ser difícil adequar um livro da mesma forma a diferentes anos de escolaridade.

A coordenadora referiu também algum desagrado pela ausência, na lista de recomendações do PNL, de alguns livros que ela e os professores conhecem e que consideram muito interessantes. Por outro lado, admitiu que se não fosse o PNL não pensaria em determinados autores e livros que foram sugeridos e que surpreenderam pela positiva. A nível do pré-escolar, pensa que devia haver uma maior quantidade de livros de autores portugueses, já que a maioria é de autores estrangeiros.

Os livros circularam não só entre turmas como entre escolas. Os livros foram sendo emprestados também a escolas que não obtiveram financiamento. No caso da EB1 de Santo António, a escola adquiriu mesmo os livros seleccionados pelo JI que se situa ao lado da escola. Este JI, pertencente ao mesmo agrupamento, não faz parte desta escola, mas está integrado na sua BE. Existe uma grande colaboração entre a escola e esse JI, que passa principalmente pela partilha da BE e dos seus recursos. A coordenadora dá também apoio às salas do pré-escolar no âmbito do PNL, trabalhando com as educadoras em algumas actividades, de que é exemplo a construção de um livro.

Depois de circularem por turmas e, quando caso disso, por escolas, os livros são guardados na BE, ao dispor de quem os queira requisitar ou consultar.

A articulação entre as escolas do agrupamento a nível do PNL passou assim essencialmente pela distribuição da verba e pela circulação de livros entre escolas. Já no que respeita às actividades, cada escola foi

autónoma no seu desenvolvimento, embora tenha existido sempre alguma partilha e similitude pelo facto de a coordenadora da BE estar com recursos partilhados.

O papel da coordenadora da BE e professora de contacto com o PNL na escola é bastante central no âmbito deste projecto. Compete-lhe consultar o sítio do PNL na Internet, onde recolhe as informações que julgou mais pertinentes e disponibiliza-as aos professores. A entrevistada mencionou, ainda, utilizar o sítio electrónico também para ver sugestões e orientações, embora confesse que grande parte não se constituem para si como uma novidade. A documentação retirada da Internet é colocada num dossiê que criou para o efeito e a mais relevante é fotocopiada para os professores.

No que respeita ao esclarecimento de dúvidas relativas ao PNL, a coordenadora remete-as em geral para a reunião que tem regularmente com uma colaboradora da RBE, uma denominada “andorinha”, que é a ponte entre a BE e a Rede. As dúvidas iniciais, por exemplo, foram assim esclarecidas: “Será que isto é um trabalho para a escola? A biblioteca pode agarrar? Como deve fazê-lo?”. Estas reuniões foram consideradas como muito positivas por permitirem também a troca de ideias e serviram de apoio a planificação das actividades da BE.

As informações e sugestões adquiridas através destas reuniões são depois transmitidas pela coordenadora aos professores. Tem existido um trabalho de parceria com os colegas: planificam em conjunto o trabalho, todos dão ideias e participam.

Ainda que com a colaboração dos professores, a coordenadora tem dado um importante contributo na elaboração das fichas de trabalho: “A iniciativa tem sido minha, tenho feitas no computador, as colegas tiram fotocópias. (...) Umas fichas foram inventadas por mim, outras não, foram em parceria com as colegas. (...) Depois em termos de formatação no computador é da minha responsabilidade, depois o corrigir é das colegas.”.

A coordenadora considerou o facto de a BE pertencer à RBE como uma mais-valia para as actividades do PNL, associando a atribuição do reforço orçamental pelo PNL a essa integração. O reforço foi visto como um prémio para as escolas que se têm esforçado e que implementaram uma biblioteca escolar devidamente estruturada, e um incentivo para que as BEs desempenhem um papel de cada vez maior articulação com as salas de aula e para que mais escolas adiram ao projecto da RBE.

Só o facto de o Ministério ter decidido enviar a verba para as escolas que têm biblioteca integrada na RBE, é mais um incentivo para que o projecto da RBE se mantenha e que haja realmente uma maior partilha entre os professores e os coordenadores.

Também a Biblioteca Municipal tem colaborado com a BE, através do seu SABE. Para além do apoio técnico e da facilidade na requisição de livros, a BM tem dinamizado actividades de animação e promoção da leitura. Por vezes os alunos deslocam-se lá e outras, embora menos frequentemente, as animadoras vão à escola. Ainda assim, não são actividades directamente relacionadas com o PNL.

Por parte da Associação de Pais, a cooperação passa essencialmente pelo apoio financeiro ao desenvolvimento de actividades. No que refere ao PNL, será pedido o seu apoio para a ida de escritores à escola. Este tipo de actividades costuma contar também com o apoio da Junta de Freguesia.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais

A coordenadora considera a criação do PNL oportuna. Na sua opinião, era previsível a sua criação, pelo facto de no ano lectivo 2006/2007 as directrizes a nível das BEs atenderem muito à parte das temáticas curriculares.

A entrevistada indicou que associa em grande medida o Plano ao projecto das bibliotecas escolares e à RBE, notando uma sintonia no que respeita às pessoas que estão envolvidas e aos objectivos que estão na origem de cada um dos projectos, que entende tão dependentes entre si.

Manifestando alguma dificuldade em avaliar a acção do PNL fora do âmbito escolar, a coordenadora incidiu o seu discurso na apreciação da forma como ele decorreu a este nível.

Em primeiro lugar, chama a atenção para o arranque tardio do PNL em relação ao início do ano lectivo, que veio interferir com as planificações já efectuadas e não permitiu uma preparação conveniente por parte da escola para o PNL. Também a atribuição de verbas foi tardia e criou obstáculos a uma resposta eficaz por parte das editoras.

Em meu entender, se queriam que isto comesse no ano lectivo de 2006/2007 deviam ter preparado, informado as escolas, seleccionado as escolas para as verbas com mais antecedência. O que foi feito no 1º período devia ter sido feito no 3º período do ano lectivo transacto. Tanto para os docentes planificarem as suas actividades, como também da parte das editoras estarem preparadas atempadamente para começar tudo em Setembro.

Em segundo lugar, são referidas algumas críticas à lista de livros recomendada pelo PNL, já identificadas anteriormente. A coordenadora manifestou algum desconhecimento acerca dos critérios adoptados para aquela selecção. Não sabe quem foram os responsáveis e se os professores foram auscultados nesse processo, e caso tenham sido, se essa auscultação se baseou ou não numa amostra aleatória, uma vez que a coordenadora pensa que a opinião dos professores é muito importante para a criação de uma lista com aquele carácter.

Foi ainda mencionado o desagrado pelo facto de ter sido transmitida, no entender da coordenadora, alguma rigidez relativamente ao tempo que deveria ser dedicado à leitura na escola, que foi interpretado como uma obrigação.

Aquela ideia de ser uma hora rigorosa não me agrada, porque se calhar hoje só dou meia hora mas amanhã dou duas... (...) Eu penso que a forma como estava escrito... Eu também interpretei no mau sentido, é uma hora para ler, é um trabalho obrigatório. Interpretei que era obrigatório e a maior parte das colegas também, e acharam que era insensato porque elas já fazem essa leitura ao longo do dia, ao longo da semana, ao longo do ano lectivo. Agora não quer dizer que seja só aquela obra, porque quando estão a pegar no manual e estão a trabalhar uma lição estão a fazer leitura com os alunos, quando estão a ler o estudo do meio estão a fazer leitura...

Relativamente à atribuição das verbas, a coordenadora acha correcto que se tenham privilegiado as escolas com BE e aderentes à RBE, ainda que a opinião dos professores da escola divirja quanto a este aspecto. Essa atribuição é vista pela coordenadora como uma compensação e a sua expectativa é que a escola continue a receber de futuro algum reforço orçamental para a aquisição de mais livros, nem que seja por via da Câmara ou de empresas.

A existência de livros de “leitura obrigatória” logo no 1º ciclo é considerado um aspecto positivo, porque é para todos os alunos. A coordenadora reconheceu que há escolas e professores que não se interessam por este tipo de trabalho, pela leitura de livros que não os manuais, e que acham que o trabalho no

1º ciclo é dentro da sala de aula, desprezando o papel da BE. O PNL veio uniformizar as práticas lectivas, fazendo com que todos professores centrem mais a sua atenção no dever de promoção destas actividades.

A nível mais geral, a coordenadora da BE espera que os pais vão mudando mentalidades e se vão apercebendo da importância da leitura de livros que não os manuais escolares. Ao ser-lhes proporcionado um contacto mais próximo com os livros do PNL, que os alunos levam para casa, os pais vão-se apercebendo “que há obras interessantes”. O PNL contribui para a divulgação de escritores e de ilustradores, não só entre os pais como entre os professores.

A coordenadora considera a publicidade do PNL que tem visto até agora interessante. A imagem da marca Ler+ é considerada muito sugestiva, simples, com um bom grafismo e transmite o propósito do projecto.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

Quando questionada acerca da situação geral do país quanto à leitura e à literacia, a coordenadora considerou ser muito fraca. Por um lado, não há muito o hábito de ler, justificado em grande parte pelo *boom* dos meios audiovisuais, embora estes não substituam, no seu entender, o prazer da leitura de um livro.

A imagem atrai muito e acabamos muitas vezes por em vez de ler um livro ver um vídeo. Mas o prazer de ler um livro, ter o livro nas mãos, abrir, folhear, estar com ele uma semana e depois voltar a pegar, estar uma noite a ler porque se quer acabar o fim, aquele cheirinho do livro, isso não tem nada a ver com um filme.

Por outro lado, há que colocar em questão o que se lê. E segundo a coordenadora, lê-se cada vez mais as denominadas “revistas cor-de-rosa” e os jornais sensacionalistas.

A leitura é fundamental para a nossa aprendizagem, refere. Através do processo de leitura, as crianças memorizam as palavras e, para além de aumentarem o seu vocabulário, diminuem os seus erros ortográficos. Para além disso, a leitura desenvolve a imaginação e dá acesso a novos conhecimentos.

O PNL pode contribuir para promover a leitura, e mais uma vez a coordenadora remete-se ao âmbito escolar e à importância do papel das BEs. O caminho que se está a seguir é em sua opinião o correcto e o contributo ao nível do enriquecimento do fundo documental das BEs e da promoção de actividades de leitura é importante.

Sugestões e propostas

De futuro, a coordenadora pensa ser importante a continuidade do PNL. Há que insistir também na sua divulgação. Essa divulgação deveria ter uma presença mais forte em *outdoors*, na imprensa e principalmente na televisão, não apenas na RTP, mas sim em todos os canais.

A coordenadora sugeriu também de futuro o envio de cartazes às escolas, que possam ser expostos no sentido de uma mais eficaz divulgação do PNL junto de pais e alunos.

É ainda recomendado que o PNL estenda os seus apoios às escolas que, durante a primeira fase de implementação, não tiveram acesso e que o seu plano de acção abranja já numa segunda fase as escolas secundárias. Deverá também manter-se o apoio às escolas que a ele já tiveram acesso, o que poderá ser feito por via de Câmaras ou empresas, cuja colaboração com o PNL é preciso reforçar.

O PNL deverá também permitir a planificação mais atempada das actividades do ano lectivo, contactando as escolas com maior antecedência relativamente ao arranque do ano escolar e atribuindo as verbas orçamentais ainda antes do seu início. As editoras deverão também, desta forma, preparar-se mais convenientemente para dar uma resposta eficaz às necessidades das escolas.

Uma última sugestão prendeu-se com a clarificação dos critérios adoptados para a selecção da lista de livros.

Caracterização da BE e da sua utilização/funcionamento (descrição e avaliação)

A escola tem uma BE há cinco anos.

A BE da escola é partilhada com o JI que se situa junto ao edifício da escola e que integra o mesmo agrupamento escolar. Trata-se de uma partilha do espaço, dos recursos materiais e equipamentos e também dos recursos humanos, pois a coordenadora da BE presta também apoio às educadoras do JI. A BE integra assim cerca de 150 alunos, 108 da escola e mais 45 crianças do JI.

O espaço da BE, localizado no piso térreo, é considerado muito apropriado. Segundo a sua coordenadora, tem mais do que as dimensões mínimas exigidas aquando da sua instalação no âmbito da RBE e tem uma boa luz exterior. O mobiliário é também adequado. Apenas seria recomendável a existência de uma ou duas mesas com cadeiras mais baixas para os alunos do JI.

O fundo documental foi considerado razoável. A maior parte são livros, cerca de 2000 (já contando com os livros do PNL), embora haja uma grande diversidade de suportes para além deles, como CD-ROMs, DVDs e cassetes de vídeo. Quanto aos equipamentos, a BE dispõe de três computadores para utilização dos alunos, uma televisão, um leitor de cassetes, um leitor de DVDs, um retroprojector e um projector de slides.

Desde o início da instalação da BE que a coordenadora lá trabalha. Primeiro foi destacada a tempo inteiro, mas logo, com a criação de uma outra BE no agrupamento, ficou com recursos partilhados, dividindo o seu trabalho entre duas escolas. Uma semana está numa e outra semana vai para a outra. A BE não tem outro funcionário para além dela.

O horário da BE é o horário normal da escola, ou seja, das 9h às 12h e das 13h30 às 15h30. Nas semanas em que a coordenadora não está lá, as professoras utilizam à mesma este espaço quando dele necessitam.

Para além da RBE, as colaborações externas vêm da parte da Câmara e da BM. Quando da sua organização, a Câmara foi responsável pelas obras e a BM responsável por definir o equipamento e o fundo documental, em parceria e sob as orientações da RBE.

Depois disso, a Câmara envia por vezes CDs ou DVDs e apoia a aquisição de alguns consumíveis. A BM tem vindo a prestar apoio através do SABE, apoio técnico, esclarecendo dúvidas sobre as bases de dados da BE quando solicitado e promovendo acções de formação, e ao nível da dinamização de actividades de promoção do livro e da leitura, quer na BM quer por vezes fazendo deslocar animadores à escola. É também concedida alguma facilidade na requisição de livros para a escola, com uma grande permissão de datas de entregas. A coordenadora diz lá recorrer quando os professores lhe pedem livros que não estão disponíveis na BE.

A divulgação de actividades da BE é feita apenas no interior da escola e eventualmente para os encarregados de educação. No final do ano são expostos trabalhos dos alunos na BE e os pais vão lá vê-los, aquando da festa final do ano.

Uma calendarização estipula o horário em cada professor se pode deslocar à BE com a sua turma, embora não se trate de algo muito rígido. Essa calendarização contempla uma média de 1h30 por semana por turma, destinada à requisição domiciliária de livros, requisição de livros ou outros suportes para a utilização na sala de aula, hora do conto, visionamento de vídeos, realização de trabalhos de pesquisa bibliográfica e na Internet ou elaboração de outros trabalhos.

A utilização da BE pelos alunos é assim quase sempre enquadrada pelos professores. Não é habitual deslocarem-se lá informalmente, até porque não têm muitas oportunidades no horário para o fazerem, excepto nos intervalos.

Mesmo quando a professora não se desloca à BE, os alunos quando são para lá dirigidos têm normalmente tarefas definidas previamente e contam com o apoio da coordenadora da BE. Nos momentos em que são deixados mais à vontade, os alunos vão preferencialmente para os computadores.

No que respeita à requisição domiciliária, é dada liberdade aos alunos para escolherem os livros que querem levar para casa, embora a coordenadora e os professores orientem por vezes essa selecção. Isso acontece quando acham o livro desadequado para a faixa etária do aluno, ou quando os professores estão a trabalhar determinado tema e induzem os alunos a levar livros que o abordem.

A coordenadora pensa que os alunos gostam do espaço da BE. Eles manifestam sempre vontade de lá ir, embora alguns encarem a ida à BE como uma diversão, no sentido da brincadeira e de algo menos sério do que o trabalho em sala de aula, principalmente quando é para ver vídeos.

A BE tem contribuído para a formação dos alunos e para o aumento das suas práticas e gosto pela leitura, familiarizando-os também com o funcionamento daquele tipo de espaço e com as normas de pesquisa bibliográfica, o que será importante no seu futuro escolar, crê a coordenadora. A BE constitui-se como uma plataforma essencial na redução das desigualdades de oportunidades, porque permite o acesso aos livros a todos os alunos, acesso esse que é especialmente importante para aqueles que fora da escola não têm contacto com eles.

Há uns alunos que, se não fosse a BE, ou porque os pais não estão interessados ou porque moram longe, nunca visitariam uma biblioteca. E há miúdos que conhecem a BM porque foram levados pela escola.

Para melhorar o funcionamento da BE, a coordenadora pensa que seria importante se estivesse destacada a tempo inteiro e não com recursos partilhados, ou então se houvesse um outro funcionário que auxiliasse o seu trabalho e que estivesse a tempo inteiro na BE, dando apoio a professores e alunos quando ela não se encontra lá.

Nos dois anos que estive a tempo inteiro na BE trabalhei muito mais com alunos e professores, senti-me muito mais gratificante do que agora. Estou satisfeita, mas às vezes sinto que fico aquém daquilo que poderia ir e sinto que os professores também. Depois o facto de não haver um auxiliar a tempo inteiro aqui, naquela questão até de requisição de livros, de quando eu não estou a poder até dar uma ajuda... acabava a BE por ter mais vida, ser mais utilizada.

A BE não tem projectos específicos de futuro. As suas actividades são planeadas todos os anos a partir do projecto educativo do agrupamento, dos planos curriculares de turma e das orientações da RBE.

No final de cada período, a coordenadora reúne com os professores da escola e é feito um balanço das actividades desenvolvidas e do seu desempenho à frente da BE. Para além desse balanço em grupo, a coordenadora faz uma auto-avaliação do seu trabalho e o resultado de tudo isso é enviado à pessoa de contacto da RBE, a “andorinha”.

A RBE (contactos, importância, avaliação)

A BE foi instalada na escola há cinco anos, após a aceitação da candidatura à RBE.

Antes da instalação da BE, a escola tinha uma espécie de biblioteca de turma, um espaço que era a terça parte do actual, com apenas algumas estantes, onde alguns professores guardavam alguns livros, sem que houvesse ninguém responsável por ele. Antes de se candidatarem à RBE, decidiram juntar uma sala àquele espaço, para que fosse mais amplo e permitisse a constituição de uma BE.

A RBE deu todo o apoio na instalação da BE, e contou também com a parceria da Câmara e da BM. Orientaram a estruturação da BE, a criação das suas várias zonas funcionais, a disposição do mobiliário.

A escola já possuía alguns equipamentos, mas outros foram adquiridos através das verbas iniciais atribuídas pela RBE. Essa verba permitiu também a aquisição do mobiliário e de algum fundo documental. Foram adquiridos cerca de 700 livros com esse apoio, que se juntaram aos livros que a escola já possuía.

Foi também desde logo destacada uma pessoa para coordenar a BE, inicialmente a tempo inteiro e depois a meio tempo. Esse apoio a nível de recursos humanos é considerado imprescindível.

Depois da verba atribuída inicialmente aquando da candidatura, não houve mais apoio financeiro pela RBE. A coordenadora espera que para o ano a BE seja contemplada com reforço para fundo documental.

Durante estes anos, após a instalação da BE, a entrevistada destacou o apoio que tem tido através da “andorinha”, com quem se reúne regularmente e que lhe fornece orientações para melhorar o funcionamento da BE, e também as formações que têm sido promovidas pela RBE.

A avaliação que faz da RBE é bastante positiva e é manifestado o desejo da sua continuidade, como até aqui. Manifestando algum descontentamento com as novas directrizes do Ministério da Educação, a coordenadora diz esperar que não se recue com o projecto das BEs. Espera que se mantenham os recursos humanos afectos a estes espaços e sugere mesmo que seja aberto um quadro, para aumentar a sua estabilidade e contribuindo assim para o melhoramento do seu desempenho.

Pensa também que seria importante fomentar os destacamentos a tempo inteiro nas BEs. Mesmo que nalguns casos os coordenadores ficassem com recursos partilhados, poderiam ser colocados auxiliares a tempo inteiro, que dessem continuidade ao trabalho e permitissem a maior dinamização das BEs. É isso que acontece em geral nas escolas de 2º e 3º ciclos e secundárias, afirma.

É ainda sugerido um maior apoio financeiro por parte da RBE no que toca à organização de actividades nas BEs, como os encontros com escritores, já que nem sempre o apoio das Câmaras é o desejado a esse nível.

A vinda de escritores, ou arranjamos alguém que faça gratuitamente ou então recorremos a quem? (...) A RBE não apoia financeiramente esse tipo de actividades. Isso compete também à Câmara, mas não há muita verba.

2.4. Biblioteca Escolar da Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos Serra da Gardunha (Fundão)

2.4.1. Relatório de visita

O primeiro contacto com a Biblioteca Escolar foi efectuado por telefone no dia 27 de Março de 2007 através do coordenador da BE (simultaneamente professor de contacto com o PNL na escola), que manifestou imediatamente disponibilidade para colaborar.

A visita à BE iniciou-se no dia 24 de Abril de 2007 às 14h30m. Num primeiro momento foi visitado o espaço da Biblioteca e os corredores de salas de aula mais próximos, cujas paredes tinham diversas citações de Vergílio Ferreira, ali colocadas no âmbito do Clube de Leitores do autor na escola. Nas portas das salas encontravam-se, por outro lado, citações dos alunos acerca da leitura e da biblioteca, devidamente identificados. O coordenador considera que é uma forma de estimular os alunos a participar nas iniciativas da BE e verem o seu trabalho reconhecido e exposto por toda a escola.

A BE encontra-se logo à entrada da escola, estando rodeada no exterior por cartazes informativos das actividades do PNL levadas a cabo na BE e com trabalhos expostos realizados pelos alunos. É um espaço bastante amplo, luminoso, com vista para a Serra da Gardunha e encontra-se cheio quer com mesas, quer com estantes de livros ou painéis. Foram percorridos os diferentes espaços da BE e observados os diversos materiais e trabalhos expostos relativos às actividades realizadas no âmbito do PNL. O símbolo Ler+ estava exposto por toda a biblioteca, encontrando-se inclusive um computador ligado só com a divulgação dos objectivos do Plano e das actividades da BE nesse contexto. Por toda a biblioteca se encontram espalhados diversos painéis, mesas e armários com trabalhos e fotografias dos alunos relativos à exploração das obras sugeridas pelo PNL. O coordenador mostrou também o conjunto de caixas com os livros do Plano, sendo que cada uma delas contém os 12 exemplares de cada livro adquirido. No exterior das caixas encontra-se a capa e a indicação da obra. Naquele período a BE tinha poucos alunos que se encontravam nos computadores e a trabalhar em grupo.

Iniciou-se então a entrevista com o coordenador numa sala no interior da BE de forma bastante livre e informal, através da visualização de fotografias no computador das actividades que tinham desenvolvido no dia anterior na comemoração do Dia Mundial do Livro. Prosseguiu com outras fotografias de outras actividades que ia explicando e enquadrando. No decorrer da entrevista a presidente dos órgãos de gestão veio dar as boas vindas e disponibilizar-se para qualquer solicitação. Foi, contudo, necessário interromper a entrevista para se iniciar, no mesmo local, a entrevista com um grupo de professores, sendo que a mesma teve de terminar quando tocou para se iniciarem novas aulas. Prosseguiu-se em seguida para a entrevista a um funcionário da BE.

Posteriormente, foi possível visitar uma sala onde decorria uma aula do 5º ano de escolaridade de uma das professoras que participou na entrevista de grupo. Era a disciplina de Formação Cívica e os alunos encontravam-se em grupos a trabalhar sobre um panfleto de prevenção rodoviária. Surgiu a possibilidade de lhes colocar algumas questões a que apenas um grupo restrito de alunos respondeu. Afirmaram conhecer o Plano Nacional de Leitura e explicaram que consistia nas actividades que levavam a cabo com base nos livros

do Plano, tanto na sala de aula, como na BE, tendo enumerado brevemente algumas delas. Consideram que o PNL tem por objectivo fazer com que as pessoas pratiquem a leitura, o que é fulcral para a sua formação futura, para aprenderem vocabulário, para estimular a sua imaginação e para “viajarem em sonhos” com os livros. Todos eles afirmaram frequentar semanalmente a BE, nuns casos apenas com os professores, noutros por iniciativa individual. Apenas dois deles afirmaram frequentar a Biblioteca Municipal com os pais. No final, a professora informou que se tratava de uma turma específica, cujos alunos provinham maioritariamente das aldeias do concelho do Fundão e, nesse sentido, inserem-se em famílias mais desfavorecidas que nem sempre acompanham as actividades dos filhos na escola, ainda que eles se encontrem motivados para ler. Referiu ainda que noutras turmas, com alunos maioritariamente provenientes da cidade do Fundão e cujos pais têm inclusive formação superior, as crianças encontram-se mais empenhadas e são estimuladas pela família.

Posteriormente, de regresso à BE, foi possível completar a entrevista ao coordenador da BE. Contudo, estabeleceu-se ainda cerca de uma hora de conversa com o coordenador que foi, entretanto, mostrando outros documentos que tinha no computador relativamente às actividades da BE no âmbito do PNL. Referiu-se, por exemplo, à dificuldade que os professores têm em utilizar as TICs, o que acaba por distanciá-los ainda mais dos alunos que as dominam com facilidade. Antes de terminar a conversa, o coordenador perguntou se poderia ficar com os guiões de entrevista utilizados para os diferentes agentes na escola, uma vez que achou que as questões colocadas sistematizavam um conjunto de informação que a própria BE gostaria de recolher, podendo, nesse sentido, os guiões funcionar como base de suporte para construírem as suas próprias questões. No final, foi ainda possível visitar o gabinete da presidente dos órgãos de gestão, que manifestou bastante contentamento pela visita e pelo reconhecimento das boas práticas levadas a cabo na escola.

2.4.2. Entrevista a Coordenador da BE

Perfil do entrevistado

O coordenador da BE tem 39 anos, tem uma licenciatura em Educação Visual e Tecnológica e uma pós-graduação em Tecnologias Educativas pela Faculdade de Psicologia de Lisboa. Lecciona há 17 anos, inicialmente na área da Educação Visual e Tecnológica e mais tarde na área das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). Percorreu já algumas escolas, nomeadamente localizadas na Sertã e em Alcains, nas quais participou também nas equipas das BEs, ainda que não na coordenação das mesmas. Porque o seu interesse pelas BEs foi crescendo, realizou algumas formações nessa área. No ano em que ficou efectivo na EB 2, 3 Serra da Gardunha propôs fazer a candidatura à RBE e ficar como coordenador da BE. Entretanto, fez já várias formações, nomeadamente *online*, através do Prof2000 na área das bibliotecas. O ano passado participou na formação de professores para as BEs do projecto THEKA, da FCG.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola e na biblioteca

A escola desenvolve há já alguns anos actividades de promoção do livro e da leitura junto dos seus alunos, tendo como pólo dinamizador a BE. Têm, por exemplo, realizado encontros com escritores todos os anos, sendo que os alunos preparam as visitas fazendo a exploração das suas obras através da análise do texto e recorrendo também à expressão gráfica. Têm também um “Clube de Leitura Vergílio Ferreira”, organizado por duas professoras que fazem parte da equipa da BE, que tem lugar às quartas-feiras à tarde e que se centra fundamentalmente na leitura e na realização de actividades relacionadas com a obra do autor. Os alunos visitaram já o Seminário do Fundão, que o autor frequentou, e desenvolveram diversas iniciativas tendo por base a produção literária de Vergílio Ferreira. Têm também realizado inúmeros concursos e dramatizações de textos.

A escola tem procurado sempre estimular e sensibilizar os alunos para a leitura e para o livro, contudo, consideram também fulcral mobilizar os encarregados de educação, sem o apoio dos quais as acções levadas a cabo pela escola podem não ter efeitos. Neste sentido, muitas das actividades que a mesma desenvolve direccionam-se para os pais e familiares com o intuito de sensibilizá-los para a importância da leitura e, assim, actuar num dos principais eixos socializadores das crianças. Procuram não só envolvê-los em actividades específicas, solicitando, por exemplo, a sua colaboração para contarem histórias na sala de aula, como também mobilizá-los para serem os próprios a organizarem actividades no espaço escolar. Sensibilizar os pais é também uma forma de não cingir a promoção da leitura à população e ao espaço escolar.

Temos também que chegar ao resto da população (...) Queremos que passe também os muros da escola. E acho que o primeiro passo tem que ser chegar mesmo aos encarregados de educação. A partir daí também já temos um grande núcleo de população envolvida, portanto, os alunos, os encarregados de educação já irão construir um bom número da população portuguesa. Cabe também muitos às escolas como é que consegue fazer chegar isto aos encarregados de educação.

No âmbito do PNL, a escola continuou a desenvolver grande parte das actividades que já levava a cabo, ainda que o coordenador reconheça que as mesmas tenham sido reforçadas e ampliadas.

A partir de Dezembro iniciaram-se na escola as actividades que a escola desenvolveu especificamente para dar resposta ao Plano Nacional de Leitura:

- “O verbo LER não suporta o imperativo”. Acção de formação realizada no dia 5 de Dezembro de 2006 à noite, promovida pela BE que convidou a Associação de Pais e Encarregados de Educação do Agrupamento Serra da Gardunha a organizar o evento em co-parceria. A professora Graça Sardinha, da Universidade da Beira Interior, foi convidada para falar às cerca de 50 pessoas presentes (pais e professores) sobre livros e leitura, sugerindo formas criativas para os pais promoverem a leitura junto dos seus filhos com base em actividades rotineiras do quotidiano. No final houve um espaço de discussão e partilha de ansiedades e de experiências entre pais e professores, seguido de um período de convívio.

- Feira do Livro. Entre 12 e 21 de Dezembro de 2006 realizou-se uma feira do livro na BE com a presença de cerca de 30 editoras que foram convidadas a expor e vender os seus livros, sendo que muitos deles se inseriam nas listagens propostas pelo PNL. Pretenderam com esta iniciativa estimular a oferta de livros no período natalício, recorrendo ao *slogan* “Neste Natal ofereça um livro”.

- “Fundão, Livro na Mão”. Actividade de celebração do Dia Mundial do Livro (23 de Abril de 2007) que envolveu as escolas da cidade do Fundão, desde o pré-escolar ao 2º ciclo. As crianças e jovens reuniram-

se no centro da cidade (relvado do Centro Cívico) e escreveram textos, fizeram desenhos em papel de cenário sobre o livro e a leitura, participaram em recitais de poesia, apresentaram pequenas biografias de autores portugueses, fizeram dramatizações, cantaram alguns poemas e participaram em jogos (charadas, sopas de letras). Esta actividade contou também com a participação dos encarregados de educação e dos professores, que contaram histórias. Ocorreu ainda uma troca de livros entre alunos, na qual participou também a população do concelho que aderiu à iniciativa. Esta iniciativa foi inicialmente proposta pela escola que considerou que para a mesma ter viabilidade não deveria confinar-se apenas a um agrupamento de escolas. Nesse sentido, propuseram-na à Biblioteca Municipal e ao vereador da cultura, que gostou bastante da iniciativa e que transformou a designação “Fundão a ler, Fundão a crescer” para “Fundão, um livro na mão”. Foi solicitado à população da cidade do Fundão que pelo menos nesse dia viesse para a rua com um livro. As crianças e jovens distribuíram nesse sentido panfletos à população da cidade.

A escola envolveu-se também de forma interessada nos concursos propostos pelo Plano Nacional de Leitura, divulgando e estimulando, por parte dos professores e da BE, a participação dos alunos nas mesmas, nomeadamente através do jornal “Boletim da Gardunha”:

- Concurso Rómulo de Carvalho/António Gedeão, o poeta da Ciência;
- “Concurso Nacional de Leitura”;
- Concurso CTT/PNL "Onde te leva a imaginação?".

As actividades desenvolvidas pela escola no âmbito do PNL centram-se fundamentalmente no livro. No 1º período, por exemplo, quando não tinham ainda os livros do PNL na escola, as actividades que desenvolveram centraram-se muito em livros que os alunos trouxeram e divulgaram aos outros alunos. Neste período exploraram também algumas revistas e jornais trazidas pelos alunos. O suporte menos explorado no âmbito do PNL é a Internet, uma vez que o coordenador sente que os alunos facilmente se desorientam nas consultas que fazem nesse suporte. Nesse sentido, a equipa da BE está neste momento a trabalhar na construção de um conjunto de materiais de acompanhamento e de exploração da Internet. Mas sentem que esses materiais não são suficientes se os professores não tiverem as competências necessárias para dar essas indicações aos alunos e orientá-los nas suas pesquisas. Na BE, por exemplo, quando recebem os alunos da Área de Projecto sentem existir grandes lacunas nesse âmbito.

Os alunos vêm fazer um trabalho, por exemplo, sobre o ambiente. “Então e quais é que são os *sites*?”, “Ah, o professor disse para procurar no *Google* «ambiente?”. Pronto, o que aparecer de ambiente copia-se, cola-se e entrega-se. Aí tem que haver um trabalho também conjunto com os docentes.

Como já foi referido, a escola foi a única do agrupamento a ser financiada no âmbito do PNL para a aquisição das obras sugeridas e enquanto sede de agrupamento tem também a BE com mais recursos. Nesse sentido, sempre que os professores de outras escolas do agrupamento manifestam interesse em trabalhar alguns livros que a BE possui são organizados baús que se deslocam pelas escolas interessadas. Para além disso, os Jardins de Infância e as escolas do 1º ciclo visitam ocasionalmente a BE, não só no sentido de acederem a recursos que as suas BEs (quando existem) não têm, mas também para se familiarizarem com a escola e a biblioteca que irão frequentar na mudança de ciclo.

Porque a BE da escola tem já uma dinâmica intensa de actividades, os alunos da escola frequentam pouco a Biblioteca Municipal Eugénio de Andrade. A BM é fundamentalmente frequentada pelos alunos dos

JIs e do 1º ciclo que vão apenas visitar o espaço ou se inscrevem no conjunto de iniciativas regulares levadas a cabo pela Biblioteca (dramatizações, horas do conto...).

A relação que as escolas do concelho mantêm com o SABE é bastante positiva, ainda que relativamente recente. O apoio do SABE centra-se, fundamentalmente, na catalogação – toda a catalogação dos livros das escolas do 1º ciclo está a ser efectuada pela BM –, na organização e na gestão documental. Para além disso, sempre que as escolas levam a cabo iniciativas de maior dimensão, procuram sempre fazê-lo em conjunto com o SABE.

É ainda importante referir que a “Associação de Desenvolvimento Pinhos Verdes” contribuiu monetariamente para o desenvolvimento de actividades de promoção da leitura que a escola tem levado a cabo no âmbito do PNL.

Como foi já referido, de acordo com a proposta do coordenador da BE, o Plano está a ser especificamente trabalhado no 2º ciclo em 45 minutos semanais por um grupo de professores que, na sua maioria, leccionam Língua Portuguesa. Para além disso, são também desenvolvidas actividades no âmbito do PNL nas disciplinas de Língua Portuguesa, em Estudo Acompanhado e em Área de Projecto.

Todos os alunos do 2º ciclo estão envolvidos nas actividades do Plano, bem como os professores de Língua Portuguesa²⁷. Algumas turmas do 8º ano têm também trabalhado no âmbito do PNL, o que se explica pelo facto de uma das suas professoras pertencer à equipa da BE²⁸.

A participação de todos os professores no Plano Nacional de Leitura não seria viável, uma vez que a escola participa noutros projectos que exigem também alguma disponibilidade e dedicação. Contudo, muitos professores, não participando directamente acabam por ter contacto e pequenas contribuições nas actividades que estão a ser desenvolvidas pelos alunos. É o caso, por exemplo, se o PNL for trabalhado em Estudo Acompanhado e o docente de Língua Portuguesa ou do PNL estiver acompanhado por um colega de Ciências ou de Matemática que acaba por participar nas actividades que os alunos estão a levar a cabo.

Inicialmente, os professores, particularmente os de Língua Portuguesa, estavam um pouco apreensivos relativamente às orientações do PNL que sugeriam trabalhar duas obras por período. Muitos consideraram inclusive tratar-se de uma tarefa impossível, já que numa aula não conseguiam sequer trabalhar uma página de um livro para permitir que os alunos consultassem os significados de todas as palavras que não conhecessem. Quando começaram a trabalhar os livros do Plano com os alunos centraram-se inicialmente na exploração gramatical do texto, tal como habitualmente faziam. Contudo, a sua atitude foi-se progressivamente alterando e libertaram-se um pouco dessa abordagem das obras, passando a privilegiar a fruição autónoma, mas orientada, da leitura, o que pareceu resultar bastante melhor em termos da motivação dos jovens.

Embora o trabalho desenvolvido em torno dos livros se enquadre privilegiadamente na disciplina de Língua Portuguesa, na realidade, os professores procuram que as actividades sejam interdisciplinares e estejam de alguma forma relacionadas com os conteúdos programáticos das diferentes disciplinas. A articulação faz-se, muitas vezes, através das temáticas dos livros trabalhados, muitos deles associados a determinados períodos históricos ou a fenómenos geográficos específicos. Para além disso, os professores responsáveis pelo tempo semanal dedicado ao PNL leccionam também outras disciplinas aos mesmos alunos, o que lhes

²⁷ Há apenas um docente de Língua Portuguesa que não está envolvido em actividades do PNL por opção própria.

²⁸ São estes os alunos da escola que se inscreveram no Concurso Nacional de Leitura, sendo que uma das alunas venceu a final distrital e irá disputar a final nacional no dia 16 de Junho de 2007.

permite em muitas ocasiões prolongar as actividades para outro contexto disciplinar, até porque os 45 minutos semanais nem sempre são suficientes.

Mas a actividade que teve maior impacto em toda a comunidade educativa e cujos efeitos se revelaram mais positivos foi a Semana da Leitura (5 a 9 de Março de 2007), que contou com a participação de todas as escolas do agrupamento. Esta iniciativa destinou-se a celebrar e incentivar o prazer de ler com múltiplas actividades festivas de promoção da leitura e com o encontro entre os livros e os seus leitores fundamentalmente em contexto de sala de aula e na BE. Os textos lidos e trabalhados nessa semana pelo 1º ciclo foram transformados em desenhos, mapas do tesouro e palavras cruzadas, sendo que todos estes materiais foram posteriormente expostos na BE. Realizou-se ainda uma exposição organizada pelos alunos do 8º ano sobre poetas associados ao concelho do Fundão (Eugénio de Andrade, Albano Martins e António Salvado). Os alunos do 8º ano declamaram também poemas em contexto de sala de aula, na BE e na sala de professores. Foi ainda realizada a “Feira do Livro em Saldo”, tendo as editoras sido convidadas a expor os seus livros mais baratos. Ocorreram ainda algumas dramatizações de textos trabalhados e foi sempre solicitada a participação e presença dos pais nestas actividades. O balanço que o coordenador faz desta semana é bastante positivo, já que possibilitou concentrar um conjunto de actividades desenvolvidas por todas as escolas do agrupamento e, assim, partilhar experiências e os materiais produzidos nesse contexto. Professores e alunos dedicaram-se bastante à prossecução das acções previstas e houve um envolvimento significativo dos encarregados de educação. O coordenador da BE ficou particularmente surpreso com as actividades dos JIs e das escolas de 1º ciclo e com o encanto das crianças relativamente ao livro. Manifestou, neste sentido, alguma tristeza que esse encanto se vá perdendo à medida que o contacto com o livro se vá tornando mais disciplinar.

A equipa da BE não tem um plano muito concreto de actividades a realizar até ao final do ano lectivo. Ainda assim, planeiam fazer algumas acções no dia 1 de Junho, no âmbito da celebração do Dia Mundial da Criança e querem realizar outra feira do livro no final do ano. Para além disso, têm agendada uma outra actividade direccionada para os encarregados de educação com uma professora de Castelo Branco que, por motivos de saúde, não se pôde ainda deslocar à escola. Gostariam também que Lauro António, realizador do filme “Manhã Submersa” baseado no romance com o mesmo título de Vergílio Ferreira, visitasse a escola. A equipa da BE está também a criar um portal virtual para o agrupamento que possa funcionar como espaço de informação, comunicação e partilha, particularmente no que diz respeito aos diferentes conteúdos das diversas disciplinas curriculares. Em termos gerais, cada turma está a levar a cabo projectos próprios, estando sempre a ser desenvolvidas actividades; o que não significa que exista um dia em que se concentram apresentações e acções relacionadas com todos esses projectos.

O balanço que o coordenador da BE faz da participação da escola no PNL é bastante positivo. Apesar de serem já desenvolvidas inúmeras actividades de promoção da leitura em contexto escolar semelhantes às que são propostas pelo Plano, tendo como pólo dinamizador a BE, como já referido, estas acções foram ampliadas e reforçadas. Um dos factores que contribuiu significativamente para isso foi o reforço orçamental atribuído pela Comissão do Plano à escola, que possibilitou a aquisição de um conjunto diversificado de obras e permitiu, assim, aumentar o fundo documental da BE. Para além disso, o PNL permitiu centralizar e formalizar práticas de fomento da leitura, muitas vezes levadas a cabo de forma dispersa e pouco integrada.

Além do que é óbvio em termos de fundo documental, trazer mais livros, penso que trouxe uma ajuda numa organização de um fio condutor para tudo isso. Porque é assim, estas actividades que o Plano Nacional de Leitura propõe são coisas que muitas vezes já são desenvolvidas dentro da sala de aula. Agora, da forma como são colocadas foi uma metodologia diferente. E a forma como são propostas é uma metodologia diferente e que propõe haver o tal fio condutor entre o trabalho de todos. Penso que é principalmente isso.

Outro aspecto particularmente positivo da acção do Plano diz respeito ao envolvimento crescente dos encarregados de educação nas actividades levadas a cabo pela escola. Como foi já referido, a BE reconhece como vector central da sua acção envolver pais e familiares, seja solicitando a sua presença e participação, seja mobilizando-os para dinamizar actividades para os filhos no espaço da escola. O coordenador da BE considera que, na totalidade das escolas do agrupamento, os pais têm participado mais do que é habitual em anos anteriores. Ainda assim, reconhece que estão longe de conseguir a participação de todos os encarregados de educação, já que aqueles que efectivamente participam são apenas uma minoria²⁹. Ainda assim, acredita que se trata de um processo que, apesar de lento, se direcciona para uma maior mobilização e interesse por parte dos pais. Utilizou o exemplo de uma escola do 1º ciclo do agrupamento, cujos pais dos alunos resistiram no início do ano lectivo a colaborar nas actividades, mas que actualmente participam de forma bastante expressiva.

O envolvimento da escola no Plano Nacional de Leitura teve também um forte impacto nos professores e nos seus métodos pedagógicos. Como já referido, inicialmente os professores estavam um pouco receosos porque assumiam que as actividades do Plano significariam uma carga de trabalho extra. Para além disso, muitas vezes os próprios professores não estão motivados para a leitura como fruição de lazer, considerando o coordenador da BE que muitos alunos lêem mais do que determinados professores. Uma vez que os alunos espelham a motivação dos professores, era também fundamental que a acção do Plano se estendesse aos mesmos. De facto, o impacto do PNL fez-se também sentir na forma como os próprios professores encaram a leitura e transmitem a importância de ler aos seus alunos. Para isso foi fulcral a existência dos 45 minutos semanais para desenvolverem actividades do Plano. Por não se tratar de uma disciplina sujeita a avaliação quantitativa, apresenta-se como um espaço privilegiado de contacto entre professores e alunos que possibilita trabalhar os livros de forma aberta, autónoma e lúdica. O coordenador da BE considera que se encontra aqui a explicação para o facto de as crianças dos JIs e do 1º ciclo gostarem particularmente do livro e da leitura, o que é indissociável da forma lúdica como o livro é utilizado. Este interesse vai-se progressivamente perdendo com a transição para o 2º ciclo, momento em que o livro e a leitura passam a confinar-se às aulas de Língua Portuguesa e a um trabalho (quase exclusivamente) gramatical. Com a adopção de estratégias semelhantes às que a escola adoptou, como a introdução de 45 minutos semanais dedicados ao PNL, considera ser possível ultrapassar esta situação e dissociar a leitura de métodos pedagógicos mais rígidos e fechados.

Com base nos registos das actas especificamente sobre o PNL (que foi solicitado logo no 1º período), do 1º e 2º período, percebe-se que os 45 minutos dedicados ao PNL são muito importantes porque passou a haver um espaço colectivo dos professores com os alunos de exploração de uma obra sem um carácter de disciplina em termos quantitativos, o que é bastante interessante porque liberta-os muito mais em termos do prazer da leitura e não ficarem limitados... Logo aquela questão do professor ter um conjunto de livros e dizer “olha, vamos aqui escolher entre todos quais são os livros que vocês gostavam de trabalhar”, é totalmente diferente do que se for um programa obrigatório que deve seguir obrigatoriamente aquele livro que está ali e que traz logo as fichas de

²⁹ Convém referir que nem todos os pais que participam habitualmente em actividades se inserem na Associação de Pais, ainda que seja o caso da grande maioria.

leitura construídas e que traz logo o material todo com as perguntas construídas que vêm no manual. Está a haver um trabalho diferente, eu acho que...isso sem dúvida nenhuma. Esse tempo dedicado...vou continuar a lutar por ele e acho que não sou só eu neste momento porque o grupo de professores que está envolvido tem estado a sentir que tem sido muito significativo. Pretendem, portanto, prosseguir com esta prática e eventualmente alargar ao 7º, ao 8º ano (embora este último ano tenha 45 minutos denominados «mergulhar na leitura») e ao 9º.

Como foi já referido, o suporte menos utilizado na escola no âmbito do PNL é a Internet, não só pela desorientação dos alunos nas pesquisas que realizam, mas também porque, de acordo com o coordenador, os próprios professores apresentam inúmeras dificuldades (muitas vezes mais até que os alunos) em trabalhar com este suporte. Isto gera uma situação preocupante na escola, já que as escassas competências informáticas que muitos professores possuem contrastam acentuadamente com as competências dos alunos no que diz respeito à utilização de ferramentas consideradas básicas como o e-mail. O coordenador criticou alguns professores, não pelo facto de não terem essas competências, mas pelo facto de, muitas vezes, se manifestarem resistentes em adquiri-las. Deu ainda o exemplo de professores que se recusam facultar o seu e-mail aos alunos porque consideram ser algo muito pessoal, o que inviabiliza um instrumento que poderia ser fulcral na comunicação entre alunos e professores.

Eu vejo aqui que este ano, mesmo no próprio Pedagógico, para começarmos a utilizar o e-mail entre todos teve que se pôr um bocadinho a questão como obrigatória porque havia professores que ainda não tinham e-mails, foi criado na altura. Embora tenha havido já muita formação dentro das TIC a nível nacional, há uma grande camada do corpo docente que ainda não adquiriu algumas competências mínimas e isso depois vai criando às vezes um fosso entre eles e os próprios alunos porque os alunos já regularmente, pelo menos o e-mail, o *chat* e todas essas coisas utilizam. Assim, o professor vai estando um pouco...não saber manipular essas ferramentas vai criando algum fosso.

Na BE procuram dar alguma formação nessa área e apoiar todos os docentes que têm interesse em adquirir essas competências mínimas.

Ainda assim, é importante não generalizar, já que na escola alguns professores, inclusive, estão a desenvolver alguns sítios na Internet de testes interactivos na área da História e também de Ciências.

O coordenador sente que o Plano Nacional de Leitura tem também tido impactos positivos nos alunos que se mostram mais motivados e sensibilizados para o livro e para a leitura. O principal factor que contribui para esse incremento poderá estar relacionado com os 45 minutos semanais dedicados ao PNL que lhes possibilita trabalhar o livro de forma mais aberta e autónoma, sem a pressão de uma avaliação quantitativa. Foi, portanto, criado um espaço onde os alunos podem aprender a gostar de ler sem se sentirem pressionados a orientar a sua leitura de acordo com padrões pré-definidos nos manuais escolares. Existe sempre uma orientação mínima por parte dos professores, mas os alunos têm neste espaço um lugar privilegiado para expressar os seus interesses e dificuldades.

Para os alunos esses 45 minutos é que acho que veio libertá-los um pouco porque sentem que não é uma disciplina, não é Língua Portuguesa em que vão ter 1, 2, 3, 4 ou 5. É um espaço em que eles podem estar a fruir a leitura sem aquela pressão muitas vezes de uma avaliação.

Para além disso, o facto de todos eles terem sido consultados no processo de selecção das obras a trabalhar constitui um factor acrescido de motivação. Numa turma, por exemplo, um dos livros que escolheram para trabalhar frustrou as suas expectativas, contudo, o coordenador realça que nesta situação o importante foi que os alunos, na sequência de uma escolha que efectuaram, se aperceberam que o livro não se aproximava daquilo que tinham imaginado. Na BE é também possível registar um incremento das requisições

domiciliárias. Contudo, torna-se difícil perceber se este aumento se deve directa e exclusivamente às actividades de promoção da leitura realizadas no âmbito do PNL ou se resulta de todo o trabalho que a BE tem vindo a desenvolver nesse sentido há já alguns anos.

Um outro indicador interessante diz respeito às feiras do livro, sendo que registaram este ano um número superior de aquisições de livros comparativamente com anos anteriores. A feira do livro que realizaram no Natal foi particularmente visitada por encarregados de educação que procuravam os livros sugeridos pelo Plano Nacional de Leitura.

O Plano Nacional de Leitura na sua organização

O coordenador da Biblioteca Escolar teve conhecimento do Plano Nacional de Leitura através da consulta do *site* da Rede de Bibliotecas Escolares, ainda no final do ano lectivo de 2005/2006, parecendo-lhe desde logo um projecto particularmente interessante e pertinente, não só no contexto do país, como também de implementação viável na escola. Posteriormente, a escola foi informada por parte da Comissão do Plano através de documentação que solicitava a sua colaboração e respectivo registo no *site* entretanto criado para o PNL. Enquanto responsável pela BE assumiu desde o início a responsabilidade pela execução do Plano na escola, tendo desde logo elaborado uma apresentação em *PowerPoint* com base nas informações que consultou no *site* do PNL, que mobilizou depois para diferentes reuniões, no sentido de informar a comunidade educativa. Num primeiro momento, interveio junto do Conselho Pedagógico, apresentando o PNL e propondo que no ano lectivo de 2006/2007, os 45 minutos de “oferta de escola” do 1º ciclo (5º e 6º anos) fossem totalmente dedicados a actividades do Plano Nacional de Leitura. Reuniu também com os diferentes departamentos da escola e com os Conselhos de Docentes dos Jardins de Infância e do 1º ciclo das escolas do agrupamento³⁰ para dar a conhecer o Plano. Considera, portanto, que, em termos gerais, a comunidade educativa do agrupamento ficou relativamente esclarecida relativamente aos objectivos e âmbito do PNL.

Uma vez que o registo no Plano Nacional de Leitura por parte de cada escola exigia uma selecção de livros com base nos quais deveriam desenvolver actividades de promoção da leitura, o coordenador da BE, responsável pela inscrição da escola no PNL, organizou um conjunto de reuniões em que participaram todas as escolas do agrupamento e nas quais se levou a cabo esse processo de selecção. Foi também solicitado aos docentes que consultassem os seus alunos no sentido de aferir quais as obras que os mesmos gostariam mais de trabalhar.

O coordenador da BE considera que o período de selecção das obras foi muito curto e implicou escolher alguns livros que não conheciam, já que as listagens sugeridas pela Comissão do Plano não eram acompanhadas de informações sobre as obras. Nesses casos, atribuindo credibilidade e confiança às sugestões da Comissão do Plano, basearam-se nos títulos ou nalguma informação que recolheram na Internet.

As obras que estavam aconselhadas e que não se conhecia tentou-se fazer alguma pesquisa e ver se se encontrava pelo menos alguma referência. De algumas não se conseguiu encontrar. Foi um pouco também um tiro no escuro, mas já que estavam aconselhadas também tem que se considerar...se houve um trabalho prévio por uma equipa e valorizando-se esse trabalho partiu-se para a aquisição. Agora futuramente também convém nós próprios e a equipa de professores que vai trabalhar antecipadamente ver.

³⁰ Importa referir que a EB 2, 3 Serra da Gardunha é sede de agrupamento.

Apesar desse voto de confiança, algumas das obras seleccionadas e posteriormente trabalhadas revelaram-se inadequadas relativamente ao nível etário a que se direccionavam. Mas, em termos gerais, considera que as listas estão bem estruturadas porque organizadas em torno de diferentes níveis de escolaridade e direccionadas para outros contextos, como a leitura em casa com os pais.

A escola foi, de facto, uma das contempladas na 1ª fase de reforço orçamental com 2500€ para a aquisição das obras sugeridas pelo Plano, o que os deixou particularmente satisfeitos. Contudo, esperavam também que tivesse sido atribuída alguma verba a outras escolas do agrupamento, nomeadamente às que se encontram já inseridas na RBE.

A BE tinha já alguns dos livros que constavam nas listagens do PNL e, nesse sentido, consideraram que não faria sentido canalizar recursos financeiros para essas obras. Era aconselhada a aquisição de pelo menos 12 volumes do mesmo título; indicação que foi seguida pela escola já que, apesar de não permitir disponibilizar um exemplar por aluno em cada turma, possibilitava, ainda assim, uma maior diversidade de títulos disponíveis para trabalharem. Esta opção foi feita em conjunto com os professores que consideraram preferível organizarem-se entre si de modo a poderem ter mais diversidade. Para além disso, uma maior diversidade de obras implica a construção por parte dos professores de um conjunto variado de materiais de exploração dos livros que podem posteriormente ser partilhados entre eles.

É preciso diversificar os tempos porque a liberdade da leitura deverá ser mesmo isso. Porque é que vou pôr os alunos todos...e pode haver vantagens até neste aspecto porque alguns materiais que são construídos por um docente já podem ficar para outro explorar e aprofundar e fazer melhor.

Com a verba que lhes foi atribuída, o coordenador afirma que tinham por condição adquirir livros necessariamente presentes nas listagens sugeridas pela Comissão do PNL. Ainda assim, poderiam escolher outro título da mesma colecção.

Depararam-se com alguns livros esgotados nas editoras, mas não entenderam isso como sendo particularmente problemático, já que tinham seleccionado mais obras do que aquelas que conseguiam adquirir, o que lhes permitiu rapidamente substituírem esses títulos por outros. Apesar de alguns livros estarem esgotados, essa situação ocorreu apenas por um período específico em que se acumularam os pedidos das escolas, passando a estar disponíveis pouco tempo depois. A escola, por exemplo, recebeu a indicação que alguns livros estavam esgotados, mas que em breve estariam novamente disponíveis, pelo que, nalguns casos, aguardaram cerca de 2 meses para receber determinadas obras.

O coordenador está agora a fazer uma listagem de todos os livros sugeridos pelo PNL que a BE já tem³¹, tal como a Biblioteca Municipal já fez, o que permitirá no próximo ano lectivo consultarem e analisarem os livros previamente e, assim, efectuarem a selecção das obras de forma mais sustentada. Também nesse sentido, tem vindo, sempre que pode, a adquirir para a BE alguns livros sugeridos pelo Plano que ainda não tinham, distribuindo-os previamente pelos professores, de modo a conhecerem o maior número de títulos possível e, assim, efectuarem uma escolha mais fundamentada no próximo ano.

Os livros do Plano Nacional de Leitura encontram-se na BE organizados em baús, sendo que cada um deles contém os 12 exemplares de um título. Estas obras são para utilização exclusiva em actividades desenvolvidas no âmbito do Plano e não podem, como tal, ser alvo de requisições domiciliárias pelos

³¹ Sendo que alguns deles a BE tinha já disponíveis antes da criação do Plano Nacional de Leitura.

utilizadores da BE. Sempre que algum professor pretende trabalhar um dos livros solicita-o antecipadamente na BE indicando o período de tempo que pensa dedicar à sua exploração. A biblioteca tem, para esse efeito, um mapa onde organiza as requisições dos baús de livros do PNL. A forma como os professores gerem depois a utilização das obras é flexível e consonante com os objectivos de cada um deles. Alguns professores permitem que os alunos levem os livros para casa, o que implica sempre o preenchimento de uma ficha com a indicação do livro requisitado e com a respectiva identificação do aluno. Se as obras forem apenas trabalhadas em contexto de sala de aula os baús regressam à BE e ficam disponíveis para outros professores as trabalharem com os seus alunos. A organização entre os professores relativamente à utilização dos livros tem sido tranquila.

A equipa de professores que se encontra a trabalhar os livros do PNL reúne com o coordenador da BE geralmente uma vez por mês (por vezes mais), sendo que estas reuniões são fundamentais para a preparação de trabalho, partilha de ideias e experiências e discussão de estratégias.

No período inicial de registo no PNL, a escola apresentou também um projecto intitulado “Ler, sonhar, brincar...aprender a crescer com livros”, que tinha por principais objectivos: articular actividades com todas as escolas do agrupamento, divulgar os objectivos do Plano Nacional de Leitura na comunidade educativa em geral e dinamizar acções com encarregados de educação. Envolvendo alunos, professores, encarregados de educação, a Biblioteca Municipal e outras associações, pretendiam construir e publicar materiais de apoio à promoção da leitura através do portal CRIE, dinamizar actividades com encarregados de educação mobilizados pelos directores de turma, criar materiais de divulgação sobre leitura, livros e bibliotecas e desenvolver actividades conjuntas com os Jardins de Infância, as escolas do 1º ciclo do agrupamento e com a Biblioteca Municipal. A EB 2, 3, enquanto sede de agrupamento, actua como pólo centralizador das acções a realizar no âmbito do Plano, ainda que cada escola desenvolva sub-projectos próprios.

Das escassas vezes em que surgiu alguma dúvida relacionada com a implementação do Plano na escola, o coordenador da BE contactou telefonicamente a Comissão do Plano. Alternativamente, optou também, noutras ocasiões, por esclarecer as suas dúvidas junto do coordenador regional das BEs. Em ambos os casos, considera ter encontrado abertura e disponibilidade para a resolução das suas questões.

Frequenta regularmente o sítio na Internet do PNL, numa fase inicial para se informar sobre os objectivos e actividades sugeridas pelo Plano, e actualmente para tomar conhecimento das actualizações e das novas acções do PNL.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais

Em termos gerais, concorda com a forma como o Plano está organizado e como definiu os seus objectivos, prioridades e actividades. A divulgação tem também sido bastante boa, particularmente com a participação da RTP que divulga *spots* publicitários que lhe parecem bem estruturados. A informação que tem chegado à escola tem também sido a necessária. Considera que a criação da marca Ler+ foi particularmente feliz, uma vez que sintetiza bem o objectivo central do Plano, sendo também, para além disso, muito apelativa.

O aspecto mais positivo que o coordenador destaca do PNL é o facto de possibilitar organizar e formalizar práticas que eram já desenvolvidas por algumas escolas e entidades, mas de forma pouco estruturada e interconectada.

Acho que veio principalmente organizar e estruturar uma conduta em que todos se calhar podemos estar a falar da mesma coisa e a planear actividades em conjunto da mesma forma.

O aspecto mais negativo que o coordenador destacou sem, ainda assim, considerar realmente tratar-se de uma desvantagem do Plano diz respeito às listagens de livros sugeridos que não eram acompanhadas de qualquer tipo de informação sobre as obras, o que dificultou a sua selecção e conduziu-os a escolher livros que mais tarde perceberam não ser os mais adequados.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

Parece-lhe muito importante ter sido criado o Plano Nacional de Leitura, particularmente num contexto nacional em que os níveis de literacia são tão baixos, quando comparados com os de outros países. A esse respeito considera que o PNL pode contribuir para minimizar os problemas que estão associados à literacia e à leitura.

Em termos dos objectivos gerais do Plano Nacional de Leitura, da forma como foram colocados, acho que sem dúvida alguma podem vir a colmatar muitas das deficiências e das falhas que até agora se detectaram.

Apesar de o contexto nacional não ser o melhor relativamente à leitura, consegue também perceber que muitas pessoas não lêem, não porque não apreciem fazê-lo, mas porque não têm realmente tempo disponível para ler como prática de lazer. Para além disso, o coordenador afirma não ter uma visão rígida sobre a leitura, considerando que a sua promoção deve também passar por fomentar outros formatos, como os jornais, as revistas ou qualquer tipo de leitura quotidiana, como por exemplo a de receitas culinárias. Talvez seja mais fácil conseguir que as pessoas se apercebam do conjunto de leituras quotidianas que fazem, sem terem disso noção, do que fomentar a leitura literária.

Sugestões e Propostas

O coordenador da BE fez apenas duas sugestões que considera serem úteis para melhorar acções posteriores do Plano:

- pensa que a listagem de livros sugerida pela Comissão do PNL deveria ser complementada com qualquer tipo de informação sobre as obras, nomeadamente com pequenas sínteses de modo a facilitar a selecção por parte de professores e alunos e, assim, evitar escolher livros que se possam vir a revelar inadequados ou desinteressantes.

Nas listas dos livros recomendados, nem que fosse um pequeno parágrafo sobre a obra por vezes pode ajudar na escolha, se não pode acontecer... É impossível conhecerem-se os livros todos que são lá propostos e muitas das vezes perto de nós também não temos esses livros. Se houver pelo menos um pequeno resumo...porque quando os livros são analisados, quem analisa possivelmente podia deixar um parágrafo só, uma nota, pode dar mais algum...

- considera que o *site* do PNL estaria melhor organizado se nas diferentes secções em que surgem listagens indiferenciadas de escolas, o que se torna bastante confuso para quem consulta, existisse uma divisão por regiões. Compreende, contudo, que o *site* também tem vindo a crescer progressivamente e que está constantemente a ser melhorado e actualizado.

Caracterização da BE e da sua utilização/funcionamento (descrição e avaliação)

A Biblioteca Escolar situava-se inicialmente numa sala muito pequena e não tinha grande expressão na escola³². Tal como a encontramos actualmente, a BE existe desde 1993, altura em que foi apresentado também um projecto de candidatura à RBE, e funciona entre as 8h15m e as 18h30m. Logo desde a sua criação que procuraram colocar à disposição da comunidade educativa o maior número possível de serviços, como a leitura domiciliária, a utilização dos computadores para trabalho, acesso à Internet ou zona de visionamento de filmes.

Actualmente a equipa da BE é constituída por 6 pessoas: o coordenador da BE e duas professoras que constituem a equipa de coordenação e 3 auxiliares da acção educativa que prestam apoio na biblioteca. O coordenador esteve este ano em exclusividade de funções na BE e gostaria de permanecer com esse cargo no próximo ano lectivo, uma vez que sente que lhe possibilitou organizar o trabalho e dinamizar a BE de uma forma que seria impossível de reproduzir se não estivesse destacado a tempo inteiro.

A situação de estar a tempo inteiro acho que possibilita muito o estar ainda mais atento ao dia a dia da biblioteca, a pequenas falhas, a coisas que por vezes passavam despercebidas e é uma questão de organização mais de fundo que é necessária para ter toda esta estrutura de pé que é...é tudo, é a parte dos recursos financeiros, a gestão de recursos humanos, é muita coisa.

Contudo, apesar de estar em regime de exclusividade de funções, considera que manter a estrutura organizativa da BE implica sempre a acção conjunta de todos os membros da equipa. Gostaria este ano de poder contar com mais uma pessoa na coordenação da BE, uma vez que no ano anterior a equipa contava com mais uma professora que este ano não teve disponibilidade para colaborar. Embora o cargo de auxiliar de acção educativa tenha geralmente grande rotatividade pelos diferentes espaços da escola, o coordenador tem intervindo junto dos órgãos de gestão no sentido de procurar mantê-los permanentemente na BE e de fomentar a incursão em formações na área das bibliotecas. Tem procurado, portanto, que a equipa de auxiliares se mantenha por algum tempo e que esteja preparada para responder às solicitações de alunos e professores. Inicialmente apenas um dos auxiliares era efectivo na escola e neste momento são os 3 efectivos e todos têm já algumas formações relacionadas com BEs.

A BE é um espaço bastante frequentado pelos alunos da escola. Como o coordenador afirma, e como foi possível constatar no período em que lá estivemos, nos intervalos das aulas, particularmente à hora de almoço, o espaço da BE é muito visitado. O coordenador tem alguma dificuldade em identificar grupos de alunos que façam utilizações específicas da biblioteca. Grande parte dos alunos frequenta habitualmente a BE, independentemente do ano de escolaridade em que se inserem, e a utilização que fazem da mesma é muito variada e não segue padrões rígidos e fechados, existindo inclusive algum equilíbrio relativamente aos suportes usados. O espaço da BE é utilizado pelos alunos para trabalhar, para jogar, para consultar a Internet,

³² O coordenador da BE não soube precisar a data.

para ler jornais e revistas e para comunicar. Ainda que o número de requisições de livros tenha de facto aumentado, a BE não é um espaço privilegiado para a leitura desses livros. Para além disso, não é também muito frequentado pelos alunos para a audição de CDs ou para a requisição de aparelhos portáteis de música.

Os professores têm vindo, cada vez mais, a utilizar a BE, não tanto para requisitarem livros para uso pessoal e mesmo profissional e para efectuarem pesquisas, mas mais no sentido de requisitarem o espaço para desenvolverem actividades com as suas turmas. Embora os professores estejam mais conscientes da importância da BE, o coordenador sente que é necessário sensibilizá-los ainda mais.

Numa escola...e aí seria excelente nós conseguirmos que a biblioteca fosse o centro de todas as aprendizagens e conseguirmos fazer uma ligação bastante estreita com as disciplinas e ainda não se consegue tanto quanto se gostaria. E como já tinha referido há pouco, quanto mais envolvimento houver dos docentes e eles sentirem que a biblioteca pode passar por esse espaço e as actividades serem actividades conjuntas também melhora os alunos, no meu entender. Alguns docentes... Penso que a batalha de uma biblioteca tem que ser a nível de todos, não é só com os alunos, é com os docentes também, é fazê-los descobrir também como é que se utiliza uma biblioteca, como é que se pesquisa, para depois toda esta informação também chegar aos alunos. E acho que isso...nessa área a pouco e pouco vamos conseguindo algumas vitórias. Os professores também estando mais tempo na escola passaram a utilizar muito mais a biblioteca, passaram também a requisitar algumas obras para lerem em casa. No fundo documental que temos também há obras que podem perfeitamente...não temos só literatura infanto-juvenil, temos também literatura de adultos e de apoio pedagógico.

Os auxiliares de acção educativa são os que menos utilizam a BE.

O coordenador considera fundamental monitorizar o funcionamento da biblioteca, aplicando por vezes pequenos questionários direccionados aos alunos sobre as suas competências de pesquisa na BE e recorrendo também a conversas informais para conhecer as suas opiniões e sugestões. No final do 1º ano de existência da BE foi aplicado um inquérito por questionário aos utilizadores da biblioteca, contudo o coordenador considera que a sua aplicação não funcionou como esperaria e não conseguiram extrair conclusões substantivas a partir do mesmo. Gostaria de poder fazer uma avaliação mais profunda e cuidada do funcionamento e utilização da BE no final do presente ano lectivo, tendo por base esta experiência anterior. Contudo, considera que a estratégia mais adequada talvez seja a de aplicar pequenos inquéritos temáticos e não apenas um bastante extenso. Pretende também fazer um levantamento dos alunos da escola que estão inscritos na Biblioteca Municipal Eugénio de Andrade para ter mais elementos de caracterização dos utilizadores da BE.

O coordenador da BE está particularmente satisfeito com o fundo documental da biblioteca que tem vindo a crescer bastante. Foram efectuados alguns pedidos a Câmaras Municipais, Fundações e Instituições no sentido de ampliarem os títulos disponíveis. As autarquias responderam de forma muito positiva e ofereceram documentação e publicações fundamentalmente associadas à história e à geografia do concelho, mas também publicações de poetas populares e de autores da região. Neste sentido, considera que a BE tem um leque bastante vasto de obras, quer de apoio às disciplinas, quer de leitura lúdica que respondem no seu essencial às necessidades dos alunos. Para além disso, está também particularmente satisfeito com o serviço prestado pelos auxiliares de acção educativa no apoio aos alunos, sendo que a sua prestação melhorou com as diversas formações na área das bibliotecas em que foram participando. A forma como os serviços são prestados aos utilizadores é, portanto, um dos aspectos mais positivos que o coordenador aponta à BE.

Em termos gerais, o coordenador avalia de modo muito positivo o trabalho que a BE tem vindo a desenvolver desde a sua implementação. Contudo, destaca também alguns aspectos importantes que deveriam ser melhorados para um funcionamento pleno da biblioteca. A secção de audiovisuais é sem dúvida

a mais fraca da BE, com colecções mais pequenas, já que adquirir um DVD ou um CD fica sempre mais caro do que comprar um livro. Para além disso, não têm também investido mais nessa secção porque sentem que os alunos não utilizam muito esses materiais, até porque CDs e DVDs não são suportes de requisição domiciliária, tendo de ser utilizados no espaço escolar. O mobiliário é outro dos aspectos que deveria ser melhorado, por ser já antigo, pouco funcional para a utilização que os alunos fazem da biblioteca e começa já a não ser suficiente para o fundo documental que tem vindo a crescer. O espaço da BE é bastante amplo e agradável, mas necessitava de ser devidamente actualizado. Quanto ao fundo documental, apesar de o coordenador estar particularmente satisfeito com a oferta da biblioteca no que diz respeito aos alunos, reconhece que deveriam existir mais títulos de apoio ao trabalho dos docentes. Relativamente aos recursos humanos, foi já referido que a equipa de coordenação conta este ano com menos uma pessoa do que foi habitual em anos anteriores e espera, assim, no próximo ano lectivo, poder contar com a colaboração de um ou mais professores. Outro aspecto menos positivo da BE diz respeito à formação dos utilizadores relativamente à sua autonomia na biblioteca, já que sente que principalmente os alunos têm dificuldade em encontrar os livros ou a informação que procuram, recorrendo sempre ao apoio dos auxiliares de acção educativa.

Mas a BE tem já investido no melhoramento de alguns aspectos, nomeadamente na informatização do processo de requisição dos livros com o intuito de torná-lo mais rápido e fácil. Esperam até ao final do ano lectivo ter o novo sistema implementado que permite realizar as requisições através da leitura óptica dos códigos de barras que entretanto estão a colocar em cada livro. Actualmente as requisições implicam ainda o preenchimento de uma ficha.

A BE faz a divulgação das suas actividades numa publicação própria, o “Boletim da Gardunha”, de periodicidade mensal. O coordenador da BE criou também um sítio na Internet que no momento se encontra desactualizado devido a problemas com o servidor, mas onde habitualmente é também feita a divulgação³³. Têm também um bom relacionamento com a imprensa e com as rádios regionais que, quando informadas pela BE, tendem a fazer alguns apontamentos sobre as actividades em causa ou mesmo, quando se justifica, a fazer visitas à escola.

O coordenador da BE construiu também um portal na Internet que ultrapassa o âmbito da biblioteca, com o objectivo de criar um espaço de partilha entre diferentes BEs³⁴. Esta iniciativa surge para dar resposta à inexistência de locais onde os diferentes profissionais das bibliotecas escolares pudessem discutir ideias, fazer sugestões e partilhar experiências e materiais³⁵. Para além disso, o coordenador pretendia criar um espaço não associado à RBE ou a qualquer órgão do Ministério da Educação, precisamente para evitar desconforto e pressões institucionais, possibilitando a criação de um fórum mais liberto e aberto.

O que muitas das vezes acontece connosco que estamos nas bibliotecas...há alguns professores e algumas pessoas que já estão há muito tempo e é óbvio que o conhecimento que se tem de toda uma série de actividades e de gestão, desde a parte do fundo documental que aí é que às vezes é um quebra-cabeças, como é que...a indexação, a catalogação, tudo isso. Quem chega de novo como é que vai ultrapassar essas barreiras? E às vezes tem-se

³³ Ver <http://www.eb23-fundao.rcts.pt/>.

³⁴ Ver <http://www.virtuulis.com/becres/>. Este portal foi criado no âmbito da sua pós-graduação em Tecnologias Educativas.

³⁵ Embora no momento da criação do portal não existisse ainda nenhum espaço semelhante na Internet, no âmbito do PNL foi também criado um fórum de bibliotecas.

muito medo de colocar essas questões. E sendo um espaço um pouco mais liberto, mais livre, as pessoas sentem-se mais à vontade.

Contudo, a experiência do portal não tem sido a que esperaria, admitindo que gostava que o mesmo tivesse uma dinâmica diferente. Estão, de facto, muitas pessoas inscritas (cerca de 700), contudo, fizeram-no mais para descarregar documentos e usufruir das ideias dos poucos colegas que participam, do que propriamente para partilhar as suas experiências e materiais. Ainda assim, tem esperança que as pessoas se sensibilizem cada vez mais para a importância da partilha.

Por sua iniciativa, o coordenador da BE consulta frequentemente o sítio na Internet do IPLB para obter informações que possam eventualmente ser úteis para o funcionamento da biblioteca, nomeadamente sobre actividades e concursos. Para além disso, nalgumas ocasiões, a escola já propôs à BM que se candidatasse a determinadas actividades do programa Itinerâncias em que a escola gostaria de participar.

A RBE (contactos, importância, avaliação)

Como foi já referido, a BE encontra-se inserida na rede desde 1993. A escola tinha uma biblioteca numa sala muito pequena, praticamente sem expressão na comunidade educativa e foi nesse sentido que apresentaram um projecto que foi aprovado pela RBE que disponibilizou verbas para a aquisição de fundo documental e para o mobiliário, sendo que a autarquia ficou responsável pela realização de obras de remodelação do espaço (essencialmente a instalação eléctrica e o arranjo das paredes).

O coordenador da BE considera que o trabalho da RBE tem sido exemplar e tem correspondido às suas expectativas. Não só o projecto de implementação da nova BE foi aprovado, assim como o de colocação do coordenador em regime de exclusividade (em articulação com o projecto THEKA da Fundação Calouste Gulbenkian), como receberam também já um segundo reforço orçamental. No fundo, encara estes apoios como o reconhecimento de um trabalho bom e interessante por parte de uma BE relativamente recente. Para além disso, a RBE respondeu também de forma positiva à integração na Rede de mais algumas escolas do agrupamento. O acompanhamento por parte do coordenador a nível regional tem sido também bastante positivo e importante ao nível da troca de ideias e de materiais. Um dos encontros distritais foi inclusive realizado na escola, no qual esteve presente a coordenadora da RBE. Foram também já realizadas outras actividades no Fundão que contaram com a presença dos elementos da RBE.

O trabalho que a RBE tem desenvolvido, particularmente de contacto com a escola tem, assim, sido bastante positivo e apreciado. Contudo, há o reconhecimento de que a incorporação de mais pessoas no Gabinete da RBE poderia permitir, por exemplo, reunirem e divulgarem um conjunto de materiais produzidos nas BEs que podiam ser úteis e interessantes para partilhar. Gostariam também de receber mais verbas para poderem actualizar todo o mobiliário. Mas reconhecem também que todo o apoio que recebem é todo aquele que a RBE tem condições para prestar, já que o próprio Gabinete está constringido em termos financeiros e de recursos humanos.

Se fossem mais pessoas a estarem na Rede possivelmente poderiam ainda dar...mas isso dentro das condições que existem eu penso que a Rede permanentemente...qualquer questão que seja solicitada rapidamente nos é respondida. Acho que há apoio total e uma abertura total às escolas. Também se calhar depende da forma como cada um de nós lidamos com a Rede. Da nossa parte acho que tem sido sempre uma relação bastante estreita. Tenho sentido que onde é necessário apoio, o apoio é dado. (...) Eu acho que as condições aqui por vezes não têm a ver directamente com o funcionamento da Rede, mas sim, por exemplo, com o funcionamento que o

Ministério permite que a Rede dê (*risos*). Aí já poderá ser diferente. A Rede se calhar também só pode ir aonde...só pode chegar até onde tem possibilidades. Se o Ministério, por exemplo, permitisse mais possivelmente também dariam muito mais apoio.

É ainda importante destacar que foi o facto de a BE estar integrada na RBE o que possibilitou que a escola recebesse reforço orçamental para a aquisição de livros no âmbito do PNL.

2.4.3. Entrevista a Auxiliar da BE

Perfil do entrevistado

O funcionário da BE tem 31 anos, tem o 11º ano e é auxiliar da acção educativa na escola desde a sua abertura, tendo este sido o seu primeiro emprego. Está na BE há 1 ano e desde então realizou já 4 formações na área das bibliotecas de modo a conhecer melhor o seu contexto de trabalho e adquirir competências específicas para desempenhá-lo. Gosta bastante de estar na BE, mas considera ser o local de trabalho na escola que exige mais esforço e dedicação.

O PNL e a BE

O auxiliar da BE tomou conhecimento do Plano Nacional de Leitura na escola através do coordenador da biblioteca. Considera muito importante a sua criação, na medida em que pode contribuir substancialmente para alterar os hábitos de leitura das populações.

Desde o início do ano lectivo que a escola e a biblioteca têm vindo a desenvolver um conjunto de actividades no âmbito do Plano, que o funcionário não sabe especificar concretamente. Considera que estas acções são muito engraçadas e interessantes para os alunos e contribuem para motivá-los ainda mais para o livro e para a leitura. É, aliás, já possível identificar alguns impactos que poderão estar directamente relacionados com a acção do PNL, como o incremento de requisições na BE. Para além disso, sente que a BE ganhou uma nova dinâmica, já que tem vindo a ser mais requisitada pelos professores em tempo de aulas com o intuito de levarem os alunos a realizar pesquisas e a trabalhar naquele espaço. Em anos anteriores os alunos aproveitavam os intervalos das aulas para utilizarem a BE para trabalhar e pesquisar, contudo, este ano estão mais libertos para nesses períodos frequentarem a BE com propósitos lúdicos.

A utilização da BE, mesmo o ano passado era mais na hora do intervalo, na hora de almoço...nos intervalos. E este ano não, há uma maior afluência em todos os sentidos.

O auxiliar da BE destacou também a importância das sociabilidades na promoção da leitura já que observa muitas vezes que o facto de um jovem requisitar um livro pode contribuir para motivar os seus colegas e amigos a fazê-lo também.

No fundo, considera que o PNL, para além de melhorar o fundo documental da BE, veio também enriquecer os hábitos de leitura dos alunos. Como aspecto fulcral para posteriores desenvolvimentos das acções do PNL, considera que deve ser sempre dada hipótese de escolha aos alunos relativamente aos livros a serem trabalhados, por ser a melhor forma de motivá-los para a leitura.

A única sugestão é deixar escolher o que o aluno quer ler e trabalhar, isso é o mais essencial para mim.

Caracterização da BE e da sua utilização/funcionamento (descrição e avaliação)

O auxiliar de acção educativa pensa que a BE existe desde a abertura da escola e não sabe bem em que data foi transferida para o espaço onde hoje se encontra.

A equipa da BE é constituída por 3 professores e por 3 auxiliares de acção educativa que estão destacados a tempo inteiro, mas que trabalham por turnos para darem resposta ao horário alargado da BE (das 8h às 18h), não estando sempre os 3 juntos na biblioteca.

A BE é muito utilizada por toda a comunidade educativa, mas particularmente pelos alunos que a frequentam não só em períodos de aulas com os professores, altura em que fazem pesquisa em livros e nos computadores, como também nos intervalos das aulas, geralmente como espaço de lazer. O funcionário considera que, em termos gerais, todos os alunos usam a biblioteca, contudo, consegue identificar grupos mais assíduos de alunos de acordo com o ano de escolaridade que frequentam.

O 7º ano. O 5º ano ainda não, não. Vem, vem. Mas 6, 7º, 8º. Depois o 9º... Quer dizer, entre o 5º e o 9º ano também já existe...o 5º ano a nível de adaptação e o 9º ano se calhar já pela idade que é a idade “maluca”, não é? Mas vêm os alunos todos.

Para além disso, a frequência da BE obedece a determinados critérios: tende a ser mais utilizada nos períodos de testes e exames ou quando têm de entregar trabalhos e, noutra nível, é mais frequentada, por exemplo, no Inverno, particularmente em dias de chuva quando os alunos não podem estar nos pátios exteriores. Para além disso, sente também que as requisições de literatura por parte dos grupos mais assíduos diminuem em alturas próximas de testes.

Ainda que os livros sejam bastante utilizados, particularmente para trabalhos e menos para leitura de lazer, os computadores são provavelmente os suportes mais procurados.

Hoje em dia existe a Internet... Se alguns puderem fugir um bocadinho aos livros, fogem, não é? Mas mesmo assim de qualquer das maneiras eles vão buscar muita informação aos livros.

Os alunos utilizam também com frequência DVDs e VHSs no espaço da BE.

O auxiliar da BE considera que esta está muito bem organizada e responde em pleno às necessidades quer dos alunos, quer dos professores, desempenhando um papel fulcral na promoção de hábitos de leitura. Esta consideração resulta da sua experiência quotidiana e dos comentários positivos que ouve por parte dos alunos. Em termos de críticas refere apenas o facto de para alguns alunos a BE se tornar um pouco ruidosa em períodos em que é mais frequentada.

Embora a Associação de Pais recentemente se tenha manifestado interessada em trabalhar com a BE no desenvolvimento de actividades de promoção da leitura, a biblioteca não é habitualmente frequentada pelos pais. Ainda assim, espera que a nova dinâmica da Associação possibilite mobilizar os encarregados de educação nesse sentido.

A BE é por vezes frequentada pelos alunos de outras escolas do agrupamento, contudo, o funcionário considera que deveriam fazê-lo mais vezes de modo a que as crianças, geralmente do 1º ciclo, se ambientem a um espaço que dentro de pouco tempo, na transição para o 2º ciclo, passarão também a utilizar. Desenvolvem também actividades em conjunto com todas as escolas do agrupamento, bem como com a Câmara Municipal e com a Biblioteca Municipal Eugénio de Andrade.

As actividades da BE são geralmente divulgadas através do jornal “Boletim da Gardunha” e através de cartazes e panfletos.

Como aspecto mais positivo da BE aponta as actividades que têm vindo a ser desenvolvidas no sentido de criar mais leitores entre os jovens. Por outro lado, como aspecto menos positivo refere-se ao facto de os auxiliares de acção educativa se encontrarem por vezes um pouco sobrecarregados, uma vez que estão a desenvolver o sistema de informatização e de catalogação da biblioteca e simultaneamente têm de prestar todo o apoio necessário aos alunos. A solução poderia passar pela colocação de mais um funcionário no espaço da BE.

A RBE (contactos, importância, avaliação)

Relativamente às questões colocadas sobre a Rede de Bibliotecas Escolares, não soube dar qualquer tipo de informação, afirmando ser melhor falar a esse respeito com o coordenador da BE.

2.5. Biblioteca Escolar da Escola Básica do 1º Ciclo com Jardim de Infância de Santo António dos Cavaleiros (Loures)

2.5.1. Relatório de visita

A Biblioteca Escolar da EB1/JI de Santo António dos Cavaleiros, de nome *Bibliomanias*, é de instalação recente, tendo sido inaugurada a 1 de Abril de 2000, embora apenas em 2004 o espaço tenha adquirido a sua configuração actual, com o apoio financeiro da autarquia. Tal como a escola onde está inserida, oferece condições muito boas de espaço para os seus utilizadores, sendo ampla e com óptimas condições de luminosidade natural, oferecendo uma vista para um dos espaços ajardinados da escola. Encontra-se bem equipada no quadro standard da RBE: dispõe de 3 computadores com acesso à Internet, equipamentos audiovisuais, vídeos e CD-ROMs, jogos lúdicos e estantes de livros em livre acesso bem fornecidas. Dispõe também de espaços diversos de leitura, seja ela feita em modalidades mais recolhidas ou em grupo. A coordenação é assegurada a tempo inteiro, estando o equipamento aberto das 9h00 às 17h00.

A escola edita também trimestralmente o jornal *Manias* que já recebeu várias distinções, incluindo no âmbito do Concurso Nacional de Jornais Escolares, do jornal Público.

2.5.2. Entrevista a Coordenadora da BE

Perfil da entrevistada

Em termos de formação fez o antigo magistério primário e mais tarde o complemento de formação. É professora do 1º ciclo há 28 anos e foi directora de escola durante 3 anos. Está nesta escola desde a abertura em 1999/2000 e é coordenadora da BE, sem turma, pelo terceiro ano consecutivo, fazendo parte da equipa

desde a instalação e sendo a coordenadora de projecto. Não tem formação específica em bibliotecas, apostando na auto-formação e na frequência de congressos e seminários.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola e na biblioteca

Nesta escola é feita a leitura orientada na sala de aula, a par e em grupo, sendo elaborados guiões, fichas de leitura e outros materiais, e trabalhada a expressão dramática a propósito das várias obras do PNL. A escola recebeu 2500€ de financiamento para aquisição de livros da lista recomendada (6 títulos escolhidos por ano de escolaridade e 12 exemplares de cada título; para o Jardim de Infância foram seleccionados 10 títulos, 2 exemplares de cada). Esses livros estão colocados numa estante autónoma e claramente identificada da BE, sendo levados em sacos próprios para as salas de aula aquando da realização das leituras. O próprio processo de requisição dessas obras faz parte das actividades de envolvimento dos alunos, uma vez que são eles próprios que são encarregues pelos professores de se deslocarem à BE para localizarem os materiais, com o apoio da coordenadora, e para os disponibilizarem aos colegas, prolongando o contacto com e o manuseio dos livros. Há obras requisitadas durante um mês, ou um trimestre, outras que o são todos os dias, consoante as diversas estratégias adoptadas pelos professores.

Na inscrição no PNL, a escola apresentou um projecto intitulado *Conto Contigo*, elaborado colectivamente. A escolha dos livros a partir da lista recomendada foi também um processo colectivo, em que participaram a coordenadora da BE e os outros professores da escola. Foi posta em circulação uma grelha com as várias obras propostas a partir da qual os professores fizeram as suas selecções e indicaram as actividades que iriam levar a cabo. Aqui foi também referido que foram privilegiados nessas escolhas, por exemplo, os contos e deixada um pouco de parte a poesia:

Trabalham muito os contos. Penso que não há assim muita vontade, por exemplo, em relação à poesia. Sinto um pouco isso. Também noto que há professores que têm mais à-vontade para trabalhar algumas das obras de poesia seleccionadas. Há alguns professores que têm algum receio em trabalhar a poesia, ou o texto dramático, por exemplo. É a formação... Penso que é a altura também de reflectir e pensar-se um bocadinho na formação. Acho que os professores estão também muito limitados ao programa, aos manuais também.

Tendo cada turma entre 20 a 24 alunos, as actividades decorrem com um livro para cada 2 alunos, o que é considerado muito positivo pela coordenadora da BE. Não obstante, foram também referidas algumas dificuldades de gestão dessas leituras a par, relacionadas com a idade dos alunos:

Que funciona, funciona. Pronto, mas sabemos que nessas idades há sempre aquela dificuldade em partilhar. Cada um quer o seu livro! (risos) Ainda há dias tive um caso de um livro, que pronto, os dois queriam o mesmo. Era um livro para os dois, não é? Mas um queria pô-lo mais para um lado e o outro mais para o outro, e acabaram por puxar e soltaram as páginas. É daquelas coisas que nós temos também que ensinar-lhes a trabalhar com eles. É claro que o ideal seria cada um ter o seu livro, mas também se formos a ver tantos exemplares de uma obra... Eu acho que se houver maior diversidade será melhor. Dentro deste número dos 12 por turma acho que está bem.

No respeitante ao tempo semanal dedicado às actividades de leitura, a coordenadora da BE sublinhou que os professores gostariam de dispor de mais tempo para uma efectivação mais satisfatória dessas actividades.

Ainda no quadro dos livros financiados pelo PNL, outra dinâmica digna de nota a ocorrer nesta escola prende-se com o facto de alguns pais de alunos do 4º ano terem optado por adquirir para os seus filhos as obras escolhidas pela escola, que os colocou ao corrente dos objectivos do PNL, os informou das actividades

que iriam ser realizadas e os sensibilizou para a necessidade de se envolverem e colaborarem. No início do ano lectivo, a coordenadora da BE entregou aos pais/encarregados de educação um folheto de Conselhos Úteis à Família, onde eram feitas sugestões relativas ao envolvimento activo dos pais no desenvolvimento dos hábitos de leitura dos filhos.

Está instituída na escola a requisição semanal, em que todas as turmas se deslocam à BE para fazerem a requisição domiciliária de livros e através da qual se tenta estimular a leitura e a utilização autónoma das obras. Já no que diz respeito ao Jardim de Infância, são os pais que se deslocam todas as semanas à BE para acompanharem os seus filhos. Esta é uma actividade muito apreciada pelos alunos, segundo a coordenadora da BE.

A um nível mais geral de promoção da leitura, a BE realiza regularmente encontros com escritores infantis, feiras do livro, sessões com contadores de histórias e sessões com os pais/encarregados de educação dos alunos e com “outras pessoas que não são pais mas que são aqui da comunidade e que sabemos que estão disponíveis. Convidamos e vêm à escola, já é uma prática que temos há uns anos.” Este ano, como nos dois anteriores, estava também prevista uma visita de estudo à Feira do Livro de Lisboa, que não se concretizou por problemas internos da escola relativamente ao programa anual de visitas de estudo.

A escola inscreveu-se na Semana da Leitura, que englobou todas as turmas, procurando aproveitar essa oportunidade para tentar estreitar a participação da família nos processos de estímulo à leitura. Seguindo a proposta dada pelo PNL, foram realizadas sessões de leitura de histórias e poemas na sala de aula com os familiares dos alunos (*Leitura em Família*), nomeadamente pais, irmãos e avós, que foram convidados a participar. Outros pais resolveram falar um pouco acerca de uma obra de que tivessem gostado, ou preparar um projecção de *PowerPoint* baseada num livro. Esta iniciativa teve um êxito assinalável:

Houve alguns pais que não puderam vir e então vieram os irmãos mais velhos! Em alguns casos aconteceu isso, ou o avô também, porque o pai não pôde vir. Portanto chegavam cá e diziam: “A minha mãe não pode vir e vim eu.” Por acaso o ambiente foi fantástico, gostei imenso dessa experiência. Até o pai que meteu um dia de férias para responder ao convite para participar, e esteve cá toda a manhã! Entretanto havia uma turma com uma hora que não tinha ninguém, pediram-lhe e ele esteve disponível aqui na escola durante toda a manhã. Portanto foi fantástico.

Na Semana da Leitura foram realizadas actividades para todos os níveis de ensino, desde o Jardim de Infância ao 4º ano: construção de puzzles baseados em contos tradicionais, jogos de procura de livros na BE, leitura de histórias dos livros encontrados, presença de contadores de histórias (Grupo Contarte), encontros com escritores (Margarida Fonseca Santos, Luísa Ducla Soares), concurso de construção de acrósticos a partir de palavras relacionadas com a leitura, construção de um mural alusivo ao livro e à leitura. Outra das principais iniciativas de promoção da leitura que tiveram lugar nesta escola durante a Semana da Leitura concretizou-se na realização de “intercâmbios”: alunos mais velhos de outras turmas da escola e também alunos do 6º e 7º anos de outra escola do Agrupamento que já tivessem frequentado a EB1/JI, fizeram momentos de leitura em turmas de alunos mais novos com o objectivo de estimular sociabilidades e de propiciar experiências mais descomprometidas com o livro. Segundo a entrevistada, foi algo que teve muito sucesso, quer entre as crianças mais novas, quer entre as mais velhas, e é para continuar nos próximos anos lectivos.

A realização da Semana da Leitura foi avaliada de forma muito positiva pela entrevistada, quer em termos gerais, quer no que diz respeito às reacções dos alunos e dos pais: “Acho que foi assim um passo

importante. [Os pais] acharam que podiam estar a acompanhar mais de perto os filhos. O ser no espaço da escola, na sala do filho, isto realmente foi assim um partir para uma postura, não é? Na educação dos filhos.” Contudo, a heterogeneidade de situações familiares e as consequências que daí advêm para o nível e o tipo de envolvimento dos pais nestas actividades também foi colocada em evidência.

Os produtos feitos pelos alunos das várias actividades da Semana da Leitura estão profusamente expostos, não apenas na BE, como por toda a escola, incluindo muitas referências ao PNL e à “marca” Ler+. Em todas as actividades referidas, a BE serviu como ponto de referência fundamental em termos espaciais e simbólicos.

Relativamente às actividades de escrita, a entrevistada referiu a existência de articulações fortes entre essas e as actividades anteriormente referidas de estímulo à leitura, não deixando de sublinhar que há uma grande diversidade de abordagens entre os vários professores: jogos de escrita, fichas de leitura, resumos, etc.

Em termos gerais, e no que diz respeito às actividades de promoção do livro e da leitura, foi referido que a diversidade é grande e que cada turma tem uma dinâmica muito própria, dependendo não apenas da estratégia adoptada pelos professores e das características específicas dos alunos, mas também do nível de envolvimento dos pais.

A divulgação das várias actividades, antes e depois da sua realização, é feita através da página da Internet da escola (com textos, fotografias e vídeos) e através do jornal escolar *Manias*, que é trimestral. Cada turma tem um espaço próprio na página da Internet onde os alunos costumam colocar os seus trabalhos, com o auxílio dos professores, página que os pais também visitam e onde deixam comentários no Livro de Visitas.

Ao nível de entidades externas, a BM surge como o parceiro privilegiado na realização de actividades de promoção da leitura, através do SABE que dá “muito apoio técnico” (sugestão e requisição de materiais, catalogação, etc.); as técnicas do SABE da BM deslocam-se regularmente à BE. Especificamente no que respeita às actividades enquadráveis no âmbito do PNL, a BM facilitou, por exemplo, os contactos com os escritores que visitaram a escola. Já esta também faz divulgação das actividades da BM, nomeadamente dos Sábados em Cheio, que é uma iniciativa regular em torno da animação de livros feita pela equipa de animadores residentes.

Foi recebido também um apoio financeiro pontual da Gulbenkian no início da actividade da biblioteca e referidos outros apoios ocasionais da Junta de Freguesia em termos logísticos. Não foram referidas outras entidades externas que apoiem a escola ao nível das actividades de leitura.

Para além daquilo que já foi referido (participação dos alunos de outras escolas nas actividades de leitura), ao nível do Agrupamento não existem articulações muito relevantes a destacar. O jornal *Manias* sendo uma criação desta escola, tem mais recentemente procurado incorporar também colaborações e trabalhos de outras escolas do Agrupamento.

O Plano Nacional de Leitura, em termos gerais e na sua organização

A entrevistada tomou conhecimento do PNL através da comunicação social. Mais tarde a informação foi divulgada pelo Agrupamento e o Conselho Executivo da própria escola transmitiu-a aos docentes. Posteriormente, a coordenadora da BE criou um dossier com toda a informação disponível até esse momento passível de ser consultado na sala dos professores.

Segundo a perspectiva da entrevistada, há uma grande participação e interesse dos alunos pela leitura na sala de aula, actividade que tem contribuído para familiarizar os alunos com os livros e com a BE e para desenvolver o gosto pela leitura. Estas actividades do PNL vieram, na sua perspectiva, contribuir para acentuar determinadas dinâmicas positivas anteriores:

Eu acho que os miúdos cada vez gostam mais de ler. Noto isso. E gostam imenso de vir à biblioteca. Como coordenadora da biblioteca tenho reparado que há um maior interesse pelos livros. Porque houve assim uma fase, com os computadores, com esta fase da informática, mais ligada aos jogos, à *Playstation*, por aí fora, e eu noto que há um maior interesse pelos livros. Querem o livro, e vir buscá-lo à biblioteca, são mais exigentes, já sabem procurar o livro que querem. E depois conversam entre eles, falam dos livros que estão ler, partilham isso. E depois quando vêm à biblioteca já procuram o livro x. Acho que já são mais selectivos e exigentes naquilo que realmente gostam de ler: às vezes têm dificuldade em dizer qual é o título, qual é o autor, e tentam transmitir a ideia do livro e depois lá temos de procurar com eles qual é o livro que eles querem.

Quanto aos professores, a avaliação feita foi também positiva, não tendo a coordenadora da BE deixado de referir aquilo que entendeu ser alguma morosidade do processo e a existência de algumas dúvidas iniciais em relação aos objectivos e ao processo de aquisição dos livros:

Inicialmente houve assim alguma preocupação: “Mais um Plano! Como é que vamos trabalhar?” Porque inicialmente nada estava previsto, começámos o ano sem saber se teríamos os livros, como é que podíamos adquirir os livros, se iríamos pedir aos pais ou se seria através do Ministério. Começámos assim um bocadinho com alguma insegurança, pronto. Depois entretanto soubemos que teríamos o subsídio na primeira fase. Claro, isso levou algum tempo... Só praticamente no fim de Novembro, princípio de Dezembro, é que pudemos fazer a encomenda dos livros que chegaram mais ou menos a meio de Dezembro. Só em Janeiro é que esses livros estavam disponíveis. Mas houve professores que já tinham pedido aos pais, para comprar os livros, que começaram a trabalhar. Outros começaram a trabalhar com os livros disponíveis, que tínhamos na biblioteca.

Segundo aquilo que foi dito, o envolvimento dos professores no Plano foi-se fortalecendo ao longo do tempo e desde o início do processo, gerando expectativas optimistas para os próximos anos lectivos.

Em termos gerais, foi considerado muito positivo que o Plano tenha colocado a leitura na ordem do dia:

O PNL veio realmente despertar as pessoas para a leitura, porque acho que estava a ficar um bocadinho esquecida. Eu acho que nesse aspecto o PNL veio realmente alertar e despertar para a leitura e que é necessário ler-se. Há um caso aqui de uma mãe que se ofereceu para ler. Pronto, tinha aquela vontade de participar na turma do filho! Mas depois, percebeu-se que ela não conseguia ler... Depois lá se arranjou uma estratégia, a professora disse: “Aí a mãe esqueceu-se dos óculos, então leio eu.” Pronto, é isso que nós sentimos ainda hoje. Aquela mãe realmente não quis dizer que tinha dificuldade em ler, mas esteve ali, ofereceu-se, apareceu, pegou no livro, quis ler! (...) O PNL surgiu no momento certo e penso que já se estão a ver resultados a nível do interesse e da participação. Maior envolvimento, não é? (...) Através do incentivo, do despertar, porque o Plano é para despertar, não é?

O PNL veio também trazer “mais trabalho!” aos professores e à equipa da BE: “Mas claro isto é sempre trabalho muito produtivo (risos).” A entrevistada sublinhou que grande parte das actividades de promoção da leitura já eram levadas a cabo previamente à existência do Plano, fazendo parte do plano anual de actividades, destacando por outro lado as contribuições específicas da existência do PNL:

Inovação não penso que haja assim grande coisa. Realmente esta oportunidade de podermos ter mais materiais, mais livros em quantidade, isso foi muito importante. Outras coisas já fazíamos, as actividades que estão propostas já fazíamos.

A entrevistada fez uma avaliação positiva da lista de obras recomendadas – “A lista é um instrumento importante para fazer a escolha” – acrescentando também os seguintes comentários:

Há algumas obras que já não estão no mercado, já não são editadas. Porque tentámos procurar e fomos informados que já não são editadas. E há outras que o nível de escolaridade para que estão direccionadas, consideramos difíceis.

A marca Ler+ mereceu uma apreciação bastante positiva por parte da entrevistada que também desenvolveu esforços no sentido de a divulgar junto dos alunos e dos pais/encarregados de educação:

Está bastante apelativa, chama a atenção e realmente faz reflectir. (...) Tentamos chegar um bocadinho mais aos pais, sensibilizá-los para a leitura. Agora tentei falar-lhes na publicidade da televisão do Plano. Eles [os alunos] já falavam disso: “Ah, já vi o ler mais na televisão!” E eu: “Então o que é o ler mais? Então já explicaste aos pais, já conversaram sobre isso?” “Já conversámos. Temos que ler mais!” (...) Os alunos conhecem a expressão ler mais, o ler mais. Mas não há aquela ligação “o Plano Nacional de Leitura”. “Temos que ler mais”, é o que fica.

Mais especificamente em relação ao sítio do PNL, foi referido que contém uma grande quantidade de informação e que, também por isso, é um pouco difícil de utilizar de forma rápida. De qualquer forma, foi depois sublinhado que esse recurso foi melhorando ao longo do tempo e que é essencial como fonte de informação, de divulgação do Plano e de ferramenta de apoio à sua implementação na escola, sendo utilizado com frequência pela coordenadora da BE e por outros professores. A primeira costuma difundir pela escola alguns materiais que vão aparecendo no sítio e que considera mais importantes ou interessantes.

Em termos de aspectos eventualmente menos positivos do PNL, a entrevistada referiu o seguinte:

Não sinto que seja de alguma forma uma perturbação, há apenas alguma preocupação face às frequentes mudanças que vão surgindo, a nível do Ministério que vão surgindo nestes últimos tempos. [O PNL] surgiu talvez como mais uma preocupação, talvez repentina, não é? Mais uma... Talvez em princípio pensou-se mais que seria melhor não fazer um plano, mas pensar-se mais nas BEs, nos recursos para as bibliotecas, no criar-se um espaço nas escolas para bibliotecas mais dinâmicas, com mais recursos materiais e humanos. Numa primeira fase pensávamos que talvez tivesse sido o ideal. Todas as actividades são actividades que nós já fazíamos... Assim de novidade novidade, não penso que tenha trazido muito. Só a oportunidade realmente de termos estes materiais em maior quantidade. (...) Agora, talvez fosse melhor se se tivesse começado por uma melhor formação dos professores, relativamente à leitura, depois pela aquisição dos materiais, e mais tarde o desenvolvimento do projecto do Plano em si.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

A este respeito foram identificadas algumas dificuldades de monta que, no quadro de muitas das famílias dos alunos, se colocam ao trabalho que é desenvolvido na escola em torno do livro e da leitura:

Hoje em dia é difícil. Há crianças que levam livros para casa, os mais pequeninos, que ainda não sabem ler, e às vezes têm aquele interesse em levar determinado livro. É claro que nós não podemos impedi-los de levar. Tentamos orientar a escolha, não é? Mas sabemos que por vezes há livros que eles sozinhos não vão poder ler e explorar. Eu pergunto sempre: “Tens alguém para ler contigo? A mãe costuma ler, ou o pai costuma ler?” E há crianças que dizem: “A minha mãe não sabe ler. O meu pai não sabe ler. Leio sozinho.” Crianças que vivem nestes meios familiares, claro, que apoio é que têm? É a escola que tem que dar resposta a tudo isto.

Em termos mais gerais, foi veiculada a opinião de que a evolução da relação dos jovens com a leitura está a fazer-se num sentido positivo:

Vão adquirindo cada vez mais hábitos de leitura. E acho que são eles próprios que estão a incentivar, a envolver mais as famílias, que cada vez se interessam mais e participam mais.

Sugestões e propostas

As principais expectativas que a coordenadora da BE quis transmitir prendem-se com a continuidade do financiamento para aquisição de livros, por um lado, e com um maior apoio dado a nível dos recursos humanos da BE, por outro:

Isto é uma escola grande e eu não consigo chegar a todos. Estar aqui todo o dia, tendo o aspecto técnico de organização, do funcionamento, e depois com a parte da dinamização. Apesar de que os professores também colaboram... portanto é um pouco difícil essa parte.

Também foi sublinhada a necessidade de o PNL investir mais em chamar as atenções dos pais para a existência da biblioteca municipal:

Tem que haver aí também uma grande abertura, para as pessoas procurarem a biblioteca municipal. É porque ainda há muitas pessoas que não sabem que existe a BM. É um trabalho que nós também tentamos fazer, de divulgação, mesmo junto dos jovens e tudo. O PNL também podia aí fazer mais coisas.

A propósito de expectativas e sugestões a um nível mais geral, a coordenadora da BE referiu ainda o seguinte:

Talvez agilizar estas fases todas do Plano. Nós na escola trabalhamos a nível de ano lectivo, e começámos o ano lectivo sem saber o que é que podíamos esperar. É complicado... Nós temos que preparar um ano de trabalho a nível da escola. E no princípio do ano lectivo estávamos muito receosos porque não sabíamos o que iríamos ter, com que materiais teríamos que trabalhar, se teríamos livros e quando é que teríamos os livros. Talvez se se tivesse preparado as coisas com mais antecedência, pronto, os resultados fossem outros.

Caracterização da BE e da sua utilização/funcionamento (descrição e avaliação)

Para além da coordenadora, fazem parte da equipa da BE uma professora de 1º ciclo que está no Apoio Educativo e uma Educadora de Infância. O equipamento funciona em regime duplo, das 9h00 às 17h00, dando apoio aos alunos da manhã e aos alunos da tarde, o que complica um pouco o funcionamento quotidiano, uma vez que, por vezes, os alunos dos dois períodos se cruzam e originam uma utilização mais intensa e turbulenta dos diversos recursos.

Devido ao elevado número de alunos da escola, a utilização do equipamento ao longo do dia está previamente definida numa grelha de actividades onde estão previstas actividades “certas” como a requisição semanal de livros por cada turma acompanhada dos professores (os alunos do Jardim de Infância são acompanhados pelos pais), e “outras actividades”, sejam de pesquisa ou de leitura ou mesmo a realização de uma Hora do Conto. Relativamente a este último conjunto, os professores integram-se no plano semanal, escolhendo a actividade que querem desenvolver, sendo que algumas delas são propostas pela BE e outras são-no pelos próprios professores.

No início de cada ano lectivo é sempre feita uma apresentação da biblioteca a todas as turmas, incidindo sobre as regras, a utilização dos materiais e dos recursos existentes, etc. Existe também um conjunto de alunos “colaboradores da biblioteca”, do 4º ano, que fazem a “assessoria” aos alunos mais novos: aquando da requisição de livros vão buscá-los à sala, trazem-nos à biblioteca e ajudam-nos a escolher o livro, preenchem a ficha de requisição e depois vão novamente com eles até à sala de aula. Estes alunos também ajudam semanalmente na arrumação dos livros nas estantes, algo que contribui para configurar um processo extra de aprendizagem de utilização da biblioteca (em relação às quotas, à CDU, etc.):

Não é nada fácil (risos). Se eu arrumasse sozinha arrumava mais depressa e punha os livros no sítio certo, mas pronto. Mas é aquele trabalho que eles fazem, e é curioso que eles quando estão a arrumar um livro, perdem-se! Pegam num livro e estão a folhear o livro e depois perdem-se... É precisamente esse contacto com o livro que é interessante, e é tão interessante de ver, não é? Como é que eles gostam e nós temos de dar-lhes a oportunidade, cada vez mais. Por isso a biblioteca na formação dos alunos é um recurso extremamente importante, é um recurso que devia existir em qualquer escola.

No que diz respeito à BE, o livro assume destaque como suporte mais utilizado nas actividades em torno da leitura. Outros suportes são também utilizados, como os jornais, as revistas, os vídeos e a Internet, mas também vários jogos existentes na BE. A estratégia seguida é uma de “canalização” progressiva dos alunos para os livros, com o recurso a jogos e obras apelativas em termos gráficos e visuais:

Nesta idade, do 1º ciclo, eles têm muito interesse em mexer nas coisas, quando vêm à biblioteca. Temos também que dar tempo, para que eles não fiquem confusos e depois canalizá-los para a exploração de uma obra que achamos adequada para o grupo que temos, e exploramos a esse nível.

A biblioteca recebe vários jornais diários e revistas que são colocados no átrio da escola, perto da biblioteca, sendo muito utilizados pelos alunos e pelo próprios pais, enquanto esperam para levar os seus filhos.

Como a escola possui uma sala TIC com acesso à Internet, que é utilizada semanalmente pelas turmas, os 3 computadores da BE acabam por não ser muito utilizados. Quando isso acontece, é geralmente para realização de pesquisas de algum projecto. Os próprios professores da escola costumam também utilizar os recursos informáticos da BE para trabalharem.

Num questionário aplicado aos alunos para efeitos de avaliação do Projecto Educativo, os alunos identificaram a biblioteca como um dos espaços onde mais gostam de estar:

Qualquer criança gosta de um espaço destes, não é? Nós tentamos tornar o espaço agradável. E depois esta oportunidade que eles têm de ter à disposição tantos materiais que não têm em casa. Tenho os casos de alguns alunos que têm o mesmo livro em casa, mas querem o da biblioteca! É diferente, pronto. E depois mexer, eles gostam muito e precisam de mexer nos materiais e nós tentamos dar espaço a isso também. De um modo geral os alunos gostam de vir à biblioteca, e gostavam de vir mais vezes. O único problema que se põe, realmente, é serem muitas turmas e muitos alunos. (...) Por exemplo, gostam muito do cantinho da leitura, das almofadas, dos cubos... Gostam muito dos materiais que eles não têm, pronto. Há livros que não podem ser levados para casa por causa do tamanho ou do peso, e é neste espaço que eles podem mexer nisso tudo à vontade. E eles gostam imenso.

Em termos de outros elementos de avaliação regular da acção da BE, foi dito que no final de cada período é pedido aos professores, ao nível do grupo de ano, que façam um relatório de apreciação do funcionamento do espaço. A equipa da biblioteca elabora relatórios semestrais e no final de cada ano lectivo. Foi ainda referido que é sentida a falta de instrumentos capazes de fornecerem indicadores de avaliação mais elaborados e concretos do funcionamento quotidiano da BE.

A entrevistada fez uma apreciação global bastante positiva do espaço e dos recursos da BE:

Neste momento já temos um suporte pedagógico bastante importante e positivo. Com tudo o que dispomos acho que não nos podemos queixar nesse sentido. (...) Claro que podíamos ter alguns materiais mais actualizados. Penso que neste momento é um recurso central e disponível para a escola.

Foi também referido que a acção da BE seria potenciada se ela pudesse dispor de mais materiais (renovação mais rápida de fundos, mais revistas, mais jogos, etc.) e de mais recursos humanos, especialmente em face do elevado número de alunos da escola e da inexistência de uma funcionária auxiliar:

O único aspecto negativo que eu vejo é ao nível dos recursos humanos. Estou cá eu todo o dia e ter realmente que dar resposta às necessidades da escola, a parte da dinamização e a parte da organização... Não temos uma auxiliar, por exemplo. Nesta biblioteca faz imensa falta, por exemplo: vai uma criança requisitar um livro, ou material, quando eu não estou já é difícil, porque não está mais ninguém. Eu estou cá das 9h00 às 17h00 e depois ainda há o tempo para organização, que eu muitas vezes não consigo fazer, não posso fechar a porta e dizer: “Agora ninguém entra.” (...) Também há um problema sempre na biblioteca que é de saber como é que vai ser o ano seguinte, porque não sabemos quem é que vai continuar. Eu vou estando cá mas sempre naquela incerteza, não sei se para o ano estarei! Porque esta função de professor coordenador foi criada há três anos, a nossa escola foi uma das que teve pela primeira vez um professor destacado só para a biblioteca. Portanto é uma situação que ainda não está muito bem definida.

A par da necessidade de dotar a BE de mais recursos, surgiu a vontade de abrir mais o equipamento à comunidade e de estimular o desenvolvimento de articulações entre a BE e a BM:

Por exemplo, quando nós temos feito o Dia das Bibliotecas Escolares, um dia sempre aberto à comunidade, em que os pais podem vir à biblioteca, e vêm, e eles adoram estar aqui, na biblioteca! Porque não é a biblioteca do tempo deles, e gostam de estar aqui, gostam deste espaço. E depois nós dizemos: “Vocês devem procurar as bibliotecas.” Acho que é essa oportunidade que nós devemos dar também à família e começando pela escola, que está mais próxima. Por exemplo, às vezes há crianças que chegam aqui e que querem um livro para um irmão mais velho, que está a fazer um determinado trabalho. Se calhar esse irmão já pode procurar a biblioteca municipal. Não vai porquê? Tem que se explicar ao aluno e dizer: “Olha, diz ao teu irmão para ir à biblioteca.”

A RBE (contactos, importância, avaliação)

Esta BE foi integrada na Rede em 2000/2001, um ano depois da inauguração. Segundo a coordenadora, o processo de instalação correu de feição, embora tenha sido algo demorado devido a questões relacionadas com a autarquia; a RBE financiou a aquisição do mobiliário, do fundo documental e dos recursos informáticos (um dos computadores; os outros dois foram adquiridos pela autarquia).

Já depois da instalação a BE recebeu financiamento da RBE para reforço do fundo documental. Relativamente a apoios técnicos e logísticos mais correntes, eles têm sido dados sobretudo pela BM. Existem depois as reuniões periódicas da RBE, onde estão presentes as outras escolas do município, e no decorrer das quais é feita a partilha de experiências, são apresentadas dúvidas e planeadas acções.

Em termos globais, a avaliação feita a propósito da Rede foi positiva. No respeitante às expectativas da coordenadora da BE relativamente ao relacionamento futuro com a RBE, foi novamente destacada a necessidade de serem dados apoios ao nível da melhoria dos recursos humanos, quer em termos de colocação de um auxiliar ou de um animador na biblioteca, quer em termos de estabilização da situação dos professores coordenadores, quer ainda em termos de oferta de formação.

2.6. Biblioteca Escolar da Escola Básica do 1º Ciclo nº 3 do Cacém (Sintra)

2.6.1. Relatório de visita

O primeiro contacto com a Biblioteca Escolar foi efectuado por telefone no dia 23 de Março de 2007, tendo sido possível falar com a coordenadora a tempo inteiro da BE, que é simultaneamente a professora de contacto com o PNL na escola. A resposta ao pedido de colaboração foi bastante positiva, disponibilizando-se imediatamente para organizar a visita à escola.

A primeira visita à escola iniciou-se no dia 20 de Abril de 2007 às 9h30m. Antes de se iniciar a entrevista com a coordenadora da BE, o presidente do Conselho Executivo visitou a biblioteca para dar as boas vindas e para manifestar a sua disponibilidade para colaborar no que fosse necessário. Ficou bastante contente por saber que a escola tinha sido referenciada como um caso interessante para acompanhar no âmbito da avaliação e elogiou o trabalho da coordenadora. A entrevista com a coordenadora da BE foi complementada com materiais relativos às actividades desenvolvidas pela escola no âmbito do Plano. Em seguida, realizou-se a entrevista com um grupo de professoras.

Posteriormente, foi visitado o ginásio da escola onde se encontravam expostos os trabalhos e as actividades desenvolvidas pelos alunos no âmbito do PNL e informação relativa à BE. Quer as paredes, como os expositores próprios estavam cobertos de desenhos, textos e fotografias.

De regresso à BE e a coordenadora mostrou e comentou os diferentes espaços, equipamentos e materiais da biblioteca. Localizou neste âmbito os livros adquiridos com as verbas atribuídas pelo PNL. Na sequência desta visita foi preparada uma mesa com alguns trabalhos dos alunos realizados no âmbito das actividades do PNL. Tinham também sido preparados 2 CD-ROMs com materiais relativos às actividades desenvolvidas na escola, bem como 2 exemplares do jornal do agrupamento. A BE encontra-se logo à entrada da escola, não sendo um espaço muito amplo. Durante o tempo que permaneci na biblioteca foram poucos os alunos que lá se dirigiram, até porque praticamente todos eles se encontravam em aulas. Por outro lado, alguns professores passaram por lá para ir buscar livros ou permaneceram a trabalhar nas mesas.

2.6.2. Entrevista a Coordenadora da BE

Perfil da entrevistada

A coordenadora da BE tem 40 anos e tem um bacharelato na área do ensino no 1º ciclo que completou na ESE de Torres Novas. Quando terminou o curso iniciou logo a sua actividade profissional como professora, tendo trabalhado nos distritos de Santarém e Évora, sempre como titular de turma e num dos casos como directora de escola. Em 1997 casou, foi para o Cacém e ingressou na EB 1 nº 3 do Cacém. Fez o complemento de formação para obter o grau de licenciatura e tem permanecido nesta escola, onde já desempenhou também a função de vice-presidente do Conselho Executivo durante 3 anos, período durante o qual se dedicou também à BE. Este ano lectivo foi convidada para estar a tempo inteiro na BE, função que aprecia bastante, esperando aí poder permanecer por mais 2 anos. Tem entretanto completado diversas formações na área das bibliotecas. Actualmente frequenta uma acção de formação direccionada para o tratamento do fundo documental.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola e na biblioteca

Para dar resposta aos objectivos do PNL, têm vindo a ser desenvolvidas desde o início do ano lectivo diversas actividades de promoção do livro e da leitura na escola:

- a 5 de Dezembro de 2007 foi realizado um seminário intitulado “A Importância da Leitura no Sucesso Escolar da Criança”, no Salão Paroquial da Igreja do Cacém, direccionado a pais e professores e que

contou com a presença da Dr^a Alexandra Marques, em representação do PNL, de António Carlos Cortez (escritor) e da Dr^a Raquel Moura da Divisão de Educação da Câmara Municipal de Sintra.

- realização de um concurso literário por período.

- entre 11 e 15 de Dezembro realizou-se uma Feira do Livro na BE destinada a promover entre alunos, encarregados de educação e professores o gosto pela leitura e onde era possível encontrar vários livros sugeridos pelo PNL.

- no Natal seguiram a sugestão do Plano e enviaram uma carta aos encarregados de educação a incentivar a oferta de livros à BE. Foi criado o “Clube de Amigos da Biblioteca” e a cada aluno que oferecesse um livro à BE era-lhe entregue um diploma que confere o título de “Amigo da Biblioteca”.

- têm também efectuado diversas visitas de estudo no âmbito das obras trabalhadas. Por exemplo, exploraram o livro *Uma Aventura no Palácio da Pena*, de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, e visitaram posteriormente o local.

- na Páscoa decorreu na BE a “Mostra de Ovos Gigantes” para os alunos dos 1º e 2º anos de escolaridade de todo o agrupamento que trabalharam a obra *Os Ovos Misteriosos*, de Luísa Ducla Soares e Manuela Bacelar.

- têm também recebido no espaço da BE alguns escritores e ilustradores. A 25 de Outubro a escola foi visitada por Isabel Alçada que falou com as crianças e que concedeu uma entrevista aos alunos do 4º ano para o jornal escolar. Nos dias 28 de Fevereiro e 7 e 14 de Março receberam o ilustrador Bruno Gaspar no âmbito do projecto “O Livro Gigante”, promovido pela Divisão de Educação da Câmara Municipal de Sintra.

- no final de cada período e no fim do ano lectivo são realizadas exposições dos trabalhos elaborados pelos alunos, nomeadamente no âmbito do PNL.

Estas actividades centram-se fundamentalmente no livro e são sempre desenvolvidas com uma vertente lúdica para cativar as crianças. Todas estas acções encontram-se plenamente integradas no plano de actividades da escola e particularmente articuladas com o trabalho que é realizado na sala de aula.

A escola envolveu-se também de forma interessada nos concursos propostos pelo PNL, divulgando e estimulando, particularmente por parte da coordenadora da BE, a participação dos alunos nas mesmas. Todos aqueles que se direccionavam para as faixas etárias dos alunos do 1º ciclo contaram com a participação de todas as turmas da escola. A coordenadora tem procurado responder a tudo aquilo que tem sido proposto pela Comissão do Plano.

Todas estas acções são divulgadas na escola em *placards*, através de cartazes, no jornal escolar “A Nossa Palavra” e a coordenadora percorre ainda todas as salas de aula para informar professores e alunos. Quando pretendem envolver entidades exteriores, como outras escolas ou a autarquia, procedem ao envio de convites. As práticas de promoção da leitura levadas a cabo na escola foram alvo de uma reportagem para o programa “Fátima”, da SIC, que foi transmitida na ocasião de uma entrevista a Isabel Alçada. As filmagens ocorreram numa turma do 2º ano de escolaridade e a coordenadora da BE foi também entrevistada como responsável pelo PNL na escola.

Embora a escola procure promover a participação dos encarregados de educação nas actividades de promoção do livro e da leitura, na realidade quer a Associação de Pais, quer os encarregados de educação em geral, não têm respondido de forma positiva a estas solicitações. A coordenadora não percebe se se trata de falta de interesse ou de disponibilidade. No início do ano lectivo, nas reuniões de pais realizadas, foram

devidamente informados sobre o PNL por parte dos professores. Uma minoria acabou por solicitar as listagens de livros e adquirir alguns títulos para os seus filhos.

É importante referir que a EB 1 n.º 3 do Cacém (que é sede de agrupamento) foi a única escola do agrupamento que recebeu financiamento do PNL para a aquisição de livros. Neste sentido, e porque as restantes escolas se encontram também inscritas no Plano e a desenvolver actividades, têm de recorrer aos livros da escola sede. É da responsabilidade da coordenadora organizar e disponibilizar alguns títulos para que estas escolas possam desenvolver algum trabalho com base nalgumas obras. Apesar deste intercâmbio, a BE não é geralmente visitada por outras escolas, mais pela dificuldade de transporte, do que pela falta de interesse. Outras escolas do agrupamento solicitam também, por diversas vezes, que a coordenadora da BE se desloque para dinamizar actividades noutras BEs do concelho, contudo, não tem disponibilidade para fazê-lo, já que trabalha com 20 turmas na escola.

A escola participa também em actividades exteriores organizadas pela BM de Sintra, como dramatizações e narração de contos. No início do ano lectivo a BM apresenta o seu plano anual de acção às escolas que depois se inscrevem para as acções que mais lhes interessam. A relação que a escola mantém com o SABE não é muito profícua, já que deveriam prestar apoio no tratamento do fundo documental das BEs e ainda não o fizeram e não disponibilizam acções de formação solicitadas por diversas vezes pelos professores.

A escola conta ainda com o apoio da Junta de Freguesia do Cacém que já ajudou a adquirir o programa informático para tratamento do fundo documental e que presta apoio sempre que solicitado.

Alguns professores da escola desenvolviam já algumas actividades de promoção do livro e da leitura, particularmente em contexto de sala de aula, embora de forma pouco integrada e algo dispersa. Com o surgimento do Plano todos os professores envolveram todas as turmas da escola na exploração das obras adquiridas com a verba que lhes foi atribuída. Ainda assim, de acordo com a coordenadora da BE, alguns docentes estão visivelmente mais empenhados e motivados que outros, apesar de a participação no PNL ser voluntária.

O Plano tem vindo a ser trabalhado, não só em Língua Portuguesa, mas também, sempre que se justifique, no âmbito de outras áreas disciplinares, nomeadamente de Estudo do Meio e de Matemática. Os docentes procuram, portanto, articular os conteúdos programáticos dos currículos com as obras que estão a trabalhar no âmbito do PNL.

A exploração dos livros e as actividades desenvolvidas são deixadas ao critério de cada docente. Inicialmente a coordenadora da BE tinha proposto criar fichas para trabalhar os livros, mas depois de debatida esta ideia consideraram que seria mais profícua que cada docente adaptasse as acções de promoção do livro e da leitura às especificidades das suas turmas. Esta decisão é também positiva por possibilitar maior diversidade de acções implementadas e por não impor determinado tipo de trabalho a todos os docentes.

Apesar de a escola não ter sido informada atempadamente da proposta de realização da Semana da Leitura, conseguiram organizar-se e desenvolver um conjunto de actividades que a coordenadora considera terem sido um sucesso entre toda a comunidade educativa:

- realizaram um *peddy-paper* devidamente adaptado para cada ano de escolaridade. As actividades dos alunos dos 1.º, 2.º e 3.º anos basearam-se nas obras trabalhadas na sala de aula no âmbito do PNL. Por outro lado, os alunos do 4.º ano participaram num *peddy-paper* mais abrangente, no qual se deslocaram para fora da escola, embora as acções estivessem fundamentalmente relacionadas com a leitura e com a escrita.

- criaram um concurso literário direccionado para todos os anos de escolaridade. Os alunos do 1º ano deveriam criar uma lengalenga e os restantes alunos um poema. Infelizmente esta acção não teve muito sucesso, tendo sido a participação dos alunos muito fraca.

- levaram também a cabo o concurso “O Melhor Leitor”, que tinha por objectivo encontrar e premiar os alunos que lessem melhor na escola, por ano de escolaridade. Foi feita uma pré-selecção em cada turma e os finalistas juntaram-se depois na BE onde leram excertos das obras que estavam a trabalhar no âmbito do PNL, tendo sido depois avaliados por um júri de professores.

- para encerrar a Semana da Leitura foi realizado um mini-espectáculo onde decorreram dramatizações, declamação de poesia e interpretação de músicas bastante populares entre as crianças cuja letra foi adaptada para a temática da leitura. Este evento não contou com a participação dos pais porque a BE não tinha espaço para acolhê-los. Contudo, alguns encarregados de educação manifestaram muito interesse em assistir.

A todos os alunos que participaram nas actividades da Semana da Leitura foi entregue um certificado de participação e os vencedores receberam como prémio livros oferecidos pela Texto Editora para esse efeito. A coordenadora tem consciência que grande parte das crianças teria preferido receber outro tipo de prémio, mais relacionado com os seus interesses pessoais, contudo o seu papel como responsável pela biblioteca é precisamente fomentar o interesse pelo livro.

Mas nós temos que defender, estamos aqui a toda a hora a defender a leitura, a escrita e o livro, sempre.

Os docentes da escola pretendem prosseguir com as actividades que têm vindo a desenvolver em contexto de sala de aula, se possível dando continuidade no próximo ano lectivo. A coordenadora tem já planeadas algumas acções que deverão realizar-se no 3º período:

- está a ser programado um novo seminário, embora ainda não esteja nada definido a esse respeito.

- estão a preparar a Semana Cultural, a realizar em Abril, onde irá decorrer uma feira do livro e irão ter um dia dedicado ao teatro e outro à poesia.

- no dia 16 de Maio a escola vai receber a visita da escritora Luísa Ducla Soares e vão ser, nesse âmbito, realizadas várias acções de dinamização da obra da autora.

No próximo ano lectivo, a coordenadora da BE gostaria de desenvolver acções especificamente direccionadas para os encarregados de educação, de modo a mobilizá-los e sensibilizá-los para a importância da leitura.

O balanço que a coordenadora da BE faz da participação da escola no PNL é bastante positivo. Apesar de serem já desenvolvidas algumas actividades de promoção da leitura em contexto de sala de aula, estas acções foram ampliadas e reforçadas. O que contribuiu significativamente para isso foi a proposta de livros adequados a cada faixa etária e o reforço orçamental atribuído pela Comissão do Plano à escola que possibilitou a aquisição de um conjunto diversificado de obras e permitiu, assim, aumentar o fundo documental da BE. Para além disso, o PNL permitiu centralizar e formalizar práticas de fomento da leitura, muitas vezes levadas a cabo de forma dispersa e pouco integrada, e motivar docentes menos sensibilizados para as acções de promoção da leitura.

Eu penso que o que o Plano Nacional de Leitura trouxe foi realmente uma listagem de livros aconselhada a cada nível etário, não é? E depois penso que, de uma ou doutra maneira, as pessoas...realmente aquelas que não

faziam...porque surgiu esta ideia e esta envolvimento toda, acabaram por entrar. Portanto, penso que alguns continuaram a fazer aquilo que já faziam, mas também, e isso nota-se, aqueles que possivelmente não desenvolviam esse tipo de trabalho, que nunca liam um livro com os alunos, etc., etc., agora sentem-se com mais vontade de fazer isso. Acho que sim, acho que teve algum impacto.

Apesar de o PNL ser implementado na escola há apenas alguns meses, é já possível identificar alguns impactos na comunidade educativa. De acordo com a informação que os professores lhe têm disponibilizado, alguns alunos alteraram os seus hábitos de leitura e mostram-se agora mais interessados e motivados. É importante destacar que a grande maioria não está ainda sensibilizada para a importância do livro e da leitura, sendo que houve um reforço dos hábitos de leitura de quem já lia. Contudo, os docentes esperam que a longo prazo, e dando continuidade a este tipo de ações, se possam vir a sentir impactos mais profundos nas crianças. Em termos gerais, os alunos apreciam bastante ir à BE e ter contacto com os livros que estão a trabalhar na sala de aula. É, aliás, de notar que os livros que mais se venderam na feira do livro realizada na biblioteca, foram precisamente os que as crianças estavam a explorar. Contudo, a feira do livro não foi bem sucedida, já que, apesar de os alunos adorarem visitar a feira, todos se queixaram dos preços dos livros e poucos acabaram por adquirir obras.

As primeiras reações que a coordenadora da BE teve por parte dos professores quanto à implementação do Plano estão relacionadas com a preocupação com o tempo necessário para levar a cabo todas as actividades. A participação no PNL implicou sobrecarregar ainda mais os docentes, o que não significa, contudo, que isso seja encarado de forma negativa.

O Plano Nacional de Leitura...não de uma forma negativa...mas veio-nos ocupar bastante...ocupa-nos bastante, a mim coordenadora da biblioteca e aos professores, porque realmente os professores, aqueles que se empenham a sério, têm tido bastante trabalho.

Alguns professores menos empenhados queixam-se constantemente do facto de o PNL interferir no funcionamento normal das aulas, atitude que a coordenadora da BE não compreende e que critica fortemente.

Porque considerou importante monitorizar a implementação do Plano na escola optou por aplicar um inquérito por questionário aos professores sobre o PNL. Em termos gerais, conseguiu perceber que a maior parte dos docentes está bastante interessada e motivada, mesmo que tenha uma carga de trabalho superior. Apenas uma docente, em 20, não explorou as obras do Plano e os restantes professores apreciaram bastante os livros sugeridos. Todos os docentes consideraram extremamente complicado trabalhar adequadamente duas obras por período, sendo que apenas uma professora conseguiu fazê-lo. Cinco professores consideram que o tempo dedicado ao PNL veio, de alguma forma, perturbar a execução do currículo escolar. É ainda importante referir que 16 docentes conseguem já identificar algumas alterações nos hábitos de leitura dos seus alunos. Quanto à Semana da Leitura, foi avaliada de forma muito positiva pelos professores da escola.

Em termos gerais, a participação dos pais nas actividades promovidas pela escola mantém-se igual a anos anteriores, não tendo o PNL tido influência neste domínio. Para compreender o fraco envolvimento dos encarregados de educação é necessário ter em conta que a escola se situa numa zona de grande diversidade social e cultural e recebe crianças com muitas carências sociais, culturais e económicas. Porque os pais não têm hábitos de leitura estruturados, não sensibilizam os filhos para a importância da leitura. Geralmente, os pais preocupam-se mais com o que se passa na sala de aula em termos de desempenho escolar e cumprimento

dos currículos, colocando noutro plano secundário tudo o resto. Quando criaram, por exemplo, o “Clube de Amigos da Biblioteca” sabiam já à partida que a adesão ia ser fraca. Dos cerca de 400 alunos da escola, apenas 30 ofereceram livros à BE.

Esta situação geral não significa, contudo, que não exista um conjunto de pais (minoritário) particularmente interessado e motivado para estas questões. Estes encarregados de educação geralmente nas reuniões de pais querem saber que livros vão ser trabalhados na sala de aula para poderem adquiri-los para os filhos. Ocorreu também na escola uma situação pouco habitual, já que alguns pais de uma turma do 1º ano de escolaridade solicitaram à professora da turma a listagem de livros aconselhados para as crianças lerem em casa e pediram-lhe que construísse uma ficha de leitura muito simples para a exploração das obras. Estes encarregados de educação têm por objectivo ler os livros em casa com os filhos e ajudá-los a preencher a referida ficha que posteriormente entregam à professora.

O Plano Nacional de Leitura na sua organização

A coordenadora da Biblioteca Escolar tomou conhecimento do Plano Nacional de Leitura em Junho, ainda no final do ano lectivo de 2005/2006, através de uma colega do Conselho Executivo que viu na Internet e que a informou. Por lhe ter sido atribuída a coordenação da BE no ano lectivo seguinte e por lhe ter parecido um projecto pertinente e interessante e de aplicação viável na escola, começou desde logo a informar-se no *site* da RBE e, posteriormente, no próprio sítio na Internet do Plano. A escola foi também informada por parte da Comissão do PNL mediante documentação que solicitava a sua colaboração e respectivo registo no *site* entretanto criado para o Plano. Enquanto responsável pela BE assumiu desde o início a responsabilidade de registar a escola no PNL e de coordenar a execução do mesmo. Organizou um dossier com informação recolhida do *site* do PNL e interveio nas diferentes reuniões de cada ano de escolaridade para apresentar o Plano e esclarecer os seus objectivos e linhas de acção. Contactou também as outras escolas do agrupamento e sugeriu ser a própria a efectuar os registos de todas elas.

Uma vez que o registo no Plano Nacional de Leitura por parte de cada escola exigia uma selecção de livros com base nos quais deveriam desenvolver actividades de promoção da leitura, a coordenadora da BE organizou uma reunião em que participaram todas as escolas do agrupamento, tendo por objectivo discutir e escolher as obras que cada um considerava mais adequadas para trabalhar com os seus alunos e para motivá-los para a leitura. Definidas as listas finais de livros foi a coordenadora da BE quem efectuou os registos no PNL de todas as escolas.

Mas o processo de selecção não foi fácil para a maior parte dos professores, já que não conheciam grande parte das obras sugeridas. Para além disso, a coordenadora da BE não tinha noção dos preços dos livros, o que dificultou também a escolha que tiveram de efectuar. Como consequência, encomendaram algumas obras demasiado caras.

Os professores não conhecem todas as obras e eu também não as conheço, não consigo conhecer aquilo tudo, não é? E tive que andar a saber os preços...portanto...foi complicado.

A escola foi contemplada na 1ª fase de reforço orçamental com 2500€ para a aquisição dos livros previamente seleccionados, o que deixou os professores bastante satisfeitos. Contudo, quando encomendaram as obras depararam-se com alguns problemas, já que, devido ao elevado número de

solicitações, muitos dos livros encontravam-se esgotados nas editoras, o que obrigou a coordenadora a rever as listagens já definidas e a tomar decisões quanto às alterações necessárias a efectuar.

Outra coisa que aconteceu que também foi muito desagradável é que as escolas são seleccionadas, dizem-nos hoje depois dizem-nos que daqui por 2 semanas temos que fazer a listagem dos livros que queremos comprar. É óbvio que isto a nível nacional houve imensos livros que esgotaram. O que é que acontece? Alguns livros que as colegas tinham escolhido não havia. E depois aqui perante essa situação tive que ser eu a tomar decisões e a optar, não é? E pronto, não consegui corresponder totalmente àquilo que as colegas queriam porque os livros estavam esgotados.

Com a verba atribuída e ultrapassados estes problemas, foram adquiridos 12 exemplares de 5 a 8 obras por ano de escolaridade. Apesar de alguns livros estarem esgotados, cingiram-se às sugestões do Plano, apenas fazendo uma pequena alteração, já que optaram por um outro título da mesma colecção.

Porque muitas das escolhas dos professores foram feitas sem terem conhecimento das obras, nalguns casos, depois de receberem os livros, algumas revelaram-se desadequadas ao nível etário a que se direccionam.

Penso que há livros que não estão nada adequados ao nível etário dos alunos. E agora é que nós começamos a conhecer os livros, começamos a mexer neles, não é? Por exemplo, temos aqui um do 3º ano, *Mão cheia de rimas traquinas*, isto não tem nada a ver com o 3º ano, o vocabulário não tem nada a ver com o 3º ano. As colegas praticamente não tocaram no livro porque não se sentiam sequer preparadas. Aqueles conteúdos, aquele vocabulário não têm a ver com o nível do 3º ano por ser muito difícil. (...) Eu também há alguns que não considero nada adequados, mas o problema é que nós não conhecemos os livros, não é?

Os livros adquiridos encontram-se numa prateleira na BE. Estas obras são para utilização exclusiva em actividades desenvolvidas no âmbito do Plano e não podem, como tal, ser alvo de requisições domiciliárias pelos utilizadores da BE. Sempre que algum professor pretende trabalhar um dos livros solicita-o na biblioteca, tendo de devolver os 12 exemplares no próprio dia. A BE tem, para esse efeito, um mapa onde organiza as requisições dos livros do PNL. A forma como os professores gerem depois a utilização das obras é flexível e consonante com os objectivos de cada um deles.

A equipa de professores que se encontra a trabalhar os livros do PNL reúne com o coordenador da BE geralmente uma vez por mês (por vezes mais), sendo que estas reuniões são fundamentais para a preparação de trabalho, partilha de ideias e experiências e discussão de estratégias. São também realizadas reuniões com os professores de outras escolas do agrupamento com os mesmos fins.

No período inicial de registo no PNL, a escola apresentou também dois projectos. O primeiro intitula-se “Crescer...Com o Prazer de Ler”, que tem por objectivo central desenvolver nos alunos uma formação geral que lhes garanta o desenvolvimento da capacidade de raciocínio, memória, espírito crítico, criatividade, tornando-os cidadãos responsáveis e participativos. Este projecto pretende, fundamentalmente, motivar os alunos para a leitura e para a escrita, de forma interconectada com o Plano Anual de Actividades e com o Projecto Educativo do Agrupamento, através da exploração das obras de Luísa Ducla Soares. O segundo projecto apresentado intitula-se “O Poeta é um Menino” e tem por objectivo central fazer da poesia um centro integrador da aprendizagem da Língua Portuguesa, valorizando a criatividade e o património literário. Este projecto conta com a colaboração de José Fanha e centra-se fundamentalmente no 2º ano de escolaridade.

Sempre que surgiu alguma dúvida relacionada com a implementação do PNL na escola, a coordenadora da BE contactou a Comissão do PNL, sendo que geralmente fala com a Drª Alexandra Marques. Considera ter encontrado abertura e disponibilidade para a resolução das suas questões.

Diariamente a coordenadora da BE frequenta o sítio na Internet do PNL (e também da RBE), numa fase inicial para se informar sobre os objectivos e actividades sugeridas pelo Plano, e actualmente para tomar conhecimento das actualizações e das novas acções do PNL.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais

Em termos gerais, concorda com a forma como o Plano está organizado e como definiu os seus objectivos, prioridades e actividades. A divulgação tem também sido bastante boa, particularmente com a participação da RTP que divulga *spots* publicitários que lhe parecem bem estruturados. A informação que tem chegado à escola tem também sido a necessária. Considera que a criação da marca Ler+ foi particularmente feliz, uma vez que sintetiza bem o objectivo central do Plano, sendo também, para além disso, muito apelativa.

Como aspectos mais positivos do Plano a coordenadora identifica a atribuição de verba para a aquisição de exemplares das obras seleccionadas suficientes para que todos os alunos possam ter contacto directo com os livros e acompanhar as leituras, mas também a mobilização de professores menos sensibilizados para estas questões.

Possibilita às escolas terem livros numa quantidade que dá para todos os meninos estarem a acompanhar a leitura, para todos os meninos explorarem o livro porque eu estar na sala a ler um livro é uma coisa e os meninos terem o livro à frente deles é completamente diferente. Penso que é muito importante. Veio despertar alguns professores que andavam assim já um bocadinho esquecidos desta parte que é fundamental na nossa actividade.

Quanto aos aspectos menos positivos, as listagens não eram acompanhadas de qualquer tipo de informação sobre cada obra, quer sobre o seu conteúdo, quer sobre o respectivo preço, o que dificultou bastante o processo de selecção, já que grande parte dos livros não são conhecidos pelos professores. Para além disso, as propostas de actividades não têm surgido atempadamente, o que não permite aos professores prepararem-se devidamente.

Acho o Plano óptimo, acho que os objectivos são muito interessantes. A divulgação do Plano penso que também correu bem. Portanto, as únicas críticas que tenho a fazer realmente é em relação à selecção dos livros porque, pronto, nós não conhecemos. Acho que nos deviam ter dado mais alguns dados, inclusivamente, se fosse possível, os preços. Penso que poderia ser um trabalho que já nos poderia ser dado em vez de nós termos que andar ali... E depois acho é que os limites que nos dão...por exemplo, a escola foi contemplada com 2500€, na próxima semana têm que... Percebe? Estes limites são...é tudo muito...é aí que eu acho que falha um bocadinho, é que... por exemplo, a Semana da Leitura saiu cá para fora com 15 dias de antecedência, não é? Penso que esses aspectos... Por exemplo, agora a actividade dos CTT, não é nesta altura do ano que se propõe uma actividade, estamos no 3º período, estamos no meio de Abril, penso que é um bocadinho tardia. Por acaso houve 4 colegas que quiseram participar, pronto. Mas sei que se fosse uma actividade que tivesse vindo, por exemplo, em Janeiro ou Fevereiro, possivelmente muitos mais colegas tinham participado.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

Parece-lhe muito importante ter sido criado o Plano Nacional de Leitura num contexto nacional em que os níveis de literacia são tão baixos e em que se lê cada vez menos, particularmente as crianças e os jovens que têm outras atracções e que não são incentivados pelos pais para a leitura.

A situação é má e a perspectiva que eu tenho é que cada vez lê-se menos. Hoje em dia há toda uma variedade de outras coisas que atraem mais que o livro e as crianças se não forem constantemente incentivadas desde pequeninas acabam por se esquecer e até achar uma chatice ter que ler um livro. Isso é muito mau. Isso passa-se a nível da minha escola e a nível nacional.

Apesar de a situação de Portugal ser bastante semelhante à de outros países com igual nível de desenvolvimento económico, é também importante relembrar que os países do Leste da Europa têm condições culturais excelentes para o fomento do livro e da leitura. Isso é evidente nos alunos que recebem na escola oriundos desses países, já que se destacam bastante das crianças portuguesas, mesmo no que diz respeito ao conhecimento sobre a História de Portugal.

A criação do PNL é, portanto, louvável e necessária para alterar a situação da leitura em Portugal. Embora os seus impactos não se façam sentir a curto e mesmo a médio prazo, é fundamental investir neste projecto.

Não creio que vá ter resultado no final deste ano, mas creio que daqui por uns anos terá e temos que lutar por isso. Penso que foi muito bem concebido e foi ótimo ter aparecido. Embora se diga “ah, isto não veio fazer nada, não veio alterar nada, não sei quê”. Eu não concordo. É lógico que de hoje para amanhã não se consegue, não é? Mas nós temos que lutar pelo livro, pela existência do livro, se não daqui a pouco estamos todos agarrados à Internet e o livro não existe para nada, não é? (...) Dará frutos a longo prazo. Vamos a ver é se continua.

Sugestões e Propostas

Na sequência das críticas efectuadas ao Plano, a coordenadora da BE fez algumas sugestões que considera serem importantes para melhorar a acção do Plano nos próximos anos:

- as listagens de livros sugeridos pelo PNL deveriam ser acompanhadas de informação sobre as obras, nomeadamente resumos e respectivos preços.

Penso que é uma falha. É lógico que o Plano Nacional de Leitura não nos pode pôr aqui os livros todos para a gente escolher. Mas, sei lá, fornecer um resumo...pronto, dar-nos algumas indicações.

- as actividades propostas pelo Plano deveriam ser divulgadas com maior antecedência, de modo a que os professores possam ajustar as suas planificações e organizar convenientemente as acções.

Em relação à divulgação das actividades deviam tentar fazer com um pouquinho mais de antecedência para nós termos mais tempo para programar. Porque nós temos as nossas planificações, de repente cai-nos assim uma coisa, não é? Altera as planificações dos professores, altera a minha planificação, mexe um bocadinho. Portanto, acho que isso devia ser um bocadinho antecipado, a divulgação das actividades.

- a Comissão deveria continuar a financiar a aquisição de livros para as escolas.

Caracterização da BE e da sua utilização/funcionamento (descrição e avaliação)

A BE existe na escola desde 2005, ano da sua inserção na RBE. O ano lectivo passado foi dedicado à instalação da biblioteca e apenas este ano lectivo se procedeu à sua abertura aos alunos e à implementação das requisições domiciliárias. Desde a sua criação que ficou responsável pela BE, embora este ano esteja em regime de exclusividade de funções. A equipa da biblioteca é ainda constituída por duas professoras vice-presidentes do Conselho Executivo e duas auxiliares de acção educativa que apoiam a coordenadora sempre que necessário nos intervalos das aulas. Apesar de a coordenadora sentir algumas saudades de ser titular de turma, aprecia bastante o trabalho que desenvolve na BE e gostaria de aí poder permanecer por pelo menos mais 2 anos.

Considero este espaço mesmo...não devia dizer isto, mas é verdade, considero este espaço como a minha biblioteca (*risso*) porque está aqui muito meu.

A BE assume grande importância na escola, funcionando em consonância com o Plano de Actividades escolar e com o respectivo Projecto Educativo. Enquanto responsável pela BE, a coordenadora participa em praticamente todas as reuniões realizadas na escola, já que a acção da biblioteca é transversal às várias esferas escolares.

O espaço da BE é bastante apreciado e visitado pelos alunos da escola que aí se deslocam fundamentalmente nos intervalos das aulas. Porque a biblioteca é pequena e a escola tem 20 turmas, a coordenadora montou um sistema para organizar as visitas às BE. Entregou dois cartões a cada professor, 10 às turmas da manhã e 10 às turmas da tarde, que os docentes deveriam entregar aos alunos que manifestassem vontade de ir à BE. Desta forma, a biblioteca nunca teria mais que 20 crianças em cada período do dia. Contudo, os professores rapidamente perderam os referidos cartões e este sistema acabou por não funcionar. Neste momento as crianças vão entrando na BE e quando entra o 20º aluno a entrada fica bloqueada. Contudo, porque era sempre o mesmo grupo de alunos (mais assíduos) que conseguia lugar na BE durante os intervalos, a coordenadora teve que limitar as suas visitas. Assim sendo, se frequentam a BE num dia, no dia seguinte não poderão fazê-lo, de modo a disponibilizar as mesmas oportunidades a todos.

Desde o início do ano lectivo, altura em que o empréstimo domiciliário passou a ser possível, que as crianças têm respondido de forma muito positiva, requisitando muitos livros. Contudo, a coordenadora não tem noção se as obras chegaram mesmo a ser lidas.

Enquanto estão na BE as crianças não manifestam interesse em dedicar-se aos livros e à leitura, optando preferencialmente pela consulta da Internet³⁶ e pelos jogos (de computador ou de tabuleiro). São poucos os alunos que visitam a biblioteca tendo por objectivo ler um livro. Contudo, como cada sector da BE tem um limite de utilizadores, as últimas crianças a entrar só têm como hipótese a zona dos livros. Face a esta situação, algumas crianças optam mesmo por abandonar a biblioteca porque não estão dispostas a ler.

A BE é particularmente importante para as crianças mais carenciadas que têm acesso nesse espaço a suportes que não têm em casa.

Especialmente na hora de almoço os meninos de cor porque aqui têm possivelmente o que não têm em casa. Adoram estar aqui.

Mas o papel fundamental da biblioteca é formar os alunos, quer em termos escolares e de aquisição de conhecimentos e competências, quer em termos de cidadania.

Valoriza em muitos aspectos. O facto de virem de turmas diferentes e em vez de andarem lá fora, às vezes a guerrear, estarem aqui e até aprenderem a relacionarem-se uns com os outros. Criam laços de afectividade com as pessoas que estão aqui com eles, como é evidente. Aprendem, mesmo a fazer um jogo estão a aprender, nem que seja a jogar às cartas.

Os professores visitam a BE, em termos gerais, quando a coordenadora dinamiza actividades, de modo a que as suas turmas possam participar. Contudo, numa base regular é apenas um grupo minoritário de docentes que o faz. A coordenadora critica especialmente a atitude generalizada dos professores que não consideram importante levar os alunos à biblioteca durante o período de aulas, o que prejudica a formação das crianças e não permite sensibilizá-las para a importância da BE, dos livros e da leitura.

³⁶ Os *sites* que as crianças podem visitar foram previamente definidos pela coordenadora.

A coordenadora considera fundamental monitorizar o funcionamento da biblioteca, tendo já aplicado no ano anterior e no 2º período do presente ano lectivo um pequeno inquérito de avaliação da BE aos docentes, que manifestaram a sua aprovação e contentamento quanto à forma como a biblioteca tem funcionado. Trimestralmente tem também que apresentar relatórios sobre a BE no Conselho Pedagógico e no Conselho Executivo. Para além disso, elabora um relatório anual quer para a RBE, quer para a DREL. No 3º período planeia aplicar um inquérito por questionário aos alunos sobre o funcionamento da BE.

Em termos gerais, a coordenadora está bastante satisfeita com o funcionamento da BE e considera que responde às necessidades de professores e alunos.

É um espaço óptimo para os alunos porque alguns têm aqui muitas coisas que não têm em casa e podem usufruir delas aqui. E podem-se formar e a biblioteca, uma das funções...a função principal mesmo é formar, formar as crianças, formar leitores, formar utilizadores das novas tecnologias.

Tem também recebido todo o apoio necessário por parte do Conselho Executivo para o desenvolvimento de actividades de promoção da leitura.

Ainda assim, considera que alguns aspectos deveriam ser melhorados para um pleno funcionamento da biblioteca. Antes de mais, o fundo documental da BE não está ainda devidamente tratado, já que o SABE se tinha encarregue dessa tarefa e ainda não a levou a cabo. Porque o SABE ficou com essa responsabilidade, aconselhou-a a não fazer requisições domiciliárias no 1º período porque precisavam dos livros para esse efeito. Entretanto no 2º período manteve-se esta situação e a coordenadora contactou a RBE que sugeriu que activasse o sistema de requisições domiciliárias, independentemente de ter ou não o fundo documental tratado. Esta falha tem vindo a dificultar a organização da BE relativamente aos empréstimos. A coordenadora encontra-se neste momento a participar numa formação sobre tratamento do fundo documental, mas ainda assim não sabe se tem as competências necessárias para desempenhar essa tarefa.

Para além disso, o próprio fundo documental deveria ser melhorado com mais títulos. Da mesma forma, gostaria de ter meios para fazer um investimento no mobiliário e no equipamento informático que é já bastante antigo e desadequado às necessidades actuais.

Gostaria de ter um fundo documental muito melhor, muito mais diversificado, gostaria de ter sofás adequados para os meus alunos se sentarem, gostaria de ter uns computadores que funcionassem a sério porque estes funcionam quando lhes apetece.

Outro aspecto menos positivo relativo ao funcionamento da BE está relacionado com a crítica, já referida, que a coordenadora faz aos docentes que não frequentam a biblioteca com os alunos durante o período de aulas. Para além disso, devido à organização e gestão dos horários escolares, os alunos que têm aulas de manhã têm menos oportunidades para visitar a BE.

Os mais negativos é a não frequência de livre vontade pelo professor com a turma, para mim é o aspecto mais negativo. Depois há outro aspecto negativo que é os meninos da manhã em termos de livre acesso, ou seja, em termos de poderem vir aqui sozinhos são um bocadinho prejudicados em relação aos da tarde porque só têm um intervalo porque a maior parte deles sai às 13h e vai embora para casa. E os da tarde não, vêm, almoçam aqui e depois têm oportunidade de vir aqui à biblioteca. Portanto, a tarde usufrui mais da biblioteca do que a manhã. Em termos de entrada livre, porque em termos de professores cá não. Na manhã os professores são muito mais participativos aqui na biblioteca.

A RBE (contactos, importância, avaliação)

Como foi já referido, a BE encontra-se inserida na RBE desde 2005, tendo recebido financiamento para a aquisição de fundo documental e mobiliário. A autarquia contribuiu também para a realização das obras necessárias, mas não voltou a colaborar em mais despesas da biblioteca. No ano lectivo de 2006/2007 a BE voltou a receber verbas da RBE para a aquisição de fundo documental. Para além disso, no presente ano lectivo puderam usufruir do destacamento a tempo inteiro da coordenadora na BE.

A coordenadora da BE considera que o trabalho da RBE tem sido exemplar e tem correspondido às suas expectativas, na medida em que prestam todo o apoio necessário e possível. O acompanhamento por parte da coordenadora a nível regional tem sido também bastante positivo e importante ao nível da troca de ideias e materiais e no esclarecimento de dúvidas. Realizam-se reuniões com esta coordenadora da RBE de dois em dois meses. A equipa da RBE tem também revelado ter sempre disponibilidade para as preocupações das escolas.

A coordenadora considera que a formação disponibilizada pela RBE é bastante variada e interessante, contudo, o centro de formação da zona a que pertence não tem optado pelos cursos que mais lhe interessam.

A Rede oferece muita formação, portanto, eles têm lá...o problema depois é que os centros a que nós pertencemos em termos de formação muitas vezes não aderem às formações que são lá propostas.

Apesar de fazer uma avaliação muito positiva do trabalho que a RBE tem vindo a desempenhar na escola, gostaria que a BE fosse mais apoiada financeiramente.

A minha avaliação da Rede é ótima. Só tenho uma coisinha que é no aspecto financeiro, precisava de um bocadinho mais de verba para poder equipar melhor a biblioteca com os sofás para as crianças se sentarem, uns computadores adequados porque eu tenho ali duas prateleiras com jogos, mas a maior parte deles, os computadores são muito antigos, não aceita. Pronto, era mais um apoio financeiro mesmo que precisávamos. De resto a Rede está-nos sempre a apoiar e a ajudar e reúnem connosco mensalmente, de 2 em 2 meses. Há documentos para fazer, ajudam-nos, dão-nos ideias, fazem-nos propostas. Portanto, é amplo, não tenho qualquer tipo de queixa em relação à Rede.

A coordenadora da BE considera que a integração da biblioteca na Rede tem constituído uma mais valia em diversos contextos. Antes de mais, no apoio financeiro atribuído pelo PNL, mas também por terem recebido a visita de Isabel Alçada e de Alexandra Marques e por terem sido escolhidos para a reportagem do programa “Fátima”, da SIC, e para o estudo de avaliação do Plano.

2.7. Biblioteca Escolar da Escola Básica do 1º Ciclo Sofia de Carvalho (Algés - Oeiras)

2.7.1. Relatório de visita

O primeiro contacto com a Biblioteca Escolar foi efectuado por telefone no dia 7 de Março de 2007 através da coordenadora a tempo inteiro da BE, que é simultaneamente a professora de contacto com o PNL

na escola. A resposta ao pedido de colaboração para acompanhamento de actividades da Semana da Leitura foi bastante positiva, disponibilizando-se imediatamente para nos receber no dia seguinte.

A primeira visita à biblioteca iniciou-se no dia 8 de Março de 2007 pelas 9 horas. A coordenadora encontrava-se no espaço da BE rodeada de crianças que visitavam a feira do livro montada na biblioteca e que solicitavam o seu apoio na escolha e compra de livros. No espaço da BE encontravam-se dispostas 3 mesas com livros que variavam entre os 0,50€ e os 10€. Todos eles eram livros usados que foram oferecidos pelos pais à BE por solicitação da coordenadora. De acordo com a coordenadora, é também comum, no período em que decorre esta feira do livro, que os pais no período da manhã quando vão levar os filhos à escola visitem a BE e ajudem as crianças a escolher um livro para comprar.

Quando tocou para iniciarem as aulas a BE ficou vazia e foi possível conversar com a coordenadora sobre as actividades da Semana da Leitura e do PNL na escola. Começou por mostrar as caixas onde se encontram os livros adquiridos no âmbito do PNL, separados por ano, e que podem ser requisitados pelos professores. Mostrou também os “Passaportes de Leitura” dos alunos, onde é colado um autocolante por cada livro que leram voluntariamente e com base no qual realizaram uma ficha de leitura. Depois de ganharem 10 autocolantes têm direito a um prémio, geralmente um bloco e uma caneta. Os passaportes encontram-se distribuídos por sacos pendurados numa parede (um para cada ano) e todos os alunos têm o seu. Referiu-se também à venda de rifas que a BE levou a cabo no Natal direccionada para os pais, cujas receitas permitiram adquirir 100 livros para a biblioteca. Todas as actividades que a BE tem levado a cabo têm sido organizadas pela coordenadora, embora todos os professores se encontrem também a desenvolver actividades no âmbito do Plano em contexto de sala de aula. Todas as semanas (à quinta-feira) têm uma reunião conjunta, onde está também presente a coordenadora da BE, onde são também discutidas essas actividades. Referiu-se ainda ao facto de ser o primeiro ano em que está responsável por uma BE, actividade que lhe tem proporcionado muita satisfação. Manifestou-se orgulhosa pela forma como a BE tem vindo a ser gerida e referiu que os alunos expressam o seu contentamento por ser ela a responsável pela BE, já que em anos anteriores não gostavam de ir à biblioteca e entendiam a leitura como uma actividade chata e imposta.

Relativamente à Semana da Leitura, a escola desenvolveu ao longo de toda a semana dramatizações que os alunos apresentaram uns aos outros, a já referida Feira do Livro e encontros com a escritora Fátima Éffe. De referir que logo à entrada da escola se encontrava uma faixa com a designação “Semana da Leitura”. O balanço que a coordenadora fez da Semana foi bastante positivo, considerando que houve uma adesão muito expressiva e motivada por parte de professores, alunos e mesmo dos pais, sendo que muitos deles acompanharam várias actividades. A deslocação à escola permitiu ainda assistir ao encontro com a escritora Fátima Éffe que apresentou uma dinamização de um dos seus livros. A escritora teceu algumas críticas à forma como o Plano tem vindo a ser implementado. De acordo com a mesma, é importante a criação de um Plano Nacional de fomento da leitura, mas não deve ser utilizado como instrumento político, como o que está neste momento a suceder, e não deve ainda ser implementado sem a existência de uma política do livro. Criticou o facto de os autores não terem sido consultados no âmbito do PNL e, nesse sentido, não aprecia ver os seus livros com o símbolo Ler+. Considera que os livreiros deveriam também ter sido ouvidos. As actividades que tem vindo a desenvolver e em que tem participado de promoção da leitura têm ocorrido não pela existência do Plano, mas porque ela própria gosta de o fazer e considera fundamental criar e chegar a

novos leitores e não apenas consolidar os que já existem, como o Plano está a fazer. Criticou também a escolha dos livros, referindo-se à existência de *lobbys* neste contexto.

A segunda visita à escola decorreu no dia 8 de Março de 2007 entre as 14h e as 17h. A coordenadora da BE estava na biblioteca com uma turma a trabalhar para o concurso “Linhas & Letras”. Tratava-se de uma turma cuja aula estava previsto visitar, contudo, a professora teve um imprevisto e não pôde dar-lhes aula. Assim sendo, foi possível conversar um pouco com os alunos no espaço da BE. Apesar de todos terem participado, foram principalmente os rapazes a falar. Afirmaram conhecer o Plano Nacional de Leitura, tendo ficado a conhecê-lo na escola, mas também na televisão. Alguns deles viram os anúncios televisivos e afirmaram gostar muito. Consideram que ler é muito importante para adquirirem mais conhecimentos e vocabulário, para aprenderem, para estimularem a imaginação e para a sua formação futura. Gostam muito de visitar a biblioteca e fazem-no pelo menos duas vezes por semana, acompanhados de um professor. Disseram também apreciar bastante visitar a Biblioteca Municipal de Algés, onde tinham estado nessa manhã num encontro com uma escritora. Cada um falou também das actividades que têm desenvolvido na escola no âmbito do PNL e referiram-se a dramatizações, a encontros com escritores, a exercícios e a concursos.

Quando tocou, a turma foi-se embora e iniciou-se a entrevista com a coordenadora, embora tivesse de ser interrompida porque as professoras que se disponibilizaram para falar sobre as actividades que desenvolvem no âmbito do PNL estavam já à espera.

A terceira visita à escola decorreu no dia 4 de Maio de 2007 e teve por objectivo terminar a entrevista individual à coordenadora da BE. A conversa decorreu mais uma vez no espaço da BE, que se encontrava naquele momento vazia, e prosseguiu sem interrupções. No final da entrevista a coordenadora fez uma visita guiada aos diferentes espaços da Biblioteca. A BE situa-se num andar inferior ao piso de entrada e nos corredores próximos da biblioteca vai-se intensificando a informação exposta nas paredes e em painéis relativa às actividades da BE, particularmente no âmbito do PNL. A biblioteca é bastante ampla, com espaços claramente diferenciados e direccionados para determinado tipo de actividades (informática, teatro, jogos, leitura, tenda de leitura). As paredes estão totalmente cobertas, quer por trabalhos dos alunos, quer por informação relativa às actividades da BE.

2.7.2. Entrevista a Coordenadora da BE

Perfil da entrevistada

A coordenadora da BE tem 32 anos, é licenciada em docência no ensino básico, vertente de Português/Inglês e tem uma pós-graduação em Administração e Gestão Educacional. Foi durante 8 anos titular de turma e é actualmente coordenadora da BE em regime de exclusividade de funções. A presidente do agrupamento convidou-a para desempenhar essa função porque desenvolvia com as suas turmas projectos interessantes no âmbito da leitura. Inicialmente ficou um pouco receosa por não conhecer o funcionamento de uma biblioteca e por ter de passar a lidar com 15 turmas, 300 alunos, contudo, actualmente aprecia bastante o seu trabalho e espera poder continuar como coordenadora da BE no próximo ano lectivo. Tem feito várias formações na área das bibliotecas e está neste momento a participar em formações sobre literacia.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola e na biblioteca

A implementação do PNL na escola coincide com a entrada da coordenadora na BE em regime de exclusividade e, nesse sentido, nem sempre é fácil desrinçar as actividades criadas especificamente para o Plano das acções que a mesma levaria a cabo independentemente do surgimento do PNL. De qualquer forma, a BE tem vindo a desenvolver diversas actividades de promoção do livro e da leitura desde o início do ano lectivo:

- de acordo com o projecto apresentado no registo no Plano, têm dado continuidade aos “Passaportes de Leitura”. Na BE encontram-se 15 sacos (um para cada turma), pendurados numa parede devidamente identificada com o nome da acção, que contêm os passaportes de todos os alunos da turma. As crianças requisitam livros, fazem as respectivas fichas de leitura e vão acumulando autocolantes de figuras de contos infantis como se de viagens se tratassem. Quando conseguem juntar 10 recebem um bloco e ao fim de 15 uma caneta. A BE tem solicitado a empresas a doação desses materiais de oferta, mas não tem obtido respostas. Cada passaporte tem a fotografia do aluno e existe em duas cores: rosa para as meninas e azul para os meninos.

- tem sido implementada a “Hora do Conto” na BE com base nos livros que adquiriram no âmbito do PNL e que não estão a ser trabalhados em contexto de sala de aula. A leitura dos livros, que é geralmente oral e partilhada entre a coordenadora e os alunos, é seguida de actividades de cariz lúdico, como jogos, dramatizações ou ilustrações com base nas obras. Noutras ocasiões recorre também a livros que não integram as listagens do Plano, mas que lhe parecem particularmente interessantes para serem trabalhados com as crianças.

- a coordenadora procura também desenvolver na BE um trabalho complementar e fortemente articulado com o que as crianças desenvolvem na sala de aula. Cria, neste sentido, actividades associadas às matérias que estão a ser trabalhadas pelos professores. Está, por exemplo, a organizar com os alunos do 4º ano um dossier de História de Portugal.

- na BE encontram-se expostos nas paredes diversos trabalhos desenvolvidos pelos alunos no âmbito das acções precedentes, o que é bastante importante para motivá-los para a participação nas actividades da Biblioteca e para a leitura.

- na semana do Dia Internacional das Bibliotecas Escolares planificaram a visita de vários contadores de histórias que desenvolveram actividades na BE para todas as turmas.

- a coordenadora procura sempre levar escritores à escola e organizar encontros com os alunos. Foram já visitados por Luísa Ducla Soares, José Fanha, Fátima Éffe e Isabel Alçada. No caso desta última visita, a Comissão do Plano contactou a RBE porque estava interessada em visitar uma BE particularmente dinâmica e interessante, tendo-lhe sido indicada a da EB 1 Sofia de Carvalho. A escola foi então contactada por Isabel Alçada, cuja visita ocorreu na semana seguinte. A coordenadora solicitou aos professores que nesse dia desenvolvessem especificamente actividades no âmbito do PNL, que a escritora teve a oportunidade de observar, já que percorreu todas as salas de aula. A visita decorreu bastante bem e as crianças ficaram muito entusiasmadas porque apreciam bastante a colecção “Uma Aventura”, bem como a série televisiva. Numa das turmas, por exemplo, os alunos estavam tão empenhados na leitura que nem se aperceberam que Isabel Alçada estava na sala, o que a deixou particularmente satisfeita.

- a BE acolheu também a apresentação de uma tese de mestrado de uma professora da escola que tem trabalhado no âmbito da temática do autismo. Isto porque a escola tem um núcleo de crianças autistas. O encontro correu muito bem, tendo participado cerca de 40 encarregados de educação.

- embora numa vertente mais distanciada das actividades directamente associadas aos livros e à leitura, a coordenadora organiza também sessões de cinema na BE, já que é uma forma de demonstrar às crianças que a biblioteca pode também ser um espaço de divertimento associado a outros suportes que não apenas o livro. A escola tem um projector que permite projectar os filmes num lençol branco.

A escola envolveu-se também de forma interessada nos concursos propostos pelo PNL, divulgando e estimulando, particularmente por parte da coordenadora da BE, a participação dos alunos nas mesmas. Todos aqueles que se direccionavam para as faixas etárias dos alunos do 1º ciclo contaram com a participação de todas as turmas da escola. É geralmente na hora semanal que cada turma tem de actividades na BE que as crianças desenvolvem os trabalhos para participarem nos concursos. Neste âmbito, há uma forte cooperação de toda a comunidade educativa, já que se os alunos não terminarem os trabalhos na BE, podem fazê-lo na sala de aula com os professores.

As actividades desenvolvidas pela escola no âmbito do Plano centram-se fundamentalmente no livro, mas a coordenadora recorre também a suportes complementares. Na “Hora do Conto”, porque não é possível disponibilizar um exemplar da obra a cada aluno, o livro, que foi previamente digitalizado pela coordenadora, é projectado num lençol/ecrã de modo a que todos possam ler e/ou acompanhar a leitura. Os alunos apreciam bastante esta modalidade de leitura, ficando particularmente entusiasmados por poderem ver com mais pormenor as ilustrações. Para além disso, ficam mais atentos e motivados.

A Associação de Pais tem tido uma importante participação em algumas actividades da BE, colaborando no que for necessário e envolvendo-se na dinamização de algumas acções.

Outras escolas do agrupamento estão também a desenvolver actividades no âmbito do PNL, mas não existe uma boa comunicação entre elas. Para além disso, organizaram-se de forma diferente quanto à aquisição das obras e à planificação das acções. O contacto mais próximo que têm é com um Jardim de Infância, que se localiza perto da escola, que visita ocasionalmente a BE. Quando adquiriram os livros do PNL, foram-lhes oferecidos alguns exemplares, pelo que a coordenadora organizou-os num baú que vai disponibilizar a esse JI, já que o mesmo não recebeu financiamento.

A escola participa também em actividades exteriores organizadas pela BM de Algés³⁷, como dramatizações e narração de contos. No presente ano lectivo cada turma da escola participou já em três iniciativas. Em muitos casos, as actividades desenvolvidas na BM têm depois continuidade no espaço escolar, onde são muitas vezes terminadas. Estas acções são especificamente organizadas pelo SABE para as escolas, que apenas têm de efectuar a respectiva marcação. Neste âmbito, a escola recebe quase diariamente e-mails por parte do SABE a informá-los das acções da BM e para prestar todo o apoio necessário. São também realizadas reuniões onde está presente um elemento do SABE, outro da RBE e os diversos coordenadores das BEs do concelho. Apesar de a BE e a BM nunca terem organizado iniciativas conjuntas estão no momento a reflectir sobre essa possibilidade.

³⁷ Porque fica mais próxima que a BM de Oeiras.

A escola desenvolve há já algum tempo actividades de promoção do livro e da leitura junto dos seus alunos, particularmente na sala de aula, embora essas acções estivessem sempre dependentes da iniciativa individual de cada professor. Com a implementação do PNL na escola todos os professores e todas as turmas estão envolvidos na promoção do livro e da leitura.

Diariamente é reservada uma hora para leitura e actividades do Plano, de acordo com a planificação de cada professor, com base nos livros sugeridos pelo PNL, mas também recorrendo aos manuais escolares e a outros textos que sejam considerados pertinentes. Os professores procuram sempre articular estas actividades com os programas curriculares de cada turma, embora se encontrem preferencialmente associadas a Língua Portuguesa. Mas alguns livros possibilitam também explorar temas relacionados com o Estudo do Meio ou com a História. As actividades que são levadas a cabo neste âmbito são bastante diversificadas e resultam da criatividade e empenho de cada professor. Procurando fomentar o carácter lúdico da leitura desenvolvem preferencialmente acções ligadas ao jogo, às ilustrações e às dramatizações. Mas fazem também exploração gramatical dos textos e fichas de interpretação das narrativas.

Sempre que uma turma está a trabalhar no âmbito do PNL, os professores colocam no quadro o símbolo “Ler+”, que lhes foi facultado pela coordenadora da BE, de modo a que as crianças aprendam a reconhecer o logótipo do Plano.

A Semana da Leitura foi uma iniciativa que teve bastante sucesso para toda a comunidade educativa. Logo à entrada da escola foi colocada uma faixa com o nome do evento, que foi também divulgado na BM e noutras escolas, tendo sido, inclusive, convidado o presidente do agrupamento que fez questão de estar presente.

Cada turma da escola trabalhou uma peça de teatro com base nas obras sugeridas pelo PNL e apresentou-as aos colegas e aos pais em diferentes sessões no espaço da BE. Estas dramatizações incluíam também a utilização de fantoches e de sombras. Foi também organizada uma feira do livro intitulada “Vamos dar vida aos livros”, com base nos livros usados que alunos e pais doaram à BE. A feira foi bastante visitada e elogiada quer pelos alunos, quer pelos pais que quando iam deixar ou buscar as crianças aproveitavam para visitar a BE e adquirir algumas obras. Realizou-se também um encontro com a escritora Fátima Éffe que desenvolveu uma actividade com todas as turmas com base numa das suas obras. Para além disso, os alunos do JI mais próximo da escola visitaram a BE para assistir a uma sessão de cinema.

A coordenadora ficou particularmente satisfeita com a participação dos pais e familiares que vieram em grande número assistir às peças de teatro dos filhos. Os alunos e os professores manifestaram-se também muito contentes com as actividades desenvolvidas e com o dinamismo que a escola adquiriu nessa semana. Neste sentido, a Semana da Leitura foi prolongada por mais uma semana que foi dedicada à narração de contos feita por contadores de histórias que visitaram a escola.

Os trabalhos dos alunos que resultaram das actividades levadas a cabo durante estas semanas foram enviados para a Comissão do PNL, sendo que alguns deles foram expostos no Ministério da Educação. Esteve também um fotógrafo na escola a fotografar algumas crianças a ler na BE.

A única crítica que a coordenadora tem a fazer a esta iniciativa diz respeito ao facto de não ter sido divulgada atempadamente.

O problema da Semana da Leitura foi terem-nos avisado tão tarde, que eu ia fazer isso realmente, mas mais na última semana de aulas. Entretanto tive que me organizar de maneira a...de forma a conseguir actividades que interessassem aos miúdos e consegui, pronto, consegui.

A coordenadora da BE está já a planear a realização do Mês da Cultura em Junho, no qual desenvolverão diversas actividades, como uma feira do livro e a visita à escola de escritores³⁸, ilustradores e contadores de histórias. A feira do livro vai ter início no dia 30 de Maio para abranger o 1 de Junho, Dia Mundial da Criança, no sentido de sensibilizar os pais para nesse dia oferecerem livros aos filhos.

No próximo ano lectivo espera que a implementação do Plano na escola corra ainda melhor, já que este ano foi essencialmente para adaptação. Gostaria também que houvesse maior comunicação com as outras escolas do agrupamento.

O balanço que a coordenadora da BE faz da participação da escola no PNL é bastante positivo. Apesar de serem já desenvolvidas algumas actividades de promoção da leitura em contexto de sala de aula, estas acções foram ampliadas e reforçadas. Um dos factores que contribuiu significativamente para isso foi o reforço orçamental atribuído pela Comissão do Plano à escola, que possibilitou a aquisição de um conjunto diversificado de obras e permitiu, assim, aumentar o fundo documental da BE. Para além disso, o PNL permitiu organizar práticas de fomento da leitura, muitas vezes levadas a cabo de forma dispersa e pouco integrada.

O Plano veio a esta escola trazer foi mais na organização. Também ajudou...as pessoas juntaram-se um bocadinho mais para organizar as actividades. Acho que foi mais nesse âmbito. Eram actividades que já se faziam realmente, mas agora já havia ali o Plano Nacional de Leitura, já havia ali um instrumento agregador que nos juntava a todos, em que havia reuniões, em que as fichas de leitura... Porque o que havia era...cada turma fazia o seu trabalho, podia-se organizar por anos, mas agora é diferente porque o trabalho dos vários anos vai dando para o ano anterior. Os professores, por exemplo, do 4º ano para o ano vão pegar no 1º ano e já têm também o trabalho elaborado. Eu acho que o Plano Nacional de Leitura fez isto, foi agregar as pessoas, foi juntar mais as pessoas e motivar também alguns professores.

É já possível identificar os impactos das acções levadas a cabo na escola, particularmente nos alunos. Na BE aumentaram as requisições de livros e as crianças demonstram cada vez mais interesse nas actividades aí desenvolvidas. É também muito visível nos intervalos das aulas, já que muitos optam por passá-los na biblioteca a ler ou a desenvolver outras actividades, ou chegam mesmo a levar os livros para o pátio do recreio, onde se sentam a ler. Em contexto de sala de aula os professores notam a evolução das crianças relativamente à leitura, o que acaba por ter repercussões em todo o aproveitamento escolar das crianças. As actividades levadas a cabo na escola têm também contribuído para sensibilizá-las para a importância e para a dimensão lúdica dos livros e da leitura.

Já se vê mesmo nos miúdos. Aumentam as requisições de livros. Eles ficam um bocadinho mais motivados para a leitura. Já se vêem muitos miúdos nos recreios com livros, que não se via. Normalmente no início viam-se miúdos com as suas cordinhas, com o lanchinho, mas com livros não se via muitos miúdos a passar o intervalo a ler um livro e já se vê. E muitos chegam aqui, sentam-se ali e ficam a ler um livro, quando normalmente iam fazer outras actividades. Já aí se nota. E mesmo nas turmas também se nota a evolução deles, que melhoram, que começam a interessar-se pela leitura e depois melhoram nas outras áreas. O que eu estava a dizer, quando eu estive a ler certas histórias com eles depois começo a olhar “mas tu já lêes...”, e eles ficam muito orgulhosos porque já lêem melhor. E lêem melhor, realmente. E já percebem. E depois isso passa para a parte lectiva porque eles já conseguem interpretar aquela pergunta, já sabem responder. E eles começam a perceber que afinal a leitura não é um bicho-de-sete-cabeças, que afinal até serve para alguma coisa, não é só porque a professora, ou o pai ou a mãe mandam e começam a ver de outra forma, o que é engraçado.

³⁸ Está já confirmada a visita de Ana Faria. A coordenadora gostaria também de poder convidar Isabel Alçada.

O aumento de requisições poderia por si só não ser um indicador suficiente para aferir uma maior motivação para a leitura se se percebesse que os alunos não liam os livros. Contudo, a coordenadora da BE procura sempre estabelecer uma conversa informal com as crianças sobre os livros que vão entregar à BE para perceber se os leram realmente e fica bastante satisfeita por constatar que o fizeram.

Para esta evolução contribuem também bastante as acções que são desenvolvidas depois da leitura, geralmente diversificadas e com um cariz lúdico.

E depois nós fazemos sempre outras actividades a seguir à leitura que motivam a leitura e eles gostam sempre de ler. Foi o que aconteceu, por exemplo, esta semana, eu estive com o 1º ano, fiz uma actividade, contei a história do capuchinho vermelho, toda a gente conhece, mas eles adoraram a história do capuchinho vermelho e depois a actividade. Então eu tenho aqui na biblioteca uns 7 ou 8 livros do capuchinho vermelho, várias versões, e foram todas requisitadas. Só aí se vê que eles se interessam, não é? (...) Eu cada vez que tinha turma, sempre que íamos à biblioteca os miúdos ficavam “ai, ir à biblioteca?”. E eu não queria que isso acontecesse comigo. Eu acho que deveria fazer actividades mais diversificadas para eles se motivarem, não ser só aquele ler, ler, ler. Também é importante, mas não só. Também dar movimento à biblioteca, a biblioteca ser um sítio diferente.

Porque muitas das actividades decorrem na BE a coordenadora pode observar a evolução da leitura das crianças e a importância que assume neste contexto o incentivo dos colegas, já que nenhum aluno quer ficar mal visto junto dos amigos e demonstra-se particularmente orgulhoso quando a leitura corre bem e é elogiado por todos. O mesmo sucede quando a coordenadora vai às salas de aula entregar os prémios do “Passaporte de Leitura”, sendo que os premiados ficam muito orgulhosos porque são aplaudidos pelos colegas.

A coordenadora atribui também muita importância, neste âmbito, ao facto de serem disponibilizados 12 exemplares da obra a trabalhar para cada turma, o que possibilita que cada aluno possa ter contacto directo com o livro.

O objectivo era na sala de aula os miúdos estarem a mexer no livro e a ler o livro. E é muito engraçado, eu tenho visto mesmo no 1º ano, quando foi no início que os miúdos ainda só conheciam algumas letras, estão 2 miúdos com um livro e estão eles “olha, esta letra já conhecemos, olha aquela também já conhecemos”. Essa parte é muito gira. Porque eles estão a mexer com o livro, é diferente estar o adulto a ler do que eles terem a possibilidade de mexer no livro, que muitos não têm acesso a livros. Há miúdos de todos os estratos aqui, mas temos muitos miúdos que não têm livros em casa e que se nota que são os miúdos que requisitam mais livros, mesmo assim ainda são interessados.

Os alunos começam também a perceber a BE como um espaço diferente daquele a que estavam habituados. Actualmente utilizam-no por iniciativa própria como espaço de divertimento onde podem não apenas aceder aos livros, como também a jogos, a filmes e a computadores. Quando algum professor falta a primeira reacção dos alunos é pedir para irem para a BE. Muitas crianças, como já referido, apreciam bastante estar na biblioteca durante os intervalos.

Como me disse uma hoje...tocou para a entrada e disse-me ela “professora, mas nós quando estamos lá fora o tempo passa mais devagar, aqui passou num instante”. E eu “olha, é bom porque quando o tempo passa num instante é porque estão a gostar do que estão a fazer”.

O interesse das crianças pelos livros foi também particularmente visível quando decorreu a feira do livro na BE durante a Semana da Leitura, já que, estrategicamente, levavam diferentes familiares à feira para que lhes fosse oferecido um livro por todos eles.

Porque é já identificável uma evolução tão grande nos alunos apenas após alguns meses de implementação do Plano, a coordenadora espera que dando continuidade ao projecto, os impactos possam ser ainda mais evidentes e duradouros.

Se se nota uma evolução tão grande ao fim de poucos meses...os miúdos que estão agora a iniciar o 1º ano quando chegarem ao 4º ano de certeza que têm outra bagagem.

Quanto aos professores, a coordenadora considera que o envolvimento da escola no PNL não significou uma alteração dos seus métodos pedagógicos ou o aumento do seu interesse, já que os mesmos sempre se manifestaram muito motivados para desenvolverem práticas de promoção da leitura junto dos seus alunos. Com o surgimento de novos materiais e de uma estrutura orientadora as suas práticas passaram, contudo, a ser integradas e formalizadas.

A coordenadora da BE tem também procurado envolver os encarregados de educação nas acções da biblioteca. Embora não participem tanto quanto gostaria, são já muitos os pais que procuram estar presentes nas actividades que lhes são dirigidas. São aqueles com mais possibilidades financeiras os que mais visitam a escola e a BE, o que não significa que sejam mais interessados que outros pais, mas apenas que têm mais disponibilidade. Precisamente para ultrapassar a dificuldade de deslocação dos pais à escola, a coordenadora tem procurado agendar acções que decorrem depois das 18h, de modo a poder contar com a participação de mais encarregados de educação. Mas, em termos gerais, está bastante satisfeita com o envolvimento dos pais, já que muitos deles, com o surgimento do PNL, se interessaram pelo projecto e a consultaram para saber quais os livros mais adequados para lerem com os filhos, tendo-lhes, nesse sentido, sido entregue a listagem sugerida pelo PNL para esse contexto.

O Plano Nacional de Leitura na sua organização

A coordenadora da Biblioteca Escolar teve conhecimento do Plano Nacional de Leitura em Junho, ainda no final do ano lectivo de 2005/2006, através da comunicação social. Por lhe ter sido atribuída a coordenação da BE no ano lectivo seguinte e por lhe ter parecido um projecto pertinente e interessante e de aplicação viável na escola, começou desde logo a informar-se no *site* da RBE e, posteriormente, no próprio *sítio* na Internet do Plano. A escola foi também informada por parte da Comissão do PNL mediante documentação que solicitava a sua colaboração e respectivo registo no *site* entretanto criado para o Plano. Enquanto responsável pela BE assumiu desde o início a responsabilidade de registar a escola no PNL e de coordenar a execução do mesmo.

Uma vez que o registo no Plano Nacional de Leitura por parte de cada escola exigia uma selecção de livros com base nos quais deveriam desenvolver actividades de promoção da leitura, a partir de Setembro a coordenadora da BE organizou um conjunto de reuniões com todos os professores, tendo por objectivo discutir e escolher as obras que cada um considerava mais adequadas para trabalhar com os seus alunos e para motivá-los para a leitura. Em termos gerais, a coordenadora considera que as listagens estão bem construídas e os livros adequados para as faixas etárias a que se direccionam.

Em Outubro a escola foi informada que lhe tinha sido atribuída uma verba no valor de 2500€ para a aquisição das obras sugeridas pelo Plano, o que deixou os professores bastante satisfeitos. As listagens de livros foram então revistas pelos docentes dos quatro anos de escolaridade e a coordenadora da BE procurou

articular as opções dos professores com os preços dos livros para a decisão final das obras a adquirir. Estiveram ainda algum tempo a aguardar a aprovação da verba por parte do GEF, período após o qual fizeram imediatamente a encomenda dos livros. Apesar de muitas das obras pretendidas se encontrarem esgotadas nas editoras devido à grande solicitação por parte das escolas, a coordenadora seguiu as opções dos professores para solicitar outros livros. Nalguns casos optaram também por seleccionar outros títulos da mesma colecção ou da mesma autora, já que o próprio Plano estimulava essa flexibilidade de opções.

A coordenadora ficou um pouco desiludida por não se poderem iniciar as actividades ainda no decorrer do 1º período, uma vez que os livros só chegaram à escola na segunda semana de Dezembro. Contudo, aproveitou as férias escolares do Natal para catalogar e organizar os livros. Optou por colocar os 12 exemplares adquiridos da mesma obra num baú devidamente identificado com o símbolo do Plano e com a capa do livro. Foi também aí colocada uma capa A4 onde os professores deveriam depositar as actividades desenvolvidas com base nessa obra. Foram organizados 7 baús por ano, o que totaliza 28 baús, que correspondem às 28 obras adquiridas. Nesse período de férias os livros foram posteriormente distribuídos pelos diferentes professores da escola que começaram a planificar as actividades que iriam desenvolver para cada livro, sendo que os materiais produzidos nesse contexto, como fichas de trabalho, foram depois inseridas na tal capa A4 anexa a cada baú.

Nós temos 28 baús, cada um tem os 12 livros lá dentro mais a capinha. Claro que são 15 professores com turma, o que é que eu pensei? Então dou 1 livro a cada professor de acordo com o ano de escolaridade e depois dividi os restantes. Eu levei 2 para casa, a coordenadora da escola levou 2 ou 3 para casa, os professores de apoio socioeducativo cada um também levou um, então todos os livros foram divididos pela escola. Todas as colegas em Janeiro entregaram-me alguns materiais, entregaram-me as fichas de trabalho e então foi só começar, que é muito mais fácil do que o professor ter que estar a fazer as fichas para os 5 ou 6 livros que vai trabalhar, eu acho que foi muito mais rentável. E as pessoas todas aderiram, disseram que tiveram imenso trabalho, mas realmente em Janeiro eu reparei que a maioria já tinha bastantes actividades para realizar com os alunos.

Os baús encontram-se na BE, sendo que os professores podem ir buscá-los sempre que querem trabalhar uma determinada obra e mantê-los na sala de aula até terminarem. Cada vez que os docentes trabalham um livro novo podem utilizar as fichas e propostas de actividades já existentes produzidas por outros docentes para essa obra e/ou podem enriquecer a capa associada a esse livro com novas fichas, materiais e propostas. Esta forma de organização criada pela coordenadora da BE foi muito bem recebida por todos os professores, uma vez que estimula a partilha e a conjugação de esforços entre toda a comunidade educativa.

Foi muito mais fácil organizar assim. Cada professor primeiro responsabiliza-se por aquele livro que tem, desenvolve actividades e vai pondo naquela capinha e depois o professor seguinte faz aquelas actividades e até acha que “ai, agora podia fazer uma dramatização. Olha, agora podia fazer um resumo” e vai colocando lá. Quando chegarmos...foi o que eu disse às colegas do 3º ano “quando chegarmos ao 4º ano vocês já têm o trabalho todo feito porque os baús já têm as capinhas todas feitas pelos colegas do 4º ano”. E assim é um trabalho em conjunto, todos estão a ter trabalho.

A organização entre professores relativamente aos baús tem decorrido tranquilamente, já que a coordenadora teve o cuidado de assegurar que todas as turmas tivessem sempre um baú disponível com livros para trabalharem. Não é estipulado um prazo específico para o trabalho de cada obra, sendo que cada professor tem liberdade e flexibilidade para gerir da melhor forma o tempo dedicado à exploração de cada livro.

Os coordenadores de cada ano de escolaridade reúnem semanalmente e discutem e coordenam as actividades desenvolvidas no âmbito do PNL. A coordenadora da BE procura sempre estar presente nessas reuniões para se inteirar do trabalho que está a ser levado a cabo e para dar sugestões, partilhar ideias e materiais e para coordenar as actividades.

No período inicial de registo no PNL, a escola apresentou também um projecto intitulado “Viagens ao Mundo dos Contos”, que tem por principais objectivos implementar hábitos de leitura nas primeiras etapas da vida, fomentar o uso da biblioteca escolar e conhecer personagens e histórias infantis. Consiste fundamentalmente na atribuição de um “Passaporte de Leitura” a cada aluno da escola. Em cada requisição de um livro os alunos recebem uma ficha de leitura que, ao ser devidamente preenchida e entregue na BE, lhes atribui um autocolante de uma figura de um conto que é colado no “Passaporte”. Quando conseguirem acumular 10 figuras têm direito a um diploma e a um prémio (geralmente um bloco).

Sempre que surgiu alguma dúvida relacionada com a implementação do PNL na escola, a coordenadora da BE contactou directamente Isabel Alçada que no âmbito de uma visita à escola lhe facultou o número de telemóvel e se disponibilizou para esclarecer qualquer questão. A comissária do Plano já contactou também algumas vezes a escola para saber como estavam a decorrer as actividades e para solicitar materiais das acções já desenvolvidas.

Frequenta regularmente o sítio na Internet do PNL, numa fase inicial para se informar sobre os objectivos e actividades sugeridas pelo Plano, e actualmente para tomar conhecimento das actualizações e das novas acções do PNL.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais

Em termos gerais, concorda com a forma como o Plano está organizado e como definiu os seus objectivos, prioridades e actividades. A divulgação tem também sido bastante boa e bem sucedida, já que até as crianças da escola sabem o que significa a sigla “PNL”. Considera que a criação da marca Ler+ foi particularmente feliz, uma vez que sintetiza bem o objectivo central do Plano e torna-se, assim, mais fácil associá-la ao PNL. Para além disso, é bastante apelativa e colorida. Os alunos da escola comentaram que faltava apenas a cor amarela para se formar a bandeira de Portugal.

Um dos aspectos mais positivos do PNL foi o facto de disponibilizar um exemplar de cada obra trabalhada para cada dois alunos. De facto, o contacto com os livros revela-se fundamental para motivá-los para a leitura. Outro aspecto importante da acção do Plano está relacionado com a mobilização da comunidade educativa, particularmente dos professores. Não sendo obrigatório, constituiu, ainda assim, uma importante pressão sobre docentes menos motivados que passaram a envolver-se nas práticas de promoção do livro e da leitura.

Nesta escola já se fazia esse tipo de trabalho, mas acho que o Plano Nacional de Leitura dá mais aquela ideia de oficial. E embora alguns professores participassem havia sempre 2 ou 3 “ai, não me dá muito jeito”. E acho que o Plano Nacional de Leitura “obriga” os professores todos a participar, porque se o vizinho do lado está a fazer um trabalho e que está a mostrar e chama os pais, então “eu vou ter que fazer se não fico um bocadinho mal visto aqui na escola”. E é o que acontece aqui, os colegas puxam muito uns pelos outros e “obrigam-se” muito uns aos outros. E isso motiva-os mais. Acho que é isso que fez o Plano Nacional de Leitura, juntou as pessoas, obrigou-as a trabalhar mais um bocadinho, embora já fizessem esse tipo de trabalho, mas havia sempre aqueles que não faziam. E agora ao ver os outros começaram a dizer “afinal isso não é perder tempo, afinal até...se os miúdos tiverem os livros até gostam, motivam-se, trabalham mais, melhoram e isso nota-se também nas outras áreas”.

A principal crítica que a coordenadora da BE tem a fazer ao PNL prende-se com o facto da fase inicial ter sido um pouco confusa e morosa, não permitindo que o projecto começasse a ser implementado logo no início do ano lectivo 2006/2007.

O único aspecto negativo que eu aponte ao Plano foi logo no início, foi ter demorado tanto. Porque eu estava à espera de em Setembro ter logo tudo e demorou aquele 1º período. Pronto, também não foi assim nada de mais, depois começou a andar e andou muito bem. Mas foi mais aquele atrasozinho porque depois nós tínhamos que pedir que a verba fosse desbloqueada. Foi só aí. De resto...tudo o resto correu tudo bem.

Para além disso, gostaria que muitas das actividades propostas pela Comissão do Plano fossem divulgadas com maior antecedência.

As actividades têm que se organizadas com mais tempo, dar mais tempo a algumas pessoas. Porque a crítica que eu ouço muitas vezes e que ouvi na reunião que fizemos aqui do 2º e 3º ciclos que foi feita aqui na escola, foi que as actividades eram apresentadas muito em cima e que havia pessoas que gostavam de fazer a planificação anual e que depois não conseguem encaixar. (...) O que eu achava é que o Plano devia fazer as coisas com um bocadinho mais de antecedência, já para não dar azo a algumas pessoas criticarem sem razão, não é?

Considera ainda que, apesar do *site* estar muito bem estruturado, não foram ainda disponibilizados *online*, tal como prometido, os materiais enviados pelas escolas com as acções desenvolvidas, para partilha entre toda a comunidade que está a implementar o PNL.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

A criação do Plano Nacional de Leitura foi muito importante e da maior pertinência num contexto nacional em que os níveis de literacia são tão baixos, quando comparados com os de outros países. A esse respeito considera que o PNL deveria ter sido criado há mais tempo para contribuir para minimizar os problemas que estão associados à literacia e à leitura. O que mais a preocupa são os jovens que ingressam no ensino secundário sem terem competências para compreenderem o que lêem. Surpreende-se também com a elevada taxa de analfabetismo que ainda persiste no país, já que actualmente existem todas as condições para que as pessoas aprendam a ler e a escrever.

Sugestões e Propostas

A coordenadora da BE fez algumas sugestões que considera serem pertinentes para melhorar acções posteriores do Plano:

- gostaria que a Comissão do PNL disponibilizasse uma listagem de escritores disponíveis para visitarem as escolas, já que é bastante complicado, com poucos meios, as escolas conseguirem localizá-los.
- as verbas para aquisição de fundo documental para as BEs deveriam continuar a ser disponibilizadas às escolas.
- deveriam ser sugeridas mais actividades e criados mais concursos, como forma de promover o carácter lúdico da leitura.
- de acordo com uma das críticas feitas pela coordenadora, deveriam disponibilizar no sítio na Internet do Plano, os materiais enviados pelas escolas com as actividades desenvolvidas, de maneira a criarem uma rede de partilha de ideias e experiências.

Caracterização da BE e da sua utilização/funcionamento (descrição e avaliação)

A Biblioteca Escolar foi criada em 1998, altura em que integrou a RBE, embora se situasse numa sala bastante pequena. No ano passado foi transferida para o espaço onde hoje se encontra, que era anteriormente utilizado como sala de dança. Actualmente, a BE funciona entre as 9h e as 12h e entre as 13h15m e as 17h30m. A coordenadora encontra-se sozinha na biblioteca, tendo apenas algum apoio à quinta-feira, quando uma auxiliar da acção educativa a ajuda em algumas tarefas. Neste sentido, gostaria de poder contar com mais apoio no seu trabalho, nomeadamente em termos de recursos humanos, já que está sozinha a trabalhar numa BE de uma escola com 15 turmas. Ainda assim, considera que tem conseguido organizar-se e tem apreciado bastante as suas funções.

Porque a escola tem tantos alunos e a BE é tão requisitada, a coordenadora teve de planificar as visitas dos alunos à biblioteca. Todos eles têm um cartão de leitor que lhes possibilita efectuar requisições. Contudo, não podem requisitar livros em qualquer altura, podendo apenas fazê-lo no final da hora semanal de actividade na BE que todas as turmas têm. Apenas o 4º ano tem um dia próprio para as requisições, período no qual visitam a BE sem orientação dos professores. Para além disso, nos intervalos podem apenas vir à BE três alunos de cada turma que têm, para esse efeito, que solicitar um cartão de autorização de entrada na BE aos professores. Embora este esquema prevaleça como forma de organização da frequência da biblioteca, a coordenadora é flexível e responde de forma positiva a alunos que, não tendo o referido cartão, gostariam de poder estar na BE. Durante a hora semanal que cada turma tem na biblioteca, os alunos desenvolvem actividades organizadas pela coordenadora, contudo, nos intervalos as crianças podem utilizar a BE livremente.

Nesses períodos de intervalo, os alunos visitam a BE geralmente em grupo e fazem utilizações variadas dos diferentes suportes. As crianças dos três primeiros anos de escolaridade são as que mais frequentam a biblioteca, sendo que os do 4º ano gostam mais de estar nos pátios exteriores a brincar. Particularmente os rapazes do 4º ano, se a Internet não estiver disponível, não vão à BE, preferindo jogar futebol no recreio. Os alunos do 1º ano de escolaridade, principalmente as meninas, vão bastante à biblioteca, entretendo-se com livros, mesmo sem saberem ainda ler, inventando histórias e comentando as ilustrações. Mas, em termos gerais, as crianças nos intervalos não recorrem muito aos livros, optando preferencialmente pela Internet, pelos jogos, pelos filmes e pelos teatros. A coordenadora organizou no espaço da BE o “Cantinho do Teatro” que tem um palco, vários acessórios e fatos de Carnaval que adquiriu com as receitas das feiras do livro, sendo que desde logo passou a ser um dos locais preferidos dos alunos na biblioteca.

A coordenadora da BE procura que as actividades que desenvolve sejam diversificadas, de modo a manter o interesse das crianças pela biblioteca e corresponder às suas expectativas.

E eles também são exigentes, são exigentes nas actividades. Eles também ficam “ah, isso? Não gosto muito”. E nisso eu também tento diversificar as actividades. Não ser só ler, ler, ler. Levar a leitura para outros campos. E eu acho que todos eles adoram vir para a biblioteca. Nota-se isso neles.

De acordo com aquilo que lhe é transmitido, os alunos apreciam bastante o tempo que passam na BE e gostariam de poder prolongá-lo em muitas ocasiões.

Ainda hoje tive o 3º ano, estiveram a fazer experiências científicas e eles saíram daqui super entusiasmados para voltar e “porque é que não temos biblioteca mais vezes por semana?”. Mas não consigo, tem que ser uma hora

para cada turma. E eles muito entusiasmados. E mesmo nas outras actividades, da leitura e tudo, eles gostam muito de vir à biblioteca e vêm a correr muito entusiasmados.

Os professores também utilizam individualmente a BE, particularmente para requisitarem livros para trabalharem com os alunos.

A coordenadora da BE considera fundamental monitorizar o funcionamento da biblioteca através da auscultação dos alunos, tendo para esse efeito criado uma caixa de sugestões, onde os mesmos podem colocar as suas opiniões e propostas. Geralmente é utilizada para elogiarem as actividades da BE e para fazerem sugestões de livros e filmes que gostariam de encontrar na biblioteca. Em conversas informais, as crianças têm-lhe também dito que preferem a BE no presente ano lectivo, já que em anos anteriores não era tão dinâmica e não existiam tantas actividades. Para além disso, os professores fazem uma avaliação da BE no final de cada período que tem sido até ao momento bastante positiva, elogiando a diversidade de acções ajustadas a cada ano de escolaridade e o empenho e dedicação da coordenadora.

Em termos gerais, a coordenadora considera que a BE responde plenamente às necessidades de alunos e professores. Considera que o mobiliário é adequado e está particularmente satisfeita com o espaço que a biblioteca ocupa, que lhe permite realizar todo o tipo de actividades; o que constitui um dos principais aspectos positivos da BE.

O positivo nesta biblioteca é o espaço, é a organização, é poder fazer...tudo o que eu quero organizar dá para fazer aqui, posso fazer um jogo, qualquer actividade é possível fazer numa biblioteca destas porque tem imenso espaço.

Ainda assim, alguns aspectos poderiam ser melhorados para aperfeiçoar o funcionamento da BE. Gostaria, neste sentido, que o fundo documental fosse renovado, já que muitos dos livros que têm são bastante antigos e não agradam aos alunos. No Natal a coordenadora criou rifas, cujas receitas permitiram adquirir obras mais recentes que são, neste momento, as mais requisitadas pelas crianças. Para além disso, os computadores que existem na biblioteca são bastante antigos e não têm impressora. Gostaria, portanto, que houvesse um investimento para a aquisição de material informático.

A RBE (contactos, importância, avaliação)

Como foi já referido, a BE encontra-se inserida na RBE desde 1998, tendo sido uma das primeiras a integrar a Rede. Nessa altura a coordenadora ainda não se encontrava na escola, mas sabe que receberam financiamento para mobiliário e fundo documental, quer por parte da RBE, quer por parte da autarquia. Grande parte do mobiliário que ainda hoje se encontra na BE é dessa altura.

São realizadas reuniões mensais com a coordenadora regional da RBE que presta todo o apoio necessário e informação pertinente sobre actividades e acções de formação para professores. Há também um contacto permanente via correio electrónico com o mesmo intuito. A coordenadora regional facultou, aliás, todos os seus contactos pessoais para que os responsáveis pelas BEs do concelho a contactassem sempre que necessitassem. Está, portanto, bastante satisfeita com o trabalho da RBE, particularmente com a disponibilidade, interesse e forte rede de comunicação montada. Gostaria de poder contar com mais apoio financeiro, mas reconhece que a própria RBE não tem muitos meios para fazê-lo.

Positivos é a comunicação, o interesse, o estarem sempre disponíveis para quando nós pedimos qualquer coisa. O único senão é também não terem grandes verbas para nos ajudar, mas eles também não têm. No início deram o dinheiro quando foi construída a biblioteca, mas depois não tivemos assim grandes verbas para irmos remodelando, mesmo ao nível do fundo documental, para irmos comprando livros novos.

2.8. Biblioteca Escolar da Escola Básica Integrada com Jardim de Infância Vasco da Gama (Lisboa)

2.8.1. Relatório de visita

Durante as visitas à EBI/JI Vasco da Gama, foi possível observar a biblioteca. Trata-se de um espaço amplo, com um segundo piso destinado à realização de exposições de trabalhos realizados pelos alunos ou, ocasionalmente, de artistas convidados pela escola. Possui, também, uma pequena secção audiovisual que conta com oito computadores, três televisões e um leitor DVD.

Existe, ainda, um espaço reservado para os alunos do pré-escolar e do 1º ciclo, onde estão disponibilizados vários livros e jogos infanto-juvenis.

No primeiro dia da visita, foi observada uma exposição, inserida nas actividades da Semana da Leitura, dedicada aos vários trabalhos realizados pelos alunos do 1º ciclo sobre as histórias que leram nas aulas. Nas restantes visitas, o segundo piso encontrava-se encerrado.

Situada no segundo piso da EBI/JI Vasco da Gama, a Biblioteca encontra-se dividida por cinco secções (Biblioteca Infantil, Espaço Multimédia, Recepção, Redacção da Revista *mm*, Centro de Exposições). Existe um Centro de Exposições que está localizado numa *mezzanine* e, no primeiro piso, uma recepção que inclui um espaço de leitura informal, onde podem ser lidos jornais e revistas. As estantes estão divididas pelas disciplinas leccionadas na escola. A BE possui, ainda, um espaço multimédia com computadores, leitores DVD, aparelhagens e televisões.

2.8.2. Entrevista a Coordenador da BE

Perfil do entrevistado

50 anos; licenciatura em Pintura e mestrado em Teoria da Arte; curso de formação de Professor BE/CRE (1995); primeira experiência em bibliotecas escolares.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola e na biblioteca

Após o registo da EBI/JI Vasco da Gama, o Conselho Pedagógico decidiu acoplar a sua implementação no plano de actividades da escola. Desde 1998 que a EBI/JI Vasco da Gama tem seguido um projecto educativo que pretende introduzir, a partir do pré-escolar, hábitos de leitura nos alunos. Para esse efeito, os alunos do Jardim de Infância e do 1º ciclo participam na *Hora do Conto*. Esta realiza-se na BE,

envolvendo um conjunto de actividades assentes na criação de ilustrações e pequenos textos a partir das histórias que foram contadas aos alunos.

Entre o 2º ano e o 6º ano, os alunos são integrados no *Prazer de escrever* (workshops de escrita criativa) e várias actividades de leitura orientada dinamizadas pelo Departamento de Português, ou pela BE. Mais tarde, no 3º ciclo, as práticas adquiridas nos anos anteriores são consolidadas com a *Oficina Criativa*, um *workshop* que pretende dinamizar diferentes actividades que conjugam as artes visuais e a escrita criativa. Com efeito, o Conselho Pedagógico considerou que não era necessário elaborar actividades específicas para a implementação do PNL, tendo sido acordada a manutenção das actividades previstas para o ano lectivo 2006/2007 e a realização de algumas acções centradas nos livros recomendados pelo Plano, no sentido de assegurar a atribuição do reforço orçamental para a aquisição de livros. De forma a não criar eventuais perturbações face ao que foi inicialmente previsto pelo Plano Anual de Actividades foram envolvidos todos os níveis de ensino leccionados na escola.

A revista *Marés de Notícias (mm)* é um elemento central no projecto educativo e da própria implementação do PNL na escola. Todas as actividades de leitura e de expressão plástica delineadas pelo Plano Anual de Actividades foram concebidas em função da publicação da revista. Os próximos números da *mm* contarão com trabalhos inspirados nas actividades associadas ao Plano – reportagens sobre a Semana da Leitura, textos sobre livros recomendados, ilustrações realizadas a partir de sessões de leitura, publicação de cartazes, etc. Tendo em conta a relação entre a implementação do PNL e a *mm*, a articulação das actividades desenvolvidas no âmbito do PNL com o conjunto das actividades curriculares é assegurada pelas disciplinas de Português (através das actividades de leitura orientada e escrita criativa) e Educação Visual (por ser a primeira forma de expressão que os alunos dominam nos primeiros anos de escolaridade – ilustrações no pré-escolar e no 1º ciclo).

A BE e todos os departamentos da escola, através das orientações definidas nas reuniões do Conselho Pedagógico, têm garantido a dinamização das actividades do PNL, na sequência de um esforço que tem vindo a ser feito pelo Conselho Pedagógico, para implementar uma estratégia interdisciplinar, através do envolvimento de todos os departamentos disciplinares. Desta forma, a implementação do PNL na EBI/JI Vasco da Gama prevê o envolvimento de todos os departamentos disciplinares incentivando, por exemplo, a realização de actividades de leitura de textos científicos, de trabalhos assentes em documentos históricos ou a ilustração, as aulas de Artes Visuais e EVT, de textos elaborados pelos alunos.

(...) se há uma proposta para a Semana da Leitura e é necessário elaborar cartazes, logo o Departamento de Artes é envolvido. Se é para fazer uma entrevista [no âmbito da revista *mm*], é o Departamento de Português que realiza uma investigação sobre a personagem que vai ser entrevistada. Há um percurso que compete a cada departamento (...) que é responsável por uma pequena parcela de actividade do nosso projecto educativo e dos nossos planos de actividades.

Se os projectos forem coordenados pela biblioteca, participam os professores e os funcionários responsáveis pela BE, embora com o apoio de professores afectos aos departamentos abrangidos pelos temas da actividade. Quando as actividades partem da iniciativa de um departamento, a sua implementação fica a cargo dos professores da disciplina.

No caso da revista, o responsável pela coordenação [das iniciativas da BE] é o coordenador da biblioteca mas, depois, há os professores assessores, estou-me a lembrar, mais uma vez da revista, em que o responsável é

também o coordenador da biblioteca, mas depois há os editores e o editor de Língua Portuguesa, nomeadamente da correcção, pesquisa, etc. é um professor do Departamento de Português que foi encarregue dessa tarefa.

A participação de pais e familiares dos alunos ainda não tem sido desenvolvida, embora a escola tenha apoiado algumas actividades da Associação de Pais durante a Semana da Leitura (encontros de escritores). De acordo com o professor de contacto, “como ainda estamos numa fase inicial de orientação da leitura, só posteriormente, nos projectos que já estão programados é que depois envolvem toda a outra comunidade...depende também de pontos específicos em que eles podem ter a sua participação”. Contudo, está a ser ponderada a inclusão, no próximo plano de actividades, de iniciativas centradas na participação de pais/encarregados de educação.

Por pertencer ao Departamento de Artes Visuais, o professor de contacto desconhece a forma como têm decorrido as actividades de leitura em sala de aula. Contudo, referiu, tendo em conta algumas conversas informais com colegas da disciplina de Português, que a aquisição de novos livros, através do reforço orçamental concedido pelo PNL, possibilitou, pela primeira vez, que as actividades de leitura em sala decorressem com alguma “normalidade”, sem restrições provocadas pela falta de títulos por aluno.

Como adquirimos mais livros repetidos, ou a mesma quantidade do mesmo livro...neste momento temos um livro por dois alunos e as coisas estão a decorrer com alguma normalidade, o que não acontecia anteriormente porque como só tínhamos um livro ou dois livros por cada título era mais difícil fazer um acompanhamento da leitura. Agora temos mais, e a ajuda que ganhámos do Plano Nacional de Leitura para [adquirir] mais livros veio colmatar essa deficiência.

A organização de actividades de leitura em sala de aula é da responsabilidade de cada professor, que planifica, a partir das orientações acordadas nas reuniões de departamento e de Conselho Pedagógico, as actividades a serem desenvolvidas nas aulas ao longo do ano lectivo. A circulação dos livros pelas turmas da EBI/JI Vasco da Gama é gerida pela BE, de forma a garantir que todos os alunos tenham acesso aos livros. Apesar da expansão do fundo documental da biblioteca, o número de exemplares de algumas obras de referência ainda é insuficiente. No 1º ciclo, nos últimos anos lectivos, foram formadas algumas bibliotecas de turma compostas por livros da BE. No corrente ano lectivo, a biblioteca criou um espaço destinado ao 1º ciclo, que tem cedido livros para a constituição de algumas bibliotecas de turma temporárias. Todos os livros das bibliotecas de turma provêm da BE. Os livros existentes na escola são guardados na BE e, por vezes, nas salas de aula (no caso de existir um armário ou cofre que sirva de depósito).

Muitas das actividades de leitura envolvem o recurso a materiais multimédia (enciclopédias, dicionários, *sites*, etc.), revistas e jornais. A partir de actividades como *O prazer de escrever* e da edição da revista (que envolve todos os níveis de ensino), as actividades de leitura em sala de aula, ou de leitura orientada, incluem a elaboração de textos (recensões críticas, contos, reportagens, etc.).

Por semana, são spendidos, no 2º e 3º ciclos, dois tempos lectivos (aproximadamente 90 minutos) no desenvolvimento destas actividades. No 1º ciclo e no pré-escolar, o regime de monodocência tem possibilitado uma maior flexibilização dos tempos dedicados à leitura. Porém, em todos os níveis de ensino, as horas que são dedicadas ao Plano podem sofrer algumas alterações motivadas pela necessidade de cumprir programa ou pelas características da turma. O Departamento de Português, na última reunião do Conselho Pedagógico, reivindicou a concessão de mais horas para a realização de actividades relacionadas com a leitura,

de forma a corresponder a algumas propostas do PNL. Este pedido seria, no entanto, recusado, tendo sido mantido o prolongamento do horário atribuído às actividades extracurriculares ligadas às TIC.

Embora as actividades de leitura em sala de aula ou de leitura recomendada se debrucem sobre livros que estejam inseridos no projecto educativo da escola, neste momento, têm sido utilizados livros recomendados pelo PNL. Contudo, alguns professores, sobretudo no 1º ciclo, têm recorrido a outros livros. Também no 1º ciclo, no âmbito de uma visita à exposição da Fundação Calouste Gulbenkian dedicada a Amadeo de Souza-Cardoso, foi lido um livro sobre o pintor que serviu de referência para a elaboração de alguns trabalhos para publicação na *mm*.

O projecto educativo da EBI/JI Vasco da Gama inclui a realização, em todos os anos lectivos, de uma semana dedicada à leitura e à língua portuguesa que, para além da população escolar, envolve a participação de pais, de escritores e ilustradores. Em 2006/2007, de forma a integrar a iniciativa proposta pelo PNL, a semana da leitura decorreu entre 5 e 9 de Março. A participação da escola na iniciativa promovida pelo Plano foi motivada pela proposta da Comissão do Plano e do Ministério da Educação para que a EBI/JI Vasco da Gama servisse de palco à cerimónia nacional de lançamento da Semana da Leitura, que contou com a presença da Comissária do PNL, da Ministra da Educação e de Maria Cavaco Silva, em representação da Presidência da República.

Durante a cerimónia de abertura foi realizado um colóquio com a Prof.^a Maria Cavaco Silva. As restantes actividades contaram com encontros de escritores (Daniel Sampaio, Nuno Markl), jograis, recitais de poesia, dramatizações, concertos e uma exposição com trabalhos de alunos sobre livros lidos na *Hora do Conto*.

Para os próximos anos lectivos, o plano de actividades deverá incluir uma articulação mais estreita entre o PNL e o projecto educativo da escola, através da *mm*. No corrente ano lectivo, deverão ser realizadas visitas de estudo ao Museu da Ciência, Museu Nacional de Arte Antiga e/ou ao Museu de Arte Contemporânea.

Dentro da escola, a divulgação é feita pelo Conselho Pedagógico, que transmite todas as informações relacionadas com o Plano aos departamentos. Posteriormente, os professores divulgam as actividades pelas turmas. Fora da escola, a promoção do PNL é feita através da revista *mm*.

Segundo o professor de contacto, a adesão da população escolar tem sido positiva e resultou, durante a Semana da Leitura, numa mobilização “muito significativa” de alunos e pais. Ao longo do ano lectivo, tanto professores como funcionários estiveram sempre disponíveis para a realização e preparação das iniciativas que foram desenvolvidas. Por outro lado, desde o lançamento do PNL que a edição e publicação da revista conseguiu contar com a participação de todas as turmas da escola (a revista já publicou 200 trabalhos que representam 2/3 dos alunos da escola). A participação dos pais tem incidido, sobretudo, no auxílio e acompanhamento dos trabalhos que os alunos elaboram em casa, bem como na visita a exposições na BE.

Posso falar só pelos professores e pelos alunos, dos pais ainda não tenho um *feedback*, porque o tempo do PNL ainda é muito curto (...). Sei que os alunos [durante a realização de actividades da revista] são acompanhados pelos encarregados de educação (...). Durante a Semana da Leitura, a Associação de Pais esteve envolvida e é sempre gratificante ouvir palavras amáveis e simpáticas de outros pais. Há outros pais que gostaram [das actividades] e, antes mesmo do PNL, compraram livros que depois foram aconselhados [pelo PNL] e entregues à biblioteca.

O facto de, ao longo dos últimos anos, a EBI/JI Vasco da Gama ter desenvolvido práticas semelhantes às orientações que sustentam o PNL, não permite, para o professor de contacto, a observação de efeitos imediatos, embora o reforço orçamental tenha possibilitado uma melhoria no funcionamento das actividades de leitura em sala, bem como a renovação do catálogo da BE.

Ainda é muito cedo para ver resultados. Poderei, digamos, antecipar um prognóstico. As nossas práticas já estavam mais ou menos enquadradas no espírito deste Plano Nacional de Leitura. Portanto, nós como tínhamos estes itens ou vectores principais: incentivo à Hora do Conto, Prazer de Escrever e depois a Oficina Criativa. A nossa envolvência no espírito “ler +” já era o nosso espírito. O Plano é nacional, mas na nossa escola veio só adicionar uma mais valia que, neste caso, foi um prémio de 2500€ para adquirir mais livros.

No entanto, os últimos números da *mm*, que já contém trabalhos elaborados no âmbito do PNL, têm contado com uma maior participação dos alunos. A ser mantida a actual linha de implementação, num futuro próximo, o PNL deverá consolidar as boas práticas que têm vindo a ser desenvolvidas pela escola, cimentando a posição da EBI/JI Vasco da Gama no ranking das escolas. Com efeito, o Plano é visto, sobretudo, como um instrumento que poderá oferecer um prestígio adicional à escola. A conciliação entre o projecto educativo da EBI/JI Vasco da Gama e as orientações do PNL, por outro lado, obrigou a que fosse feita “uma depuração” de algumas práticas que, até ao lançamento do Plano, foram sendo realizadas de uma forma mais ou menos desordenada.

Por outro lado, embora seja considerado que o PNL não introduziu inovações no funcionamento da escola, é salientada a importância do reforço orçamental e da mensagem mediática, que conseguiu sensibilizar o corpo docente e a população estudantil para a importância da leitura. Para o professor de contacto, a Semana da Leitura, as actividades de leitura em sala de aula e de leitura orientada estiveram por trás de um maior interesse pelo livro. O PNL deu um maior relevo às actividades desenvolvidas pela escola (a TSF, por exemplo, teve uma emissão especial a partir da escola, que contou com uma *playlist* elaborada pelos alunos).

Creio que não fosse o caso de uma inovação, mas foi uma melhoria significativa em relação à distribuição dos livros e na mensagem. A mensagem foi essencial, do Ler+, no sentido de ler mais para fazer as coisas melhores, esta mensagem foi passada na camada docente e nos alunos. Os alunos têm essa estreita ligação com o Plano Nacional de Leitura dado o evento que houve e as práticas que foram mais envolventes e melhor aplicadas na sala de aula. E, se há mais livros distribuídos, o acompanhamento da leitura foi mais envolvente.

O professor de contacto mencionou, ainda, que o funcionamento da escola não foi perturbado pelas actividades relacionadas com o PNL. Existe, porém, a necessidade da escola, anualmente, reflectir e avaliar as actividades que foram realizadas, no sentido de aperfeiçoar e criar novos projectos, ou incentivos, em torno da promoção da leitura.

O Plano Nacional de Leitura na sua organização

O processo de registo da EBI/JI Vasco da Gama começou a ser delineado ainda antes do anúncio oficial do PNL, na sequência de algumas conversas informais entre a direcção da escola e alguns elementos da RBE e da DREL. A nível institucional, o Conselho Executivo e a equipa de coordenação da BE receberam um e-mail, proveniente da RBE, a anunciar a criação do Plano e a propor o registo da escola. No que concerne à Semana da Leitura, a escola foi informada pelo PNL, tendo reunido com a Comissão para a organização das actividades que foram realizadas na festa de lançamento da Semana.

A inscrição da escola no PNL partiu da iniciativa do coordenador da BE, após a recepção de um novo e-mail assinado pela Comissão do Plano, onde eram explicados os procedimentos necessários para abrir e concluir uma ficha de registo e de projecto. O registo da escola foi, posteriormente, comunicado ao Conselho Executivo numa reunião do Conselho Pedagógico, tendo sido acordado que as actividades a serem desenvolvidas, no âmbito do PNL, seriam incluídas no plano anual de actividades da escola. Neste sentido, todos os departamentos disciplinares foram convidados a participarem na selecção de livros da lista de recomendações do Plano. Foi então definido, em reunião do Conselho Pedagógico, que as iniciativas previstas no plano de actividades seriam abrangidas pelo PNL, tendo sido solicitado a todos os departamentos que ajustassem as actividades previstas para o ano lectivo 2006/2007 em função das orientações propostas pela Comissão do Plano. A BE disponibilizou a lista de livros recomendados a todos os departamentos que, posteriormente, seleccionaram, a partir dos seus próprios critérios (conhecimentos do mercado editorial, práticas pedagógicas, prestígio dos autores) alguns títulos.

Sem contar com o pedido para que a escola fosse o local de lançamento da Semana da Leitura a nível nacional, os contactos com o Plano têm sido esporádicos, reduzindo-se à recepção de documentos informativos e à consulta do *site*, ou ao envio de materiais (fotografias, cartazes, revistas) de actividades realizadas na escola. A documentação disponibilizada pelo Plano, ou pela RBE, à escola foi sempre recebida por e-mail.

O *site* foi divulgado numa reunião do Conselho Pedagógico, sendo consultado regularmente pelo professor de contacto, que tem assegurado a recolha e divulgação de todas as informações (actividades, concursos, conferências) relacionadas com o PNL junto do corpo docente da escola.

Para o esclarecimento de dúvidas, o professor responsável pelo Plano procura entrar em contacto com a Comissão através de telefonemas ou envio de e-mails. As professoras que têm vindo a desenvolver actividades relacionadas com o PNL, para além de conversas informais com o professor de contacto ou com outros colegas, recorrem aos media para obterem novas informações.

A Comissão do PNL atribuiu à EBI/JI Vasco da Gama um reforço orçamental de 2500€. Esta verba foi utilizada para a aquisição de livros que integravam a lista de recomendações do Plano, procurando garantir a existência de dois exemplares por cada título. O professor de contacto não foi capaz de precisar o número de livros e quais os títulos que foram adquiridos.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais

Segundo o professor de contacto, o PNL vai ao encontro das necessidades e problemas que o livro e a leitura encontram perante o predomínio do audiovisual, podendo constituir um momento inovador capaz de introduzir uma nova política de promoção do conhecimento que consiga articular as novas tecnologias com a palavra escrita. A estratégia de implementação, o modelo de organização e as actividades propostas enquadram-se com a realidade das escolas, abrindo espaço para que os professores possam desenvolver práticas interdisciplinares nas escolas.

Daquilo que conheço do Plano Nacional de Leitura, acho que não tenho nada a apontar. Julgo que estamos na infância do PNL e acho que o trabalho vai dar frutos.

Quanto à estratégia de divulgação, os *spots* televisivos têm sido transmitidos num horário adequado que consegue alcançar o público-alvo. No que concerne à divulgação das actividades no sistema de ensino, as actualizações do *site* são regulares, bem como o envio de e-mails informativos ao professor de contacto na EBI/JI Vasco da Gama. A marca Ler+ possui uma mensagem mais forte que a sigla PNL, remetendo para uma iconografia matemática associada à ideia de positivo, que consegue sintetizar a importância da leitura e os próprios objectivos do Plano.

O PNL deverá alcançar todos os objectivos que propõe alcançar, uma vez que, segundo o professor de contacto, estão reunidas as condições estruturais e políticas para uma campanha bem sucedida de promoção da leitura. No entanto, a natureza nacional do Plano e a massificação do ensino implicam que seja implementada uma estratégia que respeite a diversidade do país, tendo em consideração as necessidades estruturais e sócio-económicas de algumas regiões. Assim sendo, é necessário que o PNL privilegie zonas desfavorecidas e que recorra a idiossincrasias regionais ou locais na transmissão da mensagem de promoção da leitura.

Posso ter algumas observações que nem são aspectos positivos nem negativos. Qualquer plano nacional tem, digamos, um problema que é a massificação. E quando nós estamos mais próximos da realidade e da individualidade de cada aluno, um plano nacional não pode ficar pela generalização. Um plano nacional de leitura para um local, vamos fazer uma caricatura, para uma Damaia ou para um Casal Ventoso, se não for o Casal Ventoso seria um outro local mais degradado, faria mais sentido um plano nacional de alimentação, um plano nacional de infra-estruturas básicas ou plano nacional de outras coisas.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

Existe uma tendência crescente em torno dos hábitos de leitura, que se reflecte no aumento de edições e vendas de livros. Apesar de ainda persistirem grupos etários marcados pelo analfabetismo do Estado Novo, as gerações que se seguiram à massificação do ensino possuem práticas de leitura consolidadas, o que poderá significar, num futuro próximo, uma alteração dos retratos traçados por vários estudos científicos sobre a literacia em Portugal. Todavia, há que ter em conta a importância dos resultados que foram revelados sobre a iliteracia funcional.

Contudo, têm emergido alguns sinais que apontam para um declínio, a médio prazo, das elevadas taxas de iliteracia funcional registadas entre a população escolar. A informatização e digitalização dos mecanismos de funcionamento das escolas, por exemplo, têm estado por trás de um aperfeiçoamento das competências funcionais dos alunos. Neste sentido, o Plano deverá criar actividades centradas sobre a iliteracia funcional, desenvolvendo novas iniciativas que incluam o processamento de informação, elaboração de questionários, etc.

Sugestões e propostas

O professor de contacto não quis avançar com eventuais sugestões e propostas para o PNL.

Caracterização da BE e da sua utilização/funcionamento (descrição e avaliação)

A EBI/JI Vasco da Gama conta com uma biblioteca desde o ano da sua fundação – 1998. Embora a escola não esteja inserida num agrupamento, a BE é regularmente visitada por outros estabelecimentos de

ensino, no âmbito de intercâmbios entre turmas ou da realização de encontros de escolas, organizados pelo Ministério da Educação ou pela DREL, no auditório principal.

A biblioteca está localizada no primeiro piso do edifício da EB/JI Vasco da Gama, o que tem dificultado o acesso de alguns alunos (sobretudo os mais novos, que têm algumas dificuldades em subir os dois lances de escadas que unem a BE ao átrio da recepção). O tecto abobadado da escola também tem estado por trás de alguns problemas acústicos (o barulho das escadas, zonas de recreio e do átrio ecoa por todo o edifício). Por outro lado, o facto de a biblioteca se encontrar num espaço de dois pisos que possui uma forma semelhante a um L, tem colocado algumas dificuldades na disposição do mobiliário e das diferentes secções. A colocação de uma *mezzanine*, no segundo piso, suportada por várias colunas, tem obstruído a mobilidade entre as diferentes secções.

Por pertencer a uma EBI, a BE enfrenta, ainda, problemas logísticos relacionados, por exemplo, com a disposição e características do mobiliário, de acordo com os níveis etários. As visitas dos alunos do pré-escolar e do 3º ciclo deparam-se, assim, com várias dificuldades por não terem encontrado mobiliário adequado à sua estrutura física. Por outro lado, a recente remodelação tornou a BE num espaço mais agradável. Outro aspecto apresentado como positivo, prende-se com a qualidade do fundo documental e do material informático e audiovisual.

[A biblioteca] tem estes problemas logísticos...em traços gerais, os aspectos positivos são o lado agradável, a quantidade de documentos que existem, o número de computadores, os três televisores, o número de DVDs, todo este material é óptimo, mas depois temos todos estes problemas.

Com a introdução de aulas de substituição, os padrões de frequência e utilização da biblioteca sofreram várias transformações. Até então, o espaço da BE era procurado pelos alunos, durante os “furos” horários, para a elaboração de trabalhos, utilização de computadores com acesso à *web* ou para a leitura de revistas e jornais. A implementação de aulas de substituição, bem como o surgimento das aulas de estudo acompanhado, fez com que a biblioteca passasse a ser visitada, sobretudo, durante os intervalos, como um ponto de encontro de alunos. Muitos alunos frequentam a biblioteca no final das aulas, enquanto aguardam a chegada dos pais ou do autocarro da escola, para a realização de trabalhos de casa, preparação de momentos avaliativos, audição de CDs, consulta de *sites* ou para leituras informais.

Dentro do horário curricular, a BE é utilizada para aulas dedicadas a trabalhos de consulta bibliográfica, seguindo as instruções dos professores; e para a elaboração dos trabalhos realizados no âmbito da área de projecto – existindo, na biblioteca, um espaço próprio para os alunos desenvolverem os seus projectos.

Através da edição da revista *mm*, a BE tem contribuído para o reforço e divulgação de (novos) conhecimentos transmitidos pelas disciplinas leccionadas na escola. A edição e publicação da revista estão por trás de uma maior dinamização das actividades assentes no desenvolvimento das competências de leitura e escrita (pesquisa bibliográfica, composição de textos, etc.). Nos próximos anos lectivos, a BE deverá dar seguimento aos projectos que, actualmente, estão em curso, mantendo a actual linha de orientação. Existe, ainda, uma preocupação em integrar o plano de actividades da BE com as restantes actividades curriculares da escola. A colaboração da biblioteca tem sido concretizada com o desenvolvimento da *Hora do Conto*, do *Prazer de Escrever* e da *Oficina Criativa*, para além da realização de aulas de estudo acompanhado, por exemplo.

É através daqui que o conhecimento é reforçado e ampliado...é através da biblioteca e da revista que se investiga, que se pesquisa, que se lê... diria que 99%, se não mesmo a totalidade [dos trabalhos de área de projecto e de outras disciplinas], passa pela biblioteca.

O envolvimento da biblioteca no PNL tem sido concretizado de duas formas. Em primeiro lugar, pelas actividades que a própria biblioteca dinamiza, através da revista *mm*, e que, de acordo com o professor de contacto, têm conseguido sensibilizar o corpo docente da escola para implementação de actividades relacionadas com o PNL. Por outro lado, a BE tem apoiado todas as actividades promovidas pelos professores, através do empréstimo de livros, computadores portáteis, dicionários e enciclopédias digitais, DVDs, etc. A biblioteca tem, também, procurado divulgar todas actividades do Plano, através do seu coordenador, junto de professores, departamentos e alunos. As formas de promoção passam por e-mails, cartazes, reuniões de planificação ou balanços de actividades, conversas informais, etc. De referir, ainda, que, através da revista, foram obtidos patrocínios do *El Corte Inglés* e da *Tipografia Lobão*, que têm assegurado a sua publicação.

Por não estar associada a um SABE, a BE tem denotado algumas dificuldades, ao nível da aquisição de títulos, desenvolvimento de novas actividades e apoio técnico. Com efeito, os únicos apoios concedidos à BE partiram sempre da RBE. Quanto a relações com outras entidades, não existem apoios da DREL. Apesar de a autarquia tutelar o pré-escolar e o 1º ciclo, os apoios da Câmara Municipal de Lisboa são praticamente inexistentes. Segundo o coordenador da biblioteca, foram feitos vários contactos com responsáveis pelo pelouro da educação, para conhecer possíveis formas de colaboração ou concessão de apoios, que, até à data da entrevista, nunca foram respondidos.

Embora reduzida, a participação de pais e familiares dos alunos nas acções promovidas pela biblioteca tem vindo a aumentar gradualmente. Uma das iniciativas que contou com uma participação acentuada dos encarregados de educação consistiu na construção de uma instalação que pretendia formar uma pirâmide com livros oferecidos pelos alunos do 9º ano à escola. Os pais foram convidados a visitarem a biblioteca e a doarem um livro, assinado pelos alunos, para construção da instalação. Este projecto, que teve início no Natal de 2006 e cujo resultado final foi exibido na biblioteca durante a Semana da Leitura, tinha como objectivo assinalar o último ano dos alunos na escola, expandir o espólio da biblioteca e promover uma actividade que constituísse uma novidade na biblioteca.

A biblioteca possui, no *site* e no edifício, um espaço (*Reage*) de recolha de sugestões dos utilizadores. A avaliação sobre o funcionamento e serviços da BE também tem passado pela aplicação esporádica de questionários – normalmente, no final de cada período. Contudo, a informação recolhida não é tratada, sendo apenas utilizada para ter “uma noção da opinião dos alunos”. Nas reuniões de Conselho Pedagógico, ou a partir de contactos informais, é feito um levantamento das opiniões do corpo docente quanto ao fundo documental e de eventuais necessidades, ou falhas, da biblioteca que foram sendo detectas no decurso das actividades (títulos a serem adquiridos, falta de computadores, problemas na requisição de livros, etc.).

Durante a conclusão de cada período, a biblioteca apresenta, no Conselho Pedagógico, um balanço de actividades. No final do ano lectivo, a coordenação da BE elaborava um relatório de actividades que inclui uma avaliação sobre o funcionamento e os serviços disponibilizados pela biblioteca (número de utilizadores, requisições, empréstimos de computadores, etc.). Os resultados obtidos têm apontando para a necessidade de melhorar as estruturas da biblioteca. Os aspectos que mereceram mais críticas, ou reparos, prendem-se com a

planta e disposição da biblioteca, o sistema de requisição de livros (que exigia, até ao ano lectivo 2006/2007, que as requisições dos alunos do 1º ciclo fossem acompanhadas por uma autorização prévia dos seus professores), e a necessidade de renovar alguns meios audiovisuais, etc.

A RBE (contactos, importância, avaliação)

Por estar apenas há um ano a exercer as funções de coordenador da BE, o professor de contacto não quis fazer uma avaliação da RBE, argumentando que “ainda não está por dentro” das suas estruturas e modos de funcionamento. Foi, no entanto, revelado que os apoios prestados pela RBE têm sido fundamentais para o funcionamento da biblioteca e avançou com algumas sugestões. A remodelação do espaço da biblioteca (aquisição de novo mobiliário, criação de novo *lettering* e sinalética) foi, por exemplo, coordenada por elementos da Rede. Os sucessivos problemas informáticos no acesso e introdução de novos títulos no sistema DOCBASE (o sistema informático onde está armazenada a base de dados da biblioteca) estão, também, a ser resolvidos por técnicos informáticos ligados à RBE. Nos próximos meses, os funcionários e professores responsáveis pela BE deverão participar em cursos de formação promovidos pela RBE. Embora não sejam regulares os contactos com os responsáveis da Rede, estes têm respondido, sempre que solicitados, aos pedidos de informação ou auxílio da escola.

Todavia, foi sugerido que a RBE deveria manter uma relação de maior proximidade com as bibliotecas; introduzir e gerir um *software* relacionado com fundos documentais comum a todas as bibliotecas escolares; apostar numa estratégia que tenha como objectivo a conversão das bibliotecas em centros de recursos que, para além, de depósitos de documentos sejam, também, produtores de novos conteúdos.

Se calhar uma RBE devia assumir um protagonismo maior neste âmbito e depois, talvez, encararem as bibliotecas escolares como centros de recursos...não como um local onde se depositam documentos, mas como um local onde se depositam documentos...como centros de recursos onde se produzem novos documentos, esse é que era o ponto, digamos, chave de um projecto mais ambicioso. Não ter só uma biblioteca passiva...mas que esses documentos sirvam, de alguma maneira, para que os miúdos consigam fazer produção de novos documentos, e essa produção de novos documentos é que nos permite avaliar processos.

2.9. Biblioteca Escolar da Escola Básica do 2º e 3º Ciclos Francisco de Arruda (Lisboa)

2.9.1. Relatório de visita

Tendo em conta os 50 anos da escola onde está inserida, não é surpreendente que esta BE mantenha ainda muitas marcas do período em que foi criada. Quer uma parte dos fundos (dotados de grande quantidade de livros) quer a maior parte das estantes denotam essa antiguidade: mobília austera e pesada dotada de portas que costumavam permanecer fechadas à chave até há bem pouco tempo; grande quantidade de obras já muito desactualizadas e bastante desajustadas (enciclopédias e livros de arte em francês e edições de livros do século XIX, por exemplo).

Não obstante, o local é bastante espaçoso e amplo (cerca de 200m²) e foi sendo alvo de várias intervenções de melhoramento e de ampliação ao longo dos anos. Parte de um corredor exterior foi incorporado na BE e é onde se localizam actualmente os recursos audiovisuais, com uma pequena plateia, e a ludoteca.

Com a entrada na RBE, foram adquiridas estantes, fundos actualizados e diversificados (livros, CDs, DVDs, CD-ROMs) e equipamentos informáticos, na linha daquilo que é característico de outras bibliotecas da Rede.

Contíguo à BE existe ainda o *Jardim do Futuro*, um espaço anteriormente desactivado que foi aproveitado como local de exposição dos melhores trabalhos anuais dos alunos e onde são feitas “horas do conto”. A sala foi decorada com materiais reciclados feitos por estagiários de EVT.

A BE permanece aberta das 8h30 às 16h00.

2.9.2. Entrevista a Coordenadora da BE

Perfil da entrevistada

46 anos. Professora de Geografia. Está na escola desde 1985 e na biblioteca desde 1997, sendo coordenadora desde 2000. Concluiu várias acções de formação na área das bibliotecas nos anos 90: animação, organização e gestão; há 2 anos fez na Gulbenkian um curso de formação para coordenadores de bibliotecas e este ano outro em Bibliotecas Escolares e Paradigmas Digitais; em Setembro irá começar a frequentar um estágio de formação em catalogação (50 horas) na própria BE.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola e na biblioteca

Para a entrevistada, a participação da escola no PNL tem vindo a concretizar-se essencialmente nas actividades de leitura em sala de aula nas turmas de 2º ciclo, a partir do 3º período, tendo a escola recebido financiamento para aquisição de livros na segunda fase (2.000€). Esses livros têm sido trabalhados em períodos lectivos semanais de 90 minutos, com os professores de Língua Portuguesa. Foram adquiridos 12 exemplares de 21 títulos, embora a escola ainda não tenha recebido todos aqueles que foram encomendados porque algumas obras estão esgotadas.

Como os livros adquiridos estão localizados na BE, outros alunos também costumam utilizá-los, embora não possam levá-los para casa: “Às vezes já temos tido turmas que vêm para cá e pegam nos livros para ler. Acham novos, todos gostam de folhear livros novos. (risos) E principalmente estes dos Factos Incríveis, que para alunos que vêm esporádicos é bom, pronto, que vêm ler.” No entanto, a sua utilização tem sido feita essencialmente nas salas de aula. A disposição e organização da colecção PNL ainda não são definitivas, uma vez que a escola ainda não dispõe de todos os livros, estando a ser preparada para o próximo ano uma arrumação mais conseguida.

A coordenadora propôs ao Conselho Executivo, para o próximo ano lectivo, a compra de cestos de plástico coloridos para transporte dos livros PNL quando são requisitados pelos professores, uma vez que

foram utilizados este ano sacos de pano que “estragam as esquinas dos livros, dobram as folhas. Os cestos serão mais atractivos.”

A escolha dos livros foi feita através de um processo colectivo de consulta aos professores de Língua Portuguesa do 2º e 3º ciclos, em articulação com a responsável do Plano na escola, sendo que o principal critério norteador foi um de escolha de “um leque o mais diversificado possível. (...) Tanto daqueles que eles podem ler um pequeno romance, como contos, como aqueles dos Factos Incríveis que eles adoram, que não pressupõem uma leitura tão seguida.” Foi dada especial atenção à lista PNL de livros recomendados “para meninos que têm muita dificuldade de leitura no 5º ano, que é o nosso caso. Temos imensos meninos que saíram do 4º ano sem saber ler.”

Quando lhe foi pedida uma avaliação sobre a forma como tem decorrido a leitura em sala de aula, a entrevistada não se quis alongar muito, devido ao facto de as experiências dos vários professores serem variadas e também por não ter tido uma participação directa nessas actividades. De qualquer forma, a avaliação geral que pôde fazer é de sinal positivo:

O que me chega é pelos professores... Mas, por exemplo, eu sei que *A Menina do Mar* é um livro que eles adoram! Assim como *A Floresta*. Eu acho que está a correr bem, e eles fazem depois essas fichas de leitura com a professora. Há até professores que depois fazem pequenas dramatizações que apresentam no fim do ano aqui na biblioteca. Eu acho que está correr dentro do planeado.

Algumas vezes, nas leituras em sala de aula têm sido utilizadas duas obras diferentes, de forma a que cada aluno tenha um exemplar à disposição.

Foi realizado este ano lectivo pela primeira vez o *Almoço Literário*, com o objectivo de divulgar o empréstimo domiciliário. Foi feito no ginásio da escola um almoço para os alunos de uma turma, sendo utilizados talheres, pratos e copos de material reciclado feitos pelos próprios alunos e pelos professores; as amentas têm nomes de livros. Esses livros são depois distribuídos e levados pelos alunos durante um mês; posteriormente são preenchidas fichas, feitas ilustrações e realizadas actividades mais lúdicas em torno das obras. No final do ano foi feita uma exposição desses trabalhos:

Tendo sempre por objectivo a promoção da leitura. Que eles assim são obrigados a ler e a escrever de uma forma lúdica. (...) Acho que dinamiza a leitura, completa com a escrita e depois ainda com uma parte plástica. Portanto acho uma actividade muito completa. (...) Os miúdos foram super receptivos a este Almoço Literário. Eles vieram tão contentes! E ali, num mês, uma turma leu vinte livros! Se eu conseguisse fazer este almoço literário, por exemplo, mês sim, mês não, eu tenho ao fim do ano uma turma em que cada aluno lê meia dúzia de livros. Para o nosso universo da nossa escola é muito bom, que por período, por exemplo, leiam dois livros. É bom.

Foram também feitas outras actividades mais dispersas, como um concurso de quadras a rimar com palavras relacionadas com o livro e com a leitura, a propósito dos santos populares; elaboração de postais e cartas nos dias do pai e da mãe e no dia dos namorados; uma feira do livro, que contou com a colaboração da Associação de Pais para estar aberta durante dois dias à noite e ao sábado de manhã. De referir também que, na última sexta-feira de cada mês, o avô de um dos alunos vai à escola contar uma história.

Os pais participam esporadicamente nas actividades realizadas em torno da leitura (em dramatizações, por exemplo); segundo a entrevistada, os níveis de participação variam muito devido à diversidade que existe em termos sociais, culturais e de disponibilidade de tempo. Alguns avós tendem a ser uma presença bastante constante.

A escola esteve inscrita na Semana da Leitura, que decorreu de forma positiva. Foi destacada a actividade *Peditório de Palavras*, em que foi pedido a todos – professores, alunos, auxiliares de educação, pais/encarregados de educação – que colocassem palavras num recipiente; essas palavras serviram posteriormente para decorar a BE e foi mesmo feito um “top mais”, com aquelas que surgiram mais frequentemente.

Ao nível do Agrupamento, foi destacada a realização de um prémio literário em que todas as escolas participaram, do Jardim de Infância ao 9º ano. Os 3 trabalhos premiados de cada ano foram posteriormente expostos na BE, tendo os prémios e diplomas sido entregues por um escritor convidado.

Não existe propriamente uma divulgação de iniciativas para fora da escola; no interior da mesma, a responsável divulga as actividades a realizar no Conselho Pedagógico, onde tem assento a Associação de Pais e está também um representante dos funcionários.

Em algumas turmas do 3º ciclo a leitura nos moldes recomendados pelo Plano já começou a ser introduzida, não nos tempos lectivos regulares, mas sim nas aulas de substituição, sendo que a professora de contacto com o PNL aproveitou a oportunidade para adquirir também, com o financiamento PNL, alguns livros obrigatórios para o 9º ano. Para o próximo ano lectivo existe o projecto de utilizar os livros PNL nessas aulas de forma mais sistemática: “Acho que os livros podem ser rentabilizados desta maneira.” A propósito das experiências que foram entretanto levadas a cabo, as apreciações são bastante positivas, sendo os alunos de uma maneira geral receptivos à leitura a par:

A leitura é transversal às disciplinas todas. Portanto, eu acho que se eles estiverem a ler... Hoje falta um professor de Matemática, daqui a oito dias falta o de Ciências, daqui a quinze dias falta o de História, e eles vão prosseguindo na leitura e também vão ganhando esse gosto. (...) Então porque é que não vamos aproveitar isto, e rentabilizar os livros. Em vez de ser só para o PNL, alargar o leque!

Na altura da entrevista ainda não tinha sido elaborado o Plano de Actividades para o ano seguinte, pelo que a responsável não quis adiantar muito no que diz respeito a iniciativas futuras; contudo, não deixou de destacar que o *Almoço Literário* “é para continuar”, assim como as actividades de leitura e de escrita nos dias do pai e da mãe. Está também previsto que as actuações dos contadores de histórias que vierem à escola se baseiem nos livros PNL, de forma a que os alunos possam ir acompanhando mais de perto.

Dois factores relevantes de fragilização das actividades de apoio à leitura na escola, na perspectiva da entrevistada, têm que ver com a inexistência de apoio por parte da Câmara Municipal de Lisboa – “com a Câmara Municipal é para esquecer” – e com uma articulação fraca com a Biblioteca de Belém, que se encontra relativamente perto da escola.

O Plano Nacional de Leitura, em termos gerais e na sua organização

A entrevistada soube da existência do PNL através da Internet, embora não se tenha recordado da fonte exacta (“talvez por intermédio da RBE”). A iniciativa de inscrição da escola partiu da responsável, que também elaborou o projecto.

A escola não recebeu directamente informação relativa ao PNL e nunca entrou em contacto com a Comissão, “por nunca ter sido necessário”. Já as editoras enviaram muitos catálogos com os livros incluídos na lista do PNL.

A escola recebeu financiamento para aquisição de livros na segunda fase, tendo a entrevistada considerado que o processo “foi um pouco lento”, nomeadamente devido a alguns dos títulos escolhidos num primeiro momento estarem esgotados, o que motivou a realização de novas escolhas e encomendas: “Nunca pensei que fosse uma coisa tão demorada. Eu já alterei a lista duas ou três vezes, porque tem sido muito demorado...” Por isso mesmo, existe a convicção de que, nesta escola, a continuidade da leitura na sala de aula com os exemplares do PNL trará benefícios, até porque essa actividade apenas teve início no 3º período: “Tem sido bom, mas como lhe digo tem entrado aos bocadinhos... Eu acho que isto vai ser em cheio é para o ano.”

A possibilidade de aquisição de múltiplos exemplares de várias obras foi especialmente destacada como elemento muito positivo do PNL, bem como a chamada de atenção pública que o mesmo veio fazer em relação à leitura:

Eu fiquei muito contente porque nós nunca temos oportunidade de comprar mais do que um exemplar. Normalmente a Rede de bibliotecas ou os outros projectos a que me candidato é um volume, normalmente. Isso tem logo uma vantagem: diversifica. (...) Eu noto é que quando a oferta também é maior e mais diversificada, a procura também aumenta. (...) Foi bom porque chama a atenção das pessoas e ao mesmo tempo deu um meio para concretizar essa chamada de atenção.

Também entre os outros professores a possibilidade de contar com mais livros surgiu como um factor positivo e destacado de adesão ao PNL:

Eles ficaram todos contentes quando eu lhes propus que íamos concorrer. Portanto, principalmente para adquirir novos livros, mais que não seja ficaram logo por aí contentes. E eu disse que era a coordenadora, mas depois a leitura em si cabe-lhes a eles em tempo lectivo. E eles aderiram, não tive problema nenhum, não houve nenhum que se queixasse, por assim dizer!

De qualquer forma, a entrevistada não se quis alongar em considerações avaliativas acerca do PNL, devido à incompletude do processo nesta escola. Não obstante, aproveitou ainda para destacar a lista de sugestões como algo de positivo e inovador, nomeadamente por estar organizada em graus de exigência, o que permitiu abranger de forma mais rigorosa os alunos: “Achei muito bem ser, tipo, para o 1º ciclo, para o 2º ciclo... Dentro do 2º ciclo eu tenho 3 graus de dificuldade e tentei também fazer uma escolha mais ou menos diversificada dos 3 graus, para apanhar todo o tipo de alunos que nós temos. Isso achei bem.”

O sítio do Plano mereceu uma avaliação positiva em termos gerais, sendo frequentado regularmente pela entrevistada em busca de novidades, sugestões de actividades e para consulta da lista de livros. Igualmente positiva foi a avaliação da marca Ler+, utilizada nas próprias actividades da escola: “Eu até pus ali no placar uma data de tempo. Isso achei muito giro. Aproveitei também para o melhor leitor do trimestre, pus o Leitor+. E eles gostaram! Eu gostava também de ter um placar grande, com o Ler+ para identificar os livros.”

A entrevistada disse duvidar que os pais ou os próprios alunos conheçam o PNL, embora o nível de conhecimento destes últimos varie muito consoante os esforços de divulgação de cada professor.

A responsável do PNL nesta escola não quis, contudo, deixar de criticar a falta de divulgação da sessão de apresentação do 1º ano de actividades do PNL; na sua perspectiva, o interesse do evento e dos resultados apresentados merecia uma divulgação mais alargada junto dos professores e dos responsáveis pela aplicação do Plano nas escolas.

Em termos mais gerais foi considerada oportuna a criação do PNL, tendo sido também referida a necessidade de aumentar a sua abrangência e de incrementar a sua importância nas BMs:

Já há noutros países e deu-se bem! Tudo o que seja a ver com leitura acho ótimo porque é transversal às disciplinas todas, por isso é que eu acho que devemos implementar também nas outras aulas que não só a língua portuguesa directamente. Nos outros espaços mortos, nas aulas de substituição, etc., implementar ao máximo a leitura. (...) Porque é que nós não havemos de implementar a leitura também nas bibliotecas públicas? Não é só nas escolas...

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

A este respeito, a entrevistada optou por destacar aquilo que entende serem os níveis baixos de literacia de muitos alunos na escola: “Todos os professores se queixam e é verdade. Se estiver a ler um teste de História, de Geografia, etc., o problema é a interpretação das perguntas. “Professora, eu não percebo isto!””

As características específicas, sociais e económicas, do meio envolvente à escola também foram evocadas para explicar padrões desfavorecidos de contacto com o livro e práticas relativamente débeis de leitura: “Eu tenho muitos alunos que compram os manuais no Natal, que os pais me mandam um recado a dizer: “Professora, eu só posso comprar os livros com o subsídio de Natal.” Portanto repare: se para os manuais é no Natal, para os outros não resta mesmo dinheiro nenhum.”

Não obstante, foi igualmente sublinhado que, actualmente, os jovens lêem mais noutros suportes, nomeadamente nos informáticos e digitais, embora isso também possa originar factores menos positivos:

Eles agora têm competências nesse nível. É evidente que depois é aquele facilitismo. Eles querem vir pesquisar é na net, a primeira coisa que vão pesquisar é na net, não é num livro. Mas também há essas competências que eu acho que são importantes, de eles saberem ir à net e saberem ir a um CD-ROM. É outro tipo de leitura. É outro tipo de literacias.

Sugestões e propostas

A expectativa principal prende-se com a continuidade do PNL e do financiamento atribuído às escolas, em simultâneo com o alargamento dos níveis de ensino abrangidos: “Olhe, eu gostava de concorrer ao 3º ciclo e de ganhar, como é evidente! Que este impacto depois fosse continuado.” Na mesma linha, é também uma expectativa que as escolas de 1º ciclo pertencentes ao Agrupamento possam receber financiamento ao longo dos anos seguintes.

Caracterização da BE e da sua utilização/funcionamento (descrição e avaliação)

A entrevistada considerou que o fundo da BE está “muito desactualizado”, uma vez que compraram livros aquando da entrada para a RBE mas depois a renovação tem sido lenta: “desde aí só uma compra esporádica. (...) Ainda tenho ali aqueles dos Cinco, dos Sete... Vou tirar dali aquilo tudo que já não lêem, já está desactualizado. Era do meu tempo, não é deles... (risos)”.

Aquando da entrada na RBE, foi catalogado todo o fundo e colocados em livre acesso os livros que faziam parte do espólio da biblioteca e que se considerou possuírem ainda algum interesse. Todos os outros, estando também em livre acesso, permanecem nas estantes originais, que já não estão fechadas à chave. No

ano lectivo seguinte, a candidatura a um projecto Gulbenkian (cerca de 3000€) permitiu adquirir mais material informático e mais livros.

A BE possui actualmente 2 computadores, o que é considerado “ainda pouco.” Existem também jornais e revistas e assinaturas do *Diário de Notícias*, da *Visão*, da *National Geographic* e da *Superinteressante*, são feitos dossiers temáticos com as revistas mais antigas.

No ano lectivo de 2005/2006 concorreram a um concurso da SIBS e puderam adquirir 200 volumes, destinados sobretudo ao 3º ciclo, algo que teve um efeito muito positivo sobre a procura de livros por parte dos alunos: “Eles adoraram. Os miúdos que gostam de ler vieram imenso, e eu até coloquei ali um escaparate com as novidades”.

A equipa mais alargada de colaboradores da BE foi considerada “coesa”, sendo feitas reuniões trimestrais com a presença de todos os grupos de professores da escola. Essas reuniões constituem-se também ocasiões ideais de divulgação de iniciativas e de projectos. Foi também destacado o apoio dado à BE pelo Conselho Executivo: “É excepcional. “Posso ir?” “Vai.” “Posso fazer isto?” “Tudo bem.” Acho que também se reflecte este bom ambiente entre as pessoas. “Vou concorrer ao PNL.” “Sim senhora, apoiamos.” Tenho sempre o apoio daquele órgão máximo da escola, portanto tem funcionado bem.”

Segundo a caracterização feita pela entrevistada, a BE leva a cabo dois grandes tipos de actividades: as permanentes, de apoio aos alunos na realização de pesquisas, trabalhos, leitura domiciliária, realização do projecto curricular de turma, etc.; e as pontuais, que incluem as actividades que foram descritas anteriormente de estímulo à leitura e à escrita (*Almoço Literário*, *Dias do Pai e da Mãe*, etc.).

O empréstimo domiciliário está aberto não apenas aos alunos, mas também aos professores, aos funcionários e aos pais/encarregados de educação. Relativamente aos alunos foi dito o seguinte: “Temos 200 e tal alunos de leitura domiciliária voluntária. Portanto é mais de metade da escola. Eu não acho mal, num meio completamente desfavorecido como é o nosso, que a maior parte dos alunos não compra livros em casa.”

A utilização da BE por parte dos alunos assume formas muito diversificadas, seja com o professor e a turma, seja em grupos mais pequenos durante as actividades de pesquisa da Área-Projecto ou para realização de trabalhos de grupo, seja individualmente para elaboração de trabalhos de casa ou para leitura de estudo; não obstante, a utilização solitária é menos frequente:

Cruza-se aqui toda essa parte da pesquisa, dos trabalhos que estão a fazer. Esse trabalho é contínuo ao longo do ano. Todas as turmas, umas mais, outras menos, como é evidente, mas todas passam por esse trabalho. Estes alunos do 9º ano, por exemplo, já todos acabaram as aulas, mas estão aqui a estudar para os exames. Em vez de estarem em casa, encontram-se aqui uns com os outros e estão a estudar.

Segundo a entrevistada, os alunos procuram especialmente os computadores com acesso à Internet (para realização de trabalhos, de pesquisa e para utilização de CD-ROMs), que são sem dúvida os recursos mais procurados; recorrem também muito à audição de música e à visualização de DVDs, assim como à ludoteca.

Os próprios professores da escola frequentam regularmente a BE, quer para estudo e trabalho, quer para empréstimo domiciliário, quer ainda para acederem à Internet: “Utilizam imensíssimo. Olhe, ali está um! Sempre. Os computadores têm sempre lotação esgotada.”

A BE também dá um apoio especial aos projectos curriculares de turma e à Área-Projecto, desempenhando um papel central no desenvolvimento das actividades do PNL na escola, actividades que servem para articular diversas dimensões da experiência dos alunos:

Se determinada turma está a trabalhar sobre um determinado tema, nós fazemos uma pesquisa bibliográfica e fazemos tipo uma pequena feira temática. Os livros que estão sobre Alcântara... Sobre os jardins... Sobre isso, por exemplo. E eles depois vêm aqui e pesquisam, portanto há sempre essa ponte entre pesquisa feita aqui e da parte curricular aquilo que somos solicitados, sempre. Damos grande apoio à Área-Projecto. Por exemplo, está definido um tema e nós logo no início do ano definimos uma bibliografia referente a esse tema e disponibilizamos numa prateleira tudo o que há, de CDs, DVDs, música, livros, filmes. E então eles fazem toda essa pesquisa aqui na biblioteca.

Por exemplo, um dos livros do PNL trabalhados em EVT foi *As Fábulas de La Fontaine*: as gravuras foram pesquisadas na BE e desenhadas pelas crianças, que escreveram depois a “moral da história” em Língua Portuguesa. Em Setembro de 2007, quando a escola abriu para um novo ano lectivo, os espaços estarão decorados com os desenhos: “Portanto, o trabalho começou aqui na biblioteca, com a compra do livro e com a pesquisa, depois passa para as oficinas de EVT, depois a professora de Língua Portuguesa entra com a moral da história, e depois vamos distribuir pelos jardins.”

No final de cada trimestre, o melhor leitor inscrito na BE recebe um livro como prémio: “Acho que eles merecem, porque eu tenho aí uns leitores compulsivos. Agora, não é o geral, como é evidente.”

Não existem indicadores rigorosos acerca do desempenho da biblioteca ou acerca das opiniões dos professores e dos alunos sobre a mesma (é feito um relatório de actividades no final do ano que é entregue ao Conselho Executivo e que é também levado a Conselho Pedagógico), embora a entrevistada considere que os últimos gostam do espaço e procuram-no muito, quer para tarefas escolares, quer para outras actividades mais lúdicas. As queixas que são registadas prendem-se invariavelmente com o reduzido número de computadores.

Sendo a escola sede de Agrupamento, outras escolas utilizam também com frequência a biblioteca, tanto para as actividades feitas em torno da leitura no decorrer do ano lectivo, como para requisitar ou utilizar livros, ainda para mais quando não estão equipadas com BEs propriamente ditas, mas muitas vezes apenas com bibliotecas de turma.

Em termos mais globais, a entrevistada caracterizou o lugar da BE na escola da seguinte forma:

Eu faço questão que a biblioteca seja aqui o cruzamento do ensino-aprendizagem levado ao expoente máximo. Portanto, tudo o que é Área-Projecto, o programa Eco-Escolas, por exemplo, os projectos curriculares que se cruzam por aqui, a parte de pesquisa de material, de recolha de livros, passa sempre por aqui. Sempre.

Como um dos aspectos mais positivos da BE, a entrevistada optou por destacar a equipa que aí trabalha: “Temos uma equipa que funciona bem. A parte humana é excepcional, tanto de professores como de funcionários.” O espaço foi considerado, senão o ideal, suficiente, podendo ser melhorado em termos de acessos e de comunicação entre a sala de leitura e os outros sub-espacos.

Como aspecto mais negativo, foi seleccionado “a falta de computadores. Precisávamos já neste momento... Temos muitos alunos que não têm computador em casa. Por exemplo, quando estão todos para entregar trabalhos no 1º período, não damos vazão. Tenho aqui sempre um problema de lotação esgotada nos computadores, todos se queixam da falta de computadores.” A entrevistada também referiu que o fundo documental da BE está algo desactualizado:

Poderia estar muito melhor. Como lhe digo, eu vou à *Fnac* e só me apetece meter os livros debaixo do braço e correr para cá! (risos) Não dá entusiasmo nenhum olhar para aqui, não é? Para estes livros que já estão um bocadinho amarelinhos, ou olhar para os livros dos Cinco e dos Sete, não é? Apetecia-me muito chegar ao fim do ano e ter, por exemplo, não era preciso muito, 600 ou 700 euros para renovar todos os anos. Gostava de ter a estante das generalidades muito actualizada, porque eles consultam muito isso, é para eles de fácil leitura, fácil encontrar.

Foi ainda referido que é bastante difícil fazer a renovação das colecções de DVDs e de CDs musicais, “porque os projectos de financiamento apoiam mais facilmente livros do que material não-livro.”

A RBE (contactos, importância, avaliação)

Esta biblioteca entrou para a RBE no ano lectivo de 2002/2003. A entrevistada considerou que isso constituiu um grande impulso para a sua renovação, nomeadamente por ter aberto a possibilidade de aquisição de fundos documentais, de mobília nova (estantes, mesas e cadeiras) e de material informático: “Foi uma lufada de ar fresco, nesse ano lectivo.” Todo o processo de candidatura e de instalação do equipamento foi considerado como tendo decorrido “normalmente”.

A coordenadora da BE referiu estar sempre muito atenta às novidades provenientes da RBE: “Estou sempre ligada. Eles têm uma *newsletter*, estou sempre ligada à RBE, onde eles também informam.” O sítio electrónico foi considerado como um recurso importante, quer durante o processo de candidatura e instalação, quer posteriormente: “a Rede tem uma boa página, um bom *site* onde informam das empresas que fornecem mobília, as empresas que têm guias para nos orientarmos na compra dos livros. A pessoa sente uma certa segurança, que não está a comprar a ninguém que nunca mais vem entregar os móveis... (risos). Uma pessoa sente-se completamente apoiada e compra segura.”

Posteriormente à instalação da BE, não houve mais apoios financeiros. Tem havido apoio regular, essencialmente, em termos técnicos e no esclarecimento de dúvidas. Algumas das acções de formação que a entrevistada frequentou foram ministradas por pessoas pertencentes à Rede.

2.9.3. Entrevista a Auxiliar da BE

Perfil da entrevistada

Auxiliar de acção educativa. Está há 13 anos na escola e há 3 na BE, não possuindo experiência anterior de trabalho em bibliotecas. Possui o 12º ano e já fez algumas acções de formação em Informática.

O PNL e a BE

A funcionária sabe da existência do PNL, tendo-lhe sido dado conhecimento do mesmo por parte da coordenadora da BE. Quando questionada a esse respeito, referiu que a sua aplicação na escola tem consistido essencialmente na utilização dos 12 exemplares de cada livro em actividades de leitura na sala de aula. Antes de cada aula, os professores deslocam-se à BE para os requisitar.

A existência do PNL é vista como sendo muito positiva, na medida em que “tínhamos muito poucos [livros da lista PNL], e o fundo estava já um bocadinho antigo.”

A entrevistada referiu nada mais saber a respeito do Plano, remetendo o esclarecimento de questões para a coordenadora da BE.

Caracterização da BE e da sua utilização/funcionamento (descrição e avaliação)

A BE é muito utilizada por “praticamente todos os alunos”. Geralmente nos períodos da manhã e da tarde a sala de leitura é requisitada pelos professores que aí se deslocam com as turmas para realização de pesquisas em livros e na Internet; as actividades de Área-Projecto destacam-se neste quadro. Durante a hora de almoço, alguns alunos costumam deslocar-se até à ludoteca ou utilizam os equipamentos audiovisuais da BE: “Tenho sempre muitos, muitos meninos. Temos que mandar meninos embora, porque está quase sempre a lotação esgotada.”

A utilização da BE é essencialmente colectiva, seja pelas turmas, seja por pequenos grupos de alunos; não obstante também existe uma utilização mais individualizada de alunos à hora de almoço, para estudo ou para uma utilização mais lúdica dos recursos.

A Internet avulta a grande distância como o recurso preferido e mais utilizado pelos alunos, que recorrem também muito aos computadores para fazerem trabalhos: “A pesquisa em livros já é em segundo plano.” Embora não seja permitido na biblioteca utilizar a Internet fora do âmbito das actividades escolares, é necessário fazer uma gestão e um controlo contínuos das actividades dos alunos no computador: “Tem que ser sempre com alguém por perto. Mas fogem! Fogem muito. É claro que eu sei que sim, enquanto estão a trabalhar de vez em quando dão um salto a outros *sites*, que eu vejo.” Os alunos também apreciam muito a ludoteca: “Adoram jogos. Aquele espaço ali, se vier a partir das 13h30, é uma fila para entrar.”

A requisição domiciliária de livros também foi referida como uma actividade importante da BE, ainda para mais quando há compromissos assumidos com os professores para leitura de determinado número de obras durante cada período lectivo e de realização de apresentações e fichas de leitura. O período normal de requisição é de 10 dias, com a possibilidade de renovação por períodos variáveis.

Os próprios professores também recorrem muito à BE para utilização dos computadores, nomeadamente para acederem à Internet. A requisição de livros também está disponível para os docentes, que podem levar para casa todos os livros disponíveis, ao contrário dos alunos, aos quais está vedada a requisição dos fundos mais antigos da BE, existentes previamente à incorporação na RBE e à aquisição de um fundo renovado.

Como ponto forte da BE, a auxiliar referiu que ela está sempre disponível para receber os alunos e os professores, o que é fundamental numa escola, no seu entendimento. Isso também acontece devido ao empenhamento da equipa da biblioteca e ao facto de estarem sempre disponíveis um funcionário e um professor para assegurar o seu funcionamento contínuo: “Eles estão sempre a pedir a minha ajuda. Sempre. Na net não precisam de pedir ajuda, que sabem mais do que eu, mas para os livros precisam.”

Na perspectiva da entrevistada, a BE poderia beneficiar da existência de mais uma sala que facilitasse utilizações mais recreativas e descontraídas do espaço. Relativamente aos aspectos menos positivos, foi referida a necessidade de instalação de mais um computador, devido ao elevado número de pedidos de utilização, quer de alunos, quer de professores, e à desactualização dos equipamentos actualmente existentes.

Também foi mencionada a necessidade, a breve trecho, de instalar mais estantes, devido ao aumento do número de livros.

A RBE (contactos, importância, avaliação)

A este respeito a funcionária declarou pouco ou nada saber, remetendo o esclarecimento de questões para a coordenadora da BE.

2.10. Biblioteca Escolar da Escola Básica do 3º Ciclo com Ensino Secundário Luísa de Gusmão (Lisboa)

2.10.1. Relatório de visita

A biblioteca nem sempre esteve instalada na sua localização actual, tendo passado de uns pisos para os outros ao longo dos anos. Inicialmente no primeiro piso, está desde há 9 anos no terceiro, a partir do momento em que juntaram a biblioteca ao centro de recursos. Esta BE conserva ainda algumas marcas da altura em que a escola foi criada, nomeadamente pelo tipo de estantes e de mesas e cadeiras da sala de leitura, pouco sintonizadas com o padrão habitual das bibliotecas mais recentes da RBE. A decoração do espaço, limitado, é austera, embora em termos gerais a BE seja agradável e organizada.

O fundo da biblioteca é relativamente circunscrito e está algo desactualizado, na medida em que, segundo aquilo que nos foi transmitido, é difícil arranjar verbas para proceder a uma renovação sistemática. Têm havido algumas dádivas e alguns subsídios pontuais.

Com a entrada na RBE, foram adquiridas estantes, fundos actualizados e diversificados (livros, CDs, DVDs, CD-ROMs) e equipamentos informáticos, na linha daquilo que é característico de outras bibliotecas da Rede. Existem também alguns números de revistas (*Visão* é uma delas; existem também várias revistas de saúde e de decoração, que são trazidas pelos professores para serem aproveitadas para trabalhos dos alunos) e jornais (*Jornal de Letras e Público*), embora em quantidade limitada; há no entanto o projecto, para o próximo ano lectivo, de renovar o fundo da BE no respeitante a esses dois suportes impressos. Todos os fundos da biblioteca estão em processo de catalogação e informatização.

No ano lectivo anterior estava acoplada à BE uma sala, a 314, onde se localizavam os equipamentos audiovisuais e que era muito utilizada para visualização de DVDs. Neste ano foi necessário afectar a sala aos tempos lectivos, pelo que essa utilização passou a ser muito limitada, ainda para mais quando habitualmente não há professores disponíveis para fazerem o acompanhamento dessas actividades.

Para além da funcionária, asseguram geralmente o funcionamento da biblioteca dois professores de manhã e três na parte da tarde; outros professores asseguram o funcionamento nocturno. A BE está aberta das 9h00 às 23h00, sendo o horário da funcionária das 8h30 às 16h15, com uma hora de almoço das 13h00 às 14h00.

2.10.2. Entrevista a Coordenadora da BE

Perfil da entrevistada

50 anos. Professora de História do 3º ciclo. Está efectiva na escola desde 1991, tendo estado em 1994 a trabalhar no Ministério da Educação na antiga Direcção Geral do Ensino Básico e Secundário. É coordenadora da BE desde 2001, tendo feito o projecto de candidatura à RBE. Em termos de formação é licenciada em História pela FLUL.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola e na biblioteca

Na perspectiva desta entrevista, a escola resolveu inserir-se a título experimental no PNL porque as aulas de substituição no ano lectivo anterior, que decorreram na BE, tinham sido

uma calamidade. Houve um mau cálculo, nós calculávamos que, no máximo, teríamos, em situações muito pontuais, três turmas neste espaço de biblioteca em simultâneo. Esquecemo-nos completamente da primeira etapa do ano lectivo, em que não há ainda os professores colocados. O que é que aconteceu: chegámos a ter, em simultâneo, sete turmas aqui dentro. Funcionou muito mal e as pessoas estavam muito mal dispostas, os miúdos reagiram mal ao espaço e à obrigatoriedade de estarem aqui, não se conseguiram desenvolver actividades com lógica nenhuma, porque eles depois também não tinham onde fazer, estava tudo apertado, era muito complicado. (...) Foi mau para a biblioteca, para a escola e para os alunos.

Foi então neste panorama que surgiu o projecto de introdução das actividades de leitura nas aulas de substituição, descrito nas entrevistas aos professores da escola: tratou-se de levar a cabo práticas de leitura em contexto de sala de aula e onde se incluíram actividades de leitura silenciosa, em voz alta, de trabalho entre o professor e os alunos sobre os trechos lidos, etc.

Nesse quadro, a BE funcionou como o repositório dos livros adquiridos com o financiamento da Fundação Calouste Gulbenkian através do PNL: 12 exemplares de 12 obras, o que dá 1 livro por cada 2 alunos.

Entretanto, esse projecto que foi levado a cabo neste ano lectivo acabou também por não corresponder às expectativas: “Neste momento as pessoas entraram numa rotina que é: o professor que sabe que vai faltar, deixa estruturado um plano de aula, com elaboração de fichas, pesquisa, e isso limitou a aplicação do plano de leitura, isto é, já não há com tanta frequência necessidade do professor pegar nas sugestões dadas pelo nosso plano de leitura. (...) Neste momento são muito poucos os professores que fazem leitura, desde o 1º período até agora, o número de turmas a quem foi aplicado o plano de leitura da escola diminuiu drasticamente.”

Em termos mais globais, também foi referido que é mais difícil aplicar o PNL no 3º ciclo e no secundário do que no 1º e 2º ciclos, nomeadamente pela fase específica de vida dos jovens que frequentam esses anos e devido a outros factores associados ao quotidiano escolar:

É precisamente nesta tranche de idades que os hábitos de leitura, ou não existiram e portanto não é agora que se vão facilmente adquirir, ou se existiram, se atenuam e se perdem e são muito poucos os miúdos que tendo desenvolvido hábitos de leitura num 1º ciclo, não os deixam cair nesta altura. Depois se calhar vão reatar quando tiverem 18, 19 e começarem a entrar para a faculdade. Veja, por exemplo, os curriculos do 1º ciclo: são muito integrados, a leitura, a escrita, o português... E portanto é muito mais facilmente dinamizável pela flexibilidade que há. É em regime de monodocência, o professor tanto dá matemática como também dá português, portanto flexibiliza os tempos. Cada vez mais os tempos são espartilhados a partir do 5º e do 6º ano e depois a partir do 7º. A verdade é que o professor perde um bocado essa capacidade. (...) É a própria faixa etária, dispersão, são os

outros meios todos, audiovisuais, Internets. E a carga excessiva de currículo que estes miúdos têm, é uma carga fortíssima que depois também faz com que não dê muito tempo para uma coisa que exija algum esforço. Porque se a leitura já fosse fluida e muito bem adquirida, facilmente depois pegavam num livro... Mas não está, portanto para eles é mais um esforço que têm de fazer.

Em termos de avaliação, a entrevistada ofereceu um balanço negativo a propósito da quantidade de actividades levadas a cabo. Já em relação aos aspectos mais qualitativos das práticas de leitura nas aulas de substituição, e apesar das dificuldades encontradas, foi referido que “o mérito do plano é enorme, está bem organizado, bem estruturado, bem pensado, com sugestões”, embora o sucesso da iniciativa e o desenvolvimento do gosto pela leitura tenha estado muito dependente das experiências concretas e da relação estabelecida entre grupos heterogéneos de alunos e um conjunto também díspar de professores: “Depende muito de quem têm pela frente. Depende muito do perfil e da capacidade que o professor tem de deslumbrar. Por muito bem que o plano estivesse, e eu acho que está, mas depois entre quem pensa e quem organiza e quem sistematiza e depois a mediação para o professor que agarra a camisola mal e não a veste bem... Às vezes veste muito bem e aí a coisa funciona. E depois a turma em si... É difícil.”

Por tudo isso, está a ser desenvolvido um novo projecto, de cariz mais voluntário e mais circunscrito: o *Clube de Leitura*. Segundo a coordenadora, a BE dará todo o apoio que for necessário.

A entrevistada furtou-se a tecer considerações adicionais a respeito das aulas de substituição e do *Clube de Leitura*, devido a não ter estado envolvida directamente nessas actividades.

O Plano Nacional de Leitura, em termos gerais e na sua organização

A existência do PNL foi fulcral para o arranque das actividades experimentais de leitura nesta escola, na medida em que forneceu um quadro programático geral: “Foi o suscitar a reflexão sobre e fazer-nos pensar numa boa prática, digamos assim. Dissemos: “É para o 1º e 2º ciclos. E se nós experimentássemos também aqui?””

Tal como foi referido mais especificamente em relação ao plano de leitura para o 3º ciclo e para o secundário desenvolvido na escola, a entrevistada fez uma avaliação muito positiva do PNL, das suas prioridades e dos seus objectivos:

O mérito do Plano é enorme. Porque é uma tentativa de apelo à leitura nestas faixas etárias e ao mesmo tempo a tentativa de despertar a comunidade educativa, quer seja o corpo docente, quer seja o grupo dos alunos, para o gosto e o hábito da leitura, e sabendo nós que a leitura é de fácil aprendizagem, ao contrário da escrita, mas é um esforço que se exige. (...) É o suscitar nas escolas a necessidade de reflexão sobre uma realidade e o começar pelas jovens gerações é inquestionável, tinha que ser por aí mesmo.

Devido ao facto de o Plano ter estado, durante este primeiro ano, direccionado para o 1º e 2º ciclos, a entrevistada disse não estar particularmente informada sobre alguns dos seus aspectos mais concretos, por não assumirem particular relevância para o 3º ciclo e para o secundário. Por isso mesmo, escusou-se a avaliar com detença o *site*, que não frequenta, e a forma como a divulgação do PNL tem vindo a ser feita, embora a este respeito tivesse dito que a utilização dos meios televisivos foi muito importante para “entrar na casa das pessoas e no quotidiano das pessoas”.

Não obstante, foi feita uma apreciação positiva da marca Ler+: “Em termos gráficos e em termos gerais parece-me bem. Acho que sim. Passa a mensagem muito bem.”

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

Segundo a entrevistada, os jovens lêem pouco actualmente, para lá dos livros obrigatórios na escola: “É raro nós vermos aqui miúdos do 3º ciclo com livros, para lá dos livros de leitura obrigatória. Fora disso, d’ *Os Lusíadas*, da Sophia de Mello Breyner, outros livros, é raro.” As “taxas de leitura” na escola são muito baixas, sendo também de destacar a diversidade muito grande de situações existentes, no que diz respeito ao relacionamento dos jovens com a leitura e com o livro.

Muitas vezes, os alunos também não dispõem em casa do apoio necessário dos pais/ encarregados de educação, que estão pouco envolvidos nas próprias actividades levadas a cabo na escola e na vida escolar dos alunos em termos mais gerais:

Chamar os pais à escola é fundamental. Os pais vêm pouco, vêm quando são quase trazidos pelos colarinhos, porque o tipo tem faltas a mais ou portou-se mal ou coisa assim. Tem que se criar um plano de actividades em os pais sejam envolvidos. Os pais não têm de facto muita disponibilidade. Também temos famílias com níveis sócio-culturais não muito elevados, nalgumas famílias a única coisa que se lê são jornais desportivos ou revistas, tipo, de telenovelas e coisas assim. Portanto o ambiente cultural de uma parte substancial das famílias aqui da escola é também esse. Livros em casa haverá muitos alunos que não têm, tirando os manuais escolares não há outro tipo de livros.

A entrevistada disse ser necessário separar o panorama e a evolução das práticas de leitura dos níveis de literacia, havendo ainda muito trabalho a fazer neste último particular, especialmente junto dos mais jovens: “Lê-se hoje muito mais do que se lia há 10, 20 anos para trás, lê-se mais. A diversidade é também muito maior. Agora, nós, Portugal, continuamos a ter níveis de iliteracia elevados. Portanto, trabalhar com as jovens gerações, com os mais novos, na capacidade de pensar a língua através da leitura e da expressão lida e escrita, é fundamental. Apanhar as novas gerações é fundamental.”

Sugestões e propostas

A este respeito foi dito ser difícil fazer sugestões ou dar propostas muito concretas: “Se o PNL nos conseguisse encontrar uma varinha mágica para, com meios e estratégias relativamente simples, nós conseguirmos desenvolver nestes miúdos o gosto pela leitura, isso era o objectivo fundamental.”

Não obstante, o financiamento não surgiu como elemento particularmente importante para o desenvolvimento do PNL nesta escola nos próximos anos: “O apoio financeiro não é tanto o busílis da questão, porque as escolas lá vão comprando livros.” Mais relevante será o apoio dado para selecção das obras a incluir nas actividades de leitura e a sugestão de estratégias e de actividades; nesse quadro será fulcral que o PNL faça uma divulgação abrangente e eficaz daquilo que são as “boas práticas que existem em Portugal e no estrangeiro”.

O desenvolvimento de dinâmicas de articulação entre as BEs e a rede de leitura pública, algo que coloca problemas e desafios específicos às escolas de Lisboa, foi também identificado como fulcral para a adopção com sucesso do PNL no 3º ciclo e no secundário.

Caracterização da BE e da sua utilização/funcionamento (descrição e avaliação)

Segundo a coordenadora, a biblioteca tem uma taxa de utilização muito razoável, onde a leitura aparece com pouco destaque: “Temos milhares de utilizações, mas depois se formos a ver, a leitura é o

parente pobre.” Os computadores são os recursos mais utilizados, nomeadamente para o acesso à Internet com objectivos quer de trabalho e pesquisa, quer mais lúdicos, embora as utilizações deste último tipo sejam desencorajadas; no 2º período a Internet registou “mais de 2600 utilizações. Os nossos computadores têm uma taxa de utilização louca! (...) Nos computadores os alunos fazem pesquisa para trabalhos, normalmente andam nos motores de busca, que mais ou menos vêm orientados por parte dos professores. Depois, se nós fecharmos os olhos vêm para o *Messenger*, para o *Hi5*, para o *YouTube*... Mas tentamos não deixar, tentamos não abrir muito essas hipóteses. Se é para pesquisar é para pesquisar. Eu tento que a zona de informática não seja abandonada, por isso é que os monitores estão todos virados de maneira a que uma pessoa consiga ir vendo o que é que eles estão a fazer. Acho que é importante.” A frequência muito diversificada da biblioteca também resulta numa variabilidade grande de utilizações mais colectivas ou mais solitárias.

Quanto aos livros, os mais utilizados são “as generalidades”, essencialmente enciclopédias e dicionários, como auxílio para realização de trabalhos. Um grupo reduzido de indefectíveis também requisita livros de forma regular, enquanto que algumas obras mais conhecidas pertencentes às séries *Harry Potter* ou *Eldest* são procuradas por uma base mais alargada de jovens.

Os jornais e revistas não são muito utilizados, também devido ao facto de o fundo não ser particularmente rico. Os alunos recorrem aos jogos principalmente no 1º período, “numa primeira fase do ano, quando ainda estão levezinhos e soltos ainda se dão ao trabalho de vir requisitar jogos no intervalo do almoço, etc. Agora não tanto.”

Em termos de grandes padrões de utilização da BE, foi bastante destacada a sua diversidade: leitura, requisição domiciliária, realização de trabalhos de grupo, realização de aulas, actividades de Área-Projecto, estudo, pesquisa em livros, utilização dos computadores para realização de trabalhos, navegação na Internet e utilização de CD-ROMs, utilização de jogos de mesa na componente da Ludoteca, visualização de vídeos e audição de música. A BE é também o local para onde são direccionados os alunos que “são postos fora da sala de aula”, algo que está determinado no regulamento interno da escola: na BE são “imediatamente enquadrados, ou seja, ou trazem uma actividade definida ou, se não trazem nós temos que, imediatamente, pô-los a fazer qualquer coisa.”

Como já foi referido a propósito dos ritmos de utilização dos jogos, também os padrões de utilização dos outros recursos e fundos da BE variam consideravelmente ao longo do ano lectivo: “A partir de certa fase do 1º período os miúdos começam a utilizar a biblioteca com objectivos mais rigorosos, de trabalho. A princípio é mais lúdicos, quando o ano lectivo começa, e depois muda um bocado.”

A noção que existe é a de que os alunos apreciam a biblioteca em termos gerais, como espaço e como centro de recursos, embora as aulas de substituição do ano lectivo anterior realizadas na BE tenham provocado um efeito temporário de afastamento de muitos jovens, em face da natureza obrigatória e insatisfatória dessas actividades: “Eles neste momento estão a reconciliar-se com a biblioteca.” Actualmente o espaço é muito procurado também para utilizações mais fugazes, nos intervalos das aulas.

Para a coordenadora da BE, esta apresenta como elemento positivo particular o espaço onde está instalada, espaço que, apesar de não ser muito amplo, é “agradável, arrumado, limpo, que eles preservam.” Também o desempenho da equipa da biblioteca foi destacado, particularmente na vertente de relacionamento e de acompanhamento escolar e pessoal dos alunos.

Um dos problemas identificados no funcionamento na BE é a sua fraca articulação com entidades exteriores, nomeadamente com a Câmara Municipal de Lisboa: “Ao contrário do que acontece em bibliotecas da periferia, em que as Câmaras Municipais articulam directamente a biblioteca municipal com as escolas. Em Lisboa isso não há. A articulação entre a Câmara, o parque de bibliotecas e as escolas é praticamente nula. Essa articulação seria útil para efeitos de recursos, de catalogação, de dúvidas até, de esclarecimentos. Penso que poderíamos aí desenvolver um trabalho de parceria fundamental.” Também com outras escolas e BEs não existem articulações relevantes, algo que resulta também do facto de a escola Luísa de Gusmão não pertencer a nenhum Agrupamento.

Outro dos pontos negativos identificados prende-se com a ausência de “uma dinâmica cultural”. Para os próximos anos estão a ser pensadas actividades de reformulação do espaço da BE, devido à sua relativa exiguidade e ao facto de estar “muito sobrecarregado”; pretende-se substituir as estantes mais antigas e também criar espaços para a leitura mais tranquilos e acolhedores. Pretende-se igualmente que o quotidiano da BE seja mais dinâmico e mais aberto ao meio envolvente, na medida em que a “vertente cultural da biblioteca às vezes fica muito esvaziada de sentido. Limitamo-nos a gerir e não tanto a dinamizar culturalmente.”

Essa dinamização foi maior em períodos anteriores de funcionamento da biblioteca, na medida em que ela pôde contar com o trabalho de animadores contratados através de concursos da Direcção Regional de Educação: “Faziam um pouco este trabalho do incentivo, do pôr o livro em cima da mesa e de o deixar lá como quem não quer a coisa e alguém pegar. E que já sabiam usar este tipo de estratégias. (...) Faziam o trabalho de retaguarda que era muito importante.”

Na perspectiva da entrevistada, a BE assume-se como um pólo fulcral de dinamização e de estímulo das actividades de leitura na escola: “Tudo passa um bocadinho por aqui, mesmo sem nós fazermos grandes coisas. Há professores que vêm para aqui dar aulas, há pesquisas que vêm todas cá parar, que mesmo não estando o professor são os alunos que vêm cá...”

Apesar disso, os próprios professores, fora das utilizações escolares, acabam por não recorrer muito à BE: “Menos do que eu gostaria. Uma parte dos professores mais velhos sentem que a biblioteca tem um ambiente onde eles não se sentem muito confortáveis porque é, às vezes, um bocadinho barulhenta. A zona mais silenciosa, que nós tentamos preservar, muitas vezes tem miúdos em grupos a estudar. Um professor não se senta na mesma mesa a trabalhar com um aluno. Agora, o professor leitor.. há mas é raro.”

A RBE (contactos, importância, avaliação)

A biblioteca foi incorporada na RBE em 2000/2001, depois de ter sido transferida para a sua localização actual e de terem sido feitas obras de adaptação do espaço durante 1998 e 1999. Foi nessa altura atribuída verba para aquisição de fundos, de material informático (entretanto renovado) e audiovisual (4 computadores e postos de televisão com leitura vídeo e de audição de música), e de mobiliário actualizado, na linha daquilo que é comum nos financiamentos da Rede.

A partir daí, a articulação da biblioteca com a RBE tem sido feita principalmente através do *site* da Rede, que mereceu uma apreciação muito positiva (“refiro as boas práticas, as notícias, os *links* que disponibilizam para projectos estrangeiros”), e da troca contínua de e-mails relativos ao esclarecimento de

dúvidas e a pedidos de informações. Também as acções de formação oferecidas pela RBE têm sido frequentadas pela entrevistada e por outros elementos da equipa da BE; foram ainda realizadas duas reuniões durante este ano lectivo. Não houve mais apoios financeiros desde a instalação.

A entrevistada revelou ainda alguma surpresa pelo facto de a BE só ter sido visitada por responsáveis da Rede este ano.

2.10.3. Entrevista a Auxiliar da BE

Perfil da entrevistada

42 anos. É auxiliar de acção educativa. Está há 4 anos na biblioteca e há 9 na escola, tendo estado colocada anteriormente na sala dos professores e no bar. Trabalhou durante 20 anos num alfarrabista onde “fazia de tudo”: catalogava os livros, vendia-os, etc.. Em termos de formação tem o 9º ano de escolaridade; antes de vir para a BE frequentou uma acção de formação para a Rede das Bibliotecas Escolares (catalogação, bases de dados, etc.) com a duração de 100 horas.

O PNL e a BE

Esta funcionária estava ciente da existência do PNL na escola, nomeadamente devido às requisições que os professores fazem dos livros para as aulas de substituição, embora nem todos os professores façam actividades de leitura nessas ocasiões. Quanto ao envolvimento dos alunos, muitos deles resistem a ler, embora os professores tentem “dar a volta à situação”.

A respeito do PNL, a auxiliar declarou pouco mais saber, remetendo o esclarecimento de várias outras questões colocadas para a coordenadora da BE.

Caracterização da BE e da sua utilização/funcionamento (descrição e avaliação)

Quando os alunos entram para a escola é-lhes feita uma visita guiada à biblioteca e são-lhes transmitidos alguns rudimentos de utilização.

Segundo a entrevistada, a BE é muito frequentada pelos alunos, que também utilizam a requisição domiciliária. Apesar disso: “Eles não lêem tanto como a gente gostava que lessem. Gostaríamos que fossem mais alunos a ler. Mas lêem. Há sempre gente aqui a ler.”

Aquilo que os alunos mais procuram na biblioteca são os computadores, “sem dúvida”, nomeadamente para acederem à Internet: “Bem, se nós os deixássemos estar sempre no computador eles estavam sempre. Ficavam o dia todo lá. Mas nós não deixamos porque há sempre gente a entrar e precisam de imprimir, de pesquisar e nós não deixamos estar muito tempo”. O espaço da biblioteca também é utilizado para estudo, em grupo ou individualmente.

A utilização dos computadores está condicionada à realização de trabalhos e de pesquisas com eles relacionadas, embora a vigilância tenha de ser constante para assegurar o controlo da utilização: “Ao princípio, no 1º período mais ou menos deixamos jogar, pronto, relaxar um bocadinho, mas não muito mais que isso. O 2º período já é mesmo para trabalho e o 3º período é só trabalho. Não quer dizer que eles de vez

em quando não joguem, porque a gente também não está ali sempre a olhar para eles. Mas fazemos esse controlo.”

A BE é muito utilizada em grupo, seja para jogos, para estudo ou para realização de trabalhos colectivos, embora tipos de utilização mais “solitária” também sejam comuns: “Às vezes vêm muitos alunos sozinhos estudarem. Chegam aqui, pedem para vir cá para dentro para estudarem: “Vou estudar só um bocadinho.” Outras vezes: “Vou só fazer os trabalhos de casa que me esqueci, num instantinho.””

A requisição domiciliária de livros faz-se muito na linha do empréstimo das obras adoptadas em cada ano, embora outros propósitos mais lúdicos também existam: “Nas férias levam muitos livros.” Os alunos recorrem ao auxílio da funcionária especialmente quando não sabem ou não conseguem encontrar os livros que procuram nas estantes.

A utilização da BE por parte dos professores, que requisitam o espaço para as suas turmas, é muito direccionada para a pesquisa bibliográfica e de informação, quer seja em livros, quer seja na Internet ou em CD-ROMs. As actividades da Área-Projecto assumem aqui também algum destaque. Por vezes, os alunos vão sozinhos à BE encarregados de pesquisarem e levarem materiais para a aula, no qual são frequentemente auxiliados pela entrevistada. Por outro lado, os docentes também recorrem ao espaço e aos recursos da BE para utilizarem os computadores e acederem à Internet, para correcção de testes, para requisição de livros e para leitura de revistas ou de livros.

Segundo a auxiliar da BE, os alunos apreciam o espaço e gostam de ali estar, praticando modalidades diversas de utilização: “Às vezes está um sol lindo e calor, e eu digo: “Oh rapazes, vão lá para fora!” e eles dizem: “Não! Não que nós gostamos de estar aqui!” Vêm jogar, às vezes vêm ler, ouvir música, sentam-se aí e ouvem um bocadinho de música, vêem televisão.” É também possível identificar alguns alunos que são frequentadores assíduos da BE, também eles recorrendo aos diversos recursos oferecidos, embora o computador esteja sempre em lugar de destaque nas preferências: “E depois temos sempre aqui uns alunos que estão cá. Nós conhecemos, que são sempre os mesmos! Estão cá sempre, não saem daqui. Meia dúzia deles lêem livros, outros vão para os jogos, outros vêem a televisão... Fazem de tudo um pouco.”

Não obstante, a parte da BE reservada para o estudo e para a leitura está sujeita a algumas regras de utilização:

Quando eles vão para aquele espaço ali, eles sabem que têm mesmo que estudar, que estar calados, não podem fazer barulho. Não se pode jogar daquele lado. (...) Quando são assim mais pequenitos fazem mais barulho e depois os do 12° queixam-se. Aí tenho que dizer: “Olhem, ou se calam ou vão embora.” Depois eles acabam por ir embora, vêem que estão ali a fazer muito barulho, porque eles não se conseguem controlar.

Daquilo que se pode depreender das impressões da entrevistada, os alunos gostariam que a BE estivesse dotada de um maior número de jornais e de revistas. Motivo frequente de queixas costuma ser a relativa exiguidade do espaço, particularmente quando a BE é mais frequentada: “Às vezes dizem: “Eh, isto é muito pequenino, está muita gente!””

Na opinião da entrevistada, deveriam ser dados mais apoios à escola para aquisição de livros, em face da desactualização dos fundos, algo que foi identificado como sendo um dos pontos mais negativos desta BE: “Precisávamos, por exemplo, de uma enciclopédia nova e de dicionários novos. A escola não tem dinheiro para isso, então estão assim um bocado velhotes. A gente tenta remediá-los, como eu costumo dizer, mas não se consegue.” Nesta linha, também outros recursos, como os computadores e os DVDs, deveriam ser

renovados mais frequentemente: “Eles precisavam de ter outras coisas novas. Os computadores também estão velhinho. Muita coisa que a gente precisava...”

Os aspectos mais positivos que a funcionária identificou na BE prendem-se com o papel que esta desempenha não apenas na formação dos alunos como também no próprio quotidiano escolar dos jovens: “Às vezes vêm para aqui chateados com as aulas, com coisas da casa... Nós falamos com eles, estão aqui, e ficam diferentes, ficam outros. Acho que sim, acho que as bibliotecas é muito importante haver, centro de recursos. Às vezes vêm de castigo, há professores que vêm com eles para ali, começam a ler os livros e não sei quê e eles até ficam outros!”

A RBE (contactos, importância, avaliação)

A respeito deste tópico geral, a funcionária auxiliar declarou não poder fornecer muitas informações, remetendo o esclarecimento das questões para a coordenadora da BE.

2.11. Biblioteca Escolar da Escola Básica de 1º Ciclo com Jardim de Infância de Arcos (Setúbal)

2.11.1. Relatório de visita

As visitas à biblioteca escolar foram coordenadas com as visitas à escola.

Na primeira ida à escola, no dia 14 de Novembro de 2006, houve um primeiro contacto com a BE e com a sua coordenadora, com quem foi estabelecida uma pequena conversa informal.

A BE ocupa um espaço amplo, com condições à primeira vista bastante boas. Para além da área dos livros, tem um espaço com computadores, outro com televisão, vídeo e outros recursos multimédia, e ainda um espaço para hora do conto devidamente decorado, com projector e com almofadas no chão para acomodar as crianças.

Aquando da segunda visita à escola, em 7 de Março, por ocasião da Semana da Leitura, foi possível mais uma vez ter uma pequena conversa com a coordenadora da BE. Na BE estavam alguns dos livros adquiridos com base no reforço orçamental conferido à escola, os quais eram facilmente identificáveis por estarem marcados com um autocolante do PNL na lombada.

Uma nova visita à BE, a terceira, concretizou-se em 2 de Maio, com o objectivo de entrevistar a coordenadora da BE.

Antes da entrevista, estava lá a decorrer uma sessão de hora do conto, com recurso a diapositivos, dinamizada pela sua coordenadora. Após essa actividade, a BE ia ser ocupada por um grupo de alunos para aulas de apoio. Ao fundo da BE podia ser visto um *placard*, onde se encontrava um cartaz do PNL e outros relativos a concursos de leitura. Estavam também expostos alguns trabalhos de alunos. Da parte de fora da BE, ao lado da porta, encontrava-se também um grande painel destinado à divulgação das suas actividades. Estava exposta uma fotocópia da capa do “livro do mês” da BE, que é trabalhado na hora do conto, também

um cartaz do Dia Mundial do Livro, um Guia de Eventos de Setúbal e o destaque de algumas actividades da BM. Num outro painel ao lado, estavam expostos trabalhos de alunos sobre livros, especialmente desenhos.

A entrevista com a coordenadora da BE, que não decorreu na BE mas sim numa outra sala, revelou o clima de confiança e descontração já conseguido pelas visitas anteriores. A conversa estendeu-se por cerca de duas horas.

Uma quarta visita à BE, no dia 17 de Maio, teve o intuito de assistir ao encontro com a escritora Ana Maria Magalhães, no âmbito da Feira do Livro organizada pela escola, que lá teve lugar.

Foram feitas duas sessões desse encontro, ambas com a participação de bastantes alunos do 1º ciclo e respectivas professoras. Os alunos apresentaram alguns trabalhos realizados por eles sobre os livros da autora e fizeram algumas perguntas que tinham preparado, às quais se seguiram muitas outras espontâneas (sobre os livros, sobre a escritora, recomendações para quem quisesse vir a ser escritor, ...). Era visível a curiosidade dos alunos.

Foram muito referidos os livros da colecção *Uma Aventura* e também *Viagens no Tempo. Uma Viagem ao Tempo dos Castelos*, por exemplo, foi um livro trabalhado por algumas professoras para abordar temas de História. Segundo Ana Maria Magalhães, essa colecção pretende tornar mais divertida e interessante a aprendizagem desses conteúdos, conjugando duas áreas do seu interesse, o Português e a História.

Teve ainda lugar uma sessão de autógrafos. Muitos alunos levavam livros para serem autografados, mas uma grande parte acabou por comprar novos títulos na feira do livro. As crianças partilhavam entre si o conhecimento que tinham em relação ao conteúdo dos livros que já haviam lido e faziam uma apreciação crítica dos mesmos, incentivando ou não outras a adquiri-los. Dirigiram-se lá também duas mães, que compraram os livros escolhidos pelos filhos. Segundo a coordenadora da biblioteca, a venda de livros estava a ser um sucesso, o que pôde ser comprovado por grande parte dos títulos da autora que estavam à venda terem esgotado.

À saída da BE, no painel destinado à divulgação de actividades, era visível uma alusão ao PNL, com a referência da integração da escola no programa e dos livros adquiridos através dele.

Por ocasião das visitas, foram entregues/recolhidos os seguintes materiais:

- Programação da Semana da Leitura;
- Programa da animação da Feira do Livro da escola;
- Panfleto de divulgação da Feira do Livro (apelando à participação de encarregados de educação e amigos da escola);
- Folheto com informações sobre a BE/ guia do utilizador (onde se identificam as várias zonas de funcionamento da BE, o que se pode fazer em cada uma delas e como);
- Jornal da escola (de Março de 2007, em que se aborda a Semana da Leitura);
- Resumo do trabalho realizado pela responsável da BE sobre *Como é que a comunidade escolar sente e vê a sua Biblioteca Escolar* (com os resultados do mini-questionário aplicado aos alunos).

2.11.2 Entrevista a Coordenadora da BE

Perfil da entrevistada

A professora de contacto com o PNL na escola e coordenadora da BE fez o complemento de formação em Educação Físico-Motora e tirou uma pós-graduação em Gestão e Administração Educacional. Sempre foi professora de 1º ciclo, mas, por questões de doença, ficou cinco anos com a portaria, ou seja, sem componente lectiva. Durante esses cinco anos esteve a gerir bibliotecas escolares. Diz que sempre teve muito interesse pela formação relacionada com as bibliotecas e tinha uma grande curiosidade em trabalhar numa BE, o que veio a concretizar.

Este ano foi colocada na BE da EB1/JI de Arcos, na qual está pela primeira vez. Nas outras BEs, afirma, fazia o seu trabalho um pouco intuitivamente, porque não tinha formação técnica, mas este ano diz ter “aprendido a sério” o que é o trabalho numa BE, ainda para mais integrada na RBE. Para isso muito contribuíram as acções de formação que frequentou sobre as BEs. Diz-se muito vocacionada também para as TIC e os computadores, daí estar a frequentar duas acções de formação neste domínio, aplicado às BEs - A BE e o Paradigma Digital, que é um curso *online*, e também uma outra formação sobre uma plataforma informática de apoio à aprendizagem.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola e na biblioteca

Grande parte das actividades levadas a cabo nesta escola foram desenvolvidas na BE e organizadas pela sua coordenadora. Esta começa por contar o tipo de actividades relacionadas com a leitura que desenvolveu na BE durante todo o ano.

Uma calendarização estabelece o horário em que cada turma se desloca à biblioteca, de forma a que esta está sempre ocupada por professores e/ou alunos. Nesse horário estabelecido para as turmas, estas têm acesso a diferentes actividades conforme a semana em causa.

Mensalmente a coordenadora da BE faz a animação de livros, a Hora do Conto. Quinzenalmente há a requisição de livros pelos alunos. Para além disto, a coordenadora promove *ateliers* ou dá suporte aos alunos no desenvolvimento de trabalhos.

A Hora do Conto é o exemplo de uma actividade que diz fazer habitualmente, mas que este ano encaixou no PNL. Dinamizada por ela, esta actividade parte de uma “História do mês”, de um livro que escolhe tendo em atenção que sejam livros que não coincidam com os que as professoras estão a trabalhar na sala, mas que sejam preferencialmente também obras recomendadas pelo PNL. É dado o exemplo de um livro que descobriu, do António Mota, que não foi adoptado pela escola mas que acabou por trabalhar com os alunos na BE.

Todas as turmas, quinze (treze turmas de 1º ciclo e duas de JI), participam nesta actividade, a qual se multiplica em várias sessões. À medida que vai contando a história, vão sendo projectados os diapositivos com as imagens do livro, que digitaliza previamente. Depois da leitura, mostra o livro e dá-lo aos alunos para eles verem e mexerem, fornecendo também algumas informações acerca do mesmo, como o autor e a colecção a que pertence.

A coordenadora deixa depois ao critério de cada turma o desenvolvimento da história à sua maneira, dá liberdade às professoras para que, partindo do que os alunos ouviram e do que aprenderam, cada uma desenvolva depois na sala o tipo de trabalho que achar mais conveniente: dramatizar, fazer fantoches, desenho ou reconto, por exemplo.

Para além da hora do conto, a coordenadora da BE organiza por vezes *ateliers*, com os alunos dos anos mais avançados. São disso exemplo *ateliers* de escrita criativa, de jornalismo ou relacionados com as TIC. Por vezes, são as professoras a sugerir o que gostariam que fosse feito, como suporte ao trabalho que desenvolvem, e a coordenadora prepara as actividades. Se necessário, presta também apoio aos alunos quando as professoras os dirigem para a BE, para a realização de determinados trabalhos.

As actividades realizadas na BE desenvolvem-se durante o horário lectivo. Tal acontece também no que concerne às requisições. Quinzenalmente, no dia para isso indicado em cada turma, os alunos deslocam-se lá, um grupinho de cada vez, sem o acompanhamento do professor, que fica na sala a gerir os restantes alunos, e escolhem o livro que querem requisitar.

Já que a requisição domiciliária implica levar os livros para casa e cuidar deles, foi enviado um papel aos encarregados de educação, no princípio do ano lectivo, a perguntar se estavam interessados e se autorizavam os seus educandos a fazer as requisições. Praticamente todos responderam positivamente, excepto três ou quatro que não se mostraram interessados.

A coordenadora afirma que os alunos não fazem as requisições por obrigação, são até por vezes eles próprios que lembram a professora, o que demonstra o seu interesse. Talvez se lembrem é mais pelo facto de haver um dia marcado para tal. As requisições são geralmente apenas aceites no horário para isso estabelecido para cada turma, é uma forma de organização que a coordenadora adoptou por ser a única funcionária da BE.

Em Abril foram atingidas as duas mil requisições desde o princípio do ano lectivo. Entre os livros requisitados, não estão os livros do PNL, já que a coordenadora optou por, por enquanto, não permitir que os alunos os levassem para casa, porque neste momento se destinam essencialmente ao seu trabalho em sala de aula.

A escolha dos livros é feita por cada aluno e é motivada pelo gosto próprio e pelos interesses pessoais, o que é incentivado pela coordenadora. Os livros escolhidos não são, em geral, especificamente relacionados com matérias escolares e não há a obrigação de fazer qualquer tipo de trabalho com eles.

Há meninos que sabem exactamente aquilo que querem levar para casa para ler, e levam livros para se recriarem, para terem prazer e não para estudarem e para ser obrigatório fazer o resumo ou fazer a banda desenhada... Porque há meninos que, se calhar, se lhes fossemos obrigar a fazer isso, pura e simplesmente não requisitavam os livros. E eu digo-lhes, "Levem livros que vocês gostem, que vocês achem que vão ter prazer a ler, a ver em casa".

Para além das actividades desenvolvidas na BE, as professoras realizaram actividades de leitura em sala de aula, tendo recorrido para isso aos livros adquiridos com o financiamento do PNL. Cada professora trabalhou, em geral, três livros, um livro por período lectivo.

Embora nalguns anos de escolaridade todas as turmas tenham trabalhado os mesmos livros, noutros tal não aconteceu. Por exemplo, nem todas as professoras do 3º ano escolheram as mesmas obras, tendo havido uma grande variedade de títulos entre as turmas desse ano. O financiamento do PNL conferiu-lhes a possibilidade de terem vários livros e de poderem escolher os que mais lhes agradavam.

A circulação dos livros que foram trabalhados por mais do que uma turma foi sendo gerida de forma a que não houvessem coincidências nos períodos em que iriam ser utilizados. Para que tal não acontecesse, e também por não terem tido acesso no 1º período aos livros, já que a verba para a sua aquisição não tinha sido ainda disponibilizada, algumas professoras acabaram por não seguir minuciosamente a indicação que tinham dado na ficha de registo no que respeita ao período lectivo em que trabalhariam determinados livros. Depois de utilizados pelas professoras em sala de aula, os livros regressam para a BE.

Foram várias as formas de fazer a exploração dos livros e esta variou de acordo com cada professor. A coordenadora diz, contudo, não ter conhecimento do trabalho desenvolvido por todas as professoras: “É claro que há colegas que eu vejo que fazem trabalho com o livro, há outras que, não sei se é por descrição, que não tenho o *feedback*”. Não tem também conhecimento do tempo exacto que cada uma tem dedicado à leitura.

A coordenadora pensa que as actividades centraram-se essencialmente em livros. Ainda assim, verificou nalguns casos a implicação de outros suportes, como revistas. Algumas professoras recorreram também ao visionamento de DVDs/filmes na BE.

Muitos trabalhos resultantes da exploração das leituras foram expostos nas salas de aula e alguns foram também apresentados no jornal escolar.

A escola participou também na Semana da Leitura. Várias actividades desenvolvidas no seu âmbito implicaram a participação de familiares dos alunos. Pais, mães e também uma tia e uma avó foram “ler com a criança na escola”. A maior parte deles foram ler histórias, “contar histórias com o apoio do livro”, reforça a coordenadora. Alguns optaram por fazer pequenas dramatizações com os seus educandos. Outros convidados participaram ainda na Semana da Leitura. É o caso de uma professora reformada, que foi contar a sua história de vida, e de duas animadoras da Biblioteca Municipal, que fizeram a leitura e animação de livros. As actividades centraram-se em livros do PNL que estavam a ser trabalhados. A maior parte destas actividades decorreu nas salas de aula de cada turma, e só algumas tiveram lugar na BE. Algumas incluíram também mais do que uma turma na assistência, ou foram dinamizadas por pais e alunos de uma turma para outra.

Estava ainda planeada à data da entrevista uma ida com os alunos à Feira das Bibliotecas Escolares do Concelho de Setúbal, uma iniciativa da CM Setúbal, do SABE e das BEs do concelho de Setúbal, na organização da qual a coordenadora da BE esteve a prestar apoio.

Mas a actividade que iria ser realizada na escola e que foi destacada com maior entusiasmo pela coordenadora da BE foi a feira do livro, por ela organizada, que iria decorrer a meio do mês de Maio. Durante esta feira terão lugar várias animações na BE, que implicam a participação das turmas. Uma delas é o encontro com a escritora Ana Maria Magalhães, que se insere no âmbito do PNL, visto várias turmas, mais precisamente cinco, terem trabalhado livros seus. São essas as turmas que participarão nesse encontro.

Por ocasião da ida à escola da escritora, os alunos de uma das turmas em questão, do 3º ano, irão apresentar um trabalho que desenvolveram, com pinturas e desenhos que vão digitalizar, sobre um dos livros da escritora (em co-autoria com Isabel Alçada), *O Circo Maravilhoso da Serpente Vermelha*, cuja temática é muito ligada à arte. As outras turmas vão levar questões para colocar à escritora, partindo dos livros que leram dela, todos livros do PNL refere a coordenadora: para além do já mencionado, também *Uma Aventura nas Férias de Natal*, *Uma Viagem ao Tempo dos Castelos*, *O Leão e o Canguru* e *A Bruxa e a Fada Atarantada*.

O programa de animação da feira do livro da escola conta ainda com um encontro com uma escritora de poemas, uma colega da coordenadora da BE, que já editou alguns livros. O convite surgiu por haver uma turma que também trabalha muito a poesia. Também haverá lugar para uma animação sobre o 25 de Abril, dinamizada por um professor (não pertencente à escola), músico, e que irá falar sobre o assunto e apresentar algumas canções.

Uma outra actividade englobada na feira do livro será o encontro inter-turmas com a apresentação de trabalhos de umas turmas a outras. Vai haver, por exemplo, um teatro de fantoches a partir de um livro do PNL, *Os Três Porquinhos*. Também serão apresentados poemas com recurso a diapositivos, trabalhos de pintura e contos. A coordenadora constata que todos os trabalhos que serão apresentados estão relacionados com o PNL e com as leituras que proporcionou.

Com a realização desta feira, a coordenadora pretendia também ter a participação dos pais, na compra de livros para os filhos, e ao mesmo tempo envolver a escola numa actividade desenvolvida pela BE.

O *blog* da escola que a coordenadora da BE criou foi uma das formas utilizadas para a divulgação das actividades desenvolvidas, com especial destaque para as do PNL. Com o mesmo propósito foi utilizado o *placard* situado à entrada da BE.

No caso da Semana da Leitura, os pais foram informados previamente das actividades que iam ser desenvolvidas e a sua participação foi solicitada através de uma convite que a coordenadora redigiu e que cada professora enviou para estes, através dos alunos. Numa ficha enviada em anexo, os pais que estivessem interessados em participar indicavam as horas a que podiam ir e o que queriam fazer. De acordo com a disponibilidade dos pais, cada professora calendarizou as suas actividades para essa semana.

Note-se contudo que, apesar da adesão de quase todos os professores ao envolvimento dos pais, uma ou duas professoras optaram por não envolvê-los nas actividades que realizaram, não lhes comunicando sequer nada a este respeito. A coordenadora refere que são professoras mais individualistas, que não gostam muito de partilhar o seu trabalho e que não se mostram muito receptíveis a sugestões, pelo que não tem também muito conhecimento acerca do tipo de trabalho que desenvolveram no âmbito do PNL.

O balanço que é feito da Semana da Leitura é bastante positivo. Apesar do muito trabalho que acarretou, a coordenadora louva o resultado, que ultrapassou as expectativas. Quando as actividades se realizavam na sala de aula, as professoras chamavam muitas vezes a coordenadora da BE para lá ir fazer o registo fotográfico, o que, segundo esta, demonstrava o seu interesse e também alguma necessidade de partilhar o que estavam a fazer. Também os alunos evidenciaram o seu apreço pelas actividades realizadas. Mas o resultado mais positivo foi a forte adesão dos pais: “Houve turmas que tiveram de prolongar para além dessa semana para poderem aceitar que outras mães viessem também à sala de aula. Uma professora disse-me: *Os meus pais quase todos vieram cá contar uma história aos alunos?*”.

Também no caso da Feira do Livro ia ser feita uma participação para enviar aos pais, informando-os da sua realização e pedindo para, caso estivessem interessados, darem autorização e dinheiro aos filhos para comprarem livros na feira. A expectativa era positiva em relação à resposta destes.

Apesar de este ano integradas no PNL, as actividades organizadas pela coordenadora da BE não têm, para si, um carácter inovador. A entrevistada afirma que já tinha feito feiras do livro e animações envolvendo os pais noutras BEs onde trabalhou. O PNL surge assim na continuidade do trabalho que desenvolvia, mas conferiu-lhe uma maior visibilidade. Para além disso, pensa que o PNL se assumiu perante as professoras em

geral como uma forma de legitimação da partilha e articulação de trabalho consigo, enquanto coordenadora do PNL e da BE, o que pensa ser positivo, ainda que não tenha ocorrido em todos os casos.

As professoras, que afirma terem estado envolvidas, apesar de não ter ainda conhecimento do que se passou em uma ou duas turmas, manifestaram-lhe por vezes a sua percepção de que o PNL não trouxe nada de novo ao trabalho que já desenvolviam. A coordenadora pensa, contudo, que para elas a maior novidade é o facto de terem tido a possibilidade de trabalhar com um livro para cada dois alunos.

As colegas dizem “Eu já fazia isso, não é novidade, não precisava do Plano para estar a dizer que faço reconto, que faço resumo e que leio”, e eu respondo “Está bem, mas agora fazes leitura, os alunos lêem a pares, cada dois alunos têm o seu livro, estão com o livro na mão, lêem a mesma coisa, é diferente”. (...) penso que para elas a novidade é que cada dois alunos têm um livro. A outro nível não sei, porque não sei qual era o trabalho que elas faziam, elas dizem que já trabalhavam, já faziam.

A distribuição de verba orçamental para a aquisição de livros em quantidade é uma mais-valia incontornável do PNL. A coordenadora evidencia também, relativamente a este aspecto, o entusiasmo dos alunos pelos livros novos. Quando vêm na BE os livros com o selo do Ler+ já sabem que os livros são novos e manifestam vontade de os levar para casa.

A forte participação dos pais é identificada como um indicador do sucesso das actividades, ainda que não seja possível definir concretamente até que ponto ela não é habitual. A coordenadora não se sente capacitada para avaliar as mudanças na escola, uma vez que este é o primeiro ano que lá trabalha. Além disso, caso existissem, seria sempre difícil discernir as suas causas. Já que uma parte do corpo docente é novo na escola este ano, elas poderiam reflectir também diferentes métodos de trabalho.

A participação dos pais pode ser um bom indicador. Mas não sei bem se se deve ao PNL ou à dinâmica dos professores novos que cá estão. Houve uma mobilidade significativa de professores aqui. É difícil aferir se de facto se deve à existência do PNL ou às características dos professores.

A médio/longo prazo pensa que poderão ser ultrapassadas algumas resistências da parte de alguns professores e poderá ser cimentada a partilha e a troca de ideias e materiais. Foi nesse sentido que a coordenadora criou uma dossiê que espera que os professores utilizem como uma espécie de portfólio de trabalhos e materiais das actividades do PNL, para que futuramente sejam acessíveis a outros professores.

Eu vejo que as coisas se vão cimentar. (...) Por exemplo, na Páscoa houve ali uma colega que quis falar sobre o que tinha feito, assim umas actividades engraçadas (...), ela queria explicar aquilo, as outras não tiveram paciência para a ouvir. (...) Eu arranji-lhes lá um dossiê, onde elas vão ter de pôr fichas, tarefas, coisas que fizeram com aquele livro, e depois se elas virem, (...) eu penso que isso pode enriquecer. E pode potenciar a partilha de ideias, de materiais... Por escrito, porque oralmente aqui é muito difícil, temos horários diferentes., e por isso é que é importante haver ali um portfólio, onde possam ver... “Olha a colega da manhã teve esta ideia, que gira, vou aproveitar e vou melhorar”. (...) e também a colega que vier para o ano trabalhar aquele livro já pode ter uma ideia. Penso que é assim que poderia ser. Penso que essa é a mais-valia que vai trazer.

O Plano Nacional de Leitura na sua organização

A coordenadora da BE tomou conhecimento do PNL numa reunião do Grupo de Trabalho das Bibliotecas Escolares do Concelho de Setúbal, de que faz parte, através dos responsáveis do SABE e da RBE presentes. Trata-se de um grupo de trabalho que se reúne mensalmente para conversar sobre assuntos relativos às BEs e às directrizes da RBE e onde cada coordenador partilha com os outros o trabalho que desenvolve na(s) sua(s) BE(s).

Depois dessa reunião, foi já no início deste ano lectivo que teve acesso na escola a informação relativa à candidatura ao PNL. Informação a esse respeito, enviada pelo PNL, foi recebida na sede do agrupamento escolar pensa que em Agosto. Como terá coincido com as férias, foi só algum tempo depois que a informação chegou à EB1/JI de Arcos.

A coordenadora da BE relata o processo de inscrição da escola, que se desenrolou depois da recepção da informação. Recorda-se que inicialmente as professoras não pretendiam aderir, devido a algumas interpretações menos correctas acerca do PNL. Elas tinham a ideia de que teriam de ser os pais a adquirir metade dos livros. Mas em reunião do conselho pedagógico acabaram por decidir avançar com a candidatura, depois de o coordenador do agrupamento alertar para a sua mais-valia e utilidade para a escola. A coordenadora avançou assim com o processo de registo na Internet.

Como o registo já foi feito muito em cima do prazo, não foi apresentado um projecto próprio. A escolha dos livros, feita pelas professoras, acabou também por ser um pouco aleatória. Enquanto algumas professoras recorreram ao conhecimento prévio que tinham de alguns livros, outras fizeram a selecção apenas com base nos títulos.

A escolha dos livros é que foi assim um bocado aleatória, foi olhar para a lista e escolher este, aquele... porque aquilo estava já em cima do tempo e não havia muito tempo para ir às livrarias escolher e ver de facto quais seriam os melhores livros. (...) Não tivemos tempo para irmos lá e aferirmos se de facto aquele livro era melhor que o outro. (...) Até há um livro do pré-escolar que elas ficaram um bocado arrependidas de terem escolhido. (...) Não houve critérios de escolha, foi pelo título. Algumas já tinham ideia, já conheciam alguns livros, mas outras foi mesmo aleatoriamente.

A coordenadora reconhece que não foi uma selecção devidamente fundamentada e tinha sido positivo se tivessem tido oportunidade de ir à livraria ver a oferta de livros e fazer uma escolha mais consciente.

Como obtiveram financiamento do PNL (2500 euros), adquiriram doze exemplares de cada obra. Da parte do livreiro notaram alguma dificuldade na aquisição de alguns livros a par de algumas críticas em relação à lista recomendada pelo PNL. Segundo este, a lista inclui livros que já nem sequer são editados, foram privilegiadas obras e autores mais antigos e não foi tida em conta a oferta nova de qualidade a este nível.

O *site* do PNL tem sido consultado periodicamente pela coordenadora do PNL, para procurar novidades sobre o Plano. A coordenadora vai-se também mantendo informada a este respeito através das reuniões e da *newsletter* do já referido Grupo de Trabalho das Bibliotecas Escolares do Concelho de Setúbal. Foi através dele que foi alertada para a Semana da Leitura, por exemplo. É também a esta plataforma que recorre para o esclarecimento de dúvidas.

As actividades do PNL não foram planeadas em conjunto nem previamente, “nada foi programado, foi tudo acontecendo naturalmente, sem aquela preocupação de projectar, organizar e executar”. Em sala de aula, cada professor desenvolveu o trabalho da forma que achou conveniente. É mais uma vez mencionado algum défice de troca de ideias e de articulação do trabalho entre professores e com a coordenadora da BE.

As actividades desenvolvidas na BE partiram da sua coordenadora, que depois as foi colocando à consideração dos professores. A feira do livro que ia ser realizada, por exemplo, foi sua iniciativa e ela é também a responsável pela sua organização. Os professores não participam muito a esse nível, porque também não têm muita disponibilidade, refere.

Eu podia não fazer nada disto, podia estar ali sossegadinha no meu cantinho. (...) “Para que é que vais fazer uma feira do livro se isso te dá tanto trabalho?” Porque me dá prazer e gosto de ser útil.

As educadoras têm uma participação mais activa, por exemplo, ao nível das requisições, participando no aconselhamento das crianças em relação aos livros mais adequados para levarem para casa: “O não ter a responsabilidade de ter de passar o menino no final do ano, com aquelas competências que é necessário no 1º ciclo, eu penso que isso lhes traz mais liberdade para estarem mais disponíveis para outro tipo de actividades”. Pela sua experiência enquanto professora sempre ter sido no 1º ciclo, a coordenadora sente-se menos apta no trabalho com o JI.

Já que a verba do PNL não foi disponibilizada a tempo de adquirir os livros para serem trabalhados ainda no 1º período, algumas professoras recorreram a meios alternativos para cumprir o trabalho a que se propuseram, trabalhando mesmo com o número de exemplares que possuíam, quando estavam disponíveis na BE, ou solicitando aos pais a aquisição dos livros. Assim, enquanto algumas professoras atrasaram o seu trabalho ao nível do PNL, faltando-lhes ainda trabalhar um livro, outras já trabalharam os três livros previstos inicialmente.

Quando questionada acerca do conhecimento que os encarregados de educação em geral tiveram da integração da escola no PNL e do trabalho desenvolvido no seu âmbito, para além da Semana da Leitura, a coordenadora disse pensar que as professoras os terão informado nas reuniões de pais.

Quanto à cooperação de outras instituições, há a mencionar a do Grupo de Trabalho das Bibliotecas Escolares, mais especificamente o apoio do SABE e da representante da RBE. A integração da coordenadora neste grupo, para além de troca de experiências e do já referido acesso a informação sobre o PNL, proporcionou-lhe formação. Este ano, por exemplo, aprendeu a abrir um *blog* e criou o *blog* da escola, onde divulga as actividades que lá se realizam. Relacionado com o PNL, há a registar ainda a ida à escola de duas animadoras da BM na Semana da Leitura e o acesso a materiais de divulgação, como o cartaz do Dia Mundial do Livro que lhe deram para expor na BE.

São reconhecidas algumas mais-valias na operacionalização dos projectos do PNL pelo facto de a BE estar integrada na RBE, principalmente assentes na existência de uma pessoa destacada a tempo inteiro. A coordenadora pôde dedicar-se à dinamização de actividades naquele espaço e à parte burocrática requerida pelo projecto.

Apoio financeiro obtiveram não só do PNL, como também da RBE (1500 euros, que lhes foi atribuído mas que ainda não receberam). Da Câmara Municipal de Setúbal receberam alguns DVDs e CDs com *software* e jogos educativos sobre língua portuguesa e outras áreas. São contudo apoios que não estão relacionados com o PNL.

Todas as escolas do agrupamento têm BEs. Contudo, não é frequente a utilização recíproca das mesmas, pelo menos no que respeita ao fundo documental, sendo mais usual a circulação de equipamentos, como projectores. Nenhuma actividade realizada no âmbito do PNL foi coordenada a nível do agrupamento escolar. A falta de articulação a este nível, não só no que refere ao PNL, foi justificada pela remodelação que o agrupamento sofreu este ano e pelo facto de a sede não estar ainda habituada a trabalhar com escolas de outros níveis de ensino, lacuna que a coordenadora da BE espera venha a ser ultrapassada no futuro.

Não há actividades coordenadas a nível do agrupamento. (...) Eu senti que havia essa lacuna, nós não nos reuníamos a nível de agrupamento, para termos uma estratégia comum de trabalho. Tenho a estratégia do Grupo de Trabalho das Bibliotecas Escolares, mas não de agrupamento. Cada um nas suas casinhas vai fazendo aquilo que lhe apetece.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais

A criação do PNL é considerada oportuna e muito útil pela coordenadora da BE. Esta tem a percepção de que já estão a ser visíveis alguns resultados ao nível do incremento da leitura, para o que pensa muito ter contribuído o 1º ciclo. A sua expectativa é que estes resultados se vão consolidando e que os objectivos a que o PNL se propõe sejam alcançados a médio prazo.

Já ouvi uma sondagem no Dia do Livro e parece que já se está a ler mais, e penso que um dos ciclos responsáveis é este, o 1º ciclo. O 1º ciclo está a dar uma grande projecção à leitura. Eu acho que sim, acho que não foi uma coisa descabida, foi uma coisa muito útil.

Na sua opinião, faz todo o sentido a prioridade a nível de apoios concedida ao JI, ao 1º e 2º ciclos nesta primeira fase de PNL. Contudo, é necessário alargar os apoios aos restantes níveis de ensino.

Um aspecto menos positivo que aponta à forma como o PNL decorreu até agora é a pouca antecedência com que as escolas foram contactadas aquando do processo de candidatura, em relação ao início do ano lectivo, ou pelo menos a pouca antecedência com que a informação lhes chegou vinda do agrupamento. O tempo é importante para o devido planeamento das actividades. Para além disso, foi tardia a atribuição das verbas para a aquisição de livros, que dificultou a prossecução dos objectivos de trabalho no quadro do PNL previstos para o 1º período lectivo.

O que achei é que foi muito em cima do ano escolar, muito apressado, para executar já. E estas coisas não podem ser assim. Se tivéssemos tido mais tempo, por exemplo, este ano programarmos, tínhamos escolhido outros livros, pensado melhor em actividades (...). Algumas colegas no 1º período, aquelas que tomaram a iniciativa, trabalharam, independentemente de terem cá os livros ou não, mas só se começou a trabalhar a sério no 2º período.

Quanto à divulgação, a coordenadora pensa que ela está a chegar a grande parte da população. A escola é na sua opinião um veículo decisivo neste aspecto. A divulgação nos meios de comunicação social é contudo percebida como pouca intensa. A marca Ler+, em sua opinião, transmite o propósito da campanha.

As escolas todas sabem e, se a escola sabe, a professora sabe. E se a professora for uma colega com dinâmica na turma, consegue transmitir ao aluno e fazer com que o aluno transmita em casa. (...) Portanto se se trabalha um livro do PNL, eles vão saber que 12 livros estão na sala por causa do PNL e vão transmitir em casa e em casa vão saber que a escola recebeu 275 livros do PNL, livros novos.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

A entrevistada pensa que a situação do país quanto à leitura está a melhorar, mas menciona os novos problemas/debates com que se tem defrontado no curso que está a frequentar acerca do paradigma digital, acerca dos novos suportes de leitura. Face às novas tecnologias e muito especificamente à Internet, que permite o acesso a infindáveis fontes de informação, surge todo um questionamento em torno das bibliotecas, se elas se vão ou não manter nos moldes actuais. A coordenadora da BE pensa que não, que vai existindo uma necessidade de adaptação às novas tecnologias, às quais se vai recorrendo crescentemente pelas suas potencialidades, mas julga também que o livro não deixará de existir. A escola é importante na transmissão da importância e do gosto pelo livro. Mas, em seu entender, o digital e o suporte impresso são conciliáveis, não é necessária a abnegação de um em virtude do outro.

Agora com os *blogs* e as plataformas e os *sites*, em que a criança quer saber coisas sobre o 25 de Abril e não vai à estante procurar o livro, vai à Internet, ao *Google*, e tem logo ali montes de informação e de imagens, põe-se esse problema, as pessoas que estão à frente das bibliotecas, se a biblioteca se vai manter futuramente nos moldes em que está ou se vai ser diferente. Eu estou convencida que vai ser diferente, vai haver menos consulta a nível de livros e mais a nível de Internet, a nível digital. E para o digital é preciso menos espaço (...). Mas estou também convencida que o livro não vai acabar, as pessoas vão ter prazer em manusear e ler o livro. Tenho um sobrinho de oito anos que gosta de ler antes de dormir, gosta de mexer no livro... Gosta de estar no computador, mas também gosta de ler antes de dormir, e eu estou convencida que isso está a ser transmitido através da escola.

Sugestões e propostas

De futuro, a coordenadora pensa ser importante que o PNL continue a prosseguir os seus objectivos. A importância da continuidade do programa é bastante salientada, mas acaba quase sempre por se remeter ao contexto escolar. O PNL tem de incentivar a adesão das escolas que ainda não o integram e alargar os seus apoios aos restantes níveis de ensino: “É preciso é que não se pare, que se continue por todos os ciclos”.

A coordenadora evidencia também a necessidade da avaliação e do acompanhamento dos projectos das escolas, não só para que os professores sintam que o seu trabalho é auscultado, mas também para que se detectem e ultrapassem mais facilmente problemas e constrangimentos à prossecução dos mesmos.

Para já, o PNL tem que continuar a promover, a incentivar que as escolas adiram ao Plano, aquelas que ainda não aderiram. Mas também tem de fazer periodicamente o tal controlo. (...) as pessoas têm de se habituar a que há necessidade de apresentar relatórios das actividades que realizaram, apresentar aos outros e dizer “A escola recebeu x livros, mas nós utilizámos e trabalhámos...” e depois ver nas turmas se de facto fizeram, observar e registar... Porque geralmente isso não existe. É importante ver... A escola y faz, já a outra não faz. Porque é que não faz? Vamos ver. Precisa de ajuda? O que é que precisa?...

É ainda mencionada a importância de garantir a sustentabilidade das práticas que estão a ser promovidas pelo PNL para além da sua existência, ou seja, depois do final do programa. Um dos aspectos que para isso pode contribuir é o destacamento de pessoal para as BEs, recursos humanos qualificados que dinamizem estes espaços e assegurem, em articulação com os professores, a continuação do trabalho levado a cabo com os livros adquiridos.

Que não aconteça o mesmo que noutros projectos deste género, em que as escolas são apetrechadas com os materiais, depois o projecto acaba e os materiais ficam guardados nas estantes. Que se mantenham os destacamentos nas BEs ou que haja alguém disponível na BE para a continuidade deste trabalho.

Ao nível da sociedade em geral, a coordenadora sugere que se aposte mais na divulgação do Plano. Talvez fosse frutuoso apostar em mais iniciativas como a Semana da Leitura, que foi bastante falada e promovida, recorrendo também a apoios de juntas de freguesia e associações, por exemplo. Seria também importante que a divulgação fosse mais intensa na televisão e que se fizessem mais programas sobre leitura dirigidos às crianças e não apenas aos adultos. Também na imprensa se podiam criar suplementos de interesse sobre este tema, com a ajuda do PNL e com a marca Ler+ associada.

Caracterização da BE e da sua utilização/funcionamento (descrição e avaliação)

A BE existe na escola há dez anos.

Todas as escolas do agrupamento têm BEs. Mas não existe uma utilização recíproca das mesmas, pelo menos no que respeita ao fundo documental. Já a nível de equipamentos, como o videoprojector, é mais frequente a circulação e empréstimo entre escolas.

A BE da EB1/JI de Arcos é uma biblioteca que, segundo a sua coordenadora, “toda a gente aponta como espaçosa”. É iluminada, tem as várias áreas adequadas - o canto da hora do conto (utilizado para projectar diapositivos), o espaço multimédia (para ver filmes ou utilizar micro-macro), a área de leitura de livros, o espaço dos computadores. O mobiliário é apropriado, mas a coordenadora diz que as estantes dos livros estão a começar a ser insuficientes.

A nível de equipamentos, a BE dispõe de onze computadores que se encontram ligados em rede, com acesso à Internet. Possui também televisão, projector de slides, retroprojector, videoprojector e ecrã. A coordenadora reconhece que o espaço está muito bem apetrechado de equipamentos. Apenas falta um rádio com leitor de CDs, porque o que tinham se avariou.

Quanto ao fundo documental, a BE tem cerca de 3500 livros, mais as assinaturas, e os DVDs e CDs.

O horário da BE é das 9h às 17h30, com horário de almoço de 1h30m.

A coordenadora da BE está destacada para essa função a tempo inteiro e dedicada apenas a esta BE, e não existe outro funcionário neste espaço.

A BM e a CM de Setúbal dão algum apoio à BE. Este ano recebeu da parte da CM vários conjuntos de DVDs e CDs com jogos e *software* educativo sobre matemática, língua portuguesa e estudo do meio. A cooperação da BM é feita através do SABE. O SABE, para além de estar na origem da criação do Grupo de Trabalho das Bibliotecas Escolares do Concelho de Setúbal, que se assume como um espaço de cooperação e troca de experiências, presta, através das suas técnicas e animadoras, informações sobre aspectos relacionados com as BEs e dá formação quando necessário. A coordenadora refere, por exemplo, a pequena formação que recebeu sobre o *PORBASE*. Quando solicitadas, estas animadoras deslocam-se também à escola para desenvolver com os alunos actividades relacionadas com o livro e a leitura.

A divulgação dos serviços e actividades da BE é feita através de um *placard* que se encontra ao lado da entrada da BE, onde também se dão a conhecer algumas iniciativas da BM. Para além deste meio, a coordenadora da BE utiliza com o mesmo propósito o *blog* da escola, criado com a sugestão e apoio do Grupo de Trabalho das BEs de Setúbal.

A utilização da BE rege-se em grande medida por uma calendarização previamente estabelecida para cada turma. A BE está assim sempre ocupada com os professores e as suas turmas. Quinzenalmente são feitas requisições e mensalmente é feita animação, Hora do Conto. A BE é também utilizada para a realização de trabalhos e aulas de apoio, com recurso a livros e computadores, e também para o visionamento de filmes.

A utilização da BE pelos alunos é quase sempre enquadrada pelos professores e não feita individualmente. A coordenadora refere que quando os alunos vão sozinhos é normalmente por indicação ou permissão do professor, vão para fazer trabalhos, utilizar os computadores ou ler livros.

Para além de tratar das requisições e dinamizar a Hora do Conto a partir da escolha do “Livro do Mês”, a coordenadora desenvolve por vezes *ateliers* temáticos e outras iniciativas, como a Feira do Livro.

No que respeita às requisições, cada aluno escolhe o livro que quer levar para casa. A coordenadora incentiva a requisição motivada pelo gosto próprio e pelos interesses pessoais. Os livros escolhidos não são, em geral, especificamente relacionados com matérias escolares, e não há a obrigação de fazer qualquer tipo de trabalho com eles. São, por exemplo, muito requisitados os livros de banda desenhada.

A coordenadora pensa que a BE desempenha um papel muito importante no desenvolvimento do gosto e das práticas de leitura dos alunos. Pensa que os objectivos têm sido cumpridos, reportando-se a uma

pequena avaliação que fez junto dos alunos. No âmbito da acção de formação que está a frequentar - *A BE e o Paradigma Digital* -, foi-lhe pedido que sondasse a comunidade escolar para auscultar o seu nível de satisfação com a BE. A coordenadora decidiu então fazer um mini-questionário aos alunos.

Este inquérito, realizado no início do 3º período, foi aplicado a 95 alunos do 3º e 4º anos. Todos os alunos afirmaram utilizar a BE. Quando questionados sobre o que lá fazem, todos os alunos mencionaram a requisição de livros. Para além disso, são várias as actividades que lá disseram realizar, com destaque para “ver filmes” e “trabalhar no computador”. A coordenadora pensa que o visionamento de filmes remeterá em grande parte para as animações de leitura, em que são projectados diapositivos. A coordenadora perguntava ainda no questionário o que os alunos gostariam de ter na BE que não encontram lá. A resposta mais frequente foi “livros novos”, registando-se contudo uma grande variedade de referências, algumas delas muito imaginativas e apelando ao incremento do seu lado lúdico, como “doces”, “matraquilhos” ou “uma *Playstation*”.

O balanço que é feito pela coordenadora em relação a esta avaliação é bastante positivo, destacando a utilização massiva da biblioteca e o facto de todos os alunos fazerem requisições. Em Abril foram atingidas as duas mil requisições desde o princípio do ano lectivo.

A BE é útil... Para já, todos frequentam a BE e todos fazem requisição domiciliária. O *feedback* dos alunos ao mini-questionário foi positivo.

Para além deste mini-questionário, que fez ocasionalmente este ano, é feito regularmente o registo de alguns dados relativos, por exemplo, às requisições de livros e equipamentos. Não tem conhecimento de outras avaliações acerca do funcionamento ou utilizadores da BE.

O aspecto que é para si mais evidente com vista a melhorar a BE é a remodelação que importa fazer ao nível dos livros e dos seus espaços de arrumação. Já que as estantes não estão a dar resposta à quantidade de livros que adquiriram este ano, será necessário guardar os livros mais manuseados para colocar à disposição os mais novos. De resto, deverá ser dada continuidade às actividades que vêm sendo realizadas na BE.

A RBE (contactos, importância, avaliação)

Desde a sua existência que a BE da escola se encontra integrada na RBE, ou seja, desde 1997.

A actual coordenadora da BE não tem conhecimento exacto dos apoios que foram concedidos pela RBE à BE aquando da sua candidatura e instalação. Apenas sabe que esteve lá a trabalhar uma pessoa especializada e pensa que a BE está nos moldes em que se encontra hoje desde que essa pessoa esteve lá no início.

A responsável da BE que se seguiu e que esteve na BE até ao ano lectivo anterior continuou o seu trabalho e, no âmbito da RBE, candidatou-se duas ou três vezes para reforço do apoio financeiro, com vista à renovação da BE e do seu fundo documental. O resultado dessas candidaturas fizeram-se sentir este ano lectivo, com a atribuição por parte da RBE de 1500 euros, porque, como refere a coordenadora, “a BE já tem dez anos e nunca tinha sido apoiada para reforço de livros e equipamentos”.

A coordenadora da BE diz também aceder ao apoio técnico da RBE, através do Grupo de Trabalho das Bibliotecas Escolares do Concelho de Setúbal, onde a RBE se faz representar com um responsável.

Quando necessita esclarecer qualquer dúvida sobre a BE tem ao seu dispor esse representante, como no caso que exemplifica, em que lhe foram dadas orientações sobre a organização dos livros: “Os livros sobre História, ciência e natureza nunca eram requisitados porque tinham bolinha vermelha, não era permitido, já estava assim quando lá cheguei. (...) Um dia decidi falar com a responsável da RBE, que lá foi e aconselhou-me a tirá-las. Os livros começaram a ser requisitados. Ainda hoje um menino queria um livro sobre animais da selva, eu indiquei-lhe a estante, ele foi lá e requisitou.”. As reuniões mensais do Grupo de Trabalho permitem também tomar conhecimento das novidades e eventos relacionados com a Rede, assim como trocar ideias acerca das suas directrizes.

Uma vantagem decisiva de pertencer à RBE é, segundo a coordenadora, o apoio ao nível de recursos humanos. O facto de a BE dispor de uma pessoa destacada a tempo inteiro para gerir a BE é só por isso motivo suficiente para que a integração na Rede seja encarada como uma mais-valia. Há muitas vantagens para uma escola se tiver uma pessoa disponível na BE.

Têm já uma pessoa destacada, só por esse motivo vale a pena (...). Eu estou mesmo convencida que se não estiver aqui ninguém para o ano... não sei como é que vão fazer as requisições, as animações, ... Há muitas vantagens de estar uma pessoa na BE.

Manifestando algum descontentamento subjacente a questões legislativas referentes ao estatuto do professor bibliotecário, nomeadamente o facto de o tempo de trabalho na BE não ir contar para a sua carreira, a coordenadora diz sentir-se pouco motivada para pedir destacamento no próximo ano lectivo. Em sua opinião, estas medidas prejudicam todo o trabalho que tem vindo a ser desenvolvido pela RBE.

A coordenadora afirma ter sentido a RBE mais activa este ano, com mais iniciativas e apoios, relativamente ao ano anterior, e é assim que espera que se mantenha no futuro.

2.12. Biblioteca Escolar da Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos André de Resende (Évora)

2.12.1. Relatório de visita

A visita decorreu em 23 de Abril, tendo assentado numa entrevista com a coordenadora da BE. Tanto a coordenadora, como as funcionárias em conversas informais, mencionaram que os alunos utilizam regularmente o espaço da biblioteca, sobretudo para fazerem pesquisas na Internet ou consultar livros de referência (Enciclopédias, Dicionários, Atlas, etc.). São também habituais as visitas de turmas acompanhadas por professores, durante a elaboração de trabalhos relacionados com a área de projecto, ou para outras acções específicas de dinamização das aulas. Quanto à RBE, foi referido que existe um acompanhamento regular por parte da técnica de apoio técnico-pedagógico responsável pelo concelho. Todavia, os apoios prestados pela Rede são raros, limitando-se à introdução de novas etiquetagens do catálogo da biblioteca ou à realização de reuniões entre os diferentes coordenadores de bibliotecas escolares do distrito. Para além da relação com a RBE, a BE tem desenvolvido nos últimos anos algumas colaborações com a Universidade de Évora, a Biblioteca Pública de Évora e a empresa de *software Mind*, no âmbito da introdução de uma base de dados com

o fundo documental de todas as bibliotecas do concelho, bem como no desenvolvimento de acções de formação.

A BE está situada no segundo piso da EB 2,3 André de Resende. Para além de um espaço de leitura de jornais, existe uma parede dedicada à exposição de trabalhos dos alunos, bem como uma recepção, denominada por “sala de espera”, que inclui um espaço de leitura informal. As estantes divididas pelas disciplinas leccionadas na escola, existindo, também, uma sala multimédia (com DVDs, computadores, aparelhagens).

2.12.2. Entrevista a Coordenadora da BE

Perfil da entrevistada

58 anos; licenciatura em Filologia Germânica; curso de formadora de professores (TIC e Didáctica); formação em CRE pelo Instituto Politécnico de Leiria; participação no Projecto Minerva (1989) e no Nónio (1996/1997).

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola e na biblioteca

A BE está envolvida no PNL na sequência de uma colaboração, acordada em Conselho Pedagógico, com o Departamento de Língua Portuguesa. A participação da biblioteca tem assentado na dinamização de actividades de leitura, através do envolvimento dos funcionários e da equipa de coordenação, e na disponibilização de livros à população escolar. Existem dois momentos precisos nesta colaboração: o *Pare! Escute e...Leia!* (PEL); e o *Ler à Sobremesa*. Em cada PEL, a biblioteca oferece um pacote de livros para cada turma, de forma a auxiliar os professores no desenvolvimento de actividades paralelas, ou no caso dos alunos não trazerem livros de casa. O *Ler à Sobremesa* é uma actividade de leitura que se desenrola durante toda a semana, exceptuando a quarta-feira, à hora do almoço, que promove a leitura de livros, poemas, imagens e sons. Para além da coordenadora e funcionárias da BE, participam três professoras da equipa da BE (duas de Português e uma de EVT) no *Ler à Sobremesa*. No PEL a participação da BE é assegurada pela coordenadora. Existem ainda colaborações esporádicas de outros professores (área de projecto, educação cívica, etc.), que são definidas pelo Conselho Pedagógico.

Paralelamente, a biblioteca associou ao PNL algumas actividades que foram sendo desenvolvidas ao longo dos últimos anos. Com efeito, a BE tem sido orientada por uma estratégia de promoção da literacia que inclui o desenvolvimento de competências de utilização da *web* (através do *Top Net*, um concurso que envolve exercícios de pesquisa na Internet), a introdução de incentivos à elaboração de textos criativos (concursos de escrita criativa, por exemplo) e realização de trabalhos plásticos, no sentido de promover a leitura de imagens, etc.

Além destas actividades, a biblioteca tem desenvolvido várias iniciativas temáticas como o centenário de Miguel Torga, a Primavera da Europa (um actividade sobre a evolução da U.E., que envolve a área de projecto da maioria das turmas da escola), o Dia Mundial do Livro, celebração do 25 de Abril (em colaboração com a disciplina de educação cívica) ou encontros de residentes de centros de dia com os alunos.

A BE também tem concedido apoio às iniciativas de *twinning* (germinação electrónica de escolas) promovidas por algumas turmas e emprestado computadores portáteis a professores. Outro projecto da BE, iniciado durante este ano lectivo, prende-se com a criação de um catálogo único do fundo documental do agrupamento, através do *software* PORBASE. São também habituais visitas de alunos do pré-escolar e do 1º ciclo ao espaço da BE, no sentido de preparar estes alunos para a transição de ciclo lectivo.

A BE tem utilizado o seu *site* e elaborado catálogos, cartazes e panfletos para a divulgação de actividades relacionadas com o PNL. A informação é dirigida à população escolar e pais/encarregados de educação. De resto, a promoção das actividades é assegurada pela escola.

Nos últimos anos tem sido registado um aumento do número de requisições. Quanto às actividades relacionadas com o PNL, os alunos demonstraram interesse em participar. Todavia, para a coordenadora, seria precipitado indicar efeitos da implementação do Plano na escola. Por outro lado, a EB 2,3 André de Resende possui um longo passado de actividades de promoção da leitura, o que dificulta a identificação imediata de eventuais resultados.

É difícil, porque estas coisas são muito lentas, é preciso muita insistência, só com muito tempo. Há coisas que nós já fazemos há muito anos, que eu acho que, de alguma maneira, vão mostrando algum efeito. Os miúdos vêm procurar livros, levam-nos para casa e eu acho que esta procura vai-se notando que é cada vez maior...Depende, também, da nossa disponibilidade para motivar os alunos. De imediato, não estou à espera de grandes resultados.

Para a coordenadora da BE, o PNL poderá inculcar, entre os alunos, uma maior disposição para a leitura, tendo ilustrado o PEL como um exemplo de uma acção que conseguiu tornar os alunos mais receptivos a procurar o contacto com os livros. Contudo, é necessário responder aos problemas sentidos pelos professores na conciliação entre os tempos de leitura sugeridos pelo Plano e as exigências dos programas. Entre o corpo docente, o PNL esteve por trás de um olhar comum sobre a promoção da leitura. Conseguiu reunir estratégias e actividades, tendo aperfeiçoado as articulações entre departamentos da EB 2,3 André de Resende e as escolas do agrupamento.

Não revolucionou a prática da escola, mas que traz qualquer coisa traz, nem que seja uma incidência, uma reflexão conjunta. Acho que obrigou a um olhar comum. Até aqui podiam ser actividades mais avulsas, não havia uma reflexão ou uma incidência mais comum...trouxe esta incidência que vai perdurar, porque já existia.

No caso do agrupamento escolar, o Plano permitiu enquadrar vários esforços de promoção de actividades comuns, que tinham sido desenvolvidos até então, entre os estabelecimentos de ensino que fazem parte do agrupamento, tendo introduzido uma maior comunicação entre as escolas.

Acho que este momento [o PEL] foi importante para o sentido de pertença do agrupamento, que é um sentido que não se desenvolve de ânimo leve, dá tempo. Acho que estas actividades comuns são importantes...Obrigarnos a conhecer as actividades que decorrem nas outras escolas, essa é a grande vantagem...agora temos um conhecimento muito mais profundo do que se passa, essa partilha só tem vantagens, não vejo inconveniente nenhum.

O Plano Nacional de Leitura na sua organização

Embora a BE desempenhe um papel central na implementação do Plano na EB 2,3 André de Resende, a coordenadora não conseguiu descrever o processo de registo da escola, tendo afirmado que não se recordava de todos os aspectos que estiveram por trás da participação da escola. Na entrevista, foi apenas

referido que a biblioteca, para além das notícias publicadas pela comunicação social, tomou conhecimento do PNL através de dois ofícios provenientes da DREA e da RBE, bem como de um e-mail proveniente do PNL.

Os contactos entre a BE e o PNL, embora esporádicos, são estabelecidos pela equipa de coordenação e têm incidido sobre várias solicitações da Comissão do Plano quanto ao envio de produtos e relatos das actividades desenvolvidas pela escola, nomeadamente o *Pare! Escute!...e Leia!* e a Semana da Língua Portuguesa.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais

No caso concreto da EB 2,3 André de Resende, a criação do PNL revelou-se extremamente oportuna, por ter permitido o desenvolvimento de práticas comuns entre o corpo docente. Em relação ao sistema de ensino, provocou um momento de reflexão sobre o que dever ser feito para promover a leitura.

Acho que dar...privilegiar no currículo a questão da leitura obriga, naturalmente, a que os professores encarem o currículo de outra maneira, o que é de salutar. Esta gestão não é fácil, mas com o tempo é capaz de ser muito mais produtiva.

Por outro lado, o facto de existir um Plano que considera a leitura como um desígnio nacional poderá criar um novo dinamismo nas relações entre escola e pais.

Embora ambiciosos, os objectivos do Plano podem ser concretizados. Contudo, o currículo deve ser repensado e privilegiar a leitura, de modo a que a promoção de leitura seja encarada pelos professores de outra forma. É também necessário incluir outros suportes de leitura, apostando em documentos multimédia.

A questão da leitura, de desenvolver as competências de leitura, não é só na questão dos livros...muitas vezes, pensa-se que o ler é apenas os livros, mas quando os miúdos estão na Internet também estão a ler. É um outro tipo de leitura e é bom que todos pensem que estas competências se desenvolvem de diversas maneiras.

Ao mesmo tempo, deve ser dado aos professores um lugar de destaque na elaboração das actividades e concretização do Plano.

As coisas, quando vêm de cima, têm que envolver os professores. Porque quando os professores não são envolvidos, não há plano que resista. Os professores são, de facto, o meio primordial para que as coisas resultem. Os critérios são perfeitamente aceitáveis, o que eu acho é que convém sempre valorizar o meio para chegar ao fim, que é o professor.

O *site* oficial do PNL tem divulgado, de forma eficiente, as actividades e propostas da Comissão. No entanto, existe um certo afastamento dos *media* em relação ao Plano, que deveria ser tido em conta pela Comissão. Em relação à marca Ler+, a coordenadora considera que o logótipo tem tido um efeito positivo junto da população.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

De acordo com a coordenadora da BE, os preços elevados de livros e jornais têm sido o maior obstáculo à promoção da leitura. Deste modo, é necessário massificar o acesso ao livro, facilitar o contacto dos grupos sociais mais desfavorecidos com o livro, e criar condições para que existam centros de leitura em todo o país, envolvendo várias organizações.

Acho que vamos melhorar e que este PNL é capaz de vir a dar um relevo maior, acho que sim. Mas é preciso, principalmente, massificar o acesso ao livro. Porque continua a haver estratos sociais que têm acesso mais fácil ao

livro. Onde existe maior analfabetismo, maior dificuldade na leitura é, precisamente, nos estratos sociais com mais dificuldades e, depois, esses nunca mais se desenvolvem. Tem que haver aí, lá mais ao fundo nos aspectos sociais, que o livro chegue aí com mais facilidade e que se desenvolvam hábitos de leitura.

Sugestões e propostas

O PNL poderá vir a desempenhar um papel importante na maior exposição pública do livro, através da criação de estruturas ou do estabelecimento de parcerias com universidades, ONGs, museus, centros de dia ou juntas de freguesias, que prevejam o desenvolvimento de actividades específicas.

Primeiro, por fazer levar livros aos sítios onde não há. Acho que isso é fundamental. Levar livros a várias organizações que têm poucos livros, onde têm contactos com pessoas com mais dificuldade...A outros sítios [para além das escolas] com pessoas que lêem muito pouco, há centros de dia, porque não ir até aí.

Quanto à relação entre o Plano e o sistema de ensino, importa distribuir, equitativamente, livros pelas escolas, de acordo com as características de agrupamentos e estabelecimentos de ensino. Renovar a lista de livros recomendados. Pensar em actividades concretas que tenham em consideração a diversidade do universo escolar.

Nas escolas tem que continuar, um ano não chega... [É preciso] continuar com propostas de actividades, porque há escolas que têm ideias, mas há outras que têm dificuldade [em implementar o PNL].

Quanto à EB 2,3 André de Resende e à BE, o *Ler à Sobremesa* poderá ser alargado a outras horas, enquanto que o PEL deverá decorrer mais vezes no próximo ano lectivo. Durante o momento em que decorreu a entrevista, estava a ser equacionada a realização de um concurso de escrita e a criação de actividades que abrangessem todos os elementos do FORBEV.

Estamos a pensar fazer momentos em que toda a gente que vem tem que ler. Actividades desse género vamos tentar fazer e ver se conseguimos. De resto, o *Ler à Sobremesa* acho que vamos continuar, porque foi bem sucedido e alargar com outros professores e, possivelmente, a outras horas. Essas actividades convém ser com miúdos inscritos, porque o público flutuante é tão flutuante que nunca mais se agarra nisso...Uma coisa que nós já pensámos e que não foi possível este ano, mas para o ano nunca se sabe...era uma espécie de concurso de escrita para a partilha de textos entre alunos. Dentro do FORBEV, uma colaboração mais estreita com as outras bibliotecas da escola e com a Biblioteca Pública. Estas actividades, de certeza, vão ter repercussão na BE.

Caracterização da BE e da sua utilização/funcionamento (descrição e avaliação)

A BE existe desde o ano de fundação da escola e foi integrada na RBE em 1999. Desde Fevereiro de 2007 que o agrupamento tem outra BE pertencente à Rede, na EB1 do Rossio. A equipa responsável pela biblioteca é composta por uma coordenadora, quatro professoras (Português/Inglês, História, ERM e EVT) e duas auxiliares, que têm como responsabilidade a gestão e organização do Centro de Recursos Educativos, assegurando a distribuição de materiais didácticos e informáticos pelas salas de aula. A biblioteca pretende abranger todas as escolas do agrupamento. Em breve, a criação do FORBEV deverá, de acordo com a coordenadora, permitir uma dinamização mais sistemática de contactos e actividades entre bibliotecas escolares.

Durante as 8h00 e as 17h30, a BE é visitada diariamente por toda a população escolar. O facto de a BE estar localizada num primeiro andar, e ter como único meio de acesso uma escada em caracol, tem limitado a utilização do espaço, que é agravada pela falta de um espaço para que os alunos possam guardar os seus pertences (bengaleiro). Existe uma recepção, onde são feitos os pedidos de utilização (as funcionárias

funcionam como interlocutoras dos alunos), e um pequeno espaço de convívio, com sofás, revistas, jornais, uma TV e um leitor DVD; e uma pequena sala polivalente, com vários computadores. O restante espaço é ocupado por estantes, mesas e computadores.

Os alunos dirigem-se à biblioteca de forma espontânea, sendo habituais as visitas de pequenos grupos durante os intervalos, sendo habituais as visitas de alunos para a realização de trabalhos. Os computadores com acesso à *web* são o principal motivo de visitas à BE pelos alunos. Outros motivos para visitas prendem-se com consultas bibliográficas (obras de referência, atlas, dicionários, enciclopédias), requisição de DVDs ou CDs. Os professores podem requisitar o espaço da biblioteca para aulas, sendo frequente a sua presença para a preparação de trabalhos e aulas. Apesar de a BE nunca ter auscultado os alunos, a coordenadora acredita que existe uma opinião muito positiva sobre a biblioteca. São habituais comentários elogiosos, sugestões, etc.

A utilização de livros, CD-ROMs, DVDs e computadores é controlada pelos funcionários, através de um sistema de reserva de suportes multimédia. Os alunos preenchem e entregam uma ficha de pedidos aos funcionários, que permite controlar a disponibilidade e o tempo de utilização dos recursos.

No sentido de ultrapassar as dificuldades impostas pelo número crescente de alunos inscritos na escola, a biblioteca deverá ser remodelada, estando prevista a introdução de uma nova sinalética, de acordo com a classificação CDU. Ao mesmo tempo, será seguida uma estratégia que pretende aumentar a proximidade com os alunos. Neste sentido, o próximo plano de actividades pretende fixar o público “flutuante” (intervalos) da BE, estando em estudo actividades centradas nos meios informáticos da biblioteca e o melhoramento das estruturas de apoio à área de projecto.

Quanto às contribuições para a formação dos alunos, a BE tem desenvolvido acções de formação de utilizadores e cursos de utilização de aplicações *PowerPoint*; apoiado a realização de aulas centradas em consultas bibliográficas; e promovido actividades de desenvolvimento de competências de escrita (concursos, trocas de cartas), que foram integradas no PNL, neste ano lectivo. O próprio código de comportamento na biblioteca, segundo a coordenadora, tem tido um papel muito importante na formação dos alunos.

No que concerne à identificação de aspectos positivos ou negativos, foi referido que é necessário fazer um levantamento das necessidades da população escolar, expandir o espaço e o fundo documental da BE, divulgar o catálogo junto dos departamentos, no sentido de aumentar a participação dos professores.

A RBE (contactos, importância, avaliação)

Depois da entrada da biblioteca na RBE, foram concedidos vários apoios para a expansão do fundo documental, aquisição de mobiliário. Nos últimos anos, os apoios financeiros foram inexistentes. São muito raros os contactos com os serviços centrais da Rede, limitando-se a visitas esporádicas ao *site* da RBE para a obtenção de informações. No corrente ano lectivo, a BE apresentou junto da Rede uma candidatura para receber apoios para a remodelação do actual espaço da biblioteca, mas o processo ainda não obteve qualquer resposta.

Os contactos com a *andorinha* local são regulares, sendo habitual a sua presença em actividades desenvolvidas pela escola e a dinamização de reuniões ou acções de formação destinadas a coordenadores de bibliotecas escolares. A RBE tem colaborado na criação do FORBEV e na introdução do PORBASE nas

escolas do concelho, tendo conseguido firmar uma parceria com a empresa de *software Mind* em torno da realização de várias ações de formação relacionadas com a utilização da base de dados.

O facto de existir uma comunidade de bibliotecas escolar, segundo a coordenadora da BE, tem permitido a formação de uma visão de conjunto sobre as diferentes estratégias e modos de organização das BE, facilitando a troca de experiências e um maior intercâmbio entre escolas. Todavia, é necessário que a Rede seja orientada por uma lógica de proximidade, criando mais momentos presenciais (encontros entre coordenadores) e propondo actividades que sejam capazes de reunir práticas comuns entre as escolas.

2.13. Biblioteca Escolar da Escola Básica do 1º Ciclo com Jardim de Infância nº 1 de Beja

2.13.1. Relatório de visita

A biblioteca escolar da EB1/JI nº 1 de Beja, de instalação recente, é de dimensão reduzida, como não poderia deixar de ser face à dimensão da própria escola. Apesar de tudo, encontra-se razoavelmente equipada no quadro standard da RBE: dispõe de 1 computador, equipamentos audiovisuais, jogos lúdicos e estantes de livros em livre acesso. Devido a restrições de pessoal no decorrer do ano lectivo de 2006/2007, a biblioteca encontra-se habitualmente encerrada; a coordenadora é responsável não apenas por esta como também por outras 3 bibliotecas escolares do concelho (tem, ao todo, 19 turmas) e apenas vem à escola uma vez por semana. Na altura da visita, a biblioteca já dispunha de uma funcionária, mas há apenas duas semanas, pelo que ainda estava em processo de formação.

A escola será provavelmente encerrada dentro de 2 a 3 anos, segundo as informações prestadas. Apesar disso, serão feitas em breve algumas obras e modificações, talvez com a utilização da sala da BE como sala de aula. Nessa altura, a BE terá de ser transferida para outro local com condições inferiores ao actual.

2.13.2. Entrevista a Coordenadora da BE

Perfil da entrevistada

46 anos. Em termos de formação tem um bacharelato e fez o complemento de formação para ficar com licenciatura em 1º ciclo, tendo o trabalho final sido acerca das bibliotecas escolares. Está destacada para a rede de bibliotecas há 9 anos, tendo estado 5 anos na biblioteca de uma aldeia perto de Beja, Cabeça Gorda, que servia uma população escolar de cerca de 90 alunos; pouco depois passou também a trabalhar na escola nº 2 do Agrupamento de Santa Maria (ao qual pertence a escola estudada) e mais tarde apenas nesse agrupamento, em várias escolas. Coordena esta biblioteca há um ano. Em termos de formação específica na área das bibliotecas, tem frequentado alguns cursos ministrados no IPLB, na BM de Beja e no Centro de Formação e encontra-se este momento a fazer formação em Tratamento Documental (curso de 100 horas).

2ª Professora presente: 48 anos. Tem formação como Educadora de Infância e uma pós-graduação em Observação e Análise de Relação Educativa. Está neste agrupamento há 4 anos, sendo este o segundo em que exerce funções no Conselho Executivo da escola.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola e na biblioteca

Nesta escola têm sido desenvolvidas poucas actividades enquadráveis especificamente no PNL, por não ter sido recebido financiamento para aquisição de obras e também, segundo a coordenadora da BE, devido à sua pequena dimensão. As actividades que existem ora são articuladas a nível do Agrupamento, ora são levadas a cabo em escolas específicas.

A coordenadora é responsável por várias escolas do concelho (19 turmas no total), a maior parte delas com muito mais alunos, sublinhando a existência de dificuldades para desenvolver o mesmo número de actividades em todas. Apenas vem a esta BE, da qual é coordenadora desde o início deste ano lectivo, às quintas-feiras.

Como foi referido, esta escola não recebeu financiamento do PNL, mas as próprias professoras responsáveis não procuraram obter informações a esse respeito junto do PNL:

Até ao momento temos esperado ser subsidiadas para podermos comprar os livros e não chegou dinheiro nenhum ainda aqui. (Coordenadora BE)

Nadal (2ª Professora)

Mas em relação a esse financiamento, alguma vez tentaram contactar o PNL para obterem informações? (Entrevistador)

Isso ainda não se fez. Temos estado a aguardar. Porque mesmo em relação a outras coisas, outros projectos de financiamento fazemos isso, costumamos aguardar. (...) Às tantas a pessoa já está habituada a só chegar no final, as coisas. (2ª Professora)

Aliás, nenhuma das escolas onde trabalha a coordenadora desta BE recebeu financiamento do PNL. Apenas a escola EBI de Santa Maria em Beja havia recebido uma quantia de 2500€, proveniente da RBE, parte da qual serviu para adquirir livros da lista PNL para essa outra escola: “desviou-se esse dinheiro um bocadinho da Rede para se adquirir aquelas obras, que como não existiam...” (2ª Professora)

Assim, os livros têm sido trabalhados apenas a partir de um exemplar, ou existente na BE, ou requisitado na BM de Beja, quer pela coordenadora, quer pelas professoras da escola.

Todas as escolas onde trabalha a coordenadora estão envolvidas com intensidade variável no PNL:

Umas com mais recursos, outras com menos recursos, mas todas elas estão envolvidas. E depende também muito da carolice de cada professor. Porque há professores que estão desportos mais para isso e outros que não estão, não é? (2ª Professora)

Na BE, a coordenadora trabalhou alguns livros do PNL com os alunos e levou a cabo algumas actividades: *Sapo Apaixonado*, em que a história foi contada com fantoches pela coordenadora e em seguida foi dramatizada também pelos próprios alunos; foi também feito um karaoke a propósito do livro; no dia das bruxas trabalharam o livro *A Bruxa Cornélia*, a partir do qual os alunos do 3º e 4º anos, que já sabem escrever,

fizeram postais ilustrados de convite às bruxas para visitarem a escola (os alunos do 1º e 2º anos apenas pintaram os postais).

Nesta BE, a coordenadora tenta fazer actividades diversificadas e “apropriadas” para os alunos:

Não posso trabalhar só a escrita nem a leitura. Pronto, apesar de trabalhar a escrita e a leitura no sentido de lhes ler histórias, de lhes contar histórias e isso tudo. Mas depois não posso partir só para trabalhos de escrita porque o nível destas crianças aqui é um bocado... Principalmente ali a turma do 1º e 2º ano é um bocado complicada, e os meninos não atingem certas competências ainda de leitura e da escrita.

Ao nível do agrupamento de escolas, outros projectos e actividades têm sido levados a cabo onde os alunos participam: teve lugar, por exemplo, a *Semana do Agrupamento* com a actividade *Mil Actividades, Mil Profissões*, onde foi dinamizado um *atelier* de escrita criativa por parte da coordenadora da BE e de outros professores.

Na BE, as actividades que podem ser enquadradas nos objectivos do PNL têm decorrido nas áreas dos trabalhos de projecto e de animação de leitura e são planeadas em conjunto com as professoras das 3 turmas da escola. Uma das principais actividades consistiu na elaboração de fichas de leitura acerca de alguns dos livros da lista PNL, principalmente no 3º e 4º anos, uma vez que os alunos da turma do 1º e 2º anos apresentam bastantes dificuldades de relacionamento com a leitura e a escrita, como foi referido.

Para além das obras sugeridas no quadro do PNL, outras obras têm sido utilizadas: “tentamos incentivar as crianças para a leitura e para a escrita também a partir de outras que nós achamos que são boas, que são oportunas de trabalhar com eles: poesias, histórias...”

Nesta escola existe um projecto conjunto com a BM: os *Livros Andarilhos*. Nesse projecto, onde todos os alunos participam (do 1º ao 4º ano), é seleccionado um conjunto de obras, todas subordinadas a um tema, que é colocado num saco de pano; essas obras são depois trabalhadas na escola: um dos sacos tinha como tema *Tantas Formas de Amar*. Cada saco vem acompanhado de um dossier, elaborado na BM, com fichas de leitura, sugestões de formas de trabalhar com os alunos e orientações para os professores. Os alunos levam os sacos para casa e trazem uma história preparada, baseada nos livros, ajudados pelos pais; a própria leitura dos livros é, por vezes, feita com a ajuda dos pais, principalmente entre os alunos do 1º e 2º anos.

Outra actividade realizada a partir dos livros sugeridos pelo PNL, no âmbito da *Semana do Agrupamento*, foi a construção pelos alunos de um jogo de dominó com figuras de histórias.

A escola não se inscreveu na *Semana da Leitura*: “Em relação às outras duas [escolas] nós inscrevemo-nos porque temos mais recursos, há mais recursos. Aqui na altura não havia ninguém, apenas eu vinha cá um dia.”

Já na Escola nº 2 do Agrupamento, onde a coordenadora também trabalha, no âmbito da *Semana da Leitura* foi levado a cabo um concurso, *A Poesia Adivinha*, onde foi divulgada uma poesia de Eugénio de Andrade que os alunos ilustraram. Aí, a escola dispôs da colaboração da Texto Editora, que forneceu os livros que serviram de prémio (um por turma). Os trabalhos foram depois expostos na escola. Foi feito também um painel gigante a partir de uma poesia de Almada Negreiros, pintado pelos alunos:

Tentámos enfeitar ao máximo a escola com coisas de escrita: por exemplo, o portão da escola estava cheio de faixas multicolores em que estava escrito *Semana da Leitura*, e os dias e que era do Plano Nacional de Leitura e isso tudo. Depois nas portas das salas também pusemos em todas uma poesia diferente. A equipa da biblioteca todos os dias passava pelas várias salas e ia ler uma poesia a cada sala; tentámos dar-lhe o máximo de expressividade e era sempre acompanhada por um fundo musical. Os miúdos também adoraram essa actividade.

Ainda no âmbito da Semana da Leitura, foi realizado um pequeno colóquio, com a colaboração de uma psicóloga e de assistentes sociais da Cruz Vermelha, que proporcionou o encontro entre 5 idosos e os alunos da escola: foram lidas poesias e partilhadas histórias de vida: “Na semana seguinte fomos depois surpreendidas com chegarmos às turmas e vermos já alguns miúdos a fazerem, eles, as próprias poesias. Foi muito engraçado isso.”

Para além das actividades já referidas em que os pais/encarregados de educação participaram, existe também o empréstimo domiciliário regular de livros para leitura conjunta. No entanto, a entrevistada identificou algumas dificuldades resultantes das características socioeconómicas e culturais das famílias de alguns alunos:

Aqui os meninos também levam livros para ler para casa, muitos deles sabemos que são ajudados pelos familiares, outros... Há muitas famílias que não são... Aqui há muitas famílias disfuncionais, muitas pessoas com fome, e com muitos problemas familiares. Então essas crianças eu duvido que sejam acompanhadas em casa.

Foi referido o desejo de envolver mais os pais e as famílias dos alunos em actividades de promoção da leitura e da escrita, no qual têm encontrado dificuldades (muitos pais e encarregados de educação não sabem ler nem escrever e em algumas das famílias existem carências a nível socioeconómico). Por isso, foi sugerido que o Plano deveria apostar de forma mais forte na divulgação junto dos pais:

Para que as famílias se envolvam mais. Para trabalharem também histórias com os meninos lá em casa, não ser só naquela Semana da Leitura que venham contar histórias à escola. Mas também que possam, esporadicamente, vir partilhar experiências de leitura e de escrita com as crianças. Penso que isso se calhar ainda será um trabalho a fazer e não pode ser só a escola a pedir aos pais.

No ano lectivo anterior foi desenvolvido um projecto, *O Livro Viajante*, em que os alunos levavam um livro para casa e onde se pretendia juntar na leitura pais e filhos, trazendo depois os primeiros à escola para que lessem as histórias. Essa actividade não foi realizada este ano, segundo a coordenadora por não ter havido interesse da parte dos pais.

As várias actividades realizadas em torno da leitura e da escrita são geralmente divulgadas ao nível do Agrupamento, essencialmente porque são levadas a cabo nesse quadro e em articulação com a BM.

Também existe um esforço de divulgação das actividades para fora das escolas, a nível do concelho. A actividade *Mil Actividades, Mil Profissões* foi divulgada junto de várias entidades e dos meios de comunicação social concelhios e também a nível regional: foram contactadas rádios e jornais em conjunto com a Associação de Pais. Ao nível do agrupamento chegaram a ser feitos contactos por e-mail com a RTP, SIC e TVI..

As reacções dos alunos à Semana da Leitura, em particular, não apenas nesta escola, como também nas outras onde trabalha a coordenadora da BE, foram muito positivas, segundo aquilo que foi relatado:

É engraçado porque os meninos lembravam-se de tudo o que se passou, porque depois estivemos a recordar o que é que aconteceu nessas actividades, lembravam-se de tudo o que foi feito na Semana da Leitura. Depois recolhemos por escrito algumas opiniões e pronto, realmente em relação à Semana da Leitura eles gostaram, a ideia deles, na linguagem deles que é muito infantil ainda, percebeu-se que gostaram daquilo que fizeram, daquele envolvimento todo que a escola teve.

A este respeito, a coordenadora teceu também algumas considerações referentes a outra escola onde trabalha, de maior dimensão:

Por exemplo, na Escola nº 2 nós inscrevemo-nos na Semana da Leitura e excedeu todas, todas, todas e quaisquer que fossem as nossas expectativas. Nós dinamizámos várias actividades, uma delas foi a Maratona da Leitura para pais e encarregados de educação, que depois para além de virem os pais vieram os avós, vieram primos, vieram tios, vieram irmãos, ler e contar à escola até com recurso a *data shows*, com recurso a vídeos, com recurso a isso tudo. E nesse aspecto excedeu as nossas expectativas.

Não é feito na escola um acompanhamento sistemático de avaliação das actividades de leitura, nem existem propriamente indicadores a esse respeito. É apenas feito um registo escrito das várias actividades e são reunidos os trabalhos dos alunos.

O Plano Nacional de Leitura, em termos gerais e na sua organização

A criação do PNL foi caracterizada como sendo oportuna e positiva, tendo sido destacados de entre os seus objectivos gerais o contacto directo com os livros proporcionado aos alunos (muitos deles provenientes de meios onde esse contacto é muito limitado ou inexistente), e também a orientação e as sugestões de escolha dadas aos professores no quadro já vasto (e em crescimento) da literatura infantil:

Eu acho que se calhar até já deveria ter sido criado há mais tempo, porque a partir do 25 de Abril notámos um grande “boom”, uma grande explosão de literatura infantil e acho que as crianças devem ter contacto com os livros, cada vez mais, porque isso também lhes dá muito calo. Eles vão buscar muito aos livros coisas boas para a sua vida, para as suas vivências. (Coordenadora)

E principalmente aqui estes miúdos, que nós aqui temos muitos que têm défice em valores. Os valores que eles têm pelos livros são muito melhor trabalhados assim. (2ª Professora)

Em formação cívica, por exemplo. Porque se nós formos e dissermos “Olha que tu não podes fazer assim, porque isto e porque aquilo!”, entra-lhes por um ouvido e sai-lhes por outro. Se eles ouvirem uma história em que um menino fez isto e não sei quê, e se essa história for devidamente explorada, eu acho que lhes fica muito mais lá na ideia tudo aquilo que estava na história, do que tipo ralhete da professora. (Coordenadora)

A continuidade do PNL no tempo também foi destacada como essencial para o seu sucesso, com destaque para o apoio monetário:

Acho que deve continuar. Porque se for só por um ano lectivo então se calhar nem valeu a pena! Porque agora é que estamos a iniciar. Então, está a ver, nós ainda nem sequer temos as obras, nem sequer fomos subsidiadas, não temos dinheiro ainda para nada! Estamos a fazer tudo por carolice.

Quando solicitada para avaliar os aspectos mais e menos positivos da existência do PNL, a coordenadora começou por destacar que as actividades e iniciativas que nele se enquadram são, na sua maioria, anteriores ao Plano. Foi também referida a existência de diversas formas de encarar o PNL por parte dos professores, nesta e noutras escolas do Agrupamento:

Em termos de biblioteca nós já trabalhávamos muito as histórias, aliás aqui no concelho de Beja acho que tem sido um dos pontos fortes de todos os nossos projectos, têm sido as actividades de dinamização de leitura. (...) Isto em geral. No entanto aqui nesta escola acho que as pessoas estão muito motivadas para trabalharem as histórias com os meninos, para trabalharem as poesias, para isso tudo. (...) Eu acho que a nível geral, os professores que já estavam despertos para isso, continuam a estar despertos e se calhar mais envolvidos ainda, por causa do PNL. Os que não estavam despertos, uns estão a despertar agora e outros continuam naquela: “fazemos porque somos obrigados”. Portanto é as três maneiras que eu vejo. (...) É que depois há o factor obrigação, não é? Também sabe isso... (risos) Porque as pessoas no início do ano até pensavam que não era obrigatório: “Faz quem quer. Então mas agora vens falar do Plano Nacional de Leitura para quê? Então o Plano Nacional de Leitura aquilo não é obrigatório! Só faz quem quer”. Era aí é que as pessoas estavam porque ninguém tinha ido ainda à net pensar e ver o que lá estava. Já havia, antes do PNL, professores que trabalhavam histórias com as crianças.

No entanto, havia pessoas que nunca as trabalhavam. E então eu acho que o que veio trazer de bom foi que pelo menos na sala de aula e na biblioteca escolar as crianças tivessem conhecimento dessas obras.

Foi várias vezes destacada a existência, por um lado, de professores que têm gosto e iniciativa em pôr em prática as actividades do PNL e, por outro, de professores que apenas fazem aquilo a que são obrigados, por vezes a contragosto. No contexto da cidade de Beja, foi referido como factor negativo o facto de muitos dos professores terem já alguma idade (por só conseguirem ir para a cidade em final de carreira) e oferecerem resistência à mudança e à inovação (por exemplo, não frequentam o sítio do PNL e não se informam acerca das novidades e das actividades sugeridas):

Aqui temos as duas faces da moeda. O PNL, vá, é obrigatório, mas uns fazem também porque gostam, mas os outros fazem mesmo só por obrigação. (Coordenadora)

Esses professores mais velhos estão já em final de carreira e não estão tão despertos para as novas tecnologias e para essas coisas. (2ª Professora)

Aqueles que estão já para se reformar, que acham que como não aprenderam até agora, vão-se reformar daqui a poucos anos, também já não vale a pena. (Coordenadora)

Um dos aspectos do PNL que pode ter vindo, de certa forma, “perturbar” as escolas, tem que ver com a acumulação de projectos e actividades que acabam por sobrepor-se e retirar tempo à leccionação das matérias; de igual maneira, os requisitos do PNL vieram levantar alguma resistência à mudança de hábitos e rotinas, assim como desafiar alguns professores que não colocam a leitura e a escrita no topo das suas actividades, não apenas lectivas como também pessoais:

Outros projectos às vezes que vêm, da polícia, sobre segurança, sobre isto, sobre aquilo (...). Já tenho ouvido certos comentários em que as pessoas dizem que têm que recusar coisas, porque senão daqui a pouco não conseguem dar a matéria. Eu acho que essas pessoas não conseguem articular muito bem, se calhar, a matéria que dão com os outros projectos. Aproveitando esses projectos, eles podem levar as pessoas a trabalhar a matéria do programa, não é? Mas essas pessoas não vêm isso, vêm como mais um acréscimo de uma obrigação de coisas que têm que fazer e que elas gostariam apenas de... Porque há pessoas ainda assim, infelizmente, que gostariam só de trabalhar com os manuais escolares. Não estou a falar em particular desta escola, percebe? Estou a falar da realidade que eu conheço. (...) Acho que se o Plano não fosse obrigatório haveria muita gente que não o trabalhava, mas mesmo muita gente. Sendo obrigatório, as pessoas [os professores] que não têm tanto gosto pela leitura, talvez o adquiram agora. É uma esperança que eu tenho, não sei... (Coordenadora)

Apesar de aqui ser um meio pequeno, nós temos escolas que trabalham essencialmente o manual escolar e mais nada, os professores. Temos outros casos que nem sequer há manual, que é o oposto completo! E há o intermédio, que trabalham o manual mas que também vão a outras obras. (2ª Professora)

No caso particular desta BE, o PNL também veio originar um número acrescido de solicitações dirigidas à coordenadora por parte dos outros professores, às quais ela teve alguma dificuldade em responder:

Para eu estar a fazer materiais para todas as salas, para as colegas trabalharem, eu não consigo! É impensável, porque são 19 turmas, não é? E penso que as pessoas às vezes gostariam de ter mais apoio da minha parte nesse sentido. No entanto, eu sou sincera: não consigo dar resposta porque as minhas horas mesmo assim, faço muitas horas em casa, além das horas que tenho para fazer na escola, para poder responder às solicitações todas.

Nesse sentido, foi referida a necessidade de o PNL envolver mais todos os professores, e não apenas os responsáveis pelas BEs, de forma a fomentar actividades mais diversificadas e em maior número. Em relação à Semana da Leitura, por exemplo, na Escola nº 2 de Beja tudo foi planificado e preparado pela equipa da BE, tendo os restantes professores apenas executado posteriormente as actividades.

Em relação à lista de livros do PNL, foi feita a sugestão de incluir mais “álbuns de imagens”, considerados particularmente apropriados para as características dos alunos da escola; também foi mencionado o número reduzido de livros para o pré-escolar presentes nessa lista:

Há certos miúdos que vão mais pela ilustração, os livros chamam-nos mais pela ilustração. (...) Os álbuns de imagens são livros que têm ilustração muito boa, alguns até têm ganho prémios, e aquela ilustração cativa as crianças! (...) Porque depois também podemos explorar a parte plástica.

O sítio do PNL foi avaliado de forma positiva, nomeadamente no que ao apoio aos professores diz respeito; a coordenadora disse utilizá-lo com alguma frequência:

Vou lá ver as inovações e o que é necessário. (...) Eu acho que aquele *site* da Internet está muito bem organizado. Eu acho que tem lá tudo e que, por vezes, tenho algumas professoras, principalmente uma que, pronto, não cito nomes mas aquela professora usa pouco os meios informáticos, e eu já imprimi tudo o que era possível do PNL e dei-lhe. Mas mesmo assim essa pessoa parece que não se consegue situar muito bem (...) e eu dou-lhe muitas ideias. (...) Na escola nº 2, por exemplo, tenho também um dossier só de Plano Nacional de Leitura, tudo o que está lá, para os professores que não dominam também a parte informática poderem ler tudo aquilo que vai saindo.

Ao nível do Agrupamento, o sítio é também utilizado como fonte de informação que é depois recolhida e difundida junto das várias escolas.

A marca Ler+ também mereceu uma apreciação largamente positiva:

Ainda há poucos dias, por exemplo, com a turma da professora Augusta, falámos em relação ao Plano Nacional de Leitura, se eles [os alunos] estavam a ter bem a noção do que era, do que é que estavam a trabalhar, e os miúdos disseram logo: “é o Ler+!”.

Relativamente à divulgação, quando ouviram falar do PNL na escola as professoras foram à Internet informar-se e pensaram que não era obrigatório, mas mais tarde descobriram que sim. A coordenadora da biblioteca imprimiu os materiais a partir da Internet e “andou à procura nas prateleiras de todos os livros que vinham lá na lista”, tendo sido realizada uma reunião com as duas professoras da escola e a educadora do Jardim de Infância e também com outra professora da escola nº 8 (uma vez que a BE pertence simultaneamente à EB1/JI e à Escola nº 8, que dista cerca de 1km da primeira) para escolha dos livros. Nessa altura pediram alguns esclarecimentos junto da equipa do PNL, que foram prestados com eficiência.

Posteriormente, já viram a divulgação do PNL na televisão e consideram que ela tem sido bem feita nas escolas e que tem chegado aos seus destinatários:

Eu vi agora naquela Semana da Leitura: o que os pais, os avós, os tios, todos eles queriam participar, e houve turmas em que chegaram a ir 4 e 5 pessoas por dia a contar histórias!

Obtém informação sobre o PNL através do *site*, no SABE da BM, através da responsável pela coordenação das BEs do Baixo Alentejo e Alentejo Litoral, e por difusão de informação a partir do Agrupamento.

Os projectos da BE, devido à pequena dimensão da escola, decorrem do planeamento que é feito a nível do Agrupamento. Está planeada uma feira do livro ainda durante este ano lectivo, assim como o projecto do *Livro Viajante* para o ano seguinte.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

Aqui a coordenadora referiu a existência daquilo que entende configurar uma diminuição do interesse e das práticas de leitura dos alunos à medida que vão atravessando os diversos ciclos de ensino, assim como a importância das BEs no desenvolvimento das competências de leitura e escrita:

Os miúdos no 1º ciclo lêem mais, requisitam mais e estão mais virados para o livro, mesmo do 5º e 6º anos, do que depois em relação ao 2º e ao 3º ciclos. Acho que as crianças mais pequenas, não sei se será por se estar a dar agora muito ênfase também à literatura infantil e trabalhar-se também nas escolas, e isto das bibliotecas escolares, né? Porque ao fim e ao cabo, também não há muito tempo, estas crianças terão agora, os primeiros utentes das bibliotecas escolares estarão agora aí nos seus 6º e 7º anos ou coisa assim. Então, acho que até essa altura os miúdos lêem, os miúdos levam para casa, os miúdos estão interessados. A partir dessa idade os miúdos parece que, ah, querem é net, *Messenger*, e mensagens de telemóvel e não sei quê. Já têm outras necessidades, outras maneiras de se entreterem. (...) Não sei se por começarem a fase dos namoricos, não sei... Têm outros interesses.

Relativamente ao panorama da literacia nesta escola em especial e também em termos mais vastos, foi referida a necessidade de envolver não apenas a escola como também as famílias no desenvolvimento de hábitos de leitura e de escrita:

As crianças que têm mais incentivos em casa têm mais apetência para os livros. Não é só a escola que poderá transformar a sociedade, os miúdos em casa também têm que ser trabalhados nesse sentido, porque se não for um trabalho conjunto, das famílias e da escola, não é assim que lá chegamos. Terá mesmo que ser articulado com as famílias. No entanto há famílias que não têm essas hipóteses, não têm nem cultura para isso, nem dinheiro para comprarem livros, apesar de os miúdos poderem levar da biblioteca. Mas também se eles não vêm nem o pai nem a mãe em casa a ler, se calhar também são capazes é de se agarrarem a alguma revista Maria que a mãe lá tem, porque muitos deles às vezes contam certas partes... Que a gente diz assim: “Onde é que foste ouvir isso?” “Na Maria!”.

Sugestões e propostas

Para a coordenadora, as expectativas em relação ao PNL prendem-se essencialmente com a sua continuidade no tempo e com a atribuição de financiamento. Também foi referida a necessidade de apostar ainda mais na sua divulgação na comunicação social, para que as famílias se envolvam no Plano, e também junto de pais e professores, sendo que estes últimos deveriam, na sua perspectiva, envolver-se mais nas actividades.

Caracterização da BE e da sua utilização/funcionamento (descrição e avaliação)

A biblioteca foi instalada em 2005, tendo começado a funcionar em 2006. Foi caracterizada como tendo um dos fundos documentais mais pobres e parcamente actualizado de entre as várias BEs do agrupamento (só existe 1 livro do PNL para o Jardim de Infância), uma vez que a sua aquisição pela Câmara, aquando da instalação do equipamento, levou em conta o número de alunos inscritos. O fundo de literatura infantil inclui muitos livros já antigos que pertenciam à escola antes da instalação da BE:

Há aí livros, por exemplo, que eu se tivesse mais livros, já não os tinha na estante. Tinha-os se calhar arrumado... a um canto não direi, mas às vezes há certos livros que são de literatura infantil e que têm já muitos anos, que eu acho que se forem trabalhados por um professor aquilo até faz sentido e dá proveito, dá resultado. Se a criança for e deparar-se com aquele livro, ele não lhe diz nada. Abre-o e não lhe diz nada, porque uma das coisas que chama mais é a cor e a ilustração, porque para crianças que não sabem ler então e crianças deste tipo, como lhe tenho estado a descrever, que são aqui crianças carentes e problemáticas, acho que chama-lhes muito mais à atenção, por exemplo, livros bonitos e actualizados do que outros que aí temos: [lendo de um livro retirado da estante] “Pobre do aleijadinho, minha mãe até chorou...”, quer dizer! Está a ver? Isto eram livros que já existiam na escola, estão aqui. (...) Estes livros, se calhar, já não deviam andar nestas prateleiras! No entanto, como o fundo

documental é pequeno acabam por estar. (...) Para o Jardim de Infância, só temos aqui um livro do PNL! Portanto, se a educadora quer trabalhar outros, terá que os ir buscar à BM, será por carolice dela! Porque sei que ela que trabalha muito as histórias, mas se calhar até nem lhe vou dizer que ela que tenha trabalhado muitas do PNL, porque também não as tem!

É também considerado que outros livros, destinados por exemplo ao 4º ano, não estão ajustados para as características específicas dos alunos desta escola:

Porque há ali livros que os miúdos gostam às vezes de ver e isso tudo, mas é mais ver, porque eles não conseguem, se lhes dermos aquele livro para a mão, aquilo que lá está escrito eles não conseguem digerir.

A BE está equipada com 1 computador com acesso à Internet, o que é considerado insuficiente embora a qualidade de acesso seja boa (é a BM que trata de toda a componente informática das BE: aquisição, arranjo, actualizações, etc.); está a ser estudada a possibilidade de aquisição de outro computador com o próximo pacote de financiamento para a BE. Existe outro computador na escola, na sala do 3º e 4º anos, mas sem acesso à Internet.

A BE dispõe de poucas revistas e jornais, materiais que são por vezes oferecidos e que rapidamente ficam desactualizados: “Não há verba para comprar”. Apenas na escola do Agrupamento existe assinatura de vários jornais e revistas: “Até porque depois como tem miúdos já mais velhos que estão mais despertos para isso, há 2 ou 3 jornais que são muito requisitados, tipo A Bola e mais não sei quê.” (2ª Professora)

Apesar disso, a BM fez uma requisição de verba para aquisição de pelo menos uma revista por parte das várias BEs de 1º ciclo. É contudo partilhada a ideia de que “há falta de revistas para este nível etário. A não ser o *Amiguiño*, que é uma coisa já muito conhecida. De vez em quando temos aí alguns exemplares”.

A avaliação feita do espaço e mobiliário da BE foi moderadamente positiva:

Em relação ao público que tem, não está assim tão mau como isso tudo. Mas no entanto acho que todos os anos deveria ser investido um pouco por parte da Câmara. Por exemplo, este ano praticamente ainda foi quase nada.

Esta BE tem-se defrontado com escassez de recursos humanos ao longo do presente ano lectivo. A coordenadora, que reparte o seu tempo por outras 3 BEs e 19 turmas de várias escolas, só lá vai às quintas-feiras, o que significa que o equipamento permanece habitualmente fechado, excepto quando os professores aí realizam actividades com as turmas. Por isso mesmo, as modalidades da sua utilização foram sempre limitadas, embora agora menos:

Nós também no agrupamento nos vemos cada vez com menos recursos humanos. (...) Então torna-se um bocado difícil de gerir o tempo porque as coisas são muitas, porque além de trabalharmos a leitura e a escrita e de incentivar os miúdos para a leitura e para a escrita depois também temos os outros projectos conjuntos com as outras escolas, como foi este agora do 25 de Abril (...). E depois temos que ter horas, muitas das vezes prejudicando as crianças no sentido de não trabalhar, por exemplo, livros e histórias com eles. Quer dizer, não considero que seja prejudicar porque no fundo eles também vão ter algum rendimento disso (...) eles também desfrutaram disso, não é, mas já não se pôde fazer a seguir aquela calendarização que nós estávamos a seguir. Portanto é nesse sentido é que eu digo que há falta de recursos humanos.

Duas semanas antes da visita tinha sido colocada na biblioteca, através de um projecto endereçado ao Centro de Emprego, uma funcionária que estava ainda em processo de formação; a sua situação é contudo precária, o que muito preocupa os responsáveis da escola. No ano passado estava de serviço à BE uma professora à beira da reforma, que fazia o horário completo e que possibilitou um aproveitamento diferente do equipamento.

A escassez de recursos humanos tem vindo a afectar outras BEs do Agrupamento: “Há 3 anos nós tínhamos 7 animadoras, para o Agrupamento inteiro. Neste momento temos uma.”

Como foi referido, a biblioteca esteve geralmente fechada por falta de funcionários durante o ano lectivo. No dia semanal em que a coordenadora está presente, são realizadas actividades com cada uma das turmas, durante cerca de 1h30. Nos outros dias, os professores podem utilizar a biblioteca com as turmas para trabalharem leituras, língua portuguesa, trabalhos de Projecto e utilização do computador para pesquisa orientada na Internet. A BE serve também para acolher as actividades de ocupação de tempos livres.

A partir da altura em foi possível colocar uma funcionária na BE, esta passou a estar aberta durante a hora de almoço para que os alunos que permanecem na escola a possam utilizar. Também a partir daí a BE passou a ser de livre acesso, desde que não esteja a ser ocupada por uma das turmas em actividade com uma das professoras.

Segundo a coordenadora, os alunos não procuram muito a biblioteca – “nas outras escolas onde eu estou acho que eles procuram mais” – o que se prende com o facto de a biblioteca ser recente e de não permitir o livre acesso até há muito pouco tempo atrás, o que faz com que os alunos ainda não tenham adquirido o hábito de a frequentar, ou “aprendido” as formas de a utilizar. A coordenadora aproveitou também para tecer alguns comentários a esse respeito:

Aqui é um bocado difícil nós às vezes gerirmos os comportamentos deles. (...) Em relação à forma de estar dos meninos, não podemos ter muitos aqui em actividades livres, portanto temos que ir gerindo isso: se vemos que já estão aqui uns oito ou nove, já não há hipóteses de mais, porque eles depois às vezes pegam-se ou a um CD, querem os dois o mesmo! Depois querem todos jogar no computador ao mesmo tempo, depois querem todos... Ainda não estão percebendo que cada um poderá fazer a sua actividade independente... (Coordenadora)

Está a ser iniciado agora um trabalho com eles nesse aspecto (2ª Professora)

No entanto nas outras bibliotecas já não se passa isso. Eles percebem que quando está lá um colega que não pode ir outro, claro. Ou muitas das vezes jogam a pares ou isso, e há mais computadores também e há mais recursos. Aqui não. (...) (Coordenadora)

Na descrição desse “trabalho” que está a ser feito junto dos alunos, de aprendizagem de utilização da BE, foram também referidas algumas práticas de “desincentivo” relativo a determinadas formas de utilização:

Outros, outras vezes, querem ver filmes. Por vezes na hora do intervalo eu digo-lhes: “Olhem, filhos, é assim, vocês vão ver um filme mas só vêem um bocadinho do filme!” Porque os filmes não dá para eles verem na hora do intervalo, que a hora do intervalo é 20 minutos ou isso, eles também têm que ir comer, tem que ir à casa de banho, têm que ir gastar as energias, porque se não depois quando vão para dentro da sala então é que são elas, não é? (risos)

No âmbito das modalidades de utilização “mais livre” da BE, aquilo que os alunos mais procuram é a Internet ou os jogos de computador; o visionamento de filmes também assume alguma importância. Segundo a coordenadora, a maior parte das coisas que eles gostam de pesquisar na Internet são “coisas que lhes digam alguma coisa, que tenham que ver com as vivências deles e com as vivências aqui do bairro.” Nos livros, que não são muito procurados, os alunos gostam essencialmente dos “de histórias” e dos ilustrados, “os mais chamativos”.

Existe empréstimo domiciliário de literatura infantil, embora não tenha grande expressão, até pela existência do projecto *Livros Andarilhos* anteriormente referido. Esse projecto assume por isso grande importância:

Em relação a alguns miúdos que nós vemos aqui, aqueles que têm mais dificuldades, às vezes também é: aquele livro durante aquele dia ou aqueles dias, para eles é o livro deles! (...) Pode ser às vezes que o livro em casa nem seja visto, quase, mas o livro foi deles naquela altura. É muito importante. Assim houvesse possibilidades de outras coisas, certos jogos, poderem também ser facultados. (2ª Professora)

É como se fosse deles. E eles em casa não têm nada disso. (Coordenadora)

A noção existente é a de que os alunos apreciam a biblioteca, nomeadamente por ser um espaço distinto relativamente à sala de aula. Tal como nas outras BEs visitadas, as ideias existentes acerca das modalidades de utilização e das características dos alunos que as frequentam são relativamente vagas e não apoiadas em indicadores ou formas mais sólidas e regulares de avaliação:

Se eles gostam de estar aqui? Olhe, eu penso que sim, mas por acaso essa pergunta ainda nunca lhes fiz. Eu penso que eles que gostam de vir à biblioteca, que se sentem bem. (...) Eles acham que este sítio aqui até é um sítio, pronto, apesar de não ser das melhores bibliotecas, é um sítio assim acolhedor onde eles se sentem bem. (...) É um ambiente, dentro da própria escola, um bocado diferente daquilo que é mesmo a sala de aula, um ambiente mais acolhedor para eles. (Coordenadora)

É porque as casas deles são de tal maneira que aqui acaba por ser... Sentem-se bem, é acolhedor. (...) E em casa não têm possibilidade de chegarem aos recursos que aqui têm, não é? E então vêm mais esses, se calhar. (2ª Professora)

Eu até acho que sim, que se calhar os miúdos mais carenciados sejam os que mais procuram. (...) E apesar de depois, às vezes, começarem-se a gerar conflitos, porque esses mais carenciados também são os mais conflituosos. Não estou a pôr nada em cheque! Mas a realidade que nós vemos é essa. Eles também são conflituosos por algum motivo, não é? (...) Às vezes aos pontapés e não sei quê, porque eles são um bocado agressivos... (Coordenadora)

A biblioteca é considerada essencial para proporcionar aos alunos o contacto com os livros e com os computadores, sendo que a dispersão da coordenadora por várias BEs, dificulta, no seu entender, o desenvolvimento de um trabalho mais profícuo de estímulo à leitura:

À maior parte deles [a BE] dá-lhes aquilo que eles não têm em casa, que é contacto com os livros e também contacto com meios informáticos que eles aqui não há muitas crianças que tenham computador em casa. (...) Eu gostaria mais de estar mais tempo em cada uma das bibliotecas, para poder realizar mais coisas e para poder estar mais próximo dos alunos, porque assim não estou, porque com 19 turmas... Quando eu estava destacada só numa biblioteca, eu tinha uma relação com as próprias crianças, e eu sabia o que elas necessitavam e agora não sei, porque eu tenho 19 turmas! Está a ver? É muito complicado. E creio que os recursos humanos em relação às bibliotecas cada vez vão ser menos, por aquilo que se vê e que se ouve, entre aspas, à boca pequena, é que cada vez nós teremos que desdobrar mais o nosso serviço por outras bibliotecas. Um acompanhamento mais próximo é muito importante mesmo. Não é um dia que eu venho aqui que consigo fazer aquilo que eu gostaria de fazer e aquilo que é necessário para esta escola, não é. Tenho consciência disso.

A utilização que as raparigas fazem da biblioteca quando em livre acesso, mais individualizada, difere da dos rapazes, que a utilizam geralmente em grupo e que acabam por originar apropriações mais turbulentas da BE:

Os rapazes, há aqueles [sic] clagues, aqui. Aqueles clãs. (Coordenadora)

Para onde vai um, vão todos, desses. (2ª Professora)

Mas depois acabam por guerrear. São muito amigos, mas depois acabam por guerrear, quase sempre. (Coordenadora)

Os professores também utilizam o computador disponível na BE para os seus próprios trabalhos.

Nunca foi feita divulgação por escrito dos serviços, recursos e formas de utilização da biblioteca junto dos alunos ou das famílias, nem a aprendizagem dessa utilização parece ser acompanhada de forma sistemática:

Quando eles vêm à biblioteca, a todos eles já foi explicado o local dos livros, onde podem procurar, por letras do alfabeto do autor.

A todos os alunos? (Entrevistador)

Sim, mas creio que se for perguntar aqui ao lado ao meninos de 1º e 2º ano, os meninos são capazes de não lhe saber dizer. (...) Porque eles não dominam ainda a leitura e a escrita! Também tem a ver com isso, não é? (...) Os do 3º e 4º anos, creio que sim, que todos eles já sabem onde hão-de procurar as coisas. Também é um bocado... Os miúdos aqui ouvem agora mas depois esquecem logo a seguir. Assim se passa também com o resto das matérias.

Ao nível do Agrupamento, onde todas as escolas possuem BE (8 escolas, 2 professores coordenadores e 1 animador), e do próprio SÁBE, as BE das escolas nº 2 e nº 7 são consideradas como as bibliotecas-mãe, onde a coordenadora passa mais tempo; nas outras faz essencialmente “serviço de coordenação”: “Mas como está a ver, tem sido um bocado difícil fazer serviço de coordenação aqui, porque só me posso coordenar a mim! (risos)”.

O panorama global do Agrupamento ao nível das diversas BEs é caracterizado por alguma diversidade:

Há três ou quatro que estão apetrechadas com mobiliário, com tudo isso, como esta está. Temos as outras bibliotecas que não têm nada, praticamente. (2ª Professora)

Não é propriamente uma biblioteca, são aquelas escolas pequeninas que têm um pacote, têm um conjunto de livros que serve aquela população escolar. (Coordenadora)

Tem-se tentado ir alargando sempre. O próprio agrupamento tenta sensibilizar os professores coordenadores desses estabelecimentos para adquirirem livros, adquirirem isso para ampliar a biblioteca que têm. Outras vezes são livros que são requisitados à Câmara Municipal. (2ª Professora)

A biblioteca do Agrupamento funciona na escola nº 2, que fica a 2 km da escola nº 1 e serve as outras escolas. Ainda não existe uma base de dados a nível das várias BEs do Agrupamento, estando a BM neste momento a dar apoio na sua construção; essa base é considerada pela coordenadora como sendo essencial para o funcionamento de todas as BEs e para a realização das actividades baseadas nos livros.

Os alunos da escola nº 8, a cerca de 1km, deveriam ter as actividades extra-curriculares na BE, mas isso nunca chegou a acontecer por não haver transporte, pelo que a coordenadora aí se desloca também às quintas-feiras, quinzenalmente, repartindo assim o tempo que deveria dedicar apenas à BE da EB1/JI nº 1.

São realizados projectos em articulação com outras escolas do agrupamento: a *Escola Primária Antes do 25 de Abril*, por exemplo, foi feito em conjunção com a escola nº 7, a BM e a Associação de Pais. Têm estado a decorrer as *Olimpíadas da Leitura*, com a participação do 1º, 2º e 3º ciclos de todas as escolas.

Ao nível do concelho de Beja e em articulação com o SÁBE, está definido um período semanal – tarde de sexta-feira – para os coordenadores das BEs fazerem pesquisas, irem à BM, irem às livrarias, etc. No quadro da BM de Beja, existem reuniões esporádicas entre os coordenadores das BE do concelho e o SÁBE; essas reuniões tinham periodicidade mensal, embora no presente ano lectivo isso não aconteça devido à falta

de recursos humanos na BM. São dinamizadas pela responsável do SABE da BM, e pela responsável pela coordenação das BEs do Baixo Alentejo e Alentejo Litoral.

Entre a BM e as BE do Agrupamento existe um fundo rotativo de livros, criado pelo SABE e adquirido pela BM. Esse fundo serve principalmente as bibliotecas que têm um fundo documental mais pequeno. Em termos mais gerais, a BM dá apoio à elaboração de projectos e actividades e também algum apoio monetário. Aquando da celebração do 25 de Abril, a BM disponibilizou o auditório para que fossem realizadas as actividades das escolas do concelho e para a realização de um colóquio e de uma exposição acerca da *Escola Primária Antes do 25 de Abril*.

Foi-nos dado todo o apoio. Todo o apoio que nós necessitamos, é difícil ser-nos negado, podemos dizer isso. Porque realmente nós sabemos que eles estão muito comprometidos em termos de tempo e de pessoal. Aliás, como se calhar em todos os sítios, porque nós também no agrupamento nos vemos cada vez com menos recursos humanos.

A BM também é responsável pela atribuição anual de verbas às BEs: “Por acaso este ano ainda cá não chegou, eles devem estar com falta de verbas. Ainda nos estamos a governar com a verba do ano passado.”

Na escola consideram que existe uma relação muito estreita e profícua com a BM, responsável pela articulação com as BEs de 1º ciclo e Jardins de Infância. Já relativamente aos 2º e 3º ciclos, é o Ministério da Educação o responsável pela disponibilização de verbas para o Agrupamento, que por sua vez as distribui pelas várias BEs. Neste agrupamento, a grande fatia desse orçamento vai para a “biblioteca-mãe”:

Eles também se deparam com problemas monetários, pronto, quer dizer, a gente pede, mas... Pedir não faz mal, mas só que às vezes não somos atendidos como nós gostaríamos de ser, mas... Nesse aspecto, no aspecto monetário, porque todos os outros aspectos, a nível técnico e outros, nós somos atendidos do melhor que pode haver. A nível monetário, coitados, eles também não têm, olha! (risos) Isto vivemos num país pobre, temos que viver com aquilo que temos... (risos)

As Juntas de Freguesia costumam dar algum apoio logístico às BEs, quando solicitado (transporte de materiais, nomeadamente). Não foram referidos outros apoios externos.

A RBE (contactos, importância, avaliação)

O Agrupamento da escola integrou a RBE desde que esta foi criada. As primeiras bibliotecas da RBE foram as das escolas nº 2 (BE do agrupamento) e nº 7. Relativamente às outras escolas, houve algumas dificuldades de integração na RBE devido ao baixo número de alunos de cada uma; assim, a integração tem sido feita a várias velocidades.

Esta BE pertence à RBE desde que foi criada, há cerca de 3 anos, sendo através da Rede que é feita a monitorização anual standardizada das actividades do equipamento: descrição dos materiais disponíveis, conservação das instalações, espaço, mobiliário, fundo documental, etc. O apoio dado pela RBE à BE em termos monetários resumiu-se praticamente àquele que foi dado aquando da sua integração na rede e consequente instalação: pacote de livros, mobiliário e equipamento informático.

Recentemente, outra escola do Agrupamento, a nº 6, recebeu 2500€ da RBE, que foram aproveitados para aquisição de alguns livros do PNL, dado a escola não ter recebido financiamento.

Foi também referido que, ao nível da formação de recursos humanos, a RBE tem dado algum apoio, nomeadamente fazendo pressão junto do Centro de Formação para que sejam ministrados cursos a nível das

bibliotecas. Foi ainda dito que, este ano, a formação para professores em Bibliotecas e em Tecnologias da Informação foi prioritária para o Ministério da Educação.

Todo o restante apoio técnico da RBE é prestado através da responsável pela coordenação das BEs do Baixo Alentejo e Alentejo Litoral.

Em termos da avaliação da RBE e das expectativas para o futuro, foi reafirmada a vontade da coordenadora em ocupar-se apenas de uma ou duas bibliotecas; na sua perspectiva, a RBE poderia fazer pressão nesse sentido junto do Ministério da Educação. Foi considerado injusto, por exemplo, que “seja dado mais valor” aos professores do 8º e 9º escalões que queiram concorrer a Professores Titulares e que tenham uma turma, o que não acontece com alguns coordenadores de biblioteca, algo que, na perspectiva da coordenadora, coloca ainda mais pressão sobre os (escassos) recursos humanos disponíveis:

Nós aqui também trabalhamos! E trabalhamos com crianças também, directamente. Portanto não se percebe essa situação. (...) Não somos assim muito bem vistas [as responsáveis das BEs], parece que somos assim... estamos destacadas, oh! Destacadas, parece que é uma boa vida, que é um tacho, quando não é nada disso.

2.14. Biblioteca Escolar da Escola Básica Integrada de Salir (Loulé)

2.14.1. Relatório de visita

A Biblioteca possui um espaço para os alunos do pré-escolar e do 1º ciclo, com um computador, uma televisão e tapete com jogos. Existe, junto da recepção, um espaço de leitura de jornais e uma zona de leitura informal, com sofás. Para além das estantes, que se encontram divididas por diferentes temas (ex: História, Literatura Portuguesa, Literatura Inglesa...), a BE conta com uma zona de produção gráfica e um espaço multimédia (DVDs, computadores, aparelhagens).

2.14.2. Entrevista a Coordenadora da BE

Perfil da entrevistada

35 anos; licenciatura em Línguas e Literatura Modernas (Português/Alemão); há 4 anos que desempenha o cargo de coordenadora da BE, sendo, também, desde 2006 coordenadora da equipa de coordenadoras de Bibliotecas Escolares do concelho de Loulé.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na escola e na biblioteca

O plano de actividades concebido para a implementação do PNL pretendeu acoplar actividades que, ao longo dos últimos anos lectivos, foram sendo desenvolvidas pela escola. Neste sentido, a execução do Plano centrou-se, sobretudo, nas actividades realizadas nas salas de aula (leitura em sala de aula, leitura acompanhada, sessões de leitura com pais) e nas acções de formação de utilizadores promovidas pela BE. A partir destas actividades, foram dinamizadas dramatizações inspiradas em obras recomendadas pelo PNL,

feiras do livro (duas por período) e a *Caça aos Livros* – um *peddy-paper* criado pela biblioteca que, no âmbito da formação de utilizadores, incentiva os alunos a pesquisarem livros, através de pistas soltas como a cota, o título, o autor, a editora, etc.

A formação de utilizadores é no sentido de autonomizar os alunos na procura de informação na biblioteca. Eles dispõem de um computador para pesquisa, porque eles, muitas vezes, não sabem onde a informação se encontra. Portanto, basicamente, é dar-lhes algumas directrizes para eles procurarem a informação, por cota, estante, pelo assunto, uma vez que toda a sinalética da biblioteca está organizada por assunto, por cores, por cotas. O objectivo é tentar que eles encontrem no menor tempo possível, o maior número de informação. O ideal seria eles chegarem à biblioteca e nem precisarem de ir à zona de atendimento, serem tão autónomos que conseguissem obter a informação por eles.

Os alunos mais velhos participaram, ainda, em sessões de leitura destinadas aos alunos do 1º ciclo. Fora da escola e das horas normais de funcionamento, e em colaboração com a Biblioteca da Junta de Freguesia de Salir, têm sido desenvolvidas actividades destinadas à comunidade local como dramatizações e *Horas do Conto*.

Um dos pontos essenciais do plano de implementação do PNL atribuída à BE, em colaboração com os departamentos disciplinares, a coordenação das actividades a serem realizadas.

Os alunos...aqui, portanto, é uma comunidade rural e os alunos não têm muito acesso a livros, este ano já temos uma biblioteca que funciona na Junta de Freguesia, mas até ao ano passado a única biblioteca que eles dispunham era a biblioteca da escola. Portanto, tem vindo a ser feito um esforço [pela escola] de promoção da leitura, porque eles não têm outra hipótese.

No entanto, as recentes alterações curriculares promovidas pelo Ministério da Educação referentes às aulas de substituição e de estudo acompanhado, bem como à área de projecto, alteraram os padrões de utilização das bibliotecas escolares. Antes da implementação das aulas de substituição, os alunos dirigiam-se à BE para estudar ou elaborar alguns trabalhos. De forma a rentabilizar os recursos, a EBI de Salir procurou disponibilizar o espaço da biblioteca para as aulas de estudo acompanhado e para a realização de trabalhos relacionados com a área de projecto. Dentro dos temas de cada programa, os coordenadores dos departamentos definem os modos de utilização da biblioteca, reservando o espaço da Biblioteca para aulas, sessões de estudo ou de pesquisa.

A execução do PNL na EBI de Salir contou com a participação, no 2º ciclo, das disciplinas de Português, Estudo Acompanhado e Área de Projecto. No 1º ciclo, bem como no pré-escolar, os docentes têm recorrido aos momentos de leitura concedidos pelo programa. Os níveis de ensino leccionados na EBI de Salir (incluindo o pré-escolar e o 3º ciclo) estiveram envolvidos nas actividades relacionados com o Plano. Durante a Semana da Leitura, os alunos do 3º ciclo colaboraram, esporadicamente, em algumas dramatizações, através de participações como actores ou na construção de cenários.

Todas as actividades foram dinamizadas pelo corpo docente da escola e pela equipa de coordenação da BE, tendo contado com a participação de professores de outras disciplinas, funcionários, alunos e encarregados de educação. Os pais dos alunos, segundo a professora de contacto, têm revelado um grande interesse pelas acções desenvolvidas pela escola. A adesão dos alunos estrangeiros ao PNL tem sido muito positiva, tendo revelado uma enorme adaptabilidade à leitura de textos em Português. Os pais oriundos de comunidades imigrantes participam activamente nas actividades da escola, sendo regulares as suas visitas à EBI de Salir. A própria comunidade local tem participado bastante nas iniciativas de promoção da leitura,

uma vez que, segundo a professora de contacto, grande parte da população está empregada na EBI de Salir. A Junta de Freguesia de Salir (Biblioteca e Centro Comunitário) e a Câmara Municipal de Loulé, através da Biblioteca Municipal, têm colaborado com a escola na dinamização das actividades relacionadas com o PNL. Os encontros com escritores, por exemplo, têm o patrocínio da autarquia.

A organização das actividades de leitura em sala de aula é definida pelo Conselho Pedagógico e, posteriormente, pelo Departamento de Português, estando a cargo de cada professor a implementação da orientação estabelecida, tendo em conta as características das turmas e as exigências dos programas. Algumas actividades são, também, preparadas através de conversas informais entre os docentes.

A nível do pré-escolar, a leitura em sala de aula é acompanhada pela elaboração de ilustrações, cartazes e pequenas dramatizações. As características específicas deste nível de ensino, onde predominam as actividades de leitura em sala de aula, obrigam a que sejam trabalhados vários títulos ao longo do ano lectivo, sendo que alguns estavam inseridos na lista de recomendações do PNL. No 1º ciclo, têm sido realizadas várias actividades a partir da leitura de livros recomendados pelo PNL na sala de aula, como recontos de histórias lidas, dramatizações, ilustrações ou mesmo apresentações em ficheiros *PowerPoint*. Quanto ao 2º ciclo, foram criados poemas a partir das obras trabalhadas na aula, pesquisas bibliográficas ou temáticas na *web*, elaboração de BDs, contos adaptados de alguns títulos que foram lidos, etc. O 3º ciclo tem seguido uma estratégia que articula a leitura orientada com a leitura recreativa. A partir das obras tratadas na sala de aula, como *Ulisses* de Maria Alberta Meneres, os alunos realizaram vários trabalhos de investigação literária e histórica, produziram bandas desenhadas de alguns excertos, leituras em voz alta, declamação e recuperação de poemas que se inserem no tema dos livros, debates sobre as obras, etc. Têm sido, ainda, formadas bibliotecas de turma no pré-escolar e no 1º e 2º ciclo. A maior parte das actividades decorre durante as horas destinadas à leitura pelos programas, embora existam vários casos em que os professores estendem os momentos de leitura para além do tempo diário, ou semanal, previsto.

Exceptuando o pré-escolar, a maior parte dos livros adquiridos com o reforço orçamental pertenciam à lista de recomendações do Plano. Tem sido feito um esforço para facilitar a circulação de livros entre a EBI de Salir, as escolas-pólo e os restantes estabelecimentos de ensino do agrupamento, no sentido de aumentar as ofertas de leitura aos alunos e, ao mesmo tempo, rentabilizar os recursos existentes na BE. Por outro lado, como o fundo documental da BE ainda não consegue responder às necessidades da escola e do agrupamento, estão a ser estudadas várias formas de assegurar uma renovação e expansão do catálogo actual. A maior parte dos livros que foram adquiridos através do reforço orçamental do PNL estão nas salas de aula. Em cada nível de ensino, os livros circulam entre as várias turmas. No final do ano lectivo, os livros regressam à BE que, na reabertura da escola, assegura a sua circulação pelas turmas.

Para além dos livros, os professores recorrem habitualmente a revistas, jornais, CD-ROMs, DVDs ou à Internet. Foi também mencionado que, a partir do 3º ano, os alunos elaboraram várias actividades de desenvolvimento de competências escritas como resumos de livros e textos, recontos ou bandas desenhadas.

A abertura da Semana da Leitura decorreu na Junta de Freguesia de Salir, numa cerimónia que contou como uma sessão de leitura realizada por encarregados de educação. No dia 6 de Março, foi afixado, na escola, um cartaz gigante com frases de alunos sobre os livros da sua vida; decorreram, ainda, um concurso de declamação de poemas (Concurso Recital de Poesia) e sessões de leitura com encarregados de educação e alunos de outros ciclos e turmas do pré-escolar e do 1º ciclo. No dia 7 de Março, realizaram-se várias sessões

de leitura e um concurso de leitura. No dia seguinte foi inaugurada uma feira do livro dedicada, apenas, aos livros que compõem a lista de recomendações do PNL; ao mesmo tempo, prosseguiram os concursos de leitura e realizou-se uma sessão de leitura para os alunos do pré-escolar no Centro Comunitário. O encerramento da Semana foi celebrado com a leitura de *O Capuchinho Vermelho* em português, inglês, russo e italiano por alguns encarregados de educação.

A Semana da Leitura foi fortíssima, fizemos muitas actividades. Tivemos muito pais que vieram à escola para contar histórias, dentro da sala de aula e fora da sala de aula. Posso dizer-lhe que uma das dramatizações foi ela [a directora da escola] que fez.

Entre professores e alunos, predominou a ideia que a escola deveria realizar mais actividades semelhantes. Para os professores a Semana foi um momento que consegui agregar várias actividades que, até então, se encontravam dispersas, enquanto que para os alunos constitui uma ruptura no quotidiano da escola.

Houve uma adesão, ao nível das entidades locais, que foi óptimo. Os miúdos sentiram que estiveram a trabalhar e que houve reconhecimento. Tivemos artigos de jornais sobre as actividades que desenvolvemos. Foi positivo (...). Eles adoraram, aliás, eles estão sempre a dizer que devia haver mais semanas da leitura. Essa semana, como foi uma semana em que eles investiram muito nestas actividades e houve esse reconhecimento... Foi muito agradável, porque houve uma partilha enorme entre pais, professores e alunos na organização das actividades. Tivemos que nos reunir na escola e fora da escola. Houve uma grande aproximação. Uma das coisas que escrevi no relatório que enviei para o Plano Nacional de Leitura foi isso mesmo.

Até ao final do ano lectivo 2006/2007, continuariam a ser desenvolvidas as actividades de leitura em sala e as acções de formação de utilizadores. Seria, ainda, realizada uma cerimónia de encerramento do ano lectivo que iria apresentar um *best of* das actividades relacionadas com o PNL (dramatizações, exposições de ilustrações, leitura de textos escritos por alunos, etc.). Quanto a encontros de escritores, a escola aguardava a confirmação de uma visita de António Mota.

Ainda não tinham sido ponderadas novas actividades para o ano lectivo 2007/2008. Todavia, após as reuniões, em Conselho Pedagógico, sobre o balanço do Plano Anual de Actividades, seriam definidas novas iniciativas relacionadas com o PNL, sobretudo, orientadas para os encarregados de educação.

Dentro da escola, a divulgação tem incidido sobre painéis promocionais e em artigos ou anúncios no jornal da Associação de Pais. No que concerne à comunidade local, as actividades têm sido divulgadas através da imprensa regional (*O Louletano, Região Sul*). Todos os meses, a coordenadora do PNL e da BE elabora uma lista com as acções programadas para as semanas seguintes que são divulgadas entre os alunos. De acordo com a entrevistada, a divulgação das actividades é garantida por meios informais, uma vez que pelo menos metade da população da freguesia trabalha na EBI de Salir, ou tem um familiar a estudar, ou a trabalhar, na escola.

Até ao 2º ciclo, a participação de pais e encarregados de educação é mais intensa, algo que foi justificado pela professora de contacto pela idade dos alunos. Todavia, os encarregados de educação e as famílias dos alunos procuram participar nas actividades abertas à comunidade local. Desde o lançamento do PNL que tem sido registado um aumento no número de requisições de livros na BE, sobretudo entre os alunos do 1º ciclo.

Embora tenha considerado que o Plano não dificultou o funcionamento e a planificação de actividades na escola, a professora de contacto criticou os atrasos verificados na recepção das verbas do

reforço orçamental, que terão obrigado a que algumas actividades de leitura só fossem implementadas, no início do 2º Período, após a aquisição dos títulos seleccionados.

De facto, o reforço orçamental terá sido decisivo para o sucesso do Plano e para a afirmação do papel da BE na escola. Os apoios financeiros possibilitaram a implementação de actividades que, sem o lançamento de uma iniciativa nacional de promoção da leitura, não conseguiriam ser desenvolvidas, tendo promovido um momento de reunião de práticas dispersas por diferentes professores ou turmas. Por outro lado, o interesse mediático do PNL aumentou o interesse dos pais pela escola, levando-os a participar em algumas actividades.

Para já, o facto de termos mais livros. Foi óptimo (...). Depois, ter permitido que fossem realizadas uma série de actividades que, se calhar, estariam aqui pensadas e se não houvesse um PNL não teriam sido assim, ou ficaria para depois e não acabavam por nunca se realizar. Foi bom nesse sentido, porque motivou toda a comunidade escolar para o mesmo objectivo (...). Não tinha havido tanta divulgação.

No decorrer da entrevista, a professora de contacto considerou que seria difícil antecipar eventuais resultados ou efeitos do Plano na escola ainda no primeiro ano de implementação, apesar de ter sido observada uma adesão significativa da população escolar.

Em termos de avaliação global e geral daquilo que decorreu, eu acho que ainda é muito cedo. De facto houve adesão dos alunos, eles mostraram-se sensíveis e que, talvez, começassem a ver o livro de uma outra forma. Mas, se calhar, não temos os instrumentos necessários para verificar, de facto, se é assim. Isto é um pouco por intuição daquilo que se vai observando. Penso que é muito. Se calhar daqui a dois anos já se consegue ter uma ideia e fazer uma avaliação com cabeça tronco e membros. Isto é um pouco intuitivo, daquilo que nós podemos intuir e da forma como os alunos reagem àquilo que tem sido feito.

Nos próximos dois anos, contudo, será possível observar efeitos e resultados concretos sobre a implementação do PNL nas escolas. A maior proximidade com o livro, que foi promovida, por exemplo, na Semana da Leitura, conseguiu sensibilizar os alunos para a importância da leitura, mas esta tendência só poderá ser analisada quando a escola possuir instrumentos de avaliação próprios. Por outro lado, ao incluírem a participação dos pais, as iniciativas desenvolvidas no âmbito do PNL tiveram como resultado um maior interesse dos encarregados de educação pela escola.

O Plano Nacional de Leitura na sua organização

A EBI de Salir tomou conhecimento do PNL no mês de Setembro, após as várias reuniões com o grupo concelhio de bibliotecas escolares de Loulé e a Câmara Municipal de Loulé, que contaram com a presença da Comissária do Plano, Isabel Alçada. A RBE enviou, também, um e-mail que apresentava os objectivos gerais do PNL. A 3 de Outubro, a EBI de Salir recebeu uma carta da Comissão do PNL a indicar os procedimentos necessários para processar o registo da escola. Após a recepção desta carta, o Conselho Executivo e, mais tarde, o Conselho Pedagógico, decidiram, tendo em conta a opinião dos departamentos de Português e da equipa de coordenação da BE, registar a EBI de Salir no PNL, tendo a coordenadora da BE sido encarregada de preencher a ficha de registo e elaborar um projecto de promoção da leitura que envolvesse os diferentes níveis de ensino.

Depois de concluído o processo de registo, os contactos com o PNL têm decorrido de forma esporádica, consistindo apenas no envio de relatórios sobre as actividades realizadas pelos professores ou em breves contactos telefónicos para o esclarecimento de dúvidas. Segundo a professora de contacto, um dos

motivos para a irregularidade dos contactos com o PNL deve-se ao facto de a Comissão ainda não ter respondido, ou comentado, a documentação que foi enviada pela escola.

A professora de contacto visita regularmente o *site* do PNL (“pelo menos uma vez por semana”) e, como desempenha o cargo de coordenadora das coordenadoras de bibliotecas escolares do concelho de Loulé, consulta diariamente o *site* da RBE, uma vez que tem como responsabilidade informar todas as escolas quanto aos processos de implementação do PNL e o próprio funcionamento da Rede.

Para além da ficha de registo, os professores dos níveis de ensino abrangidos pelo Plano elaboraram um projecto que procurou conciliar os programas curriculares com as orientações propostas pelo PNL, numa tentativa de atribuir a todas as actividades planeadas uma linha de execução comum. De acordo com a ficha de projecto apresentada, as dramatizações, as sessões de leitura, a formação de bibliotecas de turma, bem como a realização da Hora do Conto e de encontros de escritores, assegurariam a implementação do Plano na escola, em paralelo com as actividades previstas para a sala de aula. Até à data da entrevista, o projecto decorria de acordo com a sua planificação inicial, tendo sido afirmado que o interesse dos alunos “superou as expectativas”.

Como a maior parte das escolas do agrupamento encontram-se a distâncias superiores a 20 km, estas actividades, têm possibilitado uma maior comunicação entre docentes e um intercâmbio entre os alunos, facilitando a transição do 1º ciclo para o 2º ciclo. A concepção do plano de actividades para o PNL previa a realização de iniciativas conjuntas, inserindo-se numa estratégia que pretende assegurar que todas as escolas do agrupamento seguem as mesmas práticas e orientações pedagógicas da escola-sede. Durante todos os meses, os alunos das escolas do agrupamento visitam a BE da EBI de Salir. Para além destas visitas, as escolas participam em encontros de escritores, formação de utilizadores, *peddy-papers*, horas do conto, etc.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais

Para a professora de contacto, a divulgação nacional do PNL pecou pela inconsistência. Os *spots* televisivos foram criticados por serem transmitidos apenas na RTP, num horário com audiências reduzidas. Como um exemplo da estratégia que deveria ser seguida pelo Plano, num futuro próximo, foi apresentada a campanha de promoção coordenada pela Câmara Municipal de Loulé. Na sequência do protocolo assinado com a Comissão do Plano, a autarquia comprometeu-se a realizar várias campanhas de divulgação do PNL. Durante a Semana da Leitura, por exemplo, foram afixados vários cartazes alusivos à iniciativa e ao próprio PNL. Quanto à marca Ler+, o efeito tem sido positivo junto dos alunos e da população. O logótipo serviu, por exemplo, para a elaboração de alguns trabalhos plásticos (marcadores de livros, cartazes) sobre o Plano na Semana da Leitura.

Quando convidada a enunciar eventuais aspectos negativos ou positivos do PNL, a professora de contacto realçou a importância do envolvimento da comunidade educativa para o sucesso da implementação das actividades realizadas.

O envolvimento dos pais; o facto de os alunos verem que os pais, os professores e os colegas estavam todos envolvidos foi uma forma de eles se interessarem pelo que estava a ser desenvolvido.

Por outro lado, o facto de a linha pedagógica do Plano se aproximar da estratégia que sustenta o actual projecto educativo da EBI de Salir, conseguiu reforçar as opções tomadas pelo Conselho Pedagógico e pelo

próprio corpo docente. Todavia, embora o reforço orçamental tenha permitido renovar o fundo documental da BE, o facto de existir um escalão limite (2500€) condiciona a introdução de melhorias no seio das bibliotecas que pertencem à RBE. A irregularidade dos contactos entre a escola e a Comissão e o desconhecimento sobre a existência de estudos sobre a implementação do Plano, também foram apontados como um aspecto negativo, contribuindo para a emergência de uma certa ideia de distância.

Os aspectos negativos...a verba podia ser maior e, talvez, mais informação a nível da avaliação do Plano (...), e não houve *feedback* [sobre as actividades desenvolvidas pela escola].(..) Provavelmente, eles não teriam noção de que isto teria uma adesão tão grande, que eles tiveram dificuldade em organizar.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

Reclamando a sua experiência como docente, a professora de contacto, quanto convidada a descrever a situação geral do país quanto à leitura e à literacia, veiculou a ideia de que se lê pouco, argumentando que, através dos contactos com alunos e encarregados de educação, detectou uma certa negligência quanto às práticas de leitura que tem conduzido a uma desvalorização da leitura.

O PNL deverá ter, num período de dez anos, um impacto positivo no aumento dos níveis de literacia do país. Com o desenrolar das várias fases de implementação do Plano, os alunos, segundo a professora de contacto, deverão ler mais e adquirir novos hábitos de leitura. Assim sendo, no sentido de assegurar que todos os objectivos propostos são concretizados e que as acções realizadas terão impacto junto dos alunos, é necessário que o Plano seja, de facto, desenvolvido durante os dez anos previstos.

Espero que com o PNL melhore. Aquilo que estamos a fazer agora só vai dar frutos daqui a dez anos, quando estes meninos do pré-escolar chegarem ao secundário. Aí vamos ver se eles continuam [a ler]. Se eles continuarem fizemos um bom trabalho, se eles desistirem, enfim...

Ao mesmo tempo, deverão ser desenvolvidas várias actividades centradas nas famílias, que tenham em conta os esforços desenvolvidos pelas escolas.

Acho que tem que ser feita alguma coisa ao nível das famílias. Isto é como estivéssemos a remar com um remo só: chegamos lá, mas com muita dificuldade. Só se houvesse um esforço conjunto com a família...eu acho que tem que ser assim. (...) Deviam ser pensadas actividades, a nível nacional, que pudessem envolver pais e filhos.

A inversão desta tendência de desvalorização da leitura, poderá, por outro lado, seguir uma estratégia que deverá assentar numa maior divulgação de todas as iniciativas (ou projectos) de promoção da literacia, e no aperfeiçoamento dos protocolos de colaboração firmados com as autarquias. Quanto ao sistema de ensino, deveriam ser desenvolvidas medidas que previssessem a resolução da quebra de hábitos de leitura no 3º ciclo. Uma das sugestões avançadas pela professora de contacto prendeu-se com a constituição de círculos de leitores, de forma a consolidar as práticas de leitura adquiridas pelos alunos nos ciclos anteriores.

Com o 3º ciclo acho que é interessante fazer círculos de leitura. São miúdos já com outra idade, já não vão propriamente na historinha da dramatização. Se calhar, começar aos poucos com partilha de livros que já lemos, o que gostámos, o que não gostámos. Estou a falar mais no 3º ciclo porque é o ciclo onde eu noto que lêem menos.

Outra sugestão avançada na entrevista dirigiu-se para a organização do PNL nas escolas. O facto de os professores responsáveis pela implementação do Plano ocuparem, normalmente, outros cargos como a coordenação de Bibliotecas Escolares ou dos departamentos de línguas, tem provocado alguns problemas de gestão do tempo e das actividades.

A pessoa responsável pela coordenação do Plano, eu acho que não devia ser a coordenadora da biblioteca escolar, se calhar, devia ser alguém que estivesse fora. Porque é complicado, depois, estar a gerir isto tudo. Eu tenho uma biblioteca escolar para gerir e, depois, ainda tenho este trabalho para fazer. Em oito horas semanais é complicado. Mas, pronto, faz-se.

Caracterização da BE e da sua utilização/funcionamento (descrição e avaliação)

Fundada em 1993 e ligada à RBE desde 2000, a BE da EBI de Salir é a única biblioteca escolar do agrupamento, ocupando um lugar de destaque na implementação do PNL. Todas as actividades desenvolvidas no âmbito do PNL estão relacionadas com a biblioteca, através da gestão da circulação de livros pelas turmas e escolas-pólo; do desenvolvimento de acções de formação de utilizadores; ou pela concessão do espaço da biblioteca para realização de encontros de escritores, dramatizações, sessões de leitura, etc. A equipa da BE é composta por professores e duas funcionárias (que participaram em acções de formação da BE ou da Biblioteca Municipal de Loulé) que asseguram o funcionamento da biblioteca, entre as 8h00 e as 18h00.

As actividades desenvolvidas pela BE estão articuladas com a planificação delineada por cada departamento, tendo vindo a ser desenvolvidos vários esforços para a introdução de uma lógica interdisciplinar e para a criação de eventos que fomentem uma participação regular da comunidade local. A partir desta estratégia, foram realizados, por exemplo, vários trabalhos sobre ecossistemas, que contaram com a colaboração do *Zoomarine*.

A formação de utilizadores tem sido uma das principais apostas do plano de actividades da biblioteca, tendo sido mesmo apresentada por todas as entrevistadas como um caso de sucesso. Dirigidas a todos os alunos, no âmbito de uma parceria com o Departamento de Língua Portuguesa, esta iniciativa pretende dar a conhecer aos alunos o funcionamento de uma biblioteca, transmitindo-lhes regras de catalogação, noções básicas para a orientação de pesquisas bibliográficas, etc. Segundo a coordenadora da BE, as acções de formação têm estado por trás de um aumento do número de requisições e de visitas de alunos ao espaço da biblioteca.

De acordo com a professora de contacto do PNL e coordenadora da BE, o SABE de Loulé tem apoiado o desenvolvimento das actividades do PNL, tendo mesmo sido considerado como uma “verdadeira muleta” da BE. O auxílio prestado pelo SABE tem sido fundamental para a divulgação das actividades da biblioteca, através da agenda cultural da Câmara Municipal de Loulé, que tem assegurado a promoção de algumas actividades desenvolvidas pela escola no âmbito do PNL.

Os alunos da EBI de Salir frequentam regularmente a BE, em especial os alunos do 1º e 2º ciclo. A maior parte das visitas decorre durante os intervalos e horas livres (hora de almoço, final do horário lectivo). São também habituais as visitas de turmas, no âmbito da área de projecto, ou para a realização de trabalhos de outras disciplinas. Para além da consulta de obras de referência (enciclopédias e dicionários), os alunos procuram computadores com acesso à *web* e DVDs. As visitas de professores estão, normalmente, relacionadas com o empréstimo de livros, DVDs ou CDs para aulas. Todas as quartas-feiras, a biblioteca é visitada por alunos de escolas-pólo ou de outros estabelecimentos de ensino do agrupamento. Os comentários dos alunos sobre a biblioteca referem-se, muitas vezes, ao número de computadores, livros, DVDs, CDs; a *sites* bloqueados e às actividades que foram elaboradas (participação, novas ideias, etc.).

O espaço da biblioteca encontra-se dividido por diferentes zonas (leitura informal com sofás, multimédia, audiovisual, 1º ciclo, zona de produção gráfica, mesas de trabalho). O mobiliário foi disposto de forma a criar recantos que convidem à leitura. Toda a decoração da BE foi feita pelos alunos (cartazes, tapetes, sinalética, etc.). Os livros estão organizados pelo sistema CDU, seguindo a organização de todas as bibliotecas do Concelho de Loulé.

Tendo em consideração os balanços anuais de actividades realizados pela equipa de coordenação da BE, foi elaborado um plano de acção quinquenal (que inclui as actividades do PNL e os programas de formação de utilizadores) que pretende responder aos problemas detectados nos meios multimédia – a equipa de coordenação tem registado várias queixas que têm apontado para a necessidade de renovar o parque informático. O plano prevê, também, a consolidação da expansão do fundo documental, que possui, neste momento, aproximadamente quatro mil títulos, e o desenvolvimento de actividades que assegurem uma maior proximidade com todos os departamentos disciplinares.

A RBE (contactos, importância, avaliação)

A actual coordenadora da BE não se encontrava no quadro de docentes da escola durante o processo de adesão à RBE. Da experiência entretanto adquirida, a entrevistada referiu que a RBE deverá criar uma rede *online* que permita uma maior proximidade entre escolas, promover a criação de actividades inter-regionais e aperfeiçoar os canais de divulgação de actividades e informações. Embora a “andorinha” local visite ocasionalmente a BE – para avaliações, levantamento de informações sobre o seu funcionamento e aconselhamento quanto à disposição do espaço e organização do fundo documental.

Os apoios temos alguém da RBE e da DREALG que vem regularmente à escola, que nos ajuda com a sinalética...com o fundo documental, temos tido esse apoio. Práticas pedagógicas? Nem por isso.

Foram, contudo, tecidas algumas críticas relacionadas com a ausência de *feedback* sobre o trabalho realizado nas bibliotecas escolares. Os problemas de acompanhamento da RBE, segundo a coordenadora, têm sido compensados com os apoios, mais regulares, do SABE e da autarquia em aspectos como o patrocínio de visitas de escritores, a introdução do sistema CDU ou a expansão do fundo documental. A Junta de Freguesia de Salir também tem concedido alguns apoios à biblioteca.

Nós tivemos que...mudámos o programa informático...e a formação foi tudo dado pelo SABE e o apoio técnico, o BiblioBase também sido dado por eles, aliás, foi a própria Câmara Municipal de Loulé que comprou o programa para instalar nas escolas do concelho...por exemplo, as vindas de escritores, o próprio Zoomarine, têm sido em parceria...é a Câmara Municipal de Loulé, através do SABE, que patrocina.

No entanto, a entrevistada quis salientar os aspectos positivos da RBE, apontando para a importância de existir uma rede que possibilite a partilha de experiências e informação.

Acho que a partilha da informação, daquilo que se vai fazendo nas escolas, a nível de promoção da leitura, porque ninguém inventa nada, acaba por ser [promover] uma partilha de experiências e é muito positivo.

Quanto a sugestões, foi apontada a necessidade de desenvolver actividades em conjunto entre todas as bibliotecas que pertencem à Rede, no sentido de confrontar realidades diferentes. Foi também proposta a revisão do sistema de acompanhamento das bibliotecas.

3. BIBLIOTECAS PÚBLICAS

3.1. Biblioteca Municipal Florbela Espanca (Matosinhos)

3.1.1. Relatório de visita

O primeiro contacto com a biblioteca foi efectuado por telefone no dia 21 de Março de 2007, tendo sido possível falar com a bibliotecária responsável que se mostrou disponível para colaborar e agendar a visita para o dia 12 de Abril. Pediu, contudo, o envio de um e-mail com a identificação dos objectivos do projecto para formalizar a visita. Foi também solicitada a sua ajuda para contactar a autarquia, tendo, nesse sentido, a bibliotecária identificado os vereadores da cultura e da educação e sugerido o envio de um e-mail para cada um deles com a respectiva explicitação dos objectivos da visita e da entrevista. Porque não se obteve qualquer resposta por parte dos vereadores, a bibliotecária disponibilizou-se para agendar a entrevista com o vereador da cultura para o dia 12 de Abril.

A primeira visita à biblioteca, a 12 de Abril, ocorreu fundamentalmente com o intuito de se realizar a entrevista ao vereador da cultura (que se encontrava nesse espaço e não na Câmara Municipal como inicialmente definido) e, nesse sentido, não foi possível visitar o espaço da biblioteca e realizar uma entrevista individual à bibliotecária. Mas porque a mesma se encontrava presente no decorrer da entrevista participou também e falou um pouco sobre as actividades da BM. Para além disso, antes do vereador chegar à sala onde se realizou a entrevista, a bibliotecária foi falando acerca da importância da sua formação em sociologia no desempenho da sua profissão. Referiu também que foi convidada pela Associação Portuguesa de Sociologia (APS) a apresentar uma comunicação no encontro “Futuros da Profissão Sociólogo”, realizado em Vendas Novas a 3 e 4 de Março de 2006.

Foi, portanto, necessário agendar uma nova visita à Biblioteca Municipal, que ocorreu no dia 14 de Maio de 2007. Finda a entrevista com a bibliotecária responsável, foi possível fazer uma visita guiada pelos diferentes espaços da biblioteca.

A biblioteca encontra-se situada no centro de Matosinhos, na Praça do Município, junto a um jardim e ao edifício da Câmara Municipal. O espaço onde a biblioteca se encontra actualmente é bastante recente, tendo apenas 2 anos, e foi construído de raiz. Em frente à biblioteca é possível ver o antigo edifício onde se encontrava anteriormente, permanecendo ainda com a denominação da BM. A biblioteca tem três pisos: no piso de entrada encontra-se a recepção, o bar, o espaço de exposições e o auditório; no 1º andar o espaço infanto-juvenil (que inclui o cantinho do conto e espaço de trabalhos manuais) e o de consulta de periódicos; e no 2º piso encontra-se o espaço de adultos e uma sala de consulta de espólios e materiais históricos. Importa referir que não há um espaço específico destinado à utilização de computadores, encontrando-se os mesmos distribuídos pelas diferentes áreas da BM. Cada degrau das escadas do edifício tem um verso de um poema de Florbela Espanca. Na zona da recepção encontram-se também algumas palavras vermelhas coladas no chão: livro, leitura, amor, etc. No período em que a biblioteca foi visitada, o espaço com maior número de utilizadores era o dos periódicos, onde se encontravam maioritariamente homens a ler jornais e nos

computadores. A zona infanto-juvenil era onde se encontravam menos utilizadores, com apenas duas crianças a jogar computador. O espaço de adultos tinha algumas pessoas, geralmente isoladas em mesas ou a utilizar os computadores (os da BM e computadores portáteis pessoais). A concepção do interior da biblioteca é bastante minimalista, com espaços muito amplos e com muita luz. Existe muita informação sobre as actividades da biblioteca por todos os espaços, sendo que é na recepção que se encontram os panfletos das iniciativas do momento. Na zona infanto-juvenil encontram-se também expostos trabalhos desenvolvidos pelas crianças na biblioteca.

3.1.2. Entrevista a Bibliotecária Responsável

Perfil da entrevistada

A bibliotecária responsável pela BM tem 34 anos, é licenciada em Sociologia, tem uma pós-graduação em Bibliotecas e Documentação e iniciou um mestrado em Relações Interculturais. Trabalhou na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), tendo posteriormente participado num projecto como bolsista de investigação do Instituto de Sociologia da FLUP, com o Dinâmia, o Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES) e o Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), sobre competitividade e exclusão social. Deu ainda aulas numa escola de enfermagem na área da sociologia da saúde. Ingressou na Biblioteca Municipal Florbela Espanca há 7 anos. Actualmente é chefe da Divisão de Bibliotecas e Arquivos Históricos na autarquia e directora da Biblioteca Municipal. É casada e tem 2 filhos gémeos de 9 anos. Fez ainda várias formações na área das bibliotecas e da promoção do livro e da leitura (Fundação Calouste Gulbenkian, em Espanha, etc.). Tem também algumas publicações relacionadas com bibliotecas e leitura.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na biblioteca pública

O concelho de Matosinhos foi seleccionado pelo Instituto Português do Livro e das Bibliotecas e pela Rede de Bibliotecas Escolares para a implementação de um projecto-piloto de promoção da leitura no final de 2003. Numa primeira fase foi disponibilizado à BM um conjunto de acções de formação direccionadas para bibliotecários e professores, relacionadas com escrita criativa, literatura portuguesa, narração de contos e práticas de fomento da leitura. Inicialmente este projecto vigorava em quatro pólos concelhios do país: o 1º em Matosinhos, o 2º em Viseu, Nelas e Mangualde, o 3º no Seixal e o 4º em Castro Verde, Beja e Mértola. Numa segunda fase o projecto abrangeu apenas Matosinhos e a região do Alentejo. A partir desse momento passou a centralizar-se em duas escolas do concelho de Matosinhos, uma de 1º ciclo e a EB 2, 3 Leça da Palmeira³⁹. Este projecto tem decorrido bastante bem, acima das expectativas, e tem tido efeitos particularmente positivos.

A selecção do concelho de Matosinhos para a implementação deste projecto resulta do elevado nível de sensibilização da autarquia, BM e escolas para a importância da leitura, sendo que eram já desenvolvidas inúmeras práticas de promoção do livro e da leitura. Exemplo disso é o facto de se tratar de um concelho

³⁹ Sendo que a EB 2, 3 Leça da Palmeira era a única escola de 2º e 3º ciclos envolvida no projecto do IPLB.

pioneiro na criação de Bibliotecas Escolares, sendo que muitas delas se encontram inseridas na RBE há já 10 anos. É neste sentido que a bibliotecária considera que o concelho esteve na génese do Plano Nacional de Leitura, não de forma directa, mas actuando como caso experimental e inspirador para a sua emergência.

Eu acho que nós já há bastantes anos somos considerados, digamos... Eu acho que aqui em Matosinhos eles sentem que vale a pena apostar na leitura, que vale a pena apostar nas escolas, que há muita adesão não só da parte da autarquia, da parte dos técnicos, mas também da parte do público leitor, portanto, dos professores... E, portanto, acho que, entre aspas, nós podemos ter sido usados e bem como um balão de ensaio e como parceiros que..."vejam o caso de Matosinhos que dá frutos". Eu acho que foi por aí. Portanto, não nos pediram para...não nos pediram para seleccionar bibliografia, não nos pediram para ver as linhas, se nós concordávamos ou não, mas eu acho que de facto estivemos na génese.

Embora não tenham sido consultados para participar na elaboração das linhas orientadoras do PNL, sabiam desde cedo que existia um grupo de trabalho que se encontrava a preparar o lançamento do Plano. Foram depois acompanhando na imprensa e na televisão o seu surgimento e primeiras reacções ao mesmo.

Ambos os projectos têm muitas semelhanças, uma vez que se direccionam fundamentalmente para escolas e assentam na aquisição de fundo documental para as mesmas com base numa bibliografia seleccionada por especialistas na área. Está também a decorrer um processo de monitorização do projecto concelhio levado a cabo por Inês Sim-Sim, que tem vindo a acompanhar as turmas onde o mesmo está a ser implementado. A principal diferença entre ambos diz respeito à sua abrangência, já que o PNL tem uma dimensão nacional e o projecto concelhio aplica-se apenas a duas escolas. Apesar das semelhanças entre ambos, a criação do PNL não impediu que o projecto concelhio continuasse a ser implementado, embora actualmente numa lógica de complementaridade com o Plano.

A Câmara Municipal de Matosinhos assinou, então, um protocolo com o PNL na Semana da Leitura, no dia 9 de Março de 2007. Uma vez que a autarquia tinha já como prática a aquisição de bibliografia para as escolas do concelho, a assinatura do protocolo foi um processo bastante rápido e pacífico.

Porque o Plano não se direcciona este ano para as BMs, a autarquia encontra-se ainda numa fase de planificação tendo em vista a articulação do plano de actividades da BM com os objectivos do PNL. Não têm, portanto, ainda actividades na biblioteca especificamente criadas para dar resposta às orientações do Plano, mas, de acordo com o trabalho que têm vindo a desenvolver, esperam no próximo ano lectivo poder já levar a cabo acções sob o signo do PNL. O que não significa, contudo, que as actividades regulares da BM sejam de alguma forma perturbadas.

Isso é importante vocês terem de facto a noção. Isto é uma escala...estamos a falar de uma escala muito grande e, por outro lado, nós não paramos tudo por causa do PNL. Portanto, este ano é de facto um ano de afinação.

Têm sido neste sentido efectuados alguns contactos com a Comissão do Plano, no sentido de esclarecer dúvidas e discutir ideias, o que tem sido bastante positivo e produtivo.

A participação da autarquia, e particularmente da BM, no Plano Nacional de Leitura é percebida pela bibliotecária como constituindo uma oportunidade acrescida de alargar o âmbito de acção do projecto concelhio, de criar, de forma integrada, mais actividades de promoção da leitura e de reforçar as acções já levadas a cabo.

Acrescenta porque é mais uma oportunidade. E também é uma oportunidade para...é uma excelente oportunidade para de 2 escolas passar para 70 e tal ou 50 e tal, não sei exactamente quantas escolas são abrangidas. (...) E é muito mais democrático, alarga a todas as escolas e as escolas estão a aderir muitíssimo bem, portanto, acrescenta

muito. Acrescenta...pode-nos dizer que acrescentou ainda muito mais trabalho, é verdade e vai acrescentar porque nós, por exemplo, este ano também temos que transferir 37.000€ para os agrupamentos e temos que fazer os cálculos e temos que seleccionar a bibliografia, temos que ajudá-los e orientá-los nesse sentido. E, portanto, em termos de actividades também vamos articular com o PNL.

Apesar de não estar ainda directamente envolvida no PNL, a BM participa este ano no programa Itinerâncias do IPLB, que tem, aliás, constituído um parceiro fundamental de dinamização da biblioteca. Antes de mais, parte do edifício actual da BM foi financiado pelo IPLB, assim como parte do fundo documental. Mas a bibliotecária destaca fundamentalmente a importância do programa Itinerâncias, a que a BM se tem candidatado todos os anos. Neste ano foi seleccionada para cinco acções: duas de formação direccionadas para professores e bibliotecários, dois espectáculos de poesia para um público juvenil e um espectáculo para crianças.

São actividades de grande relevância, portanto, em termos de conteúdo, muito bem...portanto, não exigem um grande...não exigem auditórios, nem exigem um grande aparato em termos técnicos, de som, luz, etc., mas as que eu assisti provoca nas crianças e nos jovens e mesmo nos professores, nos participantes em geral, uma enorme empatia. Geralmente são coisas bem feitas, com muito pouco recursos, muito bem seleccionadas pelo IPLB.

A importância do IPLB prende-se, no fundo, com o facto de ter disponibilizado um conjunto de acções bastante relevantes e pertinentes, nomeadamente de formação e dinamização de actividades, que a BM não tinha e que não teria possibilidade para desenvolver sozinha, sem apoios.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

Foram realizados diversos estudos nacionais e internacionais, como os de Inês Sim Sim, Ana Benavente, Eduardo de Freitas e os resultados do PISA, que permitem perceber que Portugal se encontra numa situação delicada relativamente aos níveis de literacia da população e aos seus hábitos de leitura. Há, portanto, um trabalho muito importante a desenvolver na promoção de competências de literacia e, indissociavelmente, de práticas de leitura.

Contudo, é também incontestável que esta situação tem vindo a alterar-se com todos os investimentos que têm sido feitos, nomeadamente pelo IPLB, em equipamentos, estruturas de apoio, espaços de leitura e redes. A este respeito a bibliotecária referiu-se aos mais recentes dados da Marktest divulgados do Dia Mundial do Livro que indicavam um aumento do número de leitores.

Eu acho que tem havido uma evolução muito grande e aí o IPLB foi fundamental. Portanto, nos últimos 20 anos a leitura deu um salto muito grande. Foram criadas instituições importantíssimas, foram criadas formas de financiamento, foram criados espaços que se tornaram muito mais acolhedores, foram feitos estudos que nos deram uma percepção de que ainda há um trabalho medonho pela frente, foram criados parceiros, redes, portanto, as pessoas começaram-se a conhecer e também a estimular uns aos outros. Essas redes também foram monitorizadas e, portanto, isso também nos ajudou e ajuda a perceber o que é que nós devemos fazer. Basicamente é isso. É um trabalho sem fim.

Neste contexto, o PNL surge como uma iniciativa de grande relevância que pode contribuir de forma continuada para elevar os níveis de literacia da população portuguesa e promover os seus hábitos de leitura.

Portugal em termos de resultados internacionais, nomeadamente ao nível do PISA, apresentamos indicadores que são preocupantes, portanto, acho que foi uma excelente oportunidade e de elevado interesse para o país que vários ministérios se tenham associado e que tenham criado este projecto a longo curso. Porque de facto é...quando nós falamos em leitura não podemos crer, não podemos acreditar que um miúdo que leia hoje um

livro, que amanhã já é um leitor, não é? Portanto, tem que se insistir, tem que se alimentar este espírito. Portanto, acho uma excelente iniciativa.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais e na sua organização

Uma das grandes vantagens do PNL é o facto de ser de âmbito nacional e ser, portanto, democrático quanto às populações abrangidas. É no fundo uma forma de estimular as práticas de promoção da leitura em contextos menos alertados e sensibilizados para a importância das mesmas.

Eu acho que o facto de ser nacional, não é? Porque nós podíamos já ter essa tradição, não é? Mas não espelha o que é o país. E, portanto, o facto de haver vários ministérios que, portanto, se associaram neste projecto e ser uma aposta nacional acho que faz toda a diferença.

Outro dos aspectos mais positivos do PNL diz respeito ao facto de se direccionar privilegiadamente para os mais jovens, nomeadamente para as crianças dos Jardins de Infância, o que era também já uma aposta da autarquia de Matosinhos.

Portanto, nesse aspecto eu acho que...está cientificamente provado que se deve começar a incentivar os hábitos de leitura desde a 1ª infância e isso eu acho que é uma propriedade...é um nicho bem engendrado.

Para além disso, a bibliotecária destaca também a importância da obrigatoriedade associada ao Plano. Embora possa, de facto, ter existido alguma resistência inicial por parte das escolas, nomeadamente por parte dos professores, não passou de uma fase inicial de adaptação, sendo que actualmente o PNL está a ser muito bem recebido em contexto escolar.

Essa obrigatoriedade do Plano Nacional de Leitura eu acho que é uma mais valia. A Rede de Bibliotecas Escolares aconselha, mas não está definido e eu acho que essa é uma...é uma vertente positiva. (...) No início houve alguma resistência ao Plano Nacional de Leitura e, por exemplo, a aquisição dos livros por parte das escolas e eles terem que fazer as próprias aquisições e terem que pedir orçamentos que era uma coisa que nós fazíamos. Mas isso foi no 1º período. Agora no 2º período, a semana da leitura foi um sucesso, não tivemos resistência nenhuma. Os pais aderiram muitíssimo bem, os colegas aderiram muitíssimo bem. Portanto, era um bocadinho como... Às vezes quando as coisas estão por imposição há a tal resistência inicial, mas as pessoas acabam por achar que, de facto, é um projecto que vale a pena.

A opção de estabelecer protocolos com as autarquias é também entendida como uma decisão estratégica e fulcral, já que possibilita criar redes com protagonistas que detêm um conhecimento das realidades locais que a Comissão do Plano não consegue ter.

O ter no terreno peças pivots que estimulem, que dinamizem, que dêem orientações, acho isso fundamental. Não é inovador porque o próprio IPLB foi quem começou com este modelo de criar parcerias com as autarquias na área da leitura. Seguiu-se o Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares e agora é o PNL. Mas acho uma linha importantíssima.

A este respeito as denominadas “andorinhas” desempenham também um papel muito importante pelas orientações e acompanhamento no terreno que fazem às escolas, mesmo no que diz respeito ao PNL, já que a RBE tem uma relação estreita com a Comissão do Plano.

Outro aspecto positivo do PNL destacado pela bibliotecária diz respeito à criação da marca Ler+ que considera ser bastante apelativa. A colocação de selos com esta marca nos livros que integram as listagens sugeridas pelo Plano é também uma forma de marketing muito importante porque permite orientar as aquisições das pessoas que visitam as livrarias e é simultaneamente uma forma de reconhecimento para os

autores em causa. O PNL possibilita também, neste âmbito, valorizar a produção de literatura infantil nacional.

Quanto à divulgação, e apesar de não ter visto ainda os *spots* televisivos do PNL, considera que tem sido bastante boa. Manifestou particularmente o seu agrado pela participação de Isabel Alçada no programa “Dança Comigo” da RTP, uma vez que em horário nobre conseguiu transmitir uma mensagem didáctica e dar simultaneamente a conhecer o Plano Nacional de Leitura.

A bibliotecária destaca fundamentalmente aspectos positivos do PNL, não se sentindo com legitimidade para criticar uma iniciativa tão louvável no contexto nacional. Ainda assim, apontou alguns aspectos que lhe parecem ser menos positivos, como o facto de a acção do Plano assentar muito na consulta do *site* PNL, o que prejudica as escolas com mais dificuldades de acesso à Internet.

O facto de vocês se apoiarem muito no *site*, não é? Às vezes há dificuldade de acesso e portanto isso condiciona, condiciona muito, nós temos uma boa cobertura em termos de Internet nas escolas, mas lá está, há concelhos em que não é assim.

Para além disso, ouviu também algumas críticas por parte das escolas que se queixaram das listagens de livros sugeridos, já que muitos deles não são os mais adequados para as faixas etárias a que se direccionam. Os professores ficaram também muito desagradados com o facto de muitas das obras se encontrarem esgotadas nas editoras. A bibliotecária falou também com alguns especialistas na área da literatura infantil que lhe disseram que os livros sugeridos nem sempre são os mais indicados, particularmente no que diz respeito às traduções.

A biblioteca pública e as bibliotecas escolares

A BM tem desde sempre tido uma relação muito próxima com as escolas do concelho, envolvendo-se na criação, organização e dinamização das BEs, particularmente através do Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares (SABE). O apoio que é prestado neste contexto às BEs diz respeito à aquisição de livros, de equipamento, dinamização de actividades de promoção do livro e da leitura, orientações técnicas de biblioteconomia, organização e classificação dos livros na biblioteca.

De acordo com a bibliotecária, a BM procura tirar partido das sinergias existentes. Por exemplo, a BM tem uma capacidade de investimento para trazer escritores ao concelho e para promover iniciativas de promoção da leitura de grande fôlego que as escolas não têm. Por outro lado, as escolas são cúmplices porque é nelas que estão localizados os públicos-alvo. Têm sido, portanto, desenvolvidas várias iniciativas por parte da BM que contam com uma estreita colaboração das BEs. Por exemplo, a BM convida um escritor a visitar o concelho, sendo que depois se desloca a algumas das escolas onde a sua obra foi previamente trabalhada por todos os alunos na preparação do encontro com o autor. Este ano já visitaram escolas do concelho João Aguiar, Vergílio Alberto Vieira, Isabel Alçada e António Torrado.

Foi também estabelecida uma parceria com uma escola secundária do concelho. Um grupo de alunos da escola tem uma disciplina ligada à área da dramatização com um professor muito sensibilizado para estas questões e nesse contexto têm preparado obras de determinados escritores, com base nas quais organizam a actividade “Hora do Conto” nas visitas dos Jardins de Infância (JIs) à BM, desempenhando o papel de contadores de histórias.

São também realizadas reuniões mensais onde estão presentes elementos do SABE, da RBE, da Direcção Regional de Educação do Norte (DREN) e das BEs, onde é feito o acompanhamento das actividades em curso, o que se revela fundamental para a prestação de todo o apoio necessário e para a partilha de ideias, experiências e materiais.

A bibliotecária considera, assim, que existe uma rede muito forte constituída por todos os protagonistas do concelho na promoção do livro e da leitura que actuam numa lógica de complementaridade.

Eu acho que de facto aqui há rede. Nós precisamos imenso da DREN por causa do destacamento dos professores e não só, também toda a parte técnica, nós precisamos imenso dos professores porque sabem como é que os miúdos trabalham, que linguagem é que para eles é mais acessível ou não e sabem estimulá-los e, portanto, conhecem as turmas e isso é fundamental. Nós temos, portanto, em termos de técnicas biblioteconómicas, em termos de toda a parte contabilística e financeira e política, portanto, nós somos aqui a ponte também com a Câmara Municipal e com a parte mais científica da bibliotecnia da informação e da documentação. E há este jogo, esta complementaridade que é perfeitamente sadia.

No que diz respeito ao PNL, a BM encontra-se a trabalhar no protocolo assinado entre a autarquia e o Plano que reforçará ainda mais a relação estreita que mantém com as escolas e BEs do concelho de Matosinhos.

Caracterização da biblioteca

A Biblioteca Municipal de Matosinhos tem 115 anos e encontra-se neste momento no seu terceiro edifício, que foi construído de raiz há 2 anos e que tem uma área de 3000m² distribuída por 3 pisos. Anteriormente encontrava-se localizada num antigo palacete do concelho que tinha apenas 300m² e um fundo documental mais reduzido. A BM tem também um pólo concelhio em S. Mamede de Infesta, uma Biblioteca Itinerante com 12 anos que visita espaços como prisões, associações, Juntas de Freguesia e escolas do concelho mais longínquas e Bibliotecas de Praia que funcionam há 5 anos entre Julho e Setembro em 5 praias do concelho. Todas estas extensões da BM foram criadas com o objectivo central de irem ao encontro dos públicos que possivelmente não visitariam a Biblioteca Sede.

A principal missão da BM é promover o livro e a leitura e chegar ao maior número de pessoas possível, procurando funcionar como um espaço de confluência de culturas, valores e gerações. A bibliotecária considera que estes objectivos têm sido cumpridos, na medida em que a BM entrou totalmente nos hábitos da população do concelho, particularmente da cidade de Matosinhos. Exemplo disso é o facto de no ano anterior terem tido cerca de 100.000 utilizadores, terem sido solicitados 1982 cartões de leitor e actualmente terem uma média de 300 utilizadores diários. São números que os satisfazem bastante, e também ao IPLB, e que resultam do trabalho intensivo que têm vindo a desenvolver nesse sentido.

A BM é frequentada quotidianamente por uma população diversificada:

- uma população idosa, já reformada, maioritariamente masculina, desloca-se todos os dias à BM de manhã para a leitura dos jornais;
- a população escolar e juvenil que frequenta diariamente a biblioteca para fazer trabalhos e utilizar a Internet, particularmente no período da tarde;
- a BM é também utilizada por estudantes universitários e investigadores como local de trabalho e pesquisa;

- praticamente todos os dias a BM é visitada por escolas que vão conhecer o espaço e participar em actividades;

- os idosos de um lar de 3ª idade que todos os dias se deslocam à BM para ver filmes;

- a BM é ainda visitada quotidianamente por crianças inseridas em Instituições de Solidariedade Social.

A BM é também utilizada como espaço de sociabilidades, não só pelos jovens, como também pelas famílias que muitas vezes agendam encontros no espaço infanto-juvenil.

A requisição domiciliária tem registado um incremento bastante acentuado. Entre Janeiro e Março de 2007 inscreveram-se 489 novos leitores e foram emprestados 5744 livros. Nos últimos 2 anos registaram mais de 4000 novos leitores com cartão da biblioteca. De acordo com os valores de um inquérito solicitado pelo IPLB à BM relativo a 2006, respeitante ao número de leitores que utilizaram o cartão da biblioteca pelo menos uma vez, até aos 12 anos de idade registaram 657 crianças (454 raparigas e 203 rapazes), entre os 13 e os 17 identificaram 620 jovens (443 raparigas e 177 rapazes) e com idade superior a 18 anos registaram 1599 pessoas (1129 mulheres e 470 homens). A bibliotecária não consegue encontrar uma explicação para a maior utilização da requisição domiciliária por parte das mulheres, mas acredita que esteja relacionado com os processos de socialização na família e na escola.

O espaço da BM é considerado bastante agradável por ser muito amplo, ter muita luz e ter mobiliário moderno e confortável. Todos os espaços são, em termos gerais, bastante utilizados: entre Janeiro e Março de 2007, por exemplo, o espaço infanto-juvenil foi visitado por 4387 utilizadores, o dos periódicos por 3816, o sector de consulta geral por 8308 pessoas e os espaços de Internet por 2087 crianças no sector infanto-juvenil, por 2918 utilizadores nos periódicos e por 3847 pessoas nos adultos. Estes valores permitem perceber que, apesar de a BM assentar num conceito muito abrangente quanto à sua utilização, a sua prioridade permanece associada aos livros e à leitura e o essencial da sua actividade está relacionada com a consulta local de livros. Alguns utilizadores queixaram-se já da escassez de lugares sentados no sector de consulta geral, o que levou a BM a investir em mobiliário para aumentar a sua capacidade. A bibliotecária acha extraordinário que ao fim de 2 anos numa BM com 3000m² seja necessário fazer um novo investimento em mesas e cadeiras devido ao facto de ser tão frequentada.

As actividades culturais desenvolvidas pela e na BM são, de acordo com a bibliotecária, uma grande alavanca da biblioteca. A grande aposta da BM é na diversidade de acções oferecidas a um público que é também ele diversificado, procurando ir ao encontro das diferentes faixas etárias, gostos e sensibilidades. Contudo, afirma que a BM tem também como missão abrir mentalidades e despertar novos interesses.

Algumas das acções já desenvolvidas na BM:

- projecto “Mar de Letras”, criado e desenvolvido pelo SABE em estreita articulação com as BEs do concelho, e materializado num jornal com o mesmo nome, tendo por objectivos: estimular a partilha de projectos na esfera da escrita, da expressão oral, da leitura, das ciências, promovendo a literacia; difundir informação sobre livros, CD-ROMs, CDs e DVDs; divulgar as actividades desenvolvidas nas bibliotecas do concelho; e promover o diálogo com parceiros locais com o intuito de difundir a identidade e cultura matosinhense.

- no âmbito da celebração do Dia Mundial do Livro (23 de Abril) a BM desenvolve há 2 anos o encontro internacional “Literatura em Viagem”, no âmbito do qual se realizam exposições, espectáculos, conferências e encontros com autores de várias nacionalidades.

- a BM desenvolve também há 2 anos a acção “Festa da Poesia” no mês de Dezembro como celebração dessa forma literária e como homenagem a Florbela Espanca, através de conferências, concertos, exposições, teatros, workshops e sessões de declamação de poesia. Em 2006, por exemplo, em colaboração com a Escola de Música Óscar da Silva pediram a 12 compositores portugueses de vários estilos musicais para comporem conjuntamente músicas inéditas com base em 12 poemas de Florbela Espanca, tendo sido produzido um CD com essa experiência.

- são organizados diversos encontros com escritores, muitas vezes no âmbito do lançamento de um livro. Isabel Alçada, António Torrado, Mia Couto, Ana Saldanha e Sérgio Godinho são apenas alguns dos autores que visitaram a BM. Ocasionalmente realizam também homenagens a alguns escritores, nomeadamente a Luísa Ducla Soares em 2005.

- o aniversário do novo edifício da BM é geralmente celebrado com actividades ligadas à promoção do livro e da leitura, como lançamentos de livros, conferências, teatro, música e exposições.

- são realizados inúmeros concertos no espaço da biblioteca, geralmente de música clássica, mas procurando também cativar outros públicos, como é o caso do concerto do projecto Wordsong que musicou alguns autores portugueses, como Fernando Pessoa ou Al Berto.

- a BM organiza diversas actividades direccionadas para famílias que ocorrem geralmente ao fim de semana.

- são organizadas diversas conferências sobre temáticas associadas ao livro e à leitura.

Com este leque variado de actividades, a BM espera, assim, conseguir ir ao encontro dos gostos diversificados da população do concelho de Matosinhos.

Muitas vezes nós também precisamos de facto de ir ao encontro das necessidades de terceiros, não é? E não podemos só dar recitais de poesia ou conferências que tenham 2 ou 3 pessoas. As conferências obviamente que são importantes e por isso também as fazemos. (...) Tentamos primar, ter elevados padrões de qualidade, mas sabemos, temos consciência que há públicos diferentes, portanto, tentamos tocar nos vários instrumentos.

De modo a conseguirem que o maior número de pessoas participe nestas actividades, a BM alarga, muitas vezes, o seu horário especificamente para a realização das acções.

Estão já a ser planeadas diversas actividades para os próximos meses, sendo que muitas delas são edições do próximo ano de acções estruturais da biblioteca, como a 3ª Festa da Poesia para Dezembro, o 3º encontro “Literatura em Viagem”, em Abril, a celebração do 3º aniversário do novo edifício da BM em Maio e as celebrações do Dia da Poesia em Março e do Dia Mundial do Livro Infantil em Abril. Para além disso, pretendem dinamizar no período de Verão as bibliotecas de praia e desenvolver um conjunto de actividades para o público infanto-juvenil relacionadas com épocas do ano, como o Verão, o Natal e a Páscoa. Porque este ano celebram 10 anos da entrada da RBE no concelho planeiam também assinalar esta data com várias iniciativas, nomeadamente com encontros científicos em torno da problemática da leitura. Gostariam ainda de poder investir mais nas actividades direccionadas para as famílias que impliquem uma colaboração entre pais e filhos.

A divulgação das actividades da BM é feita através de convites, cartazes, panfletos, anúncios em jornais nacionais e mediante contactos pessoais.

Os impactos da continuidade das acções levadas a cabo pela autarquia, e particularmente pela BM, têm-se feito sentir e manifestam-se pelo crescente número de utilizadores e leitores na BM, mas também pela

afluência às actividades organizadas pela biblioteca. Contrariamente a tendências identificadas por alguns especialistas quanto ao desinteresse crescente das populações mais jovens face ao livro e à leitura, a BM encontra no seu espaço muitas crianças e jovens bastante interessados e com hábitos de leitura criados.

Muitas vezes se fala na questão das crianças terem muita resistência à leitura e nós temos aqui muitas vezes o problema inverso, ou seja, nós fornecemos livros, mas os livros rapidamente estão desgastados porque os meninos lêem imenso e por muito capital que nós de facto investamos eles são leitores muito assíduos (*risos*) e exigentes. E isso é uma preocupação, não é? É formar cidadão e formar para a vida. E portanto isso também acho que é um motivo de orgulho, não é? Temos um povo de Matosinhos muito rendido aqui à biblioteca.

O mesmo sucede relativamente às actividades desenvolvidas pela BM, o que tem vindo a surpreender toda a gente e a superar as suas melhores expectativas. Aquando da homenagem à escritora Luísa Ducla Soares, nem toda a gente pôde participar nas acções porque não cabiam no espaço da BM. Por exemplo, a visita de António Torrado decorreu num dia de Inverno com bastante chuva e vento e apareceram cerca de 150 pessoas. O lançamento do livro de Sérgio Godinho ocorreu num domingo, num dia de imenso calor, em que as praias estavam cheias, e participaram cerca de 100 pessoas. Mía Couto visitou a BM numa segunda-feira às 14h30m e apareceram cerca de 70 pessoas. A iniciativa “Literatura em Viagem” contou este ano com a participação de mais 2000 pessoas ao longo dos 4 dias em que decorreu. O balanço que a bibliotecária faz das acções da BM é, portanto, bastante positivo e até um pouco inesperado, o que a deixa particularmente orgulhosa.

Na sequência dos resultados positivos alcançados e da aposta constante no desenvolvimento de actividades de promoção do livro e da leitura, a BM e a autarquia têm sido reconhecidas a nível nacional pela qualidade do seu trabalho. Há pouco tempo, por exemplo, a revista *Visão* fez uma reportagem de várias páginas, intitulada “Vamos dar a conhecer uma Biblioteca do séc. XXI”, sobre a BM e sobre a iniciativa “Festa da Poesia”. Para além disso, a bibliotecária tem vindo a ser crescentemente convidada para participar em colóquios e conferências com o objectivo de partilhar as suas orientações e a sua experiência na área.

Contudo, isso não significa que todo o trabalho esteja já feito. Existe o reconhecimento de que muita gente do concelho nunca visitou a biblioteca, nem manifesta interesse em fazê-lo. Para além disso, tem noção da dificuldade de atrair públicos mais jovens, já que tem que competir com um vasto conjunto de atracções como as sociabilidades, as saídas em grupo, os jogos de computador e a Internet. A bibliotecária considera, portanto, que o trabalho da BM deve ser permanente e deve sempre fazer um esforço no sentido de inovar e de se actualizar para captar novos públicos e sedimentar os já existentes.

Temos dados estatísticos, temos opiniões positivas, mas é um trabalho infindável, é uma...é algo que nunca acaba. Por isso é que nós fazemos, não é? Eu acho que nós nunca podemos morrer na praia e dizer que está tudo feito. A questão da inovação que nós também aprendemos eu acho que tem que se aplicar aqui. Portanto, nós temos que estar, alimentar as necessidades dos nossos leitores, alimentar os nossos clientes e sermos flexíveis.

Não tem sido levada a cabo uma monitorização das actividades da BM, contudo estão a ponderar fazer um estudo com o Instituto de Sociologia da Universidade do Porto para a caracterização dos utilizadores da biblioteca. Actualmente acompanham a evolução da utilização da BM através de estatísticas trimestrais facultadas pelo sistema informático da biblioteca.

Sugestões e propostas

A bibliotecária fez algumas sugestões que lhe pareceram pertinentes para melhorar acções posteriores do PNL:

- se o Plano assenta privilegiadamente no contexto escolar, e particularmente na acção dos docentes, deveriam ser criadas condições para que os professores se possam dedicar convenientemente a este projecto. Muitos deles não têm experiência de promoção da leitura e precisam do apoio dos coordenadores das BEs. Contudo, nem sempre estão destacados professores em regime de exclusividade para as BEs e sucede mesmo que alguns acumulem a função de coordenação de várias bibliotecas. Conjugando isto com a necessidade de cumprimento dos programas curriculares das diferentes disciplinas e com todas as outras actividades que possam desenvolver, existe, portanto, uma sobrecarga de trabalho que constitui um obstáculo a uma plena implementação do PNL. Para além disso, o facto de o trabalho desenvolvido nas BEs não ser devidamente contabilizado desmotiva os docentes para esse tipo de práticas.

Porque o projecto nacional baseia-se muito na sala de aula, mas muitas vezes os professores que leccionam não têm a percepção do que é que existe na biblioteca, não têm técnicas de animação do livro e da leitura, não conhecem a bibliografia, etc., etc. E é importantíssima essa ponte com o professor coordenador da biblioteca. E portanto, para muitos que já têm 2 ou 3 bibliotecas escolares, o Plano Nacional de Leitura é uma sobrecarga mais, não é? E, por exemplo (...) nós em 1999 tínhamos 11 professores destacados nas bibliotecas escolares, em 2007 temos 24 escolas e já não temos 11 professores, percebe? (...) Às vezes há incongruências porque se apostam no Plano Nacional de Leitura, mas ao mesmo tempo há a carreira do professor titular que dá muito poucos créditos ao trabalho que é feito numa biblioteca escolar... Ou, por exemplo, há professoras que estão na Rede de Bibliotecas Escolares há não sei quantos anos e esse trabalho não é contabilizado para dar créditos para se ser professor titular. Portanto, as pessoas estão a ver o seu futuro...porque se empenharam imensíssimos anos, porque não gozaram férias, porque trabalharam violentamente, mas com um imenso gosto e vêem tudo muito preto, mesmo muito preto.

- para uma promoção mais eficiente do livro e da leitura, o PNL deveria também apostar no fomento das práticas de escrita.

- deverá também existir sempre flexibilidade e graus de liberdade para que os diferentes intervenientes no projecto se possam adaptar e ajustá-lo aos seus contextos.

- o PNL poderia também apostar na promoção dos autores portugueses a nível internacional, já que, de acordo com conversas com alguns escritores e ilustradores de literatura infantil, as editoras portuguesas não estão a vender as obras nacionais a editoras estrangeiras.

- fundamentalmente, o Plano deverá manter-se estável e a sua acção deve prolongar-se no tempo de acordo com as suas linhas orientadoras gerais, sem que estejam sempre a criar novas estratégias que se revelem infrutíferas e que possam mesmo ser destabilizadoras dos impactos do PNL nas populações.

Eu acho que estes trajectos têm linhas orientadoras, têm pressupostos e depois nós só temos que os trabalhar. E, portanto, eu acho que não há necessidade de todos os dias se estar a inventar a pólvora, não é? Por exemplo, acho que a Semana da Leitura de certeza absoluta que para o ano novas actividades terão, mas não vamos inventar 10.000 semanas da leitura, não é?

3.2. Biblioteca Municipal de Santa Maria da Feira

3.2.1. Relatório de visita

O contacto inicial com a bibliotecária responsável da Biblioteca Municipal de Santa Maria da Feira foi estabelecido telefonicamente no final de Março de 2007, e dele resultou a marcação da data da entrevista.

A entrevista realizou-se no dia 11 de Abril e esteve presente, para além da bibliotecária responsável, uma técnica de animação cultural e responsável do Núcleo Pedagógico da BM, que prestou algumas informações sobre o trabalho que tem desenvolvido no terreno e sobre aspectos mais práticos, tendo ficado também responsável do fornecimento de documentação. No final da entrevista, que durou cerca de duas horas, houve ainda oportunidade para uma visita guiada, pela bibliotecária responsável, à biblioteca.

À entrada da BM fica uma zona de recepção/acolhimento. Encontra-se aí um escaparate de novas aquisições, de *novidades*, com livros, DVDs e CDs. No balcão da recepção está à disposição dos utilizadores, por sua vez, uma folha para sugestões e reclamações. Segundo a interlocutora, a biblioteca recebe muitas sugestões, muitas delas propondo novas aquisições. Muitas das aquisições são feitas depois de terem sido sugeridas através da folha de sugestões/reclamações. Foi também possível vislumbrar a existência, na zona de recepção, de alguns painéis de divulgação de actividades. Grande parte da divulgação era relativa a outros eventos culturais da cidade, para além das actividades da BM, e não existia nenhuma referência ao PNL.

A BM dispõe de um auditório. É uma sala especialmente utilizada como cineteatro, destinada à exibição regular de filmes e orientada para o cinema alternativo, como era fácil comprovar pelo programa que se encontrava à entrada deste espaço. Segundo a responsável, ele é frequentado por muitos jovens. O auditório já acolheu importantes eventos, como festivais de cinema e conferências várias. Ao lado do auditório há uma cafetaria e, um pouco mais à frente, uma sala polivalente, um espaço que se encontrava vazio, destinado, por exemplo, a apresentações de livros, exposições ou mesmo actividades de dança.

De seguida deslocámo-nos à sala audiovisual, que disponibiliza DVDs/vídeos (com filmes e documentários, ...) e CDs de música. Numa estante encontravam-se também revistas sobre música, informática e jogos de computador, e outras direccionadas preferencialmente aos jovens. Havia ainda uma televisão e leitor de DVD/vídeo, para o visionamento de filmes, e sofás. Mas era nos computadores que se encontravam mais utilizadores, especialmente crianças, que jogavam ou frequentavam programas de conversação. Esta sala dispõe de um computador com terminal Braille, para cegos e amblíopes.

Do outro lado da BM, depois da área de recepção/acolhimento, encontra-se a sala de adultos e a sala infanto-juvenil.

A secção de adultos inclui a área dos periódicos, um espaço com jornais e revistas. Nele há uma mesa ampla, onde estavam essencialmente idosos a ler jornais. Várias estantes de livros ocupam o restante espaço da sala (que é bastante amplo), para além das mesas corridas, onde jovens escreviam e estudavam e alguns adultos liam livros, e dos vários postos com computadores, ocupados também por muitos jovens.

Finalmente, a secção infanto-juvenil. A sala dispõe de várias estantes de livros, DVDs/vídeos e DVDs ajustados particularmente ao público em causa. Para além de televisão e vídeo, encontram-se também computadores, os quais estavam ocupados por crianças e adolescentes. Um ou outro adulto exploravam a

colecção de livros, possivelmente professores. Nesta secção encontra-se ainda um pequeno compartimento que reproduz uma sala de aula, com algumas cadeiras e um quadro, que se encontra disponível para sua utilização pelos professores.

Destaca-se, por fim, a sala da hora do conto, incluída na secção infanto-juvenil. Uma árvore feita de papel e alguns fantoches enfeitam a área do “palco”, junto a umas escadinhas, onde as crianças se sentam a assistir às animações. Esta sala dispõe ainda de umas mesas e de armários com vários materiais, que são utilizados para a realização de trabalhos de expressão plástica e outros a partir das histórias contadas.

Distribuídos pelas salas encontram-se vários balcões que dispõem do *serviço tecnologias de informação* e do *serviço de referência*, com os respectivos funcionários. O primeiro é utilizado para aceder aos computadores. O leitor deverá estar inscrito como tal e não ter documentos em atraso. Quanto ao *serviço de referência*, este permite aos utilizadores obterem informações relacionadas com a organização do fundo documental nas estantes, apoio na orientação dentro das salas, apoio na pesquisa do catálogo e informações sobre outras fontes de pesquisa bibliográfica. Um técnico disponibiliza a sua ajuda caso o utilizador pretenda uma pesquisa mais aprofundada e profissional. Um destes funcionários, presente na sala de adultos, disse prestar apoio a quem dele solicitar, ajudando na pesquisa de livros mas também de *sites* na Internet sobre um determinado assunto. A própria BM faz a avaliação dos sítios electrónicos, como se fossem documentos, o que permite o acesso rápido a informação credível através desta fonte. Grande parte das pessoas que requerem a sua ajuda são estudantes, professores ou pessoas que frequentam pela primeira vez a BM.

Referindo-se aos colaboradores da BM, a bibliotecária responsável destacou a multiplicidade das suas áreas de formação e o facto de a maioria serem licenciados e alguns estarem a tirar pós-graduações. Por fim, foi ainda manifestada a sua percepção acerca da falta de estudos no concelho sobre o perfil do leitor.

Foram recolhidos aquando da visita à BM ou facultados posteriormente os seguintes materiais:

- Ficha da actividade associada ao PNL *Biblioteca Itinerante: Está na Hora da Leitura* (descrição da actividade e sessões já realizadas, com algumas fotografias);
- Relatório da actividade associada ao PNL *Biblioteca Itinerante: Está na Hora da Leitura* (com os resultados da avaliação);
- *Passaporte de leitura* da actividade *Biblioteca Itinerante: Está na Hora da Leitura* (distribuído aos alunos que participam nesta actividade);
- Modelo da Ficha de actividade;
- Modelo da Avaliação de actividades;
- Alguns dados de 2006 quanto ao perfil dos utilizadores e à sua utilização da BM;
- Folha de sugestões e reclamações para os utilizadores da BM;
- Calendarização semestral das actividades pedagógicas da BM (com a descrição das actividades planeadas de Janeiro a Julho de 2007);
- Agenda de actividades de Santa Maria da Feira (Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, Abril de 2007) (um dos meios de divulgação das actividades da BM);
- Convite/panfleto de divulgação de uma sessão de apresentação de livro no auditório da BM;
- Panfleto de divulgação do programa do Cineclub da Feira (Auditório da BM) (para Abril de 2007).

3.2.2. Entrevista a Bibliotecária Responsável (e a Responsável do Núcleo Pedagógico)

Perfil das entrevistadas

A bibliotecária responsável da BM de Santa Maria da Feira é licenciada em História e tem uma pós-graduação em Ciências Documentais. Ocupa o cargo de directora da BM desde 1986.

A outra participante na entrevista é técnica de animação cultural, responsável pelo Núcleo Pedagógico da BM. Licenciada em Animação Sociocultural, trabalha na BM desde 2001.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na biblioteca pública

A BM de Santa Maria da Feira já desenvolvia as iniciativas que estão agora a ser promovidas pelo PNL. Segundo a bibliotecária responsável, há sete anos que lá se faz um grande investimento na promoção da leitura. Aquela BM sempre teve os recursos e até alguma autonomia financeira para desenvolver esse tipo de trabalho, sempre pôde contar com o apoio da Câmara nessa missão. Assim, a entrevistada afirma não ter sentido necessidade de lançar muitas iniciativas novas no âmbito do PNL.

Não tivemos necessidade de promover nada de especial no âmbito do PNL na medida em que sempre tivemos essa preocupação.

Devido ao enfoque atribuído pelo PNL nesta primeira fase ao contexto escolar e face à necessidade de cumprimento de uma hora de leitura diária em sala de aula, a BM centrou a sua acção no reforço do apoio às escolas. Foi assim iniciada, em Outubro de 2006, uma actividade associada especificamente ao PNL - *Biblioteca Itinerante: Está na Hora da Leitura*. Esta actividade consiste na disponibilização de recursos humanos e materiais às escolas, através da realização itinerante de animações da leitura e do empréstimo de livros. Este é um projecto de itinerância, mas é uma itinerância “especial”, porque se destina às escolas de 1º ciclo mais periféricas, situadas nas freguesias mais distantes do centro do concelho, e que têm maior dificuldade de acesso a recursos de leitura, pois não têm BEs ou pólos de leitura da BM próximos, encontrando-se portanto inseridas num contexto social e cultural mais desfavorecido. Esta é uma actividade nova, que nunca tinha sido feita com esta perspectiva e que foi também mais um contributo no sentido de descentralização dos serviços da BM.

O projecto consiste mais especificamente na visita à escola, a algumas turmas, das promotoras da leitura do núcleo pedagógico da BM, que apresentam livros, contam histórias e realizam algumas actividades de exploração da leitura. Estas visitas duram cerca de uma hora. A BM disponibiliza ainda uma caixa com livros, que fica na sala de aula, para serem depois utilizados e lidos pelos alunos. A todas as crianças é entregue um *passaporte de leitura*, no qual elas são convidadas a fazer o registo dos livros que leram e a fazer uma apreciação de cada livro. No final do ano lectivo, será dado um *certificado de leitor* àqueles que preencherem integralmente o passaporte, ou seja, os alunos que lerem o número máximo de livros que o passaporte prevê. O intuito é incentivar a leitura.

Numa primeira fase, a visita às escolas ocorreu quinzenalmente, mas depois passou para uma frequência mensal, por ter sido aumentado o leque de escolas e porque as animadoras pensam que ao longo

daquela primeira fase conseguiram criar entusiasmo nos alunos e nos professores para agora desenvolverem eles próprios mais autonomamente actividades de leitura.

Os livros são seleccionados pela BM, tendo em atenção o ano de escolaridade, a dificuldade de leitura dos alunos e a sua especificidade. Alguns dos livros utilizados nesta actividade, principalmente os que são alvo de empréstimo às escolas, são livros presentes na listagem sugerida pelo PNL, mas outros não. Na parte da actividade de promoção dinamizada pelas animadoras, recorre-se a outros livros, livros menos conhecidos e que não façam parte do empréstimo, que sejam uma novidade para os alunos e que de alguma forma suscitem a sua curiosidade.

Não nos remetemos só aos livros do PNL (...). Na promoção que nós fazemos na actividade, no sentido de apelar para a curiosidade dos miúdos em ler, ou pelo menos de entrar em contacto pela primeira vez com os livros, escolhemos outros livros e estamos a trabalhar muito com os livros que são sobretudo ilustrados...

À data da entrevista e segundo os dados que a responsável do núcleo pedagógico dispunha, estavam integradas no projecto *Biblioteca Itinerante* 361 crianças, distribuídas por 19 turmas de um total de 10 escolas. A divulgação do projecto foi feita nas freguesias seleccionadas, dentro dos agrupamentos escolares, e as escolas interessadas inscreveram-se. Numa segunda fase, as próprias escolas solicitaram a actividade sem ser necessária a formalização da proposta.

A resposta das escolas e a reacção de professores e alunos a esta acção têm sido muito positivas. A técnica do núcleo pedagógico relata o interesse que foi sempre demonstrado pelos alunos em relação às actividades e à disponibilização dos livros. O empréstimo facilitou o contacto deles com o livro. A entrevistada considera que se conseguiu criar entusiasmo nos alunos para ler e que se estão a criar leitores.

A adesão tem sido muito boa. Eles já esperam pela nossa chegada. Ainda há bocado uma criança, agarrada a mim, dizia “Olha, já vou no segundo passaporte!”. Acho que funciona, estamos a formar leitores, isso é que é o mais importante. (...) E depois gostam que lhes contem as histórias. (...) A ideia é suscitar neles o interesse e que quando sairmos da sala eles vão pegar nos livros. E é isso que acontece.

Quanto aos professores, estes manifestaram-se desde o início sensíveis à utilidade do projecto da BM, face às orientações do PNL de dedicar uma hora diária à leitura orientada em sala de aula e às dificuldades sentidas por muitos deles na dinamização de actividades de promoção da leitura. Eles pedem a continuidade do projecto, e inclusivamente outras escolas, que já souberam da sua existência, têm solicitado o seu alargamento por forma a serem contempladas futuramente.

Da parte dos professores, num grupo tão alargado, os registos que tivemos de algum desinteresse são absolutamente residuais. O que significa que os professores também foram confrontados com uma circunstância que era diariamente terem uma hora para a leitura e de muitas vezes eles próprios não terem competências para promover essa hora de leitura. Portanto, o facto de a BM intervir nessa área, interagir com eles, é bom na medida em que suprime uma necessidade que eles têm, mas sobretudo com competências desenvolvidas.

Tal como todas as actividades da BM, a actividade associada ao PNL, *Biblioteca Itinerante*, é sujeita a uma operação de avaliação. Essa avaliação é feita trimestralmente, através de uma ficha que é preenchida pelos professores, onde eles expressam a sua apreciação em relação ao conteúdo da actividade e à acção das animadoras. Os primeiros resultados foram muito positivos, expressando um nível de satisfação extremamente elevado.

Embora considere ser ainda muito cedo para fazer uma avaliação de impactos, a percepção da bibliotecária responsável é que os professores sentiram uma maior necessidade de formação relativa à promoção da leitura. O facto de terem tido uma obrigatoriedade do ponto de vista curricular e a abertura que sentiram por parte da BM, apoiando os professores de alguma forma a cumprir aquilo que estava previsto, levou, no ponto de vista da bibliotecária, a um incremento da necessidade e procura dessa formação pelos professores. Essa percepção decorre não só do contacto que as técnicas têm tido nas escolas que visitam, mas também pelo *feedback* que o SABE tem tido em relação à rede de bibliotecas escolares do concelho que estão também a cumprir o PNL.

É engraçado, pela primeira vez os professores estão a pedir que a gente integre a parte da promoção da leitura na formação que damos (o SABE). Portanto, é evidente que há qualquer coisa...

A bibliotecária responsável afirma ter-se informado a respeito do PNL por sua própria iniciativa. Não existiu nenhum contacto formal com a BM por parte dos responsáveis do PNL, nem por ocasião da criação do programa. A directora e a sua equipa recorrem ao *site* do PNL para irem tomando conhecimento das novidades e, quando pretendem obter algum esclarecimento acerca do Plano, contactam o IPLB.

A nível de IPLB, nada de novo ocorreu. O IPLB sempre teve uma divisão de promoção do livro e da leitura e há muitos anos que tem uma bolsa de acções que disponibiliza às bibliotecas de leitura pública. A própria BM de Santa Maria da Feira tem usufruído regularmente desta oferta, que abrange actividades/iniciativas diversas, como acções de formação para mediadores de leitura, comunidades de leitores, ateliers, teatro, etc. Este programa de Itinerâncias transitou para o PNL e, segundo a bibliotecária responsável da BM, a única alteração é que lhe foi colocado o “carimbo” do PNL. Ainda assim, foi manifestado algum receio de que problemas orçamentais pudessem comprometer a sua disponibilização este ano. Esta percepção resulta da ausência de resposta do IPLB até à data da entrevista, em Abril de 2007, à inscrição realizada pela BM em Novembro de 2006, o que afirmam as entrevistadas não ser habitual.

Na opinião da bibliotecária responsável, o PNL não veio trazer nenhuma mais-valia à BM da Feira, porque há muitos anos que já lá existe um investimento na promoção da leitura, inclusivamente junto do público escolar. A nova actividade, associada ao PNL, tem tido resultados positivos, mas se não tivesse emergido no seu âmbito teria surgido igualmente.

O Plano Nacional de Leitura, em termos gerais e na sua organização

A criação do PNL é considerada oportuna pela bibliotecária responsável da BM. Um Plano de leitura poderá ser um bom argumento para que as bibliotecas menos dinâmicas comecem a promover mais activamente actividades de promoção do livro e da leitura, podendo também servir para sensibilizar as autarquias menos atentas a estas problemáticas.

A opinião da entrevistada é consonante com a da organização do Plano de que a promoção da leitura deve ser feita prioritariamente entre as crianças e os jovens.

Embora oportuno, no ponto de vista da bibliotecária responsável, o PNL deveria ser reformulado e mais bem projectado alguns aspectos. A forma como o PNL havia decorrido até ao momento, mereceu a evidência de alguns pontos menos positivos.

Em primeiro lugar, é apontado o facto de as BMs não terem sido formalmente “convocadas” para este programa. As bibliotecas deveriam ter sido ouvidas e levadas a participar desde o início na estruturação e implementação do programa. Segundo a bibliotecária, as BMs não foram integradas realmente, não foram tidas como o verdadeiro parceiro que são no terreno. A experiência dos recursos humanos das BMs, por exemplo, poderia ter sido tido aproveitada na elaboração da lista de livros sugerida pelo PNL. Não quebrando a autonomia dos conselhos executivos e dos professores, as BMs deveriam também ter sido chamadas a apoiar as escolas na planificação dos seus projectos, principalmente no que respeita à selecção dos livros que foram adquiridos com o reforço orçamental do PNL.

O Ministério da Educação e o Ministério da Cultura sempre partiram da premissa de que as BMs seriam boas parceiras no sentido de poderem ajudar a promover este Plano. Mas o facto é, que ignoram as BMs. Se as BMs são um verdadeiro parceiro no terreno, e são, para ajudar as escolas a promover estas competências, então as BMs deveriam ser tratadas como tal. (...) Nunca ninguém ouviu as BMs acerca desta matéria. (...) integraram-se as BMs do ponto de vista da intenção mas não de facto.

Na opinião da entrevistada, grande parte dos professores não tem conhecimentos suficientes na área da literatura infantil que tornem a selecção dos livros devidamente fundamentada. Eles acabam por incidir a sua escolha nas obras mais conhecidas, que nem sempre são as mais interessantes ou adequadas, e num grupo restrito de autores. Por outro lado, não são percebidas vantagens que justifiquem os custos financeiros decorrentes da aquisição de doze exemplares de cada título.

Não é essa a função dos professores, é compreensível que eles não conheçam o mundo da literatura e que quando vão a uma lista de livros escolham aqueles que de facto são os mais conhecidos. (...) É capaz de entrar numa escola e ver uma prateleira com os livros todos de um só autor ou de um número reduzido de autores (...) São doze livros do mesmo título, sempre dos mesmos autores. (...) e eu dou aqueles doze livros a um grupo de crianças para ler e eles nunca mais vão ler, lêem uma vez e está lido.

Também a listagem de livros recomendados pelo PNL é alvo de reparos pela entrevistada. São identificadas algumas lacunas, como a omissão de alguns títulos da literatura universal que teriam toda a pertinência em lá aparecer.

Um outro ponto que é alvo de comentários é a divulgação do PNL. Segundo a bibliotecária responsável, o PNL não investiu na elaboração de um plano de comunicação devidamente estruturado. A divulgação relativa às escolas não tem sido eficaz e, a um nível mais geral, não foi procurada a associação devida por parte dos meios de comunicação social. A divulgação através do *site* não é suficiente. O contacto com os professores, decorrente do projecto de itinerância, leva também a responsável do núcleo pedagógico a evidenciar essa falha comunicacional, patente na falta de informação demonstrada por eles a respeito do PNL.

Estas visitas que fazemos com a itinerância, no início tentamos saber junto dos professores se sabem... (...) Sabiam que no plano curricular tinham de ter uma hora de leitura por dia, mas pensavam que isso era actividade curricular, não tinham, conhecimento que isso decorria de um projecto de cooperação entre Ministério da Educação e Ministério da Cultura para promover a leitura.

Na opinião da bibliotecária responsável, a debilidade do plano de comunicação do PNL faz com que este apareça, por um lado, com um carácter de aplicação obrigatória, ligado a uma obrigatoriedade que tem de ser cumprida pelas escolas (e não como um projecto mobilizador), e, por outro lado, associado apenas ao contexto escolar, às escolas.

A biblioteca pública e as bibliotecas escolares

A BM de Santa Maria da Feira dispõe de um SABE, com uma bibliotecária destacada para o efeito. O suporte da BM às BEs, através do SABE, é dado logo aquando do processo de candidatura da escola à RBE. A BM apoia na elaboração dessas candidaturas e, depois de aceites, orienta, em colaboração com os professores, a estruturação da BE, a escolha dos equipamentos e dos fundos documentais. A BE é montada logo com uma base de dados, um catálogo digital, que é também da responsabilidade da BM.

Outra componente do SABE é a promoção de acções de formação destinadas aos professores responsáveis das BEs. A bibliotecária responsável pelo SABE dá essa formação, que incide nas técnicas de catalogação. É ainda prestado apoio técnico permanente a todas as BEs, sempre que solicitado (que passa, por exemplo, pelo esclarecimento de dúvidas sobre o tratamento do fundo documental ou pela resolução de problemas com as bases de dados).

Segundo a bibliotecária responsável da BM, o projecto maior a este nível é a criação de uma base de dados concelhia, onde se disponham os fundos documentais não só da BM como de todas as BEs do concelho. O principal obstáculo são os elevados custos de um projecto como este.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

Em relação à situação geral do país quanto à literacia, a bibliotecária responsável comunga das opiniões que são normalmente manifestadas. Pensa ser esse um problema grave e difícil de ultrapassar. Já no que respeita à leitura, é evidenciada a inexistência de um estudo mais actual sobre a leitura em Portugal que permita aferir realmente a situação do país. Segundo a entrevistada, as bibliotecas vieram transformar um pouco a realidade da leitura em Portugal e a sua percepção é que a evolução a este nível tem sido positiva, lê-se mais. Na sua opinião, não há que avaliar o tipo de leitura, o que se lê, porque os gostos são individuais e muitas vezes é preciso começar pelas leituras mais “simples” para se chegar às mais “difíceis”.

É importante promover a leitura e a literacia, porque, do ponto de vista da bibliotecária, a cultura é promotora de riqueza económica, o que torna a literacia e a leitura fundamentais. O PNL pode contribuir para essa promoção se for feita a devida reestruturação do programa.

Caracterização da biblioteca

A BM de Santa Maria da Feira, inaugurada em 2000, é uma biblioteca tipo BM3 - bibliotecas municipais dimensionadas para concelhos com mais de 50 mil habitantes. Actualmente existem mais quatro pólos de leitura da BM espalhados por outras freguesias.

A BM pode ser dividida em dois segmentos, que reflectem os dois conceitos à volta dos quais foi construída. Como “um espaço de cultura e para a cultura”, tem a sala polivalente/de exposições e o auditório/cineclube. Associados à informação, estão, por sua vez, três espaços, dois deles relacionados com os grupos etários - a sala de adultos e a sala infanto-juvenil - e um outro vincado pelo tipo de suporte disponibilizado - a sala audiovisual.

A BM dispõe de cerca de 100 mil documentos impressos (sem incluir as publicações em série) e perto de 8 mil documentos em formato audiovisual. A bibliotecária responsável afirma existir um grande

investimento, do ponto de vista da dotação orçamental, na aquisição de fundo documental, pelo que se procede à sua constante actualização.

Sem contabilizar os grupos, a BM acolhe diariamente uma média de 460 utilizadores, nos dias úteis, e 600 ao sábado. Segundo a bibliotecária, o público da BM hoje em dia já não é composto apenas por estudantes. A BM tem um público bastante diversificado. Tem vindo a verificar-se uma apropriação mais generalizada do espaço, dos seus conteúdos e das suas ofertas. As famílias têm vindo a marcar uma presença crescente. São famílias de vários estratos socioeconómicos, mas essencialmente pais mais jovens que lá se deslocam com os filhos.

As bibliotecas muito tempo viveram com estudantes, isso alterou-se (...), porque também começámos a trabalhar com as famílias. Temos actividades ao sábado (...). As famílias vêm ao sábado. Hoje em dia, independentemente do seu estrato socioeconómico, os pais... a infância começa a ter um espaço, ainda não tem em muitas casas, mas já começa a ter um espaço muito importante na vida das pessoas. Nomeadamente nas actividades que temos (...) todas as vezes que solicitamos a participação dos pais, é extremamente participado.

A entrevistada afirma que esta BM sentiu, tal como as outras, o *boom* de crescimento decorrente da disponibilização de audiovisuais para empréstimo domiciliário. Mas, por outro lado, tem também vindo a aumentar a procura de livros de ficção. O número de utilizadores dos computadores da BM é também crescente, assim como os utilizadores com computadores portáteis próprios que ali usufruem do acesso gratuito à Internet. Segundo a mesma, essa utilização dos pc's é efectuada tanto por crianças (na sala infanto-juvenil), como por adolescentes (na sala audiovisual) e por adultos (na sala de adultos).

A bibliotecária responsável pela BM evidencia a maior apetência e sensibilização para o acesso aos meios culturais que se verifica hoje em dia e que diz ser visível no concelho, especialmente entre as novas gerações. Os jovens são, por exemplo, o principal público das sessões de cinema alternativo do cineclub da BM.

A BM da Feira tem apostado bastante na vertente de promoção da leitura e da criação de novos públicos para a leitura. Inúmeras actividades são desenvolvidas com este intuito ao longo de todo o ano, especialmente dirigidas ao público escolar e também às famílias. O núcleo pedagógico tem um papel bastante importante neste domínio, dinamizando actividades como a hora do conto, visitas guiadas à BM, jogos pedagógicos, encontros com escritores, sessões de leitura com actividade plástica associada e muitas outras.

Algumas actividades e projectos desenvolvidos articulam a leitura e o livro com áreas menos directamente associadas a eles, como a música, o teatro ou outras artes performativas. A BM tem também apostado em projectos em rede, em parceria com entidades externas, por exemplo, teatros ou centros culturais, ou em colaboração com outros pelouros da autarquia. É mencionado um projecto que iria ser desenvolvido com a divisão social da Câmara, que visa a integração de jovens descontextualizados e problemáticos. A ideia era a exploração da leitura d'O *Príncipezinho* através das artes performativas, aproveitando a realização do habitual Festival Internacional de Teatro de Rua (*Imaginarium*), em Santa Maria da Feira: "Estamos muito empenhados em fazer coisas diferentes".

Uma outra vertente do núcleo pedagógico da BM é a organização de acções de formação para "mediadores de leitura", destinadas a agentes da educação, da cultura, pais, reformados, ... O objectivo da criação de competências está também presente noutro tipo de cursos promovidos pela BM, destinados a

adultos, como os cursos de iniciação à Internet e aos processadores de texto, que têm tido um acréscimo substancial de inscrições de desempregados.

A divulgação das actividades da BM é feita através do seu *site* na Internet, através de uma *newsletter*, através da *Agenda de Actividades de Santa Maria da Feira*, distribuída trimestralmente pela Câmara Municipal, e ainda através dos jornais locais.

A BM aposta também muito na sua própria avaliação e na monitorização da qualidade do seu funcionamento e serviços. A BM da Feira é a única biblioteca certificada no país - em 2006 foi-lhe atribuída, pela APCER, o Certificado de Qualidade de acordo com a ISO 9001:2000⁴⁰.

Temos de ter objectivos estratégicos. A biblioteca é um centro de informação, de cultura, de socialização e de formação informal.

Alguns dados relativos aos utilizadores da BM são obtidos directa e permanentemente através do sistema de informação da BM. Eles traduzem-se em indicadores de performance, relativos, por exemplo, ao número de utilizadores. Por outro lado, o inquérito anual ao utilizador, aplicado há dois anos consecutivos, permite a obtenção de outro tipo de informação, tornando possível, por exemplo, aferir a sua satisfação em relação à BM e ao serviço por ela prestado. Os resultados obtidos são muito positivos, apontando para uma nível de satisfação perto dos 100%. Face a estes resultados, vai ser futuramente verificada a adequabilidade da monitorização.

Com o mesmo intuito, de avaliação e melhoramento do desempenho da BM, foi criado um serviço de sugestões e reclamações. Os usuários têm-se mostrado muito participativos.

Também as actividades desenvolvidas pelo núcleo pedagógico e a intervenção do SABE são sujeitas a um processo de avaliação. Este é realizado através do preenchimento de uma ficha de avaliação da actividade pelos professores ou responsáveis das BEs nelas envolvidos. Também aqui o grau de satisfação é bastante elevado.

Segundo a bibliotecária responsável da BM, o papel desta instituição na promoção da leitura é muito importante. A leitura tem de ser promovida noutros contextos, como a família e a escola, a biblioteca não os substitui, mas, no caso específico de Portugal, “em que a manutenção de gostos de leitura, de audição de CDs ou de visionamento de filmes exige um esforço financeiro tão grande”, a biblioteca ganha uma relevância acrescida.

Os principais projectos da BM, no médio e longo prazo, são, em relação aos seus serviços, a aposta na disponibilização de serviços digitais/virtuais, permitindo, por exemplo, a utilização do serviço de referência através da Internet. Relativamente às actividades, destaca-se o investimento em actividades inovadoras e atractivas para os jovens, relacionadas com a cultura e as artes, a realização de projectos de combate às iliteracias e de promoção da leitura para adultos, e ainda o reforço do papel do núcleo pedagógico.

⁴⁰ Os referenciais ISO 9000 constituem uma referência internacional para a Certificação de Sistemas de Gestão da Qualidade. A Certificação de acordo com a ISO 9001:2000 reconhece o esforço da organização em assegurar a conformidade dos seus produtos e/ou serviços, a satisfação dos seus clientes e a melhoria contínua (<http://www.apcer.pt/>).

Sugestões e propostas

Segundo a bibliotecária responsável, o PNL deverá apostar num plano de comunicação, por forma a tornar-se, por um lado, num projecto mobilizador e não ligado a uma obrigatoriedade, e, por outro lado, para que deixe de ser associado apenas às escolas. Para além de um contacto mais directo com os vários intervenientes no terreno, o PNL deverá procurar uma maior implicação por parte dos *mass media* na sua divulgação.

Tem de ser um projecto mobilizador. (...) não houve um investimento num plano de comunicação e isso é essencial, para retirar esta ideia de obrigatoriedade e para retirar este selo de que o PNL é uma coisa só para as escolas. Se fosse para as escolas decorria só do Ministério da Educação e não decorria de um protocolo entre os dois Ministérios, o Ministério da Educação e o Ministério da Cultura. Eu acho que isso devia ser feito já.

Seria também positivo se fosse procurada uma maior participação das bibliotecas de leitura pública no Plano, aproveitando o seu potencial e a experiência dos seus recursos humanos. Estas deviam ser consideradas uma mais-valia e um verdadeiro parceiro no terreno à implementação do projecto.

Na opinião da entrevistada, deveria ainda haver uma maior aposta por parte do PNL na promoção da literacia entre os adultos. No âmbito das bibliotecas, por exemplo, poderia incentivar-se a organização de comunidades de leitores, a sua replicação, já que estas estão circunscritas às grandes cidades. As bibliotecas têm muita dificuldade, nomeadamente devido aos custos financeiros, em arranjar promotores devidamente habilitados para a dinamização destas iniciativas, e o PNL poderia apoiá-las.

3.3. Biblioteca Municipal Eugénio de Andrade (Fundão)

3.3.1. Relatório de visita

O primeiro contacto com a biblioteca foi efectuado por telefone no dia 3 de Abril de 2007, após o contacto com a EB 2, 3 Serra da Gardunha, através da bibliotecária responsável pela Biblioteca Municipal que se mostrou disponível para colaborar e agendar a visita para o dia 24 de Abril, às 11h. Foi também solicitada a sua ajuda para contactar a autarquia, tendo, nesse sentido, identificado o vereador da cultura e sugerido contactá-lo através da sua secretária.

A primeira visita à biblioteca iniciou-se no dia 24 de Abril de 2007 por volta das 11h50m, tendo a entrevista com a bibliotecária decorrido no seu gabinete. Finda a entrevista, foi realizada uma visita guiada pela BM.

A biblioteca está localizada próxima do centro da cidade, sendo que o espaço que hoje ocupa é bastante recente, tendo apenas 2 anos, e foi construído de raiz. A BM encontra-se seccionada em diferentes espaços: espaço de adultos, espaço infanto-juvenil, zona de informática, de imprensa escrita (jornais e revistas), audiovisual (com um ecrã de plasma, sofás e *puffs*), a sala polivalente e a sala da “Hora do Conto”. No período de tempo em que decorreu a visita a biblioteca estava quase vazia, com alguns jovens a trabalhar em grupo e individualmente, nos computadores e alguns homens na zona dos jornais e revistas. De acordo com a bibliotecária, o período da manhã é o mais calmo na BM, sendo mais frequentada de tarde quando os

jovens terminam a escola e os adultos saem do trabalho. À entrada da biblioteca, do lado direito, encontra-se um espaço com revistas, jornais e sofás que foi exclusivamente criado para as mulheres que nem sempre se sentem confortáveis em partilhar o mesmo espaço que os homens na zona de adultos. Os cartazes informativos de actividades são escassos pelo espaço da biblioteca e não existem panfletos informativos. Destaque para um cartaz da actividade realizada na cidade no dia anterior “Fundão, um livro na mão”, no âmbito da celebração do Dia Mundial do Livro, para um cartaz da Caminho a publicitar o Plano Nacional de Leitura e para a exposição de desenhos de alunos de JIs e EB1s do concelho que visitaram a biblioteca.

3.3.2. Entrevista a Bibliotecária Responsável

Perfil da entrevistada

A bibliotecária responsável da BM tem 29 anos, é licenciada em História e pós-graduada em Ciências Documentais no ramo de Bibliotecas e Centros de Documentação pela Universidade de Évora. Quando terminou a licenciatura deu aulas durante 2 anos, mas por não ter gostado da experiência optou por investir na pós-graduação, período após o qual ingressou na Biblioteca Municipal da Covilhã. Está há 4 anos na Biblioteca Municipal Eugénio de Andrade. Todos os anos participa nas formações da Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas (APBAD) de modo a aprofundar os seus conhecimentos e manter-se actualizada.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na biblioteca pública

A bibliotecária responsável tomou conhecimento do PNL através dos meios de comunicação social. Procurou desde o início mais informação recorrendo à Internet e a partir do momento em que foi criado o sítio na Internet do Plano passou a consultá-lo quotidianamente. Para além disso, em Novembro a BM recebeu documentação específica por parte da Comissão do PNL, a apresentar o Plano e a propor a celebração de um protocolo com a autarquia. Não receberam qualquer tipo de informação por parte do IPLB.

Em Setembro de 2006 a BM foi contactada por um Jardim de Infância do Fundão que, no âmbito do PNL, gostaria de visitar a biblioteca uma vez por mês para desenvolver actividades de promoção da leitura. Foi então que a bibliotecária sentiu necessidade de planificar acções ligadas ao Plano, não só para dar resposta às solicitações de algumas escolas, como também para, sob o signo do PNL, dinamizar o espaço da BM e trazer as crianças à biblioteca. Neste sentido, em Outubro decidiram seleccionar um conjunto de livros sugeridos pelo Plano, geralmente um ou dois por ano de escolaridade, e criar actividades específicas para as crianças desenvolverem em torno dessas obras na BM. Enviaram, então, uma carta a cada escola do concelho (JIs e 1º ciclo) a apresentar, por um lado, o PNL e, por outro, as acções propostas às escolas pela BM, nas quais as mesmas se poderiam inscrever. As actividades consistem essencialmente em dramatizações, Horas do Conto e expressão plástica e são dinamizadas pela bibliotecária responsável e pelas técnicas profissionais da BM.

A BM tem também adquirido diversos livros sugeridos pelo PNL, totalizando neste momento cerca de 200 obras. A listagem destes livros encontra-se num panfleto criado pela biblioteca e que será distribuído

às escolas em Setembro. Pretendem também criar algumas malas onde irão colocar cerca de 12 livros diferentes para circularem pelas escolas de modo a que os professores conheçam as obras sugeridas pelo Plano e possam, assim, fazer uma escolha mais fundamentada dos livros que querem trabalhar no próximo ano lectivo.

Porque escolher os livros pelo título é complicado e nem todos estão dispostos a ir à *Bertrand* à Covilhã para ver os livros. No fundo, dizer “nós temos estes livros, venham cá, vejam e depois se quiserem trabalhá-los com as crianças nós até ajudamos”.

A BM foi também convidada, no âmbito do PNL, para receber no seu espaço a final distrital do Concurso Nacional de Leitura. É ainda importante referir que a 29 de Março realizaram um encontro entre BEs e BMs, direccionado para bibliotecários, onde esteve também presente Isabel Alçada, cuja comunicação se centrou na apresentação do PNL.

No âmbito da celebração do Dia Mundial do Livro foi realizado um evento co-organizado pela CM, pela BM e pelas escolas do concelho, intitulado “Fundão, Livro na Mão”. Tratou-se de uma iniciativa conjunta que levou as crianças dos diferentes agrupamentos escolares para o centro da cidade para realizarem um conjunto de actividades em torno do livro e da leitura (dramatizações, música e expressão plástica).

Tal como em anos anteriores, a BM candidatou-se também às acções do programa Itinerâncias do IPLB, contudo o programa não se encontra ainda em funcionamento este ano. Neste âmbito, procuram geralmente trazer à biblioteca acções de formação para os professores, exposições e ateliers. Apesar de terem outras actividades na BM, sentem falta destas acções que possibilitam sempre diversificar e enriquecer o programa da biblioteca.

Os contactos com a Comissão do PNL, geralmente através da Dr^a Alexandra Marques, têm sido frequentes e bastante positivos, quer para o esclarecimento pronto de dúvidas, quer no sentido da BM facultar informação e materiais relativos às actividades que têm levado a cabo.

Em termos gerais, o balanço que a bibliotecária faz das actividades desenvolvidas na BM no âmbito do PNL é muito positivo. No mês de Março, por exemplo, que decidiram dedicar por inteiro a acções do Plano, receberam cerca de 480 crianças. A resposta por parte das escolas tem sido tão boa que a biblioteca enfrenta já alguma dificuldade em responder a um número de solicitações tão elevado. Contudo, isso não significa que todas as escolas estejam receptivas a este plano de acções de promoção do livro e da leitura. Se muitas delas visitam a BM mensalmente, mesmo situando-se a 40 km da cidade do Fundão, outras, mesmo mais próximas geograficamente, não se revelam interessadas em participar.

Apesar de não estarem a monitorizar e avaliar os impactos das actividades levadas a cabo na BM no fomento de hábitos de leitura⁴¹, a bibliotecária considera que o Plano Nacional de Leitura tem contribuído para motivar crianças e jovens e para despertar o seu interesse por determinadas leituras e livros.

Eu acho que sim porque os miúdos sabem que isso existe, que o Plano Nacional de Leitura existe, e sei que eles... (...) ...e eles às vezes já nos têm pedido livros do PNL: “eu queria ler, a minha professora falou-me nisto, tem aí?”. Pronto, e nós vamos tentando responder às questões deles. Isso acho que o PNL está a funcionar.

⁴¹ Pretendem fazê-lo em Junho/Julho, no final do período escolar.

Neste sentido, o PNL, através das orientações e sugestões de livros elaborados pela Comissão do Plano, veio reforçar e complementar o plano de acções que a BM já desenvolvia com o objectivo de promover o livro e a leitura, particularmente entre os mais novos.

Eu acho que foi complementar. E depois veio é acrescentar algo de novo, mais ainda. Porque nós já fazíamos Hora do Conto, já fazíamos actividades para as escolas, mas o PNL trouxe-nos realmente algumas indicações e algumas obras que nós escolhemos e que podemos trabalhar com as escolas.

Relativamente a públicos mais velhos, já tem algumas reservas quanto ao impacto do PNL. Motivar jovens a partir do 10º ano de escolaridade torna-se bastante mais complicado, implica um investimento maior e é um processo mais demorado.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

Apesar de em Portugal os hábitos de leitura serem bastante fracos, a bibliotecária afasta-se de perspectivas mais pessimistas, recorrendo às estatísticas que foram divulgadas no dia anterior, no âmbito do Dia Mundial do Livro, que apontam para um incremento do número de leitores no país. Apesar de considerar que os preços dos livros são um dos maiores obstáculos à criação de leitores, o panorama nacional parece estar a alterar-se.

Contudo, isso não significa que não existam ainda muitos obstáculos a transpor, particularmente na escola, em relação às populações mais jovens, onde a leitura é muitas vezes apresentada e encarada como uma obrigação.

As pessoas lêem mais, é verdade, mas ainda como ontem também nós vimos, há miúdos que continuam a achar que ler é obrigatório, é as escolas. Porque durante muitos anos a escola teve o monopólio da leitura e retirar agora à escola, só desde Setembro que começou o PNL, esse monopólio, é muito complicado. E mesmo incutir nas pessoas o prazer de ler é difícil, mas acho que nós conseguimos ir lá. Aquela ideia de que temos que ler aquelas obras obrigatórias, *Os Maias* e assim, acho que não é muito boa. Mas acho que sim, acho que nós conseguimos ir lá. E as pessoas já andam mais vezes com o livro, já...acho que sim, que já lêem mais, já vejo mais pessoas nas livrarias também, acho que sim, nós vamos lá.

Neste sentido, a criação do PNL parece-lhe ser louvável e absolutamente necessária para contornar a situação da leitura em Portugal e para aproximar o país de outros contextos nacionais.

Já precisávamos, Portugal precisava de um Plano Nacional de Leitura. (...) Nós olhamos para os vizinhos espanhóis, olhamos para a Argentina, Chile...tem que haver algo que faça movimentar as pessoas em torno da leitura, tem que ser, não nos podemos continuar a lamentar que não lemos, que não lemos e não fazemos nada para isso. E acho que agora esta Comissão pelo menos está a fazer alguma coisa para isso.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais e na sua organização

Em termos gerais, concorda com a forma como o PNL está organizado e como foram definidos os seus objectivos, prioridades e actividades. A divulgação tem também sido bastante boa, sendo que neste âmbito a marca Ler+ desempenha um papel muito importante, por ser bastante cativante.

A criação do PNL assume maior importância para as BMs porque coincidiu com uma fase mais complicada que o IPLB está a atravessar. Não existindo este ano o programa Itinerâncias, a BM não tem tido qualquer tipo de apoio por parte do IPLB. Para além disso, sendo o mesmo um parceiro do PNL, não

compreende o seu posicionamento tão distanciado e passivo relativamente às acções do Plano. Neste contexto, o PNL possibilita compensar a ausência do IPLB.

Ainda bem que o PNL existe, palavra de honra. Porque nós Bibliotecas Municipais...eu sinto isso, o IPLB está-nos a deixar um bocadinho assim...não nos está a dar grande atenção. E às vezes para desenvolver esse tipo de projecto precisamos de saber que está alguém por trás que nos pode dar algum apoio e mesmo para dinamizar e para divulgar as nossas actividades. E o Plano aí acho que nos está a fazer a vez do IPLB (*risos*). (...) Nos outros anos como têm tido as Itinerâncias a relação tem sido boa, mas este ano não há. E sendo o IPLB um parceiro do PNL não se percebe. O parceiro tem sido o PNL. O IPLB como parceiro está à margem, se calhar fruto da conjuntura por que está a passar.

O aspecto mais positivo do PNL que a bibliotecária destaca é o facto de envolver um conjunto diversificado de entidades, que não apenas as escolas e as BMs, e fomentar um trabalho conjunto, partilhado e interconectado entre todos os intervenientes com os mesmos objectivos.

Agora de aspectos positivos...eu gosto do Plano, acho que está bem estruturado. Gosto da parte em que eles querem movimentar várias entidades, é as bibliotecas, é os hospitais, é as prisões, é...acho que sim, tem que haver uma ligação entre todos porque se todos continuamos na nossa quintazinha...que é a biblioteca, só trabalho para a biblioteca, etc... Aquilo que nós fazemos na prática depois tem um resultado tão pequenino...

Para além disso, destaca também a importância da organização e formalização das práticas de promoção da leitura para estimular os professores a desenvolvê-las.

Está a falar para mim que sou bibliotecária, mas se falar para professores de certeza que lhe vão dar críticas, como por exemplo, “nós já líamos, nós já fazíamos isto na sala, não nos estão a dizer nada de novo”. Mas às vezes é necessário haver este tipo de coisas e escritas no papel para os professores aplicarem mesmo na prática. Claro que há-de haver professores que ainda não estão a aplicar o PNL, nem querem saber nada disso. E eu até conheço alguns exemplos.

O aspecto menos positivo do Plano diz respeito às listagens de livros sugeridas, já que muitas das obras não são as mais adequadas para as faixas etárias a que se dirigem.

Nos aspectos negativos é as obras, há obras seleccionadas que nós não concordamos muito com elas no sentido de não estarem adequadas aos anos em que lá estão. Por exemplo, eles têm obras no 2º ano que dão perfeitamente para o 1º ano e para o 2º ano já são muito fraquinhas. E depois há outras de 1º ano...por exemplo uma das obras que vamos trabalhar com um Jardim de Infância, vamos fazer uma dramatização, é complicada, é muito complicada e está para um 1º ano.

A biblioteca pública e as bibliotecas escolares

A acção da BM estende-se a toda a população do concelho, contudo, assume como público-alvo prioritário as crianças e os jovens de modo a tentar motivá-los desde cedo para o livro e para a leitura. A estratégia utilizada para atraí-los para a biblioteca centra-se na relação que a BM estabelece com as escolas, já que são espaços privilegiados para mobilizá-los. Embora considere que esta relação é bastante boa, há muitos aspectos que deveriam ser melhorados, nomeadamente o (des)interesse que algumas escolas manifestam em colaborar nas iniciativas da BM. Como já referido, se há escolas que percorrem mensalmente 40 km para visitarem a biblioteca, outras, mais próximas, optam por não fazê-lo.

O SABE assume muita importância para a generalidade das escolas, já que cataloga os livros das BEs e insere-os na base de dados de fundo documental concelhio, que abrange todas as BEs e a BM. Nalgumas ocasiões é a própria BM que compra determinados livros para as BEs sob orientação dos professores. Para além disso, o SABE presta apoio às escolas no planeamento de actividades e propõe a participação de

professores em acções de formação. Até há pouco tempo a bibliotecária responsável pela BM deslocava-se ocasionalmente às escolas para prestar todo o apoio que fosse necessário, mas actualmente, por indisponibilidade de tempo, é uma professora de uma escola do 1º ciclo que assume essa responsabilidade.

Caracterização da biblioteca

Embora a Biblioteca Municipal já existisse há alguns anos, situava-se num edifício muito pequeno, com poucas condições para receber e atrair leitores e com um fundo documental muito reduzido. Foi entretanto construída de raiz uma nova BM que está a funcionar há 2 anos.

A BM é bastante frequentada por crianças e jovens que não só participam activamente nas diferentes actividades da BM, como utilizam o espaço e os recursos da BM para estudar e como lugar de lazer. A bibliotecária acha particularmente interessante encontrar na biblioteca estudantes universitários da UBI que moram na Covilhã e que se deslocam até ao Fundão para utilizarem a BM. A afluência de adultos é também bastante significativa, tendendo a usar a BM com fins recreativos. Conseguem também, neste momento, identificar um conjunto alargado de pessoas com cerca de 30 a 40 anos que estão a estudar para conseguirem equivalência ao 12º ano. Há depois um conjunto restrito de idosos, geralmente homens, que quotidianamente se deslocam à BM para ler jornais e revistas.

A bibliotecária está bastante satisfeita com as requisições de livros feitas na BM, já que diariamente os leitores – do conjunto de 1600 pessoas com cartão de leitor – requisitam entre 30 a 40 livros, o que para um concelho como o do Fundão é bastante significativo. Mensalmente a BM regista aproximadamente entre 350 a 400 empréstimos domiciliários. O número de requisições poderia ser ainda maior se a BM existisse há mais tempo, já que as pessoas levam sempre algum tempo a apropriar-se do espaço. Os adultos entre os 45 e os 50 anos são quem mais requisições efectuam, assim como as mulheres.

Relativamente aos suportes, não consegue identificar qual o mais utilizado, já que, em termos gerais, todos são bastante requisitados pelos utilizadores. Ainda que, por exemplo, os computadores tendam a ser ocupados pelos mais jovens, isso não significa que os mesmos não recorram também aos livros ou que os adultos não utilizem também os computadores. Em determinados dias os livros são mais utilizados que os computadores e noutros a situação é inversa. Importa referir que a bibliotecária refere-se à utilização dos computadores pelos jovens como algo negativo e que a BM procura combater no sentido de fomentar uma maior aproximação ao suporte livro.

Os períodos da manhã são os mais calmos na BM, sendo que a mesma é mais frequentada ao final da tarde, particularmente quando os jovens terminam as aulas e os adultos saem dos empregos. As quartas e sextas-feiras – por não existirem aulas no período da tarde – e sábados são os dias em que a biblioteca é mais visitada. Os diversos utilizadores dispersam-se pelos vários espaços da BM (sala de adultos, sala dos jornais, revistas e computadores, espaço audiovisual e sala infanto-juvenil), não sendo nenhum deles necessariamente mais utilizado que outro.

As actividades desenvolvidas são criadas conjuntamente e dinamizadas pelos diferentes membros da equipa da BM e centram-se fundamentalmente no livro. Quando trabalham o fundo local recorrem também à imprensa escrita.

Porque a BM assume como público prioritário o infante-juvenil, grande parte das acções que desenvolve no seu espaço direccionam-se para os mais novos. Para além da “Hora do Conto”, de expressão plástica, de dramatizações e de encontros com os escritores, a BM alberga agora um projecto intitulado “BiblioNave”, que já passou pela BM de Penamacor, que consiste numa nave espacial colocada no espaço infante-juvenil da biblioteca com vários livros no seu interior colocados em pequenas bolsas. Este projecto coloca aos mais novos o desafio de lerem pelo menos 6 desses livros, sendo que se o fizerem no espaço de 3 meses recebem um prémio.

Têm já algumas actividades planeadas para os próximos meses:

- no mês de Maio vão fazer uma actividade direccionada para a preservação do livro designada “Hospital dos Livros”, na qual vão ensinar pequenas técnicas de recuperação e de encadernação de livros;

- também em Maio pretendem lançar o concurso “Ser bibliotecário por um dia” junto das escolas, no qual irão seleccionar 4 ou 5 crianças que vão passar um dia com a equipa da BM para perceberem como funciona uma biblioteca;

- o mês de Junho vai ser dedicado ao concelho do Fundão, através da realização de ateliers de poesia e de escrita criativa instrumentalizando o fundo documental local.

Mas a BM tem também direccionado determinadas actividades a outros públicos. É o caso das acções levadas a cabo para o lar da Santa Casa da Misericórdia, geralmente ligadas aos contos tradicionais. A biblioteca procura também atrair os pais e as famílias através das crianças que, muitas vezes, na sequência da sua participação em actividades, pedem aos pais para visitar a BM. Ainda assim, a partir do próximo ano lectivo esperam lançar algumas acções especificamente direccionadas para as famílias que impliquem que pais e filhos desenvolvam actividades em conjunto. Este objectivo é particularmente importante se se pensar que em muitas situações os pais deixam as crianças na BM e vão ao supermercado, não as acompanhando nas acções.

A divulgação das actividades da BM é feita através de ofícios enviados a diversas entidades, como escolas, juntas de freguesias e associações. Criam também cartazes próprios que distribuem pelo concelho e recorrem ainda ao sítio na Internet da Câmara Municipal.

A BM, sendo da responsabilidade da autarquia, encontra no vereador da cultura da Câmara Municipal do Fundão todo o apoio necessário. É a autarquia que disponibiliza o transporte das crianças para a BM a partir de qualquer ponto do concelho e tem sido praticamente sempre disponibilizada verba para a aquisição de fundo documental quando solicitada.

O balanço que a bibliotecária faz das actividades de promoção da leitura que a BM tem vindo a desenvolver é bastante positivo porque sente estar a contribuir para criar novos leitores, particularmente entre os mais jovens.

Eu acho que tem sido um impacto bastante positivo porque nós às vezes temos aquelas conversas com os miúdos “ah, eu antes não lia, agora desde que abriu a biblioteca leio”. Isso aí...quando nós ouvimos isso eu acho que pensamos “afinal, até estamos a fazer alguma coisa pela...”. Porque eu ainda estive na biblioteca antiga...*(risos)* Poça! Nós se víamos lá 2 ou 3 crianças por mês era muito. E agora ver que nós temos leitores infante-juvenis com 10, 11 anos...nós temos um, por exemplo, que é o Simão em que já leu a colecção *Uma Aventura* toda e tem 11 aninhos...11 não, 9, o Simão tem 9. E tem o hábito de vir à biblioteca e os pais vêm com ele. É um impacto extremamente positivo.

O impacto das acções da BM estende-se também ao público adulto, principalmente às mulheres do concelho que nem sequer frequentavam a biblioteca quando esta se encontrava ainda no anterior espaço. E mesmo após a abertura da nova BM as mulheres ficavam muitas vezes só no átrio de entrada e não visitavam o espaço de adultos devido à presença dos homens. Nesse sentido, a BM criou um espaço próprio à entrada da BM com sofás e diversas revistas especificamente direccionado para estas mulheres. Actualmente utilizam já os diferentes espaços e suportes da biblioteca.

Sugestões e propostas

A bibliotecária fez algumas sugestões que lhe parecem pertinentes para melhorar acções posteriores do PNL:

- a BM foi já visitada por algumas professoras que procuravam informação e materiais para alunos com necessidades educativas especiais (NEE). O sítio na Internet do PNL disponibilizou já um conjunto de orientações para a promoção da leitura junto destes alunos, contudo, não são ainda suficientes. É uma área em que o Plano deve investir.

- gostaria de ter mais apoio por parte do PNL no sentido de cativar o público adulto, como sugestões, orientações e, por exemplo, a disponibilização de autores para visitarem a BM.

- para uma divulgação mais eficaz do PNL poderia ser criado um programa de promoção da leitura na RTP1, onde se falasse de forma informal de livros, onde se sugerissem leituras e onde se estimulasse, assim, o prazer de ler.

- considera que a Fundação Calouste Gulbenkian se deveria envolver mais no Plano Nacional de Leitura, disponibilizando mais verbas e criando acções próprias.

3.4. Biblioteca Municipal José Saramago (Loures)

3.4.1. Relatório de visita

A visita à BM de Loures decorreu no dia 7 de Maio de 2007, tendo incluído a entrevista com a sua responsável, com cerca de 1h30 de duração, e uma visita geral ao equipamento.

A Biblioteca Municipal José Saramago (BMJS) faz seus os princípios definidos pela UNESCO sobre as missões e serviços da biblioteca pública, adoptados pelo programa da RNBP e que podem ser agrupados em dimensões de satisfação de necessidades educativas, informacionais, culturais e de lazer. O objectivo último é contribuir para a “democratização cultural” definida em sentido genérico. No seu quadro normativo, a Biblioteca Municipal de Loures propõe-se contribuir, entre outras coisas, para estimular hábitos de leitura nos diversos públicos, apoiar a educação formal e a autoformação, propiciar a familiaridade com diversos tipos de suportes e formas de leitura (escrita, imagem, som e multimédia), estimular a procura e facilitar o acesso a informação actualizada (técnica, científica e também genérica e quotidiana) e proporcionar o contacto e o desenvolvimento de capacidades de utilização das tecnologias da informação. Na operacionalização destes objectivos, a BMJS constitui-se como modelo relativamente aos princípios de

funcionamento das bibliotecas públicas definidos no âmbito da Rede. Sendo o equipamento central de uma projectada rede concelhia de bibliotecas, foi inaugurada em 30 de Novembro de 2001 e veio substituir, como serviço municipal de leitura pública e incorporando os fundos documentais já existentes, a biblioteca fixa n.º 93 da Fundação Calouste Gulbenkian, que funcionou em Loures entre 1965 e 2001. Foi construída de raiz numa tipologia BM3, tendo uma área útil de 2183 m2 distribuída por 4 pisos e pelas seguintes áreas funcionais:

- No piso 1, o Espaço Infantil, a Bebeteca e a Sala do Conto. O espaço infantil, à imagem do espaço juvenil/adultos, oferece acesso livre a uma pluralidade de colecções, apenas constituídas com os utilizadores mais novos em mente, assim como televisões, postos de audição musical e computadores com acesso à Internet.

- No piso 0, a Recepção, onde se processam a prestação de informações, o atendimento ao público e os empréstimos e devoluções de livros; a Sala Polivalente com 120 lugares sentados e amovíveis, onde costumam decorrer as actividades culturais, educativas e de informação; a Cafeteria e também o Átrio, onde são realizadas exposições e disponibilizadas informações várias sobre o equipamento e o município.

- No piso -1, o Espaço Juvenil/Adultos onde estão localizadas e organizadas as principais colecções da biblioteca – livros, revistas, jornais, CDs musicais, CD-ROMs e DVDs – assim como os computadores a partir dos quais é possível aceder à Internet, utilizar o pacote Microsoft Office e os CD-ROMs. Existem também neste espaço postos de escuta dos CDs e televisões para o visionamento dos vídeos, para além de uma área reservada a trabalhos de grupo. É permitida a utilização de documentação pessoal e de computadores portáteis.

- No piso -2, os serviços internos, compostos pelo apoio administrativo, os serviços técnicos de tratamento documental, o depósito e o Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares (SABE).

A BMJS oferece, para além da consulta presencial e do livre acesso às colecções, serviço de empréstimo domiciliário de todos os suportes, exceptuando os jornais e as revistas, serviço de apoio a cegos e amblíopes, catálogo automatizado, serviço de referência, serviço de reprografia, visitas guiadas e actividades de promoção do livro e da leitura - animações de livros, comunidades de leitura, encontros com escritores, exposições e prémios literários. Todos os serviços, exceptuando os de reprografia e cafeteria, são gratuitos. A sala polivalente é também utilizada no âmbito de múltiplas iniciativas externas à biblioteca, nomeadamente por parte de instituições sedeadas no concelho. O equipamento está aberto ao público entre as 9h15 e as 18h45 durante a semana e entre as 10h00 e as 18h00 ao sábado, encerrando à segunda-feira e ao domingo, sendo o seu funcionamento assegurado por uma equipa de 29 pessoas.

A BMJS possui também um *website*: <http://www.bmjs-loures.com>

3.4.2. Entrevista a Bibliotecária Responsável

Perfil da entrevistada

Foi uma das responsáveis pela criação da Biblioteca Municipal de Loures, sendo desde o início (2001) directora do equipamento. Tinha trabalhado anteriormente na Biblioteca Municipal da Moita. Possui licenciatura em História e pós-graduação em Ciências Documentais.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na biblioteca pública

Quando questionada acerca da participação da BM de Loures no PNL, a responsável referiu a existência de dois níveis em que a questão teria de ser colocada: o não-envolvimento oficial, protocolado, do equipamento/autarquia no Plano, por um lado, e por outro o comprometimento e a identificação assumidos com os objectivos e propósitos do PNL em termos mais gerais:

Se nós encarmos o PNL como um grande chapéu, vamos lá, no qual tudo aquilo que tem a ver com leitura e com bibliotecas pode estar integrado e incluído, é óbvio que ninguém, nenhuma biblioteca pode estar indiferente ao PNL. E eu entendo que, nesse sentido, nós estamos envolvidos, necessariamente.(...) Agora, há questões formais, que passam, por exemplo, por assinar o protocolo com o PNL. Se vamos por aí, então nós não estamos no PNL.

A Câmara Municipal de Loures optou por não assinar o protocolo com o PNL. Foi referido que a primeira proposta enviada à autarquia era pouco clara e algo “abstracta”, pelo que foram pedidos esclarecimentos adicionais que obtiveram resposta. A proposta de protocolo incluía a atribuição, pela CM de Loures, dos recursos necessários para que todas as escolas do concelho pudessem participar no PNL, algo que os responsáveis autárquicos entenderam não ser exequível em termos financeiros. O facto de esse investimento não estar previsto no Plano de Actividades da Biblioteca foi um dos factores que pesaram nessa decisão. Foi posteriormente enviado pela CM de Loures um ofício no sentido de manter alguma abertura relativamente a outras formas de colaboração/envolvimento que não as financeiras; não foi, contudo, recebida qualquer resposta.

Neste quadro, a CM de Loures resolveu apostar no desenvolvimento de um Plano Municipal de Leitura, tendo em conta a existência do “chapéu nacional” PNL, e contando com o envolvimento das Escolas, das Juntas de Freguesia, das Associações Culturais, etc. Um dos objectivos é cativar recursos variados, para além dos da autarquia. Esse Plano Municipal está a ser desenvolvido neste momento e ainda não existe como documento formal, embora esteja prevista a instalação de um pólo da BM em Sacavém, tendo sido feita também uma candidatura para atribuição de financiamento por parte da Fundação Calouste Gulbenkian, para actividades de promoção da leitura em bibliotecas públicas na mesma cidade. Para além disso, será feita uma aposta forte numa dinamização mais efectiva do trabalho de rede, quer entre a BM e as BEs, quer entre a BM e outras bibliotecas (associativas, pertencentes às Juntas de Freguesia, etc.) do concelho.

No respeitante às actividades da BM que podem ser incluídas no “grande chapéu” do PNL, foram mencionados alguns objectivos comuns e algumas actividades que decorrem no equipamento e que visam estimular a leitura:

Se considerarmos o PNL como o grande chapéu, nós temos actividades que se encaixam perfeitamente no PNL e estamos a trabalhar também no sentido de divulgar, de promover o Plano. Isso nós estamos a fazer.

Neste quadro global, e no referente às obras recomendadas pelo Plano, grande parte delas foram adquiridas e colocadas em destaque na sala infantil, sendo que todos esses livros estão também identificados no catálogo como recomendados pelo PNL. Tem sido feita, portanto, uma divulgação contínua da existência e das características do Plano. As várias obras têm sido muito procuradas por professores, pais e outros

utilizadores da biblioteca, que também têm solicitado informações mais gerais. Segundo a entrevistada, é via escola que os pais/encarregados de educação chegam à biblioteca em busca dos livros e de informação.

No que mais concretamente se refere às actividades realizadas em torno do livro e da leitura, o que existe na BM de Loures são iniciativas que fazem parte do funcionamento regular do equipamento e que, portanto, não são referidas como especificamente resultantes do PNL. Não obstante, algumas delas enquadram-se especialmente naquilo que a entrevistada entende serem os objectivos globais do Plano, tendo sido destacada a actividade denominada de *Pais Leitores*, lançada por altura do arranque do PNL e que se enquadra numa estratégia mais global de aposta em projectos que envolvam várias gerações: essa actividade inclui uma distribuição de sacos mensais, onde é colocado um conjunto de títulos e de sugestões quer para crianças, quer para adultos, com o objectivo principal de promover a leitura junto dos pais, quer em si mesma, quer como leitura conjunta com os filhos. A selecção é feita pela biblioteca e há um novo conjunto de livros todos os meses; incluído nos sacos segue um pequeno questionário que procura obter as avaliações e sugestões dos pais a cada remessa. Uma das remessas foi precisamente baseada nos livros do PNL e incluiu vários materiais de divulgação do Plano. Esta actividade será alargada com outras vertentes: acções de sensibilização para os pais sobre a importância da leitura, divulgação de técnicas para contarem histórias aos filhos, e outras. A adesão dos pais à iniciativa foi considerada muito boa e os sacos dos vários conjuntos já preparados saíram todos:

Este projecto surge muito no enquadramento do PNL. Lá está, serviu se calhar de empurrão, de inspiração. Precisamente porque o Plano, neste ano de lançamento, em que a prioridade vai para os mais pequenos, e a importância dos pais em todo este processo. Foi também um pouco por aí, a necessidade que nós sentimos de ter que trabalhar a estes dois níveis, trabalhar os pais, mas trabalhar os adultos leitores porque se eles não forem leitores dificilmente depois também conseguem fazer o trabalho de promotores da leitura junto dos filhos. E toda aquela questão das acções de sensibilização para os pais que está muito presente no próprio PNL, nós procurámos transportar para este projecto.

Merece também menção o projecto *Rede de Leituras*, desenvolvido a nível concelhio no ano lectivo de 2005/2006, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e com o envolvimento das escolas, que incluiu a circulação de expositores apelativos de um conjunto de livros e a realização de actividades variadas de promoção e divulgação desses mesmos livros (leituras encenadas, encontros com escritores, etc.). Esta experiência decorreu com sucesso assinalável, havendo expectativas de desenvolvimento de iniciativas similares nos próximos anos, nomeadamente no contexto da Rede Municipal de Leitura em desenvolvimento:

Fiquei sempre com a sensação que depois era preciso continuar. É sempre este o problema! (risos) (...) A sensação que nós temos quando estamos num encontro com um escritor onde ouvimos as questões colocadas pelos jovens, ficamos sempre a pensar “isto agora era preciso, a partir daqui, fazer mais qualquer coisa a seguir...” O problema que eu sinto é sempre este.(...) Se tivesse havido um envolvimento ainda maior também da parte dos professores de português, da parte dos responsáveis das bibliotecas, que eram parceiros... Envolveram-se mas se calhar não houve aquele empenhamento que nós gostaríamos de ter visto.

Quando a entrevista foi realizada ainda não tinham tido lugar na biblioteca quaisquer actividades anuais do programa Itinerâncias, pelo que a entrevistada se reportou às experiências anteriores. A avaliação feita foi muito positiva, nomeadamente em relação aos espectáculos, às acções de formação, aos ateliers e às comunidades de leitores, tendo sido também destacada a proximidade conseguida entre aquilo que tem sido pedido através de candidatura e as actividades atribuídas pelo antigo IPLB. Foi ainda destacada a importância

central que, todos os anos, as Itinerâncias assumem na oferta cultural global da biblioteca, embora o seu cariz descontinuo também tenha sido referido como elemento menos positivo:

Sendo um bom espectáculo ou um bom atelier, quem tiver oportunidade de assistir será sempre beneficiado com isso. É evidente que isto não é uma coisa com continuidade. É esse o lado que, se calhar, se pode apontar como menos positivo. Porque as crianças que vêem o Patinho Feio, por exemplo, da Mafalda Milhões, depois não vão ter oportunidade de estar novamente com a Mafalda Milhões, portanto não vai haver uma continuidade. E será só um grupo muito restrito. Mas, não descurando que há outras formas de trabalhar mais tipo laboratório que se calhar é importante as bibliotecas começarem a pensar, em que haja um acompanhamento permanente dos públicos para perceber como é que as coisas evoluem, estas actividades do PNL também são muito positivas, porque podemos dar aos nossos utilizadores o acesso a coisas que, se calhar, doutra forma não conseguiríamos.

O Plano Nacional de Leitura, em termos gerais e na sua organização

A BM de Loures não recebeu informação institucional acerca do arranque do PNL. Souberam da sua existência através da comunicação social e através de contactos variados estabelecidos no âmbito da RNBP. A partir do momento em que o sítio electrónico do Plano foi lançado, este passou a servir como a referência essencial de informação. Apenas houve comunicação institucional no sentido PNL-CM de Loures aquando da proposta de protocolo. O antigo IPLB não assumiu qualquer papel relevante na transmissão de informação.

Relativamente à contribuição do PNL para as actividades da biblioteca, em termos gerais, e no sentido daquilo que já ficou dito, a entrevistada destacou o enquadramento nacional e municipal proporcionado, que potencia a mobilização, e o facto de ter vindo colocar o livro e a leitura na ordem do dia:

O Plano trouxe a obrigação de se falar em leitura e da questão da leitura e das bibliotecas não poder ser indiferente para ninguém, inclusive a nível político. Acaba por ser efectivamente uma obrigação que as próprias administrações sentem de não deixar passar isto em claro. A Câmara mesmo não assinando o protocolo, não pode dizer que está desligada do PNL, há uma obrigação implícita de fazer qualquer coisa para contribuir. Nesse sentido já ganhámos porque, politicamente, se entendeu que se deve avançar para um Plano Municipal de Leitura. Portanto, por aí já ficámos muito satisfeitos! Para nós teve essa vantagem, esse benefício evidente. Porque, de facto, a Câmara neste momento está preocupada e percebe a necessidade de desenvolver a leitura no concelho de uma forma planeada, estratégica, envolvendo vários parceiros. Portanto isso foi entendido e está-se a caminhar para aí. Se calhar se não tivesse havido o PNL, tinha sido mais difícil chegar-se a esse entendimento. Eu acho que a ideia é mesmo essa, não é? É mexer com toda a gente, pôr toda a gente a pensar um pouco nisto.

Foram destacados outros pontos positivos do PNL, quer em termos de abrangência de objectivos e propósitos, quer em termos de apoio e orientação na escolha de livros e na leitura:

O Plano é suficientemente abrangente para, de facto, aquilo que as bibliotecas fazem poder encaixar-se(...) Beneficiamos com o tal chapéu! Por se falar mais sobre bibliotecas, por se falar mais sobre leitura... Aí acabamos todos por colher algum benefício disso. (...) Há muita gente que não sabe o que é que há-de escolher, o que é que há-de comprar, mesmo entre os professores isso acontece. Não quer dizer que a lista do Plano seja um modelo e ninguém questione, porque não é bem assim, podem-se colocar muitas questões relativamente à lista. Mas seja como for, é um elemento de apoio, de orientação relativamente a determinadas escolhas e há muita gente que tem necessidade disso, de ter qualquer coisa por onde se possa orientar, e então as pessoas acabam por ficar satisfeitas por terem esse documento que ajuda: “Olha este livro é mais para este ano. Este livro é mais para ler com acompanhamento. Este é mais para ler sem acompanhamento.” E isto acaba por resultar.

Foi feita uma avaliação positiva dos conteúdos do sítio do PNL, que é frequentado regularmente:

Está lá a informação toda que é necessária. O *síte* podia ser mais apelativo, mas pronto, acho que o mais importante é a informação. Acho interessante terem referências para estudos sobre hábitos de leitura, sobre os *sítes* de outros países que já desenvolveram os planos nacionais de leitura. Acho que isso a esse nível está muito bom. E a nível informativo também acho que está bem concebido.

Mais especificamente, foi também referido o facto de a prova distrital do Concurso Nacional de Leitura ter decorrido na BM de Loures. A esse respeito, foram ainda feitas as seguintes apreciações:

O que se pode, se calhar, ver aqui como menos positivo, é que este concurso é para quem já lê, não é para jovens que não leiam. Portanto não sei se este concurso promoverá a leitura, porque estamos a falar de jovens que já têm que ter hábitos de leitura para poderem participar. É evidente que havendo uma prova nacional que vai ser passada na RTP, isto traz sempre efeitos positivos.(...) Acho que se calhar devia ter havido uma maior orientação, critérios mais claros na primeira fase do concurso, porque foi deixada às escolas a selecção dos jovens, sem haver grandes critérios, cada escola fazia as provas que entendia para seleccionar. Como isto foi deixado em aberto, é evidente que cada escola fez como entendeu. Se houve escolas que perceberam desde o início a lógica do concurso, que passa por estarmos no fundo a premiar bons leitores, houve outras que não perceberam. E então, como não houve o tal critério na primeira fase, aquilo que nós estamos a sentir enquanto júri é que, provavelmente, houve escolas que seleccionaram sem um critério muito rigoroso os alunos para participarem na prova distrital. Agora aquilo que nos dizem é que estão preocupados, porque não sabem se os alunos conseguem ler os livros todos, como é que eles conseguem, etc...

Quanto a aspectos menos conseguidos do PNL, foi referido um certo frustrar de expectativas relativamente àquilo que ele veio trazer, neste primeiro ano, às bibliotecas da RNBP, expectativas que se estendiam ao eventual papel a desempenhar pelo antigo IPLB:

Acho que nós, bibliotecários das bibliotecas públicas, criámos uma série de expectativas, ou eu pelo menos criei muita expectativa relativamente a esta questão do PNL, quando começámos a ouvir que o Plano ia ser lançado e quando começámos a ouvir as primeiras notícias. Criámos uma grande expectativa no sentido de que as bibliotecas iriam ter grandes benefícios, inclusive a nível financeiro e a nível de apoios, etc., com o PNL. Por aí é uma desilusão! Porque efectivamente não é isso que se consegue com o PNL. Inclusive quando a assinatura do protocolo prevê que haja, sim, mais investimento da autarquia. A nível do que vem do IPLB, a noção que nós tínhamos, ou a expectativa que nós tínhamos era que iríamos receber muito mais actividades, porque acho que era também isso que o próprio IPLB pensava... (risos) Que iriam ter capacidade para fazer chegar às bibliotecas muito mais actividades. E não foi isso que aconteceu, para além de que este ano só agora em Maio chega a informação que as actividades estão disponíveis... Para além do atraso, também o número de actividades que vem é aquele que vinha nos outros anos. Por aí não beneficiámos nada do PNL. (...) Toda a gente, os bibliotecários, as bibliotecas públicas e provavelmente o IPLB, acharam que o IPLB iria ter um papel muito mais importante, vá lá, em tudo isto, e acaba por não ser assim, acaba por ir mais para o lado da educação e das BEs, e acaba por as bibliotecas públicas não serem envolvidas da mesma maneira.

Em termos mais concretos, foi ainda referido que “as listas de obras recomendadas são muito, muito questionadas, por professores, pelo público em geral. É evidente que uma selecção é sempre uma selecção e o próprio Plano diz que não é vinculativa. Mas se calhar havia um conjunto de obras que deveria estar mas não está.”

Por fim, foram tecidos alguns reparos no respeitante à forma como tem sido levada a cabo a divulgação do PNL em termos gerais, nomeadamente pela passagem dos *spots* ser mais frequente na RTP2:

Quem vê a 2, se calhar, é já quem lê. Se os anúncios só passam na 2 estamos novamente a trabalhar para os mesmos. Portanto a nível da divulgação a nível nacional não está a ser tão visível como deveria.

A biblioteca pública e as bibliotecas escolares

Nesta biblioteca existe um SABE, o que permite que o relacionamento com as diversas BEs do concelho seja directo e profícuo, passando fundamentalmente por dar apoio a todas elas a nível técnico (constituição e organização das BEs, selecção e aquisição dos livros aquando da instalação; orientações acerca da classificação e catalogação, etc.). Dependendo das dinâmicas e das necessidades dos professores de cada BE específica, outros apoios são também fornecidos pelos técnicos da BM de Loures; posteriormente à instalação de cada BE, têm também lugar reuniões regulares de trabalho (uma vez por mês), envolvendo

todas as bibliotecas do concelho pertencentes à RBE, onde se partilham experiências, se esclarecem dúvidas, são dadas sugestões e onde a Câmara também comunica eventuais novidades referentes a apoios. Outras formas de articulação entre a BM e as BEs do concelho, traduzidas em visitas, actividades conjuntas, etc. têm sido pontuais, destacando-se aqui as deslocações da equipa de animação residente da BMJS às escolas.

Neste âmbito foi destacado que a BM tem que estar atenta ao espaço de autonomia específico das BEs:

Cada um tem o seu espaço, nós não podemos impor-nos ao ponto de sermos nós que vamos dizer o que é que vai ser feito nas BEs. Isso não. Tem que haver um trabalho de apoio, de colaboração, etc., etc., mas a BE tem o seu coordenador, há um professor coordenador da escola, há a questão do agrupamento. Porque as BEs também têm que funcionar dentro do agrupamento, também deve haver uma lógica entre as várias bibliotecas que fazem parte daquele agrupamento.

No que mais directamente diz respeito ao PNL, a biblioteca também tem dado apoio às várias escolas do concelho que receberam financiamento, nomeadamente para selecção das obras.

Leitura e literacia na sociedade actual

A este propósito foi destacado que o papel recente das BEs tem sido fundamental na criação de hábitos de leitura entre os jovens. A convicção da entrevistada é que, a médio prazo, o trabalho desses equipamentos se irá reflectir no nível de literacia e nos hábitos e práticas de leitura dos jovens que deles puderam beneficiar:

A própria filosofia das BEs não passa só pela questão da informação e da pesquisa. Não, apostam também muito na parte da leitura recreativa. Por esse lado eu acho que têm também um papel muito importante na formação dos leitores, não tenho dúvidas nenhuma. E acredito de facto que daqui a uns anos se percebe alguma evolução. E já tenho ouvido algumas professoras do Secundário que me dizem que os alunos que já vieram de escolas com BE onde se desenvolve um trabalho sério, que já vêm com outra postura, com outros hábitos e com outra forma também de estar na biblioteca e de utilizar a biblioteca. Isso já se começa a sentir quando se chega ao secundário, começa já a haver bibliotecas desde o primeiro ciclo.

Não obstante, existe ainda um longo trabalho a desenvolver neste domínio, segundo a bibliotecária responsável, particularmente no desenvolvimento das articulações e dinâmicas existentes entre as BMs e as BEs; para além disso, muitos outros factores fora das esferas da escola e das bibliotecas municipais influenciam os hábitos de leitura e podem mesmo ter efeitos contraproducentes.

Em termos mais gerais, foi também sublinhado o papel positivo exercido pela expansão do universo da literatura infantil (mais edições, mais escritores, maior variedade de livros, etc.) sobre o número de leitores e os hábitos de leitura.

Caracterização da biblioteca

Relativamente às características dos públicos que frequentam a biblioteca, a percepção existente é a de que elas se têm mantido relativamente constantes desde a sua abertura em 2001. Públicos específicos geralmente procuram serviços e recursos específicos, embora tenha merecido muito destaque o facto de a biblioteca ser principalmente frequentada por jovens em idade escolar que praticam uma utilização mais instrumental do equipamento. Não obstante, é importante não ignorar quer a heterogeneidade social e cultural dos utilizadores da BM de Loures, quer a diversidade de recursos e serviços culturais, educativos e

informativos que lhes são oferecidos, quer se fale dos periódicos ou dos equipamentos informáticos, por exemplo.

Foi referido durante a entrevista que seria importante que a biblioteca oferecesse mais actividades regulares tendo em vista a fidelização dos públicos, uma vez que actualmente apenas os *Sábados em Cheio* (actividade de animação de livros destinada a pais e filhos) cumprem essa função. Não tem sido possível manter regularidade noutras actividades que têm sido realizadas, como o *Café Literário* (conversa do público com escritores e sessão de autógrafos) e um dos objectivos para o futuro é a realização de um trabalho continuado que possa ser avaliado e ajustado, nomeadamente junto dos públicos mais novos que desde o início têm estado no centro das actividades da biblioteca no que ao estímulo à leitura diz respeito.

Em termos de evolução recente, a biblioteca assinou um novo contrato-programa com o IPLB, para renovação do fundo documental e actualização/renovação dos recursos informáticos.

Sugestões e propostas

A este respeito foi avançado pela entrevistada que seria útil para as bibliotecas públicas que o PNL disponibilizasse uma linha de apoio específica e que existissem prémios para quem apresentasse projectos com mérito na área da promoção da leitura.

Em termos mais gerais, a grande expectativa é que o Plano, nos próximos anos:

se vire um pouco mais para as bibliotecas públicas e não esteja tão centrado na escola e nas BEs. Acho que devia haver mais incentivo às bibliotecas para desenvolverem actividades. (...) Tudo aquilo que sejam apoios que se consigam arranjar, candidaturas a projectos, etc., é fundamental para que as coisas tenham mais visibilidade, porque não havendo recursos acabamos por ir por soluções muito pontuais que acabam por não ter impacto nem visibilidade, a visibilidade que gostaríamos.

3.5. Biblioteca Municipal de Oeiras

3.5.1. Relatório de visita

O primeiro contacto com a biblioteca foi efectuado por telefone no dia 3 de Maio de 2007 através do bibliotecário responsável pela Biblioteca Municipal, que se mostrou disponível para colaborar e agendar a visita para o dia 9 de Maio. A conversa telefónica foi bastante demorada, prolongando-se por mais de 30 minutos, expressando o bibliotecário responsável particular interesse na visita da equipa de avaliação. Durante esses minutos falou um pouco sobre as bibliotecas municipais de Oeiras, referindo que a Biblioteca de Algés e a de Carnaxide não são meros pólos, sendo que a sua dimensão e fundo documental são superiores inclusive a algumas bibliotecas municipais. Mostrou-se preocupado por não ter instrumentos que lhe permitam avaliar os impactos dos investimentos monetários da Câmara e das actividades desenvolvidas na biblioteca na promoção da leitura e na formação de novos leitores. Afirmou ter indicadores positivos, como o aumento do número de utilizadores, do número de requisições ou da participação nas actividades, mas considera que não são suficientes para perceber se a biblioteca está realmente a contribuir para criar novos leitores.

A primeira visita à biblioteca decorreu no dia 9 de Maio, a partir das 10h. Porque o bibliotecário responsável não tinha ainda chegado, foi possível permanecer e observar o ambiente na zona de recepção da biblioteca, que fica junto da área dos periódicos, onde se encontrava já um conjunto de homens sentados numa mesa redonda a ler e a comentar as notícias. Nos sofás estavam duas mulheres a ler revistas. Assim que chegou, o bibliotecário responsável propôs-se antes de mais fazer uma visita guiada à biblioteca. O percurso da visita iniciou-se na zona de adultos que tem 2 pisos. No piso 0 encontra-se o fundo de literatura, bem como a zona de DVDs e VHS. Porque o tecto do edifício era bastante elevado nesta área, optaram por construir uma *mezzanine* como forma de rentabilizar o espaço, onde se encontra o fundo documental mais técnico, com as áreas científicas e com uma zona de mesas para leitura e estudo. Estavam poucos utilizadores a ler e a trabalhar nas mesas de ambos os pisos. O piso 0 tem também uma zona multimédia, delimitada por vidros, onde se encontram os CDs e 20 computadores, sendo que 5 deles são apenas para consultas rápidas. Era talvez a zona com mais utilizadores naquele período. Passámos em seguida para a zona infanto-juvenil, onde estavam apenas duas crianças. Mostrou também duas áreas interiores nesse espaço: uma sala polivalente onde desenvolvem diversas actividades, nomeadamente as comunidades de leitores e algumas formações; e uma sala de actividades dirigidas ao público infantil, com as paredes cobertas por desenhos de flores e janelas feitos com tecidos, projectados por uma designer que colabora com a BM. Trata-se de uma sala sem janelas com pequenas bancadas para as crianças se sentarem. Apesar de todas as crianças entrarem pelo mesmo sítio, saem depois por umas portas de tecido que correspondem simbolicamente às portas da imaginação. Referiu também a actividade “Pijama às Letras” que teve este ano cerca de 60 participantes, o que impede a BM de divulgar este tipo de actividades, já que a procura é superior ao número de inscrições que aceitam. Na zona da recepção encontra-se também um ecrã de plasma com os destaques, bem como as novas aquisições, que assumem a maior importância na estratégia da BM, já que procuram ter o fundo documental sempre actualizado e responder também aos interesses e sugestões de compra dos utilizadores. O bibliotecário revelou que tem o projecto de tornar aquela zona numa montra da BM. À entrada da biblioteca encontra-se um painel com queixas e sugestões dos utilizadores, devidamente respondidas pelos diversos técnicos da BM.

Explicou também os diferentes ritmos da biblioteca, sendo que é precisamente o período da manhã o mais calmo. De tarde, depois das aulas e dos horários de trabalho terminarem, a biblioteca acolhe mais utilizadores. O sábado é o dia da semana em que a BM enche totalmente. No período de exames a biblioteca é muito frequentada por estudantes e no Verão o número de utilizadores diminui bastante.

Referiu-se ainda ao grupo de pessoas, maioritariamente homens reformados, que quotidianamente se desloca à BM exclusivamente para a consulta dos jornais. Informou também que a biblioteca é muito frequentada por imigrantes, particularmente da Europa de Leste, que utilizam principalmente os computadores para ler a imprensa dos seus países de origem e para comunicar com a família.

Para cada zona da BM existe geralmente uma equipa de 5 pessoas, sendo que é acordado entre elas quem fica destacado todos os dias no atendimento ao público.

Referiu-se ainda à catalogação dos fundos documentais que não obedece ao sistema da maior parte das BMs, a Classificação Decimal Universal (CDU), já que foi ele que o implementou, não só nesta BM, como também noutras em que já trabalhou, por lhe parecer ser mais adequado e ajustado às pessoas que frequentam a biblioteca.

Terminada a visita, que teve a duração aproximada de 1 hora, iniciou-se a entrevista no seu gabinete. Porque não foi possível terminar a entrevista nesse dia, foi necessário realizar uma segunda visita à biblioteca que decorreu no dia 28 de Maio, no período da manhã.

3.5.2. Entrevista a Bibliotecário Responsável

Perfil do entrevistado

O bibliotecário responsável da BM tem 41 anos, é casado com uma bibliotecária e tem 2 filhos. O seu percurso profissional iniciou-se há 20 anos quando ingressou na Biblioteca Escolar da Escola Secundária da Camarinha, onde trabalhou com José António Calixto. Nessa altura encontrava-se no 2º ano da licenciatura de História na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Trabalhou também na Secretaria de Estado da Cultura, participando na elaboração de um inventário de fundos documentais antigos, mas cedo percebeu que não tinha o perfil necessário para essas funções. Ingressou depois na BM de Alcácer do Sal, encontrando-se em simultâneo a tirar o mestrado em Ciências Documentais, também na FLUL. Permaneceu na BM durante 3 anos, tendo montado a biblioteca e criado um conjunto de dinâmicas de promoção do livro e da leitura, mas optou por sair quando a conjuntura política da autarquia mudou e não lhe agradou a nova lógica de trabalho. Foi posteriormente para a BM de Vendas Novas onde esteve durante 7 anos. Actualmente é chefe de divisão das BMs e do Centro de Documentação da autarquia e está na BM de Oeiras há 5 anos. Entretanto leccionou também no mestrado de Ciências da Documentação na FLUL e iniciou um mestrado em Estudos de Informação e Bibliotecas Digitais no ISCTE, que não completou por motivos familiares e por não corresponder totalmente às suas expectativas. Completou mais tarde o mestrado em Ciências da Educação, variante de Educação e Leitura.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na biblioteca pública

Na BM de Oeiras sabiam da existência de grupos de trabalho que se encontravam a trabalhar em propostas e projectos para a criação de um programa nacional de leitura. Nesse sentido, não ficaram surpresos quando o PNL foi divulgado a nível nacional a 1 de Junho de 2006. O bibliotecário responsável foi acompanhando todo o processo na Internet e nos meios de comunicação social. Dedicou especial atenção a isso porque se encontrava na altura a realizar a sua tese de mestrado, onde trabalhou os discursos públicos que existem sobre a leitura, instrumentalizando, para esse efeito, algumas das principais opiniões e polémicas que surgiram no contexto do Plano.

A BM não recebeu qualquer tipo de informação e documentação quer por parte do PNL, quer por parte do IPLB. O bibliotecário responsável da BM optou, nesse sentido, por adoptar uma atitude pró-activa e contactou directamente a Comissão do Plano e o IPLB, solicitando reuniões com ambas as entidades para perceber qual seria o papel das BMs neste contexto. Contudo, nunca conseguiu ser realmente esclarecido a esse respeito.

Só recentemente tem estabelecido diversos contactos com Teresa Calçada com o objectivo de definirem a assinatura de um protocolo entre a Câmara Municipal de Oeiras e o PNL. Têm sido realizadas

algumas reuniões para negociar esta cooperação, já que o protocolo proposto pela Comissão do Plano não é, de acordo com o bibliotecário, o mais adequado ao contexto de Oeiras que tem já um forte historial na promoção do livro e da leitura.

Aquilo que nos estavam a propor era um protocolo que pode servir a outras câmaras, mas que a nós não nos serve porque nós já temos um trabalho desenvolvido há uma série de anos com qualidade e com consistência por isso nós queremos dar o passo a seguir. Daí formalmente não estarmos no Plano Nacional de Leitura. (...) O município de Oeiras ainda não está, mas queremos estar, desde que sejam acertadas as condições que sejam mutuamente vantajosas.

O bibliotecário responsável da BM encontra-se actualmente a elaborar uma nova proposta de protocolo que assenta em duas vertentes fundamentais:

1) O concelho de Oeiras tem cerca de 170 mil habitantes, sendo que 5 mil são crianças que frequentam o 1º ciclo. Apesar de a BM desenvolver um conjunto de actividades direccionadas às escolas, tem noção de que não é suficiente para chegar a todos os alunos. Face a esta situação, as bibliotecas podem optar por quatro vias. A primeira consiste em trabalhar com todas as escolas e possibilitar que todas elas visitem, pelo menos uma vez, a BM. Contudo, considera que uma ida à biblioteca num ano não tem impacto significativo sobre a forma como as crianças encaram o livro e a leitura. Por outro lado, podem optar por uma segunda vertente e contratualizar com um número limitado de escolas um trabalho intensivo durante o ano lectivo. Mas isso significaria que as crianças de outras escolas não teriam acesso à BM. Uma terceira via poderia passar por apresentarem um leque de actividades às escolas, nas quais se poderiam inscrever se o desejassem. Uma quarta opção, que é a que a BM de Oeiras prefere, é assumir que a biblioteca trabalha directamente com os mediadores de leitura. No fundo, pretendem criar uma rede social de mediadores da leitura que desenvolvam um trabalho de qualidade junto de crianças e jovens. Foi nesse sentido que criaram o “Centro Oeiras a Ler” que aposta fundamentalmente na formação. Com o protocolo do PNL pretendem que o trabalho desenvolvido por esse centro seja reconhecido e apoiado. Por sua vez, o centro pode também disponibilizar determinados materiais e ideias ao público em geral. Têm, por exemplo, uma biblioteca especializada sobre leitura, estão também a construir um directório de *sites* relacionados com a leitura que pode estar ligado ao *site* do PNL e estão a trabalhar num repositório *online* denominado “Espiral” que vai disponibilizar diversos materiais produzidos na BM de Oeiras.

2) Pretendem também desenvolver um projecto próprio estruturado por patamares que deveria contar com o apoio financeiro para fundo documental e recursos humanos por parte quer da CM, quer do PNL. O projecto será iniciado com um determinado grupo de escolas que terá formação e acompanhamento que irá progredir no ano seguinte para um nível mais avançado do programa, sendo esperado que, por terem já adquirido determinadas competências, tenham maior autonomia face à BM e capacidade de criar as suas próprias actividades. Com a passagem desse grupo para o nível seguinte podem investir noutro grupo que inicia este processo e por aí adiante. No fundo, têm por objectivo central formar um grupo de trabalho qualificado com todos os professores do concelho envolvidos no PNL, sendo que os mesmos deverão reunir periodicamente para discutir estratégias de promoção da leitura e criar, assim, um espaço de debate e partilha, no qual a BM surge mais como facilitadora do que como motor.

Mas este protocolo que está actualmente a ser negociado diz fundamentalmente respeito à implementação do PNL em contexto escolar, não prevendo a sua aplicação directa na BM. É esta vertente do

Plano, da tutela do IPLB, que o responsável da biblioteca não conseguiu ainda perceber como será desenvolvida e implementada.

E há um outro lado que compete ao ex-IPLB, agora DGLB, que supostamente tem ligação com as Bibliotecas Públicas. Este protocolo de início só previa a 1ª vertente e eu perguntava-me “ok, mas nós somos Bibliotecas Públicas. Então e o resto?”. Porque, por exemplo, é suposto as Itinerâncias do IPLB passarem agora a ser as Itinerâncias do Plano Nacional de Leitura. Como é que isto se agiliza no terreno? Nós não sabemos. Ainda por cima, como houve aquelas alterações todas ao nível da estrutura do Ministério da Cultura, nem eles próprios sabem, quanto mais nós. Por isso, passado este período nós vamos também querer saber nesta área qual é o apoio que nos vão dar ou que tipo de parceria... A nossa lógica nunca é “dêem-nos lá dinheiro, somos muito pobrezinhos”, não. É como é que vamos estabelecer parcerias para trabalhar em conjunto. É sempre essa a nossa postura.

Mesmo o programa Itinerâncias, criado e implementado pelo IPLB nas BMs, nunca funcionou adequadamente e apesar de os seus objectivos serem louváveis, os seus efeitos nem sempre foram os desejáveis.

O programa nacional de promoção da leitura foi muito importante, mas acho que teve um efeito um bocado pernicioso que é...aquilo na prática, as Itinerâncias são tipo um cardápio e muitas bibliotecas habituaram-se a isso, é tipo um cardápio e a gente escolhe “quero isto, quero aquilo”. O que é que acontece? Como as coisas vêm de fora normalmente a título gratuito a maior parte das Câmaras não se sente na necessidade de investir um tusto na promoção da leitura porque o IPLB dá.

Apesar de a BM de Oeiras não estar dependente dos apoios do IPLB e das acções propostas pelo programa Itinerâncias para desenvolver actividades de promoção da leitura, tem ocasionalmente solicitado a realização de algumas acções numa lógica própria. Quando faz sentido implementar uma das actividades propostas nesse âmbito, a BM de Oeiras contacta directamente os respectivos autores/dinamizadores da acção, solicitando a sua deslocação à biblioteca. Posteriormente, contacta o IPLB para pedir que esse atelier lhes seja concedido. Caso a resposta seja positiva, isso possibilita a realização de mais uma sessão da mesma actividade, uma financiada pela BM, outra pelo IPLB. No caso da resposta do IPLB ser negativa, não deixam, por isso, de trazer à biblioteca essa acção. Um aspecto fulcral para compreender esta atitude é o facto de a BM ter recursos financeiros disponibilizados pela autarquia que permitem financiar estas actividades. O programa Itinerâncias não acrescenta, assim, novas dinâmicas à biblioteca.

Contudo, o bibliotecário responsável considera que deveria existir uma forte parceria entre o IPLB e a Biblioteca de Oeiras, sendo que esta poderia funcionar como “balão de ensaio” para a experimentação de certos projectos ou acções, tendo em conta o seu historial na área da promoção do livro e da leitura.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

O bibliotecário responsável considera que a situação de Portugal relativamente à leitura e à literacia é particularmente delicada. Evidência disso é o facto de no estudo coordenado por Ana Benavente para a Fundação Calouste Gulbenkian ter surgido a necessidade de criar para Portugal um nível zero de literacia. É também perturbador cruzar esses níveis de literacia com a escolaridade, uma vez que é possível identificar pessoas com formação escolar superior que se situam nos níveis 1 e 2.

Isto tem contribuído acentuadamente para a criação de um discurso social vincadamente pessimista sobre a situação de Portugal no que diz respeito à leitura e à literacia. Apesar de esta situação ter vindo, de

facto, a alterar-se ao longo das últimas décadas, estas visões mais catastrofistas permanecem e desempenham um importante papel na construção desta realidade.

O discurso sobre as tecnologias em geral, e sobre a Internet em particular, é um discurso pela positiva, optimista: “a Internet é muito boa, vai resolver problemas, vamos acabar com a infoexclusão.” Enquanto que o discurso sobre a leitura é precisamente o contrário: “a crise da leitura, as pessoas não lêem, os jovens não lêem”. É um discurso pela negativa. Isso também é altamente contraproducente em termos sociais. Acho que é...o discurso formata muito a própria realidade.

O bibliotecário responsável critica perspectivas mais rígidas a este respeito que afirmam que esta situação tem vindo a piorar. Com o aumento dos níveis de escolaridade nas últimas décadas, os níveis de literacia têm também aumentado e os hábitos de leitura têm-se alterado. O que não significa, contudo, que Portugal não se encontre numa situação delicada quando comparado com outros países.

Agora se tivermos em atenção aquilo que era o panorama há 20, 30, 40, 50 anos...há 50 anos quantas pessoas é que faziam a primária? Quantas pessoas é que chegavam ao liceu? Quantas pessoas é que se licenciavam comparativamente com hoje? Então não temos níveis de literacia muito mais elevados do que tínhamos no passado? Isto para mim é uma questão que nem sequer é preciso fazer ciência, nem sequer é preciso ir para a sociologia para chegar a essa conclusão, isto é de senso comum. Então lia-se mais antigamente do que hoje? Isto é uma verdadeira idiotice, mas o discurso é esse. Lê-se o desejável? Isso já é outra coisa. Se depois começarmos a comparar onde é que Portugal está, onde está Espanha, onde é que está França, era desejável se calhar que os nossos níveis de literacia, os nossos níveis de hábitos de leitura fossem mais elevados. Mas se nós estivermos a pensar em termos estruturais o que foi o nosso país no século XIX e no século XX...

É, portanto, fundamental que se continue a apostar no incremento dos níveis de literacia, não permitindo que o analfabetismo se extinga apenas quando os idosos falecerem. Para promover o desenvolvimento do país e para o pleno exercício da cidadania é fulcral criar competências de leitura. Não se trata, portanto, de uma visão fundamentalista que encara a leitura apenas como prática lúdica e de prazer. A leitura é importante porque permite que as pessoas, em termos gerais, possam exercer a sua cidadania. O gosto pela leitura surge noutra nível e não tem necessariamente que ser transversal a toda a população.

Acho que é possível viver sem Biblioteca Pública e acho que é possível ser feliz sem se ler. Agora, a capacidade que nós temos de exercer plenamente a nossa cidadania sem uma Biblioteca Pública, a nossa capacidade de termos um olhar diferente sobre o eu, sobre o outro e sobre o mundo sem ler também é completamente diferente. Não sou fundamentalista nesse aspecto. Acho que não é preciso converter as pessoas todas à leitura porque sem isso as pessoas são umas desgraçadinhas, sem isso não conseguem ser cidadão e não sei quê. Não acho nada disso. Nem acho que a leitura tenha propriamente um papel salvífico no sentido de quem ler um livro vai-se tornar uma grande pessoa.

O Plano Nacional de Leitura, em termos gerais e na sua organização

Neste contexto, o PNL surge como uma iniciativa necessária por parte do Estado, de grande relevância social que pode contribuir de forma continuada para elevar os níveis de literacia da população portuguesa e promover os seus hábitos de leitura.

Isto não é propriamente uma inovação absoluta, mas era muito importante que acontecesse em Portugal. Era fundamental fazer-se qualquer coisa para inverter um conjunto de tendências que se estavam a tornar complicadas. E o Estado tem um papel determinante a desenvolver nesta área, sobre isso não há grande dúvida.

Em termos gerais, concorda com a forma como o PNL está organizado e como foram definidos os seus objectivos, prioridades e actividades, até porque a sua concepção assentou nas experiências de planos

nacionais de leitura de outros países. A divulgação tem também sido positiva, sendo a marca Ler+ bastante bem concebida, por ser sintética e directa.

Contudo, a forma como a implementação do PNL tem decorrido apresenta inúmeras falhas, nomeadamente na relação que estabelece com os agentes que estão já no terreno há alguns anos e que têm experiência na área de promoção do livro e da leitura, como as BMs.

Eu acho que o Plano Nacional de Leitura é uma boa política...é na sua implementação no terreno que elas depois têm um calcanhar de Aquiles. Qual é o calcanhar de Aquiles de toda a implementação? É sempre “do Terreiro do Paço para a província”. (...) O Plano Nacional de Leitura foi elaborado e uma biblioteca como a de Oeiras, ou como a de Beja (estou a falar de dois exemplos que conheço bem), não foram consultadas. Não é que eu ache que a gente tenha que ser consultados e tal, um parecer técnico... Mas é este trabalho de envolvimento de base que noutros países acontece e que as políticas depois conseguem mais facilmente chegar ao terreno porque as pessoas são envolvidas desde o primeiro momento para as coisas acontecerem. Em Portugal nunca se sente a necessidade disso acontecer.

Estes agentes privilegiados deveriam ter participado desde o início na criação e concepção do Plano, já que o mesmo poderia usufruir da experiência acumulada destes parceiros e, indissociavelmente, ser mais facilmente implementado no terreno.

Eu acho que é no envolvimento no terreno que depois a coisa não funciona tão bem. Não é que eu ache que a Biblioteca de Oeiras deva ter um estatuto privilegiado...se calhar até acho que devia pelo trabalho que tem feito. Mas era interessante se calhar envolver as bibliotecas porque se as Bibliotecas Públicas fossem envolvidas de uma maneira diferente também elas próprias se tornavam... Estas coisas vêm todas assim um bocado...lá de cima cá para baixo e acho que há coisas que deviam ser ao contrário, cá de baixo lá para cima porque nós temos a experiência do terreno. Não é que muitas pessoas que lá estejam não tenham experiência de terreno, atenção. Mas nós temos a experiência do terreno, nós sabemos como é que funciona uma Câmara, nós sabemos qual é que é o tal processo de decisão da Câmara, nós sabemos as dificuldades de montar um projecto devido à logística de transportes de trazer crianças à biblioteca e levar as crianças à escola. Nós sabemos esses constrangimentos todos.

Outro problema fundamental do PNL é o facto de assentar quase em exclusivo na iniciativa de duas pessoas, Isabel Alçada e Teresa Calçada, o que não garante estabilidade ao projecto se o mesmo tiver de prosseguir sem estas duas personalidades.

O próprio Plano Nacional de Leitura é um bocado uma serpente de duas cabeças (esta da serpente é uma metáfora um bocado parva). (...) Há duas pessoas à frente que são pessoas cujo currículo e competência é a toda a prova, não é? A Isabel Alçada como escritora, como professora da Escola Superior de Educação, como participante em cursos, conferências, é uma mulher que tem feito muito pela promoção da leitura. A Teresa Calçada no IPLB, na RBE, agora no PNL, tem um currículo à prova de qualquer contestação. (...) Enquanto aquilo que suporta o projecto forem duas pessoas que são quase missionárias, que acreditam nesta missão e ao mesmo tempo missionárias (...) Quer dizer, a Isabel Alçada e a Teresa Calçada todas as semanas estão num ponto do país a falar do Plano Nacional de Leitura e isso é fundamental, é importantíssimo. Agora quando elas se cansarem de defenderem o Plano Nacional de Leitura, quando o dinheiro acabar o que é que fica no terreno?

A sustentabilidade do Plano é também preocupante se permanecer indissociável de determinadas opções políticas. A continuidade do PNL deveria ser assumida como uma política de fundo politicamente transversal. É também neste sentido que se revela fulcral criar cumplicidades com quem já se encontra no terreno, uma vez que são esses agentes que darão continuidade ao projecto.

Por outro lado, a acção do Plano nas escolas poderia ter sido mais ambiciosa. Por exemplo, o desporto assume muita importância em contexto escolar porque é fomentado por pessoal especializado e é desenvolvido em instalações específicas e num horário próprio. Com a leitura deveria suceder o mesmo, ou seja, deveriam existir agentes com formação na área da promoção da leitura, assim como BEs em todas as

escolas e um tempo curricular próprio para o desenvolvimento de competências de literacia, particularmente no que diz respeito à leitura.

É também importante referir que algumas das acções sugeridas pelo PNL não foram divulgadas atempadamente, como é o caso da Semana da Leitura. Nalgumas circunstâncias tem também sido possível identificar uma preocupação excessiva com a mediatização deste tipo de eventos. De acordo com o bibliotecário responsável, seria mais eficaz pôr todos os mediadores de leitura no terreno a falar sobre o Plano do que os meios de comunicação social.

Muitas das vezes acho que há uma excessiva preocupação com a mediatização dos eventos e pouca preocupação com o que é que aquilo serve em termos de médio longo prazo porque obviamente que depois o Plano anda na boca, mas o que é que sobrevive a essas campanhas mais fortes, mais mediáticas? Eu antes preferia ter iniciativas menos espectaculares e mais alicerçadas e antes preferia ter uma outra coisa que é em vez de uma exploração dos meios de comunicação social, a exploração muito mais da... (...) Os professores que passassem pela formação, as bibliotecas que estivessem envolvidas no Plano, as escolas, toda esta gente a falar do Plano podia ter uma eficácia maior do que grandes campanhas na televisão.

Crítica também os anúncios publicitários do PNL que são transmitidos na RTP.

Do que vi dos *spots* estão horríveis. Têm um ar perfeitamente...para já aquele ar, com aqueles bonecos e não sei quê...não sei se aquilo é dirigido a adultos...se aquilo é dirigido a crianças é tratar as crianças como verdadeiras imbecis porque os bonecos são horríveis mesmo. O conteúdo está interessante, mas devia ser mais acutilante, mais directo.

A biblioteca pública e as bibliotecas escolares

A BM tem desde sempre tido uma relação próxima com as escolas do concelho, mesmo antes da existência da RBE, particularmente através do SABE. Actualmente apoia 28 BEs de diversos graus de ensino, facultando apoio técnico, formação e disponibilizando actividades do espaço da BM direccionadas para as escolas. O SABE conta apenas com o trabalho de uma bibliotecária que se desloca às escolas, reunindo com os professores e promovendo as acções da biblioteca. Os bibliotecários da BM, em colaboração com o “Centro Oeiras a Ler”, dão também formação sobre bibliotecas aos professores responsáveis pelas BEs do concelho. São também realizadas reuniões periódicas com a presença do SABE e das 28 BEs apoiadas que funcionam fundamentalmente como espaço de partilha de boas práticas, ideias e materiais. Para Outubro de 2007 está agendado na BM um encontro entre todas as BEs do concelho.

Apesar de a relação entre a BM e as escolas ter sido sempre bastante forte e positiva, é também verdade que as mais recentes alterações do Ministério da Educação tiveram um forte impacto nas BEs e, indissociavelmente, na forma como agora se relacionam com a BM. O bibliotecário responsável pela BM espera que no próximo ano lectivo, a situação das BEs se encontre mais estável e segura.

No que diz respeito ao PNL, o bibliotecário não tem noção do número de escolas do concelho que estão a desenvolver actividades, nem do tipo de acções levadas a cabo pelas mesmas. A BM não interferiu, portanto, na forma como cada escola se organizou para dar resposta aos objectivos do Plano. Como já referido, está a ser negociado um protocolo da autarquia com o PNL que prevê o acompanhamento e apoio aos professores que estejam inseridos no Plano através do “Centro Oeiras a Ler” e através de um projecto por patamares que disponibiliza formação e documentação adequadas.

Caracterização da biblioteca

A BM de Oeiras existe desde 1957 e esteve já situada em dois outros edifícios. Em Abril de 1996 foram inauguradas as suas novas instalações num edifício construído de raiz, com uma área de cerca de 2.250 m². A BM tem ainda dois pólos, a Biblioteca de Algés e a Biblioteca de Carnaxide.

A equipa da BM é extensa e muito qualificada. Pensando nos 64 membros da Divisão de Bibliotecas de Oeiras, por ele chefiada, metade é licenciada e cerca de um terço tem o mestrado em Ciências Documentais. O bibliotecário responsável da BM faz, aliás, questão de investir fortemente na formação da sua equipa, através de acções de formação internas. A formação dos bibliotecários deveria ser um eixo fulcral para qualquer BM, já que, em termos gerais, se encontram mal preparados para as funções que desempenham, atendendo ao facto de a generalidade dos cursos de Ciências Documentais serem bastante fracos.

A principal missão da BM é promover a biblioteca como espaço de cultura e conhecimento direccionado a todos os munícipes. As BMs devem ser encaradas como instituições de sedução que procuram atrair e solidificar leitores através de acções de promoção do livro e da leitura. Apesar de investirem em diferentes suportes, nunca devem perder de vista o facto de a sua essência ser indissociável da leitura, embora a mesma possa ocorrer, cada vez mais, em diferentes registos.

A centralidade que a BM assume no município deve-se, em muito, à importância que a autarquia lhe tem vindo a atribuir. É prestado todo o apoio necessário e são disponibilizadas verbas para a BM cujos valores são pouco comuns para a generalidade dos concelhos do país. O funcionamento da biblioteca tem também assumido uma posição neutra em termos políticos, o que é visível na visita à BM de escritores vinculados a partidos diferentes.

Enquanto responsável por esta casa eu tenho que garantir que a biblioteca é pública, o que quer dizer que se dirige a todas as sensibilidades dentro daquilo que é a comunidade, por isso... Apesar de eu ter uma tutela política que em determinado momento é de uma cor e a seguir pode ser de outra.

O espaço da BM encontra-se dividido por sectores: átrio de entrada, onde se localizam o balcão central, os destaques da BM e a partir do qual se acedem aos restantes espaços, sector infanto-juvenil, sector de adultos (2 pisos) e espaço multimédia, onde se encontram os computadores com acesso à Internet e os CDs.

O bibliotecário responsável pela BM considera que esta tem um fundo documental muito bom, que está permanentemente a ser actualizado. Este é, aliás, um dos principais vectores de promoção da leitura, bem como a qualidade e a diversidade das suas colecções. As BMs de Oeiras oferecem também a possibilidade aos seus leitores de requisitarem e entregarem livros de/em qualquer BMO, uma vez que a prestação de serviços se encontra organizada em rede. O catálogo das três bibliotecas do concelho pode também ser consultado na Internet. Mas porque a BM de Oeiras é uma biblioteca do século XXI, não pode limitar a sua acção ao suporte livro, sendo também necessário investir fortemente nas novas tecnologias de informação, nomeadamente na Internet. Nesse sentido, de três em três anos é actualizada a plataforma informática de cada uma das três BMs do concelho.

A BM é fundamentalmente frequentada por três tipos de públicos que, em muitos casos, não coincidem:

1) Público de permanência: homens com mais de 40 anos que frequentam diariamente a BM para consultarem exclusivamente jornais e revistas; público da sala de leitura de adultos que utiliza esse espaço para estudo e investigação, sendo que 73% deles são estudantes universitários; público do sector multimédia, que ao contrário da maior parte das BMs não é juvenil, mas marcadamente adulto, geralmente constituído por emigrantes do Brasil e da Europa de Leste que usam a Internet para contactarem com as famílias e para lerem os jornais *online* dos seus países; público do sector infantil que é constituído por crianças e adolescentes que frequentam o espaço sozinhos ou acompanhados dos pais.

2) Público dos empréstimos: é, em termos gerais um público flutuante, mas que se distribui por 3 áreas: livros do sector de adultos, materiais do sector multimédia e recursos do sector infanto-juvenil.

3) Público das actividades: as acções levadas a cabo pela BM têm um público fidelizado que frequenta também regularmente a BM e que faz requisições, mas existe também um conjunto de pessoas que apenas visitam a biblioteca para assistir a determinadas actividades.

A requisição domiciliária tem registado um importante incremento ao longo dos últimos anos e assume-se como um vector central da BM. O concelho de Oeiras tem cerca de 170 mil habitantes, sendo que 30 mil se encontram inscritos na BM e apenas 8 mil por ano são leitores activos que requisitam os recursos da biblioteca. Desses 8 mil apenas 55% requisitaram livros e os restantes 45% CDs, CD-ROMs e DVDs. Significa isto que cerca de metade das requisições são de material audiovisual, o que o preocupa bastante. Para além disso, atendendo ao número de livros e ao de CDs e DVDs, os suportes multimédia apresentam uma taxa de rotatividade muito superior à dos livros. Cada CD é requisitado, em média, 12 vezes por ano, quando o valor respeitante ao livro é de 0,35. Foi precisamente para ultrapassar esta situação, e para evitar que a BM se torne num clube de vídeo, que a BM aposta fortemente em actividades de promoção do livro e da leitura.

As actividades desenvolvidas pela e na BM são, de acordo com o bibliotecário, uma grande alavanca da biblioteca. A grande aposta da BM é na diversidade de acções oferecidas a um público que é também ele relativamente diversificado, procurando ir ao encontro das diferentes faixas etárias, gostos e sensibilidades. Desde 2003 que está a ser implementado um programa municipal de promoção da leitura de longa duração, denominado “Oeiras a Ler”, onde se insere a generalidade das actividades desenvolvidas na BM. O programa “Oeiras a Ler” tem quatro subprogramas:

1) “Ler para Crescer”, destinado a crianças e adolescentes até aos 14 anos. Entre outras, inclui as seguintes actividades:

- “Viagens por Entre Linhas” – projecto de trabalho directo com as escolas (JIs e 1º ciclo) em parceria com os professores que aderem às propostas da BM e participam nas suas actividades;

- “Quintas de Contos” – contadores de histórias que todas as quintas-feiras se disponibilizam voluntariamente para receberem grupos na BM;

- “Riscos e Rabiscos” – projecto sediado na BM de Carnaxide: que consiste na exploração das ilustração dos livros infantis;

- “Pijama às Letras” – conjunto de crianças que passa uma noite na BM com os pais/familiares, período durante o qual participam conjuntamente em diversas actividades, como sessões de contos e dramatizações.

- actividades que se realizam todos os sábados nas três BMs, como lançamentos de livros, *ateliers*, teatros, sessões de contos e uma grande multiplicidade de acções dirigidas à família.

2) “Geração XL”, direccionado para jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 25 anos. Este projecto nunca chegou a ser implementado correctamente, já que apesar de os jovens serem os grandes frequentadores e utilizadores da BM, são, por outro lado, os que menos aderem às acções que lhes são propostas. Face a esta situação, no 2º semestre de 2007 vão implementar um novo projecto que articula a música e a leitura, intitulado “A Música das Palavras”.

3) “Abrir horizontes”, direccionado para um público com idade superior a 25 anos. De destacar, por exemplo, as seguintes acções:

- “10 Livros que Mudaram o Mundo“ – consistiu em 10 conferências proferidas por especialistas na área sobre 10 livros que tiveram um forte impacto social;
- “Histórias de Ida e Volta” – narração de contos;
- “Café com Letras” – encontro com autores;
- Grupos de leitores – estão neste momento dois a funcionar, um na BM de Carnaxide, outro na BM de Algés. São grupos fixos de 15 pessoas dinamizados por bibliotecários, encontrando-se quinzenalmente para falarem sobre um determinado livro;
- maratonas de leitura;
- diversas acções de formação.

4) “Territórios da Leitura”, direccionado para profissionais, consiste num conjunto de formações para mediadores da leitura, sobre literacia, literatura, animação da leitura, tradição oral, etc. Neste âmbito, foram também já realizados dois encontros “Oeiras a Ler”, no qual personalidades importantes na área da leitura e da literacia apresentam comunicações sobre essas temáticas. O último foi realizado em Maio de 2007 e contou com a presença de quatro especialistas internacionais que fizeram pontos de situação sobre a promoção da leitura em vários países.

De destacar também uma outra actividade, “Oeiras Internet Challenge”, que não se enquadra directamente em nenhum dos subprogramas acima apresentados. Consiste num conjunto de desafios lançados a grupos com idades superiores a 15 anos que implicam a realização de diversas pesquisas na Internet.

A equipa da BM de Oeiras tem também marcado presença em diversas conferências e congressos, sendo a sua participação bastante destacada. No último congresso da BAD, por exemplo, foram 8 membros da equipa apresentar 10 comunicações.

O bibliotecário responsável está bastante satisfeito com as dinâmicas criadas na BM, que é já (re)conhecida por ter iniciativa e ser bastante activa. Apesar de admitir que o financiamento generoso da autarquia tem contribuído nesse sentido, na realidade os recursos monetários não são suficientes para animar uma biblioteca. É necessário ser pró-activo e aproveitar todas as oportunidades que surjam. Por exemplo, apresentaram um projecto à FCG que lhes garantiu 73% do financiamento do projecto “10 Livros que Mudaram o Mundo”. Recorreram também a concursos da Comissão Europeia e conseguiram que o projecto “Histórias de Ida e Volta” fosse financiado a 50%. Com o programa “Leonardo Da Vinci” conseguiram ter quatro membros da equipa da BM de Oeiras num estágio na Fundación Germán Sánchez Ruipérez. Tudo isto resultou de muito trabalho de elaboração de candidaturas e projectos que foram devidamente reconhecidos e financiados. Não consegue, portanto, compreender a atitude de determinadas BMs que, não tendo os

financiamentos que gostariam por parte das autarquias, não são pró-activas na procura de verbas noutros contextos.

A divulgação das actividades realizadas na BM passa necessariamente pelo Gabinete de Comunicação da Câmara, sendo que para cada acção a BM tem que apresentar as suas preferências. Têm quatro grandes estratégias de divulgação: a partir das próprias instalações, nas publicações e no sítio na Internet da Câmara Municipal, através da Internet, no blogue da BM⁴² e na sua *newsletter*, e, pontualmente, recorrendo à comunicação social. Algumas actividades não são muito divulgadas, como é o caso do “Pijama às Letras”, já que mesmo sem divulgação a procura é maior que a capacidade de resposta.

Os impactos das acções levadas a cabo pela BM ao longo dos últimos anos não têm sido monitorizados e avaliados, o que preocupa bastante o entrevistado, já que não tem dados concretos que lhe permitam perceber se os investimentos realizados e as estratégias adoptadas são as mais adequadas.

Para além daquilo que eu lhe dizia no outro dia ao telefone, para além de insatisfeito com aquilo que conseguimos fazer, insatisfeito ou muito curioso sobre o impacto que isto tem. Não sei. O programa está a resultar? Não faço ideia. Não sei se estamos a ter... As crianças que vêm ao “Pijama às Letras” tornam-se leitores, inscrevem-se na biblioteca, vêm habitualmente à biblioteca? Não sei, não tenho esse controlo. As pessoas que vêm ao encontro com o José Saramago tornam-se leitores da biblioteca, tornam-se assíduos frequentadores da biblioteca, requisitam o empréstimo domiciliário, têm um hábito de leitura adormecido e que de repente só pelo simples facto de terem contactado com um autor ou participar no grupo de leitores de repente esse hábito de leitura adormecido é desperto outra vez e tornam-se outra vez leitores? Não sei. Eu sei, mas sei a “olhómetro”, não tenho dados concretos sobre isso e era muito interessante ter. Porque se estamos aqui a investir, até animicamente, porque isto é uma questão de fé, é uma questão também de acreditarmos que isto é importante. (...) Era importante nós sabermos que resultados é que isto está a ter. E depois há duas perspectivas de encarar os resultados que isto está a ter. Há uma primeira perspectiva que é os projectos estão a correr lindamente e estão. A gente executa o orçamento, a gente pede para vir cá o fotógrafo da Câmara, a gente pede para marcar um jantar para o escritor, o transporte para o escritor, a divulgação do encontro com o escritor, etc. Ou seja, em termos da organização e logística do projecto é irrepreensível. Uma vez vêm cá 40 pessoas, outras vezes vêm cá 400, mas isso é um factor que a gente não controla. Agora, depois quando se entra num segundo patamar de avaliação, que impacto é que isso tem? Não sei, não sei mesmo. Estamos a inverter tendências? Eu tenho números, eu tenho números que me dizem que o número de documentos que nós emprestámos em 2004, em 2005 e em 2006 tem vindo a aumentar. E que o número de livros que emprestamos em cada um destes anos tem vindo a aumentar. Isto é um reflexo directo do programa Oeiras a Ler? Não faço ideia. Eu não consigo estabelecer aqui uma relação causal, não tenho instrumentos, não tenho estudos.

Pela experiência directa que tem quotidianamente na BM consegue perceber que a biblioteca é cada vez mais visitada, o número de requisições domiciliárias tem vindo a aumentar e as actividades têm vindo a ser mais participadas. Contudo, não consegue estabelecer uma relação directa e fundamentada entre o programa “Oeiras a Ler” e a evolução da utilização da BM.

Outra preocupação muito forte manifestada pelo bibliotecário é o facto de ter noção que a BM é uma instituição reprodutora de desigualdades. O concelho de Oeiras é o município português cuja população tem dos mais elevados níveis de escolaridade, com as maiores percentagens de pessoas com o grau de licenciatura e doutoramento. Não será, portanto, surpreendente que os públicos da BM se insiram, em termos gerais, nas classes médias e médias altas. Embora não tenha dados concretos a esse respeito, consegue, de facto, perceber essa padronização de utilização da BM. Partindo da noção de que faz parte das missões das Bibliotecas Públicas gerarem impacto social nas populações, cada vez mais, tem vindo a desenvolver estratégias que permitam chegar a outros públicos que nunca visitaram a biblioteca. Um exemplo disso é o projecto “Histórias de Ida e Volta” que apela à tradição oral e às especificidades culturais de diferentes regiões

⁴² Ver <http://oeiras-a-ler.blogspot.com/>.

e nacionalidades. Apenas com esta actividade conseguiu trazer à BM população do principal bairro degradado do concelho.

Mas admite também desenvolver na biblioteca actividades direccionadas para as elites culturais e políticas, como é o caso do projecto “10 Livros que Mudaram o Mundo”, que trouxe bastante reconhecimento à BM e à autarquia.

O papel da BM deve não só ser o de sensibilizar as diferentes populações para a leitura, como também contribuir para criar uma imagem positiva das bibliotecas. De acordo com o bibliotecário responsável pela BM, grande parte das pessoas continua ainda a percepção das bibliotecas como espaços sagrados de estudo, silêncio e isolamento. As acções da BM de Oeiras procuram também ter impacto nestas representações, fomentando uma ideia de biblioteca também associada ao dinamismo, divertimento e sociabilidades.

Outra vertente fulcral da acção da BM diz respeito à influência que exerce sobre as famílias. Promover a leitura é, para o bibliotecário, um trabalho para várias gerações e é precisamente nesse sentido que têm um leque tão diversificado de actividades para crianças, para que as suas representações da biblioteca e da leitura sejam diferentes das dos seus pais e avós. Mas as BMs têm, a esse respeito, maior facilidade que as escolas no envolvimento dos pais, já que as crianças, para se deslocarem à biblioteca, têm que ser acompanhadas pelos seus familiares, o que significa que a tarefa de envolvê-los nas actividades fica simplificada.

Tudo isto são impressões gerais e não fundamentadas que o bibliotecário responsável tem quanto aos impactos da BM. Contudo, considera que o projecto “Oeiras a Ler” atingiu já um grau de maturidade e consolidação que exige um processo de avaliação aprofundada dos seus efeitos que deveria ter duas vertentes: uma extensiva para captar grandes padrões e outra intensiva através da realização de estudos de caso de cada actividade que possibilitassem perceber concretamente as perspectivas e práticas das pessoas.

Sugestões e propostas

O bibliotecário responsável da BM de Oeiras fez algumas sugestões que lhe pareceram pertinentes para melhorar acções posteriores do PNL:

- a Comissão do Plano deveria estabelecer uma relação mais próxima com as BMs e usufruir da sua experiência do terreno e das suas propostas de trabalho.
- é fundamental a existência e permanência de uma equipa de avaliação que possibilite identificar as áreas em que vale realmente a pena investir e aquelas que exigem novas estratégias. A este respeito, as BMs deveriam constituir contactos privilegiados da equipa de avaliação do PNL, trabalhando em parceria com o intuito de perceber as principais virtudes e problemas do Plano.
- para que a promoção da leitura seja devidamente integrada nos programas curriculares das escolas, é necessário investir fortemente na formação de professores;
- para que o PNL seja bem sucedido é necessário que permaneça na agenda política, que tenha os financiamentos adequados e que vá crescendo e se vá adaptando.

3.6. Biblioteca Pública de Évora

3.6.1. Relatório de visita

A visita à biblioteca e a entrevista ao bibliotecário responsável foram feitas no dia 18 de Abril de 2007, das 10.30h às 13.30h. Foram visitadas todas as salas da biblioteca abertas ao público, bem como espaços de depósito de livros e de trabalho dos funcionários e o gabinete do director (onde foi realizada a entrevista). Foi também levada a cabo uma conversa informal com um estagiário responsável pelas relações públicas; com o responsável pela área dos livros antigos. Foi ainda recolhido um panfleto sobre a Biblioteca Pública de Évora e vários panfletos de divulgação das actividades desenvolvidas pela biblioteca.

A visita à biblioteca pública consistiu essencialmente na realização da entrevista ao bibliotecário responsável e na visita ao espaço da biblioteca, que ocorreu através de uma visita guiada realizada por um estagiário, que mostrou todos os espaços abertos ao público (quer de consulta livre quer de consulta a partir de solicitação ao funcionário), as salas de depósito de livros e os espaços de trabalho dos funcionários da biblioteca, incluindo aqueles que se destinam a tarefas de conservação de livros e documentos antigos, bem como à sua digitalização em resposta a pedidos do exterior.

A biblioteca está situada no coração do Centro Histórico, junto ao Templo Romano e à Catedral, num edifício cuja construção inicial data do século XVII.

Os espaços da biblioteca abertos ao público são:

- Sala de Referência e Consulta Local (Serviço de Informação e Referência): contém uma colecção constituída essencialmente por obras de referência (enciclopédias, dicionários, etc.), permitindo a leitura presencial em regime de livre acesso às estantes.

- Sala de empréstimo: livros em regime de livre acesso às estantes. Não há propriamente um sector infantil, mas um pequeno canto dedicado às crianças (com um número restrito de livros, sem referências ao PNL). Possui computador onde pode ser consultado o catálogo informatizado.

- Sala de Leitura Geral: permite a consulta, mediante requisição, da vasta colecção de Livro Antigo e toda a bibliografia corrente oriunda do Depósito Legal. É igualmente nesta Sala que podem ser utilizadas as obras da Sala de Referência. Possui computador onde pode ser consultado o catálogo informatizado. A Sala de Leitura Geral acolhe também muitas das actividades culturais que têm lugar na biblioteca depois do horário normal de abertura ao público, como conferências, apresentações de livros e concertos.

- Sala de Cimélios: permite o acesso de utilizadores especializados (investigadores, professores, e estudantes de mestrado e doutoramento) aos fundos antigos da biblioteca. Estes incluem a segunda maior colecção de incunábulo do país, livro impresso do século XVI, cartografia, música impressa e iconografia, para além de uma vasta colecção de manuscritos e da importante colecção de publicações periódicas. Aqui também é disponibilizado o apoio à pesquisa em catálogos especializados e obras de referência relevantes, para além de ser feito o atendimento e o processamento das requisições para reprodução de documentos.

- Hemeroteca: permite o acesso a mais de 20 mil títulos de publicações periódicas que, por falta de espaço, estão em grande parte armazenadas em espaço cedido pelo Arquivo Distrital de Évora. Para além da colecção da imprensa local e regional, esta secção permite o acesso a publicações correntes como o “Diário

da República?”. Não tem os periódicos do dia, já que estes entram pelo depósito legal e só chegam cerca de 5/6 meses depois de serem publicados.

Para acesso do público à Internet, a biblioteca dispõe de dois computadores, um no átrio da entrada e outro na sala de leitura. Disponibiliza, mediante inscrição, postos de trabalho para acesso à Internet.

A biblioteca não tem sector de audiovisuais.

A biblioteca encerra diariamente às 17.30h e não abre aos sábados. Abre fora do seu período normal de funcionamento para o desenvolvimento de actividades específicas de animação e de promoção da leitura.

A biblioteca tem uma página na Internet, actualizada quase diariamente. <http://www.evora.net/bpe/>. O sítio disponibiliza uma série de serviços: informação e inscrição em actividades, acesso aos catálogos informatizados, serviços de informação e referência em linha, reserva e pedidos de renovação de documentos do Serviço de Empréstimo Domiciliário, requisição de reproduções, e ainda subscrição da lista de distribuição de informação por correio electrónico.

No período em que foram visitados os vários espaços da biblioteca abertos ao público, o número de utilizadores era muito escasso, não havia praticamente ninguém nas várias salas, o que poderá dever-se a essa visita ter ocorrido à hora de almoço, entre as 13 e as 13.30h.

3.6.2. Entrevista a Bibliotecário Responsável

Perfil do entrevistado

Licenciado em História, pós-graduado em Ciências Documentais e doutorado em Estudos de Informação pela Universidade de Sheffield, Inglaterra. Publicou, em 1996, *A Biblioteca Escolar e a Sociedade da Informação*. Integrou a comissão interministerial que estudou e propôs o desenvolvimento de uma Rede de Bibliotecas Escolares. É director da biblioteca desde 2003.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na biblioteca pública

Refere que até ao momento o PNL não trouxe nada à Biblioteca Pública de Évora. Pode considerar-se que as actividades desenvolvidas na biblioteca estão integradas no PNL, mas não há qualquer apoio específico por parte do IPLB/DGLB.

Tudo o que estamos a fazer já o fazíamos antes do PNL e o PNL não introduziu nenhuma alteração ao que estamos a fazer. Aliás, provavelmente aquilo que estamos a fazer nem se enquadra muito dentro das prioridades.

Após descrever as actividades de promoção da leitura na biblioteca, diz:

Isto é Plano Nacional de Leitura? Isto existia e existiria independentemente de haver PNL e não tem nenhum financiamento nem apoio do PNL.

Foi contactado pelo PNL duas vezes: uma para o convidarem para a Comissão de Honra do Plano e outra convidando a biblioteca a constituir o júri distrital de Évora no Concurso Nacional de Leitura, processo que estava a ocorrer no momento da visita. Mas o número de escolas envolvidas no distrito é “miserável”

(apenas quatro). Considera que o Concurso foi divulgado com atraso e ele próprio, que é presidente do júri distrital, só foi contactado quando a primeira fase de divulgação e de selecção das escolas já estava a decorrer.

Quanto ao Programa Itinerâncias do IPLB, uma vez que a Biblioteca não é uma biblioteca municipal, estando na dependência da Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas desde Abril de 2007 (até aí estava na dependência do Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo), nunca puderam beneficiar desse Programa, por não terem o estatuto de biblioteca municipal inaugurada. Houve uma primeira candidatura há quatro anos, mas face à resposta negativa do IPLB (qualificada como incidente desagradável), não se fizeram outras candidaturas ao Programa. Revela algumas dúvidas sobre a eficácia do Programa Itinerâncias nas bibliotecas públicas, referindo que era importante avaliar os impactes das acções nele integradas.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais e na sua organização

Considera a criação de um Plano Nacional de Leitura bastante relevante, dados os fracos hábitos de leitura em Portugal. Em Portugal, não se tem apostado a sério na questão da leitura, nunca houve uma política coerente, apesar de já se terem feito algumas coisas, como a rede de bibliotecas públicas e a rede de bibliotecas escolares.

Considera que o Plano traz uma “chamada de atenção importante” para a promoção da leitura em Portugal, constituindo um “chapéu de chuva” para iniciativas que já eram desenvolvidas pelos professores nas escolas e pelas bibliotecas. Mas introduz também a novidade importante de colocar livros nas escolas e de criar horas e tempos específicos para a leitura, o que não era ainda feito.

O conhecimento do Plano é relativamente vago.

Pertence à Comissão de Honra do Plano, mas é qualquer coisa que nesta fase tem corrido fundamentalmente nas escolas e nas bibliotecas escolares e nas faixas etárias muito baixas e acho bem, acho bem isso.

Acha adequada a prioridade nas crianças do jardim de infância e 1º ciclo, mas importa numa fase seguinte apostar nas crianças a partir dos 10/12 anos, idade em que as crianças deixam de ler:

É por aí que se deve começar, embora me pareça, é outra sensação que nós temos é que nas faixas etárias até aos dez anos, até ao fim do 1.º ciclo, ainda há hábitos de leitura bastante aceitáveis e é a partir dessa idade que depois as crianças deixam de ler. A partir dos 10, a partir dos 12, quando entram na adolescência. Espero que haja uma fase seguinte que retenha os frutos criados com a fase inicial, porque é uma altura em que eles são distraídos por muitas outras coisas, pela música, pelos namorados, pela televisão, pelos computadores e por muitas outras coisas e também temos de ver de que tipo de leitura é que estamos a falar, porque é evidente que eles continuam a ler os SMS, continuam a ler os chat, isso continua a ser leitura.

É importante privilegiar a leitura do livro no PNL, já que o livro é um suporte fundamental para que as pessoas se mantenham leitores ao longo da vida, proporcionando a aquisição de competências que outros suportes não permitem do mesmo modo.

Porque repare, nós lemos as legendas na televisão, lemos as legendas nos filmes, mas isso não é suficiente, não é por aí que se desenvolvem competências leitoras, digamos que não é aí que estão as situações, que estão os contextos, que está toda a diversidade que encontramos nas obras de ficção, na poesia, ou mesmo nas obras científicas que são necessárias para desenvolver estruturas mentais e psicológicas de cidadãos activos, de cidadãos participantes, etc.

Considera que o PNL tem de ser uma coisa permanente, o ter dez anos é uma questão de planificação. Cinco ou dez anos pode ser o tempo para criar e consolidar uma geração de leitores, mas outros virão a seguir e as actividades não devem ser descuradas.

Considera ter um optimismo moderado em termos de expectativas relativamente ao PNL. Não espera que ao fim de 10 anos a situação de Portugal quanto à leitura se tenha modificado significativamente, já que não têm sido mobilizados recursos financeiros suficientes para a promoção da leitura, e não parece que com o PNL isso esteja a acontecer. Ao contrário do que acontece com outros países, não tem havido investimento forte na área da leitura. E esse investimento inclui a própria divulgação e promoção das iniciativas que vão sendo desenvolvidas nesse domínio, como é o caso do Dia Mundial do Livro, ao qual não tinha havido ainda nenhuma referência na comunicação social. Era preciso que o PNL fosse dotado de mais recursos, e que fosse mais aberto à sociedade.

Olhe, eu já trabalho nisto há muito tempo e já tenho visto muita coisa, digamos assim. Por exemplo, as bibliotecas públicas é qualquer coisa onde eu já tenho trabalho, já é um projecto com uns vinte anos e a nossa expectativa, eu tinha alguma esperança de que isso garantisse maiores índices de leitura. Nós podíamos sempre pensar que se não tivéssemos bibliotecas públicas talvez estaríamos muito piores, mas a verdade é que os resultados não são ainda assim...eu acho que estas coisas não se vêem assim no momento, são questões de gerações e há-de haver certas coisas que nós não conseguiremos alterar, tem a ver com as nossas características e repare isto é o sul da Europa, a situação que nós temos é idêntica à que existe em Espanha, à que existe em Itália, na Grécia. Portanto, tem a ver com uma tradição cultural e religiosa até, por alguma razão os luteranos traduziram a bíblia e nós não. Portanto, há um conjunto de factores que nos agarram deste ponto de vista e que nos mantêm em determinados níveis, que não me parece que seja um Plano Nacional de Leitura que pode resolver. Aliás, aquilo que eu vejo, nós estamos mais uma vez naquela situação em Portugal em que temos mais uma vez um organismo governamental, temos é o Estado mais uma vez que está a fazer isto e o que vejo dos outros países é que não é o Estado, é a sociedade em si, são os organismos editores, são os próprios livreiros, são as associações bibliotecárias que estão envolvidos em muitas destas coisas. Conheço razoavelmente bem a realidade do Reino Unido e portanto o Estado dá alguma coisa, mas é a sociedade em si que se organiza.

A biblioteca pública e as bibliotecas escolares

Desde que está na BP tem andado a tentar lançar alguns desafios aos professores responsáveis pelas bibliotecas escolares, mas tem tido pouca disponibilidade, dada a dimensão da biblioteca (quase um milhão de livros). Está a ser criado o FORBAD (Fórum das Bibliotecas Escolares de Évora), que pretende ser uma estrutura cooperativa e de partilha de recursos e de informação das bibliotecas escolares do concelho de Évora (os termos de referência iam ser aprovados numa reunião com as bibliotecas escolares, à tarde, no mesmo dia da visita). Já se começou a trabalhar no Fórum há mais de um ano.

Espera-se que o Fórum possibilite a constituição de grupos de trabalho para actuar em determinadas áreas, como por exemplo um grupo para melhorar a gestão das bibliotecas escolares, já que muitas não têm regulamentos nem planos de actividades. Outro sector a trabalhar é o das tecnologias da informação e comunicação, há intenção de fazer uma espécie de uma carta das bibliotecas escolares, quantas existem, quantos livros têm, quais os horários de funcionamento, que professores têm à frente. Também é muito importante actuar ao nível da formação.

A intenção é que tudo isso fosse organizado pelo FORBAD. A Biblioteca Pública, integrando esta estrutura, é de algum modo um catalizador, tem de exercer mais alguma liderança. No futuro era ideal que houvesse um catálogo das bibliotecas de Évora conforme existe hoje em Lisboa o catálogo colectivo das bibliotecas de uma universidade de Lisboa (SIBUL). As bibliotecas públicas e as bibliotecas escolares podem

fazer isso a nível concelhio e até haver um cartão de leitor único que permita a qualquer pessoa circular. No caso de Évora, a universidade poderia entrar também nisso.

A BP não tem SABE.

Tudo o que tenho estado a fazer neste campo, tenho estado a fazer por minha própria conta e risco, porque não sendo biblioteca municipal, a Torre do Tombo tem-se interessado mais nos manuscritos e nos livros antigos que nós temos aqui e portanto essas actividades todas de articulação com as bibliotecas escolares, enfim porque eu acho que é importante, acho que deve ser feita e acho que as bibliotecas públicas também ganham se houver boas bibliotecas escolares e por isso estou disposto a fazê-lo. Eu fui um dos autores dos relatórios quando se lançou as bibliotecas escolares em 1996 e uma das coisas que constava desse relatório, uma das decisões que foi tomada por esse grupo, era de que a rede de bibliotecas escolares devia avançar primeiro nos sítios onde houvesse primeiro bibliotecas públicas e nem todos, onde houvesse bibliotecas públicas com bibliotecários disponíveis e com pessoas interessadas, e foi quando se lançou essa proposta do SABE, que é uma réplica de um serviço que existe em Inglaterra que se chama “School Library Services” que é precisamente isto, um apoio que é dado pelas autarquias locais às bibliotecas escolares e portanto muitas bibliotecas aí pelo país foram criando isso e têm um bibliotecário, um técnico profissional, em muitos casos eu sei que para as bibliotecas públicas é um trabalho acrescido, as pessoas fazem muitas coisas e também fazem isso, mas um bom SABE precisaria de ter um bibliotecário pelo menos, dois técnicos profissionais, mas depende do tamanho dos concelhos, obviamente, mas só a trabalhar nisso. Ora, aqui com este grupo de pessoal, com esta equipa que eu tenho aqui, além do mais isso a ser criado, era preciso que a Câmara municipal assumisse isso, mas sem uma biblioteca municipal...um SAB é um bom organismo público a trabalhar para as bibliotecas escolares, um fórum deste género é algo que envolve os próprios professores e é constituído pelos próprios professores. Uma coisa não exclui a outra.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

A situação de Portugal em matéria de leitura é muito desfavorável face aos outros países da Europa, sendo o país que menos lê livros e jornais. Os jornais mais lidos são os jornais desportivos, que têm uma linguagem relativamente pobre e pouco imaginativa.

Caracterização da biblioteca

A Biblioteca Pública de Évora é um caso singular no panorama das bibliotecas públicas em Portugal. Não é uma biblioteca municipal e não pertence à rede do IPLB. É a única biblioteca pública que depende do Estado. Até Abril esteve na dependência do Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo (a partir dessa data passou para a dependência da Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas), sendo o seu orçamento proveniente deste Instituto. Esse orçamento destina-se quase exclusivamente ao pagamento dos salários dos funcionários (sete, incluindo o próprio director). Com o apoio prestado pela Câmara Municipal de Évora, a biblioteca tem mais cinco funcionários (da própria Câmara). Refere que o número de trabalhadores é insuficiente, sendo esta uma das dificuldades sentidas (por exemplo, a Biblioteca Municipal de Beja tem 30 funcionários).

Com 200 anos de existência, a biblioteca tem uma forte componente de livro antigo.

Nós temos a segunda maior colecção de incunábulo do país, temos alguns manuscritos, temos obras riquíssimas e valiosíssimas em termos históricos e essa era a vertente fundamental da biblioteca, daí estar no IANTT.

É uma das poucas bibliotecas que recebem depósito legal, o que significa ter que gerir toneladas de papel e centenas de livros que recebem mensalmente. Antes do bibliotecário responsável iniciar funções, essa documentação não era tratada, porque não havia tempo, os livros iam para as estantes sem catalogação e outros documentos eram encaixotados, não ficando acessíveis ao público. Até 2005 a biblioteca não tinha serviço de empréstimo domiciliário.

A partir de 2003 essa situação começou a sofrer transformações na componente do livro (ainda não se trabalhou nos periódicos da hemeroteca). Em 2005, no contexto do bicentenário da biblioteca, começou a funcionar o serviço de empréstimo domiciliário, o que implicou reorganização do espaço e só foi possível porque a Câmara cedeu dois celeiros para onde foram muitos documentos que estavam a ocupar boa parte do espaço da biblioteca. A preparação de 30.000 livros para empréstimo ocorreu a partir do apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, que foi decisivo.

Actualmente, pode dizer-se que a Biblioteca Pública de Évora integra no fundo duas bibliotecas, com funções e públicos distintos: uma biblioteca patrimonial (desde sempre), a maior em termos de fundo patrimonial, com uma colecção valiosa de livros e documentos antigos, muito requisitada por estudantes universitários e investigadores a nível nacional e internacional; e uma biblioteca de leitura pública (muito recente), com serviço de empréstimo domiciliário, para a população local em geral, que integra o empréstimo individual e o empréstimo colectivo, em que escolas, centros de dia, o hospital ou outras instituições levam 30 livros de cada vez por um mês.

A partir de 2005 a biblioteca tem desenvolvido uma série de actividades para trazer leitores à biblioteca, para que houvesse uma maior percepção da biblioteca por parte da comunidade. Os Programas que têm actualmente em curso são:

- “Prazer em Conhecer”, que é uma apresentação, uma introdução à biblioteca, que fazem uma vez por semana (gostava que pudesse ser todos os dias para todos os públicos). Não é uma simples apresentação, passa também para chamar a atenção para determinados livros, para consulta do catálogo numa lógica de formação de utilizadores, um pouco da história da Biblioteca, o que varia consoante as idades. Tem sido mais utilizado pelas escolas do 1º e 2º ciclos, mas também já veio a universidade da 3ª idade, é um público diversificado. Têm a colaboração de voluntários através de uma parceria com a Fundação Eugénio de Almeida que tem um banco de voluntariado. No início do ano lectivo fazem uma divulgação para as escolas, para as bibliotecas escolares e através do *site*, que é muito visitado e que permite que as pessoas se inscrevam para receber informação. Esta actividade decorre ao longo de todo o ano.

- Dois “Grupos de Leitura” em funcionamento, sendo um juvenil, para jovens entre os 13 e os 15 anos. O de adultos funciona à noite, na biblioteca, e as pessoas combinam encontrar-se para ler determinados livros. O juvenil começou há dois meses com forte apoio de uma professora de literatura infanto-juvenil da Universidade de Évora e que dinamiza esse grupo. São grupos pequenos, até 10 pessoas.

- “Rodas de leitura”: é uma actividade bimensal que alterna com as leituras de “Arte, Ciência e Sociedade”. É uma actividade inspirada em experiências no Brasil, não é um grupo de leitura, sendo dirigido a um grupo mais vasto, uma espécie de um espectáculo, onde há um leitor guia, alguém que escolhe um determinado texto ou livro. As pessoas inscrevem-se e à entrada são-lhes dados excertos que o leitor guia escolheu. Depois há actores que lêem esses textos em voz alta, as pessoas vão acompanhando e são explicados pelo leitor guia. Envolve cerca de 40/50 pessoas.

- “Arte, ciência e sociedade”: Pedem a pessoas famosas, especialistas em determinadas áreas, para escolherem dez livros e para irem à biblioteca falar sobre esses dez livros. Tem havido uma assistência bastante boa, cerca de 50/60 pessoas por sessão.

- Maratona de Leitura no Dia Mundial do Livro: 10 horas de leitura seguida num dia e 6 noutro. É realizada a partir das inscrições das pessoas, contando-se com cerca de 6 pessoas por hora.

- “Contos da lua cheia”: actividade direccionada para os contos populares, promovida por uma associação local, todos os meses, em noites de lua cheia.

Além destes programas mais regulares, a biblioteca tem desenvolvido um conjunto de outras actividades, a partir da solicitação/parceria com pessoas ou entidades da comunidade, como, por exemplo, oficinas de expressão para crianças, concertos de música, teatro e outros espectáculos ou actividades.

Avalia de forma muito positiva a articulação da biblioteca com outras entidades da comunidade (incluindo Universidade, Grupos de teatro, associações culturais, grupos de música, etc.). Estas entidades têm estado sempre disponíveis para colaborar e elas próprias têm promovido iniciativas específicas na biblioteca.

A biblioteca tem ainda uma colaboração com um projecto do sector da educação da Câmara Municipal, intitulado “A Fada Palavrinha e o Gigante das Bibliotecas”, em que são distribuídos anualmente 1000 livros às crianças das escolas do 1º ciclo.

A Câmara Municipal tem tido um papel importante no apoio à realização das várias actividades, através do financiamento dos custos nelas envolvidos, desde a divulgação à sua concretização.

A divulgação das actividades é feita através da página da BP na Internet, que tem registado um grande número de consultas, através do envio de informação para aqueles que se inscrevem para tal, através das entidades com as quais há cooperação, nas escolas, etc. No início de cada mês há um cartaz a especificar as actividades que vão ser desenvolvidas nesse mês.

A biblioteca não tem dados trabalhados sobre o perfil dos utilizadores. O bibliotecário responsável da BP tem a percepção de que atinge públicos diversos, com uma parte importante de crianças do ensino básico e secundário, mas também de jovens estudantes universitários, professores e investigadores.

Está muito satisfeito com o número absoluto de utilizadores do serviço de empréstimo domiciliário, bem como com a sua evolução. Em 2006 a biblioteca emprestou 10.686 livros. Até final de 2006 tinham-se inscrito como leitores da biblioteca 1310 novas pessoas (438 em 2005 e 872 em 2006). Em 2006 realizaram-se 151 actividades e participaram 4000 pessoas. Nesse mesmo ano, registram-se 47.417 entradas, uma média de 4000 por mês (dados resultantes de registo de um contador à entrada, descontando-se cerca de 10% para as entradas dos funcionários). Os dados relativos ao número de empréstimos em 2007 são os seguintes: Janeiro 1310, Fevereiro 938, Março 1261. Nestes meses há cerca de 60 novas inscrições de leitores por mês. A biblioteca está a emprestar cerca de 1000 livros por mês.

Se considerarmos o concelho, esta biblioteca emprestar 1000 livros por mês é um feito, não é? (...) Agora há uma coisa que eu sei, isto comparado com algumas bibliotecas do estrangeiro é ridículo.

O número de pessoas inscritas na lista de distribuição de informação da biblioteca via mail é 600.

Quanto a projectos futuros para a biblioteca, estava-se numa fase de indefinição, aguardando eventuais mudanças decorrentes da sua passagem para a tutela da DGLB. Há a expectativa de que a biblioteca passe a ser uma biblioteca municipal, mas também dúvidas de que isso se possa concretizar, dado o seu carácter específico.

O Estado há muitos anos que eu pressinto que se quer ver livre desta biblioteca, porque ela de facto é única, não se encaixa em lado nenhum (...) como vamos mudar para a Direcção Geral dos Livros e das Bibliotecas seremos a única biblioteca que a Direcção Geral dos Livros e Bibliotecas tem. Percebe-se que se quer que esta situação seja transitória e que a biblioteca passe para a câmara municipal. Agora, até aqui eu também tenho algumas dúvidas que a câmara municipal também queira aceitar esta biblioteca tal como ela está, porque isto ultrapassa muito as competências e os investimentos que são necessários em termos de uma biblioteca normal de leitura pública.

Estava pensada a construção de uma nova biblioteca, tendo já havido um protocolo assinado entre o Ministério da Cultura e a Câmara Municipal em 2004, mas após a mudança de governo o projecto não tem tido desenvolvimentos.

Eu acho que a forma de se resolver isto (problemas de espaço) era a biblioteca passar a ser municipal. Agora depende das negociações políticas que há, entre Ministério da Cultura e Câmara Municipal (...) o governo tem de convencer a Câmara Municipal a aceitar esta biblioteca e tem de ajudar a Câmara a aceitar esta biblioteca. Se o Estado quiser passar para a Câmara Municipal uma biblioteca que tem um milhão de livros, com um milhão de problemas, tem de ter uma lógica diferente.

Está prevista a organização de uma conferência sobre bibliotecas e leitura em Outubro de 2008

Sugestões e propostas

As sugestões para o PNL e para a promoção da leitura em geral assentam fortemente na formação de profissionais, quer para as pessoas que estão nas bibliotecas, quer para os professores. Era importante apostar na formação e no profissionalismo.

Em Inglaterra há uma profissão que é o literature officer, o trabalhador da literatura, eram câmaras municipais a recrutar trabalhadores de literatura. Gostava de saber em Portugal quantas câmaras municipais é que têm um trabalhador de literatura.

Destaca a necessidade de se apostar em formação na área da promoção da leitura.

Eu penso que até mesmo ao nível da formação académica era importante haver especializações em promoção da leitura ou por exemplo, no curso de bibliotecários, ou nos cursos de professores.

3.7. Biblioteca Municipal José Saramago (Beja)

3.7.1. Relatório de visita

A visita à BM de Beja decorreu no dia 3 de Maio de 2007, tendo incluído uma entrevista conjunta com o bibliotecário responsável e com uma técnica superior de biblioteca e documentação, responsável pelo SABE, com cerca de 1h30 de duração, e uma visita geral ao equipamento.

A Biblioteca Municipal de Beja foi construída de raiz na tipologia BM2 e inaugurada no dia 30 de Abril de 1993. Está situada numa zona central da cidade e no seu interior estão definidas diversas zonas funcionais:

- o átrio, local onde são feitas exposições e expostas novidades bibliográficas e sugestões e onde é feito o atendimento;
- sector adulto, onde está localizado o fundo bibliográfico em livre acesso e os jornais;
- espaço infantil, dotado de fundo bibliográfico específico e de recursos multimédia, e a “bebeteca”;

Existem ainda outras áreas identificáveis, como sejam o Espaço Internet, o sector audiovisual, o sector de publicações periódicas, a cafetaria e o auditório. Está também disponível um catálogo informatizado, serviços de reprografia e de venda de edições municipais, e o Serviço de Informação à Comunidade (SIC).

O equipamento está aberto ao público entre as 14h30 e as 23h00 à segunda, entre as 9h30-12h30 e as 14h30-23h00 de terça a sexta, e entre as 14h30 e as 20h00 aos sábados.

3.7.2. Entrevista a Bibliotecário Responsável (e a Responsável do SABE)

Perfil do entrevistado

Antes de 1989, o bibliotecário responsável pela BM trabalhou durante 13 anos no Museu de Beja, tendo nesse ano passado para a Biblioteca Pública de Beja. Está na Biblioteca José Saramago, pertencente à RNBP, desde a sua inauguração em 1993. É historiador e escritor.

Actividades do Plano Nacional de Leitura na biblioteca pública

A visita à BM de Beja ocorreu uma semana antes da assinatura do protocolo entre a Câmara Municipal de Beja e o Plano Nacional de Leitura, que ainda não tinha recebido o parecer final do executivo da Câmara. Quase tudo aquilo que foi referido durante a entrevista refere-se, portanto, à experiência do PNL anterior a esse protocolo, o que fez com que o relato das várias actividades levadas a cabo tenha assentado numa perspectiva mais geral relativa ao papel do equipamento na promoção de hábitos de leitura, e não numa identificação daquilo que tem vindo a ser feito no quadro do PNL. Como será referido um pouco mais à frente, os responsáveis não consideram que a BM esteja envolvida “oficialmente” no PNL.

Desde o início da sua actividade que a biblioteca tem tido um papel activo de trabalho não apenas junto das escolas da região, nomeadamente através do SABE, primeiro de forma mais pontual e mais recentemente de maneira continuada, como também junto das famílias. Actualmente existem 4 Clubes de Leitura de pais e filhos.

O projecto principal de “formação de leitores” que existe entre a BM e as escolas do concelho chama-se *Livros Andarilhos* e dura cerca de 6 meses em cada ano lectivo, envolvendo turmas, docentes e pais/encarregados de educação. Trata-se de vários sacos com livros, cada um correspondente a 4 sessões, 2 na BM onde a Professora se desloca com a turma e onde são realizadas várias actividades (exposições, leitura de histórias por animadoras, leituras em voz alta e em grupo por parte dos alunos, ilustrações das histórias) e 2 em cada escola, mais especificamente na sala de aula, onde se desloca um técnico da BM. Fora dessas 4 sessões, os professores comprometem-se a criar momentos de leitura das obras seleccionadas na sala de aula; essas obras podem também ser requisitadas pelos alunos. É feito um “contrato de leitura” entre os pais/encarregados de educação, os professores e os alunos, que contempla os momentos de leitura na sala de aula, a criação pelos pais de momentos de leitura a sós e de leitura conjunta em casa, e onde as crianças se comprometem a ler.

Quanto ao protocolo a ser assinado entre a CM de Beja e o PNL, contempla essencialmente a atribuição de verbas à BM (10.600€/ano), destinadas à actualização das colecções documentais e à formação dos recursos humanos. Quanto a actividades concretas a serem reenquadradas ou iniciadas no quadro desse protocolo, foram referidas: *Palavras Andarilhas*, já com 9 anos de existência, que assenta na narração de histórias e na promoção do livro e da leitura; a criação de um *Centro do Livro Infantil* (a ser apresentado em

Setembro de 2007), fruto da doação à BM de Beja que está a ser feita por um conjunto de autores de literatura infantil das suas bibliotecas pessoais; esse *Centro* pretende servir como referência nacional em termos de práticas de formação de mediadores de leitura e está articulado com o projecto *Casa da Leitura* da Fundação Calouste Gulbenkian.

Segundo os responsáveis entrevistados, o programa de Itinerâncias do IPLB não assume grande importância no quadro da oferta da BM de Beja, fazendo essas acções parte da programação regular do equipamento. Na realidade, no ano de 2007 apenas 4 actividades do programa do antigo IPLB passaram ou iriam ainda passar pelo equipamento. Por outro lado, este ano a programação das Itinerâncias foi disponibilizada muito tardiamente:

A Biblioteca de Beja, contrariamente à maior parte das bibliotecas portuguesas não depende de programação das Itinerâncias para fazer trabalho de animação. Nós até há coisa de uma semana e meia não tínhamos ainda qualquer confirmação sobre as Itinerâncias do IPBL, formal. (...) Não é obviamente com 4 Itinerâncias que se pode fazer uma programação, e nós integramos isso na nossa programação. (Responsável do SABE)

Ainda no que diz respeito às Itinerâncias, nomeadamente no referente à componente de formação, foi sugerido que elas funcionem não tanto como eventos singulares, mas sim como “círculos de estudos”, algo que nesta biblioteca é já feito com recurso a formadores externos que trabalharam durante várias sessões, no sector infantil, com um grupo de 10 técnicos da biblioteca:

Eu quero trazer cá a Ana Margarida Ramos. Ela vem fazer uma primeira acção e passados dois meses regressava à minha biblioteca, para ver o que é que foi construído a partir da acção, o que é que mudou, com os mesmos formadores. O que é que acontece na prática? Como isto não é feito, nós vamos à formação, mas não nos sentimos obrigados a que essa formação traga mudança na minha prática profissional! E como aquilo nunca mais é avaliado, ficou e abalou! (...) As Itinerâncias são ateliers de tudo e mais alguma coisa, mas que depois acabam por não ter uma implicação real na mudança de prática destes técnicos. E é preciso que tenham. (Responsável do SABE)

O Plano Nacional de Leitura, em termos gerais e na sua organização

O conhecimento da existência do PNL foi obtido primeiramente através de notícias saídas na imprensa escrita, e depois por intermédio de uma circular enviada pelo antigo IPBL a todas as bibliotecas. Posteriormente, foram acompanhando a informação colocada no sítio da Internet, não tendo havido até agora qualquer contacto directo entre a BM e a Comissão do Plano.

Os responsáveis entrevistados começaram por destacar a não-inclusão oficial da BM de Beja no PNL. Nesse âmbito, foi criticada a forma como foi feito, desde o início, o envolvimento dos equipamentos pertencentes à RNBP no Plano, nomeadamente devido à articulação estreita existente entre as BEs (“incluídas no PNL”) e a BM (“não incluída no PNL”):

Se há uma coisa que desde o início deste processo, a mim enquanto técnica ligada à Rede de Leitura Pública sempre me impressionou muito, foi o papel absolutamente secundário que a leitura pública nas bibliotecas públicas teve neste processo. E impressionou-me porque, para o bem ou para o mal, a RBE, nomeadamente ao nível do 1º ciclo, assenta na estrutura da rede de leitura pública, pelo menos na maior parte dos concelhos que eu conheço, porque as aquisições, ainda que com o apoio da RBE, são feitas pelas BMs, o processo de tratamento e de acompanhamento é feito e é sugerido que seja feito pelas BMs... Portanto, nunca percebi muito bem, e de uma forma muito clara, como é que se podia avançar com um Plano Nacional de Leitura sem estar perfeitamente definido, por parte da tutela que tem mais relação com a rede de leitura pública, qual é o seu papel [das BMs] no PNL. (Responsável do SABE)

Esta crítica acaba também por estar ligada à constatação de que, à partida, os objectivos e actividades correntes da BM se identificam com os objectivos do PNL, merecendo portanto reparo, na perspectiva da entrevistada, que as bibliotecas públicas não tenham sido envolvidas oficialmente desde o início, numa lógica mais vinculada de reconhecimento quer do trabalho já feito, quer da pré-existência de bases programáticas:

É óbvio que uma biblioteca como a BM de Beja, que trabalha em formação de leitores há mais de 12 anos, todos os seus objectivos a esse nível têm a ver com os objectivos do PNL. Portanto, nós não temos nada a ver com o PNL, não temos, efectivamente (...), mas o nosso trabalho, nomeadamente na área da infância – não digo dos jovens porque não temos uma actividade expressiva a esse nível – mas ao nível da infância é uma actividade que responde do ponto de vista dos objectivos do PNL. (...) Portanto, do ponto de vista dos objectivos nós estamos alinhados com o PNL, do ponto de vista do ideário. Agora efectivamente que tenhamos sido chamados ou que nos sintamos mobilizados neste processo, não, não sentimos. Sentimos que a rede de leitura pública e a biblioteca de Beja, e penso que a situação é muito idêntica às outras bibliotecas, a rede de leitura pública ficou absolutamente relegada para um plano que não se percebe muito bem o que é. E isso pessoalmente, não institucionalmente, pessoalmente chateia-me muitíssimo! Porque acho que não é possível fazer uma implementação de um plano nacional de leitura sem o envolvimento da tutela da cultura à séria, que é uma coisa que neste processo não se vê. (Responsável do SABE)

Na perspectiva da entrevistada, essa suposta subalternização inicial do papel das BMs pelo PNL pode ter efeitos negativos sobre a prossecução adequada dos objectivos do plano, algo que resulta de um desequilíbrio entre o protagonismo do Ministério da Educação e o Ministério da Cultura:

Corre-se o risco de escolarizar excessivamente este PNL. Não é isso que o texto do PNL diz! Não é isso que diz porque estão lá contempladas ações em bibliotecas públicas. Agora, da mesma forma que se sentiu um *forcing* e uma mexida muito grande ao nível do Ministério da Educação neste processo, ao nível da rede de leitura pública e do Ministério da Cultura isso não se sentiu, percebe? E é importante porque senão corremos esse risco da excessiva escolarização da leitura. E tem que haver um local para práticas de leitura não formal. Uma abordagem da leitura não escolarizada, seria melhor chamar assim. (Responsável do SABE)

Por outro lado, foi destacado em termos muito positivos o papel geral do Plano como focalizador de objectivos e aglutinador de esforços:

Eu penso que o Plano do ponto de vista das intenções é um belíssimo instrumento de trabalho. Porque consegui colocar na primeira linha a questão da leitura. E todas as críticas de carácter mais negativo que eu estou a fazer em relação ao Plano não obscurecem aquilo que é de facto importante que é ter-se conseguido encontrar um documento, ou um caderno de trabalho, que congregue as pessoas que de alguma forma cruzam a vida da criança e depois do jovem, neste processo de formar leitores. (Responsável do SABE)

Ainda no âmbito da avaliação do PNL em termos gerais, o responsável da biblioteca revelou-se relativamente céptico em relação aos rumos e objectivos traçados. Não deixando de destacar algumas contribuições específicas do PNL nos seus moldes actuais, chamou também a atenção para outras dimensões do fenómeno da leitura e das bibliotecas que considerou serem mais relevantes e que se prendem com o funcionamento quotidiano e mais aperfeiçoado dos equipamentos e dos recursos já existentes:

O que eu acho pior no meio de tudo isto é as pessoas que estão à frente destas ideias do PNL pensarem que as coisas se transformam desta forma. As coisas não se transformam com planos nacionais de leitura nem com festas de leitura nem com essas coisas todas. Não quer dizer que isso não seja importante, mas não podemos perder de vista que o que é verdadeiramente importante é as bibliotecas a funcionarem como deve ser, é as bibliotecas com quadros de pessoal como deve ser, é as bibliotecas terem actividades permanentes, é as bibliotecas estarem estruturadas e organizadas para desenvolverem trabalhos com crianças logo de mais tenra idade e acompanharem esse trabalho ao longo dos anos. Isso é que é um plano nacional de leitura sustentado e que tem frutos, não é um plano nacional de leitura que depois se vai traduzir num teste escrito que é mais uma avaliação que os miúdos vão ter que fazer [referindo-se ao Concurso Nacional de Leitura], uma falta de imaginação incrível um plano nacional de leitura culminar num teste escrito! É evidente que o PNL tem um conjunto de questões interessantes, que são desafios também para as bibliotecas, principalmente para aquelas bibliotecas onde raramente acontece qualquer coisa. Para uma biblioteca que tem uma programação permanente,

com objectivos a curto, médio e longo prazo, que tem como principal objectivo formar crianças leitoras, tornar as crianças leitoras, envolvendo as famílias, as escolas, etc. o PNL pouco ou nada vem acrescentar. (...) O pior de tudo é pensar-se que o PNL ou as actividades do IPLB se inscrevem numa tábua lisa onde nada acontece, não é? Aparecem! Caem além. Agora, se elas forem enquadradas por uma equipa que está dentro do problema, que está no terreno, que tem um projecto, etc., etc. (Bibliotecário Responsável)

A técnica superior presente aquando da entrevista foi da opinião que a realidade da RNBP é heterogénea e que, por isso, o PNL acaba por trazer contribuições e consequências distintas para os vários equipamentos. Para a BM de Beja, alguns dos resultados indirectos do desenvolvimento do PNL nas escolas acabaram por ser considerados como algo negativos na medida em que se traduziram num acréscimo não previsto de actividades, o que acabou por colocar em evidência uma hipotética má articulação existente entre os vários níveis contemplados no Plano (nomeadamente entre a Comissão do Plano, o Ministério da Cultura, o antigo IPLB e as bibliotecas municipais):

Parece-me que para bibliotecas públicas que não têm vida, o Plano foi uma bóia de salvação. Para a BM de Beja, o Plano trouxe, do meu ponto de vista, o entupir de actividades às quais a gente não consegue dar resposta. Ou seja, isto revela depois um bocadinho o que é, no terreno, a má articulação que há dentro do Plano. O Plano lembrou-se, em Março, de fazer uma Semana da Leitura. Mas na Comissão do Plano está o Ministério da Cultura... O Plano sabe que, em Abril, as bibliotecas de leitura pública estão todas a fazer o 23 de Abril! Que há, em todo o sítio na rede de leitura pública, o 2 de Abril! Então porque é que a gente não articula isto e, em vez de fazer uma Semana da Leitura em Março e depois dia 2 de Abril o Dia Mundial do Livro Infantil, e depois dia... Quer dizer, dá a sensação que andamos todos em foguetório! Eh pá, vamos fazer uma articulação no terreno e vamos dizer que atendendo ao facto de haver um plano articulado de intervenção entre o Ministério da Cultura e a rede de leitura pública, e as bibliotecas escolares e o Ministério da Educação, eh pá vamos transferir isso tudo para o mês de Abril e apostamos todos. Porque não imagina o que é depois dar resposta em Março, e assegurar a programação que as bibliotecas públicas já têm em Abril, isto parece que andamos cada um a trabalhar nas nossas capelinhas exactamente como antes! Ou seja, importa que o Plano tenha uma programação, do meu ponto de vista, mais lenta, para a gente conseguir absorver. (...) Eu às vezes a dificuldade que tenho é absorver as novidades do Plano, que eu acho que elas estão a sair com excesso de rapidez e sem dar tempo a quem está no terreno de apanhar isso e de implementar com alguma calma. (...) O que eu tenho medo é de transformar um conjunto de actividades em foguetório, e o objectivo do Plano não é esse. Sim senhor, a gente tem que celebrar a questão da leitura, mas aponta para práticas continuadas, sistemáticas, regulares, porque é assim que toda a gente diz que se faz leitores. (Responsável do SABE)

O Plano supõe uma organização a médio e a longo prazo. Uma coisa a médio e longo prazo não pode esgotar todos os seus foguetes de imediato. Tem que ter uma programação com objectivos, tem que ter uma avaliação, etc, etc, por aí adiante. Senão não se chama Plano, chama-se outra coisa! Festa dos livros. (Bibliotecário Responsável)

A rede de leitura pública e a biblioteca de Beja têm uma programação! A gente em Outubro sabe o que é que vai fazer para o ano. E fazemos no limite (...) com equipas muito reduzidas e com um trabalho de acompanhamento directo dos grupos [de alunos e professores] (...) que exige uma programação quase individualizada para cada grupo. (...) Nessa Semana da Leitura estávamos nós a preparar o dia 2 de Abril, e bombardearam-nos, todas as escolas de Beja, para a gente ir participar na Semana da Leitura! Portanto, se tivéssemos ido nisso, tínhamos parado o serviço de infância para andar de escola em escola a ler em voz alta, a contar histórias, a fazer teatrinhos de fantoches, disto daquilo e daqueloutro, que não faz mal nenhum fazer, percebe? Agora, não é possível responder e sustentar uma actividade desta natureza. (Responsável do SABE)

Nesta linha de argumentação, foi especialmente criticado o Concurso Nacional de Leitura, visto como uma duplicação desnecessária de actividades anteriormente existentes e que deram fracos resultados:

Este Concurso Nacional de Leitura vai reproduzir, no contexto de um PNL, práticas que são igualinhas àquilo que a escola faz em relação à leitura e que já provou vários resultados negativos que tem estado a dar! (...) Não é um concurso que vai criar dinâmicas diferentes em torno da leitura! Quer dizer, a gente chama-lhe concurso e o que é que a gente diz aos gajos? “Leiam 3 ou 4 livros e agora respondem a uma prova.” Com cruz, perguntas de interpretação... Ou seja, estamos a transpor para o PNL, um modelo escolar que já provou que não vai muito longe! (Responsável do SABE)

Entre outros aspectos eventualmente menos positivos do Plano, foi salientado aquilo que a entrevistada considera ser um certo “oportunismo comercial” das editoras incluídas na lista de livros recomendados:

Há uma coisa que está a surgir, que não sei se o Plano tem consciência, que é um oportunismo horroroso das editoras em relação ao PNL. Eu no espaço de um mês recebi na minha secretária seguramente... eh pá, não quero exagerar, mas uns 6 ou 7 catálogos dos livros que as editoras tinham da chancela do Plano. Eu acho esse aproveitamento, que não tem a ver com o Plano, percebe? mas que é uma consequência de uma lista de livros que é sugerida, acho que isso tem que ser pensado. Porque se lê nos materiais do Plano que, independentemente daquela lista a melhor decisão que o professor tem a fazer é em relação ao seu grupo concreto e aos seus alunos concretos. Mas a forma abrupta como isso saiu para as pessoas faz com que as pessoas [professores] peguem numa lista e venham à BM, como aconteceu aqui, buscar os livros do Plano. Quer dizer, leva-se os livros do Plano, não se leva para consultar: “Leva-se para os meus meninos.” E não pode ser assim, porque o próprio Plano, não sei onde mas li algures, diz que em primeira e última análise é o docente, é o adulto mediador que deve encontrar os livros certos para os seus leitores, para os seus alunos. Mas na prática, a forma como isto foi utilizado, são os tais desvios, criou um bocadinho situações dessas que eu acho que são perniciosas, ou seja, que alimentam um certo alheamento e vão contra uma certa consciência crítica de utilização do livro em relação a um grupo concreto. (Responsável do SABE)

A marca Ler+ mereceu uma apreciação positiva da parte dos responsáveis da biblioteca, não obstante estarem em desacordo, como se viu no trecho anterior, com a utilização do selo PNL por parte das editoras, opinião expressa no quadro de uma perspectiva específica do papel das bibliotecas públicas no âmbito da RNBP. De qualquer forma, de maneira indirecta pode aqui inferir-se que o PNL acabou por mobilizar professores e pais/encarregados de educação na busca dos livros recomendados:

Acho que sim, acho que está bem. É uma marca que fica. Eu punha assim em letras pequeninas: “e melhor”. Ler mais e melhor! Porque também é preciso, porque não se forma um leitor a ler a metro. (...) Cá na biblioteca saltam todos os selos! Não entra um único selo na estante, não há um único livro da Biblioteca Municipal de Beja que tenha o selo do PNL! Se as pessoas quiserem a gente facilita a lista para as pessoas verem o que é que a gente tem do PNL. Agora, induzir um consumo ou uma utilização acéfala daquele livro, só porque ele vem com uma etiqueta que diz que é muito bom, eu acho que é incorrectíssimo. Nem em relação ao PNL, nem em relação a qualquer etiqueta que surja dessa natureza. O que a gente quer é potenciar o processo demorado de mexer no livro, de olhar, de ver, “eh pá, isto é capaz de interessar”. Isto vende [o selo PNL], e as editoras bateram todas palminhas! “Ah, eu quero um livro do Plano.” Há pessoas que vão às lojas e pedem “eu quero um livro do Plano.” É óbvio que quem pensou isto não pensou isto assim, pensou com o melhor dos objectivos, agora, tem estes desvios que importa pensar. (Responsável do SABE)

A divulgação que tem vindo a ser feita do PNL foi considerada suficiente em termos gerais, tendo sido destacados pela positiva os *spots* televisivos.

A biblioteca pública e as bibliotecas escolares

Como foi anteriormente referido, a BM de Beja desenvolve um trabalho forte e continuado de apoio às BEs das escolas do concelho. Actualmente o SABE trabalha com 14 bibliotecas escolares e, em parte por isso mesmo, possui um fundo infantil bastante rico e actualizado.

As modalidades de articulação existentes entre a BM e as BEs assentam sobre uma concepção específica que foi descrita pela entrevistada nos seguintes termos:

Assiste-se hoje nas escolas a uma realidade completamente diferente daquela que tinham quando há 19 anos eu comecei a trabalhar nestas coisas. Não havia oferta nesta área para as escolas, que trabalhavam muito com recursos da própria escola. Neste momento, e face a uma realidade que mudou, que tem a ver com a criação e existência de uma rede de bibliotecas escolares, eu penso que a actividade da BM de Beja deve seguir duas linhas: por um lado, criar uma componente extra-escolar de trabalho sobre leitura, ou de abordagem da leitura; e, ao nível da escola, criar aquilo que a escola por si não tem condições de criar, que é um trabalho mais profundo em

relação a grupos-alvo mais concretos. E, obviamente, na componente extra-escolar envolvendo as famílias. (Responsável do SABE)

No início de cada ano lectivo, os projectos da BM são apresentados a todos os professores do concelho, sendo que os grupos-alvo referidos anteriormente são constituídos pelos professores que querem privilegiar a questão da leitura no trabalho com os alunos. Na perspectiva da entrevistada, os professores do concelho constituem um grupo muito heterogéneo em termos de objectivos e práticas, pelo que um dos objectivos da BM é oferecer serviços suficientemente diferenciados ao nível do apoio às actividades de promoção da leitura:

Teremos as nossas *Horas do Conto*, concerteza que sim. Mas depois importa que o professor que quer fazer um trabalho para além da hora do conto tenha também uma oferta na Biblioteca Municipal. E é isso que temos vindo a tentar organizar, que é um programa de actividades diversificado que responda de forma diferenciada aos professores que têm necessidades diferenciadas. (Responsável do SABE)

Mais especificamente em relação aos efeitos que a implementação do PNL veio produzir sobre a articulação entre a BM, através do SABE, e as escolas, foi referido que as boas práticas e os projectos já existentes, assim como os agentes responsáveis por eles, acabaram por não ser valorizados à partida, o que provocou algum descontentamento entre os professores e os próprios mediadores da BM que desenvolvem trabalho nas escolas. Claramente, os dois responsáveis entrevistados revelaram aqui alguma insatisfação com o papel, na sua perspectiva, secundário, que lhes foi “atribuído” pelo PNL (e ao seu equipamento em termos gerais), como agentes mediadores da leitura a vários níveis:

A maneira como este Plano foi implementado junto das escolas criou uma situação que é um paradoxo: o professor que sempre foi um bom mediador de leitura sentiu-se absolutamente desvalorizado neste processo; o professor que nunca fez mediação leitora dentro da sua sala de aula disse “Está bem, então vou fazer o Plano, vou justificar a hora de leitura diária, para inglês ver”. É o que eu sinto. E você pergunta-me: “Então mas tem dados?” Não, não tenho dados nenhuns. Agora, eu falo com dezenas de professores por semana, percebe? E aquilo que fica é isso: o gajo que sempre teve na primeira linha da leitura, o tipo que vinha buscar livros à biblioteca para levar em barda para a sua sala, o tipo que trabalhava com os pais, que participava nas actividades todas da biblioteca diz o quê? “Então mas qual é o meu papel no meio disto?” (Responsável do SABE)

O PNL teria que identificar em cada região quais são as pessoas que efectivamente se estão a mexer em termos de leitura, quer sejam professores, quer sejam bibliotecários, quer sejam outro tipo de pessoas. E seria com essas pessoas, e ouvindo essas pessoas, e envolvendo essas pessoas que daí se poderia partir, não é partir lá de cima mas partir de uma interacção entre o nível superior e o nível intermédio. E dessas pessoas, ninguém foi ouvido, foi tudo desvalorizado, foi tudo feito uma tábua rasa, como se só existissem um conjunto de pessoas que estão a pensar sobre o que os outros devem fazer cá. (...) Essas pessoas sentiram-se de alguma forma desvalorizadas, sentiram que o trabalho que têm vindo a fazer sem planos de leitura, sem nada, um trabalho muitas vezes anónimo, mas que é um trabalho eficaz, é completamente desvalorizado porque não foram ouvidos, não foram estimulados a participar. São apenas estimulados a executar, que é uma coisa completamente diferente. Quanto eles tinham capacidade, tanto ou mais do que aqueles que pensaram o PNL, para estarem integrados em equipas que pudessem ajudar o PNL a reflectir sobre a realidade da leitura no nosso país. E isto não tem apenas a ver com dados estatísticos, tem a ver também com dados intuitivos, com dados de trabalho, de experiência. (Bibliotecário Responsável)

De qualquer forma, foi sublinhado que a relação da BM, nomeadamente através do SABE, com as 14 BEs do concelho é “muito complicada” devido à precariedade das situações dos professores destacados e à falta de recursos humanos e financeiros necessários ao desenvolvimento das articulações ideais. Não existe ainda uma base de dados colectiva dos fundos documentais das BEs, por exemplo: “Pode-se dizer que a dimensão do fundo não justifica, também não é por isso que não se trabalha. É verdade, mas se eu estou a

fazer formação de utilizadores, os meninos precisam de saber como é que se consulta uma base, e precisam de saber consultar.” (Responsável do SABE)

Segundo a entrevistada, o trabalho em rede das várias BEs ao nível do concelho também se defronta com algumas dificuldades de articulação e dinâmica, entre as quais avulta o facto de o 1º ciclo estar adstrito às autarquias, enquanto o 2º e o 3º são da responsabilidade do Ministério da Educação. Foi dado um exemplo:

Eu ando a fechar, há anos, os olhos a uma questão tão simples como esta: os livros que a gente compra para as BEs do 1º ciclo, são património da escola ou da Câmara Municipal de Beja? Isto para si não lhe faz confusão nenhuma. Pois eu também fecho os olhos, faço de conta que nunca me lembrei desse problema. Mas no dia em que me vierem pedir contas sobre o património da BM de Beja, ou não sei onde é que me vou agarrar, está a perceber? (Responsável do SABE)

Já as relações existentes entre os técnicos da BM e os professores foram caracterizadas como sendo “belíssimas”, assim como a relação entre a BM e a RBE: “O Gabinete da Rede funciona muitíssimo bem. De facto dá-me um apoio expressivo na montagem das BEs.” (Responsável do SABE). Apesar de tudo, foram também identificadas algumas dificuldades ao nível dos recursos humanos do SABE: “Eu tenho essa responsabilidade. Tenho BEs, tenho os serviços de infância e de juventude da BM, tenho actividades de promoção de adultos, e tenho todas as áreas de gestão porque nós temos uma direcção partilhada. É muito complicado assegurar.” (Responsável do SABE)

Caracterização da biblioteca

Foi sublinhado pelo bibliotecário responsável da BM que o perfil dos utilizadores foi e continua a ser muito heterogéneo em termos de caracterização social e das modalidades de utilização postas em prática, assim como são variadas as dinâmicas de evolução desse perfil:

É o mais diversificado que se possa imaginar, com uma incidência particular nos jovens e nos estudantes, como é também evidente nestas coisas. No entanto temos um público muito diverso, quer em termos etários, quer em termos sociais, de habilitações académicas, etc. É evidente que públicos diferentes procuram coisas diferentes. Encontram-se intersecções nos temas procurados, mas uma disparidade na exigência com que se aborda o tema. Pode haver uma pessoa que queira um livro sobre física quântica, por exemplo, mas que queira apenas uma abordagem... saber o que é isso da física quântica. Mas também pode aparecer um leitor que seja estudante de física, que queira um livro que aprofunde mais. Portanto a biblioteca, quer ao nível do seu fundo documental, quer ao nível dos seus utilizadores, sempre que possível tem que ter uma oferta diversificada com vários níveis de aprofundamento de uma determinada matéria. As bibliotecas públicas dirigem-se a um público muito heterogéneo, àquilo que é, ao fim e ao cabo, a sociedade de um determinado sítio onde a biblioteca está instalada, de uma cidade, neste caso. E portanto, o seu fundo documental, a sua oferta de informação deve ser diversificada e com vários níveis de aprofundamento, deve ter as coisas mais básicas e mais elementares e deve ter as coisas, sempre que possível com um nível médio e com um nível superior. Mas isso faz parte daquilo que é a essência das bibliotecas públicas, não é nada do outro mundo. (Bibliotecário Responsável)

Há uma mudança que é muito interessante nos últimos 4 anos, talvez. Durante muito tempo os meninos vinham sozinhos à biblioteca e nos últimos 4 anos assiste-se a um interesse por parte das famílias maior, os meninos vêm mais acompanhados e os pais mais jovens interessam-se mais por estas questões. Noto muito isso. E noto, por exemplo, que as reuniões de pais que fazemos nas escolas no âmbito dos Livros Andarilhos, que a resposta dos pais, de uma forma geral, é muito boa. Ao nível do público jovem acontece aquilo que acontecia há muitos anos, que é: acompanham-nos [ou seja, frequentam a biblioteca] até aos 12-13 anos, depois há ali 3 anos em que a gente deixa de os ver, vemo-los na cafetaria a ler uma revista e a tomar um café, e depois voltamos a vê-los já adultos de regresso à biblioteca. (...) Temos também as actividades para os bebés, que é uma coisa que há 4 ou 5 anos atrás era impensável, a gente não tinha público para aquilo, e progressivamente fomos criando. É óbvio que não tem só a ver com mérito nosso, tem a ver também com um contexto e um conjunto de mensagens e inputs que estão a chegar às pessoas. (Responsável do SABE)

O livro ainda assume lugar de destaque na BM de Beja como o suporte mais procurado e mais utilizado, embora, segundo os entrevistados, esteja a perder protagonismo para as pesquisas na Internet: “Depende também dos conteúdos. A literatura continua a estar 99,9% em suporte livro, papel, ao passo que as outras áreas mais técnicas ou científicas são pesquisadas na Internet.” (Bibliotecário Responsável)

A propósito dos perfis dos públicos frequentadores da BM de Beja, e quando foi pedida uma ilustração mais aprofundada da diversidade anteriormente focada e da sua evolução ao longo do tempo, foi dito que não existem dados suficientes ou fiáveis capazes de sustentarem uma caracterização mais fina. Existem antes percepções intuitivas nascidas da prática quotidiana de contacto com os utilizadores:

Não temos dados seguros aqui em cima da mesa para dizer. Mas eu penso que a percepção é que se mantém mais ou menos o mesmo perfil de públicos que vem à biblioteca. No entanto a qualificação dos públicos alterou-se e as exigências também se alteraram. Antigamente as pessoas satisfaziam-se com qualquer coisa, hoje as pessoas exigem uma resposta mais qualificada, uma resposta que vá mais ao encontro precisamente àquilo que elas querem. Porque dantes não havia informação; agora há muita e as pessoas hoje também se foram formando ao longo destes anos, a biblioteca também teve um papel de formação dessas mesmas pessoas e habituou essas pessoas a terem níveis de exigência e de satisfação. E quando isso acontece a qualidade tem que ir sempre crescendo à frente das necessidades das pessoas. (Bibliotecário Responsável)

Um dos elementos mais importantes de caracterização da biblioteca que emergiram da entrevista tem que ver com a alteração do panorama da oferta cultural existente na cidade de Beja em particular e no país em geral, colocando o equipamento perante desafios novos e necessidades e expectativas dos utilizadores que não existiam quando foi inaugurada:

Está a decorrer uma alteração muito grande dos hábitos culturais do país. E está a dar-se uma alteração muito grande das práticas e da oferta cultural das cidades como Beja. Há 12 anos atrás quando nós passámos para este edifício, a biblioteca era o coração cultural da cidade, não havia mais nada, não havia mais nenhum equipamento! Hoje, Beja tem uma oferta de equipamentos culturais que faz com que a gente tenha que pensar de outra maneira. A biblioteca de Beja com 12 anos de construída não pode competir ao nível da qualidade do espaço com um teatro que tem 1 ano como é o *Pax Julia!* Nem é sua função trazer espectáculo, a sua função é outra. O paradigma da biblioteca mudou. (Responsável do SABE)

É que a biblioteca colocou o acento tónico também no espectáculo. A biblioteca era tudo. Não havia nada, tinha que ser tudo. Mas hoje entendemos que a biblioteca tem que ser a biblioteca, tem que ser um sistema mediador da leitura, da informação, do conhecimento entre utilizadores, quaisquer que eles sejam. (Bibliotecário Responsável)

Sugestões e propostas

Tendo em conta aquilo que foi sendo dito no decorrer da entrevista, algumas das sugestões avançadas centraram-se na necessidade do PNL dar mais atenção às diferenças regionais e locais, eventualmente por intermédio do seu desdobramento em vários níveis de intervenção, o que permitiria também destacar de forma mais forte as “boas práticas” previamente existentes:

Uma coisa é pensar aquisição de fundo documental para Lisboa, outra coisa é pensar aquisição de fundo documental para o Baixo Alentejo. E da mesma forma que há um PNL, importava encontrar aqui um mecanismo intermédio entre a comissão e os distritos. Não digo que fosse um plano regional de leitura, mas encontrar um mecanismo qualquer, grupos informais compostos, por exemplo, pelos bibliotecários do Baixo Alentejo que pensassem um plano para o seu distrito e depois um plano para o seu município. Obviamente que as linhas orientadoras são dadas por quem está a pensar o Plano no seu todo, mas, do meu ponto de vista, se se quer um maior envolvimento quer das bibliotecas, quer dos SABEs, o processo também tem que ser construído do terreno para cima, não pode ser só neste sentido que está a surgir. (Responsável do SABE)

Algumas sugestões foram também feitas a propósito das listas de obras sugeridas pelo PNL, nomeadamente no que diz respeito a uma explicitação mais clara dos critérios de escolha dos livros:

Qualquer que fosse a lista que o Plano escolhesse, ela seria sempre contestada, é óbvio. Agora é preciso olhar para aquelas listas com cuidado e ver o que é que dali tem que sair. E há coisas que têm que sair, porque o problema não é só pôr a ler, não é só pôr a ler a metro, é também pôr a ler com qualidade. (...) É preciso que as listas reflectam isso. Não se percebem muito bem os critérios, percebe-se que uns são de leitura orientada e outros são de leitura recreativa, mas o que é que está por detrás desses critérios? Não se percebe. É necessário que estas coisas sejam reflectidas. É óbvio que é difícil chegar aqui a um consenso, mas é importante perceber isto. (...) Suponho que aquelas listas serão buriladas e aprofundadas e melhoradas... É bom que as listas estejam em permanente avaliação. (Responsável do SABE)

Na linha das várias críticas tecidas ao figurino do PNL, o bibliotecário responsável pela BM de Beja sugeriu que, em face do panorama em mutação da leitura, deveriam ser renegociadas em termos renovados e aprofundados as parcerias do Estado com as autarquias relativas à instalação e gestão das BMs:

Seria importante que o Estado olhasse para isto e estabelecesse uma nova parceria com as autarquias. (...) Haveria agora um conjunto de medidas de nova geração em que se englobava como centro a questão da formação dos leitores, a questão da leitura, porque senão corremos o risco e estamos já a correr esse risco a nível nacional de ter bibliotecas novas, modernas, bibliotecas com bibliotecários, com alguns fundos documentais, mas que estão a ficar obsoletas em termos de dinâmica, que não têm qualquer capacidade de intervenção, ou por desmobilização dos próprios bibliotecários, ou porque se sentem perdidos, não há um apoio. E os autarcas também, a biblioteca uma vez construída, deixa de ser uma prioridade, deixa de valer votos e passa a ser gerida como se fosse, sei lá, um fontanário, um praceta, um jardim, qualquer coisa! (...) Que o IPLB entendesse que as bibliotecas públicas não podem ser entregues assim aos autarcas de qualquer maneira! As bibliotecas públicas precisavam de ter um conjunto de medidas de terceira geração, como está na moda dizer, que fossem pacotes a nível global para todas as bibliotecas. As Itinerâncias não no sentido que é dado às Itinerâncias, que são acontecimentos, são eventos, são festas, aquilo que se queira chamar, mas sim projectos de formação de leitores. Depois podia haver eventos e essas coisas todas, mas que as bibliotecas tivessem uma dinâmica ao nível da formação de leitores, ao nível de parcerias entre elas próprias. (Bibliotecário Responsável)

Mais especificamente no interface BM/BEs, foi também referida a necessidade de apostar numa formação renovada quer dos professores, quer dos bibliotecários e técnicos de biblioteca, enquanto mediadores cruciais da leitura, nomeadamente pelo aproveitamento das experiências de sucesso levadas a cabo nas BMs. Neste quadro, deveria ser feita uma aposta forte no desenvolvimento das articulações entre as bibliotecas municipais, através dos SABEs, e as BEs:

Quando a gente falar das propostas do PNL, cabem naquelas linhas muito gerais de trabalho coisas tão diferentes como a leitura a par – que é uma coisa que funciona, a gente já fez aqui e funciona muitíssimo bem – e coisas tão ocas como contar histórias, fazer fantoches, fazer sombras chinesas... (...) Ora, é necessária uma formação do docente em moldes muito diferentes daquilo que tem vindo a ser feito. (...) Importava agora reflectir e encontrar dentro do PNL uma medida de formação de docentes que responda de forma mais qualificada àquilo que o Plano pede. Porque é muito diferente trabalhar composição, do que trabalhar escrita criativa. O professor sabe fazer composições, mas como é que faz trabalho à roda de texto? Como é que discute a questão da leitura e da escrita a par? (...) A realidade das bibliotecas públicas é grave a nível da formação: analise-se os currículos de formação dos bibliotecários, analise-se os currículos de formação dos técnicos de bibliotecas que estão a trabalhar com estas crianças no terreno, e a gente caímos todos de quatro! Porque não há uma cadeira ou um módulo de literatura infantil, não há uma cadeira ou um módulo de psicolinguística, não há uma cadeira ou um módulo de formação de leitores. Há assim umas cadeiras que dizem: Animação. Vão-se buscar uns gajos que não sabem nada de animação à leitura, que aliás é uma palavra que eu até nem gosto, damos-lhes um resumo histórico da teoria da animação, que aquilo é sempre o mesmo, e depois quando eles chegam a um sector infantil, a uma biblioteca e têm que realizar um projecto de promoção do livro e da leitura, ou de promoção leitora, “ó tio ó tio que a gente não sabe como há-de fazer!” E então vamos fazer o quê? Vamos pegar no fantochinho, vamos pegar na sombrinha chinesa e andamos a reproduzir um modelo que é errado! Não se forma um leitor com este tipo de práticas! É a diversidade de práticas que pode potenciar o hábito leitor: agora fazemos leitura silenciosa, amanhã fazemos leitura a par, amanhã partimos do livro para a escrita, descobrir os processos de escrita daquele autor, mas no outro dia não, no outro dia vamos olhar para a ilustração... (Responsável do SABE)

4. CÂMARAS MUNICIPAIS

4.1. Câmara Municipal de Matosinhos

4.1.1. Relatório de visita

De acordo com a sugestão da bibliotecária responsável pela Biblioteca Municipal de Matosinhos, foram enviados e-mails para os vereadores da educação e da cultura a solicitar a realização de entrevistas no âmbito da avaliação do Plano Nacional de Leitura. Por não se ter obtido resposta e não se ter conseguido contactá-los na Câmara Municipal, foi novamente solicitada a colaboração da bibliotecária que, na sequência de uma reunião com o vereador da cultura, agendou a entrevista com o mesmo para o dia 12 de Abril de 2007 às 17h.

Apesar de estar acordado que a entrevista com o vereador da cultura se realizaria na Câmara Municipal de Matosinhos, acabou por ser levada a cabo na Biblioteca Municipal. A entrevista decorreu ainda com a presença da directora da BM e da directora do Departamento de Cultura, Turismo e Animação da autarquia.

4.1.2. Entrevista a Responsável da Câmara Municipal

Perfil do entrevistado

O vereador da cultura tem formação superior em Jornalismo, área em que trabalhou durante alguns anos. Foi durante algum tempo vereador da educação na Câmara Municipal de Matosinhos, onde é actualmente vereador da cultura.

O Plano Nacional de Leitura no concelho

Enquanto assumiu o pelouro da educação, o actual vereador da cultura adoptou como prioridade máxima a promoção do livro e da leitura, criando estruturas físicas nos espaços escolares que possibilitassem a constituição de bibliotecas escolares e que fomentassem a aproximação do livro às crianças e jovens. Na altura, eram poucas as escolas que tinham um espaço destinado a bibliotecas, sendo que a autarquia começou por apostar na dinamização desses espaços já existentes, fundamentalmente através da aquisição de fundo documental. Como a Câmara Municipal estava no momento a investir também na renovação do parque escolar do concelho, tornou-se um requisito preparar salas com as condições necessárias para montar eventuais BEs. Ao longo dos anos, sempre que era necessária a realização de obras nas escolas, optavam também por criar salas destinadas a funcionar como bibliotecas. Neste contexto, rapidamente as escolas de Matosinhos foram dotadas das condições físicas necessárias para a criação de inúmeras BEs, o que permite explicar o facto de na primeira candidatura à Rede de Bibliotecas Escolares, o concelho ter apresentado 8 projectos num total de 17 a nível nacional. O vereador teve também a preocupação de distribuir as BEs de

forma coerente em termos territoriais, procurando abranger também as áreas mais distantes da cidade. O grande propósito da autarquia é conseguir criar uma BE em cada escola, objectivo praticamente alcançado. Contudo, a criação de infra-estruturas não é suficiente se não existir um conjunto de pessoas interessadas em dinamizá-las. Neste aspecto, o vereador considera que houve um grande envolvimento por parte da comunidade escolar, particularmente por parte de alguns professores que investiram muito tempo e dedicação nas BEs.

O vereador encontra-se, assim, particularmente satisfeito com o parque escolar do concelho de Matosinhos e considera que os investimentos efectuados, para muitos considerados disparatados⁴³, revelam-se hoje fundamentais para o bom funcionamento das escolas e para o seu bom desempenho na formação de crianças e jovens. Manifesta-se, aliás, bastante orgulhoso pelo facto de o número de alunos no concelho estar a aumentar, contrariamente à tendência nacional, o que tem implicado a reactivação de escolas anteriormente encerradas.

Criados os espaços para o funcionamento de BEs nas diversas escolas do concelho, tem sido uma política central da autarquia dotá-las de recursos financeiros necessários para a actualização e expansão dos seus fundos documentais. Mesmo quando um projecto de promoção da leitura criado pela EB 2, 3 de Leça da Palmeira foi apoiado pelo Instituto Português do Livro e das Bibliotecas (IPLB; actual Direcção Geral do Livro e das Bibliotecas), que adquiriu toda a bibliografia solicitada para essa escola, a Câmara Municipal sentiu que deveria adquirir os mesmos livros para as escolas do 1º ciclo, de modo a criar as mesmas oportunidades para todos os alunos.

Neste sentido, quando surgiu o Plano Nacional de Leitura, perceberam que o concelho tinha já o seu próprio Plano concelhio e ficaram satisfeitos porque as semelhanças entre o que o PNL propunha e o que a autarquia já desenvolvia possibilitou validar e reconhecer o trabalho e investimento já realizados. Manifestaram-se, portanto, bastante receptivos à assinatura de um protocolo com o Plano, uma vez que as implicações do mesmo coincidiam com as acções já levadas a cabo pela Câmara Municipal junto das escolas. O protocolo foi assinado na Semana da Leitura, no dia 9 de Março de 2007, e prevê a transferência de verbas, durante um período de 5 anos, para a aquisição de bibliografia, com base nas listagens sugeridas pelo PNL, para Jardins de Infância (JIs) e escolas dos 1º, 2º e 3º ciclos. Vão disponibilizar aproximadamente 25.000€ por ano, o que totaliza cerca de 200.000€ no período dos 5 anos estipulados. O vereador critica a este respeito muitos dos seus colegas autarcas que consideram tratar-se de um esforço financeiro excessivo e distancia-se desta atitude afirmando que se trata de uma acção fundamental e necessária, capaz de ter resultados e impactos muito positivos e profundos a longo prazo.

Felizmente vamos tendo algumas possibilidades, não é? As coisas têm corrido bem em termos de administração da Câmara e vamos investindo. Às vezes, o que eu costumo dizer, podíamos fazer aí um ou outro foguetório, mas não fazemos porque entendemos que isto, que não se vê, porque muitas vezes não se vê, mas é mais importante do que fazermos aí uma passagem de ano com os foguetes. Não fazemos foguetes, paciência, mas fazemos isto que de certeza absoluta que a prazo vai valer muito mais e vai trazer enriquecimento a toda a gente.

⁴³ Enquanto vereador da educação foi chamado à Direcção Regional de Educação do Norte (DREN) pela Associação Nacional de Municípios, onde lhe disseram que estava a dar um mau exemplo ao gastar tanto dinheiro nas escolas, já que o preço do metro quadrado das escolas de Matosinhos situava-se ao nível de um hotel de 4 ou 5 estrelas, uma vez que incluíam já equipamentos hoje considerados indispensáveis, como a BE, a cantina, a sala de desporto e a sala de informática.

Neste sentido, todas as escolas do concelho de Matosinhos se encontram a desenvolver actividades no âmbito do PNL, sendo a aquisição das obras sugeridas financiada quer pela autarquia, quer, nalguns casos, pela Comissão do Plano.

A Biblioteca Municipal Florbela Espanca assume-se como um pólo concelhio fundamental na promoção do livro e da leitura entre os munícipes, mas também no apoio prestado às escolas. A BM situava-se inicialmente num espaço mais pequeno com apenas um bibliotecário. Entretanto foi destacada a directora da BM, foi criada a Divisão de Bibliotecas e foi construída de raiz a actual BM há 2 anos. Desde então têm desenvolvido inúmeros projectos que têm vindo a ter continuidade pela forma positiva como têm sido recebidos. É o caso do projecto “Bibliotecas Mágicas de Matosinhos” da Câmara Municipal apresentado ao Programa de Apoio a Projectos de Promoção da Leitura em Bibliotecas Públicas de 2003 da Fundação Calouste Gulbenkian. O projecto tem por objectivo geral a promoção da leitura, língua e literatura portuguesas de forma integrada, consistindo no desenvolvimento de várias actividades, como a criação de um Clube do Leitor, de espaços de leitura, de uma página na Internet⁴⁴ e da edição de diferentes suportes. Embora o público prioritário seja o infante-juvenil, as acções do projecto direccionam-se para toda a população. Muitas das actividades da BM são pensadas para abranger também as escolas. É o caso da acção “Literatura em Viagem”, a propósito da celebração do Dia Mundial do Livro, no âmbito do qual vários escritores visitam a BM, mas também as diversas escolas do concelho.

O vereador está particularmente satisfeito com a forma como a BM tem vindo a evoluir e a expandir os seus leques de acção. Embora não tenham efectuado uma monitorização e avaliação das acções empreendidas pela autarquia e especificamente pela BM, têm, contudo, vários indicadores que permitem identificar resultados positivos. A biblioteca é cada vez mais visitada, o número de requisições tem vindo a aumentar e as iniciativas que desenvolve são tão participadas que nem sempre conseguem albergar toda a gente no espaço da BM. Para além disso, a directora da biblioteca é constantemente solicitada para participar em congressos para partilhar as suas estratégias de promoção da leitura.

Eu acho que aqui na leitura está a acontecer um bocado esse fenómeno. Quer dizer, não há nada que você diga “há 10 anos eram 10 e hoje são 20”, não há nada que me diga isto. Agora nós conhecemos os números da frequência da biblioteca, os números da frequência das nossas actividades, o número de livros solicitados e etc., etc. E portanto isso está permanentemente a crescer e, portanto, se está a crescer...este interesse não aparece espontaneamente, portanto, tem a ver com o que nós vamos fazendo.

O espaço central que a BM ocupa no concelho como pólo dinamizador de actividades culturais e de lazer pode também ser compreendido pelo facto de Matosinhos ser um concelho relativamente recente, sendo que o índice de escolaridade da população é bastante elevado. Cerca de 30% dos habitantes são licenciados. Neste sentido, os valores e interesses incutidos nas crianças e nos jovens pelas famílias podem contribuir de sobremaneira para a valorização da BM e das suas actividades.

A autarquia tem também procurado fomentar a colaboração dos sectores empresarial e associativo na promoção do livro e da leitura. Se o primeiro não tem respondido às solicitações, o segundo, por outro lado, tem sido bastante receptivo. A Câmara Municipal tem, neste sentido, contribuído para criar pequenas bibliotecas em diversas associações de modo a fazer chegar os livros ao maior número de pessoas possível.

⁴⁴ Disponível em: <http://www.cm-matosinhos.pt/bibliotecasmagicas/>.

Muitas destas associações deslocam-se, inclusive, a outros locais com várias caixas de livros, como, por exemplo, a lares de idosos.

Apesar de a autarquia ser já bastante activa no que diz respeito a estratégias de promoção do livro e da leitura, o vereador considera, ainda assim, que o PNL veio reforçar e dar continuidade às suas linhas de acção neste âmbito.

Veio, acrescentando, dar continuidade. Mas acrescentou sem dúvida nenhuma. Acrescentou. Eu não tenho dúvida. Nós até ficámos felizes... Olhe, uma das coisas que nós ficámos contentes...fomos ver a lista dos livros e os livros que nós tínhamos comprados estavam lá todos. Também acabamos por...isto também nos realiza, não é? Portanto, agora...vamos com o Plano Nacional de Leitura e com aquela sistematização ao longo daqueles anos...claro que veio acrescentar. Veio, se quiser, acrescentar, veio dar continuidade e veio dinamizar o nosso próprio trabalho.

Num projecto como o PNL, de âmbito nacional, as Câmaras Municipais assumem-se como parceiros fundamentais e indispensáveis para que o Plano seja bem sucedido. As autarquias, no fundo, têm um conhecimento das realidades locais e regionais dos seus concelhos que a Comissão do PNL não consegue ter. Para além disso, envolver os municípios possibilita criar uma rede que permite desenvolver um trabalho integrado e partilhado.

As autarquias podem contribuir se forem encaradas como parceiros, que eu acho que têm que ser e são essenciais. E em 2º lugar aproveitando os recursos de alguns autarcas, não é? Porque os autarcas e as autarquias também estão a mudar muito em Portugal. Tentando sensibilizá-los através, sei lá, da Associação Nacional de Municípios. O futuro passa por isto também, passa por entrar em projectos nacionais que a autarquia isoladamente (quem quer que seja isoladamente) não pode fazer nada e se fizermos as coisas integradas, se fizermos coisas em rede, se fizermos coisas sistematizadas vamos ter resultados obrigatoriamente a médio e a longo prazo. (...) Acho que é impossível fazer uma coisa destas sem as autarquias e acho que as autarquias têm que ser ouvidas, têm que ser interlocutores e têm que ser pares.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

A situação de Portugal relativamente à leitura e à literacia é preocupante. Não só os níveis de escolaridade da população em geral são muito baixos, como as suas competências de decifração dos contextos em que se inserem é muito fraca.

A este respeito dá o exemplo dos próprios funcionários da Câmara Municipal, já que muitos dos trabalhadores mais antigos têm apenas o 2º e 3º anos de escolaridade. Preocupados com esta situação, estão neste momento a criar planos de formação para os seus funcionários no sentido dos mesmos adquirirem mais competências e, assim, desempenharem melhor as suas actividades profissionais.

O vereador considera que quem vive em contextos urbanos, como Lisboa e Porto, tem muitas vezes uma ideia desajustada do país. Basta deslocar-se 30 km a partir de Matosinhos para encontrar uma situação totalmente diferente no que diz respeito às competências de literacia e hábitos de leitura e à forma como a educação é perspectivada pelas populações e pelos seus autarcas.

O vereador da cultura considera que o PNL surgiu como resposta aos preocupantes baixos níveis de literacia da população portuguesa. A sua criação era praticamente inevitável num contexto de modernização do país.

Eu acho que isso foi um pouco uma resposta a...deve ter tocado...eu acho que os índices, ou os baixos índices de leitura estão a preocupar muita gente, a iliteracia está a crescer. E portanto acho que é um bocado isso porque as pessoas com o crescimento da telenovela, dos telediscos todos que andam para aí, as pessoas cada vez lêem menos, portanto, havia que criar. Por outro lado, é um bocado...pode parecer contraditório, eu acho que quem

pretende modernizar e quem pretende desenvolver o país tem que apostar nessas coisas. Tem que ser se não, não há hipótese. Nós não podemos pensar que vamos desenvolver o país, que vamos passar a ter maiores índices de produtividade, etc., etc., se as pessoas não perceberem. E como sabe há muita gente que sabe assinar o nome, que sabe escrever oficialmente, mas que não sabe interpretar uma frase e isto é preocupante.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais e na sua organização

Em termos gerais, concorda com a forma como o Plano está organizado e como definiu os seus objectivos, prioridades e actividades. Contudo, o vereador considera que o PNL surgiu de forma abrupta, não tendo existido um tempo próprio de habituação ao projecto. Na sequência desta situação, muitos docentes, por exemplo, reagiram inicialmente de forma desfavorável ao Plano. Mas este é um problema que qualquer tipo de projecto de âmbito nacional tem geralmente que enfrentar, já que se primeiro houvesse a preocupação de criar condições ideais de implementação, acabaria por nunca se fazer nada. Até porque actualmente os professores estão já bastante receptivos e agradados com o PNL.

Como aspecto mais positivo do Plano, o vereador aponta a possibilidade de trabalhar em rede, o que possibilita a partilha de ideias e experiências e, assim, uma acção mais coerente e estruturada. Por outro lado, considera como menos positivo o facto de a informação sobre o PNL não ter chegado a toda a população. Nestes casos, seria importante perceber o que é que falhou no processo de divulgação e o que fazer para melhorar a difusão do PNL. A este respeito, o vereador considera, aliás, fundamental monitorizar a acção do Plano à medida que for sendo implementado nos mais variados contextos, de modo a poder ser permanentemente (re)ajustado.

Ninguém está à espera que ao fim de um ano...nem sei se já tem um ano o Plano Nacional de Leitura, acho que nem tem...se ao fim de uns meses aparecesse toda a gente a dizer “o Plano é perfeito, não há nada a dizer, estamos todos felizes, isto vai ser...”. Não. Não tenho dúvida que o Plano ao longo agora dos anos vá ter que sofrer algumas nuances porque o Plano não vai já começar a produzir efeitos.

Sugestões e propostas

O vereador da cultura fez algumas sugestões que considera serem úteis para melhorar acções posteriores do Plano:

- as listagens de livros sugeridas deveriam incluir mais autores portugueses.
- uma vez que grande parte da implementação do Plano passa pelas BEs, considera que os coordenadores das BEs deveriam estar colocados em regime de exclusividade nesse cargo, de modo a poderem realizar um acompanhamento diário e integrado das actividades levadas a cabo nesse contexto.
- para que o Plano venha a ser um projecto bem sucedido a nível nacional é necessário que se continue a expandir e a evoluir, actuando sobre o maior número possível de pessoas.

Eu acho que a principal sugestão é que o Plano Nacional da Leitura tem que continuar e crescer, crescer à medida que forem sentidos os resultados. O Plano começou com uma base, com uma essência e como tudo na vida vai aumentando, é o que eu acho. (...) O fundamental nisto é tornar o Plano da Leitura imparável, torná-lo num caminho que entre numa velocidade de cruzeiro e que se torne imparável e que chegue ao maior número de pessoas, chegue a quem tem que chegar.

4.2. Câmara Municipal do Porto

4.2.1. Relatório de visita

O primeiro contacto com a Câmara Municipal do Porto foi efectuado por telefone no dia 27 de Março de 2007. O director da Direcção Municipal da Cultura afirmou a aplicação do PNL no concelho e solicitou o envio de um e-mail com a explanação mais pormenorizada do objectivo da entrevista, para que fosse designada a pessoa indicada para a mesma, o que foi feito de imediato. Recebemos depois resposta via e-mail no dia 30 de Março, remetida pela responsável do Departamento Municipal de Bibliotecas (dependência da Direcção Municipal da Cultura), que nos informou da disponibilidade do seu Departamento e do Departamento Municipal de Educação e Juventude para, através de elementos das suas equipas, participarem na reunião. Para além de sugerida a data e proposto o local, foi ainda pedido o envio prévio do guião relativo aos elementos a avaliar, caso dele dispuséssemos, para que pudesse ser compilado com antecedência. Em resposta, foi enviado um resumo dos principais pontos a abordar na reunião e solicitada a disponibilização na mesma de documentação relativa ao PNL considerada pertinente.

A entrevista a responsáveis da Câmara Municipal decorreu no dia 19 de Abril, na Biblioteca Almeida Garrett. Conforme previsto, estavam representados o Departamento Municipal de Bibliotecas e o Departamento Municipal de Educação e Juventude. A conversa foi elucidativa e fluiu naturalmente, tendo durado cerca de 1h30m. Foi perceptível a relevância atribuída à entrevista, não só pela presença de várias interlocutoras, como pela evidente preparação antecipada da mesma, patente, por exemplo, no facto de estas trazerem consigo vários materiais relativos às iniciativas ligadas ao PNL, que foram disponibilizados no final.

No dia seguinte, foi efectuada uma visita à BM Almeida Garrett, já que no dia anterior esta já se encontrava encerrada quando a entrevista terminou. O espaço da BM é amplo. Para além da área de recepção/acolhimento, identificam-se a secção infanto-juvenil (onde se dispõe uma colecção de livros, vídeos e CD-ROM dedicados aos mais jovens), a secção de leitura geral e periódicos (com livros, revistas e jornais) e a secção multimédia (onde são disponibilizados CDs musicais e DVDs/vídeos). Em todas estas secções existem computadores com acesso à Internet e balcões de atendimento. Na sala multimédia há também um espaço com televisões, leitor de DVD/vídeo e sofás.

Na secção infanto-juvenil existe um espaço dedicado ao PNL, localizado num canto da sala. Nele podiam encontrar-se folhetos e cartazes sobre o Plano, dirigidos a encarregados de educação e professores, com informações, orientações para a leitura com crianças e a indicação da lista de livros sugerida pelo PNL, com a respectiva cota de localização na BM. Ainda na mesma secção, encontra-se um painel intitulado *Para que os meus filhos gostem de ler*, onde estavam expostas fotografias de um encontro com a escritora Luísa Dacosta e desenhos de alunos sobre a autora e os seus livros. De notar ainda a presença de um painel de novidades e *Top+* de livros (com os mais requisitados) e, junto aos computadores presentes nesta secção, um painel com a indicação, por temas, d' *Os melhores sítios da net para pesquisar*. Esta secção conta ainda com uma sala de hora do conto. Vários desenhos de crianças sobre livros estavam expostos no corredor que ligava a secção infanto-juvenil à secção de leitura geral.

Foi recolhido o seguinte material aquando da entrevista e da visita à BM:

- Relatório do programa *O Porto a ler* (inclui enquadramento, objectivos, população-alvo, metodologia de implementação, explicitação de actividades em desenvolvimento e a desenvolver e as respectivas fichas de actividade);
- Organograma da CM do Porto relativo à Direcção Municipal de Cultura;
- Brochura sobre a BM Almeida Garrett (caracterização da BM, História, secções, serviços, actividades);
- Guia do leitor da BM Almeida Garrett (com informações destinadas aos utilizadores acerca da BE, das diferentes secções e serviços disponibilizados);
- Folheto informativo dos serviços da BM (explicação detalhada dos vários serviços disponibilizados aos utilizadores);
- Documento com dados informativos sobre o Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares (SABE) da CM Porto/BM Almeida Garrett (inclui também algumas imagens de projectos de animação);
- Listagem das escolas básicas do Porto que integram a RBE em 2006/2007;
- CD-ROM com apresentação *PowerPoint* sobre a vida e obra de Luísa Ducla Soares, com a marca do programa *O Porto a ler* (inclui poemas da autora, alguns deles musicados) (Dezembro 2006);
- CD-ROM do projecto *Árvore Kaki*, inserido no programa *O Porto a ler* (registo vídeo da organização e concretização das actividades ligadas ao projecto) (Março 2007);
- Panfleto do projecto *Árvore Kaki* (como surgiu o projecto, em que consiste, objectivos, actividades);
- Listagem das instituições educativas envolvidas no projecto *Árvore Kaki*;
- Panfleto do Dia Internacional do Livro Infantil, com a marca do programa *O Porto a ler* (apresenta uma mensagem destinada à promoção da leitura e especialmente do livro infantil, que é divulgada internacionalmente numa iniciativa do *International Board on Books for Young People*) (Abril 2007);
- Folheto informativo do Plano Nacional de Leitura, *Ler com as crianças* (explica o que é o PNL, qual a importância da leitura e indica orientações, destinadas aos pais, para a leitura com crianças);
- Conjunto de marcadores de livros promocionais do programa *O Porto a ler*;
- Ficha de Exploração baseada no Destaque Bio-Bibliográfico de Luísa Dacosta exposto na BM (com desafios e questões sobre a autora e a sua obra, relacionados com as informações presentes no painel exposto na BM, destinado a crianças) (Abril/Maio 2007);
- Panfleto de divulgação da programação infantil da BM (concursos e jogos, oficinas de expressão escrita e plástica, apresentação de livros, hora do conto);
- Ficha de inscrição para uma sessão de *Iniciação ao correio electrónico* (a ter lugar na secção multimédia da BM, destinada a utentes da BM maiores de 40 anos).

4.2.2. Entrevista a Responsáveis da Câmara Municipal

Perfil dos entrevistados

Participaram na entrevista cinco responsáveis da Câmara Municipal do Porto: a directora do Departamento Municipal de Bibliotecas; a chefe da Divisão Municipal da Rede de Leitura e, por inerência de funções, coordenadora da Biblioteca Municipal Almeida Garrett; a directora do Departamento Municipal de

Educação e Juventude; a chefe da Divisão Municipal de Promoção da Infância e Juventude e uma técnica desta mesma Divisão.

O Plano Nacional de Leitura no concelho

A Câmara Municipal do Porto assinou um protocolo com o PNL em Novembro de 2006. Com base nesse protocolo, foi criado um programa que pretende dar corpo ao PNL a nível concelhio, contribuindo para a prossecução dos seus objectivos - o programa *O Porto a Ler*.

A criação desse programa foi uma resposta ao desafio colocado pela comissão do PNL ao município, na pessoa do Presidente da Câmara. Tendo definido como uma das principais prioridades do executivo as questões da educação e da formação e atendendo também ao problema de iliteracia que caracteriza a sociedade portuguesa, “o Presidente decidiu agarrar de imediato esse desafio”, refere a directora do Departamento Municipal de Educação e Juventude.

O Porto a Ler iniciou-se com uma campanha pública de sensibilização para a leitura e incorpora também um conjunto de iniciativas de promoção da leitura e da literacia a desenvolver articuladamente pelo Departamento Municipal de Educação e Juventude, pela Direcção Municipal da Cultura e pelas Bibliotecas Municipais.

A referida campanha de sensibilização para a leitura traduziu-se, em primeiro lugar, pela presença de cartazes (*outdoors*, *mupis*, ...) por toda a cidade do Porto, contendo frases alusivas a obras de autores portugueses e sugerindo a sua leitura. Segundo as entrevistadas, são frases “bastante apelativas, quer pelo engraçado da frase, quer pela tradição, porque nos reporta para aqueles livros que nós estudamos quando passamos pelo banco da escola, quer até pelo carácter provocatório da frase em si”. Este tipo de divulgação é considerado importante pelo impacto que tem junto das pessoas. A campanha passou ainda, em segundo lugar, pela distribuição de marcadores de livros, com a mesma imagem gráfica dos já mencionados cartazes. Estes foram distribuídos por todos os estabelecimentos de ensino da cidade do Porto e também pelas bibliotecas municipais, abrangendo professores, alunos e utilizadores das BMs.

A imagem gráfica dos marcadores de livros, que foram distribuídos por todos os estabelecimentos de ensino da cidade do Porto e oferecidos a cada um dos alunos, e que também estão a ser distribuídos aos utilizadores das BMs, garante uma associação imediata com o que no seu dia-a-dia as pessoas se deparam espalhado um bocadinho por toda a cidade, que são aqueles *mupis* gigantescos, com uma frase conhecida de um livro de um autor português (...).

O programa *O Porto a Ler* passa também pela distribuição de fundo documental às escolas. A materialização de uma articulação e cooperação directa com os estabelecimentos de ensino foi prevista através da aplicação de um montante pela autarquia na aquisição de livros. O município iria contribuir financeiramente para essa aquisição num valor total de 60 mil euros, divididos entre os anos civis de 2007 e 2008.

A atribuição de livros contemplou os JIs e escolas do 1º ciclo do Porto que não têm biblioteca integrada na RBE e que não obtiveram reforço de orçamento por parte do PNL. Estamos a falar concretamente de 33 JIs e 28 escolas. Na distribuição da verba, foi definido como critério o número de alunos. Isto quer dizer que a verba total foi dividida pelo total de alunos e multiplicada pelos alunos de cada escola e JI.

Numa reunião organizada pelo Departamento de Educação, com todos os agrupamentos e coordenadores das escolas em questão, para além de ter sido apresentado o programa *O Porto a Ler* e de terem sido explicadas as novas acções que iriam ser promovidas, foi também entregue uma lista de livros para selecção, tendo em conta o montante atribuído a cada escola. Essa lista, elaborada pelo Departamento, era uma lista de livros recomendados pelo PNL, após uma limpeza dos títulos que não estavam disponíveis no mercado, e com o preço unitário por livro para referência dos professores na sua selecção. À data da entrevista, as listagens dos livros para aquisição já haviam sido entregues pelas escolas à Câmara.

A promoção e execução de um conjunto alargado de actividades de promoção da leitura e da literacia foram também previstas no programa *O Porto a Ler*. Pretende-se promover a realização de eventos destinados à promoção da leitura e divulgar iniciativas do PNL junto de todas as escolas da cidade.

Algumas das actividades previstas no projecto têm um carácter inovador, foram concebidas especificamente para este efeito. Outras são acções que já estavam em curso, já estavam a ser desenvolvidas pelo município com vista à promoção dos mesmos objectivos, e foram reintegradas no âmbito d'*O Porto a Ler*.

Em termos de operacionalização das actividades e do plano em si é um desafio que é exequível por parte do município. Algumas das actividades que estão a ser implementadas têm um carácter inovador, portanto foi-lhes dada a devida intencionalidade no âmbito do PNL, outras actividades que já estavam a ser desenvolvidas (...) foram recuperadas. (...) Não nos limitámos a pegar em coisas antigas e a transformá-las, queríamos também iniciativas novas.

Uma das acções novas criada pelo Departamento de Educação da Câmara, que surge no âmbito d'*O Porto a Ler*, é a Feira Itinerante do Livro. Trata-se de uma feira que tem subjacente uma actividade estruturadora. Essa actividade consiste na troca de correspondência entre um personagem misterioso e os alunos, pretendendo-se criar um ambiente propício à invenção de histórias e à fantasia. Aos alunos é proposto um desafio a cada “carta” recebida, que passa, por exemplo, pela escrita e pela ilustração. Essas cartas, remetidas pelo “personagem misterioso” surgem numa caixa, que serve de canal de comunicação com os alunos, e nela são também depositados os trabalhos resultantes dos desafios colocados. Esta actividade, que ocorre antes da feira do livro, está a ser desenvolvida junto de alunos de duas turmas por escola, num total de sete estabelecimentos de ensino.

A partir da actividade referida, é criado no decorrer da feira o “personagem misterioso”, através das características que as crianças pensaram que essa personagem teria, com o auxílio de um ilustrador que se dirige à escola. Ainda no decorrer da feira, estava prevista a realização de uma animação diária, com actividades ligadas à leitura organizadas pelos próprios professores, quer dentro da própria escola quer inter-escolas, e implicando já todos os alunos. No final da actividade, pretendia-se fazer um documento onde se recriasse todo o processo, e entregá-lo aos professores.

Esta actividade foi proposta a oito escolas e só uma declinou o convite, o que é percebido como positivo pelas entrevistadas, pois o convite foi feito numa fase muito adiantada do ano lectivo, numa altura em que as escolas já têm as suas planificações elaboradas. À data da entrevista, a actividade do “personagem misterioso” apenas se tinha iniciado em duas escolas. Numa delas, em que a actividade já decorria há mais tempo, a reacção foi positiva, contam. Os alunos aderiram, embora, segundo os professores, no desafio que implicava a escrita, alguns alunos tenham demonstrado mais dificuldades, tendo sido a participação maior no

desafio que remetia para a parte de ilustração. A nível da discussão e do debate de ideias, que foi promovido pelos desafios, todos os alunos dessa escola se envolveram e participaram.

Relativamente à animação da feira, a adesão dos professores também era até ao momento positiva. Algumas escolas estavam a implicar as demais escolas do agrupamento para dinamizarem e assistirem a animações. Contudo, esta actividade estava ainda numa fase muito inicial, pelo que não era possível fazer o devido balanço.

Outra iniciativa lançada no âmbito d’*O Porto a Ler* foi um concurso público de ideias para a criação de um jogo didáctico de incentivo à leitura. Pretendia-se estabelecer uma parceria com uma editora e que o jogo vencedor, caso tivesse viabilidade, fosse editado e viesse a ser utilizado nas escolas e pelas famílias.

É ainda referida uma outra actividade nova, uma acção de formação e sensibilização destinada aos educadores de infância dos JI da rede pública do Porto, ligada às questões da literacia e à animação da leitura (o contar histórias) no JI. É também propósito desta acção uma avaliação posterior da aplicação das técnicas aprendidas na formação pelos educadores e do seu impacto na sua prática profissional e no desenvolvimento das crianças. Esta actividade estava ainda a ser planificada. Como se trata de uma actividade proposta, estavam a ser auscultados os educadores de infância, no sentido de perceber se era ou não sentida essa necessidade. Até à data da entrevista, a sua adesão era positiva em termos de interesse.

Para além destas iniciativas novas, criadas especialmente para *O Porto a Ler*, foi também mencionado o leque de actividades já existentes previamente e que foram integradas e reforçadas no âmbito do programa. Algumas são actividades do projecto educativo municipal *Porto de Crianças*, projecto que já está em desenvolvimento há alguns anos, que partilham o objectivo d’*O Porto a Ler*. Outras são actividades já em desenvolvimento pelas bibliotecas municipais do Porto.

Segundo a chefe da Divisão Municipal da Rede de Leitura e coordenadora da Biblioteca Municipal Almeida Garrett, a integração das actividades da biblioteca no projecto é perfeitamente natural, porque todas estão relacionadas com a promoção da leitura. Assim, elas foram mantidas mas passaram a ter o carimbo d’*O Porto a Ler*, contribuindo para promover o programa.

A missão das bibliotecas é a promoção da leitura, portanto tudo o que fazemos se destina a promover a leitura. (...) Portanto, isto significa que nós tentámos em toda e qualquer actividade que promovemos na biblioteca pôr a marca d’*O Porto do Ler*. E portanto, dessa forma estamos a promover o programa e estamos a sensibilizar as pessoas, para além daquilo que fazemos normalmente, para a existência deste programa, para o facto de estarmos neste momento com esta aposta.

Algumas das actividades foram também reforçadas. Foi essa a lógica da BM Almeida Garrett, o reforço do que já era feito.

Aqui na biblioteca o PNL forçosamente não pode trazer nenhuma novidade, senão significaria que nós estávamos a fazer mal o nosso trabalho. Tentamos de facto é reforçar as nossas acções.

A biblioteca criou também uma área na secção infantil destinada à divulgação do PNL, aquilo a que chamam “canto do PNL”. Nesse espaço foi colocado um painel expositivo que chama a atenção para o programa e que dispõe de materiais informativos diversos, inclusivamente elementos que estão disponíveis no *site* do PNL. Desta forma, é proporcionada às pessoas uma maior facilidade de acesso à informação considerada mais relevante, nomeadamente aos pais. Lá encontra-se também uma lista dos livros recomendados pelo Plano com a respectiva cota de localização na biblioteca, nos casos em que esta dispõe

deles. A coordenadora da BM afirma não ter sido uma preocupação muito relevante a disponibilização de todos os livros da lista pela biblioteca: “Naturalmente que não é uma preocupação muito relevante ter os fundos todos, porque nós temos aqui cerca de quarenta e tal mil títulos, portanto...”.

A Biblioteca Municipal Almeida Garrett, inaugurada em 2001, é uma das duas bibliotecas municipais do Porto. A outra, a Biblioteca Pública Municipal do Porto, por força do seu acervo, tem uma importante vocação patrimonial “e portanto a questão da divulgação não se coloca com tanta pertinência como na Biblioteca Municipal Almeida Garrett”. A BM Almeida Garrett é uma biblioteca de leitura pública, construída e a funcionar de acordo com o modelo das bibliotecas públicas que tem sido instituído. É nela que está sediado o SABE da Câmara Municipal do Porto, pelo que “tem tido desde o início uma ligação muito grande com as escolas a nível da promoção da leitura”, daí a sua grande implicação no PNL e concretamente n’*O Porto a Ler*.

São mencionadas algumas actividades da BM Almeida Garrett direccionadas especialmente para o público escolar, e especificamente para as crianças que frequentam o pré-escolar e o 1º ciclo do ensino básico.

A primeira é o Projecto de Animação Comum das Bibliotecas Escolares, no âmbito do SABE. Todos os anos a biblioteca promove um escritor junto das BEs, este ano foi escolhida a escritora Luísa Ducla Soares. A obra da escritora está a ser trabalhada nas 27 escolas com BEs do Porto. O projecto culminará este ano, ano em que foi reforçado no âmbito d’*O Porto a Ler*, com um encontro das crianças com a escritora, e também com uma exposição na BM dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos nas escolas.

Uma outra iniciativa é a comemoração do aniversário da escritora Luísa Dacosta. Esse projecto de homenagem surgiu também porque esta era uma autora que tinha livros na lista do PNL. As responsáveis do Departamento de Bibliotecas salientam que essa foi uma preocupação da sua parte. Este projecto, comum às duas bibliotecas municipais, contemplou acções vocacionadas para as escolas mas também para as famílias.

Esse projecto de homenagem à escritora Luísa Dacosta, partimos do princípio que era uma autora que tinha livros no PNL e essa foi uma preocupação nossa (...). Esta é a segunda vez que temos um projecto “âncora”, que liga as duas bibliotecas do departamento, mas este ano formatá-lo tendo em vista o PNL especificamente. Portanto, encaixa-se perfeitamente no PNL.

É ainda destacada uma actividade levada a cabo este ano, já no âmbito d’*O Porto a Ler*, que passou pela comemoração do Dia Mundial da Árvore. No âmbito de um projecto mundial de plantação de árvores sobreviventes ao bombardeamento de Nagasaki, foram desenvolvidas actividades integradas no espírito do projecto junto das crianças das escolas, em que o livro e a leitura e a ilustração foram algumas das vertentes, associadas a temas como o ambiente e a História. A adesão a esta iniciativa foi muito grande.

Foi impressionante verificar a adesão que as escolas, o JI e as escolas do 1º ciclo, tiveram ao projecto [de comemoração do Dia Mundial da Árvore] nas suas várias vertentes, a questão da leitura e da curiosidade do conhecimento de uma outra civilização, a questão da História, (...). Divulgámos um conto sobre uma jovem japonesa vítima do atentado (...). E foi uma adesão tão grande. No dia em que se plantou a árvore tivemos no auditório quase 700 crianças.

As escolas são um público preferencial de muitas das actividades que decorrem na BM Almeida Garrett. Há uma série de escolas que trabalham muito em ligação com a BM. A biblioteca já sabe que pode contar com elas para participarem em muitas das acções que desenvolve, há nelas um interesse potencial. Uma dessas escolas é a EB1/JI da Torrinha, um dos casos que estamos a acompanhar no nosso estudo de avaliação. Nesse caso também contribui a proximidade geográfica em relação à BM.

A BM acolhe também muitas visitas de escolas da cidade. Em termos estratégicos, ela tem tido nas escolas “um grande aliado”. Existe a percepção que essa é uma forma decisiva de ganhar leitores e utilizadores da BM, e os resultados têm sido positivos, asseguram as entrevistadas.

Esta ligação da BM às escolas é estratégica para nós em termos de ganhar público leitor, criar leitores, mas também ganhar utilizadores da BM, e tem resultado muito bem. (...) Por exemplo, naquela questão do projecto de animação comum que culmina com uma exposição dos trabalhos dos alunos na BM, muitas vezes ao sábado, no dia das famílias, até porque a BM está inserida num jardim que é muito procurado para convívio familiar, há muitos meninos que trazem os pais para verem os trabalhos que fizeram.

Mas a BM Almeida Garrett não centra a sua actuação apenas ao nível das escolas e especificamente das crianças. Há a preocupação de cobrir através das suas actividades os vários segmentos daquele que deverá ser o seu público. Segundo a directora do Departamento Municipal de Bibliotecas, a BM tem de promover a leitura junto de todo o tipo de públicos, e talvez até com especial relevância junto daqueles que não são tanto da responsabilidade da autarquia na área da educação.

Exemplo dessa preocupação é o desenvolvimento de alguns projectos, que terão também lugar este ano, que visam o público sénior ou a população mais desfavorecida. Neste último caso, é referido o *Bibliocarro*, um serviço de leitura itinerante afecto primordialmente ao apoio a zonas mais carenciadas da cidade.

Uma comunidade de leitores, dirigida ao público adulto, funciona também na BM. Um romancista conhecido orientava à data essa comunidade. Esta iniciativa não é nova, mas foi intensificada este ano e integrada n’O *Porto a Ler*.

As famílias são também um dos públicos especialmente visados pela BM. É mencionado o trabalho que tem sido desenvolvido na tentativa de ir ao encontro das famílias. A programação da BM ao sábado está vocacionada especialmente para elas, sendo identificada uma grande apetência para acolhê-las nesse dia

Exemplo disso é a existência de um programa que se intitula *Para que os meus filhos gostem de ler*, apoiado pela Fundação Gulbenkian, no qual se baseia a organização, ao sábado, de sessões de incentivo à leitura junto das famílias. Este programa, que existe desde o ano passado na BM, “ganhou um novo alento com esta iniciativa mais global da Câmara Municipal do Porto, o *Porto a Ler*”, tendo sido reavaliado e reforçado.

Para além da dinamização e promoção de actividades, a CM e a BM concedem ainda habitualmente apoios de outra índole, através do SABE, e nesta vertente voltamos a centrar-nos no relacionamento com as escolas e especialmente com as BEs.

Compete, por exemplo, à Câmara incentivar e apoiar as escolas na criação de bibliotecas escolares. Neste processo o principal obstáculo que dizem existir é muitas vezes a limitação do espaço físico das escolas, a inexistência de uma estrutura física na escola capaz de albergar uma biblioteca. O parque escolar do Porto está muito lotado e nem sempre é fácil arranjar esses espaços. No entanto, sempre que possível, é feita uma intervenção pela Câmara no sentido de criá-lo ou adaptá-lo.

A Autarquia e a Biblioteca Municipal Almeida Garrett prestam também apoio às escolas na elaboração das suas candidaturas à RBE. Caso estas sejam bem sucedidas, uma vez integradas na Rede, as escolas contam com o apoio técnico do SABE, ao nível do planeamento funcional da biblioteca, da selecção do mobiliário e do fundo documental, por forma a “garantir que a instalação da BE seja feita de acordo com as exigências de um serviço desse tipo”. Ao mesmo tempo, e depois de recebida a verba orçamental atribuída pela RBE, esse

mobiliário e fundo documental são adquiridos. Geralmente, a Câmara contribui também financeiramente neste campo.

Depois da instalação da BE, o SABE não deixa de acompanhar o trabalho que é feito nas BEs, assegurando que a dinamização e o funcionamento das bibliotecas se mantém de acordo com os objectivos subjacentes à sua criação. São organizadas reuniões mensais que contam com a presença não só dos técnicos do SABE e dos coordenadores das BEs, como também de elementos do Departamento de Educação da Câmara e do gabinete da RBE.

É também promovida alguma formação a nível dos coordenadores das BEs e dos professores enquanto mediadores da leitura. Nesse aspecto, a BM tem também acesso à carteira de acções do IPLB, que tem algumas oficinas e acções de formação.

As responsáveis da Câmara Municipal referem ainda a existência do Projecto Rede de Bibliotecas Escolares do Porto (RBEP), um projecto que nasceu no âmbito de uma formação que teve lugar no Centro de Formação João de Deus e que passa pela disponibilização de uma plataforma informática que tem como objectivo vir a ser “alimentada” ao longo dos anos com o acervo documental das BEs. Trata-se de um catálogo *online* através do qual cada escola da cidade do Porto pode ir inserindo os fundos documentais das suas bibliotecas. A disponibilização de um catálogo deste género permite a rentabilização de custos, facilita o empréstimo de fundo documental inter-BEs e permite o acesso a ele de toda a comunidade.

Este projecto foi efectivado em 2005, com a cooperação da CM do Porto, que disponibilizou um servidor para o alojamento da base de dados. O projecto conquistou também muitas escolas de diferentes níveis de ensino e actualmente o *site* da RBEP já não alberga apenas o acervo documental das escolas do Porto mas começa também a alargar-se às escolas do distrito. Também a BM Almeida Garrett disponibilizou o seu catálogo no *site* da RBEP, não só para consulta, para possibilitar o empréstimo, mas também para apoiar os professores na catalogação dos fundos documentais das suas bibliotecas escolares, possibilitando que estes retirem os registos comuns.

Este é apontado como um projecto inovador e que trouxe muitas mais-valias às BEs do Porto. É um exemplo de uma boa prática que nasceu de uma iniciativa de professores e coordenadores de BEs, face a uma necessidade sentida pelos próprios, e que contou com o apoio da Câmara e da BM.

Quando questionadas sobre as actividades dinamizadas pelas próprias escolas do concelho no âmbito do PNL, as entrevistadas referem a autonomia que as escolas têm para desenvolver iniciativas próprias, pelo que não têm conhecimento do que aconteceu em cada uma delas. Na Semana da Leitura, porém, sabem que algumas escolas participaram, umas mais activamente que outras, mas que também algumas não o fizeram. O acompanhamento das escolas foi mais centrado nas actividades e projectos que a própria Câmara e Biblioteca dinamizaram.

É atribuída muita importância ao envolvimento das escolas do concelho no PNL, por um lado, porque a finalidade do projecto coaduna-se com os objectivos que regem o trabalho que tem vindo a ser desenvolvido pela biblioteca e os apoios que têm vindo a ser concedidos pela Câmara, a criação de mais e melhores leitores, e, por outro lado, porque, numa perspectiva de futuro, o desempenho das escolas na promoção da leitura é central.

Penso que é fundamental [a participação das escolas no PNL], tendo em conta que é também um pouco a lógica das bibliotecas, do apoio da Câmara a este grupo específico das escolas que são da nossa responsabilidade, porque estamos a jogar com os leitores do futuro.

As entrevistadas afirmam não ter ainda resultados do PNL e concretamente do programa *O Porto a Ler*, porque é ainda muito cedo para tal. Vão sim tendo algum *feedback* sobre a forma como as escolas estão a aderir, proporcionado pelo trabalho no terreno das técnicas, que dão conta do envolvimento e empenho demonstrados por professores e alunos nas actividades novas que estão a promover no âmbito do Plano. Nas actividades já existentes previamente ao programa é mais difícil discernir aquilo que são ou não os seus efeitos.

Temos *feedbacks* interessantíssimos e que passam pelas impressões que nos vão ficando das actividades inovadoras, aquela que está subjacente à realização da feira do livro, o personagem misterioso que vai aparecendo... A forma como os alunos e os professores se envolveram... A postura da escola, dos professores, são indicadores.

No entanto, e atendendo a que grande parte das actividades que estão propostas n'*O Porto a Ler* já decorreram dos anos anteriores, aí sim temos avaliação, agora não podemos chamar a isso avaliação do PNL, porque é uma avaliação de actividades que hoje estão integradas no PNL mas que ontem não estavam e que já aconteciam por si só.

A nível mais geral, é notada uma grande mobilização à volta do livro. A campanha de divulgação e sensibilização levada a cabo no âmbito d'*O Porto a Ler* foi muito visível e, acreditam, teve muito impacto nas pessoas, criou um ambiente favorável à leitura. Também livrarias e hipermercados se associaram ao Ler+, dando especial destaque aos livros recomendados pelo PNL ou desenvolvendo campanhas de oferta de livros. A dinâmica existente conseguiu sensibilizar os vários agentes sociais e despertar a curiosidade das pessoas em geral pelo programa. Na BM, os livros recomendados pelo PNL foram bastante requisitados.

A mensagem passa. Na campanha d'*O Porto a Ler*, os *mupis* estão espalhados em vários espaços da cidade. Isto de alguma forma sensibiliza a população. Mas ainda é cedo para ver que resultados... Mas que há um ambiente muito favorável eu acho que há.

Há curiosidade. Nós [a BM Almeida Garrett] fizemos um folheto com informação, *Como ler para os seus filhos*, e o folheto está sempre a desaparecer. Há interesse por ver os livros aconselhados, esses saem bastante para empréstimo.

As entrevistadas estão convencidas que toda esta mobilização e todo este esforço trarão resultados de futuro. A nível das escolas, espera-se uma atitude mais pró-activa e autónoma de promoção da leitura. Em última análise, o objectivo é que daqui a alguns anos a autarquia e a biblioteca não necessitem de elaborar um plano de promoção da leitura e que sejam as próprias escolas a criar os seus planos, a ter as suas próprias iniciativas. Actualmente, por exemplo, há as escolas que aderem às iniciativas que lhes são propostas pela Câmara e BM, o que é positivo, mas há também as que aderem mas que por si só são capazes de promover mais algumas actividades, o que é ainda mais positivo. Nesses casos, sente-se que “o município acaba de alguma forma por servir de motor de arranque para despoletar qualquer coisa junto das escolas”.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais e na sua organização

A criação do PNL é considerada importante. Os seus objectivos são extremamente pertinentes.

A incidência principal do programa nas escolas, até ao momento, é correcta, pois elas têm um papel central na promoção da leitura e na criação de futuros leitores.

O trabalho das escolas é fundamental porque jogar com o público das escolas é jogar numa lógica de prazo, independentemente do programa ser destinado a toda a gente, mas o objectivo é que daqui a uns anos tenhamos mais e melhores leitores.

A impressão que as responsáveis autárquicas têm da divulgação do PNL é que esta tem funcionado. O Ler+ é “simples e eficaz”. O esforço da Câmara em promovê-lo terá aumentado também o seu impacto no concelho do Porto.

Um dos aspectos mais positivos e inovadores até agora do PNL é, na opinião das entrevistadas, o facto de se ter permitido a aquisição de livros em quantidade nas escolas, que permitiram que todas as crianças tivessem acesso aos livros e um contacto muito mais próximo com eles. *O Porto a Ler*, por sua vez, permitiu que todas as escolas de 1º ciclo e JIs fossem privilegiados a esse nível, adquirindo livros para os que não receberam apoio financeiro do PNL.

Acho que no Porto se conseguiu uma coisa fantástica, que foi dotar todas as escolas de 1º ciclo e JIs de livros nas mãos das crianças... Isso é que eu acho que é interessante e inovador neste projecto. Porque não há dois ou três, isso atrai mais, todas as turmas terem doze exemplares de cada título, acho que isso é extraordinário. Há aquelas que têm graças ao PNL, mas as outras não deixam de ter graças à Câmara. Todas têm os livros. Todas estão em igualdade de circunstâncias.

Outro aspecto positivo é a existência de um *site*, que fornece orientações e dá ideias para a realização de actividades de promoção da leitura. Isso permite aos professores aproveitar boas ideias, “porque não precisamos de estar todos sempre a inventar coisas novas”, e esse é considerado um bom princípio.

Mas é ainda o início de um processo e há que ir sempre melhorando. Na apreciação da forma como o PNL decorreu até agora, é assinalada alguma falta de programação prévia e antecipada das acções. Foi sentida por vezes alguma dificuldade das escolas em “encaixar” as acções, as propostas que iam surgindo, no planeamento das actividades escolares, definido no início do ano lectivo. Tal aconteceu, por exemplo, com a Semana da Leitura.

Aquilo que temos sentido no terreno por vezes é que as propostas... o Plano é uma coisa que se vai fazendo, que se vai construindo, a lógica de funcionamento é um bocado essa, vão surgindo novas propostas, novos desafios, novas acções... Por vezes quem desenvolve as acções no terreno pode é ter dificuldade em encaixá-las no planeamento que já está feito até ao final do ano lectivo. (...) É como a Semana da Leitura, do meu ponto de vista o desafio foi um bocadinho tardio.

É ainda mencionada alguma falta de articulação e partilha entre as entidades que trabalham e aplicam o PNL no terreno. A autarquia não tem acesso a uma visão mais global, de conjunto, em relação à acção do PNL no concelho. As entrevistadas dizem, por exemplo, não ter consciência dos livros que foram adquiridos nas escolas do concelho apoiadas pelo PNL. A sua visão é mais limitada às escolas que apoiaram directamente.

A dificuldade que sentimos de não conseguir ter uma visão global... (...) Acabamos por perder um bocado a ideia de conjunto. (...) Este tipo de actuação acaba por ser um bocadinho incongruente com o desafio que é lançado ao município. Pede-se ao município que tenha uma actuação integradora junto de todas as escolas... Um dia destes

vão-nos perguntar a visão integrada dentro das escolas do município, e nós não vamos ser capazes de o fazer, porque nós só sabemos que livros é que vamos adquirir para as escolas que não integram a RBE, porque as que já integram, a articulação está a ser feita directamente com Lisboa.

As expectativas a respeito do PNL são que os seus objectivos sejam alcançados, mas é patente que isso só será possível se o programa não terminar prematuramente. Os grandes resultados só serão visíveis “daqui por uma boa dezena de anos”.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

Para analisarem a situação do país quanto à leitura e à literacia, as responsáveis autárquicas reportam-se às estatísticas. Os últimos dados revelam os problemas de literacia que caracterizam a sociedade portuguesa. Eles continuam “teimosamente a colocar Portugal na cauda, infelizmente já não só na Europa, mas a um nível um bocadinho mais alargado”, o que é “um indicador quanto basta do estado da nação”. Estes dados acabam por ter um efeito responsabilizador sobre as entidades que estão directamente implicadas nas questões da formação.

Uma resposta positiva ao referido problema, da parte do Ministério da Educação, é precisamente a implementação do Plano Nacional de Leitura. Também os municípios têm aqui uma palavra a dizer e potencialidade para intervir ao nível local, através dos serviços educativos, das bibliotecas e também do pelouro de acção social. Para ultrapassar a situação do país, é preciso que exista uma acção concertada e ponderada, que vá sendo corrigida nos seus aspectos menos positivos.

Os dados existem, não temos de ter vergonha, também não podemos querer mudar a realidade de um dia para o outro. Passo a passo, aos bocadinhos, sempre com intencionalidade, avaliando todos os programas que vamos implementando e não tendo vergonha de chegar ao final do ano e dizer “Ok, experimentámos este, não valeu, vamos esquecer, vamos ver novamente...” e continuar por aí fora.

Sugestões e propostas

As entrevistadas recomendam, em primeiro lugar, a continuidade do Plano, para que os seus objectivos sejam alcançados.

Esperam também que, no futuro, o PNL venha a centrar mais a sua atenção nos níveis de escolaridade mais avançados. A actuação no 3º ciclo, por exemplo, é considerada muito importante, pois os alunos encontram-se aí numa fase da sua vida em que se desviam da leitura. Se o PNL evoluir para essas faixas etárias, espera-se que venha a ajudar na criação de estratégias de promoção da leitura para esses públicos. Isto numa altura em que está prevista a transferência de competências de 2º e 3º ciclos para o município, o que aumenta a preocupação da autarquia em relação a esses níveis.

O que sentimos também ao nível das bibliotecas... (...) já temos feito muita coisa no 1º ciclo (...). No 1º ciclo e até ao 6º ano nós conseguimos acho que criar e cativar leitores, mas depois durante o período da adolescência eles fogem-nos. E nesse aspecto talvez o Plano, de futuro, (...) nos ajude a criar algumas estratégias de interacção com esses públicos adolescentes e jovens adultos.

Em terceiro lugar, é assinalada a necessidade de uma programação mais antecipada das acções, por forma a que as escolas, por exemplo, integrem-nas desde o início do ano no seu planeamento lectivo.

É sugerida também a promoção pela coordenação do PNL de uma melhor articulação e partilha entre as entidades envolvidas no Plano e que no terreno acabam por operacionalizar o programa. Essa articulação deverá permitir uma visão mais integrada da acção do PNL no município.

A BM e a Câmara transmitiram ainda a necessidade da existência de instrumentos que afirmem o impacto das actividades por elas desenvolvidas. Aquando da concepção das suas acções, a componente da avaliação não foi uma preocupação primordial. Para além disso, as avaliações realizadas internamente são limitadas e não permitem uma comparação eficaz com outros casos. Sugere-se um trabalho mais em conjunto ao nível da avaliação. Na opinião da responsável do Departamento Municipal de Bibliotecas, devia haver uma articulação a este nível, que permitisse a existência de uma estratégia de avaliação comum das actividades realizadas no âmbito do PNL por todas as entidades, por forma a que essa avaliação fosse feita em moldes que a tornassem útil para o programa.

É também reconhecida a dificuldade em avaliar impactos nesta matéria a mais longo prazo. O facto de terem neste momento as actividades cheias é positivo, mas será que esses leitores potenciais que pretendem criar se vão de facto tornar no futuro bons leitores? Monitorizar isso é muito complicado, afirmam.

Nós não tivemos a preocupação específica de avaliação na altura da concepção das nossas acções (...). Para o tipo de actividades que são não era tão relevante, mas a partir do momento que há o PNL, que muitas acções se encaixam, provavelmente também terá de haver uma maior coordenação dessa avaliação. (...) temos dificuldade em ter as ferramentas da avaliação. (...) Eu até posso na minha actividade definir os meus indicadores, mas podem não ser questões que são fundamentais para o PNL. (...) Por sistema, no final da actividade vamos sempre avaliar, agora essa avaliação pode não ser partilhada por todos do PNL...

Uma última sugestão é o fomento da divulgação de boas práticas. Deverá haver espaço no *site* do PNL para essa divulgação, porque “as boas práticas de umas escolas por vezes sensibilizam outras, dão ideias...”. Também a nível local, a Câmara poderá dar o seu contributo, divulgando o que vai sendo feito nas escolas do concelho no âmbito do programa.

Segundo as entrevistadas, a dinâmica ao nível do Plano em si acaba por se reflectir também na postura dos responsáveis autárquicos e das bibliotecas, e foi isso que aconteceu no Porto. Afirmam procurar constantemente repensar o que podem fazer mais no sentido da prossecução dos objectivos do programa.

4.3. Câmara Municipal de Santa Maria da Feira

4.3.1. Relatório de visita

O primeiro contacto com a autarquia de Santa Maria da Feira foi estabelecido telefonicamente no final de Março de 2007. Depois de algumas tentativas sem sucesso para falar com o vereador responsável pelo Pelouro da Educação, Cultura, Desporto e Juventude, a chamada acabou por ser atendida pela sua adjunta, que marcou de imediato a entrevista.

A entrevista decorreu no dia 10 de Abril, na Câmara Municipal, durou cerca de uma hora e os interlocutores (o vereador e a sua adjunta) revelaram-se muito cooperantes e participativos.

4.3.2. Entrevista a Responsáveis da Câmara Municipal

Perfil dos entrevistados

Participaram na entrevista o vereador da educação, cultura, desporto e juventude da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira e a adjunta do vereador na área da educação. O vereador é formado em Direito e a sua adjunta é, de formação, professora de biologia do ensino secundário.

O Plano Nacional de Leitura no concelho

Os autarcas começam por dar conta do envolvimento das escolas do concelho no PNL. Um conjunto alargado de escolas tem aderido ao Plano, afirmam. O envolvimento das escolas passou pela aquisição de fundo documental a partir da lista sugerida pelo PNL e pelo desenvolvimento de várias iniciativas no seu âmbito.

A adjunta do vereador diz ter sentido da parte das escolas no início do ano uma dinâmica relacionada com o PNL, essencialmente no sentido da procura da renovação do seu fundo documental. As escolas pretendiam ter acesso a maior variedade e quantidade de livros. A nível de actividades, a entrevistada tem tido conhecimento da realização de, por exemplo, feiras do livro nas escolas, encontros com escritores e leitura de histórias. Contudo, a sua percepção é de que grande parte das escolas do concelho já desenvolvia o tipo de actividades propostas pelo PNL, e que limitaram-se a dar-lhes continuidade, embora sempre com a perspectiva de melhoramento.

A integração das escolas no Plano é encarada como positiva. O papel da escola na promoção da leitura é fulcral, porque para muitas crianças, cujos pais não têm hábitos de leitura, este é o único meio de contacto com os livros. E esse contacto deve ser feito logo desde a pré-primária. Por isso, é fundamental que as escolas e as BEs sejam imbuídas no PNL e na promoção da leitura por forma a que as crianças desde cedo criem hábitos de leitura, o hábito de frequentar uma biblioteca.

O apoio da Câmara às escolas nesse âmbito passa essencialmente por três níveis. Em primeiro lugar, é mencionado o apoio financeiro para a aquisição de fundo documental. Em segundo lugar, apoio ao nível de recursos humanos, colocando à disposição monitores, do centro de recursos educativos da Câmara, que geralmente são solicitadas para dar indicações de animadores ou escritores para desenvolverem acções na escola, ou para ajudarem na realização de determinadas tarefas. Em terceiro lugar, é evidenciado o apoio logístico. Neste tipo de apoio está incluído, por exemplo, o transporte de alunos para visita a determinadas iniciativas, como uma feira do livro ou as actividades de leitura organizadas por uma papelaria de Santa Maria da Feira durante a interrupção lectiva do 1º período.

Também é concedido apoio a projectos específicos relacionados com a leitura, através, por exemplo, da edição de livros. É referido o caso de um agrupamento de escolas que desenvolveu um projecto que consistiu na criação de histórias pelos alunos com base num conjunto de quadros feitos especialmente por um pintor conceituado. A escola procurou o apoio da Câmara com o intuito de edição de um livro a partir dessas histórias e a resposta foi positiva.

Os autarcas afirmam procurar contribuir para que todos os projectos das escolas ao nível da leitura sejam concretizados. E para isso tentam dar-lhes os meios para tal.

É ainda destacada a importância concedida pela Câmara às BEs. Há uma componente forte de construção de novas BEs e apetrechamento de outras já existentes. Em todos os projectos de construção de novas escolas no concelho levados a cabo pela Câmara, esta exige sempre que seja reservado um espaço para a instalação de uma BE. Pretende-se que todas as escolas tenham acesso a uma biblioteca, preferencialmente dentro da escola, ou, nos casos em que tal não acontece, através da Biblioteca Municipal e dos seus pólos ou por itinerância. Segundo o vereador, já se conseguiu transmitir na comunidade a importância da existência de BEs, e são as próprias escolas que já têm a preocupação de solicitar um espaço para a sua instalação.

Os apoios referidos não se dirigem especificamente ao PNL, eles são concedidos pela Câmara às escolas num âmbito mais geral que se inscreve numa política de incentivo à leitura, que dizem seguir há já muito tempo. Este trabalho é feito independentemente do PNL.

Antes de entrar na área da educação, a promoção da leitura pela Câmara passou primeiro pela parte cultural. A sua política de leitura, desenvolvida ao longo dos anos, teve como principal fruto a criação da BM e dos seus pólos. A BM, tutelada em termos orgânicos pelo presidente da Câmara, é hoje a entidade mais pró-activa em termos de política da leitura. Política essa que nos últimos anos foi bastante reforçada ao nível das escolas, contando com a importante colaboração da BM.

A BM desenvolve um trabalho muito importante com as escolas e as BEs, através do SABE. Existe uma grande articulação entre o SABE e as BEs, afirmam. Desde o momento da instalação da BE, a BM dá o seu apoio, que passa essencialmente pela orientação do aspecto físico da BE, ao nível da localização de mobiliários e materiais, e da escolha do seu fundo documental. A BM dá também formação aos coordenadores das BEs.

No âmbito da dinamização de animações ligadas à leitura, é especialmente mencionado um projecto de itinerância que está a ser levado a cabo este ano pela BM, expressamente direccionado para o PNL, e que centra a sua atenção nas escolas mais distantes do concelho, localizadas mais no interior, e mais carentes.

A BM tem há muito tempo a preocupação de ter projectos educativos específicos para trabalhar com as escolas e, por isso, é também uma mais-valia o seu envolvimento no PNL, o facto de ter projectos também no seu âmbito, afirmam. A Câmara procura apoiar sempre as actividades da BM, quer estejam ou não associadas ao PNL. As que estão, dão a garantia acrescida de que têm um determinado objectivo a atingir.

A acção da Câmara e particularmente da BM, que desenvolve há vários anos um trabalho com as escolas no sentido da promoção da leitura, justificam o facto de as práticas a ela associadas estarem já enraizadas no dia-a-dia das instituições de ensino do concelho. Por isso, apesar da grande adesão das escolas ao PNL, não é percebida uma grande alteração ao nível dessas práticas.

O trabalho que têm vindo a desenvolver tem aumentado o esforço da parte dos professores por procurar aumentar o gosto pela leitura de crianças e jovens, cada vez mais em articulação com as BEs. Nota-se o acréscimo da participação dos professores nas BEs em cooperação com os seus coordenadores: “Ao longo dos anos tem-se verificado que começa a haver a sensação de que a biblioteca é da escola e não é só do coordenador”. Começam também a surgir projectos de articulação entre as BEs ao nível do agrupamento escolar, como troca de livros entre elas.

Segundo os autarcas, toda esta dinâmica tem de trazer também obrigatoriamente resultados ao nível dos hábitos de leitura, embora tenham consciência que eles não são imediatos.

Os autarcas centram o seu discurso na acção da BM junto das escolas, remetendo as questões relativas à actividade da BM mais direccionada para o público em geral para a directora da BM, cuja entrevista foi feita em separado. Ainda assim, não deixam de valorizar o papel da BM no concelho, do ponto de vista cultural.

A BM de Santa Maria da Feira foi dotada de todos os meios que fazem dela um equipamento de referência. Possui não só infraestruturas adequadas como recursos humanos competentes e disponibilização financeira, que conduzem à obtenção de bons resultados, não só ao nível da qualidade dos serviços educativos e dos projectos de animação cultural, como também no que respeita aos seu índices de utilização diária, muitos elevados, e ao poder de atracção que tem nomeadamente junto dos jovens.

Há uns anos atrás definiu-se como prioritário ter uma política para o livro e para a leitura e por isso fez-se a BM, e ela foi dotada de todos os meios logísticos, humanos e financeiros para que pudesse ser um projecto cultural de raiz e de excelência. (...) ela é um equipamento fundamental na estratégia cultural e educacional do município e o processo de certificação de todos os seus procedimentos veio apurar a excelência daquilo que é feito. (...) tem índices de utilização diárias elevadíssimos, as pessoas gostam de ir à BM. Há jovens adolescentes, que é um público muito complicado, que ao sábado de manhã estão à espera que a BM abra (...). Isso para nós é sintomático (...). Claro que tem um conjunto grande de serviços, tem a Internet, os DVDs, mas tem também o livro, e eles acabam por fazer consulta dos livros. (...) A BM tem uma presença muito grande na vida cultural e diária aqui dos habitantes.

Para além do envolvimento das escolas e da BM no PNL, é ainda referida a adesão de outras entidades. Uma junta de freguesia esteve associada a um conjunto de iniciativas desenvolvidas no âmbito do PNL, ao longo de uma semana, nomeadamente a realização de uma feira do livro em conjunto com uma livraria local.

As livrarias foram precisamente outros agentes, estes pertencentes ao sector privado, que se mobilizaram no concelho e desenvolveram iniciativas sob o signo do PNL. Os autarcas manifestam o dinamismo que as livrarias do concelho têm criado ao nível de promoção do livro e da leitura. É destacada a existência em Santa Maria da Feira de duas livrarias com uma grande carga cultural associada, não só pela venda de livros mas também por tudo o que circula à sua volta - tertúlias de poesias, exposições, lançamento de livros, apoio à edição de livros de autores locais, eventos de literatura infantil e juvenil, oficinas para crianças relacionadas com a leitura. Algumas destas actividades estiveram este ano associadas ao PNL. A Câmara apoia por vezes na promoção e divulgação das mesmas.

A Câmara Municipal de Santa Maria da Feira não havia ainda assinado à data da entrevista um protocolo com o PNL. Quando questionado acerca deste assunto, o vereador afirmou a intenção da autarquia de fazê-lo, reforçando contudo que o apoio previsto nesse acordo não traz à Câmara nenhum esforço suplementar, porque é já habitual a sua concessão. O protocolo servirá apenas para sistematizar a sua actuação a este nível.

Está programado para o fazermos [a assinatura do protocolo], é tudo uma questão de *timings*. Até porque aquilo que é proposto, para nós não vai trazer nenhum grande esforço suplementar, seja em termos financeiros ou recursos logísticos ou humanos, porque é algo que nós já vimos fazendo. (...) Vai ajudar-nos a sistematizar um bocado a nossa actuação e a podermos a par e passo saber que rumo é que estamos a levar.

As expectativas a nível do concelho são que a acção da CM e da BM, e agora também do PNL, que vem na sua continuidade, venha aumentar o gosto das crianças, futuros jovens, pela leitura, incutindo-lhes o hábito de ler. Um bom prenúncio, resultado também da qualidade do serviço prestado pela BM, é o já referido aumento que se tem vindo a registar ao longo dos anos relativamente ao seu número de utilizadores.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais e na sua organização

A criação do PNL é considerada importante pela delimitação de objectivos a atingir. Para a Câmara da Feira e para as autarquias que como ela já vêm pondo em prática uma política de leitura, o PNL ajuda a sistematizar a sua actuação nesse âmbito. Mas o PNL é fundamentalmente relevante para os municípios que não o fazem, para que comecem eles próprios a sentir essa incumbência e para que passem a definir como prioritária uma acção a esse nível.

O PNL vai ao encontro do que já estamos a fazer. (...) Definimos isso como prioridade, a leitura. Mas não é o que acontece em todas as autarquias. Então com o PNL, com toda a gente integrada, automaticamente isso passa para prioridade. É importante haver este projecto com esses objectivos bem delineados, para que todos saibamos a nível nacional onde queremos chegar, que metas temos de atingir.

Quanto à divulgação que tem sido feita do Plano, o vereador afirma ter sido eficiente a que foi feita junto dos agentes envolvidos, os pelouros da educação e da cultura, as bibliotecas, as escolas. Contudo, pensa que ainda é necessário investir algum esforço na divulgação junto da população em geral: “Não tenho muito a percepção que isto tenha chegado ao grande público, acho que ainda está numa fase de divulgação junto dos técnicos envolvidos. Agora a ver se chega ao público em geral, se as pessoas sabem que há um PNL e se isso lhes é transmitido de uma forma compreensível, fácil, para que elas percebam também”.

É feita uma apreciação positiva da marca Ler+. A própria Câmara tem um projecto em que também é utilizado o “+”.

A avaliação é evidenciada como um aspecto positivo do projecto. Os autarcas consideram importante a avaliação e o acompanhamento no terreno da sua acção desde o início, no sentido de permitir o seu aperfeiçoamento gradual com vista ao alcance dos objectivos definidos.

Para mim é com satisfação que vejo que já estão a avaliar o PNL. Porque há uns anos na educação raramente as coisas eram avaliadas, acho que está a começar a haver outra mentalidade. (...) Penso que já é um bom princípio fazer-se já uma avaliação, dá para ter uma percepção do que está a acontecer no terreno. (...) Acho importante (...) para isto ir sendo melhorado, para que não nos desviemos e consigamos atingir os nossos objectivos.

Por outro lado, foi apontado como aspecto negativo na forma como o PNL havia decorrido até ao momento, o envolvimento tardio das autarquias no projecto. No entender dos entrevistados, as autarquias deviam ter sido envolvidas e sensibilizadas logo aquando do lançamento do Plano, o PNL deveria ter procurado desde o início a sua parceria. Foi a CM que foi à procura de informação sobre o PNL, quando se viu confrontada com vários pedidos por parte das escolas no sentido da obtenção de livros. Uma maior informação e envolvimento iniciais da Câmara teriam permitido uma maior articulação com as escolas e sua orientação neste âmbito desde o início.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

A situação geral do país quanto à leitura e à literacia é considerada preocupante. Segundo o vereador, o problema do analfabetismo foi substituído por um problema de iliteracia. Embora sabendo ler e escrever, as pessoas não têm desenvolvidas as competências necessárias à correcta interpretação de mensagens. Esse problema é visível mesmo em gerações relativamente recentes, como os pais das crianças das escolas de 1º ciclo do concelho.

Tínhamos um problema de analfabetismo, resolvemo-lo e trocámo-lo por um problema gravíssimo de iliteracia. Nós sentimos no nosso dia-a-dia gerações que foram a escola, que muitas delas fizeram o ensino obrigatório, mas que postos perante uma simples mensagem têm grandes dificuldades em percebê-la. (...) Temos contacto com pais de crianças das escolas de 1º ciclo, que são pais jovens, e muitas vezes é muito complicado passar a mensagem que nós queremos, porque do outro lado o interlocutor tem dificuldade em perceber aquilo que nós queremos transmitir.

O vereador chama a atenção para o fosso que se está a criar entre “cidadãos portugueses altamente educados e formados”, que investem na sua formação e aproveitam os recursos culturais, como as bibliotecas, mas que são um grupo restrito, e, por outro lado, a grande massa de “cidadãos portugueses com baixas taxas de qualificação e com pouco acesso à informação”, que, mesmo tendo à sua disposição os recursos, por qualquer motivo não são estimulados a fazer uso deles. Este fosso cria ou criará no futuro tensões sociais muito graves.

Assim, é urgente ultrapassar o problema da iliteracia e pôr as pessoas atentas, conscientes e críticas. Portugal está a passar para um modelo de desenvolvimento económico onde se premeia a excelência, e o desenvolvimento do país passa por aí, pela qualificação e pelo aumento dos níveis de literacia da população. Enquanto isso não for feito, “vão-se perdendo gerações e gerações de portugueses”.

E a tendência de evolução não é muito favorável. As novas gerações cada vez escrevem pior e os hábitos de leitura vão-se perdendo. O livro ganhou novos concorrentes entre os jovens. Embora muito positiva pelo acesso à informação, a Internet traz também alguns problemas, que passam, por exemplo, pelo facto de que “nem tudo o que lá se escreve é bem escrito”.

Sugestões e propostas

Algumas sugestões são dadas para que o PNL possa de facto contribuir de uma forma eficaz para ultrapassar a situação do país quanto à leitura e à literacia.

Primeiro, diz o vereador, é preciso que o PNL não seja um programa pura e simplesmente político e que tenha estabilidade. Por um lado, há que ter a noção que a acção levada a cabo agora só revelará os seus possíveis resultados daqui a uns anos, e por isso não pode servir como anúncio político para o actual governo. Por outro lado, é necessário que existam da parte dos próximos governos compromissos fortes no sentido de dar a devida continuidade ao programa.

Não pode ser o eterno recomeçar, depois do esforço, parar com o programa, o financiamento... Não podemos estar agora em 2007 a fazer um plano nacional de leitura e daqui a 2009 mudam-se as vontades ou os agentes políticos e põe-se outro nome, põem-se outros interlocutores (...). É preciso consistência e estabilidade nos projectos, que deixem as coisas crescer. Isto é positivo se daqui a dez anos ainda andarem a falar do PNL. Se daqui a dois ou três anos deixarem de falar do PNL, a avaliação, por melhor que se faça, não surtiu efeito nenhum, porque isto são coisas que demoram anos.

É também recomendada a continuação do processo de avaliação, que permita que vão sendo feitas as devidas alterações ao projecto.

O vereador da CM da Feira apresenta ainda um conjunto de orientações que, a seu entender, deveriam acompanhar o PNL. Ele alerta para a necessidade de uma reforma estrutural, em que o PNL podia e devia estar incluído. Só através da resolução de alguns problemas estruturais será possível ultrapassar convenientemente o problema da literacia.

O PNL elenca um conjunto de coisas que alguns municípios e ao nível do país se vai fazendo, ajudar a promover a leitura... Mas o PNL não é uma reforma estrutural, é uma medida. (...) O PNL podia estar incluído numa reforma estrutural. Os problemas estruturais mantendo-se, o problema da literacia vai continuar a existir.

Um desses problemas é o preço dos livros. É a seu ver necessária uma política de preços para os livros, a adopção de medidas de controlo desse valor. Também seria importante a definição de manuais escolares fixos durante um determinado período de tempo. Face aos rendimentos abaixo da média europeia das famílias portuguesas, era benéfico um entendimento em relação a essa matéria. No 1º ciclo, por exemplo, essa medida facilitaria o apoio da CM aos alunos e às suas famílias, através da aquisição e empréstimo desses manuais, tal como é feito noutros países.

Um problema que é igualmente necessário combater é a desigualdade ao nível do desenvolvimento entre municípios. Deve haver uma política que balize essas diferenças. Há ritmos de desenvolvimento diferentes a nível local, que tornam a promoção da leitura e da literacia mais ou menos prioritárias na agenda política das autarquias. Segundo o vereador, enquanto Santa Maria da Feira, por exemplo, já está numa fase em que tem “disponibilidade financeira e mental” para desenvolver projectos de promoção da leitura e da literacia, outros municípios há que têm outras carências mais básicas e que não podem encarar ainda essa como uma prioridade. E isso limita a própria acção a esse nível das autarquias mais desenvolvidas. Mesmo que tenha a vontade política, a necessidade e os leitores para a criação de uma segunda biblioteca no concelho, para a ver financiada a CM de Santa Maria da Feira tem de esperar que todos os municípios criem uma infraestrutura destas, pois é dada prioridade àqueles que ainda não a possuem.

4.4. Câmara Municipal do Fundão

4.4.1. Relatório de visita

De acordo com a sugestão da bibliotecária responsável pela BM do Fundão, foi contactada a secretária do vereador da cultura para solicitar a realização de uma entrevista no âmbito da avaliação do PNL que ficou agendada para o dia 24 de Abril às 10h30m. A entrevista decorreu de forma bastante fluida e sem interrupções. No final o vereador manifestou-se bastante curioso e interessado nos resultados da avaliação. Pediu ainda que fosse transmitido um recado à Comissão do PNL. Uma das escolas do concelho não se registou no Plano e não teve financiamento e o Protocolo que a autarquia vai assinar com o PNL prevê que seja a autarquia a adquirir a totalidade dos livros para essa escola, o que o vereador não acha justo e gostaria, nesse sentido, de saber se poderia ocorrer de outra forma. É por essa questão não estar ainda esclarecida que o protocolo da autarquia com o PNL não foi ainda assinado.

4.4.2. Entrevista a Responsável da Câmara Municipal

Perfil do entrevistado

O vereador da cultura tem 34 anos, é licenciado em Relações Internacionais e tem um *master* em Direitos do Homem da Universidade de Salamanca. Foi director executivo de uma Associação de Desenvolvimento Local e é vereador da cultura da Câmara Municipal do Fundão há 5 anos.

O Plano Nacional de Leitura no concelho

A assinatura do protocolo entre a Câmara Municipal do Fundão e o PNL ocorrerá em breve, após acertarem pequenos pormenores respeitantes à cooperação. O protocolo prevê, fundamentalmente, a aquisição de fundo documental para as escolas do concelho com base nas listagens de livros sugeridas pelo Plano.

O vereador reconhece a importância que a autarquia pode assumir neste contexto, enquanto parceiro privilegiado na promoção do livro e da leitura entre os jovens do concelho. À Câmara Municipal cabe não só a preocupação com os equipamentos culturais e educacionais, mas também, e essencialmente, com o fomento de práticas e valores que contribuam para uma melhor formação escolar e de cidadania.

Hoje as autarquias têm, de facto, a responsabilidade já não só da construção dos equipamentos, mas acima de tudo a sua dinamização e a sua qualificação. Tem também recursos específicos, recursos humanos que têm de facto habilitações suficientes, necessárias e suficientes para de facto trabalharem tudo o que é o universo à volta de uma biblioteca, que também não tem nada a ver com bibliotecas tradicionais que existiam há um conjunto de anos atrás. Por isso...e isso cruzado com a responsabilidade que hoje em dia temos na área, por exemplo, da educação faz com que sejamos sempre um parceiro privilegiado e que tenhamos obviamente também essa obrigação de funcionar como esse parceiro privilegiado no sentido de promover, digamos, o livro, a leitura como um factor essencial no sentido de melhorar a formação de base das nossas crianças, dos nossos jovens e com isso dar-lhes uma ferramenta essencial que nos irão seguramente agradecer para todo o sempre. Uma ferramenta essencial para, digamos, o sucesso destes jovens, nomeadamente...eu diria como cidadãos, evidentemente, mas acima de tudo também sobretudo na área da educação, faz muita diferença entre aqueles que têm o livro como um amigo e aqueles que nem sequer têm um livro. Por isso é um esforço que traz de facto dividendos no curto no prazo, mas sobretudo trará muitos dividendos no médio/longo prazo.

Assumindo a promoção do livro e da leitura como política prioritária da autarquia, o vereador afirma que essa responsabilidade se concretiza na relação que estabelece, por um lado, com a Biblioteca Municipal e, por outro, com as escolas do concelho. A Câmara Municipal não se limita a facultar recursos monetários a estes dois agentes, mas, fundamentalmente, apoio técnico que se traduz no acompanhamento das suas esferas de acção e, por exemplo, na formação prestada aos profissionais que trabalham em bibliotecas. A relação entre as escolas e a BM é neste contexto particularmente estimulada e incentivada, já que desta cooperação só poderão resultar benefícios para a população do concelho.

O vereador considera ter uma relação excelente e privilegiada com os diferentes agrupamentos de escolas do concelho, nomeadamente com o Agrupamento Serra da Gardunha, com quem reuniu já algumas vezes com o intuito de discutirem ideias e estratégias de promoção da leitura entre os jovens do concelho e de fomentar e divulgar o PNL.

A autarquia, a BM e as escolas trabalham em parceria com os mesmos fins. Exemplo disso é a actividade co-organizada no âmbito da Celebração do Dia Mundial do Livro, “Fundão, Livro na Mão”, que consistiu, no fundo, numa acção de *marketing* para a leitura, na qual as pessoas foram sensibilizadas a saírem à

rua nesse dia com um livro na mão. Nem toda a população aderiu à iniciativa, mas o facto de o vereador ter visto vários jovens com livros no decorrer do dia deixou-o bastante satisfeito, considerando que se trata de um evento para continuar em anos posteriores. Para além disso, os jovens das diferentes escolas do concelho juntaram-se no Centro Cívico e realizaram um conjunto de actividades ligadas ao livro e à leitura que lhe pareceram particularmente interessantes e motivadoras.

No âmbito dessa colaboração, está também no momento a ser pensada a realização de uma Feira do Livro. Para além disso, o vereador pretende apostar na formação e qualificação dos serviços de intermediação entre o leitor e o livro ao nível das bibliotecas (BM e BEs), já que sendo uma relação quotidiana e permanente, é fulcral e deve, nesse sentido, ser a melhor possível.

Embora a autarquia tenha procurado envolver o sector empresarial na implementação do PNL no concelho, não tem conseguido estimular suficientemente a sua colaboração. Por outro lado, o sector associativo tem desempenhado um papel importante a esse respeito. As associações recreativas e culturais e as associações de desenvolvimento local têm sido fulcrais na dinamização de algumas das actividades de promoção da leitura levadas a cabo no concelho, facultando espaços, contribuindo através da aquisição de fundo documental e disponibilizando alguns artistas e actuações. Isto tem sido particularmente evidente no âmbito do projecto de Bibliotecas Itinerantes da BM que tem por objectivo conseguir chegar a zonas do concelho mais rurais e mais distantes da cidade.

Embora no concelho existissem já algumas actividades de fomento da leitura, o vereador encara de forma muito positiva a criação e implementação do PNL, considerando que veio reforçar, enriquecer e organizar as acções já existentes, promovendo um trabalho de equipa e uma maior planificação das actividades, assim como uma maior visibilidade do plano de acções. Para além disso, contribuiu para aumentar o fundo documental do concelho, particularmente nas escolas.

Desde logo, a primeira coisa que trouxe é a ideia de um trabalho de equipa, eu acho que essa é desde logo a primeira grande vantagem. Depois, uma maior planificação, pronto, que também de facto ajudou bastante. Um terceiro ponto, obviamente uma maior visibilidade, digamos, do que são algumas das acções até que estavam a ser feitas, obviamente hoje organizadas numa óptica de Plano e com, digamos, o selo do Plano Nacional. De facto, trouxe uma maior visibilidade, uma maior comunicabilidade de tudo aquilo que estamos a fazer, o que é obviamente facilitador. E uma quarta componente, que é óbvia, é o enriquecimento das próprias acções, pronto, e uma diversificação das próprias acções. (...) De facto, não haja dúvida que o Plano consegue...conseguimos ir mais longe a todos os níveis, quer, digamos, na qualidade das acções que estavam pensadas, quer na escala das acções, porque às vezes as acções tinham que ter uma escala mais dirigida para uma escola e hoje conseguimos dirigi-las praticamente para universalizar quase, democratizar o acesso ao bem cultural e à dinâmica cultural ligada à noção do livro. Isso, de facto, ajudou-nos, de facto, a ganhar muito mais escala. E por outro lado, também vai ajudar, como é óbvio, a aumentar o nosso meio cultural a nível documental que é sempre importante, sobretudo no interior em que sabemos que não é tão fácil, imagino eu.

O vereador espera, assim, que a implementação do PNL no concelho contribua a longo prazo para criar mais competências e interesse pela leitura, particularmente entre os jovens. Ainda que não consiga falar de impactos das acções levadas a cabo no âmbito do Plano nas escolas, tem alguns dados relativamente à BM que o satisfazem bastante por revelarem um incremento do número de utilizadores da biblioteca. Mensalmente a BM é utilizada por cerca de 5000 pessoas, o que é muito positivo se se pensar que vivem na cidade do Fundão cerca de 10.000 habitantes. Desses utilizadores cerca de 70% são menores de 18 anos, o que é revelador da importância da relação que os jovens mantêm com a BM, que aí encontraram um espaço privilegiado não só de trabalho, como também de convívio e lazer. A vertente de complemento e apoio da

BM relativamente ao trabalho escolar é aliás bastante estimulada pela biblioteca. Para além disso, a BM tem cerca de 1440 utilizadores com cartão de leitor, o que é considerado fantástico numa cidade tão pequena. O vereador entende a relação dos habitantes do Fundão com a BM como sendo algo insólita à escala nacional.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

O vereador considera que em Portugal não se lê o suficiente e o pouco que se lê nem sempre é a literatura mais adequada para elevar os níveis de literacia da população. Centra o seu discurso, fundamentalmente, nas crianças e nos jovens que progressivamente têm vindo a deixar de ler aquilo que ele considera serem os grandes clássicos da literatura. Livros como *As Aventuras de Tom Sawyer*, *Moby Dick* ou *A Ilha do Tesouro* – não em formato de banda desenhada, mas no original – deveriam ser obrigatórios na formação escolar e cultural de qualquer criança. Para além disso, o desinteresse e desmotivação que encontra nalguns jovens face ao livro prende-se com o facto de a leitura não ser suficientemente promovida e fomentada como prática de lazer e de entretenimento, estratégia que o vereador considera fulcral para aproximar crianças e jovens do livro.

As crianças vêem muita televisão e lêem apenas o que vem nos manuais escolares, o que é uma situação dramática. Perdeu-se o elo para as crianças e jovens de que ler é divertido e pode ser uma actividade de lazer e não só uma obrigação. Por isso é importante transmitir a ideia de entretenimento. Estas questões devem colocar-se logo desde pequeninos, desde que começam a ler, tem que se fomentar isso. Se chegarem aos 14, 15 anos sem uma relação com o livro é muito difícil criar um leitor permanente.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais e na sua organização

O PNL pode contribuir precisamente neste âmbito no sentido de promover a ideia de que ler é divertido e, assim, fomentar a lógica de entretenimento do livro. Atendendo ao conjunto diversificado de atractivos com que jovens se deparam quotidianamente, nomeadamente a televisão e os jogos de computador, facilmente se desinteressam dos livros se a leitura não for entendida como um jogo e como entretenimento.

O vereador reforça também a ideia de que a leitura é uma prática escalonada em termos de aquisição de competências, o que significa que para se conseguir ler determinadas obras é necessário previamente ter lido outras. O contacto de um potencial leitor com um livro inapropriado às suas competências de leitura pode implicar a criação de alguma aversão à prática. A esse nível considera que o PNL pode contribuir substancialmente, já que reforça a ideia de que as crianças e jovens devem ter contacto com os livros mais adequados às suas faixas etárias.

Neste sentido, considera fulcral a criação do Plano Nacional de Leitura por implicar a passagem de uma ênfase central nos equipamentos e materiais, para uma maior preocupação com as dinâmicas de dinamização e promoção da utilização dos equipamentos e materiais.

Acho que é de uma oportunidade que só poderá pecar por tardia porque a partir do momento em que de facto surgiu... Acho que há vantagens enormes e sobretudo há uma questão que é uma questão que me parece hoje em dia essencial que apesar da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas que já tinha um pouco essa componente, mas acho que hoje em dia temos que passar, digamos, do que era o acento tónico na questão dos edifícios, do investimento físico, por assim dizer, para passarmos para uma lógica, digamos, mais imaterial, mais, diria, de uma promoção da qualidade, de uma promoção das dinâmicas em prol da leitura.

Em termos gerais concorda, portanto, com a forma como o Plano está organizado e como definiu os seus objectivos, prioridades e actividades. A divulgação nacional tem também sido bastante boa e a marca Ler+ tem revelado ser bastante atractiva. Contudo, aponta como um aspecto menos positivo a divulgação que a Comissão do PNL tem feito a nível regional, que é quase inexistente. Para além disso, apesar de o Plano contemplar essa noção nos seus objectivos, sente que nem sempre existe um trabalho em rede que possibilite a partilha de ideias, experiências e materiais.

Sugestões e propostas

O vereador da cultura fez algumas sugestões que considera serem úteis para melhorar acções posteriores do Plano:

- na sequência da crítica que fez à divulgação do PNL a nível regional, considera que a estratégia mais adequada passaria não só por publicitar o Plano em termos nacionais, mas também, e fundamentalmente, através dos meios de comunicação regionais (principalmente rádio e imprensa) que assumem um papel muito importante em determinadas zonas do país, como é o caso do Fundão.

Nós aqui temos, nomeadamente aqui o Fundão, o distrito, temos uma relação muito forte com os meios regionais e isso se calhar seria importante, digamos, alguma fatia dessa promoção também fosse pensada para uma dimensão regional porque acho que hoje em dia, nomeadamente aqui nesta zona, as coisas estão muito equilibradas em termos do que é que é, digamos, os meios de comunicação nacional e jornais regionais. Temos o Jornal do Fundão que é muito forte nesse sentido.

- pensa que a listagem de livros sugeridos poderia ser revista e eventualmente alterada. Isto porque algumas escolas se queixaram por não estarem incluídos livros que habitualmente trabalham.

- gostaria que houvesse maior investimento monetário por parte do Ministério da Educação na aquisição dos livros sugeridos pelo PNL.

Claro que...agora falo como...naquele papel, digamos, do autarca...que hoje em dia as autarquias têm muitas dificuldades, obviamente o país todo. Poderia haver alguma comparticipação também na área do Ministério da Educação, nem que fosse numa percentagem mais pequena porque não faz muito sentido, se formos pensar bem, que sendo este um projecto, vamos-lhe chamar, muito tripartido dentro do que é um Plano Nacional, do que é as autarquias e o que é, digamos, as escolas, de facto, depois na questão das divisões de custos, praticamente apareçam só o Plano Nacional... As restrições e as dificuldades em...para agarrar a escala nacional traz obviamente muitas dificuldades...aparece a autarquia, depois o Ministério da Educação em termos de contrapartida não aparece na questão da aquisição do acervo.

- considera que deveria ser estimulada a noção de trabalho em rede que possibilitasse uma melhor comunicação entre todos os protagonistas envolvidos no PNL e, conseqüentemente, uma maior partilha de experiências e materiais.

Poder de facto criar mais ferramentas de comunicação, pronto, que dessem mais a ideia de rede. É um pouco...e as pessoas às vezes não sentem isso. Uma pessoa fala, comunica, mas é muito através, digamos, da comunicação individual, pronto, e não tanto uma questão que se aproprie, uma questão que seja apropriável, que as pessoas cheguem e digam “esta Biblioteca está no Plano Nacional. Esta escola está integrada no Plano Nacional”. Acho que essa questão falha um pouco.

4.5. Câmara Municipal de Loures

4.5.1. Relatório de visita

A entrevista à directora do Departamento Sócio-Cultural da Câmara Municipal de Loures, decorreu no dia 10 de Maio de 2007 e durou cerca de 1h30. Foi realizada no gabinete da directora sito no Museu Municipal de Loures – Quinta do Conventinho, em Santo António dos Cavaleiros.

4.5.2. Entrevista a Responsável da Câmara Municipal

Perfil da entrevistada

50 anos. Em termos de formação é mestre em História Local e Regional e encontra-se a fazer o doutoramento na área de Património, História Local e Regional na Faculdade de Letras de Lisboa. É professora na Universidade Autónoma de Lisboa. Profissionalmente e em termos de carreira é Conservadora Assessora Principal de Museus. Foi nomeada directora do Departamento Sócio-Cultural da Câmara Municipal em Janeiro de 2007, acumulando actualmente com a gestão da Rede de Museus. É autora dos programas do Museu Municipal de Loures e do Museu da Cerâmica em Sacavém. Trabalha há 20 anos na autarquia de Loures.

O Plano Nacional de Leitura no concelho

Relativamente ao envolvimento da autarquia no PNL, a responsável da CM de Loures começou por distinguir dois patamares: um informal, que diz respeito à identificação da Biblioteca Municipal de Loures com os objectivos e actividades do PNL, decorrentes dos seus próprios parâmetros de funcionamento quotidiano, e um outro patamar, mais formal, respeitante à assinatura do protocolo com o PNL. Embora num primeiro momento houvesse vontade genérica da autarquia em envolver-se formalmente no Plano, os termos presentes na proposta de protocolo não foram de encontro às primeiras expectativas, tendo a CM de Loures resolvido não assinar o mesmo devido, essencialmente, a “contenções financeiras” e ao facto de o Plano de Actividades já estar, na altura, definido:

Nós não estamos contra [o PNL], antes pelo contrário. Aliás o ofício foi escrito no sentido de dizer: “Financeiramente não temos condições de atribuir mais dinheiro.” Já temos os incentivos, as bibliotecas da RBE, temos o nosso prémio literário, temos aquilo que se chama a Rede Municipal que são candidaturas do movimento associativo, temos a nossa biblioteca [municipal] a funcionar... Se a gente for somando isto, fora outros avulsos, nós temos mais do que seriam, se calhar, os 30.000 ou 50.000 euros que nós iríamos dar. Então fizemos um ofício dizendo: “Não podendo contribuir financeiramente por termos orçamentos já comprometidos com a leitura, mantemo-nos ao lado e somos parceiros na aplicação do espírito e das medidas.” E é isso que estamos a fazer. Admira-me até que não me tenham dado resposta ao ofício. Admira-me porque no fundo é assim: fomos honestos. (...) Entre o que faz parte de um quotidiano que tem alimentado uma rede de leitura nas bibliotecas do concelho, as expectativas... Essas expectativas, se nós fôssemos deitar abaixo aquilo que as escolas estão a contar connosco para manter as bibliotecas, cortássemos os apoios aos movimentos associativos... É assim, íamos cortar o prémio literário? Não era capaz. Íamos pôr em causa a RBE? Para entrarmos no chamado emblemático Plano Nacional? Aqui, muito honestamente desculpe, mas eu digo logo que não. E a análise foi esta e foi muito ponderada colectivamente.

Quanto ao primeiro patamar identificado de envolvimento da autarquia no PNL, mais informal, a entrevistada declarou que as actividades regulares das BEs e da BM do concelho se enquadram perfeitamente nos objectivos traçados, tendo vindo a ser feito um esforço reforçado de divulgação do Plano. Foi também referida a existência, anterior ao PNL, de várias modalidades de promoção do livro e da leitura: subsídios, incentivos à leitura, protocolo com a RBE, estabelecimento de protocolos com instituições, actividades de animação, eleição da leitura como factor preferencial nas duas escolas do concelho declaradas como Território Educativo de Intervenção Prioritária, etc.

O que de mais relevante resultou de todo o processo de diálogo com o PNL, na perspectiva da responsável, foi a decisão de criar um Plano Municipal de Leitura, com uma imagem gráfica específica e que inclui a abertura de um pólo da biblioteca municipal na cidade de Sacavém:

Tivemos todo o cuidado em salvaguardar que, embora não houvesse condições financeiras de subscrever, entrando com dinheiro, tínhamos condições de desenvolver uma intervenção no terreno, que não sendo tradicional que seria entrar com dinheiro, independentemente de fazer ou não fazer, subvertemos a questão e criámos internamente um grupo de trabalho para criar, dentro dos objectivos do PNL, um Plano Municipal de Leitura.

O Plano será apresentado em Setembro de 2007 a tempo de ser implementado no ano lectivo de 2007/2008: “Apresentaremos à comunidade o que é o compromisso de ler mais em Loures. (...) Se nós planeamos isto, quando vier o próximo plano de actividades, talvez eu consiga ter mais alguma verba para criar iniciativas que, simultaneamente, promovam mais e que reforcem as parcerias.”

No contexto do desenvolvimento em curso desse Plano, foi destacada a influência forte da existência do PNL no desenvolvimento de iniciativas concelhias de promoção da leitura, nomeadamente junto das escolas e das colectividades, mas também junto de faixas mais alargadas de jovens e da população em geral:

Esta matéria tem sido muito enfatizada nas inaugurações das BEs, nas comemorações do livro, etc. Hoje quando há uma iniciativa, seja da juventude, seja do desporto, seja de um outro tipo de instituição, o que está em cima da mesa são livros. Portanto em termos internos, a nível do departamento, o senhor vereador também subscreveu a preocupação do ler mais, e o que nós damos de prendas, quando se quer premiar, nas escolas, nas colectividades: livros! Há uma filosofia transversal. (...) Fui buscar os gabinetes da juventude, onde nós achamos que são pólos importantíssimos para dinamizar sobretudo o contacto com o livro, porque são jovens que têm uma taxa de utilização de computadores elevadíssima. Ou seja, dinamizar aquilo que se chama pontos de leitura nos 9 gabinetes da juventude que estão espalhados por todo o concelho. Existe também uma carrinha itinerante. No dia 14 de Junho os gabinetes da juventude vão ter uma acção de formação essencialmente promovida para como procurar informação, como dar informação, como levar as pessoas à informação, e é promovida pelas técnicas da biblioteca municipal! (...) Dentro desta ideia de lançar ler mais para as pessoas, foi apresentada uma candidatura a um projecto da Gulbenkian que é também englobada no espírito do ler mais! É ter uns quiosques, nas paragens, onde as pessoas podem levar livros.

Foram muito sublinhadas as ideias de transversalidade e de parceria na concepção do Plano Municipal de Leitura, onde serão articuladas as áreas da Juventude, da Educação e do Património Cultural, e onde estarão envolvidas as escolas, as BEs, a BM, as Juntas de Freguesia e as colectividades do concelho:

Nós vamos lançar duas, três linhas de ler mais, em que as escolas recebem, as Juntas recebem, o movimento associativo recebe, apoios quer da Câmara, quer dos próprios. A Junta de Freguesia que está sempre a dizer que se preocupa com as escolas vai ter que criar um fundo para apoiar na compra de livros. As organizações religiosas que fazem as suas actividades e que também vêm buscar apoios à Câmara, nós vamos criar um apoio para ler mais! Vamos dizer: “Vamos lá fazer iniciativas onde ler mais entre! Se puserem isto, a Câmara apoia.”

Também estão a ser planeadas formas de envolvimento das empresas e dos comerciantes do concelho nas actividades que decorrerão sob a égide do Plano Municipal de Leitura:

Empresas porquê? Porque nós precisamos de dinheiro para fazer aquilo que se chama uma boa divulgação do projecto. Ou seja, o Ler Mais, o PNL tem os *sports* na televisão, tem programas... Mas nós depois descemos ao nosso território, e ele também precisa de divulgação. Uma das ideias que surgiu era nós irmos às empresas de design e marketing local, para perceber se eles não nos queriam fazer um plano de divulgação sendo os *sponsors*.

Em termos mais globais, o envolvimento da autarquia de Loures no PNL mereceu o seguinte comentário:

Não lhe vou dizer que estamos a fazer o máximo, não. Estamos a fazer o que é possível. a minha opção foi que a educação é prioritária. A área da juventude é uma prioridade política também. (...) Estamos dentro do espírito do ler mais. Nós não estamos fora do PNL, nós estamos dentro do PNL. (...) Eu diria que com os parcos meios que as autarquias têm nestes momentos, eu diria que, com muita honestidade, é aquilo que nós estamos a trabalhar. A minha grande aposta é que as grandes ideias do Plano Municipal de Leitura sejam subscritas, que as Juntas de Freguesia façam esse protocolo formal e que as dinâmicas se comecem a desenvolver. Porque enquanto a Câmara não declarar: “Meus amigos! Esta é uma realidade!”, eu diria que a prioridade existe em cada um de nós. O facto é que quando nós assinamos o papel, a coisa já é outra, ou seja, já não nos podemos desobrigar.

Na perspectiva da entrevistada, a BM já assume actualmente, e assumirá cada vez mais, uma centralidade determinante nas actividades culturais do concelho em geral e nas actividades de promoção da leitura em particular, nomeadamente através da articulação com as BEs:

A biblioteca municipal é a mãe, assim como o SABE e as bibliotecas escolares são determinantes no apoio à leitura. Antes de haver grandes bibliotecas havia aquilo que se chamava os apoios às bibliotecas nas escolas, os incentivos à leitura. Aí fomos pioneiros. Eu tenho 20 anos de autarquia e há 14 anos que andamos a criar aquilo que chama núcleos de leitura nas escolas. Ainda não tínhamos a biblioteca. Eu acho que agora as escolas têm apoios técnicos, têm orientação. O próprio SABE vai subir em visibilidade, ou seja, o apoio às BEs, com o aparecimento da BM, deixou de ser uma coisa solta, tem uma lógica interna e pressupõe objectivos. O nível que nós vemos hoje na abordagem técnica da BE, subiu de patamar também porque existe uma biblioteca central!

A importância do SABE da BM tem vindo a aumentar ao longo do tempo, tal como foi referido. Primeiramente contava com apenas uma técnica, mas já são actualmente quatro a estabelecerem a ligação da BM de Loures com as BEs do concelho: “Tivemos que aumentar a equipa. Chegámos à conclusão que não dava: telefones, ofícios, encontros, reuniões...”

Foi referido que é muito difícil, ao nível da Câmara Municipal, reunir dados perfeitamente objectivos acerca dos impactos das várias medidas e iniciativas, seja nas escolas, nas BEs ou na BM, sobre os hábitos e práticas de leitura da população em geral e dos jovens em particular. A percepção que existe acerca desses impactos é sempre feita de informações recolhidas junto dos diversos agentes de forma algo fragmentária e empirista:

Não sei se a gente tem matéria palpável, estamos a nível apenas da sensibilidade. (...) Eu diria que há interesse, que as bibliotecas são usadas, são mais usadas, o número de utilizadores não tem diminuído. Ao nível da criança mais pequena, não tenho dúvida que o impacto é forte. Todos os indicadores o dizem. (...) Não tenho estudos, pois não. Havemos de ter... Eu pessoalmente acho que há sinais.

Nesta linha, foi destacado que os primeiros grandes impactos do desenvolvimento da RBE e da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas (RNBP) já começaram a sentir-se e que os sinais poderão ser cada vez mais fortes nos próximos anos:

Talvez os jovens que apanharam agora as primeiras bibliotecas a sério, que já foram a uma biblioteca central possam ser cidadãos de mais leitura. Mais leitura, maior conhecimento, maior participação, movimentos associativos... (...) Não temos dados... Eu acho que há o apetite para ler mais. Há sinais. Até da compreensão da importância do livro.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais e na sua organização

Na perspectiva da responsável da CM de Loures, a principal virtude do PNL é dar visibilidade ao tema do livro e da leitura e às iniciativas e equipamentos já existentes, fazendo chegar a mensagem de “ler mais” a um número muito elevado de pessoas e instituições:

Veio dar visibilidade! Veio dizer que, afinal, ler é mesmo muito importante. Como disse a Dr.^a Isabel Alçada, no encontro do nosso 5º aniversário da biblioteca [municipal], as bibliotecas municipais estão mais perto da população. O PNL veio dizer: “Consulte-as! São gratuitas!”. Veio dizer que, mesmo num país com dificuldades, existem redes lançadas que têm que ser potenciadas. (...) Veio dizer mesmo às autarquias com bibliotecas, que talvez não se tivesse a noção clara do papel estratégico e cultural que as bibliotecas têm. (...) Deu uma visibilidade política. Ao extrapolar, ao diferenciar, ao evidenciar, veio também dizer: “Donde é que parte? É de um barco? É de uma horta? Não! É da biblioteca municipal!” Pronto, deu o nome ao burro!

O PNL veio assim tornar “mais visível, mais evidente”, e dar “mais protagonismo cultural” a um conjunto de agentes e de dinâmicas que trabalham para aumentar os hábitos e as práticas de leitura da população:

Ao exigir rigor, metas, trabalho, ao intervir, ao sair daquilo que se chama o edifício físico. Porque no fundo o PNL não é um plano físico, é um plano de intenções. A biblioteca está lá, mas ela pode ter tentáculos fora, e pode ter uma acção que não seja só o fornecer o livro. Essa animação, que nós já fazíamos, veio tornar-se até mais notável.

Como aspectos menos positivos da experiência PNL no concelho, foi mencionada, como é expectável tendo em conta aquilo que foi anteriormente referido, a existência de um certo frustrar de expectativas iniciais relativamente ao tipo de envolvimento que foi solicitado às autarquias: “Nós no início pensámos que vinha algum apoio para nós criarmos iniciativas de maior desenvolvimento. Mas não... Acabámos por ser nós a contribuir para o todo nacional.”

Também foi sublinhado o sentimento de que, por vezes, não pareceu haver, por parte do PNL, o reconhecimento ideal daquilo que já era anteriormente feito nas BMs e nas BEs, havendo mesmo modalidades menos “frutuosas” de adesão ao PNL e de obtenção de visibilidade pública:

Já estamos a fazer! Uma BM tem já um protocolo em que se compromete a desenvolver determinada actividade: garantir o fornecimento de livros, a actualização de fundos, ter formas de animação... Já estava lá tudo. Isso já estávamos a cumprir. (...) Têm de ser criadas plataformas de evidenciação de boas práticas que já existem. Se não fizermos isto, acabamos por ter o tempo de aplicação do PNL, cada um cozinhará à sua maneira, uns de uma forma muito panfletária, com grandes parangonas, como já vi: “Nós subscrevemos o PNL!” Uma coisa estrondosa! Mas nós depois vamos ao funcionamento interno e podemos ter alguns azares de boca... Há problemas funcionais, bibliotecas que não têm nem renovação de fundos, têm falta de recursos humanos, não têm as tecnologias mais de ponta... Porque há o que se chama o engano das luzes. (...) Politicamente dava grande visibilidade, não é? Dizer que Loures entrou para o PNL. Mas será que nós não estamos no PNL, com o trabalho quotidiano das BEs e da BM, a cumprir os protocolos estabelecidos?

Assim, a aposta principal deveria ser feita no desenvolvimento continuado ou na passagem para novos patamares de funcionamento das redes já existentes, introduzindo factores de distinção de boas práticas, sem descurar contudo o aspecto da divulgação alargada e da chamada de atenção:

Defendo muito a divulgação, mas defendo muito a concretização. Nós, que até cumprimos, não estamos na listagem de municípios que estão no PNL... E será justo? Eu acho injusto. (...) E que prémio temos nós, por cumprir? Estando uns dentro do PNL, não fazendo, e tendo nós, não estando formalmente, mas fazendo, que distinção é que é feita entre nós? (...) Tem que haver um pensamento de distinção e de reconhecimento.

Nesta linha de argumentação, foi também questionado o papel do IPLB e do próprio PNL na aferição regular do desempenho das bibliotecas municipais, cujo funcionamento quotidiano é imprescindível para uma aplicação do Plano mas que, segundo a entrevistada, muitas vezes não é eficazmente assegurado:

Será que o IPLB, ou o PNL, que se baseia na rede, supervisionam o cumprimento dos contratos-programa? Supervisiona e vê se as bibliotecas não carecem de ajuda? Será que as bibliotecas, quando são abertas, não carecem de apoios para se alimentarem? Será que o Estado, quando quer que o cidadão leia mais, não é também co-responsável, se a autarquia que adquiriu, via protocolo, mas depois, enfim, se descontraiu um pouco e deixou de investir nela? (...) Estes pequenos incentivos à continuação de uma boa prática de leitura, eu acho que têm que existir!

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

A este respeito, a entrevistada limitou-se a destacar as tendências que julga reconhecer de utilização crescente de outros suportes de leitura que não o livro, num quadro geral que caracterizou como sendo de aumento dos hábitos e práticas de leitura:

Enganamo-nos quando dizemos que as pessoas não lêem livros. As pessoas lêem outros suportes. Lêem-se muitos jornais. Os jornalinhos gratuitos, são esgotados! Esgotados. (...) Eu acho que as pessoas lêem mais livros que são pensados úteis para elas próprias no imediato. (...) Eu até acho que a compra do livro aumentou. Há opções de leitura especiais, há outras atitudes frente ao livro.

Sugestões e propostas

No seguimento daquilo que foi sendo referido ao longo da entrevista, a responsável da CM de Loures destacou que as articulações a estabelecer entre o PNL e as autarquias não devem ser baseadas em torno da atribuição de verbas, mas sim assentes no desenvolvimento daquilo que já existe:

Eu gostaria que o PNL desse um salto que não fosse apenas de pedir às autarquias: “Disponibilizem dinheiro.” *(risos)* Porque é assim, não se pode estar sempre a fazer omeleta com o ovo do parceiro. (...) Sendo que tudo já recai sobre as autarquias, seria de esperar, tem que haver um patamar, perante problemáticas, projectos já existentes, de criar o que se chama incentivos a boas práticas, por exemplo. Acho que é capaz de haver boas práticas que devem ser duplicadas, difundidas, aplicadas, ser até um pacote que se possa vir a rentabilizar. Espero que haja no futuro algum suporte financeiro para incrementar coisas que se vêem que são boas, que têm perspectivas, que se vão dar como exemplo, que vão frutificar.

Foi também sublinhada a necessidade do PNL avaliar de forma exaustiva as actividades que são levadas a cabo e os recursos que estão instalados no terreno, assim como apreender as dificuldades e potencialidades e mapear as boas práticas que existem, de forma a potenciar os eventuais resultados e impactos:

Nós não temos estudos! Se calhar até seria interessante que o PNL, antes de encerrar fizesse uma avaliação de facto. E que viesse ver! Mas não no final. Assim, aos bocadinhos. Viesse ver, recolhesse as boas práticas, recebesse os bons ensinamentos, visse as dificuldades das autarquias, visse como é aplicado o dinheiro, como é que é aplicado o orçamento, que orçamento é dado a isto, que orçamento é dado à formação, à actualização de conhecimentos na área da informática, na área da gestão... Estas matérias, se eu estivesse no PNL, eu preocupar-me-ia. Porque estamos a gerir dinheiro público em projectos muito emblemáticos, cujo resultado, se não o medir, se não fizer o que se chama avaliação, vai ser um tiro no pé!

4.6. Câmara Municipal de Setúbal

4.6.1. Relatório de visita

O primeiro contacto com a Câmara Municipal de Setúbal foi estabelecido telefonicamente no dia 28 de Março de 2007. Por parte do Gabinete da Presidente, a responsável pelo Departamento de Cultura, Educação, Desporto, Juventude e Inclusão Social, foi solicitado o envio de um e-mail com a explanação detalhada do que se pretendia, para que a Presidente designasse a pessoa indicada para a entrevista.

Depois de enviado o e-mail, obteve-se resposta a 17 de Abril, por contacto telefónico da responsável do SABE (que está inserido nos Serviços Públicos da BM de Setúbal, um dos sectores da Divisão de Bibliotecas e Museus, o qual depende do Departamento da Cultura, Educação, Desporto, Inclusão Social e Juventude da CM de Setúbal). O coordenador da BM havia-lhe dirigido o nosso e-mail, visto que apenas o SABE tem implicado o PNL. A responsável do SABE mostrou-se então disponível para reunir connosco, preferencialmente na semana de 7 de Maio, altura em que iria decorrer a II Feira das Bibliotecas Escolares do Concelho de Setúbal, pois pensava ser também proveitosa a visita a esse evento. Apesar de concordarmos, pedimos também a presença de alguém da Divisão de Educação ou da Divisão de Cultura da autarquia que nos pudesse falar sobre a possível presença do PNL no concelho não apenas ao nível da BM. Três dias depois, telefonicamente, a responsável do SABE acertou a data e a hora do encontro e informou-nos que estaria também presente uma representante da Divisão de Educação da CM de Setúbal.

A entrevista e a visita à II Feira de Bibliotecas Escolares do Concelho de Setúbal, no Inatel, decorreu no dia 9 de Maio. Antes de mais, houve lugar para uma pequena conversa informal com dois elementos da Divisão de Educação da CM de Setúbal (a chefe e uma técnica superior). A informação que possuíam acerca do PNL era muito escassa. Informaram que o PNL não passa pela Divisão da Educação, apenas pela Divisão de Bibliotecas e Museus (cujo responsável, o coordenador da BM, havia transferido o nosso pedido de entrevista para a responsável do SABE, alegando que na BM apenas este serviço integra de certa forma o PNL). Questionadas acerca dos motivos de a Câmara não ter ainda assinado um protocolo com o PNL, disseram que seria provavelmente por motivos financeiros, visto que a Câmara tem atravessado um período complicado a este nível.

De seguida, houve oportunidade para assistir a uma animação que ocorreu no auditório. Tratava-se de uma dramatização por alunos de uma EB2,3+S, uma escola contextualizada num bairro considerado problemático, com algumas carências e cujos alunos têm algumas dificuldades de aproveitamento. A dramatização intitulava-se *O Terramoto de 1755* e foi desenvolvida a partir do livro *O Dia do Terramoto*, de Isabel Alçada e Ana Maria Magalhães. Estavam bastantes alunos a assistir.

No final, foi visitada a Feira (cuja organização partiu da CM de Setúbal, do SABE e das BEs do concelho de Setúbal), a qual retratava os vários espaços de uma BE, associados aos diferentes suportes, explicando as potencialidades de cada um e os serviços prestados, assim como as regras de utilização associadas. Encontravam-se também expostos trabalhos desenvolvidos pelos alunos relacionados com o livro e a leitura. Alguns desses trabalhos e também outros materiais elaborados pelos professores, como fichas de leitura, tinham a referência do PNL. A marca Ler+ estava também presente nalguns livros. Foi ainda possível

percepcionar a abrangência e o impacto da Semana da Leitura, pela presença forte em jornais escolares e outros materiais de relatos e fotografias que retratavam as actividades desenvolvidas no seu âmbito.

Seguiu-se a entrevista com a responsável do SABE, que durou cerca de 30 minutos. Ficou em aberto a possibilidade de poder vir a falar futuramente com o responsável da BM, embora a técnica do SABE assuma que não há muito a dizer para já a respeito do PNL, para além do próprio âmbito do SABE, pelo menos enquanto o protocolo com a Câmara não for assinado, o que prevê vir a acontecer de futuro.

Foi recolhido aquando da visita ou disponibilizado posteriormente o seguinte material:

- Panfleto de divulgação da II Feira das BEs do Concelho de Setúbal;
- Documento com os endereços electrónicos dos blogs de várias BEs de Setúbal;
- Documento com a História do Grupo de Trabalho das Bibliotecas Escolares do Concelho de Setúbal;
- Documento com dados informativos sobre o SABE do concelho de Setúbal.

4.6.2. Entrevista a Responsável da Câmara Municipal

Perfil da entrevistada

A entrevistada é técnica superior da CM/BM de Setúbal, responsável pelo SABE.

O Plano Nacional de Leitura no concelho

A Câmara Municipal de Setúbal não assinou ainda um protocolo com o PNL. O PNL tem passado apenas pela BM, mais propriamente pelo SABE, um dos seus serviços públicos. E, para além da acção do SABE junto das BEs e das escolas, a BM não tem estado de outra forma envolvida no Plano. Não foi criada nenhuma actividade para o PNL nem foi associada a ele nenhuma actividade já existente na BM.

Assim, a responsável do SABE centra-se no trabalho que tem sido desenvolvido por este Serviço ao nível do PNL. Ele passou essencialmente pela promoção do PNL junto dos professores, através do Grupo de Trabalho das Bibliotecas Escolares do Concelho de Setúbal (GTBECS).

O GTBECS, criado em 1992, é um grupo de trabalho que se assume como um espaço de cooperação e troca de experiências entre as bibliotecas escolares do concelho e destas com a Biblioteca Pública Municipal. Esta cooperação e troca de experiências passam pela realização de reuniões mensais, em que participam os professores responsáveis das BEs de cada escola do concelho de Setúbal, dois elementos do SABE e um representante da RBE. Por vezes, marcam também presença uma representante da Divisão de Educação da Câmara Municipal de Setúbal, um responsável pelas bibliotecas da parte da DREL e os responsáveis dos centros de formação de professores.

Nas reuniões do GTBECS são habitualmente discutidos vários assuntos respeitantes às BEs, e através delas alertou-se também os professores para o PNL, foi incentivada a sua participação no Plano e nomeadamente na Semana da Leitura.

A experiência e trabalho de há anos com os professores das BEs foram aproveitados pelo SABE para divulgar e apoiar a acção do PNL neste contexto. Este foi um dos concelhos pioneiros ao nível do incentivo da criação de BEs e da sua utilização como recurso educativo.

Não deixámos enquanto SABE de incentivar, de participar da melhor maneira no PNL. (...) O SABE tem prestado apoio às BEs (...). Nós trabalhamos com as BEs desde 1992, ainda nem havia SABEs criados nos gabinetes da Rede, e em Setúbal já se tinha a perspectiva de futuro de que se tinha de incentivar a BE como recurso educativo. (...) Este foi um dos concelhos que arrancou com as BEs, é um dos que está mais dentro deste conceito.

O SABE presta vários tipos de apoios às BEs. São referidos, em primeiro lugar, o apoio administrativo e técnico. O SABE orienta, por exemplo, a escolha do fundo documental das BEs, aquando da sua instalação no âmbito da candidatura à RBE. É ainda mencionado o apoio a nível de formação. Quando necessário, o SABE dá formação informal em técnicas de biblioteconomia.

Ao princípio havia sempre uma grande mudança dos professores que estavam destacados nas BEs do 1º ciclo, agora têm-se mantido, são pessoas que já têm formação, mas inicialmente dávamos muita formação quer ao corpo docente quer aos auxiliares de acção educativa que iam para as escolas.

A BM tem também um sector de animação que tem animação própria durante todo o ano lectivo dirigida às escolas. Estas actividades decorrem na BM, mas, quando solicitado, os animadores também se deslocam às escolas. Tal aconteceu, por exemplo, durante a Semana da Leitura. A própria entrevistada foi a algumas delas contar histórias.

Mas, no que refere a esta vertente, o papel central do SABE, no âmbito do PNL e particularmente da Semana da Leitura, não foi o de desenvolvimento de animações nas escolas, mas sim de orientação dos professores em relação ao tipo de animação e de actividades que poderiam dinamizar: “Nós chamámos a atenção para, mostrámos as várias formas que podia ser feita a animação nesse sentido, mas depois ficou ao critério de cada professor”.

Uma das iniciativas do GTBECS, não directamente relacionada com o PNL, mas bastante destacada pela responsável do SABE, é a organização da Feira de Bibliotecas Escolares do Concelho de Setúbal. Esta feira foi criada para chamar a atenção da importância da BE enquanto recurso educativo e para promover a partilha entre escolas através de uma mostra de materiais e trabalhos feitos nas diversas BEs. A primeira edição desta feira realizou-se em 2004 e a segunda edição teve lugar este ano.

Este ano, a parte expositiva da feira passou especificamente pela representação de uma BE, com as suas várias áreas, chamando-se a atenção para as potencialidades de cada uma delas e mostrando-se ao mesmo tempo os materiais nelas produzidos pelas várias BEs. Alguns desses materiais tinham este ano a referência do PNL. No âmbito da feira decorreram ainda várias actividades de animação. Essas animações foram dinamizadas por alunos para outros alunos, sendo esta também uma forma de cada escola partilhar com outras o trabalho que é realizado “dentro de portas”.

A responsável do SABE menciona a adesão muito positiva das BEs e das escolas a esta iniciativa. Várias turmas participam nela e vão visitá-la e as opiniões são positivas.

A jeito de balanço, a responsável do SABE evidencia o forte envolvimento no PNL das escolas e BEs de Setúbal. Quase todas aderiram ao Plano, fizeram a candidatura, elaboraram projectos e algumas receberam verbas para a aquisição de livros.

A Semana da Leitura teve um especial impacto nas escolas. Setúbal foi um dos concelhos que mais participou nesta iniciativa, afirma. Foram desenvolvidas actividades muito interessantes e muitas delas contaram com a participação das famílias dos alunos. As BEs criaram uma série de blogues, que utilizaram para divulgar essas actividades.

A responsável do SABE afirma ter sentido uma dinâmica diferente entre os professores, que lhe foi evidenciada através do contacto que teve com eles. Sentiu principalmente um acréscimo de cooperação entre o professor da BE e o professor da sala de aula. Em algumas escolas é muito complicado para o bibliotecário trazer o professor à BE, e o PNL veio ajudar nessa tarefa. O PNL aumentou o intercâmbio entre a BE e a sala de aula.

O mais positivo para já que eu posso dizer é em relação à cooperação, partilha entre a biblioteca da escola e a sala de aula. (...) O PNL para já veio ajudar nesse sentido. Há mais cooperação entre o professor que está destacado na BE e o professor da sala de aula.

Um outro aspecto positivo do PNL foi a promoção da participação dos encarregados de educação nas actividades escolares ligadas à leitura. Essa participação foi muito visível na Semana da Leitura. Os professores solicitaram a sua presença e participação na dinamização de actividades na escola e eles aderiram fortemente.

O PNL, pelo menos através da Semana da Leitura, conseguiu chamar o encarregado de educação à escola. O encarregado de educação participou nas leituras, foi à sala de aula, foi à BE, contou uma história, veio só ouvir a história que o filho ia contar, que só isso já é importantíssimo para a criança (...). Portanto, houve uma maior envolvimento do encarregado de educação na escola, o que é sempre muito positivo. E nós sentimos cá em Setúbal algumas escolas que houve uma grande adesão da parte dos encarregados de educação, foi excelente.

Na sua perspectiva, estes são os efeitos para já mais visíveis do PNL. A responsável do SABE aproveita para lembrar que muito do que o PNL está a promover não é novidade para muitas escolas do concelho. O PNL traz mais-valias essencialmente para as escolas que não funcionavam tão bem do ponto de vista do desenvolvimento de actividades da promoção da leitura e da articulação entre a BE e a sala de aula.

A responsável do SABE crê que as escolas que não obtiveram financiamento do PNL este ano vão tentar melhorar o funcionamento das suas BEs com vista a conseguirem-no no futuro, uma vez que um dos critérios para a sua atribuição pensa ter sido a actividade da BE no ano lectivo anterior.

Relativamente ao envolvimento da Câmara e da BM, a entrevistada revela a sua expectativa de que um protocolo com o PNL venha a ser assinado.

A vertente de desenvolvimento de actividades de promoção da leitura já existe. A BM já contribui para essa promoção, é uma missão que já existe há muito tempo e que poderá provavelmente ser aprofundada através do PNL. Já no que respeita ao apoio na aquisição de livros para as escolas, é reconhecida a maior dificuldade de cooperação da Câmara, pelo facto de esta estar a atravessar uma crise financeira.

Embora não haja muito a dizer a nível do PNL no que respeita à BM, para além do SABE, a responsável menciona algumas actividades lá desenvolvidas que se coadunam com os objectivos do PNL, para além das dirigidas especificamente às escolas.

É referido, em primeiro lugar, um clube de leitura de Verão, destinado essencialmente aos jovens. Em segundo lugar, um grupo de leitura, que reúne mensalmente para debate de ideias acerca de livros escolhidos previamente para leitura. Neste momento, este grupo de leitura tem um público de uma faixa etária mais avançada. A presença de jovens no mesmo é oscilante. A BM promove ainda encontros com escritores e exposições temáticas.

É um público muito diversificado o do grupo de leitura. (...) Neste momento é um público de uma faixa etária mais avançada. Os jovens vão e vêm, não se consegue manter nenhum jovem, ou porque os livros não lhes

agradam ou porque têm outras coisas no fim-de-semana... Estamos a pensar chamá-los outra vez, mas talvez procurando outras parcerias, como os cafés com música... Portanto, é uma forma também de promover a leitura.

A Biblioteca Pública Municipal de Setúbal é uma biblioteca tipo BM1 - bibliotecas municipais dimensionadas para concelhos com menos de 20 mil habitantes -, ainda que o concelho de Setúbal tenha mais de 110 mil habitantes (segundo os Censos 2001).

Nós como concelho já devíamos ter uma BM3. Não será o espaço mais indicado, já é pequena para capital de distrito. (...) Há da Câmara Municipal de Setúbal a intenção de fazer uma Biblioteca Municipal nova, não sei quando, mas há.

Apesar dessa limitação, a BM tem todas as zonas funcionais que uma BM deve ter, afirma. São mencionadas a sala infanto-juvenil, junto à sala da hora do conto, a sala polivalente, onde têm lugar conferências e exposições, a sala de adultos e a sala de periódicos, onde podem ser consultados livros, jornais e revistas, e a sala de audiovisuais, onde podem ser encontrados CDs e DVDs. A entrevistada evidencia o decréscimo de público da BM para a leitura de livros, por contraponto ao aumento de público para a utilização da Internet.

Neste momento sente-se que não temos tanto público como gostaríamos, mas não temos para a leitura, temos para a Internet. Se for ver a nossa estatística, ela aumentou, mas infelizmente não são de leitores de livros, são *leitores de Internet*. São as coisas boas e menos boas da Internet.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais e na sua organização

A criação do PNL é considerada importante e positiva. A forma como o programa tem decorrido até agora merece o elogio da entrevistada. O PNL incentivou a leitura e orientou pais e professores nessa missão. O próprio programa dá exemplos e mostra como é que os pais devem ler para os filhos e como é que os professores devem trabalhar determinado livro numa sala de aula.

Por outro lado, a atribuição de verbas para a aquisição de livros em quantidade nas escolas, por forma a permitir a existência de um exemplar para cada dois alunos, foi um aspecto benéfico que contribuiu para tornar mais fácil e estimular o trabalho dos professores com este tipo de livros.

É diferente o professor da sala estar a trabalhar com vários exemplares (...). Torna-se mais fácil. Aí já não pode haver a desculpa de não haver o livro, de não o poderem levar, de demorar mais tempo... É sempre benéfico.

O desenvolvimento desse trabalho, por sua vez, promoveu a colaboração entre o professor da BE e o professor da sala de aula, e também com o encarregado de educação.

A responsável do SABE pensa que a divulgação do PNL tem sido muito boa a nível das escolas, o próprio SABE tem contribuído para ela, e também em termos mais gerais, porque tem visto essa divulgação na televisão e tem ouvido falar do PNL no seu dia-a-dia.

Quanto ao facto de o PNL incidir a sua acção numa primeira fase nos níveis mais baixos de escolaridade, a responsável do SABE concorda, pois a criação de hábitos de leitura tem de ser feita logo nos primeiros anos de vida. A partir de determinada idade há um desvio das práticas de leitura, os adolescentes viram-se para outros interesses. Contudo, ainda que a leitura se perca um pouco na adolescência, a responsável do SABE crê que se esse hábito estiver já enraizado precedentemente e houver o gosto pela leitura, o jovem volta a ler mais facilmente depois dessa fase.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

A situação geral do país quanto à leitura e à literacia não é a ideal, e é pior do que noutros países.

O PNL pode contribuir para ultrapassar os problemas do país em relação à leitura e à literacia, não só através da sua acção nas escolas, promovendo a leitura junto dos alunos, como também é muito importante que cative os encarregados de educação. É fundamental que haja uma continuidade em casa do trabalho feito na escola.

Sugestões e propostas

Segundo a entrevistada, o PNL deverá aprofundar a sua vertente de promoção da leitura e da literacia junto da população em geral, para além do contexto escolar.

No âmbito escolar, o PNL deverá alargar os seus apoios e acção também aos níveis mais elevados de ensino, como o 3º ciclo e o secundário. Estes níveis de escolaridade abarcam os alunos numa fase da sua vida em que se desviam das práticas de leitura.

Na fase da adolescência e juventude é especialmente importante que o professor saiba criar formas para levar os alunos à leitura, tentando explorar as suas áreas de interesse e nunca impondo um determinado livro, “porque se um livro não cativa à primeira um aluno, nunca mais se consegue cativá-lo para que pegue num segundo livro”.

A Câmara pode contribuir para melhorar a leitura e literacia na sociedade portuguesa, mantendo e reforçando os apoios à sua promoção nas escolas e BEs do concelho, e desenvolvendo ela própria, através da BM, actividades ligadas ao livro e à leitura.

4.7. Câmara Municipal de Évora

4.7.1. Relatório de visita

A entrevista com a vereadora da educação da Câmara Municipal de Évora foi condicionada pela agenda da entrevistada, que aguardava a chegada de alguns elementos da equipa do Pelouro para uma reunião que não tinha sido prevista durante a altura em que foi marcada a entrevista. Embora curta, a entrevista deu conta da forma como a autarquia se associou ao Plano, tendo sido também patente uma certa indistinção entre os planos locais de promoção da leitura e a iniciativa nacional. Com efeito, os responsáveis municipais consideram que as actividades que já desenvolviam concretizavam bem a participação da autarquia no PNL.

Pouco foi adiantado quanto ao envolvimento da Biblioteca Pública de Évora, uma vez que os municípios não tutelam as bibliotecas da Rede de Bibliotecas Públicas. Durante algumas conversas informais mantidas com elementos do pelouro da Educação, foi revelado que *A Fada Palavrinha e o Gigante das Bibliotecas* seria prolongada por tempo indeterminado, no sentido de consolidar o desenvolvimento das bibliotecas locais e impulsionar o funcionamento da futura Biblioteca Municipal de Évora.

4.7.2. Entrevista a Responsável da Câmara Municipal

Perfil da entrevistada

54 anos. Licenciatura em Medicina. Professora de Saúde Pública. Segundo mandato como vereadora.

O Plano Nacional de Leitura no concelho

Desde 1986 que as escolas do concelho têm participado em acções de promoção da literacia patrocinadas pela Câmara Municipal de Évora. *A Fada Palavrinha e o Gigante das Bibliotecas* é o mais recente projecto municipal de desenvolvimento de uma comunidade leitora entre a população jovem do concelho. Criada em 2004 e coordenada por uma equipa formada por elementos da Câmara Municipal, Biblioteca Pública e Universidade de Évora, esta iniciativa abrange todas as escolas do 1º ciclo e do pré-escolar do concelho, tendo herdado algumas actividades promovidas pelos programas desenvolvidos em anos anteriores.

A Fada Palavrinha tem estado por trás da introdução de várias actividades que têm dinamizado os estabelecimentos de ensino privados e públicos do concelho, apostando num contacto sistemático com as famílias dos alunos. Desde os momentos iniciais de implementação do projecto que foram distribuídos livros pelas escolas do concelho; publicadas colectâneas de textos elaborados por crianças; organizadas feiras do livro pelas diferentes escolas e freguesias; realizados encontros de escritores e ilustradores na Biblioteca Pública ou em bibliotecas escolares; e dinamizados cursos de formação de promotores e palestras destinadas a pais, cuja organização é assegurada pela Universidade de Évora.

Temos uma equipa fixa a trabalhar no projecto, com educadores e animadores e temos uma parceria com a Universidade e com a Biblioteca. A Biblioteca faz a selecção dos livros e arranja os baús que circulam pelas escolas e fazemos os pacotes que levam a circular pelos meninos. Cada escola escolhe um escritor periodicamente e trabalha com eles. Por outro lado, os pais...temos uma formação para ensinar a ler histórias aos meninos.

Todos os meses, um autocarro itinerante, a *Loja dos Sonhos*, visita as escolas do concelho, desenvolvendo actividades de escrita e leitura como os “tapetes de histórias” (peças de tapeçaria com histórias criadas, ou lidas, pelos alunos em formato BD). Existe, ainda, um *Baú de Leituras*, organizado pela Biblioteca, que é cedido às escolas para a dinamização de sessões de leitura. Paralelamente, a Câmara Municipal criou um cartão “família leitora”, que oferece descontos nas livrarias do concelho.

Nós criámos uma coisa, que foi o cartão família leitora e neste momento temos 800 cartões distribuídos e as livrarias fazem descontos a quem tem o cartão...As livrarias têm-nos dito que vai muita gente, penso que isto é importante, é um bom indicador...as famílias estão a trabalhar com os filhos.

A autarquia prevê que, a longo ou médio prazo, seja possível prolongar, de forma sistemática, as actividades relacionadas com a *Fada Palavrinha*, durante o período de férias escolares através da criação de *ateliers* de tempos livres. Está também previsto o estabelecimento de protocolos de colaboração entre a autarquia e instituições de solidariedade social, centros de dia e Organizações Não Governamentais (ONGs).

Para o pelouro da Educação, não existe uma distinção clara entre a *Fada Palavrinha e o Gigante das Bibliotecas* e o PNL, dado que o protocolo estabelecido com a Comissão do Plano previa a associação da marca Ler+ às actividades promovidas pela Câmara Municipal. Este documento, que foi assinado após vários contactos informais entre a autarquia e a Comissária do PNL, Isabel Alçada, prevê a participação da Câmara

na aquisição de livros para as escolas do concelho, bem como na remodelação e expansão de bibliotecas escolares, ou outros espaços de leitura. Por sua vez, o PNL patrocina o projecto *A Fada Palavrinha e o Gigante das Bibliotecas*, que será articulado com as actividades e orientações propostas pelo Plano – recorrendo, por exemplo, à lista de livros recomendados.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais e na sua organização

De acordo com a responsável pelo pelouro da educação, os objectivos do PNL foram bem pensados. A organização corresponde à realidade do sistema de ensino e do poder local. Contudo, deverá incluir o princípio da subsidiariedade, apostando na concessão de apoios às regiões, e apostar na multiculturalidade, através do envolvimento das comunidades de imigrantes no PNL.

A questão das migrações também é importante em termos de promoção cultural. É bom que nós tenhamos isso em atenção, a multiculturalidade e apanhar alguns dos bons hábitos de muitos que estão a viver connosco, temos pessoas com muitos hábitos de leitura e conhecimentos e é preciso, de facto, assimilar isso... É preciso atender à multiculturalidade e à subsidiariedade.

A divulgação do Plano não tem correspondido ao investimento realizado pelos Ministérios e os parceiros. A estratégia de marketing foi apontada como um aspecto negativo do Plano. A marca Ler+, por exemplo, ainda está muito distante da população.

Acho que neste momento podia ser melhor. Acho que quando se faz um investimento nacional, para ter aquele impacto para as pessoas perceberem, tem que se ter uma mensagem. Agora vem o Verão e é preciso continuar haver livros...devia ser mais divulgado, para as pessoas saberem que existe... Não me parece que seja uma marca bem comprada.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

Para a vereadora, apesar de uma ligeira progressão no melhoramento dos níveis de literacia do país, graças aos investimentos realizados pelo poder central (como o PNL) e local (ex.: Redes das Cidades Educadoras), existe uma generalização de usos deturpados da língua.

Eu acho que se está a escrever pior, mal...muito mal. É angustiante porque recebemos muitas cartas, muitas coisas...acho que se escreve muito e isso angustia-me um pouco. Eu penso que o escrever está directamente associado ao ler bem. Penso que se está com grandes problemas em termos de escrita...Mas penso que vamos progredir...penso que há muita gente a investir.

Por outro lado, o sistema de ensino deveria utilizar o Plano para aumentar abertura à comunidade local, alargando, por exemplo, os horários de funcionamento das BEs. Para além destas sugestões, foram, ainda, mencionadas a eventual criação de programas nacionais de formação de professores (reciclagens pedagógicas, difusão de métodos mais estimulantes de promoção da leitura), pais (actividades lúdicas de aprendizagem) e familiares (avós); o desenvolvimento de campanhas de promoção de redução de preços de livros; e a realização de encontros nacionais de promotores de leitura, professores e pais.

Penso que o novo projecto de enriquecimento curricular pode vir a ser um bom instrumento, se for possível articular o enriquecimento curricular, a escola a tempo inteiro com a articulação dos pais para ser um promotor de literacia.

Sugestões e propostas

Quanto a futuras contribuições ou participações da Câmara no PNL, foi indicado que poderiam ser desenvolvidas parcerias com centros de dia, instituições de solidariedade social. A actuação da autarquia também poderia passar pela criação de quiosques de leitura nos jardins da cidade; edição de livros de poetas, escritores e contadores de histórias locais; promoção de encontros de escritores, ilustradores e editores. Num futuro próximo, a Feira do Livro de Évora deverá ser expandida. Todavia, o principal projecto de promoção da leitura no concelho, a instalação de uma Biblioteca Municipal, ainda não tem uma data de conclusão definida.

Um professor pode ser extremamente negativo na redução do nível de leitura. É preciso formação. É bom que os professores do 2º e 3º ciclo e do Secundário sejam também sensibilizadores e estimulantes na divulgação da literatura...Devia haver um projecto especial de apoio à formação dos pais, formação no aspecto lúdico da aprendizagem, e dos avós também. Depois devia haver encontros e depois, se calhar, o preço dos livros.

4.8. Câmara Municipal de Loulé

4.8.1. Relatório de visita

Foram realizadas duas visitas à Câmara Municipal, a primeira, a 26 de Abril de 2007, para entrevistar o director municipal da Câmara Municipal de Loulé e a segunda, a 5 de Julho de 2007, para assistir à reunião de balanço da implementação do PNL nas escolas do concelho, promovida pela Câmara Municipal de Loulé, com a presença dos responsáveis pelo PNL nas escolas e alguns professores.

4.8.2. Entrevista a Responsável da Câmara Municipal

Perfil do entrevistado

Director Municipal da Câmara Municipal de Loulé desde Novembro de 2005. No anterior executivo desempenhava as funções de Chefe de Gabinete de Apoio ao Presidente.

O Plano Nacional de Leitura no concelho

O processo de envolvimento da CM de Loulé no PNL foi iniciado a partir de uma apresentação pública do Plano por parte da Comissária, dirigida a todos os responsáveis das bibliotecas e das escolas do concelho.

A Câmara manifestou desde logo vontade e disponibilidade para se associar ao Plano, assumindo-o como uma prioridade, como uma linha de orientação forte, em consonância com a aposta que o executivo tem feito no sector da educação (terceira área de investimento no concelho).

Decidiu-se então apoiar todos os agrupamentos escolares que não tinham obtido apoio financeiro directo por parte do Plano, de modo a que todas as escolas do concelho fossem abrangidas de igual forma pelo reforço financeiro para aquisição de livros.

No dia da assinatura do protocolo entre o PNL e a CM, os agrupamentos que não tinham tido apoio directo do Plano receberam as verbas disponibilizadas pela Câmara, com ajustamentos que tiveram a ver com a dimensão dos agrupamentos. Antes da assinatura, houve uma reunião preparatória com as escolas, explicando todo o processo e os critérios para a atribuição das verbas. Nessa altura, ficou desde logo agendada uma reunião de balanço da implementação do PNL nas escolas, a ocorrer no final do ano lectivo.

Nessa segunda reunião disse claramente às pessoas que iríamos fazer então uma reunião de balanço para perceber os contextos, o que é que tinha corrido bem, o que é que tinha corrido menos bem, o que é que havia a reformular, que iniciativas é que a própria câmara teria de tomar para acelerar qualquer processo que tivesse corrido menos bem e inclusive em termos financeiros se fosse necessário mais algum esforço (...) Aqui o que se procura é que nós damos o dinheiro, mas queremos saber como é que foi aplicado (...) não se trata de dizermos que participamos, nós queremos mesmo ser parceiros interessados e activos e assim estamos ao mesmo tempo com a biblioteca municipal sempre em rede com as escolas, sempre a ver o que é que foi feito e quais são as pequenas situações que há, as arestas que há a limar. Acho que o processo assim é mais sustentável.

Embora não tenha dados concretos, tem ideia que as escolas têm desenvolvido actividades importantes no âmbito da promoção da leitura. Houve uma forte adesão à Semana da Leitura, todas as escolas realizaram actividades nessa semana, para boa parte das quais a Câmara foi convidada. A biblioteca municipal esteve também envolvida na Semana da Leitura.

Entretanto, estava a ser desenvolvido pela CM um trabalho de encontrar patrocinadores para apoiar a implementação do PNL no concelho, havendo já contactos com três grupos económicos ligados ao turismo que manifestaram alguma disponibilidade para patrocinar. Além disso, a CM elaborou um plano de comunicação e apresentação do PNL para o concelho, estando previstas actividades de divulgação junto dos pais nas próprias escolas, através de folhetos explicativos e outros instrumentos. A Câmara tem apostado fortemente na divulgação do PNL, através de uma campanha com o slogan “Ler é Poder”, numa lógica de promoção da leitura no concelho, mas também na divulgação do seu envolvimento no PNL, numa lógica política.

Estas coisas têm sempre de ser vistas com duas linhas de orientação. Por um lado, eu centro esse objectivo na linha da literacia, nesse aumento de literacia a nível do concelho, e por outro lado a linha política que estas coisas têm, é uma actividade, é um investimento e esse investimento deve ser conhecido das pessoas, porque no fundo estamos a investir com alguma intenção e essa intenção deve ser revelada.

A BM tem um Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares e as escolas têm manifestado uma opinião muito favorável do seu trabalho. Mas não tem conhecimento sobre actividades específicas na relação entre as BEs e a BM suscitadas pelo PNL. Também não tem conhecimento suficiente sobre o envolvimento da BM no PNL. Parece haver algumas falhas de articulação entre a CM e a BM a este nível (que vieram a ser comprovadas na reunião de balanço com as escolas em Julho).

Considera que o possível menor envolvimento da BM pode ser explicado pelo facto de o PNL nesta primeira fase estar muito virado para as escolas, bem como pelo facto de o envolvimento no Plano ter partido de cima.

Como esse discurso foi virado para as escolas, a biblioteca entrou aqui em alguns casos como retaguarda e nalguns casos como possibilidade até de impulsionar, mas não de tomar a iniciativa. Também confesso que tenho

aqui um défice de informação porque não tenho questionado a biblioteca sobre a sua relação mais directa com...mas vejo aqui pelo plano de actividades que eles me mandam mensalmente, vejo que não tem existido actividades exclusivamente viradas para isso, não é? Com referências explícitas ao Plano. Esta situação do Plano ter sido assumido muito superiormente, portanto, isto não nasceu de uma intervenção da biblioteca a dizer que era interessante que se apoiasse este Plano por isto e aquilo, porque eles no fundo estão mais dentro da matéria. Como este Plano foi logo muito assumido pela direcção municipal e pelo executivo, ele surge como uma aposta que também é uma aposta política, não é? Quando estas coisas acontecem, as pessoas têm mais dificuldade em interiorizar a matéria. Quando sai deles, quando são eles a propor um conjunto de actividades, programaram, viram logo como é que podiam actuar, como é que podiam fazer, etc. Neste caso eles estiveram sempre presentes em todos os momentos, mas a ideia surge num Plano hierárquico superior e isto aqui tem alguma influência, porque as pessoas não tiveram ... É algo exterior e é possível que isso tenha impedido até agora uma atitude mais interventiva.

Mas a BM tem desenvolvido acções de promoção da leitura. Destaca um programa já aprovado e financiado pela Gulbenkian dirigido à leitura para adultos.

O Plano Nacional de Leitura em termos gerais e na sua organização

Qualifica o PNL como uma óptima iniciativa.

Parece-lhe adequado começar pela base (alunos do pré-escolar, 1º e 2º ciclo), até porque isso permite chegar à população adulta, já que é nestes níveis de ensino que as famílias têm um maior envolvimento na escola.

Considera que a aposta do PNL na leitura do livro é fundamental.

Como sabe, por circunstâncias que têm a ver com a sociedade de informação, do conhecimento e toda a velocidade de informação leva a que o livro esteja um pouco oculto, está ...as crianças não lêem, as pessoas de uma forma geral fazem pouco esforço no campo da leitura.

O envolvimento do Ministério da Educação, a composição da equipa que dirige o Plano e o facto de este assentar em estruturas já existentes, que têm desenvolvido um trabalho importante e continuado na promoção da leitura, como são as bibliotecas públicas e as bibliotecas escolares, são factores muito positivos no Plano e dão algumas garantias de que se possam alcançar os resultados desejados.

O PNL traz de novo uma direcção, no sentido em que há uma estratégia bem delineada a seguir.

Aqui neste caso, há uma intenção e há uma direcção, isto é, diz-se que há este ano X livros e apresenta-se estes livros, para o ano serão provavelmente outros, é uma leitura já orientada e essa orientação permite que as pessoas estejam todos num plano, não digo de igualdade, mas estão a trabalhar todas com os mesmos instrumentos, quer dizer, ser aqui ou ser em Lisboa não é importante, quer dizer estão a trabalhar com os mesmos instrumentos e não sentem aquele facilitismo ou estar a trabalhar com bases e contextos menos interessantes, menos cativantes para os alunos. Parece-me que essa dominância acaba por ter alguma influência e essa orientação é um enfoque importante.

Leitura e literacia no país e na sociedade actual

O director municipal refere-se essencialmente à situação no seu concelho. Não dispendo de dados concretos sobre o analfabetismo ou a literacia, sendo uma zona extensamente rural, sabe-se que os níveis de leitura e literacia são bastante baixos.

Sugestões e propostas

Considera que será útil criar novas actividades para relembrar constantemente que o Plano continua vivo e activo.

Seria interessante promover a comunicação entre as autarquias sobre o Plano, por exemplo através da promoção de um encontro centrado na participação das autarquias neste Plano.

Numa fase seguinte do Plano, é importante o alargamento a outros públicos, nomeadamente à população adulta.

4.8.3. Observação de reunião com as escolas

No início de Julho foi realizada a reunião de balanço da implementação do PNL nas escolas. Esta reunião foi promovida pela Câmara (dinamizada pelo director municipal) e contou com a presença do director da Biblioteca Municipal e de um elemento da equipa técnica do Plano, tendo reunido cerca de 30 participantes das escolas do concelho.

Os representantes das escolas falaram sobre as actividades desenvolvidas e o modo como as desenvolveram, sobre as dificuldades que sentiram, e manifestaram as suas expectativas, preocupações e sugestões para ao futuro.

Em geral, o balanço que os responsáveis pelo PNL nas escolas, os coordenadores das bibliotecas escolares e os professores fizeram da implementação do Plano foi bastante positivo.

Em termos de actividades, foram referidas:

- a Semana da Leitura, em que as escolas estiveram fortemente envolvidas, tendo uma ou outra chamado a atenção para a participação dos pais nas actividades;
- actividades onde os pais foram chamados a participar na escola;
- experiências de alunos mais velhos a lerem para os mais novos;
- experiências de alunos mais novos a fazerem dramatizações com base em textos;
- leitura de textos em várias línguas, por alunos de várias nacionalidades (o que é particularmente relevante no concelho, dado o facto de em várias escolas haver grande diversidade de nacionalidades das crianças);
- elaboração de plano para circulação dos livros pelas várias escolas e turmas do agrupamento (os livros adquiridos não ficaram na BE);
- criação de um Clube de Leitura para alunos, funcionários e pais;
- criação do prémio Super Leitor.

Em termos de resultados alcançados, houve relatos que apontaram os seguintes aspectos:

- as actividades permitiram trazer os pais à escola, promovendo a intensificação da sua relação com a escola;
- mudanças de atitude relativamente à leitura e os livros por parte de professores;
- adesão forte dos professores, embora num ou noutro caso tenha havido salas em que “o PNL não esteve”;
- uma criança de uma das escolas do concelho foi a vencedora do 1º prémio do concurso dos CTT;
- PNL inovador no 1º e no 2º ciclo; no Jardim de Infância é a continuidade de actividades que já eram desenvolvidas pelos educadores.

Quanto a dificuldades e problemas, foram referidos:

- a principal dificuldade destacada pela generalidade das escolas prende-se com a falta de tempo para a planificação e realização das actividades propostas. O calendário do PNL foi muito tardio face à planificação do ano lectivo. As escolas só puderam começar a trabalhar com os livros no 2º período, algumas já a meio, o que em alguns casos não permitiu que se pudessem trabalhar todos os títulos adquiridos. Houve escolas que manifestaram a intenção de retomar esses títulos no ano lectivo seguinte;

- alguns títulos da lista de obras recomendadas pelo PNL para o 4º ano são considerados demasiado complexos;

- o director municipal refere ter havido menos articulação que o desejável entre a Biblioteca Municipal e as bibliotecas escolares/escolas.

Quanto ao futuro, uma boa parte das escolas manifestou a preocupação com o financiamento para o próximo ano lectivo. O director municipal referiu a hipótese de haver outras fontes de financiamento, a partir do trabalho que a Câmara tem desenvolvido na procura de patrocinadores, tendo alguns deles já manifestado disponibilidade.

Avançaram-se ainda algumas sugestões e propostas:

- importância de reforçar a articulação entre a Biblioteca Municipal e as Bibliotecas Escolares e as escolas, designadamente através de reuniões entre a BM e os coordenadores das BEs para definir estratégias para o PNL e da eventual criação de uma equipa na BM para o PNL;

- importância de alargar rapidamente o Plano ao 3º ciclo, já que é aí que os níveis de leitura diminuem;

- ter atenção ao modo como a leitura dos livros do PNL é transmitida aos alunos, de forma a evitar o perigo destes a sentirem como mais uma “obrigação” escolar.

5. GUIÕES

Escolas e Bibliotecas Escolares

Plano de Visita a Escolas

- Entrevista com professor de contacto com o PNL na escola;
- Entrevista de grupo com alguns professores envolvidos em actividades do PNL/de promoção da leitura;
- Visita a espaços comuns da escola;
- Visita a uma ou duas aulas em curso (ou salas em Jardins de Infância);
- Visita à Biblioteca Escolar;
- Entrevista com coordenador da Biblioteca Escolar;
- Entrevista com auxiliar da Biblioteca Escolar.

Guião de Entrevista a Professor(a) de Contacto com o PNL na Escola / Professores(as)

A. Actividades do Plano Nacional de Leitura (PNL) na escola / desenvolvidas pelo professor

1. A escola está envolvida no PNL?

Sobre o conjunto das actividades desenvolvidas

2. Que tipo de actividades relacionadas com o PNL (a escola) tem desenvolvido?

- Pedir descrição das actividades *em curso* ou *já realizadas*

3. Qual a relação / articulação das actividades desenvolvidas no âmbito do PNL com o conjunto das actividades curriculares?

4. Quais as disciplinas / actividades curriculares directamente envolvidas nessas actividades?

- Procurar distinguir se as actividades desenvolvidas no âmbito do PNL têm lugar no decorrer das *actividades lectivas*, das *actividades curriculares* (por exemplo, e tendo em conta as actividades de cada nível de ensino, no âmbito do estudo acompanhado, área de projecto, aulas de substituição) e de *outras actividades*

5. Quais os anos de escolaridade / níveis de ensino abrangidos pelas actividades?

6. Quem são os principais dinamizadores dessas actividades?

- Educadores (jardins de infância) / professores (1º ciclo) / professores de português (2º e 3º ciclos e secundário); professores de outras áreas disciplinares; responsável Biblioteca Escolar; outros

7. Onde têm lugar as actividades?

- Na(s) sala(s) de aula, na Biblioteca Escolar, noutros espaços da escola

8. Quem participa nessas actividades?

- Além dos alunos, perceber a eventual participação dos pais/outras familiares (prevista e efectiva); participação de outros agentes exteriores à escola...

Leitura em sala de aula

9. Como tem decorrido a “leitura em sala de aula”?
10. Quais os modos de organização que têm sido adoptados para esta actividade?
11. Trata-se de actividades essencialmente centradas em livros, ou implicam também outros suportes (revistas, jornais, Internet)?
12. E além da leitura, essas actividades incluem também a escrita?
13. Que tempo diário / semanal é habitualmente dedicado a estas actividades (por ano de escolaridade)?
14. Que livros têm sido lidos (em cada ano de escolaridade)?
 - Perceber se fazem parte da lista do PNL e da selecção feita pela escola (ver mais à frente...)
15. São os mesmos livros em todas as salas / turmas, ou cada professor escolhe os seus?
16. Como tem sido gerida a circulação dos livros entre salas / turmas?
 - Perceber se consideram que dispõem de um número suficiente de livros
17. Onde ficam habitualmente guardados esses livros?
 - Na biblioteca da escola
 - Na biblioteca da sede de agrupamento
 - Em salas de aula
 - Noutros locais

Semana da leitura

18. A escola participou na semana da leitura?
19. Que actividades foram realizadas?

Actividades previstas / planeadas

20. Que outras actividades estão já planeadas? (para o corrente ano lectivo, e também para os próximos)

Balanço global das actividades realizadas, percepção do impacto de processos / actividades

21. Que divulgação têm tido as actividades do PNL, dentro e fora da escola? De que formas foi feita a divulgação? Quem é que essa informação abrangeu?

22. De um modo geral, como é que tem sido a adesão dos vários agentes? (alunos, professores, outros funcionários, pais, outros agentes exteriores à escola)?

- Perceber eventuais diferenças entre os vários tipos de actividades e entre níveis de ensino

23. É já possível observar alguns resultados / efeitos?

- Nos alunos (práticas de leitura, utilização da biblioteca escolar e outras, requisição de livros, relação com os livros)
- Nos professores e nos métodos pedagógicos
- Nos pais
- Na escola
- Na Biblioteca Escolar

24. E a médio / longo prazo? Que efeitos considera que poderão vir a ser alcançados?

25. O que é que o PNL veio trazer mais/melhorou (na escola)?

- Em que é que se apoiou? (englobou, prolongou)
- O que é que reforçou? (meios, intensidade, legitimação, visibilidade)
- O que é que inovou?
- O que é que (se) pode fazer mais no futuro?

26. O que é que o PNL perturbou/dificultou (na escola)?

B. O Plano Nacional de Leitura na sua organização

Preparação / organização da escola para o PNL

1. Como é que, na sua escola, tomou / tomaram conhecimento do PNL? Receberam informação do PNL dirigida à própria escola, ou foram informados pela sede de agrupamento?

2. Que tipo de informação/documentos foram disponibilizados à escola (pelo PNL, por via do agrupamento)?

3. Como é que têm sido os apoios / as colaborações / os contactos / as articulações com o PNL?
4. Que utilização têm feito do site do PNL? Apenas para registo? Para tomar conhecimento de modelos de actividades através da documentação disponibilizada? Para esclarecimento de dúvidas?
5. Que outros meios utilizaram para esclarecer dúvidas e encontrar a informação necessária à preparação das actividades?

Inscrição no PNL e (eventuais) projectos apresentados pela escola

6. Como se desenrolou o processo de inscrição da escola no PNL e o planeamento inicial de actividades?
7. De quem partiu a iniciativa?
 - De um professor, de um conjunto de professores, da sede de agrupamento; percepção de carácter obrigatório...
8. Como foi decidida a escolha dos livros para a “leitura na sala de aula”? Quais os critérios?
9. A escola apresentou projectos próprios (fichas de projecto) quando se inscreveu no PNL?
10. Quem elaborou esses projectos?
11. Como está a decorrer a organização / operacionalização desses projectos?
 - Tem havido articulação e trabalho conjunto dos vários agentes? (professores, coordenadores/responsáveis Biblioteca Escolar, entre outros)
 - Qual o papel específico da Biblioteca Escolar? (perceber eventuais mais valias por estarem integrados na RBE, ou, inversamente, maiores dificuldades por não estarem...)
 - Tem havido cooperação de outras instituições (por exemplo, da Câmara Municipal, Biblioteca Pública, etc.)?
 - Como tem sido preparada a participação dos pais? Foram-lhes explicados os projectos da escola no âmbito do PNL e o que deles era esperado? Como tem sido a cooperação a este nível? Papel da Associação de Pais?
12. Até ao momento, como tem sido a concretização dos projectos apresentados?
 - Perceber eventuais desvios face ao planeado (quer porque surgem novos projectos, quer porque alguns não são realizados) e quais as justificações avançadas

No caso de agrupamento escolar

13. Há actividades do PNL coordenadas a nível do agrupamento? Quais? Em que circunstâncias?

14. Vantagens e inconvenientes

Financiamento

15. A escola recebeu, até à data, algum financiamento por parte do PNL?

16. Qual o montante recebido?

17. De que forma a verba foi utilizada? Que títulos adquiriram e qual o número de exemplares de cada um?

18. Os livros adquiridos (ou a adquirir) fazem parte da lista proposta pelo PNL? (comentários espontâneos sobre lista de livros)

C. O Plano Nacional de Leitura em termos gerais

1. Parece-lhe importante / oportuna a criação do PNL? Porquê?

2. O que acha, em termos gerais, do PNL? Quanto a:

- Objectivos
- Prioridades
- Critérios
- Actividades
- Organização
- Divulgação
- Marca Ler+

3. Que expectativas tem a respeito do PNL?

4. Que aspectos positivos lhe parecem ser de realçar no PNL? (nas suas finalidades e na maneira como decorreu até agora)

5. Que aspectos negativos lhe parecem ser de apontar ao PNL? (nas suas finalidades e na maneira como decorreu até agora)

D. Leitura e literacia no país e na sociedade actual

1. O que acha da situação geral do país quanto à leitura e à literacia?
2. O que acha da leitura e da literacia na sociedade actual? (tendências, importância)
3. Quais os contributos que o PNL poderá / deverá dar perante essas situações e tendências (do país, da sociedade actual)?

E. Sugestões e Propostas

1. Que sugestões para o PNL?
 - A nível da escola
 - A nível geral
2. Que outras sugestões para melhorar a leitura e a literacia na sociedade portuguesa?

F. Perfil do entrevistado

1. Sexo, idade
2. Formação (geral / leitura / bibliotecas)
3. Actividade profissional (actual e anterior).

Guião de Entrevista a Coordenador(a)/Responsável de Biblioteca Escolar

A. Actividades do Plano Nacional de Leitura (PNL) na escola e na biblioteca (BE)

1. A escola está envolvida no PNL?
2. A biblioteca está envolvida no PNL?
3. Que actividades relacionadas com o PNL tem a BE desenvolvido?
4. Quem desenvolve essas actividades e quem participa nelas?
 - Por parte da BE: responsáveis, funcionários, outros colaboradores
 - Por parte de outros professores, dos alunos em geral, de entidades e pessoas exteriores
5. Que ligações/relações têm essas actividades do PNL com as actividades escolares no seu conjunto? E com a BE no seu conjunto?
6. Que ligações/relações tem havido, no desenvolvimento das actividades do PNL, com bibliotecas públicas (BPM), com os seus SABEs (caso existam). e/ou com outras entidades (associações, empresas, museus, etc.)?
7. Que divulgação das actividades do PNL tem sido feita pela biblioteca? Junto de quem?
8. Qual a participação de pais, outros familiares, outras pessoas?
9. É já possível observar/verificar alguns resultados/efeitos/impactes?
 - Nos alunos
 - Nos pais
 - Nos professores
 - Na escola
 - Noutros; quais?
10. É possível registar alguns indicadores de processos/actividades e de resultados/impactes (listas, números, acontecimentos, documentos,...)?
11. O que é que o PNL veio trazer mais/melhorou? (à escola, ao papel da BE na escola, à atitude dos docentes perante a BE)
 - Em que é que se apoiou? (englobou, prolongou)
 - O que é que reforçou? (meios, intensidade, legitimação, visibilidade)
 - O que é que inovou?
 - O que é que (se) pode fazer mais, no futuro?

12. O que é que o PNL perturbou/dificultou?

13. No caso de agrupamento escolar:

- Há actividades do PNL coordenadas a nível do agrupamento?
- Em que escolas do agrupamento há BEs? Há utilização recíproca/partilhada das BEs? Em geral? Nas actividades do PNL?
- Vantagens e inconvenientes

14. Que importância teve/tem pertencer à RBE para as actividades do PNL? (informação, apoios, etc.) (se a BE da escola não pertence à RBE, perguntar inconvenientes):

B. O Plano Nacional de Leitura, em termos gerais e na sua organização

1. Parece-lhe importante / oportuno ter sido criado o PNL? Porquê?

2. O que acha, em termos gerais, do PNL? Quanto a...

- Objectivos
- Prioridades
- Critérios
- Actividades
- Organização
- Divulgação
- Resultados e impactes
- Marca Ler+

3. Que expectativas tem a respeito do PNL?

4. Que aspectos positivos lhe parecem ser de realçar no PNL?

(nas suas finalidades e na maneira como decorreu até agora)

5. Que aspectos negativos lhe parecem ser de apontar ao PNL?

(nas suas finalidades e na maneira como decorreu até agora)

6. Em concreto, na sua escola, como é que tomou / tomaram conhecimento do PNL?

7. Em concreto, na sua escola / na sua BE, como é que têm sido os apoios / as colaborações / os contactos / as articulações com o PNL?

C. Leitura e literacia no país e na sociedade actual

1. O que acha da situação geral do país quanto à leitura e à literacia?
2. O que acha da leitura e da literacia na sociedade actual? (tendências, importância)
3. Quais os contributos que o PNL poderá / deverá dar perante essas situações e tendências (do país, da sociedade actual)?

D. Sugestões e propostas para PNL e leitura/literacia

1. Que sugestões / propostas para o PNL?
 - Na BE
 - Na escola
 - A nível geral
 - Na Biblioteca Pública Municipal
2. Que (outras) sugestões / propostas para melhorar a leitura e literacia na sociedade portuguesa?

E. Caracterização da BE e da sua utilização/funcionamento (descrição e avaliação)

1. BE(s) da escola e do agrupamento (quando este exista):
 - Desde quando existe BE na escola?
 - A escola usa outras BEs de agrupamento?
 - Outras escolas do agrupamento usam a BE da escola?
2. Frequência e utilização da BE:
 - Quem? (alunos, professores, outros)
 - Como?
 - Individualmente, em grupo
 - Informalmente, enquadrados por professores
 - Intensidade / regularidade
 - Tipos de utilização, actividades:
 - Quais?
 - Como?
 - Procura, pesquisa
 - Informais, ligadas às actividades curriculares
 - Leitura, escrita, produção de documentos, outras actividades
 - Livros, periódicos, documentos, equipamento informático, audiovisuais

- Apreciação da biblioteca pelos alunos:
 - Gosto, satisfação
 - Conforto, tranquilidade
 - Resposta a necessidades, estímulo, criatividade

3. Características e organização da BE (descrição breve e avaliação geral):

- Espaço(s), mobiliário, equipamentos, fundo documental (diversos suportes)
- Recursos humanos, organização, funções, horários, formação
- Colaborações externas (outras escolas/outras BEs, Biblioteca Pública, Câmara Municipal, associações, familiares, IPLB/actividades de animação e formação, etc.)

4. Como é feita a divulgação dos serviços e actividades da biblioteca? Que importância têm essas acções de divulgação? Qual tem sido o seu impacto? Dentro e fora da escola?

5. Avaliação própria:

- Em que medida a BE contribui para a formação dos alunos?
- E, em especial, para as suas práticas de leitura/escrita? E para o seu gosto pela leitura/escrita?
- Aspectos mais positivos da BE
- Aspectos menos positivos da BE
- Como melhorar a BE, a sua actividade e impactes?
- Que projectos tem a BE?

6. Que tipo de avaliações/monitorizações têm sido feitas acerca do funcionamento/serviços/utilizadores desta BE? Qual a sua periodicidade? Que resultados têm sido obtidos?

F. A RBE (contactos, importância, avaliação)

1. Esta BE pertence à RBE? Desde quando? Candidatura e processo

2. Apoios da RBE:

- À candidatura / instalação / renovação
- Ao funcionamento
- Apoio a nível de recursos humanos (afectação/créditos horários; formação)
- Apoio técnico:
 - De quem? (equipa da GRBE, DRE, SABE, etc.)
 - A quê? (projecto da BE, política documental/fundo documental, organização/gestão, práticas pedagógicas, actividades de animação, formação, informação, divulgação, etc.)

- Apoio financeiro:
 - Para quê? (construções/obras, mobiliário, equipamentos, fundo documental, actividades específicas, etc.)
 - Quanto?
- Outros apoios (além da RBE, complementares)

3. Avaliação própria da RBE:

- Aspectos positivos da RBE
- Aspectos menos positivos da RBE
- O que melhorar?

4. Que outras sugestões / propostas para a RBE?

G. Perfil do/a entrevistado/a

1. Sexo, idade
2. Formação (geral / leitura / bibliotecas / superior, mestrado, formação contínua...)
3. Actividade profissional (actual e anterior)
4. Situação / funções na biblioteca (coordenador/responsável)
5. Experiência relativa a bibliotecas.

Guião de Entrevista a Auxiliar de Biblioteca Escolar

A. O PNL e a BE

1. Tem ouvido falar / visto referências ao PNL?
2. A escola tem actividades do PNL?
3. A BE tem tido actividades ligadas ao PNL?
4. O que é que o PNL trouxe à BE?
5. Em que é que a BE tem contribuído para o PNL?
6. Vêm-se já alguns resultados/impactes? (em especial, nos alunos)
7. Que resultados/impactes prevê/espera no futuro?
8. Acha importante haver um PNL? Porquê? O que se pode esperar dele?

B. Caracterização da BE e da sua utilização/funcionamento (descrição e avaliação)

1. BE(s) da escola e do agrupamento (quando este exista):
 - Desde quando existe BE na escola?
 - A escola usa outras BEs de agrupamento?
 - Outras escolas do agrupamento usam a BE da escola?
2. Frequência e utilização da BE:
 - Quem? (alunos, professores, outros)
 - Como?
 - Individualmente, em grupo
 - Informalmente, enquadrados por professores
 - Intensidade / regularidade
 - Tipos de utilização, actividades:
 - Quais?
 - Como?
 - Procura, pesquisa
 - Informais, ligadas às actividades curriculares
 - Leitura, escrita, produção de documentos, outras actividades
 - Livros, periódicos, documentos, equipamento informático, audiovisuais

- Apreciação da biblioteca pelos alunos:
 - Gosto, satisfação
 - Conforto, tranquilidade
 - Resposta a necessidades, estímulo, criatividade

3. Características e organização da BE (descrição breve e avaliação geral):

- Espaço(s), mobiliário, equipamentos, fundo documental (diversos suportes)
- Recursos humanos, organização, funções, horários, formação
- Colaborações externas (outras escolas/outras BEs, Biblioteca Pública, Câmara Municipal, associações, familiares, IPLB/actividades de animação e formação, etc.)

4. Como é feita a divulgação dos serviços e actividades da biblioteca? Que importância têm essas acções de divulgação? Qual tem sido o seu impacto? Dentro e fora da escola?

5. Avaliação própria:

- Em que medida a BE contribui para a formação dos alunos?
- E, em especial, para as suas práticas de leitura/escrita? E para o seu gosto pela leitura/escrita?
- Aspectos mais positivos da BE
- Aspectos menos positivos da BE
- Como melhorar a BE, a sua actividade e impactes?
- Que projectos tem a BE?

6. Que tipo de avaliações/monitorizações têm sido feitas acerca do funcionamento/serviços/utilizadores desta BE? Qual a sua periodicidade? Que resultados têm sido obtidos?

C. A RBE (contactos, importância, avaliação)

1. Esta BE pertence à RBE? Desde quando? Candidatura e processo

2. Apoios da RBE:

- À candidatura / instalação / renovação
- Ao funcionamento
- Apoio a nível de recursos humanos (afectação/créditos horários; formação)
- Apoio técnico:
 - De quem? (equipa da GRBE, DRE, SABE, etc.)
 - A quê? (projecto da BE, política documental/fundo documental, organização/gestão, práticas pedagógicas, actividades de animação, formação, informação, divulgação, etc.)

- Apoio financeiro:
 - Para quê? (construções/obras, mobiliário, equipamentos, fundo documental, actividades específicas, etc.)
 - Quanto?
- Outros apoios (além da RBE, complementares)

3. Avaliação própria da RBE:

- Aspectos positivos da RBE
- Aspectos menos positivos da RBE
- O que melhorar?

D. Perfil do/a entrevistado/a

1. Sexo, idade
2. Formação (geral / leitura / bibliotecas)
3. Actividade profissional (actual e anterior)
4. Situação / funções na biblioteca
5. Experiência relativa a bibliotecas.

Protocolo de Observação de Escolas e Bibliotecas Escolares

1. Circulação pelo espaço da escola e observação de elementos visíveis relativos ao PNL e RBE.

2. Visita à biblioteca escolar:

- Observação da dimensão e organização espacial, do equipamento e tecnologia, dos recursos documentais e multimédia;
- Observação de elementos relativos ao PNL (incluindo os livros PNL - Onde estão localizados? Têm alguma identificação? Os que são da Escola, do Agrupamento, da BPM);
- Observação de painéis / outros locais (página da Escola/BE-blogues, newsletter...) de divulgação de actividades desenvolvidas pela biblioteca
- Observação dos utilizadores da biblioteca presentes (alunos, professores, ...) e das modalidades de utilização (leitura de livros ou jornais/revistas, utilização de computadores/internet, visualização de dvds/vídeos, estudo ou realização de trabalhos escolares);
- Solicitação de dados relativos à requisição de livros e, eventualmente, de outros elementos considerados importantes: guiões de leitura, de pesquisa, de formação (alunos/professores), produtos feitos pela/na BE, etc.

3. Visita a algumas salas de aula:

- Observação de elementos relativos ao PNL;
- Observação de trabalhos feitos pelos alunos, relacionados com o livro e a leitura, eventualmente expostos nas salas (mesmo que não directamente ligados ao PNL);
- Estabelecimento de pequenas conversas informais com os alunos (apreciação das actividades, trabalhos desenvolvidos, utilização da biblioteca, ...).

Bibliotecas Públicas

Plano de Visita a Bibliotecas Públicas

- Entrevista com o director da biblioteca pública/bibliotecário responsável pela BP;
- Recolher informação sobre quem faz a articulação/desenvolve trabalho do SABE ou equivalente;
- Visita aos vários espaços da biblioteca pública;
- Pequenas conversas com utilizadores e funcionários.

Guião de Entrevista a Bibliotecário Responsável de Biblioteca Pública

A. Actividades do Plano Nacional de Leitura (PNL) na biblioteca pública

1. A biblioteca municipal está envolvida no PNL?
2. Que actividades/iniciativas lançou a biblioteca especificamente para dar resposta aos objectivos do PNL?
3. Que outras actividades relacionadas com o PNL têm sido desenvolvidas?
4. Quem desenvolve estas actividades (referidas nos pontos 2 e 3)?
5. Como têm decorrido essas actividades (referidas nos pontos 2 e 3)?
6. Que articulações têm sido estabelecidas com as outras actividades da biblioteca?
7. Como é que na BPM tomou/tomaram conhecimento acerca do PNL? Acha que a divulgação do Plano tem sido eficaz? Que outros comentários lhe suscita o Plano?
8. Como tem decorrido o contacto da biblioteca com os responsáveis do PNL em termos de apoios/colaborações? Tem sido feito algum acompanhamento das várias actividades?
9. Que iniciativas/informação têm recebido do IPLB para se envolverem no PNL?
10. Como tem decorrido na biblioteca o programa de “Itinerâncias Culturais” do IPLB? Que actividades têm sido levadas a cabo e porquê? (acções de formação para “mediadores de leitura”, ateliers, comunidades de leitores, cursos breves de literatura, espectáculos, exposições)
11. Como caracteriza os públicos que têm acorrido às várias actividades associadas ao PNL (em termos etários, sexuais, económicos, etc.)?
12. Quais têm sido as reacções dos públicos a essas acções? Positivas, negativas? E porquê?
13. Têm sido realizadas operações de avaliação dessas actividades? Quais? Que resultados/impactos essas actividades têm tido?
14. Que influência têm tido as várias actividades desenvolvidas no âmbito do PNL na acção da biblioteca, nomeadamente em termos da dinamização de novas actividades, preenchimento de lacunas, alargamento e fidelização dos públicos, etc.?

B. O Plano Nacional de Leitura, em termos gerais e na sua organização

1. Parece-lhe importante/oportuno ter sido criado o PNL? Porquê?

2. O que acha, em termos gerais, do PNL? Quanto a...

- Objectivos
- Prioridades
- Critérios
- Actividades
- Organização
- Divulgação
- Marca Ler+

3. Que expectativas tem a respeito do PNL?

4. Que aspectos positivos lhe parecem ser de realçar no PNL?

(nas suas finalidades e na maneira como decorreu até agora)

5. Que aspectos negativos lhe parecem ser de apontar ao PNL?

(nas suas finalidades e na maneira como decorreu até agora)

C. A biblioteca pública e as bibliotecas escolares

1. Como tem sido o relacionamento entre a biblioteca municipal e as escolas do concelho? E com as bibliotecas escolares, mais especificamente? Existe uma lógica de complementaridade? Que colaborações e serviços são prestados? Que constrangimentos e potencialidades de relacionamento identifica? Qual tem sido o papel do Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares (SABE), quando existe? Se não, há algo equivalente?

2. Algumas actividades desenvolvidas no quadro do PNL têm visado o apoio às escolas? Quais? Que tipo de apoio procuram dar?

D. Leitura e literacia no país e na sociedade actual

1. O que acha da situação geral do país quanto à leitura e à literacia?

2. O que acha da leitura e da literacia na sociedade actual? (tendências, importância)

3. Quais os contributos que o PNL poderá/deveria dar perante essas situações e tendências (do país, da sociedade actual)?

E. Caracterização da biblioteca

1. Como caracteriza os utilizadores da biblioteca? Qual o seu perfil social e demográfico?

2. Qual é a utilização diária dos vários suportes de informação? Qual é o mais procurado pelos utilizadores? Que razões encontra para isso? Acha que os livros têm vindo a ser mais ou menos procurados relativamente a outros suportes, impressos (revistas, jornais) e não impressos (cds e dvds, informação multimédia, Internet)?

3. Que relações existem entre os vários suportes, os vários serviços e os vários utilizadores? Que modalidades de utilização dos vários suportes são identificáveis? Utilizadores específicos procuram serviços específicos?

4. Que utilização é feita dos vários espaços da biblioteca por parte dos utilizadores? Que espaços são mais e menos aproveitados? Que dificuldades/potencialidades considera mais relevantes, no que aos espaços físicos diz respeito?

5. Como têm vindo a ser aqui prosseguidas as vertentes de promoção da leitura e de criação de novos públicos para a leitura?

6. E outras acções de intervenção/animação cultural?

7. Que tipo de avaliações/monitorizações têm vindo a ser feitas acerca do funcionamento, serviços e utilizadores da biblioteca em termos mais gerais? Qual a sua periodicidade? Que resultados têm sido obtidos?

8. Como avalia o papel da biblioteca na promoção de hábitos e práticas de leitura dos jovens? E dos adultos? Qual a importância da biblioteca face a outros agentes pertinentes, como a família e a escola? Procuram desenvolver algum tipo de papel complementar ou compensador? Têm sido levadas a cabo avaliações do impacto causado pela biblioteca junto dos seus públicos?

9. Como é feita a divulgação dos serviços e actividades da biblioteca? Que importância têm essas acções de divulgação? Qual tem sido o seu impacto?

10. Quais são os principais projectos da biblioteca, no médio e longo prazo, no que aos vários serviços e actividades diz respeito? (Recolher informação sobre programas anuais e projectos de melhoramento, quando existem)

F. Sugestões e propostas

1. Que sugestões para o PNL?

- A nível das bibliotecas públicas
- A nível geral

2. Que sugestões para melhorar a leitura e literacia na sociedade portuguesa?

G. Perfil do/a entrevistado/a

1. Sexo, idade

2. Formação (geral / leitura / bibliotecas)

3. Actividade profissional (actual e anterior)

4. Experiência relativa a bibliotecas.

Protocolo de Observação de Bibliotecas Públicas

A. Observação

1. Observação/circulação pelos vários espaços da biblioteca de forma a captar a *diversidade de públicos e de modalidades de utilização*:

- Secções de adultos (jornais/revistas + livros + computadores/Internet + dvds/vídeos + cds musicais)
- Secções de crianças (jornais/revistas + livros + computadores/Internet + dvds/vídeos + cds musicais)
- Secção juvenil (jornais/revistas + livros + computadores/Internet + dvds/vídeos + cds musicais)
- Cafetaria (quando existir)
- Painéis de divulgação de actividades (por exemplo: hora do conto/comunidade de leitores/encontros sobre leitura/escritores/elementos da comunidade, pais, artistas, ilustradores, etc...)
- Painéis de sugestões dos utilizadores (quando existir)
- Escaparate de destaques semanais e de novas aquisições, etc.

2. Estabelecimento de *pequenas conversas informais* com os funcionários da biblioteca responsáveis pelos vários espaços e que *contactam de maneira diversificada com os utilizadores*.

(Interfaces importantes de contacto funcionários/públicos: utilização da internet, utilização dos recursos direccionados para públicos com necessidades especiais (cegos e amblíopes, por exemplo), pequenas orientações bibliográficas e ajudas para trabalhos escolares, sugestões de leitura, divulgação pró-activa das actividades culturais desenvolvidas pela biblioteca, etc.)

B. Análise Documental

1. Materiais relativos às actividades desenvolvidas e a desenvolver pela biblioteca no âmbito do Programa de Acções de Promoção da Leitura IPLB 2007 (itinerâncias culturais: acções de formação, ateliers, comunidades de leitores, cursos breves de literatura, espectáculos, exposições) [ver carteira de Acções 2007]; Dia Mundial do Livro; projectos, folhetos, candidaturas, etc.

2. Relatórios anuais (se possível)

3. Informação já disponível de caracterização dos públicos, dos recursos e das actividades da biblioteca (estatísticas, estudos, etc.)

4. Materiais de divulgação das actividades da biblioteca (panfletos destinados ao utilizador, boletins, sites, blogues, etc...)

Guião de Entrevista a Responsável da Câmara Municipal (Escolas, Biblioteca Pública)

A. O Plano Nacional de Leitura (PNL) no concelho

1. Como vê o envolvimento de escolas do concelho no PNL?

- Que escolas?
- Que actividades?
- Que importância?
- Com que resultados / impactes?
 - Já verificados...
 - Que espera / prevê nos próximos anos...
 - Em entidades, populações, relações:
 - Escolas, bibliotecas escolares, Biblioteca Pública
 - Alunos, professores, famílias dos estudantes
 - População em geral, sectores da população
 - Associações, empresas, outras entidades
 - Relações / cooperação entre entidades
 - Resultados escolares, actividades culturais, desenvolvimento...
- Como é que a Câmara participa?
 - Logística
 - Recursos humanos (escritores, animadores...)
 - Financeiramente
 - Etc.

2. A Câmara já assinou protocolo com o PNL? O que é que esse protocolo prevê?

3. E a Biblioteca Pública Municipal, como é que tem estado envolvida no PNL?

- Actividades?
- Importância?
- Resultados / Impactes?
 - Já verificados...
 - Que espera / prevê nos próximos anos...
 - Em entidades, populações, relações:
 - Escolas, bibliotecas escolares, Biblioteca Pública
 - Alunos, professores, famílias dos estudantes
 - População em geral, sectores da população
 - Associações, empresas, outras entidades
 - Relações / cooperação entre entidades
 - Resultados escolares, actividades culturais, desenvolvimento...

- A Câmara participa/apoia essas actividades da BPM relacionadas com o PNL? Como?
- A Biblioteca Pública Municipal...
 - Criação
 - Características
 - Públicos
 - Funcionamento
 - Relação com as escolas e as bibliotecas escolares
 - Perspectivas

4. Outras entidades / outras actividades PNL no concelho

B. O Plano Nacional de Leitura, em termos gerais e na sua organização

1. Parece-lhe importante / oportuno ter sido criado o PNL? Porquê?

2. O que acha, em termos gerais, do PNL? Quanto a...

- Objectivos
- Prioridades
- Critérios
- Actividades
- Organização
- Divulgação
- Resultados e impactos
- Marca Ler+

3. Que expectativas tem a respeito do PNL?

4. Que aspectos positivos lhe parecem ser de realçar no PNL?

(nas suas finalidades e na maneira como decorreu até agora)

5. Que aspectos negativos lhe parecem ser de apontar ao PNL?

(nas suas finalidades e na maneira como decorreu até agora)

C. Leitura e literacia no país e na sociedade actual

1. O que acha da situação geral do país quanto à leitura e à literacia?

2. O que acha da leitura e da literacia na sociedade actual? (tendências, importância)

3. Quais os contributos que o PNL poderá / deverá dar perante essa situação e tendências (do país, da sociedade actual)?

D. Sugestões e propostas

1. Que sugestões para o PNL?
2. Que (outras) sugestões para melhorar a leitura e literacia na sociedade portuguesa?
3. Como é que a Câmara pode contribuir?

F. Perfil do/a entrevistado/a

1. Sexo, idade
2. Formação
3. Actividade profissional (actual e anterior)
4. Situação / funções na Câmara.

Av. 24 de Julho, nº 134, 1399-054 Lisboa
Tel.: 21 3949200 Fax: 21 3957610
E-mail: gepe@gepe.min-edu.pt
URL: <http://www.gepe.min-edu.pt>

Travessa das Terras de Sant'Ana, nº 15, 1250-269 Lisboa
Tel.: 21 3895203 Fax: 21 3895148
E-mail: lormais@planonacionaldeleitura.gov.pt
URL: <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt>

Que avaliação se pode fazer do primeiro ano do Plano Nacional de Leitura (PNL)? A informação escrita é hoje um elemento transversal das sociedades. A leitura tornou-se fundamental tanto para a vida prática e profissional como para o acesso à educação e à cultura. A promoção da leitura tem vindo a ser alvo de acções sistemáticas e intensificadas nos mais diversos países. Em Portugal foi lançado com essa finalidade, em 2006, o PNL. É um instrumento de política pública, e, nas sociedades actuais, as políticas públicas são cada vez mais acompanhadas de estudos de avaliação, sobre os respectivos processos e impactes. Visa-se, assim, obter uma base de conhecimento rigoroso que contribua para o aperfeiçoamento das acções e para a prestação de contas democrática. Este estudo de avaliação, realizado por uma equipa do CIES-ISCTE, faz a análise do primeiro ano do PNL recorrendo a uma informação muito vasta, recolhida por meio de documentos, inquéritos, entrevistas e estudos de caso, junto de escolas, bibliotecas, autarquias, associações, especialistas e população em geral. O presente volume, em que se publica o corpo principal do estudo, vem ainda acompanhado de um cd-rom com o registo e tratamento exaustivo dos inquéritos e estudos de caso.

ISBN 978-972-614-429-8